

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

IGOR PASQUINI POMINI

AUTOGESTÃO, SINDICALISMO E MODERAÇÃO:
A CNT E A REVOLUÇÃO ESPANHOLA
(1936-1937)

SÃO PAULO

2021

(versão corrigida)

IGOR PASQUINI POMINI

AUTOGESTÃO, SINDICALISMO E MODERAÇÃO:
A CNT E A REVOLUÇÃO ESPANHOLA
(1936-1937)

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutor em
História Econômica

Área de concentração: História
Econômica

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Mazzeo

São Paulo

2021

(versão corrigida)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P784a Pomini, Igor Pasquini
Autogestão, Sindicalismo e Moderação: a CNT e a
Revolução Espanhola (1936-1939) / Igor Pasquini
Pomini; orientador Antonio Carlos Mazzeo - São Paulo,
2021.
674 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Econômica.

1. Revolução Espanhola. 2. Guerra Civil Espanhola.
3. Autogestão. 4. Anarquismo. 5. Comunismo. I.
Mazzeo, Antonio Carlos, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

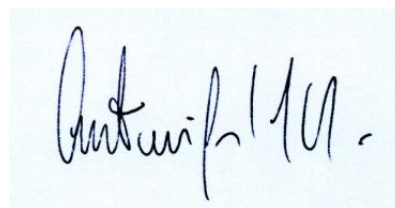
Nome do (a) aluno (a): Igor Pasquini Pomini

Data da defesa: 28/05/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Antonio Carlos Mazzeo

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 16/07/2021



(Assinatura do (a) orientador (a))

POMINI, Igor Pasquini.

Autogestão, Sindicalismo e Moderação: a CNT e a Revolução Espanhola (1936-1937)

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutor em
História Econômica

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os que, de forma direta ou indireta, colaboraram para esta pesquisa. Meus pais, Osmar e Neide; meu orientador, Antonio Carlos Mazzeo; os membros da banca de qualificação, Osvaldo Coggiola e Lincoln Secco; os professores que ministraram disciplinas que cursei, Angelo de Oliveria Segrillo e Everaldo de Oliveira Andrade; trabalhadores da USP e demais pessoas que tornam possível o funcionamento da Universidade. Gostaria de agradecer também a todos os amigos e conhecidos que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho. Não citarei nomes, para não correr o risco de esquecer alguém ou ser injusto. Agradeço também à CAPES pelo apoio, que possibilitou o melhor desenvolvimento desta pesquisa.

Um agradecimento especial vai para Mariana de Araújo Lúcio (In memóriam), cujo legado estará sempre presente. E, para encerrar, gostaria de agradecer a Mariana Canavezi de Vitta e Guilherme de Vitta Pomini, que seguraram uma barra do tamanho do mundo para possibilitar a consecução deste trabalho. Obrigado.

RESUMO

POMINI, Igor Pasquini. **Autogestão, Sindicalismo e Moderação: a CNT e a Revolução Espanhola (1936-1937)**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.

Esta pesquisa tem como finalidade o estudo das origens, desenvolvimento e derrocada da Revolução Espanhola, desencadeada entre os anos de 1936 e 1937 – embora o conflito militar tenha se estendido até o ano de 1939 –, salientando especialmente a região da Catalunha, epicentro do processo revolucionário. Além disso, direcionamos nosso olhar para a maior força política da região da Catalunha e de toda a Espanha daquele período, ou seja, os anarquistas organizados na Confederação Nacional do Trabalho e na Federação Anarquista Ibérica. Salientamos as relações entre os processos de autogestão estabelecidos desde o início do movimento revolucionário com a corrente anarquista, já que as outras forças políticas estiveram sempre no campo contrarrevolucionário, embora tenha havido exceções e apesar de que, em alguma medida, suas bases tenham tomado o partido da Revolução. Buscamos elucidar também as origens e a derrocada da autogestão na Espanha revolucionária, que se materializaram nas empresas coletivizadas, nos comitês de bairro e de cidade, nas milícias operárias etc., além de tratarmos das contradições e problemas internos do próprio movimento autogestionário.

Palavras-chave: Revolução Espanhola, Guerra Civil Espanhola, Autogestão, Anarquismo, comunismo.

ABSTRACT

POMINI, Igor Pasquini. **Self-management, Unionism and Moderation: the CNT and the Spanish Revolution (1936-1937)**. Doctoral Thesis. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.

This research aims to study the origins, development and collapse of the Spanish Revolution, triggered between 1936 and 1937 - although the military conflict extended until 1939 - especially emphasising the Catalonia region, the epicenter of the revolutionary process. Besides that, we direct our attention to the biggest political force in the Catalan region and all of Spain in that period, that is, the anarchists organized in the National Confederation of Labor and Iberian Anarchist Federation. We emphasize the relations between the self-management processes established since the beginning of the revolutionary movement and the anarchist current, as the others political forces had always been in the counter-revolutionary field, although there had been exceptions and in spite of, to some extent, their foundations have taken the Revolutionary Party. We also seek to elucidate the origins and the collapse of self-management in revolutionary Spain, which was materialized in collectivized companies, in neighborhood and cities committees, workers' militias etc., besides dealing with the contradictions and internal problems of the self-managing movement itself.

Keywords: Spanish Revolution, Spanish Civil War, Self-Management, Anarchism, Communism.

LISTA DE ABREVIATURAS

AIT	Associação Internacional dos Trabalhadores
CCCO	Comitê Central de Controle Operário
CCMA	Comitê Central de Milícias Antifascistas
CEIP	Comitê Econômico da Indústria do Pão
CGI	Conselho Geral de Indústria
CGT	Confederação Geral do Trabalho
CLUEA	Conselho Levantino Unificado da Exportação Agrícola
CNT	Confederação Nacional do Trabalho
COMINTERN	Internacional Comunista
CRTC	Confederação Regional do Trabalho da Catalunha
FAI	Federação Anarquista Ibérica
FAUD	Sindicato Livre de Trabalhadores Alemães
FORA	Federação Operária Regional Argentina
FIJL	Federação Ibérica de Juventudes Libertárias
FL de GGAA	Federação Local de Grupos Anarquistas
GEPCI	Grêmios e Entidades de Pequenos Comerciantes e Industriais
IFTU	Federação Sindical Internacional
ISNTUC	Secretariado Internacional dos Sindicatos Nacionais
IWW	Trabalhadores Industriais do Mundo
JJLL	Federação Ibérica de Juventudes Libertárias
JSU	Juventudes Socialistas Unificadas
NKVD	Comissariado do Povo para Assuntos Internos
PCE	Partido Comunista da Espanha
POUM	Partido Operário de Unificação Marxista
PROFINTERN	Internacional Sindical Vermelha
PSOE	Partido Socialista Operário Espanhol
PSUC	Partido Socialista Unificado da Catalunha
RILU	Internacional Sindical Vermelha
SAC	Organização Central dos Trabalhadores da Suécia
SURA	Sindicato Único do Ramo da Alimentação
UGT	União Geral de Trabalhadores

USI

União Sindical Italiana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 DELINEANDO O CAMPO LIBERTÁRIO	13
1.1 O Anarquismo	13
1.2 O Sindicalismo Revolucionário.....	25
1.3 O Desenvolvimento do Sindicalismo Revolucionário na França e a Fundação da AIT	29
1.4 O Desenvolvimento do Sindicalismo Revolucionário na Espanha	38
1.5 A Teoria e os Teóricos do Sindicalismo Revolucionário.....	50
2 O FURACÃO REVOLUCIONÁRIO	60
2.1 Das Eleições de Fevereiro ao 19 de Julho.....	60
2.2 Do 19 de Julho ao Colaboracionismo	65
2.3 Do Colaboracionismo à Integração	79
2.4 Da Integração à Generalitat	118
3 A LEGALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO	158
3.1 Da Generalitat às Prefeituras.....	158
3.2 Das Prefeituras ao Decreto de Coletivização	175
3.3 Do Decreto de Coletivização ao Governo Central.....	210
4 A REVOLUÇÃO NA ENCRUZILHADA.....	231
4.1 Do Governo Central à Reunião de Comitês.....	231
4.2 Da Reunião de Comitês ao Novo Governo da Generalitat	260
5 O AVANÇO DA CONTRARREVOLUÇÃO	304
5.1 Do Novo Governo da Generalitat aos Decretos de S'Agaró.....	304
5.2 Dos Decretos de S'Agaró à Plenária de Colunas Confederais e Anarquistas	346
6 A RETAGUARDA EM EBULIÇÃO.....	391
6.1 Da Militarização à Criação do Corpo de Segurança Interior.....	391
6.2 Do novo Corpo de Segurança à Militarização da Coluna de Ferro	421
6.3 Da Militarização da Coluna de Ferro ao Governo Provisório.....	454
7 A DERROCADA	482
7.1 Do Governo Provisório ao Novo Governo	482
7.2 Do Novo Governo às Jornadas de Maio.....	513
8 A AUTOGESTÃO NOS LOCAIS DE TRABALHO: PROBLEMAS E CONTRADIÇÕES	554
8.1 A Coletivização no Campo	554
8.2 A Coletivização na Indústria e nos Serviços.....	561
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	583
REFERÊNCIAS	587

INTRODUÇÃO

Em julho de 1936, eclodiu na Espanha uma grande e importante guerra civil, conflito que é bastante conhecido até mesmo entre o público leigo e que, frequentemente, é classificado como um ensaio da Segunda Guerra Mundial, o que é parcialmente correto. Mas muito menos célebre é o processo revolucionário que se estendeu de forma paralela à contenda militar, com causas profundamente enraizadas no contexto local e em um movimento operário que vinha atuando intensamente há décadas. Este desconhecimento do grande público em relação ao processo revolucionário é parcialmente explicável por conta da “heterodoxia” da Revolução Espanhola, que basicamente fora capitaneada por anarquistas e comunistas dissidentes, apesar de que estes últimos eram muito menos numerosos do que os primeiros. E tal “silêncio” em relação ao processo revolucionário ocorreu mesmo durante seu curso, uma vez que não era do interesse das potências da época uma ampla divulgação da revolução. Como disse Orwell¹, “Fora de Espanha, poucas pessoas percebiam que havia uma revolução; dentro da Espanha, ninguém duvidava disso²”. E é exatamente a Revolução Espanhola que nós tomamos como objeto de análise em nossa pesquisa.

Mesmo que a guerra civil e a revolução não pudessem ser separadas artificialmente, pois ambas estavam imbricadas na realidade concreta, é muito comum se fazer esta separação, acentuando o caráter militar – a guerra civil – e minimizando ou mesmo eliminando o caráter social – a revolução social. É uma forma de reduzir o conflito, que foi uma contenda essencialmente de caráter social e classista, a uma luta entre fascismo e antifascismo – ou entre comunismo e anticomunismo, na versão dos “nacionalistas”. Nós, de certa maneira, também assim procedemos neste trabalho, uma vez que mantemos esta divisão, embora tenhamos mudado a perspectiva, deslocando o acento da guerra civil para o processo revolucionário. Tal proceder não significa que minimizamos o conflito militar, e sim que privilegiamos o processo revolucionário em nossa abordagem. Tal procedimento nem poderia ser feito, uma vez que os desenvolvimentos da guerra civil – que correu mal desde o início para o campo “republicano” – influenciou decididamente no próprio processo revolucionário.

¹ Eric Arthur Blair (1903-1950), conhecido como George Orwell, foi um importante e conhecido escritor inglês que lutou na Guerra Civil Espanhola, tendo inclusive escrito um livro de memórias sobre sua experiência no conflito.

² ORWELL, George. **Homenagem à Catalunha**. Lisboa: Libros do Brasil, p. 65.

Mas, além de nos determos sobre o processo revolucionário, nossa atenção estará colocada em seus principais promotores, os anarquistas, cujo protagonismo no processo revolucionário espanhol poucos poderão questionar. Buscamos compreender o papel dos libertários dentro do processo revolucionário, elencando seu papel, suas contradições, suas abordagens, suas metamorfoses etc. Tratamos de privilegiar também uma região, a Catalunha, onde a revolução foi mais extensa e profunda e, não por acaso, onde os anarquistas eram mais hegemônicos – na verdade, eles praticamente monopolizavam o movimento operário naquela região. Mas tratamos também de outras regiões, embora em menor grau, de forma direta ou indireta, conquanto que o ocorrido ali tivesse um grande reflexo na região catalã e no processo revolucionário.

Quanto às fontes, usamos uma série de documentos que, de alguma forma, tenham ligação com os anarquistas, como não poderia ser diferente. Dentre elas, uma das principais são os periódicos. Utilizamos o *Solidaridad Obrera*, órgão da CNT³ catalã e que na época da revolução era um dos principais jornais do país. Usamos também o *Tierra y Libertad*, que era uma publicação de outra importante organização anarquista, a FAI⁴. Além desses, utilizamos o *Boletín de Información de la CNT-FAI*, que era emitido pela Oficina de Informação e Propaganda do Comitê Regional da Catalunha da CNT-FAI, e que fora publicado em diversas línguas. Ainda fizemos uso da revista *Cultura Libertaria*, órgão de uma dissidência da CNT do início da década de 1930, e da *Via Libre*, semanário da CNT e da FAI de Badalona. Mas não nos resumimos à análise de documentos públicos. Usamos também diversos documentos de caráter privado, indo desde atas de reuniões e plenárias, circulares e até alguns documentos que tinham caráter secreto à época⁵. Utilizamos também fontes que não tinham ligação direta com os anarquistas, como a revista *La Tierra* e diversas leis publicadas no *Diário Oficial da Generalitat*⁶ ou na *Gazeta de Madri*. E, finalmente, ainda usamos documentos relativos às

³ Confederação Nacional do Trabalho. Sindicato de orientação libertária e, na época da guerra civil, o maior sindicato da Espanha.

⁴ Federação Anarquista Ibérica. Importante organização anarquista e que tinha grandes relações com a CNT, embora tenha havido rugas entre eles.

⁵ Em relação a tais documentos, é importante fazer um esclarecimento. Muitos deles estão repletos de erros, sejam ortográficos, sejam de digitação. E tais erros foram mantidos em nossas citações, para que ficassem o mais fiel possível. Além disso, e isso vale mais para as atas de reuniões, muitas vezes as falas proferidas foram colocadas em nome da organização ou grupo de quem discursava, e outras vezes em nome da pessoa que a proferia, causando algumas diferenças entre as reuniões. Além disso, algumas vezes os nomes foram grafados de modo errôneo, podendo causar mais confusão ainda. Assim, em nosso texto, ora aparecerão nomes de dirigentes, ora aparecerão nomes de organizações as quais eles faziam parte.

⁶ *Generalitat*, ou *Generalidad*, em espanhol, é o nome que se dá ao governo autônomo da região da Catalunha. Ao longo do texto a palavra sempre que possível estará em catalão, aparecendo a congênera em espanhol somente quando for uma citação de fonte que a use dessa maneira.

empresas que se encontravam em autogestão, um dos pilares da revolução e que abordaremos mais de perto.

Muita dessa variada documentação já se encontra on-line em arquivos ou instituições oficiais, mas algumas ainda estão somente em formato impresso. O Cedall – Centre de Documentació Antiautoritari i Llibertari – disponibilizou on-line o acervo completo do *Tierra y Libertad* do período da guerra civil, bem como a coleção quase inteira do *Solidaridad Obrera*. E os poucos números deste periódico que não estão em seu acervo são encontrados no Ateneu Enciclopedic Popular, em Barcelona. O mesmo centro documental disponibilizou on-line a revista *Cultura Libertaria* e o semanário *Via Libre*. Já os diversos documentos cenetistas e faístas de caráter privado – atas de reuniões e plenárias, circulares e documentos secretos – não estão disponíveis on-line e se encontram no International Institute of Social History, em Amsterdã, sendo este um dos principais centros documentais relacionados à história da CNT, da FAI e da Revolução Espanhola. Já o *Boletín de Información de la CNT-FAI* tem sua coleção completa no Arxiu Històric de la Ciutat de Barcelona, embora não esteja em formato digital, apenas em papel. Outra fonte documental importante, como não poderia deixar de ser, é o Archivo General de la Guerra Civil Española, em Salamanca, para onde muito dos documentos relacionados ao tema foram levados. Outros locais consultados foram a Biblioteca del Pabellón de la República e a Biblioteca Arus, ambos em Barcelona, e o endereço eletrônico da Fondation Pierre Besnard. Em relação aos decretos e outras publicações estatais oficiais, estão digitalizados e disponibilizados on-line toda a coleção do Diário Oficial da Generalitat em seu site oficial, e na Agência Estatal Boletín Oficial do Estado, no tocante ao governo central, embora este último não esteja de forma completa e contínua. Já o jornal *La Tierra* está disponibilizado on-line pela Biblioteca Nacional de Espanha.

Quanto ao conteúdo da pesquisa, foi dividido em oito capítulos. O primeiro deles trata da questão do anarquismo e do movimento libertário, balizando-os e demonstrando sua estreita ligação com o movimento operário de forma mais ampla, inclusive, em nível internacional, bem como do sindicalismo revolucionário, que tanto influenciou o movimento operário espanhol e teve um papel decisivo na guerra civil e na revolução. Trata também um pouco de alguns dos principais temas abordados pelos seus teóricos, salientando as discussões que estavam em voga quando da irrupção da Revolução Espanhola, bem como seus limites.

Já os capítulos 2 ao 7 formam um contínuo que estão separados apenas por uma questão de conveniência. Eles estruturam um todo em que buscamos demonstrar os rumos que a revolução tomou a partir das fontes já mencionadas, sempre privilegiando suas publicações ou análises sobre os principais problemas do período e do processo revolucionário. Fizemos ainda

um esforço no sentido de construir um contraponto entre as mídias oficiais do movimento anarquista e as reuniões dos dirigentes, para assim verificarmos os descompassos entre o que era dito em público e o que era falado em reuniões privadas. Tais capítulos estão dispostos em ordem cronológica e oferecem uma varredura quase que diária, descartando apenas o que não era relevante para nossos propósitos. E, em relação à questão temporal, tratamos do período anterior à guerra civil e à revolução até o evento que ficou conhecido como as Jornadas de Maio de 1937, cuja motivação para tal pode ser vista no próprio desenrolar do texto.

Já o último capítulo se difere dos outros na medida em que tentamos demonstrar o funcionamento e as contradições das empresas durante o período de coletivização, para assim termos uma ideia de sua dinâmica e dos conflitos que elas estavam inseridas, bem como de outras questões relativas ao tema. Tentamos ainda mostrar os conflitos que o próprio processo engendrou e até mesmo algumas curiosidades, que ao nosso ver enriquecem a análise e quebram algumas concepções. Assim, esperamos que de alguma forma tenhamos contribuído para uma maior apreensão de nosso objeto de estudo, assim como de algumas discussões correlatas, mas sem nunca pretender esgotar o tema.

1 DELINEANDO O CAMPO LIBERTÁRIO

1.1 O Anarquismo

O anarquismo é uma ideologia que tem estado em diversas lutas sociais ao longo de sua existência. No entanto, mesmo depois de passado mais de um século de seu surgimento, ainda é muito comum a propagação de uma série de mitos sobre ele, tanto em relação à sua teoria quanto à sua prática. É muito presente a imagem do anarquista como um rebelde inconsequente ou mesmo como um idealista sonhador que vive exclusivamente no mundo das ideias e rejeita o mundo material. Outra associação ainda muito comum é a do anarquista como sinônimo de terrorista e individualista, que promove atentados de cunho individual e que não se submete a nenhuma norma ou disciplina coletiva. Pouca gente consegue imaginar libertários munidos de um vasto conhecimento científico – nos mais diversos ramos – ou de uma teoria social consequente, e a imagem do anarquista esfarrapado, imerso no alcoolismo e que anda pelas ruas cometendo crimes ficou bastante marcado no imaginário social. Desse modo, confunde-se a ideologia e a prática anarquista com delinquência. Assim, há muitos erros conceituais e muitos mitos que foram propagados desde a origem da ideologia anarquista e que ainda hoje encontram eco, e eu buscarei me debruçar em torno de alguns deles.

Primeiro, em relação à natureza da ideologia anarquista, é comum classificá-la como uma filosofia ligada às classes pré-capitalistas, notadamente o campesinato e os pequenos artesãos. Estas classes, arruinadas pelo desenvolvimento do capitalismo e em processo de proletarização, aspirariam a uma volta para um passado idealizado, e então assumiriam ideais revolucionários românticos ou mesmo contrarrevolucionários. Como representante dessas classes em decadência, o ideal anarquista almejaria colocar travas ao desenvolvimento econômico e industrial do mundo moderno, pois seria ligado ao mundo rural ou à manufatura, procurando dessa maneira fazer com que a roda da história “girasse para trás”. De acordo com essa interpretação, os anarquistas seriam opostos à industrialização e à centralização econômica que o desenvolvimento do capitalismo impunha. O anarquismo, então, é apresentado como uma ideologia exterior à nascente e crescente classe operária e que, portanto, tenderia a desaparecer com o desenvolvimento industrial, cedendo lugar às ideologias mais adaptadas ao capitalismo. No entanto, essa previsão nunca se concretizou, o que demonstra a falsidade dessas interpretações, e o anarquismo continuou existindo e se inseriu ou influenciou diretamente, em

maior ou menor grau, várias lutas sociais ao longo do século XIX, do século XX e também do século XXI.

O anarquismo, seguindo Walt e Schmidt⁷, nasceu em meados do século XIX, mas não há um consenso sobre qual seria o marco do seu início. Alguns indicam Proudhon como o fundador do anarquismo, mas existem grandes divergências em relação a isso. Há diversos pontos em que o anarquismo, tal como entendido neste trabalho, e que foram e são bases indispensáveis do movimento libertário, se diferencia em relação a este pensador. Isso não quer dizer, no entanto, que as ideias de Proudhon não tenham influenciado o anarquismo, mas apenas que ele não pode ser incluído no roll de pensadores anarquistas, sendo mais correto colocá-lo como um de seus precursores. Como salientaram Walt e Schmidt, “From Proudhon, the anarchists took the notion of the self-management of the means of production, the idea of free federation, a hatred of capitalism and landlordism, and a deep distrust of the state⁸”.

Proudhon, que tinha uma ascendência humilde – sua família era de origem artesã e camponesa –, tornou-se um dos mais influentes pensadores de sua época na Europa, além de se ocupar também de várias lutas sociais de seu tempo. Ele estava imerso em meio à nascente classe operária e ao desenvolvimento do capitalismo, de modo que trazia consigo uma série de ambiguidades deste mundo em rápida transformação em que ele vivia, misturando elementos do velho mundo decadente com elementos do novo mundo em ascensão. Proudhon fazia a defesa da pequena propriedade, posição que não é compartilhada pelo que mais tarde ficou conhecido como movimento anarquista. E os bakuninistas, inclusive, no seio da Primeira Internacional, votaram contra as posições dos mutualistas – como eram conhecidos os proudhonianos – no tocante à questão do direito de propriedade, o que evidencia algumas divergências entre eles. Além disso, os proudhonianos não apontavam para uma superação revolucionária das relações de produção capitalistas, se voltando no máximo para sua suplantação a partir de dentro do capitalismo. No entanto, é certo, Proudhon também forneceu algumas das bases mais importantes para o anarquismo, como o federalismo e a autogestão. Ele também concebia uma diferenciação entre posse e propriedade, que influenciou bastante os anarquistas posteriores.

Por essas divergências muito importantes, segundo as premissas deste trabalho, Proudhon não poderia ser considerado um socialista e, portanto, não deveria ser agrupado junto aos anarquistas, a não ser que se considerasse que o anarquismo não fosse um ramo do grande

⁷ WALT, Lucien van Der; SCHMIDT, Michael. **Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009.

⁸ Ibidem, p. 84.

pensamento socialista. Assim, devemos buscar as origens do anarquismo em outro lugar, que não em Proudhon.

Algumas pessoas vão buscar a origem do pensamento anarquista em tempos mais longínquos ainda, chegando a se falar na Grécia Antiga ou mesmo em períodos anteriores. Isso é uma grande simplificação e distorção da ideologia anarquista, feita inclusive por alguns teóricos do anarquismo, pois este tem raízes no mundo do capitalismo moderno e não pode ser lido dessa forma ahistórica que, muitas vezes, beira o essencialismo.

Muitas confusões e imprecisões que são feitas em torno da ideologia anarquista é derivada de uma outra, que fora difundida mesmo por defensores e teóricos da ideologia anarquista: a de que o anarquismo se reduz a uma genérica crítica ao Estado ou a autoridade. Isso, no entanto, é uma simplificação muito grande, já que as críticas dos anarquistas não se resumem ao aparelho de Estado. Na verdade, ser antiestatista ou contra a autoridade não é e não pode ser um fator de distinção do anarquismo em relação a outras ideologias, já que diversas delas são céticas em relação ao Estado. Atividades antiestatais e antiautoridade não necessariamente têm um caráter libertário ou anarquista. Marx, por exemplo, disse:

O Estado jamais encontrará no “Estado e na organização da sociedade” o fundamento dos males sociais [...]. Onde há partidos políticos, cada um encontra o fundamento de qualquer mal no fato de que não ele, mas o seu partido adversário, acha-se ao leme do Estado. Até os políticos radicais e revolucionários já não procuram o fundamento do mal na essência do Estado, mas numa determinada forma de Estado, no lugar da qual eles querem colocar uma outra forma de Estado⁹.

O mesmo Marx afirmou que “O Governo moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa¹⁰”, e advogou que após a revolução social o Estado definharia até que em uma futura sociedade comunista ele não mais existiria, embora não precisasse se isso ocorreria de forma mais ou menos rápida e repentina ou de forma demorada e a longo prazo, o que ocasiona debates até os dias de hoje. Assim, podemos dizer que Marx era um antiestatista, mas nem por isso vamos alegar que ele era um anarquista, embora alguns tentem ir nesse sentido.

Do mesmo modo, algo parecido acontece do outro lado do espectro político. É o caso dos liberais radicais e dos autodenominados anarcocapitalistas, que idealizam uma sociedade sem Estado – ou com um Estado quase inexistente, no caso dos liberais – baseada na

⁹ MARX, Karl. **Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social. De um prussiano”**. Revista Práxis, n. 05, Belo Horizonte, 1995.

¹⁰ Idem. **Manifesto do Partido Comunista**. In: Karl; ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Alfa-Omega, p. 23.

propriedade privada irrestrita e no completo livre mercado. Apesar de usarem a denominação de “anarquista” e de se considerarem e chamarem a si próprios de “libertários”, suas ideias em nada se parecem com as defendidas por Bakunin, Kropotkin, Malatesta, Rocker e outros teóricos e militantes anarquistas.

Assim, a crítica anarquista ao Estado não se dá de forma aleatória e genérica. Os anarquistas denunciam o Estado não apenas por ele ser repressor, e sim por ser antidemocrático, já que ele se funda na exploração e na alienação do trabalho, além de afastar os trabalhadores dos processos de decisão, que são concentrados em políticos profissionais que decidem e agem em seu nome. E, na medida em que ele não se funda em relações realmente democráticas, acaba por descambar para a repressão. A repressão não é a causa primeira, e sim a consequência da falta de democracia real, de liberdade, nos locais de trabalho e na sociedade como um todo, mesmo que ele pratique o sufrágio universal. Como disse Bakunin:

[...] o sufrágio universal, enquanto for exercido numa sociedade em que o povo, a massa dos trabalhadores, é economicamente dominado por uma minoria detentora da propriedade e do capital, por mais independente ou livre que seja, ou melhor, que pareça ser sob o aspecto político, jamais poderá produzir senão eleições ilusórias, anti-democráticas e absolutamente opostas às necessidades, aos instintos e à vontade real das populações¹¹.

Walt e Schimidt assim resumem esta problemática:

Anarchism rejects the state as a centralised structure of domination and an instrument of class rule, not simply because it constrains the individual or because anarchists dislike regulations. On the contrary, anarchists believe rights arise from the fulfilment of obligations to society and that there is a place for a certain amount of legitimate coercive power, if derived from collective and democratic decision-making¹².

De outro modo, mas seguindo a mesma lógica, alguns autores, e mesmo alguns teóricos anarquistas, tentaram encontrar práticas anarquistas na antiguidade, na Idade Média ou na Idade Moderna, mas tal prática somente serviu para trazer mais confusão. Isso porque, novamente, se estava considerando todo e qualquer antiestatismo como uma prática anarquista, podendo assim ser incluído como libertário uma série de práticas religiosas, antissociais, niilistas etc. Isso, além de perpetuar um mito e criar muita confusão, não contribui para o avanço das discussões sobre

¹¹ BAKUNIN, Mikhail. **O Império Cnute germânico e a Revolução Social. A Revolução Social ou a Ditadura Militar**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 3. São Paulo: Intermezzo, p. 246.

¹² WALT, Lucien van Der; SCHMIDT, Michael. **Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009, p. 33.

o tema do anarquismo e suas diversas correntes, e se tomarmos isso como uma verdade, seguindo Walt e Schmidt¹³, poderíamos incluir no rol de anarquistas autores e práticas muito diferentes entre si, como Marx, Bakunin, Kropotkin, Rothbard, Stirner, Proudhon, seitas religiosas medievais, movimentos messiânicos, ultraliberais, sindicalistas revolucionários, individualistas, antissociais de todos os matizes etc.

Uma outra consequência dessas leituras simplesmente antiestatistas e antiautoritárias do anarquismo, e talvez a mais funesta delas, é retirar seu caráter de classe. Deslocando a crítica da sociedade de classes e sua aspiração em superá-la feita pelos teóricos libertários para um culto ao indivíduo tomado de forma isolada e em oposição à sociedade como um todo, o anarquismo passa então de uma ideologia socialista e coletivista para uma ideologia liberal e individualista, sendo isso uma apologia à rebeldia no plano individual¹⁴, o que, por sua vez, neutraliza as lutas, do ponto de vista de sua eficácia, e as afasta das lutas sociais da classe trabalhadora. Coloca-se o anarquismo como exterior – e muitas vezes em oposição – ao movimento operário, defensor de indivíduos isolados entre si ou do que hoje se costuma a chamar de identidades. E ao se proceder tal operação, pode-se agrupar uma série de pensadores e práticas antiestatistas e antiautoritárias que nada têm a ver com o anarquismo enquanto um projeto socialista de sociedade. Portanto, não podemos definir o anarquismo apenas em sua posição em relação ao Estado e à autoridade. É preciso ampliar essa relação, levando para outras áreas do campo social. É preciso também dizer claramente que o anarquismo não pode existir sem um caráter de classe, sob pena de se descaracterizar a luta e a tornar dócil e assimilável.

[...] There are innumerable forms of hierarchy and inequality in society, after all, and the victims in every case have an interest in changing the social relations that oppress them. Moreover, anarchists are committed to the removal of all forms of economic and social inequality, and regard their revolution as emancipating all humanity. Why, then, do anarchists and syndicalists advocate a class-based strategy for social change, and link women's emancipation and national liberation to a class framework, rather than favour a decentralised multiplicity of emancipatory struggles, or subordinate class issues to feminist or anti-imperialist concerns? The answer lies in the unique character of class inequality. Only class, of all the social relations, involves both domination and exploitation; only the popular classes are exploited, and only exploited classes are able to create a society without exploitation, for they alone do

¹³ Ibidem.

¹⁴ Murray Bookchin, um anarquista norte-americano, de modo bastante duro, escreveu sobre esta questão: “O ego – mais precisamente sua encarnação em vários estilos de vida – tornou-se uma ideia fixa para muitos anarquistas pós-1960, que estão desistindo da oposição organizada, coletiva e programática à ordem social existente. “Protestos” sem firmeza, traquinagens sem objetivo, afirmações dos próprios desejos e uma “recolonização” muito particular da vida cotidiana ocorrem paralelamente aos estilos de vida psicoterápicos, new age e auto-orientados de baby boomers entediados e membros da Geração X. Hoje, o que se passa por anarquismo nos EUA e, cada vez mais, na Europa, não é mais do que um personalismo introspectivo, que denigre o compromisso social responsável; um grupo de encontros, denominado genericamente “coletivo” ou “grupo de afinidades”; um estado de espírito, que arrogantemente ridiculariza a estrutura, a organização e o engajamento das pessoas; um parque de diversões para palhaçadas juvenis” (BOOKCHIN, 2011, p. 55-56).

not have a vested interest in exploitation. If exploitation is an integral feature of modern society and human freedom requires the abolition of exploitation, then class struggle alone can emancipate humanity. Viewed from this perspective, forms of oppression that are not strictly reducible to class – such as gender and race – must be addressed within a class framework, for this provides the only basis for general emancipation; conversely, it is only through opposing divisions in the working class – divisions that are based on prejudice and unfair discrimination – that the class revolution, which can alone emancipate humanity, is possible¹⁵.

Na verdade, e este trabalho parte dessa premissa, o anarquismo nasceu e progrediu em paralelo com o desenvolvimento do capitalismo e da sociedade industrial, sendo, portanto, fruto da realidade e de problemas inseridos na modernidade. É claro que não podemos negar a existência de práticas antiestatais e antiautoridade antes da emergência do capitalismo e da sociedade industrial, mas falar em anarquismo na Idade Média ou na Antiguidade é recair em um grande anacronismo. Essas afirmações se dão, mais uma vez, ou porque se essencializa o anarquismo e acaba se buscando uma ahistórica luta contra a autoridade ou porque se resume o anarquismo apenas a uma luta contra o Estado. Aí, como já foi colocado, poderemos agrupar e chamar de anarquistas quaisquer movimentos que coloque estes princípios em causa. Na verdade, não podemos dissociar o anarquismo do surgimento do moderno movimento socialista, e é este o ponto em que o anarquismo se diferencia das outras formas de lutas antiautoritárias e antiestatais. Não é possível falar em ideologia anarquista e em movimento libertário sem que haja um conteúdo socialista, sem a aspiração de superação da sociedade capitalista e a instauração de uma sociedade sem classes sociais e, portanto, livre da exploração do trabalho. E não se pode falar em socialismo antes do advento da sociedade capitalista e industrial e antes da organização da classe trabalhadora enquanto classe. Daí a importância da discussão em relação às origens do anarquismo e de se contextualizar o surgimento de tal ideologia, além de diferenciá-la de outras formas de crítica ao Estado e à autoridade.

No século XIX, o capitalismo estava em pleno desenvolvimento. As fábricas se espalhavam pela Europa, e com elas se expandiu toda uma nova lógica social. A produção de mercadorias para sua venda em um mercado cada vez mais mundial foi a grande característica dessa nova sociedade. O capitalismo se expandia, e com ele a busca por taxas de lucro cada vez mais elevadas. O acúmulo de capital se tornava cada vez mais o mote pelo qual a ascendente sociedade burguesa se regia. Concomitante à expansão do capitalismo houve o crescimento numérico da classe operária, que produzia – e ainda produz – a riqueza social que lhe era despojada. Cada vez mais ficava evidente que havia contradições entre uma burguesia que

¹⁵ WALT, Lucien van Der; SCHMIDT, Michael. **Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009, p. 111.

enriquecia sem se ocupar da produção e um proletariado produtor da riqueza social que era despojado de direitos e que tinha uma existência material precária. A riqueza concentrava-se em uma ponta, a que não trabalhava, ao passo que o trabalho se concentrava na outra ponta, a que não tinha acesso à grande parte da riqueza social por ela produzida e vivia de salário. Então, nesse contexto, a classe trabalhadora começou a dar seus primeiros passos enquanto sujeito histórico coletivo. É nesse bojo que surgiu as primeiras formas de organização e resistência da classe trabalhadora contra o processo de exploração a qual estava inserida. Surgiu, por exemplo, o movimento luddista¹⁶, como uma forma embrionária e desesperada de resistência por parte dos trabalhadores.

Diante de tal cenário, começou a surgir em todos os cantos da Europa industrializada os reformadores sociais, que buscavam mudar este estado de coisas. Alguns deles partiam de premissas bastantes ingênuas e suas teses se baseavam mais em alegações morais do que em análises sociais e científicas, e por isso foram classificados como utópicos, embora essa “etiqueta” seja bastante polêmica, assim como a quem deve ser dado o rótulo de utópico. Muitos destes “socialistas utópicos” rejeitavam a luta de classes e o papel do proletariado na transformação socialista da sociedade, propugnando alguma forma de cooperação entre as classes sociais para se chegar a uma sociedade mais harmônica.

Mas o socialismo – e o anarquismo – se desenvolveu mesmo em conjunto com o ascendente movimento operário. No ano de 1864, surgiu a Associação Internacional dos Trabalhadores, AIT, conhecida também como Primeira Internacional. Esta organização foi o ponto culminante de diversas experiências dos trabalhadores naquele período histórico, tendo surgido como uma necessidade prática do ascendente movimento operário. A classe trabalhadora, que tem uma existência internacional, assim como a burguesia também o tem, precisava se organizar por cima das fronteiras nacionais para que suas lutas pudessem ser efetivas. O desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação tornou possível, por exemplo, o deslocamento de grandes quantidades de mão de obra de uma região para outra, ou mesmo de um país para outro, e de forma rápida o suficiente para poder – e de fato foi – ser usado, por exemplo, para se cobrir trabalhadores em greve, e isso poderia prejudicar todo o movimento dos trabalhadores em escala supranacional. Não era mais possível pensar os trabalhadores de forma nacionalmente isolada, pois os acontecimentos de um determinado país

¹⁶ Luddismo foi um movimento de trabalhadores que ocorreu na Inglaterra do século XIX, quando a Revolução Industrial dava seus primeiros passos, e que culpavam a mecanização do trabalho pelas péssimas condições pelo qual passava a classe trabalhadora. Defendiam as tradicionais concepções de mundo contra as rápidas inovações implementadas pela mecanização. Então, como forma de resistência, eles invadiam as fábricas e quebravam as máquinas, o que gerava conflitos e repressão por parte do Estado.

influenciavam diretamente em outro. Daí a grande necessidade prática de se organizar internacionalmente. E a Internacional pretendia ser uma associação de trabalhadores independente de credo, nacionalidade ou cor, e tinha como finalidade, de acordo com seus estatutos, a completa emancipação da classe trabalhadora. Mas dentro da Primeira Internacional não havia uma unidade de táticas e princípios. Ao contrário, predominava o pluralismo de ideias e a AIT era recheada de diferentes concepções, que ao longo do tempo foram se friccionando até sua implosão.

Mas o que caracterizou mesmo a AIT, do ponto de vista de sua atuação interna, foi a divisão entre bakuninistas e marxistas, que tem tido consequências e tem gerado debates apaixonados até os dias de hoje. Entretanto, não podemos ver essa divisão como sendo baseada apenas em duas fortes personalidades. Devemos enxergá-la como uma ruptura fundamentada em duas diferentes propostas, que frequentemente se opunham quanto aos objetivos e táticas que propunham para a Internacional e para o movimento operário como um todo, embora muitas vezes essas disputas tenham descambado para ataques pessoais e injúrias, praticadas por ambos pensadores. Marx tinha uma proposta mais centralizadora, enquanto Bakunin tinha uma proposta mais federalista. Mesmo que haja divergências quanto ao que isso signifique, com bakuninistas e marxistas fazendo acusações mútuas, fato é que essa disputa entre eles acabou gerando uma divisão dentro da Internacional, e isso teve grandes repercussões para o movimento operário. Tais controvérsias tornou a convivência entre eles impossível de ser feita dentro de uma mesma organização, e as animosidades foram afloradas com a derrota da Comuna de Paris. Esta teve diversas consequências para o movimento operário internacional, se abatendo sobre o proletariado organizado uma dura e brutal repressão não apenas dentro da França, mas também em outros países. Assim, depois de uma série de disputas e de acusações mútuas entre Marx e Bakunin, o último acabou por ser expulso da Internacional no Congresso de Haia, em 1872, e junto com ele foi uma parte considerável do movimento operário. Tanto que a AIT teve que ser dissolvida pouco tempo depois, em 1876, após uma breve passagem de seu comitê central pelos Estados Unidos.

E foi dentro da Internacional que podemos dizer que o anarquismo emergiu. Foi ali que se delineou um conjunto de ideias que foram tomando forma e passaram a agir, ideias estas forjadas dentro e em consonância com o movimento operário, e que não podem ser concebidas fora dele.

Portanto, antes do surgimento do movimento operário organizado e do capitalismo, não podemos falar em anarquismo, embora muitas de suas ideias e concepções já estivessem atuando ao longo da história. Mas o anarquismo só pode ser definido como tal conquanto os

bakuninistas suplantam os proudhonianos, que também faziam parte da Primeira Internacional e eram bastante influentes. Na verdade, as ideias anarquistas foram sendo forjadas paulatinamente em torno de Bakunin, conforme os embates entre bakuninistas e marxistas iam se desenrolando durante a Primeira Internacional, de modo que gradualmente foi se formando um ideário completamente novo. Após a expulsão de Bakunin da Primeira Internacional, seus adeptos chegaram a formar uma nova organização, conhecida como Internacional de Saint-Imier, que reuniu todos os opositores ao Conselho Geral liderado por Marx, mas que não se limitava aos anarquistas. Tal organização se proclamava como continuadora dos princípios da I Internacional e durou até o ano de 1877.

O anarquismo, portanto, faz parte da ala autointitulada libertária do socialismo, sendo então um dos ramos do socialismo. E não pode ser entendido sem ou em oposição a este. Como salientaram Walt e Schimidt:

Anarchism is part of the libertarian wing of socialism, and dates back to the First International, which lasted from 1864 to 1877. If classical Marxism had Marx and Engels, anarchism and syndicalism were above all shaped by two towering figures, Bakunin and Kropotkin¹⁷.

Assim como já salientado anteriormente, são muito erradas as visões que colocam o anarquismo como uma doutrina que concentra suas críticas apenas no aparelho de Estado, já que isso equivaleria a considerar o anarquismo como não socialista, e existindo de forma independente deste. Na realidade, como salientaram Walt e Schimidt:

And crucially, an opposition to capitalism and landlordism, and a politics of class struggle, is integral to anarchism and syndicalism: the state is certainly a target of the anarchist critique, but views that hold that anarchists see the state as “responsible for all inequality and injustice”, or “as the root of all evil”, seriously distort the anarchist position, and purge it of its socialist content and origins. The notion of “anarcho-capitalism”, used by some writers, is a contradiction in terms¹⁸.

Após a morte de Bakunin, em 1876, o posto de anarquista destacado passou para Kropotkin, mas este guarda algumas diferenças em relação ao primeiro. Kropotkin insistiu na produção como tendo um caráter social e coletivo. O conhecimento, o trabalho, as experiências, todas adquiriram um caráter completamente coletivo, de modo que não seria mais possível mensurar qual a contribuição que cada pessoa individualmente aportou para a construção da

¹⁷ WALT, Lucien van Der; SCHMIDT, Michael. **Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009, p. 14.

¹⁸ *Ibidem*, p. 15.

obra coletiva, como a produção de mercadorias ou mesmo para a formação de trabalhadores especializados.

Para a produção de um cientista, por exemplo, foi necessária uma grande quantidade de pessoas que produziram seus alimentos, suas roupas e todos os produtos necessários para a reprodução de sua vida e sua formação intelectual. Além disso, para que o processo produtivo possa ocorrer no tempo presente, foram tomados como base uma série de conhecimentos e mercadorias que foram elaborados no passado, de modo que o trabalho acumulado, ou seja, produzido em tempos passados, é o ponto de partida para a reprodução da sociedade atual. Isso tudo impossibilita que se conheça a contribuição exata que cada pessoa ou grupo aportou para a produção social atual, inviabilizando então que cada pessoa possa receber a quantidade de trabalho por ela produzida, como era defendido por Bakunin – e que ficou conhecido como “coletivismo”. Face a isso, Kropotkin advogou pela fórmula “a cada um segundo suas necessidades para cada um segundo suas possibilidades”, ou seja, ele propugnava o abandono da fórmula adotada por Bakunin e advogou pelo comunismo. Falou também em abolição do sistema de assalariamento e de um estrito controle sobre a distribuição dos produtos entre os trabalhadores.

The importance of Kropotkin's arguments for anarchism is widely recognised, and the notion of "anarchist communism" was widely adopted in the broad anarchist tradition in place of "anarchist collectivism." Kropotkin was not the first to link anarchism and communism but he played the key role in winning the argument for communism in anarchist and syndicalist circles by the 1880s. There are hints of a communist approach in some of Bakunin's works, while his close associate Guillaume was advocating communist distribution by 1876. The Italians around Malatesta were also moving to adopting communism around this time, while the French anarchist Elisee Reclus (1830-1905) seems to have coined the term “anarchist communism”¹⁹.

Kropotkin não foi o primeiro a propor o comunismo como fim do movimento anarquista, mas certamente foi o que mais trabalhou nesse sentido, de modo que, subsequentemente, o comunismo se tornou o fim perseguido pelo movimento anarquista.

Outra questão importante a se falar em relação ao anarquismo é que, apesar de ele ser um movimento coletivista de trabalhadores, também advoga pela defesa das liberdades individuais. Mas o faz por meio de uma sociedade liberada das amarras do capitalismo e, portanto, sem exploração do trabalho. Assim, podemos dizer que o anarquismo busca uma sociedade mais democrática, entendendo isso como uma sociedade livre da exploração do trabalho e do Estado, e com garantias individuais. Isso não quer dizer, no entanto, uma

¹⁹ Ibidem, p. 91.

sociedade desorganizada. O que os anarquistas propõem em oposição ao Estado e ao capitalismo é a generalização da autogestão, entendida como novas relações de produção, e não simplesmente como uma técnica de gestão de empresa²⁰, como muitas vezes é colocada, o que termina por retirar seu caráter anticapitalista e o torna compatível com o capitalismo. Assim,

[...] a autogestão deve ser compreendida em sentido generalizado e que não se pode realizar senão por uma revolução radical, que transforme completamente a sociedade em todos os planos, dialeticamente ligados, da economia, da política e da vida social²¹.

No campo produtivo, isso quer dizer não apenas o fim da propriedade privada dos meios de produção, mas também sua gestão direta feita por quem nele trabalha e, por isso, difere do controle operário. Brinton define estas duas formas da seguinte maneira:

Numa, a classe operária (o conjunto dos produtores) toma todas as decisões fundamentais. Fá-lo directamente, através de organismos de sua escolha com os quais se identifica completamente, e que sabe estar em seu alcance dominar totalmente (comités de fábrica, conselhos operários, etc.). Esses órgãos, compostos por delegados eleitos e revogáveis, federam-se provavelmente em base regional ou nacional. Decidem (concedendo o máximo de autonomia possível às colectividades locais) o que se deve produzir, de que modo, a que preço e à custa de quem. A outra situação possível é aquela em que essas decisões fundamentais são tomadas “em instância diferente”, “do exterior”, ou seja, pelo Estado, pelo Partido, ou qualquer organismo sem verdadeiros laços com o próprio processo de produção. A “separação entre os produtores e os meios de produção” (base de qualquer sociedade de classe) é mantida. Esse tipo de solução em breve mostra o que é de facto: uma nova forma de opressão, independentemente das boas intenções revolucionárias do organismo em causa, e sejam quais forem as disposições que tome (ou deixe de tomar) para que as decisões políticas sejam de tempos em tempos submetidas à ratificação ou à correção. A essas duas situações correspondem palavras diferentes. Gerir significa tomar por si mesmo as decisões, na qualidade de pessoa ou colectividade soberana, e com pleno conhecimento das informações necessárias. Controlar significa supervisionar, inspecionar ou verificar as decisões tomadas por outrem. O “controle” implica uma limitação de soberania ou, pelo menos, um estado de duplo poder no qual algumas pessoas determinam os objectivos ao passo que as restantes se esforçam por que sejam aplicados os meios apropriados para os realizar. Historicamente, as controvérsias a respeito do controle operário surgiram precisamente nessas condições de duplo poder económico²².

Mas a autogestão, para os anarquistas, não pode se limitar ao processo produtivo, e ela também deve se estender à sociedade de forma mais ampla, ou seja, a generalização da democracia direta, ainda que isso possa ter diversas nomenclaturas: anarquismo, comunismo, comunismo anárquico, socialismo libertário etc. Esta seria uma sociedade baseada na livre

²⁰ VIANA, Nildo. **Manifesto Autogestionário**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008, p. 66.

²¹ GUILLERM, Alain; BOURDET, Yvon. **Autogestão: uma mudança radical**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 41.

²² BRINTON, Maurice. **Os Bolcheviques e o Controle Operário**. Porto: Afrontamento, 1975, p. 15.

federação de associações de trabalhadores, que substituiria o sistema de exploração e os Estados nacionais, e só poderia surgir das ruínas do sistema capitalista.

Esta nova sociedade defendida pelos anarquistas, portanto, não tem nenhuma semelhança com os modelos de sociedades pré-capitalistas, que muitas vezes são associadas ao anarquismo. Na verdade, o anarquismo tem como uma de suas bases a moderna sociedade industrial, agora liberada da exploração do trabalho. O anarquismo não é e não pode ser contra a produção e a administração da produção em larga escala, pois não aspira um retorno a um estado “primitivo” da sociedade. Busca uma elevação da condição material de vida da classe trabalhadora, o advento do comunismo e a máxima garantia de liberdade individual, que só pode ser alcançada por meio da superação do modo de produção capitalista. Assim, o anarquismo se compromete com uma sociedade racional, democrática – defesa da democracia operária, – e progressista²³. Daí a necessidade de abolir o Estado para que o capitalismo possa ser superado, pois, como salientou Rocker: “[...] la explotación económica ha ido siempre de la mano de la opresión política y social. La explotación del hombre por el hombre y el dominio del hombre sobre el hombre, son cosas inseparables que se condicionan mutuamente²⁴”.

Uma outra questão importante a se falar sobre o anarquismo é com relação à questão da violência. Embora alguns anarquistas se proclamem pacifistas e, como tal, recusem qualquer forma de violência, a grande maioria não via as coisas dessa maneira. Na verdade, a maior parte dos anarquistas colocam que a instauração de uma sociedade sem classes sociais só pode ser alcançada por meio de um processo revolucionário, e este só pode ser feito por meio da violência. Isso não porque eles desejam a violência, e sim porque em face à consecução de seus objetivos certamente haveria uma resistência por parte das classes dominantes, e esta só poderia ser vencida pela força. Assim, um conflito violento seria inevitável, e os anarquistas então deveriam se preparar para tal.

Desse modo, são falsas as acusações de que os anarquistas pensam que a sociedade comunista seria instaurada de uma forma abrupta e sem resistência, ou então de que eles são contra o processo revolucionário porque este necessariamente é autoritário. Esta leitura é muito mais liberal do que libertária. Na verdade, os anarquistas aceitam um certo grau de repressão, desde que, de alguma forma, ela tenha algum respaldo da base e seja utilizada contra os inimigos

²³ Os anarquistas sempre valorizaram bastante a educação como ferramenta emancipatória, mesmo que não fosse a educação formal, embora muito poucos achassem que ela por si só seria uma fonte de libertação. Essa valorização da educação se dava por vários motivos, e um deles era o fato de que a educação ajudava os indivíduos a pensarem por si mesmos, o que os levaria a perceber toda a irracionalidade do sistema social que os cercava, ou seja, a razão era vista pela maior parte dos anarquistas como uma ferramenta emancipatória.

²⁴ ROCKER, Rudolf. **Anarcosindicalismo (Teoría y práctica)**. Madrid: FAL, 2009, p. 42.

do movimento revolucionário da classe trabalhadora. Por isso, os anarquistas nunca confiaram em corpos armados oficiais, que poderia ser o germe do um novo tipo de opressão estatal, propugnando ao invés disso a classe trabalhadora armada. Na verdade, o que realmente conta é que os dirigentes estejam submissos e controlados de alguma forma pela base. Essa confusão decorre porque se confunde violência revolucionária, que se dirige contra os fundamentos da exploração do trabalho, com violência exercida contra os trabalhadores e em seu nome. E é essa última que é alvo de crítica dos anarquistas.

1.2 O Sindicalismo Revolucionário

Uma vez delineadas as posições anarquistas, agora passemos a ver o modo de se chegar à almejada sociedade sem classes. Uma das táticas adotadas pelo anarquismo para implementar seus fins é o sindicalismo revolucionário. Este se formou em fins do século XIX e início do século XX, embora tenha raízes desde a I Internacional. Veremos um pouco de suas ideias e de sua história.

O chamado sindicalismo revolucionário se desenvolveu primeiro na França, no final do século XIX e início do XX, culminando na formação da CGT²⁵. No entanto, como já foi colocado, o sindicalismo revolucionário tem suas raízes ainda na Primeira Internacional, mais especificamente em sua ala bakuninista. Tal corrente socialista propõe que é o sindicato, e não o partido político, quem deve orientar o processo revolucionário de superação do modo de produção capitalista, e para isso ele deve ser o mais amplo possível. Segundo Thorpe²⁶, o sindicalismo revolucionário era muito voltado para a prática e nunca teve uma teoria completamente desenvolvida, sendo os escritos de tal corrente fruto de decisões coletivas, debates, congressos e resoluções. Ou seja, a teoria do sindicalismo revolucionário advinha da própria prática do movimento operário.

The complete independence and self-sufficiency of the organized labour movement constituted the plinth upon which syndicalist doctrine rested. Its premises lay in the perceived primacy of economic factors in social life, in a strict interpretation of the class struggle, and in a profound faith in the creative potency of the working class. Its corollaries were an insistence upon the revolutionary character of the labour

²⁵ Confederação Geral do Trabalho. É uma organização sindical francesa fundada em 1895 e que foi bastante influente e importante nacionalmente e internacionalmente, sendo uma das primeiras organizações que podem ser qualificadas como sindicalista revolucionária e, por esse motivo, influenciou muito os movimentos sindicais formados nos anos seguintes após sua fundação. A CGT é ainda hoje um dos principais sindicatos franceses, embora tenha mudado bastante desde sua fundação até os dias de hoje.

²⁶ WESTGARD-THORPE, Wayne. **Revolutionary Syndicalist Internationalism, 1913-1923**. Vancouver: University of British Columbia, 1979.

movement, upon neutrality, or even hostility, toward political action, upon the efficacy of direct action for ends both reformist and revolutionary, and upon proletarian internationalism²⁷.

As aspirações do sindicalismo revolucionário podem ser vistas como uma continuação da ala libertária da I Internacional, embora não se resuma a elas. Alguns acreditam que o sindicalismo revolucionário é, na verdade, uma solução de compromisso entre as diferentes tendências do movimento operário, uma espécie de pacto para poderem coexistir dentro da mesma organização e, portanto, seria uma ideologia própria, não se encaixando nem em correntes marxistas e nem em correntes anarquistas. Outros veem o sindicalismo revolucionário como uma das táticas adotadas pela antiga ala libertária da I Internacional, pois guarda muitas semelhanças com as propostas de Bakunin.

Proudhon também foi um dos que influenciaram o sindicalismo revolucionário francês, embora haja profundas diferenças entre eles. A principal delas era de que os sindicalistas revolucionários, diferente de Proudhon, acreditavam na luta de classes como o meio de se chegar ao socialismo, enquanto o pensador francês, como já vimos, não propugnava por uma economia socialista.

O sindicalismo revolucionário difere do socialismo “político” em geral no tocante ao modo de entender a luta de classes. Eles tinham uma leitura de que os partidos políticos não eram capazes de fazer a luta de classes de forma apropriada, não podiam defender os interesses dos trabalhadores, já que eles não eram um genuíno órgão de classe, pois, em tais organizações, era possível a filiação de pessoas de quaisquer classes sociais sendo, portanto, uma forma de organização supraclassista, ou seja, que estava colocado acima das classes sociais, mesmo que proclamassem o contrário. Somente os sindicatos seriam os genuínos órgãos da classe trabalhadora. Tomava-se o lema da I Internacional – “A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” – como um meio de organização e de luta. Isso não queria dizer, no entanto, que pessoas de outras classes sociais não poderiam opinar ou contribuir com a luta dos trabalhadores, embora esse “obreirismo” tenha existido também no seio do sindicalismo revolucionário. Significava que, no essencial, a luta de classes deveria ser feita e dirigida pela classe trabalhadora, sem intermediários.

O sindicalismo revolucionário considerava que seu movimento tinha uma dupla essência: era reformista e revolucionário ao mesmo tempo. Na verdade, as duas tendências eram vistas como complementares, e não como antagônicas. Isso porque o sindicato teria uma meta final, que era a superação das relações capitalistas de produção, e se organizaria e atuaria para

²⁷ Ibidem, p. 8.

atingir essa meta. Mas o sindicato também estaria focado em melhorias imediatas para a classe trabalhadora, para que dentro do capitalismo se conseguisse elevar o nível material de vida da classe trabalhadora. E essas duas tendências, reformista e revolucionária, coexistiram dentro dos sindicatos revolucionários, algumas vezes de modo harmônico, outras vezes de modo bastante turbulento. Em alguns países, essa coexistência ocorreu por um tempo, mas depois as duas alas se separaram em organizações distintas.

Costuma-se dizer que o sindicalismo revolucionário é apolítico, ou seja, é neutro ou mesmo alheio à luta política, pois ele se proclama independente dos partidos políticos e do Estado. Isso, no entanto, é falso, pois tal concepção restringe a política apenas à sua forma institucional, ignorando a política que é feita fora do parlamento, e para os sindicalistas revolucionários essa era a única forma possível da classe trabalhadora fazer política, já que o parlamento era uma criação burguesa e servia apenas a seus interesses, ou seja, tinha a função de reproduzir as relações capitalistas de produção, independente de quem estivesse nele representado. Assim, o sindicalismo revolucionário não era neutro ou “apolítico”. Ele apenas se negava a participar de eleições e de intervir no parlamento e nos órgãos estatais, pois os consideravam como instituições burguesas que não podiam ser reformadas e que estavam destinadas a desaparecer com a luta dos trabalhadores, sendo substituídos por associações operárias que existiriam em germe dentro dos sindicatos, entidades estas que deveriam se ocupar da produção e distribuição em uma futura sociedade livre da exploração do trabalho. O sindicalismo revolucionário era altamente politizado, mas sua atuação política se concentrava fora do âmbito parlamentar e se dava contra ele.

The non-politicism which followed from syndical autonomy and self-sufficiency applied both to means and ends. As applied to means, syndicalist non-politicism was not neutrality at all. It meant above all anti-electoralism and anti-parliamentarism. Despite official proclamations of the political neutrality of the CGT, syndicalist ideology opposed the political activities of parties. Electoralism and parliamentarism--characterized by compromise--were inimical to the interests of the workers since compromise tended to undermine the position of opposition and vigilance which the workers must always maintain against the agents and instruments of capitalism. In this sense political activity was corruptive and nowhere more so than in parliament where even socialist leaders, seduced by the trappings of power and caught up in a process of embourgeoisement, ceased to represent the interests of the workers and began to assume the values of the bourgeois adversary. At the very least the parliamentary spectacle tended to distract workers from basic issues and divert their gaze from the real path toward their emancipation, which lay in direct action. Nor in terms of ends did syndicalist non-politicism equal neutrality. Syndicalists and socialists alike viewed the state and its appendages as instruments of oppression wielded by the ruling class. But political socialists believed the state merely to be in the wrong hands; that wrested from the control of the exploiting class it could become the means of introducing revolutionary social transformation. The syndicalists envisaged no such possibility. The maintenance of concentrated, centralized political power was incompatible with radical workers' democracy. Anti-statism was an

essential attribute of syndicalist ideology. The workers would never be free while the state existed; only when the workers possessed and administered the means of production themselves would their emancipation be achieved. Socialist schemes of state ownership meant no more than an exchange of masters. Projected into the future, syndical self-sufficiency expressed itself as workers' control; this ideal necessitated the dual task of overcoming the Scylla of private capitalist ownership while avoiding the Charybdis of state capitalism. In the broader sense of 'political', then, which applies to any real or ideal system of arranging the social order, a fully developed syndicalism was clearly not politically neutral. On the contrary, it was politically committed and the rival of any political party which sought to capture and utilize state power for its own purposes²⁸.

Apesar de se colocar como antiestatista e de sua hostilidade para com os partidos políticos e para com a atividade parlamentar, o sindicalismo revolucionário não rechaçava completamente os partidos. Na verdade, ele os aceitava, embora sob certos limites. O que os sindicalistas recusavam era que o sindicato, como um órgão de representação dos trabalhadores, assumisse bandeiras partidárias e, com isso, abandonasse sua independência. Seus membros, enquanto trabalhadores livres, podiam se filiar e militar nos partidos políticos que desejassem. A ideia do sindicalismo revolucionário era trazer todos os trabalhadores para dentro dos sindicatos, independente de sua filiação política, e sua “neutralidade” era vista como condição para que todas as tendências pudessem conviver dentro de uma mesma organização. Por isso, alguns estudiosos enquadram o sindicalismo revolucionário como um movimento à parte das ideologias tradicionais, pois ele não seria nem anarquista, nem socialista, nem comunista, mas uma ideologia própria, embora tal abordagem seja bastante discutível.

Syndicalism sought to organize all class-conscious workers, irrespective of their political or other beliefs. Workers were free to pursue whatever action they wished, including political action, outside their union as long as they did not seek to import their political convictions or concerns into the labour organization itself, where attention was to be focused solely upon the economic struggle²⁹.

O sindicalismo revolucionário era pautado também pela ação direta. Isso significava que os trabalhadores precisavam assumir os assuntos que lhes interessavam e travar suas lutas de forma direta, sem intermediários. Deveria ser assim em todos os aspectos, sejam eles objetivos imediatos ou até mesmo a implementação da meta final: a superação da sociedade capitalista. As práticas de ação direta poderiam ser pacíficas ou violentas, indo desde um simples boicote, sabotagens diversas, qualquer forma de resistência pacífica, até greves, protestos, expropriações etc. Mas o principal mecanismo de luta dos sindicalistas revolucionários, o método que eles acreditavam ser o mais eficaz e construtivo, era a greve geral. Esta era vista, tal como o

²⁸ Ibidem, p. 9-10.

²⁹ Ibidem, p. 77.

sindicato, com um duplo aspecto: era reformista e revolucionária ao mesmo tempo. Reformista no sentido de que a greve era um instrumento de uso exclusivo da classe trabalhadora, mas se enquadrava dentro dos mecanismos de funcionamento do modo de produção capitalista. No entanto, a médio ou longo prazo, ela poderia estreitar a união entre a classe trabalhadora e promover a difusão de uma consciência de classe, o que poderia culminar em um processo revolucionário.

A greve possibilitaria que toda a classe trabalhadora se unisse em torno de seus objetivos de classe, passando por cima de suas divisões políticas. Diziam os sindicalistas que a política dividia a classe trabalhadora, e que somente as pautas econômicas poderiam lhe dar a coesão necessária. Mas a greve não poderia ser usada de forma rotineira e indiscriminada. Deveria ser muito bem preparada e mantida, pois, do mesmo modo que poderia servir para promover uma maior união entre todo o proletariado, poderia também provocar uma desagregação de suas forças em caso de se sofrer grandes revezes. A greve era vista como a guerra da classe trabalhadora contra seus inimigos exploradores.

Outras características do movimento sindicalista revolucionário eram seu forte internacionalismo – que diziam ser uma herança da Primeira Internacional – e o antimilitarismo. Partiam do princípio de que os trabalhadores deveriam sua lealdade somente à sua classe, bem como necessitavam passar por cima das fronteiras impostas pela divisão do território entre diferentes Estados. Por isso, buscavam a integração internacional, já que a luta de classes era uma luta internacional e também ocorria nos Estados. Já seu antimilitarismo repousava, dentre outras coisas – como o desvio de recursos econômicos de áreas produtivas para a atividade militar, que, por sua vez, destruía forças produtivas, impedindo ou retardando o desenvolvimento econômico e social, questões humanitárias etc. –, na ideia de que os conflitos entre nações eram necessariamente contrários aos interesses dos trabalhadores, pois eram uma quebra com o princípio classista do movimento operário, mandando trabalhadores de um país para combater trabalhadores de outros países, cada um a serviço de sua respectiva classe exploradora. Por conta desse forte antimilitarismo, os sindicalistas se envolveram em diversas campanhas contra as guerras, contra o desenvolvimento de novos armamentos e contra o aumento dos gastos militares, que estavam em uma curva ascendente em fins do século XIX e início do século XX.

1.3 O Desenvolvimento do Sindicalismo Revolucionário na França e a Fundação da AIT

O primeiro lugar em que o desenvolvimento do sindicalismo revolucionário acabou gerando uma poderosa organização sindical foi na França, facilitado pela conjuntura do país. A dura repressão sofrida pela Comuna de Paris após sua derrocada fez com que o desprestígio do Estado francês aumentasse ainda mais entre os trabalhadores que buscavam uma alternativa ao capitalismo. Muitos revolucionários também haviam concluído que o tempo das revoluções puramente insurrecionais, desorganizadas e travadas por meio das velhas lutas nas barricadas, tinha passado, havendo a necessidade da classe trabalhadora se organizar de forma mais estável e duradoura. A fragmentação que envolvia os socialistas franceses também favoreceu a aceitação de uma organização que conseguisse abarcar todas as tendências revolucionárias, tal qual propunha o sindicalismo revolucionário. Outra causa que favoreceu bastante o desenvolvimento do sindicalismo revolucionário foi o estreitamento das relações entre anarquistas e sindicatos, pois os primeiros buscavam uma maior aproximação com a classe trabalhadora após um período que foi dominado pelo terrorismo individual e que trouxe muita repressão ao movimento anarquista.

O tema do sindicalismo revolucionário dividiu os anarquistas, com uma parte deles – os que eram mais ligados às concepções insurrecionais – acusando os sindicatos de serem eminentemente reformistas e, portanto, não poderem ser uma ferramenta de emancipação da classe trabalhadora, enquanto outra parte aderiu sem reservas ao sindicalismo revolucionário. Essa afluência dos anarquistas para os sindicatos provocou um revigoramento tanto do anarquismo quanto do sindicalismo, embora não possamos fazer uma associação direta entre eles. Na própria Carta de Amiens³⁰ foi feita essa distinção, deixando claro que a CGT, sendo uma organização sindical, não levantava a bandeira de nenhum partido político, como também não levantava a do anarquismo, buscando ser independente de ambos.

A CGT francesa foi fundada em 1895, mas se tornou realmente importante quando ela se fundiu com a Federação das Bolsas de Trabalho, em 1902. Esta era uma federação que reunia membros ligados ao movimento operário em sua localidade. As Bolsas de Trabalho tinham várias funções simultâneas: servia como local de ajuda mútua entre os trabalhadores para discutir problemas, encontrar emprego etc. Nos locais das Bolsas de Trabalho, os trabalhadores também tinham acesso a cursos, tanto profissionais quanto ideológicos. Um de seus principais animadores, Fernand Pelloutier³¹, concebeu a Federação das Bolsas de Trabalho como um local de autoformação da classe trabalhadora. Um ano após a morte de Pelloutier, que ocorreu em

³⁰ A Carta de Amiens foi um documento pelo qual a CGT afirmou sua “neutralidade” política e que teve um grande impacto no movimento sindical francês e internacional.

³¹ Fernand Pelloutier (1867-1901) foi um importante agitador social francês que animou as Bolsas de Trabalho. Esteve transitando entre o anarquismo, o anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário.

1901, a Federação das Bolsas se fundiu com a CGT, o que garantiu a esta um grande incremento de membros, tornando-a a maior força sindical francesa da época. Para se ter uma ideia da força da Federação das Bolsas de Trabalho, quando da fusão delas com a CGT havia 65 Bolsas filiadas à federação.

A CGT e as Bolsas de Trabalho sempre foram muito próximas. Ambas eram hostis à participação de representantes operários em eleições e no aparelho de Estado – embora as duas organizações não fechassem suas portas para membros de partidos políticos –, e defendiam a greve como arma do movimento operário. Tanto a CGT quanto a Federação das Bolsas de Trabalho, faziam uma contraposição ao Parti Ouvrier Français e a Julio Gesde que, em geral, eram opostos à greve geral e buscavam rivalizar com os sindicatos. Mas estes não conseguiram inicialmente implementar suas concepções e, com isso, a CGT nasceu totalmente vinculada ao sindicalismo revolucionário, ficando assim por um tempo, até que os reformistas tomaram conta da organização e os revolucionários se retiraram. Parte deles retornou mais tarde à organização.

Na CGT, conviviam uma série de tendências políticas diferentes. Revolucionários e reformistas de todos os matizes políticos estavam representados dentro de tal organização. Para evitar que os conflitos entre essas diversas tendências do movimento operário implodissem a organização, em 1906, foi publicada a já citada Carta de Amiens, que foi uma tentativa de síntese doutrinária entre todas as tendências que se encontravam no interior de tal organização. Segundo Thorpe,

[...] the Charter satisfied the revolutionary trade unionist who insisted that the organized labour movement remain aloof from corrupting political action; it satisfied the reformist who did not want the unions distracted from their daily tasks by divisive political issues and for whom it provided a theoretical safeguard against the ascendancy of a militant anarchism; it consoled the convinced socialist by granting that the party had its own role to play and by ensuring the individual's right to pursue whatever political action he wished outside his union³².

A Carta de Amiens salvaguardava a neutralidade da organização sindical em relação às ideologias sendo, portanto, uma solução de compromisso entre elas. Essa declaração de neutralidade da central sindical incluía um distanciamento também em relação ao anarquismo. Na própria Carta de Amiens, foi acentuado que a confederação não se envolveria com partidos e seitas, e isso era um recado também aos grupos anarquistas.

No que concerne às organizações, o Congresso declara que a fim de que o sindicalismo alcance seu efeito máximo, a ação econômica deve ser exercida

³² WESTGARD-THORPE, Wayne. **Revolutionary Syndicalist Internationalism, 1913-1923**. Vancouver: University of British Columbia, 1979, p. 21.

diretamente contra o patronato, as organizações confederadas não devendo, como grupamentos sindicais, preocupar-se com partidos e seitas que, fora e ao lado, podem perseguir em toda liberdade a transformação social³³.

A CGT foi mantida sob a hegemonia do sindicalismo revolucionário, embora com percalços, até a Primeira Guerra Mundial. Neste momento, ela foi integrada na *Unión Sacrée*, um movimento que reuniu todas as correntes políticas em torno do apoio ao esforço de guerra francês. Isso significou o abandono da luta de classes por parte da CGT, ao menos temporariamente, bem como sua integração ao campo nacionalista que deu sustentação da guerra contra o inimigo da nação³⁴. Mas isso não ocorreu sem resistência. Ainda durante o conflito mundial foi formada uma oposição interna na CGT. A Revolução Russa de 1917 deu algum alento para a fração revolucionária dentro da organização, sendo que depois de vários choques a ala revolucionária acabou saindo da organização e fundou a Confederação Geral do Trabalho Unitário, em 1922. Mas as disputas internas entre o recém-fundado PCF e os sindicalistas revolucionários fez com que houvesse uma nova divisão, sendo formada então a Confederação Geral do Trabalho – Sindicalista Revolucionária (CGT-SR), em 1926, e Pierre Besnard³⁵ foi eleito seu Secretário, enquanto os comunistas acabaram retornando à CGT na década de 1930. A CGT-SR foi bastante importante no tocante à ajuda dada para os revolucionários espanhóis durante o período da guerra civil, e Besnard foi uma importante influência sobre os cenetistas espanhóis e sobre todos os sindicalistas revolucionário da Europa e de outros continentes.

Mas o sindicalismo revolucionário não se limitou às fronteiras francesas. Movimento que tinha raízes na luta de classes, o sindicalismo revolucionário existiu em quase todos os países europeus e também fora da Europa, notadamente na América. Desde o início do século XX, os sindicalistas falavam em convocar um congresso sindical internacional para alinhar os diversos sindicatos, pois era sentida a falta de uma genuína representação internacional e muitos dos sindicatos atuavam de forma isolada em seus países, pois não participavam da Segunda Internacional, e alguns romperam ou se recusavam a participar do Secretariado Internacional dos Sindicatos Nacionais – cuja sigla em inglês era ISNTUC –, pois tinha uma tendência mais

³³ A CARTA DE AMIENS. In: PELLOUTIER, Fernand. **O anarquismo e os Sindicatos Operários**. São Paulo: Imaginário, 2013, p. 130-131.

³⁴ Alguns dos sindicalistas revolucionários, após o início da Primeira Guerra Mundial, acabaram aceitando pressupostos nacionalistas e formaram uma ala de sindicalistas que fundiram um nacionalismo agressivo com pautas de caráter social. Esta fusão esteve na gênese do surgimento do movimento fascista, tal como demonstrou João Bernardo em *Labirintos do Fascismo*, e acabou tragando uma parcela importante da esquerda política e sindicalista revolucionária para dentro dos nascentes movimentos fascistas.

³⁵ Pierre Besnard (1886-1947) foi um importante sindicalista revolucionário e anarcossindicalista francês, sendo um dos principais impulsionadores da CGT-SR.

reformista – com a exceção da CGT, que pretendia tomar o controle do ISNTUC e se esforçava nesse sentido, ao mesmo tempo que passava por crises internas em que os reformistas iam ganhando cada vez mais espaço dentro da organização.

Na verdade, a realização de um congresso internacional representava riscos para as organizações sindicais, pois a criação de um novo secretariado poderia fomentar divisões nos sindicatos já existentes, e isso explica a posição da CGT, ao temer que a minoria reformista, que ganhava cada vez mais espaço dentro da organização, acabasse por cindir a central sindical. Conversas foram mantidas entre diversas organizações sindicais, e se falava da conveniência ou não de se criar uma nova Internacional, que dividiria o movimento sindical, ou então de atuar como oposição dentro das organizações existentes. Alguns sindicatos não viam esse encontro com o objetivo de se criar um novo secretariado internacional, e sim como um momento para se estreitar as relações e ganhar experiência. Divergências quanto às datas e o local da realização desse Congresso Sindicalista Revolucionário fizeram com que se atrasasse a definição, e quase o Congresso não foi realizado. Mas ele ocorreu em Londres em 1913, com participação de todas as grandes organizações sindicalistas da Europa – NAS, FVDG, SAC e USI –, com exceção da UGT – embora alguns sindicatos independentes tenham enviado representantes – e da CNT, pois ela havia passado para a ilegalidade na Espanha, embora a Confederação Regional da Catalunha tenha participado. Participaram também organizações do Brasil, a FORA da Argentina e a IWW, embora apenas como observadora. No fim desse Congresso não se criou uma nova Internacional, mas foi criado um Bureau Internacional de Informações Sindicalistas, que ficaria em Amsterdã, sendo esta a primeira organização internacional sindicalista revolucionária. O Bureau acabou criando um boletim, chamado Boletim Internacional do Movimento Sindicalista, cujo primeiro número saiu em abril de 1914. Mas este durou pouco, pois logo a Primeira Guerra Mundial acabaria por encerrar as atividades do Bureau.

Com o advento do conflito mundial, a Segunda Internacional colapsou e os partidos socialistas abandonaram a luta de classes e apoiaram seus respectivos países no conflito. No campo sindicalista, as organizações mais importantes que participaram do Congresso de 1913 não cederam. O único lugar em que o sindicalismo teve problemas foi na Itália, quando os que apoiaram a participação do país no conflito saíram da USI, muitos dos quais foram para os braços do fascismo.

Ainda durante o conflito foram feitas algumas tentativas de contato entre as diversas organizações sindicalistas revolucionárias, mas teve muito pouco sucesso. Mesmo no imediato pós-guerra, foi difícil articular as organizações para uma nova conferência internacional. Foram

feitas algumas tentativas, sem sucesso. Várias organizações sindicalistas revolucionárias ficaram empolgadas com a Revolução Russa e a promessa de substituir o gradualismo socialista pela revolução social. Os bolcheviques também viram os sindicalistas revolucionários como potenciais aliados. Assim, com as discussões sobre a fundação da Terceira Internacional, muitas organizações sindicalistas revolucionárias participaram, chegando mesmo a ter representação dentro de tal organização. Mas logo que as notícias de perseguições começaram a chegar, além de discordâncias em relação ao esvaziamento do papel desempenhado pelos soviets e pelos comitês de fábrica, as relações entre sindicalistas revolucionários e bolcheviques começaram a ser deterioradas. Cumpriu também um importante papel nesse sentido a atribuição que fora dada aos sindicatos pela Internacional, pois os reduzia a um apêndice dos PCs. Assim, no 14º artigo dos Estatutos da Internacional Comunista – III Internacional – estava escrito:

Trades unions that have accepted the Communist platform and are united internationally under the guidance of the Executive Committee of the Communist International, form Trade Union Sections of the Communist International. These trades unions send their representatives to the World Congresses of the Communist International through the medium of the Communist Parties of their respective countries. The Trade Union Section of the Communist International delegates a representative with a full vote to the Executive Committee of the Communist International. The Executive Committee of the Communist International has the right to send a representative with a full vote to the Trade Union Section of the Communist International³⁶.

Isso queria dizer que os sindicatos não teriam independência em relação aos PCs de seus respectivos países, o que significava na prática que os primeiros estariam subordinados aos segundos, e isso não poderia ser aceito pelos sindicalistas.

A recém-refundada Segunda Internacional também não atraía os sindicatos revolucionários. Com isso, diante das divergências em relação aos bolcheviques sobre os caminhos que deveriam ser seguidos, se chegou à conclusão que a criação de uma nova conferência internacional sindicalista era inevitável. Esta ocorreu em 1920, em Berlim, e nesta conferência a empolgação com a Revolução Russa ainda estava muito presente entre os sindicalistas, em parte porque duas organizações bastante importante não estavam presentes, a USI e a CNT, por conta de perseguições que estavam sofrendo.

Em tal congresso, não foi criada uma nova Internacional, pois ainda se tinha alguma esperança em relação à convocação do congresso para a constituição da Internacional Sindical Vermelha³⁷, e a maioria das delegações disseram que foram até este congresso para que

³⁶ **EVENING SESSION OF AUGUST 4.**

³⁷ Internacional Sindical Vermelha. Conhecida também como Profintern, foi fundada em 1921 na esteira da Revolução Russa, sendo o braço sindical da III Internacional. Acabou dissolvida em 1937.

pudessem formular uma plataforma comum para participarem do congresso da Profintern. E chegaram mesmo a fazer uma declaração conjunta, embora fosse genérica o suficiente ao ponto de ser aceita por sindicatos estatistas e antiestatistas, pelos que defendiam a ditadura do proletariado e pelos que não a aceitavam. Esperava-se uma união dos revolucionários, mesmo que não se concordassem com os propósitos de Moscou. A divisão entre sindicatos que propugnavam pela superação do capitalismo seria muito perniciososa para o movimento revolucionário internacional.

Although its declaration stipulated the minimal conditions to which the Berlin assembly believed a labour International must conform, the goal of providing syndicalist unity for participation in the RILU³⁸ congress had only been tenuously fulfilled. The terms of the declaration implied a degree of unity which in reality did not exist among syndicalist organizations at the end of 1920. A notable feature of the Berlin gathering, which found no expression in its declaration, was the degree to which a substantial number of participants wished to ignore the disparity between syndicalist and communist ideology. The enthusiasm for the Revolution and the Bolsheviks who presided over it encouraged the complacent conviction that common ground could be reached with the communists. Confronted with this attitude, the delegates of the FAUD and the SAC found it no easy task to remind their colleagues of the differences dividing them from the communists. By now the Germans and Swedes had few doubts that the communists in Moscow were seeking anything less than an ideological hegemony over the whole of the revolutionary movement. They realized that theoretical questions could not be dismissed; that syndicalist ideology must either be defended or sacrificed. And in fact the willingness of some syndicalists to minimize theoretical questions was not reciprocated by the Bolsheviks. They would categorically reject any talk of separating economic from political action. Nor would they entertain the notion of management of production by trade unions. A month after the Berlin conference, Lenin declared the determination of industrial leadership by the workers rather than by the communist party to be "syndicalist nonsense" which "must go into the waste basket." Above all, the Bolsheviks had no intention of allowing the RILU any significant degree of independence from the CI. The Berlin declaration itself did nothing to alter Bolshevik plans. Not the theses endorsed there, but the relative lack of unity demonstrated at Berlin, dictated the subsequent strategy of the Bolsheviks toward the syndicalists and industrialists³⁹.

No Congresso da Profintern, houve uma tentativa por parte de muitos sindicalistas revolucionários de evitar a submissão dos sindicatos aos PCs e, seguindo a mesma lógica, de não submeter a Profintern a III Internacional, o que foi recusado pelos bolcheviques, que viam o partido como o condutor do processo revolucionário. Os sindicalistas criticaram o fato de a Internacional Comunista ter representante na Profintern, fazendo com que, na prática, esta última estivesse submissa à primeira, propugnando eles por uma completa independência entre ambas organizações. Essa era uma condição *sine qua non* para que o movimento sindicalista pudesse fazer parte da nova Internacional, mantendo assim a unidade dos trabalhadores

³⁸ Sigla em inglês da Internacional Sindical Vermelha.

³⁹ WESTGARD-THORPE, Wayne. **Revolutionary Syndicalist Internationalism, 1913-1923**. Vancouver: University of British Columbia, 1979, p. 174-175.

revolucionários organizados em sindicatos. Muitas organizações que assinaram as resoluções aprovadas do Congresso da Profintern acabaram sofrendo um cisma interno, resultado da diferenciação entre os que apoiavam o regime bolchevique e os que eram críticos.

The dissidents valued labour unity and hoped that all revolutionary unions could be united in a single labour International. At the same time they sought to defend syndical autonomy against the centralizing imperatives of the Bolsheviks who demanded that the RILU fall into step behind the CI and that the unions embrace the repugnant policy of collaboration with communist parties⁴⁰.

Durante as conferências do Congresso da Profintern, por fora do Congresso oficial, ocorreram algumas reuniões dos sindicatos que estavam descontentes com os rumos que o Congresso estava tomando, com o objetivo de se organizarem e tentarem tirar conclusões e talvez uma atuação em conjunto, mas isso não obteve resultado prático. E diante da recusa de vários sindicatos a entrarem para a Profintern, por conta do caráter “político” da organização e sua subordinação aos PCs, a FAUD⁴¹ começou a buscar uma unificação de todos os sindicatos que se opunham a Moscou. Assim, depois de seu congresso nacional, ela fez uma resolução instruindo o Bureau Internacional Sindicalista a preparar um congresso sindicalista internacional para a primavera de 1922, apoiado por outros sindicatos da Europa, além da IWW.

Tal Conferência acabou ocorrendo em junho de 1922 em Berlim, e nela houve uma grande divisão entre setores pró e contra o regime moscovita, marcando a separação definitiva entre as duas esferas revolucionárias e agravando oposições internas em vários dos sindicatos revolucionários espalhados pela Europa. No entanto, essa Conferência também mostrou que a fundação de uma nova Internacional sindicalista era cada vez mais inevitável.

Apesar de tudo, a esperança de não se produzir um cisma no movimento sindicalista internacional ainda não tinha sido totalmente abandonada, de modo que foi mandado um convite para que a Profintern comparecesse ao Congresso de Berlim. Na verdade, isso foi uma estratégia, pois o congresso da Profintern seria anterior ao de Berlim e, então, ela deveria decidir se aceitaria as demandas dos sindicalistas revolucionários de independência dos sindicatos em relação aos PCs e da Profintern em relação à Internacional Comunista, o que poderia fazer com que ambas concepções pudessem estar submetidas à mesma organização sindical revolucionária internacional, impedindo a divisão e evitando também uma consequência bastante previsível, que era a cisão de várias organizações nacionais.

⁴⁰ Ibidem, p. 204-205.

⁴¹ Sindicato Livre dos Trabalhadores da Alemanha. Foi um importante sindicato alemão fundado em 1919 e que foi um dos maiores animadores para a criação da AIT em 1922.

As reuniões para a criação da nova Internacional começaram em Berlin no dia 25 de dezembro de 1922. A CNT não estava presente, pois seus delegados foram presos a caminho da Conferência. Até o último momento houve delegações que se mantinham favoráveis a um entendimento com a Profintern. Durante as discussões, segundo Thorpe⁴², Besnard falou que a nova organização deveria ser a mais ampla possível, e que deveria se preparar para trabalhar com sindicatos que estavam ligados à Profintern, enquanto Rocker⁴³ rejeitou qualquer adiamento em relação à criação de uma nova Internacional. Seria preciso tomar uma decisão final a respeito da criação de uma nova Internacional ou não. E o Congresso decidiu pela criação da nova Internacional, batizada de Associação Internacional dos Trabalhadores, AIT, em referência à I Internacional, a qual se colocavam como continuadores em espírito, já que não era uma associação de partidos políticos, e sim de trabalhadores revolucionários, além de ter um caráter federalista, tal como sua predecessora.

The statutes specified the aim of the IWMA to be the strengthening of existing syndicalist organizations and the creation of new ones dedicated to the destruction of capitalism and the state. It sought to sharpen the class struggle and to oppose the repressive practices of governments against militants devoted to social revolution. The International also undertook to study working class problems in order to develop and direct the international movement, to assist in economic and other conflicts with the enemies of the working class, and to organize material and moral support for the movement in those lands where it remained in the hands of the economic organizations of the proletariat. The statutes further declared that the IWMA would vigorously oppose any attempts by political parties to gain control of the unions⁴⁴.

A criação da nova Internacional teve repercussão em diversos países, com divisões em diversos sindicatos. No caso da Espanha, a CNT logo se filiou à nova AIT, e alguns descontentes ou se mantiveram como minoria dentro da organização ou então tiveram que sair, mas eles eram um número muito reduzido e predominou mesmo as posições sindicalistas. A criação da AIT, em dezembro de 1922, aconteceu cerca de dez anos depois da primeira tentativa de se criar uma internacional sindicalista revolucionária autônoma, em Londres em 1913. No entanto, quando da sua criação, a situação era completamente diferente da que ocorreu dez anos antes, e ela teve que se deparar com problemas e situações muito complicadas e um movimento operário muito mais fragmentado do que naquela época, e mesmo o campo revolucionário estava dividido em pró e contra Moscou. Os sindicalistas tinham como adversários não apenas

⁴² WESTGARD-THORPE, Wayne. **Revolutionary Syndicalist Internationalism, 1913-1923**. Vancouver: University of British Columbia, 1979.

⁴³ Rudolf Rocker (1873-1958). Foi um importante militante sindical anarquista, de origem alemã, e que participou ativamente do movimento sindicalista revolucionário e anarcossindicalista internacional.

⁴⁴ WESTGARD-THORPE, Wayne. **Revolutionary Syndicalist Internationalism, 1913-1923**. Vancouver: University of British Columbia, 1979, p. 265.

os reformistas da IFTU, mas também os comunistas da Profintern. Como colocou Thorpe⁴⁵, a criação da AIT não foi uma reação à fundação da Profintern e da III Internacional, pois o esforço dos sindicalistas de estabelecer um distanciamento no tocante aos reformistas em escala internacional e avançar no sentido de ter uma Internacional revolucionária própria começou antes, em 1913.

1.4 O Desenvolvimento do Sindicalismo Revolucionário na Espanha

Fora da França, o sindicalismo revolucionário também foi bastante influente. Alguns acusam os sindicalistas dos outros países de apenas copiar o modelo francês, sem atentar para as particularidades de cada região, sendo isso uma grande simplificação. Os debates em torno do sindicalismo revolucionário, embora tenham sido precoces na França, não se limitou a este país, pois o movimento sindicalista revolucionário foi internacional, tal como o era o movimento operário. As discussões em torno das formas e métodos de luta da classe trabalhadora estavam em pleno vapor, e não se limitavam a uma ou outra ideologia. Rosa Luxemburgo⁴⁶, por exemplo, que não era uma sindicalista revolucionária, defendeu o uso da tática da greve de massas no início do século XX. As diversas lutas da classe trabalhadora que ocorriam na Rússia neste início de século também favoreciam o debate sobre a conveniência ou não da greve geral como arma de luta dos trabalhadores, a pertinência do sindicalismo revolucionário, dos boicotes, das sabotagens etc.

Os anarquistas realizaram um Congresso em Amsterdã, em 1907, portanto pouco tempo depois da Carta de Amiens, e discutiram os temas da greve geral e do sindicalismo, concluindo então que eles deveriam investir em organizações próprias. Um dos grandes debates neste congresso foi o papel do sindicato, e aqui se opuseram Malatesta⁴⁷ e Monatte⁴⁸. Malatesta defendia que o sindicalismo não era autossuficiente, ou seja, que deveria haver uma organização libertária específica por fora dos sindicatos, mas ao mesmo tempo defendeu que os sindicatos permanecessem “neutros”, isto é, que não se declarasse abertamente como defensor de nenhuma ideologia específica. Já Monatte concordava com Malatesta de que o sindicato deveria

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Rosa Luxemburgo (1871-1919). Revolucionária marxista alemã, Rosa Luxemburgo foi uma das mais conhecidas vozes dos trabalhadores revolucionários de sua época, tendo sido assassinada por paramilitares - os Freikorps - a mando de seus ex-companheiros da socialdemocracia alemã.

⁴⁷ Errico Malatesta (1853-1932). Foi um importante anarquista italiano e teórico do movimento, tendo participado ativamente de uma quantidade enorme de lutas sociais de seu tempo.

⁴⁸ Pierre Monatte (1881-1960). Foi um importante anarquista e sindicalista revolucionário francês, sendo um dos fundadores da CGT. Mais tarde se converteu ao bolchevismo, sendo depois expulso do PCF por discordar da linha stalinista.

permanecer à margem das ideologias, mas pensava que os sindicatos se bastavam, sendo suficientes para que pudessem por si só promover a superação do capitalismo. Isso tudo demonstra que as discussões em torno do sindicalismo revolucionário eram realmente internacionais e faziam parte das discussões da classe trabalhadora em geral na sua luta contra o capitalismo, e por isso não podemos dizer que o sindicalismo revolucionário se espalhou pela Europa, e mesmo fora dela, apenas como uma cópia do modelo de sindicalismo francês, embora aqui ele tenha se desenvolvido antes e, com certeza, acabou por influenciar bastante os sindicatos por todo o mundo. Assim, e pelos motivos já colocados, em poucos anos os sindicatos de tendência revolucionária se espalharam por alguns países europeus e mesmo fora da Europa, chegando de forma bastante forte em alguns países e regiões. Veremos um pouco mais próximo o caso da Espanha.

A história do sindicalismo na Espanha tem raízes ainda no período da Primeira Internacional ou mesmo no período anterior – o que demonstra que, embora o sindicalismo revolucionário tenha produzido uma primeira grande e importante organização na França, há raízes em épocas anteriores e em lugares diferentes. Segundo Peirats⁴⁹, em 1840 foi criada a primeira sociedade de resistência barcelonesa e, em 1855, o movimento operário já tinha se espalhado para outras regiões da Espanha. Mas neste momento as coisas não estavam muito claras ainda, e o movimento operário e o socialismo se misturavam com um liberalismo republicano de tipo federalista. Várias insurreições ocorreram na Espanha no século XIX, e a monarquia foi derrubada algumas vezes, sendo restaurada em seguida. Revoltas camponesas eram a regra na Espanha do século XIX.

Em 1870, houve um Congresso na Espanha com o objetivo de formar uma federação de trabalhadores, resultando na criação da Federação Regional Espanhola da AIT, sendo esta uma das principais seções da Primeira Internacional. Operou por pouco tempo de forma legal e logo teve que passar à ilegalidade, até se dissolver em 1881. A seção espanhola da AIT foi um bastião do bakuninismo, e quando este foi expulso da I Internacional, em 1872, a federação estabeleceu uma junção com a Internacional de Saint-Imier.

The FORE structure adopted in 1871 anticipated in “many respects the syndicalist form of organisation later adopted by the French CGT,” and a vision of syndicalist revolution was widely held by 1873—the year that the anarchists helped organise a general strike in Alcoy and Barcelona, and were driven underground. These early Spanish anarchists saw the unions as “an arm of war” under capitalism and a “structure for the peace that would follow,” with revolutionary unionism “a basic article in the credo of the Spanish Internationalists” that preceded the CGT example by decades.

⁴⁹ PEIRATS, José. **La CNT en la Revolución Española** (3 vol). Madrid: Ruedo Ibérico, 1988.

Like Bakunin, the founders of Spanish anarchism believed revolutionary “labour organisations” would “destroy the bourgeois state”: “the Federation would rule”⁵⁰.

Em 1871, Paul Lafargue⁵¹ chegou a ser enviado para a Espanha para tentar convencer os líderes da Federação Regional Espanhola a trabalharem no sentido de fundar um partido político operário, mas eles recusaram. Na Espanha, a grande maioria dos operários organizados se colocaram ao lado de Bakunin, quando das querelas no seio da I Internacional. Assim, o socialismo antiestatista foi uma característica muito presente no movimento operário revolucionário espanhol desde seu início, muito antes da ascensão do sindicalismo revolucionário na França.

Após a dissolução da Federação Regional Espanhola foi criada sua sucessora, a Federação de Trabalhadores da Região Espanhola, formada em 1881. Esta organização também teve uma existência muito curta, sendo dissolvida em 1888. Então, o movimento libertário espanhol passou por uma fase em que predominou o terrorismo individualista, com a execução de alguns atentados terroristas de grande repercussão, e a repressão governamental que se seguiu fez fortalecer ainda mais o anarquismo e o sindicalismo em território espanhol.

Em fins do século XIX e início do século XX, a luta de classes na Espanha se acirrou, e a resposta dos patrões foram as piores possíveis. O aumento dos conflitos de classe fez o número de greves disparar, assim como os confrontos entre patrões e trabalhadores iam ficando cada vez mais violentos, sendo que os primeiros eram auxiliados pelas forças repressivas estatais. Muitos patrões procuravam mecanizar a produção e cortar os salários dos trabalhadores. Ao mesmo tempo o prestígio do sindicalismo revolucionário francês – a CGT já havia sido formada – era grande no movimento operário internacional, e na Espanha tudo caminhava no sentido de uma maior organização e radicalidade do movimento sindical.

Assim, em 1907, foi formada em Barcelona uma nova e importante organização operária, batizada de Solidaridad Obrera – enquanto as forças políticas catalãs fundaram o Solidaridad Catalana que, como o próprio nome já diz, passava ao largo da organização classista e pretendia reunir trabalhadores e burgueses sob a bandeira comum do catalanismo, buscando deslocar os laços de solidariedade de classe para uma pretensa solidariedade territorial, a nação, mas acabou durando apenas alguns anos. Esta organização reunia os sindicatos da cidade em uma única associação, fazendo parte dela os anarquistas, que dominavam o movimento operário

⁵⁰ WALT, Lucien van Der; SCHMIDT, Michael. **Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009, p. 155.

⁵¹ Paul Lafargue (1842-1911). Foi um importante revolucionário cubano radicado na Europa e que também fora genro de Marx, tendo participado ativamente na difusão do marxismo em alguns países europeus.

na Catalunha⁵², mas também os socialistas, ao passo que a organização se mantinha independente em relação aos partidos políticos. Mas logo ela se tornou uma federação regional, ampliando seu alcance para toda a Catalunha e se tornando uma poderosa arma de luta dos trabalhadores revolucionários. O Solidaridad Obrera presava pela luta de classes, pela ação direta e pela superação revolucionária do modo de produção capitalista, tendo fundado seu periódico, que tinha o mesmo nome da organização – e era chamado comumente pelo diminutivo “Soli” – e logo se tornou um dos principais veículos de informação e formação da classe trabalhadora, sendo que durante o período da guerra civil ele foi o jornal com mais tiragem na Espanha.

Em 1909, ocorreu um grande e importante evento na Espanha e que teve repercussão no movimento operário, a chamada Semana Trágica. Esta foi uma revolta que decorreu entre 26 de julho e 2 de agosto em várias localidades da Espanha, mas que se iniciou na Catalunha, mais especificamente no porto de Barcelona. Isso porque o governo espanhol havia se envolvido em mais um conflito no Marrocos, e então o serviço militar convocou reservistas para a luta. Pela legislação da época era possível ser dispensado do serviço militar se alguém fosse enviado em comum acordo para o lugar de um reservista – e isso poderia ser feito contratando-se uma outra pessoa para ser enviada em troca de um pagamento em dinheiro, por exemplo – ou então pagando diretamente ao Estado uma certa quantia em dinheiro, cifra essa que era muito acima da média salarial dos trabalhadores. Isso significava que as pessoas mais abastadas estavam livres de servirem no conflito, ao passo que os trabalhadores iriam ter que lutar, e eventualmente morrer, para garantir os interesses da classe capitalista no norte da África. Então, quando o Decreto de Mobilização foi publicado, causou uma grande revolta entre os trabalhadores. A partida das tropas, que deveria ser uma manifestação patriótica – e algumas vezes o foram em algumas regiões da Espanha –, foi transformada em protestos, e estes descambavam para confrontos com os agentes da ordem. Em Barcelona, postos de recrutamento foram atacados, conflitos se espalharam pelas ruas e uma greve geral foi declarada. Os distúrbios deixaram dezenas de mortos e mais de uma centena de prédios queimados, a maioria deles de propriedade da igreja⁵³. A repressão que se seguiu aos trabalhadores e suas organizações também foi grande. Periódicos foram fechados, sindicatos invadidos e proibidos, líderes e trabalhadores presos,

⁵² Esse fato, por si só, derruba as teses de que o anarquismo ou o socialismo libertário não é adaptado às condições de uma sociedade moderna, industrial, na medida em que a Catalunha era a região mais industrializada da Espanha, embora este país ocupasse uma posição marginal dentro do capitalismo neste momento.

⁵³ O anticlericalismo na Espanha era muito presente. Durante as manifestações operárias, era muito comum a queima de igrejas, pois esta estava intimamente ligada às autoridades e ao conservadorismo espanhol e era um dos pilares da reação.

escolas ligadas aos operários foram fechadas. Mas o caso mais conhecido e emblemático foi o do pedagogo Francisco Ferrer y Guardia⁵⁴. Ferrer foi acusado de ser um dos orquestradores da revolta, acabou sendo preso, julgado, condenado e executado. Houve uma campanha internacional para tentar salvar sua vida, mas não obteve êxito, e a própria filha de Ferrer chegou a enviar uma carta ao rei Alfonso XIII⁵⁵ pedindo clemência, mas não obteve resposta. A execução de Ferrer, que atuava no campo da pedagogia e era bastante próximo do movimento operário e, em especial, dos libertários, mostrava que a repressão aos trabalhadores não se deteria diante de imperativos morais.

Passada a Semana Trágica, ficou claro aos sindicalistas revolucionários e libertários que fazia falta uma poderosa organização sindical que reunisse os sindicatos libertários de toda a Espanha. Assim, foi convocado um Congresso operário em fins de 1910, que acabou por fundar a Confederação Nacional do Trabalho – CNT –, organização sindical que abarcaria todos os sindicatos da Espanha que não queriam estar dentro da outra central sindical importante, a União Geral dos Trabalhadores⁵⁶ – UGT –, pois discordavam de seus métodos e de sua forma organizacional, embora também não se colocassem exatamente em oposição a ela, já que os sindicatos que formaram a CNT nunca esconderam seu desejo de incorporar os outros sindicatos e de superar a divisão entre a classe trabalhadora, posição que foi mantida mesmo após o início da guerra civil e o desenvolvimento da revolução durante o período⁵⁷.

Desde o início, a CNT teve que enfrentar a oposição das autoridades constituídas de modo que ela se tornou ilegal diversas vezes. E isso aconteceu já logo depois de sua fundação, pois a organização se solidarizou com uma onda de greves e acabou sendo proibida ainda em 1911.

Durante a Primeira Guerra Mundial, na qual a Espanha ficou de fora, o país conheceu um crescimento industrial importante, o que fez com que o movimento operário pudesse avançar em pequenas conquistas para a classe. Após a guerra, em 1919, a CNT foi envolvida em um conflito que fez seu prestígio ascender de forma meteórica, a greve da La Canadiense.

⁵⁴ Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909). Foi um importante pedagogo de tendência libertária e que idealizou e colocou em prática as Escolas Modernas, que buscavam uma educação laica, científica e que estivesse a serviço dos trabalhadores.

⁵⁵ Alfonso XIII (1886-1941). Foi um monarca espanhol que reinou desde seu nascimento – embora tenha assumido efetivamente o poder apenas em 1902, quando tinha 16 anos – até a instauração da república, em 1931.

⁵⁶ União Geral dos Trabalhadores. Central sindical fundada em 1888, sempre foi bastante ligada aos socialistas, e compartilhou com estes as mudanças ideológicas ao longo do tempo. Nas primeiras décadas do século XX, era um importante sindicato, embora durante o período da guerra civil fosse minoritário.

⁵⁷ A CNT não se definia como sindicalista revolucionária, e sim como anarcossindicalista. Isso queria dizer que a organização sindical vinculava expressamente seus pontos de vista à ideologia anarquista, mesmo que não fosse obrigatório se declarar anarquista para fazer parte da organização. Bastava ser um trabalhador e concordar com as bases sindicais, embora mais tarde, quando os comunistas passaram a usar as táticas “entristas”, acabasse sendo proibido que membros dos partidos políticos ocupassem postos de direção dentro da organização.

Esta foi uma greve que se iniciou com a demissão de alguns poucos trabalhadores, alguns dos quais eram membros da CNT. Esta então costurou um conflito com a empresa e paulatinamente os trabalhadores começaram a entrar em greve. Seções atrás de seções foram parando. A greve ultrapassou os limites da empresa até se tornar uma greve geral, que paralisou praticamente toda a Catalunha.

Conforme Peirats⁵⁸, o conflito não foi uma greve econômica, e sim de solidariedade⁵⁹, sendo espalhado porque grupos de trabalhadores se solidarizavam com outros grupos de trabalhadores. Com isso, a resistência foi ficando cada vez mais fora de controle do Estado, tomando contornos revolucionários. A greve capitaneada pela CNT acabou sendo uma vitória estrondosa para a classe trabalhadora e para a organização sindical libertária, fazendo com que ela adquirisse um prestígio enorme perante a classe trabalhadora. Isso fortaleceu o mito de que a Confederação era invencível. A greve da La Canadiense conseguiu, dentre outras coisas, a readmissão dos trabalhadores demitidos, a libertação de todos os detidos durante o conflito e a decretação da jornada de 8 horas de trabalho, transformando a Espanha no primeiro país a decretar em lei tal jornada de trabalho. Assim, se por um lado o prestígio da CNT perante os trabalhadores aumentou enormemente, por outro lado o medo e a sensação de impotência das classes dominantes cresceram na mesma medida. Desse modo, a luta entre as classes iria se acirrar ainda mais.

O fascínio com a Revolução Russa atingiu também setores da CNT que, inclusive, chegou a fazer parte da III Internacional. Isso porque, conforme pôde ser visto na seção 1.3, quando o processo da Revolução Russa estava em curso não havia uma Internacional sindicalista revolucionária, e a II Internacional não atraía a CNT por ter um caráter reformista, fazendo com que ela buscasse uma aproximação com a III Internacional por considerar que esta tinha um caráter revolucionário, chegando mesmo a haver uma filiação provisória. A CNT inclusive enviou delegados para o Segundo e o Terceiro Congresso da III Internacional, mas diferenças em relação às concepções revolucionárias e no tocante à estrutura centralizada da organização foram distanciando cada vez mais as duas organizações, de modo que a CNT acabou se desfiliando da III Internacional e se juntando à nascente AIT, que fora fundada em Berlin. Assim, a CNT passou a figurar como a maior seção dessa organização sindicalista internacional.

⁵⁸ PEIRATS, José. **La CNT en la Revolución Española** (3 vol). Madrid: Ruedo Ibérico, 1988.

⁵⁹ As greves de solidariedade são greves que não eclodem por um motivo concreto, e sim por solidariedade a outros trabalhadores em greve. Assim, se paraliza um certo setor ou mesmo mais do que isso não por estar havendo um problema ali, e sim em outro local, não se retornando ao trabalho até que tal imbróglio tenha sido resolvido.

Mas esse distanciamento entre a CNT e os bolcheviques não ocorreu sem traumas. Conforme as duas organizações iam sendo distanciadas, elementos cenetistas que estavam favoráveis às concepções moscovitas acabaram saindo da organização e se juntaram aos elementos do PSOE⁶⁰ que também estavam descontentes com a recusa do partido em se filiar à III Internacional e formaram duas organizações comunistas separadas, que depois acabaram se reunindo e formando o PCE⁶¹.

Em 1919, a CNT realizou seu II Congresso – isso se não contabilizarmos o Congresso de Fundação, em 1910, considerando então o I Congresso como tendo sido realizado em 1911. Neste ano, só na Catalunha, segundo Peirats⁶², a CNT contava com 500 mil filiados, e neste congresso 450 delegados representaram mais de 700 mil trabalhadores. Nele, a CNT definiu como sua meta a implementação do comunismo, chamado aqui de comunismo libertário, em uma tentativa de se diferenciar do regime implementado em Moscou, que também era comumente chamado de comunista.

Al Congreso: Los delegados que suscriben, teniendo en cuenta que la tendencia que se manifiesta con más fuerza en el seno de las organizaciones obreras de todos los países es la que camina a la completa, total, absoluta liberación de la humanidad en el orden moral, económico y político, y considerando que ese objetivo no podrá ser alcanzado mientras no sea socializada la tierra y los instrumentos de producción y de cambio, y no desaparezca el poder absorbente del Estado, proponen al Congreso que, de acuerdo con la esencia de los postulados de la Internacional de los trabajadores, declare que la finalidad que persigue la Confederación Nacional del Trabajo en España es el Comunismo Libertario⁶³.

Mas a luta de classes na Espanha estava se acirrando. Desde o fim da década de 1910, e acentuado depois da greve da La Canadiense, a patronal estava assustada e passou à ofensiva contra os militantes operários. Assim, após 1919 os patrões intensificaram os ataques contra os líderes dos trabalhadores, contratando pistoleiros que buscavam matá-los em emboscadas previamente preparadas. A isso os trabalhadores responderam com a formação de seus próprios grupos de pistoleiros, chamados de grupos de ação, e que agiam na base do olho por olho, dente por dente. Assim, principalmente pelas ruas da Catalunha, quando a CNT quase monopolizava

⁶⁰ Partido Socialista Operário Espanhol. Partido político espanhol fundado em 1879. Inicialmente, tinha uma ideologia marxista, mas recusou o bolchevismo na década de 1920 e paulatinamente foi se afastando do marxismo. Durante a Guerra Civil Espanhola, os marxistas ainda tinham uma grande influência no partido, embora houvesse também uma ala bastante importante que estava mais próxima do republicanismo.

⁶¹ Partido Comunista da Espanha. Partido fundado em 1921 pela fusão de duas outras organizações comunistas que, por sua vez, foram fundados por ex-cenetistas e ex-socialistas que aderiram às ideias marxistas advindas de Moscou. Tinha uma penetração bastante exígua entre os trabalhadores até o início da guerra civil, quando conheceu um grande crescimento em seus quadros, embora a maioria dos egressos fossem proprietários que estavam descontentes com as coletivizações e propugnavam a manutenção da propriedade privada.

⁶² PEIRATS, José. **La CNT en la Revolución Española** (3 vol). Madrid: Ruedo Ibérico, 1988.

⁶³ II CONGRESO DE LA C.N.T. Madrid, 10-18 diciembre, 1919, p. 30.

o movimento operário e os trabalhadores eram mais combativos, começou a era que ficou conhecida como os anos do pistoleirismo, com ataques e assassinatos sistemáticos. A patronal contratava pistoleiros profissionais para que eliminassem lideranças sindicais e trabalhadores combativos, e isso gerava uma reação dos grupos de ação, que assassinavam pistoleiros e alguns de seus mandantes. A era do pistoleirismo fez algumas vítimas importantes, como o histórico militante e um dos fundadores da CNT, Salvador Seguí⁶⁴.

Conforme as memórias de García Oliver⁶⁵, a fusão entre anarquismo e sindicalismo revolucionário não havia sido total até por volta dessa época. Havia, segundo ele, duas grandes federações em Barcelona, uma que se denominava Bandeira Vermelha, e outra que se denominava de Bandeira Preta. Os primeiros eram mais sindicalistas e estavam totalmente conectados com o movimento sindicalista revolucionário. Os segundos eram anarquistas “puristas” que se dedicavam mais às questões ideológicas do que às lutas sindicais, e muitos inclusive desconfiavam ou mesmo eram contrários ao sindicalismo. Para Oliver⁶⁶, ainda, foi o assassinado de Seguí que propiciou a fusão de ambos os grupos. Tal fusão, tal como dito por ele, aconteceu naturalmente, pois ficou claro que a perseguição iria se estender a todos, indiscriminadamente. E daí teria surgido a tradicional bandeira vermelha e preta, simbolizando a união das duas tendências, embora ela teria aparecido em público pela primeira vez mais tarde, em 1931.

A partir de 1923, foi instaurada uma ditadura na Espanha, a ditadura de Miguel Primo de Rivera⁶⁷. O novo regime adotou o corporativismo como um de seus pilares, e como a CNT não aceitou, teve que se dissolver, passando para a ilegalidade. Contraditoriamente, a UGT aceitou e os socialistas chegaram mesmo a participar do governo.

Em 1927, foi fundada uma importante organização anarquista, a Federação Anarquista Ibérica – FAI –, que buscava preservar os ideais revolucionários dentro da CNT. Temia-se que a central sindical seguisse o caminho da CGT francesa, por exemplo, que caiu nas mãos dos reformistas e os revolucionários tiveram que se retirar. A FAI era uma organização especificamente anarquista, o que não era o caso da CNT, que se colocava como organização operária, já que não era obrigatória a profusão das ideias anarquistas para dela fazer parte,

⁶⁴ Salvador Seguí (1886-1923), conhecido também como El noi del sucre, foi um importante anarquista e um dos fundadores da CNT, estando envolvido em muitas das grandes lutas operárias na Espanha. Foi assassinado em 1923 por um dos pistoleiros contratados pela patronal.

⁶⁵ OLIVER, Juan García. **El Eco de los Pasos**. Barcelona: Ruedo Ibérico, 1978.

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ Miguel Primo de Rivera (1870-1930). Foi um militar espanhol que se tornou ditador entre 1923 e 1930, período de muita perseguição aos trabalhadores e ao movimento operário. Seu filho, José Antônio Primo de Rivera, esteve na gênese da criação do fascismo espanhol, sendo um dos fundadores da Falange Espanhola, e acabou sendo executado durante os primeiros meses da guerra civil.

bastando ser um trabalhador e concordar com as bases organizacionais e finalistas do sindicato⁶⁸. No entanto, essa relação da CNT com a FAI sempre foi bastante conturbada, e alguns militantes denunciavam que a FAI intervinha em assuntos do sindicato de modo indevido. Mas durante a guerra civil as duas organizações fizeram um acordo e foi usado amplamente a sigla CNT-FAI para se referir às duas organizações.

Em 1931, a monarquia espanhola caiu, sendo então proclamada a república, após as eleições terem dado vitória aos republicanos. O rei Alfonso XIII, aconselhado a deixar o país antes que uma revolução o derrubasse, fugiu, e a república foi proclamada sem se dar um único tiro. Alguns elementos da CNT haviam participado de um manifesto republicano publicado pouco tempos antes, mas a organização, como um sindicato, não o fez. Na verdade, a organização sindical não tinha interesse no regime republicano e propugnava sua superação. No dia seguinte à sua proclamação, o periódico *Solidaridad Obrera* escreveu ao convocar uma greve geral:

Ha sido proclamada la República en España. El nefasto Borbón que nos tenía la argolla al cuello, ha tenido que dejar el poder. El Ayuntamiento, la Diputación, Correos y Telégrafos, están en manos del pueblo. Para sancionar estos hechos, el pueblo debe manifestarse en la calle. No nos entusiasma una República burguesa, pero no consentiremos una nueva dictadura. Contra una posible reacción de los elementos armados, el pueblo debe estar en pie. Si la República ha de consolidarse será indudablemente contando con la organización obrera, de lo contrario, no será. Como condición previa, exigimos la inmediata libertad de todos nuestros presos. Después de esto, primordialísimo, impondremos otras condiciones. LA CONFEDERACION REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA DECLARA LA HUELGA GENERAL Y ESTA A LA ESPECTATIVA DE LOS ACONTECIMIENTOS. ¡¡Por la libertad de los presos!! ¡¡Por la revolution!! ¡Viva la Confederación Nacional del Trabajo de España!⁶⁹.

No início da década de 1930, não era só a monarquia que estava em crise. A própria CNT também passava por graves transtornos. Em seu III Congresso, realizado em Madri em 1931, uma fração mais “reformista” de dentro da CNT se rebelou contra os “faístas”, acusando-os de “aparelharem” a CNT para seus fins. Estes criaram um manifesto, o Manifesto dos Trinta – ganhou este nome porque foi assinado por trinta pessoas –, e por isso ficaram conhecidos como trintistas. Eles chegaram a sair da CNT, mas retornaram em 1936. Também fundaram um partido político, o Partido Sindicalista, em 1932, que se juntou à Frente Popular durante a

⁶⁸ É claro que, por mais que a CNT como sindicato não fosse exclusivamente anarquista, já que aceitava pessoas que compartilhavam de outra filosofia, como o marxismo, na prática, ela era quase que monopolizada pelos anarquistas, que detinham o controle da organização e eram quem determinava seus rumos. Isso se dava até por uma questão numérica, pois os anarquistas eram maioria no movimento operário espanhol dessa época, especialmente na Catalunha.

⁶⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. *Al Pueblo Español*. Barcelona, 15 abr. 1931, p. 1.

importante eleição de 1936. No manifesto dos trintistas se acusou a FAI, embora não se tenha dito abertamente seu nome, de defender uma posição puramente espontaneísta, querendo dizer com isso que se deixava tudo sem uma preparação prévia e sistemática, cultuando a violência pela violência, sem canalizá-la, sem prepará-la. Diz o manifesto:

Quiere éste que la preparación no sea solamente de elementos aguerridos, de combate, sino que se han de tener éstos y además elementos morales, que hoy son los más fuertes, los más destructores y los más difíciles de vencer. [...] No fía la revolución exclusivamente a la audacia de minorías más o menos audaces, sino que quiere que sea un movimiento arrollador del pueblo en masa, de la clase trabajadora, caminando hacia su liberación definitiva, de los Sindicatos y de la Confederación, determinando el hecho, el gesto y el momento propicio de la revolución. No cree que la revolución sea únicamente orden, método; esto ha de entrar por mucho en la preparación y en la revolución misma, pero dejando también lugar suficiente para la iniciativa individual, para el gesto y el hecho que corresponde al individuo. [...] La Confederación es una organización revolucionaria, no una organización que cultive la algarada, el motín, que tenga el culto de la violencia por la violencia, de la revolución por la revolución. [...] Que todos sientan la responsabilidad de este momento excepcional que todos vivimos. No olviden que así como el hecho revolucionario puede conducir al triunfo, y que cuando no se triunfa se ha de caer con dignidad, todo hecho esporádico de la revolución conduce a la reacción y al triunfo de los demagogos. Ahora que cada cual adopte la posición que mejor entienda. La nuestra ya la conocen, y firmes en este propósito, la mantendremos en todo momento y lugar, aunque por mantenerla seamos arrollados por la corriente contraria⁷⁰.

Mas os trintistas não se reconheciam como revisionistas ou como portadores de uma crítica que se levantava contra o anarquismo ou a organização sindical. Ao contrário, diziam estar salvaguardando tais princípios. Diz Peiró⁷¹, no primeiro número do periódico dos trintistas:

[...] nuestra posición no se levanta contra los anarquistas, puesto que también lo somos, ni contra los principios básicos de la Confederación, en cuya defensa nadie se ha significado más que nosotros. Reivindicamos, si, un criterio, y nadie puede negarnos el derecho de sustentarlo y de defenderlo; y lo reivindicamos porque, tal vez equivocados, si se quiere, lo estimamos el más conveniente y el más saludable para valorizar a las ideas y para salvaguardar los altos intereses de la Confederación Nacional del Trabajo⁷².

⁷⁰ LA TIERRA. **Manifiesto del Grupo Sindicalista Moderado. El Momento Revolucionario Español**. Madrid, 1 set. 1931, p. 4.

⁷¹ Juan Peiró (1887-1942). Foi um importante anarquista e sindicalista espanhol, militante da CNT, chegando até mesmo a ser seu Secretário Geral. Durante a guerra civil, foi nomeado Ministro no governo central em duas ocasiões. Após o fim do conflito, ele conseguiu fugir para a França, mas foi capturado pelos nazistas após a invasão da França e extraditado para a Espanha a pedido do regime franquista. Foi proposto que colaborasse com os sindicatos afeitos ao regime, o que ele recusou. Diante de sua negativa, Peiró foi julgado, condenado à morte e executado.

⁷² PEIRÓ, J. El Problema Interno de la C.N.T. **Cultura Libertaria**, Barcelona, 6 nov. 1931, p. 1.

Durante o período republicano, a CNT conheceu um importante desenvolvimento. O curto período de existência da república, que foi de 1931 até 1936, quando se iniciou a guerra civil, foi bastante intenso, e houve ao menos duas grandes e importantes insurreições. A primeira foi a Revolução de Casas Viejas que ocorreu no ano de 1933 quando um grupo de anarquistas realizou um levante em um povoado de mesmo nome. Depois de alguns dias, acabaram sendo derrotados e brutalmente assassinados por forças da ordem. A segunda foi a Revolução das Astúrias, em outubro de 1934, quando uma coalisão entre socialistas e comunistas, com participação da CNT, ocasionou a proclamação da República Socialista Austuriana, tomaram a capital Oviedo e resistiram por cerca de duas semanas. No mesmo mês, ainda houve uma tentativa de independência da Catalunha proclamada por políticos separatistas catalães, mas que acabou sendo derrotada e os líderes presos, inclusive o líder da Esquerra⁷³ e Presidente da Generalitat, Lluís Companys⁷⁴. No entanto, o separatismo catalão não entra no roll de lutas operárias sendo, na verdade, uma manifestação do nacionalismo catalão, que passa por cima das classes sociais e, portanto, se coloca em um campo de união de classes.

A República espanhola, a partir das eleições de 1933, entrou em uma fase conhecida como biênio Negro, quando quem governou foi uma coalisão de partidos de direita. Em tal período, as poucas reformas que haviam sido feitas durante os primeiros tempos da república foram revogadas ou ficaram paralisadas. Neste período, também ocorreram alguns levantes importantes, e a repressão foi enorme contra todos os trabalhadores revolucionários. Como maior organização operária da Espanha, a CNT foi a que mais sofreu. Assim, as prisões estavam cheias de cenetistas presos em razão de terem participado das revoltas que ocorreram ou por conta de um avanço das autoridades do Estado contra o movimento operário. Dessa maneira, diante de revoluções sociais derrotadas, encarceramento de trabalhadores e uma animosidade gigantesca, chegaram as decisivas eleições de fevereiro de 1936.

Nessas eleições, diferente das de 1933, a CNT não fez propaganda abstencionista de modo sistemático. Isso, segundo muitos estudiosos, ocorreu por conta da adesão velada da central sindical à Frente Popular, porém um estudo mais recente demonstrou que isso é apenas parcialmente verdadeiro. Para García⁷⁵, o que ocorreu foi uma mudança de contexto. Em 1933,

⁷³ Esquerra Republicana da Catalunha é um partido político catalão fundado em 1931. Tem ideias separatistas e republicanas de esquerda.

⁷⁴ Lluís Companys (1882-1940). Foi um político catalão, separatista, e que foi Presidente da Generalitat durante o período da guerra civil. Ao findar o conflito, ele conseguiu fugir, mas foi capturado posteriormente na França ocupada pela Alemanha sendo, então, deportado para a Espanha, onde foi julgado, condenado e executado.

⁷⁵ GARCÍA, Roberto Villa. «Obreros, no votéis». La CNT y el Frente Popular en las elecciones de 1936. **Pasado y Memoria**: Revista de Historia Contemporánea, [s.l.], n. 13, p.173-196, 2014. Universidad de Alicante Servicio de Publicaciones.

a CNT canalizava todas as suas forças para insurreições e levantes – era a tática da ginástica revolucionária⁷⁶. Com isso, era natural que ela fizesse campanhas antieleitorais mais incisivas, tentando demonstrar que as insurreições seriam inevitáveis. Já em 1936, a organização sindical estava bastante debilitada considerando a enorme quantidade de membros e militantes que povoava as cadeias, enfraquecendo-a numericamente e qualitativamente, o que fez com que ela arrefecesse na campanha antieleitoral, já que suas principais energias estavam direcionadas para outras questões que a organização julgava mais importantes. No entanto, em diversas notas na imprensa e discursos feitos pela organização, era constatada a narrativa de recusa à participação eleitoral, frequentemente qualificada como uma farsa. Assim, o Solidaridad Obrera de 7 de fevereiro de 1936, ou seja, exatamente nove dias antes do pleito eleitoral, disse que a organização deveria “Seguir nuestra trayectoria antipolítica y abstencionista con toda la fuerza y todo el vigor que emanan de nuestras ideas⁷⁷”. Na verdade, frente ao pleito eleitoral, a posição oficial da CNT enfatizava que ele era inútil, pois tanto o fascismo quanto a revolução social não dependiam das urnas para que fossem instalados. Com isso, independente de quem vencesse o pleito, seria nas ruas que essa contenda seria decidida. Direcionar recursos para o pleito eleitoral seria desperdiçar valiosas energias. Foi isso que o Soli quis dizer quando enfatizou:

Derechas e izquierdas se mueven dentro del ámbito capitalista y, en el Gobierno, realizan una misión conservadora que las enfrenta abiertamente con el proletariado. Por eso las izquierdas, e incluso el propio socialismo parlamentario, depositarios de la legalidad burguesa en el Poder, han servido siempre de freno y han posibilitado el triunfo fascista⁷⁸.

Assim, a contradição que estava colocada não era esquerda *versus* direita, mas fascismo *versus* revolução social, uma luta de morte entre capital e trabalho. E isso não poderia ser resolvido em um pleito eleitoral. Seria resolvido apenas com o fim da exploração do trabalho. Foi o que o Tierra y Libertad escreveu:

¡Que los trabajadores se entiendan en sus lugares de trabajo, que tomen la producción en sus manos y no consientan que en nombre de dios, o en nombre del diablo, en nombre de la monarquía o en nombre de la república, en nombre de la democracia o en nombre del fascismo se les arranque lo que les pertenece. Todo lo demás es cuestión de arreglo, de tolerancia, de seguir cada cual sus predilecciones. Lo que

⁷⁶ A “ginástica revolucionária” foi uma tática que se baseava na realização de pequenos levantes e insurreições que tinha a função de ao mesmo tempo minar o sistema vigente e “educar” e “treinar” os trabalhadores para a insurreição. Estas não necessariamente buscavam a vitória, pois a própria insurreição era considerada por si só pedagógica.

⁷⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **Abstencionismo. Contra toda política.** Barcelona, 7 fev. 1936, p. 1.

⁷⁸ Idem. **La revolución no esta emboscada en el poder; esta en la calle.** Barcelona, 18 dez. 1935, p. 1.

importa es que los productores tengan derecho al producto íntegro de su trabajo y luego ya se verá el resto cómo se arregla⁷⁹.

Entretanto, isso não quer dizer que cenetistas não acudiram às urnas. De fato, muitos o fizeram, e é preciso lembrar que a organização sindical não era composta apenas por anarquistas. Assim, de acordo com García⁸⁰, a não existência de uma ampla campanha contra o pleito eleitoral ocorreu mais por prioridades e debilidades internas da organização que por uma adesão ao programa da Frente Popular, embora existissem alguns pontos que os uniam, como o antifascismo e o desejo de libertar os presos.

As eleições de fevereiro de 1936 deram vitória à Frente Popular e, a partir disso, a situação na Espanha se deteriorou rapidamente. Grupos de trabalhadores começaram a invadir as cadeias e a libertar os presos antes mesmo de ser decretada a anistia. O novo governo também deu indulto a todos os trabalhadores que participaram das greves de 1934, obrigando que fossem readmitidos e indenizados. Ocorreram também muitas ocupações de terra. Peirats⁸¹ evidencia que, entre fevereiro e julho de 1936, ocorreram 113 greves gerais e 228 greves parciais, além de 269 pessoas mortas e 1.287 feridas. Aconteceram também 213 atentados, visto que a situação estava fora de controle.

1.5 A Teoria e os Teóricos do Sindicalismo Revolucionário

Um dos primeiros defensores da união entre sindicalismo e movimento libertário foi Pelloutier, o animador das Bolsas de Trabalho na França. Ele defendeu o uso dos sindicatos como meio para alcançar uma radical mudança da sociedade, pois eles teriam um caráter potencialmente libertário, embora admitisse contradições. Disse Pelloutier:

Laboratórios das lutas econômicas, destacado das competições eleitorais, favorável à greve geral com todas as suas consequências, administrando-se anarquicamente, o sindicato é, pois, a organização simultaneamente revolucionária e libertária que só ela poderá contrabalançar e chegar a reduzir a nefasta influência dos políticos coletivistas. Suponhamos agora que, no dia que eclodir a Revolução, a quase totalidade dos produtores esteja agrupada nos sindicatos: não haverá ali, pronta a suceder a organização atual, uma organização quase libertária, suprimindo de fato todo poder político, e da qual cada parte, senhora dos instrumentos de produção, regularia todos

⁷⁹ TIERRA Y LIBERTAD. **La verdadera solución no está en la democracia ni está en la dictadura**. Barcelona, 31 jan. 1936. p. 1.

⁸⁰ GARCÍA, Roberto Villa. «Obreros, no votéis». La CNT y el Frente Popular en las elecciones de 1936. **Pasado y Memoria**: Revista de Historia Contemporánea, [s.l.], n. 13, p.173-196, 2014. Universidad de Alicante Servicio de Publicaciones.

⁸¹ PEIRATS, José. **La CNT en la Revolución Española** (3 vol). Madrid: Ruedo Ibérico, 1988.

os seus assuntos: ela própria, soberanamente e pelo livre consentimento de seus membros? E não seria “a associação livre dos produtores livres”?⁸².

Outro importante teórico do anarcossindicalismo foi o alemão Rudolf Rocker. Ele iniciou muito cedo suas atividades políticas no Partido Socialdemocrata Alemão no início de 1890, e foi evoluindo para posições cada vez mais libertárias ainda dentro do partido, chegando a formar uma oposição interna com outras pessoas. A distância entre Rocker e a doutrina da socialdemocracia foi aumentando paulatinamente. Com isso, ele acabou por abandoná-la e se assumindo anarquista. Dentro da ideologia anarquista, Rocker advogou pela participação dos libertários nos sindicatos, sendo um dos grandes nomes do que ficou conhecido como anarcossindicalismo⁸³.

Rocker defendeu, na sua obra *Anarcossindicalismo, Teoría y Práctica*, publicada em 1938, que o anarquismo era uma confluência das duas grandes correntes que tomaram conta da vida intelectual europeia após a Revolução Francesa: o socialismo e o liberalismo.

El anarquismo tiene de común con el liberalismo la idea de que la prosperidad y la felicidad del individuo deben ser la norma de todas las cuestiones sociales. Y ofrece la coincidencia con los grandes exponentes del pensamiento liberal, de que las funciones gubernamentales deben reducirse al mínimo. Sus propugnadores se atienen a esta idea hasta las últimas consecuencias lógicas, y se proponen hacer que desaparezcan de la vida social todas las instituciones que suponen un poder político. [...] Con los fundadores del socialismo, los anarquistas reclaman la abolición de todos los monopolios económicos y la propiedad en común del suelo y de todos los medios de producción, – cuyo uso ha de ser asequible a todos sin distinción, puesto que la libertad individual y social no se concibe más que a base de la igualdad de las ventajas económicas para todos. Dentro del movimiento socialista propiamente dicho, el anarquismo representa el punto de vista de que la guerra contra el capitalismo debe ser al mismo tiempo una guerra contra todas las instituciones de poder político [...] ⁸⁴.

Para Rocker, a ideia de que os sindicatos eram o germe da futura sociedade sem classe nasceu ainda durante a I Internacional, e foi apresentada no Congresso da Basileia, em 1869, por Eugênio Hinz, que falava em nome da Federação Belga, sendo apoiado por delegados espanhóis, do Jura suíço e dos franceses. Para ele, o sindicato era ao mesmo tempo reformista e revolucionário, reunia os trabalhadores, os organizava e os formava politicamente visando à superação do capitalismo. Era o germe da futura sociedade socialista.

⁸² PELLOUTIER, Fernand. **O anarquismo e os Sindicatos Operários**. São Paulo: Imaginário, 2013, p. 38.

⁸³ É preciso destacar aqui a diferença entre anarcossindicalismo e sindicalismo revolucionário. Enquanto o primeiro faz uma vinculação explícita entre as finalidades do sindicato e o anarquismo, o segundo não o faz, embora ele levante muitas bandeiras defendidas também pelos anarquistas. Alguns argumentam que o sindicalismo revolucionário é um tipo de “anarquismo disfarçado”, faltando apenas explicitar sua ideologia.

⁸⁴ ROCKER, Rudolf. **Anarcossindicalismo (Teoría y práctica)**. Madrid: FAL, 2009, p. 42.

Para los anarcosindicalistas, el sindicato no es simplemente un fenómeno de transición, tan efímero como la sociedad capitalista, sino que entraña el germen de la economía socialista del mañana, y es la escuela primaria del socialismo en general. Toda nueva estructura social forma órganos propios dentro del cuerpo de la vieja organización. Sin este comienzo, no cabe pensar en evolución social ninguna. Las mismas revoluciones no pueden hacer otra cosa sino desarrollar y sazonar la simiente que ya existía y que germinaba en la conciencia humana; no pueden crear por sí mismas ese germen, ni plasmar un mundo nuevo de la nada. Por consiguiente nos toca sembrar esa semilla a tiempo y hacer que se desarrolle cuanto más mejor, con objeto de facilitar la futura obra de la revolución y darle garantías de permanencia⁸⁵.

Sobre o papel dos comités de fábrica, escreveu Rocker:

[...] posesionándose de las fábricas para regentarlas los obreros por sí mismos, en tal forma que todos los grupos separados de fábricas y ramos industriales sean miembros independientes del organismo económico general y efectúen sistemáticamente la producción y la distribución de los productos en interés de la comunidad, a base de libres acuerdos mutuos⁸⁶.

Um outro importante teórico e sindicalista foi o francês Pierre Besnard. Este foi uma figura central no sindicalismo revolucionário e no anarcossindicalismo e exerceu uma considerável influência na CNT dos anos 1930, a ponto de suas obras serem traduzidas para o espanhol e se tornarem uma das principais referências para a organização. Besnard teorizou bastante sobre os sindicatos revolucionários e sua relação com a superação da sociedade capitalista. Em *Los Sindicatos Obreros y la Revolución Social*, publicado em 1930, Besnard escreveu que na luta social existiam duas tendências, e que estas estavam tanto do lado da burguesia quanto do proletariado: a tendência à luta de classes e a tendência à colaboração de classes. Se opondo a colaboração de classes, Besnard se colocou contra a cogestão⁸⁷ dos trabalhadores nas empresas capitalistas.

Repito de nuevo que en la colaboración de clases, en la llamada participación del proletariado en la gestión y dirección de empresas capitalistas, todo lo pierde el proletariado y todo lo gana la clase antagonista. Puede el obrero cambiar la calidad de las cadenas o dorar las que lleva; lo que en definitiva resulta cierto es que permanece encadenado⁸⁸.

⁸⁵ Ibidem, p. 109.

⁸⁶ Ibidem, p. 114.

⁸⁷ Cogestão é um sistema em que os representantes dos trabalhadores se sentam com os representantes dos patrões – ou dos administradores – para que cheguem a um acordo que seja aceitável para ambas as partes, buscando fazer com que os conflitos de classe dentro das empresas não sejam radicalizados e cheguem a atrapalhar o seu bom funcionamento. Assim, a cogestão se insere dentro da lógica da colaboração de classes, e tem por finalidade a manutenção da exploração do trabalho via assimilação de representantes dos trabalhadores dentro dos conselhos de empresa.

⁸⁸ BESNARD, Pierre. *Los Sindicatos Obreros y la Revolución Social*. Barcelona: Ediciones de la C.N.T., 1931, p. 58.

Discorrendo sobre a propaganda sindicalista, Besnard falou de três temas principais para os quais seria preciso direcionar o foco: a redução da jornada de trabalho, o salário único e o controle sindical da produção. Disse que a redução da jornada de trabalho era uma forma de combater o desemprego, bem como que este era uma arma importante dos patrões contra os trabalhadores, pois eles poderiam ser subjugados pelo medo de serem reduzidos à pobreza. Já o salário único era uma forma de declarar que o trabalho não era uma mercadoria, e que o controle sindical da produção era a reivindicação mais completa da ofensiva proletária.

Referindo-se a quem levaria a cabo a revolução socialista, Besnard disse que o processo revolucionário deveria ser conduzido pelo sindicato, pois o partido político não teria essa capacidade, já que na verdade ele não era uma organização classista:

Ningún partido, aunque se tenga por revolucionario y por mucho que se lo llame, puede sustituir a los sindicatos obreros revolucionarios. Un partido no es nunca la clase aunque lo digan y repitan sus teóricos, sus doctrinarios. En las filas de un partido conviven obreros y patronos, revolucionarios de hecho y revolucionarios de espíritu [...] ⁸⁹.

Besnard também bradou contra a instituição do Estado, pois sua mera existência já demonstraria a subsistência das classes exploradas e exploradoras, assim como criticou o conceito de ditadura do proletariado, pois para ele esta seria uma ditadura sobre o proletariado. Afirmou que o sindicalismo revolucionário tinha raízes efetivas e sólidas, que eram baseadas na solidariedade e no apoio mútuo, pois somente assim seria atingida a unidade de classe, bem como essa era o prelúdio da síntese humana. Sobre as aspirações do sindicalismo revolucionário, disse Besnard: “El sindicalismo aspira a abolir integralmente las formas de salario, del capitalismo y de la propiedad; aspira a que desaparezcan todos los Estados⁹⁰”. Completa dizendo que qualquer forma de assalariamento é penosa, e que este apenas desapareceria quando os trabalhadores tivessem a posse dos meios de produção. Ele também ficou contra o que denominou como Estado-patrão.

Besnard falou que os sindicatos dos trabalhadores, para que pudessem fazer sua luta de forma eficaz, deveriam acompanhar a estrutura de organização de seu oponente, da fábrica até o Cartel ou o Truste, e completou:

El Comité de Taller y el Consejo de Fábrica han de ser bases y medios de acción, organización y posibilidad de informe para el sindicato; éste luchará por medio de aquéllos contra la dirección técnica de las empresas y también contra la gerencia y los Consejos de Administración de las mismas, cuidando de no caer en inconveniente tan

⁸⁹ Ibidem, p. 101.

⁹⁰ Ibidem, p. 142.

grave como es el de considerar tales órganos – Comité de Taller o Consejo de Fábrica – como independientes del sindicato respectivo. Al contrario, han de formar parte integrante del mismo, como los talleres patronales dependen de la fábrica y ésta de la industria. La base del sindicalismo ha de ser la que prive en la organización social del porvenir, previa adaptación de los distintos órganos a la nueva función⁹¹.

Falando sobre os conselhos de fábricas, Besnard define sua função:

El Consejo de Fábrica tiene la misión de repartir la labor a los talleres, cuidar de la ejecución, facilitar primeras materias, nutrir depósitos, transformar los productos según normas del Sindicato de Industria, que se informa previamente valiéndose de los servicios que tienen a su cargo la distribución y el cambio. Todo esto desde el punto de vista técnico. Corresponde también al Consejo de Fábrica organizar el trabajo en las mejores condiciones; relacionar los talleres unos con otros; estudiar las condiciones higiénicas, fijar el horario para conseguir el volumen de producción señalado por el Consejo Económico del Trabajo y representar al Sindicato en el Consejo Sindical. Todas estas cuestiones se refieren al punto de vista social⁹².

Continuando seu raciocínio, Besnard colocou que os comitês de fábrica e de oficina deveriam fornecer informações aos sindicatos sobre a atividade industrial das empresas capitalistas e seu modo de funcionamento.

Como centinelas de avanzada del sindicato en el campo capitalista, los Comités de Taller y Consejos de Fábrica son órganos de penetración en aquél. Es preciso que avancen incesantemente, a diario y por etapas progresivas, rechazando sin tregua la acción de los órganos equivalentes del capitalismo hasta la desaparición completa de los mismos⁹³.

Assim, para Besnard, os conselhos de oficina e os conselhos de fábrica eram órgãos dos sindicatos dentro dos locais de trabalho. A primazia estava nos sindicatos, e não no comitê de fábrica. A gestão do social caberia aos sindicatos, diante dos quais os comitês de fábrica deveriam estar submissos.

La tarea de los órganos sindicales, como son los Comités de Taller y Consejos de Fábrica, será en tal ocasión la de controlar y preparar el cambio necesario para cuando se opere la transformación social, teniendo en conta que la gestión sindical empieza a ser efectiva cuando se desencadena la revolución. [...] los Consejos de Taller han de formar necesariamente Consejos de Fábrica y actuar desde el punto de vista técnico y social mediante la constante gerencia del sindicato⁹⁴.

Falando sobre a relação entre os sindicatos e os órgãos criados dentro das unidades produtivas, Besnard anotou que o Comitê Geral de Controle teria um representante permanente

⁹¹ Ibidem, p. 160-161.

⁹² Ibidem, p. 288.

⁹³ Ibidem, p. 161-162.

⁹⁴ Ibidem, p. 162-163.

do Sindicato de Indústria na empresa, e completou: “Será, pues, el sindicato quien fije la política general, la actuación propia del Comité. Este representará el papel de agente para la ejecución de los acuerdos del sindicato⁹⁵”. E continua:

Los Comités de Taller y los Consejos de Fábrica, como órganos derivados o auxiliares del sindicato, representan el establecimiento y función del control sindical. No representa ninguna exageración afirmar que el control se ejercerá de manera precaria mientras no existan aquellos órganos⁹⁶.

Ao falar mais sobre o papel dos sindicatos e dos comitês de fábrica, Besnard acrescenta:

Será el sindicato en todos os terrenos y de manera permanente, el órgano ejecutivo de los acuerdos locales, regionales y nacionales, en su esfera y con programa propio. El sindicato organizará la huelga general según los acuerdos tomados con anterioridad. Es el agente que servirá de base al sistema futuro, como es hoy fundamento de la organización sindical. Los Consejos de Fábrica y Comités de Taller son agentes del sindicato, y controlados por éste constantemente. El sindicato coordina la actividad de los Consejos de Fábrica y registra los informes facilitados por éstos. Es un organismo industrial completo. El Comité de Taller y el Consejo de Fábrica, no son más que órganos derivados del sindicato como lo son los Comités de diversa acepción: obra, almacén, estación, puerto, etcétera. Por consiguiente, cabe especificar a unos y otros el lugar que les corresponde, industrial y socialmente⁹⁷.

Besnard também disse que entre o início do processo revolucionário e a consecução do objetivo final existiria um tempo indeterminado, ou seja, haveria um período de transição entre o capitalismo e a sociedade sem classes sociais, o comunismo, embora ele não diga como isso se daria e fale que o mais importante é que se marche sempre para o objetivo final.

Sea cual sea el grado de preparación revolucionaria del proletariado, no podrá pasar sin transición del antiguo al nuevo régimen. Habrá un cierto espacio de tiempo en el cual no existirá ya el capitalismo, pero tampoco habrá nacido el régimen nuevo; no se habrá realizado el comunismo libertario. Se alejará paulatinamente el pasado y el advenimiento del régimen nuevo irá acercándose gradualmente. Importará romper en absoluto desde que se inicie el hecho revolucionario con el régimen antiguo, destruyendo su estructura y resolviendo los problemas con arreglo a los principios que se quieren implantar⁹⁸.

Falando sobre o que estava colocado fora dos sindicatos, Besnard disse que a Federação Local de Sindicatos, que teria por função coordenar as ações dos sindicatos dentro de uma mesma cidade ou localidade, seria o germe do futuro poder político local, o Município Social.

⁹⁵ Ibidem, p. 225.

⁹⁶ Ibidem, p. 225.

⁹⁷ Ibidem, p. 266.

⁹⁸ Ibidem, p. 278.

Si el sindicato es un núcleo de resistencia que será en el porvenir grupo de producción y distribución y base de vida social, la Federación Local es un grupo defensivo que constituirá una base social y administrativa nueva: el Municipio Social⁹⁹.

As Confederações Regionais dos Sindicatos, segundo Besnard, seriam o equivalente à Federação Local de Sindicatos na função de administração, porém com raio de ação ampliado, sendo responsável por administrar seu perímetro determinado, organizando a produção, distribuição e troca.

Um outro importante autor nesta discussão sobre o sindicalismo revolucionário e o anarcossindicalismo foi o cenetista espanhol Diego Abad de Santillán¹⁰⁰. Ele escreveu uma importante obra que influenciou bastante a CNT, já que fora produzida pouco antes de estalar a guerra civil e a revolução, em julho de 1936. Esta obra é chamada de O Organismo Econômico da Revolução, e foi a conclusão de uma série de artigos que o autor publicou durante a década de 1930, sendo fruto de discussões teóricas e práticas do movimento operário anarquista e sindicalista, sendo que muitas das suas ideias foram colocadas em prática durante o processo revolucionário de 1936. No Congresso de Zaragoza, em maio de 1936, meses antes de estalar a guerra civil e o processo revolucionário, suas teses foram bastante discutidas, embora tenham sido derrotadas, o que inclusive causou discussões posteriores pela imprensa confederal e anarquista. Mas muitas delas foram adotadas na prática após o início da guerra civil e da revolução.

A obra de Santillán faz uma crítica às concepções libertárias que imperavam na época. Diz que existem algumas coisas que devem ser socialmente reguladas, como estradas de ferro, fornecimento de água e luz e demais atividades econômicas, e outras que pertencem à esfera particular e, portanto, devem estar livres de regulação social. Prevendo um aumento da atividade econômica após o Estado e o capital serem superados, já que muitas pessoas que se ocupavam com trabalhos improdutivos – como policiais, burgueses, magistrados et.c – seriam liberadas para fazer trabalhos produtivos, poderia ser possível simultaneamente baixar a jornada de trabalho dos produtores, na medida em que o trabalho produtivo fosse socializado, e aumentar a produção de mercadorias, elevando o nível de vida da classe trabalhadora. Para Santillán, nem 50% da população espanhola estava ocupada com o trabalho produtivo. Ele considerava também que a economia não era mais localista, e que esta visão estava ultrapassada.

⁹⁹ Ibidem, p. 168.

¹⁰⁰ Diego Abad de Santillán (1897-1983). Uma das mais importantes figuras da CNT, era anarquista e colaborou com os principais periódicos libertários de sua época, tendo atuado também na Argentina.

O desenvolvimento capitalista estaria interligando cada vez mais todas as regiões do globo. Com isso, era preciso planejar uma economia socialista que tivesse um caráter global.

Existe algo que está definitivamente superado como princípio dominante: o localismo econômico. A economia atual não cabe nos limites nacionais e muito menos nos locais; por conseguinte, não podem existir, em economia, particularismos (o produtor raramente conhece o consumidor), mas sim coordenação. Bakunin empregou palavras mais duras: falou-nos de centralização¹⁰¹.

Mas sua crítica ao localismo não significava abandonar a ideia de que o trabalhador deveria possuir e gerir os meios de produção diretamente. Santillán falou que os anarquistas fizeram nos últimos anos uma série de ensaios sobre a obra construtiva do socialismo, e que o que ele havia proposto não era novo. Com isso, enfatizou que a produção deveria ser gerida diretamente pelo trabalho organizado, sem interferência estatal e sem intermediários:

[...] se não acreditamos num possível retorno ao primitivismo econômico, temos que desejar um regime de gestão direta da produção e da distribuição a cargo dos próprios produtores e consumidores, chegando à coordenação máxima de todos os fatores produtivos¹⁰².

Santillán propõe, então, um sistema social que deveria controlar a produção a partir da organização dos trabalhadores em seu local de trabalho, de modo que o nível subsequente de organização seja sempre eleito e controlado pelo nível imediatamente inferior.

No lugar do proprietário, figura estéril na economia, teremos um Conselho de empresa, de fábrica, de granja ou de qualquer outra especialidade de trabalho. Este Conselho será constituído por operários, empregados e técnicos que representem o pessoal da empresa, da mina, do navio etc., e será nomeado pelo próprio pessoal, sendo destituível a qualquer momento, modificável sempre que preciso, se assim julgar conveniente. Ninguém melhor que os próprios companheiros de trabalho para conhecer cada um dos que trabalham num determinado estabelecimento. Aí, onde todos se conhecem, é possível a prática da democracia. O Conselho de fábrica, ou como quer que ele se chame, enquanto representação do pessoal ligado ao mesmo local de trabalho, dá coesão e coordena o trabalho em sua esfera de atividade e liga-a às atividades semelhantes de outros estabelecimentos ou grupos produtivos. Na disposição e regulamentação deste trabalho não intervém nenhuma força estranha aos próprios trabalhadores. Existe autonomia completa, sem que esta autonomia seja entendida como capricho na produção, pois esta deve responder às necessidades e possibilidades e há de ser feita em vista de um conhecimento exato das condições de cada estabelecimento e das necessidades e demandas da população¹⁰³.

¹⁰¹ SANTILLÁN, Diego Abad de. **Organismo Econômico da Revolução: a autogestão na revolução espanhola**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 88.

¹⁰² Ibidem, p. 88.

¹⁰³ Ibidem, p. 90-91.

Santillán profere que os conselhos de fábrica devem estabelecer relacionamento entre si, formando seções de ofícios, e estes vão sendo federados e formando sindicatos de indústria ou ofício a partir dos quais vão constituindo os órgãos de gestão da nova sociedade. No topo desse sistema estariam os conselhos de ramo que, para Santillán, deveriam ser em número de dezessete, e teriam como função regular a economia dentro de sua atividade, como o Conselho do Ramo da Alimentação, o Conselho do Ramo da Mineração, o Conselho do Ramo do Transporte, o Conselho do Ramo da Indústria Metalúrgica etc. Assim, Santillán salienta que seria possível uma planificação da sociedade sob bases autogeridas, começando com o controle dos meios de produção pelos trabalhadores. Ele falou detalhadamente sobre as relações entre os ramos de produção e os outros órgãos que também deveriam existir dentro de uma sociedade baseada na autogestão, mas isso não nos importa agora, de forma que o que nos interessa aqui é o papel dado pelo autor ao conselho de fábrica – ou conselho de empresa, como preferimos chamar, na medida em que ele não se restringe às fábricas, podendo existir em qualquer empresa –, que é o de controlar totalmente o local de trabalho. Para Santillán, a nova estrutura pretendida deveria acabar imediatamente com a alienação do trabalho, ou seja, acabar com a separação entre os trabalhadores e os meios de produção, que é o fundamento pelo qual algumas pessoas detêm o controle dos processos de trabalho da classe produtora, pois quem controla os processos de trabalho controla também os frutos do trabalho.

Todos os autores citados aqui foram importantes para a discussão em torno do sindicalismo revolucionário e do anarcossindicalismo, cada um à sua maneira e em sua época. Pelloutier foi importante para que os anarquistas acabassem por adentrar no movimento sindical, o que gerou um grande revigoramento dos sindicatos, mas pouco entrou na discussão sobre o papel destinado aos comitês de fábrica na obra construtiva do socialismo. Rocker chegou a falar sobre isso, porém sem muitos detalhes. Mas Besnard e Santillán falaram e desenvolveram mais o tema, embora de uma forma divergente. Enquanto para Besnard os comitês de fábrica deveriam ser apenas apêndices dos sindicatos, estando, na prática, submissos às decisões que deveriam ser tomadas fundamentalmente em âmbito sindical, para Santillán os comitês de fábrica deveriam ter a primazia, sendo os sindicatos seus auxiliares. Para ele, os comitês de fábrica deveriam ter o máximo de autonomia possível.

Assim, teoricamente, essa relação do sindicato com os comitês não era muito clara, não estava resolvida quando se iniciou a Guerra Civil Espanhola e o processo revolucionário. E essas ambiguidades teóricas se transpassaram para a prática. Surgiram algumas disputas entre os comitês e os sindicatos. Durante a Revolução Espanhola, alguns comitês acusaram os sindicatos de tentarem retirar dos trabalhadores a posse das empresas, de expropriá-los,

enquanto alguns sindicatos acusavam os comitês de se comportarem como se fossem “donos” das empresas. Dessa forma, por exemplo, quando da coletivização dos transportes de Barcelona, um dos problemas levantados era quem ficaria com as rendas que sobravam: a seção dos bondes queria que o lucro fosse para o caixa do sindicato, enquanto que a seção do metrô queria que os lucros fossem colocados em uma caixa comum de todas as empresas de transporte.

En esta discusión estaba, en último término, también en juego el problema surgido asimismo en otros sectores económicos referente a la autonomía de decisión de las empresas colectivizadas. Con los acontecimientos del 19 de julio y la expropiación de las empresas capitalistas, el sindicato había perdido un ámbito esencial de sus funciones – su finalidad de lucha de clases y revolucionaria – y había asumido “funciones de propietario”. No estaba clara la cuestión de a quién correspondía en último término la capacidad decisoria respecto a las empresas colectivizadas, si a los organismos sindicales o a los comités de control elegidos por los trabajadores, es decir, estaba en al aire la relación entre los comités y el sindicato. En el contexto de este problema de competencias, la cuestión del destino del dinero residual se solventó finalmente en favor del sindicato, que en los primeros nueve meses de guerra empleó en total cuatro millones de pesetas de los excedentes reunidos para financiar líneas deficitarias y pagó en el primer año de guerra un millón y medio de pesetas de impuestos a la Generalidad¹⁰⁴.

Do mesmo modo, pouco ou nada foi falado sobre o papel reservado aos comitês políticos, como os comitês de bairro ou povoado. Em geral, pensava-se que essa relação seria facilmente resolvida em proveito do sindicato que, por si só, desenvolveria todas as estruturas organizativas da nova sociedade. É claro que houve algumas exceções e alguns chegaram a falar sobre isso, como o próprio Besnard o fez ou o médico anarquista Isaac Puente¹⁰⁵, que falou um pouco sobre o que denominava de Município Livre. Mas pouco foi desenvolvido e, tal como ocorreu com os comitês de empresa, no campo político houve muitos choques entre os comitês de bairro e os sindicatos durante a Revolução Espanhola, como veremos nos próximos capítulos.

¹⁰⁴ BERNECKER, Walther L. **Colectividades y Revolución Social: el Anarquismo en la Guerra Civil Española, 1936-1939**. Barcelona: Crítica, 1982, p. 360-361.

¹⁰⁵ Isaac Puente Amestoy (1896-1936). Foi um importante médico e anarquista espanhol, autor de um dos escritos mais influentes no movimento libertário de sua época, *El Comunismo Libertário*, publicado em 1933, e que foi assinado por franquistas em setembro de 1936.

2 O FURACÃO REVOLUCIONÁRIO

2.1 Das Eleições de Fevereiro ao 19 de Julho

Como já foi exposto no capítulo anterior, na seção 1.4, após as eleições de fevereiro de 1936 a situação na Espanha foi deteriorada muito rapidamente. Atos de violência eram respondidos com mais atos de violência, entrando em uma espiral que acabaria por desembocar na guerra civil. Por essas horas, muitos membros da alta cúpula militar, em conluio com forças diversas – fascistas, carlistas, monarquistas, conservadores dos matizes –, estavam preparando secretamente um golpe de Estado, que deveria ser breve e eficaz.

Em meio a este contexto explosivo, os acontecimentos foram precipitados. No dia 12 de julho de 1936, o Tenente José del Castillo, que era um socialista e membro da Guarda de Assalto, além de integrante da União Militar Republicana Antifascista, foi morto a tiros. Para Thomas¹⁰⁶, Castillo teria assassinado o primo de José Antonio Primo de Rivera¹⁰⁷ durante um confronto que se seguiu a um funeral de um outro membro da Guarda Civil. Sua morte foi um ato de vingança. Então, dentro da lógica de violência política que havia se instalado, comparsas de Castillo decidiram vingar sua morte assassinando alguma figura importante da direita. Quem acabou sendo morto – embora não fosse a primeira pessoa da lista – foi José Calvo Sotelo, membro da Renovação Espanhola, partido de ideologia monárquica, que foi executado em 13 de julho. Sua morte causou indignação por parte da direita espanhola, já que ele era um político importante. Ainda no dia 13, o governo ordenou o fechamento das sedes centrais dos monarquistas, carlistas e anarquistas em Madri. A UGT e o PCE declararam apoio ao governo, e Prieto chefiou uma delegação de socialistas, comunistas e ugetistas que pediu que Quiroga¹⁰⁸ distribuísse armas para as organizações operárias. No dia 14, ocorreram dois enterros em Madri: o de Castillo e o de Sotelo. O primeiro foi enrolado em uma bandeira vermelha, e o segundo foi sepultado com honras fascistas. O governo suspendeu a circulação de dois jornais direitistas, argumentando que estavam fazendo sensacionalismo em relação ao assassinato de Sotelo.

¹⁰⁶ THOMAS, Hugh. **A Guerra Civil Espanhola** (2 vol.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

¹⁰⁷ José Antonio Primo de Rivera (1903-1936). Filho de Miguel Primo de Rivera, que fora ditador espanhol durante os anos 1920, foi também um dos fundadores da Falange Espanhola, o grande partido fascista espanhol. Acabou sendo preso no início da guerra civil e executado em 20 de novembro de 1936.

¹⁰⁸ Santiago Casares Quiroga (1884-1950). Foi um importante político espanhol que ocupou diversos cargos na Segunda República. Quando do golpe militar era Presidente do governo, algo equivalente ao cargo de Primeiro-Ministro, embora com algumas diferenças. Era também Ministro da Guerra e Deputado. É acusado de ter gerido mal os acontecimentos e de ter subestimado o golpe militar. Se demitiu dos cargos em 18 de julho, mantendo apenas o posto de Deputado.

Aconteceram também confrontos armados entre membros da CNT e da UGT. No dia 15, ocorreu uma reunião do Parlamento, e os monarquistas protestaram pelo assassinato de Sotelo e abandonaram a reunião, culpando o governo pelos acontecimentos. No dia 16, o governo publicou o arbítrio da greve dos construtores, que fora recusada pelos patrões. Alguns membros da UGT retornaram para o trabalho, enquanto os da CNT continuavam a greve.

No dia 17, iniciou-se o golpe militar, primeiro no Marrocos. Para Guillamón¹⁰⁹, no dia 18 um Comitê de Enlace entre a CNT, a Generalitat e os militares leais¹¹⁰ acordou que a CNT buscava parar os insurretos com apenas mil homens armados. Segundo o autor, a CNT tinha cerca de vinte mil homens que estavam organizados em comitês de defesa de bairros. Mas as negociações não avançaram e Juan Yagüe, Secretário do Sindicato de Transportes Marítimos, ainda no dia 17, assaltou navios no porto e conseguiu 150 fuzis. Tais armas se somaram às conseguidas nos dias posteriores. Isso gerou conflitos com os agentes da ordem, que exigiam sua devolução, e a militância chegou a ameaçar Durruti e García Oliver, por estarem muito conciliadores. A pugna foi resolvida com os cenetistas entregando algumas armas velhas e inúteis. A essa altura, o levante havia estalado também em outras regiões da Espanha¹¹¹. Os insurretos apresentaram a rebelião como fruto da incapacidade do governo republicano de resolver o problema da violência política, e que teriam sido levados a isso por conta do assassinato de Sotelo e por não terem outra alternativa diante de um regime que caminhava para os massacrar. No entanto, cabe lembrar que as negociações e preparações para o levante militar haviam começado meses antes, principalmente após a derrota eleitoral da direita, o que acaba por desmentir essa argumentação.

Iniciado o levante, o Estado republicano ficou privado de uma grande quantidade de militares para sua defesa, visto que muitos deles se rebelaram contra o governo. Para Pierre Vilar¹¹², a república ficou com dois ou três mil oficiais militares, enquanto os insurretos ficaram com o restante dos outros 16 mil oficiais, além dos Corpos coloniais – e isso descontando a ajuda militar recebida da Alemanha e da Itália, sem o qual dificilmente o golpe poderia ter tido êxito. Quiroga, subestimando o golpe de Estado, quando perguntado por jornalistas o que faria diante do levante militar, respondeu em tom de deboche: “Eles se levantaram? Bom. Vou dormir”.

¹⁰⁹ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936**. Barcelona: Aldarull, 2013.

¹¹⁰ Isso demonstra que durante a fase de lutas nas ruas da Catalunha já havia um processo de colaboração entre a Generalitat e a CNT, além dos agentes da ordem.

¹¹¹ A travessia das tropas do Marrocos para a Península Ibérica foi feita via aérea, sendo este o primeiro caso de constituição de uma ponte aérea da história.

¹¹² VILAR, Pierre. **A Guerra da Espanha**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Inicialmente, o governo republicano buscou negociar com os insurretos, enquanto as organizações operárias pediam que as armas fossem distribuídas aos trabalhadores para que esses pudessem resistir. Mas o governo receava distribuir armas aos operários e ter de enfrentar uma revolução armada, o que era quase certo, e parecia temer mais uma revolução do que o fascismo. Diante da indecisão do governo, alguns trabalhadores chegaram a invadir depósitos de armas para tomá-las, com alguns êxitos, como o já citado caso de Juan Yagüe. No entanto, sem escolha diante do levante dos militares, o governo decidiu então distribuir armas às organizações operárias – mas essa demora por parte do governo para distribuir armas custou caro para algumas regiões, que caíram nas mãos dos insurretos porque os trabalhadores não obtiveram os meios de os deter. Assim, destacamentos de trabalhadores armados iniciaram confrontos com os insurretos. Começaram a surgir milícias formadas por partidos e sindicatos, que eram constituídas, armadas e enviadas para o combate completamente sob seu controle. Por isso, neste momento, falava-se muito em centúrias: centúria da construção, centúria de mineiros etc., pois eram forças militares formadas por seus sindicatos. Essas milícias foram sendo armadas ainda mais conforme iam derrotando os militares e estes iam se entregando. Cabe ressaltar, no entanto, que todas as organizações que se colocaram contra o golpe militar tiveram suas milícias, sejam essas organizações sindicais ou partidárias, seja de ideologia anarquista, socialista, comunista ou republicana.

Em cada região da Espanha, os combates se deram de uma forma diferente, com resultados diferentes também. Em muitos locais, como na região da Catalunha, a região mais industrializada da Espanha, os insurretos foram derrotados após alguns dias de combates. Invadidos os quartéis, os milicianos, em sua maioria organizados na CNT e na FAI, que praticamente monopolizavam o movimento operário nesta região, se fizeram donos das ruas. Nos combates em Barcelona, alguns anarquistas famosos foram mortos, sendo Francisco Ascaso¹¹³ o mais conhecido deles.

Derrotando os militares em Barcelona, imediatamente as milícias buscaram bater os insurretos em regiões onde ainda não haviam sido batidos ou tinham triunfado. Um desses lugares era a cidade de Zaragoza, tão cobiçada pelos anarquistas. Isso porque esta cidade era um baluarte libertário, e surpreendentemente acabou caindo nas mãos dos militares, principalmente por conta de vacilações na distribuição de armas. Assim, quando em Barcelona a insurreição foi derrotada, vários sindicatos anarquistas formaram rapidamente suas milícias e

¹¹³ Francisco Ascaso Abadía (1901-1936). Foi um importante anarquista espanhol, cuja família também era muito envolvida com o anarquismo, tendo participado de diversas lutas históricas da classe trabalhadora espanhola. Morreu logo no início dos conflitos em Barcelona, após ser atingido por um tiro na cabeça durante o assalto ao Quartel de Atarazanas, em 20 de julho.

partiram em direção à Zaragoza, tomando uma série de territórios que estavam no meio do caminho. Desse modo, no início da contenda militar, o principal objetivo dos anarquistas era a tomada da capital aragonesa.

Mas paralelamente aos combates militares, foi iniciado um processo revolucionário de grande envergadura, cuja grande característica foi a tomada dos meios de produção e sua gestão de forma direta pelos próprios trabalhadores, que era denominado na época de “coletivização” e nos dias de hoje normalmente se diz “autogestão”. Esta foi iniciada de duas formas. Uma delas ocorreu após o fim da greve geral que fora decretada com o início dos combates. Muitos trabalhadores voltaram para seu local de trabalho e se depararam com a fuga dos antigos donos e seus comparsas, por estarem implicados na tentativa de golpe militar. Assim, os trabalhadores ficaram diante de uma situação em que a única saída, para tentar continuar suas vidas, seria que eles mesmos assumissem as empresas, o que foi feito em muitos locais. Mas não foi somente dessa maneira que as coletivizações tiveram seu início – na verdade, a maioria delas não o foi. Em muitos locais, os patrões não fugiram e nem estavam implicados na tentativa de golpe, mas destacamentos de trabalhadores revolucionários e armados acabaram por coletivizar tais propriedades, pois sentiam que havia chegado o momento de realização da utopia. Essas coletivizações feitas por destacamentos armados podiam ser formadas de maneira pacífica ou violenta, muitas vezes envolvendo até a morte do antigo patrão e de seus comparsas. O que determinava a sorte dos antigos proprietários eram as relações anteriores ao início do processo revolucionário, sendo que os mais violentos foram os que sofreram os piores castigos¹¹⁴. Mas cabe ressaltar também que ocorreram coletivizações feitas de forma completamente pacífica, inclusive com a incorporação dos antigos donos ou comparsas na nova empresa coletivizada. Às vezes, isso ocorria com algum tipo de sanção, como não poder ascender aos cargos de gestão, não ter voz ou voto nas assembleias. Entretanto, em alguns casos os antigos donos tinham exatamente os mesmos direitos dos demais. O que explicava isso, mais uma vez, eram as relações anteriores existentes dentro da empresa. Chegou-se, inclusive, a ter empresas coletivizadas cuja iniciativa pela coletivização partiu dos patrões, como foi o caso da Federação de Patrões de Perucarias e Barbeiros de Barcelona e Povos Limítrofes – que detalharemos no

¹¹⁴ Cabe destacar aqui as péssimas condições de trabalho e de vida dos trabalhadores espanhóis neste período. Não eram incomuns os trabalhadores sofrerem castigos físicos no trabalho, todo tipo de assédio moral e negligência, que tinham como resultado, por exemplo, um altíssimo índice de acidentes de trabalho, sendo que muitos resultavam na morte do trabalhador. E eram essas condições, aliadas aos baixos rendimentos e à impossibilidade de resolver os conflitos de forma pacífica – mediante os mecanismos de mais-valia relativa –, que explicam esse ódio que os trabalhadores nutriam em relação a seus exploradores, resultando na violência contra os patrões e seus comparsas mais déspotas durante o processo de coletivização.

último capítulo –, que contactou o sindicato cenetista da categoria e propôs a coletivização, o que acabou ocorrendo.

Surgiram também logo no início dos conflitos os comitês revolucionários de bairro, que se formaram com a derrocada do poder republicano, principalmente na Catalunha. Os comitês de bairro assumiram a gestão política e social de seu perímetro. Eles controlavam quem entrava e quem saía de sua localidade, cobravam “impostos revolucionários”, ajudavam na formação de milícias, perseguiram os reacionários que estavam dentro de sua localidade etc. E esses comitês revolucionários de bairro, que se originaram a partir dos comitês de defesa da CNT, tinham um funcionamento assembleário e estavam profundamente enraizados nos sindicatos e trabalhadores de seu perímetro. Eles representavam o autêntico órgão de “poder popular”. Assim Guillamón os definiu:

Esos comités revolucionarios locales se habían constituido en auténticos estados-ciudad, o comités-gobierno, estableciendo multas y tributos, enrolando milicianos para el frente, formando patrullas de control para imponer su autoridad, realizando obras públicas financiadas con impuestos revolucionarios para resolver el paro masivo, expropiando fábricas y talleres que eran colectivizados, imponiendo un nuevo modelo educativo racionalista, incautando edificios y alimentos, comprando armas en el extranjero, sosteniendo hospitales y comedores gratuitos, y un largo etcétera. Los ayuntamientos habían sido sustituidos por esos comités locales, arrebatando a la Generalidad la menor influencia. [...]. Las consignas del CCMA [Comité Central de Milicias Antifascistas] eran acatadas por los comités locales y de barrio si no eran contrarias a los intereses revolucionarios, pero encontraban enormes resistencias cuando se consideraba que eran fruto del compromiso con la burguesía y el gobierno de la Generalidad. Al mismo tiempo el CCMA tenía que contar con esos comités locales, si quería que se hicieran realidad sus mandatos. El conflicto interno de los dirigentes de la CNT-FAI, entre los partidarios y los contrarios a la colaboración, se extendía a las problemáticas relaciones entre el Comité Central y los organismos revolucionarios locales. El gobierno de la Generalidad se limitaba a legalizar la realidad social y económica de las colectivizaciones y “conquistas revolucionarias”, como único medio de ir adquiriendo un prestigio y aceptación del que carecía. El CCMA apenas podía gobernar, ni disponer nada, fuera de la ciudad de Barcelona, sin la aceptación y colaboración de los comités locales, o los sindicatos. La debilidad de éstos radicaba en la imposibilidad de consolidarse como un auténtico poder alternativo, a escala de toda Cataluña, sin el apoyo coordinador y centralizador de una organización obrera, y mucho menos en cuenta de todas las organizaciones existentes¹¹⁵.

Milícias populares, empresas autogeridas e comitês de bairro – ou de cidade ou povoado¹¹⁶ –, além dos sindicatos, representavam a base na qual se assentava a Revolução Espanhola.

¹¹⁵ GUILLAMÓN, Agustín. **Los Comités de Defensa de la CNT en Barcelona (1933-1938)**. Barcelona: Aldarull, 2011, p. 119-120.

¹¹⁶ Nas cidades pequenas ou em povoados, o comitê revolucionário abarcava todo o perímetro da localidade, não estando, portanto, dividido em bairros, como ocorriam nas cidades maiores.

2.2 Do 19 de Julho ao Colaboracionismo

Sendo a principal força política da Catalunha, especialmente em Barcelona, os anarquistas logo tomaram a linha de frente na luta contra os insurretos. O principal periódico dos libertários catalães, e também o jornal mais lido na Espanha durante este período, era o *Solidaridad Obrera*. Ele teve seu número 1.330 publicado no dia 19 de julho, e a edição 1.331 publicada no dia 22 de julho. Esse hiato se deu por conta dos combates nas ruas de Barcelona, que tornaram impossível sua produção e distribuição. No entanto, no dia 20 de julho houve uma publicação especial, espécie de suplemento, que saiu sem número e, segundo Guillamón¹¹⁷, com data errada – está grafado 21 de julho –, em virtude da pressa que foi feito. Neste suplemento, já aparecem os primeiros chamamentos de resistência contra o fascismo. Escreveu a Confederação Regional do Trabalho da Catalunha¹¹⁸ – CRTC – em dita edição: “Hay un enemigo común bien delineado: el fascismo. Contra él luchamos a él tenemos que aplastar. No hay ni más ni menos. Que cuantos actos se realicen tiendan a lograr este objetivo: aplastar el fascismo; hundir a la reacción¹¹⁹”. Percebe-se neste trecho que não há palavras de ordem em prol da coletivização dos meios de produção, mas apenas consignas antifascistas. E essa foi a tônica desde o início nas organizações anarquistas. Não aconteceram chamamentos oficiais para que se empreendesse às coletivizações, embora se tenha falado em revolução desde o início. As coletivizações empreendidas foram feitas pela base, sem esperar qualquer consigna dos dirigentes, que se dedicaram quase que exclusivamente à luta contra o fascismo. Pedia também o Comitê Regional que os militantes e a população em geral obedecessem apenas suas consignas:

Responsables en la gravedad de los momentos que se atraviesan, encarecemos a todos los confederados y al pueblo en general de Barcelona y de Cataluña, sean ordenados en la actuación a seguir, ateniéndose al cumplimiento de todas las consignas que emanen de este Comité¹²⁰.

Ainda no dia 20, após os insurretos serem derrotados em Barcelona, os anarquistas se tornaram os donos das ruas e estavam armados. A situação em outras localidades da Catalunha também era favorável. Assim, a questão que lhes indagava neste momento era quais os

¹¹⁷ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936**. Barcelona: Aldarull, 2013.

¹¹⁸ A Confederação Regional do Trabalho da Catalunha é a seção catalã da CNT.

¹¹⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **En la hora grave que se atraviesa, se impone que cada cual se atenga exclusivamente a las consignas generales de este comité**. Barcelona, 21 jul. 1936, p. 1.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 1.

próximos passos a serem dados – fora a tomada de Zaragoza, que já foi colocado. García Oliver, em suas memórias, assim qualificou este dia: “Fue el día de la gran victoria. Fue el día que empezó la gran derrota¹²¹”.

Ainda segundo Oliver¹²², Companys telefonou para a secretaria do Comitê Regional da CNT da Catalunha para que mandassem uma comissão para falar com ele. Fazia algumas horas que Ascaso havia morrido, junto com outros tantos militantes cenetistas que se bateram pelas ruas de Barcelona com os insurretos. A CNT resolveu atender ao pedido de Companys e enviou uma delegação formada por Oliver, José Asens, Aurelio Fernández, e Durruti. Todos pertenciam ao Comitê de Defesa Confederal da Catalunha. Estava presente também Diego Abad de Santillán, pela FAI. Chegando no Palácio da Generalitat, ainda segundo as memórias de Oliver¹²³, Companys reconheceu que os anarquistas eram os donos da Catalunha, pois tinham sido eles os responsáveis pela derrota dos insurretos, eram majoritários e estavam armados. Sendo os donos da cidade poderiam, então, optar por o dispensar ou admitir sua colaboração na luta contra o fascismo, e Companys disse que se julgava útil para tal tarefa. Afirmou também que ele, Companys, havia perseguido os anarquistas injustamente em épocas anteriores e que, nesse dia, um passado de vergonha havia morrido. Completou destacando o desejo de que a Catalunha marchasse à frente dos países mais adiantados em matéria social e que, como Presidente da Generalitat, estava disposto a assumir a responsabilidade para que todos se unissem em um Comitê Central de Milícias Antifascistas. E para mostrar isso ele passou à sala ao lado onde estavam reunidos líderes de várias organizações: Comorera, da União Socialista da Catalunha¹²⁴, Vidiella, do Partido Socialista Operário Espanhol, Ventura Gassol, da Esquerda Republicana, Pey Poch, da Ação Catalã¹²⁵, Andrés Nin, do POUM¹²⁶, e Calvet, da União de Rabassaires¹²⁷. Depois de saldar a todos, Oliver teria dito a Companys que

¹²¹ OLIVER, Juan García. **El Eco de los Pasos**. Barcelona: Ruedo Ibérico, 1978, p. 176.

¹²² Ibidem.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ A União Socialista da Catalunha se fundiu com o Partido Comunista da Catalunha logo nos primeiros dias da guerra civil, formando o Partido Socialista Unificado da Catalunha, PSUC, que era a seção da III Internacional na Catalunha.

¹²⁵ Partido político de tendência nacionalista catalã.

¹²⁶ Partido Operário de Unificação Marxista. Pequeno, mas importante partido político que tinha como premissa a reunião de todos os marxistas dissidentes do regime moscovita. É comum, embora errôneo, classificar o POUM como trotskista. Isso porque seus principais dirigentes, Joaquim Maurín e Andrés Nin, tiveram uma passagem pelo trotskismo, mas o partido era mais amplo, abarcando marxistas que não eram stalinistas nem trotskistas. O próprio Trotsky chegou a fazer críticas ao partido.

¹²⁷ Rabassaire era a denominação que se dava aos arrendatários de terras, principalmente os ligados à viticultura. Estes então criaram a União de Rabassaires, que era seu sindicato, sendo a principal organização sindical no campo catalão em meados da década de 1930. Suas ideias foram mudando ao longo do tempo, mas podemos dizer que, em geral, propugnava pela pequena propriedade com exploração familiar. Por esse motivo, ocorria um choque entre os grandes proprietários que fizeram oposição às coletivizações levadas a cabo pela CNT, aproximando-se

fora até o Palácio apenas para escutar, bem como não poderia decidir nada, mas prometia passar a mensagem para o Comitê Regional, e assim que saísse um acordo ele seria comunicado.

O Comitê Regional, em uma rápida deliberação, aceitou a proposta de Companys provisoriamente, com a condição de se acordar a participação de cada setor, e deixando claro que a resposta definitiva seria dada apenas após a resolução de uma Plenária de Locais e Comarcais, que se reuniria dia 21¹²⁸. Na tarde do mesmo dia 20, foi celebrada a primeira reunião do Comitê de Milícias Antifascistas da Catalunha, embora tenha sido, ainda segundo as memórias de Oliver, uma reunião informal, contando com as seguintes presenças: José Tarradellas, Artemio Aiguader e Jaime Miratvilles, da Esquerda Republicana da Catalunha, Rafael Vidiella, da UGT e PSOE, e Gorkin, do POUM, além do próprio Oliver. Segundo este, ainda, se acordou excluir o Comitê do Estat Català¹²⁹ porque a Esquerda considerava que seu chefe, Dencás, era agente fascista, e estava na Itália. Oliver disse que uma proposta sua velava pelo equilíbrio no Comitê de Milícias, ficando a distribuição dos cargos da seguinte maneira: três postos para a CNT, UGT e Esquerda, dois postos para a FAI, um posto para a Ação Catalã, POUM, socialistas e rabassaires.

O Comitê de Milícias foi estruturado de fato na reunião do dia 26, sendo dividido em vários Departamentos que, por sua vez, eram segmentados em subdepartamentos, e ficou com a seguinte composição: García Oliver ocupou o Departamento de Guerra, Santillán o Abastecimento de Milícias, Aurélio Fernández o Departamento de Investigação, que controlava a “polícia revolucionária”. Marcos Alcón ficou com Seção de Transportes, em substituição a Durruti¹³⁰. Josep Miret e Juan Pons ficaram com as Milícias Comarcais, Miratvilles com a Propaganda e Josep Torrents com os Abastecimentos. Aurelio Fernández ficou com o Departamento de Investigações, Juan Pons Garlandí com o Departamento de Autorizações e Permissões, Artemi Aguadé com a Saúde de Guerra, e Josep Tarradellas se encarregou do Departamento de Economia e indústrias de guerra. Existiam também os assessores militares e outros cargos menores.

da Esquerda e do PSUC. Os Rabassaires participaram do Comitê de Milícias, da Generalitat e de outros órgãos de poder na Catalunha.

¹²⁸ Aqui vale um esclarecimento. Segundo as memórias de García Oliver, essa reunião teria acontecido no dia 23, mas Guillamón afirma que ela teria ocorrido no dia 21. Comparando datas e acontecimentos, o mais provável é que ela tenha sido realizada mesmo no dia 21.

¹²⁹ O Estat Català é um partido político da Catalunha. Sua grande característica é o nacionalismo catalão, e sua grande bandeira é a independência da região. Abrigava, na época da guerra civil, algumas facções internas, inclusive tendências de extrema direita, motivo pelo qual foi considerado um partido fascista, que se chocava com os franquistas apenas porque sua lealdade era para com a Catalunha, e não para com a Espanha.

¹³⁰ Em uma reunião do Comitê de Milícias, foi acordado que, para conter a ameaça fascista, era preciso mandar tropas para Aragão, que deveria reconquistar Zaragoza e depois Huesca. Após a aprovação de tal proposta, Durruti quis comandar a primeira coluna, o que foi aceito. Assim, ele acabou deixando o Comitê de Milícias e foi substituído.

A primeira declaração pública do Comitê de Milícias foi a seguinte:

Constituido el Comité de las Milicias Antifascistas de Cataluña, de acuerdo con el decreto publicado por el Gobierno de la Generalidad de Cataluña en el “Boletín Oficial” del día de hoy, ha tomado los siguientes acuerdos, el cumplimiento de los cuales obliga a todos los ciudadanos: 1° Se establece un orden revolucionario para el mantenimiento del cual se comprometen todas las organizaciones que integran el Comité. 2° Para el control y vigilancia, el Comité ha nombrado los equipos necesarios para hacer cumplir rigurosamente las órdenes que del mismo emanen. A este objeto los equipos llevarán la credencial correspondiente, que hará efectiva su personalidad. 3° Estos equipos serán los únicos acreditados por el Comité. Todo aquel que actúe al margen será considerado faccioso y sufrirá las sanciones que el Comité determine. 4° – Los equipos de noche serán especialmente rigurosos contra aquellos que alteren el orden revolucionario. 5° – Desde la una hasta las cinco de la madrugada, la circulación quedará limitada a los siguientes elementos: a) A todos los que acrediten pertenecer a cualquiera de las organizaciones que constituyen el Comité de Milicias. b) Las personas que vayan acompañadas de alguno de estos elementos y que acrediten su solvencia moral. c) Los que justifiquen en el caso de fuerza mayor que les obligase a salir. 6° – Con objeto de reclutar elementos para las Milicias Antifascistas, las organizaciones que constituyen el Comité quedan autorizadas para abrir los correspondientes centros de alistamiento y entrenamiento. Las condiciones de este reclutamiento serán detalladas en un Reglamento interior. 7° – El Comité espera que, dada la necesidad de constituir un orden revolucionario para hacer frente a los núcleos fascistas, no tendrá necesidad para hacerse obedecer de recurrir a medidas disciplinarias¹³¹.

O Comitê de Milícias teve uma duração breve, porém foi bastante importante. Os choques entre os cenetistas e as demais forças foram constantes durante todo o período de sua existência, mas sempre eram contornados tanto pelo fato dos cenetistas evitarem confrontos mais pesados – embora algumas vezes eles tenham ameaçado dissolver o Comitê de Milícias – quanto pelas outras forças estarem cientes de que neste momento eram dependes dos anarquistas, já que estes detinham o poder de fato. No entanto, o Comitê de Milícias, apesar de se apresentar e ser apresentado como um órgão revolucionário, era na verdade uma organização de colaboração de classes, como pode ser visto pela sua composição, cuja missão era organizar a contenda militar na frente de batalha e na retaguarda. Como uma expressão política da “nova ordem”, o Comitê de Milícias passava ao largo da questão de organizar uma economia coletivista e socialista, embora setores dentro do Comitê de Milícias fossem abertamente pró-coletivistas e apesar de que, neste momento, as forças contrárias às coletivizações não estavam em condições de as deter, seja dentro do Conselho de Milícias ou fora dele.

¹³¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Bando del Comité de las Milicias Antifascistas de Cataluña**. Barcelona, 22 jul. 1936, p. 3.

Dia 21 houve a já mencionada Plenária Regional de Locais e Comarcais de Sindicatos, na Casa CNT-FAI¹³², cujo assunto foi a continuidade ou não no Comitê de Milícias. Segundo Oliver¹³³, todo mundo ostentava armas, até pessoas do Comitê estavam com um fuzil entre as pernas. As armas eram vistas como o símbolo do poder dos trabalhadores, a suprema garantidora de que a revolução seguiria avançando. A primeira delegação a falar foi a do Baix Llobregat, representada por José Xena¹³⁴. Este propôs a retirada dos delegados do Comitê de Milícias e que se fosse à implementação do comunismo libertário, que era a meta final da CNT. Conforme Oliver¹³⁵, ainda, ele próprio foi o segundo a falar, dizendo que o Baix Llobregat tinha um sentimento de culpa e que as demais organizações não acreditavam que o Comitê de Milícias pudesse ser mais do que um Comissariado de Polícia de segunda classe, o que seria demonstrado pelo fato de somente a CNT e a FAI terem enviado para esta organização seus homens mais destacados. Encerrou sua fala propondo “ir com tudo” e terminar o que se iniciou em 18 de julho. O próximo a falar foi Federica Montseny¹³⁶, que disse que “ir com tudo” significava a imposição de uma “ditadura anarquista” e, portanto, ia contra os princípios libertários. A seu ver, os anarquistas deveriam fazer parte do Comitê de Milícias e, depois que os militares fossem derrotados, deveriam abandonar o Comitê, retornando para a organização e a propaganda anarquista. Santillán, então, tomou a fala. Este disse que os anarquistas não perderiam nada estando no Comitê de Milícias colaborando com as outras forças antifascistas, e que a tentativa de “ir com tudo” provocaria uma intervenção estrangeira. Outro a deter a palavra foi Marianet¹³⁷, que defendeu a manutenção dos anarquistas no Comitê de Milícias, já que “ir com tudo” era o equivalente a uma ditadura. Então, o Baix Llobregat interveio novamente, pedindo que se retirasse os delegados anarquistas do Comitê de Milícias. E Oliver

¹³² Casa CNT-FAI foi como ficou conhecido o prédio em que se instalaram diversos comitês anarquistas em Barcelona durante a guerra civil. Tal edifício era a sede do Fomento do Trabalho Nacional, principal organização patronal da Catalunha na época, e foi ocupado pelos anarquistas no início da contenda militar.

¹³³ OLIVER, Juan García. **El Eco de los Pasos**. Barcelona: Ruedo Ibérico, 1978.

¹³⁴ José Xena i Torrents (1907-1988). Foi um importante anarquista catalão que, inicialmente, se colocou contra a colaboração dos anarquistas com as outras forças. No entanto, após sua proposta ser derrotada, acabou por ser absorvido para a colaboração, chegando mesmo a ostentar o cargo de prefeito de L’Hospitalet de Llobregat entre fins de 1936 e início de 1937.

¹³⁵ OLIVER, Juan García. **El Eco de los Pasos**. Barcelona: Ruedo Ibérico, 1978.

¹³⁶ Federica Montseny i Mañé (1904-1994). Foi uma importante anarquista espanhola, filha também de dois importantes anarquistas, conhecidos como Federico Urales e Soledad Gustavo. Montseny militou no movimento libertário e foi uma das promotoras do colaboracionismo adotado pela CNT, chegando mesmo a ser nomeada Ministra da Saúde e Assistente Social em novembro de 1936, ficando no cargo até maio de 1937. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministro na Espanha e uma das primeiras em toda a Europa.

¹³⁷ Mariano Rodríguez Vázquez (1909-1939). Foi um destacado anarquista que desempenhou um importante papel durante a guerra civil. Quando da irrupção do golpe militar, ele era Secretário do Comitê Regional da CNT catalã, se tornando Secretário Geral da CNT entre novembro de 1936 e fevereiro de 1939. Marianet, como era conhecido, foi um dos grandes partidários da colaboração cenetista com as outras forças existentes na Espanha durante a guerra civil. Quando terminou o conflito ele conseguiu fugir para a França, onde acabou presumidamente morrendo afogado em um acidente numa praia, embora alguns levantem a hipótese de assassinato.

falou pela segunda vez, dizendo que sua proposta não tinha nada de ditatorial, sendo esta uma interpretação dos companheiros. Terminou pedindo que se implantasse o comunismo libertário. Com isso, a questão foi para a votação e apenas o Baix Llobregat votou contra a permanência no Comitê de Milícias, vencendo o adiamento da revolução. Oliver observou em suas memórias que uma coisa que chamou a atenção foi que Durruti ficou calado, o que não era comum, pois normalmente ele defendia o ponto de vista do grupo Nosotros¹³⁸. Para Guillamón¹³⁹, isso aconteceu porque ambos pensavam que a revolução deveria ser adiada até a tomada de Zaragoza. Em suas memórias, concluiu Oliver:

No salía de mi asombro. Acababa de celebrarse el Pleno de locales y comarcales más insólito. Unos delegados, convocados urgentemente y desconocedores de lo que iba a tratarse en aquel Pleno, acababan de adoptar acuerdos que tiraban por la borda todos los acuerdos fundamentales de la CNT, ignorando de paso lo más elemental de su historia de organización fuertemente influida por los radicalismos del anarquismo. Y habían sido elementos de la FAI los que la impulsaban a posiciones tan reformistas que ni siquiera los “treintistas” se hubieran atrevido a enunciar, quienes, por cierto, no habían intervenido en la discusión ni adoptado posición. Muchos de ellos, despejada la incógnita de vencer al ejército, hubieran suscrito la propuesta de ir a por el todo, siempre que significase, como yo había defendido, que sería la CNT, con sus órganos sindicales, la que lo afrontase. **Entre la revolución social y el Comité de Milicias, optaba la Organización por el Comité de Milicias.** Habría que dejar que fuera el tiempo el que decidiera sobre quién tenía razón, si ellos, la mayoría del Pleno, con Santillán, Marianet y Federica y su grupo de anarquistas antisindicalistas como Eusebio Carbó, Felipe Alaiz, García Birlan, Fidel Miró, José Peirats y otros, o la Comarcal del Bajo Llobregat que conmigo sostenía la necesidad de ir adelante con la revolución social, en una coyuntura que nunca se había presentado antes tan prometedora¹⁴⁰.

Assim, seguindo Guillamón¹⁴¹, pela primeira vez na história uma revolução que saíra vitoriosa na rua acabou sendo derrotada politicamente. Renunciou-se a implementação do programa que fora debatido e perseguido por décadas de lutas, e pelo qual muitos dos seus melhores e mais aguerridos militantes haviam dado a vida.

Ainda no dia 21, a Generalitat criou as Milícias Cidadãs, via decreto¹⁴². Estas seriam milícias controladas pelo governo catalão para lutar contra os insurretos e que estariam sob seu controle, embora nela se admitiria a participação de representantes das organizações operárias. Isso era uma tentativa de recuperar o controle sobre a ordem pública, buscando trazer para si o

¹³⁸ O grupo Nosotros era um grupo interno da FAI que reunia vários dos mais importantes anarquistas daquele momento, e que tinha muita influência dentro da organização.

¹³⁹ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936.** Barcelona: Aldarull, 2013.

¹⁴⁰ OLIVER, Juan García. **El Eco de los Pasos.** Barcelona: Ruedo Ibérico, 1978, p. 188, grifo nosso.

¹⁴¹ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936.** Barcelona: Aldarull, 2013.

¹⁴² BUTLLETÍ OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Dimarts, v. 3, n. 203, 21 jul.1936. p. 633-634.

comando das tropas que se debatiam no campo de batalha. Tal intento demonstra o quanto a Generalitat não estava disposta a perder poder para o Comitê de Milícias, mesmo que, inicialmente, ela não pudesse prescindir dele, uma vez que os anarquistas eram os donos das ruas e não havia como a Generalitat recompor seu poder sem sua colaboração. Mas tal tentativa foi infrutífera na medida em que foi transbordada pelo Comitê de Milícias.

No dia 22 de julho, saiu pela primeira vez um número oficial do Soli depois do início do conflito militar. Nele, já estava uma série de questões e concepções que se desenvolveriam e seriam o centro de disputas entre os anarquistas ou as demais forças e entre as correntes anarquistas. Na capa do dito periódico, aparecia estampado que se estava no quarto dia da revolução. Falava também quais medidas deveriam ser tomadas contra os “paqueos”, que era o termo usado para designar os atiradores que estavam escondidos principalmente em locais altos, como telhados e edifícios, e que ficavam disparando nas pessoas a partir de sua posição privilegiada. Os hospitais figuravam como um dos seus alvos, o que mostrava a barbárie fascista, já que, como colocou dito periódico, agredia “[...] un edificio como el Clínico, que son considerados inviolables y neutrales hasta en las guerras más cruentas¹⁴³”. O periódico clamava para que estes “paqueos” fossem abatidos sem piedade, mas também alertava que não se devia ficar atirando a ermo, sendo necessário primeiro localizar sua posição exata para depois o abater. No mesmo número do Soli ainda, se clamou que “Nadie nos arrebatará las armas; antes moriremos con ellas en las manos¹⁴⁴”, e fez um chamado aos trabalhadores: “¡Pueblo trabajador! ¡Permanece preparado! ¡Organizate en las milicias, no entregues armas ni municiones!¹⁴⁵”. Isso já anunciava confrontos futuros entre milicianos revolucionários e a Generalitat, que não havia desaparecido com o início do processo revolucionário, embora tenha perdido seu poder real. No mesmo número ainda, o Comitê Regional e a Federação Local de Sindicatos Únicos de Barcelona publicaram um chamamento contra os saques, tão comuns em situações como a que a Espanha estava atravessando.

Somos revolucionarios. Tenemos ideales propios. Pero no somos ladrones, ni beodos, ni gente irresponsable. Que así lo entiendan todos. Contra el fascismo, arma al brazo. Pero contra los desaprensivos y golfos, también¹⁴⁶.

¹⁴³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Criminal agresión al hospital clínico**. Barcelona, 22 jul. 1936, p. 1.

¹⁴⁴ Idem. **Nadie nos arrebatará las armas; antes moriremos con ellas en las manos**. Barcelona, 22 jul. 1936, p. 2.

¹⁴⁵ Idem. **¡Al Pueblo trabajador!** Barcelona, 22 jul. 1936, p. 3.

¹⁴⁶ Idem. **A todos los sindicatos, compañeros y grupos**. Barcelona, 22 jul. 1936, p. 3.

Já no Soli do dia 23, se falou bastante dos combates em outras regiões da Espanha. Foi também publicado um manifesto dos Comitês Regional e Local da CNT em que pediam a colaboração dos técnicos.

En estos momentos graves y culminantes, los técnicos de todas las profesiones deben estrechar su contacto con el proletariado para un trabajo en común. Los proletarios del músculo y del cerebro, partes coaligadas de un mismo proceso económico, deben darse la mano. Ningún momento tan oportuno como este. Los técnicos de todas las profesiones deben aportar su esfuerzo y su conocimiento a las múltiples necesidades creadas por la situación especial en que se debate el pueblo español, y a las necesidades que han de presentarse¹⁴⁷.

Esse chamamento foi feito porque os comitês cenetistas estavam convocando a todos para a retomada da produção, e acreditavam que a utopia almejada se realizaria agora de forma inevitável, como fica claro neste trecho abaixo. Isso apesar de que, de modo contraditório, como já foi colocado anteriormente, não se tenha feito nenhuma chamada para a coletivização generalizada dos meios de produção.

El porvenir libertario del pueblo español se realizará inexorablemente. Hay una gradación ascendente en la intensidad y extensión de los esfuerzos realizados. La insurrección de diciembre [de 1933] fue superior a la de enero [de 1933]. Octubre [de 1934] representa un esfuerzo mayor que diciembre [de 1933] en la lucha por la liberación. Pero en julio [de 1936] heroico de Barcelona supera todas esas fechas y plantea a fondo el problema de la reconstrucción revolucionaria de la sociedad. El problema de la administración económica a cargo del proletariado, que excluye la tutela parasitaria del capitalismo y la opresión del Estado suplantando *al gobierno de los hombres por la administración de las cosas*¹⁴⁸.

Em um outro artigo, na mesma edição e na mesma página, também se chamou pela reconstrução econômica sob novas bases e, para isso, pediu a volta e a intensificação do trabalho:

El movimiento revolucionario está llegando a su hora constructiva. Es necesario que nos percatemos todos de que tras la acción revolucionaria, vencido el fascismo, nos resta por realizar una labor no menos eficaz, aunque de tónica muy distinta. La única manera de encauzar el movimiento hacia una finalidad ampliamente social y sólidamente constructiva, es organizar la economía proletaria, para lo cual es necesario, con carácter de urgencia, volver al trabajo e intensificar la producción en fábricas y talleres, que deben pasar desde este instante al poder exclusivo de la clase productora, como primer paso hacia un régimen obrero sin ningún control de la burguesía¹⁴⁹.

¹⁴⁷ Idem. **Al proletariado y a los técnicos de Barcelona y Cataluña. Una sola consigna en estos momentos decisivos: acción y acción hasta aplastar los últimos focos de la rebelión fascista.** Barcelona, 23 jul. 1936, p. 4.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 4.

¹⁴⁹ Idem. **Tras el hecho revolucionario, la hora constructiva.** Barcelona, 23 jul. 1936, p. 4.

Segundo Guillamón¹⁵⁰, neste mesmo dia 23 houve uma plenária conjunta da CNT e da FAI, em que se discutiu a entrada no Comitê de Milícias e a resistência que o processo de colaboração gerou entre os trabalhadores de base. Tal plenária foi feita pela cúpula da CNT e da FAI, sem a participação ativa da base, o que se tornaria cada vez mais comum durante o processo revolucionário espanhol, em parte por conta da necessidade de se tomar decisões rapidamente. Guillamón¹⁵¹ destaca ainda que no mesmo dia o Comitê de Milícias decidiu criar o Comitê de Abastecimentos, que foi um importante complemento na luta contra os insurretos, já que tinha como função organizar o setor de alimentação na retaguarda e abastecer as milícias no front.

A necessidade de organizar os Abastecimentos foi sentida desde o início. Quando se começou o processo de luta nas ruas de Barcelona e em outras partes da Catalunha, Aragão e demais regiões, foram formadas milícias a partir das organizações operárias, que tinham como base não militares de carreira, e sim trabalhadores comuns que estavam organizados principalmente em sindicatos. Desse modo, muitos deles abdicaram de trabalhar para arriscar suas vidas na luta contra o fascismo, deixando para trás seus familiares, muitos dos quais não tinham como se sustentarem sozinhos. E acrescente a isso que os milicianos só foram receber um soldo da Generalitat a partir da segunda quinzena de setembro – antes eram os comitês locais, de bairro e os sindicatos que o faziam –, e a muito custo, pois eles se negavam a recebê-lo, já que repudiavam o militarismo e não se consideravam soldados, e sim revolucionários em armas, sendo que muitos deles só foram convencidos a receberem o soldo com o argumento que ele iria servir para seus familiares na retaguarda. É neste contexto que o Comitê de Abastecimentos foi inicialmente criado, com o intuito de abastecer as milícias e tentar normalizar o fornecimento de alimentos na retaguarda, o que incluía alimentar os familiares dos milicianos que partiam para o front, sem o qual a luta no campo de batalha não seria possível. O Comitê de Abastecimentos acabou criando os comedores populares, que eram uma espécie de “bandejão” que fornecia comida gratuita – embora mais tarde se teve que partir para o racionamento – para milicianos, família de milicianos e desempregados, que de outro modo teriam que contar com a própria sorte para sobreviver. O Comitê Central de Abastecimentos chegou a ter 13 armazéns espalhados por Barcelona.

Mas o Comitê Central de Abastecimentos tinha uma outra função que lhe foi cara: controlar os preços dos alimentos. A situação de guerra e revolução pelo qual a Espanha passava

¹⁵⁰ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936**. Barcelona: Aldarull, 2013.

¹⁵¹ Idem.

fez o preço das subsistências dispararem. Para tentar fazer frente a essa situação, que penaliza sempre os mais pobres, já que estes gastam uma porcentagem maior de seus ganhos em alimentação, o Comitê de Abastecimentos passou a controlar o preço de venda dos víveres. Isso irritava os comerciantes do setor, que queriam praticar uma grande margem de lucro. Além disso, os comedores populares sustentados pelo Comitê de Abastecimentos lhes faziam concorrência, o que limitava seus ganhos. E, por último, mas não menos importante, havia a questão das coletivizações. O Comitê de Abastecimentos, inicialmente, obteve seus produtos por meio de requisições. Mas logo ele se aproximou do Sindicato de Alimentação da CNT, passando a fazer trocas diretas com os produtores do campo, suprimindo os intermediários. Assim, foi surgindo paulatinamente um setor coletivizado de alimentos, e que apoiava e fomentava a coletivização de todo o setor. Isso deixava em pânico os comerciantes, o que fez com que muitos deles se opusessem radicalmente às coletivizações e ao Comitê de Abastecimentos desde o início, já que eles buscavam manter e expandir a existência de um livre mercado no ramo da alimentação. E para isso os comerciantes foram buscar aliados nas forças políticas que estavam contra as coletivizações e defendiam a livre flutuação dos preços – o que equivale a dizer que defendiam o livre mercado –: republicanos e comunistas stalinistas. Assim, o grande incremento que estas duas forças tiveram durante o processo revolucionário advinham principalmente dos setores proprietários anticoletivistas, seja no campo ou na cidade, e que viam nas consignas de ambos a defesa de seus interesses. Mas vale salientar que existiram também importantes setores proprietários que aceitaram ou mesmo se tornaram entusiastas do sistema coletivista, inclusive aportando seus bens para tal fim.

No dia 24 de julho, tanto o Soli quanto o Boletín de Información de la CNT-FAI pediram para que os trabalhadores de alguns setores se reintegrassem ao trabalho, com exceção dos que estavam no front, é claro. O Soli chegou mesmo a publicar quais sindicatos deveriam se reintegrar ao trabalho, dizendo que isso foi discutido em uma reunião de sindicatos que compunham a Federação Local. Ele também falou sobre as milícias operárias, diferenciando-as do exército convencional da seguinte maneira:

Los trabajadores barceloneses, con el mismo ardor que se batieron por las calles de la ciudad, han respondido al llamamiento para salir en defensa de sus hermanos aragoneses. En esto ardor, está, precisamente, la diferencia que existe entre un ejército y una milicia. El soldado es siempre un sujeto, profesional o forzado, mientras que el miliciano es un hombre que pone en la lucha su valor personal y su corazón, y en algunas ocasiones más corazón que valor personal. El soldado ataca por instinto de conservación; el miliciano lucha por el triunfo de un ideal, sin importarse las consecuencias, que en el terreno personal puede acarrearle la lucha. Su vida no se le interesa; si le interesara, no se alistaría, puesto que nadie le obliga a ello. Si a un

ejército, en el momento de entrar en combate, tocaran a licenciamiento, se quedarían los oficiales en cuadro¹⁵².

Já o Boletín de Información deste mesmo día 24 de julho, além de convocar a volta ao trabalho, chamou a se fazer isso sem se abandonar as armas.

Dominado el movimiento fascista em Cataluña, es preciso que los trabajadores se reintegren a sus medios habituales de labor. [...] Escalonadamente todos iran entrando en el trabajo sin abandonar las armas. Para ello es preciso que os percateis todos de la necesidad en que estamos de consolidar la victoria contra el fascismo manteniéndonos arma al brazo y de la necesidad de trabajar en las fábricas con las armas al alcance de la mano. [...] La consigna del momento es pues esta: !AL TRABAJO CON EL ARMA AL ALCANCE DE LA MANO!¹⁵³.

Percebe-se neste trecho como a questão das armas era uma preocupação central já desde os primeiros dias. Ter armas era uma questão de poder. O revolucionário armado era a garantia de poder dos trabalhadores, pois enquanto o trabalhador se mantivesse armado ninguém poderia despojá-lo.

No mesmo número do Boletín de Información¹⁵⁴ também se publicou que o Sindicato da Alimentação tinha instalado armazéns na Via Layetana para o abastecimento de toda a população barcelonesa, sendo que para obter alimentos ali era preciso ter um vale do sindicato. Dizia também que os sindicatos da comarca eram os responsáveis por levarem os alimentos para Barcelona, evidenciando a ligação entre os sindicatos e a distribuição de alimentos em Barcelona e na Catalunha.

No dia 25 de julho, o Soli comunicou a partida das tropas de Durruti em direção a Zaragoza. O periódico falou do entusiasmo popular em Barcelona.

El barrio aristocrático de Barcelona aparecía totalmente ocupado por los milicianos, que arma el brazo aguardaban frenéticos el instante de la partida. En la calzada central del Paseo de Gracia se estacionaban, a lo largo de la majestuosa arteria burguesa, los bravos trabajadores que se aprestan al asalto de la capital aragonesa. Y como contaste que destaca la grandiosa envergadura de la hora presente, contemplamos el sintomático silencio de las mansiones de la plutocracia catalana, que aparecían con los balcones completamente cerrados. [...] Uno de los instantes de gran emoción se ha producido al desfilar el regimiento de Infantería número 34. Los soldados se ponen en marcha al grito de viva la revolución. Y el espectáculo alcanza una grandiosidad inenarrable cuando el pueblo irrumpe en las filas de los soldados y confraterniza con ellos¹⁵⁵.

¹⁵² SOLIDARIDAD OBRERA. **Milicianos**. Barcelona, 24 jul. 1936, p. 4.

¹⁵³ BOLETÍN DE INFORMACION. **!!Trabajadores!!** Barcelona, 24 jul. 1936, p. 2-3.

¹⁵⁴ Idem. **La C.N.T de la comida em Barcelona**. Barcelona, 24 jul. 1936, p. 3.

¹⁵⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **La emocionante partida de las milicias antifascistas**. Barcelona, 25 jul. 1936, p. 1.

O mesmo número também falou da grande quantidade de ajuda material que as tropas que saíam estavam recebendo da população trabalhadora, atendendo a um pedido feito em nome da luta antifascista.

Al cabo de breves momentos las calles adyacentes al cruce de la Diagonal y el Paseo de Gracia se han convertido en un hervidero humano. Mujeres, hombres y niños, portadores todos ellos de las más variadas clases de comestibles, desde las dos “tajadas” de pan con la clásica tortilla, hasta los pollos, el jamón, las sardinas, la fruta, el vino, la carne cruda y cocida y todo cuanto constituye munición de boca¹⁵⁶.

O periódico também publicou algumas consignas do Comitê de Abastecimentos, o que nos fornece mais informações sobre este importante Comitê. O Comitê de Abastecimentos, de acordo com a nota, era formado pelo Conselheiro delegado da prefeitura e por representantes de todas as organizações que faziam parte do Comitê de Milícias, e suas consignas tinham que ser acatadas por todos, para “[...] el mejor ordenamiento de la ciudad en general y de los hospitales y fuerzas armadas especialmente¹⁵⁷”. Colocou também que as organizações deveriam ser cuidadosas ao distribuir os cartões de racionamento e que estes deviam chegar a quem realmente precisasse, que eram os desempregados que não recebiam nenhum tipo de auxílio – além dos milicianos e familiares dos milicianos. Acrescentou ainda que os responsáveis pelas organizações deviam evitar requisições e mesmo distribuições de víveres por conta própria à hospitais e outros locais, sob pena de se incentivar o desperdício inútil.

No mesmo Soli, foi publicada uma dura nota do Comitê de Bairro Les Corts e Sarriá na qual se dizia que agiria de modo enérgico contra todo tipo de pilhagem. Pediu que ninguém entregasse nada sem autorização do dito Comitê e que todo aquele que se dedicasse ao roubo seria “pasado por las armas¹⁵⁸”. A nota dizia também que todos os que tiverem armas sem o controle do Comitê seriam tratados como facciosos. Isso, na verdade, era uma tentativa de acabar com os “paqueos” e, ao mesmo tempo, tentar diminuir as pilhagens de ladrões comuns, ações que eram feitas por pessoas desesperadas ou por desejarem tirar proveito individual da situação.

Em um outro chamamento no mesmo Soli se pediu novamente a volta ao trabalho, ainda que tenha salientado que isso deveria ser feito “[...] manteniendonos arma al brazo y de la necesidad de trabajar en las fábricas con las armas al alcance de las manos¹⁵⁹”.

¹⁵⁶ Idem. **El espíritu de solidaridad de la Barcelona revolucionaria**. Barcelona, 25 jul. 1936, p. 2.

¹⁵⁷ Idem. **Consignas del Comité de Abastos**. Barcelona, 25 jul. 1936, p. 2.

¹⁵⁸ EL COMITÉ REVOLUCIONARIO DE LAS CORTES Y SARRIÁ. Al Pueblo. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 jul. 1936, p. 2.

¹⁵⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Trabajadores**. Barcelona, 25 jul. 1936, p. 2.

No mesmo dia 25 de julho, o Boletín de Información de la CNT-FAI informou sobre a coletivização de uma estação ferroviária. Segundo o Informe, um grupo de ferroviários pertencentes à Federação Nacional da Indústria Ferroviária da CNT, depois de ter lutado nas ruas, apoderou-se da Estação de Francia, que era e ainda é uma importante estação de trem de Barcelona, e que foi defendida com metralhadoras por um grupo de fuzileiros. Conforme o Boletín, “Inmediatamente quedó destituida toda la alta jefatura y nombrados los correspondientes Comités de servicios y los comités revolucionarios en las estaciones de la línea¹⁶⁰”, que garantiu rapidamente o fornecimento do serviço, já que ele era vital para a luta contra os insurretos, acrescentando que

[...] se va organizando los servicios por medio de Comités, sin necesidad de Jefaturas ni de mandos, que según la realidad vivida en estas jornadas han demostrado ser perfectamente inútiles y que en el pasado representaban solo el parásito que chupaba las energías de los explotados del ferrocarril¹⁶¹.

O periódico ainda afirmou que os ferroviários tinham a intenção de fazer uma assembleia para discutirem a questão do desemprego, e que buscariam tomar medidas para dividir o trabalho de maneira que todos pudessem participar nele, buscando assim atender às famílias desempregadas.

E assim se chegou ao final da primeira semana da contenta espanhola, se contada a partir de 19 de julho, quando a rebelião se estendeu ao território espanhol. Praticamente todas as grandes questões que permeariam todo o conflito e o processo revolucionário já estavam em jogo neste momento. Primeiro, temos a questão das coletivizações. Estas foram iniciadas de duas formas principais. O primeiro modo foi com a fuga dos patrões e seus comparsas, seja por estarem envolvidos na tentativa de golpe militar, seja por serem conservadores, monarquistas, fascistas ou simplesmente por estarem com medo. Com a fuga destes, os trabalhadores acabaram se apossando das empresas e elegeram um comitê para que a dirigisse em seu nome, dando início à autogestão. O outro modo era a coletivização feita mesmo com a presença dos antigos donos ou seus comparsas, às vezes de modo violento. Assim, o processo de coletivização, iniciado já na primeira semana de conflito na Espanha, encontrou muitos opositores, seja por conta da coletivização em si, seja por conta da violência que às vezes a acompanhava. E estes setores descontentes já começavam a se mexer e acabaram encontrando nos republicanos ou nos stalinistas as consignas que expressavam a defesa de seus interesses

¹⁶⁰ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Las jornadas revolucionarias en los ferrocarriles de M.Z.A.** Barcelona, 25 jul. 1936, p. 3.

¹⁶¹ Ibidem, p. 3.

neste momento, na medida em que os partidos e organizações de direita desapareceram do campo “republicano” após o golpe militar, pois estavam lutando do outro lado das trincheiras.

Outra questão que já estava colocada neste momento era a das armas. Já foi referido o quanto elas eram o símbolo de poder dos trabalhadores, de modo que até mesmo nas reuniões muita gente acudia armada, inclusive, os membros dos comitês. Outra situação que já estava posta, e a imprensa repercutia isso, era um desejo pela “volta à normalidade”, à situação anterior ao 19 de julho, o que necessariamente deveria passar pelo desarmamento dos trabalhadores revolucionários. E isso também já engendrava um sentimento de resistência a uma possível tentativa de desarme, enunciando uma disputa que iria ocorrer tempos depois.

Outro debate importante, e que estava ligado intimamente ao anterior, era a questão das milícias. Estas se formaram a partir das organizações operárias, fossem sindicais, fossem partidárias. Tais milícias estavam fora do controle da Generalitat, embora as organizações partidárias, em geral, propugnassem o retorno à organização anterior. E por estarem fora do controle do governo catalão, este buscou acabar com sua autonomia ao criar as Milícias Cidadãs, mas não obteve êxito. Assim, para a Generalitat, que buscava recompor seu poder perdido para os comitês de bairro e para as organizações operárias, era imperativo acabar com as milícias ou então submetê-las a seu controle, e essa problemática já rondava os milicianos logo na primeira semana.

Outra questão muito importante que já estava em voga neste momento era a das pilhagens e dos chamados “paqueos”. E as duas coisas estavam interligadas. As pilhagens eram fruto da situação caótica pela qual a Espanha estava atravessando. Muitas pessoas aproveitavam para fazer roubos, fosse por necessidade, fosse por mero oportunismo individual. Somado a isso os “paqueos” ainda faziam vítimas, e os jornais clamavam por acabar com eles de forma enérgica. Para finalizar com essa situação é que o Comitê de Milícias criou as Patrulhas de Controle¹⁶² no dia 26 de julho. Tal organismo foi formado a partir dos grupos que foram nomeados para a manutenção da ordem pública pelo Comitê de Milícias logo quando da sua criação, conforme os acordos dois e três da primeira declaração pública do próprio Comitê

¹⁶² As Patrulhas de Controle eram uma espécie de “polícia” controlada pelas organizações operárias, e se originaram durante o processo de combate ao golpe militar. Grupos de patrulheiros foram organizados e tinham como função o combate aos “pacos”, como eram chamados os franco atiradores que ficavam fazendo disparos durante os dias de combate nas ruas. Esses acabaram sendo institucionalizados pelo Comitê Central de Milícias Antifascistas, que acabou por criar as Patrulhas de Controle. As Patrulhas foram formadas por membros de partidos e sindicatos, de modo que elas sempre estiveram em ligação com as milícias e as empresas que eram autogeridas e, muitas vezes, se enfrentavam com as forças de repressão. Muitos cenetistas, inicialmente, ficaram contra sua formação por questões ideológicas, mas logo acabaram aceitando sua existência. As Patrulhas sobreviveram à dissolução do Comitê de Milícias, mas foram extintas no início de março de 1937.

demonstram. Mas como expôs Guillamón¹⁶³, era muito difícil separar os “aproveitadores”, que faziam pilhagens em proveito próprio, dos revolucionários que procediam às expropriações, já que ambos atuavam de uma forma ilegal do ponto de vista jurídico – nenhuma revolução de fato é feita dentro do campo das leis. E essa dificuldade foi astutamente utilizada contra os trabalhadores revolucionários, qualificando-os de “bandidos”, “aproveitadores”, “individualistas” etc., até que paulatinamente se foi cunhando um termo que reunia as duas figuras – aproveitadores comuns e trabalhadores revolucionários – em uma só palavra, “incontrolado”, o que permitiu orientar a repressão a ambos, de forma indiscriminada.

Essas tensões enumeradas já estavam colocadas no início da guerra civil e da revolução na Espanha, bem como permearam toda a duração do conflito, de uma forma ou de outra. Mas elas podem ser resumidas em uma outra dualidade: revolução/contrarrevolução. Este era o centro da questão e já estava colocado logo na primeira semana. Assim, se por um lado havia a tendência de expansão do sistema coletivista, que era pressionado e executado pela base, por outro lado havia pressões para se manter a unidade entre as diversas forças que compunham o Comitê de Milícias Antifascistas. E essa colaboração tinha sua expressão concreta na ideologia do antifascismo, ou seja, o antifascismo se colocava como a justificativa ideológica do abandono das finalidades perseguidas pelos anarquistas espanhóis – e também de outras correntes políticas, como os comunistas, das mais diversas frações – e sua adaptação aos desígnios da sociedade burguesa. Era a expressão da colaboração de classes e da contrarrevolução. E isso já se mostrava na primeira semana de guerra e revolução.

2.3 Do Colaboracionismo à Integração

Com os líderes anarquistas envolvidos oficialmente na política de colaboração após ratificarem a entrada no Comitê de Milícias em plenária, começou-se a abrir uma brecha entre os militantes de base e seus representantes. Isso embora Peirats¹⁶⁴ afirme que a maioria dos militantes de base também enxergavam os acontecimentos da mesma maneira que os líderes, o que é parcialmente verdadeiro. E tal situação ficou evidente já no final de julho. Em mais uma reunião, dessa vez uma Plenária Regional de Locais e Comarcais de Sindicatos, realizada no dia 26 de julho, foi retificada a colaboração e elegeu o fascismo como o único inimigo a ser

¹⁶³ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936**. Barcelona: Aldarull, 2013.

¹⁶⁴ PEIRATS, José. **La CNT en la Revolución Española** (3 vol). Madrid: Ruedo Ibérico, 1988.

combatido. Uma proclamação feita pela Confederação Regional do Trabalho da Catalunha falou dos acordos tomados em tal plenária.

La C.N.T. en Cataluña, coincide por unanimidad absoluta, em que debe seguir situada la misma posición. **Hoy no hay más problema para el proletariado, no hay más enemigo para el pueblo, que el fascismo sublevado.** Contra él todas las energías para aplastarlo; [...] **Que nadie vaya más allá. Que nadie tergiversar la actuación a seguir.** Todos los confederados tienen el deber moral de aceptar las decisiones generales, no sólo por interés colectivo, sino incluso por interés individual. Los hechos esporádicos han sido descartados de la organización, por tener tan sólo la virtualidad de producir un desgaste de energías estéril, y frustrar en algunas ocasiones las posibilidades de realizaciones totalitarias. Hoy por hoy, **contra el fascismo, sólo contra el fascismo** que domina media España, y que hay necesidad de destruirlo para siempre [...]. En consecuencia, **nadie está autorizado, ni se debe atender, para lanzar otras consignas, ni enfocar el movimiento de otra forma** ¹⁶⁵.

Assim, esta proclamação explicitamente considera o fascismo como o único inimigo a se combater, e que ninguém deveria ultrapassar a luta antifascista.

No mesmo dia 26 de julho, o Solidaridad Obrera publicou uma pequena reportagem ¹⁶⁶ falando que o governo de Madri havia proibido a circulação de pessoas armadas dentro de carros, se perguntando também se isso era uma tentativa de desarmar a população. Publicou ainda um manifesto do Comitê Peninsular da FAI, afirmando que a tomada de Zaragoza iria dar um golpe de morte no fascismo e dizendo que a organização era leal com seus aliados na luta comum que se empenhavam, e por isso “[...] exigimos de todos la misma lealtad, el mismo sentido de responsabilidad, la misma voluntad heroica de triunfar que nos ha sostenido en estos grandes e inolvidables dias de Barcelona¹⁶⁷”. Ainda fez advertências contra pessoas que estavam praticando saques a estabelecimentos diversos, ameaçando-os duramente:

Han llegado a nosotros noticias que nos resistimos a creerlas, de que existen algunos elementos que se dedican al saqueo en diferentes establecimientos. No podemos, en manera alguna, consentir que en estos momentos en que se rinde pleitesía a la labor desarrollada por nuestras organizaciones, que al margen de las mismas pueda haber seres que no teniendo en cuenta la menor noción de sus obligaciones traten de menoscabar a nuestra clase. Tengan muy presente dichos “sujetos” que nuestros Sindicatos acechan cuantos actos se realizan, y que serán tratados sin la menor contemplación todos aquellos que tratan de apartarse de las normas dignas por las que siempre se ha regido nuestra organización. ¡Compañeros! No vaciléis, y denunciad todo aquello que debe repudiar el militante que se siente orgulloso ante el deber cumplido¹⁶⁸.

¹⁶⁵ EL COMITE. La Confederacion Regional de Cataluña celebros ayer su anunciado pleno. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 27 jul. 1936, p. 4, grifos nossos.

¹⁶⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **¿Se pretende desarmar al pueblo?** Barcelona, 26 jul. 1936, p. 3.

¹⁶⁷ Idem. **El Comité Peninsular de la Federación Anarquista Ibérica se dirige al pueblo.** Barcelona, 26 jul. 1936, p. 4.

¹⁶⁸ Idem. **Casos que en manera alguna deben repetirse.** Barcelona, 26 jul. 1936, p. 4.

No dia 27 de julho, duas pequenas notas demonstravam as atividades dos bairros. Na primeira delas¹⁶⁹, o Comitê Revolucionário do Bairro da Salud, Badalona, município a cerca de 10km de Barcelona, pedia para quem pudesse se desfazer de cinquenta ferrolhos de fuzis mauser, que entrasse em contato com o periódico Solidaridad Obrera ou os entregasse na sede do Comitê, fornecendo então o endereço. Na segunda nota¹⁷⁰, se deu conta que o Ateneu Cultural Libertário de Sans e o Sindicato Único da Arte Fabril e Têxtil se instalaram no antigo Centro Liberal Regionalista de Hostanfranchs, onde funcionava também uma cozinha coletiva que servia umas trezentas comidas diárias, o que demonstrava as ligações existentes entre os bairros e os serviços de alimentação, complemento indispensável para a luta revolucionária.

No dia 28 de julho, saiu o primeiro número do periódico Tierra y Libertad, órgão da FAI, em sua nova época, que abarcava o período após o início da guerra civil e da revolução. Em um dos artigos, falou-se sobre a união das forças de repressão do Estado com a população, salientando que isso talvez tenha ocorrido “pela primeira vez na história”, embora tenha afirmado que os primeiros lutavam para “[...] defender el Estado dentro del cuadro del Estado¹⁷¹”. Outros dois artigos do referido periódico tinham como tema os abastecimentos. Um deles era parte de um discurso de Juan Doménech veiculado pelo rádio, e outro parte de uma radiodifusão do Conselho de Abastecimentos de Barcelona, cuja frente estava o próprio Doménech. Isso, somado ao fato de haver partes idênticas nos dois discursos publicados, nos faz crer que, na verdade, as duas radiodifusões eram as mesmas. De qualquer modo, foi falado nestes discursos que o Comitê de Abastecimentos era formado por membros da Esquerda, Unificação Marxista, Rabassaires, UGT, FAI, CNT e um delegado da prefeitura, e auxiliado em suas funções pelo Sindicato de Alimentação de Barcelona, Sindicato do Transporte, Ramo da Pele, Ramo do Vestir, Matadouro e representação de todas as cooperativas de produção e consumo. Salientou que a partir “[...] de esta tarde (ayer), en el Comité central de Abastos (Vía Layetana, 16) se facilitarán a todos los organismos políticos y obreros las certificaciones necesarias para obtener vales para comer¹⁷²”, e para tal era preciso um documento avalizado pelo organismo que representava, ou seja, quaisquer organizações que estivessem no campo antifascista. Salientou também que todos os comerciantes, hotéis etc., deveriam ter seus pedidos avalizados pelo Comitê Central de Abastecimentos, e ninguém poderia pedir mais do que normalmente se pedia, que os atacadistas não poderiam atender pedidos que não estivessem

¹⁶⁹ Idem. **Aviso importante. Comité Revolucionario del Barrio de la Salud.** Barcelona, 27 jul. 1936, p. 3.

¹⁷⁰ Idem. **En las barriadas van organizándose los servicios.** Barcelona, 27 jul. 1936, p. 3

¹⁷¹ TIERRA Y LIBERTAD. **Amigos en la guerra circunstancial, hemos de ser también.** Barcelona, 28 jul. 1936, p. 4.

¹⁷² Idem. **Abastos.** Barcelona, 28 jul. 1936, p. 4.

avalizados pelo Comitê de Abastecimentos e que as organizações eram responsáveis pela emissão dos certificados, que deveriam ser dados apenas a quem realmente necessitava. Deu conta também de apreensões que haviam sido feitas pelo Comitê Central de Abastecimentos, que o referido Comitê havia organizado um rigoroso controle da produção e do consumo, que se comprasse e vendesse as mesmas quantidades das semanas anteriores e pediu que “[...] las milicias antifascistas en cada pueblo o barriada cuiden y velen por el cumplimiento de esta disposición, aunque a muchos les parezca que en la forma en que hoy se desenvuelve esto puede ser un paso atrás¹⁷³”. Doménech também pediu que não se fizesse requisições de mercadorias por conta própria e foi bastante enfático ao afirmar que não iria tolerar abusos de comerciantes e industriais, de modo que estes estavam obrigados a enviar uma relação com os produtos que detinham em seus estoques, atestando ainda que o Comitê garantiria o regular funcionamento de tudo o que se referia à engrenagem econômica.

No dia 29 de julho, saiu o segundo número do *Tierra y Libertad*. Neste foi publicado uma alocução feita pelo rádio e dirigida especialmente aos catalães. Tal discurso negou o caráter anticatalão da CNT e da FAI, bem como sua natureza “exótica”, salientando que ambas nasceram em solo catalão e que ali possuíam seus maiores contingentes. Destacou também a defesa do federalismo por parte das duas organizações, o que, ao contrário do que se dizia, não as colocava contra as autonomias regionais. Entretanto, afirmou que as liberdades regionais não poderiam ser confundidas apenas com autonomia política, sem reflexo algum na economia proletária, realçando que ambas as organizações

[...] combaten con el mismo fervor y la misma intensidad al capitalismo de Cataluña que al capitalismo castellano; contra los altivos terratenientes de allí y los millonarios sin consciencia de acá, han sido nuestras organizaciones quienes han reñido batallas más duras¹⁷⁴.

O mesmo *Tierra y Libertad* também deu conta¹⁷⁵ de alguns casos de lojistas que haviam subido, de forma irregular, os preços de seus produtos. Em um deles, quando um lojista buscou aumentar os preços em 200%, a polícia interveio. Em outro caso, um açougueiro tentou quase dobrar os preços cobrados, uma vizinha protestou e um caminhão de milicianos foi chamado. Quando os vizinhos ficaram sabendo que não havia permissão para que os preços fossem aumentados, a loja foi destruída com a ajuda dos milicianos.

¹⁷³ Idem. **¡Viva la libertad! ¡Muera el libertinaje!** Barcelona, 28 jul. 1936, p. 4.

¹⁷⁴ Idem. **Alocución dirigida por radio al pueblo de Barcelona y a los trabajadores hijos de Cataluña, por un compañero en nombre de la C.N.T. y de la F.A.I.** Barcelona, 29 jul. 1936, p. 2.

¹⁷⁵ Idem. **¡Atención!** Barcelona, 29 jul. 1936, p. 2.

Mas o Tierra y Libertad trouxe à tona uma outra importante questão do momento em duas pequenas notas diferentes. Na primeira delas, ficou claro que era

[...] absolutamente preciso evitar que **elementos incontrolados** efectúen registros en los pisos y domicilios de supuestos facciosos. La sección de Investigación es la que debe dar la ordenación y aval para estos servicios en los que pueden intervenir si esto no se hace a individuos interesados en desvirtuar el sentido libertario de la insurrección contra el fascismo¹⁷⁶.

A segunda nota afirmou enfaticamente que qualquer ato de pilhagem deveria ser rechaçado violentamente, e denunciado à organização. Eis a nota na íntegra:

No nos cansaremos de repetir que cualquier acto de pillaje debe ser rechazado vallentemente y denunciado a la organización. Los que se escuden con nuestras iniciales para cometer actos de bandolerismo, no serán mejor tratados que unos vulgares facinerosos fascistas, porque realmente no pueden ser más que esto. Los trabajadores conscientes, románticamente enrolados en nuestras filas, que han sufrido todos los insultos y todas las humillaciones de adversarios de la más baja catadura moral, no son capaces de realizar hechos como el que se nos denuncia. Pero no basta con esto; es necesario que nadie puede realizarlos, y menos tomando nuestras divisas por bandera. Ojo avizor, pues, y cuando un caso de éstos sea sorprendido, no aguardar a nadie más para sancionarlo. El Sindicato del Ramo de Alimentación nos denuncia el siguiente sucedido: A un patrono del ramo de la Alimentación, expendedor de huevos, se le han presentado unos sujetos, exigiéndole ciento cincuenta pesetas en nombre da organización. El Sindicato del ramo rechaza esta acción, y declara que la Confederación Nacional del Trabajo no ha dado ninguna orden en tal sentido, y así lo declara públicamente para aviso de todos. Conste así, pues, para todos los casos que se hayan dado y puedan darse¹⁷⁷.

No dia 29 de julho, ocorreu também em Madri uma reunião do Comitê Nacional da CNT, com a participação de um delegado da região catalã. Este apresentou um informe alegando que o triunfo na Catalunha se deu exclusivamente por conta da CNT e da FAI e, como consequência, quem dava as ordens naquela região eram eles. Tanto seria assim que para circular na Catalunha era preciso uma autorização da CNT. Em seguida, afirmou que a maioria da militância parecia estar disposta a implementar o comunismo libertário em toda a Catalunha, e que se a cidade de Zaragoza fosse tomada “[...] entonces no habrá posibilidad de que la minoria sostenga [ou retenha] como hasta aqui al grueso de la Organización. **Iran [...] a la instauracion de nuestro ideario sin tener en cuenta las condiciones en que se desenvulvan el resto de las Regionales**¹⁷⁸”. Sanidad, delegado do Comitê Nacional na Catalunha, falou das várias

¹⁷⁶ Idem. **A las Milicias de los grupos que integran el C.M.A. y que se encuadran en los sindicatos**. Barcelona, 29 jul. 1936, p. 2.

¹⁷⁷ Idem. **Contra el libertinaje**. Barcelona, 29 jul. 1936, p. 4.

¹⁷⁸ A.I.T. CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO DE ESPAÑA COMITE NACIONAL. **Acta de la reunion del comite nacional celebrada el 29 de julio de 1936**, p. 1, grifo nosso.

plenárias celebradas na região e terminou dizendo que “[...] hay un puñado de compañeros que sin tener en cuenta la situación de inferioridad de otras Regionales, **insisten en que debe irse a la implantación del Comunismo Libertario**”¹⁷⁹.

Dessa maneira, podemos ver já neste íterim que havia uma incongruência entre as consignas propagadas pelos dirigentes e as aspirações dos trabalhadores de base, embora não saibamos ao certo a quantidade de militantes que se opunham às consignas oficiais e nem a intensidade dessa oposição. Mas a questão é mais complexa ainda do que dirigentes *versus* base, envolvendo também formas de organização e táticas revolucionárias. Para vermos essa questão mais de perto, é preciso fazer uma digressão para a década de 1920 e a primeira metade de 1930.

No último ano da década de 1910 e nos primeiros anos da década de 1920, várias lideranças dos trabalhadores foram mortas nas ruas, normalmente por pistoleiros patrocinados pelo Sindicato Livre¹⁸⁰. O caso mais conhecido, e já colocado no capítulo 1, foi o de Salvador Seguí, que acabou assassinado em Barcelona. Assim, para fazer frente a este perigo, surgiram os chamados grupos de ação. Estes buscavam responder aos assassinatos de trabalhadores com atentados contra figuras do lado da patronal, em uma lógica de “Olho por olho e dente por dente”. Para realizar seus desígnios, eles faziam estoques de armas em depósitos clandestinos, que eram acessíveis aos trabalhadores, embora obviamente isso não fosse dito abertamente. Tal prática era uma contramedida protetiva, para que o sindicato não desaparecesse por conta dos assassinatos ou pela debandada de trabalhadores amedrontados. Um dos grupos de ação mais famosos foi o Los Solidarios, que reuniu importantes figuras do meio anarquista, como Durruti, Ascaso, García Oliver e Antonio Ortiz. Cada sindicato tinha seu grupo de ação e o financiava.

Entretanto, o golpe militar que deu início à ditadura de Primo de Rivera, em 1923, fez com que a CNT fosse ilegalizada e muitos dos membros dos grupos de ação tiveram que se exilar devido ao aumento da perseguição aos trabalhadores. Mas mesmo após o fim da ditadura de Primo de Rivera e a Proclamação da República, em 1931¹⁸¹, as práticas relacionadas à época do pistoleirismo continuaram. Isso fez com que surgissem críticas a elas no interior das organizações anarquistas – como as dos trintistas, por exemplo –, pois estavam fora de contexto e eram contraproducentes: suscitavam a repressão do Estado, mas esta não se limitava a atingir

¹⁷⁹ Ibidem, p. 1-2, grifo nosso.

¹⁸⁰ A União de Sindicatos Livres foi uma organização sindical fundada em 1919 com o objetivo de fazer frente ao que chamavam de “tirania” cenetista e socialista. Era uma organização profundamente nacionalista e anticomunista, de ideologia de extrema direita. Participou de vários assassinatos de figuras proeminentes. Teve escassa penetração entre os trabalhadores, mas foi bastante utilizado pelos patrões na defesa de seus interesses.

¹⁸¹ Na verdade, Miguel Primo de Rivera pediu demissão de seu cargo em 1930, mas a Monarquia continuou existindo por pouco mais de um ano, quando finalmente foi proclamada a Segunda República Espanhola.

os grupos de ação, abrangendo todo o movimento libertário, desde os sindicatos até as escolas racionalistas e os ateneus. Além disso, esses grupos atraíam alguns bandidos comuns, que usavam a ideologia anarquista e os grupos de ação para fins pessoais. Assim, chegou-se à conclusão de que os grupos de ação já não faziam mais sentido no início da década de 1930.

E é dentro dessa polêmica que Alexander Shapiro, Secretário da AIT, durante sua estadia na Espanha em 1933 e 1934, elaborou um informe confidencial. Segundo Guillamón¹⁸², tal informe criticou a falta de organização e preparação da insurreição de janeiro de 1933, quando uma série de levantes anarquistas estalaram, sendo o mais conhecido o de Casas Viejas. Tais insurreições faziam parte da tática da “ginástica revolucionária”, que consistia em fazer sucessivas rebeliões para que a ordem vigente fosse sendo minada aos poucos. A ideia era de que, tal como a ginástica faz os músculos crescerem e se fortalecerem, as insurreições fariam com que o movimento revolucionário fosse ficando cada vez mais forte, além de dar coesão ao proletariado revolucionário. Elas, então, não visavam à vitória final necessariamente, e sim um processo autoeducacional da classe trabalhadora. Mas o informe de Shapiro criticou esta tática por estar fora de contexto e por não fazer uma preparação sistemática para um processo revolucionário, ou seja, por não ser suficientemente planejado, além de atrair a repressão, como já foi colocado anteriormente. Em outubro de 1934, por exemplo, quando houve outra revolta, principalmente nas Astúrias e na Catalunha, que poderia ter se espalhado para outras regiões, a CNT não pôde participar porque a organização não possuía condições para tal, pois havia muitos presos, faltavam armas e preparação. Shapiro propugnou, então, os Comitês de Defesa Confederal, que já existiam desde pouco depois da instauração da república, mas que deveriam ser reestruturados.

Para Guillamón¹⁸³, ainda, a intenção de seguir no caminho apontado por Shapiro foi refletida no informe do Comitê Nacional dos Comitês de Defesa, de outubro de 1934. Este informe propugnou que os comitês de defesa se dedicassem à preparação sistemática da revolução, e que deveriam estudar os meios necessários para favorecê-la. Propunha que os membros do Comitê de Defesa fossem voluntários e que os sindicatos repassassem ao menos 15% de sua arrecadação para eles. Os comitês de defesa deveriam ter uma delimitação geográfica bem clara, sendo divididos em bairros nas cidades mais populosas – em vilas e outras pequenas localidades que poderiam abarcar todo o perímetro municipal –, e deveriam ser compostos por um pequeno número de pessoas, preferencialmente seis. Recomendava-se que

¹⁸² GUILLAMÓN, Agustín. **Los Comitês de Defensa de la CNT en Barcelona (1933-1938)**. Barcelona: Aldarull, 2011.

¹⁸³ Ibidem.

cada um tivesse as seguintes funções: 1) secretário, que faria a ligação com outros grupos; 2) encarregado de fichar os inimigos potenciais, com características, costumes etc.; 3) encarregado de estudar os edifícios hostis dentro de seu perímetro; 4) encarregado de investigar pontos estratégicos e táticos, como pontes, passagens etc.; 5) encarregado de estudar os serviços públicos, como água, transportes, energia etc.; 6) encarregado de estudar onde se obter armas, dinheiro e provisões. Cabe salientar que os comitês de defesa eram altamente secretos e que respondiam apenas às ordens dos Comitês Regionais ou Nacional.

El grupo de defensa era la célula básica de esa estructura militar clandestina de la CNT, constituida por seis militantes. Su ámbito era una demarcación muy precisa dentro de cada barrio. En cada barrio se constituía un Comité de Defensa de la barriada, que coordinaba todos esos cuadros de defensa, y que recibía un informe mensual de cada uno de los secretarios de grupo. El secretario-delegado de barrio realizaba un resumen que entregaba al Comité de Distrito; y éste, a su vez, lo tramitaba al Comité Local de Defensa “y éste al Regional y al Nacional sucesivamente”¹⁸⁴.

Os comitês de defesa podem ser considerados como uma continuação dos grupos de ação, sendo que eles costumavam recrutar pessoas entre os desempregados, pois se recebia algum ganho, embora só ajudassem por um tempo, já que os membros dos comitês eram rotativos, tanto para evitar a profissionalização quanto para fazer com que mais cenetistas aprendessem a manejar armas.

Na Catalunha, para a concretização de tal estruturação, foi criado o Comitê Local de Preparação Revolucionária, formado por cinco membros, dos quais dois seriam nomeados pela Federação Local da CNT e dois pela Federação Local de Grupos Anarquistas. Sua principal função era estudar os meios e métodos de luta, inclusive analisando a possibilidade de transformar as indústrias civis para a produção bélica, e esta é a origem da indústria bélica que se ergueu na Catalunha após o início da guerra civil, que não foi tão improvisada assim. Tais Comitês, o de Defesa e o de Preparação Revolucionária, seriam submissos às organizações anarquistas, a específica – a FAI – e confederal – a CNT –, e nunca poderiam tomar a iniciativa sozinhos.

Feito o histórico dos quadros de defesa das organizações anarquistas, agora podemos avançar. Acontece que esses quadros, principalmente os comitês de defesa organizados por bairros, estão na origem dos comitês de bairro que surgiram durante e depois dos dias de luta nas ruas da Catalunha, após agregarem outros elementos em sua estrutura. De acordo com Guillamón¹⁸⁵, os membros dos comitês de bairro também passaram a se chamar a serem

¹⁸⁴ Ibidem, p. 15-16.

¹⁸⁵ Ibidem.

conhecidos como milicianos, e as outras organizações políticas e sindicais acabaram seguindo este modelo, dando origem às milícias. E foi também, por exemplo, a partir do membro do comitê de defesa dedicado à tarefa de estudar os abastecimentos, que pôde surgir os comedores populares, já falado anteriormente.

De modo separado, mas seguindo uma mesma tendência, ocorreu algo parecido com as empresas coletivizadas. A CNT tinha como uma de suas principais ferramentas de organização as seções sindicais dentro das empresas. Estas tinham uma dupla função. Ao mesmo tempo que serviam para as lutas sindicais dos trabalhadores, também tinham a intenção de estudar a empresa – conseguir livros de balanço, informações sobre matérias-primas, gastos com salários etc. Agora, com o combate nas ruas e a fuga de uma grande quantidade de patrões, muitos destes comitês sindicais já previamente existentes se apossaram das empresas, transformando-se em comitês de empresa e dando início à autogestão no âmbito da produção. Em vários casos, esses comitês cenetistas, convertidos em comitês de empresa, acabaram incorporando também membros da UGT, e em outros não. O que determinava isso era a quantidade de trabalhadores pertencentes às organizações sindicais dentro de cada empresa. A própria UGT também chegou a ter seus comitês de empresa exclusivos, embora isso fosse mais raro, pois, em geral, os ugetistas eram favoráveis à nacionalização.

E com isso chegamos ao ponto perseguido há algumas páginas. Quando os líderes anarquistas acabaram optando pela política de colaboração, muitos membros dos comitês de bairro fizeram oposição, ocorrendo o mesmo com os milicianos. Como eles tinham uma origem em comum, os antigos comitês de defesa, sempre permaneceram interligados, o que fortalecia a oposição aos dirigentes libertários, que pode ser verificada desde os primeiros dias da revolução. Mas, como já foi colocado antes, os comitês de defesa não podiam tomar iniciativa sozinhos, sendo submissos aos comitês cenetistas, e os líderes da organização estavam sendo tragados para o colaboracionismo. Assim, o choque era inevitável. E essa fenda, que se abriu ainda na primeira semana, iria se alargar cada vez mais com o desenrolar dos acontecimentos, como veremos, chegando mesmo a ameaçar cindir a organização. Mas voltemos aos fatos.

No dia 29 de julho, o Boletín de Información publicou – também o Soli e o Tierra y Libertad do dia seguinte –, em sua segunda edição do dia¹⁸⁶, um manifesto do Comitê de Relações da FAI contra os “[...] grupos armados que se dicen pertencer ala C.N.T. y a la F.A.I.

¹⁸⁶ Nos dias 27, 28 e 29 de julho de 1936, dois Boletins foram publicados. Nas outras datas, a publicação tinha um número diário. No número 523, correspondente ao dia 22 de março de 1938, foi avisado que o Boletín passaria a ter publicação semanal, devido às necessidades de guerra, embora não se saiba ao certo se isso, de fato, ocorreu.

y al P.O.U.M.¹⁸⁷”. Conforme a publicação, estes “[...] realizan registros domiciliarios y cometen actos en contraposición con el espíritu anarquista y con la justicia del pueblo¹⁸⁸”, e uma comissão de investigação, apêndice do Comitê de Milícias, “[...] cuidará de comprobar todas las denuncias que se hacen acerca de las actividades de los elementos comprometidos en el pasado movimiento fascista¹⁸⁹”. Acrescentou que esta comissão era a única autorizada a fazer batidas domiciliarias e que “[...] la F.A.I. está dispuesta a acabar con estos grupos de inconscientes fuera del control de nuestra organización¹⁹⁰”, o mesmo ocorrendo com a CNT. E o aviso terminou de forma categórica:

Somos enemigos de toda violencia, de toda imposición. Nos repugna toda sangre que no sea la derramada por el pueblo en sus grandes empresa justicieras. Pero declaramos, friamente con terrible serenidad y con el inexorable propósito de hacer, que si no se acaba con todos esos actos de irresponsabilidad, que siembran el terror en Barcelona, **PROCEDEMOS A FUZILAR A TODO INDIVIDUO QUE SE COMPRUEBE QUE HA REALIZADO ACTOS CONTRA EL DERECHO DE GENTES; A TODO INDIVIDUO QUE SE HAYA CONFERIDO POR SI Y ANTE SI ATRIBUICIONES CONCEDIDAS POR LA ORGANIZACION CONFEDERAL Y ESPECIFICA A UNA COMISION COMPUESTA POR ELEMENTOS DEL FRENTE DE LUCHA ANTIFASCISTA, ELEGIENDO LOS HOMBRES MAS ECUANIMES Y MAS SERIOS.** Lo decimos como lo haremos y lo haremos como lo decimos. Y Barcelona sabe y lo sabe España y el mundo entero que los hombres de la F.A.I. jamás dejan incumplidas sus promesas. Por el honor del pueblo de Barcelona, por la dignidad de la C.N.T y de la F.A.I. hay que acabar con estos excesos. Y con ellos acabaremos¹⁹¹.

E essa ameaça não ficou apenas em palavras. Militantes cenetistas realmente foram fuzilados, e alguns deles eram destacados membros da organização. Peirats¹⁹², falando sobre tal fato, citou os casos de José Gardeñas, do Ramo da Construção de Barcelona, e de Fernández, presidente do Sindicato da Alimentação, acrescentando que tais crimes muitas vezes eram acertos de contas do período anterior, muitos dos quais da época do pistoleirismo. Este foi o caso de Ramón Sales, um dos fundadores do já referido Sindicato Livre, e que colaborou com a ditadura de Primo de Rivera e patrocinou pistoleiros anticenetistas.

Já o Solidaridad Obrera no mesmo dia 29 de julho publicou, dentre outras coisas, uma pequena e curiosa nota. Nesta, deu-se conta que o Sindicato do Ramo da Alimentação denunciou o seguinte caso, que foi qualificado como pilhagem.

¹⁸⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Saliendo al paso de algo que es preciso terminar.** Barcelona, 29 jul. 1936, p. 4.

¹⁸⁸ Ibidem, p. 4.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 4.

¹⁹⁰ Ibidem, p. 4.

¹⁹¹ Ibidem, p. 5.

¹⁹² PEIRATS, José. **La CNT en la Revolución Española** (3 vol). Madrid: Ruedo Ibérico, 1988.

A un patrono del Ramo de la Alimentación, expendedor de huevos, se le han presentado unos sujetos exigiéndole 150 pesetas en nombre de la organización. El Sindicato del ramo rechaza esta acción, y declara que la C.N.T. no ha dado ninguna orden en tal sentido, y así lo declara públicamente para aviso de todos. Conste, así, pues, para todos los casos que se hayan dado y puedan darse¹⁹³.

No dia 30 de julho, o Tierra y Libertad publicou um artigo em que fazia a seguinte afirmação:

El Estado ha fracasado, y con él la burguesía, el capitalismo. Dejar a éstos en pie, no relevarles de su gestión nefasta contra el pueblo, que celebra estos días su mayoría de edad; volver voluntariamente al yugo después de haber dado la vida para salvar a todos, sería una deshonra para esa acción heroica, un mentís a nuestra virilidad, a nuestra capacidad y a nuestra condición de revolucionarios. El pueblo no se ha lanzado a la calle para defender la burguesía, representante de esta República que no supo – ni podrá aunque lo quisiera – liquidar el problema del paro forzoso; solucionar la dignificación del trabajo; la afirmación del derecho de asilo y de gentes; la libertad de reunión y de sindicación; la difusión popular de la cultura; la nivelación de las condiciones de vida; la garantía de libre desenvolvimiento de los hombres; el problema del pan y la libertad para todos contra todo privilegio, condición sin qua non en todo propósito de vida social regular y consciente. El pueblo, con su empuje de compenetración, con sus élites y sus héroes anónimos, ha sabido erigirse en represor inexorable de todo intento de tiranía y en sostén de una nueva y racional concepción económica, donde el principio de todos para todos ha quedado afirmado, constituyendo la única esperanza en medio del porvenir incierto de nuestra iberia convulsionada. Paso, pues, a la gestión del pueblo, armado de fusiles y herramientas. Al pueblo todos los hombres de espíritu libre, los técnicos, los asesores y los intelectuales de todas las ramas útiles del pensamiento y la economía. El pasado de ignominia que quedó liquidado el 19 de julio no debe volver más. Que el aura de renovación que sopla sobre las cenizas aún humeantes de los símbolos de oscurantismo sature todos los espíritus. Ni un paso más hacia atrás. Todos hacia adelante por una nueva vida de libertad y armonía social¹⁹⁴.

O Tierra y Libertad ainda falou sobre o problema dos abastecimentos. Em uma pequena nota¹⁹⁵ do Sindicato da Indústria Pesqueira dirigida a sindicatos, comitês de bairro, comedores populares, hospitais e clínicas salientou que eles deviam apresentar os vales avalizados pelo Comitê de Abastecimentos e apresentá-lo ao Sindicato da Indústria Pesqueira, pois somente assim seria possível controlar a quantidade de pescado, podendo então servir a todos. O periódico também publicou algumas consignas¹⁹⁶ que vinham do Comitê de Abastecimentos, entre os quais estavam a proibição de emissão de vales por parte de comerciantes, visto que seria um monopólio do Comitê de Abastecimentos.

No mesmo dia 30 de julho, os comitês da Federação Local de Sindicatos Únicos de Barcelona e da Confederação Regional da Catalunha publicaram no Soli e no Tierra y Libertad

¹⁹³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Un caso bochornoso de pillage.** Barcelona, 29 jul. 1936, p. 8.

¹⁹⁴ TIERRA Y LIBERTAD. **Por una nueva vida de libertad y armonía sociales.** Barcelona, 30 jul. 1936, p. 3.

¹⁹⁵ EL COMITÉ. Un aviso muy importante para los pesqueros. **Tierra y Libertad.** Barcelona, 30 jul. 1936, p. 4.

¹⁹⁶ TIERRA Y LIBERTAD. **Consignas del Comité de Abastos.** Barcelona, 30 jul. 1936, p. 3.

um texto dirigido aos Sindicatos, comitês de bairro, seções e outras organizações afins. Este começou afirmando que o momento requeria disciplina e agilidade, apontando que estava havendo detenções e fuzilamentos à revelia, muitos dos quais poderiam ser a mando ou a soldo dos fascistas, e que tais procedimentos semeavam o pânico e não tinham nada a ver com a organização libertária. Por isso, deu a conhecer que toda batida residencial que se desse de forma particular deveria cessar, e estas somente poderiam ocorrer com o aval da Comissão de Investigação das Milícias Antifascistas, ou então pela Federação Local, Comitê Regional e Regional da FAI, de forma conjunta. Qualquer denúncia como, por exemplo, contra os burgueses no sentido de que não abrissem as portas de suas fábricas, deveriam ser feitas para a Federação Local, que tomaria as providências. Outra questão apresentada foi que na última plenária de sindicatos e militantes

[...] se tomó el acuerdo de que todos aquellos documentos y permisos de circulación que vayan avalados por un organismo oficial, tal como Generalidad, Ayuntamiento, Orden Público, Jefatura y Comités de Milicias Antifascistas, no se les debe poner ningún obstáculo en el cumplimiento de sus misiones. Asimismo gozarán de los mismos beneficios todos aquellos que vayan avalados EXCLUSIVAMENTE con nuestros sellos responsables de Federación Local, Comité Regional y Comité de la Específica¹⁹⁷.

Ou seja, os comitês de bairro e cidade, além das milícias, deveriam dar livre passagem às organizações estatais em seus perímetros de atuação. Reconhecia-se, assim, o direito de existência e de exercício por parte do Estado.

No dia seguinte, 31 de julho, o Solidaridad Obrera publicou uma reportagem que permite sabermos mais detalhadamente os procedimentos utilizados pelo ramo dos abastecimentos. Falando sobre o bairro de La Torrassa, Hospitalet de Llobregat, município vizinho a Barcelona, o periódico afirmou que o Comitê de Abastecimentos do bairro começou a funcionar desde os primeiros momentos da sublevação, e que se originou a partir de jovens anarquistas da CNT, do ateneu e das Juventudes Libertárias. Sua primeira medida foi

[...] el procedimiento de extender vales. [...] La C.N.T. y la F.A.I. tomaron bajo su responsabilidad exclusiva la actividad del suministro y distribución de víveres e inmediatamente fué esparcido por toda la barriada y fijado en las paredes un manifiesto, en el que se brindaban instrucciones concretas al vecindario¹⁹⁸.

¹⁹⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **A todos los Sindicatos, Comités de Barriada, Sección y cuantos organismos nos sean afines.** Barcelona, 30 jul. 1936, p.1

¹⁹⁸ Idem. **Cómo está organizado el abastecimiento de la barriada de la Torrassa.** Barcelona, 31 jul. 1936, p. 2.

Após a vizinhança tomar conhecimento do manifesto, continuou o Soli, foram formadas grandes filas na porta do local que havia sido requisitado para se tornar o armazém geral de aprovisionamento. Foram também requisitados outros locais, instalando neles mesas e cozinhas econômicas, tornando-os comedores populares. O próximo passo foi obter a requisição e o transporte de víveres, ao mesmo tempo em que se iniciou uma peregrinação às comarcas para a obtenção de mais víveres, estabelecendo-se uma rede de trocas diretas de mercadorias por víveres, sem o uso de moeda, eliminando os intermediários. No entanto, tais medidas entravam em choque com os interesses dos comerciantes locais.

La Comisión de Abastos de La Torrasa **se dirige frecuentemente contra los comerciantes que han mostrado intentos de subir el precio de las subsistencias** para aprovecharse de la situación. Ha exteriorizado también su repulsa contra aquellos vecinos – muy pocos por cierto – que cometen abusos, bien acaparando algunos víveres, bien reclamando consecutivamente vales en cantidad superior a sus necesidades¹⁹⁹.

Em 1º de agosto, saiu mais um número do Tierra y Libertad que, a partir de então, voltaria a ter uma frequência semanal, como era antes da guerra civil. Um dos principais assuntos tratados neste número do periódico foi a questão de uma possível manutenção da sociedade burguesa – que nada mais era do que uma discussão sobre as finalidades da luta e a existência da contrarrevolução. Em uma pequena nota, afirmou-se que havia o perigo de retornar à autoridade, salientando que desde “[...] el último miliciano a los comités, deben estar prevenidos contra el resabio autoritario. [...] Nuestro objetivo es destruirla²⁰⁰”. Em outro texto, falou-se do equívoco que seria caso a luta antifascista tivesse como finalidade a manutenção do estado de coisas pré-19 de julho. Não se batia pela república e pela burguesia, e sim pela construção de uma nova sociedade.

Batido este enemigo, las cosas no deben quedar como antes. No pueden quedar. La fórmula “Salvación de la República” sólo puede caber en cerebros pusilánimes. Bajo ella sólo pueden agruparse los que no han salido a la calle para batirse el cobre con la reacción. Sólo estos señores, que han contemplado la Revolución desde el palco o escuchando la voz del locutor de radio, pueden pedirnos el inmenso sacrificio de sacarles las castañas del fuego para que luego nos azoten en prenda a nuestros espléndidos servicios. Si “salvación de la República” quiere decir exterminar de raíz todos los gérmenes que hasta ahora han venido pululando poniendo en peligro la seguridad pública; sí quiere significar marcar una profunda huella en el aparato económico y político de una vez y para siempre, entonces esta acción bien merece otro nombre: transformación social, trastoque de los recodos del pasado, liquidación de la burguesía y del Estado²⁰¹.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

²⁰⁰ TIERRA Y LIBERTAD. **Atención a la autoridad**. Barcelona, 1 ago. 1936, p. 3.

²⁰¹ Idem. **No hay que caer en el equívoco**. Barcelona, 1 ago. 1936, p. 3.

Em 2 de agosto, houve uma Plenária de Locais e Comarcais da FAI, e o Boletín de Información do dia 3 – e também o Solidaridad Obrera do dia 5 – falou sobre ela. Primeiro, a plenária declarou a “[...] necesidad imprescindible de mantener la unidad del frente de lucha antifascista²⁰²”, e que “Los anarquistas deben continuar formando parte de los Comités antifascistas [...]”²⁰³ manifestando que:

[...] las organizaciones obreras, particularmente la C.N.T. así como el movimiento anarquista deben aprestarse a realizar toda una obra de reconstrucción económica, que habrá de ir desde la colectivización hasta la socialización de las tierras, de las minas y de las industrias²⁰⁴.

No campo militar, a plenária “[...] acepta el hecho consumado de las milicias populares, como necesidad ineludible de la guerra civil comenzada²⁰⁵”, mas “[...] se muestra contrario a la militarización de las milicias, aunque reconociendo sin embargo, la necesidad de una organización en la acción, indispensable en toda guerra²⁰⁶”. Sobre os pagamentos de soldos aos milicianos, a plenária “[...] **se pronuncia a favor de que sean las localidades y las Barriadas los que resulevan este problema**, según las posibilidades económicas de los Sindicatos y la burguesía locales²⁰⁷”, enquanto que as Patrulhas deveriam ter seus salários pagos pelo Comitê de Milícias. A plenária ainda acordou “[...] dejar en libertad a la Federación Local de los GG.AA²⁰⁸ de Barcelona para que en uso de su autonomía, resuelva este asunto de acuerdo con el comité de Defensa²⁰⁹”.

Assim, tal plenária ajudou a elucidar algumas questões a respeito das quais já aludimos antes. Neste momento, a ordem pública na retaguarda estava totalmente fora do controle da Generalitat. Primeiro, porque nem pagar os salários ela o fazia, sendo tal tarefa realizada pelos comitês de bairro que, na verdade, era quem detinha o poder real nas ruas. E estes estavam intimamente interligados com os sindicatos cenetistas. As patrulhas de rua também não eram pagas pela Generalitat, sendo feito pelo Comitê de Milícias. Em segundo lugar, constatamos que a Generalitat não tinha condições de fazer nada sem a colaboração dos cenetistas e dos comitês de bairro, e se ela quisesse recompor sua autoridade – que não havia desaparecido, mas que havia sofrido um duro golpe –, necessariamente teria que minar o poder destes. Mas para

²⁰² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Cual ha de ser la actitud de la FAI en e momento presente**. Barcelona, 3 ago. 1936, p. 2.

²⁰³ Ibidem, p. 2.

²⁰⁴ Ibidem, p. 2.

²⁰⁵ Idem. **Sobre la organización de las milicias**. Barcelona, 3 ago. 1936, p. 3.

²⁰⁶ Ibidem, p. 3.

²⁰⁷ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

²⁰⁸ Federação Local de Grupos Anarquistas.

²⁰⁹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sobre la organización de las milicias**. Barcelona, 3 ago. 1936, p. 3.

fazer isso a Generalitat teria que pactar com os anarquistas, o que pressupunha ceder em alguns pontos. É o famoso “dar o anel para não perder os dedos”. A mesma coisa ocorria com as milícias. Caso o Estado quisesse recompor seu poder militar na Catalunha, necessariamente teria que minar o poder das milícias. E isso só poderia ser feito mediante a militarização, o que significava acabar com a autonomia militar da classe trabalhadora e uma mudança na finalidade pela qual se combatia. A luta revolucionária pelo socialismo deveria ser convertida em luta antifascista. Mas este processo também não poderia ser feito de modo completo e imediato, devendo absorver algumas das reivindicações dos trabalhadores no campo militar. E essa impossibilidade da Generalitat se impor, neste momento, enquanto aparelho de Estado, fez surgir formas híbridas estatal-sindical em todos os aspectos: sociais, políticos, econômicos e militares. E é preciso não esquecer que os líderes anarquistas colaboraram neste processo, ao adotarem uma postura de conciliação.

Ainda no dia 2 de agosto, o Solidaridad Obrera publicou artigos que demonstram bastante as preocupações do momento. O primeiro deles era uma advertência e uma indignação contra o que estava ocorrendo em algumas localidades, como Gerona e Figueras, onde a Guarda Civil e Milícias da Frente Popular

[...] se han atrevido a recoger las armas que en poder de nuestros militantes han influido en el aplastamiento del fascismo naciente. En otros puntos del suelo catalán han sido los centros de “Esquerra” los que agrupados y unidos con la fuerza pública han desarmado a los confederados²¹⁰.

Depois de fazer uma pequena digressão sobre os resultados dos trabalhadores em armas – a derrota do fascismo –, o periódico concluiu de forma bastante contundente.

¡Camaradas de Gerona, de Figueras, de Cataluña y de España entera! **Cuando alguien quiera desarmarlos, considerarle como el peor de los elementos fascistas.** Pretenden debilitar a la clase obrera con sus maquiavelismos. **No vaciléis en disparar sobre quien vaya a desarmaros.** Vuestra arma ha sido conquistada con el pecho y las uñas. Matad a los traidores que quieran arrebatat la única prenda de respecto que en los actuales momentos posee la clase obrera²¹¹.

No mesmo Soli, ainda foi publicada uma ordem do Comitê de Milícias Antifascistas contra os que cometiam atos de “vandalismo”.

²¹⁰ C.N.T.-F.A.I. SERVICIO DE INFORMACIÓN. El desarme puede matar el movimiento. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 2 ago. 1936, p. 2.

²¹¹ Ibidem, p. 2, grifos nossos.

Ante los últimos asesinatos cometidos ayer, entre otros el de Desiderio Trillas, destacado militante de la Unión General de Trabajadores, el Comité central de Milicias Antifascistas protesta enérgicamente y con dolor anuncia que tratará como enemigos de guerra a todos aquellos que, arrastrados por partidismos exacerbados y pasionales, o bien obedeciendo unas consignas emanadas del campo fascista, continúen la táctica criminal y contrarrevolucionaria de enfrentar unas organizaciones con otras o la de ir eliminando de una manera progresiva a los jefes más despiertos de la revolución. Que nadie crea que se trata de una simple declaración. ¡Cinco mil milicianos armados tienen ya desde ahora bajo su control el orden revolucionario de la ciudad! Todos aquellos que cometan actos de saqueo y actos vandálicos serán fusilados al pie de su obra. Todos aquellos que penetren en los domicilios particulares o colectivos sin la autorización del Comité de Milicias Antifascistas serán igualmente ejecutados sin formación de causa. Todos aquellos que, sean de la organización que sean, se tomen la justicia por su mano, conocerán el peso de nuestra justicia. Las patrullas de control tienen órdenes severísimas, que cumplirán inexorablemente. Cataluña no puede convertirse en un charco de sangre. Cataluña no quiere llevar encima la mancha de canibalismo de los pueblos primitivos y salvajes. Exigimos orden y disciplina revolucionarios. El Comité de las Milicias Antifascistas pide de manera apremiante que todos los militantes de las organizaciones que lo integran se dispongan a secundar y a fortalecer su acción por la salud de la revolución. Hermanos de trabajo, hermanos de lucha. ¡Ayudadnos en estas horas de peligro!²¹²

O Soli também deu a conhecer²¹³ a formação do novo governo na Catalunha, pois o antigo governo havia se demitido no último dia 27 de julho.

Em 4 de agosto, houve uma Plenária Nacional de Regionais²¹⁴, convocada pelo Comitê Nacional. Discutiu-se primeiro a legitimidade ou não da própria plenária, uma vez que algumas regionais estavam impossibilitadas de acudir à reunião por conta da conjuntura. Mas também se debateu, dentre outras coisas, uma importante proposta: a participação do Comitê Nacional da CNT em um comitê antifascista de caráter nacional, que seria parecido com o Comitê Central de Milícias Antifascistas da Catalunha, mas abrangendo todo o território espanhol. Tratava-se de estender o modelo de cooperação da Catalunha a todo o país. Houve posições favoráveis e contrárias, mas ambas concordavam que a CNT deveria fazer de tudo para manter sua independência. Após esclarecimentos do Comitê Nacional, dizendo que este comitê antifascista foi uma proposta do Ministro da Governança – o equivalente ao que hoje se costuma a chamar de Ministério do Interior – por conta da ameaça estrangeira que pairava, já que se confirmou que haviam navios estrangeiros próximos aos portos, e depois de se dizer que ainda não havia sido feito um convite oficial, a plenária acordou aceitar tal proposta somente se tal convite fosse feito em caráter oficial.

²¹² SOLIDARIDAD OBRERA. **Orden del Comite de las Milicias Antifascistas. Todo aquel que cometa un acto vandálico sufrirá el peso máximo de la ley marcial.** Barcelona, 2 ago. 1936, p. 2.

²¹³ Idem. **Se ha constituido el nuevo Gobierno de la Generalidad.** Barcelona, 2 ago. 1936, p. 8.

²¹⁴ A.I.T. CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO DE ESPAÑA COMITE NACIONAL. **Ata da Plenária Nacional de Regionais de 4 de agosto de 1936.**

Ainda no dia 4 de agosto, o Solidaridad Obrera publicou as seguintes consignas emanadas pelo Comitê de Abastecimentos.

1ª- Todos los comerciantes que sirvan géneros a este Comité Central de Abastos, o a cualquiera de sus Secciones, deberán entregar, junto con la mercancía, un albarán en el que conste la calidad, cantidad y precio del pedido servido; 2ª- Todos los industriales y comerciantes que han servido géneros contra el sello de este Comité Central de Abastos, vienen obligados, en el plazo de tres días, a presentar factura por duplicado de todas las mercancías servidas, con indicación de precios y cantidades; 3ª- El Comité de Abastos únicamente compra a mayoristas, mediante pedido normal. Cualquiera entrega que se haga de mercancías sin el sello de este Comité, quedará a cuenta y riesgo del comerciante; 4ª- Al objeto de controlar mejor el mercado de patatas, desde hoy, hasta nueva orden, todos los cargamentos de patatas han de ser transportados al Mercado Central de Borne. Los fieltos únicamente expenderán pases para el Borne. Los que contravinieren esta consigna, serán sancionados; 5ª- Se recuerda a todos los almacenistas, tanto del ramo alimenticio como del de vestir o de herramientas, la obligación que tienen de presentar, a la mayor brevedad posible, una relación de existencias, lo más aproximada posible²¹⁵.

No dia 5 de agosto, no Soli e, de forma resumida, no Boletín de Información, o Comitê Nacional da CNT tocou no tema das milícias. Afirmou que as ruas de Barcelona se encheram de jovens de recrutamentos de anos anteriores

[...] que se niegan a reingresar en los cuarteles, porque no les merece confianza la oficialidad, y porque se consideran lógicamente desvinculados del viejo concepto militar, cuartelero. Por propio impulso, han abandonado los cuarteles, rasgando sus guerreras y organizando manifestaciones al grito de: ¡Abajo el Ejército! ¡Vivan las Milicias populares!²¹⁶

De acordo com o Comitê, muitos jovens não quiseram realizar o alistamento no exército regular, pois já estavam arrolados nas milícias, ao passo que outros declararam que estavam dispostos a serem enviados para tomar Zaragoza. Dez mil destes estiveram no Teatro Olympia em assembleia, e tomaram importantes acordos. Segundo o Comitê, disseram eles:

Nosotros no rehuimos el cumplimiento de nuestro deber cívico y revolucionario. Nosotros queremos ir a Zaragoza a libertar a nuestros hermanos. Queremos ser milicianos de la libertad; pero no seremos, no podemos ser soldados uniformados. Se ha demostrado palpablemente que el Ejército regular era un peligro para el pueblo; que la salvación del mismo, que la defensa de las libertades ciudadanas reside pura y exclusivamente en las milicias populares. A las milicias iremos. Al frente, también. Pero a los cuarteles, como antes, en calidad de soldados, sometidos a disciplinas y órdenes no emanantes de las fuerzas populares, no²¹⁷.

²¹⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **Consignas del Comité Central de Abastos.** Barcelona, 4 ago. 1936, p. 4.

²¹⁶ Idem. **La actitud de la organización obrera ante la llamada a fila de los reemplazos – Milicias populares, si; soldados acuartelados y uniformados, no.** Barcelona, 5 ago. 1936, p. 1.

²¹⁷ Idem, p. 1.

Continuando sua explanação, o Comitê Nacional da CNT afirmou que não se poderia defender a existência de um exército regular, uniformizado e obrigatório, e que este deveria ser substituído pelas milícias, única garantia de liberdade. Também não se poderia obrigar os ex-soldados a se reintegrarem na condição de soldados, pois isso, além de tudo, semearia o descontentamento. O Comitê ainda deu conta que no Teatro Olympia, desde às 6 da manhã, estava funcionando uma oficina de alistamento nas milícias, e milhares haviam se alistado. A maioria dos soldados chamados às novas fileiras já estavam alistados na condição de milicianos. Então, por que não aceitar o fato consumado das milícias?

No dia 6 de agosto, o Soli publicou novas consignas do Comitê Central de Abastecimentos. Entre elas estava o lembrete que todo dia 7 do mês era preciso repassar as faturas dos gêneros para o Comitê, que hospitais e clínicas deveriam fazer o pedido com um dia de antecedência e os comerciantes tinham que apresentar as notas para a aquisição de gêneros dos armazéns do Comitê, além de informar que o Comitê de Abastecimentos não fazia requisições, e sim pedidos normais. Além disso, o Comitê também anexou um aviso. Era, na verdade, um pedido para que as diversas organizações, sejam anarquistas ou não,

[...] controlen severamente las certificaciones que sirvan para obtener vales de comidas. Se ha de acabar con los aprovechados y los egoístas y ésta es una función de que son responsables principalmente los compañeros responsables de cada organización²¹⁸.

O Comitê de Abastecimentos também deu conta de que encarregou a Seção Agrônômica de Barcelona de ordenar e controlar tudo referente a trigos e farinhas, sendo que todos os fabricantes e comerciantes de tais produtos teriam que enviar uma relação do que possuíam para que pudessem obter um conhecimento exato da quantidade existente destes produtos, e os que não cumprissem a determinação seriam penalizados.

Isso foi uma tentativa de racionalizar a distribuição dos gêneros alimentícios e de acabar com o esbanjamento que todas as organizações, libertárias ou não, estavam praticando, ao avalizar uma quantidade muito grande de pessoas para que elas pudessem obter alimentos dos armazéns do Comitê Central de Abastecimentos. Já a segunda medida tinha como objetivo controlar e planejar a produção de pão, um alimento básico da população, especialmente dos mais pobres, sendo também crucial para a estabilização da nova ordem revolucionária que se estava querendo desenvolver. Oferecer alimento para toda a população era, além de uma

²¹⁸ Idem. **Consignas del Comité Central de Abastos**. Barcelona, 6 ago. 1936, p. 5.

questão humanitária, condição para a própria luta antifascista, pois isso garantiria a sobrevivência das famílias dos milicianos que combatiam no front.

Outras duas pequenas notas foram publicadas ainda neste dia no *Solidaridad Obrera*. A primeira delas²¹⁹ era do Comitê Revolucionário de Sans convocando para uma assembleia de todas as milícias controladas no bairro, demonstrando a estreita vinculação que existia entre milícias e comitês de bairro. A outra nota era do Comitê Regional da CNT e se dirigia a todos os comitês de bairro e grupos de controle de Barcelona, pedindo-lhes que “[...] no se pongan obstáculos de circulación a los coches procedentes de las comarcas catalanas, y que vayan avalados por los Comités de milicias antifascistas de sus respectivas localidades²²⁰”. Isso demonstrava que os comitês de bairro estavam atuantes e que nem a CNT – e nem o Comitê Central de Milícias Antifascistas – nem nenhuma organização os controlava totalmente.

Ainda no dia 6 de agosto, formou-se o novo governo da Generalitat, em substituição ao governo anterior, que havia durado apenas poucos dias. Sua composição era a seguinte:

Presidência: Juan Casanovas, Esquerria;

Defesa: Felipe Días Sandino, tenente-coronel;

Justiça: José Quero Molares, Esquerria;

Finanças: Martí Esteve, Ação Catalã;

Cultura: Ventura Gasol, Esquerria;

Governança: José María España, Esquerria;

Agricultura e Provitimento: José Calvet, União de Rabassaires;

Obras Públicas: Pedro Mestres, Esquerria;

Trabalho: Luis Prunés, Esquerria;

Saúde: Martí Rouret, Esquerria;

Assistência Social: Juan Puig i Ferrer, Esquerria.

No dia seguinte, 7 de agosto, o *Tierra y Libertad* publicou um artigo intitulado “Economia e Liberdade²²¹”, onde deixou claro que o essencial da nova economia que se estava forjando era que ela não perpetuasse a exploração do trabalho. Salientou que os pequenos proprietários deveriam ser respeitados e acrescentou que em alguns povoados os burgueses foram colocados para trabalhar, obtendo o mesmo tratamento dos demais. Afirmou também que não se deveria complicar “[...] la vida con órdenes ni con sofismas autoritarios²²²”.

²¹⁹ Idem. **Comité Revolucionario de Sans**. Barcelona, 6 ago. 1936, p. 5.

²²⁰ EL COMITÉ. CNT. A todas las barriadas y Grupos de Control de Barcelona. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 6 ago. 1936, p. 5.

²²¹ TIERRA Y LIBERTAD. **Economía y Libertad**. Barcelona, 7 ago. 1936, p. 8.

²²² Ibidem, p. 8.

Em um segundo artigo, o mesmo Tierra y Libertad²²³ falou sobre a pós-ocupação do edifício do antigo Fomento do Trabalho e também da Casa Cambó, edifício residencial em frente ao Fomento do Trabalho, transformada em Casa CNT-FAI. Foi montada uma cozinha na antiga Casa Cambó, na qual, depois de algumas reformas, comiam de 500 a 600 pessoas por dia – antes eram atendidas mais pessoas, mas se percebeu que não era viável. O local também servia leite e pequenos lanches para os que não podiam se alimentar na hora do almoço. Trabalhavam nas cozinhas – eram mais de uma – duas mulheres e oito homens, e tudo era controlado pelo Comitê de Abastecimentos por meio de cartões vermelhos.

Ainda no dia 7 de agosto, o Solidaridad Obrera publicou²²⁴ novas consignas do Comitê de Abastecimentos. Além de repetir essencialmente algumas colocações já referidas, pediu que as relações de víveres fossem mais bem-feitas, principalmente em relação às quantidades, acrescentou que todos os armazéns e indústrias eram obrigadas a servir seus clientes com as mesmas normas comerciais de crédito e preço de antes do movimento faccioso, falou sobre questões relacionadas com o matadouro. O Comitê de Abastecimentos também tratou da detenção de uma pessoa que tentava fazer confisco com um pedido falso, e que em sua casa foram encontradas rãs, roupa, tabaco, cordeiros etc.

O mesmo Soli também fez uma reportagem sobre a Central Telefônica, local que seria palco de um importante acontecimento em maio de 1937, a respeito do qual falaremos posteriormente. De acordo com o Soli, a central foi ocupada pelos fascistas, mas foi retomada durante os combates, sendo muito afetado tanto o edifício quanto a maquinária. 75% dos conectores foram destruídos, mas a reconstrução durou escassos três dias. E então os trabalhadores ocuparam a central.

Los obreros, reunidos en asamblea, nombraron un Comité responsable del funcionamiento de los servicios. Cada una de las centrales de Barcelona nombraron a su vez un delegado que mantiene sus relaciones diarias para las necesidades generales de organización, etc. El mismo procedimiento se ha seguido con las sucursales de fuera de Barcelona y las centrales de las provincias catalanas. La parte económica está controlada por la dirección, nombrada también por los obreros y un delegado de la Generalidad. Han sido destituidos algunos jefes y el personal se halla poseído del más grande entusiasmo y optimismo, que traduce en el buen cumplimiento de un servicio tan necesario como el de Teléfonos²²⁵.

²²³ Idem. **La Casa de los Sindicatos**. Barcelona, 7 ago. 1936, p. 4.

²²⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **Consignas del Comité de Abastos**. Barcelona, 7 ago. 1936, p. 6.

²²⁵ Idem. **Como funciona la Telefonica**. Barcelona, 7 ago. 1936, p. 6.

Neste mesmo dia 7, o Boletín de Información²²⁶ denunciou que os familiares de alguns trabalhadores que deixaram seus postos de trabalho para acudir a frente de batalha na condição de milicianos estavam sendo ameaçados. Tais trabalhadores “faltosos” deveriam se reincorporar ao trabalho, sob pena de perderem o emprego. Isso demonstra o quanto os milicianos sofriam pressões, e evidencia a importância do pagamento assegurado pelos comitês de bairro e também das atividades empreendidas pelo Comitê de Abastecimentos, sem os quais a luta seria impossível.

No dia 8 de agosto, o Solidaridad Obrera publicou um importante artigo sobre a pequena burguesia, que serviu de baliza para todo o movimento revolucionário posterior. O escrito afirmou que os pequenos burgueses ficaram em pânico nos primeiros instantes da revolução, especialmente por conta dos saques e pilhagens. No entanto, continuou a reportagem,

[...] los desmanes y los atropellos de que han sido objeto una buena parte de pequeños comerciantes e industriales han desaparecido por completo. Hoy no se registra un solo conato de expropiación individual y si alguien se atreve a ello, nuestros propios camaradas llevan a la práctica el valor íntegro de la justicia popular²²⁷.

Ainda segundo o Soli, na Catalunha a pequena burguesia alcançava uma porcentagem enorme e não se queria desperdiçar sua função social, pois ela constituiria uma parte importante do mecanismo que a classe trabalhadora estava perfilando depois de 19 de julho.

Los pequeños comerciantes e industriales provienen casi todos de la clase trabajadora. Lograron emanciparse de la fábrica y de los lugares de trabajo que regentaba el capitalismo a expensas de su sudor con un meticuloso espíritu de ahorro. La clase media acostumbra a perder el rumbo. No disfruta de una personalidad propia de clase. Sus intervenciones en el terreno político y social acostumbras casi siempre a favorecer a las finanzas. En el régimen capitalista no puede desarrollarse con una vida espaciada y de anchos horizontales. Van a remolque de la gran burguesía. Su existencia es miserable y están siempre a merced de los altibajos que caracteriza la economía capitalista. Emplazada entre el capital y el trabajo sufre las arremetidas de las dos clases por no decidirse a sumarse a la clase de donde partió. Y en esta falsa posición intenta perdurar, y teniendo la estéril pretensión de querer actuar de pararrayos de la tormenta que motivan las luchas que se planean con trazos agudísimos entre los burgueses y los trabajadores²²⁸.

No entanto, continua o Soli, a pequena burguesia se vê estrangulada pelos burgueses de superior envergadura e por reações violentas do proletariado, e com isso toma atitudes de energia. O fascismo seria alimentado por uma parte da pequena burguesia quando esta “[...] ya

²²⁶ BOLETÍN DE INFORMACIÓN BARCELONA. **Los camaradas de las milicias han de tener las máximas atenciones de los sindicatos.** Barcelona, 7 ago. 1936, p. 5-6.

²²⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **La pequeña burguesía no ha de asustarse. Su misión social e histórica se halla junto al proletariado.** Barcelona, 8 ago. 1936, p. 1.

²²⁸ Ibidem, p. 1.

no puede continuar sobrellevando el papel de mediero que ocupa en la disposición de los estratos sociales²²⁹”. Então, ela recorreria à demagogia para anular a burguesia que a asfixia e ao proletariado que a mantém na linha. Entretanto, era possível manter a pequena burguesia nas fileiras do proletariado e, ao mesmo tempo, o proletariado sabia que seus inimigos não estavam nas fileiras da pequena burguesia. E, para chegar ao ápice de seu programa social, seria preciso estabelecer uma ligação entre todas as vítimas do regime imperante, dentre os quais se encontra a pequena burguesia.

Também no mesmo Soli, um artigo de Alfonso Martinez Rizo falou sobre uma assembleia de milicianos realizada no dia anterior no Cine Goya. Nesta, foram adotados os seguintes acordos: os pequenos grupos se fundiriam de modo a não ficar nenhum com menos de vinte pessoas; cada grupo nomearia um delegado para integrar o comitê geral da agrupação, que deveria ser intermediário entre a assembleia e o comitê executivo; os pequenos grupos seriam reunidos diariamente para deliberar, tal como o comitê geral; o comitê executivo seria formado por Ortiz, Garcia Miranda, Martinez Rizo e um delegado do comitê geral, e sua missão seria colocar em prática os acordos da assembleia e, em caso de urgência, os do comitê; em casos de urgência o comitê poderia tomar acordos, que seriam remetidos para os organismos superiores; as assembleias ordinárias ocorreriam a cada quinze dias; todos os cargos deveriam ser renováveis e submetidos à assembleia. Com essas medidas, acreditava o autor que todas as forças estariam “[...] perfectamente encuadradas y controladas y se evitará la actuación de individuos o pequeños grupos aislados propensos a abusar del nombre de la organización en beneficio particular propio y en desprestigio de la colectividad²³⁰”.

Isso demonstra que as milícias também tinham como uma de suas características o funcionamento de modo assembleário, a que se somavam outras: eleição dos comandantes, revogabilidade dos cargos, igualitarismo na distribuição de víveres, maior participação dos soldados na definição das estratégias que deveriam ser seguidas etc.

No dia 9 de agosto, houve um grande evento no Teatro Olympia, com participação de importantes membros da CNT. Mariano Vázquez, ao abordar o trabalho de reconstrução da economia por parte da CNT e da FAI, afirmou que como

[...] pináculo a esta reconstrucción económica, vamos a la constitución de un Consejo Superior de Economía, del que formarán parte todas las organizaciones en lucha contra el fascismo, y especialmente de la C.N.T. y de la F.A.I. Este organismo, tendrá por finalidad estudiar las posibilidades económicas de la hora presente, regularizarlas

²²⁹ Ibidem, p. 1.

²³⁰ RIZO, Alfonso. De Barcelona a Zaragoza. Una asamblea de milicianos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 8 ago. 1936, p. 5.

y canalizarlas. Después, con pies de plomo, haremos todo aquello que podamos hacer, previo un estudio minucioso²³¹.

Vázquez também afirmou que os trabalhadores não poderiam se deixar desarmar e colocou o fascismo como o único inimigo a se vencer:

En esta hora grave y peligrosa solo puede haber un objetivo de lucha: Batallar incesantemente y sin descanso hasta la total extinción del fascismo del cual hay que cortar no solo las ramas por ser malas sino descubrir el fondo de las raices haciendo una verdadera labor de profilaxis social para que impida su rebrote que nos conduciría inevitablemente a la miseria, la desolación y la tragedia como la presente en los pueblos²³².

Outra fala esclarecedora neste mesmo comício foi a de Federica Montseny, que ao pedir lealdade e confiança entre as diversas forças do campo antifascista afirmou:

Se nos obliga a ir más delante de lo que nosotros nos proponíamos, por el abandono de gran número de industrias necesarias para la reconstrucción económica de la revolución. Recogemos esta responsabilidad abandonada para sacar el mínimo provecho de ella. A los técnicos les llamamos a nuestro lado para que colaboren en la obra común, seguros de encontrar en esta colaboración la máxima satisfacción a su espíritu científico y el máximo derecho y garantía a sus necesidades vitales. A los republicanos, a todos los que tengan ideas de progreso social dispares a las nuestras, que reflexionen sobre todo estos problemas de grande y grave importancia en esta hora solemne²³³.

Assim, da fala dos dirigentes cenetistas neste evento podemos deduzir que sua disposição para a colaboração era grande, e para implementar as transformações sociais almeçadas pela organização era pequena. Montseny reconheceu tacitamente que se estava indo mais longe do que se propunha. Parece que neste momento, na prática, o antifascismo já havia se sobreposto ao anticapitalismo.

No dia 11 de agosto, foi criado um importante órgão econômico, o Conselho de Economia da Catalunha, referido por Vázquez dois dias antes. Ele foi criado via decreto da Generalitat, assinado por Companys e publicado no Diário Oficial do dia 14. O decreto assinalou que o Conselho de Economia seria “[...] l’organisme ordenador de la vida econòmica catalana^{234,235} e que acordaria “[...] les normes adequades per a l’establiment de la normalitat

²³¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **El Mitin en Olympia**. Barcelona, 11 ago. 1936, p. 4.

²³² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Discurso pronunciado en el Mitin de ayer en el Olympia por el Secretario del Comité Regional**. Barcelona, 10 ago. 1936, p. 6.

²³³ SOLIDARIDAD OBRERA. **El Mitin en Olympia**. Barcelona, 11 ago. 1936, p. 5, grifo nosso.

²³⁴ BUTLLETÍ OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Divendres, v. 3. n. 277. Barcelona, 14 ago. 1936, p. 1050.

²³⁵ Tradução: “[...] o organismo ordenador da vida econômica catalã”.

econòmica a tot el territori de Catalunya²³⁶,²³⁷. Seu Presidente seria o Conselheiro de Economia e Serviços Públicos da Generalitat, neste momento Tarradellas, que poderia ou não delegar a função para quem ele achasse mais conveniente. O Conselho seria formado por 15 membros representantes de partidos e sindicatos: Martin Barrera y Maresma, Vicente Bernardes y Biusá e Juan B. Soler y Bru, pela Esquerra; Eusebi Carbó, Juan P. Fábregas e Cosme Rofes, pela CNT; Antoni Garcia Birlán e Diego Abad de Santillán, pela FAI; Juan Fronjosá y Salomó, Juan Grijalbo y Serres e Juan Puig y Pedemont, pela UGT; Estanislao Ruiz y Ponseti, pelo PSUC; Joaquín Pou y Mas, pela União de Rabassaires; Ramón Peypoch y Pi, pela Ação Catalã; Andrés Nin, pelo POUM. Dias depois, o Soli anunciou que o Conselho de Economia da Catalunha tinha o “[...] propósito firme, por parte de todos sus componentes, [...] de plasmar en realidades prácticas e inconvencibles un plan económico e industrial de mucha más envergadura que los planos quinquenales de la economía soviética²³⁸”. E declarou Carbó, um dos representantes cenetistas no Conselho:

Cuando caiga Zaragoza, que será pronto, el horizonte de plasmación de nuestros planes será inmenso y alumbrará al Gobierno de la República de la verdadera situación y lo que representa en Cataluña la formación del Consejo de Economía. Tendrá, pues, una repercusión no solamente nacional, sino internacional, cuando se vayan conociendo sus grandes proyectos y sus realizaciones. Es quizás lo más interesante del presente momento que vivimos. Claro está que en algún momento nos tendremos que hacer concesiones mutuas; pero esto no quiere decir que desfiguren para nada en absoluto la directriz de los propósitos y concepciones de la Confederación Nacional de Cataluña²³⁹.

Quatro dias depois mais uma vez o Soli falou sobre o Conselho de Economia, explicitando sua função e seu programa prática imediato.

El Consejo de Economía actuará como organismo deliberativo para establecer acuerdos en materias económicas, entre las varias organizaciones representadas, y el Gobierno de la Generalidad ejecutará los acuerdos que resulten de sus deliberaciones. Sin perjuicio de las resoluciones ulteriores que pueda tomar, el Consejo llevará a la práctica las siguientes, la realización de las cuales estima inaplazables. Primera.– Regulación de la producción, de acuerdo con las necesidades del consumo, sacrificando aquellas industrias o producciones que resulten sobreras, y estimulando enérgicamente la instalación de las nuevas industrias que, por efecto de la alteración del valor de la peseta, sea conveniente instaurar en nuestro pueblo. Segunda.– Monopolio del comercio exterior, para evitar acometidas desde fuera contra el nuevo orden económico que está naciendo. Tercera.– Colectivización de la gran propiedad

²³⁶ BUTLLETÍ OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Divendres, v. 3. n. 277. Barcelona, 14 ago. 1936, p. 1050.

²³⁷ Tradução: “[...] as normas adequadas para o estabelecimento da normalidade econômica a todo o território da Catalunha”.

²³⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **La importancia del decreto de creación del Consejo de Economía**. Barcelona, 16 ago. 1936, p. 3.

²³⁹ *Ibidem*, p. 3.

rústica, para ser explotada por Sindicatos de campesinos con la ayuda de la Generalidad, y sindicación obligatoria de los productos agrícolas que explotan la pequeña y mediana propiedad. Cuarta.– Desvalorización parcial de la propiedad urbana, mediante la reducción de alquileres o el establecimiento de tasas equivalentes cuando no se crea conveniente beneficiar a los inquilinos. Quinta.– Colectivización de las grandes industrias, de los servicios públicos y de los transportes en común. Sexta.– Incautación y colectivización de los establecimientos abandonados por sus propietarios. Séptima.– Intensificación del régimen cooperativo en la distribución de los productos y, en particular, explotación en régimen cooperativo de las grandes empresas de distribución. Octava.– Control obrero de los negocios bancarios, hasta llegar a la nacionalización de la Banca. Novena.– Control sindical obrero sobre todas las industrias que continúan explotadas en régimen de empresa privada. Décima.– Reabsorción enérgica, para la agricultura y la industria, de los obreros sin trabajo, y a este efecto se estimulará la revalorización de los productos del campo, el retorno al campo, en lo posible, de los obreros que pueda absorber la nueva organización del trabajo agrícola, la creación de grandes industrias para suplir artículos manufacturados que sería difícil importar, la electrificación integral de Cataluña y, principalmente, de los ferrocarriles, etcétera. Décimoprimera.– Supresión rápida de los diversos impuestos para llegar a la implantación del impuesto único²⁴⁰.

Os anarquistas, ao adentrarem ao Conselho de Economía com um total de 5 membros, passaram a fazer parte de uma organização que, apesar de não ser um órgão de Estado, assessorava e colaborava diretamente com este, o que o diferenciava do Comitê de Milícias, pois este era mais autônomo em relação à Generalitat. O Conselho de Economía para os anarquistas, como salientou Guillamón²⁴¹, significou adotar uma colaboração com o Estado republicano a partir de fora, sem ostentar cargos de forma direta. E isso já primeira quinzena de agosto de 1936, pouco mais de três semanas depois do início da revolução.

Mas os anarquistas designaram o Conselho de Economía de forma bem distinta. No Boletín de Información de 24 de agosto, por exemplo, apareceu um artigo apresentando o Conselho de Economía, e estava assinado pelos “Comites”, referindo-se aos comitês confederal e específico. Diz a matéria:

La Confederación Nacional del Trabajo y la Federación Anarquista Iberica no son solamente un conjunto de temerarios luchadores que desafían al peligro como espartacos despreciando su propia vida. Son también organizaciones de reconstrucción económica. Se ha creado un Consejo de Economía por inspiración nuestra, por la laboriosidad nuestra por la presión que hemos ejercido sobre los elementos que, en los problemas económicos, habían concedido siempre una importancia secundaria. Dicho Consejo de Economía, de acuerdo con los Sindicatos de trabajadores establecerá una perfecta coordinación entre todas las actividades económicas de la región catalana. La C.N.T. y la F.A.I. se proponen, junto con los demás sectores que intervienen en la lucha antifascista, fijar los fundamentos de una Cataluña diferente. De una Cataluña, donde los trabajadores tengan una determinante influencia en los problemas económicos y en su solución. Hemos triunfado por la violencia. Hemos de triunfar por la inteligencia, unidos como el presente y siguiendo

²⁴⁰ Idem. **La labor del Consejo de Economía**. Barcelona, 20 ago. 1936, p. 6.

²⁴¹ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comitês: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936**. Barcelona: Aldarull, 2013.

en todo lo concerniente en asunto de economía las iniciativas que surjan de éste Consejo de Economía el cual elaborará de acuerdo con la C.N.T. y la F.A.I.²⁴².

Assim, o Conselho de Economia foi apresentado como um órgão revolucionário e de inspiração anarquista, embora não fale nada sobre a relação dele com os processos de coletivização. Mas tal relação foi abordada em uma Plenária Regional de Grupos Anarquistas da Catalunha, realizada no dia 21 de agosto, e cujas atas foram fracionadamente publicadas pelo próprio Boletín de Información dos dias 27, 28, 29 e 31 de agosto. Conforme a publicação, na plenária foi lido um documento que era um programa de atuação do Conselho de Economia, e nele se estabelecia que o Conselho teria um caráter deliberativo e que haveria onze demandas para serem realizadas imediatamente. Entre elas estavam: o monopólio do comércio exterior; a coletivização da grande propriedade rural; a coletivização das grandes indústrias, dos serviços públicos e dos transportes; expropriação e coletivização dos estabelecimentos abandonados pelos proprietários; controle sindical operário de todas as indústrias que permaneciam como propriedade privada.

Dessa maneira, o Conselho de Economia, em teoria, deveria impulsionar a coletivização, mas a questão é mais complexa. Para Duran²⁴³, o Conselho de Economia foi a primeira grande vitória dos antioletivistas, na medida em que a existência de tal Conselho impedia que as coletivizações já formadas pudessem se federar e caminhar para outra fase de construção da economia coletiva, a socialização²⁴⁴. Mas sua composição era heterogênea, e havia elementos dentro do Conselho que eram favoráveis à coletivização e outros que eram contrários. Apesar disso, a mera participação dos anarquistas nesse organismo já demonstrava que eles estavam renunciando à generalização da autogestão, ou ao menos adiando-a. A criação do Conselho de Economia também supôs um primeiro passo importante para a reconstrução do aparelho de Estado na Catalunha, já que ele era submetido ao Departamento de Economia da Generalitat. Inicialmente, o Conselho de Economia teria um caráter deliberativo, mas depois disso mudou bastante, quando o poder de Estado já estava em um grau avançado de recomposição. O Conselho passou a ser consultivo e também teve sua composição alterada,

²⁴² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. De un manifiesto hecho publico por el comité regional de la F.A.I. Barcelona, 24 ago. 1936, p. 4-5.

²⁴³ DURAN, Antoni Castells i. *El Proceso Estatizador en la Experiencia Colectivista Catalana (1936-1939)*. Salamanca: Madrid, 1996.

²⁴⁴ Cabe aqui fazer uma diferenciação entre coletivização e socialização. Se designava coletivização a empresa isolada que estava sob controle e gestão direta dos trabalhadores, via comitê de empresa. Já a palavra socialização queria dizer um conglomerado de empresas coletivizadas de um determinado ramo que se federavam ainda sob a ótica da autogestão.

elevando seu número de membros para 21, diminuindo proporcionalmente a participação das organizações operárias e aumentando a de elementos do Estado.

Com a entrada dos anarquistas no Conselho de Economia, órgão diretamente vinculado ao Departamento de Economia da Generalitat, mais um passo foi dado no sentido de se estreitar as relações entre as diversas forças políticas catalãs, assim como entre estas e a Generalitat – não devemos esquecer que os anarquistas já atuavam também dentro do Comitê de Milícias. Este estreitamento de laços foi preparando terreno para uma colaboração mais aberta e ampla, o que aconteceria com a entrada da CNT no governo. Essa incursão dos anarquistas no Conselho de Economia também tinha como consequência a integração dos líderes anarquistas no sistema burguês em recomposição e, conseqüentemente, um maior afastamento em relação às suas bases e aos comitês de bairros e milícias. E a ideologia que dava suporte a este processo era o antifascismo, que cada vez mais se impunha sobre as metas revolucionárias e coletivistas. Mas por enquanto ninguém nos meios anarquistas ousaria propor a entrada direta da CNT no governo, embora a colaboração com o aparelho de Estado já fosse uma realidade.

Mas enquanto os líderes anarquistas iam se comprometendo com a colaboração e ajudavam a dar início à reconstrução do aparelho de Estado, os trabalhadores não necessariamente viam esse processo da mesma forma. No dia 12 de agosto, o Soli publicou um artigo ligado ao setor ferroviário questionando o governo da Generalitat. Este se perguntou: por que o mesmo governo que semanas atrás havia se colocado contrário à luta dos trabalhadores e os perseguia, e depois dos ferroviários terem se apossado de várias linhas férreas e as terem colocado para funcionar – na medida do possível, é claro –, agora se “apropria” provisoriamente, como ele mesmo admite, das principais linhas ferroviárias? O que explicaria isso?

A dos cosas principales: primera, a que, como es un Gobierno burgués, le conviene frenar los impulsos del proletariado, para salvaguardar los intereses de las empresas; y segundo, una presión constante de toda esa gama de inmorales enchufistas que siempre han vivido a expensas del obrero ferroviario. Si no son estas las intenciones del Gobierno, ¿cómo se concibe que la incautación sea “provisional”?²⁴⁵.

E após enfatizar que há um mês atrás este mesmo governo e partidos que dele fazem parte se negavam a reconhecer as modestas demandas dos trabalhadores, completou:

Y si entonces se negaba a incautarse de los ferrocarriles, que era una de nuestras demandas, ¿qué motivos pueden impulsarle ahora a hacerlo, sin previa consulta a los interesados? Había de algunas cesantías en las direcciones generales; pero crea un

²⁴⁵ SYLVIO. El momento ferroviario. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 12 ago. 1936, p. 4.

Consejo de control que indubitablemente aumentará más la burocracia, aspiración máxima de los eternos enchufistas, porque allí ven la meta de sus desmedidas ambiciones. ¿Está claro, señores trifonistas?²⁴⁶.

E novamente questiona as motivações de dita “expropriação”.

Muchas consideraciones podríamos agregar, pero hemos de ser breves por razones de espacio. Sólo quiero hacer resaltar que mientras a industrias como tranvías, autobuser, fábricas, etc., etc., se les han permitido la socialización, ¿qué motivos tendrá el Gobierno para ponerse frente a los ferroviarios, si no son puramente de ordenen burgués?²⁴⁷.

Além disso, os ferroviários deixaram claro que, ao contrário de seus representantes, não sobrepujam a luta antifascista ao movimento coletivizador.

Ferrovianos catalanes, ferrovianos españoles, los momentos son graves. El fascismo no está aún aplastado. **Es preciso que, por encima de todo, absolutamente todo, nos pongamos al servicio de la revolución, y todos unidos acabaremos de una vez con ese monstruo insaciable llamado capitalismo.** En esta lucha empeñada a muerte, nos va todo, y si tenemos momentos de debilidad o vacilación, podrían sernos fatales. **La revolución no consiste sólo en empuñar armas: el arma mas formidable de la revolución, es la parte constructiva; [...]** Es preciso decirle al Gobierno o a la quien sea, que no estamos dispuestos a ser víctimas de un nuevo engaño. Hemos puesto, y seguiremos haciéndolo, todo cuanto valemos al servicio de la causa y **no estamos dispuestos a dejarnos sorprender por habilidades que, bajo la capa de protección del proletariado, son freos a la marcha ascendente de la revolución**²⁴⁸.

Assim, percebemos aqui que os ferroviários não estavam dispostos a sacrificar a revolução em prol do antifascismo, o que os colocava em rota de colisão não apenas em relação às demais forças políticas na Catalunha, mas também com seus próprios representantes no Comitê de Milícias, no Conselho de Economia ou mesmo nos comitês cenetistas e faístas, que estavam sendo cada vez mais absorvidos pela colaboração sob os auspícios do antifascismo. A brecha estava se alargando.

Voltando ao dia 11 de agosto, o Solidaridad Obrera ainda publicou novas consignas do Comitê de Abastecimentos²⁴⁹ desta vez falando do trigo que não estava sendo debulhado e corria o risco de estragar, anunciando que o Comitê iria agir com rigor contra os que assim prosseguirem. No mesmo Soli, ainda, foi dado conhecimento da criação – na verdade institucionalização, uma vez que ela já existia desde julho – das Patrulhas de Controle, com

²⁴⁶ Ibidem, p. 4.

²⁴⁷ Ibidem, p. 4.

²⁴⁸ Ibidem, p. 4, grifos nossos.

²⁴⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Consignas del comite de abastos.** Barcelona, 11 ago. 1936, p. 3.

detalhes sobre sua composição – havia um total de 711 homens, dos quais 325 eram da CNT – e organização – eram 11 seções diferentes²⁵⁰.

No dia 13 de agosto, o *Tierra y Libertad* publicou um pequeno artigo em que se colocava contra uma “volta para trás” e afirmava que o passado estava enterrado. Falou em um “ressurgir do povo” através de uma nova sociedade e terminou afirmando que o povo “[...] no se someterá al sistema antiguo del assalariado²⁵¹”, e também que não se lutava por um “capitalismo coletivo”, mas sim pelo comunismo libertário. O mesmo periódico ainda publicou dois avisos do Comitê de Milícias, sendo que um deles pedia que as armas fossem entregues por quem as possuísem:

Habiendo quedado totalmente normalizada la situación en Barcelona, y existiendo además la garantía de las Patrullas de Control que aseguran en orden revolucionario en la ciudad, es preciso que los que tengan en su poder armas cortas y largas, municiones, cerrojos, etc., sin ser milicianos, hagan entrega de todo ello al Cuartel General de las Milicias, en Pedralbes, o comuniquen los domicilios de donde pueden ser retirados²⁵².

No dia 13, uma circular do Comitê da Federação Local de Sindicatos Únicos de Barcelona foi publicada no *Soli*²⁵³, sendo dirigida a todos os sindicatos, comitês de bairro, seção, defesa e comitês revolucionários. Esta tinha a intenção de esclarecer alguns pontos importantes, como a questão do uso da gasolina por parte dos diversos comitês e sindicatos que, a partir do último dia 8, deixou de ser grátis – além de pagar teria que se justificar seu uso – após um acordo entre o Sindicato Regional de Petróleo e o Comitê de Milícias, e aprovado por uma plenária de sindicatos. Outro esclarecimento tinha relação com a retribuição das milícias. As Patrulhas seriam retribuídas pelo Comitê de Milícias Antifascistas, assim como as que vigiavam pontos estratégicos da cidade, embora seriam os sindicatos quem fariam as listas.

No dia 14 de agosto, o *Soli* novamente publicou uma nota do Comitê Regional do Trabalho da Catalunha²⁵⁴ em que este pedia aos comitês revolucionários que dessem passagem livre aos indivíduos que possuísem passes expedidos por outras localidades, demonstrando que ainda eram os comitês que controlavam as ruas neste momento. Outra manifestação importante de como a base anarquista estava se portando veio no *Soli* do dia 16 de agosto. Aqui se falou sobre a pequena localidade de Gelsa, Aragão, onde “[...] después de la toma del pueblo, [...] se

²⁵⁰ Idem. **Instituciones Revolucionarias**. Barcelona, 11 ago.1936, p. 3.

²⁵¹ TIERRA Y LIBERTAD. **¡Adelante con la revolución!** Barcelona, 13 ago. 1936, p. 5.

²⁵² Idem. **Avisos del Comité Central de Milicias Antifascistas**. Barcelona, 13 ago. 1936, p. 4.

²⁵³ SOLIDARIDAD OBRERA. **La Federación de Sindicatos Únicos de Barcelona se dirige a todos los Sindicatos, Comités de Barriada, Sección, defensa y Comités Revolucionarios**. Barcelona, 13 ago.1936, p. 7.

²⁵⁴ EL COMITÉ REGIONAL DE CATALUÑA. **Importante para todos los Comités revolucionarios. Solidaridad Obrera**. Barcelona, 14 ago.1936, p. 16.

ha implantado el Comunismo libertario²⁵⁵”. Para o Soli, a primeira atitude tomada foi a constituição de diversos comitês.

Tan pronto nuestras fuerzas procedieron a la ocupación del pueblo, cedieron a la ocupación del pueblo, se organizó la constitución de los respectivos organismos, a fin de normalizar los servicios. Después de convocado el pueblo y de ser destituido su alcalde, ha sido nombrado, por ser el de más necesidad, el Comité de Abastos. Inmediatamente se han notado los efectos de su funcionamiento, pues en Velilla de Ebro, al enterarse de la nueva, han ofrecido inmediatamente una gran cantidad de aceite a cambio de su valor en trigo. Se ha constituido también un Comité de Vigilancia, cuya misión es vigilar a los elementos dudosos que aun están en el pueblo y que no se han enrolado a las Milicias. También se cuida este Comité de que en el pueblo no se cometan actos de fuerza²⁵⁶.

No mesmo Soli, o Comitê de Abastecimentos publicou uma circular²⁵⁷ em que buscava uma maior racionalização na distribuição dos víveres, pedindo que as organizações coibissem os abusos que se cometia. Falou que alimentava, em uma estimativa bastante conservadora, 81.420 indivíduos, sem contar os 16.100 que se alimentavam nos comedores populares instalados na Via Layetana. Não estava também nesta conta os alimentos enviados para a frente de combate e outras localidades, incluindo hospitais, clínicas, sanatórios etc., o que nos dá uma ideia da enorme importância e extensão do Comitê de Abastecimentos, bem como dos motivos pelo qual o setor privado do ramo de alimentos o considerava como uma ameaça.

No dia 19, o Soli publicou um artigo que mostra um pouco a confusão que existiu nos primeiros momentos da revolução. Tratava-se do antigo bairro de Casa Antúnez. O comitê do dito bairro participou dos combates e neutralizou atiradores que havia sobrado. Com isso, fez algumas requisições de materiais de ouro e prata da igreja do cemitério que ficava ali. Tudo foi doado para o Comitê Revolucionário do Ramo da Metalurgia. Mas o acontecimento mais interessante se deu no dia 3. Neste dia, um carro entrou no bairro e despertou suspeitas. Foi pedido que parasse e, como não o fez, se atirou em sua direção, tendo então parado imediatamente. Depois de averiguar se soube que cinco de seus ocupantes eram criminosos comuns, que estavam levando mais uma de suas vítimas, um farmacêutico a qual iriam roubar e depois matar. Os ladrões confessaram que haviam feito vários roubos e assaltos durante o período revolucionário e, no mesmo dia, haviam matado 18 pessoas apenas para roubá-las. Ante

²⁵⁵ P.B. Implantación del Comunismo libertario en Gelsa. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 ago.1936, p. 12.

²⁵⁶ Ibidem, p. 12.

²⁵⁷ EL COMITÉ. Hay que acabar con los abusos. Circular del Comité Central de Abastos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 ago. 1936, p. 13.

tudo isso, salientou o artigo “[...] se decidió hacer la justicia de que eran merecedores tales individuos²⁵⁸”.

No dia 20, o Tierra y Libertad publicou um chamamento à pequena burguesia, com argumentos bastante parecidos com um artigo publicado no Soli do dia 8 de agosto. O Tierra y Libertad salientou que era inexplicável o temor da pequena e modesta burguesia. Os que deveriam temer seriam os abastados, milionários, plutocratas, latifundiários, já que eles representavam a injustiça, o privilégio. Mas

[...] los modestos burgueses, los pequeños comerciantes o industriales debieran percatarse de que nosotros no somos enemigos sino de los que, explotando el esfuerzo ajeno, han venido acumulando riquezas que pertenecían a sus productores, a los obreros²⁵⁹.

Salientou ainda que na Catalunha a pequena burguesia era muito grande e não se queria desperdiçar sua função social, e que ela desempenharia uma função importante na nova sociedade que se estava gestando. Terminou fazendo um chamamento para que ela se colocasse junto ao proletariado.

No dia 21 de agosto, ocorreu a já mencionada Plenária Regional de Grupos Anarquistas da Catalunha, em Barcelona. A referente plenária colaborou, conforme à FAI, com a aceitação do Conselho de Economia, depois que esta falou dos motivos que levaram à formação do Conselho e depois de afirmar que sua composição era idêntica ao do Comitê Central de Milícias Antifascistas. No dia seguinte, 22 de agosto, houve uma reunião dos comitês anarquistas, contando com a presença dos Comitês Local e Regional da CNT, Milícias e Específica – FAI. Após algumas falas e resoluções, o Comitê de Defesa “**Informa que en las diversas asambleas realizadas en las barriadas de Barcelona se acordó, que antes de entregar las armas para el frente, quieren que los cuerpos armados afectos al Gobierno se desarmen primero**²⁶⁰”. Jover então disse estar “[...] de acuerdo con lo dicho de las barriadas y **remarca al Comité de Milicias que se responsabilice de lo que ha oído y de lo que puede ocurrir**²⁶¹”. Santillán, então, de acordo com a ata, “Tranquiliza los animos diciendo y asegurando que estaba enterado de dichos desmanes²⁶²”, ao que o Comitê de Defesa do Centro respondeu com uma

²⁵⁸ LÓPEZ, Mariano Martínez. Los camaradas de Casa Antúnez, explican su actuación durante el movimiento fascioso en dicha barriada. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 19 ago. 1936, p. 13.

²⁵⁹ TIERRA Y LIBERTAD. **A la pequeña burguesía**. Barcelona, 20 ago. 1936, p. 8.

²⁶⁰ COMITÊS LOCAL E REGIONAL DA CNT, MILÍCIAS E ESPECÍFICA – FAI. **Ata da reunião realizada no dia 22 de agosto de 1936**, p. 1, grifo nosso.

²⁶¹ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

²⁶² Ibidem, p. 1.

[...] denuncia que en los locales donde residen las fuerzas gubernamentales se sabe cierto que existe una enorme cantidad de municiones de guerra y propone [...] que se haga una severa investigación para aclarar este asunto ya que Santillán aseguro que sólo son fantasías²⁶³.

Sobre isso, salientou Guillamón:

Esta declaración del Comité de Defensa de Barcelona, **REPRESENTANTE DE LOS COMITÉS REVOLUCIONARIOS DE LOS BARRIOS**, en las reuniones de los comités superiores realizadas en la Casa CNT-FAI, es extraordinariamente importante. Anotemos, en primer lugar, su carácter asambleario, y su organización en cada barrio barcelonés, y en segundo lugar, su negativa a desarmarse, si antes no se desarmaba a los antiguos cuerpos policíacos, en los que seguía viéndose al enemigo de clase a las órdenes del gobierno de la Generalidad. Los comités revolucionarios de barrio, con sus secciones de abastos y de defensa, eran el “alma liberta” de la revolución social en curso; ya hemos visto que **funcionaban asambleariamente** y estaban en posesión de unas armas, conquistadas en la insurrección de julio, que se negaban a abandonar en tanto existieran los antiguos cuerpos represivos. Los comités de barrio estaban inmersos en **una guerra de clases**, que no entendía ni aceptaba los **pactos antifascistas** con el gobierno, o las organizaciones burguesas²⁶⁴.

Assim, podemos ver, a partir dessa reunião, que os comitês de bairro estavam em rota de colisão com os líderes anarquistas que propugnavam a colaboração, e a coisa piorava na medida em que eles estavam amparados por assembleias nos bairros, ou seja, havia respaldo da base. E a questão das armas havia se tornado já um ponto importante. Era certo que as armas que estavam na retaguarda faziam falta na frente de combate, mas não era menos certo que os apelos para que as armas da retaguarda fossem enviadas para a frente de batalha eram usados com o intuito de desarmar os trabalhadores e assim frear o processo revolucionário. E este era o motivo pelo qual o Comitê de Defesa, amparado nas assembleias dos bairros, condicionou a entrega de armas ao prévio desarmamento dos corpos armados da retaguarda. Mas isso não poderia ser aceito pelos que propugnavam a recomposição do poder de Estado, pois para que isso ocorresse necessariamente era preciso desarmar os comitês de bairro, para sua posterior dissolução ou assimilação. Assim, quanto mais os líderes anarquistas se envolviam com o colaboracionismo e o antifascismo, mais eles se tornavam conciliadores, o que os colocava em rota de colisão com os comitês de bairro.

Dias depois da reunião dos comitês anarquistas e da resistência dos comitês de bairro, no dia 25 de agosto, o Soli – e também o Boletín de Información do mesmo dia – publicou um manifesto assinado pela Junta do Sindicato Único do Ramo da Construção no qual pedia que as armas fossem enviadas para a frente. Este salientou que o inimigo,

²⁶³ Ibidem, p. 1.

²⁶⁴ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936**. Barcelona: Aldarull, 2013, p. 150-151, grifos do autor.

[...] el auténtico, no está emboscado en la ciudad; está sí, el colaborador, pero a quien debemos combatir es al que está al otro lado de la línea, armado hasta los dientes. Frente a éste, tenemos el compañero abnegado, heroico, pero mal equipado, que tiene en su contra la metralla enemiga y las fuerzas de la Naturaleza, que si ahora es benigna, pronto se mostrará hostil, con fríos y lluvias que debemos evitar nos sorprendan en los campos de batalla. Te pedimos el fusil, compañero. Te lo pedimos porque nos dará la victoria. El fusil no debe descansar un instante; debe romperse luchando contra la negra avalancha que nos quiere ahogar en sangre. Aquellos que no quieran desprenderse de él, tienen la solución propia del caso: que se vayan al frente. No hay términos medios: o entregarla o marcharse con las columnas que se organizan²⁶⁵.

O interessante dessa chamada da Junta do Sindicato Único do Ramo da Construção é que ela clamou para que todos fossem para o front com as armas ou que as entregasse, mas não falou absolutamente nada em relação aos corpos armados que permaneciam na retaguarda. Será que eles propugnavam que estes também entregassem suas armas ou fossem enviados para a frente de batalha com elas?

O mesmo Soli publicou um segundo texto sobre a questão dos armamentos, embora tenha sido foi mais enfático:

Sería muy doloroso que tuviéramos que arrancar las armas, por la violencia, a los camaradas que desentendiéndose de la necesidad imperiosa de dotar a las milicias que se hallan en las líneas de fuego del mayor número de útiles de combate, se opusieran a las directrices que emanan de nuestras organizaciones²⁶⁶.

Ainda neste dia 25 de agosto, o mesmo Soli publicou uma memória da Comissão de Abastecimentos do Bairro de Sans apresentada aos sindicatos, onde podemos ver o caráter assembleário de tal comitê. O texto afirmou que, no fim do dia no qual foram iniciados os combates, passou a ser notório que seria preciso resolver o problema do abastecimento dos que combatiam o fascismo, e o procedimento foi a requisição de alimentos. Três dias depois

[...] **una asamblea de militantes ratificó la confianza a dichos compañeros, hasta que se celebró otra asamblea de elementos revolucionarios y en la que se acordó crear la actual Comisión de Abastos**, compuesta por quince compañeros del seno de la asamblea citada, y autorizando a dicha Comisión para ampliarla según determinaran las necesidades de la misma, como así se hizo, agregando a la misma elementos que si bien no pertenecían a los Sindicatos, eran antiguos militantes conocidos y capaces de aportar a la obra común la experiencia de sus años de lucha²⁶⁷.

²⁶⁵ LA JUNTA. Ramo de Construcción. ¡Camaradas! ¡Los fusiles al frente! **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 ago. 1936, p. 1.

²⁶⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **Nuestro esfuerzo mayúsculo ha de polarizarse en el frente. Las armas han de estar en las líneas de fuego**. Barcelona, 25 ago. 1936, p. 1.

²⁶⁷ LA COMISIÓN DE ABASTOS DE SANS. Memoria que la Comisión de Abastos de la barriada de Sans presenta a los Sindicatos de la misma. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 ago. 1936, p. 6, grifo nosso.

Com base nos dados fornecidos, foram servidas por tal comissão seis mil comidas diárias na primeira semana, dez mil na segunda, seis mil na terceira e cinco mil na quarta semana. Criou-se também os “comedores comunais”, onde se procurava atender a população civil e os mobilizados de guerra.

Ainda no mesmo número do Soli, Juan P. Fábregas, um dos membros cenetistas no Conselho de Economía, publicou um artigo falando sobre o Conselho e defendendo seu caráter revolucionário. Escreveu ele:

El Consejo de Economía de Cataluña es un producto genuino de la revolución. Las organizaciones sindicales y los partidos políticos que integran el frente antifascista se dieron inmediatamente cuenta de la realidad que imponía la creación de este organismo ordenador de la vida económica de Cataluña, asumiendo con ello la enorme responsabilidad de dar un cauce legal a aquellas realizaciones a que nos venimos refiriendo en el transcurso de este trabajo. Pasados los momentos críticos de la lucha cruenta, los hombres responsables del movimiento actual advirtieron la necesidad inaplazable de convertir en realidades las aspiraciones sustentadas por las masas proletarias del país, que con un heroísmo insuperable supieron sentar los jalones del nuevo orden económico-social²⁶⁸.

E finalizou:

La revolución está em marcha. La transformación económico-social de los pueblos ibéricos es un hecho indiscutible. Finalmente, el pueblo español ha sabido incorporarse al movimiento internacional que propugna la creación del nuevo orden que barre a su paso todo un bagaje de anacrónicos escrúpulos, de injustas aspiraciones represivas, de inhumanos anhelos de esclavización del espíritu popular y de continuación de un sistema de injusticia social que repugna a toda consciencia honrada. El Consejo de Economía de Cataluña tiene bien trazado su camino. Es indudable que los problemas que tiene planteados ante sí son de enorme envergadura; pero en el seno del Consejo anida un firme propósito de allanar los obstáculos y de buscar las soluciones adecuadas para todos y cada uno de aquellos problemas que plantea de una parte la revolución y de otra la resistencia pasiva contra los designios de la hora histórica que vivimos. Un profundo sentido de responsabilidad impregna el espíritu de los hombres que constituyen el Consejo de Economía. Todos sabemos perfectamente que nuestra misión será dura y difícil; pero estamos convencidos de que la asistencia que nos es imprescindible, la confianza y la ayuda del proletariado, no nos fallará, si sabemos interpretar y realizar fielmente sus aspiraciones y sus justos anhelos de reivindicación social²⁶⁹.

No dia 27 de agosto, o Tierra y Libertad²⁷⁰ dirigiu-se novamente à pequena burguesia. Afirmou que esta estava inquieta à toa, que os assalariados não se contentavam mais com as míseras condições de vida e que as pequenas empresas serão impossíveis com as novas condições de vida. Caso o patrão trabalhe nelas, ele poderá ser absorvido como mais um

²⁶⁸ FÁBREGAS, Juan. Hacia reconstrucción económica de la vida social. El Consejo de Economía y el nuevo orden económico. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 ago. 1936, p. 6

²⁶⁹ Ibidem, p. 6.

²⁷⁰ TIERRA Y LIBERTAD. **La pequeña burguesía no tiene por que asustarse**. Barcelona, 27 ago. 1936, p. 6.

trabalhador. O que não se poderia fazer mais é viver sem trabalhar, do mesmo modo que seria impossível também trabalhar em uma pequena empresa e ficar com uma parte maior do que a que corresponda seu trabalho. No entanto, salientou, ela ganhará mais como um assalariado do que como um pequeno burguês ocioso, pois os trabalhadores farão impossível seu negócio. Assim, afirmou o texto, seu destino seria inexoravelmente trabalhar.

No mesmo dia 27 de agosto, o Soli publicou algumas palavras de Santillán sobre o momento atual. O periódico fez uma pequena introdução afirmando que o objetivo principal era “[...] el aplastamiento completo del fascismo²⁷¹”, pois, para a CNT, a retomada de Zaragoza era uma questão de honra e que havia perguntado para Santillán se, nas atuais realizações, a CNT não iria aplicar parte do programa que ele expôs em seu livro *O Organismo Económico da Revolução*. Santillán assim respondeu:

Nosotros no prejuzgamos el pornir con nuestros actos actuales; ni consideramos que tengamos que someternos a unas exigencias de carácter doctrinal o sistemático. La C.N.T. parte de una realidad ineludible; es ésta: el movimiento fascista impulsado por el militarismo, al fracasar, nos deja una organización económica rota, inservible. Naturalmente, esto no es resultado inmediato del fracaso militarista, sino que este fracaso económico se iba gestando desde hace años. El fracaso del movimiento no ha hecho más que precipitarlo. Ante esta realidad, hay que declarar, naturalmente, que la antigua organización capitalista ha fracasado y que conviene impulsar, vigorizar otra nueva. ¿Cuál? De momento el proletariado, obrando como un factor histórico del momento revolucionario, procedió a incautarse de empresas, transportes, talleres, etc. El Consejo de Economía, creado a iniciativa de todas las fuerzas antifascistas, recoge este estado de hechos y procura encauzarlos por caminos de efectividad. No precisa, me parece, meternos con teorías y sistemas. En Cataluña la simiente revolucionaria, la fuerza cohesionada más importante, el pensamiento, diríamos, árbitro de la situación, era el sindicalismo, encuadrado dentro de la Confederación Nacional del Trabajo. Es natural que el organismo surgido de la revolución, el Consejo Económico, tenga una estructura revolucionaria. Fijese bien, pues hablo en términos de un absoluto realismo. La Confederación Nacional del Trabajo, en este momento, quiere tener en cuenta, absolutamente, las posibilidades que le ofrece la hora actual. Estamos en momentos de guerra, de una guerra implacable, y el organismo económico que hemos creado sigue, antes que nada los fines de la guerra. Después vendrán los tiempos de paz, los tiempos de fecunda creación. Este organismo de guerra será reorganizado, adaptado a las necesidades de aquel momento. Surgirán nuevos anhelos, nuevas vibraciones; el Consejo de Economía deberá buscar nuevas fórmulas de riqueza. Cataluña es un país que carece de primeras materias; no tiene productos propios para la exportación. Hará falta, pues, encontrar los medios necesarios para que nuestra industria trabaje suprimiendo ese peso enorme que es la importación de materias primas. He aquí la gran obra que precisará hacer por Cataluña, y que haremos si nos dejan en paz; aliar el trabajo y la técnica, llamar a todos los elementos productores para que colaboren en esta transformación económica que propugnamos, multiplicar la riqueza de Cataluña. Del ritmo prodigioso de creación saldrá, continuamente, interrumpida, la necesidad de equilibrar factores diversos, de crear un plan. Soy francamente optimista, porque creo en la virtud de la solidaridad y del trabajo. La Generalidad y el Consejo de Economía mantendrán las relaciones normales que impone la realidad. Todos saben cuáles son nuestras ideas respecto al

²⁷¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Interesantes declaraciones de nuestro camarada Diego A. de Santillán, relacionadas con el momento actual y expuesta en interviú celebrada con un redactor de u semanario barcelonés.** Barcelona, 27 ago. 1936, p. 11.

Estado, y no hemos de cambiarlas. Si nosotros encontramos en la Generalidad un deseo de convivencia y colaboración, ninguna razón deja de aconsejar el no aceptarlo. Creemos, no obstante, que las dificultades no surgirán por este lado. Como organismo estatal, la Generalidad no tiene independencia financiera. Sería lamentable que el peso del Estado central aplastara la experiencia que vamos a empezar. El Estado central, con la divisa oro, el Banco Nacional, las relaciones exteriores, podrían provocar un desbarajuste²⁷².

No dia 28, o Soli publicou algumas pequenas notas interessantes. A primeira delas veio da Confederação Regional do Trabalho da Catalunha, e foi destinada aos “grupos que atuam por conta própria” – na qual poderia se referir a bandidos comuns ou a trabalhadores revolucionários, especialmente os dos diferentes comitês. Para combater a atuação destes, a nota fazia três observações: em nenhum lugar se poderia atuar na propaganda, orientação e luta antifascista sem o aval do Comitê Regional; ninguém poderia confiscar alimentos sem o aval do Comitê Central de Abastecimentos. Os grupos que circulam pela região sem o aval do Comitê Regional deveriam acabar com sua atuação. E finalizou:

Es clara y concreta nuestra posición. No puede aceptarse lo que algunos grupos realizan de forma irresponsable, deshaciendo en algunas ocasiones, con sus intervenciones, la obra constructiva que se realiza en las propagandas y orientaciones que emanan de la organización. Por otra parte, en el orden de abastecimientos de víveres, etc., hay un Comité Central residente en Barcelona, que es quien está autorizado UNICAMENTE para realizar esta obra de abastecimiento. Las localidades, según acuerdo regional de la C.N.T. deberán mantener la relación debida con los Comités Comarcales, para que éstos hagan las demandas de cuanto se necesite al Comité Central de Abastos, surtiendo al propio tiempo de cuanto haga falta a la Comarca²⁷³.

Uma segunda nota publicada neste Soli foi endereçada aos comunistas seguidores do regime stalinista, demonstrando que havia certa animosidade entre eles já neste momento, apesar das tentativas de união e da retórica antifascista. Eis a nota completa.

Por si algún sector de los que hoy forman con nosotros en la lucha antifascista alimentase aspiraciones totalitarias, aspiraciones de dictadura – lo que no creemos –, brindamos a todos esta noble y leal advertencia: Los anarquistas estamos y estaremos siempre contra toda aspiración dictatorial. Ya sea roja, azul, negra o blanca, la dictadura no pierde nunca sus atributos sustanciales de coacción, despotismo y tiranía. Nosotros, que nos lanzamos como leones contra el fascismo, responderemos con la misma energía en el momento que alguien pretenda intentar tan sólo la instauración de un régimen dictatorial, más o menos encubierto con hojarasca demagógica. Decimos esto con la mayor sinceridad del mundo y con el deseo de que quienes tienen el deber de tomarlo en cuenta, lo tomen. A nosotros se nos puede igualar en bravura,

²⁷² Ibidem, p. 11.

²⁷³ Idem. **De importancia para toda la organización, muy particularmente para los pueblos de Cataluña.** Barcelona, 28 ago. 1936, p. 1.

en coraje, en valentía. Pero no se nos puede superar en nobleza, en lealtad y en firmeza de propósitos. Hablamos con claridad meridiana, para que todo el mundo entienda²⁷⁴.

O mesmo Soli ainda publicou uma nova nota²⁷⁵ fazendo mais um chamamento à pequena burguesia, em uma tentativa de tranquilizá-la e trazê-la ao campo da revolução, sendo ela basicamente um pequeno resumo do artigo publicado no dia 8 de agosto. Outra importante nota publicada nesta edição do *Solidaridad Obrera* falava sobre a adoção do comando único das milícias, ou seja, a criação de um organismo nacional que coordenasse as diferentes milícias das diversas organizações que lutavam no front. Depois de fazer um histórico sobre diversas lutas na história e depois de afirmar o problema que existia com relação ao comando único, o artigo falou claramente:

En Cataluña, que existe un Gobierno, y se llama de la Generalidad, por necesidad propia de la campaña y las características de la misma, se ha formado, con gran acierto, un Comité Regional de Milicias Antifascistas, integrado por todas las ideologías sociales y políticas de Cataluña, destacando cada una de ellas a los hombres más conocidos, representativos y capacitados de los estamentos políticos y sociales. La táctica de esta formación está dando resultados maravillosos, porque todo el mundo tiene fe ciega en las disposiciones que de conjunto puedan tomar, con respecto a la guerra, sus representantes en el seno del Comité referido. Así, pues, a nuestro modo de ver, es necesario y muy conveniente que se vaya a la formación de un Comité Central de Milicias Antifascistas en Madrid, integrado, en proporción adecuada, por cada una de las fracciones políticas y sociales de España. Y entonces la campaña tendrá la conexión necesaria de aglutinamiento y el poder necesario para articular militarmente las operaciones desde un plano de conjunto²⁷⁶.

Tratava-se de criar um organismo semelhante ao Comitê de Milícias Antifascistas da Catalunha, mas que tivesse abrangência nacional. Era uma tentativa de ampliar o processo de colaboração adotada pela CNT catalã em escala nacional, como já salientamos anteriormente. Mas essa perspectiva toparia com uma grande dificuldade: na Catalunha os anarquistas eram amplamente majoritários, mas no resto da Espanha não. E as outras forças políticas relevantes – comunistas e republicanos – não estavam lutando por uma revolução social, e sim pela preservação do regime republicano, motivo pelo qual não desejavam que o movimento revolucionário catalão fosse exportado para o restante do país. E como eles tinham muito mais peso em Madri do que em Barcelona, sua barganha para melar um Comitê de Milícias nacional era muito maior. Os anarquistas iriam ter muito mais dificuldades fora da Catalunha, mesmo para implantar um programa de colaboração.

²⁷⁴ Idem. **Contra toda dictadura**. Barcelona, 28 ago.1936, p. 3.

²⁷⁵ Idem. **A la pequeña burguesía**. Barcelona, 28 ago. 1936, p. 10.

²⁷⁶ Idem. **¿Mando único? ¡Si!, pero a base de la formación del Comité Nacional de Milicias Antifascistas**. Barcelona, 28 ago. 1936, p. 8.

No dia seguinte, 29 de agosto, o Soli novamente publicou um artigo dirigido a tranquilizar a pequena burguesia. Depois de falar sobre os relatos da pequena burguesia desconfiada em relação ao proletariado, o artigo salientou que ela não precisava ficar assim, pois com o desenvolvimento da revolução isso acabaria. Afirmou que os trabalhadores não pretendiam ultrajá-los como seres humanos e que, ao contrário, a derrubada do capital iria favorecê-los.

Fíjense, por un instante, en la preocupación diario que representa para la mayor parte de tenderos y de pequeños industriales el pago de las facturas, de los impuestos y de los alquileres. No pueden hacer frente a los compromisos comerciales. Y lo que es peor, es que han de laborar cotidianamente un número de horas que sobrepasa a las jornadas de trabajo que se han estipulado para los trabajadores en general. De manera que cuando desaparezca la propiedad privada y con ella la libertad de comerciar con el producto ajeno, habremos librado de una pesadilla a muchos tenderos que viven bajo la constante amenaza del embargo, o bien del desahucio. El proletariado, cuando llegue al momento oportuno de sentar las premisas de una sociedad sin clases, dará, con seguridad, toda clase de facilidades a la clase social que por neutralización económica y por falta de visión de las luchas sociales se ha situado en un estadio intermedio²⁷⁷.

O artigo também afirmou que se interpreta mal a relação dos trabalhadores com a pequena burguesia. Com isso, concluiu:

Al hablar de que se debe terminar con la pequeña burguesía nos referimos a que desaparezcan del mando del país los políticos que, representando a la clase mesocrática hunden en la ruina a la propia clase representada. Y es esto lo que no descubren los tenderos. No se preocupe la pequeña burguesía. Acérquese al proletariado. Pueden estar convencidos y percatados que cuando se llegue a abolir la propiedad privada y la facultad de comerciar, se implantarán nuevas normas que de ninguna de las maneras serán lesivas para los ciudadanos que se sientan afectados por las medidas sociales. Alejen de sí la actual preocupación. Cuando se logre abatir el fascismo, ya se podrá avizorar el mañana con mayor optimismo. Pero han de identificarse con el proletariado. Las revoluciones siempre producen trastornos, pero a medida que se asientan los nuevos principios sociales se logra rectificar con creces el malestar de la cruenta transformación social²⁷⁸.

O mesmo Soli publicou também uma pequena nota do Comitê Revolucionário de La Garriga, município da Província de Barcelona, quando afirmou que colocava em conhecimento de todos os proprietários urbanos que deveriam pagar os tributos locais antes do dia 6 de setembro, assim como os que não o fizesse seriam considerados “[...] elementos facciosos y se irá a la rápida incautación de todas sus propiedades²⁷⁹”.

²⁷⁷ Idem. **Los pequeño-burgueses no deben alarmarse**. Barcelona, 29 ago. 1936, p. 1.

²⁷⁸ Ibidem, p. 1.

²⁷⁹ Idem. **Comité Revolucionario de La Garrida**. Barcelona, 29 ago. 1936, p. 8.

No último dia de agosto, dia 31, o Boletín de Información publicou um manifesto público das Juventudes Libertárias da Catalunha, assinado pelo Comitê Regional da organização. Este fez uma pequena digressão sobre os acontecimentos, depois clamou pela unidade e pela emancipação do povo. Mas, ante aos problemas colocados pela revolução e pelo que se estava gestando na retaguarda, apelou:

[...] no puede ser consentido, no podemos consentir en forma alguna que las cosas vuelvan al mismo estado en que estaban antes del 18 de Julio. La vida ha de ser mejorada, ha de ser dignificada. La enseña de la victoria fué y sigue siendo la enseña de la Libertad. Y de ningún modo puede consentirse que en nombre de la libertad volvamos a padecer la abulia y la incomprensión de los gobernantes que antes del 18 de Julio impidieron que el pueblo se armase, lo cual ha hecho posible que las huestes de Gil Robles implantasen sus reales en las calles de Aragón, Canarias, Africa y parte de Andalucía. ¡Ah!, De estar el pueblo armado otra cosa hubiera sido. Si queremos que el fascismo sea completamente aniquilado, si queremos que nunca más fructifiquen sus raíces, hemos de implantar una vida nueva²⁸⁰.

Salientou-se assim que, para se vencer o fascismo, era preciso eliminar o capitalismo, pois é nele que o fascismo se ancora.

Em 31 de agosto, a cenetista Federica Montseny fez um discurso por intermédio do rádio, quando ficaram muito evidentes as transformações ideológicas pelas quais os líderes anarquistas estavam passando. Tal discurso foi publicado pelo Solidaridad Obrera dia 2 de setembro. Montseny afirmou, ao falar sobre a Catalunha, que “[...] colaboran unidos todos los sectores politicos, todas las organizaciones obreras, la pequeña burguesia, junto con el proletariado²⁸¹”, e que “Ahora no somos ni socialistas, ni anarquistas, ni republicanos, somos todos antifascistas [...]”²⁸². Depois de fazer vários apelos nacionalistas durante sua fala, terminou-a da seguinte maneira.

Ahora no somos más que antifascistas dispuestos a luchar contra el fascismo, a batir el fascismo, a reconquistar a España, la España nueva, la España grande que surgirá de este parto grandioso, de este grandioso esfuerzo que realiza el pueblo afirmándose a si mismo y poniendo en el mundo entero el ejemplo más grande que han visto los siglos²⁸³.

De acordo com Lorenzo²⁸⁴, em fins de agosto – ele não especifica a data – houve uma Plenária de Federações Locais e Comarcais do Movimento Libertário da Catalunha. O

²⁸⁰ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **!! Jovens proletários!! – !!Trabajadores de Cataluña!!** Barcelona, 31 ago. 1936, p. 5.

²⁸¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Federica Montseny habla en Madrid ante el micrófono de Unión Radio.** Barcelona, 2 set. 1936, p. 7.

²⁸² Ibidem, p. 7.

²⁸³ Ibidem, p. 7.

²⁸⁴ LORENZO, César M. **Los anarquistas españoles y el poder 1868-1969.** Paris: Ruedo Iberico, 1972.

diferencial desta plenária é que ela ocorreu de forma secreta, o que não era uma prática do movimento libertário. García Oliver teria novamente apresentado a dicotomia ditadura ou colaboração e haveria se mostrado favorável à tomada do poder pela organização. Esta plenária, tal como também destacou Lorenzo²⁸⁵, ocorreu logo depois de Companys ter convidado a CNT para entrar no governo da Generalitat, e foi nela que se decidiu aceitar o convite, depois de duras discussões – e lembremos que a plenária se deu em caráter secreto. Teria sido abordado também o problema da FAI que, por ser uma organização especificamente anarquista – a CNT, ao contrário da FAI, aceitava pessoas que não se reconheciam como anarquistas, bastando ser um trabalhador e aceitar as bases sindicais para nela poder adentrar –, seria importante manter sua “pureza” ideológica. Aceitava-se a entrada da CNT no governo, na medida em que esta era apenas uma organização sindical, mas não a da FAI. Assim, explicou Lorenzo:

Aceptaban que la CNT se manchara porque era solamente una sindical, de tendencias libertarias y revolucionarias ciertamente, pero, en fin, organización de masas a la que hombres de distintos credos podían adherirse. Los compromisos que adquiriera la CNT, pensaban los delegados, no podían por ello manchar al anarquismo. La FAI había formado parte en tanto que tal del Comité de Milicias antifascistas, del Consejo de Economía y de otros comités, pero se trataba de organismos revolucionarios [segundo o autor] creados por el pueblo y actuando en estrecha unión con el pueblo; se trataba de instituciones de tipo libertario o “soviético”, constantemente agujoneadas y sostenidas por los milicianos, los campesinos, y por los obreros en armas. El gobierno de la Generalidad era por el contrario el viejo orden que volvía a la superficie; era una institución burguesa tradicional; era la autoridad política por encima del pueblo, el despotismo, la jerarquía, la burocracia. Como la gran mayoría de militantes de la CNT catalana eran también miembros de la FAI, los faístas formarían parte del gobierno pero en nombre de la CNT; de esta forma la FAI permanecería inmaculada. Por otra parte, la palabra gobierno apenas gustaba a los delegados. Decidieron que a partir del día en que la CNT participara en él, el gobierno de la Generalidad se transformaría en Consejo de la Generalidad²⁸⁶.

2.4 Da Integração à Generalitat

No início de setembro, as problemáticas já enunciadas continuavam se aprofundando, e o Solidaridad Obrera do dia 1 demonstra isso. Nele, foi publicada uma entrevista com o Comitê de Controle Operário da Seção Bondes de Barcelona, que estava coletivizada. Após o jornal afirmar que “Los Tranvías de Barcelona, una de las Empresas más potentes de Cataluña, dejó de existir al incautarse los trabajadores de sus servicios²⁸⁷”, depois fazer uma introdução sobre

²⁸⁵ Ibidem.

²⁸⁶ Ibidem, p. 99-100.

²⁸⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **La labor constructiva y moralista en los tranvías de Barcelona, incautados por lostrabajadores**. Barcelona, 1 set. 1936, p. 3.

a empresa, o Comitê disse que os conselheiros da empresa “eram fascistas”, bem como havia uma burocracia inútil que recebia altos soldos “sem produzir nada”. O diretor, por exemplo:

[...] recibia al año la cantidad de 60.000 pesetas por regentar los Transvías, Gran Metro y Autobuses y el 35 por ciento de los beneficios líquidos. Todo englobado representa más de mil pesetas diarias. Al respectivo los demás consejeros y altos cargos²⁸⁸.

Tais soldos foram anulados e, segundo o Comitê, havia um esforço para se tentar unificar as jornadas. Segundo o Comitê, ainda, os técnicos colaboram com a coletividade, mas havia problemas, como “una pequeña minoria [...] disconforme con nuestro modo de proceder²⁸⁹”, o que evidencia uma divisão no seio da coletividade.

O mesmo número do Soli destacou um evento festivo realizado no dia anterior, que contou com execuções de várias músicas populares e revolucionárias. Neste evento, Toryho²⁹⁰ fez um discurso em nome das organizações anarquistas e, falando sobre a “atuação transformadora” e a obra construtiva da CNT e da FAI, citou como exemplo a criação do Conselho de Economia. Com isso, pediu “[...] con la mayor insistencia, que se mantuviera la actual indestructible alianza de todas las fuerzas que combaten con tanta lealtad y eficiencia al fascismo²⁹¹”.

O mesmo Soli ainda publicou um artigo questionando se a CNT e a FAI poderiam intervir nas comissões municipais. Depois de dizer que “[...] tiene sobre el tapete la propuesta del Ayuntamiento de Barcelona para intervenir en la administración municipalista²⁹²”, e que “[...] el día 21 de agosto último, fue tratada la cuestión en el Pleno Regional de Grupos Anarquistas de Cataluña²⁹³”, o artigo questionou: “¿Por qué esa indecisión y ese titubeo en momentos tan críticos? ¿Acaso porque no se cuenta con personal competente? ¿Acaso porque podemos desvirtuar nuestra doctrina o nuestras tácticas de acción directa?²⁹⁴”. Depois de abordar um pouco essas questões, o artigo concluiu:

²⁸⁸ Ibid, p. 3.

²⁸⁹ Ibid, p. 3.

²⁹⁰ Jacinto Toryho (1902 ou 1911-1989). Foi um notável jornalista e que teve uma importante participação durante a Guerra Civil Espanhola, principalmente depois que se tornou chefe do periódico Solidaridad Obrera, promovendo uma série de mudanças em sua linha editorial em consonância com as transformações das organizações anarquistas durante a guerra civil.

²⁹¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **El festival de ayer por la mañana en la plaza de Cataluña**. Barcelona, 1 set. 1936, p. 4.

²⁹² CORREA, A. La Confederación Nacional y la F.A.I., ¿pueden intervenir en las Comisiones municipales? **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 1 set. 1936, p. 10.

²⁹³ Ibidem, p. 10

²⁹⁴ Ibidem, p. 10.

Así, pues, es necesario que remocemos la administración municipal en estos momentos graves que atravesamos, con elementos destacados de las organizaciones obreras y del Frente Popular. **Desde los despachos de la Casa del Pueblo, Consejos o Ayuntamientos que de todo se puede llamar, constituiremos una economía nueva. Nacionalizaremos los servicios públicos, la Banca privada; municipalizaremos los servicios públicos; llevaremos el control de las grandes y pequeñas industrias que sean de competencia municipalista y haremos la redistribución de la pequeña propiedad.** Y a esta labor que las circunstancias exigen de los hombres, de todos los hombres sin distinción de colores, la C.N.T. y la F.A.I. no tienen que tener temor de contagiarse en las poltronas, ya que el contagio proviene por una predisposición anterior en los individuos y los elementos de esas dos organizaciones están impermeabilizados contra todo contagio²⁹⁵.

Assim, o artigo publicado no Soli deixou claro que: 1) os anarquistas deveriam participar diretamente das organizações estatais; 2) era a partir dos organismos estatais que se forjaria a nova economia, e que teria como base a estatização – municipalização – dos serviços; 3) que tais medidas “circunstanciais” não seriam nenhuma ameaça aos trabalhadores e sua auto-organização, pois esta tem origem na predisposição do indivíduo, e a CNT e a FAI estariam imunes a isso.

Outro artigo importante publicado neste mesmo número do Soli foi o de Juan Peiró. Este salientou o heroísmo das milícias na frente de batalha, mas destacou que ocorria uma disputa entre as diversas milícias das diferentes organizações, cada uma delas buscando receber os louros das vitórias. As milícias da UGT, disse ele, queriam se distinguir das da CNT e da FAI, enquanto as do POUM queriam se diferenciar das outras duas, e a condição para que isso ocorresse era a existência de uma certa liberdade de movimento, a ponto das milícias prescindirem do conjunto e de todos os princípios técnicos e diretores. Era um heroísmo, mas um heroísmo ineficaz, acrescentou, dando o exemplo de milícias que ficavam com uma quantidade muito maior de armamentos do que precisava, prejudicando outras cujo mesmo material faltava. E, como solução, Peiró propugnou a ação em conjunto, acrescentando que esta “[...] requiere la unidad de mando, y si no se quiere demando de dirección²⁹⁶”.

Mas enquanto os líderes anarquistas debatiam sobre a entrada, ou não, no governo, sobre a conveniência, ou não, de estatizar as propriedades ou de ampliar a colaboração com outras forças e com a Generalitat, na base, as discussões eram diferentes. E elas ocorriam por meio de assembleias, o que deixava a situação ainda mais complicada. De modo irônico, no mesmo número do Soli acima citado, em que foram publicadas as matérias sobre o evento com a participação de Toryho e sobre a conveniência, ou não, dos anarquistas passarem a integrar de vez os poderes republicanos, foi publicado um relato sobre uma assembleia de camponeses e

²⁹⁵ Ibidem, p. 10, grifo nosso.

²⁹⁶ PEIRÓ, Juan. La generosidad tiene que ser absoluta. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 1 set. 1936, p. 16.

operários realizada em Barbastro, província de Huesca, Comunidade Autônoma de Aragão. A grande discussão ocorreu a partir da conveniência de coletivizar as terras de forma total e completa ou se seriam aceitos camponeses “individualistas”, que receberiam um lote de terra e poderiam trabalhá-la de forma individual. Houve defesa do trabalho individual, como a que foi feita por uma pessoa chamada Sin, que defendeu o direito de existência de camponeses que trabalhassem suas terras de forma individual – o mesmo ocorrendo com o fruto do trabalho –, sob pena de lançar muitos pequenos camponeses contra a revolução – ou seja, o argumento acontecia em torno de uma questão política, e não uma defesa econômica da pequena propriedade. Uma das justificativas para a defesa da coletivização total das terras era que o trabalho coletivo seria mais produtivo e menos estafante para os produtores, o que se traduziria em uma maior produção e menor desgaste dos trabalhadores. Conforme a reportagem, após a aprovação do trabalho coletivo com respeito aos pequenos proprietários, uma pessoa chamada Maravilla disse: “El campesino viene forzosamente obligado a realizar esa socialización. Porque ha de ser una convicción que debe arrancar de nosotros mismos, de nuestra convicción, si debemos colectivizar o no²⁹⁷”.

E por essas datas a imprensa anarquista publicou mais duas mostras sobre o que ocorria nos “bastidores”. Uma delas pode ser vista em uma nota do Comitê Revolucionário de Prat Vermell, publicada no Soli do dia 2 de setembro. Esta afirmou que na Zona de Puerto Franco, quando do golpe militar, foram deixadas “[...] muchas tierras por cultivar y otras en un estado total de abandono²⁹⁸”, e por isto o Comitê

[...] nombró una Comisión compuesta por los compañeros Mula, Gelabert, Bernis y Bolufer, para que con toda la fuerza que le da este Comité obrara sobre el terreno y llevados a la práctica lo que vamos a exponer para conocimiento de todos: 1º Control de toda la zona dicha, tanto en lo que hace referencia a todo lo que está sembrado como al terreno libre para la siembra. 2º Obligar a que todos los arrendadores se provean de todos los trabajadores para poner las tierras en condiciones de producir. 3º Cada arrendatario hará una declaración de las existencias que tiene para su libre venta. 4º Tal como estas existencias salgan a sus destinos de venta, los arrendatarios lo deberán manifestar a esta Comisión. 5º En caso de que algún arrendatario hiciese ocultación de cualquier clase de mercancías, este Comité se incautará de ella. [...] Los compañeros de Prat Vermell y Hospitalet acordaron en principio y de conformidad con los restantes, que dentro de la presente semana **se convoque a una asamblea a todos los trabajadores de la tierra** para que, visto el ambiente actual y de las normas confederales de nuestra gloriosa Confederación Nacional del Trabajo **salga de esta**

²⁹⁷ SAMPÉRIZ, José y Cosme. Con un entusiasmo indescriptible, tiene lugar en Barbastro una asamblea de campesinos y obreros de la fábrica y del taller, acordando la colectivización de la tierra. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 1 set. 1936, p. 10.

²⁹⁸ El COMITÉ. El Comité Revolucionario del Prat Vermell, a todos los camaradas y la opinión pública. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 2 set. 1936, p. 2.

asamblea la total estructuración social fuerte y eficaz que siempre hemos deseado
299.

Esta nota do Comitê Revolucionário de Prat Vermell, além de expor as demandas em relação à terra, focando-se mais na questão do arrendamento, demonstra mais uma vez o caráter assembleário sob o qual se estruturavam estes comitês revolucionários.

A segunda mostra a que nos referimos foi um artigo publicado no Boletín de Información do dia três de setembro, cujo título era “La Inutilidad del Gobierno”. Tal artigo afirmou que “La existencia de un Gobierno del frente Popular, lejos de ser un elemento indispensable para la lucha antifascista corresponde en cualidad de una imitación burda de esta misma lucha³⁰⁰”. Entendia que

La guerra que se está llevando a cabo en España es una guerra social. La importancia del poder moderador basado en el equilibrio y la conservación de las clases no sabrá imponer una actitud definida en esta lucha en que se tambalean los fundamentos del mismo³⁰¹.

Afirmou também que “[...] el Gobierno de la Frente Popular, en España no es otra cosa que el reflejo de un compromiso entre la pequeña burguesía y el capitalismo internacional³⁰²”.

Em relação à reivindicação de um “governo forte”, disse:

La idea de supplantar estos Gobiernos débiles guardianes del “Stato-Quo” de la propiedad y de la finanza extranjera por un Gobierno fuerte, basado sobre una ideología y una organización Política “revolucionaria”, **no lograría sino aplazar el estallido revolucionario**³⁰³.

E o artigo enxergou na coordenação das coletivizações, e não em um governo de coalisão, a chave para o sucesso revolucionário.

La coordinación de fuerzas del Frente Popular la organización del aprovisionamiento de víveres en una amplia escala de colectivización de las empresas es de interés vital para conseguir esta finalidad, he aquí, evidentemente el verdadero interés de esta hora. Se han realizado, hasta hoy, de una forma no gubernamental descentralizada, desmilitarizada. No continuemos más. Hay muchos perfeccionamientos que pueden aplicarse aún para estas necesidades. Los Sindicatos de la C.N.T. o de la U.G.T. utilizan y pueden utilizar más aún todas sus fuerzas para este perfeccionamiento. Por el contrario, la constitución de un Gobierno de coalición, con sus luchas, de baja política entre mayorías y minorías subburocratización a base de élites seleccionados y

²⁹⁹ Ibidem, p. 2, grifos nossos.

³⁰⁰ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La Inutilidad del Gobierno**. Barcelona, 3 set. 1936, p. 6.

³⁰¹ Ibidem, p. 6.

³⁰² Ibidem, p. 6.

³⁰³ Ibidem, p. 6, grifo nosso.

la guerra fratricida que entrañan las tendencias opuestas, es todo lo que imposibilita el logro de nuestra labor de liberación en España³⁰⁴.

No mesmo dia 3 de setembro, o Solidaridad Obrera publicou novo chamamento à pequena burguesia, desta vez, incluindo também a classe média, tentando atraí-la para o campo da revolução. E o chamamento terminou assim:

Vengan con nosotros los pequeños burgueses, actúen, en buena hora, a nuestro lado. Y todos a la par haremos una obra sólida que podrá servir de espejo a las clases productoras de otros países, sujetos hoy aún por la condena de atávicos prejuicios, indecisos aún para dar la batalla al enemigo secular. Vengan, animosos, a laborar con nosotros, la pequeña burguesía y la clase media, y borremos de una vez atávicas diferencias; aplastemos prejuicios, y que haya sólo una clase: la de los hombres libres y laboriosos³⁰⁵.

Nos dias 4 e 5 de setembro, houve uma reunião de comitês libertários, com a presença dos Comitês Local, Regional e Específica, além de outros. Na primeira sessão, Isgleas proferiu que:

[...] nuestra Organización no puede aceptar de ninguna manera nuestra colaboración dentro del Gobierno, pero sí que en principio podía estudiarse la posibilidad de crear unos Comités, pero con el bien entendido que sólo se formarían éstos para hacer frente y derrotar al fascismo³⁰⁶.

Isso queria dizer que não se deveria aceitar postos dentro do governo, mas que se colaboraria por meio desses “comitês”. Seria uma colaboração “disfarçada”, na qual não se assumiriam cargos, mas se governaria a partir de fora do Estado. Santillán concordou com a criação destes conselhos assessores, pois isso permitia “[...] hacer pesar nuestra opinión sobre los que pretenden gobernar para encarrilar nuestra actuación hacia los fines que perseguimos y buscar la solución que salve la situación en que nos hemos metido³⁰⁷”. Oliver disse que em Madri reinava a incapacidade política e militar, e que a única maneira de se criar uma Espanha nova seria por meio da criação de uma Junta Nacional de Defesa. Depois da fala de algumas outras pessoas, a primeira sessão da reunião foi encerrada para continuar no dia seguinte.

A segunda sessão foi iniciada com Marianet passando a palavra para Herrera, que afirmou que o Ministro da Governação chamaria a organização para saber se ela participaria do

³⁰⁴ Ibidem, p. 6.

³⁰⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **La pequeña burguesía y la Revolución**. Barcelona, 3 set. 1936, p. 16.

³⁰⁶ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada nos dias 4 e 5 de setembro de 1936**, p. 1.

³⁰⁷ Ibidem, p. 1.

governo ou não, iniciando uma discussão sobre o tema. Germinal defendeu que não se deveria entrar no governo, sendo favorável a uma Junta Nacional de Defesa. Combina disse:

O aceptamos la totalidad de de las responsabilidades de las cosas, o desgraciadamente habríamos de hacer concesiones; no puede haber términos medios, si aceptamos un Gobierno o Consejerías sería una concesión transitoria, debido a las circunstancias que atravesamos. Largo Caballero³⁰⁸, al servicio de la tercera Internacional, nos pone en el dilema de ser gobernados, o gobernar nosotros, siqueremos salvarnos del peligro del Comunismo de Estado³⁰⁹.

Marianet disse que no governo existiam elementos hostis aos anarquistas, e que ele não cumpriu suas promessas. Santillán salientou que era preciso deixar as coisas claras. García Oliver se colocou como partidário da Junta Nacional de Defesa e Santillán esclareceu que “[...] la Junta Nacional de Defensa, no es un Gobierno pero puede tener la fuerza de tal³¹⁰”. Mas um evento inesperado aconteceu no meio da discussão, ao passo que uma comissão fazia um estudo sobre a situação atual, o Comitê Local aproveitou

[...] para dar conocimiento a la sala de unos acuerdos transcendentales tomados por las barriadas, los cuales dicen que **no recibirán más consignas que las del Comité respectivo** y que nadie debe cobrar más que ocho pesetas diarias si es que no se puede prescindir del jornal confederal³¹¹.

A isto Marcos Alcón respondeu que acreditava que

[...] **estos acuerdos son hijos de la incapacidad de los compañeros de barriada**; los Comités de Defensa no son otra cosa que anexos de los Comités Local y Específica. Por lo tanto es una incongruencia que estos Comités, en los tiempos anormales que atravesamos, se atrevan a hacer esas proposiciones³¹².

O Comitê de Defesa respondeu que as irregularidades eram gerais, não apenas as dos comitês de bairro, e que era exatamente por isso que eles estavam se rebelando. Depois de mais duas falas, o Comitê de Defesa acrescentou que

[...] los compañeros de barriada no quieren jornales y que **estaban deseosos y resueltos de volver a reconstruir las barricadas, cogere el fusil y toda classe de**

³⁰⁸ Francisco Largo Caballero (1869-1946). Foi um histórico político do PSOE e da UGT. Pertencente à ala esquerda dos socialistas, chegou a receber a alcunha de “Lênin espanhol”. Durante a guerra civil, foi Presidente do Conselho de Ministros no governo central e Ministro da Guerra.

³⁰⁹ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada nos dias 4 e 5 de setembro de 1936**, p. 2.

³¹⁰ Ibidem, p. 3.

³¹¹ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

³¹² Ibidem, p. 3, grifo nosso.

armas e ir al expropiamiento de lo que se necesita para abastecerse individualmente y colectivamente y de lo necesario³¹³.

Alcón insistiu que não havia por que se fazer o que os milicianos propunham, e que era preciso encontrar uma solução. Depois de algumas falas, Santillán disse que terminou o estudo da comissão, e que

En concreto, dice, debemos de gobernar. En principio regionalmente, o sea nombrando un Consejo en cada región y a medida que se vaya avanzando militarmente y psicológicamente, a establecer el régimen o forma de convivencia que más se adapte a nuestra manera de pensar o de sentir, siempre con miras del bien estar general³¹⁴.

A reunião terminou indefinida quanto à entrada de vez no governo, mas a possibilidade estava colocada abertamente pelos líderes cenetistas e faístas e, como já vimos, a decisão de ingressar no governo já havia sido tomada. Talvez estivessem esperando o momento mais propício.

No dia 4 de setembro, o Boletín de Información publicou um manifesto do Comitê Regional das Juventudes Libertárias onde se vê que eles não estavam dispostos a voltar à situação anterior:

Por los sacrificios nuestros [...] no podemos consentir en fuerma alguna que las cosas vuelvan al mismo estado en que estaban antes del 18 de Julio. [...] Si queremos que el fascismo sea completamente aniquilado, si queremos que nunca más fructifiquen sus raices, hemos de implantar una vida nueva³¹⁵.

No mesmo dia 4 – e publicado no Soli do dia seguinte – o Comitê Central de Milícias Antifascistas proibiu

[...] todas las recaudaciones, suscripciones y festivales a provecho de las milicias, de las víctimas del fascismo, de los hospitales de sangre y otras iniciativas parecidas, si previamente no han sido autorizadas por el Comité Central, sean quienes sean las personas, los organismos públicos o privados³¹⁶.

³¹³ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

³¹⁴ Ibidem, p. 3-4, grifo nosso.

³¹⁵ BOLETIN DE INFORMACIÓN. **Comite Regional de Juventudes Libertarias**. Barcelona, 4 set. 1936, p. 6-7.

³¹⁶ PRUNÉS, Luis. Prohibición absoluta de pedigüeñar, hacer suscripciones y festivales en provecho de las Milicias y sin autorización del Comité Central. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 5 set. 1936, p. 10.

Salientou também o fato de que aqueles que desobedecerem a tal ordem seriam punidos severamente, e os que quisessem fazer atividades neste sentido teriam que procurar o Comitê e seguir as diretrizes.

Na mesma edição, também foi publicado um pequeno texto a partir do qual foi possível saber que na última assembleia do Sindicato Único da Arte Fabril e Têxtil foi acertado que “[...] todos los Comités de fábricas del citado ramo, destinarán cada semana, para esta lucha [em Aragão], el aumento del 15 por 100 recibido [...]”³¹⁷, evidenciando mais uma vez a estreita ligação que existia entre as empresas autogeridas e as milícias operárias que lutavam no front, especialmente em Aragão.

No dia 5 de setembro, Juan P. Fábregas, um dos representantes cenetistas no Conselho de Economia da Catalunha, pronunciou uma conferência intitulada “A nova ordem econômica”, e que foi radiodifundida pelos microfones da Rádio CNT-FAI. Fábregas iniciou falando dos diversos âmbitos em que a revolução estava penetrando, e que nada poderia detê-la. Então, passou a tratar especificamente do Conselho de Economia, qualificando-o como “[...] un producto genuino y hijo legítimo de la Revolución, y que su misión transcendental ha llamado la atención no solamente de Cataluña y del resto de Iberia, sino que también de todos los pueblos del mundo”³¹⁸. Fábregas acrescentou que os representantes cenetistas no Conselho de Economia tinham plena consciência de que era preciso edificar uma nova ordem econômica que respondesse às características de sua terra e, por isso, a tensão de todo o mundo repousava neste Conselho, pois o resultado de sua atuação e seus frutos poderiam gerar conclusões que confirmassem que as hipóteses de tempos longínquos são as teses de hoje, bem como seriam constituídas em síntese de amanhã. Fábregas ainda afirmou que a CNT tinha perfeita conta da transcendência do momento em que se vivia, e que seus homens tinham feito o possível para orientar o movimento revolucionário. E acrescentou:

Por todas estas circunstancias estamos convencidos que de los resultados positivos o negativos de la labor reconstructiva del Consejo de Economía de Cataluña, dependen las orientaciones que en otras partes del mundo se tomen para la consolidación del nuevo orden económico-social, la gestación del cual está en la consciencia de todos, pero la realización práctica constituye, hasta hoy, únicamente un intento generoso de las almas también generosas de todos los pueblos sin excepción. El ensayo que está llevando a término el Consejo de Economía de Cataluña tiene una importancia excepcional, no únicamente por lo que a nuestra tierra se refiere, sino que también para el resto del mundo, ya que éste se pregunta qué es lo que nosotros vamos a producir, si nuestro experimento no se inspira en las normas del Estado totalitario

³¹⁷ OLIVA, Antonio. Emulación y resistencia económica. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 5 set. 1936, p. 6.

³¹⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. Conferencia pronunciada desde el micrófono C.N.T.-F.A.I. por el compañero **J. P. Fábregas el día 5 de septiembre sobre el tema: "El nuevo orden económico"**. Barcelona, 12 set. 1936, p. 5.

concebido por Hegel, en alguna de las dos interpretaciones (de las cuales haremos mención seguidamente) y no se atiene tampoco a las normas que la tecnocracia americana ha señalado al ensayo realizado por el presidente Roosevelt sobre el extenso territorio de la Unión Americana. Los experimentos realizados en el transcurso de los últimos veinte años con el propósito de establecer un nuevo orden económicosocial en todo el mundo, es innegable que tiene un íntimo punto de coincidencia, ya que tanto en el caso de las dictaduras rojas como en el de las dictaduras negras, aquel punto de coincidencia, es decir, el punto de partida para un largo camino a recorrer, es la concepción del Estado totalitario. Nos damos perfecta cuenta de la ansiedad que habrá despertado en el ánimo de nuestros conciudadanos la noticia de que vamos a crear en Cataluña un nuevo orden económico social que se aparta totalmente de las directrices seguidas por los experimentos realizados hasta hoy. Confiamos, pues, que nuestro experimento, que tiene por fundamento la más rigurosa interpretación de los principios de la ciencia y de la técnica, puestos al servicio de la justicia y de la igualdad, servirán de prenda para nuestras realizaciones que interpretan fielmente las esencias de nuestro espíritu nacional y den a la opinión pública aquel margen de seguridad y de confianza que permitan las circunstancias de la hora revolucionaria que vivimos. Producción sindical y distribución cooperativa constituyen las dos grandes líneas de nuestro experimento, y el respeto al esfuerzo del individuo coordinado con las necesidades de la colectividad, forman la base del edificio económico que ha de responder a las naciones del nuevo orden, la realización del cual está llevando a cabo el Consejo de Economía³¹⁹.

No dia 5 de setembro, também foi iniciada uma Plenária Regional de Camponeses da Catalunha³²⁰, quando foram tomadas algumas importantes decisões. Uma delas dizia respeito aos pequenos proprietários do campo, na qual se decidiu que eles iriam ser respeitados, contanto que cultivassem suas terras com seus próprios braços. A ideia era não causar descontentamento a esta camada social, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento do setor coletivo, pensavam os cenetistas, acabaria por os atrair para a coletividade. As grandes propriedades e as propriedades dos facciosos seriam assumidas pelos sindicatos e trabalhadas coletivamente.

No dia 8 de setembro, o Boletín de Información publicou um manifesto sob o nome de “Ferroviarios”, que teria vindo dos trabalhadores do F.F. de M.Z.A. e, tal como o manifesto das Juventudes Libertárias publicado no último dia 4, a questão do aprofundamento da revolução seguia sendo sua meta. Diz o manifesto:

A vosotros, hermanos nuestros, nos dirigimos en nombre de la Confederación Regional del Trabajo y del Comité de Relaciones de Cataluña de la Federación Anarquista Ibérica, para expresaros nuestra satisfacción por vuestra conducta ejemplar en la lucha contra el monstruo negro fascista, que se debate en signo de impotencia, cercado por las centurias de la liberación y os instamos a la insurrección contra todo elemento fascista, a la incautación de todos sus bienes representados en fábricas, talleres, dinero, fincas rústicas y urbanas, con su maquinaria, muebles y toda clase de anseros, poniéndolo todo en marcha con toda regularidad, en régimen de trabajo en común, nombrando Comités formados por hombres que los mueva nuestros ideales, basados en nuestro axioma, “que cada uno según su capacidad y según sus necesidades”. [...] De momento hemos abolido al parásito, que además de no producir

³¹⁹ Ibidem, p. 5.

³²⁰ Idem. **El magno pleno regional de campesinos**. Barcelona, 8 set. 1936, p. 10. e Idem. **El magno pleno regional de campesinos**. Barcelona, 9 set. 1936, p. 4.

almacenaba laproducción y la destruía antes de devolverla a los que se la había arrebatado. Enseguida hemos de perfeccionar y poner en función la maquinaria, no para que nos deje sin trabajo, sino para producir más, reduciendo la jornada. Para que libre a los campesinos y a todos en general, del trabajo inhumano, a que por espacio de siglos hemos vivido sometidos. Para conseguir esto, unido a millares de casos; un deber se impone a nuestras conciencias revledes, apoyar va los ejércitos de la libertad con todos los medios, trabajando a discreción, desprendiéndose del sobrante de toda clase de mercancías, haciendo entrega de ellas, a los Comités que las harán llegar al frente³²¹.

Ainda no dia 8 de setembro, a Seção do Ramo da Alimentação afeita ao Sindicato Único Mercantil da CNT publicou no Boletín de Información um chamado à pequena burguesia, convidando-a para “[...] que engrosáis las filas proletárias mercantiles controladas por este Sindicato³²²”. O chamado considerava-os trabalhadores e “En vuestras calidad de trabajadores no podéis vivir al margen ya de las filas proletarias, entre las cuales habéis nascido, haceros acreedores y forjadores de esta nueva economía que muy pronto veremos plasmada en realidad³²³”. Acrescentou também que

[...] esta Sección de Alimentación, os llama para que preparados en una nueva educación social y con la asistencia diaria de todos los trabajadores afiliados a este Sindicato, lleguéis también a la emancipación moral y material que tanto anhelaís [...]³²⁴.

E terminou dizendo que

Muchos de esos pequeños burgueses que tenían dependencia, se han adelantado al momento presente y con la alteza de miras que los honra, han ofrecido colectivizar sus negocios en pró de la revolución. Estos ya trabajan en común, sin distinción de clases, percibiendo equitativamente y según sus necesidades, los dividendos que pueden haber³²⁵.

No dia 8, o Soli também publicou um artigo³²⁶ de Jaime Balias³²⁷ em que ele pediu a criação de um tributo de guerra obrigatório para toda a população. Publicou ainda um

³²¹ BOLETIN DE INFORMACIÓN. **Ferrovianos**. Barcelona, 8 set. 1936, p. 4.

³²² LA JUNTA DE SECCIÓN DE ALIMENTACIÓN. A toda la pequeña burguesía mercantil. **Boletín de Información**. Barcelona, 8 set. 1936, p. 2.

³²³ *Ibidem*, p. 2.

³²⁴ *Ibidem*, p. 3.

³²⁵ *Ibidem*, p. 3.

³²⁶ Balias, Jaime. Ha de imponerse un tributo de guerra. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 8 set. 1936, p. 2.

³²⁷ Jaime Balias Mir (1904-1980). Foi uma importante figura das lutas sociais da Catalunha. Inicialmente afeito ao nacionalismo catalão, passou pelo marxismo e então se fez anarquista. Durante o período da guerra civil, Balias foi aglutinando a sua volta os setores descontentes com os rumos da revolução, chegando a fundar uma agrupação – os Amigos de Durruti – que fazia oposição aberta aos líderes anarquistas, além de um periódico que seguia também esta linha, embora nunca tenha rompido com as organizações libertárias.

chamamento aos trabalhadores de Málaga – e que servia para os trabalhadores de outras regiões da Espanha – para que entregassem suas armas, com a seguinte argumentação:

[...] Las armas son de la causa y por nada ni por nadie es una propiedad. Deben los que no sepan usarlas o no tengan valor para salir al frente por defectos temperamentales, entregarlas con nobleza a aquellos otros que, por no tenerlas, pierden el tiempo paseándose por las calles de la capital en contra de su voluntad. Las armas, todas las armas, deben estar en el frente empuñadas por vigorosos brazos. Suele ocurrir muchas veces que estos actos conducen a lamentables situaciones favorables al enemigo. No dudamos que en el fondo de las conciencias de estos camaradas exista una buena fe; pero la razón niega todo derecho a que estas armas duerman el sueño eterno del olvido. Las armas no es un mueble que se compra para su uso. Las armas, todas las armas, son del uso del pueblo para salir frente a los que quieren arrebatárle sus derechos y libertades. ¡Muchachos: os vais al frente o entregáis los fusiles!³²⁸.

No dia 9, aconteceram duas reuniões dos comitês anarquistas, uma de manhã e outra à noite. Na reunião da manhã, um Comitê Investigador que foi mandado à frente para averiguar “certas anomalias” que ali ocorriam expôs o que observou, mas resolveu esperar a presença de Ortiz e do Comitê de Milícias para prosseguir. O Comitê de Defesa falou das irregularidades que ocorriam na frente de batalha, pois foram concedidos oito dias para os Comitês de Abastecimentos regularizarem os abastecimentos e os milicianos não haviam recebido, sendo que a comida iria durar apenas até no dia seguinte, não sabendo então o que poderia ocorrer. E completou: “**No responde de lo que las barriadas podrán hacer**, pues el otro día ya estaban preparadas y decididas para hacer hechos que hubieran tenido grandes consecuencias si éstas se hubiesen realizado³²⁹”. Montseny, então, propôs que

[...] se establezcan cocinas COMUNALES de barriadas en las cuales los compañeros de la misma podrán controlar con toda seguridad si los individuos que van de comer en las mismas son verdaderamente individuos controlados por nosotros y que lo necesiten verdaderamente, o sea que no trabajan. Quedan pues abolidos los comedores POPULARES y así se subsanaran muchas deficiencias promovidas por los abusos que están haciendo los indeseables elementos que no piensan como nosotros³³⁰.

Ainda na mesma reunião, o Comitê de Abastecimentos – Juan Doménech – pediu ao Comitê Regional que nomeasse quatro pessoas para irem “incautar³³¹” as fontes de água termais e as grandes bodegas antes que a Generalitat o fizesse, o que demonstra a concorrência entre os

³²⁸ GUZMÁN, Morales. ¡Milicianos: os vais al frente o entregáis los fusiles! **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 8 set. 1936, p. 11.

³²⁹ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 9 de setembro de 1936 (manhã)**, p. 1, grifo nosso.

³³⁰ *Ibidem*, p. 1.

³³¹ “Incautación” era o termo utilizado para se referir ao ato de tomada de posse de alguma coisa, podendo ser uma empresa, um recurso natural etc.

sindicatos e o governo catalão pelo controle dos recursos. Depois de falar sobre o perigoso voo que alguns aviões fascistas fizeram sob territórios republicanos, o Comitê de Relações frisou que foi consultado por elementos marxistas – não se refere exatamente quais, mas há de se presumir que eram do PSUC, do PCE ou de ambos –

[...] los cuales dice que están informados de todos los acuerdos que nosotros tomamos en nuestros Comicios, y le han preguntado si tomaríamos parte en algún Gobierno que se formará en Cataluña o en el Del Centro. Se le responde que en el momento que llegue nuestra delegación que está en Madrid y nos informe sobre el resultado obtenido resolveremos lo que hayamos de hacer³³².

Ou seja, não se aceitou de imediato, mas também não se negou, deixando a questão em aberto.

Já na reunião noturna dos comitês, depois do Conselho de Economia dizer que havia ido para Madri, mas que não conseguiu ter a pretendida conversa – não foi mencionado quem era a pessoa que se iria parlamentar –, Fábregas comunicou que o governo da Generalitat enviou 36 milhões – não especifica o que era, presumindo que era dinheiro – para Paris, sendo isso entendido como um ato de sabotagem. Marianet completou que o governo de Madri os sabotava continuamente, e apontou a questão da Junta de Defesa. Eroles, então, falou:

Si dejamos al Gobierno que vaya haciendo las cosas no se armonizaran y sí se iran empeorando. No transijamos pues, y vayamos a nuestros propositos pués aunque no queremos las circunstancias nos obligan a determinar y no a ser DETERMINADOS [seria isso uma fala favorável à entrada direta no governo?]. [...] Y por lo tanto si vamos transigiendo no se donde iremos a parar, **nuestra única salvación es la creación de la Junta Nacional de Defensa**³³³.

No mesmo dia 9, o Boletín de Información publicou uma pequena nota do Comitê Central de Milícias Antifascistas onde dizia que “Todos aquellos que realicen registros a los domicilios, individual o colectivamente, sin previa autorización del Comité de las Milicias Antifascistas, serán ejecutados sin formación de causa³³⁴”. Isso era, na verdade, uma tentativa de canalizar a repressão aos insurretos, de combater os bandidos comuns e de barrar os comités de bairro, que continuavam ativos e ainda estavam levando a cabo um trabalho revolucionário na retaguarda. Tudo isso ao mesmo tempo. Já o Soli publicou um artigo assinado por “Um operário emancipado”, que tratou novamente da questão da pequena burguesia. Este afirmou que se faziam muitas convocações para que a pequena burguesia se juntasse aos esforços do

³³² REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 9 de setembro de 1936 (manhã)*, p. 2.

³³³ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 9 de setembro de 1936 (noite)*, p. 1, grifo nosso.

³³⁴ BOLETIN DE INFORMACIÓN. *Comite Central de Milicias Antifascistas*. Barcelona, 9 set. 1936, p. 2.

proletariado na construção da nova sociedade, mas enfatizou que, até então, nada fora feito nesse sentido, a não ser chamamentos para que esta pequena burguesia não sinta medo.

Ya se da el caso a diario de que algunos de estos modestos patronos van a informarse a los Sindicatos para que les orienten en la forma de ingresar, y al expresar su condición de patronos se les dice invariablemente que allí no pueden ingresar los que tienen operarios a su servicio por estar considerados como burgueses. Y claro está, ese patrono (como se le quiera denominar, puesto que no por el adjetivo deja de ser lo que es), se desorienta al verse repudiado por los organismos confederales, si no se presenta a ellos como simple obrero y sin otros atributos³³⁵.

Por tudo isso, o autor então fez um chamamento para que os organismos confederais expusessem normas claras e determinantes para que essa união com a pequena burguesia fosse efetivada na prática.

No dia seguinte, 10 de setembro, o Boletín de Información publicou um artigo intitulado “Que es el Anarquismo?”, quando fez uma breve apresentação sobre o tema. Depois de bradar contra o Estado, colocando-o como “quien ampara y protege al rentismo o al “propietario³³⁶”, o artigo falou sobre as consequências do desaparecimento do Estado:

[...] el pobre se rehusará a continuar viviendo en la miseria, mientras otros nadan en la opulencia. Significa que el obrero se negaría a ceder sus productos al patrón que pretendiera ser dueño único de la fábrica y de todo lo que en ella se elabora; significa que el campesino no permitiría que millones de hectáreas permanezcan sin cultivar, abandonadas, o a la espera de valorizaciones especulativas, mientras a él no se le concede el palmo de tierra que necesita para sostener a su familia. Significa que nadie se le permitirá acaparar la tierra [ilegível] de producción; significa, también, que la propiedad privada de todas las “fuentes de la vida” del pueblo (tierras, edificios, caminos, ferrocarriles, fábricas, etc.), no se tolerará más, y que se considerará como crimen mayor la propiedad de esos elementos que pueden considerarse vitales; significa, en fin, que todas participarán de los bienes comunes y que todos tomarán parte en la producción de esos bienes sociales³³⁷.

E, encerrando o artigo, concluiu:

Se deduce de aquí que cuando el gobierno sea abolido se marcharán con él también el régimen actual de esclavo asalariado, y el capitalismo, porque unos y otros no pueden existir sien apoyo que reciprocamente se prestan. Un estado social así donde reinara la libertad, en lugar de la autoridad, sería la anarquía. Y donde, a su vez, la igualdad para todos en el uso de las cosas que pasan a ser del dominio público, sería el comunismo en lugar de la propiedad privada³³⁸.

³³⁵ UN OBRERO EMANCIPADO. Observaciones de un obrero emancipado. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 9 set. 1936, p. 6.

³³⁶ BOLETIN DE INFORMACIÓN. **Que es el anarquismo?** Barcelona, 10 set. 1936, p. 10.

³³⁷ Ibidem, p. 10.

³³⁸ Ibidem, p. 10.

O interessante deste artigo, que era um ataque ao Estado como uma necessidade histórica, é que ele estava sendo publicado justamente em um momento em que os anarquistas estavam colaborando com estas mesmas instituições há quase dois meses, mesmo que fizessem isso a partir de fora, ou seja, não ostentavam cargos diretamente nos órgãos superiores do aparelho de Estado. E neste exato momento estava sendo discutido entre os líderes anarquistas a entrada direta no aparelho de Estado, como ficou demonstrado na reunião da manhã do dia anterior quando foi falado que os comunistas haviam perguntado se os cenetistas tomariam parte nos governos central e catalão e a resposta foi que se esperaria a volta de uma delegação que fora enviada para Madri, ou seja, não se aceitou de imediato, mas também não se negou, deixando a questão em aberto – na verdade, como já vimos, essa decisão já havia sido tomada, como relatou Lorenzo³³⁹.

Um documento do Comitê Nacional da CNT, datado de 11 de setembro, e que foi uma declaração do Secretário do Comitê Nacional, David Antona, a um redator da Agência Febus, expôs naquele momento a posição da CNT sobre sua entrada no governo. Disse ele:

Tiene dos puntos de vista la cuestion de la adhesion de la C.N.T. al Gobierno. Si la C.N.T. se atiene en la hora actual a su trayectoria espiritual e revolucionaria, en manera alguna puede dar su conformidad al nuevo Gobierno. Ahora bien: por encima de esta apreciacion de tipo ideologico, esta **la imprescindible necesidad de un Gobierno fuerte**, que, contando con el apoyo de todos los sectores enrolados en los Frentes antifascistas, canalice los esfuerzos y ardores populares para conducirlos al triunfo definitivo³⁴⁰.

Antona também afirmou que a Plenária Nacional da CNT, realizada no último dia 3, depois de examinar uma proposta da UGT, que era a de “[...] prestar su colaboración directa al nuevo Gobierno³⁴¹”, decidiu que:

[...] por muy duras que fueran las circunstancias actuales no cabia abandonar la linea insurreccional de nuestro organismo confederal. No obstante como prueba de tolerancia y compresion este Pleno transmitio al nuevo Gobierno (despues de hacer constar nuestro apoyo y colaboracion moral), nuestro deseo ferviente de que en todos los Departamentos gubernamentales se crearan juntas asesoras de iniciativa, en las cuales dieran la participación correspondiente a nuestra Organización. [...] El nuevo Gobierno, al conocer nuestra posición, la ha aceptado complacido y nos ha reiterado nuevamente la satisfacción que hubiera producido al mismo que esta organización se decidiera a prestarle una mas directa colaboración; es decir, en el seno del propio Gobierno³⁴².

³³⁹ LORENZO, César M. **Los anarquistas españoles y el poder 1868-1969**. Paris: Ruedo Iberico, 1972.

³⁴⁰ CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO DE ESPAÑA. Madrid, 11 set. 1936, p. 1, grifo nosso.

³⁴¹ Ibidem, p. 1.

³⁴² Ibidem, p. 1.

No dia 13 de setembro, o Soli trouxe alguns artigos importantes sobre as questões de momento. O primeiro deles tratou da criação de um organismo nacional. Depois de falar da derrocada do sistema social que existia antes de 19 de julho, salientou que o povo teria que reconquistar seu direito a viver na estrutura que melhor lhe agradasse, e para isso todos os meios precisavam estar em suas mãos, mediante organismos revolucionários e constituídos por todos os setores da frente antifascista. No entanto, acrescentou, se por um lado todas as forças antifascistas estavam de acordo em que o triunfo sobre o fascismo deveria vir acompanhado sob uma nova ordem social e econômica da Espanha, não havia acordo sobre qual deveria ser este novo conteúdo social e econômico, com cada setor tendo suas próprias concepções. E, então, continuou o artigo, era preciso criar órgãos que fossem expressões verdadeiras do momento que se vivia, e que fossem a máxima garantia de que no dia seguinte ao triunfo sobre o fascismo pudesse determinar com absoluta liberdade a estruturação da nova sociedade, de acordo com sua maneira de pensar e sentir. E então concluiu:

En Cataluña, donde las divergencias de interpretación es tanto o más acusada que en resto de la Península, se ha salvado este obstáculo constituyendo organismos genuinamente revolucionarios en que tiene cabida todos los sectores sin menoscabo de su específica personalidad. Los Comités antifascistas en su aspecto de guerra y mantenimiento del orden revolucionario y los Comités de Abastos y el Consejo de Economía, en el aspecto reconstructivo demuestran cómo se puede mantener la unidad colectiva de un pueblo en lucha contra su enemigo común, sin crear privilegios de clase ni de sector, que podrán ser causa de nuevas luchas que todos tenemos la obligación de evitar. Este ejemplo de Cataluña debería ser meditado por el resto de las regiones españolas para su aplicación sobre toda la Península Ibérica. En estos momentos nadie puede arrogarse la representación exclusiva del pueblo español. Este sólo puede ser representado por organismos surgidos de la revolución en marcha y que ha anulado todas las normas establecidas y vigentes hasta 19 de julio. La C.N.T. y la F.A.I. han sostenido y continúan sosteniendo la necesidad de que se constituyan las Juntas Regionales de Defensa Revolucionaria vinculadas en una Junta Nacional, aunque conservando la suficiente independencia entre las distintas regiones para solucionar y encauzar todos los problemas de orden inmediato que la revolución pueda plantearnos. Estos organismos revolucionarios y, por tanto, circunstanciales, tendrían la inmediata virtud de garantizar los intereses de todos cuantos intervienen en la lucha y mantener la unidad de acción de vanguardia a retaguardia, sin recelos ni desconfianzas entre los combatientes. Esta posición, la C.N.T. y la F.A.I. la sostuvieron ya, antes de la constitución del actual Gobierno, y después de estos días de Gobierno socialista no hay ningún motivo, para rectificarla, antes lo contrario. Diariamente, se está confirmando nuestra tesis de que la revolución española no puede ser representada por nadie y sí sólo exclusivamente por ella misma, con organismos salidos de sus entrañas. La C.N.T. y la F.A.I., que todo el mundo ha reconocido su importancia determinativa, han dado pruebas suficientes de su espíritu de comprensión y tolerancia, teniendo la suficiente autoridad moral para plantear y pedir de los demás, el mismo trato de reciprocidad. Organicemos la victoria, sin egoísmos ni desconfianzas, y después que los pueblos determinen el camino a seguir. Las Juntas de Defensa Revolucionaria y la garantía de que la revolución no servirá para hacer un empalme entre la próxima fecha del triunfo y el 19 de julio pasado³⁴³.

³⁴³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Las Juntas Regionales y Nacional de Defensa Revolucionaria**. Barcelona, 13 set. 1936, p. 1.

O mesmo Soli publicou ainda dois artigos em que tinham a economia como tema. O primeiro deles foi escrito por Federica Montseny. Esta afirmou que a Catalunha criou órgãos reguladores da economia, renovando os velhos cânones e assentado normas completamente novas. Na verdade, salientou, não tem feito mais do que canalizar o que os povos iam fazendo em sua marcha. Em toda revolução, continuou Montseny, de maneira espontânea nascem e crescem estes organismos, filhos da revolução e que cumprem uma necessidade histórica, determinada pelas circunstâncias. Por exemplo,

[...] el Consejo de Economía de Cataluña, destinado a legalizar – si se nos permite la palabra – las realizaciones acometidas con éxito por los propios trabajadores que, en campos, fábricas y talleres, asumían la dirección de la producción y la continuaban, tomándola de manos de la burguesía, en fuga o en quiebra³⁴⁴.

Além disso, Montseny afirmou que as coisas estavam sendo produzidas com tal senso de responsabilidade na Catalunha por parte do proletariado que o acordo entre este e a pequena burguesia não comprometida com o fascismo era total. Salientou ainda que a obra que se estava construindo naquela região era defeituosa, mas que assinalava as linhas gerais para que as outras regiões a aperfeiçoasse, e que na Catalunha se lutava unido aos demais setores da frente antifascista, tanto no campo de batalha quanto nas realizações econômicas. Então, a autora pergunta: por que, então, o resto da Espanha não tem dado apoio à obra da Catalunha? Ela não respondeu, mas afirmou que os socialistas, os mesmos que colaboravam com os anarquistas no Comitê de Milícias Antifascistas da Catalunha e no Conselho de Economia da Catalunha, faziam uma resistência passiva ao negarem facilidades e dinheiro, e lembrou que o fascismo não se combatia apenas no campo de batalha, e teria que ser destruído também no âmbito social e econômico, ou seja, transformando a velha economia espanhola.

O outro artigo publicado no Soli sobre economia foi escrito por Juan P. Fábregas, representante cenetista no Conselho de Economia, cujo tema foi o federalismo de tal organização. Fábregas afirmou que os postulados da revolução reclamavam uma renovação total do sistema político, econômico e social dos povos ibéricos, e que os homens da CNT procuravam inocular em todos os organismos em que intervenham o respeito ao indivíduo e uma estruturação de tipo federal, dentro do qual se deveria acolher as mais variadas características das regiões econômicas dos povos hispânicos.

³⁴⁴ MONTSENY, Federica. El problema social y económico de Cataluña. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 13 set. 1936, p. 2.

Nosotros consideramos que el edificio económico del nuevo orden debe orientarse, no únicamente bajo el punto de vista del hecho de Cataluña, sino también de cara a las realidades de los demás pueblos ibéricos, en íntima conexión con las características de cada una de las unidades económicas que constituyen el complejo económico nacional³⁴⁵.

E quem deveria cumprir o papel de transformação econômica da sociedade catalã, segundo Fábregas, seria o próprio Conselho de Economia, ou seja, não seriam nem os sindicatos, como propugnavam os anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários, muito menos os comitês de bairro sob alguma forma de federação. Assim, Fábregas já aceitava uma organização econômica ordenadora que estivesse colocada fora do âmbito das organizações dos trabalhadores.

Um outro artigo importante do Soli deste mesmo dia dizia respeito aos abastecimentos, sendo assinado pelo Comitê de Abastecimentos da cidade de Viladecans. Este salientou que o dito Comitê, além da missão de abastecimentos,

[...] debe velar por la estabilización de precios, y debiera, en cuanto reciba un requerimiento de entrega de géneros de un Comité Comarcal, ordenar el precio a que el detallista debe pagar el mismo y el que está obligado a venderlo, procedimiento que conservaría la estabilización y establecería la unificación de precios que puede redundar en beneficio del sufrido consumidor. Así, el Comité Local velaría para que no se vulneraran las órdenes del Central, persiguiendo y denunciando a los contraventores³⁴⁶.

No entanto, isso colidia com os interesses dos comerciantes do setor que, então, foram se tornando grandes inimigos dos comitês.

O último artigo do Soli desta data, a qual faremos referência, trata da relação entre fascismo e capitalismo. Ele afirmou que a democracia naquele momento não era um ideal de governo, mas um abismo de contenção entre o fascismo e a revolução social. E, acrescenta, quando

[...] el fascismo se levanta en armas contra la democracia, la pequeña burguesía y la clase trabajadora – como está ocurriendo en nuestro país –, los demócratas están obligados a aceptar los ideales del proletariado; de lo contrario, traicionarían la lucha antifascista de nuestros días³⁴⁷.

Assim, continuou o artigo, não haveria termos médios; os gerais sublevados eram subvencionados pelos grandes capitalistas, e os que lutavam contra eles eram os operários, os

³⁴⁵ FÁBREGAS, Juan. El Consejo de Economía. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 13 set. 1936, p. 11.

³⁴⁶ LA COMISIÓN DE ABASTOS DE VILADECANS. Consideraciones sobre abastos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 13 set. 1936, p. 7.

³⁴⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **Con el fascismo muere también el capitalismo**. Barcelona, 13 set. 1936, p. 16.

democratas, os liberais e a pequena burguesia, os quais forçosamente precisariam integrar uma única classe social.

Con el fascismo muere también el capitalismo como sistema económico de la sociedad burguesa. Las clases sociales se funden en un solo núcleo de individuos libres e iguales, sin privilegios económicos ni monopolios de ninguna especie. Se van realizando poco a poco los ideales de los grandes maestros del socialismo. Por ellos y por nuestras vidas luchamos contra el fascismo. Estemos orgullosos todos de que con el fascismo perezca también el capitalismo, generador principal de todas las injusticias sociales, del hombre y la esclavitud de los pueblos y de la explotación del hombre por el hombre³⁴⁸.

No dia 14, houve uma outra reunião dos comitês libertários catalães. Novamente, se retornou ao assunto, denunciando algumas “anomalias” cometidas na frente aragonesa, onde

[...] se ha acordado tomar medidas severas para evitar, coregir y supsanar en lo posible todas aquellos actos que habran podido ocasionar el desprestigio a nuestra Organización, que es ajena a todos estos hechos reprochables por toda persona consiente y humana³⁴⁹.

Concordou-se que Ortiz deveria comparecer diante do Comitê para esclarecer a situação.

No mesmo dia 14 de setembro, o Boletín de Información publicou a transcrição de um discurso de Camillo Berneri³⁵⁰ dedicado a todos os antifascistas italianos. O artigo afirmou que a Catalunha revolucionária criou milícias operárias em dois dias, que a ação direta cultivada nas massas demonstrou magníficos frutos e que o proletariado espanhol demonstrou a seus congêneres do mundo como se podia resistir ao fascismo. Sobre o processo revolucionário, escreveu Berneri:

Hoy Cataluña bajo el impulso dominante, pero no hegemonico, de la C.N.T. y la F.A.I., es la región que impulsa a España hacia una nueva vida. La revolución que se realiza en todos los órdenes de la vida en Cataluña, será la que protegerá a las demás regiones. En la Región aragonesa, donde combaten catalanes y milicianos de todas las regiones españolas, ha terminado ya la explotación, dando vida al nuevo orden revolucionario. En Bujaraloz los campesinos realizan sus labores colectivamente, los frutos se reparten individualmente bajo el control de un Comité que entrega los víveres a los milicianos y a la población. Dichos víveres, son distribuidos en proporción de la misma y componentes de las familias, a más del número de milicianos que cada uno debe hospedar. A medida que la columna proletaria avanza, esta proclama en cada

³⁴⁸ Ibidem, p. 16.

³⁴⁹ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 14 de setembro de 1936*, p. 1.

³⁵⁰ Camillo Berneri (1897-1937). Foi um importante anarquista italiano que foi obrigado a se refugiar com o advento do fascismo em seu país de origem. Depois de passar por vários países europeus, preso e expulso de muitos deles, acabou indo para a Espanha. Foi um crítico da participação anarquista no governo. Publicou em Barcelona um periódico escrito em língua italiana chamado Guerra di Classe. Foi assassinado no dia 5 de maio de 1937, durante o episódio que ficou conhecido como as Jornadas de Maio – da qual falaremos mais para frente.

pueblo, que la tierra es de los campesinos es cuando realmente empieza el trabajo colectivo. Abiertamente España camina hacia la colectivización, sin dictaduras políticas; la España revolucionaria, no es un arcángel más que puede vender sus alas, es por eso que la bestia fascista, dirige sus ataques hacia ella decidida a destruirla, antes que esta, alumbre a Europa. Pero los revolucionarios constituyen un bloque decisivo para regenerar a España³⁵¹.

Assim, Berneri exaltou o coletivismo que estava sendo construído na Espanha revolucionária, mas não falou nada, neste texto, sobre os rumos que se estava tomando o movimento anarquista. O mesmo número do Boletín contou ainda com um artigo³⁵² escrito por Rudolf Rocker, em que ele fez uma apresentação do movimento operário na Espanha e do modo de proceder da CNT.

No dia 15 de setembro, iniciou-se importante Plenária Nacional de Regionais, que durou até dia 17 e foi realizada em Madri. Na primeira sessão, a representação da Catalunha falou do que eles classificaram como “sabotagem” por parte do governo central, que consistia na desastrosa retirada de Mallorca, na entrada de elementos hostis à CNT no governo, na retenção de material bélico e de recursos que seriam usados para o desenvolvimento da economia. Acrescentou que “Se ha llegado a pretender dar en Cataluña un golpe de Estado patrocinado por el Gobierno³⁵³”, e que “La acción del Gobierno significa un verdadero saboteo a nuestro movimiento antifascista y revolucionario, y en semejante condiciones no podíamos autorizar ninguna gestión cerca del Gobierno³⁵⁴”.

E, para concluir, salientou que a

[...] Cataluña entiende que la solución a todos esos problemas que el Gobierno dificulta hay que ir a creación de Consejos de Defensa Regional, los cuales deberán tener un organismo coordinador el que podríamos denominar Consejo o Junta Nacional de Defensa³⁵⁵.

Depois de alguns esclarecimentos, a reunião passou a falar sobre as medidas que então deveriam serem tomadas. A representação da Catalunha colocou que “[...] puesto que existen dificultades que el Gobierno no trata de resolver y cree que hay que ir a creación inmediata de Comités Regionales de Defensa dirigidos por un consejo federal de caracter nacional³⁵⁶”.

³⁵¹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Discurso pronunciado por el camarada "Camilo Berneri" ante el micrófono de la C.N.T.-F.A.I. E.C.N. 1.** Barcelona, 14 set. 1936, p. 8.

³⁵² Idem. **El movimiento revolucionario español juzgado por el camarada "Rudolfo Rocker"**. Barcelona, 14 set. 1936, p. 8-11.

³⁵³ REUNIÓN DEL PLENO NACIONAL DE REGIONALES. **Ata da reunião realizada no dia 15 de setembro de 1936**, p. 2.

³⁵⁴ Ibidem, p. 2.

³⁵⁵ Ibidem, p. 2.

³⁵⁶ Ibidem, p. 3.

O Levante então

[...] lee su informe donde retrata su pensamiento a base de **ir a la intervención directa de nuestro organismo en las funciones gubernamentales**, por considerar que solo así podrá llegarse a plasmar lo que en todos los aspectos necesitamos para combatir el fascismo y encaminar las actividades revolucionarias³⁵⁷.

A delegação das Astúrias

Se muestra partidaria de establecer una alianza verdadera con los elementos que luchan contra el fascismo. **Considera que en la C.N.T. participe en todas las comisiones de control económico, guerra, etc, excepto la participación ministerial.** Pero siempre al lado de la U.G.T.³⁵⁸.

Assim, as delegações do Levante e das Astúrias já abertamente defendiam a participação no governo, mas a primeira queria a ostentação de pastas ministeriais, enquanto a segunda defendia que não. Aragão afirmou que era partidário “[...] de formar parte en las comisiones acordadas a base de que se le concedan amplias atribuciones³⁵⁹”.

O Levante disse que

No esta conforme con esas comisiones asesoras; y **puesto que esas comisiones implican una colaboración de la C.N.T. que hay que abordar de plano el problema de la intervención gubernamental**; deja en pié la demonización de gobierno para mantener cierta confianza en el orden internacional pero no interviene para dejar las cosas tal están; **quiere transformar las funciones del gobierno hasta ir a la destrucción del caracter que ha tomado hasta aquí**; y desea valerse aprovechando los resortes de que disponiamos desde el gobierno para articular la economía de retaguardia y organizar el problema de la guerra con las ventajas ordenadas al triunfo total de las fuerzas antifascistas. Apoya su tesis en objetivos de guerra y condiciones imprescindibles para nuestro triunfo. La C.N.T. debe plantear en la calle el problema de la dirección de los destinos del país³⁶⁰.

A delegação da Andaluzia enfatizou que o mais apropriado era a proposta da Catalunha – a criação de uma Junta Nacional de Defesa –, pois havia um problema internacional, e completou dizendo que

[...] **ya hemos aceptado la colaboración en todos los organismos creados con motivo de la lucha actual; falta concretar que hemos de hacer fuerte al gobierno constituido**, a su entender lo más lpolico seria que, de igual forma que se controla en esos organismos de abago y en medio se creen otros que obtengan el control absoluto

³⁵⁷ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

³⁵⁸ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

³⁵⁹ Ibidem, p. 3.

³⁶⁰ Ibidem, p. 4, grifos nossos.

dentro del gobierno constituido. Señala objetivos de caracter guerrero y extrategico cuya conquista ha de lograrse si en verdad si quiere obtener el más rápido triunfo³⁶¹.

A representação das Astúrias disse que era preciso ser cuidadoso com as posições a se tomar, e que a criação de uma Junta Nacional faria com que as potências estrangeiras negassem “cosas que necesitamos³⁶²”. Aragão, então, falou que

Mejos que crear una Junta Nacional de Defensa o intervenir diretamente en la gobernación del país, es posible que conveniera mas **crear comites dentro de los ministerios** con atribuciones para dirigir o controlar las actividades que, a juicio de esta Regional son más necesarias: Hacienda y Guerra³⁶³.

Foi encerrada a primeira sessão. Não possuimos as atas da segunda sessão, de modo que não podemos elucidar o que ali ocorreu. Mas a terceira sessão começou tratando sobre futuras plenárias a serem realizadas, seus locais e procedimentos. Depois passou para a questão dos conselhos técnicos e dos comitês de defesa, passando-se, então, para o terceiro ponto do dia, que eram informes das regionais. A delegação de Aragão

Informa dela situacion de su Region y dice que, la Columna de ortiz que alli opera esta efectuando una serie de requisas, sin el abal ni el control del Comite Regional y esta perjudicando de una manera grande al pueblo Aragones, llegando al extremo de que requisan articulos de primera necesida, dejando en la miseria a los trabajadores, por lo cual proponen que el, Pleno comunique a la mencionada Columna que no continue en su actuacion ya que la lavor de retaguardia competo solo y rxclusivamente a las Organizaciones responsables y sindicales³⁶⁴.

Após a denúncia, a delegação da Catalunha disse que, em Barcelona, havia um acordo para destituir Ortiz e celebrar uma reunião com os Comitês Regionais da Catalunha e Aragão, e que havia uma comissão para investigar a brigada que Ortiz dirigia. Depois da delegação do Levante falar os aragoneses tomaram a palavra, e disseram que:

[...] no solo se limita a atender a la cuestion de la guerra, sino, que, tambien esta organizando la vida economica en los pueblos conquiwitados y por lo tanto tienen que hacer frente a ciertas compras de las materias primas que carecen, pero qie como todos los valores lo ahn requisado la Brigada de Ortiz, e ellos no disponen de dinero para hacer estas compras por lo cual pidenna a la Organizacion facilite estas materias que son abonos, nitratos, etc. bien entendido, que de momento esllos nopueden hacer nada absolutamente mas que consumir los prdstos de los pueblos cual ocurre con la que acampa en Algañiz, Alcorisa etc.etc. Se hace caso de esto la Delegacion Catalana para

³⁶¹ Ibidem, p. 4, grifo nosso.

³⁶² Ibidem, p. 4.

³⁶³ Ibidem, p. 5, grifo nosso.

³⁶⁴ REUNIÓN DEL PLENO NACIONAL DE REGIONALES. **Ata da reunião realizada no dia 16 de setembro de 1936**, p. 2.

poner fin a estos casos pues dice que esta columna solamente tiene permiso para estar en estos lugares ocho días, por lo cual se retirara de allí de un momento a otro³⁶⁵.

A terceira sessão foi encerrada após mais algumas falas e se iniciou a quarta sessão. Nesta, cada Regional fez um informe sobre sua situação, falando sobre as operações de guerra e seus problemas, inclusive de abastecimentos, da situação perigosa em que Madri se encontrava e das repressões ocorridas em territórios controlados pelos facciosos. A regional do Centro propõe a criação de um Conselho Nacional de Abastecimentos e a delegação do Levante falou em um possível Conselho Nacional de Economia. Depois, passou-se para “assuntos gerais”, com falas de algumas delegações. Na quinta e última sessão da plenária, discutiu-se apenas de questões menores.

Os acordos adotados por esta plenária foram publicados dia 19 em um texto que foi distribuído para a imprensa e para a UGT³⁶⁶. Foi também publicada no Boletín de Información do dia 19 de setembro. No preâmbulo, foi escrito que “[...] la C.N.T. considera como cosa fundamental la participación en un organismo nacional facultativo para sumir las funciones de dirección en el aspecto defensivo y de consolidación en el aspecto político y económico³⁶⁷”. Assim sendo, segundo o texto, a plenária acordou a “Constitución en Madrid de un Consejo Nacional de Defensa³⁶⁸”, com a proporção de cinco elementos para a UGT, cinco para a CNT e quatro para os republicanos. A constituição deste Conselho Nacional de Defesa, continuou, “[...] presupone la continuidad de la Presidencia de la República en la persona que la detenta [...]”³⁶⁹, ou seja, Manuel Azaña³⁷⁰, e dito Conselho ficaria sob a Presidência de Largo Caballero. A plenária também teria acordado que tanto a administração política, quanto econômica, deveriam ser regidas pelo princípio do federalismo, e cada região deveria decidir a proporcionalidade que lhes caberia ao seu Conselho Regional de Defesa. Também acordou pela “Transformación de los Ministerios, convirtiéndoles en Departamentos y configurándoles del modo que aconsejan las exigencias del momento³⁷¹”. Decidiu pela “Creación de la milicia

³⁶⁵ Ibidem, p. 3.

³⁶⁶ COMITÉ NACIONAL. **Dictamen de la Ponencia al Pleno de Regionales**, Madrid, 19 set. 1936.

³⁶⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hacia la reconstrucción económica y defensa de la revolución**. Barcelona, 19 set. 1936. p. 8.

³⁶⁸ Ibidem, p. 8.

³⁶⁹ Ibidem, p. 8.

³⁷⁰ Manuel Azaña Díaz (1880-1940). Importante político e membro da Esquerda Republicana, Azaña ocupou a Presidência da República por duas vezes, a primeira vez no início do período republicano e a segunda vez de maio de 1936 até março de 1939.

³⁷¹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hacia la reconstrucción económica y defensa de la revolución**. Barcelona, 19 set. 1936. p. 8.

popular única para finalidades de orden público³⁷²”, além da criação de uma milícia de guerra com caráter obrigatório. Outra medida colocada era a

Socialización de los bienes de la Iglesia, de los terratenientes, gran industria, gran comercio, transportes en general, así como las Empresas de cualquier volumen cuyo apoyo a la rebelión resultase comprobada; control obrero en las industrias y comercios privados; usufructo por los sindicatos obreros de los medios de producción y cambio que sean socializados; libre experimentación en los pueblos que, por su posición especial, no perturban la marcha normal de la economía; planificación de la gran industria y de los cultivos más importantes³⁷³.

No mesmo dia 15 de setembro em que se iniciou a Plenária Nacional de Regionais, Juan P. Fábregas radiou outra conferência sobre o Conselho de Economia da Catalunha. Fábregas afirmou que o Conselho de Economia da Catalunha “[...] representa la revalorización del movimiento revolucionario³⁷⁴” e exaltou seu espírito federalista. Destacou também que não se poderia esquecer os outros povos da Ibéria e que o Conselho de Economia da Catalunha tinha “[...] una importancia capital para las futuras realizaciones de orden semejante que pueden tener lugar en los otros pueblos allende de las fronteras que siguen con la máxima atención y viva emoción las incidencias de nuestro experimento³⁷⁵”. Além disso, Fábregas colocou o Conselho de Economia, diversas vezes em sua fala, como o organismo responsável por dar forma à economia coletiva, o ordenador da nova economia que se pretendia estabelecer na Catalunha e em toda a Espanha. E, após terminar de explanar sobre o Conselho de Economia, Fábregas fez um chamamento à classe média para que esta se colocasse ao lado do proletariado na construção da nova sociedade que emergia dos escombros da antiga.

Enquanto isso, a imprensa cenetista continuava replicando os problemas do momento. No dia 16 de setembro, o Soli publicou um artigo em que Jaime Balius discutiu a questão do consumo. Afirmou que um de seus aspectos primordiais eram as filas nos locais de compra, embora até neste momento não se tivesse passado por privações. Apesar disso, segundo Balius, existiam abusos nesta questão – como trabalhadores que recebiam soldos e se beneficiavam dos comedores –, e era preciso equilibrar produção e consumo. Salientou ainda que a distribuição dos produtos deveria ser feita de uma maneira ordenada, evitando que indivíduos pudessem estocar alimentos para vários dias, pois isso produziria desequilíbrios. E, como solução, Balius propôs a criação de uma espécie de cartão familiar, “[...] que después de taladrar el día

³⁷² Ibidem, p. 8.

³⁷³ Ibidem, p. 8.

³⁷⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. Conferencia de Juan P. Fábregas, miembro del Consejo de Economía de Cataluña, radiada el día 15 de septiembre de 1936. Barcelona, 18 set. 1936, p. 6.

³⁷⁵ Ibidem, p. 6.

correspondiente a la compra realizada no permitiese que se comprara un gramo más de la cantidad estipulada³⁷⁶”.

No mesmo Soli, ainda foi publicada uma crítica aos “órgãos representativos”, afirmando que eles têm que ser “[...] el receptáculo de lo que ocurre en la calle³⁷⁷”, complementando que se

[...] existe una perfecta concordancia entre los lugares de administración de la cosa social y el perímetro callejero, la vida se desliza plácidamente. Pero si, al contrario, no llega a establecerse un nexo entre los dos centros de las actividades sociales, fatalmente sobreviene un rompimiento³⁷⁸.

No dia seguinte, 17 de setembro, o *Tierra y Libertad*³⁷⁹ publicou um discurso de Toryho que havia sido pronunciado no rádio dias atrás, quando ele tratou do tema das raízes históricas da guerra civil. Mas o texto mais importante dessa edição foi uma replicação de outro periódico, o *Pueblo Libre*, órgão da CNT em Sueca, na província de Valência. O referido artigo tratou dos “patrãozinhos”, que nada mais eram do que pessoas que aderiam a determinadas causas ou movimentos de forma oportunista, buscando obter vantagens pessoais ou garantir postos de comando. Salientou que estes “arrivistas” surgiram com intensidade em fins de 1929, fazendo profissão de fé da causa republicana, mas agora tratavam de adentrar o movimento social e revolucionário.

Los mismos personajes y personajillos y algunos de nuevo cuño, antiguos colaboradores de publicaciones ultraderechistas y hasta la fecha enrolados en partidos antiobreros, presionan y suplican, se encaraman por encima de las organizaciones obreras y aceptan cargos que no está refrendados por asamblea alguna y esperan desde sus fructíferos puestos enfrentarse con la fuerza revolucionaria para desvirtuar las esencias de la misma, pudiendo entonces denominarlos como el señorito de la Revolución³⁸⁰.

O artigo ainda pediu que se elegessem pessoas com provada adesão à causa revolucionária e social e que se combatesse o oportunismo, pois ele criou os “patrãozinhos da república” e agora trata de criar os “patrãozinhos da revolução”.

No mesmo dia 17 de setembro, o Soli voltou a tratar das subsistências. Afirmou que existiam atacadistas e varejistas que seguravam as subsistências para que seus preços se

³⁷⁶ BALIUS, Jaime. Es de inmediata necesidad el racionamiento del consumo. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 set. 1936, p. 2.

³⁷⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **Los órganos representativos han de responder a la fisonomía callejera**. Barcelona, 16 set. 1936, p. 16.

³⁷⁸ Ibidem, p. 16.

³⁷⁹ TIERRA Y LIBERTAD. **Raíces de la guerra civil antifascista**. Barcelona, 17 set. 1936, p. 2.

³⁸⁰ Idem. **El señorito**. Barcelona, 17 set. 1936, p. 5.

elevassem, e que era isso que explicava, por exemplo, a alta no preço do arroz, demandando que o Conselho de Economia tomasse providências, por exemplo, constituindo

[...] patrullas de investigación de abastos que vigilen y actúen sobre estas irregularidades y lléguese hasta la máxima sanción contra estos provocadores contrarrevolucionarios, más peligrosos y más rufianes que toda la gama de los profesionales del robo³⁸¹.

No dia 18, o Soli tratou novamente do tema em uma pequena nota, o que mostra a importância dessa questão neste momento. Esta falou que as denúncias que se faziam dos abusos em relação aos gêneros alimentícios haviam sido comprovadas e demandavam que os “organismos e comitês competentes” tomassem providência, terminando com o desejo de que os

[...] que encarecen la vida aumentando el precio de las subsistencias deben ser considerados como elementos fascistas, enemigos del Pueblo, ya que con ello no hacen otra cosa que perjudicar y alarmar al público, ayudando indirectamente a los elementos facciosos³⁸².

No mesmo Soli, o Comitê Regional da CNT publicou um artigo dirigido aos camponeses pequenos proprietários da Catalunha, afirmando que eles nada tinham a temer e que, portanto, deveriam ter certa dedicação sem medo da agricultura e da criação de animais, pois seriam respeitados pelos coletivistas.

No debéis temer, pequeños propietarios campesinos, el afán colectivista de la hora presente. Nosotros propugnamos la colectivización inmediata de los grandes latifundios; pero respetamos la pequeña propiedad, fruto del esfuerzo continuo, y la iniciativa privada. Tal fue el sentir del reciente y magno Congreso Regional de Campesinos de Cataluña; y tal es el sentir nacional de la C.N.T. La Confederación Nacional del Trabajo, trabajadores del campo catalán, quiere que la confianza renazca en nosotros y reemprendáis con entusiasmo las faenas de laboreo y abono de las tierras que señala la estación. No se os va a hacer víctimas de ninguna clase de despojo; de nosotros no podéis esperar más que apoyo y solidaridad en todo momento y en cualquier trance. Entre unos y otros no pode haber diferencias; somos hermanos del trabajo y en los anhelos de edificar una vida nueva, donde la laboriosidad, la justicia y el apoyo mutuo sean la base. Que desaparezca de vosotros el recelo y la suspicacia, engendrados por elementos enemigos de la causa antifascista. El sudor de vuestro trabajo es la cosa más sagrada y digna de respeto que pueda existir, y nosotros os ayudaremos a hacerla respetar de quien voluntariamente no sepa rendir tributo al trabajo, fuente de toda vida³⁸³.

³⁸¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Provocador encarecimiento de las subsistencias**. Barcelona, 17 set. 1936, p.1.

³⁸² Idem. **Hay que terminar con el abuso en el precio de las subsistencias**. Barcelona, 18 set. 1936, p. 16.

³⁸³ EL COMITÉ REGIONAL. “Nosotros propugnamos la colectivización inmediata de los grandes latifundios, pero respetamos la pequeña propiedad y la iniciativa privada” – dice el Comité Regional de la C.N.T. a los pequeños propietarios campesinos de Cataluña. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 set. 1936, p. 1.

Outra importante publicação veio do Comitê de Controle da Indústria Gastronômica, que deu conta da existência de

[...] un comedor con capacidad para trescientas plazas, en el cual se presta servicio hasta las doce de la noche, con el exclusivo fin de atender a las caravanas de camaradas que, de una manera imprevista, se presenten en Barcelona después de las ocho de la noche³⁸⁴.

No dia 19 de setembro, houve no teatro Olympia em Barcelona – e em outras cidades também, visto que a última Plenária Nacional de Regionais acertou eventos simultâneos em diferentes localidades – um importante ato cenetista que foi transmitido pelo rádio e contou com a participação de vários militantes importantes da organização. O primeiro a falar foi Mariano Vázquez, que fez apenas uma pequena introdução ao ato. Ele então passou a palavra para Emma Goldman³⁸⁵, que fez seu discurso em inglês, sendo então traduzido para o espanhol. Goldman, que estava na Espanha apenas há alguns dias, como ela mesma frisou, falou apenas algumas palavras sobre a revolução e sobre emancipação, não adentrando nas questões prementes do momento. O terceiro a tomar a palavra foi Doménech, afirmando que agora não se tratava de “[...] votar o no votar, ni de hablaros de anarquismo, comunismo o sindicalismo [...] porque es hora de hechos concretos, de realidades, de veracidad³⁸⁶”. Existia um problema: o dos abastecimentos. Na Catalunha, afirmou Doménech, não havia carência de alimentos, mas não tinha o apoio dos “governamentais de Madri”, que lhe negava o dinheiro que estava nos Bancos. Continuando sua exposição, criticou Estivill por este ter dito que na retaguarda não havia a união que existia na frente de combate, e pediu às mulheres para que acabassem com as filas que se formavam na frente dos armazéns. Falou também do tema das batatas, afirmando que todos os dias chegavam milhares e milhares de sacos, mas que emboscados faziam um trabalho desmoralizador. Afirmou que isso terminaria com a coletivização, que beneficiaria produtor e consumidor, eliminando os intermediários. Então, Doménech falou que os cenetistas estavam preparados para o que viesse e fez alguns chamamentos, por exemplo, pedindo esforço e solidariedade, encerrando então sua fala. O próximo a falar foi Juan Fábregas, do Conselho de Economia, que basicamente repetiu o discurso de quatro dias atrás. Afirmou o caráter revolucionário do Conselho de Economia da Catalunha, que era quem estruturava a nova ordem

³⁸⁴ EL COMITÉ DE CONTROL. Comité de Control de la Industria Gastronómica. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 set. 1936, p. 13.

³⁸⁵ Emma Goldman (1869-1940). Famosa anarquista lituana, foi bastante atuante nos EUA, onde foi presa diversas vezes. Deportada para a Rússia em 1917, foi crítica da Revolução Bolchevique. Depois de passar por outros países, foi para a Espanha quando do início da revolução, mesmo já estando com sua idade avançada, com a intenção de colaborar com a mesma.

³⁸⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **El grandioso mitin del sábado en Olympia**. Barcelona, 22 set. 1936, p. 2.

economicosocial, defendeu que as realizações sociais respeitam os preceitos científicos e técnicos, ambos colocados a serviço da justiça social, que os homens da CNT repudiavam o autoritarismo e, por isso, não aceitariam de modo algum que a nova ordem econômico-social se enquadrasse dentro de um Estado totalitário, e que esta teria por base “[...] la producción sindical y la distribución cooperativa, respetando la iniciativa privada y el esfuerzo individual, coordinados con el interés colectivo³⁸⁷”. Continuando sua exposição, Fábregas afirmou que a coletivização, expropriação e controle operário eram variantes de um mesmo espírito construtivo, que deveria se incorporar primeiro na Catalunha e depois se espalhar pelos povos ibéricos, sintetizando as transformações que estavam ocorrendo na Europa e no resto do mundo. Salientou ainda que a CNT estimava que, partindo do ponto de vista individual, “[...] de la del municipio y de la de la región, debe irse a la estructuración de una **República federal en España**, con lo cual no se hará más que amoldarse a los principios fundamentales de las realidades vivas de la Península Iberica³⁸⁸”. E, encerrando seu discurso, Fábregas falou do espírito de renúncia individual que era preciso fazer para levar a cabo o trabalho que vinha sendo feito, pois era preciso subordinar os interesses individuais aos interesses coletivos, e que os filhos dessa geração se beneficiariam materialmente disso. Finalizou seu discurso fazendo um chamamento à classe média, para que ela fosse incorporada ao movimento revolucionário. O último a discursar foi Francisco Isgleas. Este falou da negação do governo em distribuir armas aos trabalhadores durante o golpe militar, afirmando que isso teria evitado a guerra civil. Tratou também dos acordos que se tomou na última Plenária Nacional de Regionais em Madri e da necessidade de união do proletariado para vencer o fascismo, salientando que o restante da Espanha deveria fazer o mesmo que se estava fazendo na Catalunha, propugnando a criação do Conselho Nacional de Defesa. Depois de mais algumas palavras, Isgleas finalizou sua fala com Marianet encerrando então o ato após fazer um resumo do que foi falado por todos os oradores.

No dia 20 de setembro, o Solidaridad Obrera publicou um artigo³⁸⁹ de um membro do Sindicato Único do Ramo dos Transportes sobre a questão das armas. Este era mais um apelo para que elas fossem enviadas para a frente de batalha, a não ser por uma diferença: apelou para que todos os setores antifascistas o fizessem. Foi um reconhecimento de que todas as organizações possuíam armas na retaguarda, e que o discurso de desarmamento sempre se voltava para a recolha de armas das outras correntes, mas nunca a sua, embora nenhuma palavra tenha sido colocada sobre o armamento das forças policiais da retaguarda.

³⁸⁷ Ibidem, p. 2.

³⁸⁸ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

³⁸⁹ FREIXAS, Juan. ¡¡¡Armas!!! **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 20 set. 1936, p. 2.

Dia 22 de setembro, ocorreu uma nova reunião dos comitês³⁹⁰. Nesta, abordou-se mais uma vez os desmandos na região aragonesa, sendo os de Ortiz e Franquet os que mais apareceram, embora no final não se tenha decidido nada no tocante à questão. Foi discutido também acerca de um informe de Marianet sobre algumas conversas que este teve com membros da Generalitat a respeito da forma de criar Departamentos. Na verdade, eram as negociações para a distribuição das pastas ministeriais do próximo governo catalão.

Neste mesmo dia, o Solidaridad Obrera publicou um artigo dizendo que o 19 de julho fez com que tivesse uma perfeita coordenação entre todas as frações revolucionárias do proletariado, pois neste momento os que “[...] no sean partidarios de una perfecta colaboración de las diversas agrupaciones obreras de la ciudad y del campo han de ser tachados de contrarrevolucionarios³⁹¹”. Publicou também uma nota³⁹² do Comitê de Controle do Mercado Central de Frutas e Verduras, de Borne, Barcelona, dando a conhecer que, devido aos abusos nos preços, a partir desta data, os montantes no varejo estariam em consonância com os custos no atacado, e os que não obedecessem seriam sancionados. Destacou também que não havia escassez de batatas, pois chegava nesta data a mesma quantidade de anos anteriores, e que as filas ocorriam porque algumas pessoas estocavam sacos inteiros em suas casas, e a partir de agora elas passariam a ser sancionadas.

No dia seguinte, 23 de setembro, o Soli publicou em sua primeira página um artigo comentando as consequências da Plenária Nacional de Regionais. Salientou que a CNT iria ser incorporada à direção da guerra, da política e da economia da nação e, para isso, ela propôs a criação do Conselho Nacional de Defesa, formado por cinco representantes da CNT, cinco da UGT e quatro republicanos, e que tal Conselho substituiria o governo atual. No entanto, ele seria presidido por Caballero e “[...] será mantenido en la presidencia de la República Manuel Azaña³⁹³”. Afirmou que a imprensa das diversas organizações recebeu com satisfação os acordos da CNT, com exceção dos comunistas – stalinistas –, que pensavam, tal como externou o Mundo Obrero³⁹⁴, que esse Conselho tinha a intenção de anular sua influência. O artigo afirmou que, ao contrário, o Conselho Nacional de Defesa garantiria a representação de todos os partidos e organizações antifascistas: a CNT representaria os anarquistas, a UGT

³⁹⁰ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião da realizada no dia 22 de setembro de 1936.*

³⁹¹ SOLIDARIDAD OBRERA. *La unión de los trabajadores es la base del triunfo.* Barcelona, 22 set. 1936, p. 16.

³⁹² EL COMITÉ DE CONTROL DEL MERCADO CENTRAL DE FRUTAS Y VERDURAS (BORNE). Federación Local de Sindicatos Únicos. *Al Público en General. Solidaridad Obrera.* Barcelona, 22 set. 1936, p. 16.

³⁹³ SOLIDARIDAD OBRERA. *La C.N.T. en la guerra, en la política y en la economía.* Barcelona, 23 set. 1936, p. 1.

³⁹⁴ Mundo Obrero é o órgão oficial do Partido Comunista da Espanha.

representaria socialistas e comunistas e os republicanos representariam a pequena burguesia. Proclamou ainda que o governo atual, embora superior ao anterior, não representava as forças antifascistas em luta, apesar de sua boa-fé, e nunca teria a confiança que o Conselho proposto pela CNT e estruturado da maneira proposta poderia ter. E então enfatizou:

Es muy penoso para los miles y miles de anarquistas y afiliados a la C.N.T. que luchan en los frentes de combate no tener ninguna intervención ni responsabilidad en la dirección de la guerra. En el Consejo Nacional de Defensa, la C.N.T. no va a buscar ningún puesto de privilegio, sino a responsabilizarse en la dirección de la guerra contra el fascismo; y tiene perfecto derecho – es un deber – a hacerlo porque es la organización que da mayor contingente de milicianos. A la par que en la dirección de la guerra, la C.N.T. reclama una responsabilidad en la administración de la cosa pública, creando una nueva modalidad de la política, que desde el 19 de julio ha dejado de ser el tobo impune, las inmoralidades, los latrocinios, las turbias maniobras, los sueldos crecidos y las malas artes. La revolución, que todo lo transforma y modifica, ha creado un nuevo concepto de la política. **El arte de gobernar a los pueblos se ha convertido ahora en la arte de administrar las cosas bien, en la gestión de la cosa pública.** Y pide aún más la C.N.T. Reclama su intervención en los trabajos de dar una estructura económica nueva a España. Como una de las organizaciones sindicales más potentes, la que controla la mayoría de los trabajadores de nuestro país, es ella, junto con las demás organizaciones obreras, es decir, con la U.G.T., la que lleve a cabo esta labor. Lo que la C.N.T. propone en estos momentos, a más de no significar ninguna exigencia, representa colocar a los órganos directivos de la nación sobre la ruta de la victoria. Nuestra primordial preocupación es ésta: ganar la guerra y crear una España nueva que surja de las entrañas de la revolución que estamos haciendo. Nadie saldrá perjudicado con ello. El fascismo será abatido en todos sus aspectos, y el pueblo en general, no unos determinados partidos, cosechará los frutos de la victoria³⁹⁵.

O mesmo Soli ainda publicou uma nota do Comitê Central de Abastecimentos falando da necessidade de evitar o aumento dos preços dos alimentos, afirmando que castigarão “[...] severamente las denuncias que podamos comprobar que han sufrido un aumento, por pequeno que sea, injustificado³⁹⁶”.

No dia 24 de setembro, saiu um novo número do Tierra y Libertad. Neste, foi publicado um manifesto do Comitê Regional Confederal da Catalunha, dirigido aos camponeses, salientando que eles deveriam proceder à sementeira de modo normal. Os que diziam o contrário eram sabotadores que buscavam espalhar confusão, e a CNT não consentiria que se retirasse o fruto do trabalho do trabalhador do campo.

La C.N.T., trabajadores del campo catalán, quiere que la confianza renazca en vosotros y reemprendáis con entusiasmo las faenas do laboreo y abono de las tierras que señala la estación. No se os va a hacer víctimas de ninguna clase de despojo: de nosotros no podéis esperar más que apoyo y solidaridad en todo momento y en cualquier trance. Entre unos y otros no puede haber diferencias; somos hermanos en el trabajo y en los anhelos de edificar una vida nueva, donde la laboriosidad, la justicia

³⁹⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **La C.N.T. en la guerra, en la política y en la economía.** Barcelona, 23 set. 1936, p. 1.

³⁹⁶ EL COMITÉ. Comité Central de Abastos. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 23 set. 1936, p. 12.

y el apoyo mutuo sean la base. Que desaparezca de vosotros el recelo y la suspicacia, engendrados por elementos enemigos de la causa antifascista. El sudor de vuestro trabajo es la cosa más sagrada y digna de respecto que pueda existir, y nosotros os ayudaremos a hacerla respetar de quien voluntariamente no sepa rendir tributo al trabajo, fuente de toda vida. Proseguid, campesinos de Cataluña, fomentando la cría de ganado vacuno y del porcino, filón respetable de ingresos para la economía catalana. Proseguid prestando atención a la avicultura y demás derivados agrícolas. El ruido de las fábricas y la vida de vértigo de la ciudad no nos han hecho olvidar que la agricultura es la base fundamental de la economía ibérica. Sabemos apreciar en todo su valor vuestro esfuerzo precioso, vuestro trabajo intenso, y sólo queremos que depositéis en nosotros la misma confianza que os brindamos, que nos habléis con la misma franqueza, con el mismo tono de sinceridad, que tengáis en nosotros la misma fe que en nosotros tenemos. No queremos sino ayudaros. Ayudaros a salir de la esclavitud económica en que vivís, como nosotros. No ignoramos que un pequeño propietario no es un capitalista, sino un trabajador cubierto de necesidades insatisfechas. Y no ignorando esto, mal puedo pensar nadie que alimentamos animosidad alguna contra quien es un trabajador como nosotros³⁹⁷.

Ainda no dia 24 de setembro, o Boletín de Información replicou um artigo do Juventud Libre, um semanário das Juventudes Libertárias, em que fazia algumas críticas ao momento. O tom do artigo é de buscar um avanço do movimento revolucionário, embora existam algumas contradições. O escrito começou afirmando que

La consigna de que no tiene que haber un sólo hombre inútil, debe cumplirse; y los primeros que debemos de cumplir rigurosamente esta consigna somos nosotros, los que estamos encuadrados en las filas de una organización obrera, como es la C.N.T.; los que militamos en el movimiento anarquista, y que !siempre!, en todos los momentos y en todas las ocasiones hemos de dar ejemplo de rectitud y honradez revolucionaria³⁹⁸.

Depois o artigo esclareceu que “Lo peor que puede pasar para la revolución es que los organismos que “tienen que ir” a la cabrza, organizando la vanguardia, construyendo en la retaguardia, sean desbordados por las circunstancias³⁹⁹”. O texto em questão falou então da ordem na retaguarda em Talavera, Madri e na Catalunha. Em relação à Catalunha, disse que nesta localidade

[...] ha triunfado la retaguardia y, como consecuencia, se triunfa en la vanguardia. Se ha supeditado toda a la eficacia antifascista, a la acción de guerra antiburguesa. Y los órganos proletarios – en primer plano la Confederación Nacional del Trabajo – han intervenido decididamente hasta en las más profunda raíces de la economía, removiendo todo lo podrido, sustituyendo los organismos viejos y ineficaces, por otros que representan las necesidades y las orientaciones nuevas. En Cataluña reina el

³⁹⁷ EL COMITÉ REGIONAL. El Comité Regional Confederal de Cataluña, a los campesinos. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 24 set. 1936, p. 6.

³⁹⁸ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **En guardia contra la burocracia de la revolución**. Barcelona, 24 set. 1936, p. 8.

³⁹⁹ Ibidem, p. 8.

orden; el verdadero orden, que se basamenta en la colaboración de "todos" para la obra de "todos"⁴⁰⁰.

E o artigo contrapôs esta “ordem e eficiência catalã” ao “caos” de Madri:

En Madrid, [...] las cosas son diferentes. Todos los aparatos burocráticos; extensísimos con raíces kilométricas, están aquí. Una legión de parásitos – y no nos referimos a los escribientes de dos mil pesetas – están disimulados, han cambiado el color de su bandera, y si es preciso será roja, o roja y negra. Y la revolución, que, pese a todos, estamos haciendo, ha de volver sus ojos [...] hacia esas covachas o ministerios, en donde la indecisión es dueña y la traición anda rondando⁴⁰¹.

E, contra o estado de coisas, o artigo concluiu:

[...] no dirigimos estas líneas al Gobierno como aviso de futuras actuaciones. No dirigimos a la C.N.T., a la F.A.I., a los socialistas y comunistas revolucionarios, a las juventudes rebeldes, a las juventudes anarquistas: El Parlamento, culminación de un régimen y de un pasado, que intenta resucitarse, tiene que ser substituido. La burocracia estatal, cobijo de indecisión y refugio de los emboscados, tiene que ser eliminada. La intervención de las fuerzas obreras, con táctica y finalidades proletarias debe hacerse total. Estamos seguros de que como así se haga, el fascismo será aplastado en dos semanas. **!Desalojemos a la burocracia estatal y a la posible burocracia obrebra!** !Sustituyamos a los incapaces, estén donde estén! Nuestro único propósito: eficacia. Nuestro guía: sustitución total, absoluta de todo un pasado⁴⁰².

Ainda no mesmo dia, o Solidaridad Obrera publicou uma alocução de Toryho em que ele defendeu a disciplina, colocada por ele como uma das condições para a vitória tanto no campo de batalha quanto no front social. Tal discurso era dirigido principalmente para as milícias, de todas as organizações, mas também o locutor fez questão de enfatizar que servia para outras áreas. Para Toryho, disciplina significava “[...] ejercicio sublimado de la responsabilidad individual⁴⁰³”. E acrescentou:

La disciplina no es obedecer ciegamente a un Comité que ordena y manda. Eso es borreguismo, aglutinamiento de rebaño y nada más. **La disciplina, para los anarquistas, no puede ser otra cosa que la ordenación, regulación y articulación racional de la energía que brote de una colectividad organizada.** En una organización revolucionaria disciplinada ninguno puede hacer lo que se le antoja; allí no vale eso de “porque me da la gana”; en su lugar se establece el “compromiso”. Y al contraer un compromiso se contrae un deber, se somete uno a cierta disciplina moral espontánea e imprescindible. El grupo comunista-anarquista de Néstor Makhno pedía, exigía severas cuentas a sus miembros que desempeñaban cargos en organizaciones societarias de otro carácter. Y es que al constituir el grupo se fijó aquella como una de las condiciones a cumplir, y era disciplinario cumplirla. [...] **Nosotros, los**

⁴⁰⁰ Ibidem, p. 8.

⁴⁰¹ Ibidem, p. 8.

⁴⁰² Ibidem, p. 8-9, grifo nosso.

⁴⁰³ SOLIDARIDAD OBRERA. **En defensa de la disciplina en la lucha.** Barcelona, 24 set. 1936, p. 6.

anarquistas, no nos rebelamos contra la disciplina de la fuerza en nombre del caos, del capricho individual, sino en nombre de una forma de cohesión superior, de una disciplina que no atenta contra la dignidad y la libertad; la consentida libremente, previa conformidad con el objetivo perseguido. Una arbitraria interpretación de los motivos de nuestra rebelión, ha hecho suponer que éramos adversarios de la actuación regular, ordenada, disciplinada. Y algunos compañeros, poco inspirados por los sentimientos sociales, han podido dar pábulo a esa creencia. Hemos dicho que el “me da la gana”, el clásico y español, típicamente español “me da la gana”, tiene que ser extirpado rápidamente de la vida social, especialmente de los frentes de batalla⁴⁰⁴.

No mesmo dia 24, iniciou-se um Congresso Regional de Sindicatos da Catalunha, que durou até o dia 26. Tanto o Soli dos dias 25, 26 e 27, quanto o Boletín de Información do dia 25 falaram sobre o Congresso. O Boletín publicou o relatório feito pelo grupo de trabalho nomeado pelo próprio Congresso para estudar as normas que se deveriam seguir para o trabalho coletivizador na Catalunha. No tocante ao campo, o relatório

[...] estima que deben ser aceptados totalmente los acuerdos recaídos en el último Congreso de Campesinos y en cuyo acuerdo se entendió que debía irse a la colectivización de la tierra, respetandose aquellas porciones de la misma que pertenecieran a campesinos que podían trabajarlas directamente⁴⁰⁵.

Em relação à indústria foi colocado que:

[...] es preciso ir a la colectivización integral de todas las empresas, si bien aquella colectivización deberá realizarse de una forma gradual y progresiva, teniendo en conta que las circunstancias de orden interno y externo, exigen que la colectivización en la industria se realice de acuerdo con estas directrices⁴⁰⁶.

A respeito dos bancos é preciso:

[...] aceptarse el punto de vista del Consejo de Economía de Cataluña, es decir que por el momento debe limitarse a una intervención por medio de Comités de Control obrero, [...] hasta llegar cuando las circunstancias lo permitan, a su total nacionalización⁴⁰⁷.

Já o comércio,

[...] se considera que es procedente establecer la colectivización de una manera integral en los establecimientos de distribución, teniendo en cuenta también que estas

⁴⁰⁴ Ibidem, p. 6, grifo nosso.

⁴⁰⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Dictame que presenta la ponencia nombrada por el congreso Regional de Sindicatos con el fin de estudiar las normas a seguir para llevar a cabo la colectivización en las diversas actividades económicas en cataluña.** Barcelona, 25 set. 1936, p. 5.

⁴⁰⁶ Ibidem, p. 5.

⁴⁰⁷ Ibidem, p. 5.

realizaciones se llevarán a cabo de una forma gradual y progresiva y de acuerdo con las posibilidades de cada momento⁴⁰⁸.

O relatório terminou considerando que a produção e distribuição deveriam atuar segundo interesses coletivos:

[...] esta Ponencia estima que los beneficios que reporten las empresas una vez cubierto el importe se los salarios y, gastos de sostenimiento de la misma, deben ir a parar al **fondo común administrado por el Consejo de Economía de Cataluña**⁴⁰⁹.

A matéria apresentada pelo Soli sobre dito Congresso foi mais completa. Informou que ele foi assistido por 505 delegados, representando 327 sindicatos. O ato foi aberto com um discurso de Marianet, Secretário do Comitê Regional, que disse que o objetivo de tal Congresso era resolver os problemas mais urgentes da classe trabalhadora, que neste momento eram os de ordem econômicos. Marianet disse que era necessário “[...] que el Consejo de Economía de Cataluña actúe respaldado por los Sindicatos, por los acuerdos que éstos tomen, y no con el criterio personal de los camaradas que integran el Consejo de Economía⁴¹⁰”, o que pode ser entendido como uma crítica ao Conselho. Na segunda sessão do Congresso, Marianet voltou a discursar, dizendo se caminhava para a coletivização de numerosas empresas, mas que “[...] la labor de colectivización sea responsable y coordinada, sujetándola al interés general para que vaya en beneficio de la economía de todo el país. La creación del Consejo de Economía de Cataluña responde precisamente a esta idea⁴¹¹”. Ele também acrescentou que, apesar da boa vontade, “[...] existe cierto desconcierto en la forma como se colectivizan las industrias, creyendo nosotros que la organización debe pronunciarse sobre este problema, tomando acuerdos en firme y que faciliten la labor de conjunto⁴¹²”. Marianet também disse que algumas indústrias deveriam desaparecer, sendo substituídas por indústrias novas.

Na segunda sessão do Congresso, aconteceu o informe do delegado da CNT no Conselho de Economía, Juan Fábregas. Este disse que

[...] el Consejo de Economía de Cataluña es un producto genuíno de la revolución que estamos viviendo. La misión de este Consejo es la de plasmar en realidad, en carne viva, aquello que hasta ahora había sido un hondo anhelo, un ideal para nosotros⁴¹³.

⁴⁰⁸ Ibidem, p. 5.

⁴⁰⁹ Ibidem p. 5, grifo nosso.

⁴¹⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **Los grandes comicios del proletariado confederal**. Barcelona, 25 set. 1936, p. 2.

⁴¹¹ Ibidem, p. 3.

⁴¹² Ibidem, p. 3.

⁴¹³ Ibidem, p. 3.

Fábregas também demonstrou satisfação pela constituição de Conselhos de Economia em outras regiões e salientou que era preciso “[...] fortalecer y revestir de todas clases de facilidades al Consejo de Economía de Cataluña, ya que éste no hace otra cosa que recoger y canalizar los esfuerzos del pueblo para ir constituyendo la nova sociedad⁴¹⁴”.

Destacou também que a economia espanhola não era isolada, e revelou que

Al Constituirse el Consejo de Economía de Cataluña, surgió una pugna entre las dos centrales sindicales representantes en el mismo. Nosotros, como era lógico, defendimos la tendencia federalista y libertaria de la socialización; los marxistas defendían el centralismo y la nacionalización. Prevalció el criterio de la colectivización, que era el más adecuado y el más práctico para la revolución⁴¹⁵.

Continuando sua exposição, Fábregas falou da necessidade de desenvolver indústrias na Espanha para que existisse uma maior independência econômica do país, da necessidade de valorizar os produtos do campo e elevar seu nível de vida. Sobre os instrumentos econômicos da nova sociedade, Fábregas disse que se estava em uma situação ambígua.

Los instrumentos de reconstrucción económicos de que disponemos son de origen burgués. Tenemos forzamente que aprovechar estos instrumentos, porque estamos en una situación de guerra, aprovechar todo lo que nos pueda beneficiar, mientras vamos creando los instrumentos económicos de la nueva sociedad. Las incautaciones, la colectivización de industrias, el control obrero, la intervención de los Sindicatos en todas las manifestaciones de la producción, **no significa otra cosa que ir preparando los instrumentos que habrán de funcionar cuando termina la guerra, que será cuando acabaremos de completar nuestra obra de reconstrucción económica y social.** Hemos destruido un sistema capitalista, y es preciso que en las ramas de la producción que han sido colectivizada no se observe la misma mentalidad ni los mismos procedimientos que usaba el capitalismo. Las industrias que tengan beneficio, deben pasar éstos a la colectividad, para así poder ayudar a otras industrias que se desenvuelven en precario. No pueden haber beneficios personales ni particulares. El interés de uno es el interés de todos. Sigamos ahora por el camino emprendido. Ganemos la guerra, que **cuando el fascismo este totalmente vencido será el momento de ir a la realización totalitaria de nuestro programa**, de nuestras ideas⁴¹⁶.

Fábregas acrescentou ainda que a Catalunha sofria um boicote de Madri, que lhe negava divisas “[...] porque seguramente no simpatiza mucho con las obras de orden práctico que se están realizando en Cataluña⁴¹⁷”. Depois de mais algumas palavras, Fábregas terminou seu informe dizendo que o momento era de sacrifícios, pois era preciso renunciar aos interesses pessoais em nome dos interesses coletivos, já que

⁴¹⁴ Ibidem, p. 3.

⁴¹⁵ Ibidem, p. 3.

⁴¹⁶ Ibidem, p. 3, grifos nossos.

⁴¹⁷ Ibidem, p. 3.

El mundo entero nos contempla. Los unos, atraídos por las incidencias de la guerra, y los más, para saber hasta donde llega la capacidad constructiva de los elementos libertarios, que por primera vez en la Historia les ha sido reservada la misión de crear una nueva sociedad. Nuestra obra debe significar la recuperación nacional y debe servir de ejemplo para el exterior, demostrando al mundo entero que sabemos destruir y que sabemos también edificar. Las circunstancias especiales por las que atravesamos impiden que el Consejo Económico de Cataluña pueda actuar como es necesario y como todos deseáramos. Espero, no obstante, que el Gobierno de Madrid recogerá el cable que le hemos tendido, y que juntos iremos a la realización de la nueva historia de España. A pesar de todo, iremos hasta donde sea preciso, poniendo toda nuestra voluntad y nuestra inteligencia para que la guerra se gane pronto y la revolución siga su marcha triunfal⁴¹⁸.

Terminado o informe de Fábregas, ainda durante a segunda sessão, passou-se à questão de como se deveria efetuar as coletivizações, com delegados propugnando uma coletivização rápida e outros querendo um processo mais lento. Discutiu-se também a questão dos bancos e do campo. No fim, foi acordado que seria o Conselho de Economia da Catalunha quem resolveria os problemas que poderiam aparecer em relação às coletivizações. Depois, iniciou-se a discussão do 5º ponto, que era sobre a possibilidade de implementação de um salário único, com posições favoráveis, contrárias e mesmo posições que defendiam a supressão do dinheiro. Tal discussão avançou para a terceira e quarta sessões do Congresso, com propostas favoráveis e contrárias ao salário familiar⁴¹⁹. Os argumentos favoráveis ao salário familiar rondavam questões de justiça social e para atrair pessoas para trabalhos menos buscados, como algumas ocupações no campo, pois se ganhava bem menos que em outras áreas, causando escassez de braços. Já as posições contrárias argumentavam que não se tinha condições de implementar tal medida na atual conjuntura, acertando-se que seria feito um estudo sobre essa possibilidade e que ao menos se buscaria diminuir as diferenças salariais entre os ganhos mais e menos elevados. O estudo saiu e aconselhou que os salários deveriam obedecer a uma lógica familiar, que precisaria funcionar da seguinte maneira: o primeiro produtor deveria receber uma certa quantia como remuneração, que seria acrescida em 50% quando houvesse um segundo familiar, 15% quando houvesse um terceiro, e 10% a cada novo familiar. Buscava-se, assim, adequar os ganhos às necessidades.

O mais elucidativo deste Congresso, certamente, foram as palavras de Fábregas. Este reconheceu tacitamente que os sindicatos perderam o papel de construtores da sociedade

⁴¹⁸ Ibidem, p. 3.

⁴¹⁹ O salário familiar foi adotado em lugares onde não se queria ou não se podia acabar com o sistema de salário, procedendo-se, então, a uma mudança no salariato. Normalmente, fixava-se uma certa quantia para o primeiro membro da família, a que era acrescida uma nova quantidade a cada novo membro. O objetivo desse sistema era buscar nivelar o padrão de vida entre as famílias mais e menos numerosas, na medida que tinham necessidades diferentes. Mas esse sistema não funcionou em todos os lugares e, mesmo onde ele existiu, não ocorreu de forma idêntica. Voltaremos a falar deste sistema mais para frente.

comunista para o Conselho de Economia da Catalunha, caracterizou os instrumentos de reconstrução econômica – entre os quais certamente estão o Conselho de Economia da Catalunha – de “burgueses” e explicitou que os objetivos libertários deveriam ser “adiados” para depois de vencer a guerra, ou seja, não se deveria ir além da sociedade burguesa – isso embora tenha ido muito mais longe do que muitos partidos e camadas sociais gostariam.

Dia 26 de setembro, houve uma outra reunião dos comitês, realizada no período da manhã⁴²⁰. Ela começou com o Comitê Regional, na figura de Marianet, falando sobre as prováveis pastas que os cenetistas e faístas iriam assumir no Conselho da Generalitat⁴²¹, que seriam: Economia, Saúde, Abastecimentos e Assistência Social. Falou ainda dos prováveis nomes a ocuparem os cargos: Doménech deveria ser indicado para os Abastecimentos; Fábregas para a Economia; Garcia Oliver, para a Guerra; e também deveriam constar os nomes de Santillán e Portela, além de um outro – o estado da ata da reunião não nos permite a leitura. A reunião tratou também do tema dos Abastecimentos, além de assuntos menores.

No mesmo dia 26, o Solidaridad Obrera publicou uma nota da Generalitat⁴²². Esta afirmou que, conforme no dia anterior foi falado à imprensa, na última reunião de governo foi abordado o problema político que vinha sendo falado na imprensa, tendo acolhida do Comitê de Enlace dos partidos populares e do Comitê de Milícias, iniciando-se, assim, as negociações para que a crise fosse resolvida. No mesmo dia, a Generalitat deu a conhecer seu novo governo, com a novidade de, pela primeira vez na história, contar com ministros anarquistas em sua composição. O novo governo foi formado pelos seguintes integrantes:

Presidência do Conselho e Fazenda: José Tarradellas, Esquerria;

Cultura: Ventura Gassol, Esquerria;

Segurança Interior – Gobernación –: Artemio Ayguadé, Esquerria;

Economia: Juan Fábregas, CNT;

Abastecimento: Juan Doménech, CNT;

Saúde e Assistência Social: Antonio Garcia Birlán, CNT;

Serviços Públicos: Juan Comorera, PSUC;

Trabalho e Obras públicas: Miguel Valdés, PSUC;

Agricultura: José Calvet, Rabassaires-Esquerria;

⁴²⁰ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 26 de setembro de 1936.**

⁴²¹ Conselho da Generalitat foi o subterfúgio utilizado inicialmente pelos anarquistas para o governo da Generalitat, em uma tentativa de mascarar sua entrada no governo, mas logo eles abandonaram o termo e abertamente falaram em governo da Generalitat.

⁴²² SOLIDARIDAD OBRERA. **Hacia la formación del nuevo Gobierno de Cataluña.** Barcelona, 26 set. 1936, p. 10.

Justiça e Direito: Andreu Nin, POUM;

Defesa: Díaz Sandino, técnico;

Sem pasta: Rafael Closas, Ação Catalã

No dia 27, o Soli reproduziu⁴²³ a nova composição do governo em uma pequena nota, na última página e sem nenhum comentário, além de qualificá-lo de “Conselho da Generalitat”. Mas no dia 29 o Soli tocou no tema. Na primeira página, foi publicado um artigo que tinha como título “La revolución sigue avanzando. El nuevo Consejo de la Generalidad”. O artigo fez uma introdução sobre as revoluções:

Las revoluciones han recorrido siempre una trayectoria que de una manera escalonada se ha traducido en un zig-zag de incidencias. Las convulsiones sociales acostumbran a seguir una profunda marcha ascendente mientras los soportes de transformación societaria están necesitados de nuevas realizaciones⁴²⁴.

Depois de mostrar o exemplo da Revolução Francesa e da Revolução Russa, o artigo falou da Revolução Espanhola. Após relatar os acontecimentos anteriores ao início da conflagração, o artigo afirmou que “El 19 de julio es la rectificación contundente de los errores pretéritos. La revolución sigue su marcha ascendente⁴²⁵”. Depois acrescentou que

Se ha constituido un nuevo Consejo de la Generalidad. **La condición de Gobierno que hasta ahora poseía el órgano ejecutor de la Generalidad se ha transformado en una especie de Junta o Consejo.** Forman parte de este Consejo las diversas organizaciones que han intervenido de una manera activa y que participan en la batalla cruenta que sostenemos con los exponentes de la España negra. Pero la nota destacada de este Consejo es la participación de los representantes de la C.N.T.⁴²⁶.

Sobre a entrada no “Conselho”, foi escrito:

[...] la revolución tiene sus exigencias. La C.N.T. en un Pleno de Regionales tomó el acuerdo de responsabilizarse en la hora actual y decidió por mediación de los camaradas delegados que se constituyesen unos Consejos que estarían integrados por los representantes de las diversas fracciones antifascistas. **En Cataluña no era posible para el bien de la revolución y por el mismo porvenir de la clase trabajadora que persistiese una dualidad de atribuciones. Era preciso que de una manera simple la organización que controla la inmensa mayoría de la población trabajadora se situase en el plano de las decisiones administrativas y ejecutivas.** La curva ascendente del trastocamiento de los valores sociales y económicos de la región catalana ha sido debidamente interpretada por la Confederación Nacional del Trabajo. Ya no se podía sostener un Consejo pequeñoburgués, ni un conglomerado izquierda-socialistas. **No había otra solución que nosotros ocupásemos el lugar que nos corresponde por la importancia que poseemos en la calle.** Estamos percatados

⁴²³ Idem. **Lista del nuevo Consejo de la Generalidad de Cataluña.** Barcelona, 27 set. 1936, p. 16.

⁴²⁴ Idem. **El nuevo Consejo de la Generalidad.** Barcelona, 29 set. 1936, p. 1.

⁴²⁵ Ibidem, p. 1.

⁴²⁶ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

que la revolución seguirá avanzando. Dentro de unos meses cuando el fascismo se bata en completa retirada, **será ora de que las organizaciones obreras pasen a un plano de primera fila. Y entonces los representantes de la mesocracia pasarán a desempeñar un papel de colaboración, pero no de dirección.** [...] Estamos satisfechos. Creemos que el actual Consejo de la Generalidad llevará a cabo los dos aspectos fundamentales que gravitan sobre la periferia catalana. Se vencerá al fascismo en los campos de batalla. Y se levantará una nueva sociedad que se teñirá con unos colores indelebles de justicia y de humanidad⁴²⁷.

O mesmo Soli publicou ainda, em sua terceira página, a declaração do novo “Conselho da Generalitat”. Esta salientou que o Conselho

[...] es la coincidencia de las fuerzas sindicales de los partidos obreros y de las masas populares representadas por los organismos de Izquierda, y que mantiene la unión de la lucha victoriosamente gloriosa del 19 de julio, va a asumir las responsabilidades de estos momentos y a imponer, por la voluntad nacida de las organizaciones representadas, sus directivas en toda Cataluña; directivas de las cuales nadie podrá apartar sin que sea declarado faccioso y tratado como tal⁴²⁸.

A declaração ainda disse que o Conselho assinalaria as diretrizes necessárias para

[...] la mejor eficacia de la guerra y las normas de la nueva economía y, revestido de la representación unánime de todo el pueblo antifascista, **se impondrá a todos los que por cualquier motivo pretendan actuar fuera de la disciplina** que las circunstancias imponen y sin la cual no podremos ganar la guerra (objetivo supremo que todos perseguimos) ni resolver los grandes problemas económicos suscitados por ellas y **extirpará los últimos vestigios de los aprovechadores y de grupos incontrolados y toda clase de turbias iniciativas** que traten de manchar el honor y la humana sensibilidad del pueblo antifascista y dará plenas garantías de seguridad, de confianza y de justicia al enjuiciamiento público ante el Tribunal Popular⁴²⁹.

A declaração também explicitou o programa imediato do novo Conselho da Generalitat:

a) Concentración del máximo esfuerzo en la guerra, no ahogando ningún medio que pueda contribuir a su fin rápido y victorioso. Mando único, coordinación de la acción de todas las unidades combatientes, creación de las milicias obligatorias y refuerzo de la disciplina. b) Reconstrucción económica del país, a cuyo fin se llevará inmediatamente a la práctica el programa del Consejo de Economía creado por Decreto del 11 de agosto pasado, que contiene: Primero- La regularización de la producción de acuerdo con las necesidades del consumo. Segundo- Control del comercio exterior. Tercero- La colectivización de la gran propiedad rústica y el respeto de la pequeña propiedad agraria. Cuarto- La desvalorización parcial de la propiedad urbana mediante la reducción de los alquileres o el establecimiento de las tasas equivalentes cuando no se crea conveniente beneficiar a los inquilinos. Quinto- La colectivización de las grandes industrias, de los servicios públicos y de los transportes. Sexto- La incautación y colectivización de los establecimientos abandonados por sus propietarios. Séptimo- La intensificación del régimen

⁴²⁷ Ibidem, p. 1, grifos nossos.

⁴²⁸ Idem. **El nuevo Consejo de la Generalidad, en su primera declaración, puntualiza su programa.** Barcelona, 29 set. 1936, p. 3.

⁴²⁹ Ibidem, p. 3, grifos nossos.

cooperativo en la distribución de los productos y en particular la explotación en régimen cooperativo de las grandes Empresas de distribución. Octavo- El control de los negocios bancarios hasta llegar a la nacionalización de la banca. Noveno- El control obrero sobre las industrias privadas. Décimo- La reabsorción enérgica para la agricultura y la industria de los obreros sin trabajo, para la revalorización de los productos agrícolas, el retorno al campo de los obreros que pueda absorber la nueva organización del trabajo agrícola, la creación de nuevas industrias, la electrificación integral de Cataluña, etcétera. Undécimo- La supresión rápida de los diferentes impuestos indirectos, en el tiempo y en la medida posible. c) Enaltecimiento de la cultura popular en todos sus múltiples aspectos, bajo el signo de la Escuela Nueva Unificada que haga que por encima de los privilegios que habían imperado hasta ahora, todo niño dotado pueda pasar de la escuela primaria a los estudios superiores, y estímulo de todas las manifestaciones culturales⁴³⁰.

A declaração do Conselho enfatizou também que as circunstâncias impunham sacrifícios, mas que “[...] las masas trabajadoras soportan si tienen el convencimiento de que no trabajan para enriquecer las clases parasitarias, sino para crear una sociedad nueva⁴³¹”. Salientou também que “Lo que este pueblo quiere ahora es que se les dé una dirección, que se coordinen y unan sus esfuerzos y sus anhelos⁴³²”, e que “La unión es indispensable bajo el signo de la confianza de la lealtad y de sacrificio. La unión es la victoria y la victoria es la gloria de los que la habrán forjado y el porvenir más feliz de nuestros hijos⁴³³”. Para terminar, a declaração disse que luta pela liberdade, que o trabalho do camponês catalão deveria ser especialmente estimulado, que a luta antifascista tinha um caráter internacional e que o Conselho da Generalitat defendia a autodeterminação dos povos, finalizando enviando uma saudação às Milícias que lutavam na frente de batalha.

Assim, há pouco mais de dois meses do início do processo revolucionário, os líderes anarquistas, que eram a principal força política que sustentava o processo revolucionário, terminaram por serem absorvidos pelo Estado burguês em reconstrução. Como pôde ser visto neste capítulo, tal processo havia se iniciado ao mesmo tempo que a própria revolução eclodiu, e teve um de seus capítulos mais marcantes na entrada para a Generalitat.

⁴³⁰ Ibidem, p. 3.

⁴³¹ Ibidem, p. 3.

⁴³² Ibidem, p. 3.

⁴³³ Ibidem, p. 3.

3 A LEGALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO

3.1 Da Generalitat às Prefeituras

Com a entrada da CNT no “Conselho da Generalitat”, pela primeira vez na história, e de modo contraditório, uma organização anarquista assumiu diretamente funções de governo. No entanto, como já vimos, a colaboração com a Generalitat havia começado ainda durante a fase de golpe militar e, portanto, o ato de assumir funções de governo não foi uma ruptura com a linha adotada até então pela CNT. Isso pode ser percebido pela origem institucional dos Conselheiros cenetistas que assumiram os cargos. Juan Doménech, nomeado para o Conselho de Abastecimentos, vinha do Comitê Central de Abastecimentos, que agora era incorporado de vez pela Generalitat. Já Juan Fábregas e Antonio Garcia Birlán, que tomaram posse respectivamente do Conselho de Economia e do Conselho de Saúde e Assistência Social, vieram do antigo Conselho de Economia da Catalunha. Assim, os três cenetistas que assumiram cargos de Ministro na Generalitat já estavam envolvidos diretamente no processo de colaboração antes mesmo de entrar oficialmente para o governo⁴³⁴.

Nos primeiros dias depois da incorporação dos anarquistas à Generalitat, o Soli fez uma série de reportagens tentando demonstrar as motivações dessa decisão. No dia 30 de setembro, por exemplo, o periódico publicou o manifesto do novo governo, quando se fez a seguinte afirmação: “En una guerra ha de existir una dirección. [...] Y al lado de los técnicos militares ha de coexistir un Consejo que se encargue de que todos los trabajadores ocupen el lugar que les corresponde⁴³⁵”. Além disso, segundo o mesmo manifesto, a obrigação dos trabalhadores revolucionários seria a “[...] de secundar la labor de los camaradas del nuevo Consejo de la Generalidad⁴³⁶”. Mas ao mesmo tempo que justificava a entrada para o “Conselho”, o periódico negou que a CNT tinha se tornado “política”, reafirmando seu tradicional “apoliticismo”. Isso porque, conforme o Soli,

[...] cuando la política deja de ser tal – como está ya ocurriendo ahora – y la gestión del pueblo toma generales características de acción directa, la C.N.T. [...] reclama su parte de responsabilidad en la proporción alícuota que le corresponde, conjuntamente

⁴³⁴ Isso ocorria não de forma direta, ocupando cargos ministeriais, mas por meio de comissões assessoras nas quais existiam representantes cenetistas e da Generalitat, que colaboravam entre si.

⁴³⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **Manifiesto del nuevo Consejo de la Generalidad. Es necesario que los trabajadores cooperen a la obra de los camaradas que ocupan los puestos de responsabilidad.** Barcelona, 30 set. 1936, p. 1.

⁴³⁶ Ibidem, p. 1.

con los organismos que son sus aliados. La política de la C.N.T. es, por lo tanto, la de siempre, la de la acción directa de sus organizaciones todas contra todos los partidarios de la curva, del recoveco o de la covacha⁴³⁷.

Nos dias 28 e 29 de setembro, houve uma Plenária Nacional de Regionais da CNT, realizada em Madri. Foi iniciada por um informe do Comitê Nacional acerca da questão do reingresso de Peiró na CNT. O informe também comunicou sobre uma entrevista que o próprio Comitê Nacional realizou com Caballero, quando estava fazendo consultas para formar o atual governo – na verdade, a CNT estava negociando sua entrada também no governo central, em Madri – e, segundo a ata da plenária, “[...] se le ofreció nuestra ayuda que quedamos en nombrar unas Comisiones y que aun está esperando la contestación⁴³⁸”. Após isto, o informe deu conta das negociações com o Ministério da Guerra e, então, passou-se para o debate. O interessante da discussão foram as falas em relação à Coluna de Ferro. O representante da região do Levante argumentou, e foi apoiado por outras regionais como as Astúrias, que

[...] la Columna de Hierro hace algunas incursiones por los pueblos y la capital bastante desagradables lo que han aprovechado los socialistas para querer cargar la opinión sobre la C.N.T., amenazando con retirarse del Comité Ejecutivo la U.G.T. si no salía inmediatamente esta columna de Valencia⁴³⁹ [...].

A Coluna de Ferro era originária de Valência e outras províncias da comunidade valenciana, combatia principalmente na frente de Teruel e liderava o descontentamento das milícias anarquistas em relação aos retrocessos da revolução, de modo que atentava ativamente contra o colaboracionismo propugnado pelos líderes cenetistas. Sofria uma crônica falta de armamentos e criticava a existência de corpos repressivos armados na retaguarda que, segundo eles, representavam um perigo para a revolução e em algum momento seriam usados contra os trabalhadores revolucionários. Sua insubordinação chegou a tal ponto que, na mesma plenária, se falou que a Coluna de Ferro havia desarmado a Guarda Civil, em uma clara atitude de desobediência tanto em relação aos comitês cenetistas quanto ao poder republicano. Tais ações – este caso não foi o único – rendiam acusações de “criminosos” por parte de republicanos e comunistas, ao que os líderes cenetistas não contestavam, pois, neste momento, estavam negociando sua entrada no governo, tornando as atividades da Coluna de Ferro um empecilho para seus objetivos imediatos.

⁴³⁷ Idem. **La política de la C.N.T.** Barcelona, 30 set. 1936, p. 16.

⁴³⁸ PLENO NACIONAL DE REGIONALES DE LA C.N.T. **Ata da plenária ocorrida nos dias 28 e 29 de setembro de 1936**, p. 1.

⁴³⁹ Ibidem, p. 3.

Na segunda sessão da plenária, foi aprovado um parecer no qual a CNT decidiu intensificar a campanha para a criação de um Conselho – antes chamado de Junta – Nacional de Defesa. Decidiu-se também ir à imediata formação de conselhos de defesa locais, provinciais e regionais. Na terceira sessão da plenária, a representação do Levante afirmou que era preciso decidir o que fazer caso o governo não aceitasse a criação do Conselho Nacional de Defesa e que, neste caso, seria preciso dar um voto de confiança para que se atuasse como ministros, ou seja, caso o governo central negasse a criação do Conselho Nacional de Defesa, a organização deveria aceitar pastas no novo governo que se formaria. O representante da regional de Aragão acrescentou que, seja conselho ou governo, a representação deveria ser de 4 cenetistas, 4 ugetistas e 4 republicanos, ou 5 cenetistas, 5 ugetistas e 4 republicanos, além de que os representantes cenetistas não deveriam aceitar o salário de ministro, e sim o de miliciano. O representante da Catalunha pediu para que não se prendesse no nome – se quiser falar em governo, que se fale, afirmou –, e que se conseguisse a proporcionalidade desejada, conseguiria transformar o governo em conselho. Depois de mais algumas falas, concordou-se em dar o voto de confiança ao Comitê Nacional – ou seja, ele poderia negociar a formação de uma Junta de Defesa Nacional, que seria algo como uma espécie de Comitê Central de Milícias Antifascistas da Catalunha, mas com uma abrangência nacional, ou então poderia negociar a entrada direta no governo central, podendo ou não receber a alcunha de “conselho”.

Essa fala do representante da delegação catalã sobre a transformação do governo em conselho, apenas mediante a mudança na composição de quem ocupa o posto no aparelho de Estado, era completamente estapafúrdia e não tinha nenhuma relação nem com os desígnios do sindicalismo revolucionário, do anarcossindicalismo, da CNT e nem com o anarquismo, tal como apresentado no capítulo 1, e o fato de tal enunciado ter sido proferido sem nenhum problema em uma importante reunião de regionais demonstra as transformações pelas quais estavam passando tanto a organização sindical quanto seus dirigentes, que buscavam esconder uma prática – a entrada da CNT no governo espanhol – mediante um jogo de palavras, embora não possamos subestimar tais dirigentes a ponto de supor que eles não sabiam o que estavam propondo. Eles sabiam perfeitamente, mas tentavam esconder, ou amenizar, o caráter antirrevolucionário de tais medidas.

No dia 29, o Soli também havia publicado um discurso de Fábregas que fora radiado para toda a Espanha por meio da Rádio CNT-FAI, ainda na condição de membro do Conselho de Economia da Catalunha, mas sem informar a data do discurso, embora certamente ele tenha sido proferido apenas alguns dias antes. Em sua fala, Fábregas tratou, dentre outras coisas, das etapas de transformação econômico-social pelas quais seria preciso passar, que totalizariam de

três delas, embora em seu discurso ele tenha tratado apenas da primeira etapa, que era vivida naquele momento. Para Fábregas, a primeira etapa seria a de “reconstrução nacional”, e era um período de preparação, e seria pueril pensar que neste período se poderia ir

[...] a la realización de aquel programa que constituyó, durante tantos años, la máxima aspiración de la consciencia popular. Pero lo que sí podemos asegurar, es que a pesar de aquellas dificultades de orden bélico y de las imperiosas necesidades que el mismo implica, en Cataluña estamos llevando a cabo una obra purificadora y al mismo tiempo ordenadora de nuestra vida económicosocial, en relación estrecha, y en íntima conexión con todas aquellas posibilidades que las circunstancias excepcionales de la hora revolucionaria que vivimos permiten. [...] Durante este periodo preparatorio, tenemos que sujetarnos, forzosamente, a las contingencias de la lucha y hemos de ajustarnos a los moldes de una economía de guerra. Pero lo que sí deseamos hacer constar, es que a pesar de las enormes dificultades que la economía de guerra implica, seguimos adelante con nuestras realizaciones de orden inmediato, preparándonos concienzuda y pacientemente para la segunda etapa de reconstrucción, y para la cual estamos preparando en estos momentos los instrumentos de aquella economía de paz, que es el más ferviente anhelo de los hombres de la Revolución⁴⁴⁰.

No dia seguinte, 30 de setembro, o Soli publicou um pequeno artigo sobre a primeira reunião de Conselheiros depois da formação do novo governo. O primeiro a sair da reunião foi Comorera, Conselheiro de Serviços Públicos que, ao ser perguntado se havia sido firmado algum acordo importante na reunião, respondeu: “[...] el más importante era uno referente a incautaciones para terminar con las iniciativas personales⁴⁴¹”. Isso já dava um indicativo do proceder do novo governo em relação aos trabalhadores que insistiam em aprofundar o processo revolucionário. O mesmo Soli também publicou um artigo que tratava da constituição do Conselho Nacional de Defesa. Afirmou que os dez dias que a CNT havia concedido à UGT e aos partidos antifascistas para aceitar ou não a proposta, já tinham passado, e apenas três ou quatro organizações haviam aceito, entre elas o PCE, embora vários políticos e intelectuais tenham elogiado a iniciativa. Afirmou também que este organismo seria “[...] el organismo de hierro que se necesita para ganar la guerra. Como aglutinante de todas las fuerzas antifascistas, contará con la adhesión de todo el país y podrá actuar sin vacilaciones y con la máxima energía⁴⁴²”. Este mesmo Soli ainda publicou um artigo do Comitê de Abastecimentos, por meio do qual anunciou que seria iniciada uma campanha para acabar com as filas que se formavam para a obtenção de alimentos. Afirmou que o abastecimento de Barcelona estava assegurado, “[...] pues si bien es cierto que de algunas mercancías no hay tanta cantidad como antes, por

⁴⁴⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. Conferencia pronunciada desde el micrófono de Radio C.N.T. y retransmitida a toda España, por el compañero Juan P. Fábregas representante de la Confederación Nacional del Trabajo en el Consejo de Economía de Cataluña. Barcelona, 29 set. 1936, p. 7.

⁴⁴¹ Idem. La primera sesión del Consejo de la Generalidad. Barcelona, 30 set. 1936, p. 9.

⁴⁴² Idem. ¿Se constituye o no, el Consejo Nacional de Defensa? Barcelona, 30 set. 1936, p. 3.

razones diversas, de otras la hay con mucha más abundancia⁴⁴³”, declarando, então, que as filas eram fomentadas por inimigos emboscados.

Dia 1 de outubro, houve uma nova reunião dos comitês catalães⁴⁴⁴. Fábregas, Conselheiro de Economia, falou de seu próximo decreto, que trataria do controle operário da indústria e da socialização da mesma, e pediu que se abstinêsse por enquanto das coletivizações e do estabelecimento de comitês de controle, ou seja, que temporariamente se parasse de coletivizar ou formar comitês de controle nas empresas, até a publicação do decreto. No mesmo dia, o Boletín de Información publicou um manifesto da CNT sobre a constituição do Conselho Nacional de Defesa. Depois de falar sobre a última Plenária Nacional de Regionais da CNT, pontuou que “La constitución de este Consejo era una necesidad que imponían clamorosamente las circunstancias⁴⁴⁵”. Acrescentou ainda que era preciso criar “[...] la Milicia y el mando únicos, pero previamente hay que garantizar la participación de todos en la dirección, para que así la unión sagrada que preconizamos contra el fascismo posea una base indestructible⁴⁴⁶”. Esta seria a função de tal Conselho, que deveria funcionar de forma federativa, sendo constituído pela associação dos diversos comitês regionais e teria representação de todas as organizações de esquerda.

O Soli do dia 1 também tratou da questão do Conselho Nacional de Defesa, com nada menos do que três artigos diferentes. Todos eles tinham um conteúdo parecido. Falavam da luta antifascista e da necessidade de coordenação nacional das diferentes forças em luta, e que esse órgão de coordenação deveria ser o Conselho Nacional de Defesa. Falavam do exemplo da Catalunha nesse sentido, referindo-se ao Comitê Central de Milícias Antifascistas da Catalunha ou ao “Conselho” da Generalitat, e reivindicavam o direito da CNT em intervir na direção da luta antifascista também em nível nacional. Em um ato de franqueza poucas vezes visto, um dos artigos enfatizou tacitamente que para

[...] conseguir la compenetración recíproca, la C.N.T. da pruebas de transcendencia y **renuncia de momento a la conquista integral de su programa**, pero reivindica con energía el derecho de participar en la dirección de la lucha desde los nuevos órganos que reclaman las circunstancias⁴⁴⁷.

⁴⁴³ COMITÉ CENTRAL DE ABASTOS. Es necesario acabar con las colas. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 30 set. 1936, p. 8.

⁴⁴⁴ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 1 de outubro de 1936**.

⁴⁴⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. C.N.T. **Segundo Manifiesto a la Opinión sobre “El Consejo Nacional de Defensa”**. Barcelona, 1 out. 1936, p. 4.

⁴⁴⁶ Ibidem, p. 4.

⁴⁴⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **La lucha contra el fascismo ha de ser redoblada, apoyándose en un organo nacional: El Consejo Nacional de Defensa**. Barcelona, 1 out. 1936, p. 1.

O mesmo Soli ainda tratou de outro problema gritante do momento: os abastecimentos. Em um artigo sobre o tema, fez-se um histórico do caso francês durante a Primeira Guerra Mundial, quando o país adotou o cartão de racionamento como solução para os problemas de abastecimento. Afirmou que a situação espanhola era parecida à francesa, acrescentando que era preciso fazer um estudo econômico da produção e do consumo, afirmando ainda que a organização tinha competência e capacidade para realizar este estudo.

Se impone, por lo tanto, la “Carta familiar alimenticia” para que las reservas que tenemos; la magnífica cosecha en cereales, nos permita distribuir los alimentos con tino y acierto. También, y en su caso, saber qué hemos de importar, y, a ser posible, estableciendo el cambio de productos con países que simpaticen con nuestra causa⁴⁴⁸.

Tratava-se, na verdade, da primeira medida proposta pela CNT para combater as filas que estavam se formando para a aquisição de alimentos. No mesmo Soli, ainda, a Seção de Intercâmbio do Comitê Central de Abastecimentos lançou um comunicado aos comerciantes e fabricantes de Barcelona dizendo que eles deveriam apresentar os pedidos de artigos que procedessem de fora ou que fossem enviados para fora de Barcelona, e que não “[...] se permitirá la entrada ni salida de Cataluña de los artículos cuyos pedidos no estén previamente controlados por esta Sección de Intercambio⁴⁴⁹”.

Em 2 de outubro, o Soli comentou a dissolução do Comitê de Milícias Antifascistas da Catalunha, que havia realizado uma última reunião no dia anterior e se autodissolveu. O periódico afirmou que isso ocorreu porque “[...] la constitución del Consejo de la Generalidad, en el que están representadas todas las fuerzas sindicales y republicanas, abarca toda la función que tenía que realizar el Comité⁴⁵⁰”. Conforme o jornal, Oliver fez um discurso salientando que “[...] había llegado la hora de la unión inquebrantable de todos los partidos y organizaciones, por lo que él, defensor acérrimo del Comité de Milicias, **defendería con toda energía al Consejo de la Generalidad**⁴⁵¹”. O Soli também afirmou que o Presidente do governo catalão, Companys, agradeceu

[...] la leal colaboración prestada y recabando la cooperación de todos para este Consejo de la Generalidad. El Comité Central de Milicias se ha disuelto y en las reuniones próximas el Gobierno estudiara la coordinación y la forma de aunar las facultades que tenía con el nuevo Consejo de la Generalidad, en el que se suma el esfuerzo de todas las organizaciones que en él están representadas⁴⁵².

⁴⁴⁸ HERMES. ¿Es necesaria la carta familiar de alimentación? **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 1 out. 1936, p. 7.

⁴⁴⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Comité Central de Abastos**. Barcelona, 1 out. 1936, p. 10.

⁴⁵⁰ Idem. **Se ha disuelto el Comité de Milicias**. Barcelona, 2 out. 1936, p. 3.

⁴⁵¹ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

⁴⁵² Ibidem, p. 3.

Ainda no dia 2 de outubro, Juan P. Fábregas, o cenetista que ocupava o cargo de Conselheiro de Economia da Catalunha, fez um discurso pelo rádio – sendo publicado no dia 6 pelo Solidaridad Obrera e pelo Boletín de Información de la CNT-FAI⁴⁵³, embora neste último tenha sido uma compilação. Fábregas começou afirmando que era preciso regular a nova ordem econômico-social, mas acrescentou que esta não se resumia às coletivizações, pois “[...] estas colectivizaciones [...] no capta todo el sentido social de nuestra revolución, de esta revolución que ha de incorporar no solamente Cataluña, sino todos los pueblos de Iberia a este movimiento económicosocial [...]”⁴⁵⁴. Disse também que nesta nova “[...] estructuración del orden económicosocial en Cataluña es imprescindible partir de una concepción nueva de la estructuración económicosocial que tenemos que edificar⁴⁵⁵”. E completou:

[...] Si hasta hace poco, en régimen capitalista, no es la producción la que regula el consumo, sino que es todo al revés, es preciso tener en cuenta que es todo el revés, es preciso tener en cuenta que la producción, que la transformación de los bienes económicos que la tierra tiene para subvenir pródigamente, y digo pródigamente cuando hay un espíritu de justicia social, esta producción ha de ser forzosamente regulada por el consumo. Y en estas circunstancias no se pueden producir, de ninguna de las maneras, estos fenómenos llamados de sobreproducción, porque la sobreproducción no puede existir en ninguna parte cuando hay unas normas de producción, de distribución y consumo íntimamente coordinados⁴⁵⁶.

Fábregas, ainda no mesmo discurso, bradou contra as soluções autoritárias para o problema econômico, dizendo que iam contra o credo cenetista, e versou sobre a confiança que a CNT tinha em relação ao proletariado espanhol, pregando também uma austeridade como forma de ampliar a confiança na organização. No entanto, o mais revelador de seu discurso é a solução que ele vislumbrou para a Espanha. Disse ele:

Y aqui apunta, compañeros, hermanos de Cataluña y de los otros pueblos de Iberia, la solución para el gran problema hispánico: **República federal, República federal que aglutine estas diversas nacionalidades, teniendo por base de célula la autonomía municipal, la cual a través de la comarca, de la región económica y de la nacionalidad, Cataluña, en estos momentos, mañana Valencia, Castilla, y otro día Andalucía, todo este conjunto de nacionalidades diversas, es el que ha de formar esta República federal, en la que hay la última esperanza de salvación para los pueblos de Iberia [...]**. Es preciso tener en cuenta que al desquiciamiento del antiguo régimen político económicosocial que imperaba en Iberia, hemos de oponer toda la confianza y toda la fe en unas normas antípodas a las que existían hasta el 19 de julio, y estas normas antípodas se apoyan simplemente en una célula de la nueva sociedad, y ésta es la municipalidad; es la desvinculación, la descentralización

⁴⁵³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Extracto de la conferencia pronunciada por radio por el compañero Juan P. Fabregas, consejero de economía. Barcelona, 6 out. 1936, p. 8-9.

⁴⁵⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. Conferencia pronunciada por radio el día 2 de octubre de 1936, por el compañero Juan P. Fabregas consejero de Economía. Barcelona, 6 out. 1936, p. 7.

⁴⁵⁵ Ibidem, p. 7.

⁴⁵⁶ Ibidem, p. 7.

llevada hasta las últimas consecuencias, y este sistema de absorción, de aglutinamiento es el que nos permitirá instaurar un régimen de justicia social que significa para los pueblos de Iberia una tierra libre y, lo que es más importante, nuestra incorporación al lado de los pueblos civilizados⁴⁵⁷.

Assim, na fala de Fábregas não encontramos sequer menção ao comunismo libertário, à socialização, à extensão dos mecanismos de democracia direta – que já existiam na forma de comitês de bairro e de empresa –, mas apenas a criação de uma república federal dos povos hispânicos, baseados em territórios, não em classe social, e que tinha a Catalunha como modelo. Ao fim de sua fala, Fábregas citou a Junta Nacional de Defesa como uma forma de estender o modelo catalão para o resto da Espanha.

No dia 3 de outubro, a Confederação Regional do Trabalho da Catalunha explicitou uma importante questão, derivada do próprio processo revolucionário: a desorientação dos diversos comitês. A CRTC assim descreveu a situação no Boletín de Información – e também no Solidaridad Obrera em duas edições diferentes, dias 3 e 4 de outubro:

Que no deben realizarse tantas y tantísimas comisiones como se hacen. A diario invaden nuestras Secretarías decenas de delegaciones que vienen... a qué? En muchas, demasiadas ocasiones, a nada, o sólo a pasear. Por cualquier motivo se realiza un viaje. Otras comisiones vienen a plantear problemas que podrían muy bien resolverse por correspondencia, de igual forma que se hacía antes del 19 de Julio. Y aún quedan muchas comisiones que se realizan inadecuadamente, porque bastaría la Federación Local o el Comité Comarcal respectivo para solventarlas, sin necesidad de llegar hasta el Comité Regional. [...] Este Comité, que sólo se nutre de los DOS céntimos por sello confederal que le corresponden, no pude apechugar con esos gastos de atención de delegaciones. Por lo cual, ni facilita gasolina gratis, ni alojamiento, ni nada. Además precisa se imponga la limitación de gastos [...] en esta hora de reconstrucción, [...] de igual forma y con el mismo interés que se restringían en etapas de pobreza. Que nadie está autorizado para realizar requisas esporádicas. Que ningún Grupo puede actuar en ninguna parte, si no está avalado por este Comité, y sus actos controlados por las localidades en que se encuentren. [...] **QUE SE IMPONE UNA ACTUACIÓN RESPONSABLE EN TODOS LOS ÓRDENES DE LA VIDA SOCIAL. BASTA DE PASEOS Y VIAJES CAPRICIOSOS; BASTA DE REQUISAS IRRESPONSABLES; BASTA DE ACTUACIONES INCONTROLADAS; BASTA DE CONSIDERAR QUE ESTE COMITÉ PAGA LO QUE NECESITEN CUANTOS POR ACA PASEN.** Sólo con una actuación responsable y controlada, ateniéndose al cumplimiento de los mandatos de la organización, será capaz de dar el grado de confianza que nuestras actuaciones deben merecer en esta hora suprema y responsable⁴⁵⁸.

Essa questão dos comitês era bastante problemática. Com a quebra do sistema político e econômico, muitos comitês, sejam eles de empresa, de bairro ou quaisquer outros, em sua grande maioria formados principalmente por cenetistas, acabavam estabelecendo contato com

⁴⁵⁷ Ibidem, p. 7, grifo nosso.

⁴⁵⁸ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Confederación Regional del Trabajo de Cataluña**. Barcelona, 3 out. 1936, p. 6, grifo nosso.

os comitês regionais – e mesmo ao nacional – dos sindicatos para obter recursos, discutir diretamente questões políticas ou sociais que o momento demandava. Mas isso gerou um fluxo irracional em direção aos comitês superiores, com um grande desperdício de recursos, tão escassos em tempos de guerra e de revolução. Por outro lado, o artigo da CRTC acabou por fundir este problema com uma outra questão, que era o descontentamento em relação aos rumos que a revolução estava tomando. A desorganização dos comitês, imersos em meio à guerra civil e à revolução, era vista pelos dirigentes como um subproduto da oposição que muitos desses comitês faziam, mesmo que neste momento este desacordo se manifestasse de formas mais brandas. Por isso é que se faziam chamamentos em prol da obediência e da responsabilidade, pois alguns comitês estavam já bastante inquietos. A fenda existente entre os representantes cenetistas, recém-absorvidos em funções governamentais – embora ainda não se usasse a palavra “governo” abertamente – e os militantes de base, especialmente alguns comitês de bairro e cidade, estava se ampliando. Esse manifesto apontava para a contenção do desperdício de recursos causado pela confusão em meio à guerra e à revolução e, ao mesmo tempo, para trazer ao controle dos dirigentes os comitês que estavam lhes escapando. Era uma tentativa de enquadrar os descontentes dentro da política oficial da organização, que era a de colaborar com as outras forças e, na prática, estabilizar – ou mesmo frear – o processo revolucionário em curso. E, não cabe esquecer, a doutrina que dava suporte a este processo era o antifascismo, que cada vez mais se sobrepunha aos objetivos revolucionários.

Ainda no dia 3 de outubro, o Solidaridad Obrera publicou um artigo tratando do comando único, colocando-o como uma necessidade para desbaratar todos os planos bélicos do inimigo.

[...] Mandar columnas al frente para que cada una de ellas tenga exclusiva libertad de movimiento, es una tremenda equivocación. Desde buen principio los fascistas vieron en nosotros un solo punto flojo que no era otro que la falta de unanimidad de acción en los movimientos. Y por este lado es por donde han basado sus posibilidades de mantener la campaña. El fenómeno nuestro no es ninguna novedad. En la guerra europea se plantó la cuestión del mando único, también con insistencia por parte de los beligerantes aliados, hasta que llegó a polarizarse en las manos de un estado mayor francés, desde cuyo momento los alemanes ya no dieron pie con bola. Aquí nosotros lo tenemos todo. Entusiasmo para vencer. Compenetración mutua en reconocer esta gran necesidad de la guerra. Elementos técnicos suficientes para llevarlo a cabo rápidamente, asesorados por nosotros. Una retaguardia con una moral excelente y un convencimiento absoluto en la seguridad de la victoria. El enemigo no tiene otra cosa que la unidad de comando. Planteada seriamente la sublevación en Portugal, base de abastecimiento de los facciosos, una retaguardia peligrosísima que requiere por parte de ellos el empleo de muchas fuerzas para evitar la sorpresa – casi segura – de un levantamiento, alguien dando la sensación de más o menos fuerza por el procedimiento del mando único⁴⁵⁹.

⁴⁵⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Mando único y movilización general**. Barcelona, 3 out. 1936, p. 7.

Outro assunto que o Soli do dia 3 tratou foi a questão do Conselho Nacional de Defesa.

Lo que tienen mando en los frentes y en la retaguardia deben saber que la C.N.T. no se le puede excluir en la dirección de la guerra. Nuestra organización sindical reclama con toda urgencia un puesto de responsabilidad en la dirección de la lucha y en la preparación de la victoria final. Propone la C.N.T. y debe ser atendida, la constitución del Consejo Nacional de Defensa, organismo coordinador de todas las fuerzas antifascistas, que puede hacer ganar la guerra y hacer triunfar la revolución. El que así no lo entiende contraerá ante a la Historia una responsabilidad enorme. ¿Por qué no se ha constituido aún el Consejo Nacional de Defensa? ¿Pueden contestar esta pregunta los marxistas y los republicanos?⁴⁶⁰.

No dia 4 de outubro, houve em Valência outra reunião de comitês superiores, com as participações do Comitê Regional, Federação Local, Comitê Inter-regional e um delegado do Comitê Nacional. Novamente, voltou-se às questões tratadas na reunião do dia anterior. Um membro do Comitê Nacional falou que “[...] por parte del gobierno y partidos republicanos, así como partido socialista y U.G.T., no se avienen a formar el Consejo Nacional de Defensa, alegando motivos de orden internacional y diplomáticos⁴⁶¹”, e reforçou a necessidade da formação de conselhos de defesa locais, provinciais e regionais, “[...] con el fin de presionar al gobierno y los sectores antifascistas para que cese la resistencia que oponen a la proposición de la C.N.T.⁴⁶²”. Comunicou a oferta feita pelo Ministro da Guerra – Francisco Largo Caballero – para que assumissem um posto no Estado Maior de Operações, que estaria composto de um delegado de cada partido e sindicato, além dos cargos técnicos, e informou sobre a militarização forçada das milícias proposta pelo governo, mas acrescentando que

[...] entanto no se forme el Consejo Nacional de Defensa, el criterio del C.N.T. es que la C.N.T. no debe dejar esta militarización en manos del gobierno, sino que la C.N.T. debe tener, en este sentido, la independencia necesaria para controlar debidamente a sus milicias⁴⁶³.

Disse também que, em Madri, nos centros oficiais do governo, “[...] se cuentan algunas cosas y hechos desagradables de la columna de hierro, y desea el C.N. [Comitê Nacional] se le informe sobre la realidad de lo ocurrido⁴⁶⁴”. Com o término da fala do membro do Comitê Nacional, iniciou-se um debate. López disse que se deveria negar a militarização enquanto o governo se recusasse a formar o Conselho Nacional de Defesa. Já Pros afirmou que se poderia aceitá-la, desde que a adesão fosse opcional. Então, discutiu-se um pouco sobre a questão das

⁴⁶⁰ Idem. **¿Por qué no se ha constituido aún el Consejo Nacional de Defensa?** Barcelona, 3 out. 1936, p. 16.

⁴⁶¹ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunião realizada no dia 4 de outubro de 1936**, p. 1.

⁴⁶² Ibidem, p. 1.

⁴⁶³ Ibidem, p. 1.

⁴⁶⁴ Ibidem, p. 1.

armas, com várias denúncias sobre favorecimento de determinadas correntes políticas em sua distribuição, terminando por se aceitar a militarização para os jovens, “[...] pero los afiliados a la C.N.T. que vayan a nuestros cuarteles y columnas, procurando adiestrarlos en el manejo de las armas, mediante instrucciones apropiadas⁴⁶⁵”. Depois de discutir sobre questões militares, chegou-se ao assunto da Coluna de Ferro, afirmando Monllor que tal coluna não cometeu atropelos nem desmandos.

Em 5 de outubro, o Boletín de Información publicou um artigo de Pierre Besnard falando sobre suas impressões do que ele denominou como a “verdadeira” Revolução Espanhola que, segundo ele, era “[...] la nuestra⁴⁶⁶”. Para Besnard, era “[...] el proletariado quien edifica, por todas partes donde él ha vencido el fascismo, un orden económico, administrativo y social nuevo, sobre las bases del Comunismo Libertario⁴⁶⁷”. No entanto,

[...] el Comunismo Libertario, no se ha realizado por completo todavía, pero está por todas partes en vías de realización. Se pelea, se destruyen los cuadros del régimen burgués; pero al mismo tiempo se construye y se edifica el nuevo orden de cosas⁴⁶⁸.

E acrescentou:

Las propiedades de los burgueses que han abandonado el país, han sido puestas inmediatamente a disposición de la colectividad; todos los inmuebles necesarios para el funcionamiento de los servicios de la Revolución, han sido entregados a las autoridades encargadas de asegurar su marcha. Todo funciona con un orden y una limpieza perfectos. Poco a poco, de una manera segura y metódica todo se organiza y, cada día, se perfecciona: Comité Central de las Milicias Antifascistas, Comité de Guerra, Aprovisionamientos, Fábricas de Guerra, Comité Económico, Transportes de todas las clases, Ramos industriales diversos; todo por y bajo el control de los Sindicatos. [...] son los Sindicalistas que dirigen. Nada se hace sin ellos. Nada se podría hacer contra ellos. **Todo el mundo ha comprendido y, con la mejor buena voluntad, los hombres da Generalidad, los socialistas, los comunistas, la izquierda catalana, ciertos Trotskyistas, colaboran con los rudos compañeros de la C.N.T. y la F.A.I. Y, a fé mía, todo el mundo se entiende muy bien**, porque trabajan todos sobre lo concreto, sobre la vida, sobre la realidad, en lugar de correr tras de la quimera, de galopar en las nubes y de razonar sobre ficciones⁴⁶⁹.

No mesmo dia 5, houve ainda uma outra reunião de comitês contando, inclusive, com a presença de ministros cenetistas. A reunião discutiu a questão do transporte, dos problemas governamentais e outros assuntos. No entanto, o marcante foi uma frase de Marianet, pois ele

⁴⁶⁵ Ibidem, p. 2.

⁴⁶⁶ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sigue Pierre Besnard Contándonos sus impresiones en España.** Barcelona, 5 out. 1936, p. 12.

⁴⁶⁷ Ibidem, p. 12.

⁴⁶⁸ Ibidem, p. 12.

⁴⁶⁹ Ibidem, p. 12, grifo nosso.

resumiu um pouco o que pensavam os dirigentes neste momento. Disse ele: “Que todo **aquel que no obedezca los acuerdos tomados por los Consejos, es un FACCIOSO**⁴⁷⁰”. Era um ataque direto aos que resistiam ao processo de reconstrução do Estado republicano.

No dia 6, houve nova reunião de comitês. Primeiro, falou-se sobre questões relacionadas ao periódico *Solidaridad Obrera*. Depois, o Comitê Regional afirmou que Durruti havia informado que estava intermediando, via Generalitat, a compra de armamentos no exterior. Então, o Comitê de Defesa se queixou da demora para a chegada de armamentos em Barcelona, acrescentando que “[...] **hay muchos grupos de barriada que independentemente, se proporcionan todo lo que necesitan del Extranjero, mas barato y más rápido**⁴⁷¹”, ao que o Comitê Regional respondeu que tudo iria se resolver o mais rápido possível. Então, voltou-se a tratar dos problemas do Soli e Doménech falou sobre a criação de departamentos subordinados em sua pasta e quais pessoas deveriam ser nomeadas para eles. Ele também comunicou sua intenção de criar escritórios em Paris e em todas as cidades importantes do mundo, particularmente na Europa, onde haveria “[...] un compañero nuestro⁴⁷²” que serviria como elemento de ajuda para trocas internacionais. Depois de tratar de outros assuntos, a reunião foi encerrada.

O elucidativo dessa reunião foi o reconhecimento tácito de que os comitês de bairro estavam se tornando autônomos, e que obtinham armamentos de forma mais rápida e eficiente do que os comitês superiores das organizações centristas e seus aliados, nomeadamente a Generalitat. Se os comitês de bairro continuassem evoluindo nesse sentido, passariam a ser independentes de tal forma que poderiam ser uma ameaça aos interesses tanto dos comunistas e republicanos quanto dos dirigentes cenetistas, que estavam sendo tragados no processo de recomposição do poder do Estado republicano. O projeto de Doménech também teve destaque na medida em que tratava de construir uma rede no estrangeiro de onde conseguiria adquirir armas e víveres, e tudo sob controle dos cenetistas, o que poderia fazer com que os anarquistas se tornassem autossuficientes em matéria de provisão de armamentos, acabando com a dependência dos anarquistas para a obtenção de armas em relação ao governo. Isso, por sua vez, poderia tornar menos atrativa a política de colaboração e dar um novo ânimo aos revolucionários.

No mesmo dia 6 de outubro, o *Solidaridad Obrera* publicou um pequeno artigo do Comitê de Abastecimentos. Este afirmou que para muitos cidadãos não havia guerra, e que

⁴⁷⁰ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no 5 de outubro de 1936*, p. 2, grifo nosso.

⁴⁷¹ Idem. *Ata da reunião realizada no dia 6 de outubro de 1936*, p. 1, grifo nosso.

⁴⁷² Ibidem, p. 2.

protestavam diante dos pequenos incômodos que vinham passando, como não obter produtos alimentícios tão facilmente quanto antes. E foi contundente:

Debe combatirse esta mentalidad y hacer comprender a todos que una de las condiciones indispensables para la victoria es la de que entre el frente y la retaguardia ciudadana haya una igualdad de sacrificio. No podemos exigir, de los que luchan en el frente que además de ofrecer su vida, pasen frío mientras que aquí, en la ciudad, vayamos cómodamente abrigados, ni que pasen hambre mientras aquí podemos comer todo lo que queramos. Eso sería crear un divorcio entre el frente y la retaguardia. Debemos ceñirnos, pues, a las necesidades del momento y cumplir la consigna general de este Comité. Para las personas de salud normal no es hora de comer lo que más le guste; es necesario que adquieran preferentemente aquello que con más abundancia haya en los mercados. Cumplid esta consigna y haced comprender a vuestros familiares que es indispensable que sea cumplida⁴⁷³.

Esta consigna fazia parte do esforço do Comitê de Abastecimentos para racionalizar e planificar a distribuição de comida em um contexto de guerra civil, tal como a proposta de introdução do cartão familiar de racionamento e a proibição do abate de animais com menos de quatro meses, que havia sido publicada no Solidaridad Obrera há dois dias⁴⁷⁴.

Em 8 de outubro, o Tierra y Libertad publicou um manifesto da CNT dirigido a todas as forças antifascistas e ao povo em geral. Na verdade, foi um resumo dos acordos tomados na última Plenária Nacional de Regionais, realizada nos últimos dias 28 e 29 de setembro. O manifesto salientou que a CNT tinha uma responsabilidade ante à história, cujos momentos exigiam a Milícia e o comando único, mas que era preciso que todos participassem na direção dos acontecimentos. Não se podia fazer uma “política de partido” no atual momento, e a “[...] exclusión de un movimiento del volumen y de la significación de la C.N.T. en la dirección de la lucha, equivale a parcializar esta misma dirección, [...] y por tanto, a resquebrajar su eficacia⁴⁷⁵”. Assim, a CNT, como uma força decisiva em toda a Espanha, não poderia se limitar a ser uma “força de choque”. Entretanto, afirmou, a atual política de partidos, e não de aliança operária, havia fracassado. Os órgãos dirigentes não poderiam ser os da democracia tradicional. Era preciso formar novos órgãos, que já existiam regionalmente, mas que precisavam ser estendidos para o âmbito nacional. As instituições da democracia burguesa não ornavam com a situação criada e não podiam representar o novo sopro criador da vida social. Era a partir da aliança operária que teria que nascer a autêntica representação, a autêntica democracia. A política corrente estava divorciada dos novos órgãos econômicos e políticos nascidos da

⁴⁷³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Consigna del Comité Central de Abastos**. Barcelona, 6 out. 1936, p. 16.

⁴⁷⁴ Idem. **Consignas del Comité de Abastos**. Barcelona, 4 out. 1936, p. 3.

⁴⁷⁵ TIERRA Y LIBERTAD. **Por acuerdo del Pleno Nacional de Regionales, reclama un puesto de responsabilidad em la dirección de la guerra**. Barcelona, 8 out. 1936, p. 3.

revolução, e isso gerava uma confusão que poderia levar à derrota. De um lado, o poder central, do outro, os poderes municipais e regionais, que seguiam seu próprio caminho e que teriam que ter expressão nacional em um Conselho de Defesa em que todos estivessem representados. E bradou:

Al ratificar su posición anterior, posición que la situación militar robustece y a la que da mayor fuerza aun la corriente de opiniones favorables levantadas en todo el país; la formación en Cataluña del Consejo Regional de Defensa, el Pleno de la C.N.T. manifiesta que seguirá reclamando urgentemente, insistentemente, la creación del Consejo Nacional. Considera que, de lo contrario, el fracaso sería patente y salva su responsabilidad ante la Historia. Cargue con esta responsabilidad los que puedan y no quieran abrir el paso a la revolución salvadora⁴⁷⁶.

O mesmo Terra y Libertad ainda publicou um curioso artigo sobre o suicídio. Este afirmou que no sistema capitalista se constatava tragédias nos dois extremos: o que devido à miséria se mata ou se suicida, e o que, desesperado por conta da adversidade em seus negócios, também se suicida. Acrescentou que os capitalistas eram perseguidos por muitas sombras: poderiam ser vítimas de especulação, roubados, assassinados etc. Uma guerra financeira os atormentava por toda a vida. Números, cifras. Não tinham paz nem sossego, e não havia nada de estranho pelo fato de vários se suicidarem. Mas a revolução, que começara na Espanha e iria se espalhar pelo mundo, acabaria com tais males: “Gracias a nuestra Revolución, los ricos se verán libertado de la horrible pesadilla del suicidio⁴⁷⁷”.

No mesmo dia 8 de outubro, o Solidaridad Obrera publicou novo chamamento pela constituição do Conselho Nacional de Defesa, agora de forma mais dura, afirmando que a

[...] Confederación Nacional del Trabajo y la Federación Anarquista Ibérica exigen, en nombre de millares de ciudadanos españoles, del esfuerzo y de la acción revolucionaria de todos ellos, que se constituya el Consejo Nacional de Defensa, garantía da libertad y determinación de una victoria⁴⁷⁸.

O mesmo Soli também publicou uma fala de Durruti, que estava em Madri, e que nos mostra um pouco o que o famoso anarquista pensava sobre o tema da disciplina, que estava em voga neste momento. Disse Durruti:

En cuanto a la disciplina, para mí no es más que el respeto a la responsabilidad propia y a la ajena. **Estoy en conta de la disciplina de cuartel, pero también en contra de la libertad mal entendida, a que suelen recurrir los cobardes, para escurrir el**

⁴⁷⁶ Ibidem, p. 3.

⁴⁷⁷ PANICELLO, Jose. El capitalista y la revolución. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 8 out. 1936, p. 4.

⁴⁷⁸ SIRVAL, Carlos de. La constitución del Comité Nacional de Defensa es la garantía de la libertad. **Solidaridad Obrera**, Barcelona, 8 out. 1936, p. 16.

bulto. En la guerra, los delegados deben ser obedecidos; de lo contrario no es posible realizar ninguna operación. En mi columna han surgido todos los trucos de la Gran Guerra. La madre moribunda, la compañera de parto, el hijito enfermo, los ojos malos, etc. Pero tengo un equipo sanitario que examina cada caso. Quien mente sabe que tiene jornada doble de pico y azadón. Las cartas desalentadoras, van al cesto. Al que quiere marchar a su casa alegando que se va voluntario, como voluntario vino, después de hacerle unas consideraciones, le mando a casa a pie. Casi nunca se llega a ese extremo. Francamente, estoy satisfecho de los compañeros que me siguen⁴⁷⁹.

O periódico também publicou uma nota do Conselho de Abastecimentos da Generalitat da Catalunya, antigo Comitê Central de Abastecimentos, agora absorvido pela Generalitat e dirigido pelo cenetista Juan Doménech, lembrando

[...] a todos los Comités de control que dirigen la industria catalana, el deber que tienen de cumplir y hacer cumplir todas las consignas que vienen de este departamento, ya que todas ellas van encaminadas a controlar y organizar la economía que las horas revolucionarias imponen⁴⁸⁰.

Tratava-se, assim, de enquadrar os diversos comitês dentro dos desígnios do Conselho de Abastecimentos, pondo fim a sua possível – e almejável – federalização autônoma. Era o primeiro passo para o controle estatal neste setor.

Um último artigo importante para o momento que foi publicado neste mesmo Soli do dia 8 de outubro fez mais um chamamento à pequena burguesia para que se juntasse à obra do proletariado. Depois de afirmar que a classe média e a pequena burguesia têm permanecido de costas à realidade social, enfatizou que elas precisavam se adaptar à realidade do momento. Elas teriam que se enquadrar à nova ordem, que beneficiaria a todos. Não poderia subsistir um sistema arcaico em que, favorecendo alguns indivíduos, deixava outros abandonados. Era preciso “[...] terminar con el egoísmo burgués en que asentábase la sociedad capitalista⁴⁸¹”. E concluiu:

Siendo el trabajo un deber para todos; desaparecida la explotación del hombre por el hombre, considerada como fundamentos de la tiranía en todos los pueblos y en todas las épocas, no tiene razón de existir el propietario, egoísta hasta el extremo de acaparar sólo para sí, pensando solamente en su exclusivo beneficio. De ahí que para poder regular de un modo eficaz cuanto afecta a la producción y el consumo, para dar, en suma, el realce que requiere la economía, es necesario apelar a la colectivización⁴⁸².

Mas esta coletivização, de acordo com o mencionado artigo, também seria benéfica para os pequenos burgueses, pois após o fascismo ser derrotado resultaria em “[...] benefícios

⁴⁷⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Durruti, en Madrid**. Barcelona, 8 out. 1936, p. 1, grifo nosso.

⁴⁸⁰ Idem. **Consejería de Abastos de la Generalidad de Cataluña**. Barcelona, 8 out. 1936, p. 2.

⁴⁸¹ Idem. **La pequeña burguesía y la colectivización**. Barcelona, 8 out. 1936, p. 1.

⁴⁸² Ibidem, p. 1.

morales y materiales que será asequible el conseguir⁴⁸³ e, portanto, a pequena burguesia e a classe média deveriam unir seus esforços à classe trabalhadora na construção da nova organização social.

Em 9 de outubro, a Generalitat promulgou o Decreto de Constituição dos Conselhos Municipais, sendo publicado pelo Diário Oficial da Catalunha e pelo Solidaridad Obrera no dia 11 e pelo Boletín de Información no dia 12. Ele designava as normas para a reconstituição dos antigos poderes municipais, e tinha implicações muito importantes. O decreto afirmava que a situação de guerra contra o fascismo exigia uma estruturação da vida local, “[...] de manera que la conjunció de tots els partits i collectivitats que lluiten en el front i en la reraguarda pugui aportar amb llur participació aquelles activitats que millor serveixin per la consecució dels que són ideals del poble^{484,485}, e completava dizendo que então era preciso “[...] posar la Llei Municipal Catalana en consonància amb les exigències excepcionals del moment, i fixar les normes que en l’actual període harmonitzin la vida municipal^{486,487}. No primeiro artigo da lei, designava-se que “Els Ajuntaments acomodaran el nombre de llurs components a les exigències de la representació dels partits polítics i organitzacions sindicals en la mateixa proporció que integren el Consell de la Generalitat de Catalunya^{488,489}. Outro parágrafo importante era o segundo, pois dizia que

Els Consellers municipals seran elegits per la reunió oficial dels representants dels partits polítics i sectors sindicals expressats en l’article anterior. Els Consellers electes seran convocats per a constituir els nous Ajuntaments pel Jutge Popular o el qui exerceixi les seves funcions^{490,491}.

⁴⁸³ Ibidem, p. 1.

⁴⁸⁴ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 285, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 140.

⁴⁸⁵ Tradução: “[...] de maneira que a conjunção de todos os partidos e coletividades que lutam na frente e na retaguarda possa aportar com sua participação aquelas atividades que melhor sirvam para a consecução dos que são ideais do povo”.

⁴⁸⁶ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 285, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 140.

⁴⁸⁷ Tradução: “[...] colocar a Lei Municipal Catalã em consonância com as exigências excepcionais do momento e fixar as normas que no atual período harmonizem a vida municipal”.

⁴⁸⁸ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 285, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 140.

⁴⁸⁹ Tradução: “As prefeituras acomodarão o número de seus componentes às exigências da representação dos partidos políticos e organizações sindicais na mesma proporção que integrem o Conselho da Generalitat da Catalunha”.

⁴⁹⁰ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 285, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 140.

⁴⁹¹ Tradução: “Os Conselheiros municipais serão eleitos pela reunião oficial dos representantes dos partidos políticos e setores sindicais expressos no artigo anterior. Os Conselheiros eleitos serão convocados para constituírem as novas prefeituras pelo Juiz Popular ou aquele que exercer suas funções”.

No mesmo dia 9, foi promulgado outro importante decreto, sendo publicado também no mesmo número do Diário Oficial da Catalunha que restituiu os poderes municipais. Era o decreto que extinguiu os comitês de bairro e cidade. Eis o decreto na íntegra:

Aprovat el Decret d'aquetsa mateixa data, organitzant, d'acord amb les necessitats del moment, la vida municipal de Catalunya, s'imposa la dissolució dels Comitès Locals que, amb diferents noms i finalitats, es constituïren arran del moviment subversiu a què està fent front el país. Per tant, d'acord amb el Consell Executiu, Decreto: Art. 1º. Queden dissolts a tot Catalunya els Comitès Locals, qualsevol que sigui el nom o denominació que ostentin, així com tots aquells altres organismes de caràcter local que haguessin anat sorgint arran del moviment subversiu amb finalitats culturals, econòmiques i de qualsevol altra mena. Art. 2º. **La resistència a dissoldre serà considerada com a acte facciós i els seus autors lliurats als Tribunals de Justícia Popular**^{492, 493}

Cabe ressaltar que o Decreto de Constituição dos Conselhos Municipais era obrigatório, o que gerava duas implicações. Primeiro, ele era um golpe aos comitês de bairro e de cidade, que haviam ocupado o poder deixado vago pela derrocada do poder republicano. Agora eles deveriam desaparecer, cedendo lugar para os poderes municipais. A segunda implicação tem relação com o modo pelo qual esses conselhos municipais seriam formados. Como se estava em um período de cruel guerra civil, era impossível proceder às eleições normais, de modo que a composição dos poderes municipais seria decidida a partir de um acordo da Generalitat, ou seja, por meio de um acerto de cúpula. Mas essa segunda implicação, por sua vez, desdobra-se em duas outras. A primeira é que os restaurados poderes municipais não teriam a mesma legitimidade que os comitês de bairro ou de cidade, que eram organismos de base e, por isso, refletiam, de certo modo, a composição política da localidade. A segunda implicação era a perda de força dos anarquistas nestes organismos, já que eles eram majoritários na maioria dos comitês de bairro e cidade, na medida em que eram amplamente predominantes na Catalunha e os comitês de bairro e de cidade refletiam essa superioridade numérica, exatamente por serem órgãos de democracia direta. O novo poder republicano, na verdade, inflava a representação das outras forças políticas ao mesmo tempo que jogava os comitês de bairro e cidade na ilegalidade sendo, portanto, um duro golpe não apenas para a democracia direta, mas também

⁴⁹² DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 285, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 137, grifo nosso.

⁴⁹³ Tradução: “Aprovado o Decreto da mesma data, organizando, de acordo com as necessidades do momento, a vida municipal da Catalunha, impõe-se a dissolução dos comitês locais que, sob diferentes nomes e finalidades, foram constituídos como resultado do movimento subversivo que está voltado contra o país. Portanto, de acordo com o Conselho Executivo, Decreto: Art. 1º. Ficam dissolvidos todos os comitês locais em toda a Catalunha, qualquer que seja seu nome ou denominação, assim como todos os outros organismos locais que surgiram como resultado do movimento subversivo para finalidades culturais, econômicas e outras. Art. 2º. **A resistència à dissolució serà considerada como ato faccioso e os seus autores entregues aos Tribunais de Justiça Popular**”.

aos anarquistas. No entanto, estes tinham representantes dentro do governo, e eles estavam ao menos sendo tolerantes com tal decreto. E faziam isso em nome da manutenção da aliança antifascista. Isso deixou muitos militantes de base furiosos com seus representantes, contribuindo para aumentar o descontentamento nas fileiras anarquistas. Por outro lado, temos que ter em mente que, ao menos neste momento, muitos comitês de bairro e de cidade simplesmente ignoraram tal decreto e continuaram a operar normalmente, e a Generalitat nada podia fazer, pois tais comitês ainda tinham o apoio da base, estavam armados e eram fortes o bastante para resistir. Mas o arcabouço jurídico para a perseguição aos revolucionários já estava montado. A Prefeitura de Barcelona retomou suas atividades no dia 22 de outubro, com a seguinte composição: 9 membros da Esquerra; 9 da CNT; 2 do POUM; 3 da Ação Catalã; 6 do PSUC e UGT; 3 da União de Rabassaires. Os membros da CNT eram: Pérez Combina, Antonio Muñoz, Jaime Aragón, Juan Puig, Vicente Barriendos, Jaime R. Magriñá, Magin Cabruja, Ponciano Alonso e A. G. Gilabert.

Este era el **balance real** dejado por el CCMA en sus nueve semanas de existencia: **el paso de unos comités locales revolucionarios, que ejercían todo el poder en la calle y las fábricas, a su disolución en beneficio exclusivo del pleno restablecimiento del poder de la Generalidad.** [...] El retraso en la aplicación de los decretos, provocada por la sorda pero enconada resistencia de la militancia confederal, que aún estaba armada, hizo que el gobierno de la Generalidad se planteara como objetivo prioritario el desarme de la retaguardia, impulsando una campaña de propaganda contra los llamados “incontrolados”, que derivó hacia el objetivo secundario contenido en el repetitivo eslogan: “armas al frente”. La fuerte **resistencia** de la base anarcosindicalista **a la militarización** de las milicias, **al control de la economía y de las empresas colectivizadas** por la Generalidad, **al desarme de la retaguardia** y a la **disolución de los comités locales** se manifestó en un retraso de varios meses al cumplimiento real de los decretos del gobierno de la Generalidad sobre todos estos temas. Resistencia que, **en la primavera de 1937**, cristalizó en un gran malestar, al que se sumó el descontento por la marcha de la guerra, la inflación y la penuria de productos de primera necesidad, para desembocar entonces en **una crítica generalizada de la militancia cenetista de base a la participación de los comités superiores de la CNT-FAI en el gobierno, y a la política antifascista y colaboracionista de sus dirigentes**, a quienes se acusaba de la pérdida de “las conquistas revolucionarias del 19 de julio”⁴⁹⁴.

3.2 Das Prefeituras ao Decreto de Coletivização

No dia 10 de outubro, houve uma nova reunião dos comitês superiores. Discutiu-se problemas como a questão da próxima sementeira no campo e falou-se sobre um decreto aprovado há alguns dias, “[...] de sindicación forzosa tipo estatal que hace poco se promulgó,

⁴⁹⁴ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936.** Barcelona: Aldarull, 2013, p. 284-285, grifos do autor.

se acuerda nó aceptarlo⁴⁹⁵”. Foi discutido ainda o recém-aprovado Decreto de Constituição dos Conselhos Municipais, acrescentando-se que

[...] hoy será anunciado el Decreto sobre los futuros municipios, los cuales sé basarán sobre la proporcionalidad; **aún que habrá lugares que se sentirán molestados, tendrán que sacrificarse**; porque él Decreto, ó acuerdo nuestro tiende á la boa marcha, de todas las cosas de Cataluña, sin distinción de Regionales ni Comarcales; todos han de seguir el mismo marchamo, para la buena coordinación de tódos⁴⁹⁶.

No mesmo dia 10, o Solidaridad Obrera publicou um artigo em que defendeu a unidade. Afirmou que a vitória viria, mas para isso seria preciso evitar rachaduras no bloco antifascista. No entanto, argumentou que era

[...] frecuente observar cómo, incluso entre elementos acordes en unos mismos principios doctrinales, surgen, con el ímpetu del apasionamiento, ciego siempre a la razón, turbulencias en la disconformidad al cotejar las diferencias de apreciación. Y si aun entre afines en una determinada ideología brotan discrepancias, es de comprender que mucho más han de manifestarse entre elementos cuyas concepciones ideológicas son diferentes⁴⁹⁷.

Apesar das diferenças, continuou, como o perigo fascista atingia a todos indiscriminadamente, era preciso manter a frente única. E prosseguiu:

Por encima de las diferencias de fondo es indudable que está un objetivo apremiante: destruir al fascismo. **Después, una vez el peligro se haya desvanecido, se podrá discutir lo que proceda realizar**, lo que las circunstancias y la personalidad orgánica de cada sector aconsejen poner en práctica. Hacerlo ahora; invertir nuestras energías en discusiones desplazadas del momento, no cabe duda que seria un aliciente en favor de los enemigos, que sabrían aprovecharse para ocasionarnos una sangrienta derrota. Actuamos en conjunto distintos sectores, cuyas características doctrinales ya sabemos que no concuerdan. No obstante, podemos llegar hasta un límite de convergencia. Y esto es lo que todos hemos de respetar, este es lo que hemos de hacernos la promesa formal de no quebrantar. La vida cotidiana plantea múltiples problemas que es menester resolver sin dilación; de ahí pueden surgir serios conflictos, si por ambas partes no se pone empeño en resolverlos por vía del sereno razonar. Se hace de necesidad que exista, por parte de los elementos responsables de todas las tendencias unidas, un constante cambio de impresiones, previo el contacto de los representantes con los representados. De ahí, es factible ordenar la obra fructífera, susceptible de ofrecer los apetecidos resultados. Si hay quien, impulsado por el apasionamiento, precipitase hacia un desenlace agresivo en cuanto cabe a la expresión y a lo que a los hechos afecta, **estamos en el deber de frenar ciertos impulsos**, disuadiendo a quienquiera que en tal posición se sitúa. Hay que evitar pueda producirse un choque entre las tendencias antifascistas; que el odio pueda ancorarse y llegar a la agresión brutal sin reparar en consecuencias⁴⁹⁸.

⁴⁹⁵ REUNION DE COMITÊS. *Ata da reunião realizada no dia 10 de outubro de 1936*, p. 1.

⁴⁹⁶ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

⁴⁹⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. *Hoy más que nunca es necesaria la cohesión de todo el proletariado*. Barcelona, 10 out. 1936, p. 1.

⁴⁹⁸ Ibidem, p. 1, grifos nossos.

Assim, este trecho demonstra, em primeiro lugar, como o equilíbrio antifascista repousava em um ponto completamente instável. Era um barril de pólvora prestes a explodir, visto que as diversas organizações que dele faziam parte possuíam teorias e programas contraditórios uns em relação aos outros. Em segundo lugar, a manutenção do equilíbrio antifascista tinha como outro lado da moeda o congelamento do processo revolucionário, como ficou bem claro neste trecho também ao desejar que as discussões sobre a parte construtiva da sociedade viessem apenas depois da vitória contra o fascismo, o que pressupõe – de forma errada – uma separação entre as formas de luta e o projeto edificador da nova sociedade.

Outro importante artigo publicado neste mesmo dia pelo Soli tinha relação com os gêneros alimentícios. Começou afirmando que as filas que existiam nos locais de abastecimentos eram uma triste realidade e, o que era pior ainda, não se fazia nada para acabar com elas. Lembrou que uma semana atrás foi proposto o racionamento, e que a imprensa de Madri comunicou que ali havia se acordado o cartão de racionamento familiar. No entanto, o Solidaridad Obrera pedia para que a distribuição fosse feita por bairros, que faria com que os grandes núcleos não fossem congestionados.

Parece que se ha olvidado la importancia de la barriada. Un Comité puede en la barriada, llevar un perfecto control de la misma, cosa que no puede realizarse desde las Comisiones que poseen un carácter único en la población. A este Comité se le pueden confiar todas las atribuciones que requiera el cometido, pero estará supeditado a la vigilancia de los camaradas que se encargan de coordinar las actividades de todos los rincones y demarcaciones de la ciudad. Las tarjetas familiares permiten hacer un cálculo exacto de las necesidades de la población. La tarjeta puede constar de una serie de divisiones que corresponderán a los días de la semana. Y estas divisiones serán taladradas al realizar la compra, no pudiéndose comprar ni un gramo más después de haberse efectuado el taladro. Y se ha de tener en cuenta que a cada ciudadano se le podría señalar una cantidad que corresponda a las disponibilidades de los productos alimenticios⁴⁹⁹.

O artigo acrescentou ainda que não se poderia esquecer das pessoas que trabalhavam e eram beneficiadas com a comida grátis, o que deveria acabar, já que existia também os restaurantes coletivos nos locais de trabalho. Além disso, os que se beneficiassem de comida grátis poderiam fazer trabalhos que auxiliassem a revolução, o que, segundo o artigo, poderia evitar que contrarrevolucionários sabotassem a economia. Tratava-se de buscar garantir que, diante de uma possível escassez de alimentos, todos pudessem comer, e ao mesmo tempo garantisse que os comitês de bairro acabassem por assumir a tarefa de distribuição dos gêneros alimentícios.

⁴⁹⁹ Idem. **Los abusos de distinta índole, que se cometen con cierta frecuencia, han de ser atajados sin pérdida de tiempo.** Barcelona, 10 out. 1936, p. 16, grifo nosso.

Outra publicação importante do Soli desta data foi um chamamento feito pelo Comitê de Defesa do Bairro de San Martín, que convidava todos os militantes e pessoas de todas as seções de sindicatos deste bairro para

[...] la reunión general que se celebrará el día 11 del corriente, en el nuevo local de los Sindicatos de la barriada [...] con el fin de ponernos en conocimiento de los asuntos que afectan al mismo y para su fiel desenvolvimiento en lo sucesivo⁵⁰⁰.

Isso demonstra que os comitês continuavam atuando nos bairros e funcionando por meio de assembleias, e de forma pública, mesmo após sua proibição.

Uma última menção a este número do Soli diz respeito aos decretos publicados nesta data. Como já foi mencionado anteriormente, o Solidaridad Obrera publicou em sua última página o Decreto de Constituição dos Poderes Municipais, mas não publicou em nenhuma página o Decreto de Dissolução dos Comitês, que “passou batido” pelo periódico. Não escreveu uma palavra em defesa dos comitês.

No dia 13, houve uma nova reunião dos comitês catalães. Falou-se, dentre outras coisas, da questão do problema econômico. O Comitê Regional apontou que “[...] no podemos transigir de ninguna manera, sobre lo de la colectivización. Pues es bien clara y terminante la declaración del CONSEJO⁵⁰¹”. Ou seja, afirmava-se que as coletivizações deveriam parar, ao menos temporariamente. Com isso, informou-se sobre a criação de um Instituto de Ciências Econômicas para capacitar técnicos. Falou-se também, e essa informação é muito importante, que “[...] la producción total del trabajo de nuestra Región catalana desminuye desgraciadamente un treinta y cinco por ciento⁵⁰²”. Como explicação, foi afirmado que havia a sabotagem da revolução, iniciando uma discussão sobre o que fazer com os sabotadores, sejam conscientes disso ou não, falando-se desde fuzilamento até a busca por esclarecimentos em assembleias, elocução pelo rádio, panfletos etc. Conforme a ata da reunião, esta última via foi a que predominou. Na reunião, também se falou em centralizar a produção e

[...] ir por la creación de una FEDERACION DE INDUSTRIAS, para que éste órgano REGULIZE Y CONTROLE, todas las cosas derivadas del trabajo. – **Se debe de mandar un interventor nombrado por la Organización por el Sindicato, y avalado por el mismo Taller ó Fábrica, de las empresas colectivizadas para que éste, lleve el control de la misma y evite todo colapso de la producción, por todos los medios que estén a su alcance.** Nó bastará que se exijan sacrificios á los compañeros todos dentro del trabajo que ejecutan; hay que señalarles los peligros de

⁵⁰⁰ EL COMITÉ. Comité de Defensa de la barriada de San Martín. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 10 out. 1936, p. 11.

⁵⁰¹ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 13 de outubro de 1936**, p. 1.

⁵⁰² Ibidem, p. 1.

la no producción, para que él compruebe los peligros que existen derivados de su actitud, que se considerará factiosos si prosigue la misma. Hacerle ver al mismo tiempo que: Los SACRIFICIOS de hoy, serán BENEFICIOS, que mañana recojerá⁵⁰³.

Continuando a discussão do tema, Escorza completou enfatizando que se deveria estimular os operários

[...] hacendoles ver por ejemplo: Que en tál Fabrica ó Taller han producido tal CANTIDAD de trabajo, y con tanta BELIEZA y PULCRITUD, realizado, que los demás dándose cuenta de su INFERIORIDAD, hagan lo posible y lo imposible si vale la frase, para superar á aquellos otros compañeros en CANTIDAD y CALIDAD⁵⁰⁴.

Ou seja, se propunha a introdução da competição entre os trabalhadores das diferentes fábricas como forma de elevar a produção. E, encerrando o debate, Souchy propôs publicar “[...] una revista Nacional en la cuál se detalle minuciosamente nuestra estadística económica. La que tendría diversas Oficinas en todas las regiones de la Península Ibérica⁵⁰⁵”.

No mesmo dia 13, o Boletín de Información publicou um manifesto da Coluna de Ferro, que se colocava contra o avanço da contrarrevolução e fazia três petições. Na verdade, sua crítica se dirigia à reorganização dos corpos repressivos da retaguarda que, por sua vez, era um dos subprodutos da recomposição do poder de Estado. Assim escreveu a Coluna de Ferro:

Los hombres que bajo la denominación común de COLUMNA DE HIERRO, luchamos contra la reacción clerical y militarista, en el Frente de Teruel, como anarquistas que somos, nos preocupamos a la par que de los problemas del frente, de los problemas de la retaguarda de los problemas de la ciudad. Por eso, cuando vimos que en Valencia las cosas no iban por el camino que nosotros hubiéramos deseado, **cuando constatamos que la retaguarda, lejos de ser una seguridad para nosotros era un motivo de preocupación**, una duda, es cuando decidimos intervenir, para cuyo efecto enviamos a las organizaciones interesadas las siguientes peticiones: **1ª Desarme total y disolución de la Guardia Civil; 2ª Inmediato envío al frente de todos los cuerpos armados al servicio del Estado (Asalto, Carabineros, Seguridad, etc.); 3ª Destrucción de todos los archivos y ficheros de todas las instituciones capitalistas y estatales**⁵⁰⁶.

O manifesto da Coluna de Ferro ainda explicou suas motivações.

Fundamentábamos esta petición desde dos puntos de vista: el revolucionario y el ideológico. Como anarquistas y como revolucionarios, entendíamos que era un peligro la existencia de la Guardia Civil, cuerpo notamente reaccionario, que a través del tiempo y particularmente durante este movimiento, tan a las claras ha patentizado su espíritu y sus procedimientos. [...] Pedíamos que todos los cuerpos armados fuesen al frente, porque en el frente hacen falta hombres y armas, y en la ciudad dado el

⁵⁰³ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

⁵⁰⁴ Ibidem, p. 2.

⁵⁰⁵ Ibidem, p. 2.

⁵⁰⁶ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La Columna de Hierro**. Barcelona, 13 out. 1936, p.1, grifos nossos.

estado actual de las cosas, más que una necesidad era y es un estorbo su estancia. Este punto lo hemos alcanzado a media y no cejaremos hasta su completa persecución⁵⁰⁷.

No mesmo manifesto, ainda, a Coluna de Ferro fez sua defesa quanto às acusações recebidas. Disse que a coluna nada tinha a ver com a morte do socialista José Pardo Aracil e afirmou que “Jamás hemos pensado en atacar a los socialistas ni a los demás sectores antifascistas⁵⁰⁸”. E o manifesto terminou deixando claro qual era a finalidade da luta para a coluna:

Nuestra posición, en estos momentos decisivos para el desenvolvimiento de España, es clara y terminante: Con todos nuestros hombres, con toda nuestra energía, con todo nuestro entusiasmo, lucharemos hasta aplastar para siempre al vil fascismo. **Luchamos por realizar la REVOLUCION SOCIAL.** Marcharemos hacia la ANARQUIA. Por eso, ahora y después, defenderemos todo lo que tienda a vivir con más libertad, a romper los yugos que nos oprimían, a destruir los vestigios del pasado. Decimos a todos los trabajadores, a todos los revolucionarios, a todos los anarquistas. En el frente y en la retaguardia, allí donde estéis: luchad contra todos los enemigos de vuestras libertades, destrozad el fascismo. Pero impedid también que con el fruto de vuestros esfuerzos se instaure un régimen dictatorial que sería la continuación con todos sus vicios y defectos, de todo el estado de cosas que tratamos de hacer desaparecer. Ahora con las armas y después con las herramientas de trabajo, aprended a vivir sin tiranos, a desenvolveros por vosotros mismos, único camino hacia la libertad. Este es el sentir de la Columna de Hierro y, clara y llenamente, lo expone. Compañeros: **!MUERA EL FASCISMO! !VIVA LA REVOLUCION SOCIAL! !VIVA LA ANARQUIA!**⁵⁰⁹.

Assim, no manifesto ficou claro que, para a Coluna de Ferro, a luta tinha uma finalidade revolucionária, pela implementação do que chamavam de “comunismo libertário”, o que os colocava em rota de colisão com os dirigentes cenetistas, para quem, cada vez mais, a guerra e o colaboracionismo antifascista suplantavam a luta revolucionária. E este sentimento da Coluna de Ferro era compartilhado por muitos militantes cenetistas, estejam eles na frente ou na retaguarda.

No mesmo Boletín de Información, a Federação Local de Sindicatos de Barcelona publicou algumas consignas para o momento em que se vivia, publicadas também no Solidaridad Obrera do dia seguinte. A consigna número um salientou que, em virtude do momento atual, “[...] todos los trabajadores – de ambos sexos – manuales e intelectuales, nos hemos de considerar mobilizados⁵¹⁰”. A terceira enfatizou que, por se estar em guerra, “[...] no se podrán presentar nuevas bases de trabajo, máxime, si éstas han de agravar la nueva

⁵⁰⁷ Ibidem, p. 1.

⁵⁰⁸ Ibidem, p. 2.

⁵⁰⁹ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

⁵¹⁰ Idem. **Consignas de la Federación Local de Sindicatos Únicos de Barcelona.** Barcelona, 13 out. 1936, p. 7.

economia⁵¹¹”. A quarta afirmou que “Cuando se trabaje, sobre todo, en producciones que tengan una relación directa o indirecta en la lucha antifascista, no se podrá exigir que se respeten las bases de trabajo, ni en salarios ni en jornadas⁵¹²”. Falou-se também em intensificar a produção, em controlar os preços das mercadorias e alimentos – que não poderiam ser reajustados sem autorização dos organismos competentes –, e até de não se fazer festas durante os dias de semana, pois prejudicavam o esforço de guerra, acrescentando que os comitês, sindicatos e delegados de fábricas, oficinas e obras são os encarregados de velar pelo cumprimento dessas consignas. Pediu-se que as dez consignas fossem fixadas nas fábricas, oficinas e demais localidades.

Neste mesmo dia 13 de outubro, foi decretada a criação dos Tribunais Populares na Catalunha, sendo publicado no Diário oficial dois dias depois e assinado por Tarradellas e Andrés Nin, respectivamente Primeiro Conselheiro e Conselheiro de Justiça. Estes serviriam para limitar a competência dos Jurados Populares, criados em 24 de agosto. Conforme o decreto, os Tribunais Populares visavam perseguir e

[...] sancionar tots aquells actes que, com a exemple, s’expressen en el seu art. 2 i que abarquen des dels actes d’espionatge a l’activitat derrotista passant por tots aquells altres, com els de caràcter terrorista, amb els quals, certs irresponsables, obeïnt a típiques formes de ressentiment i aixoplugant-se en una franca impunitat, es prenen justícia en forma que repugna a la consciència justa de les masses treballadores i constitueix una deshonra per a la revolució. També s’estimen delictius, con a terroristes, els escorcolls domiciliaris sense obeir ordres de les autoritats legítimes; les denúncies sense altre fonament que satisfer venjances personals, i tots aquells altres que, com augments de preus injustificats, especulació, acaparament, etcètera, poden considerar-se com a actes contrarevolucionaris dirigits a sabotejar la nova estructuració econòmica^{513, 514}

Assim, criou-se um arcabouço jurídico-estatal para legalizar o combate aos fascistas infiltrados na retaguarda – era essa, a priori, a função dos Tribunais Populares. No entanto, a definição de quem poderia ser considerado um inimigo era ampla o suficiente para, no mínimo, abrir a possibilidade de perseguição a qualquer dissidente. No primeiro artigo do decreto, foi

⁵¹¹ Ibidem, p. 7.

⁵¹² Ibidem, p. 7.

⁵¹³ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 289, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 194.

⁵¹⁴ Tradução: “[...] sancionar todos aqueles atos que, como exemplo, se expressem em seu artigo 2º e que abarcam desde atos de espionagem até a atividade derrotista, passando por todos aqueles como os de caráter terrorista, com os quais, certos irresponsáveis, obedecendo a típicas formas de ressentimento e acolhendo-se em uma franca impunidade, tomam justiça em forma que repugna a consciência justa das massas operárias e constitui uma desonra para a revolução. São estimados ainda os delitos, como terroristas, as revistas domiciliares sem obedecer às ordens das autoridades legítimas; as denúncias sem outro fundamento que satisfazer vinganças pessoais e todos aqueles que, como aumento de preços injustificados, especulação, açambarcamento etc., podem ser considerados como atos contrarrevolucionários dirigidos a sabotar a nova estruturação econômica”.

dito: “És considerat feixista tot acte que directament o indirectament coadjuvès a la rebel·lió militar i al moviment feixista del 19 de juliol del 1936⁵¹⁵”⁵¹⁶. Já no segundo afirmou:

És considerat contrarevolucionari tot acte dirigit contra la nova estructuració politico-social derivada de la transformació social, o que intenti destruir o pertorbar l’ordre jurídic a la seva empara i, concretament: a) La rebel·lió armada contra els organismes politico-administratius creats per la revolució; b) El manteniment de relacions amb finalitats contrarevolucionàries amb països estrangers; c) L’espionatge, transmissió, captació o compilació de notícies de caràcter polític o econòmic amb la finalitat de trametre-les als facciosos, governs estrangers, organitzacions o persones contrarevolucionàries; d) El sabotatge a la nova economia; e) L’activitat terrorista en qualsevol dels seus aspectes; f) La propaganda, agitació o persuasió contrarevolucionàries; g) L’activitat derrotista. H) En cas de denúncia falsa, el denunciant incorrerà en la mateixa responsabilitat i pena que hauria correspost al delictes falsament imputat^{517,518}.

O quinto artigo ainda salientou que o Tribunal

[...] decidirà, segons la seva convicció moral, lliurement formada, sobre si els fets perseguits tenen relació amb el moviment feixista o són contrarevolucionaris i apreciarà, en el seu cas, les circumstàncies modificatives de la responsabilitat, la transcendència del fet i els antecedents de l’acusat^{519,520}.

Quanto à composição dos Tribunais, seriam formados por um Presidente e oito membros, um de cada organização: CNT, FAI, UGT, PSUC, POUM, Esquerda e União de Rabassaires. As seções locais de tais organizações elaborariam uma lista com 16 nomes e, então, o Presidente do Tribunal faria um sorteio para determinar quem faria parte de fato. Os Presidentes dos Tribunais seriam nomeados pelo Conselheiro de Justiça.

⁵¹⁵ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 289, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 194.

⁵¹⁶ Tradução: “É considerado fascista todo ato que, direta ou indiretamente, coadjuve a rebelião militar e o movimento fascista de 19 de julho de 1936”.

⁵¹⁷ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 289, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 194.

⁵¹⁸ Tradução: “É considerado contrarrevolucionário todo ato dirigido contra a nova estrutura político-social derivada da transformação social, ou que tente destruir ou perturbar a ordem jurídica criada a seu amparo e, concretamente: a) A rebelião armada contra os organismos políticos administrativos criados pela revolução. b) A manutenção de relações com finalidades contrarrevolucionárias em países estrangeiros. c) A espionagem, transmissão ou compilação de notícias de caráter político ou econômico com a finalidade de transmiti-las aos facciosos, governos estrangeiros, organizações ou pessoas contrarrevolucionárias. d) A sabotagem da nova economia. e) A atividade terrorista em qualquer de seus aspectos. f) A propaganda, agitação ou persuasão contrarrevolucionária. g) A atividade derrotista. h) Em caso de denúncia falsa, o denunciante incorrerá na mesma responsabilidade e pena que teria correspondido ao delito falsamente imputado”.

⁵¹⁹ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 289, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 195.

⁵²⁰ Tradução: “[...] decidirá, segundo sua convicção moral, livremente formada, sobre se os fatos perseguidos têm relação com o movimento fascista ou são contrarrevolucionários e apreciará, em seu caso, as circunstâncias modificativas da responsabilidade, a transcendência do fato e os antecedentes do acusado”.

O Boletín de Información do dia 14 trouxe um artigo que denunciava o processo de burocratização que estava ocorrendo na retaguarda, clamando pelo combate aos novos “emboscados”. Depois de dizer que não elucidariam nomes, nem partidos, nem organizações, acrescentou que o certo “[...] es que llegana nosotros diariamente, denúncias concretas de que ciertos sectores antifascistas, están creando una nueva planta parasitaria de la revolución en marcha⁵²¹”, e chamou as organizações para que “[...] procuren sanear las filas de la retaguardia, cortando de cuajo y raíces, esta planta parásitaria que se define por ‘emboscado’ y ‘enchufista’⁵²²”. E finalizou:

Estamos aniquilando una sociedad de parasitos, regida en beneficio propio por varias clases privilegiadas y si somos implacables para los desaprensivos vividores de ayer, también hemos de serlo para quienes hoy pretendan mantenerse del esfuerzo ajeno. Cuando docenas de miles de hombres ofrendan generosamente su vida en los frentes y somos legión los que trabajamos en jornadas intensivas de diez y de doce horas, no es posible tolerar que a nuestra espalda, llamándose defensores de la causa antifascista, se embosquen y se diviertan, sin trabajar, sin hacer el menor sacrificio, esos miserables que aspiran al título de “señoritos de la revolución”⁵²³.

O mesmo Boletín informou⁵²⁴ sobre uma clara – e corriqueira – manifestação de solidariedade. A fábrica Petit Material Electric, que era uma coletivização conjunta CNT-UGT, enviou para as milícias de Barcelona 24 pares de meias de lã, 24 pares de luvas de lã, 27 camisas de flanela, 27 jaquetas de lã e 6 cobertores de lã. Mas o que chamou a atenção neste tipo de manifestação não foi a quantidade enviada que, no caso, foi modesta – embora existissem casos de ajudas significativas e, no total, elas eram bastante importantes –, e sim a demonstração da proximidade que havia entre as empresas coletivizadas e as milícias operárias, além dos comitês de bairro, cidade ou povoado e alguns sindicatos que formavam o núcleo duro do processo revolucionário. E é por isso que atacá-los era um imperativo para quem almejava a volta à situação anterior ao 19 de julho.

Já o Solidaridad Obrera deste mesmo dia 14 trouxe algumas questões importantes. A primeira delas foi uma discussão com relação às revigoradas prefeituras. O artigo afirmou que a revolução criou organismos para resolver as necessidades do momento, mas que faltava uma estreita relação para uma imediata compenetração e ordenação das questões administrativas. Não havendo uma rede de controle de desenvolvimento das comarcas catalãs surgiram, então, múltiplas dificuldades, pois “[...] dábase el caso que una disposición adoptada en determinada

⁵²¹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Guerra a los emboscados**. Barcelona, 14 out. 1936, p. 9.

⁵²² Ibidem, p. 9.

⁵²³ Ibidem, p. 9.

⁵²⁴ Idem. **Milicias Barcelona**. Barcelona, 14 out. 1936, p. 10.

localidad repercutía en sentido desfavorable⁵²⁵”, ou seja, era dificultada a adoção de medidas conjuntas para toda a Catalunha pelo fato, dentre outros, da diferente composição política do poder municipal – os comitês – de cada localidade. E completou:

Los Municipios van a tomar ahora el aire popular, el aseptcto sencillo del que hasta la fecha han carecido. Investidos de una prosopopeya y empaque autoritarios, los ediles considerábanse revestidos de un poder omnímodo y a su antojo hacían y deshacían, medrando y haciendo caso omiso de la voluntad de los ciudadanos, máxime cuando éstos eran trabajadores. Actualmente los Municipios, con un carácter meramente administrativo, no han de ser más que organismos integrados por individuos, sin otras prerrogativas que aquellas inherentes a los demás trabajadores, puesto que, en suma, sus componentes no han de ser otra cosa que obreros participando en la tarea transformadora que conlleva el instante en que vivimos. Hay que deshacer el rancio concepto jerárquico que catalogaba a los individuos en mérito y estima, según las funciones que realizaba, según el relieve social que asumía. Todos hemos de ser iguales en derechos y deberes, plasmando esta observancia en la realidad cotidiana. [...] Sin perder la autonomía inherente a cada localidad en aquellas cuestiones que afecten a obras públicas, administración, cultura, defensa, etc., en contacto con el Consejo de la Generalidad, podrá llevarse a efecto una acción responsable con la coordinación regional que se requiere, al efecto de que no vayan las actividades de una localidad en detrimento de otra. Ahora, como bien ha indicado nuestro Comité Regional, es necesario que los Sindicatos procedan de un modo activo y con un claro discernimiento. Hace falta que los Consejos Municipales, que de hecho tienden a simplificar y dar mayor eficacia a la estructura orgánica de la vida social en las diversas localidades, tengan el dinamismo y la solvencia que se precisa. De esta forma podrán llevarse a feliz término cuantas cuestiones resulten de interés en las relaciones necesarias del individuo con la colectividad. Los Consejos Municipales reflejarán, en toda su acepción, las ansias renovadoras, el espíritu revolucionario de cada localidad. De ahí que deban ser componentes de estos Consejos individuos que merezcan la plena confianza de sus respectivos organismos representados, individuos que sepan captar las manifestaciones, los anhelos de todo el sector social que representen. Individuos que comprendan el alcance transformador del periodo en que vivimos⁵²⁶.

O mesmo Soli publicou ainda duas manifestações de duas personalidades importantes. Na primeira delas, o Presidente da Generalitat, Companys, em uma declaração aos jornalistas, após citar o decreto que suprimiu os comitês, foi bem enfático:

El programa del nuevo Consejo, que tanta confianza despertó por el anhelo de la opinión pública de imponer un ritmo, una ordenación y una responsabilidad a los organismos rectores de la vida pública, será cumplido exactamente. **No tiene que haber ni habrá nada incontrolable ni perturbador que perjudique y que escape al control y a la dirección del Consejo**, que representa la voluntad concertada de todos los elementos sindicales y políticos antifascistas⁵²⁷.

A segunda manifestação publicada pelo Soli foi a do Conselheiro de Economia, o cenetista Juan Fábregas. Este deu conta de suas andanças pelas comarcas de Tarragona e Baix

⁵²⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **Hacia un control eficaz de la vida social de los pueblos**. Barcelona, 14 out. 1936, p.1.

⁵²⁶ Ibidem, p. 1.

⁵²⁷ Idem. **Del Consejo de la Generalidad**. Barcelona, 14 out. 1936, p. 2, grifo nosso.

Ebre, cuja finalidade era estudar a economia da região e “[...] ordenar la nueva estructuración de los nuevos Municipios de Cataluña, como consecuencia del decreto promulgado el sábado por el Consejo de la Generalidad⁵²⁸”. E completou:

Esta nueva ordenación tiene una importancia extraordinaria, porque es el paso de un período de convulsiones a otro de estabilización de la vida local. Como saben ustedes, estos nuevos organismos municipales aglutinan todos los diversos organismos que de una manera esporádica habían nacido al calor de la revolución, como eran los Consejos de economía, el C.E.N.U., el de las Milicias, etc. Todos ellos desaparecen y sus funciones quedan concentradas a los Ayuntamientos. Tengo interés en hacer constar que hace unos quince días publiqué una orden suspendiendo todas las colectivizaciones e incautaciones que se venían practicando en los establecimientos industriales y agrícolas, y he visto con satisfacción que esta disposición ha sido acatada en toda Cataluña, y dentro de breves horas espero sea aprobado un decreto por el que se normaliza todo lo que afecta a esta base de la nueva organización de la vida económica social de Cataluña. La complejidad de este problema ha dado lugar a una labor intensa en la cual todos los sectores que forman el frente antifascista y que están representados en el Consejo de la Generalidad, colaboran lealmente en la estructuración de este Decreto, la importancia del cual es capital para la consolidación de nuestra vida económica. Replicando a algunas manifestaciones hechas por elementos responsables en la Prensa, ha de hacer constar que, al ser constituido el actual Consejo de la Generalidad, hizo una declaración de principios que todo el pueblo recuerda y desea ver cumplido. Por tanto, la colectivización, que es una aspiración unánime de los pueblos, fue aceptada en aquel manifiesto del Consejo de la Generalidad, y todos los sectores que lo aprobaron tienen el deber de llevarlo adelante con una actuación tanto en el orden público como particular, que no desdiga de aquel punto de coincidencia a que llegamos voluntariamente⁵²⁹.

Há ainda outras duas menções importantes a se fazer em relação a esta edição do Soli, e que demonstram o clima do momento. A primeira delas é uma nota do Comitê de Controle Operário de Ovos de Barcelona, da CNT-FAI, e que mostra a que pé estava a questão dos abastecimentos. Eis o texto na íntegra:

De acuerdo con la Consejería de Abastecimientos, este Comité de control obrero comunica a todos los ciudadanos, tanto comerciantes, recaderos, particulares y en general a todos los que se desplazan a los mercados, que todo bulto o cesto de huevos que llegue a Barcelona y que no esté consignado a este Comité de control obrero de huevos, les será requisado y distribuido su contenido entre los hospitales, sin que dichos ciudadanos tengan ningún derecho a reclamación, no abonándoles la más pequeña cantidad por dicho concepto. Esta medida enérgica se ha visto obligado a tomarla este Comité, debido a los abusos que actualmente se venían cometiendo en perjuicio del pueblo consumidor, puesto que estos cestos de mercancías que se introducen sin antes pasarlos por el Comité de control se venden para lucros personales a los precios que les da la gana. Tanto el Comité como el pueblo consumidor no pueden consentir que los huevos se cobren a precios superiores a la tasa aprobada por el Comité de Abastos⁵³⁰.

⁵²⁸ Idem. **El consejero de Economía, compañero Fábregas, expresa la impresión de su viaje a las comarcas de Tarragona y Tortosa.** Barcelona, 14 out. 1936, p. 11.

⁵²⁹ Ibidem, p. 11.

⁵³⁰ Idem. **Serán requisados los huevos que se introduzcan clandestinamente en la ciudad.** Barcelona, 14 out. 1936, p. 9.

A segunda importante menção diz respeito à convocação de uma assembleia para o dia seguinte, 15 de outubro, por parte do Comitê do Bairro de San Martín, o que novamente demonstra que, mesmo depois da dissolução oficial dos comitês revolucionários, eles continuaram existindo e realizando assembleias, e de maneira pública. Eis a convocação na íntegra, com as pautas a serem discutidas.

Atravesando este Comité momentos de responsabilidad ante a serie de problemas que le ha planteado, la situación de la barriada, y teniendo que darles una rápida solución, se convoca a todas las Juntas de Sindicatos, Secciones y grupos militantes de la barriada a la asamblea que se celebrará mañana, jueves, a las ocho y media de la noche, en el local social del Ateneo Libertario del Clot, Plaza del Clot, 3, bajo el siguiente orden del día: 1º. Nombramiento de Mesa de discusión. 2º. Lectura del acta anterior. 3º. Este Comité de Defensa, ¿tiene razón de existir? En caso afirmativo, ¿quién lo representará? ¿Delegaciones directas de los Sindicatos, o Grupos de Defensa? 4º. No contando con medios económicos este Comité para subsanar los gastos que se le originan, ¿de donde debe nutrirse para su desenvolvimiento? 5º. ¿Entiende la barriada que debe ser la Comisión de Abastos integrada por los compañeros de Defensa, o independiente de ellos? 6º. Asuntos generales. Como pueden apreciar los compañeros, se trata de la resolución apremiante de una serie de problemas que nos afectan a todos. Por eso creemos que huelga el ruego de la puntual asistencia, esperando de todos que sabréis cumplir con este ineludible deber⁵³¹.

Em 15 de outubro, foi promulgado por Fábregas, cenetista e Conselheiro de Economia da Generalitat, um novo e importante decreto, que instituía o monopólio das importações e exportações provenientes da Catalunha. Ele foi publicado no Diário Oficial da Generalitat do dia 21 e saiu também no Boletín de Información do dia 22 e no Solidaridad Obrera do dia 23. O preambulo do decreto assinalava que “El comerç exterior de Catalunya s’ha de dirigir com una solo i gran explotació, única manera de resoldre les difícils i complexes qüestions que presenta aquest aspect de l’Economia^{532,533}. E completava:

La centralització en un só organisme del control do les exportacions i importacions representarà un considerable perfeccionament mitjançant l’aplicació del principi collectivista industrial i del règim de monopoli del comerç exterior; es supritueixen fonamentalment els intermediaris innecessaris, veritables paràsits de la producció, i, par tant, es lluita contra tot beuefici que no descansi sobre el treball i contra l’encariment del valor dels productes^{534, 535}.

⁵³¹ EL COMITÉ. Comité Revolucionario de la barriada de San Martín. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 14 out. 1936, p. 13.

⁵³² DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 295, Ano IV, Volume IV, 21 out. 1936. p. 282.

⁵³³ Tradução: “O comércio exterior da Catalunha deve dirigir-se como uma única e grande exploração, única maneira de resolver as difíceis e complicadas questões que apresenta este aspecto da economia”.

⁵³⁴ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 295, Ano IV, Volume IV, 21 out. 1936. p. 282.

⁵³⁵ Tradução: “A centralização em um só organismo de controle das exportações e importações representará um importante aperfeiçoamento mediante a aplicação do princípio coletivista industrial e do regime de monopólio do comércio exterior; serão suprimidos fundamentalmente os intermediários desnecessários, verdadeiros parasitas da

O decreto em si criava a Junta de Comércio Exterior da Catalunha, que seria formado por quatro membros, representantes dos Conselhos de Finanças, Agricultura e Abastecimentos. Estabelecia também o monopólio do comércio exterior da Catalunha, de forma que toda importação e exportação deveria ser autorizada, e tudo o que não estivesse validado seria considerado contrabando. Tal medida era uma necessidade de momento, pois a guerra civil ocasionou uma grande perda de mercado consumidor e de fornecimento de matérias-primas. Foi uma tentativa de buscar diminuir ou acabar com as disputas entre os diversos comitês, que concorriam entre si no exterior tanto em relação à exportação de mercadorias, causando uma baixa em seus preços de venda, quanto em relação às importações, que fazia com que seu preço aumentasse. Mas tal medida esbarrava nos defensores dos interesses dos comerciantes e fazendeiros, que propugnavam uma maior liberdade para que se pudesse comprar e vender produtos no mercado, ou seja, menos regulações, o que fatalmente se traduziria em preços elevados e fome entre os trabalhadores com menor remuneração. Os que fizeram mais oposição ao controle de preços neste momento foram os republicanos e comunistas – comunistas seguidores do regime de Moscou –, pois defendiam que o processo revolucionário deveria ser adiado e que a luta se resumia à defesa da república frente ao fascismo.

O Soli do mesmo dia 15 de outubro também trouxe algumas informações importantes. Primeiro, foi publicada uma série de falas de milicianos que lutavam na frente de Caspe, mostrando um pouco do que pensavam os que estavam na frente de batalha. Suas palavras demonstravam mais uma vez a estreita ligação que existia entre as milícias operárias e o processo revolucionário, ou seja, os comitês de cidade e bairro e as empresas autogeridas, como fica evidente na fala de um deles:

Yo, contrariamente a lo que puedan afirmar otros camaradas, no creo que esto sea una guerra. No. **Estamos en plena Revolución social**, que no es ni puede ser lo mismo. Claro que existen frentes donde se lucha intensamente con todos los procedimientos bélicos, igual que en una guerra regular; pero esto es algo más profundo, es – y que conste bien claramente, ya que no quiero ni pretendo engañar a nadie – es, repito, **un gran movimiento de transformación social**, ya que un sistema decadente de convivencia muere sepultado por sus propios errores, para dejar paso a un nuevo sistema de convivencia más en armonía con la época actual que vivimos. [...] El pueblo lucha revolucionariamente, contribuyendo con su esfuerzo y con su sangre para que la transformación de las instituciones que regian la vida de la sociedad capitalista desaparezcan para siempre. [...] **No somos guerreros profesionales**, ni siquiera militaristas. Somos profundamente revolucionarios, amantes de la Libertad, de la Equidad y de la Justicia; por eso luchamos y seguiremos luchando incansablemente, para que el pueblo obtenga un rotundo triunfo que sea realmente eficaz y no ficticio⁵³⁶.

produção e, portanto, luta-se contra todo ganho que não resulte do trabalho e contra o encarecimento do valor dos produtos”.

⁵³⁶ ASTURIAK. Hablan nuestros milicianos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 15 out. 1936, p. 2, grifos nossos.

No mesmo número do Soli também foi publicado um artigo de Juan Peiró por meio do qual ele fez algumas críticas ao Comitê Central de Abastecimentos e cobrou mais descentralização nos abastecimentos e maior poder para os comitês de abastecimentos dos bairros que, por sua vez, estavam ligados aos comitês de bairro – e vale lembrar que estes haviam sido suprimidos por um decreto no último dia 9, mas, na prática, ainda continuavam operando na maioria das localidades. O argumento de Peiró era de que os comitês de abastecimentos poderiam conhecer os bairros que formavam seu perímetro e, portanto, fazer este trabalho de forma mais eficiente.

[...] La función del Comité Central de Abastecimientos [...] no ha de ser otra que la de conocer el conjunto de las necesidades de la zona o zonas de su jurisdicción y la manera y forma de atender a estas necesidades generales, pues al Comité Central incumbe tener una relación de los centros productores de artículos de primera necesidad [...] y los principales mercados de los mismos. Y el conocimiento de este conjunto de necesidades y la manera y forma de atenderlas, no quiere decir que en las tareas del Comité Central entre la de la distribución al hormiguero de industriales mayoristas y detallistas que a diario invade la sede del Comité⁵³⁷.

Ainda segundo Peiró,

La función de distribuir los productos alimenticios habría de estar coñada a los Comités de Abastos de las barriadas, cada uno de los cuales, como es comprensible, estaría en condiciones de conocer casi exactamente las necesidades de su respectiva barriada⁵³⁸.

Ainda em 15 de outubro, o Boletín de Información⁵³⁹ ressaltou que em Barcelona, onde o trabalho camponês já era coletivo nos bairros de Sans, Sarriá, San Martín e San Andrés, o Sindicato Único de Camponeses de Barcelona acabou por criar um caixa único, dando um pequeno passo para a socialização da produção agrícola na região.

No dia 15 também – publicado no dia 16 – o governo central decretou a criação do Comissariado Geral de Guerra,

[...] cuya principal misión consistirá en ejercer un control de índole políticosocial sobre los soldados, milicianos y demás fuerzas armadas al servicio de la República y lograr una coordinación entre los mandos militares y las masas combatientes [...] ⁵⁴⁰.

⁵³⁷ PEIRÓ, J. Hayamos de las centralizaciones. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 15 out. 1936, p. 3.

⁵³⁸ Ibidem, p. 3.

⁵³⁹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **El Sindicato Unico de campesinos de Barcelona presto a cumplir su deber revolucionario**. Barcelona, 15 out. 1936, p. 6.

⁵⁴⁰ GACETA DE MADRID. Número 290. Madrid, 16 de outubro de 1936, p. 355.

Isso significava, na prática, o início de um processo de militarização, visto que as milícias foram reunidas em um novo exército, o Exército Popular, que ficaria sob controle do governo central, embora tal processo só tenha se completado nos primeiros meses de 1937. Os que não se submetessem poderiam ficar sem o fornecimento de armas e víveres, o que inviabilizaria a luta na prática. A resistência foi grande, e muitos milicianos simplesmente abandonaram as linhas de frente e retornaram para a retaguarda, pois viam isso como um ataque frontal ao processo revolucionário. Aconteceram casos, por exemplo, como o da Coluna de Ferro, em que se resistiu bravamente contra o processo de militarização, inclusive, enviando homens para a retaguarda com o intuito de combater os elementos que julgavam ser contrarrevolucionários. Muitas milícias aceitaram a militarização apenas “de fachada”. Seriam abastecidas e continuariam com sua organização tradicional de milícia – por exemplo, elegendo seus comandantes com cargos revogáveis, discussões sobre as táticas a utilizar, igualdade na distribuição de comida etc. –, muito mais igualitária do que o sistema militar. Mas isso funcionou apenas por um período, e depois tiveram que ceder. Mas cabe salientar novamente que isso provocou um enorme descontentamento entre os milicianos, houve forte resistência e demorou um tempo até que essas medidas fossem de fato implementadas.

Dia 16 de outubro, o Boletín de Información publicou um artigo da Federação Local de Sindicatos Únicos de Barcelona complementando e desenvolvendo melhor as consignas que foram lançadas no mesmo Boletín no dia 13. Depois de falar sobre o levante de 19 de julho e da luta antifascista, apontou que todos os operários estavam mobilizados para a guerra, independente de sexo. “Todos los hombres útiles, desde los lugares que se les señalen, en la vanguardia o en la retaguarda, deben trabajar diariamente para la guerra y para la revolución⁵⁴¹”. Salientou que não se deveria ver sacrifícios para a vitória contra o fascismo.

El trabajo es una arma poderosa para vencer. Hay que trabajar de día y de noche, las horas que sean necesarias, hay que producir con intensidad, sin pensar en beneficios de orden particular o personal. Los Comités y delegados de fábricas, talleres, obras, campos, etc., tienen plenas facultades para exigir que en los lugares de producción no se confunda la libertad con el libertinaje⁵⁴².

Além disso, acrescentou que o interesse coletivo estava acima das conveniências individuais enquanto durasse a guerra.

⁵⁴¹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **!A todos los trabajadores! !Al pueblo en general!** Barcelona, 16 out. 1936, p. 10.

⁵⁴² Ibidem, p. 10.

Nadie debe pensar en reivindicaciones de carácter económico. La C.N.T., con ese desinterés que la ennoblece, ha determinado que nadie presente nuevas bases de trabajo ni pida mejoras de orden material, mientras duren las circunstancias actuales. De hecho están anuladas transitoriamente todas las bases de trabajo en las industrias de guerra y en aquellas otras industrias que puedan salvar la economía del país. La jornada de trabajo y el salario son cosa secundaria en los momentos actuales. Se debe trabajar cuantas horas sea necesario, sin reparar en el sueldo que se recibe. Las circunstancias mandan y a ellas debemos atenernos. Ganar la guerra y salvar la economía., deben ser las máximas preocupaciones de todos los obreros. Sin una economía floreciente y prospera, es imposible competir con el enemigo y consolidar la revolución. La economía es tan eficaz como las armas para ganar la guerra. No repararemos, pues, en ninguna clase de sacrificios. Los beneficios vendrán después, cuando hayamos ganado la guerra⁵⁴³.

O artigo falou sobre o cumprimento do dever e fez uma advertência aos especuladores.

El capitalismo no ha sido aún abolido. Existe todavía la propiedad privada. La revolución ha entrado solamente en su fase inicial. [...] Hay individuo que, aprovechándose de la situación actual, encarece el precio de los comestibles y demás artículos de primera necesidad, con la intención de producir una situación de descontento entre las masas productoras. El que encarezca la vida, a partir de este momento, será considerado como elemento faccioso y enemigo del nuevo régimen. Se procederá contra él con la máxima energía, no tolerándose que nadie se lucre a costa del esfuerzo ajeno⁵⁴⁴.

A matéria também fez referência aos objetivos da guerra, pospondo a revolução à guerra civil.

Todos debemos acostumbrarnos a la idea de que **la revolución no podrá triunfar hasta que no se gane la guerra.** Terminada ésta, vencido total y definitivamente el fascismo, tendremos el camino libre para todas las experimentaciones de utilidad colectiva. [...] Los miles y miles de camaradas caídos en los frentes de batalla, no dán la vida en balde. Se lucha contra el fascismo porque si quiere vivir en libertad, porque si quiere establecer la verdadera vida social. El pasado no volverá. Se otea en el horizonte la aurora de una vida nueva. Démoslo todo para la causa antifascista⁵⁴⁵.

E, finalmente, o artigo em questão terminou conclamando a unidade, que teria sido forjada em 19 de julho, e afirmando que a vitória na guerra era o único desejo do povo catalão.

El deseo unánime del pueblo catalán, del español y de la clase trabajadora mundial, es abatir al monstruo fascista. Y solo una idea debe encarnar nuestra mente: **TRIUNFAR SOBRE EL ENEMIGO.** Basta ya de animosidades. Hagamos nuestra la frase de la primera internacional: "Proletarios de todos los países, uníos"⁵⁴⁶.

⁵⁴³ Ibidem, p. 10.

⁵⁴⁴ Ibidem, p. 11, grifo nosso.

⁵⁴⁵ Ibidem, p. 11, grifo nosso.

⁵⁴⁶ Ibidem, p. 11.

No mesmo dia 16 de outubro, o Solidaridad Obrera publicou um artigo sobre os Tribunais Populares, qualificado como revolucionário.

Los nuevos Tribunales de Justicia podrán tener el carácter revolucionario que se requiere para tratar, como es menester, a cuantos, por uno o por otro procedimiento, obren como enemigos del proletariado. He llegado la hora de que el pueblo comprenda, observe que hace justicia. Crearonse los Jurados Populares con el propósito de juzgar los delitos de rebelión militar, surgidos a raíz del movimiento fascista del 19 de julio, pero se ha creído conveniente que se limitaran a esta exclusiva función, puesto que para el conjunto de ramificaciones en que se divide la justicia era de necesidad crear el organismo más apropiado, más em contacto con la voluntad popular. La consciencia pública podrá reflejar en los Tribunales Populares cuanto sea de positiva eficacia para asegurar con solidez lo que vamos conquistando, las normas consolidadoras del nuevo orden vigente. Los enemigos de la Revolución sabemos bien que no todos están en las filas facciosas que atacan en los frentes; los tenemos también en la retaguardia, en el ambiente donde desarrollamos nuestras actividades. Son enemigos que no atienden al razonamiento, que llevan en si el firme propósito de perjudicarnos, el deseo de hundir la obra que estamos levantando. Y es forzoso enjuiciar las acciones de quienes, cegados al buen raciocinio buscan hacer el mal, se complacen en perjudicar un sistema de convivencia que excluye las clases, las irritantes desigualdades económicas, baldón de la especie humana⁵⁴⁷.

O mesmo Soli ainda publicou uma nota do Departamento de Abastecimentos da Generalitat, na qual observou que, para um melhor controle e assistência às famílias sem trabalho e refugiadas em Barcelona, a partir do próximo dia 19 “[...] solamente se atenderá gratuitamente a personas cuya personalidad como trabajadores en paro forzoso sea avalada por su respectivo Sindicato⁵⁴⁸”. Isso fazia parte da tentativa de acabar com os abusos no tocante aos abastecimentos e, somado à campanha pela introdução do cartão de racionamento familiar e ao controle dos preços, buscar garantir uma maior equidade na distribuição dos víveres, o que beneficiaria principalmente os trabalhadores mais pobres.

Ainda no dia 16, houve uma reunião dos comitês cenetistas catalães. Falou-se de diversas coisas, como questões militares, assuntos de governo, dentre outros. Mas o interessante aqui foi uma discussão lançada por Doménech sobre o modo de evitar a escassez de combustíveis, que seria por meio de comitês de bairro e de distritos, todos eles dependentes do Comitê de Abastecimentos. A Federação Local respondeu que não seria possível aceitar isso até que os sindicatos de Barcelona o aprovasse, sendo que para isso seria realizada uma plenária. O Comitê de Defesa indagou se isto seria do agrado dos bairros – os comitês de bairro –, pois “[...] cómo que éstas han creado su forma de vivir y abastecerse desde el hecho revolucionario, están ahora celosas de su labor y **por nada se lo dejarán arrebatarse sin que cueste disgustos**

⁵⁴⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **El sentido popular de la justicia**. Barcelona, 16 out. 1936, p. 1.

⁵⁴⁸ EL CONSEJO DE LA GASTRONOMÍA. Departamento de Abastos de la Generalidad de Cataluña. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 out. 1936, p. 4

y sangre⁵⁴⁹”. Ou seja, mais uma vez, na fala de um dos principais dirigentes cenetistas, podemos verificar que havia uma grande inquietação entre os militantes de base, notadamente os comitês de bairro e cidade, e que poderia desembocar até mesmo em confronto aberto. Os comitês de bairro, mesmo após a publicação do Decreto de Constituição dos Conselhos Municipais e mediante ameaça de perseguições, continuavam operando e estavam armados. Daí a necessidade cada vez maior da Generalitat de controlar a posse de armas na retaguarda.

No dia 17 de outubro, o Comitê Central de Abastecimentos foi oficialmente destituído, sendo totalmente absorvido pelo Conselho de Abastecimentos da Generalitat. O Comitê Central de Abastecimentos foi fruto do processo revolucionário pós 19 de julho, e sua dissolução e absorção pelo Estado republicano em fase de reconstrução é elucidativa do que estava ocorrendo na Catalunha e na Espanha como um todo. O Soli do dia 28 de novembro dedicou uma reportagem⁵⁵⁰ ao Comitê de Abastecimentos, reconhecendo seu caráter revolucionário e tentando demonstrar que o Conselho de Abastecimentos era sua continuação.

No mesmo dia 17, o Soli publicou uma reportagem em que falou sobre as filas. Afirmou que nestas se fazia um trabalho que qualificou de contrarrevolucionário, levado a cabo por representantes da classe capitalista e facciosa, que se dedicavam a minar o entusiasmo vigente. E bradou:

Es necesario dar soluciones a este problema y al mismo tiempo atender y observar de manera concreta si la distribución de los productos alimenticios se hace con egoísmos particulares, en beneficio de los eternos privilegiados de la fortuna; se da el caso que en las vías céntricas de esta ciudad, nuestras compañeras, para obtener una pequeña cantidad de leche para sus pequeñuelos, encuentran infinitos obstáculos, mientras la clase explotadora contraria eternamente de los trabajadores, se les manda a su propio domicilio, asegurándoles de esta manera el impunitismo de manifestarse en las colas. Los Comités distributivos deben tomar nota y acelerar los acuerdos recaídos en nuestras organizaciones; la Revolución en marcha exige de nosotros concreción, dinamismo y actividad. Por nuestra causa, por el establecimiento de una sociedad más justa y equitativa, por y para tener la máxima grandeza en la victoria, estudiemos los aspectos económicos del momento actual revolucionario dándole soluciones inmediatas⁵⁵¹.

O mesmo Soli⁵⁵² ainda deu conta do surgimento do Conselho Regional de Defesa de Aragão⁵⁵³, que se reuniria no dia seguinte e teria sua primeira reunião.

⁵⁴⁹ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 16 de outubro de 1936*, p. 1, grifo nosso.

⁵⁵⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. *Obra constructiva de la Consejería de Abastecimientos*. Barcelona, 28 nov. 1936, p. 2.

⁵⁵¹ BRIONES, M. Aspectos del momento actual revolucionario. *Solidaridad Obrera*. Barcelona, 17 out. 1936, p. 11.

⁵⁵² SOLIDARIDAD OBRERA. *Ha quedado constituido el Consejo Regional de Defensa de Aragón*. Barcelona, 17 out. 1936, p. 16.

⁵⁵³ O Conselho Regional de Defesa de Aragão foi criado na Comunidade Autônoma de Aragão com o intuito de acabar com os abusos – requisições forçadas, dissolução de comitês etc. – realizados pelas milícias que atuavam

Dia 18 de outubro, domingo, houve um grande comício no Teatro Olympia, em Barcelona, patrocinado pelo Comitê Regional de Juventudes Libertárias. Várias figuras de destaque discursaram no evento, e tanto o Soli quanto o Boletín de Información publicaram os discursos proferidos, alguns deles de forma editada. Dentre os oradores estava Augustin Souchy, que falou sobre o caráter internacional da luta contra o fascismo e da esperança que a revolução na Espanha levava para os operários que estavam aprisionados pelo fascismo. E acrescentou.

Tenemos la seguridad que la Revolución libertará al proletariado español, como la Revolución francesa libertó el pueblo francés. Bajo el signo de la C.N.T. y la F.A.I. el proletariado de Cataluña ha abierto el peso a un socialismo verdadero y a una nueva época. No es el Estado el que toma la dirección, son los obreros mismos en sus Sindicatos. La libertad completa para todos los sectores proletarios, no existía en ningún otro país, ni allí donde la Revolución se decía había triunfado. Aquí en Cataluña es la primera vez que no solamente en la Economía sino en la vida política y cultural, comienza una vida libre, sin restricciones a ningún sector político⁵⁵⁴.

Outro a discursar foi Jacinto Toryho, que falou em nome da FAI. Ele começou apontando que a revolução estava em seu início, e que esta era feita “trabalhando”. “¡Hay que trabajar! ! Esta es la consigna de la C.N.T. que la F.A.I. hace suya⁵⁵⁵”. E completou:

La hora presente es la hora de trabajar desde que el sol nace hasta que oscurece, sin esgrimir las Bases que hicimos respetar la burguesía, bases que eran una arma de combate entonces, que hoy no; pues **en Cataluña ya no trabajamos para los adversarios, para el capitalismo; trabajamos para nosotros, trabajamos para todos, trabajamos para la colectividad social en la que están representados todos los intereses**⁵⁵⁶.

Toryho ainda bradou pela aliança revolucionária com todos os setores antifascistas e pela lealdade, e terminou seu discurso dizendo que se deveria sempre persuadir por meio do exemplo, do trabalho intenso.

O próximo a tomar a palavra foi o francês Sebastian Faure, o famoso anarquista que a esta altura já estava com 78 anos de idade. Ele falou primeiro sobre a defesa das liberdades, por

na região, além de organizar as coletividades que se formaram. Inicialmente, era composto apenas por anarquistas, mas logo incluiu outras forças do campo republicano. Seu Presidente era o famoso anarquista Joaquín Ascaso, irmão do também famoso Francisco Ascaso, morto nos primeiros dias de confronto. A convivência do Conselho de Aragão com os stalinistas e republicanos sempre foi bastante conflituosa, tanto por ele ter certa independência em relação aos poderes republicanos quanto por fomentar a revolução na retaguarda, ocorrendo vários conflitos até sua dissolução, em agosto de 1937.

⁵⁵⁴ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Las Juventudes Libertarias en el Teatro Olympia**. Barcelona, 19 out. 1936, p. 11.

⁵⁵⁵ Ibidem, p. 9.

⁵⁵⁶ Ibidem, p. 9, grifo nosso.

menores que fossem, mas também salientou que não apenas se tinha o propósito de derrotar o fascismo, “[...] sino que también tenéi el propósito de mejorar la existencia que hasta ahora habéis llevado, la organización social, demoler las instituciones que os aplastan y edificar sobre estas ruinas un mundo enteramente nuevo⁵⁵⁷”.

Uma outra figura proeminente a discursar neste evento foi a inglesa Emma Goldman. Ela elogiou os jovens e sua obra construtiva, dizendo que eles eliminaram os crimes do capitalismo, de exploração e miséria, as superstições da Igreja e a tirania do militarismo. Depois falou sobre a CNT e a FAI e disse que esta era “[...] la primera vez en la historia humana que una revolución es fomentada y dirigida por anarquistas, anarco-sindicalistas, por el Pueblo oprimido⁵⁵⁸”. Disse que três meses de revolução provaram serem falsas “[...] la idea estúpida, hasta entre los llamados intelectuales, de que anarquismo significa crimen y destrucción. Que no tiene programa social ni capacidad para una acción de conjunto⁵⁵⁹”.

O último a dissertar foi o anarquista italiano Camillo Berneri. Ele falou da influência mútua entre os anarquistas espanhóis e italianos ao longo do tempo, terminando por dizer que a Espanha era o último baluarte da liberdade e principal ponto de apoio para a derrota do fascismo, e que para os anarquistas italianos “Combatir en España al fascismo español, equivale [...] a combatir en Italia al fascismo italiano⁵⁶⁰”.

No dia 19, houve uma reunião dos comitês superiores⁵⁶¹ quando se falou sobre decretos e outros assuntos. Mas o que chamou a atenção nessa reunião foram algumas falas no sentido de se justificar o retorno dos novos poderes municipais, que foram ressuscitados pelo Decreto de Constituição dos Poderes Municipais – o Comitê Regional chegou mesmo a pedir sua rápida implementação –, além de se informar, sem que ninguém contestasse, que as milícias passariam a ser obrigatórias e também se tornariam parte de um exército regular, ou seja, seriam extintas e absorvidas em um exército convencional.

No dia seguinte, 20 de outubro, houve nova reunião dos comitês superiores cenetistas. O primeiro assunto tratado foi o dos refugiados que chegavam em grande número na Catalunha, decidindo-se pelo fechamento das fronteiras. A justificativa era a de que não havia condições de recebê-los, pois faltaria comida, moradia e demais serviços essenciais. O Comitê Regional chegou a informar que havia falado com o pessoal das ferrovias, pedindo que fizessem o possível para evitar que os refugiados passassem pelas fronteiras. Em seguida, discutiu-se sobre

⁵⁵⁷ Ibidem, p. 12.

⁵⁵⁸ Ibidem, p. 14.

⁵⁵⁹ Ibidem, p. 14.

⁵⁶⁰ Ibidem, p. 15.

⁵⁶¹ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 19 de outubro.*

um guia mandado pelos socialistas e, então, voltou-se a falar da Generalitat, citando novamente – e mais uma vez ninguém contestando – as milícias obrigatórias. Depois, passou-se a falar da questão da propriedade, concordando com a coletivização da grande propriedade e o respeito à pequena, e dizendo que deveria se buscar formas de trabalho coletivo que dessem o máximo de rendimento possível. Decidiu-se também o respeito ao pequeno comerciante. Sobre as relações com o governo central, acordou-se “[...] no haber colaboración con el Gobierno de Madrid, en primer lugar porque está en crisis, y en segundo lugar **hasta que nó séa en ves de Gobierno Consejo**⁵⁶²”. Sobre a questão da ordem pública, foi dito que “[...] **han de desaparecer tódos los grupos, que nó séan controlables**⁵⁶³”. Após isso, discutiu-se sobre a fuga de muitos membros do governo, que fugiam de Madri com medo de uma possível tomada da cidade pelos facciosos. Foram muito criticados pelos dirigentes cenetistas, que diziam que aqueles que fugiam eram os mesmos que alimentaram o fascismo e, por isso, concordou-se em enviá-los de volta para Madri. No entanto, para sanear estes fatos, decidiu-se por outra medida:

Se acuerda nombrar un Gobierno, cuyos componentes séan compañeros nuestros conocidos, cómo solventes y animadores de másas, cuya simpatia les acompañá en tódas sus actuaciones. –Muchos compañeros insinúan el desea de que Azaña séa detenido, y llevado al Uruguay, cómo un chorizo, y un infeccioso. Todos los compañeros, tánto de los cargos que ahora desempeñan, cómo los que pueda desempeñar en el futuro Consejo Nacional, han de ser de una continuidad ilimitada, no se pueden abandonar por ningún concepto hasta después de la Guerra⁵⁶⁴.

Assim, a reunião foi surreal por assim dizer. Primeiro, em uma atitude pouco humanitária – embora o problema dos refugiados que chegavam na Catalunha fosse realmente bastante grave –, pretendeu-se fechar as fronteiras da Catalunha e dificultar sua entrada. Depois, falou-se novamente na conversão das milícias em tropas regulares sem nenhuma intervenção contrária. Então, foi negada uma aliança com o governo de Madrid – ao mesmo tempo que se participava do governo da Catalunha – até que este fosse convertido em “Conselho”, ou seja, até que a nomenclatura fosse mudada e, mais importante ainda, até que a CNT passasse a fazer parte dele, pois era essa a intenção que estava por trás desse jogo de palavras, como ficou claro com as falas mais para o final da reunião. Entretanto, com o afastamento cada vez maior dos dirigentes cenetistas em relação à suas bases e aos revolucionários em geral, o descontentamento estava aumentando, principalmente entre os anarquistas de base, aos quais recebiam a alcunha de “incontrolados”. Como já foi colocado anteriormente, esta palavra reunia

⁵⁶² Idem. **Ata da reunião realizada no dia 20 de outubro**, p. 2, grifo nosso.

⁵⁶³ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

⁵⁶⁴ Ibidem, p. 3.

em um só termo tanto os trabalhadores que propugnavam um avanço do processo revolucionário quanto criminosos comuns que atuavam em seu proveito individual, e deveriam ser combatidos de forma indiscriminada. Daí o desejo dos dirigentes cenetistas de acabar com todos os grupos que não sejam “controláveis”, especialmente os comitês de bairro e cidade. Era uma necessidade da própria manutenção da política de colaboração e do antifascismo, que tinha como pano de fundo a defesa da ordem burguesa.

No mesmo dia 20, ainda, o Boletín de Información publicou um texto de Malatesta sobre o processo revolucionário e que, dependendo da interpretação, poderia ser entendido como uma corroboração das teses colaboracionistas, embora certamente não fosse essa a intenção de Malatesta no texto. Intitulado “Hacia la Anarquía”, Malatesta deixava claro em diversas passagens que a Anarquia – que pode ser entendida como um sinônimo do termo “comunismo libertário”, cujo uso era bastante difundido entre os cenetistas – não necessariamente seria implementada de uma forma rápida e imediata, como uma consequência instantânea do processo de insurreição. Em suas palavras, “No se trata, pues, de llegar a la anarquía hoy o mañana o dentro de diez siglos, sino de caminar hacia la anarquía hoy, mañana y siempre⁵⁶⁵”. E completou:

La anarquía es la destrucción de la miseria, de las supersticiones y del odio; pues cada golpe dado a las instituciones de la propiedad individual y del Gobierno, es un paso hacia la Anarquía, lo mismo que cada mentira desvelada, cada parcela de actividad humana sustraída al control de la autoridad, cada esfuerzo que tienda a elevar la consciencia popular y aumentar el espíritu de solidaridad y de iniciativa, así como a igualar las condiciones. El problema reside en el hecho de saber elegir el camino que realmente nos acerca a la realización de nuestro ideal y de no confundir los verdaderos progresos con esas reformas hipócritas que, bajo pretexto de mejoramientos inmediatos, tienden a distraer el pueblo de la lucha contra la autoridad y el capitalismo, a paralizar su acción, y a dejarle esperar que algo puede ser obtenido de la bondad de los patronos y de los Gobiernos⁵⁶⁶.

Sobre a questão do Estado, Malatesta escreveu:

Cada vez que la autoridad sea aminorada, cada vez que una mayor suma de libertad sea conquistada y no mendigada, habrá un progreso hacia la Anarquía. Por lo mismo cada vez también que **consideremos al Gobierno como un enemigo con el cual es preciso no pactar tregua jamás**; después de habernos convencido de que **la disminución de los males engendrados por aquél, no es posible sino con la disminución de sus atribuciones y de su fuerza y no con el aumento del número de los gobernantes, o por el hecho de hacerlos elegir por los mismos gobernados**⁵⁶⁷.

⁵⁶⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Cómo Errico Malatesta juzgaba el advenimiento de la Anarquía cuya visión va cumpliéndose con ritmo acelerado en España**. Barcelona, 20 out. 1936, p. 10.

⁵⁶⁶ Ibidem, p. 10.

⁵⁶⁷ Ibidem, p. 10, grifos nossos.

Em relação ao capitalismo e à propriedade, disse Malatesta:

Nosotros no podemos por el momento abolir la propiedad individual, no podemos por el instante disponer de los medios de producción necesarios para trabajar libremente. Tal vez no lo podamos todavía, fuera de un próximo movimiento insurreccional; pero esto no nos impide hoy ya, como no nos lo impedirá mañana, combatir continuamente al capitalismo. Cada victoria, por mínima que sea, de los trabajadores contra los patronos, cada esfuerzo contra la explotación, cada partícula de riqueza sustraída a los propietarios y puesta a la disposición de todos, será un progreso, un paso por el camino de la anarquía; como cada hecho que tienda a aumentar las exigencias de los obreros y a dar más actividad a la lucha, todas las veces que podamos enfrentarnos con lo que hayamos ganado, como una victoria sobre el enemigo y no como una concesión de la que tengamos que estar reconocidos, todas las veces que afirmemos nuestra voluntad de tomar por la fuerza a los propietarios, los medios que, protegidos por el Gobierno, ellos han quitado a los trabajadores⁵⁶⁸.

Assim, para Malatesta, o comunismo – chamado por ele de anarquia – não seria implementado de uma forma imediata, sendo fruto de vários pequenos avanços. No entanto, Malatesta pensava em momentos em que a revolução social não estava na ordem do dia, e não falou em colaboração dos anarquistas a partir do aparelho de Estado. Jamais pensou em se alcançar o comunismo via decretos ministeriais. E a publicação desse escrito que, repitamos, poderia gerar uma falsa interpretação se fosse retirado do contexto, dando suporte à política de colaboração dos anarquistas espanhóis, certamente não foi uma obra do acaso.

No dia 21 de outubro, houve nova reunião dos comitês cenetistas, quando mais uma vez a fala dos dirigentes demonstrou a resistência que existia entre os trabalhadores cenetistas para que a constituição dos poderes municipais fosse de fato implementada. Depois de discutir sobre alguns assuntos de menor importância, o representante dos Camponeses falou da “[...] mala interpretación que le han dado por los pueblos a los acuerdos tomados por la Organización, para formar los Consejos Municipales⁵⁶⁹”. O Comitê Regional respondeu que

[...] todo es debido a que ciertos compañeros que van por los pueblos haciendo propaganda, no la hacen en la debida forma que la debían hacer; ésto por una parte y por otra% Que los compañeros de los pueblos, todavía no se han querido dar cuenta de la realidad, Que no es otra que la de ser astutos y decididos y pedir en cada pueblo los puestos del Ayuntamiento, que mas interesen en aquella localidad. [...] Si en algún pueblo sucede alguna extralimitación, débese llevar este caso al compañero Aurelio. Nos aseguran los compañeros que recorren los pueblos, que debido a la mala interpretación, como ya hemos dito antes, **se cree que la C.N.T. quiere volver a introducir los moldes antiguos de la pasada sociedad⁵⁷⁰**.

⁵⁶⁸ Ibidem, p. 10.

⁵⁶⁹ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 21 de outubro*, p. 1.

⁵⁷⁰ Ibidem, p. 1-2, grifo nosso.

Montseny respondeu que “[...] en vez de Municipios, habrían de haber sido creados los Consejos Locales⁵⁷¹”, abrindo-se um debate com o Comitê Regional. Mas no fim todos aceitaram “[...] que de la manera que lo tenemos estructurado, si cada uno cumple con su deber, triunfaremos en toda la línea⁵⁷²”. O Comitê Regional insistiu então que “[...] no tiene que haber involucraciones⁵⁷³”, pois

En todas las comarcas se han hecho reuniones, en las que han acudido todos los Sindicatos, que se les han dado orientaciones, caminos a seguir, guiones, y han demostrado que lo comprendían así, y ahora, por ninguna causa, pueden excusarse, de no comprender el marchamo, que la Organización ha trazado⁵⁷⁴.

E, para finalizar a reunião, Borrás propôs

Que se nombren comisiones de tres compañeros, que recorran los pueblos, introduciéndose en los Municipios, haciendo como si dijéramos, de maestros de ceremonia, inculcando a los compañeros, todas aquellas lecciones, que deben menester para la buena marcha de los Municipios de aquella Localidad⁵⁷⁵.

Com as falas dos dirigentes anarquistas, fica bem claro que a constituição dos novos poderes municipais – e a consequente dissolução dos comitês de bairro ou cidade – estava tendo uma resistência das bases, bem como os dirigentes teriam que fazer um trabalho de convencimento. Mas não seria fácil, e o descontentamento em relação aos rumos que a revolução estava tomando era evidente.

No mesmo dia, o Boletín de Información publicou um discurso de Marianet feito pela Rádio CNT-FAI. Resumidamente, ele pediu unidade entre as diversas frações políticas e sindicais. Disse que “[...] no es posible hablar de unidad, si previamente no hablamos de lealtad y de responsabilidad⁵⁷⁶”. Marianet afirmou que a lealdade era obrigatória, pois sem ela não se teria unidade. Mas o que fazer com os que faltem com lealdade? “Los que tal hagan [...] son acreedores a ser juzgados por el tribunal popular más severo, por traidores a la historia y al proletariado que defiende la causa justa de los humildes, la causa de la libertad, la causa de los antifascistas⁵⁷⁷”. No entanto, acrescentou que à unidade se deveria acoplar um outro dever: a

⁵⁷¹ Ibidem, p. 2.

⁵⁷² Ibidem, p. 2.

⁵⁷³ Ibidem, p. 2.

⁵⁷⁴ Ibidem, p. 2.

⁵⁷⁵ Ibidem, p. 2.

⁵⁷⁶ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. M.R. Vazquez, *Secretário del Comité Regional, ante el micrófono E.C.N. 1 Radio C.N.T – F.A.I.* Barcelona, 21 out. 1936, p. 4.

⁵⁷⁷ Ibidem, p. 4.

responsabilidade. “Sin una actuación responsable por parte de todos, fracasa la unión, y la lealtad no sirve para nada [...]”⁵⁷⁸. E completou:

Ser responsables de nuestros actos públicos y privados y lograr ser determinantes en todo momento, es algo consubstancial con el hecho. Pero, cuando hablo de irresponsabilidad, no solo me refiero a la irresponsabilidad inconsciente, realizada por incapacidad, por incomprensión o por testarudez. Me refiero también, a la irresponsabilidad premeditada, a la irresponsabilidad prevista⁵⁷⁹.

Marianet acrescentou que os confederais e os anarquistas, após o 19 de julho, deram mostras de responsabilidade, enquanto outros não, como comprovariam as disposições, segundo ele precipitadas, tomadas nos primeiros dias de luta, como aumentos de salários e diminuição das horas de trabalho. Ele apontou como exemplo da responsabilidade anarquista o atual Conselho da Generalitat.

En él decidimos intervenir, por considerar que había llegado el momento de tomar parte en la dirección y administración de las cosas del pueblo. Quisimos, hemos querido, dar una tónica de unidad al movimiento antifascista y transformarlo. **Hemos querido terminar con los hechos incontrolados que sembraban el terror y el pánico.** Hemos querido terminar con las dualidades en la dirección y administración de las cosas. Poner un veto a quienes entendían que el yo o el grupo, era un ente individual en el más amplio sentido de la palabra, que podía hacer cuanto le viniera en gana, sin tener en cuenta absolutamente para nada, el interés colectivo, el interés popular, el interés de hermano que a su lado estaba. Hemos ido al Consejo de la Generalidad, repito, y nosotros, que siempre negamos valor a lo legislado, nosotros que eternamente nos alzamos contra las transigencias, que conducían a la pérdida de posiciones, hemos cumplido – y ha cumplido el bloque de los confederados y anarquistas – las determinaciones del Consejo, desde su declaración, hasta sus decretos. No todos pueden decir lo mismo. Puede observarse que hay quienes pisoteando la declaración conjunta del Consejo, hacen lo contrario y hasta lo propagan en público. Un caso concreto. La declaración del Consejo contiene unos apartados que dicen: “Colectivización de la gran propiedad rústica y respecto de la pequeña propiedad agraria”. Y otro que dice: “La colectivización de la gran industria, de los servicios públicos y transportes”. Y esta declaración formal, que es acuerdo también del Consejo de Economía, hay quienes la combaten cuando en sus actos de propaganda censuran la colectivización y hablan de que eso es una utopía, solo realizable cuando se haya batido al fascismo, olvidando que la declaración dice en su inicial que es un programa de inmediata realización. Y eso es inadmisibile. Eso, significa la irresponsabilidad en la actuación, como lo es decir públicamente que no se está de acuerdo con una decisión del Consejo de la Generalidad. Nosotros, el día que no estemos de acuerdo, ni podamos transigir, en no importa qué problema se plantee, nos retiraremos. Pero mientras, como hasta el momento venimos haciendo, los acuerdos del Consejo serán acatados, aunque ellos signifiquen transacciones en nuestro punto de vista. Eso es lo que deben, lo que tienen el deber inexcusable de hacer todos los sectores que concurren en el Consejo de la Generalidad. De lo contrario, hay que llegar a la conclusión de que no es posible realizar la obra seria que las circunstancias exigen, esa obra de reconstrucción económica, de coordinación de

⁵⁷⁸ Ibidem, p. 4.

⁵⁷⁹ Ibidem, p. 4-5.

esfuerzos, de aglutinación de voluntades, de puesta al servicio de la lucha antifascista de todas las energías⁵⁸⁰.

Marianet ainda acrescentou que o 19 de julho forjou nas barricadas a unidade entre as diversas correntes proletárias, que se vivia uma fase de reconstrução da vida na retaguarda – tarefa que deveria ser realizada pelos sindicatos e, por isso, eles deveriam se unir, e não competir entre si, chegando mesmo a falar de fusão entre as duas centrais sindicais –, e dirigiu à pequena burguesia um chamamento, buscando tranquilizá-la e tentando garantir sua colaboração para o processo revolucionário. Por fim, Marianet terminou fazendo um chamado para que se atuasse com responsabilidade e para que se mantivesse a unidade.

O discurso de Marianet foi bastante ameno e pouco falou sobre o processo revolucionário – ele até se gabou de os anarquistas cumprirem o legislado, ao passo que outras forças não o fazia. Na verdade, tratava-se de um chamamento à unidade antifascista e à canalização da revolução para dentro dos órgãos da Generalitat. Os que de alguma maneira se opunham a este processo, ou seja, os que continuavam defendendo os ideais da organização cenetista e se negavam a colaborar com a reconstrução do aparelho de Estado, foram qualificados como desleais e irresponsáveis, e até mesmo como “incontrolados”.

Ainda no dia 21, o *Solidaridad Obrera* publicou um artigo do Conselho da Gastronomia em que desenvolveu um pouco mais as questões relacionadas ao consumo de alimentos grátis. Na verdade, falou-se de dois casos: desempregados e pessoas não aptas ao trabalho. No primeiro caso, o controle seria executado pelos sindicatos – CNT ou UGT –, que teriam que aceitar em seu seio todos os trabalhadores que, até então, não estavam sindicalizados, mas “[...] que están en disposición de prestar su esfuerzo a la economía revolucionaria cuando su Sindicato determina esta necesidad⁵⁸¹”. Então, eles – os sindicatos – teriam que enviar o mais rápido possível a relação de tais trabalhadores, com o nome do arrimo de família, número de familiares, endereço e a indicação de que algum familiar recebia salário ou não. Com tais dados em mãos, a Comissão de Comedores remeteria “[...] tarjetas a Sindicatos y barriadas, los cuales serán un por familia, valederos por una semana e indicarán la hora y el comedor a que deben dirigirse⁵⁸²”. Já no segundo caso, o das pessoas não aptas ao trabalho, os interessados deveriam ir a uma oficina de controle onde, “[...] después de acreditar la solemnidad de su pobreza, se les

⁵⁸⁰ Ibidem, p. 5, grifo nosso.

⁵⁸¹ EL CONSEJO DE LA GASTRONOMÍA. A todos los Sindicatos y Comisiones de barriada. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 21 out. 1936, p. 12.

⁵⁸² Ibidem, p. 12.

extenderá un carnet personal con carácter vitalicio para frecuentar los comedores populares⁵⁸³”.

E finalizou:

Es de suma importancia que todos nos demos cuenta de la responsabilidad que implica dejar incumplidas estas consignas, máxime cuando a partir del lunes, día 26, no se servirá en comedores populares a nadie que acuda sin ser debidamente controlado. Rogamos encarecidamente a los Sindicatos **y a los Comités de barriada** envíen antes de mañana, jueves, la relación indicada con los datos necesarios⁵⁸⁴.

Vale aqui também a menção aos comitês de bairro, pois, além de demonstrar que ainda existiam, a despeito da proibição, também eram fortes o suficiente para serem chamados ao controle de uma questão tão importante quanto a dos abastecimentos.

No dia 22 de outubro, o Solidaridad Obrera publicou um artigo em que reclamava o direito da CNT em fazer parte de um organismo nacional que dirigisse a guerra, mas o pedido foi feito de uma tal forma que ficou bastante ambíguo, parecendo mais um clamor para ocupar pastas ministeriais do que para promover o Conselho de Defesa Nacional. O artigo fez algumas críticas ao governo de Madri, ao que o

[...] ejemplo de Cataluña parece no decir nada [...]. El Gobierno [note-se que aqui o “Conselho” da Generalitat foi chamado de governo] de la Generalidad, compuesto por la representación de todos los elementos que luchan en el frente, representa la unidad de mando, la unidad de acción y, al mismo tiempo, la unidad en la responsabilidad⁵⁸⁵.

O artigo ainda salientou que o governo de Madri carecia de forças proletárias, e acrescentou:

La unidad de mando no podrá existir mientras no se modifique el órgano en cuyas manos están los destinos de la nación. Pedir unidad de mando, al mismo tiempo que retienen sus manos unos grupos políticos y sociales entre los que figura de manera preponderante el Partido Socialista, negando participación a fuerzas sindicales que por derecho propio la reclaman, y en la proporcionalidad que les corresponde, es tanto como declarar que aspiran a un monopolio irritante y peligroso, menospreciando públicamente a fuerzas proletarias que todo lo están sacrificando por la revolución y sin cuya fuerza inicial en pocas horas el golpe militar fascista hubiese prevalecido con las consecuencias terribles que este triunfo habría tenido para el proletariado⁵⁸⁶.

Em 23 de outubro, houve uma Plenária de Regionais realizada em Madri, para discutir a atitude a ser tomada em relação ao governo central. O Comitê Nacional da CNT expôs suas

⁵⁸³ Ibidem, p. 12.

⁵⁸⁴ Ibidem, p. 12, grifo nosso.

⁵⁸⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **Unidad de mando, con unidad de responsabilidad**. Barcelona, 22 out. 1936, p. 1.

⁵⁸⁶ Ibidem, p. 1.

negociações “[...] respecto a nuestra participación en la dirección de la lucha contra el fascismo y la estructuración de la vida político-económica de la revolución⁵⁸⁷”. Entre os acordos tomados, estava a nomeação de uma comissão para conversar com Azaña, Presidente da República, com o intuito de discutir a necessidade de “[...] que sea planteada la crisis del Gobierno para dar entrada en el mismo a la C.N.T. con la proporción y condiciones aprobadas en el Pleno de Regionales celebrado el día 15 de Septiembre⁵⁸⁸”. Mas havia uma alternativa, caso o governo central recusasse: uma intervenção militar “[...] para asegurar las comunicaciones de Madrid con Levante, Aragón, Andalucía y Cataluña y poder controlar el paso de hombres y avituallamiento de esas regiones a Madrid⁵⁸⁹”. Foram estabelecidos também outros acordos, como a mobilização de forças confederais de até cem mil homens – que seriam colocadas à disposição dos comitês regionais – e “[...] Organizar una acción conjunta de todas nuestras regionales para llegar al control de la economía y la coordinación del abastecimiento⁵⁹⁰”.

No mesmo dia 23, houve uma reunião de comitês cenetistas catalães. Foram discutidos vários assuntos, mas o mais emblemático se deu em torno da questão do periódico Solidaridad Obrera. O representante da redação do Soli reclamou que o Comitê Regional

[...] manda no solamente el artículo de fondo cómo se había acordado; sino que manda tres o cuatro artículos más, señalando inclusive, los lugares en que han de ir impresos [...], por éso, la Redación expone los peligros que éste comportamiento puede acarretar⁵⁹¹.

Depois desta fala do representante do Soli, vários presentes demonstraram sua opinião sobre o assunto e, então, o Comitê Regional reagiu com as seguintes palavras:

Ante tódo y sóbre tódo LO MAS BIEN POSIBLE, ésta es la clave principal, para que podamos extrocturar las cosas según noestros bellos ideales. Con los ciento cincuenta mil números que se imprimen, diariamente, de nuestro periodico, podría sér él primero entre tódos en presentación y en trabajos literáticos; péro desgraciadamente hemos observado, que ó bien unas veces han tergiversado nuestros orientaciones, y otras se han dicho ciertas varbariedades que són la risota de la mayoría de que las lean. Para evitar una cosa y otra, el C.R. se ha creído la necesidad, de sér élla la directriz, que dicta la tónica á seguir del periodico; y al mismo tiempo la orientadora, y colaboradora en sus trabajos mas visibles. Quizá dentro de pocos días podremos hablar mas claramente, y podremos decir cosas que hoy la prudencia nos vade el decir⁵⁹².

⁵⁸⁷ A.I.T. CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO. COMITÉ NACIONAL. **Resolución tomada por el Pleno de Regionales celebrado em Madrid el dia 23 de octubre, ante la actitude del gobierno**, p. 1.

⁵⁸⁸ Ibidem, p. 1.

⁵⁸⁹ Ibidem, p. 1.

⁵⁹⁰ Ibidem, p. 1.

⁵⁹¹ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 23 de outubro de 1936**, p. 1-2.

⁵⁹² Ibidem, p. 2.

Desse modo, percebemos que havia um conflito também entre o Comitê Regional cenetista e a redação de seu principal periódico, o Solidaridad Obrera, o qual foi acusado abertamente na reunião de “incompetente”. A questão era que o Solidaridad Obrera ainda publicava artigos que desagradavam o Comitê Regional, motivo pelo qual este achou legítimo intervir no periódico, mandando escritos mais alinhados com a nova linha da organização e inclusive apontando onde eles deveriam ser publicados no periódico.

No mesmo dia, o Solidaridad Obrera⁵⁹³ e o Boletín de Información publicaram um pacto que fora acertado entre a CNT, FAI e UGT e que recebeu a alcunha de “Pacto de Unificación Revolucionária”. Neste pacto, assegurou-se “[...] el compromiso formal de cumplir los acuerdos y decisiones del Consejo de la Generalidad, aportando toda nuestra influencia y aparato orgánico, para facilitar la aplicación de los mismos⁵⁹⁴”. Foi frisado que se era partidário da coletivização dos meios de produção sem indenização, e completou.

Somos partidarios de la colectivización de todo aquello que sea necesario a los intereses de la guerra. Entendemos que esa colectivización no daría el resultado apetecido, si no estaba dirigida, orientada y coordinada por un organismo representante genuino de la colectividad, **que en ese caso no puede ser otro que el Consejo de la Generalidad**, en donde todas las fuerzas sociales están representadas. Respecto a la pequeña industria, no somos partidarios de la colectivización, sino en los casos de elementos facciosos, o necesidades ineludibles de la guerra. En los casos en que se colectivice la pequeña industria por necesidades de la guerra, se compensará a los expropiados de manera que queden aseguradas sus necesidades vitales, mediante su contribución personal y profesional, a la rama colectivizada⁵⁹⁵.

Outros parágrafos do acordo também trataram de temas caros ao processo revolucionário. Foi aceita a municipalização da propriedade urbana⁵⁹⁶ – temos que lembrar que os poderes municipais estavam sendo reconstruídos e os comitês de bairro e cidade estavam sendo combatidos, embora continuassem existindo em algumas localidades e, portanto, o controle da propriedade passaria para o Estado burguês clássico em processo de reconstrução – , regulação do comércio exterior, nacionalização do setor bancário etc. Um outro importante ponto que foi aceito neste acordo é com relação às Milícias. Disse o quarto ponto do acordo.

Estamos de acuerdo en la concentración del máximo esfuerzo para contribuir al fin rápido y victorioso de la guerra, propiciando para ello el mando único, que coordine la acción de todas las unidades combatientes, **la creación de las Milicias obligatorias**

⁵⁹³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Pacto acordado por las organizaciones firmantes, sobre el que ha de basarse una acción de conjunto inmediata**. Barcelona, 23 out. 1936, p. 16.

⁵⁹⁴ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Pacto de Unificación Revolucionaria**. Barcelona, 23 out. 1936, p. 7.

⁵⁹⁵ Ibidem, p. 7, grifo nosso.

⁵⁹⁶ É preciso salientar que a municipalização de alguns serviços era defendida há tempos por algumas correntes e indivíduos anarquistas, mas o que eles denominavam “municipalismo” nada tinha a ver com o revigorado poder municipal que agora retornara, sendo muito mais próximo do que normalmente se designa como “Comuna”.

convertidas en gran Ejército popular, y el refuerzo de la disciplina; completando todo esto con la creación de una gran industria de guerra que atienda las necesidades de la misma, en la mayor proporción posible. La estructuración de dicha industria será establecida por el acuerdo de las organizaciones obreras C.N.T. y U.G.T. y las Consejerías de Finanzas, Economía y Defensa⁵⁹⁷.

O referido acordo não apenas justificava a intervenção na Generalitat, como também aprovava a conversão das milícias em exército regular, com todas as consequências que isso teria para a luta revolucionária. A Generalitat foi também reconhecida como representante legítima da coletividade e, como tal, era aceitável que ela pudesse legislar, por exemplo, sobre as coletividades, impedindo na prática que elas se federassem e pudessem partir para a próxima etapa do movimento coletivizador: a socialização. Isso era um completo rompimento com as teorias clássicas tanto do anarquismo quanto do sindicalismo revolucionário. O mesmo se pode dizer em relação às milícias. O acordo entre as cúpulas sindicais havia sido feito. Só faltava agora convencer os comitês de bairro e cidade, as empresas coletivizadas e as milícias.

No dia 23 de outubro ainda, Juan Peiró fez uma conferência pela Rádio CNT-FAI, que foi publicada pelo Solidaridad Obrera e teve extratos publicados pelo Boletín de Información de la CNT-FAI do dia seguinte. Depois de falar sobre o momento histórico pelo qual se passava e apontar os erros que ele via no regime republicano, que acabaram por desembocar na guerra civil, Peiró tratou dos caminhos que se deveria seguir. Disse que republicanos e socialistas “[...] carecen de autoridad moral para señalar el camino de nuestra revolución⁵⁹⁸” e, por isso, os confederais deveriam aceitar a responsabilidade de o fazer. No entanto,

[...] puesto que no somos sólo nosotros los que hacemos la guerra, los que con nosotros colaboran tienen derecho a establecer las directrices de la revolución que no ha de dar un paso mas ni menos de los posibles, para que no se malogren sus magnificas posibilidades, y evitar la tragedia de una nueva guerra civil⁵⁹⁹.

Peiró também defendeu a necessidade de um regime de transição após findada a guerra.

El fin de la guerra desemboca en un régimen de transición que acredita nuestro sentido de la justicia; pues si todos contribuimos al triunfo de la guerra, es justo que todos recibamos nuestra parte en los frutos de la revolución. Esta ha de ser la ética de todos los revolucionarios. Qué importa el transigir si ahora es este el único medio de triunfar? Para mí, hermanos de todos los pueblos de Iberia, **el régimen de transición más adecuado para las circunstancias creadas por la guerra y la revolución, es la República Federal Socialista.** Yo pido a los camaradas anarquistas y sindicalistas revolucionarios que no se asusten por el apelativo socialista; porque socialista lo

⁵⁹⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Pacto de Unificación Revolucionaria.** Barcelona, 23 out. 1936, p. 7, grifo nosso.

⁵⁹⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Conferencia pronunciada por el camarada Juan Peiró, el viernes 23 del presente ante el micrófono de E.C.N. 1 Radio C.N.T – F.A.I.** Barcelona, 28 out. 1936, p. 10.

⁵⁹⁹ Ibidem, p. 10.

somos todos; lo que no somos todos es federalistas. Y lo que aquí interesa es que en la república de tipo socialista o socializante, sean aceptados los postulados federalistas que reconocen la libertad de los pueblos a regirse por sí mismos, en el más amplio sentido del concepto, puesto que en los postulados federalistas podemos hallar, unos y otros, el necesario campo de experimentación de nuestras concepciones políticas, económicas y sociales; un campo lo suficientemente amplio para que en él pervivan y se ensayen, desde las esencias de la democracia burguesa a los postulados económicos del Comunismo libertario⁶⁰⁰.

Peiró propugnou uma república federativa na qual pudesse ocorrer livre experimentação em matéria econômica e onde todas as correntes políticas, mesmo que estivessem em completa oposição umas em relação às outras, pudessem conviver de forma harmônica, embora ele não tenha apontado como isso poderia ser feito. Mas Peiró não falou nenhuma palavra em relação ao comunismo libertário, que era a meta final da CNT, e muito menos dos comitês de bairro e cidade. E, fato curioso, diante de sua defesa de uma república federal socialista, Peiró clamou que os anarquistas e sindicalistas revolucionários se assustariam com a palavra “socialista”, e não com o termo “república”. O que será que Peiró tinha em mente?

No dia 24 de outubro, o Soli publicou alguns artigos que demonstram um pouco os problemas e contradições do momento. O primeiro deles era de autoria de Federica Montseny e basicamente pedia unidade e um espaço para os anarquistas na direção central da guerra, deixando bem claro que o combate ao fascismo era sua grande preocupação.

Por encima de nuestros intereses de organización y partido, por encima de nuestro propio instinto de conservación y afianzamiento de los ideales, hay hoy una necesidad imperiosa, impuesta por las circunstancias en grado superlativo: la necesidad de vencer el fascismo. Estamos todos conformes. Sabemos todos, desde el primero de los anarquistas al último de los republicanos, desde el criterio más extremista al liberal más moderado, que lo primordial, lo elemental para todos, es conseguir vencer al fascismo, asegurarnos la supervivencia individual y colectiva, las libertades y derechos conquistados por el proletariado a lo largo de muchos años de lucha y de sacrificio⁶⁰¹.

Outro artigo publicado no mesmo Soli tinha um tom parecido ao do dia anterior em suas críticas ao governo de Madri. Afirmou que o Ministério presidido por Cabellero “[...] es sólo un Gobierno de políticos⁶⁰²”, destacando, no entanto, que era reconhecido o fato de o Partido Socialista ser do tipo operário, mas que seu momento havia passado, havia cumprido sua missão ao governar com a república burguesa. E concluiu:

⁶⁰⁰ Ibidem, p. 10, grifo nosso.

⁶⁰¹ MONTSENY, Federica. Unidad de criterio y coordinación de esfuerzos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 24 out. 1936, p. 2.

⁶⁰² SOLIDARIDAD OBRERA. **Unidad de acción sindical con plenitud de mando y de responsabilidad**. Barcelona, 24 out. 1936, p. 16.

Nos resistimos a creer que Largo Caballero, que con tanta insistencia ha pedido desde su órgano “Claridad” el concurso de la C.N.T. para batir la reacción fascista, se niegue ahora, cuando llega el momento crítico de realizar esos concursos, a crear el nuevo órgano directivo de la vida nacional que pedimos, dando entrada a las sindicales obreras que lo reclaman por derecho y por necesidad. [...] Hay que salvar a Madrid, hay que conducir hasta las puertas de la capital de la Nación, a legiones de obreros en armas que defiendan con sus pechos el baluarte de la libertad mundial, que no otra cosa significa hoy el nombre de Madrid, aplastando de una manera definitiva los ejércitos mercenarios de Franco, de Mola y de March, dando una prueba definitiva de la capacidad del proletariado español, que ha tomado la misión sagrada de salvar a los trabajadores de todo el mundo. Para que se realice la epopeya el mando, la acción y la responsabilidad no pueden estar en manos de uno Gobierno compuesto por amigos y simpatizantes, sino que rápidamente, sin pérdida de tiempo, debe entregarse a la auténtica representación del proletariado en armas, que después de ganar la guerra estructurará la revolución más fecunda y original de la Historia⁶⁰³.

No entanto, o artigo mais interessante desta edição do Soli foi o de Jaime Balius. Este começou tratando da Revolução Francesa de 1789, de seu processo de descentralização, da importância dos bairros e dos municípios para o processo revolucionário. E, falando então sobre a Espanha, Balius afirmou que faltava algo depois do 19 de julho. Muitos haviam esquecido do precioso papel que os bairros poderiam desempenhar.

El aparato burocrático que se forja precisamente en la ciudad puede ser contrarrestado con suma facilidad si se procura que en los barrios se engendre una personalidad propia y definida. Este criterio no presupone disociación de los esfuerzos. Se puede matizar la trayectoria social, económica y política en las demarcaciones y al mismo tiempo acoplar las energías que surgen en las células de la urbe. Bajo idéntico prisma puede plantearse el aspecto de los Municipios. La Revolución francesa conquista laureles de gloria por la actuación sublime de los Municipios que izaron el sentido de rebeldía al cénit de aquella hora que conmocionó el mundo entero. No se ha de silenciar la actuación decisiva del Municipio de Paris en aquel momento harto peligroso para las conquistas revolucionarias. El coloso de la Revolución francesa, el hombre de hierro que se apellidó Marat, supo comprender la grandiosidad del momento y levantando la antorcha de la Revolución deshizo enérgicamente las maniobras de los girondinos que propugnaban por una transformación de la Francia sojuzgada sin que peligrase la testa coronada del monarca felón y de la reina que ardía en deseos de saciarse con la sangre de sus súbditos. La Revolución española, nascida el 19 de julio, ha de enfocarse en el sentido señalado. **Se ha de dar personalidad a las barriadas y a los Municipios** con el objeto de que desaparezca la atracción centrípeta que perfila la variedad peninsular que está bañada con la sangre del proletariado español. Y no ha de demorarse la revalorización de las demarcaciones locales y de las partes constitutivas de las grandes aglomeraciones urbanas por el propio amor que profesamos por las conquistas que se incuban en las eclosiones callejeras. No olvidemos que se ha de descentralizar. Y que esta labor es de una gran urgencia. Hasta para los comicios que los ciudadanos han de celebrar, es de mucha utilidad el aspecto de la barriada. La contrarrevolución nace en los centros absorbedores. Tengamos en cuenta que se llega a constituirse el organismo centralizador se perderá en gran parte las posibilidades de la plasmación que tanta sangre ha costado y que todavía se derramará en aras de un ideal que está amenazado en las sombras de los sucesos que poseen raigambre histórica⁶⁰⁴.

⁶⁰³ Ibidem, p. 16.

⁶⁰⁴ BALIUS, Jaime. La descentralización es la garantía que ha de recabar la clase trabajadora en defensa de las prerrogativas que se debaten en las líneas de fuego. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 24 out. 1926, p. 3.

No mesmo dia, o Boletín de Información publicou um artigo sobre os novos horizontes do proletariado com o Decreto de Constituição dos Conselhos Municipais, onde defende que o colaboracionismo era, na verdade, uma vitória cenetista, uma vez que o federalismo teria triunfado.

La colaboración prestada en el seno del Gobierno de la Generalidad y la creación del Consejo Municipal, con la representación genuína de todas las organizaciones obreras, es una garantía para las ideas federalistas, pues con la labor que desde los municipios podrán realizar los representantes de las dos centrales sindicales, pronto veremos fructificar la semilla de la libertad y la propia autodeterminación de los pueblos será la que regirá los nuevos destinos y la economía surgida en el calor de la lucha⁶⁰⁵.

No dia 24 de outubro também, foi promulgado um decreto muito importante para os rumos da Revolução Espanhola, sendo publicado no Diário Oficial da Generalitat quatro dias depois. Trata-se do Decreto de Coletivização e Controle Operário, que reconheceu e legalizou as coletivizações que surgiram após o 19 de julho, bem como forneceu as diretrizes pelas quais as coletivizações teriam que se guiar. Foi reconhecido ainda o controle operário nas empresas e delimitou suas funções.

O texto do decreto começava com um preâmbulo no qual dizia que a sublevação de 19 de julho havia provocado uma série de transtornos para a economia do país, e que a Generalitat precisava reconstruir a economia. Assinalou também que o levante popular provocou uma profunda transformação econômico-social, que ela provocará a morte do capitalismo e que agora era necessário organizar a produção “[...] en el sentit que l’únic beneficiari ha d’èsser la collectividad, el treballador, al qual correspondrà la funció directiva del nou ordre social^{606,607}. E completou: “La substitució de la propietat individual per la collectivitat la concep el Consell de la Generalitat, collectivitzant els béns de la gran empresa, és a dir, el capital, i deixant subsistir la propietat privada dels béns del consum i de la petita indústria^{608,609}. O Decreto de Coletivização classificou as indústrias catalãs em dois tipos: empresas coletivizadas e empresas privadas. Qualquer empresa com mais de cem assalariados em 30 de junho de 1936

⁶⁰⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Unidad revolucionaria. Nuevos Horizontes para el proletariado.** Barcelona, 24 out. 1936, p. 2.

⁶⁰⁶ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 302, Ano IV, Volume IV, 28 out. 1936, p. 373.

⁶⁰⁷ Tradução: “[...] no sentido de que o único beneficiário seja a coletividade, o trabalhador, ao qual corresponderá a função da nova ordem social”.

⁶⁰⁸ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 302, Ano IV, Volume IV, 28 out. 1936, p. 373.

⁶⁰⁹ Tradução: “A substituição da propriedade individual pela coletiva a concebe o Conselho da Generalitat, coletivizando os bens da grande empresa, isso é, o capital, e deixando que subsista a propriedade privada dos bens de consumo e da pequena indústria”.

obrigatoriamente deveria ser coletivizada⁶¹⁰, o mesmo ocorrendo com qualquer empresa – independente do número de assalariados – cujo tribunal decretasse seus donos como facciosos. As empresas com mais de cinquenta e menos de cem assalariados poderiam ser coletivizadas se $\frac{3}{4}$ dos trabalhadores assim decidissem, e qualquer empresa poderia ser coletivizada se a maioria dos trabalhadores quisessem e os proprietários aceitassem. O decreto também previa que o Conselho de Economia poderia acordar a coletivização “[...] d’aquelles altres indústres que per llur importància dintre de l’economia nacional o altres característiques convingui sostreure-les de l’acció de l’empresa privada⁶¹¹”⁶¹². No caso de empresas estrangeiras, essas disposições não se aplicariam, e o Conselho de Economia deveria ser informado para convocar os interessados e assim resolver o assunto.

O decreto estabeleceu também as normas pelos quais o comitê de empresa deveria funcionar. Este seria eleito por assembleia de trabalhadores e poderia ter entre cinco e quinze membros, com mandato de dois anos, sendo que metade deveria ser renovado a cada ano. Sua função seria a de gerir a empresa, mas as diretrizes às quais eles se submeteriam seriam emanadas por um órgão a ser criado, os Conselhos Gerais de Indústria. Determinava também o decreto que “A totes les empreses collectivitzades hi haurà obligatòriament un Interventor de la Generalitat que formarà part del Consell d’Empresa i serà nomenat pel Conseller d’Economia, d’acord amb els treballadors⁶¹³”⁶¹⁴, e nas empresas com mais de quinhentos trabalhadores que tivessem um capital superior a um milhão de pesetas ou que se relacionasse com a defesa, a nomeação do diretor deveria ser aprovada pelo Conselho de Economia. E os conselhos de empresa poderiam ser destituídos pelos trabalhadores, em assembleia geral, e pelo seu Conselho Geral de Indústria respectivo. Neste caso, se os trabalhadores não concordassem, poderiam apelar ao Conselho de Economia, que teria a palavra final.

O Decreto de Coletivização também regulou os comitês de controle, que eram implementados nas empresas em que não se queria ou não se podia coletivizar. Neste caso, de forma obrigatória, formava-se um comitê de controle que tinha como função “supervisionar”

⁶¹⁰ Segundo Bernecker (1982), o PSUC e a UGT queriam coletivizar apenas as grandes indústrias, com mais de 250 trabalhadores, enquanto o POUM e os anarquistas queriam coletivizar as que tivessem mais de 50 trabalhadores, chegando-se, então, a um meio-termo, 100 trabalhadores.

⁶¹¹ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 302, Ano IV, Volume IV, 28 out. 1936. p. 374.

⁶¹² Tradução: “[...] daquelas outras indústrias que por sua importância dentro da economia nacional ou por outras características convenha subtraí-las da ação da empresa privada”.

⁶¹³ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 302, Ano IV, Volume IV, 28 out. 1936. p. 374.

⁶¹⁴ Tradução: “Em todas as empresas coletivizadas haverá obrigatoriamente um interventor da Generalitat que formará parte do conselho de empresa e será nomeado pelo Conselho de Economia de acordo com os trabalhadores”.

as atividades da empresa, velando pelo cumprimento das normas estabelecidas, fiscalizando o processo de produção, os balanços anuais – que deveriam ser enviados para o conselho geral da respectiva indústria – etc. A empresa permaneceria como uma propriedade privada, mas os trabalhadores teriam o direito de fiscalizá-la via comitê de controle.

Tal decreto também legislou sobre os já citados Conselhos Gerais de Indústria, que deveriam ter a função de formular “[...] els plans de treball de la respectiva indústria amb caràcter general orientant els Consells d’Empresa en llurs funcions [...]”⁶¹⁵,⁶¹⁶. Os Conselhos de Indústrias seriam formados por quatro representantes dos conselhos de empresa, oito dos sindicatos – de forma proporcional à representação dos sindicatos, que deveriam acertar a proporção mediante um acordo entre eles – e quatro técnicos nomeados pelo Conselho de Economia. A presidência caberia a um representante do Conselho de Economia da Catalunha. Os acordos tomados pelos Conselhos Gerais de indústria

[...] seran executius, tindran força d’obligar i cap Consell d’Empresa ni cap empresa privada no podran defugir llu compliment sota cap pretext que no sigui plenament justificat. Unicament es podrà recórrer contra ells davant del Conseller d’Economia, la resolució del qual, previ informe del Consell d’Economia, serà inapel·lable⁶¹⁷ ⁶¹⁸.

O mesmo decreto ainda regulou outras questões, como as relacionadas aos balanços das empresas, aos inventários etc.

O Decreto de Coletivizações tinha um duplo aspecto. Legalizava as coletivizações que já estavam feitas, protegendo-as de certa maneira por intermédio da lei, mas, por outro lado, enquadrava-as nos desígnios dessa mesma lei, acabando com sua espontaneidade. A partir de então, as coletivizações tinham que seguir as determinações legais, sob pena de serem declaradas ilegais. Além disso, o controle estatal sobre as coletividades cresceu bastante, tanto porque o Conselho de Economia ditava as diretrizes pelas quais as empresas teriam que se mover, por meio dos Conselhos Gerais de Indústrias, quanto pelo controle direto, na medida em que foi introduzido um representante da Generalitat diretamente nos conselhos de empresa. E cabe lembrar que os comitês de empresa tinham apenas quatro representantes dentro dos

⁶¹⁵ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 302, Ano IV, Volume IV, 28 out. 1936. p. 375.

⁶¹⁶ Tradução: “[...] os planos de trabalho da respectiva indústria com caráter geral, orientando os conselhos de empresa em suas funções [...]”.

⁶¹⁷ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 302, Ano IV, Volume IV, 28 out. 1936. p. 375.

⁶¹⁸ Tradução: “[...] serão executivos, terão força de obrigar e nenhum conselho de empresa nem empresa privada poderão desatender seu cumprimento sob nenhum pretexto que não seja plenamente justificado. Somente poderão recorrer contra eles ante o Conselheiro de Economia, cuja decisão, após parecer do Conselho de Economia, será inapelável”.

Conselhos Gerais de Indústria. Além disso, é preciso dizer que muitas das premissas nunca foram cumpridas. Os Conselhos Gerais de Indústria foram estruturados por decreto apenas no início de julho de 1937, mas perderam muito de seu poder. De acordo com o decreto, cada Conselho de Indústria deveria fazer uma assembleia por ano, com participação dos representantes das empresas. No entanto, tal assembleia perdeu a função de elaborar as diretrizes pelas quais as empresas deveriam se mover – agora elas viriam do Conselho de Economia da Generalitat, emanadas por cima –, limitando-se a escolher seus quatro representantes no conselho geral. Mas nem isso ocorreu na prática, pois em 13 de setembro foi estabelecida a composição dos conselhos de indústria de forma provisória, sem a participação dos conselhos de empresa e sem a representação sindical proporcional. A constituição definitiva dos Conselhos Gerais de Indústria nunca foi feita. Em outubro de 1937, foram criados uma série de Conselhos Gerais de Indústrias, como a das Indústrias Têxteis e Anexas, Eletricidade e Gás etc.

En definitiva, la constitución de los C.G.I. y de las Federaciones, promovida por el Departament d'Economia, representaba un paso importante para la desposesión de los trabajadores de la dirección y control de los medios de producción – que a raíz del 19 de julio de 1936 venían ejerciendo en la mayor parte de la industria y los servicios – en favor del Estado, es decir para pasar de la colectivización-socialización a la estatización de la economía, lo cual implicaba a su vez un importante aumento de la burocracia [...] ⁶¹⁹.

3.3 Do Decreto de Coletivização ao Governo Central

Em 24 de outubro, foi promulgado um outro decreto da Generalitat, sendo publicado no Diário Oficial da Catalunha no dia 28, ou seja, foi promulgado e publicado nos mesmos dias do Decreto de Coletivização e Controle Operário. O novo decreto determinava a volta do Código de Justiça Militar, e com ele as penalizações de um exército regular, sendo mais um passo para a restauração de um exército convencional na Catalunha. Seu primeiro artigo era bem claro:

A partir del dia primer de novembre vinent, Les Milícies Antifeixistes reclutades fins avui, quedaran sotmeses als preceptes del Codi de Justícia Militar que dicti el Consell de la Generalitat i la redacció del qual s'està efectuant, així com a tota classe de disposicions punitives i de recompensa que oportunament s'assenyalaran, essent tots

⁶¹⁹ DURAN, Antoni Castells i. **El Proceso Estatizador en la Experiencia Colectivista Catalana (1936-1939)**. Salamanca: Madrid, 1996, p. 63.

aquests preceptes aplicats i sancionats pels Tribunals Populares que es nomenin a l'efecte, així com pel Consell Executiu⁶²⁰.⁶²¹

Dia 25 de outubro, houve um grande comício envolvendo representantes da CNT e da UGT catalãs, em comemoração a um acordo que seria assinado entre as duas centrais sindicais poucos dias depois. O ato ocorreu em Barcelona, e nele discursaram Rafael Vidiella e Antonio Sesé, pela UGT, Comorera, pelo PSUC, Federica Montseny, pela FAI, e Mariano Vázquez, pela CNT. O Soli do dia 27 falou bastante sobre este acontecimento e publicou a transcrição dos discursos. O Boletín de Información do dia 26 transcreveu os pronunciamentos de Montseny e Vázquez.

Vidiella e Sesé fizeram falas mais gerais, com o último insistindo também na intensificação do trabalho na retaguarda, pois, segundo ele, quanto mais se trabalhasse, mais rápido o fascismo seria vencido no campo de batalha. Já o discurso de Comorera foi bem mais esclarecedor. Começou pedindo um endurecimento a quem chamou de “[...] enemigos que, al servicio del fascismo, tenemos en la retaguardia⁶²²” – ele não definiu ao certo quem seriam estes, mas suas falas posteriores nos dão uma pista. Falou do Ejército fascista e acrescentou que a unidade era a condição primeira para que os trabalhadores triunfassem sobre o fascismo. Defendeu também a unidade de comando das milícias operárias e salientou que isso já havia sido decretado pela Generalitat. Comorera ainda apontou que não se podia deixar levar pela indisciplina e, então, passou a falar sobre a questão das armas.

No hay armas suficientes en el frente de combate. Era menester que el Consejo [da Generalitat] tomara sus decisiones aguardando la ayuda, que no nos puede faltar, pero que aun se necesitan unos cuantos días para que llegue. El Consejo, ínterin, ha dispuesto la concentración de todas las armas que pueden haber en todo Cataluña. Hay que decir con toda lealtad y crudeza que de la rapidez y decisión, empleadas por el Consejo en tomar los acuerdos, depende el triunfo o a la derrota. **Si voluntariamente son entregadas las armas al Consejo, respondemos del triunfo. Ahora bien: si por incomprensión o por lo que sea os bponéis a ello no nos hacemos responsables de lo que pueda acontecer. Si algo desfavorable ocurriera, en tal caso la responsabilidad será de quienes no hayan respondido al acuerdo del Consejo de Cataluña.** Nadie puede oponerse – prosigue – al exacto y rápido cumplimiento de este acuerdo que responde a las necesidades que tenemos. Desde que se ha realizado la unidad de acción de las centrales sindicales U.G.T. y C.N.T., no pueden haber recelos. Y como que todos queremos que esta unión sea fecunda, no se pueden crear

⁶²⁰ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 302, Ano IV, Volume IV, 28 out. 1936. p. 370.

⁶²¹ Tradução: “A partir do dia primeiro de novembro próximo, as Milícias Antifascistas recrutadas até hoje, ficarão submetidas aos preceitos do Código de Justiça Militar que dite o Conselho da Generalitat e cuja redação está em andamento, bem como a todo tipo de disposições punitivas e de recompensa que oportunamente será indicada, sendo todos estes preceitos aplicados e sancionados pelos Tribunais Populares que forem nomeados a efeito, assim como pelo Conselho Executivo”.

⁶²² SOLIDARIDAD OBRERA. **El proletariado catalán queda unido en la acción y en la responsabilidad 200.000 trabajadores ratificaron con su presencia este pacto histórico.** Barcelona, 27 out. 1936, p. 3.

dificultades para que vaya al Consejo de Catalunya y se le entreguen las armas, con las que se puede asegurar la consolidación revolucionaria que hoy estamos llevando a cabo⁶²³.

Comorera comentou também sobre a aprovação do Decreto de Coletivização e Controle Operário e sobre a presença de espões na retaguarda para, então, terminar seu discurso de modo enfático:

Yo os he dicho al empezar que hablaba con el corazón gozoso, porque hemos llegado a las cosas decisivas. Habrá ahora un ritmo revolucionario que nos permitirá la victoria. No obstante, no todo ha de ser alegría. **En nuestras filas se han infiltrado elementos fascistas en plan de espionaje. A menudo nuestras patrullas detienen a militares retirados, a elementos que están en contacto con los fascistas y que llevan el carnet de la C.N.T. o bien el de la U.G.T. Pretenden estos elementos sabotear la unidad de acción, hacerla infecunda. Hemos de prever estos peligros. En el frente se han introducido espías: cuando son detenidos se les fusila. Cuando entre nosotros, en la retaguardia, sean descubiertos estos elementos se ha de hacer como en el frente: hemos de fusilarles**⁶²⁴.

As falas de Comorera foram muito claras. Ele identificou, de forma acertada, que existiam espões inimigos na retaguarda, como ocorre em todas as guerras. Mas, em sua elocução, buscou fazer uma associação direta entre unidade dos trabalhadores e antifascismo. Quem eram os fascistas na retaguarda, segundo a lógica de Comorera? Eram os que atentavam contra a unidade dos trabalhadores, contra a aliança antifascista, possivelmente a soldo do inimigo. Mas a aliança antifascista era composta por elementos bastante diversos, indo desde anarquistas, passando por marxistas – seguidores e opositores ao regime de Moscou – e até republicanos. Qual era o programa do antifascismo? Era a defesa da república, do capitalismo. Então, os trabalhadores revolucionários, exatamente por serem revolucionários, necessariamente provocariam a desagregação do campo antifascista e, por isso, dentro dessa lógica de Comorera, eles eram também fascistas infiltrados. E, dentre estes, os mais visados eram os que de alguma forma estavam envolvidos com os comitês de bairro, que resistiam à política de alianças e propugnavam um aprofundamento do processo revolucionário. Este é o sentido da fala de Comorera. Era uma declaração de guerra velada à revolução e aos trabalhadores revolucionários, que ainda estavam armados e atuantes.

Mas esse modo de pensar de Comorera não se explicava apenas pelo contexto espanhol. Comorera era líder do PSUC, um partido catalão alinhado ao stalinismo e à Terceira Internacional. E há de lembrar que estamos falando de fins de 1936, quando há pouco mais de

⁶²³ Ibidem, p. 3-4, grifo nosso.

⁶²⁴ Ibidem, p. 4, grifos nossos.

alguns meses, na URSS, haviam começado os Processos de Moscou, o julgamento dos opositores de Stálin, entre os quais estavam muitos antigos bolcheviques, a maioria acusados de serem fascistas infiltrados. O pensamento de Comorera era, em parte, uma transposição da lógica dos Processos de Moscou para o contexto espanhol. Todos os que, em sua visão, dissolviam o campo antifascista, só poderiam ser fascistas que atuavam na retaguarda para beneficiar o inimigo. E foi esta mentalidade que ele deixava transparecer em seu discurso.

Já a fala de Federica Montseny foi um tanto curiosa. Começou dizendo que nem em sonho tinha imaginado “[...] esta unión estrecha y sagrada, por siempre más establecida entre todas las fuerzas y sectores obreros y tendencias ideológicas de Cataluña⁶²⁵”, e acrescentou que “A partir de esta fecha memorable, todos, trabajadores de la U.G.T., de la C.N.T., de la F.A.I. y del P.S.U., estamos unidos en un lazo indisoluble⁶²⁶”. Montseny afirmou que o conflito se dava não apenas contra os sublevados espanhóis, pois se lutava também contra o fascismo internacional, e apontou como erro o aumento de 15% nos salários e a semana de 40 horas⁶²⁷, pois prejudicava a economia de guerra. Também acrescentou que “[...] **hoy en Cataluña no existe un problema entre el capitalista y el trabajador**, por cuanto la colectivización en la dirección política y económica del país, representa de hecho la revolución en marcha [...]”⁶²⁸, e por isso não se poderia fazer reivindicações econômicas, já que se tratava de “[...] substituir este régimen caduco por un nuevo concepto de la vida y la dignidad humana⁶²⁹”. E afirmou:

Lo que hemos conseguido en España y particularmente en Cataluña, no se habia conseguido nunca ¡¡Nunca!! Lo afirmo dos veces, para dar la máxima energía, no se consiguió en ningún proceso revolucionario de país alguno. **Hemos conseguido la unidad perfecta; hemos conseguido dejar a un lado nuestros partidismos, para unirnos colectivamente a una gran obra colectiva**⁶³⁰.

E Montseny ainda completou:

Hemos aspirado constantemente U.G.T. y C.N.T. a conseguir esta unidad sagrada, unidad a la cual no va unida solamente la victoria contra el fascismo, sino también la reconstrucción de España. Se necesitaba una revolución, que no se hizo el 14 de Abril y la hacemos ahora. Esto no podrá conseguirse por los cauces legales. Los compañeros socialistas se habrán dado cuenta y por esto se lanzaron a la calle, a la lucha y a nosotros, los anarquistas, también nos ha enseñado la experiencia que no era posible

⁶²⁵ Ibidem, p. 2.

⁶²⁶ Ibidem, p. 2.

⁶²⁷ Quando do estalar do golpe militar, a Generalitat, em uma tentativa de barrar a luta dos trabalhadores, decretou várias medidas pelos quais os trabalhadores lutavam – e ela própria se negava – há tempos, como aumento de salários, diminuição da jornada de trabalho, preços dos aluguéis etc.

⁶²⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **El proletariado catalán queda unido en la acción y en la responsabilidad 200.000 trabajadores ratificaro con su presencia este pacto histórico**. Barcelona, 27 out. 1936, p. 2, grifo nosso.

⁶²⁹ Ibidem, p. 2.

⁶³⁰ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

una transformación si no nos poníamos frente a los órganos del poder; esto han debido reconocerlo todos. Lo hemos reconocido y sostenido siempre. **Hoy, en realidad, las diferencias ideológicas que nos separaban, han desaparecido**, por cuanto nosotros hemos aceptado los hechos consumados, que nos obligaban a tomar parte en dirección del país, de los hechos que demostraban que sin la unión de las masas, no podía instaurarse en España el socialismo. Unidos todos, no tan solo en la afinidad sentimental, en la unidad de acción contra la guerra, sino en la unidad ideológica, pues siempre hemos reconocido que unidos en trayectorias comunes, las cosas se simplifican y se simplificarán para todos. Ya sólo falta compañeros de la C.N.T y U.G.T., hombres de izquierda, espíritus liberales; sólo falta socialistas, comunistas, anarquistas, sólo falta, compañeros todos, que consignemos íntegra a la lucha contra el fascismo esta población que ha de movilizarse inmediatamente y que es necesario la ayuda de la masa neutra, de la pequeña burguesía, de la clase media, que tienen vinculados sus intereses en la causa antifascista⁶³¹.

Já a fala de Mariano Vázquez – Marianet –, concentrou-se quase que exclusivamente na questão da unidade dentro do campo antifascista, e nada acrescentou sobre o processo revolucionário. Começou afirmando que o 19 de julho fez com que adversários se unissem com o único objetivo de “[...] asaltar la fortaleza de los elementos fascistas⁶³²”. Falou também da fusão a ser realizada na frente e na retaguarda no sentido de intensificar o trabalho para que, assim, a produção aumentasse e tornasse possível a vitória militar.

Ainda no dia 25 de outubro, o Solidaridad Obrera publicou um artigo sobre a questão dos “municípios livres e libertários” – este era o nome do escrito. Tal artigo começou fazendo um histórico da importância do município na história espanhola, e afirmou que o caciquismo⁶³³ havia acabado depois de 19 de julho. Na verdade, segundo o artigo, após essa data a denominação correta das prefeituras não poderia ser nem conselho municipal, e sim cantões municipais, já que estes eram absolutamente livres para reger-se da forma que achasse mais conveniente,

[...] no cuidándose dentro de su jurisdicción de otra ley que aquella que se derive del Estatuto o Carta municipal que cada Cantón municipal se dé a sí mismo, quedándose la legislación general para reglamentar las relaciones entre los Cantones entre sí⁶³⁴.

E completou:

Como podrán apreciar nuestros camaradas, del viejo Ayuntamiento no queda absolutamente nada. En primer lugar, porque su composición, la de sus administradores, obedece al nombramiento directo de las organizaciones proletarias

⁶³¹ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

⁶³² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Grandioso acto de unificación y afirmación revolucionaria del proletariado**. Barcelona, 26 out. 1936, p. 14.

⁶³³ O caciquismo era um sistema onde uma pessoa influente, o cacique, controlava na prática toda a sua localidade, além de conseguir direcionar votos para seus favorecidos. Era um sistema parecido com o coronelismo que existiu no Brasil.

⁶³⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **El municipio libre y libertario**. Barcelona, 25 out. 1936, p.1.

que envían al Cantón municipal e sus representantes para que realicen los acuerdos que adoptan los Sindicatos y las organizaciones proletarias en general, facultándoles para realizar cuanto estimen conveniente para la buena marcha de la revolución, sin temer que estar sujetos al Consejero de Gobernación de la Generalidad, ni al Poder Central, ni de ninguno otro Poder que no sea el que emana de los acuerdos de las propias organizaciones obreras⁶³⁵.

Um outro importante artigo publicado no Soli foi o da Federação Nacional da Indústria Ferroviária. Começou falando da concorrência que havia entre os trilhos e as estradas, e que o resultado disso era que nenhum dos dois poderia fazer jus às suas enormes necessidades, pois a riqueza do transporte se repartia. Entretanto, continuou o artigo, a revolução social derrubou o velho estado de coisas e abriu novos caminhos. O transporte ferroviário já estava coletivizado, mas “[...] la destrucción total de la economía no podrá salvarse sin la socialización de toda la producción⁶³⁶”. E finalizou:

La etapa hasta la socialización es colectivizar; y es indudable que todo el transporte en general ha de ser sometido a esta modificación de una manera clara, depurada y sin ribetes burgueses que por algún punto asoman, bajo el manto de la colectivización. Se impone, en esta etapa de transición, la coordinación de los transportes por carretera y ferrocarril e incluso marítimos, hermanados todos en un haz, con la consigna única de servir al pueblo. Las arterias ferroviarias han de ser los ríos colectores a que afluya el automóvil, llevando a aquél toda la parcial exportación de los pueblos para su traslado a los grandes centros de consumo y viceversa. Con ello evitaremos lo que debe extirparse en absoluto: la competencia despiadada y suicida. Llevado todo con nobleza, alteza de miras y camaradería proletaria – que ha de ser nuestro faro orientador en las tinieblas de la lucha que sostenemos para transformar este sistema podrido –, sin convulsiones y sin dolores. Precisa la creación del Consejo coordinador del transporte de Cataluña al que los ferroviarios estamos dispuestos a ayudar con todas nuestras fuerzas con el mismo entusiasmo, voluntad y sacrificio que ofrecemos hoy en nuestra colaboración a la lucha contra el fascio asesino⁶³⁷.

Assim, fica claro que existiam setores que estavam querendo aprofundar o processo revolucionário e fazer passar da coletivização para a próxima etapa, que era a socialização.

No dia 26 de outubro, iniciou-se uma plenária regional de sindicatos da Catalunha, com cerca de 580 delegados representando 400 sindicatos. Depois de alguns protocolos, o Secretário do Comitê Regional, Mariano Vázquez, fez um informe no qual afirmou que:

[...] se ha procurado buscar la máxima coincidencia entre todas las organizaciones revolucionarias, a fin de mantener una cordialidad que cada día es más necesaria y, hasta donde nos ha sido posible, hemos procurado también que nuestros puntos de vista tuvieran el máximo de preponderancia⁶³⁸.

⁶³⁵ Ibidem, p. 1.

⁶³⁶ MATAS, J. Cid. Federación nacional de la Industria Ferroviaria (carril y carretera). **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 out. 1936, p. 12.

⁶³⁷ Ibidem, p. 12.

⁶³⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Pleno Regional de Sindicatos de Cataluña**. Barcelona, 27 out. 1936, p. 13.

Conforme um resumo do Solidaridad Obrera, depois de terminar o informe várias delegações se pronunciaram sem discrepâncias importantes,

[...] puesto que toda la organización reconoce que en las circunstancias actuales no puede exigirse un estricto cumplimiento de las normas confederales. No obstante, **la mayoría de las delegaciones hacen constatar sus lógicos deseos de que siempre que sea posible se consulte a la organización en su base, que es el Sindicato**, rogando a los Comités que no hagan uso de sus atribuciones, más que en casos extremos⁶³⁹.

O Solidaridad Obrera fez um reconhecimento aberto de que os dirigentes cenetistas estavam se “descolando” de suas bases, e que os sindicatos perceberam isso, embora não tenham avançado na questão. Cabe ressaltar, inclusive, que os sindicatos continuavam apoiando seus dirigentes e, com base no próprio resumo da ata publicado pelo Solidaridad Obrera, a principal questão discutida na plenária foi o pedido de demissão de Vázquez – não foi colocado o motivo de tal pedido –, que foi negado pelos sindicatos.

Em 28 de outubro, o Solidaridad Obrera publicou algumas declarações de Fábregas sobre o Decreto de Coletivização. Ele afirmou que o decreto foi aprovado integralmente pelo Conselho de Economia da Catalunha, e que dava conta de empresas coletivizadas e privadas. No tocante às empresas privadas, Fábregas afirmou que se respeitava “[...] la iniciativa privada y el esfuerzo individual coordinados con el interés colectivo [...]”⁶⁴⁰. Afirmou também que nesta primeira fase havia uma série de fatores ponderáveis e imponderáveis “[...] que nos obligan a ir a las realizaciones buscando todas las garantías de que el equilibrio entre la distribución y la producción sufra los menores contratiempos posibles [...]”⁶⁴¹. E, após falar que o decreto tendia a abolir toda renda que não estivesse ancorada no trabalho, concluiu:

Así, pues, de una manera definitiva puede decirse, que el nuevo Código de la vida económica y social de Cataluña va a la anulación de la renta parasitaria para robustecer y reforzar la renta del trabajo⁶⁴².

No dia 29 de outubro, saiu um novo número do Tierra y Libertad. Este tratou, dentre outras questões, do pacto concertado entre a CNT e a UGT catalã, que foi publicizado no comício do último dia 25 e que, para o periódico, contou com a presença de cerca de 200.000 pessoas. Salientou que o “[...] pueblo de Barcelona ha rubricado la unión de las dos centrales

⁶³⁹ Ibidem, p. 13, grifo nosso.

⁶⁴⁰ Idem. **El compañero Fábregas hace interesantes declaraciones sobre el Decreto de colectivización de las industrias**. Barcelona, 28 de out. 1936, p. 13.

⁶⁴¹ Ibidem, p. 13

⁶⁴² Ibidem, p. 13.

sindicales con su presencia al mitin celebrado el pasado domingo en la plaza de toros Monumental⁶⁴³”, e que jamais “[...] el proletariado de Cataluña ha vibrado com tanto entusiasmo⁶⁴⁴”. E cravou:

El proletariado se unió allí para no separarse jamás. El contacto de codos está ya establecido. El fascismo será arrollado implacablemente, porque al pueblo unido no hay fuerza capaz de vencerlo. Los camaradas Vidiella, Sesé, Federica Montseny, Comorera, Vázquez y Herrera expusieron al pueblo de Barcelona y de Cataluña lo que significa el Pacto establecido entre la C.N.T., la U.G.T., el P.S.U.C. y la F.A.I. El Pacto es el principio de la victoria. El aglutinante de todas las fuerzas revolucionarias obreras. Un programa de realizaciones socialistas. Ahora, el frente antifascista es el frente de la victoria. Estamos seguros de que venceremos. Ya tenemos la fuerza. Ya estamos unidos. Que la unión se extienda a toda España, y el triunfo definitivo será inminente. Lealtad y nobleza en el cumplimiento del Pacto. ¡Camaradas, venceremos!⁶⁴⁵.

E esse entusiasmo com o pacto entre as duas centrais sindicais ia mais longe, pois se acreditava que os princípios cenetistas e anarquistas estavam triunfando. Em outro artigo do mesmo Tierra y Libertad, salientou-se que

[...] el espíritu anarquista y anarco-sindicalista, ha prevalecido sobre las demás organizaciones. El federalismo, esencia de la libertad de los pueblos, base fundamental del movimiento obrero propugnado desde su creación por la C.N.T., se abre paso y está ya a punto de cristalizar en realizaciones concretas. Ya nadie pone en duda el valor constructivo de la organización confederal. Aquello que veníamos diciendo de que el federalismo es la unificación por excelencia de todas las fuerzas, de todas las energías, de todos los valores, en estos momentos viene ya consolidando las posiciones conquistadas a los usufructuarios de siglos, de todo aquello que producía la clase trabajadora, sin que pudiera disponer de ello. El centralismo ha muerto ya en manos de los obreros revolucionarios, y con el pacto acordado puede afirmarse que ya no es posible vuelva a retoñar esa morbosidad social que tantos y tantos malestares y sinsabores ha creado en el seno de la humanidad doliente. C.N.T. y U.G.T., espontáneamente guiadas por su propio espíritu, plasman la nueva orientación económica, sobre la cual ha de estructurarse sólidamente la revolución. **La colaboración prestada en el seno del Gobierno de la Generalidad y la creación del Consejo Municipal, con la representación genuina de todas las organizaciones obreras, es una garantía para las ideas federalistas,** pues con la labor que desde los municipios podrán realizar los representantes de las dos centrales sindicales, pronto veremos fructificar la semilla de la libertad y la propia autodeterminación de los pueblos será la que regirá los nuevos destinos y la economía surgida en el calor de la lucha⁶⁴⁶.

No mesmo dia 29 de outubro, o Boletín de Información publicou um artigo falando sobre a questão da intervenção da CNT “na direção da guerra”, o que pode ser entendido

⁶⁴³ TIERRA Y LIBERTAD. **El frente de la victoria.** Barcelona, 29 out. 1936, p. 1.

⁶⁴⁴ Ibidem, p. 1.

⁶⁴⁵ Ibidem, p. 1.

⁶⁴⁶ Idem. **Nuevos horizontes para el proletariado.** Barcelona, 29 out. 1936, p. 2, grifos nossos.

também como um pedido público pelo ingresso dos anarquistas no governo central. Começou dizendo que havia uma desatenção do governo de Madri para com a CNT e, então, bradou:

Los trabajadores que se cobijan bajo el estandarte confederal, crisan sus recios puños en dirección al Gobierno central. Estos que siempre estuvieron en la vanguardia de la lucha contra la opresión y que en esta guerra fratricida son los que más sangre vierten, exigen ya responsabilidades en la dirección, responsabilidad en el mando, responsabilidad en la intervención⁶⁴⁷.

Em seguida, acrescentou:

Aquello de que un día un cierto político desde el Ministerio de la Gobernación dijo: que con la Confederación no se podía gobernar, debe ser desmentido por los que actualmente asumen las funciones y dirección del Gobierno, porque esta organización ha dado pruebas evidentes de que tiene un sentido constructivo superior a todos los organismos que componen el conjunto de la vida social española. Donde ella ha tenido el predominio, donde ha podido colaborar en la responsabilidad de la lucha, hemos visto como el enemigo retrocedía, no solamente el del frente, sino el de la retaguardia; éste que en la fábrica o en el campo, muchas veces más temible que el otro, ha sido vencido por el espíritu arrollador y constructivo de los organismos sindicales⁶⁴⁸.

Então, o artigo pediu a constituição da Junta de Defesa Nacional o mais rapidamente possível, e finalizou:

Ya no puede tolerarse esa actitud pasiva e indiferente hacia el organismo de más probada solvencia moral en las luchas sociales, que más garantías de capacidad constructiva viene dando, y que sea alejado de la responsabilidad común que debe conducirnos al triunfo absoluto de este movimiento antifascista⁶⁴⁹.

No mesmo dia, o Solidaridad Obrera também fez publicações reivindicando uma posição no governo de Madri. Em uma delas foi mais além:

Todas las concesiones posibles han sido hechas para llegar a constituir el frente antifascista. **Incluso hemos renunciado, transitoriamente, a nuestro programa finalista.** En la lucha contra el fascismo hemos dejado girones de nuestra integridad ideológica. No tiene precio lo que han hecho nuestras organizaciones sindicales y anarquistas. ¿Y cómo se pagan nuestros esfuerzos, nuestra ayuda, nuestra colaboración y nuestros sacrificios? Con el desprecio más absoluto⁶⁵⁰.

⁶⁴⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La masa confederal pide la intervención en la dirección de la guerra.** Barcelona, 29 out. 1936, p. 5.

⁶⁴⁸ Ibidem, p. 5.

⁶⁴⁹ Ibidem, p. 5.

⁶⁵⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **La intervención de la C.N.T. en la dirección de la guerra.** Barcelona, 29 out. 1936, p. 16.

Em um segundo artigo sobre o tema, declarou que o periódico CNT – jornal cenetista de Madri – afirmou que, após a Esquerda Republicana ter se colocado favorável à entrada da CNT no governo central de Madri, faltava apenas o aval dos socialistas. E concluiu:

El Gobierno reconstruido o ampliado tiene que constar de la misma representación confederal y ugetista. No sería solución proponer que la C.N.T. se conformara con un ministro sin cartera o con la mitad de los que tiene la U.G.T. La igualdad debe ser la base de toda inteligencia entre las dos centrales proletarias, porque el Gobierno ha de ser el reflejo de la calle. Así quedaría – agrega el citado diario – constituido el Gobierno del pueblo, de todo el pueblo sin excepción⁶⁵¹.

No dia 30 de outubro, houve uma interessante reunião dos comitês superiores cenetistas catalães. Santillán começou falando que Sandino⁶⁵² afirmou saber que em Barcelona existiam armas longas e que, caso fosse necessário, ele enviaria uma centúria para pegá-las – ou seja, ele havia ameaçado desarmar a retaguarda à força. Depois foram discutidos outros assuntos, com destaque para a aprovação do sistema de municipalização da moradia e do salário único familiar. A Federação Local falou sobre a anomalia que existia nos salários, onde alguns gerentes, encarregados, funcionários do município e da Generalitat, mães de milicianos, cobravam salários elevados, às vezes dois soldos, e que se essa situação fosse resolvida a economia se robusteceria. Com isso, a reunião voltou para o assunto das armas e milícias, decidindo-se por se rebaixar o soldo dos milicianos de dez para uma peseta diária – ou seja, um rebaixamento de 90% –, ao mesmo tempo em que se igualaria os soldos de milicianos e familiares de milicianos. Então, veio a questão mais interessante. Marino havia saído da frente de combate para solicitar armas, dizendo que estava em uma situação bastante difícil e que a queda de sua posição representaria a queda de Barbastro, o que colocaria outras colunas em situação muito difícil. Para evitar isso seria preciso, no mínimo, três metralhadoras – para serem colocadas em tanques de guerra que não as tinham – e trezentos fuzis – que armariam trezentos soldados adicionais que seriam enviados para a região. O Comitê de Defesa ofereceu as três metralhadoras, mas com uma condição: que “[...] **los trescientos fuziles séan sacados de los cuarteles**, delos perros de presa, con collar de Asalto ó de Civil⁶⁵³. Neste caso, Santillán prometeu ir atrás dos trezentos fuzis para que o Comitê de Defesa cumprisse sua palavra. Outro assunto discutido na reunião foi a atitude de Sandino, que havia determinado a desapareição dos

⁶⁵¹ Idem. **La entrada de la C.N.T. en el Gobierno del Pueblo**. Barcelona, 29 out. 1936, p. 11.

⁶⁵² Felipe Díaz Sandino (1891-1960). Foi um importante militar que assumiu o Conselho de Defesa da Generalitat em 31 de julho e permaneceu até 14 de dezembro, e que constantemente se chocava com os anarquistas.

⁶⁵³ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 30 de outubro de 1936**, p. 2, grifo nosso.

comitês de defesa, ao que os presentes na reunião classificaram como um ato intolerável e que fugia à sua alçada.

A proposta do Comitê de Defesa nesta reunião foi sintomática. Ao oferecer as metralhadoras, eles reconheceram tacitamente que estavam de posse de armas na retaguarda – o que era de conhecimento geral –, mas também demonstraram força ao colocar uma condição para que ele as entregasse, ainda mais que essa condição era exatamente que os corpos repressivos da retaguarda também entregassem suas armas. O pano de fundo dessa questão era o próprio processo revolucionário. Os comitês de defesa, como todos os revolucionários, desconfiavam de guardas armados ao serviço do Estado atuando na retaguarda, e queriam que eles fossem enviados para a frente de combate. Já os que propugnavam a reconstrução e posterior reforço do aparelho de Estado buscavam o desarmamento da retaguarda – que, na verdade, era desarmamento dos trabalhadores revolucionários e comitês que ainda existiam –, mas não queriam tocar nos corpos repressivos. A atitude de Sandino em relação aos comitês de defesa também se inseria dentro dessa lógica. Cada vez mais os comitês de bairro, de cidade e o aparelho de Estado em processo de reconstrução estavam em rota de colisão.

No dia 30 de outubro, o *Solidaridad Obrera* novamente publicou um artigo pedindo que a CNT pudesse “intervenir en la dirección de la guerra⁶⁵⁴”, afirmando que a população era favorável. Em um segundo artigo, o periódico deu a conhecer que no último dia 29

El jefe del Gobierno recibió la visita del Comité Nacional de la C.N.T. Parece que trataron de asuntos relacionados con la situación política y posible entrada de la C.N.T. en el Gobierno. También conferenció el presidente con el consejero de Defensa Interior de Cataluña, señor Aguadé⁶⁵⁵.

No dia 31 de outubro, houve uma nova reunião dos comitês superiores cenetistas catalães. Ela foi iniciada discutindo algumas anomalias que existiam na Catalunha, inclusive falando-se que algumas coletividades ameaçavam parar por conta da má organização da economia. Falou-se também sobre a questão do Soli não estar passando pela censura – o que foi afirmado como um ato de rebeldia –, acerca de as empresas estarem com dificuldades de vender seus produtos e os abusos que existiam em relação aos salários, como pessoas que recebiam sem trabalhar, trabalhadores “fantasmas” etc., além de tratar da questão dos vendedores ambulantes e outras questões. Então, iniciou-se a discussão em torno do processo de militarização das milícias. Na ata da reunião, está escrito: “Comparecen los compañeros

⁶⁵⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **Todos luchamos; todos hemos de intervenir en la dirección de la guerra; el clamor popular debe de ser atendido.** Barcelona, 30 out. 1936, p. 3.

⁶⁵⁵ Idem. **¿Hacia la formación del Consejo Nacional de Defensa?** Barcelona, 30 out. 1936, p. 8.

representantes de las centurias, de Aguiluchos, Ascaso y Ortiz, acompañados por el compañero Jover, los cuales vienen á protestar de la militarización, que se pretende hacer con la llamada que se ha hecho⁶⁵⁶”. Estes representantes das milícias disseram que, com a militarização, eles poderiam ser retirados da localidade onde atuam, e defenderiam sua posição com armas nas mãos. O Comitê Regional respondeu: “Véis, con ésta posición que adoptais de tener las armas en las manos etc. ¿Cómo és posible que nos entendamos nunca? ¿Cómo quereis que haya un acuerdo entre nosotros y vosotros?⁶⁵⁷”. E, continuando, acrescentou que

[...] ha determinado la Organización el hacer la MOVILIZACION, para que vayan no solamente nuestros compañeros como hasta ahora ten ido, sino también éstos mosquitos ésta gente bién, que miraban con indiferencia el sacrificio de nuestros hermanos, mientras ellos aquí á retaguardia disfrutaban en juergas, y demas diversiones particulares⁶⁵⁸.

Ao Comitê Regional o representante dos Aguiluchos respondeu que “[...] traves de las distancias que le separan de las demás centurias, han sabido todos las necesidades que tenían y por éso han venido varios representantes para exponerlas á la Organización⁶⁵⁹”. E um delegado francês

[...] protesta asi mismo de la movilización **él entiende que és militarización y señala los peligros que pueden ocurrir si se confiá el mando de las milicias, ha determinados individuos** y señala como ejemplo, lo ocurrido en Rusia. Dice, que **militarizados los milicianos, si és que éstos se permitieran militarizarse, cambiaria totalmente el aspecto, que tienen ahora, en vez de ser unos milicianos de la libertad; muy fácilmente se convertirian, en tiranos de su pueblo⁶⁶⁰.**

Outro delegado, sobre o qual a ata não especificou, mas que presumidamente é mais um membro da delegação francesa, falou que “[...] **el mal viene de la Organización, que si ésta hubiese consultado antes con los compañeros del frente ése Decreto de militarización. no se hubiera llevado á efecto⁶⁶¹**”. A tal respeito o Comitê Regional indagou que “[...] nó és militarización sino movilización⁶⁶²”. A ata da reunião informa que, em seguida, foi iniciado um debate “[...] al principio un poco violentos⁶⁶³”, que depois acalmou, sendo decidido que seria estabelecido um

⁶⁵⁶ REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunião realizada no dia 31 de outubro de 1936, p. 3.

⁶⁵⁷ Ibidem, p. 3.

⁶⁵⁸ Ibidem, p. 3.

⁶⁵⁹ Ibidem, p. 3-4.

⁶⁶⁰ Ibidem, p. 4, grifos nossos.

⁶⁶¹ Ibidem, p. 4, grifo nosso.

⁶⁶² Ibidem, p. 4.

⁶⁶³ Ibidem, p. 4.

[...] éxo de relaciones, que tendrá una efectiva labor, anulando, á los compañeros del frente con los retaguardia, para documentarse, de tódas aquellos acuerdos que se toman por parte de la Organización, y de las necesidades que se observen en el frente.
– Se hara una milicia unica, y asi se evitará que nadie se escurra de su obligación⁶⁶⁴.

Montseny argumentou, tentando apaziguar a situação, que “[...] hay que procurar que en las centurias de ésas nuevas milicias, se conserve tódo éso que és algo del pueblo, que es consustancial con nosotros, cómo són los Delegados, los Comités etc, etc⁶⁶⁵”. Com isso, o delegado dos Aguiluchos respondeu que

[...] ellos son consecuentes y conscientes de su posición, las cual és tanjante, **no se dejaran desarmar por nadie ni por nada**. Que éellos no pueden formar una comisión para que venga á relacionarse con la Organización catalana, pues éso es restar personal al frente, y no se pueden distraer en esas cosas; hay que buscar la fórmula y manera de que séa la Organización quién séa la que vaya, á relacionarse y decir verbalmente los ultimos acuerdos tomados⁶⁶⁶.

Perante a referida afirmação o Comitê Regional respondeu que

[...] no se crean desamparados por los compañeros de Cataluña, los que estamos aqui sufrimos, nos desvelamos, y trabajamos para que á éellos no les falte nada, que si se han hecho transiciones, y determinados pactos, ha sido: **Sacrificandose nuestra parte ideologica** pero para conseguir el bien estar y la victoria de los que están en los campos de lucha⁶⁶⁷.

Depois de mais algumas falas sobre questões militares, a reunião foi encerrada. Ao final da ata, o redator fez questão de afirmar que “Termina el debate mucho más amistoso, de, lo que al principio parecia [...]”⁶⁶⁸.

Assim, a reunião demonstrou claramente os problemas nos quais estavam inseridos os quadros dirigentes do anarquismo catalão. Os representantes dos milicianos acusaram os comitês cenetistas e seus representantes no governo de, no mínimo, serem ineficientes. Viram com clareza os perigos que estavam por vir com o processo de militarização das milícias – que entraria em vigor no dia seguinte, dia 1 de novembro –, convertendo trabalhadores revolucionários em soldados profissionais e mudando a finalidade da luta. Foram bastante certos também ao afirmar que tal medida só foi aprovada porque os ministros cenetistas não consultaram as bases, ou seja, porque eles decidiram por si só, de forma “autônoma”, tal qual qualquer elemento da burocracia. Era uma quebra do sistema federalista, característico da CNT.

⁶⁶⁴ Ibidem, p. 4.

⁶⁶⁵ Ibidem, p. 4.

⁶⁶⁶ Ibidem, p. 4, grifo nosso.

⁶⁶⁷ Ibidem, p. 4, grifo nosso.

⁶⁶⁸ Ibidem, p. 4.

Foi revelador ainda do espírito que reinava nas milícias quando o representante francês explicitou que os milicianos não se deixariam desarmar por nada, demonstrando que estavam dispostos a enfrentar o processo de reconstrução do Estado e, inclusive, seus próprios dirigentes. E, por último, o próprio Comitê Regional, de certa forma, reconheceu o estado de coisas ao afirmar que estava fazendo “concessões ideológicas” para o que entendiam ser o bom andamento da guerra, ou seja, para a manutenção da unidade antifascista. As divisões entre a base e os dirigentes estavam sendo alargadas. Enquanto as bases anarquistas não separavam a guerra civil do processo revolucionário, os dirigentes estavam cada vez abandonando os objetivos revolucionários do conflito.

No mesmo dia 31, o Soli publicou um artigo falando sobre a questão das milícias e dos últimos decretos que a elas se referiam. Afirmou que se pretendia “[...] limitar las perspectivas de la Revolución, encuadrando a las fuerzas creadas por ella misma dentro de los viejos moldes del sistema que produjo la militarada del 19 de julio⁶⁶⁹”. No entanto, o artigo reconheceu a necessidade de regular o espírito e a vontade das milícias, “[...] de dar una base severa al sentido de responsabilidad de los combatientes, llegando hasta la aplicación de sanciones rigurosas a los que, después de haberse comprometido solemnemente, abandonen el sitio de combate [...]”⁶⁷⁰. Ademais, afirmou que a aplicação do vigente Código de Justiça Militar tinha causado deploráveis impressões. Parecia que se queria manter a situação de antes de 19 de julho. Salientou, completando em seguida, que isso não era mais possível, pois se poderia canalizar a revolução, combater seus excessos, responsabilizar os combatentes e impor normas e disciplinas conscientemente aceitas. Tudo o que tornasse eficaz a guerra deveria ser feito, mas sem retirar o conteúdo revolucionário. Era preciso se habituar com a ideia de que

[...] el viejo Código de Justicia Militar, de que las viejas jerarquías, de que todo el aparato imponente un día, hoy reducido a pavesas, no pueden ser hoy, en ningún momento, factores determinantes de victoria. Todo esto ha desaparecido para siempre y ha de ser sustituido con valores nuevos, de verdadera eficacia⁶⁷¹.

O artigo ainda afirmou que o procedimento escolhido estava desanimando as multidões, minando seu ímpeto e entusiasmo. Com isso, finalizou:

No. La militarización de las Milicias, las movilizaciones del proletariado, de toda la población antifascista, no puede, no debe ser una resurrección del viejo Ejército. Aportemos soluciones nuevas, un nuevo concepto del deber y del honor a la

⁶⁶⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **La militarización de las milicias. Resurrección del Viejo Ejército**, no. Barcelona, 31 out. 1936, p. 3.

⁶⁷⁰ Ibidem, p. 3.

⁶⁷¹ Ibidem, p. 3.

lucha ya la guerra. Nunca como ahora puede decirse de ese honor, que salvaguarda el rígido y aristocrático Código que, si fuese algo sólido, podría servir para abonar las tierras. En cambio, el heroísmo popular ha valorizado nuevos conceptos de la lucha y de la vida, que podemos elevar a la categoría de códigos morales, de leyes de guerra, implacables e imponentes. Sentido de responsabilidad y de responsabilización en los mandos y en los milicianos. Concepto de la disciplina como condición elemental para el triunfo. Energía máxima ante los que no sepan cumplir el compromiso contraído al ofrecer su concurso en la lucha y al no saber morir para cumplirlo. Y todo esto es un código revolucionario, escrito en todas las conciencias, y que puede resumirse en muy pocos textos, infinitamente más superior, más eficaz y más severo que todos los Códigos de Justicia Militar del Mundo⁶⁷².

Outro importante artigo do Soli deste mesmo dia 31 de outubro destacou as negociações com o governo de Madri. Depois de dizer que Caballero estava favorável à entrada da CNT no governo central, o periódico afirmou:

La C.N.T. no plantea dificultades insuperables. Es cierto que reclama cinco carteras y cierto que ha expresado también su preferencia por las de Guerra, Hacienda, Trabajo, Obras Públicas, y Comercio o Agricultura. En el primer aspecto de su demanda, excesivo a juicio de Largo Caballero, no hace más que pedir igualdad de condiciones con la U.G.T. En cuanto al segundo aspecto, a la vez que expresó su preferencia por los ministerios mencionados, también afirmó al jefe del Gobierno, que la cuestión de distribución de carteras no podría nunca significar una dificultad para llegar a un entendimiento, es deber, que accediendo a lo fundamental, a la paridad con la U.G.T., la C.N.T. aceptaría esas u otras. Planteada la cuestión en estos términos, es fácil solucionarla satisfactoriamente para todos. Hay que buscar la fórmula de que la C.N.T. y la U.G.T. se encuentren dentro del Gobierno en igualdad de condiciones. Situar una organización por debajo de la otra es dejar en el aire el problema de la unidad, es abrir polémica sobre quién vale o puede más. No caigamos en este error, camarada. Empezamos ahora a entendernos. Estamos a punto de plasmar la alianza nacional anhelada⁶⁷³.

No dia 1º de novembro, o chefe dos Serviços de Ordem Pública, Dionisio Eroles, deu uma pequena entrevista ao Soli falando sobre uma tentativa frustrada de desembarque de tropas franquistas em Barcelona que havia ocorrido na tarde do último dia 30, conforme o Solidaridad Obrera do dia 31. Depois de dizer que foi uma investida “idiota” e que não teria consequências, afirmou que “**Los Comités Revolucionarios de las barriadas cumplieron con su deber**”⁶⁷⁴, demonstrando que os comitês de bairro ainda estavam ativos e tinham armas e poder suficientes para repelir uma tentativa de invasão de tropas fascistas.

No mesmo dia, Durruti assinou um manifesto – que era de toda a Coluna Durruti – rechaçando a militarização, e que foi enviado para o Conselho da Generalitat. Tal manifesto dizia que a rebelião militar-fascista de 19 de julho deu origem a um movimento popular que

⁶⁷² Ibidem, p. 3, grifo nosso.

⁶⁷³ Idem. “C.N.T.”, **sigue ocupándose de que dicha organización debe formar par del Gobierno**. Barcelona, 31 out. 1936, p. 8.

⁶⁷⁴ Idem. **Palabras de Dionisio Eroles, jefe de los servicios de orden público, sobre a última pirueta fascista en Cataluña**. Barcelona, 1 nov. 1936. p. 3, grifo nosso.

“[...] condenó definitivamente, entre otras cosas, la organización jerárquica militar y el Código de Justicia a que se refiere el artº 2º del Decreto referido⁶⁷⁵”. Acrescentou que a própria Coluna Durruti, que ele liderava, foi formada neste caldeirão, que ela tinha uma unidade em seu conjunto e finalidades, assim como seus membros eram disciplinados no tocante ao objetivo de bater o fascismo. E acrescentou:

Si la disciplina tiende a buscar un mayor rendimiento en los individuos, esta Columna puede dar buena prueba de esa efectividad: el trabajo realizado en el frente por nuestros milicianos y el avance constante de nuestras posiciones son nuestro exponente mejor en favor de la auto-disciplina. Los milicianos de esta Columna tienen confianza en si mismos y en los que la dirigimos por su expresa delegación sin reservas. Por tanto creen, y nos identificamos con ellos, que **el decreto de militarización no puede mejorar nuestras posibilidades de lucha**, viniendo a crear, en cambio, suspicacias, reservas y repulsiones que, han apuntado y concretarían un verdadero estado de desorganización. **La razón que se aduce de que el enemigo luche “aprovisionado de material en grandes proporciones” no tiene, evidentemente, solución con la militarización de las milicias.** Por todo lo expuesto, este Comité, haciéndose eco del clamor de protesta levantado en la Columna por el Decreto referido, se ve precisado a no admitirlo⁶⁷⁶.

O manifesto terminou pedindo liberdade de organização ao Conselho da Generalitat.

No dia 2 de novembro, o Solidaridad Obrera publicou uma notícia acerca de uma conversa entre o Presidente do Conselho de Aragón, Joaquín Ascaso, e o Presidente do Conselho de Ministros, Largo Caballero. Francisco Ascaso entregou a este um escrito, que o periódico publicou na íntegra. Tal documento começou afirmando os motivos de se ter constituído o Conselho de Aragón, que era basicamente para administrar a região. Em suas palavras:

La inexistencia del Gobierno civil, Diputación provincial y todos los organismos regidores de las actividades de las tres provincias aragonesas y la ocupación de parte de esta región por columnas, no todas sometidas al control de una disciplina deseable y precisa, han dado origen a una situación caótica que amenaza producir la ruina económica de este territorio y el desconcierto de sus moradores, con la subsiguiente desmoralización en la retaguardia, que ha de traer como consecuencia, si no se evita a tiempo, descalabros lamentables en los frentes de guerra. Todo esto indica, como indispensable con apremio de tiempo, la creación de un organismo que viniera a recoger, en primer término, todas las funciones públicas abandonadas por la desaparición de las entidades que anteriormente las ejercían; organismo adecuado en su estructura y funcionamiento a las realidades del momento. La creación de este organismo tiene hoy el asentimiento pleno del pueblo liberal de Aragón y de todas las fuerzas sindicales y políticas que luchan contra el fascismo. Y este Consejo, en el que han de tener participación todos los sectores sociales y políticos antes expresados,

⁶⁷⁵ VIA LIBRE. **La columna contesta al Decreto de Militarización.** Barcelona, 7 nov. 1936, p. 6.

⁶⁷⁶ Ibidem, p. 6, grifos nossos.

desea, para obrar con la máxima autoridad, el aval del Gobierno de la República; y para ello exponemos en este documento sus propósitos y finalidades⁶⁷⁷.

Além disso, o escrito, bastante conciliador, afirmou que o Conselho de Aragão nasceu com um grande espírito de solidariedade no tocante à luta e ao futuro trabalho de reconstrução e, por isso, ele fazia constar “[...] su absoluta identificación con el Gobierno de la República y su firme propósito de hacer cumplir todas cuantas disposiciones que de éste emanen⁶⁷⁸”. Salientou que assumiria as funções e atribuições que eram de competência dos governadores civis e deputados provinciais, as que fossem delegadas pelo governo central e as que as circunstâncias havia acabado impondo. Como finalidade concreta, o Conselho teria três: manter a ordem pública, impedindo os atropelos e arbitrariedades que vinham ocorrendo por parte de alguns irresponsáveis; atender à reconstrução econômica do território libertado; ajudar o comando militar para que as forças combatentes fossem mais eficazes. O escrito também falou em fazer um plebiscito, quando a situação estivesse normalizada, para tratar tanto da atuação do Comitê quanto do futuro social e político.

No dia 3 de novembro, o Boletín de Información publicou uma fala de Juan P. Fábregas, onde ele fez alguns esclarecimentos sobre a Junta de Comércio Exterior. Ele explicou que sua

[...] misión consiste en regular nuestras exportaciones y controlarlas rigurosamente – lo mismo que las importaciones – a fin de evitar el contrabando, que podía perjudicar las orientaciones que estamos imprimiendo a nuestro comercio exterior, ya que debido a la pérdida de, más o menos, la mitad del consumo español, nos vemos obligados a buscar en el exterior la correspondiente compensación. La política de contingentes crea dificultades en el intercambio y exportación de productos, lo cual iremos nosotros subsanando por medio de envíos temporales que estamos estableciendo entre Cataluña y otros países⁶⁷⁹.

Fábregas também se manifestou sobre as atividades da Junta:

La Junta del Comercio Exterior se preocupa de ir estableciendo con la máxima rapidez, las delegaciones de esta Consejería de Economía en los principales centros de consumo del mundo, a fin de que de esta manera al propio tiempo que estableceremos un nexo de control adecuado entre nuestro país y los mercados exteriores, acabaremos con los envíos de delegados y enviados especiales, que de una manera esporádica y sin control, realizaban organismos y empresas privadas en el otro lado de la frontera. Ya está nombrado el delegado en Ginebra y en breve se nombrarán los representantes de comercio exterior en Londres, París, Praga, Bruselas y Buenos Aires, por el momento. Existe el proyecto de establecer los Comités de Control de Aduanas, puesto que dadas las circunstancias actuales y exigencias de este periodo de

⁶⁷⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **El presidente del Consejo de Defensa de Aragón, compañero Ascaso, visita a Largo Caballero.** Barcelona, 2 nov. 1936, p. 4.

⁶⁷⁸ Ibidem, p. 4.

⁶⁷⁹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Orientaciones económicas. Habla el compañero Juan P. Fábregas.** Barcelona, 3 nov. 1936, p. 7.

guerra, se hace preciso adoptar medidas que permitan dar la máxima eficacia y coordinación a todas las disposiciones tomadas, a fin de asegurar el control de nuestro comercio interior y exterior⁶⁸⁰.

No mesmo Boletín de Información⁶⁸¹, falou-se de uma situação curiosa, a qual mostra que existia uma solidariedade internacional para com a luta dos trabalhadores espanhóis. A S.A.C.⁶⁸² conseguiu arrecadar para os espanhóis cerca de oito mil coroas, o que dava cerca de 40 mil francos, e que foi entregue a Souchy em uma de suas visitas à Suécia. Outros sindicatos também doaram cerca de cem mil coroas, e trabalhadores comuns organizaram coletas por conta própria. Outra forma utilizada, e que fora comentada em outros números do Boletín de Información, foi a compra de laranjas espanholas. Trabalhadores de diversos países, e que queriam contribuir com a luta dos espanhóis, acabavam adquirindo laranjas dali, em sua grande maioria proveniente da região do Levante, acreditando assim estar ajudando tanto a luta antifascista quanto o projeto revolucionário, visto que boa parte dessas laranjas eram produzidas nas coletividades rurais.

No mesmo dia 3 de novembro, o Solidaridad Obrera publicou em uma pequena nota na sua primeira página que, na noite do dia anterior, o Comitê Nacional da CNT reuniu-se com Caballero e acertou os nomes e as pastas que ficariam reservadas para a CNT no próximo governo. E seriam estes: Juan Peiró, Ministro da Indústria; Juan López Sánchez, Ministro do Comércio; Federica Montseny, Ministra da Saúde e Assistência Social; e Juan García Oliver, Ministro da Justiça. Assim, os anarquistas passariam a ostentar cargos também no governo central. Ainda no mesmo Soli, foi publicado um artigo em que se discutiu os perigos da retaguarda, por conta de fascistas infiltrados. Afirmou que não era intenção do escrito criticar os órgãos que se dedicavam à tarefa de encontrar estes infiltrados, e que em outros artigos já se havia falado da necessidade de dar impulso aos bairros, “[...] por la simple razón que aporta una gran eficacia al feliz desenlace de las tareas que con grandes dificultades se han de enfocar desde un lugar más o menos centralizado⁶⁸³”. Afirmou, então, que os momentos atuais impunham comitês de moradia.

Estos Comités, que los integrarán vecinos de solvencia revolucionaria, poseerán por misión fundamental llevar un control exacto de los inquilinos que ocupen las múltiples casas que constituyen el casco barcelonés. De esta manera simple, se conseguirá que podamos saber con toda seguridad la filiación y la procedencia de los vecinos. Y

⁶⁸⁰ Ibidem, p. 7.

⁶⁸¹ Idem. **Solidaridad en Suecia con la España antifascista**. Barcelona, 3 nov. 1936, p. 3-4.

⁶⁸² Sveriges Arbetares Centralorganisation – Organização Central dos Trabalhadores da Suécia. É uma organização sindical sueca fundada em 1910 e de tendência anarcossindicalista, sendo uma das organizações afeitas à CNT.

⁶⁸³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Se ha de establecer un control riguroso de la población**. Barcelona, 3 nov. 1936, p. 16.

procurando acoplar las actividades de los Comités esbozados con las funciones que desempeña la Comisaría de Orden Público, se conseguiría con inusitada rapidez que el peligro que denunciábamos todos los días, se esfumase con gran premura. [...] El Comité de vivienda es una creación revolucionaria. Se necesita para contrarrestar el espionaje y la infiltración de los elementos hostiles a la situación revolucionaria. A nuestro entender, daremos un gran paso en pro del control de la población si nos disponemos a constituir el Comité apuntado. La hora presente es una hora de guerra. Como tal, está preñada de peligros y hay que hacer frente a ellos⁶⁸⁴.

No dia 4 de novembro, foi formado oficialmente o novo governo em Madri, sendo emitida a seguinte nota:

Convenido de que en el momento actual no debe quedar al margen del Gobierno ninguna de las fuerzas que luchan contra el fascismo, sino que las circunstancias exigen que las responsabilidades sean por todos compartidas y que cada una de dichas fuerzas se sienta directamente representada en el Poder, el Jefe del Gobierno ha aconsejado al del Estado la ampliación del aquél, dando representación a la Confederación Regional del Trabajo. Aceptada la sugestión por S. E. el Presidente de la República, el Jefe del Gobierno ha procedido inmediatamente a la reorganización del Gabinete ministerial. En cuanto a la orientación política y al programa del Gobierno una vez reformado, serán los mismos que hasta hoy venía realizando. El Gobierno queda formado de la siguiente manera: PRESIDENCIA Y GUERRA: Francisco Largo Caballero ESTADO: Julio Alvarez del Vayo MARINA Y AIRE: Indalecio Prieto HACIENDA: Juan Negrín INSTRUCCIÓN PUBLICA: Jesús Hernández JUSTICIA: Juan García Oliver GOBERNACION: Angel Galarza TRABAJO: Anastasio de Gracia AGRICULTURA: Vicente Uribe OBRAS PUBLICAS: Julio Just COMUNICACIONES: Bernardo Giner de los Ríos INDUSTRIA: Juan Peyró COMERCIO: Juan López Sánchez SANIDAD: Federica Montseny Mañé PROPAGANDA: Casrlos Esplá MINISTROS SIN CARTERA: José Giral, Manuel de Irujo y Jaime Aguadé⁶⁸⁵.

Neste mesmo dia 4 de novembro, todos os periódicos repercutiram a formação do novo governo. O Solidaridad Obrera, por exemplo, afirmou que “Han pasado dos meses, desde que la C.N.T. entendió que era necesario intervenir en la dirección de las cosas de España⁶⁸⁶”, e que antes havia tentado formar um Conselho Nacional de Defesa. No entanto, uma vez que esta foi rechaçada, acrescentou o jornal, mais uma vez a organização cedeu em prol da necessária unidade. Argumentou também que era preciso concentrar “[...] la atención de los dos grandes problemas del día: vencer en la guerra y consolidar la reconstrucción económica, impidiendo que al pueblo español le falte lo más indispensable para vivir⁶⁸⁷”. O mesmo Soli, em outra reportagem da mesma página, fez uma pequena análise relacionando a CNT, o governo e o Estado. Eis o texto na íntegra:

⁶⁸⁴ Ibidem, p. 16.

⁶⁸⁵ Idem. **El nuevo gobierno**. Barcelona, 5 nov. 1936, p. 1.

⁶⁸⁶ Idem. **La misión del gobierno de Madrid**. Barcelona, 4 nov. 1936, p. 1.

⁶⁸⁷ Ibidem, p. 1.

La entrada de la C.N.T. en el Gobierno central, es uno de los hechos más trascendentales que registra la historia política de nuestro país. De siempre, por principios y convicción, la C.N.T. ha sido antiestatal y enemiga de toda forma de Gobierno. Pero las circunstancias, superiores casi siempre a la voluntad humanas, aunque determinadas por ella, han desfigurado la naturaleza del Gobierno y del Estado español. **El Gobierno, en la hora actual, como instrumento regulador de los órganos del Estado, ha dejado de ser una fuerza de opresión contra la clase trabajadora, así como el Estado no representa ya el organismo que separa a la sociedad en clases. Y ambos dejarán aún más de oprimir al pueblo con la intervención en ellos de elementos de la C.N.T.** Las funciones del Estado quedarán reducidas, de acuerdo con las organizaciones obreras, a regularizar la marcha de la vida económica y social del país. Y el Gobierno no tendrá otra preocupación que la de dirigir bien la guerra y coordinar la obra revolucionaria en un plan general. Nuestros camaradas llevarán al Gobierno la voluntad colectiva e mayoritaria de las masas obreras reunidas previamente en grandes asambleas generales. No defenderán ningún criterio personal o caprichoso, sino las determinaciones libremente tomadas de los centenares de miles de obreros organizados en la C.N.T. Es una fatalidad histórica la que pesa sobre todas las cosas. Y esa fatalidad la acepta la Confederación Nacional del Trabajo para servir al país, **con el interés puesto en ganar pronto la guerra y para que la revolución popular no sea desfigurada.** Tenemos la seguridad absoluta de que los camaradas elegidos para representar a la C.N.T. en el Gobierno sabrán cumplir con el deber y la misión que se les ha encomendado. En ellos, no se ha de ver a las personas sino a la organización que representa. **No son gobernantes ni estatales, sino guerreros y revolucionarios al servicio de la victoria antifascista.** Y esa victoria será tanto más rápida y retunda, cuanto mayor sea el apoyo que les prestemos⁶⁸⁸.

Em uma terceira reportagem, o mesmo periódico cravou:

Desde ayer a las nueve y media de la noche que respiramos a todo pulmón y, seguramente con nosotros, toda la clase trabajadora y campesina de España. **La entrada de los cuatro compañeros nuestros en el engranaje del país, es la garantía más absoluta de que nadie podrá torcer ya la marcha ascendente de los acontecimientos y los deseos que palpitan en todos los corazones proletarios. Es, además, la garantía absoluta del triunfo de la guerra**⁶⁸⁹.

O Boletín de Información también falou sobre a entrada da CNT no governo. Começou dizendo que a organização sempre velou pelo interesse geral do povo e, ante o momento histórico, tinha necessariamente que optar por posições extremas. E acrescentou:

Siempre dijo la C.N.T. que la unificación revolucionaria se produciría fatal e históricamente en la calle. Una jornada memorable sirvió para soldar a todas las voluntades en contra del enemigo común. A medida que la revolución se convertía en una guerra civil, la Confederación Nacional del Trabajo, adoptó también las posiciones para contrarrestar la guerra civil al fascismo. Por eso, cuando la situación creada en el centro de España por la ofensiva facciosa, recabó asumir la responsabilidad en el Gobierno en cuanto a elementos directos de esa lucha fratricida, y si pidió colaborar en este sentido de responsabilidad cívica, lo hizo en el bien entendido propósito de poder ayudar más eficazmente en toda la lucha impuesta por las circunstancias. La C.N.T. asume su parte de responsabilidad en la dirección gubernamental – que diremos cosa pública –. Quiere decir eso que nos hemos

⁶⁸⁸ Idem. **La C.N.T., el Gobierno y el Estado.** Barcelona, 4 nov. 1936, p. 1, grifos nossos.

⁶⁸⁹ Idem. **Ayer se ganó la guerra y triunfó la Revolución.** Barcelona, 4 nov. 1936, p. 4, grifo nosso.

declarados gubernamentales? No. Nos hemos incorporado en la dirección y administración del Patrimonio Nacional y si lo hacemos es por la convicción que tenemos de que todo lo que se dice del Gobierno, es bien del pueblo y como representantes genuinos del mismo, queremos administrarlo directamente y de común acuerdo con todos aquellos factores y elementos que coinciden en la lucha antifascista. Además, **el Gobierno actual, más que Gobierno, debe ser considerado como un Consejo Revolucionario**. En sinceridad se nos podrá igualar, pero jamás sobrepasar. Se nos decía amigos de la revuelta, por la revuelta. Los hechos han demostrado lo contrario. Somos revolucionarios y como tales seguimos y seguiremos nuestra labor revolucionaria en el bien entendido propósito de ir construyendo, a la vez que destruimos, lo que entendemos debe construirse para que España no vuelva a ser nunca más presa de las aves de rapiña, de esas aves que actualmente devoran el cuerpo de la Nación. En esa nueva etapa, unidos todos los productores como un solo hombre, veremos renacer la disciplina indispensable para vencer al fascismo, sin necesidad de apelar a medidas que están en pugna con el espíritu del régimen de libertad que el pueblo en armas quiere establecer sobre las ruinas de la España negra y reaccionaria⁶⁹⁰.

Proclamou também que a CNT reafirmava que o fascismo era a direção retrógrada que o capitalismo impunha ao trabalhador, para sujeitá-lo às cadeias da escravidão, e que

[...] nadie dude de nuestra sincera colaboración en todo aquello que sea destruir la economía plutocrática para **crear la economía de los Sindicatos**, que es la que de hecho ha de reemplazar la economía desordenada y centralista del sistema capitalista por los principios federalistas⁶⁹¹.

E o artigo finalizou dizendo que libertários jamais iriam se impor pela força, bem como esperavam que as outras correntes fizessem o mesmo e, desse modo, a Espanha logo estaria livre de seus cruéis inimigos.

O colaboracionismo cenetista tragou a organização para dentro do governo catalão em fins de setembro, fazendo o mesmo com o governo central no início de novembro. Para justificar tal medida, a imprensa anarquista usou vários subterfúgios, fazendo um verdadeiro malabarismo teórico para tentar justificar o rompimento com todos os acordos e finalidades da organização, do anarquismo clássico e do sindicalismo revolucionário. Cada vez mais, os objetivos da guerra se sobrepunham aos objetivos da revolução.

⁶⁹⁰ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La C.N.T. en la Dirección Pública**. Barcelona, 4 nov. 1936, p. 1, grifo nosso.

⁶⁹¹ *Ibidem*, p. 1, grifo nosso.

4 A REVOLUÇÃO NA ENCRUZILHADA

4.1 Do Governo Central à Reunião de Comitês

Em 5 de novembro de 1936, Camillo Berneri publicou dois artigos no periódico Guerra di Classe. No primeiro deles, polemizou com uma matéria de Ercoli no Il Grido del Popolo sobre as particularidades da Revolução Espanhola. Para Berneri, Ercoli reduziu o conflito espanhol a uma guerra nacional-revolucionária, pois seria feita por um povo para sua libertação e para a libertação de um país que estava submetido ao estrangeiro, e pela libertação dos catalães, bascos e galegos da opressão da nobreza castelhana. Tal interpretação, segundo Berneri, dava conta da realidade apenas de forma parcial, e apagava o papel do proletariado no processo revolucionário, retirando o conteúdo socialista da luta e transformando-a em uma guerra nacionalista. Em suas palavras:

Que considerada objetivamente, la guerra civil española sea popular-nacional, es cierto, aunque sólo parcialmente. Lo que no responde nítidamente a la verdad es atribuir al proletariado español como determinante central una significación nacionalista de la guerra civil, cuando es por lo contrario sólo un matiz. Es evidente el intento de Ercoli de encuadrar a la revolución española en los esquemas... clásicos habituales de los propagandistas de las tesis de la “guerra revolucionaria”, pero mientras sucede en el terreno de la idea todos los hallazgos y todas las formulaciones son legítimas. Donde Ercoli pierde consideración es en los pasajes en los que se trata los antecedentes esenciales de la reciente situación española, así como de la actual. Se refiere escasamente a la C.N.T. y a la F.A.I., llegando incluso a silenciar el enorme papel que han desempeñado en la revolución española, y cae en lo grotesco con afirmaciones de este tipo: la teoría y la práctica anarco-sindicalista contraria “el arraigado espíritu de organización y de disciplina propios del proletariado”. ¡Aquel espíritu, tal vez, que ha dado tan óptimos resultados bajo la clarividente guía de los jefes socialdemócratas y bolcheviques en Italia, Alemania y Austria! Si el proletariado español se levantó contra el fascismo con un impulso pleno de insuperable coraje, el mérito es, evidentemente, de los varios Largo Caballero y de aquel poderosísimo partido “de masas” que era el partido comunista español⁶⁹².

O segundo artigo de Berneri publicado neste dia fez algumas críticas às próprias organizações anarquistas. Afirmou que a Revolução Espanhola estava se aproximando rapidamente de uma mudança perigosa, que a situação militar não havia melhorado, mas que era preciso atentar também às condições “político-sociais”, ou seja, aos desdobramentos do processo revolucionário. Censurou a CNT de Madri por ter declarado que o governo não sabia conduzir a guerra, apontando assim para o problema da intervenção da CNT no conflito,

⁶⁹² BERNERI, Camillo. Respuesta a Ercoli sobre la Revolución española. Guerra di Classe. Barcelona, 5 nov. 1936. In: BERNERI, Camillo. **Guerra de Clases en España, 1936-1937**. Barcelona: Tusquets, 1977, p. 199-200.

afirmando que era preciso ir mais além, acrescentando as condições e o modo de tal intervenção.

E declarou:

No se trata de soluciones demiúrgicas, sino de una vasta, profunda y rapidísima reforma de los cuadros dirigentes y de los órganos y medios de enlace de las columnas. La militarización de las milicias no es una solución técnica, y es un error político haberla pacíficamente admitido sin esclarecer sus intenciones, ilustrar los puntos oscuros, discutir las líneas principales. El “espíritu de columna” y la confusión de los poderes de control político y el poder del mando militar, pueden parcialmente justificar el decreto de la Generalitat de Cataluña, pero un tal decreto no soluciona de ninguna manera los problemas vitales de la victoria militar de la revolución⁶⁹³.

Continuando suas críticas, Berneri proferiu que o problema das necessidades de guerra só seria solucionado mediante a resolução das questões políticas espanholas, e que o governo de Madri era tão inimigo da revolução social quanto o fascismo, sendo que a única coisa que lhe interessava era a “volta à normalidade”. Assim, ele via o armamento da Catalunha como uma expansão da revolução, e então era preciso forçar o governo de Madri a escolher entre a derrota militar ou a revolução vitoriosa. Berneri também não poupou o periódico Solidaridad Obrera de críticas. Afirmou que dado que o governo de Madri orientava uma política antirrevolucionária, e como o PC procurava ser convertido na Legião Estrangeira da democracia e do liberalismo espanhol, e a socialdemocracia espanhola era revolucionária a maneira de Largo Caballero, ocorria que a imprensa anarquista, seja por não ameaçar uma “marcha sobre Madri”, seja para não sustentar polêmicas com socialistas e comunistas e para não prejudicar a aliança CNT-UGT, havia sido impregnada por um espírito de “união sagrada”, que havia reduzido a um mínimo imperceptível a crítica política. E o Solidaridad Obrera, frisou Berneri, ao exaltar o governo bolchevique, havia alcançado o máximo de ingenuidade política. Berneri ainda lamentou a postura de renúncia por parte da CNT e da FAI ante à normalização da revolução, assim como mencionou que a supressão do Comitê Central de Milícias Antifascistas e dos comitês de operários e soldados era um atentado contra o controle sindical das milícias e, não por acaso, o periódico parisiense Le Temps, de matriz direitista, havia afirmado que a revolução social na Catalunha estava se tornando cada vez mais legalista. Berneri completou:

El Consejo de Economía es en el fondo, análogo al Consejo Económico instituido por el gobierno francés, y no compensa el “ministerialismo” de la C.N.T. y de la F.A.I., ni siquiera en sus resultados prácticos. Es de lamentar, por otra parte, un proceso de bolchevización en el interior de la C.N.T., caracterizado por la posibilidad ahora menor de parte de los elementos de base, **de hacer un control vigilante, activo y directo, sobre los elementos de la obra cumplida por los representantes de las**

⁶⁹³ Idem. Curva peligrosa ¡Atención!. Guerra di Classe. Barcelona, 5 nov. 1936. In: BERNERI, Camillo. **Guerra de Clases en España, 1936-1937**. Barcelona: Tusquets, 1977, p. 194.

organizaciones en el seno de los consejos de guerra y económicos. Sería necesario este punto, incluso para crear puntos de contacto entre el trabajo personal de esos representantes y las necesidades y posibilidades de las iniciativas cenetistas y faístas⁶⁹⁴.

Finalizando seu escrito, Berneri destacou que estava buscando conciliar considerações “atuais” com as linhas de “tendências”, que não lhes pareciam divergentes. Mencionou não propor nenhuma linha reta, porém que era preciso estar à altura do papel histórico.

Conciliar la “necesidad” de la guerra, la “voluntad” de la revolución social y las “aspiraciones” del anarquismo; ése es el problema, y es necesario que tal problema sea resuelto. De él es que dependen la victoria militar del antifascismo, la creación de una economía nueva que redima socialmente España, y la valorización del pensamiento y la acción anárquica. Tres grandes cosas que merecen algún sacrificio, y nos imponen el deber de coraje de expresar enteramente nuestro propio pensamiento⁶⁹⁵.

Beneri havia percebido o processo de autonomização dos dirigentes da CNT e da FAI em relação às suas bases, bem como o estancamento do processo revolucionário. E estava publicizando-os.

No mesmo dia 5 de novembro, o Tierra y Libertad publicou um interessante artigo de Gilabert, que justificava o governamentalismo adotado pelos anarquistas espanhóis. O autor começou afirmando que inimigos do anarquismo, “disfarçados de camaradas”, agora falavam em princípios, táticas e ideias, considerando então que o anarquismo espanhol teria se desviado de sua trajetória, transigido com a burguesia e abandonado seu antiestatismo. Gilabert salientou, então, que o anarquismo na Espanha havia sofrido uma “mudança de rota”, pois havia passado da posição “destrutiva”, de entorpecer a sociedade então existente, para a “construtiva”, a de construir a nova sociedade. Não se podia mais exigir dos anarquistas espanhóis que ficassem na primeira concepção e, por isso, o anarquismo internacional pesaria muito pouco para dar normas ao anarquismo espanhol. Se o anarquismo não realizasse a obra construtiva, com um programa definido, então o povo se desiludiria com os anarquistas e se diluiria entre a pequena burguesia e os marxistas. E concluiu:

Los anarquistas tenemos la obligación y el deber de orientar y dirigir la guerra contra el fascismo y la revolución contra el capitalismo, **no solamente desde abajo, desde la base, sino también asumiendo cargos de responsabilidad en los órganos que rigen los destinos del país.** Los que critican la posición de los anarquistas son enemigos encubiertos, agentes de la burguesía, individuos a los que no satisface mucho la influencia libertaria que gravita sobre el pueblo español. Esta es la hora del

⁶⁹⁴ Idem, p. 197, grifo nosso.

⁶⁹⁵ Idem, p. 197-198.

anarquismo, y hemos de aceptar la lucha en todas sus consecuencias, asumiendo toda la responsabilidad de estos momentos decisivos⁶⁹⁶.

Ainda no dia 5 de novembro, o Solidaridad Obrera publicou uma entrevista com o Comitê Central das Patrullas de Controle. Este explicou sua composição, formas de atuar e outras informações. Quando foi perguntado quem lhes ajudava, a resposta foi:

Los Comités de barriada, por estar en relación directa con los delegados de Secciones de las patrullas. Estos Comités de barriada conocen sus zonas palmo a palmo y no desconocen la vida y movimientos de todos sus vecinos... Por esto la colaboración de los Comités de barriada nos es necesaria en todos los momentos⁶⁹⁷.

Isso demonstrava, mais uma vez, que os comitês de bairro continuavam existindo, mas também que eram estreitamente vinculados com as Patrullas de Controle que, por sua vez, tinham uma maioria de cenetistas em seus quadros e, de certa maneira, fugia em parte ao controle da Generalitat.

Também no dia 5, Durruti fez um discurso por intermédio do rádio, sendo publicadas algumas partes dele no Solidaridad Obrera do dia seguinte. Depois de falar sobre a luta antifascista e sobre a retaguarda catalã, principalmente a economia, que pedia grande atenção, Durruti fez referência à recém-aprovada militarização das milícias da seguinte maneira:

Si esa militarización decretada por la Generalidad es para meternos miedo y para imponernos una disciplina de hierro, se han equivocado, e invitamos a los que han confeccionado el Decreto a que vayan al frente a ver nuestra moral y nuestra disciplina y luego vendremos nosotros a **comparar aquella con la moral y con la disciplina de retaguardia.** Estad tranquilos. En el frente no hay ningún caos, ninguna indisciplina. Todos somos responsables y conocemos el tesoro que nos habéis confiado. Dormid tranquilos. **Pero nosotros hemos salido de Cataluña confiándoos la Economía.** Responsabilizaos, disciplinaos. No provoquemos, con nuestra incompetencia, después de esta guerra, otra guerra civil entre nosotros⁶⁹⁸.

Durruti fez, em seu discurso, um rechaço à militarização das milícias, mas também dirigiu uma crítica velada aos seus detratores, o que incluía não apenas comunistas e republicanos, mas também, de forma indireta, os cenetistas no governo, pois ele enfatizou que as milícias eram disciplinadas e convocou os que fizeram o decreto – e os dirigentes cenetistas o aceitaram, ao menos indiretamente – a irem à frente, para que assim pudessem comparar a disciplina ali reinante com a disciplina na retaguarda. Era uma dura fala de Durruti, feita por

⁶⁹⁶ GILABERT, A. G. La hora del anarquismo. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 5 nov. 1936, p. 8, grifo nosso.

⁶⁹⁷ TOBIS. Las heroicas Patrullas de Control; su organización y su actuación. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 5 nov. 1936. p. 8, grifo nosso.

⁶⁹⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Durruti habla ante el micrófono**. Barcelona, 6 nov. 1936, p. 12, grifos nossos.

um líder das milícias que não abandonara seus princípios e sabia muito bem qual era o objetivo pelo qual se lutava na frente de batalha. Ele também deixou bem claro que não estava contente com os rumos que as coisas estavam tomando na retaguarda, especialmente no tocante à economia, embora nessa questão não tenha feito críticas explícitas a ninguém.

A recente entrada da CNT no governo central acabou acelerando o processo de assimilação de seus dirigentes. Cada vez mais, comportavam-se não como sindicalistas revolucionários ou anarquistas, e sim como políticos burgueses. Uma amostra disso foi a reunião de comitês cenetistas catalães do dia 6 de novembro, quando o Comitê de Controle de Fronteiras fez a seguinte observação:

Sé nos ha encomendado por parte de la Organización, que realizáramos el control de frontera. Mas nos encontramos con un problema dificilissimo, pués hay muchos miles de compañeros, al otro lado de la frontera, que pugnan por entrar en España, nosotros se lo impedimos, todo lo que podemos; pero ellos nos tratan de fascistas, que somos agentes del Queipo de Llano ¿sabéis por que? Pués por qué hay tambien una infinidad de comunistas en la frontera, que aguardaban entrar en España, y los Diputados comunistas franceses, intervinieron á su favor, y SANTILLAN, permitió que entraran. Aquí tenemos el permiso que él, concedió y que os podemos exponer á vosotros⁶⁹⁹.

Campos respondeu ao Comitê de Controle que não sabia o que fazer, pois alguns davam permissão e outros não, e a ele recorriam vários “camaradas” pedindo ingresso na Espanha. Santillán respondeu que “Esto ha de ser forzosamente des de el Gobierno de Madrid, quien lo ha de cortar en séco⁷⁰⁰”. Combina queixou-se de que “[...] nunca vé en nuestras reuniones á los CONSEJEROS⁷⁰¹”. Depois de mais algumas discussões, Callejas demitiu-se da diretoria do Soli, por problemas de saúde e, em seu lugar, foi nomeado Jacinto Toryho.

No dia 6 de novembro, tanto o Soli quanto o Boletín de Información publicaram um manifesto do Comitê Nacional da CNT dirigido “Al país y a los sindicatos de toda España⁷⁰²”, com o objetivo de explicitar as motivações da entrada da organização no governo de Madri. O manifesto começou apontando que o Comitê Nacional estava convencido de que o êxito da luta contra o fascismo “[...] dependía exclusivamente de la efectividad con que el proletariado realizase la unidad de acción [...]”⁷⁰³, e que

⁶⁹⁹ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 6 de novembro de 1936*, p. 1.

⁷⁰⁰ Ibidem, p. 1.

⁷⁰¹ Ibidem, p. 1.

⁷⁰² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. *El Comité Nacional de la C.N.T. se dirige al país y a los sindicatos de toda España en un manifesto donde se refleja nuestra consciente responsabilidad*. Barcelona, 6 nov. 1936, p. 2.

⁷⁰³ Ibidem, p. 2.

La prolongación de la lucha y el proceso revolucionario de la misma, ya desde hace unos meses, exigía una participación directa de la C.N.T. en la dirección política y administrativa del país para garantizar la seguridad del aplastamiento del fascismo y realizar la reconstrucción económica de la retaguardia⁷⁰⁴.

Assim, continuou o manifesto,

[...] propusimos públicamente a todos los partidos y organizaciones obreras, la creación del organismo nacional, en el que podrían coordinarse los esfuerzos de todos: el Consejo Nacional de Defensa en el que marxistas y C.N.T. quedarían igualmente representados, además de los republicanos⁷⁰⁵.

Então, prosseguiu o manifesto, mesmo com todos os setores antifascistas tendo saudado tal iniciativa da CNT, não houve o assentimento de todos os partidos, dificultando a solução do problema, e concluiu:

La situación que se creaba por esta incomprensión de aquellos sectores y al firme convencimiento nuestro ya expuesto, nos han decidido – a pesar de que por ser nosotros la primera y más numerosa fuerza antifascista del país, podíamos abstenernos – en una posición de intransigencia a dar las máximas facilidades para que la incorporación nuestra en el Gobierno de la República, no se demorase por más tiempo y hemos llegado en aras de este propósito a reducirlo a cuatro el número de ministros de representación de la C.N.T. en el Gobierno. **Factor principalísimo de nuestra decisión, es la delicada situación de nuestros frentes de guerra** y, muy principalmente, los del Centro, donde el enemigo está ya a las puertas de Madrid, y por esto, en estos momentos de tan honda responsabilidad histórica y conscientes de la esperanza que al pueblo en general ha de llevar el hecho de que estemos presente, y seguros de que este acontecimiento ha de ser la mejor garantía de que la lucha contra el fascismo será llevada por el deseo de la victoria, no hemos vacilado en hacer este sacrificio por el pueblo trabajador, al que nos debemos y por cuya causa luchamos⁷⁰⁶.

O manifesto terminou desejando que a CNT no governo “[...] marque la nueva época de la lucha decisiva contra el fascismo y señale la victoria⁷⁰⁷”, além de acrescentar que a conduta do Comitê Nacional “[...] ha seguido el procedimiento, con anterioridad resuelto en Cataluña y que desde sus comienzos tan buenos resultados viene dando⁷⁰⁸”. Dessa maneira, o Comitê Nacional da CNT justificou a entrada no governo central por motivos exclusivamente militares.

No mesmo dia, o Solidaridad Obrera publicou algumas palavras do Presidente da Generalitat, Companys, cujo tema era lealdade. Companys falou que neste mesmo dia o Conselho se reuniria, mas que não acreditava que aprovaria muitos decretos. E salientou.

⁷⁰⁴ Ibidem, p. 2.

⁷⁰⁵ Ibidem, p. 2.

⁷⁰⁶ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

⁷⁰⁷ Ibidem, p. 2.

⁷⁰⁸ Ibidem, p. 2.

El problema no es de aprobar decretos, sino tan sólo del cumplimiento de los aprobados, ya que hemos de tener en cuenta que lo han sido por un Consejo en el que tienen su representación todas las fuerzas sindicales y políticas antifascistas. **Lo mejor es que no se legisle más y dedicarse al cumplimiento estricto de los decretos aprobados y al cumplimiento también del programa que fue lanzado a la opinión pública el día de la constitución del actual Consejo**, bajo el signo de la más absoluta lealtad de todos⁷⁰⁹.

Companys bradou sobre lealdade no campo antifascista e terminou dizendo que se entrava em um momento em que era preciso um esforço decisivo de conjunto, e que estava decidido “[...] a que continue nada **de lo que se dice incontrolado**, ni confusionismo o desbarajustes, que si no comprometen la guerra, la dificultan y entorpecen⁷¹⁰”.

Companys declarou guerra aos “incontrolados”, o que pode ser entendido como uma guerra aos fascistas infiltrados, mas também contra os revolucionários, especialmente os comitês de bairro que, como vimos, continuavam existindo, operando e sendo um estorvo para os que queriam estancar o processo revolucionário.

Em 7 de novembro, o Comitê Central enviou uma circular para as regionais, com o intuito de esclarecer os motivos da entrada no governo e também de sua retirada de Madri⁷¹¹. Tal circular frisou que a plenária de 15 de setembro mudou os objetivos táticos e imediatos da organização ao arbitrar “[...] una fórmula de concordia con las demás fuerzas antifascistas por haber considerado que era llegar la hora de la convivencia y no la de las realizaciones totalitarias⁷¹²”, e que a fórmula Conselho Nacional de Defesa foi muito bem recebida, mas “[...] tropezó con obstáculos insuperables en el campo oficial y en el de los Partidos políticos⁷¹³”. Por isso, ainda segundo a circular, na plenária de 28 de setembro acordou-se “[...] facultar al Comité Nacional para que resolviese de la mejor manera posible cuanto hacia referencia al título bajo el cual habia de ser expresada nuestra colaboración en los órganos de la administración pública⁷¹⁴”. A circular também lembrou que o Comitê Nacional aproveitou a conjuntura para tentar uma paridade de representação com os marxistas no governo, mas não obteve êxito. E, com a debilitação das frentes de guerra, a vontade de todos era de intervir

⁷⁰⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Interesantes manifestaciones del Presidente Companys. “La palabra lealtad no puede ser una palabra solamente, sino que ha de ser demostrada con actos”**. Barcelona, 6 nov. 1936, p. 12, grifos nossos.

⁷¹⁰ Ibidem, p. 12, grifo nosso.

⁷¹¹ No dia 6 de novembro, o governo central, por conta da proximidade da frente de combate e diante da perspectiva de queda iminente da cidade, mudou-se de Madri para Valência, deixando na cidade uma Junta de Defesa chefiada pelo General Miaja, e o Comitê Nacional da CNT acabou por seguir o governo central, mudando-se para Valência.

⁷¹² CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO. **Comite Nacional**. Valência, 7 nov. 1936, p. 1.

⁷¹³ Ibidem, p. 1.

⁷¹⁴ Ibidem, p. 1.

diretamente nos problemas, o que, para a circular, “[...] **solo podían darse estando nosotros incuistrados en el poder**⁷¹⁵”. Como a aspiração da paridade com os marxistas era impossível,

Solo nos quedaba la disyuntiva de reducir nuestras aspiraciones a la forma en que ahora se han aceptado, o por el contrario, enfrentarnos abiertamente con los demás sectores antifascistas, dando lugar a que se esgrimiese contra nosotros el símbolo del derrotismo y se nos acusara de abonar el campo a los enemigos⁷¹⁶.

Uma vez no governo, ainda segundo a circular, houve o problema da proximidade da linha de frente da cidade de Madri. As medidas para sair da cidade em caso de ameaça já haviam sido tomadas, e na primeira reunião, em 4 de novembro, os ministros cenetistas fizeram oposição a tal medida. No entanto, dois dias depois os argumentos não foram convincentes e o governo se retirou para Valência. Assim sendo, o Comitê Nacional optou por seguir o caminho do governo central.

El fundamento de su marcha se establece diciendo que es obligación ineludible suya, hasta tanto no se impongan normas especiales, para estos casos, controlar a los representantes confederales en los Ministerios y con ellos a la política general del Gobierno; pero además hay otro fundamento de categoría que puede formarse así: El de reconocer que con exhortaciones más o menos heroicas, en el lado moral, no se vence ni a la disciplina, ni a la capacidad combativa, ni a las Organizaciones mecanizadas de la Guerra, por todo lo cual nos aprestamos a realizar el traslado ya que entendemos que pudiera muy bien ocurrir que, de momento nuestra relación orgánica quedase decapitada si los enemigos continuaban el cerco de Madrid⁷¹⁷.

A circular terminou com uma convocação para a Plenária Nacional de Regionais, marcada para o dia 14 de novembro, que deveria tratar de “[...] una línea de trabajo y de dependencia moral para los compañeros Ministros y los mismo para el Comité Nacional a lo que a ellos atañe⁷¹⁸”. Cabe ressaltar que a circular do Comitê Nacional nem tocou no nome dos comitês de bairro e de cidade, nem no aprofundamento do processo revolucionário, vislumbrando como forma de colaboração apenas acordos de cúpula e participação em pastas ministeriais.

No mesmo dia 7 de novembro, o Conselheiro de Economia da Generalitat, Juan P. Fábregas, fez algumas manifestações aos jornalistas em seu escritório. Ele falou da criação de stocks de produtos em lugares estratégicos para a exportação e da criação de células no exterior. Disse também que estava nomeando delegados do Conselho de Economia nos principais

⁷¹⁵ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

⁷¹⁶ Ibidem, p. 1.

⁷¹⁷ Ibidem, p. 2.

⁷¹⁸ Ibidem, p. 2.

mercados do exterior, e que isso já havia dado resultados referentes aos potássios. Ademais, as minas de Cardona e Sallent acabaram retomando os trabalhos. E continuou:

En la Oficina de Comercio Exterior, esta Consejería de Economía está activando la organización y creación de los instrumentos necesarios para ejercer un control riguroso de nuestro comercio exterior, y tanto es así que estamos en condiciones de impedir que se haga la exportación de capitales al extranjero a base de exportar mercaderías. En la nueva organización, que tendrá efectos retroactivos, en cuanto al factor de responsabilidad, deberemos actuar enérgicamente y de una forma rigurosa para aplicar las máximas sanciones a todos aquellos que hayan vulnerado o sigan vulnerando las disposiciones legales establecidas y que fraudulentamente realizan un sabotaje a la obra de restauración económica que llevamos a cabo. En estos momentos de tanta gravedad seremos inexorables con todos aquellos que no tengan consciencia de su deber y de los intereses colectivos de la Revolución⁷¹⁹.

A fala de Fábregas demonstra que o Conselho de Economia da Catalunha, órgão da Generalitat, estava assumindo cada vez mais o controle sobre os processos econômicos, especialmente as exportações. Como salientou Guillamón⁷²⁰, ao tentar criar um monopólio do comércio exterior em um contexto de guerra civil, Fábregas buscava acabar com a concorrência que os diversos comitês, empresas e órgãos faziam entre si para que pudessem comprar mercadorias e vender seus produtos no exterior, ocasionando um aumento nos preços de compra e uma diminuição nos preços de venda, o que gerava um enorme prejuízo. Mas esse processo de aumento do controle da Generalitat sobre os processos econômicos teve como resultado a subordinação das empresas coletivizadas aos desígnios do Estado, impedindo ou dificultando a federalização de tais empresas.

No dia 8 de novembro, o Solidaridad Obrera publicou uma pequena nota do Comitê de Defesa do Bairro de Poblet, demonstrando de novo que ainda existiam e atuavam, o que explicava as palavras de Companys publicada no Solidaridad Obrera dois dias antes. O Comitê de Poblet bradou para que os indivíduos que tivessem armas longas as entregassem ao referido Comitê, afirmando que quem não o fizesse sofreria as consequências. Declarou também que o Comitê recebia denúncias de que comerciantes do bairro cometiam abusos quanto à distribuição e alta nos preços de alimentos, salientando que o Comitê:

[...] velando por el nuevo orden revolucionario establecido y defendido por el pueblo trabajador, advierte a todos y a cada uno de los dueños de establecimientos públicos

⁷¹⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **La regularización del comercio exterior de Cataluña**. Barcelona, 8 nov. 1936, p. 9.

⁷²⁰ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comitês: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936**. Barcelona: Aldarull, 2013.

de esta barriada y por única vez que no tolerará bajo ningún concepto que sean vulneradas las normas más estrictas de equidad y justicia⁷²¹.

No dia 10 de novembro, foi realizada uma nova reunião dos comitês cenetistas catalães. A palavra inicial foi de Fábregas, que apresentou dois projetos de decretos. O interessante é que, durante sua fala, ele fez referência à Generalitat como De-Generalitat, uma forma depreciativa que muitos anarquistas passaram a usar ao se referir ao governo catalão, e terminou dizendo que lhe foi informado que o camponês catalão estava na miséria, sendo imediatamente contestado por Canela. Fábregas falou do problema da navegação dos barcos espanhóis, que poderiam ser atingidos pelos facciosos, e propôs que eles usassem a bandeira soviética. Iniciou-se uma pequena discussão e, ao final, acertou-se que usaria a bandeira mexicana⁷²². Fábregas também falou sobre a questão do potássio, propondo que a Generalitat tivesse o monopólio sobre o comércio do produto, o que foi aprovado. Depois de mais alguns assuntos, foi falado que a plenária do dia anterior acordou que “[...] se anulem todos los autos de Comités de Fábricas, Comites de Control etc. todos aquellos Comités de poca importância⁷²³”. Então, Combina disse que o Conselho de Transporte já tinha esse assunto solucionado, e se acordou que as Patrulhas de Controle iriam sair pelas ruas em bares, teatros etc., buscando carros dos “NUEVOS RICOS⁷²⁴”. Passou-se para o assunto das armas, dizendo que as patrulhas tinham abusado, inclusive, desarmando “companheiros”. Iniciada a discussão sobre o assunto – estavam debatendo o que de fato era necessário para que uma pessoa pudesse portar armas –, Eroles disse que o único acordo que a Junta de Segurança Interior havia tomado era de que bastava o aval do sindicato ao qual a pessoa pertencia, e este seria responsável por qualquer anomalia que seus membros praticassem.

No dia 11 de novembro, ocorreu outra reunião de comitês catalães. Falou-se, entre outras coisas, de duas questões relevantes. A primeira tinha relação com os milicianos que estavam na retaguarda. O representante dos Transportes disse que

[...] varios milicianos que andan por Barcelona, que al parecer vienen del frente, recorren las calles cercanas del Borne⁷²⁵, pidiendo comidas y bebidas, se sientan en la acera, y alli cómen contemplándolos mucha gente; cómo que ésto es una verguenza

⁷²¹ EL COMITÉ DE DEFENSA. Comité de Defensa (Barriada del Poblet). **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 8 nov. 1936, p. 8.

⁷²² México e URSS eram os únicos países a enviarem ajuda – incluindo armamentos – para o território republicano. Por isso, falou-se em usar a bandeira destes dois países.

⁷²³ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 10 de novembro de 1936**, p. 2.

⁷²⁴ Ibidem, p. 2.

⁷²⁵ Borne é um bairro de Barcelona, onde ficava um importante mercado municipal que fora coletivizado.

para la Organización; pues indudablemente no lo hacen por necesidad sino por vicio, pide que se tomen medidas⁷²⁶.

Para tal objeção, o Comitê Regional respondeu que “[...] se notificará **á las barriadas** que en el caso de ver éste espectáculo, telefonéen en patrullas ó Gobernación, para que allí salgan para detener á éstos individuos⁷²⁷”.

O segundo assunto importante tratado nesta reunião tinha relação com a militarização. O Comitê Regional leu o decreto do último dia 24, referente à mobilização, no tocante aos créditos necessários. Quando o Comitê Regional terminou, Aurelio tomou a palavra e disse: “[...] nos quieren embarcar con las mismas características las mismas monsergas y los mismos vicios que antiguamente⁷²⁸”. Com isso, propôs – e foi aceito:

Pasar éstos proyectos a los Sindicatos para que los estudien y determinen; pues los militares, van tomando cautelosamente posiciones, al efecto de organizar el antiguo ejercito con nuevas y más terribles condiciones. Antes no usaban ir por las calles con estrellas y ahora ya andan por éllas luciendo el tipo. El ejército tiene que constituirse de milicias, pero no de categorías⁷²⁹.

Castellote acrescentou, para confirmar o que Aurelio disse, que

[...] en Correos, todos han sido sargentos, por que han tenido ocasión de estudiar, y á éstos se les asegura que serán dentro de poco oficiales; á ningún compañero se le ofrece éstos por que no tiene titulo de bachillerato, ni otros estudios por los cuales ellos toman de motivo para dar los cargos, que necesita un ejército, pues bien saben que todos los individuos ricos, si tiene títulos, han sido mas por el dinero que por la capacidad, y éstos en el fondo són aserrimos fascistas⁷³⁰.

O Comitê Regional disse que o parágrafo a ser modificado era o referente ao salário, racionalização e apoio familiar. Campos interveio e disse que

El Pueblo és que debe de estudiar esto y aprobarlo ó rechazarlo; para ésto se debe de presentar álos Sindicatos que lo estudien; y éellos determinarán. Hay que vigiar las malas intenciones que ciertos individuos y colectividades tienen. A cuidar al Cuartel Carlos Marx⁷³¹, allí podres comprobar conque regidez y disciplina se trata al miliciano. **Si permitimos el rebrote de los militarotes; aún que estos tengan nuevas formas exteriores, seremos los estranguladores de la revolución.** Solo buscan ciertos elementos tener ocasión ciertos elementos, para crear un tirano de mañana. Si és perito electricistas ó que tengan el betchillerato, etr, yá tienen un monigote con estrellas⁷³².

⁷²⁶ REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunião realizada no dia 11 de novembro de 1936, p. 1.

⁷²⁷ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

⁷²⁸ Ibidem, p. 2.

⁷²⁹ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

⁷³⁰ Ibidem, p. 2.

⁷³¹ Cuartel Karl Marx era um quartel do PSUC.

⁷³² REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunião realizada no dia 11 de novembro de 1936, p. 2, grifos nossos.

O Comitê Regional disse que era preciso acrescentar ao projeto, antes de passá-lo aos sindicatos, os seguintes questionamentos: Que conceito se tinha dos comandos? De que forma eles poderiam ser estruturados? Para estruturar tal código, foi criado um grupo de relatores para estudar a questão.

Essa reunião demonstrou dois aspectos. No tocante à primeira questão, a dos milicianos que ficavam vagando pelas ruas pedindo comida e bebidas, os dirigentes anarquistas propuseram dar um fim em tais práticas, ou ao menos mitigá-las, mas para isso recorreriam aos comitês de bairro, o que demonstrava que eles ainda existiam, mais de um mês depois do decreto que os dissolveu e os substituiu pelas prefeituras. Além do mais, essas falas também demonstravam que os comitês de bairro eram fortes o suficiente para solucionar um problema que, ao menos em teoria, deveria ser resolvido pelos poderes municipais. Isso é um indício de que os comitês de bairro, em várias localidades, ainda eram mais fortes do que os poderes estatais em recomposição.

Já o segundo assunto discutido na reunião também demonstrou duas questões. A primeira delas é que com o retrocesso revolucionário estava havendo um retorno da lógica militar, com suas patentes, hierarquias e conseqüentes perda de democracia de base. Estes eram os pilares das milícias – ao menos as anarquistas e setores comunistas – que, por sua vez, eram uma parte muito importante do processo revolucionário – com os comitês de bairro e cidade e os comitês de empresa, como já vimos antes. E isso ocorria também no campo do simbólico, com a volta da ostentação de símbolos militares pelas ruas de Barcelona. Essa questão era tão importante que Campos chegou a afirmar que caso deixasse os militares – e o militarismo – renascerem, estaria sendo estrangulada a revolução. Tal pensamento estava completamente de acordo com o movimento libertário espanhol, que era profundamente antimilitarista. E, por último e mais importante, a saída propugnada por alguns dirigentes libertários para que se tentasse resolver estes problemas era uma “volta às bases”. Propôs-se que o decreto fosse apresentado aos sindicatos, para que este fosse apreciado pelos filiados, que determinariam o que se deveria fazer. Este era o grande dilema no qual estavam inseridos os cenetistas. Faziam parte do governo e, portanto, tinham que assumir compromissos baseados em razões de Estado, muitos dos quais iam contra as vontades e determinações de suas bases, motivo pelo qual era necessário algum grau de independência de seus dirigentes – burocratização –, ou deveriam romper com a política colaboracionista e correr o risco de ruir o campo antifascista, podendo assim facilitar a vitória de Franco. Havia uma contradição inconciliável entre a manutenção da unidade antifascista e o aprofundamento do processo revolucionário.

Ainda no dia 11 de novembro, o cenetista e Conselheiro de Economia da Generalitat, Juan P. Fábregas, publicou um artigo no *Solidaridad Obrera* falando sobre o “segundo front”. Para Fábregas, o triunfo na guerra e na revolução dependiam de três frentes. O primeiro front buscava vencer o Exército sublevado, o segundo era o chamado “front econômico” e o terceiro seria o combate cultural. Fábregas destacou que o “segundo front” tinha uma importância capital para assegurar a vitória no campo de batalha e, por isso, era preciso manter a moral também na retaguarda e impulsionar as coletivizações. Mas, ainda segundo Fábregas, era penoso constatar o grau de desorientação, incompreensão e egoísmo que havia na retaguarda. Era preciso trabalhar na retaguarda com o máximo de esforço e sacrifício possível, para que se conseguisse não apenas robustecer a frente de combate, mas também “[...] introducirnos en los principales mercados de consumo del exterior, a base de lo cual podremos descongestionar nuestros “stocks” actuales e inculcar al trabajo nacional el ritmo acelerado que precisa⁷³³”. Além disso, Fábregas também propugnou pela mobilização da retaguarda.

Trabajo, organización y disciplina, son sustantivos que deben convertirse en verbos que habremos de conjugar en todos sus tiempos y modos para que el objetivo común pueda ser conseguido. Únicamente a base de una movilización general en la retaguarda – movilización rigurosa que coloque a sus hombres en igualdad de condiciones, en cuanto a deberes y responsabilidades, con los que luchan en las trincheras –, será posible imprimir al país aquel sello de austeridad, disciplina moral y espíritu de sacrificio que las circunstancias de la hora trágica que vivimos exigen sin dilaciones⁷³⁴.

Ainda no mesmo dia, o *Boletín de Información* publicou um interessante artigo, intitulado “A técnica a serviço da revolução”. Ele iniciava da seguinte maneira:

Desaparecidas las diferencias que dividían al obrero manual del intelectual, por atavismo del sistema capitalista, vemos hoy en las fábricas y en los campos un ambiente tan cordial y fraternal, que es todo un símbolo. Ese símbolo es el de la fuerza, es la unión de tantas veces pregonada y que decíamos siempre, sería la llave del triunfo⁷³⁵.

O artigo ainda afirmou que a riqueza social não era mais propriedade de uma casta, e sim do povo. Com isso, foi proclamado:

En lo porvenir, esa fraternidad nacida al calor de la lucha más cruel que ha sostenido en su historia el proletariado contra su enemigo de clase irá creciendo a medida que transcurra el tiempo. De esa unión saldrá la humanidad beneficiada, porque el cerebro y el músculo, vinculados los dos, producirán maravillas que han de causar asombro,

⁷³³ FABREGAS, Juan P. El segundo frente de batalla. *Solidaridad Obrera*. Barcelona, 11 nov. 1936, p. 2.

⁷³⁴ *Ibidem*, p. 2.

⁷³⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. *La técnica al servicio de la Revolución*. Barcelona, 11 nov. 1936, p. 2.

porque sobrepasarán de tal modo las actuales, que nadie es susceptible de imaginarse lo que pueden dar de sí. Pero sin querer ser profetas, podemos vaticinar que será puesta la inteligencia al servicio del músculo, es decir, que el hombre descansará porque tendrá la máquina que le rendirá lo necesario, lo que necesite, lo que precise, para que todos los obreros puedan llevar una vida placentera⁷³⁶.

O fim da divisão do trabalho e perfeita harmonia entre trabalho intelectual e trabalho manual que o artigo pregava é um tanto fantasiosa, mas não deixa de ser verdade que porções enormes de trabalhadores especializados, ao contrário de outras revoluções, entusiasmaram-se e participaram ativamente dos movimentos coletivistas, dando uma contribuição enorme para o sucesso de muitas das coletivizações.

O Boletín de Información do dia 12 de novembro veio com uma pequena e interessante matéria sobre as Juventudes Libertárias da Catalunha, publicada também no *Tierra y Libertad*⁷³⁷ do dia 21 do mesmo mês. Esta deu a conhecer que as Juventudes Catalãs realizaram um congresso no salão de atos da Casa CNT-FAI, e que ingressou na Federação Ibérica das Juventudes Libertárias – FIJL –, mas a autonomia da Federação Catalã foi preservada, para que ela pudesse seguir suas relações com a FAI. Outra ligação importante “[...] es el enlace que se establecerá con las Juventudes Socialistas Unificadas de Cataluña. La juventud unida será el baluarte donde se estrellarán en lo futuro todos los intentos reaccionarios⁷³⁸”. Isso demonstrava que, embora existissem disputas duríssimas e posições irreconciliáveis entre as bases dos anarquistas e dos comunistas stalinistas, isso não impedia que suas organizações pudessem fazer acordos de cúpula.

No dia seguinte, 13 de novembro, o mesmo Boletín de Información publicou uma matéria sobre a economia sindical. Após afirmar que as prefeituras foram reconstituídas, o artigo salientou que

No por eso los trabajadores de la organización confederal, deben cesar en sus actividades de orden constructivo en la nueva economía, confiados de que sus representantes harán todo lo necesario. Si así fuera, sería tanto como renegar la esencia de nuestros principios. Hemos de partir de la base de la nueva economía ha de salir del campo a la fábrica y de ésta a los organismos coordinadores, **que en este caso son los municipios**⁷³⁹.

Isso queria dizer que se fez uma separação entre a economia e a política. A primeira caberia aos sindicatos, mas a gestão social seria confiada aos municípios. Isso – o município

⁷³⁶ Ibidem, p. 2

⁷³⁷ TIERRA Y LIBERTAD. **Las Juventudes Libertarias de Cataluña**. Barcelona, 21 nov. 1936, p. 2.

⁷³⁸ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Las Juventudes Libertarias de Cataluña**. Barcelona, 12 nov. 1936, p. 10.

⁷³⁹ Idem. **La economía sindical**. Barcelona, 13 nov. 1936, p. 3, grifo nosso.

como gestor da sociedade – não era uma novidade dentro do anarquismo ou do sindicalismo revolucionário. Alguns teóricos como, por exemplo, o médico anarquista Isaac Puente, já tinham caminhado nesse sentido, propugnando o que denominavam de “município livre” como o órgão gestor da localidade. No entanto, esses “municípios livres” pouco tinham em comum com as revigoradas prefeituras, sendo mais parecidos com o conceito de “comuna”, propugnando alguma forma de democracia direta. O que estava ocorrendo era o início de uma campanha em prol da municipalização de alguns serviços ou mesmo da propriedade, o que queria dizer que havia um movimento incipiente que buscava retirar a posse das empresas coletivizadas e passá-las para o âmbito do Estado em nível local, ou seja, as revigoradas prefeituras. E muitos anarquistas e sindicalistas revolucionários acabaram aceitando tal premissa, pois eles também estavam representados nas prefeituras, e apresentaram tal concepção como a realização do credo anarquista do municipalismo libertário, sendo isso uma grande distorção. No entanto, isso não se deu sem resistência, e muitos anarquistas e sindicalistas criticaram tal concepção e apresentaram-na como mais uma tentativa de atacar e expropriar os trabalhadores do controle dos meios de produção. Essa polêmica chegou, inclusive, na imprensa anarquista, com artigos defendendo a municipalização como a realização do ideal anarquista e outros criticando-a como uma forma de estatização e, portanto, de expropriação da propriedade que estava nas mãos dos trabalhadores.

No dia 14 de novembro, houve nova reunião dos comitês libertários catalães. Logo no início, o Comitê Local pediu para Fábregas “[...] informes sobre el Decreto de movilización **pués los Sindicatos están quejosisimos, de que ántes de que salga el Decreto, no sea primero consultado, y estudiado por los Sindicatos**⁷⁴⁰”. Fábregas então respondeu

Que cómo nosotros no somos la sólo oposición, **hay muchas cosas que no pueden seguir ése ritmo federativo**. Si nosotros, de un porrazo pudiéramos hacer, que nos convirtiéramos en los verdaderos árbitros, de la situación, podríamos seguir, ése marchamo que tánto anhelan los Sindicatos de nuestra Organización⁷⁴¹.

Depois de mais uma fala, Fábregas retomou a palavra e disse:

[...] **estamos creando inconscientemente la septima columna de fascistas, dentro de Cataluña, por la infinidad de descontentos que hacemos, con las expropiaciones y colectivizaciones mal entendidas**. Para evitar tal efecto, habremos de hacer una concentración de Ayuntamientos, para informarles de nuestros pensamientos, para realizar tales proyectos (teniendo en cuenta que tódos éstos Ayuntamientos están compuestos por representaciones obreras). Estos nos dirán cuál és su criterio, en que forma ha de se establecer el control, datos y características del

⁷⁴⁰ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 14 de novembro de 1936*, p. 1, grifo nosso.

⁷⁴¹ *Ibidem*, p. 1, grifo nosso.

pueblo y sus habitantes; luego éstos una vez informados llamaran á los Delegados de Zona, y **luego los de barriada**, y el Delegado del Ayuntamiento les informará de los acuerdos tomados, y así la cosa se simplificará en sumo grado. Lo único que hay que tener en conta sôbre manera, es evitar, la introducción en el control de tódos los individuos indeseables; por lo tánto és labor de los Delegados, de Zona y de Comarca, y de Ayuntamiento, de evitar ésa intromisión⁷⁴².

A discussão continuou, mas rumou para outros caminhos, que não importa para nossos propósitos. O interessante do que se discutiu no início da reunião foi o reconhecimento tácito de que a entrada da CNT no aparato de Estado, e a consequente conversão de sindicalistas revolucionários em políticos a serviço do Estado, embora representassem a organização, teve consequências para o funcionamento da própria organização. A posição de estadista era incompatível com a organização federalista da CNT, pois segundo o próprio Fábregas, cenetista e Ministro da Economia, o ritmo de funcionamento dos Ministérios era incompatível com o ritmo federativo da organização. Além disso, nessa reunião, demonstrou-se que os sindicatos estavam descontentes com a forma como estava ocorrendo a colaboração, na medida em que ela impunha uma quebra do princípio federativo da organização, causando o deslocamento do processo de decisão das bases para os dirigentes, que cada vez mais atuavam sem o controle de suas bases. E, segundo o próprio Fábregas, ao proceder assim, somado com outros fatores, estava provocando um aumento do descontentamento na retaguarda, o que favoreceria o crescimento do fascismo, colocando em perigo a própria guerra civil.

No mesmo dia 14 de novembro, o *Tierra y Libertad* publicou um artigo em que se colocava contra a manutenção da sociedade pré 19 de julho. Afirmou que pretender manter, após a derrota do fascismo, a sociedade tal como ela era, implicava desconhecer a magnitude do momento em que se vivia e erigir como um bandido criminoso. Salientou que, da Espanha de antes de 19 de julho, não deveria ficar nada em termos de moral, conteúdo social e político, e também da economia. Seria preciso criar uma Espanha nova, a “Espanha do trabalho” e, por isso, essa guerra não seria como as demais.

No. España no puede quedar como antes del 19 de julio. La lucha es por libertad, y no otro ha de ser el camino a seguir. Han sido los obreros quienes han empuñado las armas para librar a España de las hordas fascistas, por lo tanto, son los únicos con derecho indiscutible para disponer de los destinos de España. Y los únicos también, que con su formidable espíritu creador la harán grande, justa y libre. ¡Ay del traidor que intente desviar el sendero libertador! ¡Ay del político parlanchín que quiera escalimar el fruto de los combatientes! ¡Ay del que abrigue la sádica intención de implantar una dictadura, por más roja que sea! Contra ellos se volverán las bocas de los fusiles⁷⁴³.

⁷⁴² Ibidem, p. 1, grifos nossos.

⁷⁴³ JEREMÍAS. ¡Paso a la marcha triunfal del pueblo libertario! **Tierra y Libertad**. Barcelona, 14 nov. 1936, p. 2.

Ainda no dia 14 de novembro, o editorial do Solidaridad Obrera tratou do tema da pequena burguesia. Este afirmou que o aspecto mais original da Revolução Espanhola era o papel desempenhado pela pequena burguesia, que seria uma continuação do proletariado na medida em que era resultado do próprio esforço. Destacou também que a CNT defendia o respeito ao pequeno comércio e a pequena indústria, que tal posição foi aceita pelos demais sindicatos e salientou as dificuldades em implementar imediatamente o sistema comunista.

En los países donde se ha intentado implantar integralmente la fórmula económica comunista, se tropezó desde el primer momento con este gran obstáculo, que en Cataluña hemos sabido soslayar. La dificultad de haberse querido implantar en España el comunismo integral hubiese sido insuperable. El carácter individualista del pueblo ibérico que, bien encauzado puede ser un elemento de progreso de transcendencia incalculable, de haberse intentado anularlo pasando del régimen capitalista burgués al régimen comunista, sin tener en cuenta las realidades que planteaba la energía del país, hubiese dado resultados contraproducentes. Consciente la C.N.T. de la importancia que para el triunfo de la Revolución proletaria había de tener el atraer a nuestro campo a la pequeña burguesía y a la clase media, no vaciló en defender la permanencia de esta institución. Además, estamos convencidos de que la permanencia de la pequeña propiedad, del pequeño comercio y de la pequeña industria facilitarán el desenvolvimiento del régimen comunista. La distribución de los productos será más perfecta. El intercambio alcanzará facilidades insospechadas; y además, el paso del régimen supercapitalista burgués a un régimen comunista, se hará sin cruentos estragos, de manera armónica, sin conmoción en la vida del país que en el breve espacio de unas semanas ha tenido que realizar una Revolución económica y social de tan intenso alcance como el que tiene lugar. Sin temer a equivocarnos, podemos asegurar que la fórmula encontrada por la C.N.T. es tan perfecta, que dentro de nuestra Revolución proletaria se dará el caso original de ver a la pequeña burguesía colaborar cada vez con más eficacia y entusiasmo al lado de los trabajadores, impulsando de manera poderosa la nueva economía que está haciendo. La pequeña burguesía se dará cuenta de que la Revolución proletaria le ha quitado de en medio el mayor obstáculo para su desenvolvimiento: el supercapitalismo. La Revolución ha puesto fin a las luchas sociales; ha terminado el cuerpo a cuerpo entablado entre el supercapitalismo y las organizaciones de trabajadores, que habían cogido en medio a la pequeña burguesía, víctima de la gran tragedia que terminó el 19 de julio⁷⁴⁴.

Em 16 de novembro, houve nova reunião dos comitês libertários, e esta foi bastante conturbada. Primeiro, falou-se de algumas anomalias que ocorriam em um ex-convento e, em seguida, do que sucedia em um Palácio de Justiça. Então se passou para uma questão espinhosa. Gilabert⁷⁴⁵, segundo a ata da reunião,

Pone sobre la mesa haciendo un ruego al Comité Regional de que seria conveniente de que se hiciera una investigación á fondo, en la Redacción de Soli, pues exiet una tirantes entre todos que es imposible que nada vaya bién, tódo éso, desde que ha

⁷⁴⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial**. Barcelona, 15 nov. 1936, p. 1.

⁷⁴⁵ Na ata desta reunião, a mesma pessoa apareceu com o nome grafado como Gelabet e Gelabert, mas ela provavelmente é Gilabert, pois não há nenhum registro de uma pessoa chamada Gilabet em nenhum outro lugar, a não ser nesta reunião. O nome deve ter sido grafado errado, de modo que optei por usar o nome Gilabert. Em outras atas ou documentos, optei por deixar o nome que aparece, ora Gilabert, ora Gelabert, mesmo sabendo que o mais provável é que ambos sejam a mesma pessoa.

entrado Toryho. Este ha entrado en plan de dictador, pretende que se vayan co su actuación, á los antiguos redactores suplantarlos por Redactores, del campo contrario, como Mario de la Viña, Zamacois, cómo escritores, el famoso transfuga el poeta, y Bajarias como dibujanes; toéstos que habian colaborado hasta ahora como hemos dicho en el campo contrario⁷⁴⁶.

Após a fala de Gilabert, foi a vez do Comitê Regional, que respondeu argumentando

Que cuando se señaló la sustitución de Callejas, por Toryho, para limar asperezas, se consultó á los compañeros de la Redación, y ésto estuvieron de completa conformidad. Más aún vino Callejas y Fontauram en una reunión de ése Pleno, é hicieron promesas de cordialidad, y que se adaptaban á la nueva forma de la extrocturacion de la Redación⁷⁴⁷.

Continuando a discussão, Munõz interveio e falou que isso ficaria pendente, pois faria um informe que seria apresentado à plenária. Mudando o assunto, Canela afirmou que era preciso estudar o barateamento das mercadorias, principalmente comestíveis, e que em Barcelona se carecia de tudo, e a culpa acabaria por recair na CNT. Ele pediu que os representantes cenetistas no governo tomassem alguma providência. O debate sobre o assunto foi prolongado e encerrado sem tomar decisões concretas. Passou-se para o assunto militar. Isgleas, do Comitê de Guerra de Gerona, disse que a atenção da organização catalã deveria se virar para as novas Divisões que estavam sendo criadas, pois o governo estava chamando gente reacionária para assumir postos no novo Exército, inclusive, alguns que participaram no levante de Sanjurjo⁷⁴⁸, e isso, segundo ele, colocaria em risco a própria revolução. O próximo a falar foi Ramos, que observou que as advertências de Isgleas não podiam ser deixadas de lado, e enumerou uma série de coisas que ele considerava errado, inclusive, afirmando que García Oliver e Santillán sabiam o que estava ocorrendo, mas que se calavam. Depois de enumerar mais algumas situações que tinha como anômalas, a palavra passou para o Comitê de Defesa, que acrescentou:

Hace historia de lo mucho y (desgraciadamente) sabroso ocurrido entre ella-Durruti-Santillan, en la que se descubre sobremanera la INCAPACIDAD guerrera de Santillán, **(que si no fuera éste compañero) indudablemente ya hubiera sido fucilado por traidor ála revolución;** pues las acusaciones que sobre él pesan son gravisimas y para destituirlo fulminantemente de su cargo por incapacitado tanto

⁷⁴⁶ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 16 de novembro de 1936*, p. 2.

⁷⁴⁷ *Ibidem*, p. 2.

⁷⁴⁸ José Sanjurjo Sacanell (1872-1936). Foi um importante General espanhol e um líder reacionário histórico. Sanjurjo liderou um golpe contra o recém-instalado regime republicano em 1932, conhecido como Sanjurjada, mas falhou, acabando por ser preso e condenado à morte. No entanto, sua condenação foi comutada e ele foi exilado em Portugal. Quando do golpe militar de julho de 1936, Sanjurjo era visto como o líder natural dos insurretos, mas acabou falecendo em um acidente de avião logo depois de decolar de Estoril, em Portugal, com destino a Burgos, na Espanha, onde assumiria o comando dos insurretos.

Traval como otros compañeros exigen que lo más rapidamente se haga comparecer y se lo diga lo que hace el caso. [...] su única obsesión és: GANAR la guerra; y los FELINOS, que le rodeen EXPLOTAN ésta obsesion para llevarlo ciegamente hacia dónde ellos quieren que vayan el ritmo de las cosas guerreras, y Santillan entregado de lleno á este frenetico deseo NO ve por donde se presipita⁷⁴⁹.

Depois da fala do Comitê de Defesa, que elencou também algumas anomalias que ocorriam na frente de combate, Castellote pediu que Santillán estivesse presente na próxima reunião, acrescentando que havia “companheiros” que tinham muitos cargos ao mesmo tempo, mais de 20, o que impedia que se fizesse qualquer coisa com qualidade, e talvez esse fosse o caso de Santillán. Então, voltou-se a falar da questão da existência de militares “indesejados” no exército – na verdade, estavam fazendo referência à presença de reacionários assumindo cargos –, concluindo-se que isso se devia à falta de militantes cenetistas preparados e, então, a melhor forma de resolver tal problema seria criando uma Escola de Militantes que capacitasse quadros cenetistas para assumir cargos de comando no novo Exército. E, por último, falou-se do problema do excessivo número de carros requisitados por parte das patrulhas, dizendo que assim era impossível a vida do Conselho do Transporte, e que tal proceder prejudicava o transporte de grãos e outros serviços essenciais. Depois de mais alguns pequenos assuntos, a reunião foi encerrada.

Essa reunião dos comitês libertários do dia 16 teve algumas características próprias. Em primeiro lugar, ela foi bastante tensa. A discussão sobre a atuação de Toryho dentro do Soli era mais do que uma questão de cunho pessoal. Toryho era homem de confiança do Comitê Regional, um adepto da política de colaboração cenetista, mas entrou em rota de colisão com os trabalhadores que laboravam no periódico. Com ele no comando do principal noticiário da organização – e um dos principais da Espanha neste momento – era mais fácil “enquadrar” os artigos que seriam publicados. Mas isso não poderia ser feito sem algum choque com os trabalhadores do jornal. Outra coisa que ajudou muito Toryho foi o fato de que o periódico deu um salto enorme de vendas sob sua administração, o que certamente não pode ser explicado somente por ser ele o editor-chefe, mas que com certeza passava por isso também, já que ele era um jornalista experiente.

A outra grande questão tratada nesta reunião, a questão militar, era ainda mais grave e pesava demais. A absorção de elementos reacionários pelo nascente Exército Popular era um fato muito grave, que poderia abrir caminho para que elementos facciosos ocupassem cargos em seu interior. E a acusação de que essas e outras anomalias se davam por conta da

⁷⁴⁹ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 16 de novembro de 1936*, p. 3, grifo nosso.

incompetência de Santillán – e também de García Oliver – era um indício de que as coisas dentro da organização não iam nada bem. E mais grave ainda foi a afirmação de que ele só não foi fuzilado como traidor porque era um “companheiro”. A reunião demonstrou que os ânimos estavam exaltados na organização e a política colaboracionista estava criando dissidências que poderiam evoluir para um conflito aberto, tanto dentro da organização quanto fora dela.

Em 17 de novembro, houve uma nova reunião de comitês libertários catalães. O primeiro assunto tratado foi a questão das armas. Ramos disse que em uma reunião de comitês – a do dia 10, ou seja, uma semana atrás – foi falado que bastava o aval do sindicato para que um indivíduo pudesse portar todo tipo de arma, mas “[...] ayer sé dió por RADIO, la noticia, de que sólo, el famoso é indeseable, estraperlista Agudé, era él, único que tenia potentado, para dar permiso de armas, y que si no llevaba el permiso suyo serian éstas, recogidas⁷⁵⁰”. Acrescentou ainda que, na noite anterior, pessoas pertencentes ao Estat Català, com armas nas mãos, exigiram documentação dos que passavam com armas e, caso não tivessem a permissão de Agudé, suas armas eram retiradas. O representante da Defesa disse que isso ocorria porque Aurelio Fernández – Secretário da Junta de Segurança Interior – estava fora e, então, abusavam, acordando-se que somente as patrulhas poderiam desarmar indivíduos que não estavam controlados. Depois de alguns assuntos, Fontaura, representando a “redação do Soli”, leu um informe assinado por ele mesmo, Balius e Alipienso, e que afirmava que Toryho

[...] tiene un caracter muy impetuoso, é insociable, esquivo, con sus compañeros, y ragido en su actuación; no parece sino que va con la premeditada intención de aburrir, á los auténticos compañeros de la Redacción, y suplantarlos, por periodistas, burgueses⁷⁵¹.

Toryho fez sua defesa e, dentre outras coisas, frisou que

[...] encontró la Redacción hecha un desastre, una verguenza para los redactores y para la Organización en pleno. Que no habia archivo de prensa, y que los redactores, les dominaba vacancia, iban poco, y escriben mal, todo ésto lo achaca él, á la idea de que le tienen ojeriza⁷⁵².

Continuado sua fala, Toryho ainda completou louvando os redatores burgueses que, segundo ele, trabalham muito bem e com muita atividade. Balius e Combina discursaram depois de Toryho e, então, foi a vez de Herreras que disse:

⁷⁵⁰ Idem. **Ata da reunião realizada no dia 17 de novembro de 1936**, p. 1.

⁷⁵¹ Ibidem, p. 1.

⁷⁵² Ibidem, p. 1.

Yó fuí el primero de quejarme y hacer objeciones referente á la presentación del Periodico, por que entendia que éste no vibraba, á tenor de los momentos revolucionarios que vivimos. Si nuestro periodico se sostiene á pesar de sus deficiencias, fué por los grandes raigambres, antiquísimo que tiene su historial. Surge la necesidad de perfeccionarlo, y hay que afrontar ésta necesidad, Callejas, según confesión propia, no podía volcar su opinión en el periodico, **por que no estaba de acuerdo, con los hechos que se realizan, en los momentos recolucionarios; por eso se vió la necesidad de sustituirlo, y se pensó em Toryho.** Que los Redactores, ni siquiera se habian tomado la molestia de efectuar turnos, para que la Redacción no quedara sóla pues un periodico particularmente por la noche, tiene que recoger las últimas vibraciones; yó llamaba al Telefono, y nadie respondia, demostrando que alli nadie habia⁷⁵³.

Depois de Herreras foi a vez de Gelabert falar. Ele fez sua defesa dizendo

[...] que él, solamente en la reunión de ayer fué cuando pronunció las primeras palabras sôbre éste asunto, por lo tanto no hizo ni chanchullos, ni tramoyas, cómo Toryho, le acusa. Para demostrar que Toryho, és incompetente en el cargo de Director de periódicos, hay una infinidad de pruebas, una de tantas; quizá la mayor de tódas ha sido “Fragua Social” ha ido comunicando á sus lectores, todo el proceso importante del Pleno Regional, que ha habido en Levante; en cambio la “Soli” no ha dicho ni media palabra. Si ha tenido mayor venta, la “Soli” éstos últimos dias, no ha sido por la influencia ó prestigio, de Toryho, ha sido por que el combate de la tóma de Madrid, interesa al pueblo, y por ésto ha sido la causa que ha tenido que hacer más tirage⁷⁵⁴.

Segundo a ata da reunião, depois se iniciou um amplo debate, que terminou com o Comitê Regional tentando um acordo com a seguinte afirmação:

[...] el compañero Tiryho, (á su entender) és imprescindible cómo director de “Soli”. Los compañeros Redactores, también lo són si cumplen con su deber, que busquen entre tódos la fórmula de armonizar, las diferencias de caracter, y formas de entender las cósas, y en un trabajo aglutinado, se esfuercen, en hacer un Periodico; pero un Periodico! Por que la Organización, lo necesita, y lo exige. Estamos en una época, en que tódas las miradas están fijas, en nuestro Periodico, hemos de procurar de que salga á la medida de su importancia⁷⁵⁵.

Nesta reunião, foi explicitado o verdadeiro motivo pelo qual Callejas se demitiu da redação do Soli: divergências com os rumos do processo revolucionário. E, em seu lugar, foi nomeado Toryho, que era alinhado aos posicionamentos colaboracionistas propugnados pelos líderes anarquistas. Não podemos afirmar categoricamente, mas é bem crível que existiam pressões de todo tipo para que Callejo ajustasse o periódico aos desígnios da colaboração, ainda mais quando Guillamón⁷⁵⁶ mencionou que todos os partidos e organizações representadas na

⁷⁵³ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

⁷⁵⁴ Ibidem, p. 2.

⁷⁵⁵ Ibidem, p. 2.

⁷⁵⁶ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936.** Barcelona: Aldarull, 2013.

Generalitat haviam assumido, em uma reunião do governo catalão, o compromisso de adequar suas imprensas às concepções emanadas pela Generalitat, o que queria dizer, no caso dos cenetistas, que as vozes anticolaboracionistas nos seus periódicos deveriam ser caladas. Isso nunca ocorreu totalmente, mas é perceptível a diminuição do espaço concedido às vozes oposicionistas, que acabaram tendo que buscar outras formas de expressar seus posicionamentos. Cabe ressaltar que este processo também não se deu de forma pacífica, como ficou demonstrado no próprio Soli, quando os trabalhadores do periódico entraram em confronto direto com Toryho.

No mesmo dia 17, o Solidaridad Obrera publicou dois artigos que mostram o momento. Em um deles, a discussão ocorreu em torno do interesse coletivo e do interesse individual. Depois de falar sobre as imperfeições que um momento de transição revolucionária trazia, afirmou que em várias fábricas, oficinas etc., havia uma prática individualista, que fazia com que cada empresa olhasse exclusivamente para si, acrescentando que os produtores deveriam todos defender os interesses coletivos contra o exclusivismo particular, caso contrário “[...] habríamos caído en los mismos vicios de origen⁷⁵⁷”. O outro texto era o editorial, que tratou da intervenção da CNT na direção dos acontecimentos nacionais. Fazendo eco da imprensa fascista sobre a entrada da CNT no governo central, o editorial chamou a atenção de que a organização clamava há tempos a modificação do governo, “[...] creando un organismo de defensa, en el que estuviesen representadas todas las Sindicales proletarias, y en el cual se le diera a la C.N.T. la representación que por su fuerza le corresponde⁷⁵⁸”.

Dia 18 de novembro, aconteceu uma nova reunião dos comitês libertários, com a presença de Santillán, conforme fora solicitada na reunião do último dia 16. Ele fez sua defesa acerca das várias acusações que havia sofrido naquela reunião, sendo basicamente sobre questões militares. O mais marcante dessa reunião foi a fala de Trabal, ao mencionar acerca de Santillán: “¿Es que quereis razonar ó nó, dijisteis detras de Santillán y digo yo ahora delante de Santillán, que él, puede ser todo lo intelectual, que se quiera, pero en el lugar que ocupa no sirve para éllo no tiene caracter para éllo, no tiene energia⁷⁵⁹”. Apresentou como prova o fato de todo material de saúde enviado por Santillán não ter chegado à frente de combate, mas no dia que ele – Trabal – cuidou disso, o material chegou. Santillán defendeu-se das acusações, até que o Conselheiro de Economia de Barcelona encerrou a discussão ao ler um projeto de municipalização a partir do qual os imóveis passariam a ser propriedade das prefeituras e

⁷⁵⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **Interés colectivo e interés individual**. Barcelona, 17 nov. 1936, p.10.

⁷⁵⁸ Idem. **Intervención de la C.N.T. en la dirección del país y en la defensa de Madrid**. Barcelona, 17 nov. 1936, p. 1.

⁷⁵⁹ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 18 de novembro de 1936**, p. 2.

estariam classificados em vários tipos. O projeto também pretendia que o aluguel pago pelos inquilinos fosse empregado somente para dar trabalho ao setor da construção civil. Muñoz salientou que soava mal, para o referido projeto, o fato de que pretendesse indenizar os proprietários. Desse modo, a Federação Local respondeu que o projeto foi elaborado pela Construção, Molina, Administradores e um técnico da prefeitura e, por isso, ele não poderia ter muitos defeitos. Assim, pediu que fosse a organização quem fizesse as modificações que pareciam necessárias no decreto. Falou-se mais sobre alguns assuntos, como a mobilização, a qual se disse que não foi implementada, para logo em seguida encerrar a reunião.

No mesmo dia 18 de novembro, o *Solidaridad Obrera* também publicou um artigo de Fábregas quando, novamente, ele tratou dos problemas da retaguarda – ou do “segundo front”. Depois de afirmar que a economia era tão importante quanto as trincheiras e de defender a mobilização total da retaguarda, Fábregas salientou que a produção catalã havia perdido 3/5 de seu mercado consumidor na Espanha, e que isso precisaria ser compensado vendendo mercadorias ao exterior. Entretanto, para que fosse feito, seria necessário intensificar o trabalho de uma maneira que os produtos espanhóis pudessem competir com os de outros países, mesmo que eles tivessem condições de produção melhores.

Es conveniente, por tanto, percatarse de la gravedad del problema y de la necesidad apremiante de que nos demos cuenta de que a base de una intensificación del trabajo, llevado hasta sus últimas consecuencias, podremos obtener una producción que encuentre fácil salida en el mercado internacional, con lo cual será posible descongestionar los stocks existentes y propulsar el trabajo nacional, ya que sólo el producto del trabajo es la única riqueza positiva. La guerra cruel y salvaje, que está desatando en el hombre todos los instintos de la animalidad, y que ha sido impuesta contra la voluntad del proletariado, engulle sumas ingentes de dinero; dinero que es necesario para el aprovisionamiento de los frentes y para obtener los instrumentos de lucha que la complejidad de la guerra moderna exige en cantidad y en calidad impresionantes. Las únicas posibilidades de resistencia, es decir, la única riqueza positiva de nuestro país para hacer frente a las contingencias de la guerra, es el trabajo. No poseemos en Cataluña los stocks monetarios convenientes para separar las dificultades financieras que la guerra brutalmente impuesta, nos plantea en todo momento. Pero tenemos en nuestras manos los instrumentos de trabajo precisos para crear aquella riqueza a cambio de la cual obtendremos los elementos de combate que nos son indispensables para asegurar el triunfo de nuestra causa justa y sagrada⁷⁶⁰.

Tratava-se de diminuir o custo de produção das mercadorias via intensificação do trabalho para conquistar mercado de consumo fora da Espanha e conseguir divisas para a manutenção do esforço de guerra.

Ainda no dia 18 de novembro, o *Boletín de Información* publicou um interessante artigo que mostrava indiretamente o clima que existia entre os anarquistas estrangeiros em relação ao

⁷⁶⁰ FABREGAS, JUAN P. El deber de la retaguardia. *Solidaridad Obrera*. Barcelona, 18 nov. 1936, p. 10.

que ocorria na Espanha, sendo reproduzido também pelo Tierra y Libertad do dia 28 do mesmo mês⁷⁶¹. Na verdade, eram trechos do Revue Anarchiste, uma revista francesa – embora com eco, inclusive, na própria Espanha – que não tinha vinculação direta com nenhuma organização libertária e era, na verdade, dominada por anarquistas “individualistas” – que, segundo nossos critérios expostos no capítulo 1, não poderiam ser classificados como anarquistas, por mais que se reivindicasse como tal. O artigo foi iniciado com algumas declarações que deixavam claras quais eram as posições que a revista defendia, bem como contrastavam com as aspirações do anarquismo organizado. Afirmou que, “Aunque deseando vivamente, desde el punto de vista social, un porvenir mejor, **ellos son bastante escépticos en cuanto a la parte constructiva, en cuanto a la realización de una sociedad que pueda darles satisfacción**”⁷⁶². Na sequência, completou:

Más, SOBRE EL PLAN DE DEFENSA, consideran que no hay posibilidad – en las circunstancias actuales – de colocarse al margen; es preciso tomar claramente posición, es preciso escoger: ESTAR CON LOS UNOS O CON LOS OTROS. Es por esto por lo que, defendiendo su piel y su libertad, ELLOS AFIRMAN ESTAR ETERNAMENTE AL LADO DE LOS REVOLUCIONARIOS – estando, por otra parte, ciertos amigos de la “Revue Anarchiste” y de sus tesis desde los primeros días en el corazón del movimiento para contribuir – según sus fuerzas y sus capacidades – a abatir el fascismo español⁷⁶³.

Os anarquistas individualistas do Revue Anarchiste não acreditavam na “fase construtiva” do anarquismo, na implantação de uma sociedade comunista – anarquista, comunista libertária ou qualquer outra designação que se queira dar –, mas tinham interesse na sua “fase destrutiva”. Acreditavam também que não se deveria ficar “neutro” diante do processo revolucionário, tendo que tomar posição. Mas qual era sua posição? Este trecho não deixa dúvidas.

Asi como ellos aplaudieron em febrero último el recurso de acudir a las urnas como medio que pudiera contribuir a arrancar miles de camaradas de las garras de los carceleros de la España reaccionaria, y aplaudieron ayer la respuesta de Julio, los “Individualistas de acción” de la REVUE ANARCHISTE – individualistas sociales y realistas – aplauden con todo su corazón, sin ninguna reserva mental las medidas preconizadas por la C.N.T. tal como la constitución del Consejo Nacional de Defensa, o en su lugar, las medidas de defensa revolucionaria tomadas por la F.A.I. y por la C.N.T., medidas dictadas por las necesidades de la lucha – **entre otras la de la entrada de la C.N.T. en el gobierno, con miras a luchar más enérgicamente**

⁷⁶¹ TIERRA Y LIBERTAD. Los “individualistas de acción de la Revue Anarchiste” a sus camaradas de la F.A.I. y de la C.N.T. Barcelona, 28 nov. 1936, p. 7.

⁷⁶² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Los “individualistas de acción de la Revue Anarchiste” a sus camaradas de la F.A.I. y de la C.N.T. Barcelona, 18 nov. 1936. p. 7, grifo nosso.

⁷⁶³ Ibidem, p. 7.

contra el fascismo, descontando que las carteras acordadas cargan de responsabilidad sin contener poderes suficientes⁷⁶⁴.

Além disso, o Revue Anarchiste também classificou a política de colaboração, inclusive dentro do aparelho de Estado, como uma política “realista”, e criticou todos os anarquistas que não aceitavam tal política, fossem eles espanhóis ou não. Entusiasmaram-se também com a aproximação com os países “antifascistas”.

Ellos aprueban igualmente, – contando con la perspicacia de los anarquistas españoles para no dejarse engañar – la política de aproximación y de amistad practicadas hacia los diversos países del frente antifascista y aprovechándose para reclamar a la U.R.S.S. la liberación de los compañeros encarcelados. Ante la carencia (por no decir la traición) de los pseudorevolucionarios franceses, ractificando publicamente o en sordina la vileza política de neutralidad unilateral que, aún sin descontar los riesgos de la guerra, ha puesto a los explotados al borde del abismo; de cara a esta actitud no había otra salida que la de aceptar todo concurso ofrecido, cualquiera que fuese, porque no hay ninguna concesión peor que el fracaso revolucionario⁷⁶⁵.

Os anarquistas do Revue Anarchiste também se queixaram de que as medidas tomadas pelos colaboracionistas espanhóis não tivessem sido implementadas antes.

Los “individualistas de acción” de la REVUE ANARCHISTE exortan a sus camaradas revolucionarios españoles ha hacer provisoriamente todas las concesiones que se consideren indispensables y **aplauden la política realista adoptada por ellos en estos últimos tiempos. Deploran que éstos hayan tardado un poco en la aceptación de ciertas medidas, quizá por estar demasiado influidos por los consejos de gentes que radican en el extranjero y fuera de las realidades de la guerra.** Ellos sienten que la entrada en las tareas gubernamentales no se haya efectuado más pronto, como ellos lo preconizaron ya desde la constitución del ministerio Largo Caballero, cuando incitaban a los anarquistas y a los anarco-sindicalistas a reclamar los departamentos de Guerra y Hacienda. Ellos lamentan, en fin que la movilización general, – que ellos pidieron desde el 26 de Julio, previendo la dureza y la duración de la lucha entablada – no haya sido decretada y realizada más pronto y más completamente, siempre invitando a los camaradas a que velasen por la existencia de las milicias, garantía de las conquistas revolucionarias⁷⁶⁶.

E, encerrando, o Revue Anarchiste convidou todos a ignorar os “dogmáticos” e fazer coro com os colaboracionistas.

En nombre de los sacrificios hechos y los aún por hacer, y a fin de que éstos no sean vanos, los “individualistas de acción” invitan a sus camaradas revolucionarios españoles a hacer caso omiso de todas las críticas y advertencias dogmáticas de los timoratos y de los “viejos barbas”, personajes fósiles, que no tienen interés más que por la historia y cuyo irrealismo llena de impotencia todo lo que ellos tocan y que, en ciertos países, contribuyeron a llevar la revolución a la tumba. Nosotros lo hemos

⁷⁶⁴ Ibidem, p. 7, grifo nosso.

⁷⁶⁵ Ibidem, p. 7-8.

⁷⁶⁶ Ibidem, p. 8, grifo nosso.

dicho con frecuencia: para vencer, poco importan los medios! Revolucionarios de España, perseverad en vuestros medios realistas de lucha. Abatid primero el fascismo; la victoria os dejará enseguida todo el tiempo para discutir con los virtuosos e impotentes sasuiistas sobre la moralidad de los medios empleados... Los “individualistas de acción” de la REVUE ANARCHISTE tienen plena confianza en la ardiente voluntad de vencer de la C.N.T. y de la F.A.I. y de todos los explotados⁷⁶⁷.

Todas essas afirmações dos anarquistas individualistas franceses são importantes porque mostram como dois polos opostos estavam convergindo na prática política. O que é denominado, normalmente, como anarquismo individualista, já discutido no capítulo 1, é na verdade uma corrente com características próximas ao liberalismo, mas com alguns traços que os aproxima do campo do anarquismo socialista. E, como uma prática que se focava no processo destrutivo, evitando ou mesmo descrendo do processo construtivo da nova sociedade – a sociedade comunista –, como afirmou o próprio artigo do Revue Anarchiste, os “individualistas” acabaram por serem tragados para práticas reformistas em plena revolução social. Mas as organizações anarquistas espanholas tinham uma outra formação, de caráter socialista e construtiva. Os individualistas existiam na Espanha – embora fosse em número bem reduzido –, eram tolerados, mas eram marginais – no sentido de estarem à margem – e vistos como uma manifestação de excentricidade. E agora ambas correntes estavam convergindo em suas posições, mesmo que por caminhos diferentes. Daí as críticas que o Revue Anarchiste fez contra os anarquistas estrangeiros. Muitas das organizações anarquistas de fora da Espanha estavam bastante críticas ao colaboracionismo adotado pela CNT. No seio da AIT, aconteceram duras críticas à organização por parte de sindicatos anarquistas estrangeiros, o que fez com que esta, inclusive, chegasse a ameaçar se retirar da Internacional. Os sindicalistas revolucionários e anarquistas franceses foram figurando como cada vez mais receosos em relação aos acontecimentos na Espanha, motivo pelo qual as críticas dos individualistas aos sindicalistas franceses terem sido bem recebidas pela CNT, a ponto de publicar tais críticas em dois periódicos importantes dos anarquistas espanhóis, tal como eram o Boletín de Información de la CNT-FAI e o Tierra y Libertad. A crítica dos individualistas aos anarquistas e anarcossindicalistas franceses era uma crítica à possibilidade de se construir uma sociedade libertária na prática, e foi exatamente isso que os levou a abraçar políticas reformistas e, na prática, a serem entusiastas do colaboracionismo adotado pela CNT, uma organização que, em tese, se colocava em uma posição anti-individualista. Este foi um processo contraditório e de difícil compreensão, e demonstra o quão complexo eram as teias que teciam o emaranhado anarquista dentro e fora da Espanha.

⁷⁶⁷ Ibidem, p. 8.

Em 19 de novembro, ocorreu uma nova reunião dos comitês libertários catalães. Esta foi iniciada com uma discussão sobre Marianet, que havia sido nomeado Secretário Geral no Comitê Nacional da CNT, e a conveniência ou não de sua partida, concordando-se em efetuar uma pressão para que ele voltasse para o Comitê Regional. Iniciou-se um debate em relação à Generalitat. Herrera disse que ainda neste dia

[...] se va á plantear el problema político de la Generalidad, que uno de tantos motivos, há sido por que, se ha gastado de una manera fabulosa, cien millones de pesetas, sin que se sepa cómo ni por qué, y éso marca una ruina vertical de nuestra economia, y ante ésta grave situación, se crea un estado violento para los que forman el Consejo de la Generalidad. **Al C.R. se le preguntará, hoy, si créé conveniente seguir colaborando, ó nó, en el Consejo, debido al estado de indisciplina, que indirectamente, pero con refinado sadismo nos achacan á nosotros sólo; á los de la C.N.T. y á los de la F.A.I.**⁷⁶⁸.

Fábregas interveio e disse que várias vezes falou das anomalias que existiam, com pessoas que recebiam dois soldos, trabalhadores que não executavam serviços etc. Falou também que havia cinco mil milicianos que não estavam em nenhum lugar e recebiam o soldo. Acrescentou que existiam milicianos que se alistavam na Coluna Durruti e, então, sua família recebia dez pesetas diárias, mas, “[...] **como que no hay disciplina entre os milicianos**, éste, coge su fusil, y se marcha á otra columna ó centuria, y se alista allí, y la familia cobra de dos ó tres partes⁷⁶⁹”. Fábregas ainda destacou outros exemplos de indisciplina, como o de Mora de Ebro,

[...] que cualquier indicación que reciben, de cualquier Organización, Oficial, Política, ó Social, no quieren acatar nada, solamente su santa voluntad, y aquí dicen una palabra, que no está bien reproducir. Los Consejeros allí no podemos estar si no se tóman otras determinaciones⁷⁷⁰.

Castellote interveio e enfatizou que

[...] lo que se hace en la Generalidad, és tergiversar los hechos reales **¿que pueden decir éellos, de indisciplina, de inmoralidad, y de abusos, abusivos, en la parte económica?** ¿han dejado Companys, y los demás de cobrar las exorbitantes pagas que cobran? ¿han obedecido nunca éellos los acuerdos tomados, por nuestra Organización, que és la representativa, de casi toda la masa trabajadora que producen en Cataluña? ¿y que nos dice la Generalidad, de los tres millones de pesetas que votó, para los perros, que se llaman Asalto? ¿y de ése enjambre, de trabajadores de la U.G.T. que ha metido de grado ó por fuerza, en tódas partes, que ella ha podido?⁷⁷¹.

⁷⁶⁸ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 19 de novembro de 1936*, p. 1, grifo nosso.

⁷⁶⁹ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

⁷⁷⁰ Ibidem, p. 2.

⁷⁷¹ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

Campos completou:

Referente á esos problemas, que han planteado los compañeros, presentes, sólo puedo decir que és la DEGENERACIÓN, la que despilfarra, ejemplos? Aquí los tenéis: Gastó siete mil pesetas en zapatos de piel de culebra, para que los señoritos bien del P.O.U.M. las lucieran por la Rambla, y presentaron la factura con toda su desfachatez, al Departamento de Guerra, (la factura la tenemos en nuestro poder para que la podáis ver cuando queráis). Otro modelo: Gastaron once mil pesetas una vez, y nueve mil otra, para comprar instrumento de Música... para sus Bandas, presentaron la factura al Departamento de Guerra... En todos los cuarteles que van NUESTROS milicianos, cobran al inscribirse dos pesetas diarias, y solamente cobran las diez pesetas – aun que estén tres meses paseándose por Barcelona. Al expresarles, yó, esta anomalia, me respondieron textualmente “Nosotros no somos tan tontos como los de la C.N.T. y la F.A.I.” Yo cómo siempre soy mordaz con esa gente en todas partes encontré materia, unible para criticarlos, en nuestras Oficinas, mismas mientras hay quien cobra diez y doce pesetas, los de ellos cobran de diez y ocho á veinte, En el Departamento de Guerra, lo que en tiempos de Garcia Oliver lo hacían sólo dos hombres, y ahora hay TRECE, individuos que hacen el mismo trabajo. Todos sabemos que la banda de la C.N.T. no cobra sus horarios, en cambio las demás Bandas, sí ¿y para que seguir este rosario de calamidades, que és de conocimiento público? Pero á lo menos callen!!⁷⁷².

Canela também interveio no debate e disse que os libertários eram os primeiros a respeitar a disciplina, quando justa, mas que era impossível sustentá-la quando ocorriam fatos como o de Ciutadilla, na província de Lérida, quando indivíduos em três caminhões, com metralhadoras e pistolas, impunham o terror na população e ficavam gritando onde estava a FAI. Trabal falou que:

Este asunto és de suma gravedad, aceptamos una formula para ver de armonizar las diferentes tendencias, y éstos siempre nos provocan. La Organización, pues debe de tomar nuevos acuerdos, y hago la proposición que se convoque, para preguntarle **¿sé acepta ó nó la continuación de ese pacto?**⁷⁷³.

Muñoz tomou a palavra e disse que a organização propôs a mobilização e o salário único, e foram aceitos. Gimenez argumentou que era preciso aumentar a jornada de trabalho e diminuir os salários, caso os trabalhadores pudessem entender. Portela acrescentou que havia uma linha traçada por todos os partidos, e que eles

[...] están confabulados contra nosotros; nos quieren dar la batalla. Todos éstos Conflictos, los promuebe la Esquerra. Ella promovió lo de Molins de Rey, Aiguafreda y demas. Estan gastando una infinidad de MILLONES, para equipar á toda esa gentuza que nos quieren achuchar contra nosotros: El C.R. ha de tomar las máximas resoluciones. Si nosotros no tomamos la iniciativa, ellos nos avasallarán, para siempre!!⁷⁷⁴.

⁷⁷² Ibidem, p. 2.

⁷⁷³ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

⁷⁷⁴ Ibidem, p. 3.

Espectáculos Públicos falou que “[...] mientras la colaboración nuestra no sea totalitaria no podemos hacer nada práctico⁷⁷⁵”. Magín propôs que “[...] SIN DEMORA, se vaya á poner en práctica lo que se ha acordado y NO hacer lo que él, vé que siempre se hace: **mucho decir, mucho proponer y al final NADA**⁷⁷⁶”. Foi quando entrou uma comissão do Sindicato de Luz e Força e falou da difícil situação em que se encontravam, segundo eles por conta de Comorera e um subdelegado, que faziam manobras para ficar com o dinheiro do Luz e Força. E, finalizando, o Comitê Regional prometeu que interviria no Conselho da Generalitat e achava que resolveria o problema. Depois se falou do projeto de Portela sobre a questão das fronteiras, pois se pretendia centralizar a responsabilidade em poucas pessoas, fazendo assim com que o controle fosse mais efetivo e se tivesse mais autoridade. Então, a reunião foi encerrada.

Tal reunião foi bastante custosa e demonstrou uma série de problemas e contradições em que o movimento libertário estava inserido. O primeiro ponto importante que se debateu foi com relação à Generalitat, quando, inclusive, se questionou a continuidade da política de colaboração. Outra questão séria era com relação às anomalias que existiam em vários setores. Isso ocorria com todos os partidos políticos e sindicatos, mas muitos o apresentavam como uma característica basicamente do movimento libertário. Eram muito usados pelos adversários dos movimentos coletivistas, que denunciavam incessantemente a corrupção dos comitês de empresa, de bairro ou de cidade, ao mesmo tempo em que se calavam diante dos casos que ocorriam dentro da própria Generalitat ou em outros lugares a eles associados, como no setor das empresas privadas e nas que estavam sob controle estatal, além das forças policiais de repressão. Algo semelhante ocorria com relação ao tema da disciplina. As milícias, especialmente as de origem anarquista, eram frequentemente acusadas de serem indisciplinadas, desorganizadas e ineficientes. Certamente, isso existia entre as milícias anarquistas, mas também havia nas milícias das outras correntes antifascistas. Cabe salientar também que muitas das deficiências tinham ligação com o modo e as condições em que as milícias foram formadas, de um jeito bastante improvisado, mas que foram exatamente essas milícias improvisadas, mal armadas e com graves problemas logísticos quem a princípio derrotaram o golpe militar. Também sustentaram a luta no front por meses, apesar de todos esses problemas. E, como solução, foi proposta a militarização das milícias e sua fusão no Exército Popular, que era um exército convencional a serviço do Estado republicano. Isso, na prática, acabaria com o que tinha de melhor nas milícias, que era a democracia de base, mas não resolvia o grande problema, que era a falta crônica de armamento. E a necessária

⁷⁷⁵ Ibidem, p. 3.

⁷⁷⁶ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

coordenação das milícias também não era garantida com a militarização. Isso tudo era, na verdade, um ataque ao processo revolucionário, às conquistas revolucionárias na qual as milícias eram uma parte essencial. Outro tema importante colocado nessa reunião foi com relação ao funcionamento interno das organizações libertárias. Muitas das questões eram decididas, mas não eram implementadas, motivo pelo qual havia reclamação. E algumas dessas questões não eram implementadas porque simplesmente não podiam ser implementadas. Elas entravam em choque com acordos tomados pelos ministros anarquistas no seio da Generalitat. Assim, os dirigentes anarquistas estavam espremidos entre as responsabilidades governamentais – as outras forças representadas no governo catalão viviam reclamando dos “incontrolados” e insistiam para que os anarquistas “controlassem” sua base – e sua base sindical, e acabavam por ficar paralisados. O colaboracionismo estava impondo um papel aos dirigentes anarquistas que eles não eram acostumados e não sabiam como proceder, e aos olhos de muitos anarquistas e sindicalistas revolucionários isso deveria acabar. Ou seja, o descontentamento entre a base estava crescendo, e já estava dando eco até mesmo nas reuniões dos dirigentes, como pudemos observar nesta reunião do dia 19 e em outras anteriores. Cabe ressaltar que os comitês de bairro e de cidade continuavam existindo, estavam armados e eram atuantes.

4.2 Da Reunião de Comitês ao Novo Governo da Generalitat

No dia 19 de novembro, o Boletín de Información publicou fragmentos dos discursos que foram feitos no encerramento da Conferência Regional Levantina, quando alguns importantes cenetistas discursaram. Um deles foi Tomás Cano Ruiz, que falou sobre a pequena propriedade e diferenciou socialização de municipalização. Disse ele:

Nosotros estimamos que debe irse, en la mayor cuantía posible, a la socialización de toda clase de propiedades, ya sean agrícolas, industriales, artísticas o científicas; que debe irse a la socialización, y el Pleno tiene interés en hacer comprender al pueblo valenciano la diferencia que hay entre socialización y nacionalización o municipalización. Confundir estos términos sería un pecado de lesa expresión en nosotros. **Nacionalización es sinónimo de estatificación. Municipalización es también sinónimo de estatificación. El Pleno ha entendido que lo que procede es socializar y esto es en términos claros y contundentes, entregar la propiedad, la producción, el transporte, todos los oficios, todas las artes y las ciencias a los sindicatos obreros profesionales, a aquellos órganos del proletariado, del pueblo trabajador, y al mismo tiempo a aquellos órganos que están surgiendo de las entrañas de la revolución**⁷⁷⁷.

⁷⁷⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Del mitin de clausura de la conferencia regional levantina.** Fragmentos de los discursos de nuestros compañeros. Barcelona, 19 nov. 1936, p. 5, grifo nosso.

Ruiz também defendeu a pequena propriedade, desde que não fosse usada mão de obra assalariada, mas condicionou a

[...] permanencia de la pequeña propiedad a las necesidades de la guerra; que nosotros no podemos ni queremos hipotecar nuestro ideario, e inclusive el sentido realista de la historia contemporánea a los prejuicios y condescendencias del orden del pequeño burgués; y si toleramos la pequeña propiedad, es también con un tope, mientras dure la actual guerra. Y desaparecida la actual guerra y ganada la batalla al fascismo, suprimiremos la pequeña propiedad, sea cual fuera y como fuere e intensificaremos y totalizaremos la socialización y la colectivización⁷⁷⁸.

Outro orador a discursar foi Serafín Aliaga, que falou em nome do Comitê Nacional da CNT. O interessante de sua fala foi o malabarismo feito para tentar justificar a entrada da CNT no governo. Disse ele:

La C.N.T. reconoce que continuar manteniendo los Ayuntamientos y las Diputaciones provinciales, supone continuar el viejo armatoste, el viejo Estado, que es el que ha fracasado de una manera absoluta y completa en todos los ordenes de la política nacional; y yo quiero hacer una manifestación rotunda, clara: se dice, hablando quizás de este cambio de ruta, de este cambio de marcha, que la organización confederal española no ha hecho más que ajustarse a un pasado de responsabilidad; se dice que la C.N.T. ha entrado en política. Y nosotros decimos, con entera responsabilidad, que la organización confederal no ha entrado en política, porque quiere decir toda la veja política de las escuelas del viejo Estado que era la política vieja, la política del Ministerio de paniguados. **A lo que nosotros vamos es a acabar con la política de emboscada, de covachuelistas, de burócratas, de paniaguados; a hacer que la política española no sea política vieja, sea recta administración de los intereses públicos, economía de las organizaciones sindicales y revolución en el campo económico**⁷⁷⁹.

Por último, falou o cenetista Juan Peiró, Ministro da Indústria e Comércio no governo central. Ele tratou, dentre outras coisas, da questão militar, mas o que mais nos importa aqui foi o que ele pensava com relação ao processo revolucionário. Depois de dizer que quatro meses atrás ninguém poderia imaginar que a CNT estaria no governo, ele acrescentou:

Vive España en estos momentos una guerra y no una Revolución. Me parece que nosotros no seremos exagerados se afirmamos que el mayor contingente que actúa en esta lucha, son los trabajadores controlados por la C.N.T. Y cuando se viven circunstancias como las que acabo de describir de una manera somerísima, a nadie se le puede escapar que donde hay actuación ha de haber también responsabilidad, y **en estos momentos no podría contraerse de ninguna forma, mas que yendo a los organismos desde los cuales se administra la guerra**⁷⁸⁰.

⁷⁷⁸ Ibidem, p. 5.

⁷⁷⁹ Ibidem, p. 5, grifo nosso.

⁷⁸⁰ Ibidem, p. 6, grifos nossos.

Sobre esse assunto, Peiró concluiu: “Hay que fijar, pues, una posición clara y concreta. **Hemos ido a los Ministerios a proseguir no aquella política que hemos venido combatiendo; hemos ido a los Ministerios a administrar la guerra y la Revolución, u sobre todo la guerra**⁷⁸¹”.

As falas dos líderes cenetistas, quando comparadas umas às outras, pareceram bastante confusas. Enquanto o primeiro a falar defendeu o processo de coletivização e fez oposição à nacionalização, seja na forma “clássica” ou na que se estava difundindo neste momento, a municipalização, os outros dois fizeram malabarismos para tentar justificar a entrada da CNT para o aparato governamental. Isso era possível porque foi sendo operada uma separação entre coletivização – ou autogestão – dos meios de produção e gestão da vida social – democracia direta. Uma vez percebidos como esferas separadas, podia-se, ao mesmo tempo, fazer apologia de um – a coletivização – enquanto se abandonava o outro – a democracia direta. Mas isso era retórica e não tinha nenhuma correspondência com a teoria anarquista e sindicalista revolucionária clássica, pois a autogestão dos meios de produção só é possível plenamente quando inserida dentro de um contexto de democracia direta, senão ela se torna mera autonomia administrativa, entra em estagnação, murcha e morre.

No mesmo dia 19 de novembro, houve um acontecimento bastante relevante: a morte de Durruti. Este havia ido para Madri com o intuito de elevar a moral dos combatentes que lá estavam, já que a situação era grave e existia a possibilidade de a cidade cair nas mãos dos fascistas, além dele ser o líder de uma poderosa e combativa coluna que levava seu nome. Era uma tentativa desesperada de salvar Madri. Pela tarde, Durruti foi alvejado por um tiro no tórax, sendo levado ao hospital em estado grave e vindo a falecer na madrugada do dia seguinte. Surgiram uma série de conspirações sobre sua morte, com teorias que defendiam que ele havia sido morto por fascistas – versão dos anarquistas –, pelos comunistas, por trotskistas – versão dos comunistas –, dentre outras. Uma das versões que circula até hoje é que ele teria sido assassinado pelos próprios líderes anarquistas, por conta de seus constantes conflitos com os dirigentes em razão dos rumos que a revolução estava tomando. Uma outra versão fala que sua morte teria sido um acidente, com sua própria arma tendo caído no chão – ou emperrado na porta do carro –, disparado e o acertado. Fato é que sua morte foi bastante providencial do ponto de vista político, tanto para os líderes cenetistas que propugnavam pela colaboração quanto por seus adversários de outras correntes políticas, que agora estavam livres de um opositor de peso. O enterro de Durruti, que fora realizado no dia 22, atraiu uma multidão nas ruas de Barcelona

⁷⁸¹ Ibidem, p. 6, grifo nosso.

e ele passou a figurar como um mito no imaginário popular que perdura até os dias de hoje em certos meios.

No dia 20 de novembro, o *Solidaridad Obrera* publicou em seu editorial um artigo demandando menos discussões e mais disciplina, e o texto foi explicitamente dirigido aos “organismos enquadados na CNT” – ou seja, sindicatos de base e, “por tabela”, comitês de bairro e cidade. O artigo afirmou que era evidente que havia “[...] certa indisciplina en toda Catalunya, al tener que cumplir los acuerdos del Consejo de la Generalidad. Unas los cumplen, de manera deficiente y, algunas otras – hemos de reconocer que son las menos –, ni siquiera los cumplen⁷⁸²”. Disse que a situação era grave, pois isso levaria ao fracasso e colocava a revolução em perigo, ameaçando todo o proletariado mundial. Foi reiterado também que o período revolucionário não correspondia apenas à CNT, pois antes era a burguesia que dirigia os destinos nacionais, mas agora ele estava nas mãos dos trabalhadores, principalmente os que estavam na CNT. Era preciso disciplina, uma disciplina consciente, espontânea. Com isso, declarou:

Si la C.N.T. tiene representantes en el Consejo de la Generalidad y en el Gobierno Nacional Revolucionario de Defensa, es deber nuestro cumplir los acuerdos de que ellos emanen. Si esos representantes no actúan como les ordena nuestra Sindical, nosotros les exigiremos estrechas cuentas; pero mientras disfruten de nuestro “placet”, ha de concedérseles un margen de confianza, para que actúen activamente y con libertad. La discusión exagerada, que en otros tiempos en que era preciso demoler el sistema capitalista podía tener disculpa, no la tiene en estos instantes en que es preciso aprovechar hasta el minuto más insignificante. Los que discuten en exceso, no viven la guerra en toda su intensidad dramática. La economía de Catalunya no se reconstruye con discusiones, luchas intestinas, ni con problemas de amor propio, sino con actuaciones rápidas e inteligentemente competentes. Volvemos a insistir cerca de nuestros camaradas y de los encuadrados en otros organismos, para que piensen en la responsabilidad que contraen actuando de una manera dislocada. Las circunstancias de hoy no son las de hace un año ni las de hace dos. En los actuales momentos, toda la responsabilidad de cuanto pueda ocurrir en Catalunya, se nos atribuye a nosotros, por ser los más y en los que tiene puesta su atención la opinión pública española y extranjera. Esperamos de nuestros camaradas, meditarán serenamente sobre el tema que les exponemos y que sabrán actuar, en lo sucesivo, como hombres disciplinados, como proletarios amantes de sus hermanos los trabajadores todos, y especialmente como afiliados a la gran familia proletaria, encuadrada en la gloriosa Confederación Nacional del Trabajo⁷⁸³.

É bem claro o propósito deste artigo: buscar enquadrar os “desobedientes”, ou seja, apelar para que os trabalhadores de base, que atuavam por conta própria e buscavam fazer avançar o processo revolucionário, obedecessem ao governo da Generalitat, pois nele estavam

⁷⁸² SOLIDARIDAD OBRERA. **La indisciplina y el exceso de discusión, nos llevarían al fracaso**. Barcelona, 20 nov. 1936, p. 1.

⁷⁸³ *Ibidem*, p. 1.

representados todos os partidos e sindicatos e, portanto, era a expressão de todos os setores da sociedade.

Um segundo artigo do mesmo Soli, de autoria das Oficinas de Propaganda CNT-FAI, tratou da relação entre a pequena burguesia e a coletivização. Começou afirmando que na Espanha a classe média e a pequena burguesia têm permanecido, em sua maioria, de costas para a realidade social. Também afirmou que a pequena burguesia precisava de um processo de adaptação à realidade do momento, ultrapassar sua visão estreita de mundo e se adaptar à ordem que beneficiaria a todos.

Siendo el trabajo un deber para todos; desaparecida la explotación del hombre por el hombre, consideradas como fundamento de la tiranía en todos los pueblos y todas las épocas, no tiene razón de existir el propietario, egoísta hasta el extremo de acaparar sólo para sí, pensando solamente en su exclusivo beneficio. De ahí que para poder regular de un modo eficaz cuanto afecta a la producción y al consumo, para dar, en suma, el realce que requiere la economía, es necesario apelar a la colectivización⁷⁸⁴.

O artigo foi finalizado com a seguinte mensagem:

No tema, pues, la pequeña burguesía, y haga por abarcar el alcance del momento histórico que vivimos. Procure unir sus esfuerzos a los de la clase trabajadora, para que todos, de consumo, podamos levantar sobre sólidos cimientos, la nueva organización social que hará de España un modelo de nación para todos los países del Mundo. Ha llegado la hora de elevarnos por encima de prejuicios, de rancios egoísmos que envenenan las conciencias, que hacen del ser humano un ente depreciable. Hemos de demostrar todos que tenemos dignidad y que sabemos hacer del apoyo mutuo una norma de convivencia. Hemos de hermanar voluntades bajo la noble consigna del trabajo para todos y entre todos⁷⁸⁵.

Um último – e pequeno – texto importante publicado neste mesmo Soli fazia referência ao comando único – que já havia sido clamado no dia anterior pelo mesmo periódico –, afirmando que “[...] las circunstancias imponen a todos, y a nosotros más que a nadie, la obligación de someternos a una disciplina férrea⁷⁸⁶”, sendo então necessário o comando único para a frente de combate.

No dia 21, a imprensa repercutiu bastante a morte de Durruti. Tanto o Solidaridad Obrera quanto o Boletín de Información falaram sobre o assunto. O Boletín de Información, além de apresentar dois pequenos artigos sobre Durruti em seu número diário corrente, ainda lançou um número à parte, de apenas três páginas, mas totalmente dedicado a Durruti. Com sua

⁷⁸⁴ OFICINAS DE PROPAGANDA C.N.T. F.A.I. La pequeña burguesía y la colectivización. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 20 nov. 1936, p. 4.

⁷⁸⁵ Ibidem, p. 4.

⁷⁸⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. ¡Mando único! ¡Mando único! Barcelona, 20 nov. 1936, p. 12.

morte também se iniciou uma disputa em torno de sua memória. Os partidários da política de colaboração cada vez mais passaram a apresentar Durruti como o herói da luta antifascista, buscando descolá-lo do processo revolucionário, enquanto os que se opunham à colaboração buscaram utilizar a imagem e o mito de Durruti para tentar impulsionar a política revolucionária. Esses acabaram criando, mais tarde, um grupo opositor que se denominou Os Amigos de Durruti, a respeito do qual voltaremos a falar mais para frente.

Quizás no sepamos nunca cómo murió Durruti, ya que existen siete u ocho versiones distintas y contradictorias; pero es más interesante preguntarse por qué murió quince días después de hablar por la radio. La alocución radiofónica de Durruti fue percibida como una peligrosa amenaza, que halló una respuesta inmediata en la reunión extraordinaria del Consejo de la Generalidad del 5 de noviembre, y sobre todo en la brutalidad de la intervención de Comorera, que apenas fue suavizada por cenetistas y poumistas, que a fin de cuentas se juramentaron en la tarea común de cumplir y hacer cumplir todos los decretos. La sagrada unidad antifascista entre burócratas obreros, estalinistas y políticos burgueses no podía tolerar incontrolados de la talla de Durruti: he ahí por qué su muerte era urgente y necesaria. Al oponerse a la militarización de las milicias, Durruti personificaba la oposición y resistencia revolucionarias a la disolución de los comités, la dirección de la guerra por la burguesía y el control estatal de las empresas expropiadas en julio. Durruti murió porque se había convertido en un peligroso obstáculo para la contrarrevolución en marcha. Y por esa misma razón a Durruti había que matarlo dos veces. Un año después, en la conmemoración del aniversario de su muerte, la todopoderosa máquina de propaganda del estalinista gobierno Negrín trabajó a pleno rendimiento para atribuirle la autoría de un eslogan, inventado originalmente por Ilya Ehrenbur, y respaldado después por la burocracia de los comités superiores de la CNT-FAI, en el que le hacían decir lo contrario de lo que siempre dijo y pensó: “**Renunciamos a todo, menos a la victoria**”. Esto es, que Durruti renunciaba a la revolución. Ni siquiera nos queda una versión completa y fidedigna de su discurso, radiado el 4 de noviembre de 1936, porque la prensa anarquista de la época dulcificó y censuró a Durruti en vida. Una vez muerto, Durruti ya podía ser Dios. Y hasta Teniente Coronel del Ejército Popular⁷⁸⁷.

No mesmo dia 21, ainda houve uma reunião dos comités libertários catalães⁷⁸⁸, mas a ata é bem sucinta e dela extraímos que se falou do enterro de Durruti e da ordem dada para o recolhimento de armas, sendo que todos se pronunciaram de modo contrário, além de outros assuntos menores. No mesmo dia, o Boletín de Información, em seu número corrente, publicou um artigo – que foi originalmente editado por outro periódico, o Cultura y Acción – em que pedia que as melhores armas deveriam ser enviadas para a frente de batalha.

Para mí y para todos los milicianos es doloroso y hasta rabia nos dá, ver como se presume en las capitales de la retaguardia, de poseer formidables pistolas o modernísimos fusiles ametralladoras. Antes habría costumbre de presumir llevando una carísima corbata de seda, con vistosos colores; ahora, además de presumir con formidables trajes de cuero que no han sido fabricados para la retaguardia, se presume

⁷⁸⁷ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936**. Barcelona: Aldarull, 2013, p. 423, grifo do autor.

⁷⁸⁸ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 21 de novembro de 1936**.

también llevando un terrible pistolón, colgando de un flamante correa. Se ha dado inclusive el caso grotesco de ver en Barcelona, a todo un Tenorio (seguramente “tragafascistas” en las oficinas de algún Comité) que para acompañar a su novia paseando por las Ramblas necesitaba llevar la pistola ametralladora, montado en su culatín, con un cargador, por lo menos, de cincuenta centímetros de largo y todo ese armatoste colgado del cinto como si fuera un sable que casi le arrastraba por el suelo⁷⁸⁹.

No dia 21 de novembro, o Tierra y Libertad também publicou um manifesto do Comitê de Relações de Grupos Anarquistas da Catalunha, endereçado ao “povo da Catalunha e aos camaradas dos Grupos”. O manifesto afirmou que o referido Comitê havia recebido denúncias de que grupos de indivíduos “[...] que se dedican a recorrer pueblo tras pueblo haciendo toda clase de fechorías⁷⁹⁰” e que, segundo parecia, “[...] no tienen otra misión que la de hacer lo que les viene en gana; lo mismo roban que asesinan, como por medios inconfesables se apoderan de crecidas cantidades de dinero⁷⁹¹”. Salientou, então, que isso não poderia ser tolerado, “[...] y mucho menos que, quienes tales actos realizan se llamen anarquistas⁷⁹²”, acrescentando que seus propósitos seriam exatamente desprestigiar a FAI. O manifesto do Comitê destacou ainda que ele era partidário da justiça, não a justiça burguesa, mas a justiça no estrito senso da palavra. Por isso, deveria ir contra os abusos, “[...] cometidos por elementos perturbadores cuyo único propósito es el de deshonorar a la revolución y a los ideales del pueblo catalán⁷⁹³”. E, então, concluiu:

Hemos dicho que hay que terminar con este caos y estamos dispuestos a hacerlo, sea de la manera que sea; tenemos medios suficientes en nuestras manos para lograr nuestro propósito; si es necesario actuaremos con mano dura, los intereses de la revolución están por encima de todo y por todo. No hemos de parar un solo momento hasta exterminar a todos los grupos de emboscados que se aprovechan de los actuales momentos para desarrollar sus bastardas actividades. Los camaradas de la F.A.I. han de establecer en cada localidad un riguroso control, con objeto de impedir que todo grupo que no vaya debidamente autorizado, pueda realizar registros, incautaciones, detenciones, pues no estamos dispuestos a consentir por un momento más que se nos desacredita por parte de elementos interesados en ello y ajenos a nuestra organización. Trabajadores de Cataluña, los anarquistas hemos sido siempre los primeros de abominar contra todo crimen. No podemos permitir que por parte de nadie se nos quiera hacer pasar como vulgares delincuentes, y a tal efecto decimos públicamente que este COMITÉ DE RELACIONES no tiene ningún grupo, absolutamente ninguno en toda la región catalana sin estar debidamente controlado, por consiguiente, que no se nos culpe a nosotros de semejantes barbaridades. De momento nada más tenemos que decir. Que vayan con cuidado esos elementos que han escogido la región catalana

⁷⁸⁹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Las mejores armas y las mejores ropas para el frete**. Barcelona, 21 nov. 1936, p. 3.

⁷⁹⁰ EL COMITE. Al pueblo de Cataluña y a los camaradas de los Grupos. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 21 nov. 1936, p. 8.

⁷⁹¹ Ibidem, p. 8.

⁷⁹² Ibidem, p. 8.

⁷⁹³ Ibidem, p. 8.

como campo de acción de sus nefastas actividades, y el nombre de la F.A.I. como escudo. Estamos dispuestos a terminar con ellos y lo haremos. Pese a quien pese⁷⁹⁴.

No dia 22 de novembro, o Solidaridad Obrera publicou um artigo sobre o comando único. Falou sobre a resistência de Madri, que até então havia resistido muito bem ao assédio fascista, mas que poderia ser ainda mais eficaz.

En el terreno militar es necesario, lo exige así la realidad que nos plantea la guerra, estructurar un plan bélico que comience en los frentes de Aragón, para terminar en Andalucía, pasando por Madrid, sin olvidarse de Asturias y Vasconia, a fin de que todas las operaciones de guerra obedezcan a un plan, a una concordancia, sin la cual es imposible obtener la victoria rápida que se vislumbra, de los hechos gloriosos que se vienen sucediendo en los alrededores de Madrid. La unidad de mando, de acción y de responsabilidad en la alta dirección del país, al formarse el Gobierno Nacional Revolucionario de Defensa, son evidentes. La unidad de acción, de mando y de responsabilidad en la estructuración económica, conducirá a un renacimiento rápido y esplendoroso de la economía revolucionaria. La unidad de acción de mando y responsabilidad, aplicado a la contienda bélica, formando un solo frente, con mando único militar, impulsará de tal forma las operaciones de guerra, que el enemigo, cuya capacidad de resistencia se ha podido apreciar claramente estos días, viéndole inactivo en los frentes y acumulando todo el material destructor y cuantos efectivos de choque posee en la aventura de apoderarse de Madrid, quedará desmoralizado y deshecho en corto espacio de tiempo⁷⁹⁵.

Conforme o artigo, a batalha de Madri mostrou que, com as deficiências assinaladas, foi possível conseguiu a vitória, o que ocorreria caso fosse adotado um plano bélico comum nas frentes de Aragón, Castela, Andaluzia, Astúrias e Biscaia?

No dia 23 pela manhã, houve uma nova reunião dos Comités libertários catalães. O primeiro assunto tratado foi o dos comités de defesa de bairro, que segundo a ata, estavam “[...] **insubordinados, ante tódo lo que sea sujetarse á mandos militares**”⁷⁹⁶. A Federação Local lamentou que

[...] nadie le escucha, que no tiene personalidad, y que sólo quieren que haga el papel de componedora. – Que de nada le informan oficialmente, si el Secretario, sabe algo és por conducto particular; cómo se comprenderá ésto no agrada á los compañeros de la F.L.⁷⁹⁷.

Iniciou-se um vivo debate no qual se destacou Catellote ao afirmar que

⁷⁹⁴ Ibidem, p. 8.

⁷⁹⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **Frente único de guerra con mando único militar**. Barcelona, 22 nov. 1936, p. 12.

⁷⁹⁶ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 23 de novembro de 1936**, p. 1, grifo nosso.

⁷⁹⁷ Ibidem, p. 1.

[...] los antiguos gobernantes, van extendiendo con los bostaculos, suplantando á nuestros compañeros, en todos los sitios, procurando, posesionarse de tódo lo que tenían antes, para que á ser posible canalizarlo, tódo al estilo de los antiguos moldes⁷⁹⁸.

Continuando a discussão, Eroles propôs a dissolução dos Conselhos de Operários e Soldados que, segundo ele, “[...] son una de las causas principales, para el entorpecimiento, de extrocturación de la verdadera disciplina⁷⁹⁹”. O debate terminou com o Comitê Regional aconselhando que se estudasse o problema, o que foi aceito. A reunião, então, passou a falar dos problemas de abastecimentos de munições que ainda havia na frente de batalha. Ortiz disse que haviam pessoas que “[...] antes eram reflectarios, á la disciplina, á los pocos días de estar allí, y ver que se perdian hombres, terreno y municiones, por falta de coordinación de mando, **acceptaron la disciplina de un compañero de suma confianza**⁸⁰⁰”. Roca mencionou que desde quando se “[...] ha organizado el Comité de compras en el extranjero, la situación de las municiones ha mejorado mucho, pues tánto en maquinaria cómo de material bélico han pasado muchas cantidades por la frontera⁸⁰¹”. Depois foi a vez de Ascaso falar, afirmando que se não fosse a falta de armamentos e munições, sua coluna já teria entrado em Zaragoza. E completou dizendo que ele

[...] desea póner un hombre de suma confianza en el Departamento de Guerra, pues Santillán, parece haber desado de sér lo que era, pues al hablarle de ciertas cosas y hechos de guerra me dijo éstas textuales palabras cuando le hablaba de ideales, “**Las ideas á la cloaca, ahora lo que importa es ganar la guerra**” y el hombre que habla así no me puede inspirar ninguna confianza⁸⁰².

A reunião passou a denunciar alguns abusos que estavam ocorrendo com militantes cenetistas e outros assuntos menores, quando foi acordado fazer um folheto com a biografia de Durruti e que Santillán deveria ser convocado para a reunião de amanhã a fim de poder se defender das acusações feitas contra ele por Ascaso.

No dia seguinte, 24 de novembro, ocorreu outra reunião dos comitês libertários com a participação de Santillán, conforme havia sido requisitado no dia anterior. Toda a reunião foi dedicada ao tema da defesa. O início aconteceu com uma longa fala de Santillán em que ele expôs como estava a defesa. Eis algumas de suas palavras:

⁷⁹⁸ Ibidem, p. 1.

⁷⁹⁹ Ibidem, p. 1.

⁸⁰⁰ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

⁸⁰¹ Ibidem, p. 1.

⁸⁰² Ibidem, p. 1, grifo nosso.

Hace cuatro meses, que hacemos la guerra casi sin armamentos, sin impermeables, sufriendo en las trincheras toda clase de enfermedades!! En fin, un verdadero milagro!!. Parece que lo de cartuchería se va arreglando, cada día se perfecciona más nuestra fabricación.. por otra parte nuestra escuela de militares, nos dará ciento cincuenta oficiales dentro de unos quince días; entonces ya tendremos Oficiales con otra clase de criterio. No soñaran con las estrellas, ni mandos absolutos, etc. y con éstos podremos organizar las nuevas columnas. Los únicos que me inspiraban confianza, antes de ayer nos los asesinaron!! Ahora, que no pienso que vuelva á retoñar por ninguan parte de nuestros militares, el espíritu de dictador. En resumen que si hay material no habrá problema; aun tenemos tiempo de ganar la guerra⁸⁰³.

A reunião continuou com uma fala do Comitê Regional e depois foi a vez de Fábregas, que propôs uma fusão entre as Indústrias de Guerra e a Economia, criando uma pasta que poderia ser chamada de Ministério de Guerra. Santillán apontou positivamente, acrescentando também que o material fabricado em Sallent era de boa qualidade. Ascaso, que havia acusado Santillán na última reunião, tomou a palavra e disse:

Es horrorosa la verdad, horrosísima, he escuchado por boca del compañero Santillán, que hace cuatro meses que estamos en guerra, y aún no sabemos á ciencia cierta, la materia prima que nos falta y á dónde la debemos de ir á buscar. El material de guerra, que se nos manda es pesisimo á mas no poder, su deficiencia es tan grande que muchas veces causa la muerte de los compañeros que lo usan; nos falta el machete bayoneta, para entrar en la lucha cuerpo á cuerpo⁸⁰⁴.

Iniciou-se um debate em torno do tema, até que a conversa mudou de rumo e se falou do ouro existente, que ninguém sabia onde estava e poderia ser usado para comprar armas, se comprometendo Marianet de verificar o assunto com o governo central. Foi quando o Comitê de Defesa, se referindo à recolha de armas na retaguarda, falou que

[...] **las barriadas á pesar de los pesares, no las entregaran, ni tampoco, se permitirán que los militaricen**, tienen un concepto claro diáfano, de sus principios anárquicos, y por nada y por nadie, se dejaran sujugar. **Estan dispuestos voluntoriosamente, á sacrificarse, á dar todo lo que tienen para la defensa de la revolución, y de las localidades que estén en peligro.** Están dispuestas ha hacer guardia, por todo el Litoral, afectado á esta localidad, ó séa, desde Badalona al Prat de Llobregat⁸⁰⁵.

Com base na ata da reunião, Castellote, Martinez e outros tomaram a palavra para se queixarem do que entendiam ser uma indisciplina, e depois a reunião foi encerrada.

Essa reunião demonstrou que havia uma divisão interna na CNT em relação à capacidade de Santillán, que estava abertamente sendo acusado de incompetência. No entanto,

⁸⁰³ Idem. **Ata da reunião realizada no dia 24 de novembro de 1936**, p. 1.

⁸⁰⁴ Ibidem, p. 1.

⁸⁰⁵ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

o mais importante dessa plenária foi que ela demonstrou, mais uma vez, que os comitês de bairro continuavam existindo, estavam armados – e não pretendiam se desfazer delas –, dispostos a prosseguir com a revolução e a fazer o trabalho de defesa, se necessário fosse. Por isso, um dos grandes assuntos do momento era o desarmamento da retaguarda, que poderia ser entendido como desarmamento dos comitês de bairro e cidade, acabando com seu poder real. Era a condição necessária à continuidade da colaboração e para que o Estado pudesse prosseguir com seu processo de recomposição. Os comitês de bairro também figuravam como um estorvo para os líderes anarquistas que propugnavam pela colaboração, pois eles queriam avançar no processo revolucionário, o que passava por implodir a aliança antifascista.

No mesmo dia da reunião, o Boletín de Información publicou uma reportagem sobre a questão da disciplina – e isso não era uma mera coincidência, sendo o reflexo dos assuntos que estavam em voga naquele momento. O artigo começou afirmando que as circunstâncias exigiam disciplina, e acrescentou:

Disciplina, siempre dijimos que debía haber entre nosotros si queríamos vencer al enemigo. Disciplina, hoy más que ayer, debe imperar en todos los órdenes. Ya nadie puede sustraerse al deber moral de ir donde crea conveniente la organización. Ser disciplinado, nunca significa, ni significará, pérdida de responsabilidad; sino, muy al contrario, la disciplina enaltece al individuo en cuanto acepta la ley de mayoría a pesar de sustentar criterio opuesto⁸⁰⁶.

E o artigo ainda acrescentou que, em uma guerra, somente com a coordenação de ideias e iniciativas é possível obter a vitória:

La organización confederal ha sido siempre temida precisamente por la articulación flexible de sus organismos y hoy en la guerra lo será más aún si añadimos a nuestra voluntad esa otra fuerza de someterse, no al dictado de un individuo ni de una organización, sino al juicio serenos de todos los organismos antifascistas, los cuales forman comités e inclusive forman gobierno. **Todo lo que hoy pueda decretar y disponer el gobierno debe ser considerado por nosotros como un deber que se ha de cumplir, igual que cumplimos una orden de nuestra organización;** por eso y para eso, estamos debidamente representados. **Cuando habla el gobierno, habla la organización.** Si hay errores en las medidas, cabe señalarlos, procurando siempre superar lo que pueden dictaminar los compañeros que nos representan; pero, lo que no puede hacerse, es desatender lo que nos indican quienes aceptan en esta hora grave de responsabilidad, muy a pesar suyo, de convertirse en gobernantes⁸⁰⁷.

No dia 25 de novembro, ocorreram duas reuniões dos Comités libertários catalães, uma pela manhã e outra à noite. Na reunião da manhã, começou-se falando das indústrias de guerra, dizendo que elas funcionavam bem e que o único problema era o econômico. Vallejo apontou

⁸⁰⁶ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Disciplina para ganar la guerra.** Barcelona, 24 nov. 1936, p. 6.

⁸⁰⁷ Ibidem, p. 6, grifos nossos.

outro problema grave, que era o de transportes, pois poderia entrar em colapso por falta de veículos. Santillán disse que o que faltava era dinheiro e Fábregas contou de sua viagem para Madri, onde fora buscar um crédito de cinquenta milhões de francos. Acrescentou ainda que na França existiam oitocentos milhões em ouro à disposição do governo central. Combina tomou a palavra e disse:

Hay que hacer una demanda urgente, al Gobierno Central, exigiéndole que saque el dinero que necesitamos para ganar la guerra y que él, lo tiene en su poder ¿dónde vamos á parar? éellos nos piden urgentemente desde Madrid, mangueras para sofocar los incendios, cubos para transportar agua, nos mandan á nosotros, tóda la población civil, que á éellos les etorba para la defensa de Madrid, ¿y nosotros no les podemos pedir lo que imprescindiblemente necesitamos, que és el oro para comprar municiones? Hay que nombrar forzosamente una Delegación, que vaya a forzar, á exigir, del Gobierno Central qué nos dé el dinero que necesitamos, para resolver nuestros problemas, y sino plantear la cuestión de confianza á fóndo⁸⁰⁸.

A referida comissão foi criada. Em seguida, o Comitê Regional leu um documento do PSUC em que dizia:

El Gobierno de la Generalidad no gobierna de hecho – hay que supeditarlo todo á la victoria de la guerra – Hay que reorganizar el gobierno de la Generalidad, con hombres de la organización obrera.. – Supresión de la Secretaria de la Seguridad Interior – **Disciplina férrea, en fin supeditarlo tódo á la guerra**⁸⁰⁹.

Iniciou-se uma discussão. Combina disse que “**Estamos demostrando nuestra incapacidad en el orden constructivo; hemos de crear los órganos que se necesitan**⁸¹⁰”. Santillán informou sobre a situação da Coluna Durruti, “De su desmoralización, de su indisciplina⁸¹¹”. Depois de mais algumas falas, concordou-se passar o documento do PSUC aos membros do Comitê de Enlace – CNT-PSUC –, para que fosse estudado.

Já a segunda reunião dos comitês libertários ocorreu durante a noite, e foi bem mais ríspida. Ela foi iniciada com o Comitê Regional informando

Que la crisis tótal que sufre la Generalidad, ha sido motivado por el proyecto del nuevo ejercito. Los mismos Consejeros, dijeron á los nuestros “Cómo queréis que nos avengamos si en éstos momentos y en todos disparatais en TODO, con el ideal de vuestra Organización?⁸¹²”.

⁸⁰⁸ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 25 de novembro de 1936 (manhã)**, p. 1.

⁸⁰⁹ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

⁸¹⁰ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

⁸¹¹ Ibidem, p. 2.

⁸¹² Idem. **Ata da reunião realizada no dia 25 de novembro de 1936 (noite)**, p. 1.

Para terminar sua colocação, o próprio Comitê Regional informou seu desejo de sair da reunião com uma orientação concreta para resolver a questão. Santillán argumentou que era preciso ter uma ideia de conjunto, e inculcar nas massas essa necessidade. O Comitê Regional respondeu o mesmo que havia falado na reunião ocorrida pela manhã:

[...] de que el cese de las comisiones Jurídicas, en todas partes promueve grandes protestas; éso por una parte. Por otra, **en el aspecto del desarme, nadie ha obedecido. Las barriadas las tenemos como nuestros peores enemigos**, en fin! Hay que buscar la manera de aglutinar, tódas las necesidades orgánicas, de la Organización, con la equicencia de tódos los componentes de la misma⁸¹³.

Continuando a reunião, Fábregas falou sobre um suposto complô do Estat Català, “De sus propositos de eliminar á tódos los Consejeros, por no estar conforme com ellos⁸¹⁴”⁸¹⁵. Depois de Fábregas acrescentar mais algumas questões sobre Companys e a Generalitat, Santillán assumiu a fala e advogou pela disciplina, dando exemplos de milícias na frente de Aragão que se uniram sob comando único, e terminou dizendo que **“No se deben de aceptar Decretos, que de antemano se sabe que no se tienen que cumplir las masas; como por ejemplo la recogida de armas⁸¹⁶”**. Eroles informou que Companys falou da necessidade de fazer mudanças, mas que, embora ele tenha afirmado que isso se dava por conta da contraproposta cenetista ao projeto militar, na verdade a crise estava latente há mais de três semanas. Juanel deu a entender que a culpa da crise não era da CNT, pois era preciso “[...] convencer á las masas de la necesidad de la unificación de mando⁸¹⁷”. Portela disse que todas essas coisas estavam no passado, pois agora seria preciso olhar para o futuro, de modo que era oportuno estudar e ver o que se poderia fazer, “[...] **y aceptar somente (sin sér lijeros) áquello que podemos cumplir⁸¹⁸”**. Doménech tomou a palavra e disparou:

Desde luego ve que abundan los criterios distintos; pero la realidad és: Que nosotros sómos nosotros, y éellos són éellos. Si nosotros queremos sér anarquistas, se nos és imposible obrar de otra fórma. **Una de dós ó nos comprometemos á cumplir cómo marchistas, ó bien vamos por el Comunismo Libertario. Al obrar como hemos obrado hasta aquí és una incongruencia, nuestra única solución és tirar por la calle del medio. Nosotros siempre habiamos, propugnado para que los hombres**

⁸¹³ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

⁸¹⁴ Ibidem, p. 1.

⁸¹⁵ O Estat Català, segundo Fábregas e outros anarquistas, estava preparando um golpe de Estado. Eles estavam descontentes por terem sido retirados da Generalitat em 20 de julho e também por conta da aliança desta com os anarquistas. Na verdade, o Estat Català era bastante anticenetista e antiopeário, sendo uma manifestação do nacionalismo catalão, e alguns de seus dirigentes pretendiam alcançar a separação da Catalunha com o apoio da Alemanha e da Itália, a qual os inspirava.

⁸¹⁶ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 25 de novembro de 1936 (noite)**, p. 1, grifo nosso.

⁸¹⁷ Ibidem, p. 1.

⁸¹⁸ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

fueran insubordinados, que se forzaran á vivir sin Gobierno, que no hubiera distinciones, y ahora con ésas componendas que hemos realizado, mistificando nuestra actuación, formamos parte en Gobiernos, todavía hay más ó menos clases, e ahora por broche final, queremos obligar á que se tenga una disciplina férrea, y obediencia ciega, á uno sólo mando... !Si nosotros nos pusieramos á tono y ésto és imposible) la Confederación hubiera dado con la pauta. Si hubiesemos podido encontrar la fôrma de obrar, que la gente se endulzara con aquella fôrma de vivir, lo tendríamos todo resuelto, pero tal cómo hemos obrado hasta aquí, no hay salida en éste asunto⁸¹⁹.

Em resposta a esta dura fala de Doménech, Juanel argumentou que era preciso centralizar a responsabilidade, e que “Indisciplinados, no podemos ir á ninguna parte⁸²⁰”. Santillán mencionou que o fascismo mundial havia se solidarizado, e, portanto, era um bloco a se romper, “[...] y sin uma fuerza organizada al estilo de éllo, será imposible hacerlo así⁸²¹”. O Comitê de Defesa, então, acrescentou: **“La Organización, no puede ni debe ser controlada por cuatro compañeros, como parece ser que se pretende hacerlo, y si vais haciendo así, veréis como forzosamente, tendreis que enfrentar con las barriadas, Sindicatos⁸²²”**. E, encerrando a discussão, o Comitê Regional disse que ia dar um jeito na situação. Depois de mais alguns assuntos de menor importância, a reunião foi encerrada por conta da hora avançada.

Nas duas reuniões realizadas neste dia, foram verificados acontecimentos bastante graves. Na que fora realizada durante a manhã, ficou claro que existiam problemas sérios de relações entre o governo central e a Generalitat, com o primeiro segurando divisas que deveriam ser repassados para o governo catalão. Existia também um problema grave de transportes, que poderia piorar os problemas de abastecimento e de circulação. Outro aspecto importante que a reunião da manhã demonstrou foi que havia um descontentamento da Generalitat em relação ao seu poder real. Isso ficou claro no documento do PSUC que foi lido na reunião. Este era um partido comunista completamente alinhado com os desígnios de Moscou e, na Espanha, tinha como meta não o aprofundamento do processo revolucionário e sim a reconstrução do poder do Estado republicano. E como muitas das ordens e decretos emitidos pela Generalitat eram deliberadamente desobedecidos ou simplesmente ignorados pelos comitês de bairro e de cidade, que ainda existiam e, a ver pelos comentários da reunião, eram fortes – além de estarem armados e propugnarem a continuidade do processo revolucionário –, o choque entre eles era inevitável. Daí as campanhas pelo desarmamento da retaguarda e também as constantes chamadas pela disciplina que, na verdade, significava desmobilização dos comitês de bairro e fim dos processos de democracia direta.

⁸¹⁹ Ibidem, p. 1-2, grifo nosso.

⁸²⁰ Ibidem, p. 2.

⁸²¹ Ibidem, p. 2.

⁸²² Ibidem, p. 2, grifo nosso.

Já na reunião da noite, os problemas explicitados eram tão graves quanto os da manhã. O informe do Comitê Regional deixou claro que, dentro da Generalitat, os ministros anarquistas eram cobrados para que “controlassem” suas bases, pois aos olhos dos outros dirigentes eram os principais “incontrolados”, ou seja, revolucionários. E o grave de tudo isso era que os ministros anarquistas também estavam passando a ver as coisas dessa maneira, como demonstrou o chamamento de Santillán por disciplina – o que queria dizer acatar as ordens contrarrevolucionárias do governo. Mas muitos militantes de base não estavam dispostos a isso, e queriam a continuidade do processo revolucionário. Daí a fala do Comitê Regional de que os bairros eram seus piores inimigos. Foi uma declaração bastante sincera e realista, pois estava sendo aberto um abismo entre eles. E esse divórcio entre os dirigentes e suas bases ficava claro com o pedido de Santillán para que não fossem mais aceitos os decretos que as bases não cumpririam, como o da recolha de armas. O ponto alto da reunião foi a fala de Doménech. Este deixou claro que estava havendo uma incongruência entre os princípios anarquistas e libertários e a prática implementada sob os auspícios do antifascismo. Como seria exigida a obediência cega das bases se sempre foi exaltado seu caráter autônomo e insurrecional? Tudo isso demonstrava as contradições nas quais as organizações anarquistas estavam imersas e como a política de colaboração, sustentada pela ideologia antifascista, estava incidindo sobre as práticas internas das organizações libertárias.

No mesmo dia 25, o Boletín de Información publicou um artigo do Comitê Nacional repercutindo ainda a morte de Durruti. No entanto, Durruti foi colocado como um herói antifascista, não mencionando a questão de sua defesa da revolução e nem de sua recusa ao processo de militarização das milícias – na verdade, a palavra “revolução” nem apareceu no artigo:

Somos iconoclastas; no rendimos culto a los muertos, ya que tenemos en demasiada estima a nuestros hombres. Sólo nos resta decir una cosa: que todos los militantes, que todos, absolutamente todos, los confederados que operan en los distintos frentes de batalla y los que en la retaguardia hacen algo útil para el aplastamiento del fascismo, imiten el ejemplo del que, corriendo presuroso a defender las libertades de España, las libertades del mundo hacia el frente de mayor peligro: Madrid. Ha caído como sólo los valientes, los idealistas puros y sinceros saben morir: dando la cara y combatiendo noble y desinteresadamente al enemigo traidor, con el pecho descubierto. **Tenemos que ganar la guerra, compañeros, antifascistas todos; para ello, nada mejor que imitar el ejemplo del hermano caído, aceptando el mando único y la disciplina necesaria**, pues de otro modo, también ganaremos – que duda cabe – pero será más tarde y menos eficiente la victoria⁸²³.

⁸²³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Confederación Nacional del Trabajo. Comité Nacional.** Barcelona, 25 nov. 1936, p. 8, grifo nosso.

No dia 26 de novembro, aconteceu nova reunião de comitês libertários catalães. Ela foi iniciada com o Comitê Regional lendo a ata da plenária do Comitê Nacional, quando foi afirmado, dentre outras coisas, “QUE HAY QUE APECHUGAR COM LA COLABORACION⁸²⁴”. Debateu-se questões como o pretense golpe de Estado planejado pelo Estat Català e o texto enviado pelos socialistas, inclusive, com a fala de Aurelio propondo que se desse um golpe e expropriasse tudo. Mas essa discussão não evoluiu e a reunião foi encerrada.

Ainda no dia 26, o Boletín de Información publicou um interessante artigo reclamando que os sindicatos tomassem conta da distribuição da produção. O artigo afirmou que estavam em funcionamento grandes armazéns cooperativos, visto que se

[...] centralizarían todos los productos y también colaborarían miles y miles de compañeros con desinterés sin igual; y en estos trabajos hallaríamos aquellas voluntades femeninas que se sumarían a realizar las operaciones dimanantes de esas funciones orgánicas de la vida social. Si los Sindicatos con sus respectivos delegados, con la organización que tienen desde años, en todas las barriadas, fuesen quienes tuvieron también, no solamente delegados en las barriadas, sino en las casas para controlar debidamente quienes viven y la cantidad que se les puede dar proporcionalmente, veríamos, sin duda, inmediatamente, los resultados que daría; porque, no lo dude nadie, se harían grandes economías en tiempo, en víveres y en un sin fin de otras materias. **Llamense como se llamen los Consejos o Comités que se establezcan partiendo de las directrices de arriba, siempre darán resultados negativos.** Pueden y deben funcionar los Comités Superiores, los Consejos, si queréis, de Gobierno, porque así lo exigen las circunstancias: **pero deben darse las máximas facilidades a los organismos sindicales para que sean ellos, repetimos, los que tengan a su cargo y como misión, el de controlar y distribuir en la retaguardia los víveres y demás artículos de imprescindible necesidad. Sólo así serán eliminados los parásitos que aun comen y no producen,** y aquellos protestatarios que van sembrando el descontento ”soto voce” entre las mujeres del pueblo que por su poca cultura, a veces, se convierten en elemento y pasto de esos propios enemigos que aún viven en sus madrigueras⁸²⁵.

Na verdade, tal artigo era uma crítica tanto aos republicanos e comunistas do PSUC, que propugnavam pela reconstrução do Estado e pela defesa das “liberdades de comércio” nas condições da guerra civil, quanto aos líderes anarquistas que, em processo de burocratização, eram cada vez mais censurados. Por isso, estava sendo criado um clima de “volta às bases”. No entanto, este artigo ainda reproduziu o divórcio entre poder político e econômico, e suas crítica se limitavam apenas ao processo econômico, não adentrando na questão política – comitês de bairro ou colaboracionismo.

⁸²⁴ REUNIÓN DE COMITÉS. *Ata da reunião realizada no dia 26 de novembro de 1936*, p. 1.

⁸²⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. *La distribución corresponde a los sindicatos*. Barcelona, 26 nov. 1936, p. 8, grifos nossos.

No dia 27 de novembro, o Boletín de Información publicou um artigo assinado por representantes da CNT e da UGT no qual dizia que ambos os sindicatos haviam se reunido para buscar chegar a um acordo. Na verdade, era uma tentativa de apaziguar suas respectivas bases, pois estavam em pé de guerra. O acordo falava que a unidade entre os trabalhadores era essencial para a vitória e os sindicatos estavam conversando para que pudessem resolver os problemas que a conjuntura impunha. Dizia também que era preciso evitar de todas as formas que ocorressem discussões entre os trabalhadores, e terminava dizendo que as representações dos dois sindicatos logo dariam sua opinião sobre

[...] las cuestiones de más palpitante actualidad y, mientras ese instante llega, exigen de los organismos que representan, disciplina en el cumplimiento del deber; **acatamiento a las normas que señala el Gobierno legal de la República**, única forma de obtener la victoria, que queremos conquistar, y que conquistaremos⁸²⁶.

No mesmo dia 27, Juan Peiró, cenetista e Ministro da Indústria no governo central, realizou uma conferência no Teatro Apolo, em Valência. Seu discurso foi publicado pelo Solidaridad Obrera do dia 29 e os extratos no Boletín de Información do dia 30⁸²⁷. Peiró pediu disciplina, deu exemplos concretos de indisciplina na frente de batalha, falou do problema econômico, pois caso não fosse resolvido não se ganharia a guerra, além de outros assuntos. Referindo-se aos comitês, Peiró disse – em meio a reações dos ouvintes – que:

[...] El Gobierno da una orden, y luego se interfieren unas consignas de los Comités locales. Para ordenar todo, todo se desorganiza. **O sobra el Gobierno o sobran los Comités** (Voces ¡Sí!). ¿Qué quieren decir estas voces? ¿Qué sobran los Comités? (Voces nuevas: ¡Sí! ¡No!) (Más voces: ¡Sí!). El presidente del acto ruega que se atienda al desarrollo de la tesis del orador. **Los Comités no sobran, prosigue diciendo Peiró. Lo que hace falta es que sean elementos auxiliares del Gobierno.** En Cataluña ya se ha resuelto el problema. En el orden local, se han substituido los Municipios por Consejos, en que están representadas la U.G.T., la C.N.T., los comunistas... En suma, todos los sectores. **En Cataluña los Consejos son colaboradores de la Generalidad.** Aquí no sobra nada, camaradas, porque hay que preocuparse también de encauzar la revolución posterior. Pero ha de hacerse labor útil. Nosotros decimos: primero la guerra, y luego la revolución. Mas si nos encontramos con esas interferencias que critico, se malogrará una y otra. Es preciso que esos Comités sigan actuando aunque la forma ordenada⁸²⁸.

E sobre o comando único, dissertou Peiró:

⁸²⁶ Idem. **Confederación Nacional del Trabajo, Union General de Trabajadores. A todos los organismos sindicales.** Barcelona, 27 nov. 1936, p. 7, grifo nosso.

⁸²⁷ Idem. **Extracto de la conferencia pronunciada por nuestro compañero Juan Peiro, en el Teatro Apolo de Valencia.** Barcelona, 30 nov. 1936, p. 2-3.

⁸²⁸ **SOLIDARIDAD OBRERA. Conferencia de Juan Peiro en Valencia. Es imprescindible el mando único para ganar pronto la guerra.** Barcelona, 29 nov. 1936, p. 6, grifos nossos.

Hemos sido nosotros, como os digo, la Confederación, los que hemos ido a decir al Gobierno que si queremos evitar derramamiento de sangre es preciso que en el frente haya quien mande y haya quien obedezca. Efectivamente, en la guerra no tenemos que ver los anarquistas; los que tienen que ver son los militares. Así, pues, a ellos compete la responsabilidad, aunque haya que ver en cada momento qué es lo que se manda. Por eso decía yo antes que los Comités no sobran. Mas el mando es necesario, es imprescindible para ganar pronto la guerra. Que son sacrificios? Que hemos de hacer sacrificios? Ya lo sabemos. Pero, camaradas, queréis sacrificio mayor que los anarquistas participen en el Gobierno y en los Municipios? Precisa la disciplina. Que se precisa un sacrificio más? Ahorremos así dolores y sangre a nuestros hermanos y haremos posible más pronto la revolución social. No nos compensará ello de todos esos sacrificios?⁸²⁹.

Na fala de Peiró, podemos ver, principalmente, um desejo de “harmonização” entre comitês e governo central, tomando a Catalunha como exemplo. Mas podemos entender isso como um desejo de reforço do poder de Estado mediante a submissão dos comitês a seu comando, ou seja, a renúncia à federalização e a construção de uma sociedade baseada na autogestão. Isso ficou bem claro em sua fala no tocante à questão militar. Como bem disse Santillán na reunião do dia 23 de novembro: as ideias ao esgotado, agora o que importava era ganhar a guerra.

No dia 27, o Solidaridad Obrera também destacou um outro ato no Teatro Apolo, sem mencionar data, mas que certamente foi de um ou dois dias antes, e que contou com a participação do Ministro do Comércio do governo central, o cenetista Juan López. Este começou proferindo que mantinha as mesmas ideias que professava antes de entrar no governo e “[...] nadie se crea que porque la C.N.T. participa en las responsabilidades del Gobierno de la República ha cambiado en ningún sentido, en nuestras orientaciones y en nuestra actitud⁸³⁰”. E acrescentou:

Nadie puede justificar, a partir de hoy, ni una palabra, ni un gesto, ni una actitud en contra de las determinaciones que tome el Gobierno, porque únicamente tienen derecho a manifestar esa actitud las organizaciones personificadas en los órganos responsables de la organización y que todos, desde el primero hasta el último, nos hemos de someter a este principio y aceptarlo con toda la responsabilidad. Yo afirmo que a partir de este momento ha desaparecido toda la oposición, han desaparecido todos los conflictos que estaban en la calle en estado latente, únicamente para perturbar la buena marcha de la Revolución y de la guerra⁸³¹.

López continuou sua explanação dizendo que o comando único não era a vontade dos homens que formavam o governo, nem mesmo das organizações que o apoiavam, e que também

⁸²⁹ Ibidem, p. 6.

⁸³⁰ Idem. **Conferencia del camarada Juan López**. Barcelona, 27 nov. 1936, p. 4.

⁸³¹ Ibidem, p. 4.

não era suficiente a vontade dos comitês subalternos das organizações por trás do Comitê Nacional. E bradou:

El mando único no sería nada, no será nada si no existe la obediencia única, porque no hay mando si no hay obediencia, y no hay mando si no hay disciplina. El mando en el ambiente, en el área nacional tiene que ser una voluntad firme de imponer y de aceptar todos el mando único. Pero si sólo es una voluntad en las cabezas, si sólo es un propósito de la manera de pensar de los dirigentes, el mando único será una negación, será una ficción. Las masas tienen que reconocer la necesidad de que haya una disciplina férrea y aceptar el mando único que sea la articulación de la organización, que sea toda la voluntad disciplinada de la población y de las organizaciones políticas; es decir, que España entera sea la que responda a esa dirección única, se mueva a ese mando único, puesto que únicamente si es así, si hay esa conexión entre el mando y la obediencia, entre los que dirigen y los que mandan, sólo así podrá ser eficaz ese mando único, podrá obtenerse la eficacia que persigue ese mando único. Aquí, camaradas, reside uno de los puntos fundamentales para decir cómo nosotros vamos a ganar la guerra. En este punto concreto del mando único y de la férrea disciplina. En el mando único reside la clave de que en nosotros haya capacidad para obtener la victoria, teniendo en cuenta que la obtención de la victoria, la consecución del triunfo de las fuerzas antifascistas, no supone, todo lo contrario, la anulación de las aspiraciones revolucionarias del pueblo español, sino el respeto, el respeto íntegro y absoluto a todas las improvisaciones de que os he hablado, la garantía absoluta de que esta acción de mando y disciplina va a absorber, no va a destruir, no va a desarticular la robusta personalidad revolucionaria de los pueblos españoles, de las regiones de España que se levantaron en momentos de peligro con su improvisación, con su organización y su defensa contra la organización del enemigo⁸³².

No dia 28 de novembro, o *Tierra y Libertad* publicou, em suas três primeiras páginas, artigos sobre a morte de Durruti com várias homenagens e a cobertura do seu enterro. Alguns cenetistas importantes escreveram sobre Durruti, como Santillán, Juanel e Liberto Callejas.

No dia 29 de novembro, houve uma complicada plenária de sindicatos e bairros que, como o próprio nome diz, reuniu sindicatos, comitês de defesa e de bairro. A ata da plenária não é detalhada a ponto de que seja possível saber todos os assuntos que foram discutidos, mas sabemos que o terceiro ponto do dia tinha relação com um informe apresentado pelo Sindicato da Alimentação e o Conselho de Abastecimentos da Generalitat – que era presidido pelo cenetista Juan Doménech –, e a problemática ocorreu em torno da questão de como melhorar o abastecimento da cidade de Barcelona. Depois passou para o quarto ponto do dia: qual deveria ser a personalidade dos comitês de defesa? Várias representações colocaram sua posição sobre a questão, e as discordâncias eram grandes, indo desde que era preciso dar uma total autonomia aos comitês de defesa até que eles deveriam ser totalmente submissos à Federação Local de Sindicatos. Muito se falou sobre as ligações dos comitês de defesa com os sindicatos, propugnando que eles eram a organização armada da CNT e deveriam cuidar da questão das

⁸³² Ibidem, p. 4.

armas. Chegou-se a afirmar, inclusive, que os sindicatos deveriam entregar 10% de sua arrecadação para os comitês de defesa. A posição mais desconforme foi a da Seção do Vidro, que disse acreditar que

[...] **han de desaparecer los Comitès de Defensa**, que se la Local, quien asuma estas funciones, y que por la tanto los Comitès de Defensa han terminado su misión, y los componentes de los mismos como militantes han de reintegrarse a sus respectivos Sindicatos⁸³³.

A proposta da Seção do Vidro não foi a vencedora, sendo acertado um meio termo. Os comitês de defesa deveriam ficar sob controle da Federação Local de Sindicatos, mas teriam autonomia em algumas questões.

No dia 29, o Solidaridad Obrera ainda falou sobre a questão da disciplina. Afirmou que a unidade de ação, de comando e de responsabilidade iria finalmente ser imposta. O que teria ocorrido era fruto do estado caótico que o levante fascista havia deixado na Espanha, quando cada grupo começou a atuar por conta própria, fazendo com que a luta se desse de forma desarticulada. Entretanto, na medida em que o adversário tem mostrado sua força, o povo tem pedido disciplina e organização, fazendo com que sua implantação seja fácil. E continuou:

Quedan todavía grupos y gentes aisladas que se resisten a acatar la unidad de mando, imprescindible para alcanzar el triunfo; pero a los organismos directores no ha de serles difícil imponerse en nombre de la Revolución, si sus mandatos están basados en una obra inteligente, serena y eficaz. Para aceptar la disciplina los de abajo, precisa el acierto en los de arriba. La condición suprema para ser obedecido es que las disposiciones del mando único respondan al espíritu popular. El pueblo es disciplinado. Lo demuestra cuando se le guía con acierto. En Cataluña se ha dado el ejemplo. La constitución de los Consejos municipales se ha cumplido en la forma que ordenó la Generalidad en más de un 90 por 100, y aunque en algún caso no respondían las disposiciones dadas al espíritu de algunos pueblos, éstos lo acataron. La necesidad de cumplir las órdenes del Gobierno Revolucionario de Defensa y las que emanen de los Gobiernos regionales, es tan imprescindible para ganar la Revolución, que el que no lo hiciese, además de actuar contrarrevolucionariamente, sería un suicida⁸³⁴.

No dia 30, o Boletín de Información publicou um pequeno e curioso artigo no qual demonstrou que a solidariedade internacional dos trabalhadores à luta de seus congêneres espanhóis existia, mesmo nas condições mais adversas. Nele, foi possível conhecer que os trabalhadores alemães, mesmo sob o terror do regime nazista, conseguiram burlar a repressão, arrecadaram e enviaram dinheiro para os antifascistas espanhóis. Assim relatou o artigo:

⁸³³ C.N.T. FEDERACIÓN LOCAL DE SINDICATOS. **Acta del Pleno de Sindicatos y Barriadas celebrado el día 29 de noviembre**, p. 3, grifo nosso.

⁸³⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial**. Barcelona, 29 nov. 1936, p. 1.

En una mina de la Cuenca Hullera de Essen, los antifascistas han recogido clandestinamente setenta y dos marcos en favor del Frente Popular de España. Los obreros de una gran fábrica de guerra de Berlin han enviado cincuenta marcos. La "Rote Fahne" comunica que en la ciudad silesiana de Ratibor, los huelguistas ante la oficina de alistamiento han gritado: "Viva el Frente Popular de España. abajo los rebeldes fascistas". Los marinos alemanes de escala en la Haya, han remitido a la dirección del Socorro Rojo de Holanda, la cantidad de cincuenta marcos para sus hermanos españoles. No se pueden dar más detalles, pero todo esto es prueba viva de que el espíritu antifascista no ha muerto en Alemania⁸³⁵.

E estas não foram as únicas notícias de solidariedade para com os trabalhadores espanhóis. O mesmo Boletín de Información, em ao menos mais duas datas, destacou outras manifestações de solidariedade internacional. Em 20 de janeiro de 1937, falou⁸³⁶ dos trabalhadores poloneses de Lodz, do ramo do vestuário, que entraram em greve ao saber que os uniformes produzidos por eles estavam sendo enviados para os franquistas, e acrescentou que a greve poderia se alastrar, pois os trabalhadores insistiam em não trabalhar até que a fábrica deixasse de aceitar pedidos de Franco. Em 2 de fevereiro, o Boletín de Información, replicando uma matéria do Fraga Social⁸³⁷, evidenciou que, seguindo orientação de seus sindicatos, os tripulantes dos navios Speland, da Noruega, Maria, da Dinamarca, e Savonia, da Finlândia, negaram-se a transportar mercadorias de portos ingleses para regiões da Espanha controlada pelos rebeldes. Já o Solidaridad Obrera⁸³⁸ falou do caso de Bordeaux, quando os trabalhadores do porto recusaram a desembarcar as batatas que estavam destinadas à Bilbao, assim como o governo inglês, seguindo a política de neutralidade, decidiu não levar a carga àquela cidade. Ressaltou ainda⁸³⁹ que 58 trabalhadores das fábricas Krupp haviam sido presos por arrecadar fundos com destino à Espanha antifascista. Isso tudo demonstra que muitos trabalhadores arriscavam suas vidas para ajudar seus congêneres espanhóis, e que a solidariedade de classe, mesmo nas condições mais terríveis, ultrapassava as fronteiras nacionais.

No mesmo dia 30 de novembro, Federica Montseny, Ministra da Saúde e Assistência Social no governo central, fez uma conferência em Valência, a primeira desde que foi nomeada para o cargo. Ela iniciou sua fala dizendo que não se podia separar a guerra do processo de revolução, e que esta estava sendo bastante improvisada, na medida em que surgiu a partir da resistência a um golpe. Assim, nada do que foi escrito e falado antes previu tal situação, sendo

⁸³⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Radio Prensa Internacional. Solidaridad Antifascista.** Barcelona, 30 nov. 1936, p. 10.

⁸³⁶ Idem. **Radio Prensa Internacional. La obstrucción, arma también de la solidaridad antifascista.** Barcelona, 20 jan. 1937, p. 8.

⁸³⁷ Idem. **Hechos y cosas.** Barcelona, 2 fev. 1937, p. 6-7.

⁸³⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Hermoso gesto de los obreros de Burdeos. Se niegan a descargar en ese puerto las patatas destinadas a Bilbao.** Barcelona, 24 abr. 1937, p. 7.

⁸³⁹ Idem. **Cincuenta y ocho obreros de la fabrica Krupp han sido encarcelados por haber en la colectas a favor de sus hermanos de España.** Barcelona, 18 mar. 1937, p. 4.

a realidade muito superior ao que fora imaginado. Montseny também afirmou que sempre foi anarquista, mas ela e seus companheiros estavam sendo obrigados a atuar às vezes não como anarquistas, e sim de acordo com a realidade. Continuando sua explanação, Montseny falou que já não se lutava “[...] por una cosa abstracta como es la República⁸⁴⁰”, e sim contra um inimigo que viola mulheres, mata crianças e incendeia bairros inteiros de Madri. Acrescentou que havia estado ultimamente vários dias na Catalunha, e que muitos não sabiam diretamente o que era a guerra e viviam na farra revolucionária. “Tienen las industrias y los talleres en sus manos, han hecho desaparecer a los burgueses, viven tranquilos, en una fábrica en vez de un Comité funcionan siete u ocho. Esto es intolerable⁸⁴¹”. Montseny ainda falou da responsabilidade das massas, da possibilidade da guerra civil figurar como um conflito mundial, lembrou Durruti e terminou mais uma vez afirmando que não se podia separar a guerra da revolução.

Pretendemos implantar un régimen de todas las tendencias antifascistas, socialistas, republicanos, comunistas y anarquistas. Un régimen común, y nadie puede irresponsabilizarse de esta obligación. No trabajamos ya para un burgués, sino para ganar la guerra y la Revolución. Los trabajadores no tienen que estipular condiciones. En estos momentos, todos estamos movilizados, y a no tener familia, no hogar, ni hijos, y hasta perder la vida, se es preciso. Todos hemos de trabajar, cada vez más, en la vanguardia y en la retaguardia, y el que no lo haga, es un colaborador del fascismo⁸⁴².

No dia 1 de dezembro, o Boletín de Información falou sobre uma plenária regional de sindicatos realizada no último dia 29 de novembro, e o periódico fez referência a ela da seguinte maneira:

Por unanimidad, los Sindicatos de la región catalana ven que debe persistirse en la colaboración para asumir la responsabilidad de mando desde el Gobierno. **La colaboración refrendada por todos los obreros afiliados a la Confederación Nacional del Trabajo, será una garantía para que la disciplina que siempre ha sido norma en la organización, se convierta en un anhelo y un deseo por parte de todos los obreros de someterse a las disposiciones que puedan decretarse por el Gobierno representativo de todas las ansias del pueblo.** El mando único en el orden militar será un hecho; y desde luego, con esa disciplina aceptada con plena consciencia de cumplir un deber, veremos como todos los esfuerzos se unirán sin necesidad de apelar a medidas extremas que tanta repugnancia causan a los anarquistas, cuando éstas se hacen necesarias en su aplicación a los elementos díscolos que, sin medir la responsabilidad del acto, no aceptan lo que dimana de los organismos superiores. Con la firmeza de la decisión tomada, esperamos ver pronto disciplina en la parte miliciana, disciplina en las fábricas, austeridad en los Comités de control y en general entre todos los que componen el frente antifascista. Es necesario e imprescindible se imponga cada uno para bien de todos, la disciplina que no es sinónimo hoy de obediencia ciega al “orden y mando”, sino que significa aceptar el principio de la

⁸⁴⁰ Idem. **Nuestra compañera Federica Montseny ha pronunciado em Valencia una conferencia, desarrollando el tema: “Los problemas de la Revolución española”**. Barcelona, 1 dez. 1936, p. 4.

⁸⁴¹ Ibidem, p. 4.

⁸⁴² Ibidem, p. 4.

unión de todos para que de esta unión salga el brazo ejecutor de la bestia negra que tanto crimen viene cometiendo. Veremos repetimos, con las decisiones señaladas, cómo las fuerzas antifascistas serán encauzadas hacia la fortificación moral de los combatientes; **así como presenciaremos también en la retaguardia la depuración moral de todos aquellos elementos que no habiendo aún medido el alcance de la situación creada, no se comportan como debe comportarse todo individuo que acepta, em principio, un régimen.** Porque en el seno del mismo conserva, a pesar de todo, el derecho, de aportar iniciativas, subsanando errores que pueden cometerse, cuando en la mayoría de los casos las determinaciones son tomadas bajo estados de desequilibrio por la situación creada por la propia descomposición del régimen desaparecido⁸⁴³.

No dia 2 de dezembro, foi realizada nova reunião de comitês libertários catalães. E ela se iniciou com um fato curioso. O Comitê Regional leu uma solicitação – não especificando quem a fez – para que Trotsky pudesse residir em Barcelona, acordando-se que era ele quem deveria fazer a solicitação e, caso fosse realizada, a resposta seria afirmativa. Passou-se a discutir os fatos que realizavam alguns indivíduos da Coluna Durruti, “[...] que cobardemente abandonaron en el frente de Madrid, cuya actitud (según ellos) es debido al trato de desfavor que allí se les hacia, y pretenden hacer una asamblea para justificar su actitud⁸⁴⁴”. Foi dito que havia uma disparidade de critérios entre eles, e que uns achavam que deveriam ser incorporados na frente de Aragão e outros queriam ser incorporados em Madri. Foi iniciada uma discussão para sanar tais tipos de atos, com propostas como a criação de companhias disciplinares, a incorporação em tropas de Madri ou o licenciamento e sua reincorporação a seus respectivos trabalhos. O Comitê Regional ficou de estudar o assunto. Outro tema discutido foi que colunas de diferentes ideologias que acabavam por tirar “nossos companheiros”, acordando-se evitar isso ao máximo. Discutiu-se também outras questões como a licença dos milicianos que estavam na retaguarda, as deficiências de abastecimentos, a questão dos pagamentos aos milicianos. Outro importante assunto debatido foi uma conversa que se teve com Companys para falar da crise, quando os representantes cenetistas pediram que fosse aumentado sua intervenção no Conselho, ou seja, pediram mais postos ministeriais. Falou-se em exigir as pastas da Governação e da Guerra. Passou-se a discutir a questão da competência ou não do Ministro Fábregas, fazendo-se um histórico dele na organização. Foi falado que seria visto com bons olhos se ele “[...] **presentara voluntariamente su dimisión de Consejero**, pasandolo a ser el Compañero Santillán, y Fábregas Secretario del mismo⁸⁴⁵”.

No mesmo dia 2 de dezembro, o Solidaridad Obrera publicou uma reportagem sobre a disciplina. Afirmou que esta era objeto de máxima preocupação, mas que a disciplina nascida

⁸⁴³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **El Pleno Regional de Sindicatos**. Barcelona. 1 dez. 1936, p. 1, grifos nossos.

⁸⁴⁴ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 2 de dezembro de 1936**, p. 1.

⁸⁴⁵ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

da revolução não deveria ser confundida com o velho conceito de disciplina, advindo da ordem social burguesa e da disciplina do Exército monárquico. Bastaria dar uma olhada “[...] sobre la fisionomía que ofrece el soldado de la Revolución, para comprender que no es un autómatas, sino un hombre consciente que ha cogido las armas por su propia voluntad, para defender los postulados de la Revolución⁸⁴⁶”. E bradou:

Más que al Código militar, que debe revisarse, dejando aquello que pueda tener de humano, para quitarle cuanto signifique abuso y excesos confundibles con la tiranía, debe tenderse a imponer la disciplina moral. En actos de servicio, nadie debe faltar a su deber. Ese concepto de la disciplina no precisa sólo que esté escrito, sino que es consustancial con todo buen revolucionario. El cobarde que vuelve la espalda en el frente, ya sabe el castigo que le espera; la sanción moral y material, aunque no esté escrita, se la imponen sus mismos camaradas, considerándole como traidor, y los traidores no caben en las filas de la Revolución. ¡Se les elimina!⁸⁴⁷.

Ressaltou também que o Exército espanhol, desaparecido em 19 de julho, apesar da crueldade de seu Código Militar, nunca se distinguiu por sua disciplina e coragem e, no Marrocos, presenciou-se como o Código Militar era um instrumento de tortura do governo contra os que atreviam a expressar seu pensamento frente às trapaças do regime e aos desaforos dos que vestiam uniformes militares. Salientou que a disciplina revolucionária deveria nascer com base do dever, e não da imposição, e finalizou:

Una disciplina que nazca del castigo, estaba bien en los tiempos en que el pueblo actuaba forzado contra su propio espíritu, y que en el ejército era el soldado del rey, pero no de la nación. Ahora, además, de ser soldado de la nación en armas, lo es de su propia revolución la que le asegura la libertad a él y a sus descendientes. De la Revolución que le ha convertido de un autómatas en un hombre. Este concepto de la disciplina tiene para nosotros capitalísima importancia y, sobre el particular, invitamos a nuestros camaradas a que reflexionen seriamente. Conocedores de la psicología de nuestro pueblo, sabemos que el soldado de la Revolución no será eficaz si se le convierte, de un ser humano, en una cosa sin espíritu y sin alma, bajo la rígida disciplina de un Código, que no tiene más tendencias que la de castigar. La moral del soldado revolucionario tiene que estar basada en algo más elevado, que el Ejército del pueblo sea eficaz, dependerá del acierto de los que manden. La interior satisfacción del soldado revolucionario, nasce de la confianza en sus jefes y de la fe en el Ideal que defiende. Así entendemos nosotros la disciplina⁸⁴⁸.

O mesmo Soli falou também sobre o preço das subsistências por meio de um texto assinado pelo Comitê de Controle da CNT, que era o Comitê de Controle do Mercado Municipal de Borne. Começou afirmando que as reclamações sobre os preços dos víveres continuavam ocorrendo, e que os comerciantes estavam alegando que não poderiam vender mais barato

⁸⁴⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **Disciplina severa, hija de la Revolución**. Barcelona, 2 dez. 1936, p. 12.

⁸⁴⁷ Ibidem, p. 12.

⁸⁴⁸ Ibidem, p. 12.

porque estavam comprando mais caro. Salientou que, desde o primeiro momento em que o Mercado Central de Frutas e Verduras – Borne – foi coletivizado, primeiro com o Comitê Central de Abastecimentos e depois com o Conselho de Abastecimentos da Generalitat, elaborou uma lista com os preços dos produtos vendidos naquele local, e outra com o preço que se poderia vende-los no varejo. Tais listas foram distribuídas em todos os mercados aos diretores, para que velassem pelo seu cumprimento. Mas isso não ocorreu, e o Conselheiro de Abastecimentos da Generalitat – Doménech – concedeu permissão para que o próprio Comitê de Controle pudesse coibir tais práticas. Então, ainda segundo o artigo do Comitê de Controle, um novo organismo surgiu – a Prefeitura de Barcelona – e censurou o trabalho de coibir a alta dos preços. Por sua vez, continuou a nota, os donos de mercados e lojas, “[...] avalados por una organización político-sindical lanzaron una nota en la Prensa con mil improprios contra nosotros, porque les imponíamos multas [...]”⁸⁴⁹. Assim, para que a população soubesse o que estava ocorrendo, o artigo publicou os preços de atacado praticados no Mercado Central de Borne e também o lucro que os comerciantes deveriam ter para, então, finalizar o artigo da seguinte maneira:

La nota de precios transcrita no tiene ninguna diferencia con los precios que regían en esta misma fecha en años anteriores, y por esta razón los propios trabajadores del campo, victimas eternas de la explotación capitalista se lamentan de que, siendo los precios de venta al por mayor lo mismo que en años anteriores, se vendan los productos a precios tan exagerados por los especuladores al detal. Estos precios sufren pequeñas alteraciones, que las haremos públicas a medida que se sucedan (siempre que para ello no encontremos inconvenientes), pues de esta manera entendemos nosotros que velamos por los intereses del pueblo consumidor y por nuestra moral en entredicho⁸⁵⁰.

No dia seguinte, 3 de dezembro, o Soli voltou a tratar do assunto em seu editorial. Afirmou que o espetáculo da fome da população era muito mais danoso para a revolução que o próprio fascismo, e que os vícios da velha sociedade ainda estavam arraigados no espírito de certas pessoas, e que apareciam quando elas atuavam sem controle. Por isso, acrescentou, era preciso controlar a pequena burguesia. Se referiu à nota publicada no mesmo Soli no dia anterior fazendo referência à campanha contra a especulação, e afirmou que o Solidaridad Obrera

[...] declara que hace suya la campaña y que no está dispuesta a cejar un solo momento, hasta que el problema quede resuelto y el ilícito negocio a que están entregados ciertos avaros sin vergüenza, tenga el final que merece. Barcelona está siendo victima de un latrocinio sin precedentes, que las autoridades que tienen la misión de velar por el bien

⁸⁴⁹ EL COMITÉ DE CONTROL (C.N.T.) El precio exorbitante de las subsistencias. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 2 dez. 1936, p. 4.

⁸⁵⁰ Ibidem, p. 4.

público, permiten, toleran y amparan. El pillaje que significa la exagerada ascensión del precio de los artículos de primera necesidad, es un gravísimo delito, un atentado a la Revolución, y los culpables deben ser severamente castigados, ocurra lo que ocurra y caiga quien caiga. ¿Está claro? ¿Qué hace la Consejería Municipal en relación con este asunto? ¿Es que va a consentir que continúe el vergonzoso espectáculo de lucrarse con el hambre popular? ¡Nosotros, por nuestra parte, voltaria a decir que no estamos dispuestos a consentirlo! Esperamos que esta primera advertencia producirá el efecto consiguiente, en los responsables de cuanto está sucediendo. El público puede tener absoluta confianza en nosotros. Aceptamos como un compromiso de honor, terminar con el indecoroso tráfico que en Barcelona se está haciendo con los productos alimenticios⁸⁵¹.

Outro artigo deste mesmo Solidaridad Obrera falou sobre dois “perigos graves” – este era o título do artigo. O primeiro deles eram os “novos ricos”, que não poderiam se apossar dos comitês e que, segundo o artigo, estavam até nos conselhos municipais. O segundo perigo seria a burocracia, que “[...] pulula por despachos y oficinas oficiales y particulares, o que se pasean en lujosos autos que paga la colectividad, no solamente sin hacer nada útil, sino obstaculizando, además, la marcha de la Revolución⁸⁵²”. Entretanto, o artigo deixou claro que não estava se referindo aos trabalhadores necessários de oficinas e outras dependências, e sim aos aproveitadores, que “[...] no están ni al frente ni a la retaguardia⁸⁵³”, qualificando-os de inimigos e traidores.

Um último artigo importante deste Soli tratava da primeira sessão das Cortes da República em Valência, qualificando-o como “[...] Gobierno Revolucionario de Defensa⁸⁵⁴”.

Em 4 de dezembro, houve nova reunião dos comitês cenetistas catalães. Fábregas falou sobre sua comissão em Valência, que ignorava onde estava o ouro, sendo que Gálvez respondeu que estava em Marselha e Cartagena. A comissão também informou que o governo central havia prometido que iria ressarcir financeiramente o governo catalão sempre que ele apresentasse faturas ligadas à guerra. Depois de algumas falas sobre diversos assuntos, como críticas que foram feitas contra Comorera e ao proceder da UGT, Magin disse:

Aquí se nombró una comisión, para que fuera a Valencia, para entrevistarse con el Gobierno; y éste por lo visto a dado toda clase de facilidades a nuestros Delegados y a la Organización catalana en peso, aquí sólo cabe una cosa, que si cumple el acuerdo prometido, **lo mejor será retirarse nuestros representantes del Gobierno**⁸⁵⁵.

⁸⁵¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. El escandaloso aumento de las subsistencias**. Barcelona, 3 dez. 1936. p. 1.

⁸⁵² SYLVIO. Dos peligros graves. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 3 dez. 1936, p. 2.

⁸⁵³ Ibidem, p. 2.

⁸⁵⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **La C.N.T. en el gobierno revolucionario de defensa**. Barcelona, 3 dez. 1936, p. 12.

⁸⁵⁵ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 4 de dezembro de 1936**, p. 1, grifo nosso.

Gálvez interrompeu a fala de Magin e disse que “Al obrar así sería igual, como si fuera Cataluña, España entera. Nuestros representantes están allí representando a toda España, y no solamente a Cataluña, por lo tanto no deben abandonar el sitio que ocupan, así cómo así⁸⁵⁶”. Depois de mais algumas falas, o Comitê Regional ficou de resolver a situação com os representantes dos sindicatos nas próximas noites. O assunto seguinte tratado na reunião foi apresentado pelo Comitê Regional, que contou a entrevista que teve com o governo demissionário. Disse que, ao escutar as propostas da CNT, colocou como condição “[...] abolir al P.O.U.M. del Gobierno⁸⁵⁷”. E, continuou o Comitê Regional, para conseguirem isso, os socialistas – PSUC – estavam dispostos a fazer alguns sacrifícios, deixando entrar apenas a UGT no novo governo que se formaria. Começou-se um debate. Segundo a ata, a maioria dos representantes tinha o segundo parecer:

Que es mucho mas fácil convivir (socialmente mirado) con los del P.O.U.M. que al fin y al cabo tienen un concepto político mas liberal y mas avanzado que los socialistas, es preferible que éstos no se muevan del Poder y los dejemos colaborar, con todo aquello que buenamente se pueda hacerlo, incluso en Instrucción Pública, como así lo aclara el compañero Puig⁸⁵⁸.

Toryho e Eroles disseram que a intenção de excluir o POUM do governo se dava para agradar o Cônsul da Rússia, já que ele fez oposição aos métodos russos. E, encerrando a reunião, Fábregas salientou que o projeto de municipalização e o contra-projeto apresentado pelo Sindicato da Construção da CNT provocou um grande debate no Conselho da Generalitat, pois os socialistas queriam proteger a pequena burguesia.

É preciso ressaltar, em relação a essa reunião, a discussão sobre a intenção psuquista de excluir o POUM do governo catalão. O POUM era um partido marxista bastante crítico em relação ao regime moscovita. Já o PSUC era totalmente alinhado com os desígnios stalinistas e, como tal, não poderia admitir a existência de um partido marxista que lhe fizesse oposição. O PSUC – e também o PCE, em âmbito nacional – via toda dissidência marxista – e às vezes de outras correntes também – como um ato de sabotagem a serviço do fascismo, e que tinha como objetivo final a destruição da URSS. Mas é preciso lembrar também que os processos de Moscou haviam começado há poucos meses, e muitos dos antigos dirigentes bolcheviques estavam sendo acusados de alta traição, sabotagem e conluio com o fascismo internacional. E, conforme já mencionamos anteriormente, essa narrativa fora transportada para a Espanha, seja

⁸⁵⁶ Ibidem, p. 1.

⁸⁵⁷ Ibidem, p. 2.

⁸⁵⁸ Ibidem, p. 2.

por conta da presença militar soviética, incluindo o aparelho repressivo, a NKVD⁸⁵⁹, seja por meio dos partidos filiados à III Internacional, como era o caso do PSUC e do PCE. O POUM acabou sendo estigmatizado como um partido que deliberadamente dividia a classe trabalhadora com o intuito de facilitar a vitória de Franco, ou seja, eram agentes do fascismo infiltrados na retaguarda e, por isso, precisava ser, em um primeiro momento, excluído do governo, e mais tarde ele seria até mesmo proibido e perseguido, com muitos de seus membros pagando o preço da divergência com a própria vida. Os métodos em voga na então URSS estavam sendo transportados para a Espanha.

Ainda no dia 4 de dezembro, o Boletín de Información publicou três importantes reportagens sobre o momento em que se vivia. A primeira delas tinha ligações com um grave problema: a economia. O artigo afirmou que “[...] la inmensa mayoría de los Comités de Control han abandonado el problema económico en un rincón y en ese rincón muere la revolución. Y muere la revolución porque muere la economía⁸⁶⁰”. Ressaltou que a maioria deles

[...] no se han preocupado desde la toma de posesión de las fábricas, más que de ir percibiendo los salarios sin preocuparse en lo más mínimo de aportar aquellas reformas urgentes y necesarias al momento que vivimos y procurar a la vez intensificar las relaciones de orden nacional e internacional, con sus hermanos de explotación, al objetivo de llegar al intercambio preciso y necesario para equilibrar la vida económica del pueblo⁸⁶¹.

O artigo também afirmou que havia uma paralisação de várias indústrias por “[...] falta de compenetración revolucionaria, de articulación solidaria entre afines y simpatizantes del movimiento⁸⁶²”, mas deu um alento:

Hoy aún es tiempo. Rectificar aquello que consideramos nocivo al movimiento e incorporarnos todos al unísono hacia la estructuración real y definitiva de nuestra economía sindical. Cuando decimos economía sindical, nos referimos a la nuestra, a la propiamente elaborada por nosotros sin aquellos engranajes costosos de intermediarios verdaderos parásitos del productor. Si así lo hacemos, no dudéis, amigos y camaradas, que esas faltas de ciertos artículos necesarios e imprescindibles a la buena marcha de la economía, que es tanto como decir, a la vida del pueblo, no serán tan escasos como son, ni será posible que puedantraficar los que, sin consciencia, se aprovechan del dolor para medrar a costa de sus semejantes y espoliando siempre al obrero, que no ha tenido aún abierto su espíritu a las ansias de renovación que trae en sí nuestra propaganda anárquica y sindical y que está a punto de cristalizar en ese sublime y vasto movimiento revolucionario, que vivimos al

⁸⁵⁹ A NKVD, Comissariado do Povo para Assuntos Internos, era uma instituição soviética que tinha diversas atribuições. Uma delas estava relacionada à “segurança interior”, fazendo trabalhos de espionagem e repressão contra inimigos – reais ou potenciais – internos. Durante a guerra civil, ela atuou na Espanha eliminando dissidentes da política propugnada pelos comunistas.

⁸⁶⁰ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La economía y la revolución**. Barcelona, 4 dez. 1936, p. 1.

⁸⁶¹ Ibidem, p. 1.

⁸⁶² Ibidem, p. 1.

compás que hacemos la guerra para terminar con aquél odioso régimen de opresión y explotación sin nombre que era el sistema capitalista, en manos de los desalmados que en estos momentos están triturando los cuerpos de nuestra mejor juventud⁸⁶³.

O segundo importante artigo publicado pelo Boletín de Información neste dia tratava de uma questão teórica em relação ao Estado, que foi definido da seguinte maneira:

Son conocidas las ideas anarquistas en torno al Estado: para nosotros **el Estado es un ordenamiento conservativo de la riqueza social. Las leyes del Estado están dirigidas a tutelar el derecho de conservación (o propiedad) de la riqueza social por parte de una minoría privilegiada. La producción por lo tanto, está subordinada a la voluntad de los detentores de la riqueza social en cuanto acapara los medios de producción.** La producción, que representa la condición necesaria del desarrollo de la individualidad, resulta deformada por ello, y las relaciones productivas, ordinarias para asegurar el máximo provecho a la minoría propietaria, resultan insuficientes para el desarrollo de la mayoría. La creación productiva se transforma en mecanismo servil; el productor en asalariado, dependiente, esclavo. El trabajo se hace necesariamente repulsivo: de lo que resulta que la tendencia general no está en el aumento de los valores productivos, sino en la conquista de propiedad de los medios productores, y en la conquista del Estado como ordenador de la propiedad. Desde el punto de vista de la ventaja de una minoría, que generalmente en el propio espíritu de rapiña, se define "élite", la conquista del Estado asegura efectivamente a una minoría, las condiciones necesarias y suficientes del desarrollo individual. Pero para la mayoría el exclusivismo estatal se resuelve necesariamente en su exclusión de la disponibilidad de los medios de producción. Esto es cierto tanto en el caso en que la propiedad es privada y el control se deja al libre juego económico (individualismo económico burgués), cuanto en el caso en que la propiedad es pública (disponibilidad a juicio de una jerarquía burocrática – caso del comunismo de Estado). La producción depende de la disponibilidad de los medios de producción, pero el valor productivo no está absolutamente en proporción de la función propietaria. La producción, hecho individual y original, es un valor distinto. "sobre la producción y no sobre la propiedad está basada la libertad anarquista". El Estado asegura la libertad al propietario, y para el Estado es libertad lo que no perturba la conservación de la propiedad. La anarquía reivindica, en vez, "la libertad de producir" y contrapone la sociedad – de los productores – al Estado. La anarquía tiene por mira la subordinación de la producción a la propiedad, tanto pública (de Estado), como privada⁸⁶⁴.

Em seguida, concluiu:

Nosotros anarquistas afirmamos que la libertad no tiene sentido concreto fuera de la producción. Libertad en abstracto es palabra vacía de sentido: y esta vana libertad es la que nos aplican los Estados, cualquiera que sea su tipo. El sentido libertario no brota más que haciendo libres las relaciones productoras⁸⁶⁵.

Uma terceira publicação do Boletín de Información – que foi publicado também no Tierra y Libertad do dia 19 de dezembro⁸⁶⁶ – nesta data foi uma resolução de um Congresso

⁸⁶³ Ibidem, p. 1.

⁸⁶⁴ Idem. **Libertad y Estado**. Barcelona, 4 dez. 1936, p. 5-6, grifo nosso.

⁸⁶⁵ Ibidem, p. 6.

⁸⁶⁶ TIERRA Y LIBERTAD. **Asociación Internacional de los Trabajadores**. Barcelona, 19 dez. 1936, p. 8.

extraordinário da AIT, realizado em Paris de 15 a 17 de novembro. Depois de elogiar a Internacional e falar um pouco do apoio que os espanhóis estavam recebendo, foi publicada a resolução do Congresso. Era uma resolução pequena, mas que demonstrava certa insatisfação, como no trecho em que afirmou que: “[...] el Pleno declara comprender las razones que han dictado a la C.N.T. las decisiones tomadas⁸⁶⁷”.

Assim, esta edição do Boletín de Información trouxe algumas indicações para o momento. A primeira delas era a confusão reinante entre os comitês que, muitas vezes, se fechavam em si mesmos e não conseguiam ver o que se passava fora de sua alçada. Mas isso acontecia em grande parte porque eles não se federaram, pois não tiveram tempo ou foram impedidos – e lembremos que esta foi uma das consequências do Decreto de Coletivização. No entanto, existiram ramos em que isso ocorreu, avançando para o passo seguinte, que era a socialização, ou seja, a formação de um conglomerado industrial autogerido. Já o segundo artigo do dia era um tanto irônico, na medida em que se denunciava o Estado como o sustentáculo das classes sociais exatamente no momento em que os anarquistas estavam nele representados e, direta ou indiretamente, contribuía para sua reconstrução. E o último artigo, embora de forma bem sutil, demonstrava algum descontentamento dentro da AIT com relação às políticas adotadas pela CNT, a respeito das quais já foi falado anteriormente.

No dia 4 de dezembro, o Soli também voltou a falar dos temas tratados no dia anterior. Logo na primeira página, abordou a questão dos “novos ricos”, que andavam pela cidade em automóveis requisitados em alta velocidade, colocando os pedestres em perigo. Tratou também da “nova aristocracia”, que antes vivia modestamente, mas que agora tinham uma vida pouco harmoniosa com a realidade que o momento exigia. Falou ainda dos especuladores, salientando a estes que

[...] serán confiscados sus bienes, sacando sus nombres a la vindicta pública, quedando inutilizados para dedicarse a ninguna clase de negocio ni industria. La Revolución necesita la cooperación de la pequeña burguesía, para la mejor distribución de la producción. Pero rechaza a los explotadores, parásitos dañinos de la sociedad, a la que inocularían los gérmenes de la descomposición y de la muerte⁸⁶⁸.

O mesmo Soli dedicou uma página praticamente inteira nos dias 4 e 5 de dezembro para a questão dos abastecimentos. Em um dos artigos⁸⁶⁹, falou-se dos motivos do alto preço dos

⁸⁶⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Resolución del Congreso de la A.I.T.** Barcelona, 4 dez. 1936, p. 11.

⁸⁶⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. Vicios de la sociedad burguesa en la Revolución.** Barcelona, 4 dez. 1936, p. 1.

⁸⁶⁹ Idem. **El exagerado precio de las subsistencias. El precio elevado del pescado – Sus causas La falsa distribución – Sus remedios.** Barcelona, 4 dez. 1936, p. 4.

pescados, que passavam pela perda de partes da costa onde se praticava a pesca até pela negação da coletivização do setor por parte de pequenos burgueses que haviam feito parte da CNT, mas que saíram e ingressaram na UGT, segundo a reportagem, por fazerem oposição às coletivizações. Um outro texto⁸⁷⁰ evidenciou a visita que se fez ao Mercado de La Boqueria, demonstrando que existiam filas para a aquisição de alimentos e mostrando também os preços de custo dos gêneros alimentícios, sendo que deveria ser acrescido cerca de 15% de lucro dos varejistas.

Em 5 de dezembro, ocorreu uma plenária de militantes de Barcelona. Discutiu-se algumas poucas questões, como a posição que deveria ser tomada na Seção de Aprovisionamento de Guerra e a data de constituição dos sindicatos de indústria – que substituiriam os sindicatos de ramo na CNT. Mas o importante foi o terceiro ponto discutido: qual deveria ser a liberdade de ação que os comitês de bairro deveriam ter? O Secretário da Federação Local de Sindicatos Únicos de Barcelona falou de “anomalias” na atuação dos comitês de defesa do inquilinato formado nos bairros, e também recriminou outros comitês que “[...] no tienen en cuenta para nada los acuerdos de la Organización⁸⁷¹”. Agustín defendeu que a Federação Local não separou quais comitês trabalhavam bem e quais não, e acrescentou que cada comitê tinha uma função determinada, dando exemplo dos comitês de defesa de bairro, que “[...] tienen la misión de controlar el armamento y la defensa de la Barriada y no hay que inmiscuirse para nada en la cuestión de los alquiereles⁸⁷²”. Prieto defendeu a atuação do Comitê de Defesa do Inquilinato de Gracia, propugnando que ele continuasse atuando como fez até agora. Ponce disse que não era certo que existissem comitês revolucionários, já que somente existiam os de defesa, e acrescentou que se deveria delimitar as funções e atribuições dos comitês de bairro. Briones defendeu os comitês e disse que via “[...] **un peligro para la revolución, si se sigue restando fuerza atributiva a los mismos**⁸⁷³”. Depois de mais algumas falas, Martínez propôs que se levasse a questão dos comitês de defesa aos sindicatos, o que foi aceito. Aceitou-se também que fosse reconhecido o direito de controlar todos os imóveis de Barcelona por parte do Comitê de Defesa do Inquilinato nomeado por toda a organização, e que os comitês similares nos bairros se pusessem em acordo com este.

⁸⁷⁰ Idem. *Contra el precio abusivo de las subsistencias. El problema del pescado y su solución*. Barcelona, 5 dez. 1936, p. 4.

⁸⁷¹ FEDERAÇÃO LOCAL DE SINDICATOS ÚNICOS DE BARCELONA - COMITÉ. *Acta del Pleno de militantes de Barcelona celebrado el día 5 de diciembre del 1936*, p. 2.

⁸⁷² Ibidem, p. 2.

⁸⁷³ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

Ainda no dia 5 de dezembro, o *Tierra y Libertad* publicou novo número. Este trouxe um artigo de Gilabert que versou sobre os anarquistas e a Revolução Espanhola. O autor salientou que o anarquismo estava jogando na Espanha o seu futuro, e como a revolução corria de forma que não fora prevista, era preciso encaminhar os acontecimentos pelos caminhos da liberdade. Salientou ainda que os propagandistas do anarquismo sempre afirmaram que os libertários deveriam intervir como fator determinante em todas as revoluções populares, ainda que não fossem especificamente libertárias, aproximando-as de seu credo. Assim sendo, continuou Gilabert, e como a revolução na Espanha se produziu de uma maneira inesperada para os libertários, sendo produto de uma sublevação fascista, “[...] ha surgido el problema de la colaboración de los anarquistas con todos los sectores que están en guerra contra el fascismo⁸⁷⁴”. E completou:

Sería un grave error no compartir la responsabilidad hética y revolucionaria con los demás sectores antifascistas. El anarquismo tiene demasiada fuerza en España para colocarse voluntariamente en el terreno de la oposición. Y sería también otro error – más grave aún que el anterior – renunciar a la realización de nuestros objetivos libertarios por la sola circunstancia que nos obliga a colaborar con los republicanos y los marxistas⁸⁷⁵.

Continuando sua explanação, Gilabert salientou que a intervenção direta dos anarquistas “abre um futuro de liberdade”, e que se o inimigo estivesse vencido se poderia recuperar as iniciativas individuais, o que não era o caso, e então os ensaios particulares poderiam custar a derrota. Gilabert falou da importância de saber organizar a economia, pois do contrário haveria um malogro da revolução, uma vez que as massas desertariam do movimento anarquista e migrariam para os partidos autoritários. E terminou afirmando que a Espanha poderia abrir caminhos de libertação a todos os povos do mundo, caso os anarquistas não renunciassem a seus objetivos e aceitassem a colaboração como “[...] una simple fatalidad creada por la guerra⁸⁷⁶”.

Assim, fica claro que, segundo o artigo de Gilabert, só existiam duas opções para os anarquistas: aceitar a colaboração – o que queria dizer fazer parte da reconstrução do aparelho de Estado junto de outras forças políticas – ou se furtar dos acontecimentos. O aprofundamento da revolução, baseada nos comitês de bairro, sindicatos e demais organizações de base não estava em seus planos.

⁸⁷⁴ GILABERT, A. G. Los anarquistas y la revolución española. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 5 dez. 1936, p. 2.

⁸⁷⁵ Ibidem, p. 2.

⁸⁷⁶ Ibidem, p. 2.

Em 6 de dezembro, ocorreu uma Plenária Regional de Grupos Anarquistas, com assistência de mais de 200 representantes dos Grupos e com a presença de alguns anarquistas importantes, como Gaston Leval, Diego Abad de Santillán e Emma Goldman. Discutiui-se questões econômicas, a reorganização dos Grupos e a nova estrutura do Comitê Regional, com mais membros. Decidiu-se pela criação de um Centro de Estudos Econômicos. Uma das discussões aconteceu em torno da questão da disciplina militar, com alguns afirmando que ela era antianarquista. Outro tema abordado na plenária foi o colaboracionismo, a qual Santillán deu seu veredito:

Yo acepto que colaboremos en el Consejo de la Generalidad, en el Gobierno central y que tengamos representantes en los Municipios, pero esa colaboración no debe hacernos olvidar nuestro antiestatismo y nuestra negación de la propiedad privada en todas sus formas. Está bien colaborar, pero no olvidemos nuestras ideas, nuestra base, nuestra finalidad y nuestro objetivo. Colaboramos porque somos prisioneros de las circunstancias de guerra, pero no por norma ni por principio⁸⁷⁷.

Ao final, a plenária publicou o seguinte parecer:

Siendo misión del anarquismo el encauzamiento de la vida social por las sendas del socialismo y de la libertad y frente a las ingentes necesidades del momento, el Pleno de la Federación Regional de Grupos Anarquistas de Cataluña, realizado el 6 de diciembre de 1936, 1.º Reafirma su pensamiento y su acción antiestatal y anticapitalista. 2.º Propicia soluciones de equidad y solidaridad, nivelando los medios económicos y utilizando la riqueza social en nombre de todos. 3.º Entiende que los grupos dedicarán sus actividades a persuadir a los trabajadores a que seleccionen la producción, incrementando la considerada útil y conveniente en los momentos actuales y eliminando las innecesarias. 4.º Considera que es preciso suprimir la burocracia parasitaria, aumentada considerablemente en los actuales momentos en las fábricas, los talleres y en los organismos municipales y del Estado. 5.º Que la organización del trabajo ha de estar en manos de los Sindicatos, industrialmente organizados y en los Consejos Municipales, evitándose las colectivizaciones parciales de empresa, que constituyen una negociación rotunda del espíritu de la socialización. 6.º Que como complemento de la socialización de la producción propiciamos la distribución socializada, para evitar las especulaciones, que perpetuarían la desigualdad económica que queremos extirpar⁸⁷⁸.

No mesmo dia 6, aconteceu um evento com grandes nomes da política catalã. Foi a segunda sessão da Primeira Jornada da Nova Economia, realizada no Palácio Nacional de Montjuic, em Barcelona. Entre os que assistiram o evento, tal como destacado pelo Solidaridad Obrera,

[...] había la casi totalidad de los delegados regionales, subdelegados comarcales de la Consejería de Economía de los municipios catalanes, representantes de gran

⁸⁷⁷ Idem. La guerra y el anarquismo. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 12 dez. 1936, p. 7.

⁸⁷⁸ TIERRA Y LIBERTAD. **Importantes Acuerdos de la F.A.I.** Barcelona, 12 dez. 1936, p. 1.

número de Comités de control y empresas, delegados sindicales y otras representaciones⁸⁷⁹.

O primeiro a falar foi José Gimenez, que tratou basicamente sobre o sentido e capacidade dos homens da CNT e da FAI, da responsabilidade do momento e da lealdade, referindo-se também ao Decreto de Coletivização. O segundo a discursar foi Ruiz Ponseti, representante do Conselho de Economia. Este afirmou que o Conselho de Economia era uma

[...] síntesis de las aspiraciones y una concreción de la obra transformadora [...]. La primera preocupación al crearse el Consejo de Economía fue dictar unas normas para que fuese posible a la vez, asegurar la victoria en la guerra civil y hacer una revolución fructífera. Se aceptó la simultaneidad de objetivos porque los hechos así lo señalaban, pues que el pueblo, con su sentido de justicia, superaba todas las teorías. Los hechos decían que era necesario sobre la marcha estructurar la nueva transformación, la transformación revolucionaria que se operaba, a la vez que con energía y heroísmo se repelle la agresión fascista⁸⁸⁰.

Continuando sua apresentação, Ponseti acrescentou que o Decreto de Coletivizações era

[...] **el interregno entre el Estado económico burgués y el orden económico socialista de mañana**: es la fórmula que nos permitirá asegurar el esplendor de nuestra economía, evitando los estragos de la guerra y encaminándola hacia la transformación definitiva y total a que obliga la defensa de los principios revolucionarios⁸⁸¹.

Outro a discursar foi o Conselheiro de Economia da Generalitat, Juan Fábregas. Este também falou sobre o Decreto de Coletivizações, afirmando que ele “[...] era un instrumento y no un fin, una base inicial para el progreso y la civilización⁸⁸²”. Destacou que era preciso existir um espírito de sacrifício, pensando que se estava na primeira etapa revolucionária, e criticou a impaciência dos exigentes, salientando que, normalmente, eram os recém-chegados à luta sindical, e terminou falando da centralidade da questão econômica para a guerra.

O último a discursar foi o Presidente da Generalitat, Companys. Ele falou da questão da disciplina e salientou que todos os esforços deveriam ser direcionados para que a guerra e a revolução triunfassem, acrescentando que ostentava o cargo de Presidente da Generalitat “[...] no por lo que era antes del 19 de julio, sino por voluntad de las organizaciones proletárias; estoy aquí porque cuento con su conformidad y porque estoy rodeado y asistido de la confianza de todos los trabajadores de Cataluña⁸⁸³”. Companys também ressaltou que estava seguro da “[...]”

⁸⁷⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Primera Jornada de la Nueva Economía**. Barcelona, 8 dez. 1936, p. 4.

⁸⁸⁰ Ibidem, p. 4.

⁸⁸¹ Ibidem, p. 4, grifo nosso.

⁸⁸² Ibidem, p. 4.

⁸⁸³ Ibidem, p. 4.

responsabilidad que nos obliga a ganar la guerra y a fomentar el espíritu inmortal de nuestra revolución⁸⁸⁴”. Depois de mais algumas falas de Companys, o ato foi encerrado.

Neste evento, ficou bem claro que as coletivizações não eram um fim, e sim um meio para que se chegasse ao socialismo, que era entendido como o próximo passo da coletivização. Outra questão que salta aos olhos é o discurso de Companys. Ele afirmou gozar da confiança de todos os trabalhadores catalães e colocou-se como um líder revolucionário. Isso porque houve um esgarçamento do conceito de “revolução”. Todos proclamavam que eram “revolucionários” após 19 de julho. Ninguém tinha coragem de afirmar que era “contrarrevolucionário”. Entretanto, as palavras não são apenas palavras. Elas expressam um conteúdo e, certamente, este variava bastante. A “revolução” defendida por Companys não era a mesma defendida pelos comitês de bairro, pelos sindicatos, pelos comitês de empresa etc. Companys era, na verdade, um republicano de esquerda, e tinha como meta a preservação das relações de produção capitalista – e para isso tinha apoio de outros republicanos, do PSUC, de partes do POUM e da CNT-FAI –, mas não hesitava nem um pouco em se autodeclarar “revolucionário” em meio a um grandioso evento com participação dos líderes de todas as principais forças políticas catalães.

No dia 8 de dezembro, o Boletín de Información publicou um artigo em que tratava da potencialidade criativa da economia sindical. Depois de falar de seu espírito de solidariedade, que poderia ser visto na união entre o trabalhador manual e o trabalhador intelectual, afirmou que nas fábricas todos colaboravam sem medir sacrifícios, e que sem esse espírito toda a Europa cairia nas mãos do fascismo. O artigo também afirmou que “La organización obrera siempre llamó a la pequeña burguesía para que se incorporara a su movimiento de renovación social, puesto que en sus filas están los llamados técnicos⁸⁸⁵”.

O mesmo número do Boletín publicou extratos da Conferência pronunciado por Ayala, do Sindicato da Pele, para a Rádio CNT-FAI. Ele começou falando sobre o sentido de responsabilidade na retaguarda, o que permitiria que cada individualidade pudesse render o trabalho correspondente. Falou também da responsabilidade dos organismos sindicais e políticos,

[...] en los cuales sin darnos cuenta se cobijan los eternos elementos llamados indeseables, arrivistas y enchufistas, sólo atentos a su lucro y bienestar que nace y se reproduce en todos nuestros medios, con una rapidez asombrosa, poniendo en peligro nuestra victoria en el frente y retaguardia. Por tanto, camaradas, empuñad la escoba y barred de una vez los locales, donde se esconden estas alimañas introducidas en

⁸⁸⁴ Ibidem, p. 4.

⁸⁸⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La economía sindical, llave del triunfo**. Barcelona, 8 dez. 1936, p. 1.

Comités, comisiones, controles y juntas que no justifiquen un trabajo necesario e imprescindible, para la colectivización de fábricas y talleres, base de la reconstrucción de la nueva economía que ha de asegurar el triunfo final en las frentes⁸⁸⁶.

Continuando, Ayala ainda acrescentou que havia um excesso de otimismo em questões sérias, como a guerra, assim como existiam problemas na concepção do que seria uma coletivização.

Se ha puesto de relieve infinidad de veces, el falso concepto que tienen las masas, de lo que significa el hacer cargo de las industrias de la clase proletaria. Este parte del supuesto equivocado de que al desaparecer el burgués son los trabajadores quienes lo substituyen; y esto es sencillamente una lamentable equivocación, causante de perturbaciones que repercuten en la disminución profunda de la producción a causa de que los operarios dedicados a determinados trabajos, que por lo común son los más capacitados, asumen funciones propias de la dirección, olvidándose de que su misión consiste en producir como siempre, puesto que la labor del burgués era nula en el sentido de rendimiento y en muchos casos un estorbo, los obreros pertenecientes a los Comités de empresa o fábrica deben rendir lo de ordinario, llevando tan sólo la pequeña contabilidad, que consiste por sección el saber lo que produce y gasta en materias primas, el complemento lo lleva la contabilidad y almacén, así como las iniciativas son fruto de sus reuniones. Se ha repetido ya mucha veces, que socializar o colectivizar no es expropiar los intereses del burgués a beneficio de unos cuantos, sino que éstos pasan a ser patrimonio de la Sociedad, por tanto quien piense en reparto de beneficios imitando a los dividendos del rentista, que corta el cupón, está completamente equivocado y pierde el tempo haciéndose esta ilusión egoísta; no será, porque nosotros, los militantes de la F.A.I. y C.N.T., estamos dispuestos, si precisa, a imponer la fuerza de la razón, exterminando de una vez y para siempre estos egoísmos suicidas, que comprometen nuestra obra y dificultan el desarrollo de la economía⁸⁸⁷.

Ayala também falou de outros assuntos, como o comando único e a disciplina, defendendo ambos.

No dia 9 de dezembro, ocorreu uma nova reunião⁸⁸⁸ dos comitês libertários. Discutiuse um pouco a questão da comissão de compra de armas que existia em Paris e a corrupção que havia no envio de dinheiro para tal comissão, afirmando-se também que o governo central deliberadamente boicotava a compra de armamentos. Depois foi discutida a questão da Generalitat, acusando-se que existiam alguns ataques à CNT e dizendo que a organização desejava que todos os setores antifascistas fizessem parte do novo governo que se estava negociando. Foram debatidas as prováveis pastas ministeriais que a CNT desejava.

⁸⁸⁶ Idem. **Extracto de la conferencia pronunciada por el compañero Ayala, del sindicato de la piel ante la emisora E.C.N.1 radio C.N.T. – F.A.I.** Barcelona, 8 dez. 1936, p. 2.

⁸⁸⁷ Ibidem, p. 2.

⁸⁸⁸ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 9 de dezembro de 1936.**

No mesmo dia 9, o Solidaridad Obrera publicou algumas declarações de Companys feitas aos jornalistas. Companys deu conta, por exemplo, de três assassinatos no município de Garcia, província de Tarragona, Catalunha:

[...] siendo los instigadores de estos crímenes, conocidos caciques, que ahora han ingresado en determinadas organizaciones. Em otros pueblos continúan las incautaciones, se imponen tributos ilegales y se quiere continuar el terror⁸⁸⁹.

Companys ainda falou sobre a questão das armas para a frente de batalha, em salvar a “glória da revolução”, e salientou, em relação ao problema dos abastecimentos, que sobravam “[...] juntas y juntitas, comisiones, comités de iniciativas y disposiciones locales de los Municipios, que obran por su cuenta [...]”⁸⁹⁰. E finalizou:

Yo estoy satisfecho del celo de los dirigentes de todas las organizaciones antifascistas. Pero es que, señores, con todos los problemas que tenemos encima, **hay más de una docena de motivos que obligan a la constitución de un Gobierno fuerte, con plenos poderes, que imponga la autoridad a todos**, ya que, en definitiva, el Gobierno no es más que la autoridad delegada de todas las fuerzas antifascistas, políticas y sindicales, que están representadas en el actual Consejo⁸⁹¹.

Claramente, as palavras de Companys eram endereçadas contra os comitês, que ainda existiam, mesmo de forma ilegal. Tratava-se de impor a autoridade do Estado sobre o movimento dos trabalhadores.

No dia 10, o Solidaridad Obrera, em sua campanha contra o aumento dos preços dos alimentos, lançou mais um artigo. Este falou mais uma vez dos preços do setor, criticou os comerciantes e propôs solução.

Entendemos que el mejor y más práctico modo de evitar los abusos de los arrivistas es conceder mayor amplitud a los Comités centrales y de barriadas de Abastos, centrando en los referidos organismos todo cuanto se refiere a subsistencias de todas clases, prohibiendo a los comerciantes realizar compras fuera de estos Comités, los cuales como no son comerciantes ni quieren ni pueden realizar ganancias con los productos que pasan por sus manos anularían al intermediario que es el que encarece todo cuanto toca. **Los Comités de barriada** concedores de todos los que dedican a la venta de los comestibles y enterado por los convencidos compradores y por ellos mismos, de los abusos que se cometiesen en sus respectivos distritos, debidamente autorizados al efecto, **reprimirían con mano dura a los desaprensivos que quieren medrar a costa de los demás**, y esto parecería que en efecto se hacia algo por ganar la Revolución y la guerra, pues de seguir las cosas tal como se desarrollan actualmente no será difícil que tengamos que dar la razón a un amigo – antifascista acérrimo, al

⁸⁸⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Importantes declaraciones del presidente de Cataluña y un comentario de Solidaridad Obrera**. Barcelona, 9 dez. 1936, p. 12.

⁸⁹⁰ Ibidem, p. 12.

⁸⁹¹ Ibidem, p. 12, grifo nosso.

que cualificamos de pesimista –, el cual asegura que en la forma que llevamos la Revolución es imposible ganarla⁸⁹².

Ou seja, o autor estava defendendo que a questão dos abastecimentos fosse resolvida pelos comitês de bairro e cidade, obrigando os comerciantes de alimentos a comprar deles os seus produtos, obtendo assim um controle não apenas do preço, mas também da quantidade de víveres que estivesse circulando, aproveitando-se também do conhecimento que cada comitê de bairro e cidade tinha de seu perímetro. Mas isso se chocava com os interesses dos comerciantes, que se opunham ao controle de preços e, conseqüentemente, de lucros.

No dia 11 de dezembro, o *Solidaridad Obrera* publicou novo artigo⁸⁹³ sobre as subsistências, e outro⁸⁹⁴ falando sobre a unidade antifascista. Além destes, publicou também um artigo discorrendo sobre os Conselhos de Operários e Soldados. Estes foram criados depois do sufocamento da rebelião militar, tendo ramificações dentro dos quartéis. Segundo a reportagem, estes comitês eram eleitos pelas unidades a quais pertenciam, e sua missão era “[...] controlar las disposiciones del mando, llevar a efecto de depuración del personal que por su actuación política antes y después de producirse la sublevación se considera digno de seguir perteneciendo al Ejército [...]”⁸⁹⁵. Este Comitê, segundo a reportagem, teve um grande papel de auxílio aos comandantes, principalmente no quesito moral, já que tinham legitimidade diante das tropas, e agora existiam notícias de que uma disposição havia proibido tais comitês – na verdade, era resultado da militarização das milícias, que fazia com que os milicianos se convertessem em soldados.

Um outro artigo neste mesmo *Soli deu* a conhecer a criação do Conselho Levantino Unificado da Exportação Agrícola – CLUEA. Este tinha como função organizar a exportação de laranjas que eram produzidas na região do Levante, especialmente as que eram produzidas em coletividades rurais. Sua premissa básica era facilitar a exportação do produto e economizar divisas, evitando que diversos comitês o fizessem de forma desenfreada e por conta própria. O CLUEA era formado por membros da CNT e da UGT – mesmo contra a vontade do PSOE, pois ela favorecia às coletividades, reforçando o poder destas e dos sindicatos as quais eram ligadas, em detrimento do Estado –, pois “[...] todos los partidos políticos están

⁸⁹² PUEYO, F.C. Sobre el abuso intolerable en los precios de artículos de primera necesidad. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 10 dez. 1936, p. 4, grifos nossos.

⁸⁹³ SOLIDARIDAD OBRERA. **El problema de las subsistencias. Impresiones de la calle sobre la carestia de vida**. Barcelona, 11 dez. 1936, p. 3.

⁸⁹⁴ Idem. **Editorial. La unidad del proletariado es indispensable para el triunfo da Revolución**. Barcelona, 11 dez. 1936, p. 1.

⁸⁹⁵ Idem. **Consejos de Obreros y Soldados. Pidiendo claridad**. Barcelona, 11 dez. 1936, p. 10.

económicamente representado en ellas, y siendo así, creímos que incurriríamos en dualidad de representación si colaboraran específicamente los partidos mencionados⁸⁹⁶”.

No dia 12 de dezembro, o Tierra y Libertad publicou dois artigos com o tema dos abastecimentos. Em um deles⁸⁹⁷, os especuladores são colocados como criminosos e maiores inimigos da revolução. Já o segundo⁸⁹⁸, falou sobre o surgimento de “novos ricos” a partir das subsistências. Salientou que tal desbarate ocorria porque os organismos oficiais não conseguiam pôr um fim a alta dos alimentos, assim como se os elementos oficiais tivessem declarado sua impotência, Barcelona não estaria da forma que estava. Salientou também que não faltavam víveres em Barcelona, mas eles eram mal distribuídos, e completou afirmando que os únicos que podiam dar um fim a tais problemas eram os sindicatos, pois só eles poderiam regulamentar tudo no tocante à produção e distribuição sem privilégios.

Também no dia 12, o Soli publicou⁸⁹⁹ que o governo central havia promulgado uma lei tornando crime alterar o preço, qualidade, peso, racionamento ou distribuição de víveres sem justificativa, afirmando o periódico que era uma medida bastante acertada.

No dia seguinte, 13 de dezembro, Comorera sofreu um atentado a tiros em seu carro, o que demonstrava um pouco como estavam as relações entre o campo antifascista. Comorera era um dos principais líderes do PSUC e um dos grandes impulsionadores do processo de reconstrução do Estado catalão, sendo um dos maiores inimigos dos comitês de bairro e cidade e também dos revolucionários em geral. Comorera sobreviveu ao ataque e acabou usando-o como justificativa para intensificar o combate aos “incontrolados”, que imediatamente foram associados com o atentado.

No mesmo dia, o Soli publicou uma declaração de Tarradellas falando que a reunião do dia seguinte, segunda-feira, seria a última do atual Conselho – governo – da Generalitat, pois estava havendo um problema político e se formaria outro governo.

Las últimas declaraciones hechas por el presidente Companys, hace pocos días, ya lo acusaban. Por otra parte, hay diversas razones y motivos justificados para que la actual situación sea aclarada, porque cada día se hace más insoportable en el doble aspecto de falta de disciplina y de falta de sentido de la responsabilidad. Por mi parte – afirmé –, como consejero primero del Gobierno de la Generalidad, he de decirles que no estoy dispuesto a tolerar tal estado de cosas, porque no puedo, ni podré nunca consentir que sobre mi caigan responsabilidades de una actuación del Gobierno, que, muchas veces, quiere ser mediatizada por los irresponsables y por esos otros a los que ahora se les llama **incontrolados**. Por las razones expuestas y por otras muchas que ahora por

⁸⁹⁶ ROS, Miguel. Por qué ha sido creado el C.L.U.E.A. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 11 dez. 1936, p. 2.

⁸⁹⁷ TIERRA Y LIBERTAD. **Criminales en la retaguardia**. Barcelona, 12 dez. 1936, p. 5.

⁸⁹⁸ Idem. **Las subsistencias y los aprovechadores**. Barcelona, 12 dez. 1936, p. 6.

⁸⁹⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Una medida acertadísima contra la especulación de las subsistencias**. Barcelona, 12 dez. 1936, p. 12.

ahora no es preciso puntualizar – terminó diciendo –, es por lo que podéis considerar en crisis al actual Gobierno de la Generalidad⁹⁰⁰.

O mesmo Soli publicou uma entrevista com Ausejo, Diretor Geral de Abastecimentos. Este destacou que o aumento dos preços dos alimentos não foi autorizado, acusando o antigo espírito liberal que ainda existia, por exemplo, nos homens do campo, que retinham seus produtos para buscar um preço maior, e muitos deles acabavam estragando, afirmando então que “[...] se le han puesto remedios muy eficaces, que pronto han de dar resultados satisfactorios para que regularicemos la producción del campo con el consumo de la ciudad⁹⁰¹”.

No dia seguinte, 14 de dezembro, o Boletín de Información publicou um artigo pedindo unidade e disciplina. Começou afirmando que os anarquistas eram os mais acusados de indisciplinados, mas que, na verdade, eram os “[...] más fieles intérpretes de la unidad antifascista⁹⁰²”, e que nos setores “[...] donde la tan cacareada unidad se ha venido exhibiendo como un modelo de organización, resulta ser un mito⁹⁰³”, pois nestes pesariam mais as ambições pessoais do que os interesses coletivos. Mencionou também o artigo que para evitar um desequilíbrio entre as forças antifascistas não seria possível tolerar atitudes passivas, pois elas favoreceriam os inimigos. O momento exigiria de todos e de cada um o máximo de sacrifício, e se impunha um só dever: vencer o fascismo. Por isso, afirmou o escrito: “Todo aquél que en estos momentos se produce en el sentido de dividir a las fuerzas unidas y vinculadas en la resistencia heroica que ofrece el pueblo a la invasión fascista, es un traidor de la causa de la revolución⁹⁰⁴”.

No mesmo número do Boletín, ainda, a Confederação Regional do Trabalho da Catalunha publicou um manifesto – que havia sido reproduzido no Soli no dia anterior, 13 de dezembro – em que tratava sobre o conflito entre UGT-POUM e PSUC. Depois de falar que essa pugna pretendia excluir ou se excluir mutuamente no seio da Generalitat, disse que a CNT estava consciente da responsabilidade neste momento histórico e que não se pronunciou publicamente porque esperava que essa crise fosse resolvida de modo harmônico, colocando os interesses da revolução acima dos interesses de organização. Salientou que se estava em uma hora decisiva para o proletariado e a Liberdade, bem como a causa do proletariado exigia concessões para que, assim, fosse possível derrotar o fascismo. Destacou também que a CNT

⁹⁰⁰ Idem. **El primer Consejero de la Generalidad plantea la crisis del Gobierno**. Barcelona, 13 dez. 1936, p. 4, grifo nosso.

⁹⁰¹ Idem. **Interviú con el camarada Ausejo, Director General de Abastos**. Barcelona, 13 dez. 1936, p. 10.

⁹⁰² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Unidad y disciplina**. Barcelona, 14 dez. 1936, p. 1.

⁹⁰³ Ibidem, p. 1.

⁹⁰⁴ Ibidem, p. 1.

sacrificou seus melhores homens e abriu os braços, inclusive, “[...] a los mismos hombres que en nuestros cuerpos habían producido hondas heridas⁹⁰⁵”. E acrescentou:

Ha sido compromiso de honor el pacto que todas las organizaciones antifascistas sellamos al constituir el Consejo de la Generalidad de Cataluña, en el que por no exigir no exigimos ni la representación que corresponde a una fuerza indiscutiblemente mayoritaria. Por encima de todas las discrepancias tácticas, de ambiciones y miserias personales, unánimamente dijimos al pueblo que hasta que la guerra terminara con el aplastamiento definitivo del fascismo, seguiríamos unidos todos los sectores representados en el Consejo de la Generalidad. Ahora bien. No podemos continuar ni un momento más en esta situación peligrosa en que todo está pendiente del problema ya hecho público. En estos momentos en que toda pugna partidista es suicida, ha de haber un solo afán: VENCER AL FASCISMO. Y para ello una sola consigna: MANTENIMIENTO DEL BLOQUE ANTIFASCISTA⁹⁰⁶.

O Boletín de Información do día 16 falou um pouco sobre a reconstrução econômica. Começou afirmando estar convencido dos princípios anarquistas e que somente a capacidade revolucionária do povo “[...] permitirá a la transformación económica y social y avanzar hasta el, logro de nuestras aspiraciones más caras: la implantación del comunismo libertario⁹⁰⁷”. E continuou:

Rechazamos la dictadura de partido, la dictadura personal, cualquiera sea el nombre o el rótulo que invoquen. Hemos afirmado que para que la revolución liberte a las masas, éstas deben ser las que practiquen la libertad, las que se eduquen en ambiente y en formas de convivencia libres. Lo contrario, la ejecución por decreto de las reformas, la imposición desde arriba, la fuerza ejercida contra el pueblo mismo, implican peligros que los anarquistas queremos evitar. La organización sin poder político centralizado, la relación en los diferentes dominios de la vida moderna, debe realizarse según normas federalistas. En la base de la nueva estructura, como primeros núcleos orgánicos, estarán los Sindicatos, las Comunas, las Cooperativas. [...] Es desde la base, desde donde ha de crearse todo lo que la economía post-revolucionaria reclama. Es de abajo arriba como ha de establecerse la red de organismos de los productores. Los cuerpos de relación, los Consejos de coordinación, los grupos técnicos especializados, todos los elementos indispensables para asegurar el funcionamiento de la nueva economía, ha de apoyarse en la gestión y en el control permanente de los trabajadores mismos de la ciudad y del campo⁹⁰⁸.

O artigo ainda afirmou que os produtos deveriam ser acessíveis aos que produziam, que a produção deveria responder às exigências do consumo etc. No entanto, no mesmo número do Boletín, foi publicado um outro pequeno artigo de cunho econômico que defendeu a separação entre os sindicatos e os “órgãos oficiais”. Assim elaborou a questão:

⁹⁰⁵ Idem. **La Confederación Regional del Trabajo de Cataluña, al pueblo**. Barcelona, 14 dez. 1936, p. 6.

⁹⁰⁶ Ibidem, p. 6.

⁹⁰⁷ Idem. **La reconstrucción económica y social en acción directa por el pueblo**. Barcelona, 16 dez. 1936, p. 6.

⁹⁰⁸ Ibidem, p. 6.

Son los Sindicatos los que deben controlar la producción y la distribución. Son ellos los que por mediación de los Comités de Comarca, por ellos mismos representados, deben efectuar el intercambio en la nación y con el extranjero de sus productos sobrantes. Son ellos los únicos que pueden intensificar la producción y hacer de nuestra economía un fiel reflejo del bienestar colectivo que aspiramos. **Los órganos oficiales se deben limitar solamente a sus funciones: a las relaciones oficiales con los demás países.** Corresponde, pues, a las organizaciones productoras, el control y la distribución de los productos, y a los organismos oficiales, los tratados de comercio con los demás países y demás derivantes que se hayan de tratar con los órganos oficiales de los países extranjeros. Dando a cada organismo plena autonomía en lo que le corresponda organizar, bien enlazados entre sí, obtendremos una economía sencilla y fructífera en resultados, que será la admiración de adeptos y profanos⁹⁰⁹.

Dia 17 de dezembro, foi formado um novo governo na Catalunha, e o Soli falou um pouco sobre isso. O novo governo, segundo o periódico, era “[...] fundamentado en las organizaciones sindicales con la colaboración de la pequeña burguesía⁹¹⁰”. E continuou:

Desde hoy, Cataluña cuenta con un Gobierno sin partidos políticos. No podía tolerar la C.N.T. imposición alguna, viniera de onde viniese, ni admitir exclusiones que pudiesen interpretarse como afán de quebrantar la unidad proletaria establecida. Quienes a tal aspiraban, no han hallado en nosotros terreno propicio a su deseo, y los partidos sin basamento sindical que participaban en el Consejo de la Generalidad, ha sido apartados de tales funciones, pues no son ellos los llamados a dirigir la vida pública, sino los Sindicatos, piedra angular de la nueva economía que nace y cuya perfección será realizada por la propia experiencia⁹¹¹.

O POUM e o PSUC não participavam do novo governo, e o Soli apresentou isso como um avanço no sentido de obter a unidade antifascista.

Con esta solución a la crisis, entendemos que no caben por parte de nadie lamentos ni reproches de ningún género. El P.O.U.M. y el P.S.U., los dos contendientes, cuyo pugilato nos ha llevado a la presente situación, quedan excluidos del Consejo de la Generalidad. Ambos están representados en la U.G.T., cuya dirección se disputan; ambos pertenecen a una misma rama ideológica, aunque ligeras concepciones accidentales y de táctica les separe. Ni uno ni otro tienen derecho, a nuestro juicio, a deshacerse en clamores. Los dos son partidos específicamente marxistas; pero ninguno de ellos equivale a fracción sindical más o menos considerable, como son la C.N.T. y la U.G.T. La exclusión de ambos del Consejo de la Generalidad está inspirada en la más rigurosa justicia y en el nuevo sentido económico que ha de informar a los Gobiernos de la Revolución⁹¹².

As outras forças que estavam representadas no novo governo eram os rabassaires que, para o Soli, foram entendidos como os representantes de um partido de classe, essencialmente

⁹⁰⁹ Idem. **La economía debe ser el reflejo de la revolución.** Barcelona, 16 dez. 1936, p. 9, grifos nossos.

⁹¹⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **Las organizaciones proletarias y la pequeña burguesía, base del Consejo de la Generalidad.** Barcelona, 17 dez. 1936, p. 1.

⁹¹¹ Ibidem, p. 1.

⁹¹² Ibidem, p. 1.

sindical, e a Esquerda Republicana, único partido político e que, conforme o periódico, representava a pequena burguesia.

O novo governo ficou assim constituído:

Defesa: Francisco Isgleas, CNT;

Economia: Diego Abad de Santillán, CNT;

Serviços Públicos: Juan Doménech, CNT;

Saúde e Assistência Social: Pedro Herrera, CNT;

Finanças: José Tarradellas, Esquerda;

Segurança Interior: Artemio Aiguader, Esquerda;

Cultura: Antonio Sbert, Esquerda;

Abastecimentos: Juan Comorera, UGT;

Trabalho e Obras Públicas: Miguel Valdés, UGT;

Justiça: Rafael Vidiella, UGT;

Agricultura: José Calvet, Rabassaires.

É preciso ressaltar, no entanto, que a forma de apresentar o novo governo catalão – um governo eminentemente sindical – pelo Soli não correspondia à realidade. Olhando mais de perto, o que houve foi uma exclusão do POUM, mas não do PSUC. A UGT catalã estava cada vez mais caindo nas mãos dos comunistas seguidores de Stálin, e a interpretação destes era de que a contenda na Espanha não era uma guerra de classes, mas sim uma luta de libertação nacional e, portanto, a revolução estava sobrando e precisava ser afastada. Era preciso unir a burguesia progressista e o proletariado, e as reivindicações destes não deveriam ultrapassar os marcos de uma república burguesa. A luta de classes era substituída pela colaboração entre as classes, exatamente durante o processo revolucionário. Dentro deste processo, a UGT catalã passava a ser mais um porto seguro para os defensores da propriedade privada, um contraponto às coletivizações propugnadas pela CNT que, mesmo de forma ambígua, continuava sendo a grande impulsionadora das coletivizações. Os stalinistas eram favorecidos dentro da UGT pelo afluxo de muitos proprietários descontentes com os processos de coletivização – ou seja, desgostosos com o processo revolucionário – para dentro da organização, uma vez que o POUM, mesmo que de forma ambígua, também apoiava e favorecia os processos de coletivização. Assim, a constituição do “governo sindical” privou o POUM de seu posto no governo catalão, mas não privou os stalinistas, que agora estavam representados via UGT, como ficou claro na composição da representação ugetista – os três representantes da UGT eram também membros do PSUC. Os psuquistas, então, “sacrificaram” sua representação direta para poder eliminar um rival direto, o POUM – que até então ostentava uma pasta ocupada por Nin

–, sendo este o primeiro passo para a criminalização de tal partido e a perseguição de muitos de seus líderes, o que ocorreria posteriormente.

Outra mudança importante no seio do novo governo ocorreu com relação aos anarquistas, que passaram a ter um Ministério a mais, chegando a quatro. Pedro Herrera e Francisco Isgleas, que não ostentavam cargos ministeriais, assumiram, respectivamente, as pastas da Saúde e Assistência Social e da Defesa. Doménech foi deslocado do Conselho de Abastecimentos para o de Serviços Públicos. No entanto, talvez a mais importante mudança aconteceu em uma pasta central: a Economia, de onde o cenetista Fábregas foi retirado e, em seu lugar, assumiu o igualmente cenetista Diego Abad de Santillán. É preciso mencionar ainda a passagem de Comorera, do PSUC, da pasta de Serviços Públicos para a de Abastecimentos, agora representando a UGT. Comorera era um grande inimigo dos comitês de bairro e de cidade. A partir de seu novo cargo, travou uma luta de morte contra eles, sempre utilizando o preço dos alimentos como arma para desprestigiar os comitês e propugnar o livre mercado no setor, o que em uma época de guerra significava aumento dos preços da alimentação, com a consequente fome dos trabalhadores mais pobres.

5 O AVANÇO DA CONTRARREVOLUÇÃO

5.1 Do Novo Governo da Generalitat aos Decretos de S'Agaró

No mesmo dia em que o novo governo catalão foi formado, 17 de dezembro, o Boletín de Información publicou em sua primeira página um artigo falando sobre a Catalunha e o novo governo. Começou afirmando que as organizações sindicais assumiram

[...] la dirección de la economía y de la guerra desde el Gobierno de la Generalidad. De la estrecha colaboración en el Gobierno, debe surgir una unidad de acción sin límites, por parte de todos los antifascistas para que la labor que se lleve a cabo desde el poder, coincida con los sacrificios que realiza la clase obrera desde los centros de producción⁹¹³.

O mesmo artigo ainda afirmou que nas circunstâncias atuais não era possível manter o estado de indisciplina.

Quien intente quebrantar la disciplina se ponen al margen de la revolución. Nadie debe temer la absorción de la revolución por el Gobierno. Este, más que Gobierno, es un Consejo revolucionario que asume en la legalidad constitucional la responsabilidad de legislar y convertir en normas de convivencia social, todos aquellos acuerdos que dimanen de los organismos sindicales, como fuerzas mayoritarias que son, en el frente antifascista. **Nada más lógico que crear un Gobierno con todas las fuerzas que desde los primeros momentos han venido demostrado su más acendrado odio al fascismo**⁹¹⁴.

E ainda acrescentou:

Nadie que se sienta por esencia antifascista, puede alegar que no esté representado en el Gobierno que se ha constituido. Las fracciones que en estos momentos tienen un historial revolucionario, que no les negamos, y que han hecho los máximos sacrificios para defender al pueblo de los ataques facciosos, a pesar de no tener un representante como fracción política, es sobradamente cierto que no dejan de estar representadas, puesto que la inmensa mayoría de sus adherentes pertenece a ambas sindicales. Por eso repetimos hoy que todos, absolutamente todos los que sienten la causa de la libertad en esta hora suprema en que la lucha es de vida o muerte, no han de hacer motivo de discusión si corresponde uno o más puestos en la constitución del Gobierno, a esta u otra fracción política. Afirmamos, y creemos estar en lo cierto cuando lo decimos, de que Cataluña será inexpugnable, porque en el seno del Gobierno está el pueblo. El Gobierno que acaba de constituirse no tiene más misión que la de coordinar todos los esfuerzos para unificar todos los sacrificios que vienen realizando con el fin de terminar la guerra que ensangrienta nuestros campos. La revolución la viene haciendo el pueblo. **El pueblo es quien está en el Gobierno con sus representantes**, los cuales llevados a la responsabilidad de mando no tendrán

⁹¹³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. *Cataluña será inexpugnable*. Barcelona, 17 dez. 1936, p. 1.

⁹¹⁴ *Ibidem*, p. 1, grifos nossos.

más misión que la de condensar las aspiraciones de todos en un haz de fraternidad que nos hará invencibles por todos los conceptos; su fuerza moral será la garantía de nuestro triunfo próximo sobre el fascismo. En su actuación debemos condensar nuestros ensueños para que se conviertan en realidad los anhelos y las aspiraciones que anidan en el corazón de los oprimidos, que no son más que ver el mundo libre de toda tiranía. Esperamos de todos la máxima comprensión y la máxima unidad moral y material, para que la disciplina que imponen las circunstancias sea convertida en un deber moral por parte de todos de someternos a la dirección general que puedan señalar nuestros representantes en bien del mando único, en la guerra, para que ésta termine cuanto antes y podamos vivir en paz y armonía dentro de una sociedad de hombres libres e iguales⁹¹⁵.

No mesmo dia 17, o Solidaridad Obrera, continuando sua campanha contra a alta dos preços dos alimentos, publicou novo artigo sobre o assunto. Este afirmou que pouco se fazia para a resolução do problema e que, enquanto fosse respeitado o pequeno comerciante e proprietário em seus antigos costumes, não haveria solução possível, “[...] y no la puede haber porque éstos nunca podrán desprenderse de su arraigado afán de negociar con el hambre de los trabajadores⁹¹⁶”. Além disso, o artigo também propôs algumas medidas para combater tais práticas, entre as quais estavam: 1- coletivizar todo o comércio e reduzir o número deles, e os comerciantes que resistissem a fazer parte da coletividade deveriam perder os meios de aquisição de mercadorias; 2- todos os proprietários deveriam ser obrigados a colocar seus produtos a disposição do Conselho de Abastecimentos, que poderia dispor de cada um deles pagando o preço que se pagava antes, distribuindo onde fazia falta, também tendo o dever de assinalar os preços de compra e venda; 3- todo proprietário que comprovadamente venda parte de seus produtos a um particular, bem como ocultar mercadoria, deveria perder todas as suas propriedades para a coletividade; 4- criação do cartão familiar de consumo, que já existia em alguns bairros. Tais medidas propostas para a resolução do problema dos preços dos víveres iam sempre no sentido de coletivizar o setor, ou seja, pressupunha um aprofundamento do processo revolucionário.

No dia 18, houve nova reunião de Comités pela manhã. O principal assunto discutido aqui foi o novo governo da Generalitat. Puig disse estar estupefato diante da solução para a crise. O Comitê Regional respondeu que isso ocorreu por conta da mudança do Conselheiro de Finanças. Galvez, falando sobre Fábregas, afirmou que “[...] **la campaña subterránea que éste compñaoer ha sufrido**, ha tenido éco, incluso en el Extranjero⁹¹⁷”. Combina queixou-se da nomeação de Doménech para a pasta de Serviços Públicos, pois entendia que cada posto deveria

⁹¹⁵ Ibidem, p. 1, grifos nossos.

⁹¹⁶ WERNÁNDES, Juan. El problema de las subsistencias. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 17 dez. 1936, p. 4.

⁹¹⁷ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 18 de dezembro de 1936 (manhã)**, p. 1, grifo nosso.

ser preenchido por pessoas competentes para ele, o que evitaria o fracasso e revalorizaria a organização diante da opinião pública. Trabal criticou os sindicatos por serem displicentes, muitos dos quais nem mandavam representantes para as reuniões. Gilbert disse que era preciso “[...] **volver a la antigua extroctura y a las normas federativas**, y así se podrá salir de ésta actuación algo caótica⁹¹⁸”. Concordou-se que haveria uma reunião entre os ministros e o Comitê Regional a cada uma ou duas semanas e entre os representantes nos poderes municipais e a Federação Local, além de uma reunião plenária.

No mesmo dia, durante a noite, houve uma nova e importante reunião dos comitês, com participação dos ministros cenetistas que ocupavam cargos municipais e de chefes de colunas. A reunião começou com o Comitê Regional lendo um manifesto levado pelos chefes de centúria, assinado por Ortiz, Jover e Ruano, e que falava sobre o Decreto de Mobilização, especificamente sobre a nova estruturação das Divisões, procurando manter nelas “[...] las características de la ideología anarquista⁹¹⁹”. Na verdade, o medo era de que, com a criação de dez Brigadas com quarenta mil homens cada, fosse perdida a hegemonia do comando. Ortiz falou que o objetivo de tal empreitada era fazer com que a organização tomasse a iniciativa e fizesse uma extensa propaganda para convencer as massas da necessidade de se subordinar aos acordos para o triunfo da revolução, e acrescentou que os estrangeiros têm tomado o comando das colunas, tanto em Albacete quanto em Múrcia e Alicante. Por outro lado, afirmou que uma Brigada que fizesse adesão aos “asiáticos”⁹²⁰ era equipada com armas modernas, mas que eles – os “asiáticos” – ficaram encantados com o valor das milícias, prometendo que caso fosse aceita a disciplina e a militarização, não faltariam armas. Jover falou que as milícias eram boicotadas, o que fazia com que se chegasse a ficar com metralhadoras paradas a duzentos metros do inimigo por falta de munição. Sobre a promessa dos “asiáticos”, Jover afirmou que não acreditava que receberiam armas, mesmo com a militarização. Chegou a vez de Ruano discursar e, assim, ele fez uma pergunta: até que ponto era conveniente aceitar o sacrifício dos companheiros conscientes, que eram os primeiros a se sacrificarem? E completou:

Mandemos, a la fuerza a la MASA, y que ésta ocupe los puestos que tiene que ocupar, y evitemos el sacrificio estéril o precipitado de los conscientes. **Es muy difícil; y en cierta parte peligroso, el obligar a adoptar al miliciano el ambiente que se respira en las trincheras. Este, tiene todos los vicios Sindicales... Le place**

⁹¹⁸ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

⁹¹⁹ Idem. **Ata da reunião realizada no dia 18 de dezembro de 1936 (noite)**, p. 1.

⁹²⁰ “Asiáticos” era o termo depreciativo que muitos anarquistas usavam para fazer referência aos soviéticos que estavam na Espanha a serviço de tal país. Em determinadas ocasiões, servia também para fazer referência aos stalinistas espanhóis.

el discutir, analizar, reunirse, etc. etc. Y nosotros por el contrario hemos aprendido a ser políticos⁹²¹.

Albadetrecu tomou a palavra e fez uma longa fala expondo um pouco dos problemas pelos quais passavam as milícias, bem como sua desmoralização por conta da falta de armas e de comandos ineficientes, o que acabava tendo como resultado a morte de companheiros e familiares queridos. Evidenciou ainda as disputas que existiam entre as milícias das diversas ideologias concorrentes, sendo que muitas delas se sabotavam mutuamente para ficarem com os louros da vitória – ou se livrarem do fardo da derrota – em detrimento das outras. Foi quando Trabal tomou a palavra e disse:

El caso es el siguiente **en este informe que se ha leído, hay conceptos contrarios a nuestra ideología**. Es imposible, que el individuo que ayer en Conferencias, mitines, charlas, controversias, le enseñábamos a ser rebelde independiente, libre en sus acciones, sin perjudicar a los demás. Bueno, sensible, al sufrimiento ajeno, y ahora de golpe y porrazo, hacerlo esclavo, dominarle, que mate y se deje matar, quien sabe si para favorecer a la corta o a la larga a esos que vosotros llamáis asiáticos. **Yo pido, que no se exija que el Comité Regional, haga propaganda militarista. Es una incongruencia, que un Comité de nuestra ideología, haga propaganda guerrera, aunque esta sea necesaria**⁹²².

A tal indagação Santillán respondeu que “[...] estamos en guerra, y hay que crear el instrumento de guerra, y este instrumento es el ejército⁹²³”. Depois foi a vez de Campos falar e, então, Ruano retomou a palavra dizendo que tudo isso era um ato de sabotagem, uma chantagem. Laval disse que isso tudo acontecia por falta de organização militar impulsionada desde cima. Por isso, era favorável à mobilização e à disciplina, assim como propugnou também o incremento da propaganda. Castellote perguntou se não faltariam armas com o novo governo e, com isso, obteve como resposta que seria feito de tudo para que não faltassem. A Federação Local interveio e disse:

Lo difícil de la discusión, es que hablan dos partes afectadas por la revolución. Desde retaguardia, se ven las cosas con cierto temor y recelo, por ejemplo: Representan los compañeros del frente, que están aquí, a la opinión del frente...? y repite que el frente no se avanza, no por falta de disciplina, sino por falta de municiones, **y si allí se quiere ir con la exigencia de una disciplina férrea, probablemente los compañeros conscientes, los puramente revolucionarios cien por cien, se enfrentarán con los que quieran hacer de mandón**, y tendremos que lamentar alguna debacle⁹²⁴.

⁹²¹ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 18 de dezembro de 1936 (noite)**, p. 1, grifos nossos.

⁹²² Ibidem, p. 2, grifos nossos.

⁹²³ Ibidem, p. 2.

⁹²⁴ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

Ortiz disse que qualquer um que tomasse uma atitude anti-confederal deveria ser responsabilizado, e depois de mais algumas falas, Ascaso tomou a palavra e falou:

Yo desde el principio que estoy en el frente, y he podido comprobar, tanto en vanguardia, como en retaguardia, que existen deseos de sabotear y de mala dirección. YO NO ME EXPLICO QUE EN CUALQUIER MOMENTO SE PUEDA FUSILAR A NINGUN COMPANERO POR SENTIR EN UN MOMENTO DETERMINADO LA SENSACION DEL MIEDO. Yo he tenido que hacer, Mitines, en el frente para convencer, a los compañeros que habian de cobrar las diez pesetas, mucho de ellos se resistían a cobrarlas, por que tenían miedo, de ser calificados de mercenarios, y se les tuvo que alegar que su familia había de cobrar que todo iba caro, que todos cobraban, etc. etc. Hay que ir a la movilización, pero Nó, para imponer una disciplina férre, sinó para la responsabilidad de todo el mundo. Al compañero que se le suben las estrellas en la cabeza, hay que mandarlo a fregar, o a abrir zanjas para las trincheras⁹²⁵.

Campos assumiu a palavra e falou que, antes de tomar uma resolução, era melhor passar “[...] ésta por los Sindicatos, pues él, **tiene la firme convicción, de que muchos de los acuerdos no los aceptaron**⁹²⁶”. Depois de várias falas, incluindo a de Isgleas, que expôs seus projetos na área e ameaçou pedir demissão do Ministério, caso as armas não fossem distribuídas mais equitativamente, a reunião foi encerrada.

As duas reuniões realizadas no mesmo dia, 18 de dezembro, foram complementares e bastante elucidativas. Na reunião da manhã, falou-se em “campanha de difamação” contra Fábregas feita, inclusive, no estrangeiro. A ata não informou os motivos dessa afirmação, mas sabemos que Santillán – que substituiu Fábregas no Conselho de Economia – era mais alinhado com as políticas colaboracionistas do que Fábregas, embora este também fosse um colaboracionista. Podemos dizer que Fábregas era mais “independente”, enquanto Santillán era mais “conciliador”. Em uma pasta central como era a de economia, ter um conciliador à frente era mais vantajoso para a manutenção da unidade antifascista. E pressões para que Santillán substituísse Doménech devem ter ocorrido tanto dentro da CNT quanto de fora para dentro. Na mesma reunião, ainda, a fala de Gilabert pedindo a “volta à antiga estrutura e normas federativas” era uma dura crítica ao abandono dos princípios e formas de organização cenetistas, vista por ele e muitos outros como um empecilho para o avanço revolucionário. O discurso de Gilabert na reunião da manhã pode ser avaliado pelo que ocorreu na reunião da noite. Falou-se bastante sobre a questão da militarização. A fala de Ruano foi elucidativa em relação à mentalidade que se estava formando no seio de muitos dirigentes confederais. Ao afirmar que não era justo que se enviasse “companheiros conscientes” para a frente enquanto a massa ficava na retaguarda, propugnando a mobilização geral e o envio forçado para a frente,

⁹²⁵ Ibidem, p. 3.

⁹²⁶ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

Ruano estava criando uma distinção entre os “conscientes” e “inconscientes”. Esse tipo de mentalidade era típico de militares, mas não de milicianos, e isso ficou mais explícito ainda com o restante de sua fala, ao dizer que nas trincheiras os milicianos tinham vícios sindicais – discutir, analisar, reunir etc. –, enquanto os comandantes tinham aprendido a ser políticos. Era uma afirmação totalmente incoerente com os princípios cenetistas, mas que fora feita em uma reunião de comitês. Em resposta, Trabal afirmou que o militarismo e o informe lido no início da reunião iam contra os princípios da organização. Essa mesma lógica estava contida na afirmação da Federação Local, quando foi enfatizado que caso se tentasse impor uma disciplina férrea, os “verdadeiros revolucionários” resistiriam. O fato era que a militarização das milícias significava o fim dos processos de democracia de base e, portanto, figurava como contrarrevolucionária. Por isso, Campos disse que, antes de se tomar uma resolução, era melhor passar as propostas pelos sindicatos, acrescentando que tinha a impressão de que elas não seriam aceitas. Assim, retornamos ao tema da reunião da manhã. Esses decretos, que tinham como missão conter ou estabilizar a revolução, só poderiam ser aprovados caso o regime federativo pelo qual a organização cenetista tradicionalmente era regida fosse quebrado. Então, dirigentes sem controle de sua base emergiam, o que, por sua vez, produzia uma mentalidade típica de burocratas, como era a de Ruano, que desejava levar este processo até suas últimas consequências. Os dirigentes anarquistas cada vez mais estavam entrando em rota de colisão com suas bases.

No dia 19 de dezembro, o *Tierra y Libertad* publicou vários artigos que tratavam, no fundo, das mesmas questões, e que podem ser resumidos em um deles. Neste artigo, afirmou-se que a revolução tinha duas frentes de defesa: a defesa armada e as conquistas econômicas. Com armas, a revolução seria defendida de agressões exteriores, afirmou, mas com as conquistas econômicas seria possível impedir o estado de desconfiança, de medo das mudanças fundamentais, assim como seria fomentada a consciência revolucionária. De modo contrário, uma revolução que se estancasse na metade do caminho acabaria por fracassar, facilitando o caminho dos que aspirariam implantar “governos de plenos poderes”, “governos fortes”, ditaduras de partido, especular com o descontentamento das massas. O artigo ainda salientou que a revolução tinha como acompanhante a guerra, sendo que para ela deveriam ser direcionados todos os esforços. Isso implicaria forçar a economia, resolver os problemas dos abastecimentos das frentes e manter a unidade revolucionária a todo custo. No entanto, tal unidade limitaria o terreno da socialização. Por outro lado, a vitória na guerra só seria possível mediante a utilização de meios adequados, bem como da produção em indústrias apropriadas, o que só poderia ser feito por meio da socialização da produção e do consumo. Dessa maneira,

não “[...] bastan las colectivizaciones parciales, la producción desordenada, la distribución a base de colas desmoralizantes y de diferencias dolorosas en el derecho de compra de artículos de primera necesidad⁹²⁷”. E completou:

Hemos dicho que la victoria y la reconstrucción económica están entrelazadas. Reclama la guerra el máximo rendimiento de la retaguardia. Y la experiencia enseña que no hay mayor rendimiento en cualquier industria que el logra lo cuando se concierta, se coordina, estimulando las iniciativas y creaciones de todas las inteligencias, aprovechando el esfuerzo útil de todos los brazos necesarios. Ha llegado la hora de poner a los Sindicatos de industria en la gestión de la economía. **Por la guerra y por la Revolución, hay que socializar, y como complemento indispensable hay que establecer el consumo equitativo, la distribución socializada.** Los efectivos en armas, víveres, ropa, y la moral de nuestros milicianos, aumentarán indudablemente. El pueblo ha de impregnarse cada vez de mayor fe en la Revolución cuando más pronto vea realizada la justicia en la distribución. El proletariado tiene una misión que cumplir: defender a toda costa la Revolución. Esta defensa exige transformaciones que hay que realizar cuanto antes. Es la clase trabajadora quien tiene en sus manos la solución. Está en sus organismos sindicales la fuerza básica de la nueva economía. El Sindicato, que hasta ayer fue arma de resistencia, ha de ser ahora órgano de producción. No es confiando en los decretos gubernamentales, demasiado constreñido a los problemas transitorios de la guerra, como se ha de efectuar la parte económica de la defensa revolucionaria. Lo que el proletariado no realice, en forma inteligente y coordinada, por el socialismo, por la producción y el consumo socializados, nadie lo realizará. Con esta obra, nuestro pueblo ha de adquirir el ritmo que estos momentos de gravedad exigen. El trabajo, el trabajo en todas las horas del día y la noche, ha de crear prodigios para ganar la guerra y afianzar la Revolución. El parasitismo de la calle y de las oficinas, incubado al calor del poder de las pesetas, ha de desaparecer. La igualdad en el disfrute de lo que haya, debe borrar la rigidez de los rostros femeninos. Y viviendo, practicando en lo posible la igualdad y la justicia, ninguna penuria, ningún sacrificio, nada será negado para la doble batalla en los frentes antifascistas y en la reconstrucción revolucionaria. En tiempos de Revolución, hay que abrirse rumbos sin titubeos. El tiempo urge. La guerra exige. Sin desconocer las dificultades existentes y la sensatez que ha de regir nuestros pasos, nosotros vemos una salida digna de nuestra misión histórica: **SOCIALIZAR LA PRODUCCIÓN Y EL CONSUMO**⁹²⁸.

No mesmo dia 19 de dezembro, o Solidaridad Obrera publicou um artigo no qual defendia que a pequena burguesia não poderia ser sindicalizada. Falou do Decreto de Coletivizações, que coletivizou as empresas com mais de 100 trabalhadores, mas salientou que aquelas com números inferiores ao citado continuariam existindo normalmente. Entretanto, com uma diferença: alguns desses patrões entraram nas organizações sindicais, cuja função era amparar os assalariados, os jornaleiros e os que estavam catalogados como operários. Afirmou que a exclusão destes patrões não deveria ser objeto de discussão, já que seus interesses eram antagônicos, e salientou a paradoxal atitude de quem, “[...] sin dejar de ser patronos, pasan a

⁹²⁷ TIERRA Y LIBERTAD. **Defensa de la revolución.** Barcelona, 19 dez. 1936, p. 4.

⁹²⁸ Ibidem, p. 4-5, grifo nosso.

ingresar las filas de un organismo fundado con el fin exclusivo de defender intereses de los trabajadores⁹²⁹”.

No dia 20, o Solidaridad Obrera encerrou uma série de três reportagens – iniciadas no dia 18 – de Mariano Cardona Rosell em que trazia uma proposta grandiosa: a criação do Conselho Nacional de Economia. Sua função seria resolver problemas econômicos de caráter nacional, em consonância com os órgãos locais que já existiam, como o Conselho de Economia da Catalunha fazia em sua alçada. O autor salientou que já existia um órgão econômico de caráter nacional, o Conselho Ordenador da Economia Nacional, mas que não podia satisfazer as necessidades da revolução. Por isso, deveria ser dissolvido e integrado no novo Conselho Nacional de Economia.

Sólo un organismo de esta naturaleza tendrá capacidad técnica y revolucionaria para determinar el racionamiento de la población del total territorio leal, cortar la elevación de precios de las subsistencias y rectificar las cotizaciones, transformar el procedimiento de distribución o comercio, planear la transformación industrial y agrícola del territorio actual y futuro de la República; coordinar las necesidades de importación y exportación; elaborar y ejecutar los planes nacionales de reconstrucción; estudiar, fomentar, impulsar y realizar la evolución del medio de cambio para los territorios leales, y la transformación revolucionaria y progresiva de la propiedad y de la renta, llegando a la posibilidad de la abolición de las rentas del capital mediante las soluciones que permitan cohonestar las necesidades de la Revolución y de la reconstrucción económica con los compromisos internacionales. En una palabra, el Consejo Nacional de Economía, concebido en esta forma y para realizar estos objetivos, es el organismo que con apremiante necesidad señala para esta hora la Revolución iniciada, si queremos evitar el desconcierto, coordinar los esfuerzos de todos y hacer fecunda la obra ingente que los trabajadores realizan en las trincheras combatiendo al fascismo y en la retaguardia laborando por una nova sociedad⁹³⁰.

Continuando sua exposição, o autor salientou que o novo Conselho Nacional de Economia seria formado com base nos dois sindicatos, CNT e UGT, e com um representante do governo na pessoa dos ministros de atividades puramente econômicas, além de representantes dos conselhos econômicos regionais que existiam, como o da Catalunha e do Levante, além dos governos regionais. Existiriam as representações também das regiões que fossem retomadas dos fascistas e, reforçou o autor, por Espanha também se queria dizer colônias espanholas. A Presidência do Conselho Nacional de Economia deveria ficar com um cenetista, por conta da importância dos libertários na Espanha e também porque a Presidência do Governo estava nas mãos dos marxistas. O número de representantes sindicais em tal Conselho deveria ser de 12, sendo 6 de cada central sindical, de um total de 22 ou 24 membros.

⁹²⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **La burguesía no puede sindicarse**. Barcelona, 19 dez. 1936, p. 3.

⁹³⁰ ROSELL. El Consejo Nacional de Economía. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 dez. 1936, p. 4.

Os acordos tomados por tal Conselho teriam força de lei, e seriam executados pelo governo da república, pelas regiões autônomas ou quaisquer outras autoridades da república, pelas duas centrais sindicais e por órgãos especiais de aplicação. Outra questão é que o Conselho Nacional de Economia seria subdividido em seções, como de exportação agrícola, consumo nacional, exportação industrial, energia etc. Além disso, existiriam os organismos econômicos especializados regionais, como o CLUEA, que teriam representação direta em sua seção correspondente.

O Conselho Nacional de Economia, como se pode observar, tinha uma inspiração bem clara: o Conselho de Economia da Catalunha. Sua função seria muito parecida, mas com abrangência nacional. Tratava-se de buscar integrar as diversas forças políticas dentro de um mesmo órgão ordenador da economia, com participação estatal. Era um órgão misto estatal-sindical. No entanto, além de diferenças quanto à forma, havia uma diferença central. O Conselho de Economia da Catalunha foi formado quando o Estado catalão virtualmente deixou de existir na Catalunha, o que fez com que a Generalitat fizesse de tudo para recompor seu poder, inclusive, pactuar com quem de fato mandava nas ruas – não podemos esquecer que os anarquistas praticamente monopolizavam o movimento operário naquela região até então. A situação nas outras partes da Espanha era completamente diferente. Mesmo que os cenetistas fossem bastante fortes também, não eram majoritários em muitas localidades, o que fazia com que eles tivessem que negociar mais com seus adversários e, inversamente, seus adversários tivessem muito mais poder de barganha do que na Catalunha. Assim, não era segredo para ninguém que comunistas – stalinistas – e republicanos não estavam interessados no processo revolucionário, ainda mais um que saísse de seu controle, e faziam de tudo para o retorno a uma “normalidade” burguesa. Assim sendo, estes somente iriam aceitar uma proposta dessas, que nitidamente enfraqueceria o governo e fortaleceria os sindicatos, tanto em termos políticos quanto em termos econômicos, de forma muito contrariada. Talvez somente por meio da força, o que queria dizer que o Comitê Nacional de Economia só poderia ser criado mediante o rompimento da unidade antifascista.

Em 21 de dezembro, o Boletín de Información publicou o parecer aprovado pela última plenária da Federação Regional de Grupos Anarquistas da Catalunha, embora não tenha mencionado a data em que ela foi realizada. Tal documento pediu a supressão da burocracia, a organização do trabalho por intermédio dos Sindicatos, a socialização da produção. Mas o mais interessante foi a posição tomada com relação ao Estado. Disse o parecer:

Toda la propaganda y la acción del anarquismo se ha basado en el anticapitalismo y en el antiestatismo. Ambas formas del dominio económico y político, significan la negación de los derechos del productor y de las libertades del individuo. El capitalismo tiene en el Estado su instrumento de defensa. La explotación de los obreros, campesinos, técnicos, permite la acumulación de las riquezas y del poder económico – máximo poder para el sometimiento de los desposeídos – en manos de la minoría improductiva. Mediante la legislación que garantiza a la burguesía el derecho de propiedad, con el sistema punitivo carcelario, con las fuerzas armadas modernamente, el Estado es el puntal más sólido del régimen capitalista. Frente a la tesis marxista que asigna al Estado funciones transitorias de creador de la nueva sociedad y sostiene que irá debilitándose paulatinamente hasta desaparecer cuando sea suprimida la diferencia de clases, el anarquismo sostiene la inutilidad del Estado y afirma que su subsistencia después del hecho revolucionario significa la erección de un nuevo poder, de una nueva dictadura, con el consiguiente nacimiento de burocracias privilegiadas, con la lógica implantación del gobierno de partido o del o los jefes del partido dominante. Siendo posible la organización económica sobre bases socialistas, la nueva ordenación económica requiere nuevas formas políticas. La posición anticapitalista y antiestatal del anarquismo se afirma con los hechos históricos y en la seguridad de poder transformar la vida, dando a todos la posibilidad de poder satisfacer sus necesidades a cambio del trabajo con los medios de producción socializados. La organización federativa, de abajo arriba, de la base al vértice, de los organismos económicos y sociales, substituirá al sistema estatal. Esta reafirmación de principios, tiene su razón de ser en estos momentos. Por imperio de las circunstancias de la guerra, la C.N.T. y la F.A.I. han debido intervenir en el engranaje gubernamental. La colaboración impuesta por la suprema e ineludible obligación de derrotar al fascismo, la coexistencia de otros sectores antifascistas, nos han llevado a obrar sacrificando posiciones ideológicas. Pero **ello no ha significado nuestra renuncia al ideario y a las tácticas de lucha que informan al anarquismo**. Esto no quiere decir que la ocupación de puestos de responsabilidad en dependencias del gobierno central y de la Generalidad, a que hemos sido forzados por las exigencias de la guerra, implique un viraje de nuestros conceptos doctrinarios. No. **Seguimos siendo tan anarquistas como antes** y seguimos teniendo del Estado y de las soluciones dictatoriales – cualquiera sea su denominación – la misma opinión. Ante el mundo entero, ante nuestros movimientos anarquistas hermanos, ante los que han torcido deliberadamente la interpretación de los sucesos de España y de nuestra participación momentánea en el gobierno, esta resolución de la F.A.I. tiene un valor inapreciable, histórico, podemos afirmar sin exageración⁹³¹.

Assim, esse documento mostra a confusão generalizada em que o anarquismo espanhol estava imerso. Começou afirmando a natureza capitalista das instituições estatais e sua inutilidade para a construção de uma sociedade igualitária para terminar falando que as circunstâncias ineludivelmente obrigavam os anarquistas a colaborarem com as outras forças dentro do aparelho de Estado, e que isso não era uma renúncia aos princípios anarquistas.

No mesmo dia 21, em Alicante, Federica Montseny, Ministra da Saúde e Assistência Social em Valência, fez um discurso. Ela falou do destaque que era um Ministro da República discursar em nome da FAI. Afirmou que a política, como arte de governar, morreu em 19 de julho e que se ia fazendo a revolução. Salientou também que a missão dos anarquistas era atuar

⁹³¹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Federación Anarquista Iberica**. Barcelona, 21 dez. 1936, p. 4, grifos nossos.

em todas as partes para impedir que um partido, ideia ou homem fizessem com que a revolução se transformasse em ditadura e, para isso, encontraram um campo fértil. Então finalizou:

Nosotros, que jamás queríamos oír hablar de disciplina, hemos tenido que pedirla, porque mejor es pedirla que no que se no imponga. Y nosotros enemigos del ejército, **hemos tenido que pedir la creación del ejército voluntario, para terminar con las asambleas de los voluntarios del frente.** Yo, que he sido anarquista de toda la vida, porque he mamado leche anarquista en lo pechos de mi madre, os acuso a vosotros, porque nadie más que vosotros tenéis la culpa de habernos hecho aceptar los hechos consumados. Si cada uno de vosotros hubiera comprendido que urgía el luchar para vencer al enemigo, nos hubiésemos evitado el aceptar estos hechos. Perdonadme estos reproches, pero acoplados en lo que tiene de justo. **Esta guerra no es una guerra civil; es una guerra de una clase contra otra.** Nosotros sabemos que si ellos caen en nuestras manos, serán indefectiblemente destrozados y lo propio nos ocurriría si fuéramos nosotros los que cayéramos en su poder. Pero no puede pasar por la imaginación de ningún antifascista más que la idea del triunfo total. Si ellos ganan, el estado totalitario aplastaría a la masa obrera y ellos, por su parte, saben que con nuestro triunfo desaparecerían las clases sociales. No es posible, pues, términos medios ni soluciones amistosas. En Francia e Inglaterra no interesa ni el triunfo do fascismo ni el de la revolución. Los galos, porque en seguida se entrarían en situación parecida a la España y los británicos porque desean a toda conta conservar sus colonias⁹³².

No dia 22 de dezembro, o Boletín de Información publicou⁹³³ os acordos do setor da indústria têxtil em relação à coletivização, costurados em uma assembleia geral com membros da CNT e da UGT. Dentre as cláusulas estavam o acordo de se coletivizar integralmente o setor na Catalunha, a formação de um conselho geral de indústria, a criação de um caixa geral da indústria – que centralizaria todas as operações do ramo, de empresas coletivizadas ou não – além de outras medidas. No dia seguinte, o mesmo Boletín de Información publicou extratos⁹³⁴ da Confederação Regional do Centro que manifestava o fim das disputas entre as diversas correntes antifascistas e pedia para que todos só focassem em apenas um objetivo: ganhar a guerra.

O Soli do dia 23 de dezembro trouxe uma matéria em que Doménech, acompanhado por Valejo e outras pessoas ligadas às questões do abastecimento, respondeu Comorera por conta de uma declaração feita no dia anterior. O novo Conselheiro de Abastecimentos afirmou que, ao tomar posse do referido Conselho, não apenas percebeu a falta dos produtos que estavam escassos há tempos como também a cidade estava quase sem trigo, pedindo então uma margem de confiança para ele resolver o problema que não tinha causado. Doménech começou, então,

⁹³² SOLIDARIDAD OBRERA. “**Esta guerra, es una guerra de clases**”, dice nuestra compañera Federica Montseny. Barcelona, 22 dez. 1936, p. 6, grifos nossos.

⁹³³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Industria Fabril y Textil. La colectivización.** Barcelona, 22 dez. 1936, p. 7-8.

⁹³⁴ Idem. **Confederación Regional del Trabajo del Centro.** Barcelona, 23 dez. 1936, p. 5-6.

a rebater as acusações, afirmando que os alimentos mais necessários não faltavam em Barcelona, que muitos da sua equipe iam comprar produtos fora da Catalunha, destacou as dificuldades que enfrentava com falta de divisas, de travas colocadas pelo governo central, de carregamentos vindos do exterior etc. Vale frisar que, mais que números e acusações, o interessante da fala de Doménech foram suas últimas palavras:

Podemos dar toda clase de facilidades a la Prensa para que estudie en nuestro archivo la labor realizada. Y que conste, que durante toda nuestra actuación, desde el primer momento de la revolución, hemos tenido que trabajar contra dos cosas: la primera contra el ambiente general del pueblo, de los trabajadores que se pensaban que la revolución se había hecho a gusto de ellos. Hemos tenido que salvar los intereses de todos los que estaban dentro del ramo de mayoristas y detallistas y hemos tenido que salvar la marcha de la revolución, porque los intereses de los detallistas y mayoristas no abogasen la nueva revolución⁹³⁵.

Doménech deixou claro aqui que, durante sua gestão no Conselho de Abastecimentos, precisou se equilibrar entre trabalhadores “embriagados” com o processo revolucionário e a pequena burguesia do setor, que tinha que ser respeitada, embora não se pudesse deixá-la afogar o processo revolucionário. Cabe salientar, no entanto, que o Conselho de Abastecimentos era um órgão de Estado e, apesar de trabalhar próximo aos comitês, não propunha o aprofundamento da revolução, mesmo que a coletivização do ramo alimentício existisse e estivesse em pugna com o setor privado, principalmente o Sindicato da Alimentação da CNT. Comorera, líder do PSUC e que recentemente havia assumido o Conselho de Abastecimentos, tinha uma linha política clara: a defesa da república e o combate ao processo revolucionário – e, portanto, das coletivizações –, o que implicava em conflito com os comitês. Por sua vez, este combate significava, no campo dos abastecimentos, a defesa dos proprietários contra o setor coletivista, tanto defendendo a propriedade quanto fazendo oposição ao controle de preços, o que teria como consequência a elevação dos preços dos alimentos e as implicações que isso teria em relação aos trabalhadores mais pobres: a fome. As críticas de Comorera a Doménech veiculadas pela imprensa, conforme demonstrou Guillamón⁹³⁶, tinham este sentido.

No dia 24, o Solidaridad Obrera trouxe em sua capa um artigo no qual, mais uma vez, falava em unidade do proletariado. Trouxe também o seguinte texto sobre a socialização:

Ha sonado la hora de la socialización. La primera fase de la revolución que se vive, consiste en el establecimiento de los Comités de Control, que han sido su expresión y

⁹³⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **El compañero Doménech, ex Consejero de Abastos, contesta a la nota de Juan Comorera.** Barcelona, 23 dez. 1936, p. 10.

⁹³⁶ GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936.** Barcelona: Aldarull, 2013.

su organismo funcional; pero es imprescindible completarlo con un paso decisivo: es la socialización integral. Esto debe buscarse sobre la base de los Sindicatos, los cuales deben tomar en mano cuanto antes la dirección de la producción. Talleres y fábricas deben ser controlados por la organización sindical, que eliminará definitivamente la explotación patronal. De lo contrario, ésta cobraría en breve un vigor renovado. La palabra de orden de todos los trabajadores cualquiera que sea su filiación ideológica, debe ser una sola: la producción en manos de los trabajadores por medio de sus organizaciones de clase⁹³⁷.

No dia 26, aconteceu uma nova reunião dos comitês libertários catalães. Ela começou com Santillán “esquecendo por um momento todo seu papel representativo” – a própria ata da reunião assim referiu – e proferindo a seguinte fala:

Esto de actuar en la Política es LA NEGACION DE LA ANARQUIA.... Nosotros que siempre nos hemos MOVIDO sin estado y ahora nuestros propios compañeros son los que quieren TODO legalizado... ”No podemos permitir que grupos sin ser controlados hagan y deshagan a su antojo...; pues con su actuación van creando un ambiente errarecido que nos es óstil a nosotros⁹³⁸.

Todavía, logo em seguida, depois de uma pequena fala de Toryho, Santillán voltou a glosar

[...] los ENCANTOS de la colaboración con los socialeros, diciendo y repitiendo: que el la habia aceptado dicha colaboración, yá que cree que a el ni le han dañado no ofendido ni perjudicado en nada. Yo no puedo comprender la enemiga que se tienen Aurelio y Aguadé. Domenech y Comorera..... yo creo que más bien todo obedece a cuestiones personales. Hay que obrar con sinceridad y nobleza y el malo se distinguirá enseguida; no cuesta nada distinguir lo noble y honrado de lo desleal y politiquero⁹³⁹.

A Federação Local reagiu à fala de Santillán afirmando que existiam vários companheiros que enganavam a todos, mas que a culpa “[...] ES NUESTRA⁹⁴⁰”. Santillán respondeu:

Cuentas y cuentas y cuantas veces se ha interesada para que el MANDO LO TENGA TODO EL ESTADO. Cuantas veces nos lamentamos de que el Estado, no puede llenar de ninguna manera las necesidades del pueblo que por funcion propia de el, embrutece, explota y elimina la parte de superabit que le estorba para su artificial desenvolvimiento. En cambio los Sindicatos (se dice que no estan a la altura que de las circunstancias) y lo único que hemos hecho es TRANSIGIE, obligados por lo que creíamos NECESIDAD circunstancial. !Hemos de procurar de hacernos respetar NUESTRA PERSONALIDAD! Por de pronto No estamos dispuestos de hacer más el papel de BOMBEROS! CAMORERA.. nos dijo en una entrevista que tuvimos ayer; ”Que fué él quien firmó el contrato con Reyes, Sariñena, Rusia y Francia⁹⁴¹.

⁹³⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **La hora de la socialización**. Barcelona, 24 dez. 1936, p. 1.

⁹³⁸ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 26 de dezembro de 1936**, p. 1.

⁹³⁹ Ibidem, p. 1.

⁹⁴⁰ Ibidem, p. 1.

⁹⁴¹ Ibidem, p. 1.

O próximo a falar foi o representante da Federação Local, e depois Doménech. Este defendeu-se das acusações de Comorera, feitas pelos jornais, de que existia falta de alimentos e filas, bem como que isso era provocado por conta da existência de comitês de todo tipo. Doménech afirmou que, enquanto a CNT ocupou a pasta dos Abastecimentos, Comorera fazia de tudo para atrapalhar o trabalho. A Federação Local informou sobre algumas manifestações que estavam acontecendo, inclusive com cartazes – segundo ela, seguramente pintadas por algum pintor da Generalitat –, onde se lia: “Menos comitês e mais pão”. Além disso, ainda segundo a Federação Local, um dos participantes mais incisivos era uma pessoa chamada Martín, que incitava as outras pessoas a irem saquear e queimar as padarias. Depois de mais algumas falas, Castellote afirmou que era impossível estabelecer uma verdadeira lealdade, e que Companys era o primeiro a dar motivos de desconfiança quando dizia que não confiava nas Patrulhas de Controle, e acrescentou: “SOLO los perros con collar de Guardia Civil; Éstos SI⁹⁴²”. Aurelio disse que, antes, todo mundo

[...] llamaba a la Confederación; pero ahora una vez yá ha formado parte del engranaje estatal y se ha podido comprobar que aún dentro de estos inmundos ambientes nos desenvolveremos en forma puramente revolucionaria reconocer el peligro que en todas partes somos para los estataistas y procuran por todos los medios que están a su alcance eliminarnos⁹⁴³.

O próximo a falar foi a Federação Local, enfatizando que por excesso de “[...] colaboración hemos dado vida a partidos que NO existian. Hemos de obligar a que nuestros compañeros se responsabilicen; pero, que NO se pleguen hay que pedir LEALTAD⁹⁴⁴”. Aurelio acrescentou que os comunistas não respondem mais “[...] que a los maquiavélicos deseos que tienen estos de la castración de la Revolución⁹⁴⁵”. Doménech exigiu que a Federação Local cobrasse de Comorera uma posição bem definida, mas que também os cenetistas o fizessem, e de forma escrita. Depois de mais algumas falas, concordou-se que a Federação Local faria pela rádio uma elocução demonstrando a veracidade dos fatos em relação à questão do pão. Com isso, a reunião foi encerrada.

Cabe observar que, nesta reunião, ficou claro que os dirigentes cenetistas estavam bastante perdidos. Primeiro, Santillán fez uma crítica ao colaboracionismo e ao estatismo em que a CNT e os líderes anarquistas estavam totalmente inseridos, sendo que ele próprio era um dos maiores impulsionadores deste processo. No entanto, logo em seguida, ele voltou atrás,

⁹⁴² Ibidem, p. 1.

⁹⁴³ Ibidem, p. 1-2.

⁹⁴⁴ Ibidem, p. 2.

⁹⁴⁵ Ibidem, p. 2.

defendendo a continuidade da colaboração. Mais para a frente, Castellote falou como era difícil manter uma relação de confiança com os demais membros da Generalitat, dando o exemplo de Companys, que desconfiava das Patrulhas de Controle e confiava apenas nas forças policiais de repressão – Guarda Civil – por ela controladas. E isso tinha uma ligação estreita com a questão de Comorera e os protestos contra os comitês, bem como com as reclamações de Aurelio de que a CNT era bajulada antes de entrar no governo e depois que isso foi feito se lutava para eliminá-la. O que acontecia é que a CNT era uma força muito majoritária na Catalunha – e também o era na Espanha como um todo, embora em menor medida –, e não havia como governar a região catalã contra ela. Daí a insistência para que a CNT entrasse no governo. Todavia, uma vez no governo, os ministros cenetistas tinham que se comportar como políticos, governantes, e não mais como trabalhadores e sindicalistas revolucionários. Isso causava choques com os demais elementos que estavam no governo da Generalitat. Além disso, um governo tem que governar, senão ele é só um enfeite. E o governo da Generalitat carecia de poder para se impor e governar. Por isso, neste momento, uma das maiores demandas do governo da Generalitat era a recomposição de sua autoridade, já que muitas vezes ela promulgava decretos, leis etc., que ficavam apenas no papel. Como vimos, isso ocorria porque os comitês de bairro e de cidade – que legalmente haviam sido suprimidos, mas que continuavam existindo na prática ainda em fins de 1936 – simplesmente os desobedecia. E não havia o que fazer. Quando Comorera culpava os comitês pelas deficiências no abastecimento de Barcelona, na verdade, ele estava aspirando uma retomada das funções “normais” da Generalitat. E é por isso que as manifestações eram incentivadas por Comorera e outros membros do governo a partir de dentro da Generalitat. Cabe lembrar também que a proposta de Comorera tinha a intenção de favorecer o livre mercado em detrimento dos comitês, o que atraía o apoio dos setores proprietários descontentes com o processo de coletivização. E, diante disso tudo, mais uma vez os dirigentes anarquistas ficavam espremidos entre os compromissos que as funções de ministro impunham e sua base revolucionária, que era o grosso dos que formavam os comitês e queriam avançar nas conquistas revolucionárias. E essa situação se tornava cada dia mais insustentável em fins de 1936 e início de 1937.

No mesmo dia 26 de dezembro, foi publicado novo número do *Tierra y Libertad*. Neste, alguns artigos discutiram a questão da construção da nova sociedade, sempre falando da concepção anarquista da reconstrução social. Mas o que iremos destacar neste número é um artigo intitulado *Reafirmação Anarquista*, cujo próprio nome diz, tratava de fazer uma reafirmação do ideário ácrata. O artigo salientou que o anarquismo era “único”, no que tange seus princípios doutrinários, pois qualquer coisa que se separasse de seus postulados não poderia

ser considerada um “anarquismo novo”. O capitalismo havia se modificado bastante, mas sua constituição institucional, os elementos que ele se valia para se apropriar da riqueza produzida pelo proletariado e a força que utilizava para resguardar a classe capitalista permaneciam basicamente os mesmos. As mazelas criadas pelo princípio de autoridade também permaneciam essencialmente válidas na teoria anarquista. Assim, continuou, o anarquismo poderia variar em seus métodos de luta, suas formas de alcançar seus objetivos revolucionários, seus sistemas de propaganda e de organização, suas soluções para os problemas segundo o local e a época, mas isso não significava a criação de um “novo” anarquismo. Era a aplicação da mesma teoria libertária. Não se poderia aplicar integralmente soluções preconizadas por Bakunin, Kropotkin, Malatesta ou Faure, nem mesmo o preconizado por anarquistas contemporâneos, sem que se fizesse correções, para que pudessem ser aplicadas em cada contexto. Era na experiência da ação revolucionária que surgiam as diversas propostas, métodos, estratégias etc. Durante muitos anos, o anarquismo discutiu os benefícios da organização ou do individualismo, a intervenção ou não nos sindicatos, o experimentalismo anarquista no seio da sociedade capitalista, alianças revolucionárias circunstanciais etc. Muita coisa foi discutida, proposta, recusada, revista, mas os princípios que deram a razão de ser do anarquismo, segundo o artigo, eram os mesmos. Dito isso, o artigo salientou que os anarquistas espanhóis poderiam ter uma posição acertada ou não nos momentos atuais, mas que

[...] al ocupar puestos en el Estado, ningún anarquista ha renunciado a su pensamiento antiestatal. Lo acepta como fatalidad creada por las circunstancias de la guerra antifascista. No para vigorizar al Estado y hacer avanzar y triunfar la Revolución Social. Lo acepta como imperiosa concesión transitoria. No para poner en práctica una antianarquista concepción del Estado, esperando que nos conduzca a la libertad y al bienestar. Que no hay olvido de nuestros principios, renuncia a lo que dió aliento al anarquismo revolucionario siempre, hipoteca del porvenir comunista libertario por el que hemos dado y daremos sangre y vida, lo prueba nuestra reafirmación en el anticapitalismo y en el antiestatismo, nuestra propaganda a favor de la nueva estructuración económica en base a los Sindicatos y las Comunas, nuestras fórmulas de distribución equitativas y de consumo socializado, nuestra confianza en los productores mismo para la edificación revolucionaria. No hay “anarquismo nuevo”. Hay el anarquismo de todos los tiempos, que escapa a fosilización y adquiere día a día los instrumentos, las herramientas, los medios más eficaces para pesar en los acontecimientos y arribar a la finalidad que persigue. Es nuestro anarquismo, superándose siempre en sus tácticas, más firme que nunca en sus fundamentos sociológicos, humanitarios, redentores. Pero que, para obrar, aspira a ser cada vez más fuerte, dinámico, constructivo⁹⁴⁶.

⁹⁴⁶ MAGUID. Reafirmación anarquista. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 26 dez. 1936, p. 3, grifo nosso.

Assim, para o autor, a adoção do governamentalismo por parte do anarquismo espanhol não era um abandono dos princípios anarquistas, mas uma mera mudança na estratégia e na tática.

Ainda no dia 26, o Boletín de Información publicou dois artigos que mostravam os problemas pelos quais o processo revolucionário estava passando. O primeiro deles tinha relação com os sindicatos e com a economia revolucionária, que estava ameaçada de retrocesso. Disse o artigo:

Reflexionen todos aquellos elementos que creen aún que podrá continuar España con el mismo sistema económico que antes del movimiento faccioso. Nosotros públicamente decimos: que los trabajadores no volverán a aceptar aquellas directrices que arrancan de la cima de los poderes, sino que irán resueltamente a la resolución de los problemas por el principio federalista, que es el alma y el espíritu de las organizaciones sindicales⁹⁴⁷.

O segundo artigo falava contra a militarização, acrescentando que ela era a antítese do anarquismo.

No hay en principio, nada más opuesto a un anarquista, que un militar, tan opuestos como lo son una escuela racionalista y una escuela confesional, como son la paz y la libertad social y la guerra y la opresión entre los hombres. De aquí nacen las reservas con que si reciben los militares en nuestro campo y sobre todo los militares que no leen ni sienten inquietudes de mejoras universales. [...] Sería utópico y descabellado pretender que nuestras juventudes educadas en el más racional de los sistemas, como es la anarquía, se anularan cerebral y moralmente, sometiéndose al autocratismo medieval, del código militar de Carlos III. Se nos repite a diario la manoseada frase de: “en la guerra como en la guerra” y nosotros diremos que en la revolución hay que actuar con sentido y métodos revolucionarios; mientras haya instructores de las milicias del pueblo que tomen por mesnadas acéfalas nuestros grupos sindicales, no podrá llevarse a cabo la formación de las divisiones, asunto que aún cuando a nosotros no nos tiene muy convencidos, al decir de los técnicos, son indispensables⁹⁴⁸.

Em 27 de dezembro, o Soli – e também o Boletín de Información do dia seguinte – publicou uma elocução da Rádio CNT-FAI em que a Federação Local de Sindicatos Únicos e a Federação Local de Grupos Anarquistas falaram sobre o problema dos abastecimentos. Respondendo às críticas de Comorera, foi dito que a crise da Generalitat foi provocada com o objetivo de “[...] eliminar a un partido revolucionario con bastante fuerza en Cataluña⁹⁴⁹” – o POUM –, e que seria bom que não tentassem fazer o mesmo com a CNT. Também falou dos

⁹⁴⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Los sindicatos son la concordia de la revolución**. Barcelona, 26 dez. 1936, p. 1.

⁹⁴⁸ Idem. **Sugerencias**. Barcelona, 26 dez. 1936, p. 7, grifo nosso.

⁹⁴⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **La C.N.T. y el problema de abastecimientos**. Barcelona, 27 dez. 1936, p. 6.

comitês de defesa, defendendo-os da acusação de que eram os responsáveis pela alta dos preços alimentícios, afirmando que isso ocorria por conta da escassez de trigo, uma vez que as regiões produtoras estavam nas mãos dos fascistas. Na verdade, continuou, os comitês inclusive ajudavam a manter os preços, além de garantir sua distribuição mais equitativa. Em uma outra página, José Maria Sbert falou⁹⁵⁰ da questão do pão, afirmando que já se havia comprado trigo e também que se negociava com a URSS para aquisição regular do produto, salientando que a população poderia ficar tranquila e, na próxima semana, tudo estaria resolvido. O periódico ainda publicou uma terceira reportagem⁹⁵¹ sobre o tema em sua última página, embora repetindo os argumentos já enumerados, demonstrando o quão urgente era a questão dos abastecimentos. E ainda houve um quarto artigo no mesmo Soli sobre o assunto, escrito por Gaston Leval. Este fez um histórico da questão da escassez de alimentos em vários outros conflitos, na Espanha e em outros países, para dizer que sua falta era previsível em virtude do conflito. No entanto, acrescentou que não se poderia aceitar que os comerciantes, 6% da população, colocassem o lucro acima de tudo, fazendo seus interesses prevalecerem sobre os outros 94%. E as medidas a serem tomadas deveriam ser mais profundas.

Porque no basta adoptar medidas de tiempos de paz, limitar los precios, castigar con la prisión a los comerciantes que roban en el peso. Esto es disfrazar la propia inactividad, distraer la atención para evitar que se piense en lo más importante. Las medidas deben ser otras. **Hay que socializar la distribución.** La sociedad debe ser dueña de sus medios de existencia, de lo que produce y necesite. **No basta que el obrero se hay adueñado de los medios de producción,** o se vaya apoderando de los mismos. **De nada lo servirá si esta producción pasa a manos ajenas,** que disponen de ella, pueden retenerla, encarecerla, despilfarrarla. **La sociedad debe ser dueña también de la producción y dominar el mecanismo de su distribución**⁹⁵².

Assim, para Leval, a solução dos problemas dos abastecimentos estava na socialização do comércio, ou seja, no aprofundamento do movimento revolucionário.

O mesmo Soli também publicou um outro artigo em que criticou os “incontrolados”, vistos como inimigos da revolução e associados ao fascismo.

A nadie favorecen los grupos incontrolados, más que al fascismo. Son sus agentes secretos. Son fascistas disfrazados y con gente así, la C.N.T., que tiene por misión orientar y salvar la Revolución proletaria, ni quiere tener contacto, ni quiere saber nada. ¿Está claro? [...] **¡Los incontrolados, enemigos de la Revolución y aliados del fascismo antiproletario, deben desaparecer y desaparecerán! Los irresponsables no tienen nada que hacer en este momento en que los organismos proletarios han tomado sobre sí la máxima responsabilidad,** enviando a sus hombres más destacados, con mandatos concretos de las organizaciones para que

⁹⁵⁰ Idem. **Sobre la cuestión del pan.** Barcelona, 27 dez. 1936, p. 10.

⁹⁵¹ Idem. **¡Mas trigo y mejor intención, es lo que hace falta!!** Barcelona, 27 dez. 1936, p. 12.

⁹⁵² LEVAL, Gastón. **¡Socializar la distribución! Solidaridad Obrera.** Barcelona, 27 dez.1936, p. 4, grifos nossos.

actúen con arreglo a la línea de conducta trazada. Oponerse a los designios de los trabajadores, es ayudar desde nuestro campo a la plutocracia fascista, ya vencida y que por desdicha, para nosotros, encuentra todavía en las filas de la Revolución acólitos que se prestan a hacerles el juego⁹⁵³.

Ainda no dia 27, houve uma reunião⁹⁵⁴ de Comités cenetistas no período noturno. O primeiro assunto tratado tinha relação com os periódicos. Depois se passou para as relações entre a Generalitat e o governo central. A primeira parte da discussão sobre essa questão dizia respeito ao controle das fronteiras: a Generalitat deveria cuidar delas sozinha? Após um debate, em que inclusive se acusou os “incontrolados” de facilitar a fuga de fascistas e dificultar a entrada de armas, acordou-se que a Generalitat seria a responsável pelas fronteiras, o que significava que as milícias perderiam seu controle. Depois de vários outros assuntos, a reunião foi encerrada.

No dia 29, o Soli publicou um artigo do Comitê de Enlace sobre o problema do pão, que fora assinado por seu secretário, Bonet. O interessante do artigo é que ele narrou uma conversa que houve no Conselho de Abastecimentos entre Bonet, o autor do artigo, e um representante de Comorera, chamado Vachier. Este falou da intenção de Comorera em dissolver os comitês de bairro – que mantinham treze armazéns de abastecimentos espalhados pelos bairros –, que eram vistos como os culpados pelos problemas de abastecimentos. Em um trecho da conversa Bonet, de forma inocente, perguntou: “¿Por qué han de disolverse estos “almacenes de distribución”? ¿Para formar otros?⁹⁵⁵”. Isso demonstrava, como afirmou Guillamón⁹⁵⁶, que o stalinismo era um fenômeno novo dentro do movimento operário espanhol, difícil de ser assimilado pelos trabalhadores e que tinha uma natureza profundamente reacionária. Tinha-se dificuldade para compreender ao certo quais eram suas práticas. Não passou pela cabeça de Bonet que simplesmente não existiriam mais os comitês. O que estavam aspirando era sua dissolução pura e simples.

No mesmo Solidaridad Obrera, foi publicado um artigo de Federica Montseny. Além de defender a condução do processo revolucionário pelos sindicatos, Montseny fez uma declaração sobre o antifascismo que não era muito costumeira. Disse ela:

[...] el antifascismo como tal, ni es un programa político ni un programa económico. De ahí que nosotros, como anarquistas, levantemos como programa político la bandera del federalismo: federalismo municipal y provincial para llegar a la

⁹⁵³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. Contra los incontrolados e irresponsables, enemigos de la Revolución.** Barcelona, 27 dez. 1936, p. 1, grifos nossos.

⁹⁵⁴ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 27 de dezembro de 1936.**

⁹⁵⁵ BONET, P. El problema del pan. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 29 dez. 1936, p. 6, grifo nosso.

⁹⁵⁶ GUILLAMÓN, Agustín. **La Guerra del Pan: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De diciembre de 1936 a mayo de 1937.** Barcelona: Aldarull, 2014.

confederación de provincias federadas. Y en el terreno económico, levantemos el programa de las organizaciones obreras, convirtiendo a los Sindicatos productores en directivo de la nueva economía, intensificando la producción, regulándola y siendo, de hecho y de derecho, los verdaderos directivos de la economía española⁹⁵⁷.

Assim, Federica Montseny reconheceu que o antifascismo, por mais importante que seja, por si só não tinha um conteúdo político e econômico propositivo algum, limitando-se à negação de uma outra forma político-social: o fascismo.

Ainda no dia 29, o Boletín de Información publicó um longo discurso de Santillán proferido na Casa CNT-FAI. Ele começou afirmando que os anarquistas continuavam inimigos do capitalismo e do Estado, mas que os tempos eram outros.

Las circunstancias han cambiado. Nos han obligado a una colaboración, que por nuestra parte saludamos como bienvenida; nos han obligado a una participación en la obra del Gobierno, que aceptamos porque no era posible otra salida. Si ayer éramos predominantemente un movimiento de oposición y de lucha, que había aprendido el arte de llenar las cárceles y de soportar heroicamente todos los martirios, hoy hemos de actuar como constructores de un nuevo mundo social, político y económico. Y para llevar a un buen término esa gran tarea, todos los medios que las actuales condiciones nos ofrecen son buenos o los consideramos buenos. Siempre que no nos olvidemos de lo que hemos predicado toda la vida: la superación de la economía capitalista y la abolición del dominio del hombre sobre el hombre, que tiene en el Estado su máxima expresión⁹⁵⁸.

Continuando seu discurso, Santillán falou do receio que tinha em relação aos novos membros que entravam para a CNT, pois muitos militantes destacados tinham morrido em combate e os novos que adentravam à organização poderiam desfigurá-la. Também abordou o problema das prisões e do possível desenvolvimento da economia catalã, dando o exemplo que ali havia se iniciado a fabricação de um caminho nacional, o que iria economizar divisas e promover o desenvolvimento da região. Então, Santillán voltou a falar da questão do Estado:

El nuevo Estado de Cataluña, no es mejor ni más tolerable que el antiguo. Es peor, y es peor porque es más grande el parasitismo burocrático. **La burocracia amenaza devorar la revolución. Y a esa burocracia contribuimos nosotros y todos los partidos antifascistas con una cantidad considerable.** Todo el mundo quiere vivir enchufado en alguna consejería o en algún ayuntamiento. Ved, por ejemplo, el caso del orden público. Teníamos antes de la República, el cuerpo de la Guardia Civil; la república quiso una garantía propia y creó la Guarda de Asalto; nosotros hemos creado las Patrullas. Tenemos ya tres cuerpos armados que han de ser sostenidos por el trabajo de los obreros de la industria y de los campesinos. Es demasiado. Y si era gravosa la burocracia anterior al 19 de julio, la nueva a que todos hemos contribuido lo es por consiguiente mucho más. El aparato de Estado ha crecido enormemente y

⁹⁵⁷ MONTSENY, Federica. Función directora de los Sindicatos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 29 dez. 1936, p. 3.

⁹⁵⁸ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sugerencias de orden económico desde el gobierno**. Barcelona, 29 dez. 1936, p. 5.

todos los gastos que implica han de pesar sobre la labor productiva de la tierra o de la industria. No es ya hora de comenzar la poda?⁹⁵⁹.

Santillán continuou com a palabra e, depois de falar um pouco sobre a indústria e o campo, destacou algumas propostas, dentre as quais estavam a não divisão dos trabalhadores, o não encarecimento do Estado – mediante o estabelecimento de salários máximos e mínimos –, estímulo à agricultura, desenvolvimento do comércio exterior, aliança com a pequena burguesia etc. No entanto, o mais interessante aconteceu com relação aos comitês. Disse Santillán:

No puedo reconocer los Comités de control o de incautación como expresiones legítimas de nuestras tendencias a la colectivización, a la socialización. **Esos Comités han de someterse a las concentraciones que tendrán por base las organizaciones sindicales de industria y ser regidos por éstas.** Por encima de los Comités de control, que deben reducirse en sus atribuciones a lo que corresponde a un Consejo de fábrica, están los Sindicatos; por encima de los Sindicatos están los Consejos de ramo industrial; y por sobre las industrias los Consejos locales de la economía o Federaciones locales de las industrias. Y por encima aún de los intereses de las localidades están los intereses mucho más vastos de la región. En el nuevo mecanismo económico, coordinando como solamente puede coordinarlo la organización obrera, no deben persistir los privilegios⁹⁶⁰.

No dia 30, o Soli deu a conhecer que o Sindicato da Madeira estava realizando um Congresso, e que este avançava no sentido de superar a coletivização – que, segundo o Soli, era uma solução passageira – e passar para a socialização. O primeiro acordo do Congresso do Sindicato da Madeira era criar um organismo de caráter regional que dirigisse toda a indústria da madeira e seus anexos, e que solucionaria

[...] el aprovisionamiento de la región, la adquisición de las materias primas, y de este modo, el consumo será abastecido de una manera perfecta, obteniendo grandes economías que favorecerán, no sólo al consumidor, sino a los mismos trabajadores que han tomado sobre si la plena dirección de tan vasta industria⁹⁶¹.

Outro acordo tomado no referido Congresso foi o aumento da jornada de trabalho para 48 horas semanais, com o objetivo de fazer a produção ser intensificada e contribuir com o esforço de guerra, e os trabalhadores que, porventura, ficassem sem ocupação ou subocupados por conta de tal medida seriam transferidos para trabalhos mais urgentes e úteis na indústria de guerra.

⁹⁵⁹ Ibidem, p. 8, grifo nosso.

⁹⁶⁰ Ibidem, p. 10, grifo nosso.

⁹⁶¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. Congreso de Sindicatos de la Madera en Cataluña.** Barcelona, 30 dez. 1936, p. 1.

No dia seguinte, 31 de dezembro, o Solidaridad Obrera falou novamente e de forma rápida da questão dos abastecimentos. Afirmou que Doménech, antes de deixar o Conselho de Abastecimentos, traçou as medidas necessárias para a implantação do cartão de racionamento, necessário para que se evitasse abusos – que vinham ocorrendo – na aquisição de alimentos, com algumas pessoas conseguindo uma grande quantidade enquanto outras ficavam sem. Acrescentou ainda que era sabido de todos as dificuldades que se tinha para a aquisição de trigo, que as organizações faziam o possível para fornecer trigo e farinha mas que mesmo uma pequena contração destes já produzia graves desequilíbrios, principalmente no fornecimento de pão, e causava filas. Também salientou que a situação para o próximo ano poderia ser pior, uma vez que as zonas produtoras de trigo estavam nas mãos dos fascistas e Castela e Andaluzia não tinham produzido. E finalizou:

De momento, la tarjeta de racionamiento encauzará la distribución no sólo de pan, sino de otros artículos de primera necesidad, con los cuales se están haciendo los mismos pequeños acaparamientos. Esperando que nuestra advertencia será escuchada en la Comisaria de Abastecimientos, que por encima de todo debe dar preferencia a este asunto sobre todos los demás⁹⁶².

No mesmo dia, o Boletín de Información publicou um artigo intitulado “Aonde vai a revolução?”, cujo próprio nome já revelava seu conteúdo. O artigo começou afirmando que a colaboração, a relação com a pequena burguesia, o afã de parecer pessoas sensatas ante as chancelarias capitalistas, fizeram com que as diretrizes, os objetivos revolucionários, ficassem confusos e sem contornos definidos. E completou:

Hasta el momento actual, gracias a la actuación decidida de la clase trabajadora, gracias al ímpetu revolucionario de los primeros días, gracias a la obra realizada desde la calle, contrariando las directivas oficiales, se ha llegado a estructurar unos principios revolucionarios mínimos, sancionando en parte lo hecho por la multitud y dando carta de naturaleza a la incautación de los bienes de tipo feudal, limitando el concepto de propiedad, interviniendo las grandes empresas, sociedades anónimas, concentraciones capitalistas y aboliendo la gran propiedad rústica. Esta trayectoria, responde a una revolución de tipo francamente social? Hasta el presente, no. El hecho de que en algunos lugares la clase trabajadora haya rebasado la línea oficial, no altera el conjunto. En sus trazos generales y básicos cuanto llevamos realizado en un sentido revolucionario encaja perfectamente en una tónica pequeñoburguesa, entra de pleno en una revolución de tipo democrático. Dejemos de lado la anécdota. el episodio, el conjunto de violencias desencadenadas, fruto natural de la provocación facciosa, para estudiar sus realizaciones sociales, para precisar la cuantía en que se ha perjudicado al régimen capitalista. En ese sentido han sido lesionados los intereses del clero, de los terratenientes, de la alta burocracia, de la gran burguesía y aún no en un sentido totalitario, mientras quedan en pié las jerarquías sociales, los viejos estamentos del

⁹⁶² Idem. **La tarjeta de racionamiento**. Barcelona, 31 dez. 1936, p. 12.

capitalismo, los engranajes del Estado burgués, el comercio particular, la plusvalía, la propiedad privada y la ominosa ley del salario⁹⁶³.

Assim sendo, continuou o artigo, a revolução não estava feita, o capitalismo perdurava e era preciso não se perder no “acessório”.

Las iglesias destruidas, las casas de caciques incautadas, los terrenos requisados, las fábricas de facciosos que han pasado a manos de los obreros, son meros episodios de la lucha, son accidentes de la revolución, pero poco lograríamos sin entrar en la entraña del problema, sin aniquilar el concepto particularista de la propiedad, sin crear un sistema de producción e intercambio justo, sin lograr que todo lo existente sea puesto al servicio de la colectividad, sin antes librar a la clase trabajadora de la explotación capitalista. [...] Sabemos de pueblos que han implantado el colectivismo integral, mientras que en otros de la misma comarca impera el antiguo sistema de explotación burguesa. Hemos visitado lugares de las provincias de Huesca y de Cataluña, que han ido derechos a realizaciones totalitarias, mientras que en otros aún no se han apercibido de los acontecimientos que se desarrollan. Las posiciones de ajuste, de compenetración, entre los sectores obreros, no son más precisas. Mientras hay quien aboga por la pequeña burguesía, otros defienden posiciones extremas, mientras unos se conforman con el control obrero y el Decreto de colectivización, otros pugnan para implantar un régimen social avanzado, y aun esto, dentro de cada sector, es sostenido de manera empírica, sin plan ni concierto⁹⁶⁴.

Já indo para seu final, o artigo diagnosticou que faltava um plano de conjunto que conduzisse à vitória definitiva dos objetivos revolucionários.

¿Cómo es posible que después de cinco meses largos de revolución no se haya llegado a un acuerdo acerca de las directivas revolucionarias? ¿Es que la revolución es un cataclismo que se está produciendo en el planeta Marte? Para rehuir la realidad revolucionaria se habla de que la guerra absorbe todas las energías, que la guerra es factor que aglutina a todos los sectores en los frentes de lucha, que la inquietud del momento es acabar con el aspecto trágico de la guerra. ¡Muy bien, muy bien! ¿Pero, es que la guerra y la revolución no van íntimamente enlazadas? ¿Tanto cuesta comprender que se lucha en el frente para asegurar la revolución en la retaguardia, como que una moral y un objetivo revolucionario en la retaguardia son la mejor garantía de cohesión en el frente? ¿O es que con tal argucia se quiere escamotear a la revolución que palpitante y viva se manifiesta por doquier? **¿Cómo es posible posponer la guerra a la revolución o viceversa?** Dejémosnos de disquisiciones y de sofismas, **revolución y guerra, guerra y revolución, forman un cuerpo homogéneo aún que sea dos cosas distintas.** Si en los frentes de lucha se combate contra el fascismo, además del instinto de defensa de la provocación que hemos sido víctimas, es por que socialmente representan la iglesia, la gran propiedad, los poderes oligárquicos, lo más podrido y adyecto que ha sufrido siempre el país, e igualmente si se hace la revolución en la retaguardia es porque los elementos causantes da tragedia que vivimos no puedan retornar a sus lugares de privilegio, para que el predominio económico que antes disfrutaban tenga un cauce francamente social, para que su régimen de explotación y de dominio sea substituido por otro más conveniente a los intereses e ideales de la clase trabajadora⁹⁶⁵.

⁹⁶³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Problemas. A dónde va la Revolución?** Barcelona, 31 dez. 1936, p. 4.

⁹⁶⁴ Ibidem, p. 4, grifo nosso.

⁹⁶⁵ Ibidem, p. 5, grifos nossos.

Ainda no dia 31 de dezembro, Juan García Oliver, Ministro da Justiça, fez uma conferência no Gran Teatro de Valência, tratando sobre as novas orientações da Justiça. Afirmou que se poderia objetar que o Ministro da Justiça era um ex-presidiário, mas salientou que toda a Espanha tem sido um presídio, e que a Espanha presidiária venceria a Espanha dos carcereiros. Falou que a Espanha passava por transformações, a revolução não poderia ser separada da guerra e que se estava em uma fase de criações, o que incluía o terreno da Justiça. Oliver afirmou que esta era uma arte e, como tal, altamente humana. Salientou que a Justiça voltou ao povo, depois de ter sido liberada do profissionalismo, e agora ela deveria ser inflexível. Por isso, os Tribunais deveriam prevalecer, completou. Sobre a pena, afirmou que esta deveria variar. Acrescentou que, antes, se afastava o condenado da vida social por instinto, mas sem conteúdo. Sem definição, disse Oliver, havia nas prisões espanholas um escalamento de matizes, e os tribunais, ao condenar, não levavam em conta as condições das diferentes prisões, o que se modificou, uma vez que na Espanha, pela primeira vez, foi definido o conceito da pena. E continuou:

Así, por ejemplo, para los presos políticos habrá internamiento en campos de trabajo, y eso no es prisión, eso no es reclusión, eso no es privación de libertad ni del derecho a hablar, a pensar y a vivir. Para el delincuente común, habrá un régimen más humano que el que antes había. Por primera vez se dirá que el delincuente común no es un enemigo de la sociedad, es acaso una víctima de la sociedad. ¿Quién es capaz de decir que no va a robar obligado a ello para dar de comer a sus hijos y para comer el mismo?⁹⁶⁶

Oliver acrescentou que não queria fazer apologia ao roubo, mas as condições sociais deveriam ser levadas em consideração. Falou ainda na criação de cidades penitenciárias, onde existiriam teatros, universidades, bibliotecas, esportes e tudo o que pudesse contribuir para que os presos fossem homens úteis, e o “[...] Estado no los mantendrá, tendrán salario con el que podrán costearse la higiene, la familia, si quieren⁹⁶⁷”. Quando forem reintegrados à sociedade, acrescentou, serão capazes de lhe prestar uma “utilidade positiva”. Não existiria a condenação de 30 ou 40 anos, e poderia haver revisão a cada dois anos. No entanto, para Oliver, o problema estaria nos presos políticos. Estes ficariam em campos de trabalho. Parecerá

[...] mentira que estol o haya imaginado un ministro anarquista cien por cien; pero es que estos campos de trabajo no serán lo mismo que en Alemania. Aquí y allí hay escuelas y, sin embargo, la obra de unas y otras es completamente contraria. ¿Es que íbamos a tener a esos centenares de delincuentes fascistas, sin producir, viviendo a

⁹⁶⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **Interesante conferencia del compañero García Oliver, sobre el tema: “Nuevas orientaciones de la justicia”**. Barcelona, 1 jan. 1937, p. 6.

⁹⁶⁷ *Ibidem*, p. 6.

cuenta del Estado español? En toda guerra hay que pagar deudas económicas. ¿Es que el daño causado en nuestras ciudades y pueblos, en nuestra economía, han de pagarlo los talleres y fábricas? ¿No trabajáis vosotros? ¿No habéis trabajado siempre? ¿Por qué no han de pagar los hijos de los millonarios, los militares y los curas que tanto daño han hecho? Los campos de trabajo no los hemos creado nosotros. Manteniendo a esos delincuentes y haciéndoles trabajar, pero sin pagarles, podrán ser realizadas obras poco productivas o de producción no inmediata, que en nuestro país hay pendientes. Con estas gentes transformaremos los eriales en tierras feraces. Una población penal de cien mil fascistas, trabajando a pico y pala nos ayudará a transformar nuestros campos en vergeles. Los causantes de la maldición que sobre nosotros ha caído, han de pagarla con su esfuerzo y su trabajo⁹⁶⁸.

Depois de mais algumas falas, García Oliver encerrou sua exposição. O seu discurso, altamente reacionário, chegou ao ponto de defender o trabalho forçado e campo de concentração. Com isso, foi aplaudido por todos.

No primeiro dia de janeiro, o periódico *Guerra di Classe* publicou um texto de Berneri⁹⁶⁹ no qual afirmava que a guerra civil espanhola havia entrado em sua terceira etapa. A primeira etapa teria sido o putsch militar-fascista, reprimida pelas forças revolucionárias, principalmente a CNT e a FAI; a segunda fase seria a da “guerra civil”, quando de um lado existiam as unidades do exército e dos corpos de segurança, enquadrados por oficiais facciosos, e do outro as milícias operárias e camponesas, dirigidas por oficiais leais e controladas por diferentes partidos de vanguarda ou progressistas. Nesta fase, foram evidenciadas características de guerra de guerrilha e desenvolvimentos sociais ou políticos de caráter revolucionário-coletivista, especialmente na Catalunha, Aragão e Levante, onde havia influência da CNT e da FAI. Contudo, para Berneri, já se estaria em uma terceira etapa, que era resultado da intervenção fascista, por um lado, e russa, do outro, mostrando que a guerra civil na Espanha tinha um caráter internacional. O desenvolvimento do conflito espanhol dependeria de fatores externos: os nazistas e os refugiados antifascistas alemães e austríacos, fascistas e antifascistas italianos, russos bolcheviques e brancos, comunistas franceses e católicos irlandeses. Assim, a guerra civil poderia ser ganha no terreno militar, mas o triunfo da revolução política e social estava em perigo, na medida em que o problema espanhol estava ligado aos desenvolvimentos internacionais da guerra civil.

Entre o final de dezembro de 1936 e início de janeiro de 1937, os conflitos entre cenetistas e membros do bloco antifascista haviam sido acirrados, causando confrontos com mortos de ambos os lados. Por isso, em uma tentativa de pacificar suas bases, o Comitê Nacional da CNT e o Partido Comunista fizeram um acordo – de cúpula –, que foi publicado

⁹⁶⁸ Ibidem, p. 6.

⁹⁶⁹ BERNERI, Camillo. La tercera etapa. *Guerra di Classe*. Barcelona, 1 jan. 1937. In: BERNERI, Camillo. **Guerra de Clases en España, 1936-1937**. Barcelona: Tusquets, 1977, p. 210-215.

no Solidaridad Obrera e no Boletín de Información, ambos no dia 2 de janeiro de 1937, e que se resumia a três pontos: não rompimento da frente antifascista; evitar ataques de uma organização contra outras em suas respectivas imprensas; em caso de conflito, que se resolvesse no seio das organizações localmente, e caso não fosse possível, que se apelasse aos organismos responsáveis – não fala quais –, evitando assim a piora da situação. No Soli do dia 2 também foi publicada uma nota de Dionisio Eroles, cenetista e chefe dos Serviços de Ordem Pública da Generalitat. Eroles lamentou os conflitos que ocorriam nas comarcas catalãs, e salientou que se passava por transformações econômicas e sociais, de modo que isso causava conflitos por existirem várias interpretações de como se deveria reger a nova sociedade. E continuou:

A pesar de ello, puedo afirmar rotundamente, sin que nadie pueda desmentirlo, que el orden público va encauzándose en toda Cataluña de tal manera que, si las organizaciones y partidos antifascistas quieren continuar prestando su colaboración y ayuda como hasta la fecha, estoy seguro de que dentro de poco tiempo la normalidad será tal en todo Cataluña, que haremos conseguido que en plena revolución se haya efectuado una modificación radical en el orden concepcional y específico del mismo, convirtiéndolo en una cosa nueva, útil y conveniente a los principios que alientan el ideario de los constructores de la nueva sociedad⁹⁷⁰.

Finalizando, Eroles afirmou que por isso agradecia à Polícia, Grupos de Investigação e Patrulhas de Controle que, há poucas horas, haviam desbaratado elementos da Quinta Coluna⁹⁷¹ que pretendiam provocar violências para facilitar um desembarque na costa catalã.

No mesmo dia ainda, o Boletín de Información, publicou um pequeno artigo da Federação Local de Sindicatos Únicos de Madri dirigido às forças armadas do Estado e aos madrilinhos em geral. Este artigo começou por falar que a revolução mudou o conceito de forças armadas, e que

[...] estas fuerzas están adquiriendo el verdadero sentido de su papel, haciendo de las Organizaciones proletarias sindicales los paladines que luchan al lado de sus hermanos los desherdados de la fortuna contra la injusticia social y el salvajismo incalificable del fascismo traidor, y para garantizar los intereses sagrados de la Revolución en marcha⁹⁷².

⁹⁷⁰ EROLES, D. Importantísima nota de nuestro compañero Dionisio Eroles jefe de los Servicios de Orden Público de la Generalidad de Cataluña. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 2 jan. 1937, p. 10.

⁹⁷¹ Quinta Coluna era um termo que se usava para designar fascistas ou simpatizantes que atuavam na retaguarda antifascista, operando de forma ativa – nomeadamente operando sabotagens – ou adotando formas de ajuda indireta. Segundo consta, o termo se originou por conta de uma fala do General Emilio Mola, um dos líderes do bando franquista que, diante da iminente tomada de Madri – que não acabou acontecendo –, declarou que quatro colunas se dirigiam à cidade, e se encontrariam com uma quinta coluna, que estava dentro da mesma. O termo acabou sendo difundido e foi usado inclusive por republicanos e stalinistas para designar todos os trabalhadores revolucionários, principalmente os “incontrolados”, cenetistas e poumistas, pois suas atividades revolucionárias teriam a intenção de debilitar o legítimo governo espanhol, facilitando assim a vitória de Franco.

⁹⁷² FEDERACIÓN LOCAL DE SINDICATOS ÚNICOS DE MADRID. A todas las fuerzas armadas del Estado y al pueblo madrileño en general. **Boletín de Información**. Barcelona, 2 jan. 1937, p. 6.

Então, o artigo anunciou a criação de um Sindicato de Forças Armadas, filiado à CNT, além da convocação de uma assembleia.

No dia 3 de janeiro, houve uma conferência de Federica Montseny, cujos extratos de sua longa fala foram publicados no dia 4 no Boletín de Información e, na íntegra, no Soli dos dias 5, 6 e 7. Ela afirmou que os acontecimentos não provocaram nenhuma retificação do que era consubstancial na ideologia anarquista, e que, como anarquista, “[...] continuamos siéndolo y perseguimos el logro de los mismos ideales de siempre⁹⁷³”, apenas que eles se adaptaram às circunstâncias.

Por ejemplo si el 19 o el 20 o 21 de julio, nosotros hubiéramos tendido, como pudimos en Cataluña, por ejemplo, a la proclamación del Comunismo libertario, el hecho habría sido catastrófico para todos; como catastrófico para todos habría sido que los comunistas estatales, que los socialistas hubiesen llegado a la realización de sus ideas; porque si todos aspirásemos a la conquista total y que todos perseguimos, la realidad habría sido un frente de lucha roto y las posibilidades libertarias del momento, destruidas por un exceso de impaciencia. Y se ha dado el caso de que hemos sido nosotros precisamente los primeros en dar la nota del buen acuerdo; en dar la nota de la moderación en las aspiraciones; los primeros en comprender que la lucha era por si bastante grande para que necesitara ser engrandecida y darle un carácter que hacía correr peligro a la comunidad⁹⁷⁴.

Continuando seu discurso, Montseny falou sobre a unidade com outras forças políticas e indagou que a intervenção da CNT no governo central e na Generalitat foram obrigadas

[...] por las circunstancias, para evitar que con nosotros se repitiera lo ocurrido a movimientos anarquistas de otros países, por falta de esta compenetración, de esta [ilegível] y de esta habilidad mental, por lo cual se vieron desplazados de la Revolución y vieron cómo otros partidos adquirían la dirección de la misma⁹⁷⁵.

Montseny ainda falou do trabalho construtivo dos anarquistas, de sua desorientação ante os problemas de “índole prática”, da crítica que os anarquistas espanhóis estavam sendo alvo de seus congêneres estrangeiros, do fascismo. Também salientou o caráter anticentralista, federalista, dos espanhóis, que historicamente lutaram contra o poder central, e se afirmou “[...] más discipula de Pi y Margall⁹⁷⁶ que de Bakunin⁹⁷⁷”, completando que “[...] **había en mi más detalles de liberalismo clásico, que de anarquismo**⁹⁷⁸”. Do mesmo modo, afirmou

⁹⁷³ SOLIDARIDAD OBRERA. “El anarquismo militante y la realidad española”. Barcelona, 5 jan. 1937, p. 4.

⁹⁷⁴ Ibidem, p. 4.

⁹⁷⁵ Ibidem, p. 4.

⁹⁷⁶ Francisco Pi y Margall (1824-1901). Foi um importante republicano e político espanhol que fora influenciado pelas ideias proudhonianas e socialistas, principalmente no tocante ao federalismo, sendo então partidário de uma república federal.

⁹⁷⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. “El anarquismo militante y la realidad española”. Barcelona, 6 jan. 1937, p. 4.

⁹⁷⁸ Ibidem, p. 4, grifo nosso.

Montseny, em Pi y Margall se encontravam todos os anarquistas espanhóis. Salientou ainda que a URSS também era federalista e, portanto, os comunistas estatais também o eram, tal como os socialistas – apesar de existir uma tendência centralista –, republicanos e, logicamente, os anarquistas. Assim, salientou Montseny, ao terminar a guerra um

[...] inmenso plebiscito, el plebiscito regional, decidirá libremente por la expresión pública en las asambleas y en todas partes: Primero.– La forma de unidad política dentro del cual puede constituirse la nueva España. Segundo.– La forma de unidad económica que ha de dirigir los destinos de esta nueva España. **Y colectivamente todos, si no somos imperialistas inconscientes, aceptaremos esta fórmula: la constitución de esta Federación Ibérica de República Socialista**, que dará a cada región el derecho a estructurar su vida, de acuerdo con las posibilidades económicas y políticas y con la preponderancia que cada región tenga. Unas y otras tendencias políticas hemos de ver, debemos de ver todos a España con esta concepción confederal, con esta interpretación federal de las nuevas necesidades, que hemos de darle, porque entonces será cuando realmente tendremos una España grande, una España fuerte y una España nueva⁹⁷⁹.

Já caminhando para o final de sua fala, Montseny proferiu que os trabalhadores apenas teriam engajamento na luta se esta tivesse um caráter revolucionário, caso a economia passasse para as mãos dos trabalhadores, bem como a propriedade privada fosse abolida, ao passo que se ficasse nas mãos da burguesia, os trabalhadores perderiam o interesse por ela. Não trabalhariam mais para enriquecer outras pessoas. Eles somente trabalhariam horas a fio para reerguer a economia mediante “[...] una economía dirigida por los trabajadores, por medio de los organismos de control que tiene la clase trabajadora y que son los Sindicatos⁹⁸⁰”. Por isso, era imperativa a unidade econômica da Espanha.

Políticamente, el federalismo nos dará la estructura mediante la cual la región podrá organizar su vida, de acuerdo con la mayor o menor parte de fuerza que regionalmente tenga. Una vez establecida la unidad política a base del federalismo y estableciendo el derecho intrínseco de los trabajadores, se impone de una manera fatal la unidad económica de la clase trabajadora, que convertirá a las organizaciones proletarias para la lucha contra el capitalismo, en organizaciones de tipo político, destinadas a dirigir la nueva Economía⁹⁸¹.

E, finalizando seu longo discurso, Montseny salientou que tudo isso tornava obrigatória a união entre a CNT e a UGT para que, juntas, pudessem construir a nova economia dirigida sem cair em uma ditadura, e salientou que na Espanha “[...] no hemos podido destruir la

⁹⁷⁹ Ibidem, p. 4, grifo nosso.

⁹⁸⁰ Ibidem, p. 4.

⁹⁸¹ Ibidem, p. 4.

autoridad en absoluto, porque si la hubiésemos destruido, habríamos destruido el frente de lucha [...]”⁹⁸².

O esclarecedor da fala de Montseny é que ela introduziu uma fase intermediária na marcha revolucionária, a Federação Ibérica de Repúblicas Socialistas, deixando a questão do comunismo libertário, que era a meta final propugnada pela CNT, ao menos em segundo plano. Na verdade, isso era uma forma de justificar as medidas de contenção da revolução tomadas até então pelos líderes anarquistas e também de retardar novos ensaios revolucionários até que a guerra fosse vencida. Faltava apenas combinar com os comitês de bairro e com os “incontrolados”. Em sua fala, Montseny também reconheceu que a implantação do comunismo libertário somente seria possível mediante o abandono da unidade antifascista, como ficou claro em sua última fala.

Dia 5, houve um grande evento organizado pela Federação Local de Sindicatos Únicos de Barcelona no Gran Price, quando alguns importantes oradores cenetistas discursaram. As falas foram transcritas no Boletín de Información do dia 6 de janeiro e no Soli do dia 7. O primeiro a tomar a palavra foi Doménech, que iniciou bradando por uma colaboração leal. Também disse que os anarquistas não abandonaram sua meta de implantação do comunismo libertário e que a miserável situação em que se encontravam os camponeses fez com que eles fossem um perigo para a revolução, pois poderia aparecer alguém afirmando que a resolução de seu problema passaria por transformá-lo em proprietário. Doménech também advogou pela disciplina.

O segundo a discursar foi Francisco Isgleas, concentrando-se mais em consignas gerais de colaboração, de sacrifícios e de luta antifascista. Depois foi a vez de Gaston Leval, que falou sobre as coletividades. Começou afirmando que a coletivização não era a socialização, em cujo sistema coincidiam a CNT e a UGT. E completou.

La obsesión de los trabajadores ha de ser la socialización, que aún no se ha realizado, y que debemos efectuar enseguida. Cuando leo en cierta prensa que todo está ya realizado, observo que **hay gente que no tiene un concepto claro de lo que es la revolución social. Esta no quiere decir la destrucción del enemigo, sino la plasmación de una sociedad nueva.** Lo que hemos hecho no es lo que habíamos de hacer. Las organizaciones obreras se han de apoderar de todas las fábricas, de todos los talleres, de todos los medios de producción y éstos han de ser dirigidos por los obreros puestos que son ellos los únicos que hasta ahora los han manejado. Nuestra sola preocupación ha de ser esta: hay problemas que se presentan con bastante gravedad porque no han sido tratados todavía con la claridad necesaria. Nosotros en todas nuestras campañas anarquistas hemos usado siempre un lenguaje claro y hemos

⁹⁸² Idem. “El anarquismo militante y la realidad española”. Barcelona, 7 jan. 1937, p. 4.

expuesto con bastante precisión nuestras ideas. Y ahora nos encontramos en los momentos en que se han de conquistar definitivamente nuestras doctrinas⁹⁸³.

Leval também disse que não se deveria coletivizar apenas as empresas que estivessem em boa situação, propugnando a coletivização irrestrita.

O último a falar no evento foi Manuel Perez. Disse que existiam intrigas contra a CNT e que alguém não queria que a revolução social se consolidasse:

No nos encontramos en una guerra civil, sino en una lucha contra el capitalismo y el trabajo. **Todo el mundo afirma que existen grupos incontrolados, pero si no existiesen estos grupos no habría sido posible vencer a los militares el 19 de julio.** Vivimos como vivíamos hace un año. Hemos visto que un comisario pide amplios poderes. Para qué quieren estos poderes? Para combatir a los fascistas? No. Que sepa todo el mundo que es para gobernar sin la C.N.T.; pero no se puede gobernar contra ella. No toleraremos que siga entorpecida la marcha de la revolución⁹⁸⁴.

No dia 7 de janeiro, o Comitê Econômico da Indústria do Pão – CEIP – lançou um manifesto sobre a questão do pão. Este salientou que não tinha nada a ver com a escassez de farinha e com o problema do trigo, e que sua função era “[...] COLECTIVIZAR la industria del pan y evitar, por todos los medios a su alcance, que el precio del pan aumente de una manera escandalosa en perjuicio del pueblo⁹⁸⁵”. Acrescentou ainda que a guerra trouxe consigo a conjuntura para que oportunistas aproveitassem para dobrar ou triplicar os preços dos alimentos, e que os padeiros não queriam que isso ocorresse com o pão. Mas não aceitavam a responsabilidade pelas deficiências na distribuição do pão, pois “[...] la distribución incumbe a la Consejería de Abastecimientos: con la entrega de las tarjetas de racionamiento⁹⁸⁶”. O CEIP ainda salientou que, enquanto a maioria das padarias de Barcelona estavam fechadas por falta de farinha, as cooperativas dispunham de maior quantidade do que precisavam para seus sócios. E então bradou:

La lucha está entablada con todas las consecuencias, y el C.E.I.P. combatirá estoicamente, por todos los medios a su alcance, el acaparamiento de la harina, cuando tanta falta hace en el resto de las panaderías que no disponen de ella. [...] El C.E.I.P. nombró una Comisión investigadora para que procurara dar luz en el asunto y hemos podido comprobar que la mayor parte de la harina de que se proveen las cooperativas es descargada a altas horas de la noche por camiones custodiados por guardia armada, sin que esta harina esté controlada por la distribución de la Lonja. Los obreros panaderos de Barcelona están dispuestos a terminar inmediatamente con tales anomalías provocando, si es necesario, el cese de la elaboración de pan en las

⁹⁸³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La Confederación Nacional del Trabajo afirma su posición revolucionaria en el Gran Price.** Barcelona, 6 jan. 1937, p. 7, grifos nossos.

⁹⁸⁴ Ibidem, p. 8, grifo nosso.

⁹⁸⁵ EL COMITÉ. Mas sobre el problema del pan. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 13 jan. 1937, p. 10.

⁹⁸⁶ Ibidem, p. 10.

cooperativas, que son la principal causa de las deficiencias en la adquisición del pan por parte del público⁹⁸⁷.

No dia 9 de janeiro, ocorreu uma reunião⁹⁸⁸ dos comitês libertários. Toryho leu um informe em que falava das tramoias que ocorriam pelos cafés, criticando seu trabalho como diretor do Soli, citando Gilabert, Borrás e Balias como os responsáveis pelo que estava denunciando. Os dois primeiros tomaram a palavra e fizeram a defesa contra as acusações recebidas. Durante as conversas, foi falado o nome de dois redatores do Soli, Anderis e Blanco, afirmando-se que o primeiro foi um agente secreto nos tempos em que se perseguia e matava os operários e o segundo esteve no reacionário periódico ABC. Toryho, então, ameaçou pedir demissão em solidariedade. Depois de discutirem sobre o tema, quando se enfatizou o perigo que seria caso algum espião estivesse trabalhando dentro do principal periódico da organização, ficou decidido que era legítimo expulsar o redator por ter sido policial em uma época de perseguição aos trabalhadores, mas também se decidiu fazer um esforço para convencer Toryho a não pedir demissão. Foi concordado nomear Gelabert como diretor do periódico La Vanguardia, e Balias como diretor do La Noche.

Também no dia 9 de janeiro, foi publicado uma nova edição do periódico Tierra y Libertad. Os temas discutidos não eram muito diferentes dos que foram tocados nos últimos números, mas eram cadentes do momento. Em um deles⁹⁸⁹, por exemplo, criticou-se os que queriam postergar a revolução para depois da vitória na guerra civil, mantendo no momento a democracia liberal. Em um segundo artigo, falou-se de forma bastante superficial da questão dos abastecimentos, salientando ser natural que, em uma guerra, ocorressem problemas neste sentido, mas que o que acontecia era uma lentidão “[...] de ciertos resortes burocráticos⁹⁹⁰”, além de “[...] maniobras de carácter político hechas en base a esta escasez⁹⁹¹”. Foi também publicado um texto⁹⁹² sobre a unidade revolucionária, apresentando a CNT e a FAI como impulsionadoras da aliança entre os trabalhadores, afirmando que isso acontecia mesmo antes do processo revolucionário e salientando que elas apenas queriam que essa aliança se desse com base em uma perspectiva revolucionária. O mesmo Tierra y Libertad ainda publicou um trecho de um folheto⁹⁹³ dirigido aos camponeses no qual reafirmava que os anarquistas não queriam tirar terras de quem trabalhava, dos pequenos proprietários do campo, embora tenha salientado

⁹⁸⁷ Ibidem, p. 10.

⁹⁸⁸ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 9 de janeiro de 1937**, p. 2.

⁹⁸⁹ TIERRA Y LIBERTAD. **Reconstrucción**. Barcelona, 9 jan. 1937, p. 1.

⁹⁹⁰ Idem. **Seamos fuertes**. Barcelona, 9 jan. 1937, p. 6.

⁹⁹¹ Ibidem, p. 7.

⁹⁹² Idem. **Unidad revolucionaria**. Barcelona, 9 jan. 1937, p. 2.

⁹⁹³ Idem. **Compañero campesino, escucha**. Barcelona, 9 jan. 1937, p. 3.

que o trabalho coletivo era mais recomendado, pois através dele teriam condições de modernizar o cultivo por meio da aquisição de maquinários e outras melhorias, tornando o trabalho mais produtivo e menos estafante, criando um ciclo de desenvolvimento. Todavia, certamente, a grande questão tratada aqui tinha a ver com os princípios anarquistas. Em um dos artigos sobre o tema, afirmou-se categoricamente que os anarquistas foram

[...] a los puestos de dirección, estamos en ellos, por ineludible deber del momento de guerra, en que de nosotros dependía la derrota o la victoria sobre el salvajismo fascista. Hemos sacrificado transitoriamente posiciones ideológicas sin renunciar jamás a nuestra finalidad y a nuestra doctrina⁹⁹⁴.

Em um segundo artigo que tocou a mesma temática, foi afirmado que os anarquistas deveriam estar com os “de baixo” e que as Revoluções não são feitas a partir “de cima”, evocando a Revolução Francesa e suas revoltas camponesas, bem como a criação dos soviets em 1905 e 1917. Salientou ainda que o mesmo ocorria com a Revolução Espanhola, e os anarquistas eram a única força política que salientava a desnecessidade do governo para fazer uma revolução. No entanto, em relação à ocupação de postos do Estado, afirmou o seguinte:

Circunstancias especiales han llevado a camaradas nuestros a ocupar puestos en los más altos sitios del gobierno. Las condiciones de la guerra han sido más fuertes que nuestras posibilidades propias de vencer manteniéndonos al margen de un mecanismo que siempre hemos repudiado. Los dilemas han sido contundentes y la elección hubo de ser rápida, como en todos los actos de guerra, para intervenir en los graves sucesos que desangran a nuestro pueblo. Ha dicho uno de nuestros más grandes historiadores, que los actores de un momento de la historia no pueden dictar sentencia sobre su propia obra. Queda para los que les siguen esa misión. Ellos dirán si pudo o no ser de otra manera. Nosotros estamos en plena convulsión, obramos bajo el acicate de una lucha terrible, nos movemos a impulso de una suprema necesidad de triunfar sobre la bestia, para hacer posible la vida a la nueva experiencia social, a la nueva ordenación económica, al sistema de convivencia que hemos proclamado como el más justo y el más libre⁹⁹⁵.

No mesmo dia 9 de janeiro, o *Solidaridad Obrera* publicou⁹⁹⁶ três ordens que vinham do Conselho de Abastecimentos: não era permitido armazenar trigo ou farinha para pão sem o aval do Conselho de Abastecimentos; todos que os armazenassem – camponeses produtores, industriais, comerciantes etc. – teriam de fazer uma declaração da mercadoria ao Conselho de Abastecimentos; todas as transações de ditos produtos dentro do território da Catalunha deveriam ser controladas pelo Conselho de Abastecimentos. No dia seguinte, o mesmo

⁹⁹⁴ Idem. **Reafirmación**. Barcelona, 9 jan. 1937, p. 2.

⁹⁹⁵ Idem. **Nuestro puesto esta abajo**. Barcelona, 9 jan. 1937, p. 7.

⁹⁹⁶ EL CONSEJERO PRIMERO. Para evitar la ocultación del trigo y de la harina. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 9 jan. 1937, p. 10.

Solidaridad Obrera publicou um pequeno texto das Oficinas de Propaganda CNT-FAI. Este afirmou que os combatentes que estavam na frente de batalha não lutavam pela república democrática, e sim pela revolução, declarando que postergar “[...] el triunfo de ésta para después de ganar la guerra, es debilitar considerablemente las fuerzas combativas del proletariado⁹⁹⁷”, era pretender voltar à situação anterior ao 19 de julho, o que significava trair os que estavam nos campos de batalha, e que teria um impacto no próprio processo da luta contra o fascismo, na medida em que a desmoralizaria. Afirmou ainda que a democracia era apenas uma das formas que o Estado burguês assumia para conter as ânsias do proletariado, e esta forma de Estado poderia dar lugar a outra forma, a ditadura, caso estivesse de acordo com as novas necessidades da classe dominante. Por isso, ela poderia recorrer ao fascismo. Assim, segundo o texto,

[...] si queremos levantar el ánimo de nuestros combatientes e inyectarles entusiasmo revolucionario a las masas antifascistas, tenemos que impulsar la Revolución con firmeza, liquidar los últimos residuos de la democracia burguesa, socializar la industria y la agricultura, al mismo tiempo que creamos los órganos rectores de la nueva situación, de acuerdo con los fines revolucionarios del proletariado. No combatimos, entiéndase bien, por la República democrática; combatimos por el triunfo de la Revolución proletaria⁹⁹⁸.

Em 11 de janeiro, houve nova reunião dos comitês libertários. A primeira discussão aconteceu acerca de uma informação do Comitê Regional, ao afirmar que Comorera tinha um projeto e iria apresentá-lo nesta tarde ao Conselho para aprovação. Mesmo que a ata desta reunião não explicitasse a que exatamente o projeto de decreto de Comorera fazia referência, afirmou que tinha uma tendência para “[...] anular todas las ventajas que conseguimos al principio de este movimiento revolucionario y encauzar las cosas en provecho de la monomanía socialista⁹⁹⁹”. Com isso, pedia-se que Santillán o barrasse. Ademais, acrescentava que

Es tendencia general de todos los compañeros que están presentes, que **hay que ir a la revalorización de los Sindicatos y no de los organismos oficiales**, y que cuando las Conserjerías, necesitan tal o cual cosa, que acudan al Sindicato respectivo que afecta al pedido que ha de hacer y éste se responsabilizará de la entrega y perfección del mismo¹⁰⁰⁰.

Depois de uma fala de Doménech, foi a vez de Trabal, que disse:

⁹⁹⁷ OFICINAS DE PROPAGANDA C.N.T.-F.A.I. La guerra y la Revolución son inseparables. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 10 jan. 1937, p. 3.

⁹⁹⁸ Ibidem, p. 3.

⁹⁹⁹ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 11 de janeiro de 1937**, p. 1.

¹⁰⁰⁰ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

A pesar de que nunca me habeis escuchado, vendrá la fuerza de la razón de los acontecimiento y os convencereis de que aunque torpemente digo la verdad, **hemos de ir por el todo, , hemos de dejarnos de pactos y obrar en consecuencia**; sólo así podremos hacer obra buena¹⁰⁰¹.

Trabal não obteve uma resposta à altura, somente breves palavras de Santillán, e depois a pauta foi mudada, discutindo-se vários assuntos, até que a reunião foi encerrada. Mas sua fala demonstrou que era inegável que havia, dentro do movimento libertário e da CNT, um descontentamento grande com a política de colaboração e suas consequências, e tal insatisfação estava aparecendo não apenas entre os militantes de base, comitês de bairro etc., mas também entre alguns dirigentes.

Também no dia 11, saiu um acordo entre a CNT e a UGT para a coletivização da indústria da construção em Barcelona, demonstrando que, apesar das disputas, as coletivizações seguiam ocorrendo por meio de acordos de base. Foi criado um Comitê de Enlace em uma reunião conjunta dos sindicatos no dia 5, que chegou a determinar alguns acordos, tais como ir à coletivização conjunta da Indústria da Construção em Barcelona, de acordo com o Decreto de Coletivizações, e dividir os cargos do Conselho Geral de Indústria de forma proporcional aos afiliados. Ainda conforme os acordos, as funções do Comitê de Enlace seriam propor ao

[...] Consejo de Economía la colectivización, de acuerdo con el apartado segundo de este pacto; gestionar la rápida legalización de la misma y del Consejo General de Industria; acelerar la municipalización de la propiedad urbana; limar las asperezas que puedan existir o presentarse entre las Secciones, de cualquier índole que ellas sean, entre tanto no se constituye definitivamente el Consejo General de Industria y se pone en marcha normal la colectividad; laborando con toda lealtad y cordialidad para madurar las condiciones que permitan, con el tiempo, **llegar a la formación de una sola central sindical, máxima aspiración del proletariado**¹⁰⁰².

No dia 12 de janeiro, houve uma reunião do Comitê Regional da Catalunha, mas que não discutiu nada de realmente importante para o nosso tema. No entanto, uma fala do secretário deixou em evidência o que se pensava neste momento no seio da Generalitat. Assim descreveu a ata da reunião:

Esta mañana nos ha citado Companys, el cual nos ha dicho: que el Gobierno actual está en la misma situación que el anterior. “**Nadie paga. Nadie obedece. El problema de la guerra malo; el del abastecimiento peor.** Se necesitan 150.000.000 de pesetas para poderguardar a la cosecha venidera. Se acuerda que mañana se celebre una reunión preparatoria para que de ella salgan resoluciones concretas. Se citarán los presidentes de Sindicatos, Consejeros y Concejales, F.L., Bajo Llobregat, y

¹⁰⁰¹ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

¹⁰⁰² SOLIDARIDAD OBRERA. **Acuerdo de las dos centrales sindicales C.N.T y U.G.T. para la colectivización general de la industria de la construcción general de la construcción em Barcelona.** Barcelona, 14 jan. 1937, p. 10, grifo nosso.

Esparraguerra.–Canela, propone hacer una viaje a Tivisa.–Transporte, propone hacer una reunión, para tratar dela necesidad o no necesidad, que tiene tales o cuales, para tener coche¹⁰⁰³.

Isso demonstrava uma questão que já apontamos ao longo do texto. O grande problema da Generalitat, aos olhos de seus principais dirigentes, era que ela não era obedecida. O governo carecia de poder, que na prática estava com os comitês de bairro, que eram qualificados de “incontrolados”. Daí a insistência em esvaziar o poder destes. Era uma condição para que a Generalitat pudesse impor seus decretos, que tinham por objetivo estabilizar o sistema burguês. E os dirigentes anarquistas, que estavam representados no governo, eram pressionados para ajudarem nesse processo controlando suas bases, o que os colocava em rota de colisão com elas. Eles ficavam espremidos entre seus compromissos ministeriais e suas bases, o que os deixava paralisados. E face a esta situação, eles faziam chamamentos pela unidade antifascista – que era a ideologia que dava suporte a este estado de coisas – e pela disciplina.

No mesmo dia 12 de janeiro, o Solidaridad Obrera publicou uma pequena reportagem¹⁰⁰⁴ dando conta de que no último dia 9 as Patrulhas de Controle desbarataram armazéns clandestinos de alimentos, com cerca de 1.328kg de pão e mais diversos outros alimentos.

No dia 13 de janeiro, houve nova reunião dos comitês libertários, com vários pontos importantes sendo discutidos. A reunião iniciou-se com o Secretário do Comitê Regional informando que, no dia seguinte, se encontraria com Companys para falar sobre a situação atual, que para o governo não era diferente da situação anterior. Santillán, o único Conselheiro presente na reunião, pediu que se desse diretrizes para que ele pudesse segui-las. Também acrescentou que se colocava o problema de sempre, o da ordem pública, e completou:

No existe una indisciplina como habiamos propugnado consciente. El Comite, que ha encontrado hien abastecida la caja de caudales del burgues., despilfarra sin acordarse, o mejor dicho sin querer saber nada, que al lado de su fabrica hay otra que carece de recursos y le falta de todo. Todo el mundo ha obrado como si los fondos no tuviesen fin, y claro esta se ha terminado todo. El dinero de los Bancos, los alimentos ya tocan a su fin; todo lo que antes había ahora se ha derrochado. Al principio la C.N.T. y la F.A.I. heran el grito de Esperanza popular, ahora creyendo mucha gente que todos los males es culpa nuestra ya no nos quieren tanto. Hay que volver a ganar ese amor popular haciendo un poco de proselitismo. Por otra parte la ofensiva es seria, por todos los frentes va de mal a peor, hay que estudiar los problemas con serenidad y afrontarlos¹⁰⁰⁵.

¹⁰⁰³ REUNIÓN DEL COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 12 de janeiro de 1937**, p. 1, grifo nosso.

¹⁰⁰⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **Otro brillante servicio prestado por las Patrullas de Control**. Barcelona, 12 jan. 1937, p. 4.

¹⁰⁰⁵ REUNIÓN DEL COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 13 de janeiro de 1937**, p. 1.

Alcon tomou a palavra e fez uma longa fala:

Veo de una manera muy distinta, las cosas que no Santillan. El problema es el mismo el de ayer que el de hoy. En realidad, **la C.N.T. es la responsable de todo pero, al inversa de la manera que lo expresa Santillan**. Nosotros, mas que una obra de construcción hemos hecho lo contrario. Si la Confederacion hubiese hecho al principio obre demoledora de todo lo malo y reconstructiva de todo lo bueno, no permitiendo que lo no existente cogiera cuerpo de realidad sin que en realidad existiera como es el Partido Socialista. Se señala a la C.N.T. como responsable, se pretende olvidar que hay un pacto entre la C.N.T. y la U.G.T. Si la C.N.T. hubiese obligado a la U.G.T. harealizar el acuerdo de la colectivizacion, no nos dirían ahora perturnadores del orden.– En lo referente al Orden Publico hemos de decir lo siguiente. Como que al principio heramos carne de cañon! claro! todo era la C.N.T.; mas como ahora ya hemos sacado el carro del fangal ya tenemos todos los defectos Hay que conocer al partido Politico que tiene la cuadruple barra de vivir a expensas de nosotros y de lo que el dice amar tanto... o sea Cataluña. Y ahora como no ven oposicion (por que nosotros no la hacemos) van respirando y miran a su alrededor, y como no ven peligro porque hemos hecho esta alianza..! se ven con corage de llegar a la campaña de difamacion, que haora hace. **Todo eso sucede porque nosotros hemos hech demasiadas dejaciones** ?una prueba? El dia primero del año la Generalidad, pasando por encima de nuestros acuerdos acuerdo que fuera fiesta, cuando nuestro Sindicato tuvo conocimiento de ello, destaca unacomisión compuesta de 20 o 30 compañeros COMPLETAMENTE LEGALIZADOS, paraque fueran a aconsejar la apertura de las tiendas. En mitad del paseo de Gracia encontramos a nuestro compañero Eroles, y alguno de sus ayudantes, los cuales nos hicieron volver atras, y al dia siguiente un tal Rodriguez, de la acera de enfrente, tuvo ladesfachatez de decir “QUE ERAMOS UNOS INCONTROLABLES”. En cuanto la Economia hay mucho que hablar; Pues mientras hay compañeros nuestros que ganan un jornal irrisorio, y se conforman con el aumento de horas de trabajo que las circunstancias obligan Hay individuos dela U.G.T. y de la C.A.D.S.I. ganan ciento y pico de pesetas/. !No hay derecho que siempre tengamos que ser las eternas cenicientas, **reforcemos los Sindicatos y dejemonos de intervenir en la Politica**¹⁰⁰⁶.

Continuando a discussão, Madeira afirmou que

[...] no tenemos la culpa de que hayan comenterios clandestinos: Seguramente con el tiempo se tendrán que ampliar estos y hasta las calles lo seran, donde se veran los cadáveres, que recordaran que en vida habian sido unosfascistas, y que ahora están emboscados, nosotros en vista de que se retrasa la colectivizacion, nos hemos incautado de las evanisterias y de las tiendas de muebles, por que asi lo creemos necesario, y si el dia de mañana; el lunes, por ejemplo, creemos conveniente declarar la huelga general del ramo aunque sintiéndolo muchisimo la declararemos. Nos fijamos mucho en las anomalias que existen todavia, hay patronos que estan cobrando como obreros, y con esta excusa la Generalidad les paga, se les pignora lo que pueden con esta excusa. **Han llegado inclusive a autorizar una asamblea de patronos, para constituir una patronal a la antigua usahza**. Hay que racionalizar la comida, pues hay quien pasa hambre, hay muchisimos que con dinero se hartan, como antiguamente. Eso repetimos lo que han dicho otros compañeros, son nuestros Consejeros que lo tienen que denunciar. Y referente a las manifestaciones nadie puede y deben ignorar, que es la Generalidad que por mediacion de los Socialistas las han promovido¹⁰⁰⁷.

¹⁰⁰⁶ Ibidem, p. 1, grifos nossos.

¹⁰⁰⁷ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

Em seguida, falaram Aurelio e Construção, para depois Santillán retomar a palavra e dizer:

La gente que vuelve o no quiere a su cauce normal Garcia Oliver ya lo habia dicho antes de la revolucion “El pueblo se desbordara y tendremos que emplear al rigor”.– **Si no queremos el Gobierno; dejemos ahora mismo de Governar, pero ¿tenemos algo que lo sustituye?**. Esa es mi pregunta. Pues la esencia de **la indisciplina esta en todas partes no solamente en nuestro campo sino en el de los demás**¹⁰⁰⁸.

Trabal tomou a palavra pedindo para que os Conselheiros fossem mais enérgicos e solicitassem o que a organização esperava deles. Fabril concordou em partes com Santillán, e disse que era preciso demitir Aguadé e Comorera. Artes Gráficas falou de uma tentativa frustrada de tomada de um periódico por parte dos anarquistas, que acabou sendo protegido pelo governo. Então, interviram Portela, Espectáculos Públicos e Barrueso,

[...] los cuales coinciden que despue de seis meses, que podíamos haver ido revalorizando las cosas, y por no haber querido o sabido organizar los organos que necessita la Economia nos encontramos como estamos, en cambio los de la acera de enfrente van con la mal sana intencion unica de retroceder a la sociedad antigua. Yo propondria que se hiciese un Gobierno a base de la C.N.T. y U.G.T. y que estas Organizaciones fueran las unicas que controlaran la vida de nuestra región¹⁰⁰⁹.

O próximo a falar foi Transporte Marítimo, que disse:

Nuestra situacion esta noche es dificilísima. Hemos de acordar cosas que ignoramos; mañana hemos de sostener nuestra posición y aun no sabemos a ciencia cierta lo que nos propondran. **Ni la Generalidad ni nadie tiene autoridad para decirnos incontrolables**; pues los obedientes los domesticados, los subordinados los almas de esclavo, tambien hacen lo que se les antoja. El mar esta como no debia deestar. De ese paso no bamos a permitir que salga nadie muera quien muera¹⁰¹⁰.

Mascarelll falou que

[...] mañana hemos de ir a ver al Sr. Companys, ¿y para que? yo digo hasta qu punto nosotros debemos y podemos acudir? **Si estamos conformes con lo que hace el Gobierno de la Generalidad, si ellos están desconformes de nuestra incauciones, ¿Que problema podemos solucionar entre ellos y nosotros? la situacion es irrisoria no sabemos nada en concreto**¹⁰¹¹.

¹⁰⁰⁸ Ibidem, p. 2, grifos nossos.

¹⁰⁰⁹ Ibidem, p. 2.

¹⁰¹⁰ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

¹⁰¹¹ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

Depois de mais algumas falas, a reunião foi encerrada com o Secretário fazendo um resumo.

Assim, essa reunião foi um tanto conturbada. Os líderes cenetistas estavam perdidos e pareciam “atolados até o pescoço” em um processo de colaboração que não lhes era favorável. O problema da ordem pública, invocado por Santillán, era o da revolução. Os “incontrolados” eram, em sua maioria, os que queriam impulsionar o processo revolucionário, que visivelmente estava em retrocesso, como demonstrou a fala do representante da Seção da Madeira ao dar conta de uma permissão concedida para que a burguesia fizesse uma reunião com o fim de fundar uma organização sindical. As falas em torno de retirar a CNT do governo também eram um sintoma dessa crise revolucionária, já que a colaboração não estava trazendo os resultados esperados. O bloco antifascista estava sendo deteriorado rapidamente.

No dia seguinte, dia 14, o Soli publicou um pequeno artigo¹⁰¹² dando conta que a Federação de Cooperativas da Catalunha havia feito um manifesto em resposta à publicação do CEIP do último dia 7. O periódico salientou que não conseguiria executar a reprodução na íntegra do referido manifesto por conta da escassez de papel, mas colocou alguns trechos em que a Federação de Cooperativas destacava que saiu pelas comarcas catalãs em busca de trigo ou farinha e, em posse deles, fabricou pão em seus próprios fornos. Tudo isso teria sido feito com autorização e, portanto, figurava no carnê de racionamento. Salientou ainda a esperança de que o problema do pão estivesse resolvido, uma vez que havia ajudado o Conselho de Abastecimentos a adquirir matéria-prima em Paris na semana de 20 a 27 de dezembro, com autorização do Conselheiro anterior, Juan Doménech, e caso o carregamento ainda não tivesse chegado, estava para chegar.

No mesmo dia 14, o Boletín de Información publicou um artigo falando sobre a socialização. Disse que a CNT estava se lançando na tarefa de preparar as mentes para o próximo passo: a socialização. Afirmou que não era possível manter a economia metade no sistema passado e metade no novo sistema, tornando a socialização uma necessidade.

El colectivismo, teoría económica de nuestros antecesores de la primera internacional, debe dejar paso al comunismo, que respetando las peculiaridades de cada colectividad, las solidarice de manera que sea imposible el estado prospero de una colectividad en tanto que la otra se debate en una situación precaria. Comunismo en la variedad; conjunción de esfuerzos todos hacia una finalidad común: vivir la vida en toda su amplitud. Todo ello a través de la revalorización de los sindicatos como agrupaciones de producción y su consiguiente entrelazamiento en federaciones de industria que permita en cada momento saber a qué atenerse respecto a las necesidades en conjunto de una determinada rama de la producción. Organización federalista de la producción partiendo de la célula radicante en la fábrica, taller, mina, obra o campo para ir

¹⁰¹² SOLIDARIDAD OBRERA. **Mas sobre el asunto del pan.** Barcelona, 14 jan. 1937, p. 10.

ampliando las relaciones de una misma rama a través de los órganos de relaciones comarcales, regionales y nacionales, con un consejo de industria encargado de la estadística, distribución y estudio de la producción a realizar y posibilidades de mejora. Todo ello pasado a "referendún" por medio de Congresos periódicos en las calles esté representada la totalidad de obreros empleados en aquella industria. Riqueza social en posesión de los trabajadores, no como propiedad, sino como usufructo de una herramienta de trabajo con la cual es útil a la sociedad al mismo tiempo que a él mismo como parte integrante de esta sociedad. Junto a esa relación nacional, la relación local de todos los trabajadores por medio de las federaciones locales de sindicatos que haría cargo de la vida económica de la población. A eso tiende la socialización; a poner en manos de los trabajadores todo lo que a producción se refiere, como elemento competente por su contínuo trato con lo que es medio de vida suyo y de la comunidad¹⁰¹³.

No dia 15, o Solidaridad Obrera publicou uma pequena nota¹⁰¹⁴ evidenciando que, no dia anterior, as Patrulhas de Controle haviam descoberto mais quatro ou cinco depósitos clandestinos de alimentos. No mesmo dia, o Boletín de Información publicou um manifesto do Sindicato Único da Distribuição, Seção de Alimentação, que mostrou um pouco como ocorriam as disputas entre o mercado socializado e o mercado privado, que se baseavam em coerções mútuas. Neste caso, era o setor de alimentação, mas situações análogas ocorriam em outras áreas da produção. Diz o manifesto:

Diariamente viene compañeros nuestros a denunciarnos que comisiones de esa entidad "G.E.P.C.I." pasan por establecimientos coaccionando a los detallistas, que despojados en parte de sus prejuicios comerciales que tenían antes del 19 de julio pasado, debido a la labor que venimos realizando en ellos, hoy, con su carnet confederal en el bolsillo (exclusivamente los que viven de su trabajo, sin explotar a trabajador alguno), honrando al mismo, están en nuestras filas esperando en que la Organización crea el momento oportuno para ir a la colectivización del detalle en Barcelona, o a la creación de Cooperativas Sindicales, para ser sus primeros soldados, ya que, según nuestro punto de vista, es la única solución de acuerdo con la implantación de la tarjeta de racionamiento, de terminar con todos los abusos que venimos sufriendo en la retaguarda. Esas coacciones consisten en amenazarles en el sentido que, teniendo según dicen esa gente, mandato de la Consejería de Abastos, van a ser ellos, de ahora en adelante, exclusivamente ellos (dejando al margen los auténticos trabajadores revolucionarios) los encargados de llevar a cabo la distribución en Barcelona, requieren y coaccionan a los detallistas no afiliados a ellos que, para tener opción a la distribución, han de afiliarse a la famosa ex entidad patronal CIRCULO DE ULTRAMARINOS, hoy "G.E.P.C.I.", y los que quieran continuar con el carnet confederal, se les saboteará el suministro de víveres, el cual, hasta estos días, había sido llevado a cabo por mediación de nuestros Comités de Abastos en Barriadas, equitativamente, sin mirar privilegio alguno a la filiación de cada cual; una prueba de ello es que, hasta hoy, en todos los establecimientos de Barcelona había poco o mucho géneres de todas clases. Otra denuncia gravísima, y de eso tomen buena nota nuestros representantes en Hacienda, consiste en que ha llegado a nuestros oídos los chanchullos y martingalas que, por lo que se refiere al reparto de contribución, ha venido realizando esa gente, en el sentido de que, los que se afilien a esa entidad, tendrán la contribución reducida, cargando en contra a los que se mantengan al margen de ella. Sabemos de algunos grandes colmados que apenas pagan la misma,

¹⁰¹³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Socialización**. Barcelona, 14 jan. 1937, p. 2-3.

¹⁰¹⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **Los enterradores de comestibles**. Barcelona, 15 jan. 1937, p. 12.

recargando a los pequeños lo que aquellos dejan de pagar, ya que son de hecho ellos los que la reparten¹⁰¹⁵.

E o artigo terminou com um apelo para que este estado de coisas fosse encerrado, bem como afirmou que iria proceder “com toda energia” perante as novas coerções que o setor realizasse. E ainda fez uma indagação:

Los “irresponsables”. “los incontrolables”, vamos a ser precisamente los que salgamos a hacer respectar el acuerdo y pacto firmado entre ambas Centrales Sindicales, el cual dice textualmente: “que cada Organización respetará, sin trabas y coacción alguna, la libre sindicación de los trabajadores todos.” Para final, un ruego y advertencia a los trabajadores mercantiles de la U.G.T.: **Hasta cuándo váis a consentir que una entidad patronal sea de hecho quien os represente en el seno sindical de vuestra Central?**¹⁰¹⁶.

No dia 16 de janeiro, aconteceu uma nova reunião¹⁰¹⁷ dos comitês libertários. O tema foi centrado em Ortiz e seu comportamento no comando de sua coluna, com duras críticas sobre seu autoritarismo, falando-se que alguns milicianos queriam até abandonar a coluna em razão disso. Chegou-se, inclusive, a pedir sua destituição. No entanto, depois de várias falas e muita discussão, acabou-se por se chegar a um acordo, embora o Comitê Regional tenha enfatizado que ele teria que moderar em sua atuação.

Também no dia 16 de janeiro, foi publicado um novo número do *Tierra y Libertad*, tocando basicamente nos mesmos assuntos dos últimos números. Tratou-se¹⁰¹⁸ da questão da manutenção da unidade, salientando que os divisionistas não conseguiriam ter êxito em seus trabalhos porque os trabalhadores antifascistas estavam unidos na mesma luta. Um segundo artigo¹⁰¹⁹ reclamava uma distribuição equitativa, salientando que a igualdade não descansava apenas na socialização dos meios de produção, mas também na distribuição equânime dos produtos do trabalho, pois, caso contrário, o ímpeto dos trabalhadores diminuiria. Por isso, salientou, era necessário alcançar o mais rápido possível o nivelamento econômico, o racionamento, a igualdade dos produtores. Falou-se¹⁰²⁰ se na sindicalização da indústria, isso é, sobre a tendência de reorganizar o movimento sindical para que eles tomassem a forma de sindicatos de indústria, o que favoreceria a socialização das indústrias e sua gestão pelos sindicatos. No entanto, o mais importante artigo dessa edição do *Tierra y Libertad* tratou da

¹⁰¹⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sindicato Único de la Distribucion. Sección de alimentación.** Barcelona, 15 jan. 1937, p. 2.

¹⁰¹⁶ Ibidem, p. 2-3, grifo nosso.

¹⁰¹⁷ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 16 de janeiro de 1937.**

¹⁰¹⁸ TIERRA Y LIBERTAD. **Unidos, venceremos.** Barcelona, 16 jan. 1937, p. 2.

¹⁰¹⁹ Idem. **Distribución equitativa.** Barcelona, 16 jan. 1937, p. 3.

¹⁰²⁰ Idem. **El Sindicato Reconstructor.** Barcelona, 16 jan. 1937, p. 7.

união dos produtores, mas também denunciou uma tendência de centralização do processo revolucionário.

Apareció la plataforma de la dictadura, de la centralización de todo el poder, de todas las atribuciones, de todos los pasos a dar en la economía y en la vida social, en los resortes del gobierno. Es la vieja y fracasada solución de los que desconfían de la capacidad del pueblo o quieren anularla para poder reinar sobre él. Es la gastada salida de los sectores autoritarios que después de todas las revoluciones populares aparecen reclamando transitorios plenos poderes, profetizando la desaparición de toda dictadura, de todo dominio político, de cualquier centralización del poder, para dentro de un plazo más o menos corto. En España sería trágico que se empeñaran esos elementos en sostener la necesidad de un gobierno de fuerza y de renunciar a la nueva estructuración de la sociedad. Porque en España el centralismo no puede prosperar; porque eso implicaría una lucha violenta, tan terrible como la actual quizás, entre diferentes sectores antifascistas. Porque en España existen poderosas organizaciones libertarias y una voluntad obrera que reúne a los individuos de todas las ideologías, puesto que ningún obrero puede estar disconforme con regir por sí mismos, desde sus propias organizaciones, los destinos de la sociedad. Porque en España sería imposible resolver el problema económico con una separación entre diferentes regiones, con un desorden y una falta de coordinación económica que son las peores trabas para la reconstrucción. Porque en España hay una tendencia que ha de luchar hasta la muerte para impedir el entronizamiento de cualquier dictador, del color político que fuere, y hay un pueblo que ansía por encima de todo ser libre. Cargarán con la responsabilidad los que rompan la unidad revolucionaria del proletariado. Éste ha de proseguir realizando en la retaguardia su obra transformadora, ha de seguir sellando la unión entre los productores de la ciudad y del campo, en la seguridad de que pueden organizar la vida sin apelar a dictadura de ninguna clase, por más bellas frases y más refinada dialéctica que pongan sus propulsores. Hay para los trabajadores un factor que le resta importancia a los políticos enamorados de los gobiernos fuertes por ahora y la dictadura para cuando derrotemos al fascismo. Es el trabajo, es la producción, es el transporte, es el armamento, es la vida toda que está en sus manos. Solamente la base de los organismos económicos puede hacer viable la marcha hacia la Revolución totalitaria. Solamente los obreros en sus Sindicatos, Comunas, Municipios, pueden organizar la nueva sociedad. Por encima de la política y de los políticos están los productores¹⁰²¹.

No mesmo dia 16, o Boletín de Información publicou dois artigos que propunham a socialização, fosse como um meio de ganhar a guerra, fosse como cumprimento de uma cláusula do acordo costurado entre a CNT e a UGT. As pressões pelo avanço do processo coletivizador e revolucionário, em meados de janeiro, ainda eram bastante fortes, e o choque com a Generalitat e seus maiores impulsionadores – PSUC e republicanos – tornava-se cada vez mais inevitável.

Nos dias 16¹⁰²² e 17¹⁰²³, o Solidaridad Obrera publicou uma reportagem – dividida nos dois dias – sobre o Sindicato da Alimentação. Falou-se sobre como era formado o sindicato e sobre a questão dos abastecimentos, dando conta da questão do leite – que estava em falta,

¹⁰²¹ Idem. **Por encima de la política, los productores**. Barcelona, 16 jan. 1937, p. 6.

¹⁰²² SOLIDARIDAD OBRERA. **El Sindicato de la Alimentación organismo básico de la guerra**. Barcelona, 16 jan. 1937, p. 4.

¹⁰²³ Idem. **El Sindicato de la Alimentación organismo básico de la guerra**. Barcelona, 17 jan. 1937, p. 4.

conforme o entrevistado, porque se enviava mais leite condensado para a frente de batalha e porque aumentou o consumo –, do azeite e outros mais. No entanto, o que mais nos interessa é a questão do pão. O entrevistado afirmou que há cinco meses já havia sido notada a necessidade de criar estoques consideráveis de trigo em Barcelona, e que foi avisado ao Conselho de Abastecimentos. A proposta era que se importasse o trigo, o que foi negado para manter reservas. Afirmou também que, em julho, foi feito um estudo constatando que havia trigo para mais três meses e, em 29 de agosto, foi enviado para o Conselho de Abastecimentos um informe detalhado afirmando que Barcelona tinha substâncias de trigo e farinha para mais quinze dias apenas. Sobre os momentos atuais, foi falado que se estava apelando para as coletividades aragonesas, sem intermediários. E, no final, falando sobre a atuação direta do Sindicato da Alimentação na luta contra os insurretos, afirmou que, em 19 de julho, foram levantadas barricadas e ocorreram lutas com algumas perdas, como a do Presidente do Sindicato. Entretanto, o mais importante, completou, “[...] el abastecimiento de la ciudad fué aquellos días completo y normal¹⁰²⁴”.

No dia 17, o Sindicato Único da Alimentação publicou no Soli uma resposta ao Conselheiro de Abastecimentos, Comorera, que havia feito críticas por meio da imprensa no dia anterior. Afirmou o sindicato que era reprovável, em uma época de escassez de farinha, permitir que certas organizações fizessem armazenamentos e distribuições “[...] con el exclusivo propósito de torpedear la obra socializadora de los organismos sindicales de la C.N.T. y de la U.G.T. y hacer resurgir concepciones improprias del actual momento revolucionario¹⁰²⁵”. Ressaltou ainda que o Conselho de Abastecimentos,

[...] en vez de distribuir equitativamente la harina en todas las tahonas de la ciudad, sin distinción, ha impulsado la fabricación del pan en diversos establecimientos que han quintuplicado en muchos casos su normal producción. Ello ha motivado que en gran número de tahonas no se haya podido expender pan, y muchos ciudadanos han quedado sin comerlo, mientras en determinados sitios ha habido cinco veces más que normalmente. Tenemos datos suficientes para demostrar estas manifestaciones y al no lo hacemos es porque no creemos llegado el momento ni deseamos llegue nunca de exigir públicamente responsabilidad a alguna personalidad¹⁰²⁶.

O Sindicato da Alimentação ainda acusou Comorera de fazer um assalto em estações ferroviárias para tomar posse do trigo que foi distribuído, segundo o sindicato, de uma maneira catastrófica, causando sérios prejuízos. No entanto, continuou, o mais interessante foi que no

¹⁰²⁴ Ibidem, p. 4.

¹⁰²⁵ EL SINDICATO ÚNICO DEL RAMO DE LA ALIMENTACIÓN. El Sindicato Único de la Alimentación, replica al consejero de Abastos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 17 jan. 1937, p. 8.

¹⁰²⁶ Ibidem, p. 8.

final do ano o Conselheiro havia anunciado publicamente que o problema do pão estava resolvido, e que havia comprado da França 3.000 toneladas de farinha, além de trigo de outras procedências. Todavia, o problema persistia. O Sindicato da Alimentação terminou sua exposição afirmando que já havia falado publicamente que desejava ajudar na questão dos abastecimentos, bem como esta colaboração foi aceita na teoria, mas que, na prática, havia uma ofensiva para culpar a CNT de todos os males que ocorriam e que “[...] del pan no se puede hacer una arma política¹⁰²⁷”.

No dia 18 de janeiro de 1937, foi publicado¹⁰²⁸, em uma edição extraordinária do Diário Oficial da Catalunha, o que ficou conhecido como os Decretos de S’Agaró, ou Plano Tarradellas. Eles foram uma série de decretos – 58 no total – em que a Generalitat complementava ou modificava decretos anteriores, inclusive, o Decreto de Coletivizações, que havia sido promulgado dia 24 de outubro de 1936. Os Decretos de S’Agaró buscavam aumentar a arrecadação da Generalitat, ao mesmo tempo em que procuravam minar o poder dos comitês via estrangulamento financeiro. Tal finalidade ficou bem evidente, por exemplo, no Decreto nº 8, que cortou a ajuda aos desempregados, refugiados e beneficências de prefeituras que não estivessem “legalmente constituídas”, ou seja, que não estivessem de acordo com o Decreto de Constituição dos Poderes Municipais, promulgado dia 9 de outubro. Os Decretos de S’Agaró também legislavam sobre diversos outros setores e, inicialmente, foram considerados como inaceitáveis pelos anarquistas.

5.2 Dos Decretos de S’Agaró à Plenária de Colunas Confederais e Anarquistas

Após a publicação dos Decretos de S’Agaró, a imprensa anarquista editou nos dias seguintes alguns artigos falando sobre a socialização, o que talvez seja uma resposta aos desígnios da Generalitat, visto que os anarquistas rechaçaram tais decretos, bem como uma postura de aprofundar o processo revolucionário por parte de elementos de base. O Boletín de Información, por exemplo, publicou no dia 21 um artigo sobre o tema. Este começou dizendo que por socialização “[...] entendemos que todo lo que atañe a la vida de los pueblos, debe ser controlado y administrado por el conjunto de la colectividad¹⁰²⁹”. Ademais, afirmou estranhar que ainda existissem trabalhadores que vacilavam em suas determinações, pois a socialização era o único caminho para a liberdade.

¹⁰²⁷ Ibidem, p. 8.

¹⁰²⁸ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Número Extraordinari**. 18 jan. 1937.

¹⁰²⁹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Socialización**. Barcelona, 21 jan. 1937, p. 6.

Si el problema social ha sido la llave siempre de todas las represiones, no es menos cierto que el problema social no puede ser resuelto definitivamente sin la socialización radical de todos los elementos de trabajo, de consumo y de distribución. **No es confiando la misión de administrar los intereses del pueblo al Municipio o al Estado, como los pueblos lograrán su libertad integral.** Bien está que subsista el Municipio para las relaciones de pueblo a pueblo: pero **éste no debe tener más que funciones administrativas; jamás ejecutivas.** Toda la labora ejecutiva debe ser obra de los propios trabajadores porque nadie más que ellos conoce todas las cuestiones y éstos, para la lucha económica, han forjado su arma de combate que es el Sindicato. Dentro del Sindicato se hallan hoy, en la más pura inteligencia, el intelectual y el obrero manual. Ninguno de los dos recela del otro. Han comprendido que su bienestar y si felicidad, está en esa unión que ha nacido al calor de la lucha que se está sosteniendo y se convencen cada día más, que no es posible consolidar esta posición adquirida a precio de sangre, rompiendo esta unidad. Por eso vemos como **en la primera etapa de la revolución, todos se inclinaron hacia la colectivización y hoy, arrastrados por la misma corriente y por las circunstancias, van hacia la socialización.** Sólo se anteponen a ese espíritu de igualdad económica, los de siempre; es decir, aquellos elementos que nacieron, a juicio de ellos, para mandar. Estos, que niegan personalidad creadora y capacidad productiva a los obreros, deben ser desterrados y para eso es preciso terminar con todos los resortes del Estado, sea cual sea su forma, porque Estado sería al fin¹⁰³⁰.

O Solidaridad Obrera também publicou artigos sobre essa temática, embora outras discussões também tenham atraído muito a atenção dos periódicos anarquistas em meados de janeiro.

No dia 19 de janeiro, o Solidaridad Obrera publicou dois artigos dando conta de socializações aprovadas em Congressos. O primeiro deles¹⁰³¹ foi o Sindicato Único do Ramo do Transporte, que decidiu a socialização em uma assembleia realizada no último dia 15. O outro ramo¹⁰³² que também acordou a socialização foi o da madeira, que nos dias 17 e 18 também realizou assembleia e decidiu pela socialização. O mesmo Soli também publicou¹⁰³³ nova reportagem sobre mais uma apreensão de víveres em armazém por parte das Patrulhas de Controle.

Já o Boletín de Información do dia 19 publicou dois artigos sobre assuntos que estavam latentes neste período. O primeiro deles fazia referência ao tema da disciplina. Começava afirmando que os cenetistas praticavam perfeitamente o conceito de disciplina, mas a que eles exerciam era “[...] obra de estudio, es la esencia de la sociología que ha venido elaborando día tras día y ha tomado estado definitivo en los Congresos celebrados¹⁰³⁴”, e apontava que sua disciplina “[...] no reposa sobre la autoridad¹⁰³⁵”, e sim sobre o raciocínio. Era uma formulação

¹⁰³⁰ Ibidem, p. 6, grifos nossos.

¹⁰³¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **El Sindicato Único del Ramo de Transporte acuerda en magna asamblea la socialización de la industria.** Barcelona, 19 jan. 1937, p. 8.

¹⁰³² Idem. **Una importante asamblea del Ramo da Madera.** Barcelona, 19 jan. 1937, p. 10.

¹⁰³³ Idem. **La Sección quinta de Patrullas de Control es incauto de 3000 kilos de víveres que repartió entre los vecinos de la barriada de Sans.** Barcelona, 19 jan. 1937, p. 8.

¹⁰³⁴ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Autodisciplina.** Barcelona, 19 jan. 1937, p. 2.

¹⁰³⁵ Ibidem, p. 2.

meio confusa, mas o pano de fundo da discussão acontecia em torno da dicotomia disciplina/autodisciplina, fazendo a defesa da última.

O segundo artigo sobre temas latentes publicados neste mesmo número do Boletín de Información era bem mais espinhoso, pois tratava da dicotomia guerra/revolução. O artigo começou afirmando que os combatentes “[...] no luchan por la ”República democrática”. Son proletarios revolucionarios que han tomado las armas para hacer la revolución¹⁰³⁶”, e que quem a postergasse para depois de terminada a guerra estava debilitando as forças combativas do proletariado. Qualificou ainda a democracia como “[...] una de las fuerzas que assume el Estado burguês para contener las ancias liberadoras do proletariado¹⁰³⁷”. E foi além:

La burguesía no prescinde voluntariamente de la máscara democrática. Lo hace acuciada por las contradicciones internas del régimen capitalista y por la presión directa de las masas radicalizadas. Recurre a la dictadura declarada, esto es, el fascismo, como remedio heróico, como arma política contundente contra las organizaciones directoras del proletariado revolucionario. Por eso es una tarea de necesidad inmediata al acabar con las ilusiones democráticas de los trabajadores. La democracia no da ni puede dar nada. La burguesía la hizo a su imagen y semejanza, y es utópico pretender que sirva a otros fines distintos aquellos para los que fué creada. Por eso a pesar de Osorio y Gallardo y otros enamorados cantores del liberalismo burguês, **el dilema es de ”FASCISMO O REVOLUCION”**. No cabe soluciones intermedias. Las indecisiones, las dudas, el querer y no poder de algunos partidos sedicentes revolucionarios no favorecen, ni pueden favorecer, más que al enemigo¹⁰³⁸.

E para concluir, assim terminou o artigo:

No combatimos, entiéndase bien, por la República democrática, combatimos por el triunfo de la Revolución Proletaria. **La revolución y la guerra hoy, en España, son inseparables**. Todo lo que se haga en otro sentido es contrarevolución reformista. Volver a la República del 14 de Abril, sería darle a la burguesía otra posibilidad de agredirnos. Y esto no lo pueden consentir los que de verdad viven la causa de la Libertad¹⁰³⁹.

No dia 20, o Boletín de Información publicou algumas palavras de García Oliver sobre o Direito – ele era o atual Ministro da Justiça em Valência. Segundo ele, a lei e os juízes sempre estiveram “[...] al servicio de la casta dominante¹⁰⁴⁰”, e sempre “[...] fueron instrumentos de opresión de la clase trabajadora¹⁰⁴¹”. No entanto, isto teria mudado agora, e a injustiça da Justiça havia terminado para sempre. Agora todo mundo poderia realizar a sua defesa ante os

¹⁰³⁶ Idem. **La guerra y la revolucion son inseparables**. Barcelona, 19 jan. 1937, p. 6.

¹⁰³⁷ Ibidem, p. 6.

¹⁰³⁸ Ibidem, p. 6, grifo nosso.

¹⁰³⁹ Ibidem, p. 6, grifo nosso.

¹⁰⁴⁰ Idem. **Hacia nuestra justicia**. Barcelona, 20 jan. 1937, p. 6.

¹⁰⁴¹ Ibidem, p. 6.

Tribunais, inclusive, o Supremo. Criou-se os campos de trabalho, para que os fascistas se redimissem e contribuíssem para a reconstrução nacional; a justiça foi confiada às pessoas sensíveis e com espírito revolucionário; acabou-se com a tarifa judicial; os serviços de Registro Civil foram reorganizados; robusteceu-se a autoridade dos Tribunais Populares; aprovou-se uma lei de Anistia para os delitos políticos e comuns cometidos antes de 15 de julho de 1936. Assim, o “Direito proletário” de Oliver estava encrustrado dentro do aparelho de Estado burguês.

No mesmo dia 20, o *Solidaridad Obrera* continuou dando publicidade à questão dos abastecimentos, publicando uma reportagem em que o Mercado Central de Borne¹⁰⁴² expôs os preços dos alimentos e outra¹⁰⁴³ em que deu a conhecer mais um desmonte de armazém coletivo por parte das Patrulhas de Controle. No dia seguinte, dia 21 de janeiro, nova reportagem¹⁰⁴⁴ sobre as Patrulhas de Controle desmontando armazém foi publicado. Ademais, saiu uma pequena nota de um miliciano da Coluna Vermelha e Preta em que afirmava que os milicianos iam para Barcelona e ficavam completamente decepcionados com o espírito revolucionário da capital, com o esbanjamento e a criação de uma nova burguesia.

En la ciudad, todo son diversiones y vicios. Casi nadie se preocupa de la guerra. Mientras en el frente sufrimos privaciones y hacemos sacrificios sin tasa, en Barcelona se derrocha el dinero en vicios que la Revolución debía haber suprimido el 19 de julio. Aun abundan los “señoritos”. Estos señoritos que antes iban con abrigo y sombrero y ahora van con cazadora y pistola en un coche “requisado”. Mientras en la ciudad se derrocha gasolina paseando, en el frente se da algunas veces el caso que no pueden movilizarse algunas secciones motorizadas por falta de bencina. Camaradas auténticamente revolucionarios: Debemos acabar con esta conducta contrarrevolucionaria seguida por muchos en la ciudad, cueste lo que cueste. Debemos honrar la memoria de nuestros hermanos vilmente asesinados por el fascismo, observando una conducta en la retaguardia¹⁰⁴⁵.

No mesmo dia 21 de janeiro, o *Boletín de Información* publicou um artigo¹⁰⁴⁶ de outro Ministro, Federica Montseny, que ocupava a pasta da Saúde e Assistência Social. Ela disse que a obra mais importante de sua pasta foi a criação dos Conselhos Nacionais de Saúde e Assistência Social, que estruturavam o regime interno do Departamento numa base sindical e

¹⁰⁴² EL COMITÉ DE CONTROL DEL MERCADO CENTRAL DE FRUTAS Y VERDURAS (BORNE). El precio autentico de la fruta y verdura. *Solidaridad Obrera*. Barcelona, 20 jan. 1937, p. 10.

¹⁰⁴³ SOLIDARIDAD OBRERA. Nueva incautación de comestibles. Barcelona, 20 jan. 1937, p. 3.

¹⁰⁴⁴ Idem. Otros buenos servicios de los grupos de Investigación y de Patrullas de Control. Barcelona, 21 jan. 1937, p. 2.

¹⁰⁴⁵ TOBIÁS, Tomás. ¿Qué pasa en Barcelona? *Solidaridad Obrera*. Barcelona, 21 jan. 1937, p. 10.

¹⁰⁴⁶ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. La labor del ministerio de sanidad y asistencia social. Barcelona, 21 jan. 1937, p. 2-3.

federalista. Também falou de combate às doenças, da boa relação com a UGT, mas, tal como Oliver, nada acrescentou sobre o processo revolucionário.

No dia 22 de janeiro, o Soli publicou mais dois artigos ligados ao tema dos abastecimentos. O primeiro era de autoria das Oficinas de Propaganda e tratava do cartão de racionamento. Afirmava que somente os mais pobres tinham que ficar na fila, enquanto outros continuavam frequentando restaurantes de luxo, onde comiam de tudo e em abundância. Depois de falar do absurdo de tal situação, afirmou que a forma de acabar com tal situação é “[...] establecer, sin tardanza, la tarjeta de racionamento¹⁰⁴⁷”. O segundo artigo, na verdade, tratava da impossibilidade de, durante a contenda, manter o sistema de livre câmbio de preços. No entanto, afirmou que não bastava tabelar os preços, e era preciso adotar um sistema de “mão dura”, sem o qual ninguém obedeceria. Bradou por uma economia de guerra, dura e eficaz, e salientou que somente “[...] socializando la producción y el consumo, acabaremos con esta vergüenza¹⁰⁴⁸”.

No mesmo dia, o Boletín de Información publicou uma declaração política do Conselho de Aragão. Esta foi iniciada com o Conselho definindo a si mesmo.

El Consejo Regional de Aragón, aparece por la voluntad del pueblo aragonés liberado del fascismo, como exponente de su propia y singular personalidad que resurge, a través de siglos de sometimiento a un poder despótico y centralizador. En él forman hoy representantes de las organizaciones sindicales y políticas que luchan contra el fascismo, unidas por un afán común: el de vencer y, sobre la base de la victoria, estructurar una nueva sociedad justa y humana¹⁰⁴⁹.

Deixou bem claro ainda quais eram suas orientações gerais:

Normalizar la vida de la región, estructurarla sobre cauces democráticos antifascistas, de libertad y de justicia social, estableciendo un orden nuevo, garantía de la victoria base la unidad, viva y real de todo el pueblo contra el enemigo en común, cerrando las filas, en unión de las demás regiones hermanas, y en torno todas del Gobierno Nacional, que tiene la responsabilidad máxima de la lucha, y que con la creación de la Dirección Única y del Ejército Popular ha de asegurarnos el triunfo¹⁰⁵⁰.

A declaração também falou das orientações do Conselho sobre várias questões, como o problema da guerra – onde o Conselho de Aragão deixou claro que pretendia ter liberdade para

¹⁰⁴⁷ OFICINAS DE PROPAGANDA C.N.T.-F.A.I. ¿Por qué no se establece la tarjeta de racionamiento? **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 22 jan. 1937, p. 3.

¹⁰⁴⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Economía de guerra**. Barcelona, 22 jan. 1937, p. 5.

¹⁰⁴⁹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Declaración política del Consejo de Aragón**. Barcelona, 22 jan. 1937, p. 2.

¹⁰⁵⁰ *Ibidem*, p. 2.

“[...] reorganizar la vida civil aragonesa¹⁰⁵¹”, ou seja, para prosseguir com as coletivizações –, da questão econômico-social da retaguarda – enfatizando mais uma vez sua disposição em fomentar as coletivizações –, dos municípios e justiça, das relações com a Catalunha, da unidade, sempre enfatizando sua autonomia e se colocando como fomentador das coletivizações.

No mesmo número do Boletín, ainda, o Conselho de Economia, dirigido por Santillán, publicou uma nota com o seguinte conteúdo:

La Junta del Control Sindical Económico, pone en conocimiento de todos los Consejos de Empresa y Comités de Control de las diversas zonas económicas de Cataluña, que han de legalizar su situación de acuerdo con el Decreto de Colectivizaciones de fecha 28 de Octubre de 1936, que la tramitación de los documentos para dicha legalización, ha de hacerse cerca de los Delegados de la Consejería de Economía. **Sin este requisito la Junta del Control Sindical Económico, no legalizará ningún Consejo de Empresa o Comités de Control,** excepto los de Barcelona Ciudad¹⁰⁵².

Era o preço a se pagar pela legalização das coletivizações e pela renúncia à socialização global. Agora era a Generalitat quem impunha as condições para seu funcionamento e, caso não fossem atendidas as condições por ela determinadas, as coletividades poderiam se tornar ilegais.

Dia 23 de janeiro, aconteceu uma plenária de sindicatos de Barcelona, quando se discutiu duas questões latentes. A primeira delas era encontrar uma resposta para a seguinte pergunta: que forma é mais viável e segura para sustentar a relação amistosa com a UGT? Iniciou-se uma longa discussão sobre o tema, com várias posições diferentes. A representação dos barbeiros, por exemplo, disse que as relações entre ambos os sindicatos deveriam ser cordiais, mas “[...] los elementos como Comorera y otros politicos deben ser eliminados¹⁰⁵³”. Já os Químicos queriam que se estudasse uma forma de enlace viável entre a CNT e a UGT, mas “[...] que la U.G.T. diga claramente si está dispuesta a la Socialización de las Industrias, ya queen realidad no lo está¹⁰⁵⁴”. Distribuição disse que a CNT e a UGT estavam distantes ideologicamente e, por isso, não poderiam se unir, e acrescentou que “[...] Debe romperse definitivamente, dando la cara a pesar de nuestros enemigos de los gobiernos capitalistas¹⁰⁵⁵”. Ferroviários falou que os dirigentes da UGT faziam o possível para desfazer o trabalho construtivo da CNT, e pediu que “[...] se emplace a la U.G.T. para que retiren la confianza a

¹⁰⁵¹ Ibidem, p. 2.

¹⁰⁵² Idem. **Consejería de Economía**. Barcelona, 22 jan. 1937, p. 7, grifo nosso.

¹⁰⁵³ PLENO DE SINDICATOS DE BARCELONA. **Ata da reunião realizada no dia 23 de janeiro de 1937**, p. 1.

¹⁰⁵⁴ Ibidem, p. 1.

¹⁰⁵⁵ Ibidem, p. 1.

Comorera, y a los políticos y em caso contrario romper todo enlace¹⁰⁵⁶”. Serviços Públicos enfatizou que a UGT nunca poderia lutar com a CNT por conta de diferenças ideológicas. Metalurgia colocou que, em vista dos acontecimentos sangrentos que ocorreram entre filiados de ambos sindicatos – confrontos que estavam se intensificando neste momento –, deveria se celebrar plenárias de ambas organizações com trabalhadores que orientem o enlace. Saúde colocou que os cenetistas afrouxaram demais sua ideologia e, assim, a UGT ia se impondo. Funcionários pediu que se convocasse uma assembleia de trabalhadores dos dois sindicatos, para que o enlace seja um fato, e ainda falou da necessidade de “prescindir dos políticos”. Depois de mais várias falas, surgiram duas propostas. Uma das Artes gráficas, querendo que a Federação Local desse um prazo para a UGT declarar se estava disposta a fazer uma plenária de delegados de ambos sindicatos, que determinasse as bases mínimas de convivência entre eles, mas que antes se realizassem assembleias nos sindicatos de ambas centrais. A outra proposta veio da Saúde e tinha três pontos: 1- a CNT não faria nenhuma retificação; 2- a UGT deveria retirar todos os políticos de seu seio, caso quisesse chegar a um ponto de coincidência; 3- lançar um manifesto dizendo claramente tudo o que aconteceu até aqui e que ambas centrais se preparassem na rua, pois lá os encontraria. “O nos exterminaran o los exterminaremos¹⁰⁵⁷”, foi dito. Colocado em votação, a proposta das Artes Gráficas saiu vencedora.

O outro ponto de pauta importante a ser discutido nesta plenária foi o dos Decretos de S’Agaró, que haviam sido publicados no último dia 18. Acordou-se que primeiro os Conselheiros que estavam presentes fizessem um informe cada. Isgleas disse que

[...] primero se aprobaron siete decretos, y que estos solamente trataban de tributos, pero los demás, sin pasar por Consejo, Tarradellas los publicó en el Boletín Oficial en virtud de uans atribuciones especiales¹⁰⁵⁸, por lo tanto, al margen completamente de ellos¹⁰⁵⁹.

Então, foi a vez de Doménech falar. Ele disse que era normal que cada Conselheiro fizesse os trabalhos de sua pasta de modo independente dos demais, e que isso foi um acordo feito no governo anterior, que deu um voto de confiança a Tarradellas. Este levou sete decretos ao Comitê Regional, que mais tarde foram aprovados pelo Conselho da Generalitat. Doménech

¹⁰⁵⁶ Ibidem, p. 1.

¹⁰⁵⁷ Ibidem, p. 3.

¹⁰⁵⁸ Em 20 de novembro de 1936 foi dado poderes especiais para Tarradellas para que ele elaborasse um plano fiscal e financeiro. Mais tarde ele e alguns auxiliares se retiraram para S’Agaró por uma semana, onde prepararam os 58 decretos que ficaram conhecidos como Decretos de S’Agaró ou Plano Tarradellas. É a essas atribuições especiais que Isgleas se referiu.

¹⁰⁵⁹ PLENO DE SINDICATOS DE BARCELONA. **Ata da reunião realizada no dia 23 de janeiro de 1937**, p. 4.

acrescentou que não sabia por que o Comitê Regional não levou os sete decretos para apreciação dos sindicatos, mas como Tarradellas ameaçou começar outra crise de governo caso os sete decretos não fossem aprovados até dia 15, e como o tempo era curto, acabou-se aprovando todos eles, acrescentando que uma nova crise de governo poderia ter graves consequências. Doménech também afirmou que Tarradellas vinha abusando da confiança e reconheceu que ele – Doménech – tem sido enganado por “manobras políticas” por causa de sua excessiva boa-fé, pedindo que a organização fixasse sua posição em relação aos cargos e aos enganos que têm sido objeto, e propôs que, na falta de um Parlamento, a organização propusesse deter esses decretos mediante um parecer dos sindicatos. Fábregas – ministro no anterior governo – assumiu a palavra e esclareceu que o decreto do governo anterior outorgando plenos poderes a Tarradellas foi feito com a concordância do Comitê Regional, que foi consultado junto com o Decreto de Mobilização da Retaguarda, se perguntando como Tarradellas conseguiu lançar 58 decretos se haviam sido discutidos somente 7. Após sua fala, o ponto de pauta foi aberto para discussão.

Transportes falou que a CNT só tem visto a frente antifascista, e que neste momento existia uma frente anticonfederal. Também lamentou que os Ministros e Conselheiros tivessem se portado de modo anticonfederal, pois os decretos deveriam ter sido avalizados primeiro pela organização. Propôs rechaçar os decretos em sua totalidade, que se parasse as campanhas de difamação pela imprensa e rádio tanto da Esquerda quanto da UGT, além de demitir Tarradellas. Caso contrário, que se demitam “[...] nuestros Consejeros¹⁰⁶⁰”. Espetáculos Públicos pediu a demissão do governo e o rechaço de todos os decretos. Transportes Marítimos pediu que os Conselheiros cenetistas procurassem revogar todos os decretos e que eles passassem antes pela organização. Metalurgia concordou, mas foi colocado que se aceitassem os decretos sobre os aluguéis¹⁰⁶¹, para evitar confrontos. Artes Gráficas queria que se anulassem todos os decretos, o mesmo acontecendo com Luz e Força, Madeira – que acrescentou que não se poderia se afastar das normas confederais, ou seja, cobrou que os decretos deveriam ter passado pela apreciação dos sindicatos –, Construção, Profissões Liberais, Alimentação, Ferroviários, Aviação, dentre outros. Também se criticou o excesso de “boa-fé” dos Conselheiros cenetistas. Madeira disse que a questão dos aluguéis chocará a CNT com a “opinião pública”. Distribuição

¹⁰⁶⁰ Ibidem, p. 4.

¹⁰⁶¹ Os Decretos de S’Agaró suspenderam o pagamento dos aluguéis até primeiro de março de 1937. Isso, no entanto, foi uma forma de tentar atingir os sindicatos e os comitês, que eram quem recebiam grande parte dos aluguéis que ainda eram pagos, dinheiro que normalmente era usado para tentar melhorar os locais de moradia mais deteriorados ou para fomentar o setor da construção. A ideia de Tarradellas era transferir esta renda para o município, uma vez que sua intenção era municipalizar a propriedade urbana.

salientou que o mal-estar era profundo, a crise era perigosa e acreditava que “[...] se debe ir a la reconquista de todos los objetivos que paulativamente hemos dejar escapar ya que **sin darnos cuenta perdemos la Revolución**¹⁰⁶²”. Construção enfatizou que o Decreto dos Aluguéis era uma manobra política, e comunicou que um cobrador de aluguel havia sido preso e levado para o Tribunal Popular. Barbeiros lamentou que “[...] no fuese condicionada la intervención nuestra en el poder y que nuestra organización tanga responsabilidad¹⁰⁶³”. Espetáculos Públicos pediu que os Conselheiros rechaçassem os decretos e, caso não aceitassem, que fosse iniciada uma crise de governo. O presidente da plenária constatou que a proposta era unânime, mas Isgleas propôs que se pedisse a suspensão dos decretos, para que eles passassem pelo crivo da organização, o que acabou aceito. Transporte acrescentou que, caso não se aceitasse, seria iniciada uma crise de governo, o que foi aprovado, passando-se então para o próximo ponto de pauta.

O último ponto de pauta da reunião foi sobre pedidos e questionamentos. Profissões Liberais falou das anomalias na aplicação das normas confederais, e pediu que a Federação Local solicitasse à Confederação Regional que convocasse uma plenária para tratar do assunto. Pediu também explicações sobre o diretor do Solidaridad Obrera, Toryho, solicitando sua demissão e nomeação de outra pessoa. Os Transportes lamentaram que “[...] **Montseny al propugnar una republica federal socialista, se manifieste contra el anarquismo**¹⁰⁶⁴”, em referência à fala por ela proferida no dia 3 de janeiro. Espetáculos Públicos também lamentou a fala de Montseny e pediu que se colocasse na ordem do dia a questão da militarização “[...] para su discusión y para que los Sindicatos se manifiesten¹⁰⁶⁵”. Ferroviários queixou-se da incapacidade da Federação Local no tocante às coletivizações. Então, a plenária foi encerrada.

Esta plenária foi bastante explícita em suas discussões. Na questão da aliança com a UGT, falou-se abertamente na dificuldade que se tinha para chegar a um acordo e, principalmente, o quanto Comorera era detestado pelos sindicatos cenetistas e um grande empecilho para que se chegasse a um acordo. Já o segundo ponto da reunião, relativo aos Decretos de S’Agaró, mostrou claramente a posição dos cenetistas de base em relação ao legislado e como os ministros cenetistas eram presa fácil dentro do ambiente ministerial. Ficou claro também o descontentamento dos sindicatos e sua disposição em barrar os Decretos de Tarradellas, mesmo que para isso tivessem que criar uma nova crise de governo ou mesmo se

¹⁰⁶² PLENO DE SINDICATOS DE BARCELONA. **Ata da reunião realizada no dia 23 de janeiro de 1937**, p. 5, grifo nosso.

¹⁰⁶³ Ibidem, p. 6.

¹⁰⁶⁴ Ibidem, p. 7, grifo nosso.

¹⁰⁶⁵ Ibidem, p. 7.

retirar dele. Neste ponto de pauta, também ficou bem evidente a insatisfação dos sindicatos por conta da quebra do federalismo da organização, manifestada pela aceitação dos decretos – mesmo que inicialmente fossem apenas sete – sem antes ter passado pelo crivo das bases, como era a prática normal da CNT. E, por fim, o último ponto de pauta também demonstrou o descontentamento com Toryho, chegando mesmo a pedir sua demissão, e também com a fala recente de Federica Montseny, que havia propugnado por uma república federal socialista completamente alheia à ideologia anarquista e sindicalista revolucionária. Por tudo isso, ficava latente que havia uma insatisfação das bases com os rumos que a revolução estava tomando, e que alguns dirigentes cenetistas, notadamente os que ostentavam cargos no governo e seus apêndices, estavam se tornando autônomos em relação às suas bases.

No mesmo dia 23 de janeiro, saiu mais um número do *Tierra y Libertad*, dessa vez com algumas discussões importantes. Em uma delas começou afirmando que, diante de erros e dificuldades em tempos revolucionários, surgiam os que propunham um “governo forte” como forma de resolução dos problemas. E, segundo o artigo, era o que estava ocorrendo na Espanha, embora se tivesse suavizado os termos, pretendendo demonstrar que a ditadura seria branda. Falava-se em governo forte, nacionalização da indústria, direção única a partir do centro oficial da região e do país. E, como contraponto às propostas que estavam em ascensão, propunha então o avanço no sentido da socialização e do controle sindical da produção.

Para nosotros es preciso que las instituciones políticas y económicas del capitalismo sean suplantadas por los organismos de los productores federados entre sí, coordinados al máximo, trabajando para satisfacer las necesidades de todos en forma equitativa, sin privilegios para nadie. Para nosotros la única base está en los trabajadores mismos organizados en sus Sindicatos de industria, en sus Federaciones de industria, en sus Comunas, Sindicatos y Federaciones Agrícolas, vinculadas entre sí permanentemente. Así será posible la convivencia social, sin razonamientos ni guerras renovadas. Así será factible una experiencia socialista, sin dictadura, sin centralización de poderes, sin opresión. Lo entienden así los trabajadores que se pronuncian día a día por la integral socialización de su ramo de producción. A la acción de la política resucitada, los productores opondrán una organización económica capaz de desenvolverse por sus propios medios, y los que sueñan con dictaduras de viejo o nuevo tipo han de encontrarse con la respuesta más firme que impone la salud de la Revolución: la socialización de la producción y de la distribución. Trabajemos con toda intensidad para que los productores realicen la socialización. Impulemos las realizaciones directas de los Sindicatos. Demos vida a la relación entre los obreros de distintas industrias, entre los obreros y los campesinos, de forma que los hechos mismos prueben a los empecinados en hacer “su política” que los trabajadores marchan a paso firme a una Revolución que no precisa de ella y que no ha de permitirle crecer. Mientras siguen pregonando sus erradas consignas, nosotros actuemos donde y como corresponda, para hacer realidad la Revolución proletaria¹⁰⁶⁶.

¹⁰⁶⁶ TIERRA Y LIBERTAD. **La respuesta: socialización.** Barcelona, 23 jan. 1937, p. 6.

Um segundo artigo importante publicado no *Tierra y Libertad* dessa data foi uma crítica interna. Este afirmou que o federalismo era a medula do conteúdo libertário das organizações anarquistas. Os poderes executivos apenas se justificariam em momentos excepcionais de curta duração, quando os acontecimentos impunham atuação rápida, enérgica e sem vacilações. No entanto, salientou, depois de seis meses de guerra e em plena reconstrução econômica e revolucionária, “[...] creemos que es hora de restablecer las normas federalistas, que son consubstanciales a la C.N.T. y a la F.A.I.¹⁰⁶⁷”. Salientou também que os grupos anarquistas eram um exemplo de federalismo, e que eram eles quem deveriam traçar a linha revolucionária e dar uma tônica construtiva à revolução, e “[...] no los comités con poderes ejecutivos ni los organismos que dependen del Estado¹⁰⁶⁸”. E concluiu:

Los gobiernos no han hecho nunca obra revolucionaria. Son las masas populares las que dejan huellas profundas en la vida revolucionaria de los pueblos. Los Sindicatos son organismos de masas, y a ellos compete dirigir la vida económica del país. Todos los problemas de la nación deben discutirse y resolverse en los Sindicatos. Nuestra colaboración en la obra gubernamental es transitoria, no definitiva. Y aun en el supuesto de que las circunstancias nos obliguen a dar carácter permanente a la colaboración, la labor de los Municipios y del Gobierno será nula si no se apoya en las decisiones de los Sindicatos, que son los que representan y controlan a la mayoría de ciudadanos del país. **Se ha de volver al régimen de asambleas, plenos y congresos, en los cuales se estudien detalladamente los problemas de la guerra y de la revolución. Es el pueblo, reunido en asambleas populares, el que ha de dictar normas a los comités y al Gobierno, no éstos al pueblo. En una palabra: hay que volver al federalismo,** porque de la revolución ha de surgir una estructura social federativa, si queremos evitar el peligro de una dictadura o un régimen autoritario cualquiera. Y el ejemplo hemos de darlo los anarquistas, la C.N.T. y la F.A.I. No vayamos a remolque de la política. Procuremos que lo que ayer dijimos nosotros contra los políticos no lo repita mañana el pueblo contra nosotros. No olvidemos que hemos variado la táctica, pero no los principios federalistas ni las ideas libertarias¹⁰⁶⁹.

Assim, o artigo figurou como crítico em relação ao abandono prático do federalismo por parte das organizações libertárias, mas tentou compatibilizá-lo com o colaboracionismo dentro do aparelho de Estado e com sua reconstrução. Muitos cenetistas e faístas – como o autor desse artigo – achavam que poderiam levar a lógica federalista socialista para dentro das organizações estatais, mas o que na prática estava ocorrendo era o exato contrário: a lógica estatal estava sendo levada para dentro das organizações libertárias.

O mesmo *Tierra y Libertad* ainda falou¹⁰⁷⁰ sobre disciplina nas milícias, salientando que a aceitaria, desde que não fosse a disciplina de quartel, e também deu a conhecer que em suas

¹⁰⁶⁷ GILABERT, A. G. Federalismo. *Tierra y Libertad*. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 7.

¹⁰⁶⁸ Ibidem, p. 7.

¹⁰⁶⁹ Ibidem, p. 7, grifo nosso.

¹⁰⁷⁰ GAMON, Carlos. ¿Disciplina? *Tierra y Libertad*. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 3.

últimas assembleias os trabalhadores do ramo do transporte e da madeira decidiriam socializar seus respectivos ramos, salientando que socializar “[...] toda una industria, a través del Sindicato, es el lema de esta hora histórica¹⁰⁷¹”.

Ainda no dia 23 de janeiro, o Soli publicou um artigo curioso que falava da relação entre a burocracia e os trabalhadores – aliás, este era o título do escrito. Começou informando sobre uma disposição aprovada pela Generalitat para taxar as remunerações que ela julgava excessiva de seus funcionários – gratificações, indenizações etc. –, ou seja, só se receberia o soldo correspondente a seu cargo e nada mais. O artigo afirmou que a medida, como princípio de austeridade, era boa, mas não era suficiente.

El Estado sigue formando una clase aparte de seres privilegiados. Se cuentan por miles en la Generalidad, en el Municipio y en los ministerios del Gobierno, las personas que perciben sueldos astronómicos, y, aunque a todos ellos se les graven las asignaciones con un 10 por 100, no representa nada. [...] El divorcio y la desigualdad económica entre los trabajadores y la burocracia subsiste a pesar de las disposiciones dictadas últimamente sobre este aspecto. El Estado ha sido, hasta la fecha, el pesebre de todos los zánganos. Y la mayor arma esgrimida por los políticos para atraerse “simpatizantes” hacia su partido. En el Ayuntamiento de Barcelona hay más de ocho mil empleados, que devoran una porrada de millones anualmente. De aquí surge la necesidad de crear impuesto tras impuesto, hasta agotar la potencialidad económica de los productores. Lo que urge hacer aquí, es primero una poda colosal en la burocracia, no solamente en el Municipio, sino en la Generalidad. Hay demasiada empleomanía. En el frente faltan hombres. Después, hay que fijar la mensualidad tope, de acuerdo con los salarios que perciben los trabajadores en las fabricas y talleres. Y nadie debe ganar más que quinientas pesetas mensuales, por muy alcalde, consejero o ministro que sea. La nueva aristocracia radica en el trabajo, y un administrador – ésta es la función del burócrata – no puede tener trato de favor en desventaja del obrero que realiza un trabajo corporal, cuya fatiga equivale a la del obrero intelectual. ¿Qué hace un diputado para percibir mil pesetas mensuales? Dictar leyes y disposiciones, para que las cumplan los demás, darse postín y llamarse a si propio “padre de la patria”. Esto estaba perfectamente explicable en el régimen capitalista, pues en aquel orden de cosas, se protegía al zángano y se castigaba el trabajo. ¿No aspiramos a ser todos iguales económicamente? Pues, ¿que esperamos para llevarlo a la práctica?¹⁰⁷².

O mesmo Soli ainda publicou dois artigos em caráter de intimidação. No primeiro deles¹⁰⁷³, dizia-se que acima de tudo estava a revolução, falava em atividade contrarrevolucionária para prejudicar a CNT e a FAI, bem como em fascistas e contrarrevolucionários no seio do campo antifascista. O segundo artigo tratou da questão da socialização. Afirmou que algumas organizações operárias se inclinavam para a nacionalização, enquanto a CNT propugnava pela socialização, e que deveriam ser os sindicatos quem teriam que orientar, controlar e fiscalizar a economia e, portanto, não “[...] hay por qué dar al Estado

¹⁰⁷¹ TIERRA Y LIBERTAD. **Dos ejemplos**. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 7.

¹⁰⁷² SOLIDARIDAD OBRERA. **La burocracia y los trabajadores**. Barcelona, 23. jan. 1937, p. 5.

¹⁰⁷³ Idem. **Por encima de todo, la revolución**. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 2.

lo que es de los trabajadores¹⁰⁷⁴”. Salientou a decisão do Sindicato de Transportes da CNT de socializar o setor, e que tal decisão foi tomada porque o Autotransporte Nacional, órgão governamental, criado exclusivamente para os serviços de guerra, absorvia funções sindicais, quando deveria se resumir ao abastecimento da frente, e os sindicalistas viram isso como uma ameaça de nacionalização do setor. Outra questão afirmada pelo artigo foi de que os socialistas buscavam dar todo poder ao Estado, pois queriam uma ditadura do proletariado, motivo pelo qual buscavam boicotar os sindicatos. Mas, ainda segundo o artigo, o que os libertários buscavam era a estruturação da nova economia em torno dos sindicatos e, por isso, os políticos perdiam razão de ser.

Si la Revolución la están haciendo los trabajadores y los trabajadores pertenecen a sus organizaciones afines y de producción, justo es que sean estas organizaciones las que legislen en todos los conceptos, una vez oído a todos los Sindicatos. Si estas organizaciones se determinan por socializar la industria, el campo, la mina, etc., confórmense los políticos a aceptarlo como bueno, y no quieran pedir más de la que les pertenece como productores útiles. No es prudente hacer caballo de batalla por la nacionalización, porque es tiempo perdido; tan perdido que ningún trabajador que se precie como tal, ni ninguna organización de tipo proletario que aspire a un más allá, admitirá, como justas, sugerencias de esta naturaleza. Nadie más que los trabajadores. Nadie más que los Sindicatos de productores tienen derecho a estructurar la nueva sociedad y la nueva economía¹⁰⁷⁵.

No dia 24 de janeiro, o editorial publicado pelo Soli causou bastante controvérsia. O título foi “Nuestra Revolución ha de ser Española”. O referido editorial começou falando das revoluções e de como os grandes capitalistas usaram os reacionários para protegerem seus interesses, dando alguns exemplos. No entanto, algumas afirmações e ideias contidas no texto não tinham nenhuma relação com o movimento anarquista e sindicalista revolucionário, e nem mesmo com o espectro político da esquerda em geral, sendo mais próximo dos que estavam lutando do outro lado da trincheira, ou seja, os fascistas. Falou-se em psicologia da raça, revolução nacional e outros descabros, ao mesmo tempo em que nem tocou na questão das classes sociais. Tal escrito, obviamente, passou de alguma forma pela aprovação de Toryho, diretor do Soli e que já estava bastante desgastado com os sindicatos, conforme vimos na última plenária, quando chegou mesmo a pedir sua demissão. Em tal editorial, podemos ler coisas como:

La revolución está en marcha y lo mejor que puede encomendársele al problema ibérico, es dejar que ampliamente se manifieste el pensamiento popular, **llevando a término la Revolución de tipo étnico y psicológico, que hace muchos años vive en**

¹⁰⁷⁴ MINGO. La socialización, base de la nueva Economía. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 10.

¹⁰⁷⁵ Ibidem, p. 7.

las entrañas y el corazón de la raza. Toda otra solución sería una mistificación indigna y una intromisión en los asuntos españoles, de acuerdo con los viejos políticos, tan ineptos como odiados y de los cuales el país no quiere volver a oír hablar¹⁰⁷⁶.

Em outro trecho, foi escrito:

Si se quiere que España constituya en el porvenir una unidad política y geográfica, y una nación que contribuya a la paz y al progreso de Europa, **la única solución viable es dejar que realice ampliamente sus anhelos y que la Revolución sea de tipo eminentemente nacional**. Lo contrario es intentar vestir con ropa ajena a una nación joven que se levanta de las ruinas de un pasado execrable, para aportar **el genio peculiar de su raza** y de su civilización, al constante progreso humano. **Cada Revolución lleva el nombre del pueblo que la realiza. La nuestra se llamará española y lo será por los cuatro costados**. Por no haberlo hecho así, resultó infecundo todo el siglo XIX¹⁰⁷⁷.

No dia 25 de janeiro, o Boletín de Información publicou um artigo logo em sua primeira página chamando pela unidade de ação sindical. Falou da predisposição da CNT em celebrar um “[...] Congreso en el cual los obreros organizados en la C.N.T. y la U.G.T. podrían estudiar la situación y determinar la actuación futura y la obra a realizar¹⁰⁷⁸”, e completou com um chamamento para uma fusão entre os dois sindicatos, acrescentando que a Federação Local de Sindicatos Únicos de Barcelona

[...] cree oportuno la celebración de un Congreso Nacional para **la fusión de todos los trabajadores en un objetivo único; es decir, en una central que reúna a todos los trabajadores** predisponiéndoles, unidos, para ir al combate final, seguro del éxito que les espera¹⁰⁷⁹.

O Soli do dia 26 também trouxe um chamamento pela unificação das duas centrais sindicais em seu editorial. Do mesmo modo, o Soli também destacou em duas reportagens o Congresso da Federação Catalã de Trabalhadores da Terra, da UGT, que havia se iniciado no dia 23. Em um dos artigos, além de fazer uma crítica acerca da forma como os assuntos eram tratados no Congresso – falou na interferência da direção nas discussões e nas pautas –, citou o texto de um cartaz “[...] que habia en el local y que decía: “Menos ensayos de colectivizaciones y más produtos”¹⁰⁸⁰”. Já o segundo artigo, dentre outras coisas, deu conta das palavras de Victor Colomer, delegado do Comitê Regional Executivo da UGT que, em sua fala, salientou que eram

¹⁰⁷⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. Nuestra revolución ha de ser española**. Barcelona, 24 jan. 1937, p. 1, grifo nosso.

¹⁰⁷⁷ Ibidem, p. 1, grifos nossos.

¹⁰⁷⁸ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hacia la unidad de acción sindical**. Barcelona, 25 jan. 1937, p. 1.

¹⁰⁷⁹ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

¹⁰⁸⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **Al margen de un Comicio**. Barcelona, 26 jan. 1937, p. 9.

os Congressistas que deveriam “[...] decidir si se tiene que ir a la colectivización o no nosotros debemos decirnos que no somos partidarios de ella, por no creerlo oportuno en estos momentos¹⁰⁸¹”. Assim, percebe-se que a UGT – e também o PSUC –, especialmente na Catalunha – isso não era casual, uma vez que a Catalunha era o epicentro do movimento coletivizador –, estava se tornando uma organização que aglutinava os descontentes com os processos de coletivização. Tratava-se de um contraponto da política econômica da CNT, embora esta também fosse bastante ambígua em relação a isso. E percebemos esta característica no próprio slogan “menos ensaios de coletivizações e mais produtos”. Tratava-se de culpabilizar as coletivizações pela escassez de produtos, deixando implícito que o setor privado não tinha responsabilidade pelo problema.

No mesmo dia 26, o Boletín de Información publicou um artigo propugnando uma revalorização dos sindicatos, uma “volta às bases”. Começou afirmando que o sindicato era a genuína expressão da classe trabalhadora e a base de todo o movimento proletário. Entretanto, afirmou que as atividades “[...] de orden guerrero y político, han determinado que en estos últimos tiempos no nos preocupásemos del Sindicato en la forma debida¹⁰⁸²”, esquecendo-se assim de “[...] nuestra posición tradicional respecto al movimiento sindical, y sin darnos cuenta le hemos quitado en algunos aspectos atribuciones y actividades que en buena lógica sólo a él correspondían¹⁰⁸³”. E completou:

Esto nos hace pensar que hemos perdido un poco el tiempo y que es preciso si queremos hacer algo práctico, que retornemos a nuestra vieja solución a base de los Sindicatos de Ramo e Industria. La organización sindical es la genuina representación de la clase obrera. Y nadie más indicada que la clase obrera para reconstruir la economía con mayores garantías de éxito. Revaloricemos el Sindicato dándole la estructuración adecuada para que pueda llevar a feliz término la obra transformadora que le está encomendada. Esto tiene sus inconvenientes, quien lo duda? Pero ofrece más garantías al proletariado que todas las soluciones gubernamentales. A través del Sindicato, recobramos los trabajadores nuestra soberanía y nuestra libertad. Revaloricemos el Sindicato como expresión política y económica del proletariado revolucionario¹⁰⁸⁴.

No mesmo Boletín de Información, foi publicado ainda um confuso artigo de Juan Peiró. Ele iniciou seu escrito falando da necessidade de construir órgãos adequados para desenvolver as funções diretoras e administrativas das novas estruturas. Falou que o que faltava para a CNT eram as federações Nacionais de Indústria. Enfatizou também a necessidade de unidade

¹⁰⁸¹ Idem. **Congreso de Trabajadores de la Tierra (U.G.T.)**. Barcelona, 26 jan. 1937, p. 9.

¹⁰⁸² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Revaloricemos el sindicato**. Barcelona, 26 jan. 1937, p. 3.

¹⁰⁸³ Ibidem, p. 3.

¹⁰⁸⁴ Ibidem, p. 4.

entre o proletariado, sem o qual o movimento da indústria e da economia não poderiam ser regulados sendo, portanto, antieconômico. Em seguida, complementou:

Yo no soy hombre que esconda nunca mi pensamiento y por eso he dicho repetidamente que **por encima de la Revolución antes es la guerra**. Y al decirlo **nunca estuvo en mí el propósito de renunciar a la Revolución**. Esto sería imperdonable. Lo que siempre quise decir, y ahora lo repito, es que, **antes de pensar en colectivizaciones y socializaciones, que hoy tienen todo el mal gusto de corporativismo, tiene preferencia la función de crear los órganos y la capacidad para dirigir y administrar la nueva economía sin necesidad de clase alguna de tutelas del Estado y sus instituciones**. Porque crear los órganos que luego nos sirvan para estructurar la colectivización o la socialización de la riqueza social, también implica operar una revolución; porque tomar posiciones y capacitarnos en ellas para, después de terminada la guerra, organizar la nueva economía, también es una función profundamente revolucionaria, mucho más revolucionaria que la función de destrozarse una economía con la incautación, colectivización o socialización de las industrias, para lo cual no se estaba preparado, entre otras razones, por carecer de los órganos adecuados, únicos, para tan augusta y magna ejecutoria políticossocial¹⁰⁸⁵.

Ainda no mesmo dia 26 de janeiro, houve um comício de encerramento do Primeiro Congresso Nacional da Indústria Fabril e Têxtil¹⁰⁸⁶ – que havia ocorrido entre 24 e 26 de janeiro –, quando alguns importantes oradores discursaram. Um deles foi Henrique Playans, delegado de Hospitalet de Llobregat que falou em nome da representação catalã. Ele abordou o tema da revolução e seus progressos, criticando a desigualdade social, o elevado salário que muitos técnicos recebiam em detrimento dos operários, e advogou pela socialização. Foi aplaudido ao fim de sua fala. Outros dois oradores discursaram em seguida: Oriola, em representação do Levante; Antonio Tello, representando o Sindicato Único da Indústria Fabril e Têxtil de Valência – cidade –, que falaram sobre a nova conformação dos sindicatos e outros assuntos. Oriola, inclusive, chegou a atacar os comitês de controle, acusando-os de serem egoístas e conservadores, afirmando que a coletivização integral do setor os anularia. O último orador foi Juan Peiró, Ministro da Indústria no governo central em Valência, que discursou em substituição a Mariano Vázquez, que não pôde comparecer. Peiró começou afirmando que discordava de Playans quando este afirmou que era necessária uma segunda revolução, pois isso dividiria o proletariado, facilitando o triunfo do fascismo. Criticou ainda a sua abordagem sobre os técnicos, acrescentando que uma igualdade de salários entre estes e os trabalhadores era antieconômica e ia contra os princípios do comunismo libertário – “de cada um segundo suas forças a cada um segundo suas necessidades” –, pois as necessidades dos técnicos eram

¹⁰⁸⁵ Idem. **Horas de serenidad y de realidades**. Barcelona, 1937, p. 5, grifo nosso.

¹⁰⁸⁶ COMITÉ NACIONAL DE RELACIONES DE LA INDUSTRIA FABRIL Y TEXTIL DE ESPAÑA. **Resenha do comício de encerramento do Primeiro Congresso Nacional da Indústria Fabril e Têxtil, realizado em 24, 25 e 26 de janeiro**.

maiores do que as dos trabalhadores manuais. Afirmou que o caixa único que se tencionava criar dentro da coletivização era um erro, e o que se deveria engendrar era um Banco Industrial onde os lucros seriam depositados, pois, de outro modo, só seria possível conseguir semear a desconfiança de muitas pessoas. Também falou da carência de um órgão regulador da economia da Indústria Fabril no Levante e na Catalunha, visto que o descompasso entre a produção e o consumo de mercadorias produz resultados antieconômicos. Indagou sobre o que se queria, pois na Catalunha se falava em coletivização e, em Valência, sobre a socialização. Com isso, tal indecisão poderia causar a bancarrota da economia. Afirmou que se estava “comendo” a economia, que era preciso constituir reservas e costurar uma verdadeira unidade com a UGT. Terminou dizendo o quanto desejava que a Indústria Fabril e Têxtil do país aceitasse as responsabilidades do que ocorria, pois, caso contrário, ela poderia ser absorvida pelo Estado e terminar à mercê de outro explorador. Ao fim de sua fala e das músicas festivas que se executou, Peiró foi vaiado, enquanto Playans foi ovacionado.

No dia 27 de janeiro, ocorreram duas reuniões dos comitês. A primeira delas foi realizada no período da manhã, e o primeiro assunto a ser discutido foi os acontecimentos de La Fatarella¹⁰⁸⁷. Eroles foi quem deu um longo informe sobre o caso e depois se iniciou uma discussão sobre o tema, falando-se sobre um possível caso de abuso de autoridade, o que Eroles negou. Passou-se para outro assunto: a existência de “atividades violentas” na frente, especialmente nas localidades de Azuara e Azaila, além dos problemas graves pelos quais estavam passando a Coluna Tierra y Libertad, cujos membros chegaram ao extremo de dar 24 horas para que a comissão de guerra nomeada pelos cenetistas solucionasse os problemas, sob ameaça de abandonar as armas. A solução acordada entre todos foi a de convencer os membros da tal coluna de que a frente necessitava deles, e que se eles a abandonasse, suas armas seriam recolhidas pelo POUM, Estat Català, socialistas e demais forças, e que o desmembramento das colunas cenetistas seria um sério perigo para a revolução. Começou uma discussão sobre o assunto. As JJLL disseram que o problema da frente de Aragão era muito grave: havia pouca munição, falta de armas e nenhuma aviação, e ainda culpavam a CNT e a FAI pelas derrotas. Afirmaram que pretendia formar um exército com as armas dos corpos armados que ainda existiam. Depois de algumas falas, disse Isgleas:

¹⁰⁸⁷ Em La Fatarella, na província de Tarragona, comunidade autônoma da Catalunha, houve um grave incidente em fins de janeiro de 1937 entre coletivistas e anticolativistas, que acabou envolvendo tropas estatais e milícias cenetistas. Ninguém sabe ao certo o que motivou os confrontos, havendo versões que falam desde fascistas infiltrados até resistência ao processo de coletivização.

Es mas que angustiosa la situación que estamos atravesando. **El malestar, es mas que nada, por la militarización, o sea el choque con las ideas.** Se necesita bastante cantidad de tiempo para ir alimentándose todo ésto. Al hablar con Caballero, ya le dije: El frente de Aragón está bastante débil para resistir la inevitable ofensiva, que se ve, están preparando los fascistas y que de la aviación, la nuestra NO puede combatir los aparatos que sólo recorren de 12 a 15 Km. con los de nuestros enemigos que corren de 100 a 150 Km.; mas si los rusos seis aparatos de caza ya podriamos ir haciendo, y de municiones podemos decir que con los 90.000 que se hacen a diario, por ahora ya hay bastantes. Lo que hay que procurar es que los nuestros no abandonen las armas. En cuanto a los componentes que hablaba Juanel que hemos mandado al frente, estos están encuadrados con nuestros compañeros y tengo la completa seguridad que inculcarán éstos a áquellos las verdades nuestras y al cabo de poco tiempo serán nuestros mejores colaboradores. Tengo que hacer recalcar que **en el sector de Gelsa, es el único punto, en que no ha habido abandono de armas como en otros sectores**¹⁰⁸⁸.

Depois da fala de Isgleas, outros delegados também se pronunciaram, todos tentando encontrar soluções para os problemas de Aragão, que pareciam insolúveis. O Comitê de Defesa, inclusive, afirmou que **“Si Durruti no hubiese muerto, la movilización general y la racionalización de la comida, ya serían un hecho, pero se ve que esos dos proyectos murieron con él**¹⁰⁸⁹”. Depois de outras falas foi a vez de Trabal, que disparou:

Una reunión más, queramos o no queramos **la colaboración con la Generalidad ha sido nuestra ruina. Por mi parte deseáramos hicieramos una nueva norma de conducta y dejarnos de colaborar.** Al mismo tiempo también desearía, que cuando Más, o el que sea Secretario del C.R. vaya a entrevistarse con Tarradellas, se nombre una comisión para que vaya conjuntamente con él, a la reunión¹⁰⁹⁰.

Aurelio ficou muito incomodado com as palavras de Trabal e disparou: “Que la Organización va mal, debido a que en los Comités hay individuos incapaces de hacer nada bueno por su incapacidad y uno de tantos eres tú, (dice, dirigiéndose a Trabal)¹⁰⁹¹”. Trabal defendeu-se de modo bastante moderado, segundo a ata da reunião, embora não especifique suas palavras. Depois de mais algumas falas, Eroles informou que conversou sobre os Decretos de S’Agaró com Tarradellas. Este afirmou que antes de se iniciar uma crise de governo estava disposto a discutir todos os decretos, um por um, e buscar uma fórmula que satisfizesse os desígnios cenetistas. Depois de mais algumas falas – inclusive a de Doménech, que disse que tinha estudado todos os decretos, um por um, para combatê-los nos pontos que achasse necessário e então poder apresentar uma contraproposta, uma vez que também a organização o

¹⁰⁸⁸ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 27 de janeiro de 1937 (manhã)**, p. 2, grifos nossos.

¹⁰⁸⁹ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

¹⁰⁹⁰ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

¹⁰⁹¹ Ibidem, p. 2.

acusaria por ter aceiteado tais decretos –, a reunião foi encerrada. Sobre esta reunião, Guillamón fez um interessante comentário.

Sorprende, por otra parte, **la gravedad y generalización de las deserciones en todas las columnas confederales del Frente de Aragón**, y la amenaza existente en muchas columnas de su incremento y generalización. La raíz del descontento se encontraba en **la desmoralización**, causada por la crónica falta de munición, la ausencia de armamento adecuado, la inexistencia de aviación... pero también en la resistencia ideológica de las columnas confederales a la militarización. Recordemos además que los milicianos eran **voluntarios**, que no se sentían sujetos a Código Militar alguno. El lema antimilitarista y revolucionario del “Milicianos, sí; soldados nunca” estaba demasiado arraigado como para no influir en el ánimo de esos milicianos que, por otra parte, temían las amenazas estalinistas de convertirlos en fácil carne de cañón de los fascistas, enviándoles a **misiones suicidas**. El chantaje de aceptar la militarización a cambio de un “posible” suministro de armas y municiones, y el llamamiento ético de los comités superiores a no ser sustituidos por soldados de otras organizaciones, “para defender la revolución en un frente militarizado”, no eran suficientes para impedir una masiva deserción. El desencanto de los milicianos voluntarios del 19 de Julio era un problema manifiesto y evidente, de difícil solución. Era el peaje a pagar por la continua y manifiesta dejación de principios. Como bien había señalado el Comité de Defensa Local de Barcelona, había dos proyectos políticos de envergadura que habían sido aplazados, sine die: la movilización general y el racionamiento. **La movilización había sido sustituida por la militarización de las milicias, y el racionamiento por el mercado libre. Ambas medidas eran netamente contrarrevolucionarias y fortalecían el poder gubernamental.** La creciente derrota obrera, en ausencia de medidas revolucionarias, se materializaba con **la deserción en el frente y el hambre en la retaguardia**¹⁰⁹².

Na reunião noturna, ficou bem clara também a desmoralização pelo qual as milícias estavam passando na frente de batalha e como isso estava impactando no próprio processo de guerra civil. A reunião contou com a presença de Ascaso, que participava para informar sobre sua atuação na frente de guerra e para saber o que se poderia fazer com indivíduos que “[...] a su entender hayan delinquido en perjuicio de la Organización y de los compañeros¹⁰⁹³”. Ascaso perguntou até onde chegava seu poder em caso de necessidade, como no caso de um chefe de coluna abandonar seu posto. Foi-lhe respondido que a coluna que não quisesse se enquadrar não receberia alimentos nem armas. Então, Ascaso deu conta do caso de Souche da seguinte maneira:

El se marchó de aquí voluntariamente y organizó la Columna Tierra y Libertad, **Al marcharse de aquí lo hizo por estar descontento de la colaboración; ahora dice estar descontento de la militarización**, con esa excusa abandona a su gente, la cual dice que también quiere abandonar el frente! y calcularos vosotros ahora la desmoralización de una buena parte del frente! Además, las armas de esa Columna salieron de Cataluña, si estos hombres abandonan el frente, y el Comité Nacional,

¹⁰⁹² GUILLAMÓN, Agustín. **La Guerra del Pan: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De diciembre de 1936 a mayo de 1937**. Barcelona: Aldarull, 2014, p. 221-222, grifos do autor.

¹⁰⁹³ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 27 de janeiro de 1937 (noite)**, p. 1.

suple con otros compañeros este vacío, (que según dice Marianet) tiene suficientes hombres para hacerlo, tomaran las armas de los que abandonan el sitio, y por lo tanto de hecho Cataluña perdería ese armamento¹⁰⁹⁴.

Iniciou-se uma discussão sobre o que se deveria fazer, acordando-se propor para Souche que ele permanecesse ali. Caso não mais quisesse o comando da coluna, que permanecesse como miliciano. Em caso dele abandonar a frente definitivamente, seria dito que o Comitê Regional não precisava dele para mais nada, e teria que acudir ao trabalho. No entanto, para que se reintegrasse ao trabalho saído da frente, teria que obter uma baixa legal e, como ele não teria uma, Souche precisaria cumprir o que lhe foi designado. Ascaso, então, destacou a escandalosa questão moral e monetária das Colunas Ruano e Durruti quando, inclusive, a comissão da qual ele fazia parte acabou por obrigar Ruano a devolver centenas de milhares de pesetas tomadas ilegalmente. Falou-se também do Batallón de la Muerte¹⁰⁹⁵, pois

[...] cada uno de los individuos cobra quince pesetas, y están en un grado de inactividad tan grande, que son molestos para los del pueblo en todas las formas, una de tantas es que asaltan las panaderías y se llevan los panes con la excusa de que los llevan a sus familiares y durante el viaje en el tren los venden. Por otra parte persiguen a las chicas de los pueblos con extremada inmoralidad (debido sin duda que en aquel pueblo no hay casas de prostitución)¹⁰⁹⁶.

Concordou-se destacar ao chefe do batalhão para que acabasse com estes abusos todos. Após uma fala de Montserrat, Castellote fez referência sobre a questão de La Fatarella. Os representantes da Pele, Alimentação, Ferroviários e Automóvel, além de Martínez, protestaram pelo que aconteceu de manhã com Trabal, em sua pugna com Aurelio, inclusive, com pedidos de demissão de Trabal e Construção, mas foi-lhes dito que havia um acordo da organização, constado em ata, que neste momento ninguém se demitiria, a não ser que quisesse ser considerado um traidor. Depois de mais alguns pequenos acontecimentos, a reunião foi encerrada de madrugada.

Assim, essas duas reuniões de comitês, realizadas no mesmo dia, demonstraram um pouco os problemas nos quais os anarquistas e sindicalistas revolucionários estavam inseridos. Na reunião da manhã, ficou bem claro o quanto as milícias estavam desmoralizadas e o quanto os milicianos estavam descontentes, a ponto de ameaçarem abandonar a frente de batalha por conta das medidas regressivas que estavam sendo implementadas, notadamente o processo de militarização das milícias. A grande menção aqui foi feita aos milicianos de Gelsa, que

¹⁰⁹⁴ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

¹⁰⁹⁵ O Batallón de la Muerte foi uma coluna anarquista formada por imigrantes italianos.

¹⁰⁹⁶ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 27 de janeiro de 1937 (noite)**, p. 1.

figuravam como um dos pilares da resistência contra o processo de militarização, mas que mantiveram sua posição. Ficou evidente ainda que o colaboracionismo estava causando uma divisão até mesmo entre os dirigentes, como ficou demonstrado com a pugna entre Trabal e Aurelio. Já na reunião noturna, falou-se de casos concretos de deserção, incluindo o de um militante e comandante de grande importância, Souche, cuja trajetória antifascista e revolucionária ninguém poderia colocar em dúvida. Falou-se também de abusos que ocorriam por parte das milícias, que aproveitavam de sua posição para obter vantagens pessoais.

No dia 29, o Boletín de Información publicou um artigo discutindo a finalidade da guerra civil. Começou dizendo que certos setores políticos e sindicais falavam sempre em vencer a guerra, ao que o periódico acrescentou entender que os anseios do povo se cristalizavam na revolução, pois “[...] la guerra y la revolución son como dos hermanas gemelas¹⁰⁹⁷”. Com isso, acrescentou:

[...] por revolución entendemos también el fenómeno de la guerra civil y los proletarios saben perfectamente que **si ganaran la guerra y perdieran la revolución, volverían a su condición de explotados** de un sistema, llámase cómo llame, no cambiaría más que de nombre, sin tocar para nada a lo que es la alma de esa revolución que se está gestando en los frentes y en los centros de producción. **Cuando decimos que hay que ganar la guerra, afirmamos también que debemos ganar la revolución.** Nuestra revolución, viene a cambiar radicalmente lo que hasta hoy era norma de vida política y social [...]¹⁰⁹⁸.

Finalizando o artigo, o Boletín de Información concluiu:

No nos extraña de que los profesionales de la embustería mayor del mundo, los vividores de la política en todos los sentidos y órdenes, quieran hacer de las actuales circunstancias un solo problema: la guerra. A esta concepción mezquina y egoísta, hemos de contestar los proletarios, que **la guerra actual es una guerra social y, como guerra social, es el triunfo de la revolución que nos guía hacia adelante**, y en nombre de la cual estamos dispuestos a ofrendar nuestras vidas, y morir hasta el último para que no vuelva a retoñar un pasado que nos envilece ante el mundo consciente y ante lapropia Humanidad¹⁰⁹⁹.

Dia 30 de janeiro, foi publicado novo número do Tierra y Libertad, tratando de assuntos importantes para o momento. Um deles foi a socialização. O artigo que dele tratou, definiu a socialização da seguinte maneira:

¿Qué es, em síntesis, la socialización? Es la posesión en común de los medios de producción y el ordenamiento de la distribución de acuerdo a las posibilidades

¹⁰⁹⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La guerra y la revolución son una misma cosa**. Barcelona, 29 jan. 1937, p. 1.

¹⁰⁹⁸ Ibidem, p. 1, grifos nossos.

¹⁰⁹⁹ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

económicas de cada caso. Es la explotación en común de una industria completa, mediante el aprovechamiento coordinado de los medios de que dispone, por parte de los mismos productores organizados al efecto. Es la organización del trabajo productivo en sus aspectos más variados, realizada por los mismos trabajadores, en beneficio de todos. Es la supresión de la propiedad privada, de la colectivización parcial de una empresa, fábricas o taller, y la gestión económica directa de todos los participantes del ramo o de toda la producción. Socializar, pues, quiere decir, ante todo, poner en sociedad el conjunto de una industria, de todas las industrias o de todas las especialidades de producción. Medios de producción, máquinas, instalaciones, herramientas, técnica y métodos científicos, así como las materias primas y el resultado del trabajo respectivo, pasan a ser propiedad colectiva, sin que nadie, ningún individuo o grupo pueda atribuirse derechos de explotación y posesión. Se anulan de este modo: el aislamiento de los obreros de una misma rama de producción, la competencia, el espíritu antirrevolucionario que el egoísmo determina, el falso concepto sobre la práctica y la finalidad del verdadero socialismo. Se pone en funcionamiento así un régimen económico coordinado, que permite satisfacer el principio de la solidaridad social, al mismo tiempo que las exigencias de un mayor rendimiento, a tono con las actuales circunstancias de guerra y de creación revolucionaria. Un principio elemental rige la socialización. Es la intervención directa de los trabajadores en el proceso económico. Es la gestión directora, administrativa, coordinadora, en manos de los mismos obreros. Es la autonomía para cada industria socializada y la coordinación entre todas las industrias¹¹⁰⁰.

Continuando sua exposição, salientou que os instrumentos apropriados para realizar a socialização já existiam. Eram os órgãos dos produtores: os sindicatos. Entretanto, prosseguiu dizendo que pretender fazer com que o Estado interferisse na socialização significava atacar o próprio nervo da socialização. Nacionalizar implicava a destruição do único direito irrenunciável do proletariado: o direito de organizar a nova economia. No entanto, na Espanha, o proletariado já havia estabelecido contato com dois sindicatos que podiam, desde agora, construir a nova economia, e ao plano de nacionalização sugerido por certos setores antifascistas, o proletariado havia dado sua resposta: a socialização por meio dos organismos sindicais e as coletividades agrícolas.

Um segundo artigo no mesmo *Tierra y Libertad* também tocou no tema, salientando que a revolução deveria avançar, e que isso só poderia ser feito mediante o próximo passo, ou seja, a socialização da economia:

Nuestra misión es impulsar hacia adelante las realizaciones del proletariado. Demostrarle que las colectivizaciones parciales de empresa no son la solución ni pueden persistir indefinidamente. Explicarle que la socialización de la producción es indispensable para el mejor aprovechamiento de los esfuerzos, para eliminar la producción inútil, para equilibrar las diferentes industrias, desplazando de una a otra, hombres y máquinas, para coordinar y obtener un rendimiento a tono con la época de guerra, del conjunto de medios de producción, que pasarán a manos de la colectividad. Nuestra misión, es decirles a los campesinos que realizan la colectivización, que ellos tienen en ella la gran herramienta, si conciertan relaciones permanentes con los Sindicatos de industria. Propagar entre los pequeños propietarios las bondades de la puesta en común de las tierras y herramientas. Tender a que se practique la

¹¹⁰⁰ TIERRA Y LIBERTAD. **Se impone la socialización**. Barcelona, 30 jan. 1937, p. 3.

socialización de las tierras, bajo el control directo de las organizaciones campesinas¹¹⁰¹.

Outra questão abordada pelo Tierra y Libertad foi a do abandono dos princípios por parte dos anarquistas, o que demonstra quão grande era esta polêmica. Este salientou que a imprensa fazia grande alarde sobre a conversão dos anarquistas à “ação política”, abandonando seus princípios clássicos. Na verdade, afirmou que todos os “abandonos de princípios” foram feitos para que se mantivesse a luta contra o fascismo e a unidade entre os trabalhadores, o que já eram falados mesmo antes de iniciada a contenda militar. Realçou também que, antes da contenda, já se defendia que um governo de esquerda não era capaz de barrar o avanço do fascismo, o que teria sido provado com o início da guerra civil. Falou também das propostas feitas pela CNT e pela FAI que possibilitariam uma ação eficaz do bloco antifascista sem que as organizações libertárias participassem do governo. Eram os Conselhos de Defesa, nos quais estariam representados todos os antifascistas. Ainda afirmou que a atuação na linha de frente impunha participar no controle e nas responsabilidades de guerra, e para isso foram ocupados postos no aparato político, mantendo-se a posição de que ele era inútil na reconstrução revolucionária.

Fuimos a él, no por reconocerle virtudes que hasta ayer le negamos. No para vigorizarlo, para emplearlo como elemento de creación revolucionaria, para someter desde sus altos mandos al proletariado que quería hacer y estaba haciendo en la base del pueblo, la verdadera transformación social. Fuimos a él, en un acto más impuesto por la guerra, mientras las necesidades de la guerra nos reclamaban allí. ¿Pueden los apologistas de nuestra “conversión”, decirnos cómo se llama al hecho de participar por fuerza de las circunstancias, por ellos mismos creadas en grande parte, en un mecanismo al que no damos ni daremos beligerancia en la transformación económica y social que la Revolución opera? ¿Pueden decirnos si nuestra posición doctrinaria no se consolida al resistir las arremetidas de los estatólatras y trabajar, en cambio, en la misma base obrera, en la misma base de la producción industrial y agrícola, en la misma base de las organizaciones proletarias, para que se efectúen las realizaciones revolucionarias, para que se efectivice la socialización? Por permanecer anarquistas sostenemos la imposibilidad de cualquier fórmula política como base de la alianza salvadora. Por permanecer anarquistas, afirmamos que la unidad revolucionaria debe afirmarse en sus cimientos proletarios: C.N.T. y U.G.T.¹¹⁰².

O mais estranho dessas afirmações é que elas foram baseadas na separação entre poder político e poder econômico. Os anarquistas espanhóis queriam continuar as modificações na economia, no modo de produção, mas, ao mesmo tempo, manter a existência do Estado como um organismo voltado exclusivamente para a administração do conflito militar. Buscava-se uma separação entre a gestão econômica e a gestão militar, o que, obviamente, era uma posição

¹¹⁰¹ Idem. **Hacia nuevas realizaciones**. Barcelona, 30 jan. 1937, p. 7.

¹¹⁰² Idem. **Actuamos como anarquistas**. Barcelona, 30 jan. 1937, p. 6.

completamente impossível. Uma das duas esferas necessariamente teria que “engolir” a outra. Por mais que os anarquistas quisessem manter as coisas em “banho-maria”, e isso o artigo evidenciou ao falar que havia proposto uma colaboração sem sua participação direta no aparelho de Estado, a colaboração seria recebida a partir dos Conselhos de Defesa, mas sem ostentar cargos diretos no governo. Estava ocorrendo uma luta de morte entre os partidários do avanço revolucionário e os que buscavam deixar tudo para depois da vitória militar. Essas duas tendências também existiam entre os anarquistas, mesmo que não se falasse isso abertamente.

No dia 31 de janeiro, houve uma conferência de Mariano Cardona Rosell no Cine Coliseum, cujo tema foi “Aspectos econômicos de nossa revolução”. Tal conferência foi publicada na íntegra pelo Soli dos dias 2, 3, 4 e 6 de fevereiro, e também em um formato de livro/brochura. Rosell falou sobre a revolução, salientando o êxito das coletivizações e dando conta das particularidades de cada região, visto que em alguns lugares ela foi aceita facilmente – inclusive com a colaboração de setores proprietários – e em outros ela encontrou forte resistência, sendo que a articulação entre os dois setores fez com que cada localidade tivesse suas próprias características. No entanto, salientou que a “[...] colectivización es un paso forzoso, un inicio de la socialización¹¹⁰³”. Continuou mencionando que se estava indo à constituição das federações de indústrias, tanto de tipo nacional quanto regional, já que este era um passo indispensável para que se chegasse à socialização. No entanto, Rosell frisou que com a nova economia coletiva subsistia a velha economia, o que não seria grave se não fosse pelas circunstâncias oferecidas ao legislador estatal sob dois diferentes pontos de vista: um pelo qual se observava a economia capitalista e outro que permitia contemplar a economia coletivizada. Segundo Rosell, até agora, a atitude do legislador estatal tem sido a de seguir a orientação da economia capitalista e estatal. Além disso, volta-se contra a economia coletiva, que estava no sentido da socialização. Tal dissociação de ritmo criava dificuldades, embora não uma desordem. Gerou um descompasso entre a legislação e os trabalhadores, que repercutia entre a lei e os sindicatos, sendo que isso gerava resistência entre os trabalhadores que se recusavam a cumprir as leis, ocasionando novos conflitos. Assim, continuou Rosell, novas funções impunham novos órgãos, e novas necessidades precisavam de novas soluções, e por isso se impunha a criação do Conselho Nacional de Economia, com o que, para o palestrante, estava de acordo quase todas as tendências antifascistas, mas existiam diferenças de apreciação. Para Rosell, o Conselho Nacional de Economia deveria ter

¹¹⁰³ ROSSEL, Cardona M. **Aspectos Económicos de Nuestra Revolución**. Oficinas de Propaganda CNT FAI, p. 3.

[...] como finalidad y misión la de ser el órgano supremo de la legislación económica, constituyéndose sobre la base de la directa intervención en su seno de los organismos estatales, de carácter nacional y regionales, y proletarios, con el predominio numérico de éstos o, al menos, igual que los estatales, para que se estableciese la debida colaboración y acuerdo en todas las cuestiones fundamentales y otras, viendo la forma de obtener la solución adecuada a cada caso. Los acuerdos de un Consejo Nacional de Economía de esta naturaleza deben estar por encima de la voluntad particular de un sector y de cualquier legislador estatal. El Consejo Nacional de Economía tendría facultades absoluta para ocuparse de todos los aspectos económicos de nuestra Revolución, legalizar las creaciones revolucionarias, darles un cauce legal y, al mismo tiempo, sentar las bases de seguridad por que podría transcurrir el proceso revolucionario¹¹⁰⁴.

Continuando sua exposição, Rosell salientou que o Conselho Nacional de Economia deveria ser formado a partir de uma base mista, ou seja, deveria ter elementos estatais e sindicais, bem como ser dividido entre a plenária, com caráter executivo e deliberativo, e as seções ou comissões nacionais, acrescentando que os primeiros deveriam ter representação dos ministros que exercessem funções exclusivamente econômicas e um representante de cada Conselho Regional de Economia existente, ou do respectivo governo regional, além de membros da CNT e da UGT, que deveriam ter representação majoritária ou, no mínimo, igualitária, em relação aos demais. Para Rosell, a criação do Conselho Nacional de Economia resolveria muitos problemas econômicos existentes, mas a fórmula por ele proposta era uma transição, já que neste momento não se poderia propor um Conselho formado exclusivamente por elementos sindicais, pois, além de ser preciso a colaboração de outras forças, as federações nacionais de indústrias não estavam formadas e o processo de socialização não estava terminado. Rosell ainda tratou da questão da socialização, dizendo que havia um debate entre esta e a nacionalização, colocando-se como defensor da socialização porque considerava que a nacionalização era sinônimo de estatização, o que queria dizer intervenção do Estado. Ademais, isso significava torcer as bases da revolução, salientando ainda que, caso já existisse o Conselho Nacional de Economia, seria preciso encontrar uma fórmula eclética adequada para remediar a situação do momento. Rosell também falou da questão bancária, da inflação, dos trabalhadores que recebiam soldos sem realizar um trabalho produtivo – não por culpa deles, e sim por problemas econômicos que existiam –, do desemprego, dos processos de reconstrução nacional – que deveriam começar ainda durante os processos de luta –etc. Pediu também a redução dos altos salários que havia e criticou a visão localista que existia, atribuindo-a a uma interpretação errônea do conceito de federalismo, caindo no localismo e na defesa intransigente do cantonalismo econômico e político. Rosell terminou sua fala recebendo muitos aplausos.

¹¹⁰⁴ Ibidem, p. 4-5.

No mesmo dia 31 de janeiro, o Solidaridad Obrera publicou duas matérias sobre a questão dos abastecimentos. Uma delas destacou uma manifestação de mulheres ocorrida no dia anterior – e qualificada pelo artigo como uma manifestação “quinta colunista” –, quando um grupo delas foi visitar o governo em Valência e apresentaram a este três propostas: assegurar uma boa organização de abastecimento do pão; que se controlasse o comércio, para evitar especulação; que desaparecessem todo tipo de comitês, “[...] para que se haya el intercambio de productos sin tropiezos ni acaparamiento [ilegível], siguiendo únicamente las normas que marque el Gobierno auxiliado por las organizaciones antifascistas¹¹⁰⁵”. Conforme a reportagem, o governador as recebeu e prometeu tomar providências, embora tenha afirmado que o problema tinha como uma das causas a guerra e só seria totalmente resolvido com a vitória no campo de batalha. A segunda reportagem¹¹⁰⁶ explicitava que a cidade de Barcelona estava finalmente adotando o cartão de racionamento de alimentos, válido inicialmente por um mês.

Em 1 de fevereiro, o Boletín de Información publicou extratos da conferência dada por Vicente Perez Combina à Rádio CNT-FAI, quando ele tratou de temas relacionados aos Sindicatos do Transporte e à revolução em geral. Combina começou falando da guerra em que os espanhóis estavam envolvidos contra a imposição do regime da cruz e da espada, apoiados pela Alemanha e a Itália. Para vencer a guerra, acrescentou, era preciso não medir esforços, sendo necessário trabalhar as horas que fossem. Prosseguiu frisando que os trabalhadores estavam dispostos a isso, pois a “[...] guerra destruye el pasado de odios, privaciones y miserias y la revolución construye el presente que es la felicidad y el bienestar para todos [...]”¹¹⁰⁷. Continuando seu discurso, Combina falou sobre a impossibilidade de que a situação anterior ao 19 de julho retornasse após a vitória na guerra. Por isso, era necessário que os setores políticos e sindicais integrassem a frente antifascista, bem como definissem quais eram suas aspirações para que, então, fosse possível chegar a um programa mínimo e resolver os problemas imediatos, e que fosse acatado por todos. No entanto, acrescentou ele: “[...] lo que no podemos admitir es retroceder todo lo recorrido por la clase obrera desde el 19 de Julio, como parece ser la pretensión de algunos partidos políticos que todavía piensan en revalorizar la democracia burguesa¹¹⁰⁸”. Combina passou a falar do setor de transporte e ventilou a possibilidade de uma fusão entre as duas centrais sindicais, pois as diferenças sindicais

¹¹⁰⁵ SOLIDARID OBRERA. **Manifestaciones de mujeres**. Barcelona, 31 jan. 1937, p. 6.

¹¹⁰⁶ Idem. **Distribución de la tarjeta de racionamiento familiar**. Barcelona, 31 jan. 1937, p. 3.

¹¹⁰⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Extracto de la conferencia dada por nuestro compañero Vicente Perez Combina, ante el micrófono de la emisora E.C.N. 1- Radio C.N.T.-F.A.I.** Barcelona, 1 fev. 1937, p. 3.

¹¹⁰⁸ Ibidem, p. 3.

[...] que nos separaban antes del 19 de Julio debían de haber muerto con el régimen capitalista, ya que hoy no se justifican, dado que los sindicatos de órganos combativos y de reivindicaciones económicas ayer, han pasado a ser los órganos de control y administración de la producción. Sólo así debe interesarnos en estos momentos ir a buscar la forma de armonizar las necesidades de los transportes en relación con las demás industrias, que creo es la más eficaz en estos momentos de reconstrucción de nuestra vida económica¹¹⁰⁹.

Continuando sua explanação, Combina falou sobre o setor dos Transportes e voltou ao assunto da revolução.

Hoy más que nunca hay que practicar el federalismo y éste es el criterio de los que no hemos olvidado las ideas y seguimos fieles a las doctrinas y postulados de la Confederación. Sé que hay muchos que hablan constantemente de los incontrolables, de los Comités de Control; quizá sea verdad que tengan defectos y actúen con deficiencia; pero eso puede subsanarse fácilmente sobre la marcha. No hay quien se atreva en tan poco espacio de tiempo – y nos lo demuestra otras resoluciones de otros países – a superar la obra hecha por los camaradas y Sindicatos que controlan estos organismos. Su capacidad ha superado en el orden constructivo todas las interpretaciones y soluciones económicas del capitalismo y las industrias se desenvuelven relativamente bien; pero hay que hacer mucho más de lo que se ha hecho y en esto hemos de poner el máximo de inteligencia para que en breve se convierta en realidad¹¹¹⁰.

Para encerrar, ele ainda propugnou a superação do sistema coletivista e o avanço para a socialização, além de deixar claro qual era a meta final.

La colectivización como el cooperativismo debe ser sustituida por la socialización; porque lo primero significa un concepto estrecho de la transformación de la vida social, por cuanto los beneficios y los productos eran distribuidos entre los socios de la Cooperativa y la colectivización creaba el egoísmo de empresa, donde los camaradas sólo se preocupan de la prosperidad de la industria colectivizada que regentan sin interesarles las demás industrias, aun siendo del mismo ramo. Mientras que la socialización es todo lo contrario, por cuanto tiene la misión de controlar y administrar una rama determinada de la producción, procurando que aquellas empresas ricas y prósperas ayuden a las empresas pobres. Una revolución que no controle y coordine las necesidades generales de todos, sería una revolución fracasada en cuanto volvieran a aparecer los ricos y los pobres en el escenario de la vida. Contra esto está la Confederación Nacional del Trabajo, porque no admitimos nuevos ricos, porque sería absurdo que los ricos de ayer pasaran a ser los pobres de hoy o viceversa. Nada de eso. Consecuentes con nuestras doctrinas, decimos que en el régimen a que aspiramos no pueden haber ni pobres ni ricos; que todos hemos de producir y trabajar para repartirnos la felicidad. Yo no digo que vayamos al comunismo libertario. Yo no afirmo como alguien se ha atrevido a hacerlo, que se instaure una República Federal. No interesan las opiniones personales. Las organizaciones y los trabajadores deben ser los que lo deben decir; pero lo que sí afirmo es que no hay que dejar en pie ningún vestigio del pasado, procurando ir lo más lejos posible, para que el bienestar de todos no sea una fantasía y si una realidad¹¹¹¹.

¹¹⁰⁹ Ibidem, p. 3.

¹¹¹⁰ Ibidem, p. 4.

¹¹¹¹ Ibidem, p. 4-5, grifo nosso.

No dia 2 de fevereiro, o Solidaridad Obrera relembrou em um pequeno artigo¹¹¹² que somente o Conselho de Abastecimentos estava autorizado a comprar e vender víveres no estrangeiro em grande escala. Prefeituras, cooperativas, sindicatos e particulares não tinham a mesma autorização, a não ser por intermédio do referido Conselho de Abastecimentos. Quem desrespeitasse a dita norma, no caso, teria seus produtos confiscados.

No mesmo dia, o Boletín de Información publicou um artigo falando sobre a pequena propriedade. Afirmou que existiam certos setores que faziam campanha intensa pela pequena propriedade, e a orientavam contra a CNT, dando a impressão de que ela estava em guerra contra a pequena propriedade. Conforme o artigo, a intenção dos que assim procediam era atrair os pequenos proprietários, principalmente os não organizados, para seu escopo, e o objetivo da reportagem era exatamente demonstrar as posições da organização a este respeito.

La C.N.T., que es revolucionaria, que no olvida que sus actividades deben tender a la transformación social, considera que sistema más económicamente renditivo y de acuerdo con las modernas necesidades de la agricultura, es la colectivización de la tierra. La tierra colectivizada en manos del Municipio, emancipa al jornalero y al arrendatario del yugo feudal, permite un mejor aprovechamiento de los terrenos y de las energías humanas y la introducción de medios mecánicos eficaces en el cultivo. [...] Pero la C.N.T., atendiendo a las vicisitudes de nuestra revolución, considerando que su afianzamiento y desarrollo impone la necesidad de evitar ciertos radicalismos que conducirían a conflictos internos, ha declarado en todos sus comicios, a partir del 19 de Julio, que respeta a la pequeña propiedad¹¹¹³.

Em continuação, o artigo demonstrou como os cenetistas lidaram com a questão da pequena propriedade após o 19 de julho. Falou de acordos tomados no Congresso de Camponeses da Região Catalã, que ocorreu em setembro de 1936; no Congresso Regional de Camponeses do Levante, também em setembro de 1936; e em uma Plenária de Sindicatos da Região Levantina, que ocorreu em novembro de 1936. Em todos eles, aprovou-se resoluções sobre o respeito à pequena propriedade.

O mesmo Boletín de Información falou ainda sobre os comerciantes e o problema dos abastecimentos. Frisou que

[...] uno de los aspectos más indignantes del problema de abastos, es la elevación injustificada e ilegal del precio de los artículos alimenticios. Nada, absolutamente nada puede justificar la actuación de individuos cuya única misión parece consistir en enriquecerse triplicando o cuadruplicando e coste de todos los artículos de primera necesidad. Al amparo de las circunstancias excepcionales por que atravesamos, ha

¹¹¹² SOLIDARIDAD OBRERA. **Seran incautados los viveres no adquiridos por la Consejeria de Abastos.** Barcelona, 2 fev. 1937, p. 3.

¹¹¹³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Claridad en la expresión y sinceridad en la actuación, es lo que exige la revolución.** Barcelona, 2 fev. 1937, p. 2.

surgido una turba de especuladores y agiotistas, que pretenden, como negros cuervos, engordar a costa de la sangre generosa del pueblo¹¹¹⁴.

Em seguida, concluiu:

Hora es ya de terminar con ellos, cortando abusos y castigando desmanes. **Las organizaciones de las distintas barriadas lo han entendido así, y desde hoy mismo empezarán a actuar comisiones encargadas de comprobar si los precios de venta de los artículos alimenticios están en consonancia con el precio de los mismos en los lugares de producción.** Cuando se compruebe que no es así, cuando se ponga al descubierto la mala fe de un intermediario, de un negociante o de un tendero, las organizaciones procederán contra ellos con toda energía y con estricta justicia. No es preciso extenderse más sobre el tema. **Sepa el pueblo que las organizaciones de barriada han empezado a actuar.** Y que pronto, muy pronto, habrá terminado el descarado agiotaje que eleva los precios de las subsistencias, llevando la miseria y el hambre a los hogares modestos¹¹¹⁵.

Assim, mais uma vez comprovamos que os comitês de bairro ainda existiam mesmo após sua dissolução legal. Em fevereiro de 1937, eles estavam atuantes e eram fortes o suficiente para impor o controle de preços dos gêneros alimentícios em um contexto de guerra civil e escassez, o que certamente desagradava os comerciantes e se chocava com a política propugnada pelos republicanos e pelos comunistas do PSUC. Além disso, mais uma vez, caso os comunistas e republicanos quisessem colocar suas políticas em prática, necessariamente teriam que desmontar o poder que ainda exerciam os comitês de bairro.

Ainda neste dia 2, ocorreu um caso curioso. Um grupo de criadores de gado protestou contra a coletivização de seus negócios, considerado por eles ilegal. Alguns deles foram recebidos por Companys, que lhes deu razão e prometeu ver o caso. Comorera, que estava no despacho de Companys, disse:

¡Camaradas! Os sobra la razón. La colectivización que se “pretendía” llevar a cabo era perfectamente ilegal; en vista de ello, os aconsejo a todos los afiliados a nuestra central sindical, que yo represento, que os neguéis a aceptar dicha colectivización¹¹¹⁶.

Em 3 de fevereiro, houve nova reunião de comitês libertários da Catalunha. Ela foi iniciada com o Secretário dando um informe sobre acontecimentos da frente e da retaguarda. Falou que iria ocorrer um Congresso em Valência no próximo dia 14, mas, antes de ler a ordem do dia de tal Congresso, ele tratou do veto da organização em relação aos Decretos de S'Agaró – ou Decreto Tarradellas. Para evitar a anulação de todos os decretos, disse ele, e também o

¹¹¹⁴ Idem. **Los desaprensivos comerciantes son unos fascistas.** Barcelona, 2 fev. 1937, p. 8.

¹¹¹⁵ Ibidem, p. 8, grifos nossos.

¹¹¹⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. “Casualidades” y discursos significativos. Barcelona, 3 fev. 1937, p. 2.

início de uma nova crise de governo, “[...] se buscó para cada uno de los Decretos, reformas y ampliaciones, llegándose a conseguir la regularización de la vivienda, y los demás irán saliendo paulatinamente cuando les toque por turno en la Gaceta¹¹¹⁷” – mas cabe lembrar que, na Plenária de Sindicatos de Barcelona do último dia 23, o que havia sido acordado era o rechaço aos decretos, mesmo que em seu final se tenha falado em suspensão, até que eles passassem pelo crivo da organização, ou seja, até que os sindicatos os aprovasse ou rejeitasse, não dando autorização em nenhum momento para que algum membro do Comitê o discutisse. Então, comentou-se a

[...] grave situación de la Columna de Hierro, la que mandó una comisión al Comité Nacional, diciéndole que **ella no dejaría de ser de la C.N.T. y de la F.A.I. y que no admitirían por ningún concepto la militarización**, y que se les diera permiso para volver a retaguardia, con todas sus armas, puesto que sabían que se les quería hacer un boicot sordo, no suministrándoles ni armas ni alimentos, y ante esta amenaza ellos se rebelaron. **Llegaron a decir palabras muy crudas al Secretario del Comité Nacional**¹¹¹⁸.

Em continuação, o Secretário também falou que

[...] se procuró por todos los medios posibles persuadir de que dejaran la actitud violenta que había tomado la Columna de Hierro, que se les habituaria de todo y que podrían obrar con entera independencia; que el Comité Nacional, vigilaría por todos los medios que no se les saboteara, y si el caso llegara, procuraría de subsanar las deficiencias y procurar la indemnización de lo perdido. – También se sabe que **las Columnas de Aragón han sido convocadas por la Columna de Hierro, para la víspera del día que se ha de celebrar el Congreso**, algunos delegados de esas Columnas han venido informando al Comité Regional de lo que hemos dicho y preguntarle si podían ir allí, respondiéndoles el C.R. que son libres de hacer lo que quieran, pero por su parte que no¹¹¹⁹.

Santillán tomou a palavra e disse que se deveria dar um informe detalhado aos sindicatos, para que se inteirassem da “linha que seguimos”. Com isso, eles acrescentariam o que fosse conveniente. Depois passou a falar das reuniões dos Conselhos da Generalitat, sendo que se

[...] habló de Fatarellas como de Casas Viejas, achacándonos toda la culpa a nosotros y llegando incluso a proponer la detención del Jefe de Patrullas. En los demás Consejos se ha orillado bastante este asunto, evitando que cogiera la vilencia de la anterior. De seguridad interior, la U.G.T. demuestra estar dispuesta a no volver a reintegrar sus hombres en las Patrullas. Insinúa también los reparos que tiene Agudé referente al proyecto de Policía, el cual, se presentará a la Junta de Seguridad, y ésta lo corregirá. También nos habla de los pequeños incidentes que ha habido, referente

¹¹¹⁷ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 3 de fevereiro de 1937**, p. 1.

¹¹¹⁸ Ibidem, p. 1, grifos nossos.

¹¹¹⁹ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

a los lecheros, los cuales, la mayoría se pasa a la U.G.T. por estar convencidos de que es una institución menos revolucionaria que la nuestra¹¹²⁰.

Doménech disse que os socialistas se retiraram das Patrulhas para que os acontecimentos de La Fatarella caíssem integralmente nas costas da CNT. Depois de mais algumas falas, Herrera argumentou sobre a necessidade de nomear prefeitos de bairro. Assim, Santillán respondeu que os municípios deveriam desaparecer, assim como os sindicatos teriam que ser reforçados até que tomassem o controle total da indústria. Depois de mais algumas falas, o representante da economia informou que existiam muitas demandas de coletivização e também o complicado problema das empresas estrangeiras, que deveriam ser indenizadas pelos prejuízos. Passou-se a falar do Corpo de Segurança Único para assegurar a ordem pública, enfatizando que este teria um comitê depurador que controlaria todo o comportamento dos novos indivíduos que nele adentrassem. Logo depois de mais uma fala, a reunião foi encerrada.

São três as principais questões extraídas dessa reunião. A primeira delas é com relação aos Decretos de S'Agaró. Na Plenária de Sindicatos de Barcelona do dia 23, como vimos, acordou-se o rechaço dos decretos, nem que para isso fosse iniciada uma nova crise de governo. No entanto, na reunião do dia 3 de fevereiro foi possível notar que o acordado naquela plenária de sindicatos não foi executado, pois o que se fez foi “rediscutir”, “reformular” os decretos. Na verdade, na prática, eles foram aceitos passando por cima de uma decisão da assembleia de base, o que foi feito para não se iniciar uma nova crise de governo e estremecer a já cambaleante “unidade antifascista”. A segunda questão importante era a resistência que ainda existia quanto ao processo de militarização liderado pela Coluna de Ferro que, inclusive, havia convocado uma reunião a ser realizada um dia antes do Congresso de Valência. Os milicianos não hesitavam em enfrentar até mesmo o Comitê Nacional da CNT – e quem ousaria a desprestigiar publicamente a Coluna de Ferro, cuja atuação revolucionária era inquestionável e que tentava manter acesa a chama da revolução? E a última questão importante extraída dessa reunião foi com relação à fala de Santillán. Ao pronunciar que daria um informe aos sindicatos para que se inteirassem da “linha que seguimos” e fizessem modificações, ele estava propugnando uma inversão do conceito federativo, cujas diretrizes deveriam partir da base para o topo, voltando então para a base, e não o contrário, como estava propugnando Santillán. Mais uma vez ficavam demonstrados os rumos que a revolução e a CNT estavam tomando.

No mesmo dia 3 de fevereiro, o Solidaridad Obrera publicou em seu editorial¹¹²¹ um artigo em que versou sobre o caráter do conflito espanhol, afirmando que ele era, ao mesmo

¹¹²⁰ Ibidem, p. 1.

¹¹²¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Modalidades de la guerra civil revolucionaria**. Barcelona, 3 fev. 1937, p. 1.

tempo, uma guerra social, ou seja, de classe, e uma guerra de independência nacional. Do mesmo modo, fez críticas aos que pretendiam limitá-la à uma guerra de independência, o que queria dizer que ela se enquadrava nos marcos da Democracia.

No dia 4 de fevereiro, houve uma Plenária de Locais e Comarcais, cujo objetivo era tomar acordos para a próxima plenária de regionais que ocorreria dias depois. Uma das discussões na primeira sessão foi com relação à Coluna de Ferro, que havia tecido duras críticas em seu periódico, *Línea de Fuego*, o que desagradou os dirigentes. Mollet advogou que a coluna fizesse uma retificação pública. O Comitê Regional destacou ter conhecimento de que a Coluna de Ferro havia convocado uma plenária de delegados de todas as colunas à margem da organização, e que se iniciaria no dia seguinte em Valência. Tarrasa afirmou que as acusações lançadas pela Coluna de Ferro deixaram os comitês da organização em situação difícil, e que seria oportuno solicitar a retificação por parte dos membros da coluna. Depois de várias falas, aprovou-se a seguinte resolução:

Para aclarar suficientemente las causas que hayan podido existir en el conflicto con la Columna de Hierro, y el Comité Nacional, que el Pleno de Regionales nombre una Comisión investigadora, del seno del mismo. Que referente al comportamiento de la Columna de Hierro, y las acusaciones hechas por estos camaradas combatientes, en el periódico LINEA DE FUEGO, en contra del Comité Nacional, y la Organización toda, esta local propone "Que se invite a unos Delegados de la Columna a asistir al Pleno de Regionales, para que ante él, justifique el por que, de las acusaciones. Si después de informar ambas partes, se comprueba que los compañeros del frente, los falta razón, deben rectificar públicamente de dichas acusaciones, y de no hacerlo así, deben ser desplazados de la Columna, y poner otros en su lugar¹¹²².

Na segunda sessão da mesma Plenária de Locais e Comarcais, voltou-se rapidamente à questão da Coluna de Ferro, mas apenas porque a representação de Lérida queria que sua proposta derrotada – a de que o assunto fosse enviado para os sindicatos para apreciação, sendo rejeitada porque isso demoraria muito tempo – fosse registrada em ata. Outra questão tratada foi o comportamento da UGT, acrescentando-se que na Catalunha ela era diferente, crescentemente tomada pela pequena burguesia, estando cada vez mais sob influência dos comunistas oficiais que, por sua vez, eram bastante atacados pelo POUM. A disputa era tamanha que os poumistas queriam adentrar à CNT, sendo negada esta adesão coletiva, mas que individualmente eles poderiam solicitar o ingresso. Discutiui-se o aumento numérico da CNT entre os trabalhadores, embora no campo estivesse ocorrendo o inverso. Outra questão importante que foi abordada nesta plenária foi se os acordos tomados por maioria deveriam ser

¹¹²² REUNIÓN DEL PLENO DE LOCALES Y COMARCALES. **Ata da reunião realizada no dia 4 de fevereiro de 1937**, p. 2.

obrigatórios ou não. Essa discussão era muito importante porque determinaria o que se deveria fazer com a Coluna de Ferro – inclusive isto foi falado durante a discussão –, uma vez que a militarização havia sido aprovada em uma outra plenária, implicando que ela seria obrigatória para todos. Ao fim da discussão, determinou-se que as decisões tomadas pela maioria deveriam ser obrigatórias, o que em tese obrigaria a Coluna de Ferro e os descontentes a se sujeitarem à decisão. Passou-se para o assunto da ratificação ou retificação do acordo da plenária de novembro sobre as milícias e o comando único. A Comarcal do Baix Llobregat rechaçou a militarização. La Cerdaña disse que a obrigação era ganhar a guerra, que o governo os meteu na armadilha da militarização e os anarquistas aceitaram, e agora a única solução seria que a CNT e a FAI controlassem suas colunas. Depois de mais algumas falas, entre elas a da Local de Cardona, que afirmou saber o que ocorria na frente, bem como que a imensa maioria não aceitava a militarização, pois por mais de 50 anos se fez propaganda antimilitarista, citando até o caso de que Durruti, em uma plenária de sindicatos realizada em Bujaraloz, que disse que mesmo que se acordasse a militarização na retaguarda, na frente não se aceitaria. Então Mesa contou o caso de Reus, que não havia aceito a militarização, mas, após receber uma comissão para discutir a questão, acabou por a aceitar. Depois de mais algumas falas, concordou-se, com manifestações contrárias, que se ratificasse o acordo da plenária de novembro de 1936. A plenária ainda tratou das relações com a UGT e de “Assuntos Gerais”, quando se criticou Comorera por atrapalhar o esforço nos abastecimentos, inclusive impedindo trocas entre a cidade e o campo. Com isso, a reunião foi encerrada.

A referida plenária foi bastante elucidativa no tocante aos problemas em que os cenetistas estavam imersos. Havia uma enorme resistência aos desígnios dos comitês, que fazia de tudo para manter a unidade antifascista em detrimento do processo revolucionário. A principal questão do momento era a militarização, e o impacto que esta pauta tinha naquela altura pôde ser vista pelos conflitos com a Coluna de Ferro e pelas reprovações de algumas delegações presentes, mesmo que tenham sido derrotadas.

No mesmo dia 4 de fevereiro, o Soli publicou um artigo¹¹²³ tratando da pequena burguesia e da socialização da indústria. Este salientou que desde o começo da revolução a CNT fez chamamentos à pequena burguesia e tratou de mostrar que esta não tinha nada a temer em relação ao proletariado, e que a derrubada do capitalismo também os beneficiaria. A campanha, segundo o artigo, deu resultados, e muitas indústrias foram coletivizadas e contaram com o apoio de pequenos industriais. Mas a partir de algum tempo, certos partidos políticos –

¹¹²³ SOLIDARIDAD OBRERA. **La pequeña burguesía y la socialización de la industria**. Barcelona, 4 fev. 1937, p. 12.

o artigo não especificou quais – tinham se dedicado a obstruir este trabalho, dirigindo uma campanha contra a socialização da indústria. Diziam que as dificuldades econômicas da Catalunha foram ocasionadas por conta dos ensaios prematuros de socialização. No entanto, para o artigo, as indústrias socializadas eram as que se encontravam em melhor situação na Catalunha, sendo também as mais eficazes no tocante às necessidades da frente. Assim, acrescentou, a CNT acreditava que a socialização era o caminho a se seguir, pois aumentava a capacidade produtiva e isso beneficiava o abastecimento dos que lutavam na frente de batalha, além de acabar com os vícios que o regime burguês gerava. Assim, salientou, os pequenos patrões que tinham a cabeça mais aberta compreenderiam facilmente que a produção em pequenas indústrias – que muitas vezes usavam técnicas quase artesanais – não era eficaz, não tinha o mesmo rendimento de uma grande indústria com técnicas de produção de ponta, e não atendia aos interesses coletivos. Por isso, caso desejasse vencer a guerra e a revolução, dever-se-ia propagar as ideias socializadoras, o contrário do que certos setores vinham fazendo.

No mesmo Soli, foi publicado um artigo que tratava das dificuldades de exportação pelas quais os conselhos de empresa passavam. Salientou que nos primeiros meses de revolução era explicável que as Oficinas de Exportação variassem muito a organização para encontrar o sistema mais adequado de exportação. Entretanto, depois de seis meses, não apenas

[...] estamos en el mismo lugar, sino que cada día va complicándose más y más dicha organización, ya que por los trámites burocráticos que se necesitan, resulta casi imposible adquirir compromisos con los clientes del extranjero, pues las dificultades y, sobre todo, la lentitud de dichos trámites, hacen que infinidad de veces se pierdan embarques por conceder los permisos después de la salida del vapor en el cual debía embarcarse, lo que hace que, con frecuencia, sea preciso esperar todo un mes para poder embarcar para el país que interesa¹¹²⁴.

O autor do artigo, para salientar que sua afirmação não era um exagero, deu conta de um caso de que em 11 de janeiro se enviou a documentação necessária para o Comitê Algodoeiro, e que lhe foi dito que antes era preciso enviar um informe ao Ministério do Comércio da República, que daria a permissão de exportação, mas que esta não chegava antes do dia 20. Uma vez com a autorização em mãos, seria preciso pedir outra para a Oficina de Comércio Exterior de Economia, mas que essa necessitava de uma autorização do Comissariado de Fibras Têxteis. A aquisição das autorizações e permissões demoraria alguns dias, sendo que o período completo totalizaria uns 16 dias, no mínimo. Com isso, um enorme prejuízo era causado à economia e dificultava o desenvolvimento das coletividades que exportavam seus

¹¹²⁴ JORDI. F. Reorganización necesaria. Exportación. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 4 fev. 1937, p. 4.

produtos. O autor ainda salientou que esperava que Santillán fizesse um esforço para que ocorresse a fusão de algumas das várias oficinas criadas, no sentido de acelerar todos os trâmites.

Esta lentitud puede ser causa de desconfianzas de los clientes e inclusive de anulaciones de pedidos, retrasando, además, el cobro del importe de los géneros manufacturados, traduciéndose al final en obstáculos y perjuicios para la marcha normal de la fabricación, que, por ser colectiva, debemos poner todos nuestro empeño en darle el mayor volumen posible¹¹²⁵.

Isso demonstra que o excesso de controle sobre as empresas coletivizadas estava atrapalhando suas atividades e gerando prejuízo econômico ao processo produtivo.

Entre os dias 5 e 7 de fevereiro, houve em Valência a Plenária de Colunas Confederais e Anarquistas citada na última reunião de comitês e na Plenária de Locais e Comarcais. Estavam presentes as Colunas Terra e Liberdade, Durruti, Andaluzia e Estremadura, Setor Valdepeñas-Jaén e Setor Manzanares, Francisco Ascaso, Ibéria e Ferro, além de representações que não tinham credenciais: Milícias Confederais do Centro, Coluna Ortiz, Temple y Rebeldía e CNT. A primeira sessão da plenária apenas organizaou-a, nomeando a mesa, revisando credenciais etc. Logo no início da segunda sessão da plenária, foi feito um convite para o Comitê Nacional da CNT e os Comitês Peninsulares da FAI e das Juventudes Libertárias, já que os pontos tratados iriam afetá-los diretamente, e eles acabaram enviando representantes, embora tenham assistido, por iniciativa deles mesmo, apenas com caráter informativo. Iniciou-se com a leitura da circular que havia sido feita pela Coluna de Ferro e que fora enviada para todas as milícias. Eis seu o texto na íntegra:

A TODAS LAS COLUMNAS CONFEDERPALES Y ANARQUISTAS
Compañeros : Seis meses ha que empezó la guerra. Durante este lapso de tiempo múltiples cuestiones, innumerables problema, hechos de gran envergadura que han sucedido con la rapidez característica en estas convulsiones. **Todo se ha trastocado.** Las ideas, las realidades, los hechos revolucionarios, el interés de partido, todo lo que hay de noble y de sucio en los hombres han resurgido apremiante, con potencia jamas conocida, y al fundirse en extraño pero lógico confusionismo han dado como resultado una situación falsa que a todos nos incumbe despejar. No vamos en extendernos en consideraciones. Unicamente haremos resaltar que en estas horas trágicas sublimes en el frente y de frivolidad y despreocupación en la retaguardia, se han tomado por toda clase de comités de organizaciones y de partidos una enormidad de acuerdos, acuerdos que posiblemente se tomaron con voluntad de darles alguna efectividad revolucionaria, pero que **adolecen de un gran defecto: nunca se le ocurrió a nadie pedirle OPINION A LOS COMBATIENTES.** Esto es imperdonable. Tanto más cuanto nosotros, los que de hecho defendemos las tierras de Iberia, lo hacemos con el propósito más o menos definido en cada COLUMNA de crear una nueva vida. Claro que pertenecemos a unas organizaciones que tienen destacados en todos los comités

¹¹²⁵ Ibidem, p. 4.

imaginables un sinnúmero de delegados. Pero hay una realidad abrumadora e indiscutible: **EN LA RETAGUARDIA PARECE HABERSE OLVIDADO EL SENTIDO REVOLUCIONARIO EN ESTOS MOMENTOS.** Por todo esto nosotros, que entendemos que **para los combatientes de nuestras columnas el concepto revolucionario va unido al de guerra**, creemos de acuerdo con otras columnas de Levante y Andalucía, es conveniente la celebración rápida de un Pleno Nacional de Columnas Anarquistas y Confederales, para atajar conductas o tomar acuerdos. Oportunamente destacamos delegaciones que visitaron todos los frentes y cuyas impresiones nos han reafirmado en nuestra opinión. No vamos a presentar un Orden del Día extenso, por cuanto una vez reunidos, al presentar cada columna sus problemas, será cuando podrán discutirse los que se consideren importantes. Así, pues, sólo exponemos a vuestro estudio dos puntos: 1) Actitud de las columnas ante el decreto de movilización. 2) Relación con nosotros. Fijamos vuestra atención sobre el primer punto, por cuanto muchas de nuestras columnas, sin duda al sentirse aisladas, transigieron en contra de sus ideas. Creemos inútil indicaros la necesidad de reunirnos cuanto antes. Entendiéndolo así fijamos la fecha para el día 5 del próximo mes de febrero, y el sitio para celebrarse el Pleno será Valencia. Las delegaciones a medida que vayan acudiendo pasarán por las oficinas de esta columna, donde se les indicará el lugar de la reunión. No existiendo, como antes, la falta de dinero o de coches para los desplazamientos, sería conveniente que las delegaciones fueran de varios compañeros, a fin de evitar el sentir personal. Esperamos vuestra asistencia. Fraternalmente, Por el Comité COLUMNA DE HIERRO¹¹²⁶.

Terminada a leitura da circular, iniciou-se um debate em torno da problemática. Após algumas falas, Pellicer, membro da Coluna de Ferro, assumiu a palavra e disse:

No vamos a hacer historia, que la creemos innecesaria, de lo que nos ha pasado a nosotros y está pasando a todos. El boicoteo del Estado creemos que no debe continuar y debemos expresar nuestra disconformidad a que en ningún frente las columnas de la CNT y F. A.I. no sean atendidas como se debe. Por unos compañeros que fueron a Cartagena (y a su debido tiempo) fuimos enterados de la cantidad enorme de armas que se estaban descargando en aquel puerto, mientras que en Andalucía, unos meses después, aun hay columnas que están combatiendo con escopetas. El Estado iba rodeándose y se consolidaba con fuerzas magníficamente dotadas de armas y vestidos, de todo lo cual carecemos nosotros. Debemos acusar a los organismos responsables y a nosotros mismos, ya que hemos sido culpables de tener los mejores elementos en el frente, **mientras quedaron, en cambio, en los Comités de las organizaciones, los arribistas que sentados en el comodín de un cargo hacían una labor contraria a la buena marcha de las mismas.** Todo esto lo hemos dicho y repetido a la Organización, que no hizo nada, hasta el extremo de que casi nos convencimos de que estábamos aislados, pero al contestar los compañeros de otras columnas que se hallaban en igual situación abrigábamos la esperanza de que todavía en la CNT y FAI pudiera resurgir el sentir que siempre fue norma en nuestros actos e imponiéndose a todos normas de libertad. No pusimos orden del día porque creíamos que las necesidades en todos los frentes han sido las mismas. Se habían de discutir las cosas de todas las columnas y ellas mejor que nadie podía ir exponiéndolas en la mesa a medida del transcurso de la reunión. Se ha hablado de militarizaciones. En nosotros el espíritu federalista fue nuestra tradición y **el organismo confederal nos militariza, sin consultarnos siquiera, que es lo menos que creo debemos merecer.** Y puestos en esta situación violenta en que se nos deja, ya que caso de no militarizarnos se nos sabotea con la falta de gasolina, municiones, comida, paga y demás, haciéndonos la vida imposible, hemos de hacer constar que **nosotros no queremos abandonar los frentes, que no queremos militarizarnos a la trágala y que sí queremos que se nos pregunte nuestra opinión.** Queremos emitir nuestro pensamiento, porque

¹¹²⁶ FONDATION BESNARD (2006). CNT-FAI Acta del Pleno de Columnas Confederales y Anarquistas celebrado en Valencia el día 5 de febrero de 1937, grifos nossos.

entendemos que hay un número incalculable de compañeros que no tienen necesidad de militarizarse para dar el máximo de rendimiento. Se habla mucho de militarización argumentando que las Milicias corren y no se olviden quienes tales afirman que cuando nuestras Milicias corrieron en algún frente, tres kilómetros delante corrían los soldados con todos sus jefes y oficiales. Se repite también con demasiada insistencia que hacen falta elementos técnicos y una disciplina férrea que imponga a los milicianos una conducta más valerosa, y esto es intolerable. No somos enemigos cerrados de la técnica, pero los que tanto blasonan de ella deben saber que en España los militares que no se han sublevado ha sido por cobardía o sencillamente por falta de ocasión. Esto en la mayoría de los casos. Desde luego no olvidamos que existen casos de compañeros militares cuya educación más o menos liberal los atrajo a nuestros medios en los primeros días de lucha y no lo negamos por cuanto en nuestra columna los hubo; pero ¿sabéis lo que hace con ellos el Alto Mando? Cuando ve que simpatizan demasiado con determinados compañeros los releva y los encarga de misiones burocráticas, como nos ha pasado a nosotros. Y ante esto, por la mera afirmación de falta de elementos técnicos, ¿vamos a tragarnos como tales a los oficialillos - fabricados al por mayor - en un par de semanas en cualquier escuela militar? No podemos engañarnos por cuanto a todos nos consta que el último delegado de nuestras centurias sabe más de guerra que el más avisado de estos oficiales. Y hablemos de la disciplina cuya falta parecen haberse puesto todos de acuerdo para pregonarla a los cuatro vientos. Comparar nuestros milicianos con los fascistas por el hecho de que éstos, por un número determinado de hombres, colocan a otros detrás con una pistola, es querer ignorar cosas tan importantes como son las ideas y el coraje que los nuestros sienten y que los otros no tuvieron. Además hacemos una afirmación rotunda. Si fiamos el éxito de la guerra a que por cada siete u ocho compañeros haya uno detrás con pistola, desde ahora podemos decir que hemos perdido la guerra. Nuestra columna (y no es pedantería), sin recurrir a esos medios, ha seguido una trayectoria limpia, exenta de retrocesos y cobardía, marcando desde el primer momento una pauta. Nosotros entendemos que en nuestra columna pueden haber errores, pero protestamos de que a la columna se le acuse desde un principio por un sinnúmero de cosas injustificadas. Los partidos políticos siempre nos odiaron e hicieron propaganda en contra nuestra. Pero es que fuimos nosotros los que en contra de la propia CNT destruimos el Registro de la Propiedad, quemamos los ficheros, desarmamos a la Guardia civil y obligamos a los de Asalto y Seguridad a que marcharan al frente. Nuestro propósito fue siempre lavar de porquería la retaguardia. El Gobierno sabe que la única que puede limpiar Levante es la Columna de Hierro y por ello es por lo que nos niega las armas. Claro que el Gobierno dice que no las tiene, pero lo más lamentable es que la Organización inconscientemente les hace el juego y dice que no tienen armas, mientras no se vacila en mandar ocho camiones con GUARDIAS DE ASALTO a reprimir los justos anhelos de los campesinos, cada vez que una Comarcal protesta contra actuación de cualquier partido. En Bétera va a vivir en un chalet Azaña y hay destacados QUINIENTOS soldados. Por la ciudad se pasean carabineros, guardias de asalto pomposamente equipados. A nuestras demandas de armas se dice que nos darán cuando pueda ser, pero es bien seguro que nunca llegan para nosotros, ni un cartucho ni un fusil. **La Organización, por lo que respecta a Levante, ha jugado sucio, ha jugado a comités y estos votaron la militarización, siendo así que en el último pleno regional de sindicatos se aprobó lo contrario. Nosotros no hablamos en contra de la Organización, a la que queremos como el que más. Hablamos en contra de los comités que están desprestigiándola.** Por ello hemos convocado a las demás columnas para pedir a la Organización que cumpliera cosas que seguramente ha olvidado. “Y nada más por ahora”¹¹²⁷.

Após a fala de Pellicer, mais alguns delegados tomaram a palavra e, então, foi a vez de um membro da Delegação da Coluna Ascaso discursar:

¹¹²⁷ Ibidem, grifos nossos.

En la División Ascaso ha sucedido lo que en todas las Columnas Confederales. La mayor parte de las cuestiones que la Columna de Hierro ha expuesto aquí, también nosotros las tocamos también. Planteamos directamente al Comité Regional de Cataluña, al Comité de Defensa de la Confederación y organismos específicos, que se nos ha saboteado. Propósitos claros. Hoy nadie lo duda. No proporcionando nada de lo que se necesita para ganar la guerra y se hacía tal labor que yo hasta sospecho que hay dentro, entre nosotros, quien nos mete la cizaña en todos los instantes que estamos en el frente. A pesar de que no estábamos conformes con la militarización (transformar las centurias en compañías) nosotros hemos respondido que se lograba igual resultado por centurias que por compañías; que no considerábamos como militarización, que no estábamos dispuestos a aceptarla. Creemos que debemos ser nosotros los compañeros, los que debemos responsabilizarnos de todo, y aceptamos, únicamente, ante la petición de los mismos milicianos, el que vengan a nosotros unos “militares” que sin ellos lo pasábamos muy bien también. A pesar de las promesas del Gobierno estamos seguros de que no se nos darán medios para ganar la guerra. Se nos va a sabotear. Hoy va comprobando la división Ascaso este hecho, y las cosas siguen igual; mucha intervención de mandos militares rusos, que intervienen en la dirección de las prácticas de la guerra, pero ante esto yo tengo que repetir una frase que dije no hace muchos días: "Muchos rusos, pero pocas cosas de Rusia." Da lo mismo ser responsable de centuria que capitán de compañía. Tengo algunos puntos de diferencia con algo que ha expresado la Columna de Hierro; puntos insignificantes como son el que allá nos acostumbramos a hacer asambleas, porque no deben hacerse en la situación en que estamos. Hemos consultado con los compañeros de responsabilidad y hemos opinado que antes que la Revolución hay que ganar la guerra, pero ganarla nosotros, la CNT y la FAI. Esta lucha que ha entablado en un principio con la UGT, más tarde con el POUM, luego con las fuerzas llamadas republicanas y con Companys, nos ha llevado a este maremágnum. Este Pleno nos ha satisfecho por ver si con él es posible llegar a una manera de entendernos. Hay que ganar la guerra, antes que la revolución. Nosotros teníamos que prepararnos para eso, pero no teníamos aún fuerzas suficientes. Había que pensar si hacíamos la revolución por cuenta propia o con la colaboración de los demás. No teníamos bastantes fuerzas y **aceptábamos la colaboración para vencer al fascismo, y en primer lugar, que es lo fundamental, para que luego pueda haber revolución.** Nosotros entendemos que lo que en la retaguardia se hace, irá más allá cuando en el frente reunamos más fuerzas, y cuanto más victorias logremos. No tenemos desconfianza absoluta con los compañeros de la retaguardia. Planteábamos a nuestro Comité que no se tolere más el sabotaje a nosotros y que no continúe el que unas columnas de Cataluña hagan la guerra al fascismo por su cuenta y que las de Levante por otro, porque ello es imposible. Cuando terminemos, entonces ya tendremos ocasión de imponer nuestros ideales en la retaguardia. Recogiendo de lo dicho por el delegado de la Columna Ortiz, que dice que cuando no había más norma que la libertad es cuando se triunfaba, yo he de decirle que no es así. **La disciplina no tiene la culpa de que no se logren más triunfos.** Es porque hasta llegar a Belchite no hubo enemigo serio y nos paramos, y con eso nos damos por satisfechos, porque **Aragón es el único sitio donde no se ha retrocedido, donde no se retrocede.** No fue el entusiasmo, fue que no teníamos enemigos serios. Ahora bien, cuando nos paramos en Belchite no existía la militarización, se pararon allí como nosotros en Huesca, porque se nos saboteó y se nos dejó sin municiones. El fascismo no se ha liquidado porque no se ha querido el triunfo sea nuestro, pues no se ha regateado medio para sabotearnos. Debemos de hacer lo imposible porque ese triunfo sea de verdad, rompiendo los cercos que se nos ponen; las armas busquémoslas nosotros mismos, porque yo ya he perdido la esperanza de que ni Rusia ni nadie nos las proporcionen. O vencemos nosotros CNT-FAI, o los que hacen la guerra al parecer conjuntamente con nosotros, los antifascistas. Si gana cualquiera de los otros, entonces han de venir a pegarnos a nosotros. Tenemos que hacernos fuertes en los frentes y no abandonarlos nunca. Proporcionarnos los medios para lograrlo. Los milicianos tienen derecho a anhelar su vida, pero los militantes no. La Columna de Hierro debe de reorganizarse allí mismo; venir, nunca. Venir con las armas en la mano, menos. Porque éstas hacen falta allá. Si viene a Valencia, yo creo que no

volverá a subir, y no podrá volver a ser lo que fue y justificadamente esta siendo la Columna de Hierro¹¹²⁸.

O próximo que tomou a palavra foi o delegado da Coluna CNT 13. Na ocasião, frisou que sua coluna se militarizou

[...] porque hemos adquirido la experiencia de que no se puede llegar a jugar a la guerra en el frente. Hemos observado (doloroso es confesarlo) que al entrar en fuego han quedado cien y pico enfermos, acobardados, con mil pretextos para volverse atrás, contra lo que no ha valido ninguna consideración ideológica¹¹²⁹.

O próximo a falar foi a delegação da Coluna Temple y Rebeldía, afirmando que havia aceito a militarização, embora tenha reclamado do desconto que era feito quanto aos soldos dos milicianos. A delegação da Coluna Ibéria destacou que faltavam armas, não homens, assim como a militarização não resolveria este problema. Caso fosse implementada, “[...] no contaríamos con casi ningún miliciano. Si llega el caso de la militarización abandonarían nuestras filas, porque no quieren dejar de perder el carácter de libertad¹¹³⁰”. Depois de mais uma fala, o Comitê Nacional da CNT tomou a palavra. Defendeu-se de algumas acusações, principalmente de que havia aceito a militarização sem o consentimento das bases, afirmando que ela foi aceita em uma plenária de comitês regionais – embora não tenha especificado a data desta reunião. Sendo assim, teria que se culpar as pessoas que excederam suas funções, dando autorização para que o Comitê Nacional aceitasse a militarização. Evidenciou também uma conversa com Caballero, pois este teria dito que as armas fornecidas pelo Estado eram do Estado e, caso a organização não as quisesse, que adquirissem suas próprias armas. Acrescentou que o Comitê Nacional não possuía armas e, caso algum delegado soubesse como conseguiu-las, deveria deixar isso claro. Em seguida, as Milícias Centro mencionaram o que qualificaram como “vergonhosa fuga do Comitê Nacional de Madri”. Salientaram também que as milícias tinham autodisciplina no início da guerra, mas o extinto de conservação falou mais alto e foram sendo reduzidas a zero. Assim, “[...] es por lo que la Región del Centro creyó oportuno dar una nueva orientación a la estructuración de las fuerzas confederales, **visto el fracaso de las Milicias**¹¹³¹”. Mera então tomou a palavra, expondo casos

[...] ocurridos en el Hospital Clínico y las consecuencias que sacaron los compañeros al aceptar una disciplina fuerte que bajo un sentido de disciplina de organización, no fuese la cuartelera. **Dice que la disciplina debe de empezar por los Comités** y que

¹¹²⁸ Ibidem, grifos nossos.

¹¹²⁹ Ibidem.

¹¹³⁰ Ibidem.

¹¹³¹ Ibidem, grifo nosso.

no se puede aceptar que sólo se imponga al miliciano, y en cambio **hagan los Comités lo que les parezca sin consultar con los compañeros interesados**. Pone como ejemplo lo ocurrido con un ofrecimiento del Comisario General, el cual rechazó por no venir como él creía debía ser. Termina recalcando sean los comités los que den el ejemplo de disciplina¹¹³².

O próximo a falar foi Benito, que criticou a organização por não ter sabido organizar a fabricação de armamentos e munições, pediu uma linha de conduta a seguir e salientou que, quanto mais fosse organizada a guerra, mais longe se iria no triunfo. Também discursou contra a realização de assembleias na frente, pois elas desviavam a atenção dos milicianos. O delegado do Terra e Liberdade disse que primeiro aceitou a militarização, mas que devido aos acontecimentos teria que voltar atrás, “[...] porque los hechos no corresponden a lo que nos ofreció la Regional Catalana¹¹³³”. Afirmou que convocou uma reunião de sua coluna e a impressão era de que não se queria a militarização

[...] como lo prueba el hecho de que la mitad de nuestro efectivo de hombres, más de ciento cuarenta y tres, dicen que el compañero del que se apodera el pánico, lo mismo se le apoderaría llámese militar o miliciano. No cree que un hombre, porque se llame militar, tenga más valor que otro cualquiera¹¹³⁴.

Falaram Collado, da Coluna Durruti, e Raquel Castro Roda, também da Coluna Durruti:

La Columna Durruti acepta la militarización. La aceptamos, por la razón esencial de que queremos hacer la guerra, porque en el frente de Aragón hasta ahora no la hemos hecho. Debemos hacer la salvedad de que partiendo de cabos hasta capitanes sean nombrados por nosotros mismos, y que existan nuestros comisarios de guerra. **Aceptamos técnicos únicamente para que asesoren a los capitanes salidos de nuestros propios hombres.** Si así tenemos miedo de enfrentarnos con la militarización, es que tenemos miedo a la realidad. Lo aceptamos porque sentimos la necesidad orgánica de avanzar. Si nos retiramos, el Gobierno se valdrá de ello para sustituirnos por sus fuerzas¹¹³⁵.

A fala de Roda provocou uma série de reações. Por isso, o Presidente precisou organizar as falas. Então, um delegado da Coluna de Ferro disse que

[...] **la CNT como la FAI, no han seguido su trayectoria revolucionaria porque han puesto sus miras sólo en la guerra, sin querer ocuparse de la Revolución.** El Gobierno cayó y lo elevó el apoyo de la CNT; Apoyo que le prestó bajo la promesa de que tendría participación en el ARMAMENTO. **Somos contrarios a la militarización, porque nosotros no podemos coincidir con los Sindicatos convertidos en cuarteles.** No hay que profanar la palabra ANARQUISTA.

¹¹³² Ibidem, grifos nossos.

¹¹³³ Ibidem.

¹¹³⁴ Ibidem.

¹¹³⁵ Ibidem, grifos nossos.

Llamémonos otra cosa, pero anarquistas militarizados, no. En la Columna de Hierro puede decirse que no hay distinción¹¹³⁶.

Aqui foi encerrada a segunda sessão da Plenária de Colunas Confederais e Anarquistas. No início da terceira sessão, houve um incidente. O Presidente destacou que a Plenária de Regionais, que começaria no dia seguinte, mandou uma comissão delegada para assistir a esta plenária. A Coluna de Ferro reclamou que eram poucos delegados, visto a importância desta plenária, ao que a representação da plenária que começaria no dia seguinte retrucou que foi eles quem tiveram a iniciativa de participar, “[...] **a pesar de ser una reunión ilegal**”¹¹³⁷. Tal afirmação gerou um protesto da Coluna Ortiz, que respondeu que “Las columnas tienen el deber - al no ser consultadas - de protestar de la militarización hecha sin previa consulta, lo que es negar la fuerza que puedan o deban tener las columnas en el frente”¹¹³⁸. Após o incidente, a plenária seguiu.

A delegação da Plenária de Regionais fez uma fala na qual afirmou que havia uma divisão: forças confederais, de um lado, e a organização da retaguarda do outro lado. Falou também que nunca se deveria ter “[...] celebrado esta reunión, completamente "anormal" e "irregular" y quiere dejar sentado este calificativo, que aplica a la reunión”¹¹³⁹. Comentou sobre a circular feita e distribuída pela Coluna de Ferro, dizendo que ela era “[...] sin control de Organización y completamente al margen de ella”¹¹⁴⁰. As afirmações geraram protestos, mas a plenária prosseguiu. Pellicer, da Coluna Durruti, fez uma longa fala. Ele leu novamente a circular feita pela Coluna de Ferro e, então, passou a falar sobre organização.

Los Comités nunca nos pidieron nuestra opinión, se limitaron a imponernos la suya y esto es intolerable. Bien que las cosas de la retaguarda, pulsadas y aprobadas por ellos, se limitaran a hacémoslas conocer, que ni siquiera eso han hecho. Esto, aunque fuera de desear otra cosa, tendría un pase, pero lo que es absurdo, lo que es una barbaridad de calibre no conocido, es que **las cuestiones del frente, acuerdos acerca del desarrollo de la guerra, cosas consustanciales para los combatientes, que son los únicos que esto debieran tener derecho a opinar, se hayan limitado a imponerlas sin preguntarles a los que sufren y caen junto a los parapetos.** ¿Qué opináis de la militarización? Y esto no se ha hecho. **No se ha hecho porque de antemano se sabía la contestación.** Y continuando aclarando, diremos una vez mas que los compañeros que visitaron las columnas formaban comisiones mixtas, integradas por la columnas Iberia, Hierro y Temple y Rebeldía, que fueron las que primeramente se reunieron juntamente con la de Maroto. **La obligación de la Organización era consultar a los combatientes** y nosotros no hubiéramos tenido

¹¹³⁶ Ibidem, grifos nossos.

¹¹³⁷ Ibidem, grifo nosso.

¹¹³⁸ Ibidem.

¹¹³⁹ Ibidem.

¹¹⁴⁰ Ibidem.

que hacer de “nodrizas” (para lo que no aprovechamos), marcándole el proceder a seguir¹¹⁴¹.

Após ser interrompido, Pellicer continuou sua fala criticando bastante o Comitê:

Nosotros no podemos consentir que con el proceder de esos Comités, imponiendo su criterio, la columna tenga que deshacerse, al obligárenos a imponer unas ideas de militarización en pugna completa con la propia ideología de ella. Al manifestarnos contrarios a la militarización se nos impuso como solución el abandono de armas para relevarnos, lo que creímos que era una cosa fuera de lugar. Nuestra columna se creía en el derecho de defenderse de una situación creada por otras columnas políticas. El Comité Nacional, lo repetimos, voluntariamente o no, ha hecho el juego al Estado¹¹⁴².

Depois de fazer mais críticas, Pellicer passou a palavra para outras representações. Vale destacar a fala de Mera que, dentre outras coisas, argumentou:

Ante esto que para nada se nos ha tenido en cuenta, el CN no tiene derecho a decir que esta reunión es anormal o irregular, ni nada por el estilo. Si no se ha hecho lo que no se ha hecho hasta aquí, es preciso que se haga. **El Comité se comportó de una forma anticonfederal, al no consultar los problemas ante los sindicatos y sí imponiendo sus acuerdos a los compañeros del frente de una forma dictatorial, sin consulta ninguna, acuerdos que resuelven internamente entre ellos, en un plan digámoslo familiar.** Si el hijo pequeño, por ser menor de edad, no tiene derecho a reunirse con su hermano sin permiso del padre, antes debía el padre de haberse preocupado de cómo estaban sus hijos en las trincheras. **El Comité Nacional y los Comités Regionales están pensando en una forma que estrangula la revolución y esto no debe ocultarse a los combatientes.** Aceptamos lo que podemos decir “AUDACIA” y admitir la militarización, pero protestamos de que la Organización nos haga tragar una cosa porque un ministro lo quiera, y claramente lo diré: a mí no me interesa la Organización en este plan. Esto lo digo cómo Mera¹¹⁴³.

A representação do Comitê respondeu ressaltando que a união da organização era o único modo de vencer o inimigo, acrescentando que a entidade estava acima dessas querelas internas. Depois de mais algumas falas, a terceira sessão foi encerrada.

A quarta e última sessão da plenária foi realizada no dia 7. O delegado da Coluna Ortiz falou do abandono dos milicianos na frente, pois, caso isso continuasse, afetaria seu espírito revolucionário. Iniciou-se um debate cujo pano de fundo era quem ficaria com o controle das tropas, os comandos, os técnicos etc., assim como qual a participação dos cenetistas nestes cargos, uma vez que não se queria passar o comando das tropas para outras correntes. Foi quando a delegação da Coluna de Ferro questionou que se estava discutindo quem ficaria com

¹¹⁴¹ Ibidem, grifos nossos.

¹¹⁴² Ibidem, grifo nosso.

¹¹⁴³ Ibidem, grifos nossos.

os comandos, quando a discussão deveria ser sobre a militarização ou não. A discussão, então, rumou para este sentido. Disse a delegação da Coluna Ascaso:

Militarización es cambiar la estructura nuestra y sustituirla por la del ejército, destruyendo nuestro espíritu federalista. Estamos de acuerdo con la reorganización, con la disciplina, pero **no podemos aceptar la militarización a base de individuos que no discuten a quienes se manda**, sin preocuparse de sus compañeros, imponiendo su voluntad por la sola razón de que es la suya. García Oliver ha dicho: No engañarse, si aceptáis la militarización “vosotros desapareceréis”. Nosotros vemos que la función del comisario es completamente nula. Para nuestra columna ya se había dado hasta el jefe, que no es persona de nuestra confianza y que incluso sabemos que ya tenían pensado la distribución de cargos de mando. Se habla mucho de que nuestro poco rendimiento es debido a carecer de disciplina militar y yo pregunto: los soldados que han salido ¿han dado un mayor rendimiento que nuestros milicianos? Al contrario con todas sus disciplinas militares han sido un valor muy negativo. Las columnas pierden la personalidad que tenían. **Si aceptamos la militarización, los mandos no serán nuestros, serán de los militares.** Mando único, lo aceptamos. Dirección técnica, la aceptamos firmemente. En la parte ideológica no tenemos confianza en los militares¹¹⁴⁴.

Mera disse que o debatido no dia anterior estava sendo discutido novamente, e acrescentou:

Yo digo que si los que están en Aragón estuvieran en Madrid, cambiarían de opinión. Nosotros vemos que hace falta la disciplina para sacar un buen resultado de la guerra. Para que el individuo que va a ella se le obligue a sostenerse en su puesto y que por instinto de conservación no lo abandone en un momento determinado. Ninguno de los que hay aquí puede demostrar que repartió sus individuos con disciplina. Para hacer la guerra se impone hacerla con la disciplina militar. Al mando no se le discute, pero cuando no lo hace bien, tampoco debe discutirse: debe pegársele dos tiros. La guerra es una contraposición del hombre sentimentalista¹¹⁴⁵.

A delegação da Coluna de Ferro respondeu que “Nosotros, cuando operamos, no discutimos y siendo los que más hablamos en contra de la disciplina y el mando único, tampoco acertado en sus decisiones, y los que nada les hemos discutido cuando de avanzar se trató¹¹⁴⁶”. A delegação da Coluna Terra e Liberdade deu exemplo de baterias que não estavam militarizadas em Madri, como a “Sacco e Vanzetti”, e que funcionava muito bem. Falou também das colunas que aceitaram a militarização e não tiveram as promessas cumpridas quanto ao recebimento de armas, por exemplo. Defendendo a militarização, o Comitê Regional salientou:

Cuando la organización aceptó la militarización no hizo más que expresar estos conceptos vertidos por vosotros. Nosotros hemos perdido cien y pico de kilómetros

¹¹⁴⁴ Ibidem, grifos nossos.

¹¹⁴⁵ Ibidem.

¹¹⁴⁶ Ibidem.

en el frente de Toledo y a esto nosotros nos vimos obligados a buscarle solución, porque hay que hacer la guerra y hay- que ganar la guerra. Personalmente, yo, anarquista como el que más, conceptúo la militarización como creo deben aceptarla todos. Entendemos que el que tenga las armas, mañana ganará la revolución, y por ello creemos conveniente aceptar la organización de Brigadas. Ese es nuestro punto de vista aunque el militarizarnos trastoca nuestro punto de mira anarquista, como lo trastoca el tomar parte en la guerra, porque no es principio anárquico el coger un arma para matar a un semejante¹¹⁴⁷.

Quanto à indagação mencionada, a Coluna de Ferro respondeu que “[...] siempre fue muy anarquista manejar las pistolas a tempo¹¹⁴⁸”. Raquel Castro perguntou ao Comitê Nacional se a militarização garantiria a entrega das armas, ao que lhe respondeu que não, mas faria o possível para que a promessa fosse cumprida. O presidente da plenária disse que havia uma corrente contra e uma a favor da militarização, e que era preciso unir as duas opiniões. O delegado da Coluna Ascaso falou que sua impressão era de que a maioria aceitava a militarização. Após mais algumas falas, as Milícias Confederais do Centro apresentaram uma proposta com três pontos: 1- a aceitação da militarização como uma imposição da guerra; 2- a militarização seria feita com os comandos permanecendo sob controle da organização; 3- as brigadas ou divisões deveriam ser homogêneas, e somente na impossibilidade disso seriam constituídos dois batalhões cenetistas e dois alheios, mas a CNT manteria os cargos. O delegado da Coluna de Ferro perguntou o que aconteceria com os que não aceitassem a militarização, ao que o Comitê Nacional respondeu que seriam substituídos por outros cenetistas. Pellicer, da Coluna de Ferro, afirmou que não podia decidir, pois era a assembleia da coluna quem o iria fazer, mas que achava impossível que eles aceitassem. Depois de mais algumas falas, inclusive da Coluna de Ferro, que visivelmente estava inconformada com o Comitê Nacional e com o processo de militarização que estava sendo aceito pela assembleia apoiada por mais algumas representações, foi encerrada a plenária.

Conforme pôde se ver neste resumo e algumas falas, a plenária foi bastante tumultuada. Na verdade, estava-se diante de um fato consumado: a militarização já havia sido aceita – embora sua implementação ainda estivesse em curso – e, sob ameaça de perder o fornecimento de armas e víveres, e ante a quase impossibilidade prática de um revés da situação, muitas colunas acabaram aceitando-a. A única solução para os descontentes era retornar à retaguarda. Um dos pilares do processo revolucionário de 19 de julho, as milícias, havia sofrido uma enorme derrota. Mas é preciso enfatizar também os conflitos internos pelos quais a CNT estava passando. A militarização das milícias era mais um duro golpe no processo revolucionário,

¹¹⁴⁷ Ibidem.

¹¹⁴⁸ Ibidem.

como foi o Decreto de Dissolução dos Comitês de Bairro e Cidade e a restauração dos antigos poderes municipais. Tudo isso foi tolerado em nome da unidade antifascista para vencer a guerra, mas como a resistência não era pequena, a única forma de cumprir tais desígnios era ferindo o federalismo dentro da organização. O federalismo era um dos principais pilares da CNT, da FAI, do anarquismo e do sindicalismo revolucionário, motivo pelo qual a atuação dos comitês estava sendo vista como um abandono de princípios. Isso foi falado de forma explícita e implícita nesta plenária, visto que os comitês foram acusados várias vezes de tomar medidas por conta própria, sem consultar as milícias e os sindicatos, inclusive, dizendo claramente que eles estavam fazendo uma obra contrarrevolucionária e que, desta maneira, iriam perder a guerra também. Os líderes cenetistas comportavam-se cada vez mais como burocratas que atuavam sem controle.

6 A RETAGUARDA EM EBULIÇÃO

6.1 Da Militarização à Criação do Corpo de Segurança Interior

No dia 7 de fevereiro de 1937, Juan López, cenetista e Ministro do Comércio no governo central, proferiu uma conferência no Cine Coliseu de Barcelona com o título de “Conceito do Federalismo na Guerra e na Revolução”. O ato começou com uma pequena introdução de Toryho e logo López tomou a palavra. Este iniciou sua conferência falando contra o centralismo absorvente – inclusive o de Madri – e propugnando a defesa do federalismo. Mas afirmou que, para ele, o federalismo não era sinônimo das “[...] dimensiones de libertad política y económica que definitivamente vayan a tener los pueblos y las regiones de España¹¹⁴⁹”, e sim “[...] valorar las restricciones que hay que hacer en todos los pueblos y regiones para salir a flote y ganar definitivamente la guerra, que no es ni más ni menos que la avanzadilla de la Revolución¹¹⁵⁰”.

López também frisou em sua conferência que as milícias não lutavam por uma república democrática, pois esta “[...] es una Constitución de papel¹¹⁵¹” e não expressava a “verdadeira Espanha”. No entanto, evidenciou também que a revolução não era a implantação do “comunismo libertário”, e sim uma terceira coisa, que ninguém sabia direito o que era.

[...] los actuales momentos que vive el pueblo español no expresan el esfuerzo para defender o para mantener las prerrogativas de una República democrática, y que, por el contrario, los esfuerzos hechos por el pueblo español, los sacrificios realizados por las fuerzas milicianas que están batiéndose en el frente, los esfuerzos volcados en la tarea de construir y de afianzar las fuerzas económicas en la retaguardia, se hacen para defender la Revolución española, para defender sólo y exclusivamente la Revolución española, **que no es la República democrática, que no es el Comunismo libertario**, que nadie puede saber en estos momentos cuáles van a ser sus resultados económicos y morales, pero que es una Revolución que estamos obligados a defender todos, para mantener y defender la libertad del pueblo español¹¹⁵².

Continuando sua explanação, López salientou que ainda se estava na primeira fase da Revolução Espanhola, a da expropriação, da tomada dos órgãos da economia e da velha organização militar. E a primeira fase seria sempre acompanhada de uma desordem. Mas, segundo López, deveria-se passar rapidamente para a próxima fase, quando seriam articulados os novos órgãos que poderiam gerir a vida. López também falou sobre a existência de duas

¹¹⁴⁹ LOPEZ, Juan. Concepto del Federalismo en la Guerra y en la Revolución. Oficinas de Propaganda CNT FAI, p. 2.

¹¹⁵⁰ Ibidem, p. 2.

¹¹⁵¹ Ibidem, p. 4.

¹¹⁵² Ibidem, p. 4, grifo nosso.

concepções diferentes de federalismo, uma anterior à guerra e à revolução, e outra posterior. Uma seria o conceito capitalista de federalismo, e a outra o conceito proletário. O primeiro estava baseado no nacionalismo, enquanto o segundo o combateria. No entanto, López acrescentou que não era possível aplicar o federalismo em tempos de guerra, somente em tempos de “normalidade”.

Una concepción de la vida federalista que ha de desenvolverse en un régimen de normalidad, en un régimen consolidado; un federalismo que se ha de practicar en un momento como el que vive España, en el periodo de guerra donde todo ha sido subvertido y a donde, aun en estos momentos, no se puede hablar de que haya una igualdad y un derecho para todos, podría admitirse un régimen de igualdad federalista dentro del cual los hombres gocen sus derechos con arreglo al ejercicio de su libertad. No se puede admitir esa igualdad de derechos en un momento en que tenemos necesidad de ganar la guerra, en que tenemos necesidad de estructurarlo todo y de defendernos contra el propio enemigo que está esperando el momento de actuar en nuestra retaguardia. Todos no pueden tener los mismos derechos. Esa es una mentira que nosotros no podemos defender en estos momentos. A los que acaban de llegar a la Organización, a todas las organizaciones, los que pertenecían a disciplinas políticas contrarias a nosotros, ¿es que vamos a permitirles que tengan una libertad, conforme a la libertad de que puedan gozar todos aquellos hombres que han de tener la confianza de las organizaciones antifascistas? Eso sería estúpido. Eso sería negativo para la guerra y para la Revolución¹¹⁵³.

Continuando sua apresentação, López destacou que a guerra não era apenas uma questão militar, mas também econômica, e ambos exigiam uma unidade absoluta. Disse que a CNT – que segundo ele não havia abandonado seus princípios, como muitos disseram após a organização passar a fazer parte do governo – foi a primeira a propor o comando único das milícias, visto que elas não se unificariam. No campo econômico, deveria ocorrer algo parecido: ele deveria ser unificado. Mas como fazer isso? Para López, criando um organismo nacional que coordenasse toda a economia.

Já no final de sua exposição, López finalmente chegou ao assunto do pós-revolução, e fez a seguinte afirmação:

Vamos a dejar para mañana, para el día siguiente de la victoria, cómo va a organizarse España. Desde luego ha de afirmarse rotundamente que todos los esfuerzos proyectados hoy en la retaguardia tienden a crear una España libre, una España de pueblos libres y unidos entre sí; que la contextura moral y económica de España ha de responder a ese principio fundamental del federalismo; pero con el afán de que todo eso sea posible, nosotros hemos de afirmar que esa concepción definitiva o ese organismo definitivo que ha de ser España al final de la guerra, nosotros no lo llevaremos hoy a la práctica; lo que si llevaremos hoy a la práctica es la inteligencia debidamente articulada entre las dos Organizaciones sindicales, para asegurar que el control de la producción, el control de la Economía española, la vida económica de España, ha de estar en poder de los Sindicatos y no del Estado; ha de estar en poder de la clase trabajadora, en poder de la clase trabajadora organizada, que ha demostrado

¹¹⁵³ Ibidem, p. 9-10.

tener capacidad suficiente para substituir una organización estatal, que no podía crearse porque no existía, dada la fuerza que tiene la C.N.T. La libertad de España, de los trabajadores españoles, queda sujeta a esa condición fundamental. Quienes han de controlar, dirigir, administrar y organizar la Economía española, a través de la estructuración de todos los ramos de la producción de España, y, estando en manos de la clase trabajadora la Economía, entonces el federalismo florecerá en cada pueblo con arreglo a la voluntad y al carácter de cada región respectiva. He terminado¹¹⁵⁴.

Em 7 de fevereiro, o Solidaridad Obrera publicou um artigo¹¹⁵⁵ em que confrontou Comorera de modo aberto e pessoal, em decorrência de outra reportagem publicada por este na imprensa no dia anterior. O Soli abertamente acusou Comorera de ser incompetente e desleal, além de mentiroso. Falou do caso de algumas batatas que haviam sido importadas da Bélgica pelo Mercado Central de Borne – que estava coletivizado, lembremos –, cujo destino seria as colunas que lutavam na frente de Aragão. O dinheiro pelo pagamento havia sido depositado e, quando metade da carga chegou em território espanhol, o Conselho de Abastecimentos tentou se apossar dela, o que não foi permitido pelos trabalhadores do Mercado. A carga, então, foi distribuída para diversos destinos da Frente de Aragão. O artigo também acusou Comorera de fazer uma péssima gestão em seu Departamento e de causar turbulências por conta de suas declarações públicas, salientando que ele deveria mudar de tática. No tema dos Abastecimentos, o Soli também noticiou que as Patrullas de Controle haviam confiscado vários víveres na casa de “[...] una canalla que se dedicaba a servir a la burguesía emboscada¹¹⁵⁶”.

No mesmo Soli, foi publicado um artigo que falava sobre a pequena burguesia. Foi exposta em breves palavras a posição da CNT em relação ao estrato social e discorreu brevemente sobre a questão das vantagens da socialização para, então, dizer que a posição da CNT de respeitar a pequena burguesia estava sendo usada por alguns para se dirigir contra os interesses da coletividade. E completou:

Únicamente podemos aceptar como pequeño burgués todo aquel que tenga un negocio, o bien un pedazo de tierra, y solamente él y sus familiares trabajen en el mismo; pero tan pronto tenga necesidad de la ayuda de un segundo, ya no es posible catalogarlo como pequeño burgués. Ya que en este caso, las personas comprendidas en la explotación de una industria o de un comercio, y que tuvieron a su servicio diez o doce empleados, irían acumulando riqueza y convirtiéndose en una casta que hace siete meses hemos liquidado, con las armas en la mano, del territorio de España. Reconocemos los derechos de la pequeña burguesía; pero no en la forma que pretenden sus defensores trasnochados. Conviene hacerlo constar así, para que todo el mundo tome nota de ello y se dé por enterado. Confusionismos, no¹¹⁵⁷.

¹¹⁵⁴ Ibidem, p. 15-16, grifo nosso.

¹¹⁵⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **Una lengua sin control. El Consejero de Abastos pone en peligro la unidad proletaria.** Barcelona, 7 fev. 1937, p. 3.

¹¹⁵⁶ Idem. **Incautación de víveres por las Patrullas de Control.** Barcelona, 7 fev. 1937, p. 10.

¹¹⁵⁷ Idem. **La pequeña burguesía.** Barcelona, 7 fev. 1937, p. 5.

Dois dias depois, 9 de fevereiro, o Soli publicou um artigo no qual frisava categoricamente que, ao contrário do que certos elementos propugnavam, o proletariado espanhol não lutava pela república democrática e parlamentar. Salientou que se equivocavam os que sonhavam um retorno à situação anterior ao 19 de julho, e que a Revolução Espanhola já havia superado a fase democrático-burguesa. Em “[...] nombre de nada se puede pedir a los trabajadores que renuncien a sus finalidades revolucionarias¹¹⁵⁸”. Com isso, concluiu:

Que no se hagan ilusiones. La democracia murió. Expresión política de una clase incapaz de cumplir con su misión histórica, ha de pasar inmediatamente al rincón de los trastos viejos, de los cachivaches. Pretender que el proletariado lo sostenga es un disparate fenomenal. Disparate que en Alemania ha costado muy caro, y que en España puede costarnos mucho más. **El proletariado español lucha por su revolución, no por la República democrática y parlamentaria.** Que se convenzan todos. Los trabajadores sabemos valorar con exactitud el valor de la sangre derramada por los compañeros caídos atravesados por las balas enemigas¹¹⁵⁹.

O mesmo Soli publicou – e fez um pequeno comentário – uma nota de Aurelio Fernández, Secretário Geral da Junta de Segurança Interior, que havia sido feita no dia anterior. Eis a nota na íntegra:

Rompiendo la línea de conducta que ha sido norma de mi vida, por una vez, paso de los hechos a las palabras y dirijo a la opinión un llamamiento al orden revolucionario. Desde hace un mes, aproximadamente, so pretexto de inconformidades que podrían exponerse de modo orgánico, se vienen sucediendo en Barcelona pequeñas, pero ruidosas manifestaciones, reñidas no sólo con los sacrificios que exigen nuestra lucha por la libertad, sino con el fervor que nuestro movimiento imprimió a todo un pueblo. Estas manifestaciones callejeras, por su especial composición y por sus insidiosas pancartas, delatan, no un estado de opinión mayoritaria, sino los manejos de elementos extraños que, infiltrados en las organizaciones sindicales y en los partidos políticos, pretenden socavar los cimientos de la unión del proletariado para provocar una guerra civil en Cataluña que dé el triunfo al fascismo que ellos sirven, y que nos cubra a todos de dolor y de vergüenza. Y eso hay que evitarlo a todo trance. Las manifestaciones callejeras han de cesar. Las disconformidades deben llevarse y resolverse en el seno de las sindicales y los partidos políticos. Fomentar tales manifestaciones en estos momentos amargos en que se recrudece la ofensiva del enemigo, es ayudarle. Y los que las provocan son agentes emboscados que a toda costa pretenden romper la unión del bloque antifascista, que hoy más que nunca ha de ser indivisible¹¹⁶⁰.

O Soli ainda comentou que concordava inteiramente com a nota e que os emboscados se escondiam atrás de carnês sindicais. Assim, a situação era clara. Havia uma disputa entre um setor coletivista e um antioletivista, mas ambos estavam representados nos sindicatos. O movimento coletivista tinha suas raízes na CNT e em setores da UGT, enquanto os

¹¹⁵⁸ Idem. **El proletariado español no se bate por la republica democrática.** Barcelona, 9 fev. 1937, p. 12.

¹¹⁵⁹ Ibidem, p. 12, grifo nosso.

¹¹⁶⁰ Idem. **A todas las organizaciones sindicales y políticas, y al pueblo de Cataluña en general.** Barcelona, 9 fev. 1937, p. 1.

anticoletivistas estavam dentro da UGT – e também do PSUC e dos partidos republicanos. As manifestações de rua que ocorriam nos últimos tempos se dirigiam contra as coletivizações e os comitês – de todos os tipos –, demandavam pelo reforço do poder da Generalitat e tinham em Comorera um de seus principais representantes.

No dia 11 de fevereiro, houve uma reunião de comitês libertários da Catalunha. Ela foi iniciada com o Secretário do Comitê Regional falando da Plenária de Regionais celebrada em Valência. Referindo-se à ordem pública, disse que “[...] García Oliver había presentado la dimisión, por los hechos ocurridos recientemente, pero que se le había convencido de que desistiera de su intención, y que así lo hizo¹¹⁶¹”¹¹⁶². A reunião tratou de diversos assuntos, como o comércio interior – cujo pano de fundo era as relações da Catalunha com outras regiões –, a defesa, o tesouro nacional, as relações com o governo central. Chegou até a denunciar o crescimento dos Carabineiros, que foi apontado como um perigo para a revolução. Em um determinado momento da reunião, Eroles tomou a palavra e disse que iria tratar de um assunto particular da Catalunha:

Aquí, siempre hemos sido y debemos ser el factor mas importante de la guerra. Hemos confiado demasiado con el Gobierno Central y con el de la U.R.S.S. Hemos gastado millones de millones y en cambio nuestras fuerzas integrales, la mayoría de ellas carecen de todo; en particular de armamento moderno. **Estoy de acuerdo con la militarización, y hago con carácter de proposición, que se nombre una comisión, lo mas reducida posible, para que se cuide de comprar en el extranjero, armas modernas, se procure dinero en España y divisas extranjer**¹¹⁶³.

Leval disse que, caso a guerra fosse perdida, o mesmo ocorreria com a revolução. Se isso ocorresse, a culpa seria jogada nos anarquistas, se estes calassem em relação às verdadeiras causas da derrota. Assim, afirmou Leval, era preciso tornar públicas todas as “[...] traiciones de que hemos sido objeto y la mala intención que tiene el Gobierno actual, de que **prefiere entregar el pueblo a los fascistas que a la revolución libertaria**¹¹⁶⁴”. Leval ainda falou sobre as anomalias que ocorriam na frente de batalha, como balas que não correspondiam ao calibre das armas ou ordens para que se atacasse somente com baionetas. Campos interveio e disse:

Teniendo en cuenta las frases que se han vertido aquí, de que nos ganamos la enemistad ahora afirmamos y repetimos lo que ya hemos dicho otras veces: **Que la Organización, ha seguido y sigue, según nuestro parecer, una ruta equivocada**, recuerdo (dice) que tanto el secretario del C.N. como la Montseny, cuando acordamos de llevar compañero al Ministerio, dijeron: “Estamos contentos de que García Oliver,

¹¹⁶¹ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 11 de fevereiro de 1937**, p. 1.

¹¹⁶² A ata da reunião não especificou o motivo exato do pedido de demissão de Oliver.

¹¹⁶³ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 11 de fevereiro de 1937**, p. 1-2 grifo nosso.

¹¹⁶⁴ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

vaya a Valencia a ser Ministro, pero como es el polo opuesto de Largo Caballero, seguramente que se arreglarán las cosas rápidamente; si no fuera así nuestro compañero dejaría en seco el Ministerio”. **Han pasado cosas, ha pasado el tiempo, no se ha hecho nada, y nuestros compañeros Ministros siguen en el mismo puesto**¹¹⁶⁵.

Martínez disse que concordava com Campos e, depois, Toryho falou em conseguir mais homens e como trazer armas do estrangeiro. Após mais algumas falas, a reunião foi encerrada.

Também no dia 11 de fevereiro, o Solidaridad Obrera publicou um artigo em que propugnava a criação de um Corpo Único de Segurança. Começou lamentando o episódio ocorrido dois dias atrás – quando houve um incidente com vítima entre membros das Patrulhas de Controle e da Guarda Nacional Republicana – e salientou o aspecto psicológico que a existência de forças de segurança do passado implicava, afirmando que a única força que realmente inspirava confiança ao povo revolucionário da Catalunha era proveniente das Patrulhas de Controle. Frisou que os cenetistas faziam parte da Junta de Segurança Interior há tempos e faziam pressão para que se criasse um Corpo Único de Segurança “[...] que haria desaparecer toda apariencia de unión con el pasado, tanto en la organización como en el uniforme, y en la denominación¹¹⁶⁶”. O artigo ainda pediu apoio ao projeto, visto pelo articulista como um grande avanço na questão da ordem pública. Ainda na mesma página foi publicado um artigo em que exigia a mobilização geral, obrigatória e imediata. Disse que nos restaurantes de luxo continuavam sendo vistos os velhos e os novos ricos, enquanto “[...] nuestros milicianos ofrendaban generosamente sus vidas en defensa de las libertades populares¹¹⁶⁷”. Assim, para acabar com tais descabros, defendia uma mobilização obrigatória e imediata.

O mesmo Soli ainda publicou uma declaração de García Oliver aos jornalistas franceses sobre a necessidade da unidade entre a CNT e a UGT e entre o proletariado em geral. Afirmou que os anarquistas pensavam que, com o passar do tempo, os partidos políticos iriam desaparecer, mas isso ocorreria no futuro, e que agora era preciso ganhar a guerra. Por isso, concluiu Oliver:

[...] le quiero decir que nuestras relaciones con nuestros camaradas comunistas son excelentes. Unos y otros comprendemos la necesidad de un frente popular que unirá a todos los enemigos del fascismo. Queremos colaborar de la manera más leal con todos los republicanos, con todos los demócratas, comprendida la Izquierda Republicana¹¹⁶⁸.

¹¹⁶⁵ Ibidem, p. 2, grifos nossos.

¹¹⁶⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **Por un cuerpo unico de seguridad**. Barcelona, 11 fev. 1937, p. 12.

¹¹⁶⁷ Idem. **¡Exigimos movilizacion general, obligatoria e inmediata!** Barcelona, 11 fev. 1937, p. 12.

¹¹⁶⁸ Idem. **El Ministro de Justicia, Camarada García Oliver hace importantes declaraciones a un periodista francés**. Barcelona, 11 fev. 1937, p. 1.

No dia 12, houve uma nova e tumultuada reunião dos comitês libertários catalães. Ela começou com Manzano informando sobre o caso de Gelsa. Disse que os milicianos daquela região não aceitaram a militarização, e enviaram manifestos aos demais setores. Citou alguns incidentes que ocorreram entre ele e os milicianos de Gelsa, como milicianos ameaçando sair da frente com armas nas mãos, e também falou do assassinato de uma pessoa do grupo “Filhos da Noite” que, segundo Manzano, provavelmente foi um ato de algum dos milicianos de Gelsa, que alegaram que a vítima estava bêbada – e a autópsia teria comprovado que ele havia bebido três ou quatro copos de álcool. Manzano também denunciou que os milicianos de Gelsa haviam roubado fuzis, bombas e outras armas, e ameaçou pedir demissão caso o assunto não fosse resolvido. Castellote disse haver uma disciplina popular que poderia acordar o que fosse preciso, mas que era necessário tomar uma resolução. E antes de se tomar uma medida extrema, era preciso apurar. Manzano ressaltou que, em Gelsa, recebeu certas propostas, como uma para assumir a milícia daquela região – que não estaria militarizada –, dizendo que dessa forma ele ficaria famoso. Picas então disse: “Hay unos acuerdos tomados y **si los de Gelza, no quieren cumplir hay que ir allí, con ametralladora si és preciso y abriendo fuego y abanico hacerlos cumplir de grado ó por fuerza**”¹¹⁶⁹. Sendo assim, Merino respondeu:

Eso és un problema grave, yó, nunca defiendo lo que no siento y por lo tanto mé és vedado el aplaudir esos procedimientos que aqui se citan, para hacer cumplir á unos compañeros por fuerza lo que ellos, entienden que choca con la sensibilidad de sus ideas. El anarquista, se ha formado una educación propia, la ha aceptado como buena, y ahora él, mismo le es imposible cambiar de forma de pensar. **Aquí se habla con la misma forma de que hablan los militarotes en la sociedad pasada.** Sé acumulan agravantes á los compañeros de Gelza, para presentalo como delincuentes peligrosos; incluso se les ha llegado á decir traidores de la revolución, yo no he hablado con ningún compañero de Gelza, más estoy convencido que son hombres racionales, que la mayoría sino todos son hombres concientes, y todos en general, sentirán el instinto de conservación como el que más, y si se va allí y se les habla con benevolencia, con la forma que deben de hablar los hombres conscientes y entre todos se busca una solución no creo que séan tan estupidos, que se aferren á la idea suicida y fraticida de quererse enfrentar con la Columna Manzano¹¹⁷⁰.

Segundo a ata da reunião, após a fala de Merino, quase todos os presentes se lançaram contra ele, com exceção da Pele e Automóvel. Então, Ascaso disse que havia uma disciplina e “[...] **estos individuos son unos sabotadores de la revolución.** Hacen propaganda sub-versiva- han robado alimentos- tienen más bombas que los de Durruti- y fusilan al que quieren¹¹⁷¹”. Têxtil proferiu que concordava com Castellote e Rico confirmava tudo o que Manzano disse.

¹¹⁶⁹ REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 12 de fevereiro de 1937**, p. 1, grifo nosso.

¹¹⁷⁰ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

¹¹⁷¹ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

Foi quando Juanel se levantou de forma bastante violenta – informação constada em ata – e disse:

Que se han agotado las palabras yá, bastante habeis hablado durante muchos meses y yó, he callado, bastante tiempo hemos tenido de perder empleandolo en reuniones y más reuniones, asambles y más asambleas, en Plenos y mas Plenos. la Organización, ya ha agotado todos los recursos y toda la paciencia; no hay razones: **No se lo que quieren, estamos perdiendo la guerra con nuestras actitudes. LA LEY DE MINORIAS NO SE PUEDE RESPETAR. Hoy la ley de mayorías sí.** Solamente en una Arcadia, feliz y dichosa, podrían ser que se respetaran todas las tendencias. La Organización, no puede dar más plazo á estos compañeros que de três á cuatro días, para que desistan de su actitud, hay que mandarles un acuerdo concreto por escrito, que pregunte: SI, óNó, aceptan la movilización?¹¹⁷².

A Federação Local declarou que, neste caso, era inimiga da mobilização, mas que era defensora da disciplina. Outras falas, incluindo a de Manzano, enfatizaram as deficiências das armas, bem como sua quantidade. Então, conforme a própria ata da reunião, o ambiente pareceu mudar completamente. Assim, Ascaso levantou-se e disse que era preciso

[...] quitar al Gobierno, llevar á nuestros Ministros de grado ó por fuerza á Barcelona, y lanzar por doquier un manifiesto que exponga em grandes letras: QUE EL GOBIERNO PREFIERE ENTREGAR EL PUEBLO A LOS FASCISTAS QUE A LA VERDADERA REVOLUCION!!!¹¹⁷³.

Manzano retomou a palavra e disse que tinha outros temores: que as JJLL não se organizem somente na retaguarda, mas também na frente, podendo chegar o caso de que o comando único mandasse uma ordem e as juventudes organizadas não as quisesse obedecer. E, diante da sensação de gravidade do momento e do desejo de que o que foi acertado entrasse em prática – conforme consta na própria ata –, a reunião fora encerrada.

Ambas as reuniões, a do dia 11 e a do dia 12, mostraram como havia uma inquietação entre os militantes cenetistas, inclusive, ecoando em alguns dirigentes. Na reunião do dia 11, falou-se claramente que a CNT estava seguindo uma rota equivocada, e que o governo – do qual a própria CNT fazia parte – preferia entregar o país aos fascistas do que tolerar uma revolução social de cunho libertário. Essa mesma denúncia foi feita novamente na reunião do dia 12, acrescida com a conclusão de que assim se estava perdendo a guerra. É patente também como uma mentalidade militarista estava tomando conta de muitos dirigentes, como foi denunciado por Merino e como ficou evidente nos pedidos de uso da força militar contra os milicianos que resistiam ao desmonte das conquistas revolucionárias. Na verdade, tudo isso

¹¹⁷² Ibidem, p. 2, grifo nosso.

¹¹⁷³ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

refletia um problema mais geral. A colaboração com as forças republicanas e stalinistas não estava dando os resultados esperados, mas a CNT já estava “atolada até o pescoço” com essa política, e era quase impossível removê-la. As milícias estavam sendo militarizadas, os comitês de bairro e cidade haviam sido colocados na ilegalidade, os sindicatos estavam ficando cada vez mais impotentes diante da quebra do federalismo da organização cenetista e as empresas autogeridas estavam cada vez mais sofrendo intervenção do Estado republicano em processo de reconstrução. A burocratização e centralização estavam engolindo o processo revolucionário. Somente uma nova onda de lutas nas ruas poderia tirar a CNT – e a revolução – do imobilismo.

Ainda no dia 12 de fevereiro, o Soli publicou dois pequenos artigos críticos. O primeiro deles¹¹⁷⁴ dizia respeito à burocracia, denunciando mais uma vez que salários astronômicos continuavam existindo, e que era preciso cortá-los para que a economia pudesse tomar fôlego e, assim, facilitar a vitória na guerra. Mas o segundo artigo era mais interessante e dizia respeito a um problema que poderia ser classificado como “excesso de democracia” ou “excesso de burocratização”. Ele afirmou que se vivia em um “paraíso das reuniões”, e que se somassem as horas “[...] desperdiçadas inútilmente en discusiones sin sentido, el resultado sería una cifra astronómica¹¹⁷⁵”. Salientou também que todas as questões se eternizavam, e que não existiam maneiras de tomar decisões rápidas. Tudo estava subordinado às reuniões, e isso entorpecia a revolução.

No dia seguinte, 13 de fevereiro, o Tierra y Libertad publicou mais um artigo em que salientava sua postura revolucionária e criticava as tentativas de pacto entre as organizações que não tivessem como base o aprofundamento da revolução.

Quien quiera perder tiempo, que nos invite a discusiones sobre la practica de una unidad que no es ni proletaria, ni revolucionaria. Que nos hablen de la vuelta a la democracia, de la defensa de la República parlamentaria, del freno de la socialización, de la conjunción obrera-burguesa-católica, de la creación de un gobierno fuerte, con plenos poderes, vale decir, de cualquier dictadura, y nos cerraremos a toda transacción. Seríamos indignos de nuestro ideario y de la confianza de la clase trabajadora, si renunciáramos a lo que es fundamental para el porvenir de la Revolución¹¹⁷⁶.

No mesmo dia 13, o Soli publicou dois artigos que demonstram os problemas e contradições pelos quais passavam a organização cenetista. O primeiro deles falava da

¹¹⁷⁴ TH. Burocracia. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 12 fev. 1937, p. 1.

¹¹⁷⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **La manía de discutir y la Revolución**. Barcelona, 12 fev. 1937, p. 2.

¹¹⁷⁶ TIERRA Y LIBERTAD. **Nuestras proposiciones**. Barcelona, 13 fev. 1937, p. 6.

necessidade de cumprir os acordos da organização. Enfatizava que a organização tomou acordos nacionais importantíssimos em relação à guerra e à revolução, como

Mando único, milicia única, movilización y militarización general, socialización de las tierras o industrias [...]. Todos los Sindicatos todos los Comités superiores de la organización confederal han de trabajar y poner en práctica esos acuerdos, si queremos triunfar definitivamente¹¹⁷⁷.

O artigo também frisou que o movimento libertário espanhol adoecia de certa desorganização, e que era preciso acabar com isso rapidamente. Fez também alguns chamamentos para a responsabilidade, pois as tarefas dos libertários não eram mais as mesmas do passado.

Hoy, nuestra responsabilidad es más grave. Hoy, no sólo combatimos al capitalismo armado y organizado, representado por las tropas de Franco y fuerzas fascistas internacionales, sino que hemos de ir construyendo paralelamente la nueva sociedad. El menos traspié, el más insignificante error, la más pequeña divergencia, puede reportarnos serios descalabros. Nos jugamos la revolución hispana y mundial. Nos jugamos la vida. Necesitamos, pues, actuar con un cuidado enorme, con una capacidad completa, con una coordinación absoluta. No cumplir los acuerdos tomados, hacer lo que cada uno le parezca, es ir directamente al caos, a la confusión, al fracaso más absoluto¹¹⁷⁸.

O segundo artigo dessa mesma edição do Soli deteve-se sobre a militarização das milícias. Começou afirmando que a tomada de Málaga – que ocorreu em princípios de fevereiro – e a ameaça sobre Almería eram sintomas da necessidade de preparar as forças para fazer frente aos fascistas. E isso, segundo o artigo, teve consequências na própria resistência à militarização.

El batacazo ha sido fuerte. Tan fuerte, **que el ambiente hostil creado alrededor de la militarización de las columnas proletarias, ha desaparecido casi por completo.** La necesidad de coordinar convenientemente las fuerzas revolucionarias que luchan en los frentes de combate, para que respondan con eficacia a los objetivos militares perseguidos, va abriéndose paso, y tenemos la seguridad de que en un plazo brevísimo, los últimos opositores depondrán su actitud, presionados por la fuerza de las circunstancias. Hemos demostrado con hechos ser poseedores de una mentalidad ágil y adaptable a las necesidades de la guerra antifascista. Pero, no obstante, comprendemos que no es cosa fácil desprenderse de conceptos ideológicos que llevamos enraizados en lo más profundo de nuestra personalidad revolucionaria. Los trabajadores españoles son antimilitaristas en potencia y presencia. Su instintiva aversión al Ejército está justificada suficientemente. Nunca como ahora se ha demostrado que el cuartel es la escuela de la falsedad, de la abyección y del crimen. La prueba la han dado los militares traidores en los constantes atentados que realizan contra la población civil indefensa. Se ha dicho que el viejo Ejército murió el 19 de

¹¹⁷⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **Hay que cumplir los acuerdos de la Organización.** Barcelona, 13 fev. 1937, p. 1.

¹¹⁷⁸ Ibidem, p. 1.

julio. Por lo que respecta al territorio antifascista, es evidente que es así; pero no tenemos que olvidar que la mayor parte del Ejército pretoriano continua existiendo en sus zonas de dominación. Y es indiscutible que contra un cañón, no hay nada tan eficaz como otro cañón más potente, y que contra un ejército organizado, no hay nada tan contundente como otro ejército mejor organizado y pertrechado. De ahí es de donde se desprende **la necesidad imperiosa de que las columnas proletarias se militaricen**. La técnica militar, la cohesión con que el enemigo ejecutaba sus ataques, le ha facilitado victorias como las de Málaga, Irún, Toledo, Badajoz y San Sebastián. Si verdaderamente queremos triunfar, si deseamos salir victoriosos de esta guerra cruenta, tenemos, ineludiblemente que organizarnos de forma superior al enemigo. El arrojo es un gran factor para la victoria; contar con armas modernas y eficaces, concede una superioridad combativa evidente; pero si ellas no van acompañadas de una coordinación de los mandos y de una disciplina voluntaria y fuerte, todo es Inútil. Parece que se ha comprendido, al fin, que tanto las revoluciones como las guerras, las ganan los que están mejor organizados¹¹⁷⁹.

Estranha conclusão do Solidaridad Obrera, exatamente no momento em que havia uma forte resistência por parte das milícias em relação ao processo de militarização, resistência essa que fora reconhecida inclusive por vários dos líderes anarquistas, como vimos nas últimas reuniões dos comitês catalães.

No dia 14 de fevereiro, o Solidaridad Obrera publicou um artigo intitulado “República Democrática ou socialismo?”. Este falou sobre as Juventudes Socialistas Unificadas – JSU –, as Juventudes do PSUC que, ao mesmo tempo que falavam em unir todas as juventudes, sem distinção ideológica, qualificavam de “trotskistas” todos os que não comungavam com seu ponto de vista em relação à república democrática, ou seja, os que aspiravam sua superação. Salientou também que os anarquistas não acreditavam na república democrática, assim como esta concepção foi incorporada nas lutas desde muito cedo. Afirmou também que

[...] la experiencia nos demuestra que Marx y Bakunin tenían razón. La República democrática y parlamentaria no reporta ninguna ventaja para el proletariado. No pasa de ser una forma distinta de opresión capitalista. Las represiones sufridas están demasiado recientes aún para que puedan ser olvidadas tan fácilmente¹¹⁸⁰.

O artigo ainda afirmou que a incapacidade da república em deter a agressão fascista provaria sua ineficácia, e que os próprios socialistas haviam compreendido isto. Também salientou o artigo que a explicação dada pelos socialistas – a de que a república era um regime em que o proletariado possuía o poder político e econômico – não convencia ninguém, pois, na verdade, o regime que possuía tais características seria o socialismo, e não a república.

No dia 15, aconteceu uma nova reunião dos comitês cenetistas catalães. O primeiro a falar foi Jover, que fez um longo discurso. Eis sua fala na íntegra:

¹¹⁷⁹ Idem. **La militarización de las milicias proletarias**. Barcelona, 13 fev. 1937, p. 12, grifos nossos.

¹¹⁸⁰ Idem. **¿Republica democrática o socialismo?** Barcelona, 14 fev. 1937, p. 8.

Deseo y pido, lo que ya he pedido varias veces y és: Que tanto la Organizacion Confederal, como la Especifica, se responsabilicen de una vez, sobre el caso de la MILITARIZACION. Que por la prensa nuestra; por la "Soli" en particular que se diga bien claro, y bajo la responsabilidad de las dos centrales, y antes citadas, que és un acuerdo de la Organizacion, éso de la Militarización. Que sepan los compañeros de las trincheras, mediante circulares, y particularmente repito la presan, que **no es una cosa personal de los Delegados de Columna, ese acuerdo de la Militarización, sino que es un acuerdo en firme de la Organizacion**, que en Plenos, correspondientes por mayoría con miras siempre de beneficiar la revolucion en carácter de coordinación, de acuerdos guerreros para unanimamente vencer al fascismo. Y como que son acuerdos de la Orgganización, en pleno, no hay para que ocultarlo, presentarlo asi escuetamente a los compañeros tpdps, que sepan todas la verdad de la verdad, y que en éso de no ser aceptado éste acuerdo, probablemente podrian ocasionar hechos catastróficos para la revolucion. Espero que ésta propaganda dará sus frutos y podremos conseguir sin violencias ni estridencias, todo aquello que de bueno se persigue, con la Militarizacion. Tambien creo, que ha llegado el momento de poner otras cosas en claro: **Si nosotros transigimos haciendo dejación de nuestros principios y que algunos compañeros fueran a representarnos en los Ministerios y Municipios, fué: Por que creiamos de verdad que conseguiríamos algo, con ésas transigencias que facilitara el camino expedito para la causa que perseguíamos**; pero ante los hechos consumados y que nadie puede negar, y que han sido catastroficos para la revolucion y para la guerra, exigimos que se les pida estrecha cuenta de todos los hechos ocurridos y de la responsabilidad que les recae por los mismos. Sabemos además que han llegado una infinidad de armamento (poco mas o menos cincuenta mil fusiles) destinados para los antifascistas españoles, todos, y solamente han sido repartidas por parte del Gobierno a sus AMIGUITOS, que todos sabemos quienes son, sabiendo quien és. Largo Caballero, y las simpatias que tiene para la implantacion del Comunismo de Estado.– De ambiente para ir adelante no falta enn nuestros hombresm todos tienen ansia de empujar de ganar terreno y batir el fascismo; paro !ah! la falta de armamento nos impide realizar nuestros deseos. Comprendemos, que la Economía de Cataluña, por lo desastrosa que ahora debe estar, no se puede hacer muchos dispendios; pero aun es tiempo de exigir al Gobierno, que és el que pose los millones en oro, para que lo haga, que compre todas aquellas armas que son imprescindibles para el triunfo final.– La unica fuerza vital que posee la guerra y la Organizacione en el frente de Aragón, podernos decir que si no han pasado los fascistas es que no han podido, todos sabemos que han tanteado por todas partes y en todas partes han encontrado la resistencia adecuada, si nosotros pudieramos realizar nuestros sueño dorado, de romper el frente fascista y lanzarnos a una ofensiva verdad !calculad lo que ganariamos en moral y en prestigio ante el mundo entero!.– Repito la moral del miliciano nuestro es para ésto y mucho mas, solamente falta que le demos los medios necesarios: Para hacer la guerra defensiva necesitamos hombres y palas; nada mas; mandarnos éstos y aquellos y haremos trincheras a retaguardia para ir sosteniendonos todo lo posible para poder guardar a que el Gobierno, o la Organización, nos mande lo necesario¹¹⁸¹.

O Secretário tomou a palavra e falou que a organização se preocupava com esses detalhes, e que nomeou uma comissão para conseguir dinheiro e divisas para armar as colunas confederais. Jover novamente discursou fazendo referência ao assunto da militarização. Disse que segundo

[...] su parecer, lo que se cree hacer desde ahora en adelante o sea, que el Militar, ordene, y el Delegado politico asesore hasta hora se había hecho al contrario, el Delegado, político de hoy, era ayer el Delegado responsable de la columna, intimo

¹¹⁸¹ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. *Ata da reunião realizada no dia 15 de fevereiro de 1937*, p. 1, grifos nossos.

compañero de los milicianos conocidísimos entre todos, disfrutando de la confianza de todos, y por lo tanto podía mandar con la seguridad de ser obedecido, porque los milicianos tenían la confianza de que lo que mandaba el compañero responsable era basado en el deseo del triunfo de la revolución, y en el ahorro de sacrificios estériles; y si alguna duda tenía sobre técnica guerrera acudía al militar asesor, que tenía a su lado y se asesoraba de aquella duda que tenía.— Ahora el miliciano creará, que el militar no teniendo sentimientos humanitarios ni verdadero amor a la causa revolucionaria, mandará como ya lo han hecho a las masas de compañeros, a sacrificarse equivocadamente, y que el compañero Deegado político, no podrá influenciar en nada referente a las contra órdenes, porque el militar técnico... le responderá que és una operación imprescindible, y ante el maestro el alumno que puede hacer?¹¹⁸².

Castellote respondeu que a militarização era um acordo do Comitê Regional e da Específica. Portanto, “[...] hay que acatarla como um hecho consumado¹¹⁸³”. Ferroviários explicou que um delegado técnico não é somente um assessor, mas também fiscalizador das ordens do militar. Fabril pediu que Jover desse uma solução, acrescentando que ele poderia falar com os milicianos de Gelsa para que apresentassem uma solução para este delicado conflito. Então, leu-se um comunicado do Comitê Nacional e a reunião foi encerrada. Assim, a militarização das milícias continuava sendo uma questão espinhosa, mesmo tendo passado quatro meses desde a publicação do Decreto de Militarização.

No mesmo dia 15, o Boletín de Información publicou um artigo pedindo a entrega das armas que estavam na retaguarda – e curiosamente, não falou nada das forças repressivas que atuavam na retaguarda também armadas.

No es preciso repetir lo que se ha dicho en todos los tonos, referente a los frentes. La guerra exige armas y municiones. No se puede seguir permitiendo que existan armas sin rendir el fruto que exigen las circunstancias y el momento por que atravesamos. Las armas son la expresión de la fuerza y éstas puestas al servicio de la inteligencia, son invencibles. Pedimos, pues, a esa abnegación e inteligencia de la militancia revolucionaria, disponga y predisponga el envío rápido e inmediato a los frentes de combate, de todos aquellos elementos que aun pupulan por la retaguardia armados, tal vez mejor, que el más valiente de los milicianos que se juega la vida en la avanzadilla, en espera de dar el último toque de muerte al ogro¹¹⁸⁴.

No dia 16 de fevereiro, aconteceu uma nova reunião de comitês libertários catalães. Tal reunião não produziu grandes embates como em outras ocasiões que temos visto, mas é importante enunciar algumas questões nela discutidas. Primeiro, falou-se sobre a “delimitação de nosso raio de ação”, que fora focado por Ascaso, o que queria dizer discutir qual era o limite do poder dos comandos na frente de batalha. Depois falou das relações que se deveriam

¹¹⁸² Ibidem, p. 2.

¹¹⁸³ Ibidem, p. 2.

¹¹⁸⁴ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La palabra la tienen las armas**. Barcelona, 15 fev. 1937, p. 1.

estabelecer entre a Comissão de Guerra e os setores orgânicos da CNT e da FAI, bem como quais seriam exatamente suas funções – que eram várias, como fornecer armamentos, comida e uniformes aos combatentes, garantir um transporte eficiente etc. Iniciou-se uma longa discussão sobre funcionamento, atribuições e medidas a serem tomadas pela Comissão de Guerra, bem como os problemas e questões legais que ela poderia enfrentar. Depois de várias falas, Ascaso disse que havia falado com Juanel sobre os que abandonavam a frente de batalha, quando salientou que

[...] se impone una rigurosisima medida estableciendo un FICHERO, para poder tener todos los nombres y retratos de los individuos antes citados para que si éstos quieren volver al frente impedirselo, y en caso de necesitar individuos para hacer trincheras y demas, aprovecharse de ellos. Luego también se habló de informar á tódos los milicianos de que estan Militarizados, y que **por lo tanto desde ahora en adelante tienen un CODIGO, que obedecer** ¹¹⁸⁵.

O Secretário do Comitê Regional falou mais algumas palavras e a reunião foi encerrada. Os milicianos haviam sofrido mais uma derrota: o antigo Código Militar estava de volta.

No mesmo dia, o Solidaridad Obrera publicou um artigo em que defendeu a militarização e o comando único, mas que ficassem sob controle das organizações operárias. Salientou que defendia esses pontos há meses, e que a formação de um exército revolucionário antifascista era uma necessidade urgente. No entanto, existiam outras questões em torno desta problemática.

Todos estamos de acuerdo en que la actividad militar de nuestras fuerzas ha de responder a un plan general, a una dirección única y capaz. Pero la experiencia nos ha enseñado algunas cosas de gran interés. Por desgracia, con frecuencia la técnica militar y la lealtad a la causa popular están reñidas. Por esta razón el proletariado exige que al realizarse el mando único, los técnicos militares estén rigurosamente controlados por militantes responsables de las organizaciones obreras. Creemos que esta petición es justa. Los militares leales no se deben molestar por estas medidas de precaución; muy al contrario, deben interpretar ese echo como el despertar de la consciencia revolucionaria del proletariado, que se manifiesta exigiendo la intervención directa y responsable en las cosas de la guerra. Hemos de tener muy en cuenta que, después de todo, en la lucha contra el fascismo se juega, de una manera casi exclusiva, el porvenir de la clase obrera. No es de extrañar, pues, que ésta desee asumir la responsabilidad plena de la lucha, tanto en el frente como en la retaguardia. Es más, se puede afirmar que el mando único, la dirección única en las operaciones militares, sólo será posible mediante el reconocimiento del derecho de los trabajadores a controlar a los jefes militares. Si se acata la voluntad popular, pronto será posible realizar lo que tantas veces hemos afirmado que nos conduciría a la victoria sobre los generales traidores y las hordas italogermanas¹¹⁸⁶.

¹¹⁸⁵ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. *Ata da reunião realizada no dia 16 de fevereiro de 1937*, p. 2, grifo nosso.

¹¹⁸⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. *Militarización y mando único, bajo el control de las organizaciones proletárias*. Barcelona, 16 fev. 1937, p. 1.

No dia 17, o Boletín de Información publicou um “Importante Decreto de Justiça” – segundo as palavras do próprio periódico – assinado pelo Ministro da Justiça no governo central, o cenetista Juan García Oliver. O periódico apresentou tal decreto da seguinte maneira:

El Decreto para la represión del espionaje, firmado por nuestro compañero García Oliver, que acaba de aparecer en la Gaceta, viene a llenar una de las necesidades más perentorias que la guerra reclama. Nuestros naturales sentimientos de dar afable acogida a todo el mundo nuestro excesivo temperamento humanitario que nos impide – digan lo que quieran nuestros detractores – perseguir a nadie, han hecho, no sólo que en esta región de la península ocupada por los leales, salgan de sus guaridas los enemigos encubiertos y se dediquen con todo descaro a trabajar para asesinaros por la espalda, sino que ha llenado nuestro suelo de espías extranjeros al servicio del fascismo, que es preciso limpiar a toda costa¹¹⁸⁷.

O decreto estabelecia uma série de penas para crimes que tivessem o Estado como alvo, dentre os quais estavam a prisão por 12 anos e um dia para quem “[...] con la finalidad de perturbar la acción del Gobierno de la República realice atividades hostiles a ella con carácter secreto o reservado dentro o fuera del territorio nacional¹¹⁸⁸”, ou então para quem

[...] con propósito de secundar los designios de los nacionales o extranjeros en armas contra la República, realizaran actos susceptibles de aminorar la acción defensiva de la misma, tales como sabotajes en fábricas o industrias de guerra, destrucción de puentes u otros análogos¹¹⁸⁹.

No caso de a sabotagem ter graves consequências para a república ou seu praticante ser funcionário público ou estar militarizado, então poderia ser condenado à morte. O 3º artigo do decreto qualificou uma série de atos como “sabotagem”, ao passo que outros artigos trataram de casos em que a pena poderia ser abrandada, como em caso de delação de outros envolvidos.

A grande questão que se colocava em relação a este decreto era seu caráter dúbio. Por um lado, ele garantia a punição aos fascistas emboscados na retaguarda e também os que atuavam em outras localidades, mesmo fora do território espanhol. No entanto, ele também garantia a defesa do Estado contra qualquer ofensiva revolucionária, uma vez que os revolucionários poderiam facilmente serem enquadrados como sabotadores. Na verdade, esse decreto forneceu ao Estado um arcabouço jurídico que poderia legalizar a perseguição aos revolucionários, principalmente aos comitês de bairro e cidade, que ainda existiam clandestinamente e eram poderosos em vários lugares. Assim, esse foi um passo importante

¹¹⁸⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Importante decreto de justicia**. Barcelona, 17 fev. 1937, p. 2.

¹¹⁸⁸ Ibidem, p. 2.

¹¹⁸⁹ Ibidem, p. 2.

para o estancamento do processo revolucionário e para a retomada dos processos de gestão social por parte do Estado, assinado e promulgado pelo cenetista García Oliver.

O Soli do dia 17 trouxe duas notícias envolvendo os abastecimentos. A primeira delas era uma referência à proibição de confiscos de alimentos, promulgado pelo Ministro do Comércio da República, pois isto origina “[...] graves trastornos y anulan en múltiples casos las previsiones de las autoridades encargadas de atender las necesidades de cada localidad¹¹⁹⁰”. A segunda notícia¹¹⁹¹ era de que havia chegado no porto um barco com 4.200 toneladas de víveres comprados da URSS, além de 1.000 toneladas de feijão, 1.000 de farinha e 1.200 de açúcar em caráter de doação.

No dia 18 de fevereiro, o Boletín de Información publicou alguns textos que mostravam um pouco as contradições e problemas nas quais os libertários estavam inseridos, sendo um artigo e três manifestos. O primeiro deles chamava todos à responsabilidade, exigia que o ouro fosse usado para fins de guerra e reivindicava o comando único, e fez uma advertência às “esferas governamentais”.

Quien da a la guerra y a la revolución el mayor tributo de sangre, tiene el derecho de exigir responsabilidad a quien sea, por muy alta que sea su situación. La revolución crea valores nuevos que anulan a los viejos prestigios. Ante ese fenómeno natural nadie puede oponerse a los avances del pueblo. La organización sindical y todos los trabajadores agrupados en ella, deben saber cual es la situación de la guerra. Hay que ir hacia las grandes asambleas de productores para que éstos determinen cual es el camino a seguir, ante actitudes adoptadas frente a la guerra y a la revolución. Al mando único, nadie se opone; pero hay que evitar que se levante el dictador en nombre del mando único para flagelar con el látigo del triunfo las carnes doloridas de los que más hayan contribuido a ganar la guerra¹¹⁹².

O segundo texto foi um manifesto da CNT. Ele começou afirmando que ninguém poderia antepor seus interesses individuais ao interesse coletivo de ganhar a guerra e reconstruir a economia quebrada. Disse que “[...] vencer al fascismo es el objetivo que indiscutiblemente ocupa el primer plan¹¹⁹³”, pois quando não se “[...] vence al fascismo, no hay revolución ni es posible la reconstrucción económica¹¹⁹⁴”. O manifesto também acrescentou que a realidade impunha um exército disciplinado, “[...] que no discuta y obedezca también un solo mando¹¹⁹⁵”, e destacou que, para isso, propunha à UGT a criação de órgãos que assumissem toda a

¹¹⁹⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **Por una orden del ministro do Comercio se prohíben las incautaciones de artículos alimentícios.** Barcelona, 17 fev. 1937, p. 6.

¹¹⁹¹ Idem. **Viveres de los obreros de la U.R.S.S. para Barcelona.** Barcelona, 17 fev. 1937, p. 3.

¹¹⁹² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Responsabilidad para todos.** Barcelona, 18 fev. 1937, p. 1.

¹¹⁹³ Idem. **Confederacion Nacional del Trabajo. Importante manifesto de la C.N.T.** Barcelona, 18 fev. 1937, p. 2.

¹¹⁹⁴ Ibidem, p. 2.

¹¹⁹⁵ Ibidem, p. 2.

responsabilidade para superar a indústria de guerra. Para encerrar, o manifesto salientou que todos deveriam cumprir com este dever histórico, e que a CNT o fez ao colocar suas posições publicamente e ao forjar a unidade entre as duas centrais sindicais – que não poderia se romper sob nenhum pretexto –, e que **“Cuando en la base no se llegue a un acuerdo, hay los organismos responsables para determinar¹¹⁹⁶”**. Em outras palavras, caso a unidade não acontecesse pelas bases, ela se daria pelas cúpulas.

No mesmo Boletín, ainda, a FAI também publicou seu manifesto. Este pedia basicamente a mesma coisa que o manifesto da CNT, chamando pela mobilização da retaguarda, uso do ouro para fins de guerra, comando único – deixando claro também que todos os postos de comando deveriam estar controlados pelas “organizações sindicais revolucionárias” – etc. O adicional estava no fato de que, em seu manifesto, a FAI advogou por fazer “[...] cumplir a rajatabla la consigna de que todas las armas largas deben ser enviadas al frente y exigimos también que todos los hombres actualmente armados sean empleados en tareas de guerra, claras y concretas¹¹⁹⁷”.

O último manifesto publicado pelo Boletín de Información do dia 18 de fevereiro foi o da Federação de Grupos Anarquistas do Centro. Ele faz um histórico da FAI na região e falou um pouco da sua desorganização, até que veio o golpe militar e a revolução, que teria acabado com as coerções morais e econômicas. Então, o manifesto chamou todos a adentrarem para a FAI e completou:

La Organización a que pertenecemos sindicalmente, ha dado un paso jamás previsto por nadie. Ha pasado a integrar la organización estatal que tanto iba combatiendo. Y no obstante, no hay la menor contradicción con nuestras doctrinas. **El Estado hoy, con todos sus males inherentes a su estructura antinatural, es la dirección de la guerra. Y en esa dirección no podía dejar de participar una organización como la CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO que tiene varias decenas de millares de combatientes.** Mas como el Estado mediatiza a sus hombres adaptándolos a su funcionamiento; como la función crea el órgano, es necesario que los anarquistas multipliquen sus esfuerzos para impedir que la personalidad anarquista de los representantes confederales en los distintos organismos sea aniquilada por el mecanismo estatal. El Anarquismo no debe permitir que se manifiesten en ellos veleidades de superioridad, de liderismo como ocurrió siempre en todos los partidos obreristas. **Los representantes confederales han de ser en todo momento delegados revocables por nuestras Asambleas; delegados que han de limitarse a hacer la guerra al fascismo y no obstruir la labor socializadora de los Sindicatos.** La Federación Regional Anarquista del Centro, invita a todos los trabajadores conocedores de nuestro ideario y de moral intachable como productores y hombres a incorporarse a nuestras filas; a unirse con los que luchamos por una patria sin fronteras

¹¹⁹⁶ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

¹¹⁹⁷ Idem. **Federación Anarquista Iberica. ¡Hay que movilizar a todo el mundo!** Barcelona, 18 fev. 1937, p. 3.

políticas, económicas ni jerárquicas por el régimen Comunista Libertario que ya anhelan como ideal perfectamente realizable millones de proletarios¹¹⁹⁸.

No día 19 de febreiro, ocorreu una nova reunión dos comités libertários catalães. Iniciou-se tratando do bombardeio de San Elías, sendo que o secretário leu um comunicado recebido de várias organizações políticas dessa localidade, faltando apenas o POUM e os federais. Combina disse que era preciso responsabilidade, e que os sindicatos não poderiam fazer o que queriam. Também acrescentou que “[...] la U.G.T. no obra con franqueza y que las peticiones que han hecho no és con la aquiescencia de los obreros. Peticion que han hecho al Ayuntamiento para **municipalizar los transportes Públicos Urbanos**¹¹⁹⁹”. Aconteceram mais algumas falas sobre a UGT e o assunto, então, foi desviado para outras questões. Discutiui-se um pouco sobre a mobilização da retaguarda, bem como foram feitas algumas críticas à Generalitat e outras forças políticas, até que a reunião foi encerrada.

No mesmo dia, o Boletín de Información publicou os acordos de uma Plenária Regional de Grupos Anarquistas, reproduzido também no Tierra y Libertad do dia seguinte. Foi dito que foram estudados os problemas mais urgentes relacionados com a guerra e com a revolução, e que os acordos seguiram a norma federalista que era a característica da organização. Na questão política, “[...] se ha estudiado nuestra colaboración en los órganos de gobierno, resolviendose tomar medidas enérgicas sobre distintos aspectos referentes a la relación con el Gobierno central¹²⁰⁰”. Acrescentou que se resolveu impulsionar os movimentos autônomos regionais, “[...] pero evitando el falso concepto del separatismo o de un aislamiento egoísta e imposible en el orden de la economía¹²⁰¹”. Discutiui-se a intervenção anarquista nos conselhos municipais e a reconstrução econômica, acordando-se a intensificação da socialização das indústrias e do campo. Em relação à guerra, disse que os acordos tomados foram os seguintes:

1º.- El Pleno Regional de Grupos Anarquistas de Cataluña considera que **la militarización es una necesidad inevitable, impuesta por la guerra antifascista, y hace suyas todas las disposiciones tomadas en este sentido**. 2º.- Considera asimismo el Pleno que la movilización últimamente decretada, debe ser llevada a efecto con la máxima amplitud, comprendiendo a todos los individuos útiles que deben emplear toda su actividad en trabajos de inmediato interés para la guerra. En este sentido, la economía de guerra debe emplearse rápidamente en trabajos de fortificación, atrincheramiento e intensificación de las industrias de guerra, etc. 3º.- El Pleno, reafirmando sus principios antiestatales y antimilitaristas, afirma también

¹¹⁹⁸ Idem. **Manifiesto de la Federación de Grupos Anarquistas del Centro. Todos los anarquistas deben estar en la F.A.I.** Barcelona, 18 fev. 1937, p. 5, grifos nossos.

¹¹⁹⁹ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunião realizada no dia 19 de febreiro de 1937**, p. 1, grifo nosso.

¹²⁰⁰ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Pleno Regional de Grupos Anarquistas de Cataluña. Acuerdos.** Barcelona, 19 fev. 1937, p. 5.

¹²⁰¹ Ibidem, p. 5.

que el futuro de la Revolución emancipadora depende del grado de responsabilidad con que la organización anarquista sepa cumplir las conclusiones del presente dictamen. 4º.- Por último, el Pleno exige a todas las organizaciones antifascistas, Sindicatos, Empresas colectivizadas, etc. etc., pongan inmediatamente todas sus disposiciones financieras y monetarias al servicio exclusivo de las necesidades de la guerra y de la Revolución¹²⁰².

No dia 20, o Boletín de Información publicou extratos de um manifesto da Federação Local de Grupos Anarquistas de Barcelona, possivelmente fruto da plenária a qual acabamos de nos referir. Este dizia que os fascistas “[...] han obligado a nuestro movimiento a adoptar posiciones que están en absoluto reñidas con nuestro pensamiento, con la trayectoria que ha sido peculiar en el anarquismo mundial¹²⁰³”. Entretanto, continuou, “[...] no hemos perdido la fe en esa mañana libre donde todos tengamos nuestra personalidad, nuestro derecho a pensar de acuerdo a nuestras convicciones, nuestro derecho a determinarnos cuando y como queramos¹²⁰⁴”. Sobre a militarização, ela foi acordada

[...] por las circunstancias de suma gravedad que atravesamos, no quiere decir que nuestra personalidad refractaria a todo autoritarismo, a todo sometimiento, quede anulada, quede pospuesta. Eso de ninguna manera. Ahora más que nunca precisa que todos los compañeros se apresten a engrandecer sus grupos, a aumentar el bagaje de sus conocimientos para no caer en esa vituperable disciplina cuartelaria que tanto y tanto hemos combatido y que tantas víctimas nos ha costado. **Precisa que todos tomemos esta militarización como un medio y no como un fin;** que no sirva para hacer pasar a los que so pretexto de no querer aceptar esto o aquello se marchen, abandonen los frentes y regresen a la retaguardia a pasear tranquilamente mientras los fascistas cometen mil desmanes y crímenes¹²⁰⁵.

Em relação ao comando único, o manifesto afirmou que ele não podia ser confundido com “amos”, e todos que ocupassem um cargo pela organização deviam ser controlados por ela. E completou:

Hemos dejado girones de nuestra ideología con el solo y exclusivo objeto de vencer al fascismo; hemos olvidado muchas cosas para no impedir un acercamiento de todos los trabajadores; hemos propuesto muchas cosas para que nadie pudiera decimos sectarios. Precisa, hoy más que nunca, hacer acreedores de la confianza del pueblo y esta se adquiere con consecuencia en nuestros postulados, con claridad en nuestra finalidad para que los que desde años siguen nuestras propagandas no vean contradicciones, no vean debilidades, en estos momentos injustificadas¹²⁰⁶.

¹²⁰² Ibidem, p. 5, grifo nosso.

¹²⁰³ Idem. **Federación Local de Grupos Anarquistas de Barcelona**. Barcelona, 20 fev. 1937, p. 5.

¹²⁰⁴ Ibidem, p. 5.

¹²⁰⁵ Ibidem, p. 5, grifo nosso.

¹²⁰⁶ Ibidem, p. 5-6.

Encerrando sobre a finalidade última do movimento anarquista, disse o manifesto que a causa não estava perdida, pois, caso se trabalhasse com fé e tenacidade, poderia alcançar o objetivo almejado. Ademais,

[...] que el Estado, antes que una dictadura, está el supremo interés de vencer al Fascismo; cuando lo hayamos vencido, cuando hayamos terminado esta sangría, será el momento de discutir, será el momento de ver por qué forma de convivencia se inclina el pueblo¹²⁰⁷.

No dia 21 de fevereiro, houve um grande comício no Teatro Olympia quando importantes oradores cenetistas tiveram a palavra. O evento foi aberto por Valério Más, e este logo passou a palavra para Juan Doménech, que fez uma pequena história do movimento operário e da CNT. O segundo orador foi Gaston Leval, que tratou das coletividades, inclusive afirmando que a “[...] socialización es una condición indispensable de la victoria [...]”¹²⁰⁸. O terceiro a falar foi Jaime R. Magriña, que tratou mais de questões militares e, então, chegou a vez de Mariano Vázquez, que falou em nome do Comitê Nacional da CNT. Este salientou a retaguarda, falou em união dos trabalhadores e criticou a postura de bloqueio internacional à república, terminando o ato com um resumo do que foi falado por todos os oradores.

No mesmo dia, o Solidaridad Obrera publicou uma resposta da Junta de Seção Alimentação do Sindicato Único da Distribuição ao periódico Treball, órgão do PSUC. Afirmou que havia no cais de Barcelona um grande carregamento de trigo, farinha e açúcar consignados ao Conselho de Abastecimentos, e que tais mercadorias estavam sendo esperadas por pessoas de dentro do Conselho de Abastecimentos para que fossem usadas politicamente. Isso porque em Lonja havia se formado uma coletividade distribuidora de farinha da CNT, e junto com a Seção de Farinhas do SURA – Sindicato Único do Ramo da Alimentação, da CNT – haviam assumido desde o primeiro dia o trabalho de repartir equitativamente a farinha que era moída e vendida em Barcelona, sem privilégios. Mas com a chegada do carregamento, o Conselho achou oportuno criar uma outra seção distribuidora de farinha, segundo a nota, com o objetivo de torpedear o trabalho dos sindicatos, tal como havia feito com os comitês de abastecimentos de bairro, mesmo que isso tenha feito com que Barcelona tivesse ficado quatro dias sem farinha e sem pão.

Su intención era bien clara: distribuir por su parte todo el trigo llegado, dándolo a moler a fábricas harineras de fuera de Barcelona, para a su vez éstas consignar a

¹²⁰⁷ Ibidem, p. 6.

¹²⁰⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Gran mitin de concentración regional, en el Olympia**. Barcelona, 23 fev. 1937, p. 4.

Consejería toda la harina molida, reencontrando asimismo en ella la del muelle. De esta forma habrían dado el gran golpe a nuestra Sección distribuidora y a tal fin, en una nota aparecida en toda la Prensa, hecha por Consejería, comunicaba ésta a todos los horneros y Comité Económico del Pan, que a partir de la publicación de esta nota toda la harina se repartiría desde Consejería. La maniobra no dio los resultados apetecidos, ya que rápidamente obramos en consecuencia defendiéndonos de ese ataque, y el mismo día, por nuestra parte, dimos a moler el trigo a todos los harineros de Barcelona y al siguiente día hubo pan en Barcelona¹²⁰⁹.

Dois dias depois, 23 de fevereiro, o Soli publicou uma nova reportagem sobre os abastecimentos, mediante um grave fato que aconteceu no dia anterior, e que mostra os meandros do problema da coletivização da economia, sua relação com o Estado e o problema dos abastecimentos. Segundo a reportagem, ainda durante a gestão de Doménech no Conselho de Abastecimentos foi dada uma ordem sobre o racionamento de farinha, pois havia um delegado que cuidava de tal assunto. Comorera, quando assumiu o posto de Conselheiro de Abastecimentos, mudou o delegado e disse que iria nomear um interventor. O governo central, após fazer uma compra de trigo, emitiu uma disposição nomeando interventores em todas as fábricas de farinha. No entanto, por razões relacionadas com a capacidade de tais interventores, o Sindicato da Alimentação – da CNT – não aceitou. E isso fez com que o trigo ficasse cinco dias no cais, em razão da resistência em distribuí-lo para as fábricas de farinha. Ele seria enviado, então, às fábricas de fora de Barcelona para depois novamente regressar à cidade. Isso, segundo a reportagem, representava um gasto absurdo e, então, o Sindicato da Alimentação aconselhou o Sindicato do Transporte – também da CNT – que retirasse a farinha do cais e a levasse para as fábricas de farinha de Barcelona. Em todos esses cinco dias, conforme a reportagem, as fábricas não funcionaram e a cidade de Barcelona ficou sem pão. Comorera dispôs que a distribuição da farinha seria feita no Conselho de Abastecimentos, sem consultar os técnicos, ou seja, os distribuidores. Estes não aceitavam que fossem eliminados e exigiram que se desse uma nota diária das fábricas, para conseguir a distribuição perfeita – ou seja, aconteceria um racionamento. Com isso, conseguiu-se uma distribuição igualitária. Os distribuidores foram então chamados até a prefeitura, quando um delegado do Conselho de Abastecimentos disse que dois dias depois levaria uma contestação ao Conselheiro para resolver o assunto. Isso não aconteceu e os distribuidores foram avisados de que teriam que ir ao Conselho de Abastecimentos saber onde poderiam retirar a farinha. No entanto, por decreto, era o Sindicato de Distribuidores – também da CNT – quem deveria fazer a distribuição do produto, de modo que a atitude tomada pelo sindicato foi ir até a localidade na qual estava a

¹²⁰⁹ GINES, Manuel. La Junta de Sección Alimentación del Sindicato Unico de la Distribución (C.N.T), al bueblo de Barcelona. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 21 fev. 1937, p. 10.

farinha para pegá-la e reparti-la. No armazém, foi negado o acesso à carga, o que significava que faltaria pão na cidade de Barcelona. Tomou-se, então, uma atitude radical. Eis as próprias palavras do periódico:

Tal manobra no podía ser tolerada por camaradas que tienen la misión de velar por la normalidad de Barcelona y, al efecto, los tres sindicatos – Distribución, Alimentación y Transporte – se incautaron del referido almacén y de la harina que contenta – próximamente unos quince mil sacos –, hicieron las faenas de carga, como de costumbre, y repartieron los sacos. Debido a esto, hoy habrá pan en Barcelona. Hoy – también como de costumbre – los camaradas de la Distribución pasarán por la Consejería de Abastos para liquidar el importe de la harina distribuida¹²¹⁰.

Tal ação foi um ato extremo para uma situação extrema. A manutenção da alimentação da população de Barcelona era uma questão-chave para o processo revolucionário, e o pão era um dos principais alimentos da população. A ação armada de sindicatos cenetistas para tomar posse da carga mostrou até onde eles estavam dispostos a ir. Por outro lado, a medida tomada por Comorera buscava retirar dos sindicatos cenetistas o controle sobre a distribuição da farinha e tentava favorecer o mercado privado em detrimento do coletivo – lembremos que o PSUC, partido de Comorera, tinha como política garantir o livre mercado como uma forma de se aproximar da burguesia “progressista”, na medida em que entendia a Guerra Civil Espanhola não como uma luta de classes, e sim como uma guerra de libertação nacional. O fato de o principal periódico cenetista – e um dos principais do país – publicar um artigo explicando claramente o que havia ocorrido, não escondendo a participação dos sindicatos cenetistas em uma ação armada que desafiou diretamente o poder e as diretrizes de Comorera e do PSUC, justamente em um momento em que se tentava de todo modo alcançar uma unidade entre as forças proletárias, especialmente dos sindicatos, mostra que a guerra entre os sindicatos cenetistas e Comorera e o PSUC – e também os partido republicanos – era grave e aberta, de conhecimento público e que poderia evoluir para conflitos mais graves ainda, para enfrentamentos armados, como foi o caso dessa operação de assalto à carga de trigo, embora não se tenha dado nenhuma notícia sobre mortos ou feridos.

Ainda no dia 23, o mesmo Soli publicou um artigo¹²¹¹ denunciando que o Conselho de Agricultura favorecia os arrendadores e pequenos proprietários, em detrimento das coletividades. Nele, foram colocados alguns questionamentos importantes: por qual motivo não se tem dado apoio aos coletivistas? Como justificar que lhes tenham sido negados créditos? Por

¹²¹⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **Barcelona carecía de pan, mientras la harina se hallaba alma cenada.** Barcelona, 23 fev. 1937, p. 10.

¹²¹¹ Idem. **¿Por qué la Consejería de Agricultura concede mayores atenciones a los arrendadores y pequeños propietarios, que a los obreros conscientes que consliluyen las colectividades?** Barcelona, 23 fev.1937, p. 9.

que se acha mais adequado fornecer créditos aos que trabalham em regime familiar? Embora o artigo não tenha dado respostas às questões que ele próprio havia formulado, e apesar de se referir especificamente à Catalunha, o problema era mais amplo e abarcava toda a Espanha. O Ministro da Agricultura era o comunista Vicente Uribe, do PCE, e este partido era, tal como o PSUC, o representante da III Internacional na Espanha. Assim, sua leitura do momento histórico era a mesma do PSUC: a guerra civil era um conflito de libertação nacional e, portanto, era preciso manter a unidade com a burguesia “progressista”. O processo revolucionário deveria ser contido e as coletivizações precisavam cessar. Assim sendo, a atuação de Uribe no Ministério da Agricultura tinha a intenção de fomentar o setor privado em detrimento do coletivo – e tal intento se refletia também na Catalunha, é claro –, sendo que uma das maneiras de se fazer isso era desviando recursos que poderiam ir para o setor coletivo. Portanto, as coletivizações não contariam com o apoio do Estado e teriam que se virar sozinhas.

No dia 25 de fevereiro, o Boletín de Información publicou um artigo, replicado de outro periódico cenetista, o C.N.T., em que dava conta das posições cenetistas com relação à pequena propriedade. Disse que a CNT considerava

[...] que el sistema más económicamente renditivo y de acuerdo con las modernas necesidades de la agricultura, es la colectivización de la tierra. La tierra colectivizada en manos del Municipio, emancipa al jornalero y al arrendatario del yugo feudal, permite un mejor aprovechamiento de los terrenos y de las energías humanas y la introducción de medios mecánicos eficaces en el cultivo¹²¹².

No entanto, continuou o artigo, a CNT, atendendo às vicissitudes da revolução,

[...] considerando que su afianzamiento y desarrollo impone la necesidad de evitar ciertos radicalismos que conducirían a conflictos internos, ha declarado en todos sus comicios, a partir del 19 de julio, que **respeto a la pequeña propiedad**¹²¹³.

O mesmo Boletín de Información publicou um manifesto da Agrupación Anarquista Los de Ayer y los de Hoy. Ele começou afirmando que a queda de Málaga, bem como de outras localidades, não poderia causar uma reação descontrolada, e que era preciso manter a racionalidade. Enfatizou também que a

[...] fatídica política del miedo a la Revolución, responsable, inexcusable de la actual tragedia, continúa su criminal y solapada obra y es la principal culpable de todas esas derrotas. **Se sabotea miserablemente nuestra guerra y revolución de manera escandalosa; en el frente de Aragón hay todo un ejército inactivo, inutilizado**

¹²¹² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La C.N.T. y los pequeños propietarios**. Barcelona, 25 fev. 1937, p. 4-5.

¹²¹³ Ibidem, p. 5, grifo nosso.

porque se le niegan sistemáticamente los elementos bélicos indispensables para emprender una ofensiva que ayudaría eficazmente al heroico pueblo de Madrid y habría evitado la debalce de Málaga¹²¹⁴.

O manifesto da agrupação ainda denunciou que se tentava reorganizar o Exército confiando comandos a chefes suspeitos de serem fascistas. Disse que os milicianos de Aragão “[...] abandonan el frente ante tan villano proceder por los gobiernos constituídos¹²¹⁵”, e que a “[...] movilización general, el ejército obligatorio, no tendrán ninguna eficacia si no se le dota de elementos bélicos necesarios para hacer frente al enemigo y arrebatarle la iniciativa de la guerra¹²¹⁶”. E, diante de tal situação, o manifesto perguntou: o que fazer? E respondeu que o mais prático era varrer os culpados, mas se não fosse possível, teria que se pressionar o governo, e o único meio de se fazer isso seria através da ação sindical direta. “Los Sindicatos y las Agrupaciones Revolucionarias tienen la palabra¹²¹⁷”.

Assim, o manifesto denunciou publicamente a sabotagem que se estava levando a cabo, não contra os anarquistas, mas contra a revolução. E uma das formas de se fazer isso era exatamente negando armas para a frente de Aragão, pois ali existiam tropas anarquistas e mesmo poumistas que, caso estivessem adequadamente armadas, poderiam ser um grande obstáculo para os que pretendiam reconstruir a ordem pré 19 de julho. Mas este manifesto, mesmo que de forma velada, também orientou uma crítica aos comitês cenetistas, já que, ao pedir uma “volta às bases” – aos sindicatos –, admitiu que estas foram suplantadas dos processos de decisão.

No dia 26 de fevereiro, o Soli publicou vários artigos e notas que tratavam do tema dos abastecimentos. Em um deles¹²¹⁸, foi falada a posição cenetista sobre a questão, que era basicamente avançar no processo de socialização e controlar os preços dos alimentos, pois se vivia uma situação excepcional de guerra. O mesmo artigo informou os preços de alguns alimentos em 19 de julho e na atualidade, dando a conhecer que os preços destes produtos haviam subido em média 180%, enquanto os salários subiram 15%, o que nos dá uma ideia do quanto a situação dos abastecimentos era grave. Em uma nota¹²¹⁹, o Soli publicou também o balanço oficial do Conselho de Abastecimentos realizado em 19 de dezembro, com a saída de Doménech do cargo de Conselheiro para, assim, tentar desmentir as acusações de Comorera de

¹²¹⁴ Idem. **Agrupación Anarquista “Los de Ayer y los de Hoy”**. Barcelona, 25 fev. 1937, p. 6, grifo nosso.

¹²¹⁵ Ibidem, p. 6.

¹²¹⁶ Ibidem, p. 6.

¹²¹⁷ Ibidem, p. 7.

¹²¹⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Réplica a la Consejería de Abastos**. Barcelona, 26 fev. 1937, p. 4.

¹²¹⁹ Idem. **Para el consejero de abastos Juan Comorera**. Barcelona, 26 fev. 1937, p. 4.

que havia um déficit milionário na pasta, afirmando que, quando ocorreu sua saída, existia um superávit de 11 milhões.

Também no dia 26 de fevereiro, Francisco Largo Caballero, Presidente do Conselho de Ministros do governo central, lançou uma nota após ter uma reunião com vários ministros. Nos últimos tempos, ocorreram vários confrontos em diversas localidades e, por isso, Caballero pediu, dentre outras coisas, que o governo fosse obedecido, salientando que isso não ocorria na prática, apesar de estar na boca de todos. E finalizou da seguinte maneira:

Sigamos luchando con valor, y lleguemos al último sacrificio. Todo ello sin reservas, sin que detrás de públicas actividades se oculten propósitos de otra índole que no sean el de vencer y triunfar. Aplastemos con mano de hierro a quien desde nuestras filas favorezca los puntos de vista del adversario. Los inconscientes son tan peligrosos como los traidores. Un tacto de codos real y firme. Una voluntad colectiva de vencer, a costa de todos, son factores imprescindibles para lograr el triunfo definitivo. Confiemos en nosotros mismos, y en nadie más, y meditemos que de todos nosotros, de nuestra lealtad, de nuestra rectitud y de nuestra abnegación, depende nuestra suerte, que es la suerte de la España republicana y obrera¹²²⁰.

Caballero também se mostrava bastante receoso com relação às manifestações de trabalhadores revolucionários que pretendiam ultrapassar os marcos de uma república, vistos aqui como divisionistas e, portanto, potencialmente traidores.

Em 27 de fevereiro, o *Tierra y Libertad* publicou um artigo¹²²¹ no qual novamente foi salientado que apenas o controle dos abastecimentos pelos sindicatos poderia solucionar o problema de sua distribuição igualitária e de seu preço, eliminando os intermediários do setor. Somente os sindicatos poderiam fixar exatamente os custos de produção e os preços de venda. O mesmo *Tierra y Libertad* também publicou os acordos¹²²² de uma Plenária Peninsular de Regionais da FAI, que teve lugar entre 21 e 23 de fevereiro, acabando por reafirmar o colaboracionismo e a intenção de avançar na socialização.

Ainda em 27 de fevereiro, o *Solidaridad Obrera* afirmou em uma pequena nota¹²²³ que uma reunião entre dirigentes da CNT e da UGT de Aragão, que havia sido chamada pelo Presidente do Conselho de Defesa de Aragão, Joaquin Ascaso, terminou por fundir as duas organizações naquela localidade. No entanto, embora o periódico tenha utilizado este termo, não houve fusão entre as duas centrais sindicais, e isso ficou claro no acordo¹²²⁴ que saiu dessa

¹²²⁰ CABALLERO, Francisco Largo. “Confiemos en nosotros mismos y en nadie más”. *Solidaridad Obrera*. Barcelona, 27 fev. 1937, p. 6.

¹²²¹ TIERRA Y LIBERTAD. *Los sindicatos y la distribución de alimentos*. Barcelona, 27 fev. 1937, p. 8.

¹²²² Idem. *Acuerdos*. Barcelona, 27 fev. 1937, p. 11.

¹²²³ SOLIDARIDAD OBRERA. *En una reunión de la C.N.T. y de la U.G.T., de Aragón, se ha tomado el revolucionario acuerdo de la fusión de ambas sindicales*. Barcelona, 27 fev. 1937, p. 12.

¹²²⁴ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. *La unidad revolucionaria en acción*. Barcelona, 3 mar. 1937, p. 7-8.

reunião, quanto se falou em “unidade de ação”. Este acordo estava baseado em 8 pontos, dentre os quais estavam: cumprir as determinações do governo e do Conselho de Aragão, formar uma Comissão de Enlace, trabalhar no sentido de unificar em um só organismo o “problema agrícola de Aragão”, fazer campanha pelo coletivismo, respeitar a pequena propriedade, opor-se aos elementos “incontrolados”, trabalhar para que se alcançasse a fusão entre os dois sindicatos, organizar atos de forma conjunta.

Essa aproximação da CNT com a UGT tinha uma dupla causa. Por um lado, a CNT sempre desejou – e isso foi explicitado durante várias vezes ao longo de sua história – a unificação entre as duas centrais sindicais. Os cenetistas sempre viram os ugetistas como irmãos de classe, embora diferenças em relação às concepções organizacionais e finalidades dificultassem um acordo. Entretanto, com o início do processo revolucionário – muitos trabalhadores ugetistas participaram ativamente dos processos de coletivização – e, principalmente, por conta da política de colaboração, do abandono prático de muitas das concepções e metas do anarquismo e do sindicalismo revolucionário, a CNT acabou se aproximando da prática da UGT, o que tornou possível costurar uma série de acordos e até vislumbrar uma possível fusão. Todavia, não podemos superestimar esta tendência pois, como temos visto, a resistência a este processo de integração e burocratização da CNT era forte e, em boa parte dos casos, estes acordos costurados entre a CNT e a UGT eram pactos de cúpula, enquanto suas bases continuavam se digladiando, como demonstraram vários incidentes que ocorreram em diferentes localidades da Espanha sob controle da república. E a expansão do stalinismo dentro da UGT tendia a afastar ainda mais as bases de ambos os sindicatos, mesmo que seus dirigentes estivessem fazendo de tudo para manter a unidade.

No mesmo dia 27 de fevereiro, a Generalitat decretou racionamento em toda a Catalunha. Eram apenas duas resoluções. A primeira dizia que a quantidade máxima de pão por pessoa, em toda a Catalunha, seria de 250g, enquanto a segunda determinava que não se

[...] proveirà de farina cap Ajuntament que no hagi establert, abans dels deu dies d'èsser publicada al Diari Oficial de la Generalitat de Catalunya aquesta Ordre, la targeta de racionament del pa segons la xifra fixada en l'art. 1. d'aquesta disposició^{1225, 1226}

¹²²⁵ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 61, Ano V, Volume I, Barcelona, 2 mar. 1937, p. 953.

¹²²⁶ Tradução: “[...] fornecerá farinha a qualquer prefeitura que não tenha estabelecido, antes de dez dias de ser publicada no Diário Oficial da Generalitat de Catalunya esta ordem, o cartão de racionamento de pão segundo a cifra fixada no art. 1. desta disposição”.

Em 2 de março, o Solidaridad Obrera publicou alguns artigos sobre questões que estavam candentes neste momento. Logo na primeira página, o Comitê Regional da CNT de Aragão, Rioja e Navarra destacou que “[...] una cantidad considerable de afiliados a esta Regional, so pretexto de no aceptar la militarización, ha fijado su residencia en Barcelona y en algunos pueblos de la Regional catalana¹²²⁷”, inclusive ocupando cargos na organização. E, como saíram sem autorização, o Comitê Regional pediu para que não fossem avalizados e muito menos assumissem cargos.

Um segundo artigo também tratou da questão militar, afirmando que “[...] el ejército proletario que debe formarse rapidamente debe ser controlado por los propios trabajadores a base de delegados obreros [...]”¹²²⁸, acrescentando que nos quartéis deveriam ser criadas salas de conferência para explicar aos recrutas as lutas dos trabalhadores contra a exploração capitalista. Criticou também quem defendia que o Exército não poderia ter um pensamento definido, obedecendo apenas à plataforma governamental, ou seja, os que propugnavam a criação de um Exército “sem ideologia oficial”, já que esse seria o que existia antes de 19 de julho, um exército capitalista, em cujo seio se espalhou a ideologia fascista.

Outros dois artigos do mesmo Soli trataram da retaguarda. No primeiro deles, foi debatido que em Valência, tal como Barcelona, não se vivia a guerra. Os hotéis, os cinemas e os cafés estavam sempre cheios, além de milhares de militantes de organizações sindicais e políticas ficarem zanzando pelas ruas, muitos sendo provenientes de outras regiões e sem afazeres produtivos, mas que faziam falta em outras localidades, principalmente em zonas de guerra. Sendo assim, bradou:

Hay que terminar con las tertulias en los cafés, con el consumo inmoderado de las bebidas y de ricos alimentos, con las diversiones inútiles, con el vicio que agobia a las capitales de la retaguardia. La guerra necesita que todos los esfuerzos, que todas las energías, que todo el entusiasmo se dedique a ganar la guerra y a asegurar el triunfo de la Revolución, trabajando en industrias necesarias, edificando con tesón la nueva sociedad. El trabajo socialmente inútil debe desaparecer o quedar reducido al mínimo. Las capitales de retaguardia (especialmente Barcelona y Valencia) tienen que adquirir rápidamente fisionomía de ciudad revolucionaria. Más trabajo necesario, más amor a la Revolución, más austeridad y honradez en los militantes, es lo que necesitamos. En Valencia se ha de vivir la guerra¹²²⁹.

¹²²⁷ COMITÉ REGIONAL DE ARAGÓN, RIOJA Y NAVARRA. Los desplazados sin control deben regresar a sus puestos de origen. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 2 mar. 1937, p. 1.

¹²²⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Ejército popular, si; Pero de carácter revolucionario**. Barcelona, 2 mar. 1937, p. 5.

¹²²⁹ Idem. **En Valencia no se vive la guerra**. Barcelona, 2 mar. 1937, p. 4.

O segundo artigo tratava da relação entre burocracia e revolução. Salientou que muitos empregados dos centros oficiais não haviam sofrido nenhuma influência do processo revolucionário, e que o ritmo ali dentro era muito aquém do das ruas, sindicatos, fábricas etc. Contudo, salientou que a antiga burocracia não era a única burocracia morosa. A nova, surgida depois do 19 de julho, também era, e tinha os mesmos vícios e defeitos. Discorreu ainda que era um absurdo o trabalhador precisar gastar horas para conseguir um documento sem importância que o permitisse continuar a marcha normal de uma indústria muito importante para as frentes de combate. E finalizou:

No decimos estas cosas con el deseo malsano de molestar a nadie. Solamente nos guía el afán de corregir los defectos allí donde los haya. Hemos sido espectadores impasibles del crecimiento alarmante de la burocracia. Se ha creado una nueva sin acabar con la antigua y, no obstante, el ritmo en las oficinas públicas sigue tan lento como en los buenos tiempos de la República burguesa. Creemos que esto no debe continuar, y por eso lo señalamos, para que quien tenga la obligación de hacerlo se preocupe de resolver este problema de fundamental importancia para el futuro de la Revolución¹²³⁰.

Um último artigo¹²³¹ digno de menção publicado pelo mesmo Soli no dia 2 de março faz uma defesa da coletivização, assinalando que uma concorrência entre elas poderia ter consequências ruins, propugnando então pela socialização. Falou também do trabalho feito por algumas associações contra as coletivizações, dando exemplo do GEPCI, que adentrou algumas organizações que se autointitulavam socialistas, tornando-se defensora dos interesses daqueles.

Assim, todos os artigos demonstram os problemas pelos quais a revolução passava neste momento: corrupção da retaguarda, problemas com as coletivizações, burocracia e novos ricos emergindo – somando-se aos antigos ricos e burocratas. Isso tudo, acrescido ao descontentamento dos milicianos por conta da militarização e a consequente perda das conquistas em termos de democracia direta na frente de batalha, fazia com que a frente de batalha se desmoralizasse cada vez mais, e muitos simplesmente a abandonavam, o que poderia inclusive gerar um colapso no front. Cada vez mais o sentido da luta se esvaía. Ela deixava de ser revolucionária, de classes, para ser convertida em uma luta entre o fascismo e a Democracia. E isso, por sua vez, reforçava ainda mais o processo de corrupção da retaguarda, criando um ciclo vicioso. E tudo isso acabava por gerar um desinteresse pelos assuntos da guerra na retaguarda, que foram denunciados algumas vezes nos jornais anarquistas e chegaram a causar

¹²³⁰ Idem. **La burocracia y la revolución**. Barcelona, 2 mar. 1937, p. 12.

¹²³¹ VIADIU, Jose. En defensa de las colectivizaciones. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 2 mar. 1937, p. 3.

espanto em George Orwell, quando ele regressou em abril de 1937 para Barcelona, vindo da linha de frente.

A indiferença geral pela guerra era surpreendente e nauseante, horrorizava as pessoas que vinham a Barcelona de Madrid ou até de Valência. Tal indiferença devia-se, em parte, ao afastamento de Barcelona das zonas onde realmente se combatia – observei o mesmo fenômeno, passado um mês, em Tarragona, onde a vida de uma elegante cidade à beira-mar continuava quase sem qualquer perturbação. Não deixava, porém, de ser significativo o facto de o alistamento de voluntários ter diminuído, em toda a Espanha, a partir de Janeiro. Na Catalunha, em Fevereiro, houvera uma grande onda de entusiasmo por causa do primeiro impulso importante a favor do Exército Popular, mas daí não resultara grande aumento no recrutamento. A guerra durava havia apenas seis meses, mais ou menos, quando o Governo espanhol teve de recorrer ao recrutamento obrigatório, o que seria natural para uma guerra no estrangeiro, mas parecia anômalo numa guerra civil. Tal facto estava, certamente, relacionado com o ruir das esperanças revolucionárias existentes no início do conflito. Os membros das uniões de sindicatos que se tinham constituído em milícias e repellido aos fascistas para Saragoça, nas primeiras semanas da guerra haviam procedido assim em grande parte por estarem convencidos de que lutavam pela conquista do controlo pelas classes trabalhadoras. **Tornava-se, porém, cada vez mais evidente que o controlo pelas classes trabalhadoras era uma causa perdida**, e não se pode censurar uma certa apatia à gente comum, principalmente ao proletariado urbano, que tem de preencher as fileiras em qualquer guerra, civil ou estrangeira. Ninguém queria perder a guerra, mas a maioria desejava, sobretudo, que ela acabasse. Notava-se este sentimento em toda parte, por toda a parte se ouvia a mesma observação causal: “Esta guerra é terrível, não é? Quando acabará?” **As pessoas politizadas tinham muito mais consciência da luta mortal que se travava entre anarquistas e comunistas do que da luta contra Franco. Para o grosso da população, a escassez de alimentos era o mais importante. “A frente” passara a ser considerada um lugar distante e mítico, para onde iam jovens que não regressavam ou regressavam passados três ou quatro meses com as algibeiras cheias de dinheiro.** (Os milicianos recebiam geralmente os soldos atrasados quando partiam de licença). Os homens feridos, mesmo quando se arrastavam de muletas, não recebiam qualquer espécie de consideração. Já não era moda estar na milícia. As lojas, esses eternos barómetros do gosto público, demonstravam-no claramente. Quando estive em Barcelona pela primeira vez, as lojas, por pobres e modestas que fossem, especializavam-se em equipamentos para milicianos: havia em todas as montras casquetes, casacos com fecho de correr, cinturões, facas de caça, cantis e coldres de revólver. Agora tinham-se tornado visivelmente mais elegantes e a guerra fora relegada para último plano. Como viria a descobrir mais tarde, ao comprar a minha mochila antes de regressar à frente, era difícil encontrar certas coisas que faziam uma falta tremenda na linha¹²³².

Entre 25 de fevereiro e 3 de março, ocorreu o Congresso Regional de Sindicatos da Catalunha. O Soli cobriu todas as sessões do Congresso em suas páginas nos dias seguintes, publicando um resumo das reuniões¹²³³. Na abertura do Congresso, que ocorreu no dia 25 de

¹²³² ORWELL, George. **Homenagem à Catalunha**. Lisboa: Libros do Brasil, p. 134-135, grifos nossos.

¹²³³ Ver as seguintes referências: SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. Hoy comienzan las tareas del Congreso Regional de Sindicatos**. Barcelona, 25 fev. 1937. p.1; SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. El Congreso de Sindicatos, manifestación revolucionaria transcendental**. Barcelona, 26 fev. 1937, p. 1.; SOLIDARIDAD OBRERA. **Han dado principio las tareas del Congreso Regional de Sindicatos de la C.N.T.** Barcelona, 26 fev. 1937, p. 4.; SOLIDARIDAD OBRERA. **Congreso Regional de Sindicatos de la C.N.T.** Barcelona, 27 fev. 1937, p. 4 e p. 10.; SOLIDARIDAD OBRERA. **Congreso Regional de Sindicatos de la C.N.T.** Barcelona, 28 fev. 1937, p. 4 e p. 10.; SOLIDARIDAD OBRERA. **Congreso Regional de Sindicatos de la C.N.T.** Barcelona, 2

fevereiro, Valerio Mas, Secretário do Comitê Regional, iniciou os trabalhos. O Comitê Regional apresentou um informe no qual dizia que a organização estava passando por um momento difícil, mas que atualmente contava com 1.200.000 filiados. Falou também que as circunstâncias impunham a colaboração, que as relações com a UGT não tinham dado o resultado esperado porque alguns indivíduos estavam “semeando a discórdia” e acrescentou que muitas dificuldades se davam porque em várias localidades os que estavam atuando na organização não tinham o menor conhecimento sobre seus postulados, o que atrapalharia bastante. O Congresso durou vários dias e tomou algumas resoluções importantes, como a de se buscar fazer assembleias conjuntas com a UGT e a criação de um banco sindical. Também ocorreram várias discussões em relação ao colaboracionismo, à militarização e outros assuntos.

No dia 4 de março, o Diário Oficial da Catalunha publicou¹²³⁴ uma série de decretos relacionados com a ordem pública. Na verdade, o que eles determinaram foi uma fusão dos corpos repressivos – a Guarda Nacional Republicana, que estava sob controle do governo central, e a Guarda de Assalto, que estava sob controle da Generalitat – em um corpo único: o Corpo de Segurança Interior, que ficaria inteiramente sob controle da Generalitat. Os membros desse novo corpo de segurança não poderiam estar filiados a nenhuma organização sindical ou política, e o não cumprimento desta disposição acarretaria a expulsão de quem infringisse esta regra. Todos os outros corpos armados que não fossem o novo Corpo de Segurança Interior, o que incluía as Patrulhas de Controle, foram dissolvidos, e todas as forças que estavam nas fronteiras também seriam retiradas, com o novo Corpo de Segurança ocupando e passando a controlar as fronteiras da Catalunha. O Comissariado de Ordem Pública também foi extinto, criando-se a Direção Geral de Segurança da Catalunha.

Todas essas medidas tinham um objetivo bem claro: fazer com que a Generalitat retomasse o controle da ordem pública, que estava nas mãos, na prática, da CNT, já que era ela quem detinha o predomínio das Patrulhas de Controle – motivo pelo qual, inclusive, em muitos dos conflitos que ocorreram entre cenetistas e outras correntes, as Patrulhas acabaram tomando partido da CNT. A criação de um Corpo de Segurança em que seus membros fossem proibidos de se filiarem aos sindicatos e partidos tinha a intenção de criar uma tropa que obedecesse apenas ao Estado, sem nenhuma “conotação política” explícita, sendo um enorme passo para a recomposição do poder estatal. Mas cabe salientar que algumas dessas medidas – acordadas no seio de uma Generalitat com representação cenetista –, como a dissolução das Patrulhas de

mar. 1937, p. 2 e p. 9. e SOLIDARIDAD OBRERA. **Congreso Regional de Sindicatos de la C.N.T.** Barcelona, 3 mar. 1937, p. 2 e p. 10.

¹²³⁴ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 63, Ano V, Volume I, Barcelona, 4 mar. 1937, p. 979-982.

Controle, não foram implementadas imediatamente, pois os custos políticos e sociais para sua implementação imediata seriam altíssimos. Somente após as Jornadas de Maio – que falaremos mais adiante – tais medidas puderam ser implementadas e até mesmo estendidas.

6.2 Do novo Corpo de Segurança à Militarização da Coluna de Ferro

No dia 4 de março, o Soli repercutiu a criação do Corpo de Segurança Interior, afirmando que toda revolução tinha duas etapas. A primeira seria a dos combates de rua, que tencionavam destruir os obstáculos que a ela resistiam, e a segunda etapa seria após a revolução triunfar, quando se sentia a necessidade de substituir os velhos órgãos por novos, que facilitassem a sua marcha ascendente, e acrescentou que isto era evidente também na questão da ordem pública. Contudo, a organização apresentou-se publicamente contra o Decreto de Unificação das Forças na Retaguarda, e acrescentou que os representantes cenetistas no Conselho da Generalitat haviam tentado limá-lo, e conseguiram em parte. Mas também afirmou que a organização, por ser disciplinada, o acataria, embora não deixasse de aspirar a um instrumento legal que “[...] refleje más exatamente la verdadera situación política y revolucionaria de nuestra región¹²³⁵”. E ainda acrescentou:

Una de las cosas que más nos chocan del decreto de la Generalidad, es la prohibición absoluta a todos los funcionarios, guardias, clases, oficiales, etc., de pertenecer a ninguna organización política ni sindical. Se especifica bien claro, en el aludido decreto, que los contraventores de esta disposición serán castigados con la expulsión inmediata del cuerpo de que formen parte. Como se puede observar, es propósito firme la creación de una fuerza coercitiva, incolora, sin contenido revolucionario, que sirva dócilmente “al que manda”. Y si el que manda hoy en Cataluña, es el pueblo a través de las organizaciones antifascistas, mañana puede ser un partido más o menos liberaloide el que monopolice el Poder, como ha ocurrido ya alguna vez. Y si el proletariado no lo evita antes, la burguesía, el capitalismo, cuyos recursos e intrigas son inagotables, pretenderá apoderarse del Poder mediante cualquier procedimiento. Si, por desgracia, lo lograra, nos encontraríamos los obreros españoles exactamente igual que los alemanes: la fuerza represiva creada por nuestros representantes serviría de instrumento para someternos y uncirnos al yugo salvaje y sanguinario del fascismo. Por éstas y otras muchas razones, que no necesitamos especificar, estimamos errónea la creación de ese Cuerpo único de Seguridad, ajeno en absoluto a las luchas y aspiraciones del pueblo trabajador. Toda revolución tiene el deber, si no quiere negarse a si misma, de crear los órganos reguladores de sus conquistas a su imagen y semejanza. La iniciada el 19 de julio es, indiscutiblemente, proletaria. Si la clase obrera no le da fisionomía propia a todo lo que surja de esta situación, pierde una de las posibilidades más preciosas; y entonces tenemos que confesar que es la contrarrevolución la que gana terreno¹²³⁶.

¹²³⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **El cuerpo único de seguridad no puede carecer de idealidad revolucionaria.** Barcelona, 4 mar. 1937, p. 12.

¹²³⁶ Ibidem, p. 12.

O mesmo Soli também voltou a tratar dos abastecimentos, demonstrando que o problema ainda persistia. Em um pequeno artigo¹²³⁷, foi demandado novamente que os mercados fossem monitorados, para que o preço de venda fosse efetivamente controlado. Em um segundo artigo¹²³⁸ comentou-se a “batalha do ovo”, uma denominação que passou a apelidar as interferências da Generalitat neste setor, inclusive, fomentando que as pessoas criassem elas mesmas suas próprias galinhas, como uma forma emergencial de obter ovos em meio ao caos dos abastecimentos. Também foi dado conta¹²³⁹ pelo Comitê Econômico da Indústria do Pão CNT-UGT que, no dia seguinte, 5 de março, faltaria pão em Barcelona, pois a farinha deste dia foi oferecida para Madri, que necessitava em razão da guerra.

Um último artigo importante deste Soli tratava das pugnas que estavam ocorrendo entre duas frações comunistas, o POUM e o PSUC/PCE. O escrito deixou bem claro as diferenças táticas e doutrinárias que existiam entre anarquistas e comunistas, mas assinalou que a “[...] campaña que socialistas y comunistas oficiales están levando contra el Partido Obrero de Unificación Marxista, cuyos afiliados están luchando valientemente contra el fascismo, es completamente injusta¹²⁴⁰”, e que isso só poderia ter como resultado a erosão da unidade antifascista, o que deveria ser evitado a todo custo.

No dia 5, o Soli voltou a tratar do assunto do Corpo de Segurança Único. Disse que a CNT sempre defendeu que o novo corpo de segurança fosse derivado das Patrulhas de Controle, já que era um

[...] instrumento de represión creado por el proletariado en las jornadas revolucionarias de julio y que a pesar de todos los ataques inmóvil que han sido objeto, cumplieron ampliamente con su cometido de salvaguardar el nuevo orden establecido¹²⁴¹.

E completou:

Sostuvimos en todo instante la idea de que el cuerpo único de Seguridad Interior debía ser una ampliación de las Patrullas de Control, no una continuación del viejo espíritu represivo e inquisitorial que animó a la burguesía en la época de su dominación. Respecto al Ejército Popular, hemos mantenido una posición idéntica. Para nosotros nuestro Ejército ha de ser revolucionario, esto es, un Ejército que defiende las conquistas revolucionarias de la clase obrera combatiendo bajo el pabellón de la revolución proletaria. Este ha sido – y es – nuestro criterio, claro, nítido y diáfano. Si por causas ajenas a nuestra voluntad no hemos conseguido hacer prevalecer esta

¹²³⁷ MARCÓ, Narciso. Hay que controlar los mercados. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 4 mar. 1937, p. 3.

¹²³⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **La batalla del huevo**. Barcelona, 4 mar. 1937, p. 5.

¹²³⁹ EL COMITÉ. Al pueblo de Barcelona. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 4 mar. 1937, p. 4.

¹²⁴⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **El pueblo exige cordialidad entre las fuerzas antifascistas**. Barcelona, 4 mar. 1937, p. 1.

¹²⁴¹ Idem. **El espíritu revolucionario, en el cuerpo único de seguridad**. Barcelona, 5 de mar. 1937, p. 4.

posición, nadie puede interpretarlo como la renuncia a los principios revolucionarios que informan al movimiento anarcosindicalista. Es demasiado conocida nuestra organización para que se pueda suponer que somos partidarios de las medidas tintas. Nosotros no podemos transigir con aquellas cosas que significan un retroceso. Por esta razón luchamos contra el Ejército apolítico, carente de entusiasmo e idealidad revolucionarios. Y por esta razón también laboraremos continuamente para darle contenido proletario y revolucionario al Cuerpo de Seguridad que se está creando. Esta es nuestra opinión leal y sincera, que expondremos tantas veces como creamos pertinente desde las columnas de nuestro periódico atento en todo momento a defender los intereses generales del proletariado¹²⁴².

O mesmo Soli também publicou a seguinte nota:

“Los Amigos de Durruti” A iniciativa de unos cuantos camaradas del anarquista Buenaventura Durruti, que supo finalizar su vida de acuerdo con los anhelos de liberación que matizaron toda su ejecutoria personal, se ha pensado en la conveniencia de constituir una agrupación que perpetúe la memoria del hombre que simbolizó, por su honradez y por su valer, la etapa revolucionaria comenzada a mediados de Julio. Invitamos a todos los camaradas que en vida quisieron al camarada Durruti y que al desaparecer el gigante de nuestra revolución conservan el recuerdo del gran luchador, a que ingresen en “Los amigos de Durruti”. “Los Amigos de Durruti” no es una peña más. Nosotros pretendemos que la revolución española se compenetre de la savia revolucionaria de nuestro Durruti. **Los amigos de Durruti permanecen fieles a las últimas palabras pronunciadas por nuestro camarada en el corazón de Barcelona y denunciando la labor contrarrevolucionaria y acusando con trazos viriles el camino que habíamos de seguir.** Para inscribirse en nuestra asociación es indispensable pertenecer a la C. N. T. y comprobar un pasado de lucha y de amor a las ideas y a la revolución. De una manera transitoria, se reciben las inscripciones en Rambla de Cataluña, 15, principal (Sección de Periodistas de la C.N.T.) de cinco a siete de la tarde¹²⁴³.

Este era um chamado para a formação da Agrupação Os Amigos de Durruti, que foi oficialmente constituída dia 15 de março, ou seja, dez dias após a publicação desta nota. Tal agrupação foi formada a partir de anarquistas insatisfeitos com os rumos que a revolução e as organizações libertárias estavam tomando, principalmente após a militarização das milícias. Eles foram paulatinamente sendo agrupados em torno de algumas lideranças, notadamente Jaime Balius, e muitos milicianos estavam entre os fundadores da agrupação, embora existissem também muitas pessoas da retaguarda¹²⁴⁴. Os Amigos de Durruti lançaram seu próprio periódico, intitulado El Amigo del Pueblo, em referência a Marat, cujo primeiro número saiu em 19 de maio de 1937, tendo sido publicados 12 números até fevereiro de 1938. Este periódico fazia chamamentos e clamava por uma retomada do processo revolucionário, criticava a

¹²⁴² Ibidem, p. 4.

¹²⁴³ LA COMISIÓN ORGANIZADORA. “Los Amigos de Durruti”. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 5 de mar. 1937, p. 10, grifo nosso.

¹²⁴⁴ Cabe observar que o local para se inscrever na agrupação era a sede da seção de jornalistas, e isso não era por acaso. Os jornalistas cenetistas estavam em pé de guerra com muitos dirigentes da organização por conta da nomeação de Toryho para a direção do Soli, e há de se lembrar que este era totalmente alinhado com a política colaboracionista propugnada por muitos líderes da CNT.

contrarrevolução em marcha e não poupava nem mesmo os dirigentes cenetistas e os partidários da colaboração. Inicialmente, eles foram tolerados dentro da organização, mas logo começaram a surgir uma série de críticas dos dirigentes em relação à agrupação, sendo que seus membros muitas vezes eram qualificados como “incontrolados” e “divisionistas”. Foram feitos vários pedidos para que se expulsasse os membros da agrupação da organização cenetista, mas tais pedidos esbarravam na própria estrutura do sindicato. Isso porque a CNT tinha uma organização federalista e, como tal, ao menos em teoria, os processos de decisão partiam da base para o topo, do trabalhador enquanto indivíduo para os sindicatos, e destes para os comitês. Portanto, não era concedido o direito para que os comitês superiores expulsassem membros. Os únicos órgãos que estavam autorizados a fazer isso eram os sindicatos, e mediante uma assembleia de trabalhadores – por exemplo: um membro da agrupação que fosse filiado ao Sindicato da Alimentação só poderia ser expulso mediante uma assembleia de tal sindicato, já que este era soberano em suas decisões. Assim, por mais que os dirigentes reclamassem e fizessem pedidos em alto e bom som para que os membros da Agrupação Os Amigos de Durruti fossem expulsos, não poderiam tomar nenhuma medida concreta neste sentido. Como não se tem nenhuma notícia de que algum membro da agrupação tenha sido expulso em uma assembleia de seu sindicato, isso nos leva a crer que, por mais que a agrupação não tenha tido um tamanho considerável – o que não quer dizer também que suas ideias não tivessem eco entre os trabalhadores –, seus membros eram, ao menos, tolerados. Cabe salientar também que os Amigos de Durruti nunca pretenderam romper com a organização, embora muitos dirigentes temessem que isso pudesse acontecer.

Ainda no dia 5 de março, o Boletín de Información publicou uma ordem do Conselho de Serviços Públicos, o cenetista Juan Doménech, sobre a municipalização. Em seu preambulo, explicava as motivações de tal medida.

Habido conocimiento que distintas organizaciones sindicales y políticas, al producirse la insurrección fascista, se apropiaron los elementos constitutivos de las empresas dedicadas a la prestación de los servicios públicos, y que gracias al esfuerzo de los obreros y a su competencia se organizaron aquéllos rápidamente y recobraron su ritmo normal. Pasado ya el periodo de anormalidad que se produjo en Cataluña al estallar el movimiento insurreccional, es preciso establecer la fórmula más adecuada con el fin de que puedan volver a la comunidad las actividades industriales dedicadas a la prestación de servicios públicos, estudiando detenidamente cada caso, **hasta llegar la municipalización, no sólo de los servicios de uso general, sino también, si el interés general lo reclama, de los que pertenezcan a la industria privada.** Hay que consignar, sin embargo, que la sugerencia y necesidad de efectuarla ha de partir del pueblo y, en concreto, del obrero que tiene bajo su mano el servicio municipalizable¹²⁴⁵.

¹²⁴⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Servicios públicos**. Barcelona, 5 mar. 1937, p. 6, grifo nosso.

Assim, partindo destas premissas, a ordem ditada determinava que poderiam ser municipalizados os serviços que estivessem dentro das seguintes condições: 1- quando o município achasse que o serviço era de interesse geral; 2- quando uma empresa particular quisesse municipalizar o serviço a seu cargo; 3- quando um industrial achasse conveniente municipalizar o serviço que ele oferecia. Existiam outras condições para a municipalização que estavam inscritas dentro dessa ordem, como a anuência do sindicato que controlasse aquele determinado serviço, mas a questão central estava colocada. O município agora tinha poderes para proceder as expropriações. Contudo, enquanto as condições 2 e 3 eram voltadas para empresas que ainda estivessem sob propriedade privada, a condição número 1 podia se voltar contra qualquer empresa, mesmo as que estivessem coletivizadas. Ou seja, abria-se a possibilidade de que o Estado, via município, transferisse o controle de empresas que estavam sob gestão direta dos trabalhadores para sua própria alçada, ou seja, que os trabalhadores fossem expropriados do controle do local de trabalho em favor de gerentes indicados pelo município. E tal medida foi tomada por um representante de uma organização anarquista dentro do governo catalão, mesmo que potencialmente ela se dirigisse sobretudo contra suas próprias bases.

No mesmo Boletín de Información, ainda, o Conselho de Economia – que era encabeçado por Diego Abad de Santillán – lançou algumas advertências às empresas coletivizadas. Elas pediam que comitês de empresa ou de controle que tivessem que ir até a Junta do Controle Sindical Econômico o fizesse com selos da Generalitat e do Estado, caso contrário seus pedidos não seriam levados em consideração. Também deu conta aos comitês de controle que, a partir do dia 15 de março, os documentos fornecidos pelas Delegações de Indústria tinham de ser trocados de acordo com o Decreto de Coletivizações e com a Ordem Complementar de 31 de outubro de 1936, e que eram fornecidos pela Junta do Controle Sindical Econômico, vinculados ao Conselho de Economia. E o último aviso era mais enfático. Eis seu texto na íntegra:

Después de cuatro meses de la promulgación del Decreto de Colectivizaciones, la Junta del Control Sindical Económico da Consejería de Economía, entiende que es necesario para la perfecta normalidad de la economía en Cataluña, que todas las empresas a las cuales afecte, lo cumplan estrictamente. A tal efecto la Junta ha tomado el acuerdo de poner en conocimiento de los afectados, que ha hecho circular a todos los organismos oficiales (Caja Oficial de Descuentos y Préstamos, Oficina Reguladora del Pago de Salarios, Asesoría de Finanzas, etc.) y entidades de crédito (Bancos, Cajas de Ahorros), que **a partir del día 15 del corriente mes de marzo, no reconozcan personalidades a ningún Comité de Control ni Consejo de Empresa que no esté debidamente legalizado o en trámite de legalización** por aquella Junta que tiene sus Oficinas en la Avenida de 14 de Abril, 407¹²⁴⁶.

¹²⁴⁶ Idem. **Consejería de Economía**. Barcelona, 5 mar. 1937, p. 7, grifo nosso.

Podemos tirar algumas informações disso. A primeira, utilizando a lógica, tendo em vista o apelo para que as coletivizações se legalizem, concluímos que ainda existiam empresas que não estavam legalizadas e, portanto, não seguiam as diretrizes emanadas pela Generalitat. Não sabemos a quantidade de empresas que estavam nesta situação, mas a julgar pelos pedidos, que não eram incomuns na imprensa, podemos deduzir que não eram poucas. Mas também concluímos disto que o controle do Estado sobre as empresas coletivizadas, depois do Decreto de Coletivizações, aumentou consideravelmente, como também ficou demonstrado com o decreto publicado no dia 11 deste mesmo mês. O controle cada vez maior do Estado sobre as empresas coletivizadas tendia até mesmo a anular o processo de coletivização, conforme a tendência da municipalização dos serviços ia ganhando força. O controle operário sobre seu local de trabalho estava cada vez mais batendo em retirada.

No mesmo dia 5 de março, ocorreu também um fato curioso, narrado no Soli dois dias depois. Segundo o jornal, durante o período da tarde, em um dos vários armazéns de material de guerra existente, apareceram alguns indivíduos com um documento assinado pelo cenetista Eugenio Vallejo – membro da Comissão de Indústrias de Guerra –, em que solicitava a entrega de doze tanques de guerra que haviam sido fabricados recentemente. O responsável pelo armazém, diante da apresentação do documento, entregou o material, mas pediu que os solicitantes fornecessem a placa do carro em que estavam, o que fez com que eles se retirassem rapidamente do local. No entanto, eles foram seguidos e foi possível notar que os tanques foram levados para o Quartel Vorochilov, cujo próprio nome revela, era controlado pelos comunistas. Vallejo foi avisado sobre o ocorrido e pediu que as Patrulhas de Controle cercassem o referido quartel. O cenetista foi até o local e falou com o coronel chefe responsável, exigindo a devolução dos doze tanques de guerra e dizendo que a assinatura existente no documento havia sido falsificada. O tenente coronel recusou, afirmando que não sabia de nenhum roubo. Vallejo solicitou a presença de Tarradellas, que também participou das negociações. Ainda foram ao local Valdés, ugetista Conselheiro de Trabalho da Generalitat, e Almendros, Secretário do Comitê Militar do PSUC. Depois de muita conversa, o tenente coronel confessou o roubo, mas disse estar com apenas cinco tanques, não sabendo onde estavam os outros. Mais algum tempo de negociações e ele finalmente declarou que estava de posse de todos os veículos que haviam sido roubados. Com isso, o Soli indagou:

Esclarecidos los hechos y puesta de manifiesto conducta tan impropia en instantes como los presentes, en que tanto se alaba la unidad proletaria y ante la actitud mantenida por el teniente coronel jefe del cuartel Voroxilov, éste ha sido sometido a expediente. Tenemos noticia de que, al verse descubierto el “affaire”, el mencionado jefe hizo constar que él no hacía sino obedecer las órdenes que le llegaban del alto

mando de la División Carlos Marx ¿Qué hay de cierto en esto? Lo que **está fuera de toda clase de dudas es que los tanques robados no se sustrajeron para realizar operaciones de guerra**. La Consejería de Defensa de la Generalidad de Cataluña, atenta a los intereses generales de la lucha antifascista, no es parcial en la distribución del material bélico, sino que, inspirándose en un principio de equidad, reparte entre todas las fuerzas que operan en los frentes de Aragón el material de que se dispone, sin tener para nada en cuenta su filiación política o sindical. **Si no se sustrajeron esos tanques para llevarlos al frente, ¿para qué se realizó operación tan “brillante”?** Presumimos en esto un bosquejo de intento dictatorial contra el que todos saben nos alzaríamos inmediatamente. En este caso, como en todos, no podemos dejar de recordar la existencia del peligro constante. Si el insano afán de partido puede en alguien más que el propio instinto de conservación, nosotros tenemos que hacer constar una vez más, nuestra voluntad firme e inquebrantable de vencer al fascismo por encima de todo. De vencerle en compacto haz de unidad estrecha con los trabajadores de todos los matices políticos y sindicales, a cuyo pacto de unidad sabemos hacer honor, sin alimentar dobleces de ningún género contra nadie¹²⁴⁷.

A pergunta apresentada pelo periódico era bastante intrigante: se os tanques não foram roubados para serem levados à frente de batalha, então, qual era o motivo? No entanto, a resposta evidenciada pelo periódico, um “esboço ditatorial”, na verdade não respondia nada.

No dia 7 de março, houve uma conferência de Félix Martí Ibáñez no Cine Coliseum de Barcelona, cujo título foi Grandezas e Misérias da Revolução Social Espanhola. O ato foi aberto com Toryho expressando algumas poucas palavras, e logo Ibáñez assumiu a fala. Ele começou com uma longa introdução sobre o tema e, então, tratou do movimento revolucionário de 19 de julho de 1936. Ibáñez falou um pouco sobre a justificativa científica do processo revolucionário, dizendo que as revoluções eram o produto de uma evolução da história. Sobre os fatores do triunfo da revolução, disse Ibáñez que eram dois. O primeiro deles seria a anteposição da revolução aos partidos.

Esto significa mucho. Porgue si en el momento presente dirigimos la vista por la retaguardia y la contemplamos cuadrículada, seccionada en partidos con sus ideales específicos y sus consignas particulares que se anteponen al propio ideal revolucionario, nos parece ahora difícilísima la unificación total de todos los sectores políticosindicales existentes. Y entonces comprendemos la pequeñez de tales afanes partidistas en relación a la grandiosidad de las primeras jornadas revolucionarias, en las cuales el sagrado interés histórico de la Revolución se antepuso a todo interés personal o de partido. En los primeros días del movimiento la Revolución fué la bandera única bajo cuyos pliegues do luz se agruparon en santa unidad obrera todos los revolucionarios. Así, por la conciencia histórica, por la noción exacta de lo que imponía el momento, que existió en las masas, pudieron los responsables dar forma a lo caótico, ordenar lo multiforme, canalizar el impulso como se canaliza el agua del torrente y hacerle mover las turbinas orgánicas do la nueva sociedad que nacía¹²⁴⁸.

¹²⁴⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **¿Que se pretendia? Sustracción de doce tanques de un almacén de material de guerra**. Barcelona, 7 mar. 1937, p. 12, grifos nossos.

¹²⁴⁸ IBAÑEZ, F. Martí. **Grandezas y Miserias de la Revolución Social Española**. Oficinas de Propaganda CNT FAI, p. 9.

Continuando seu raciocínio, Ibáñez disse que naquele momento, tal como agora, existiam os que, ao invés de ajudar, dificultaram a tarefa dos homens responsáveis ao ficar rodeando-os com críticas que não eram construtivas.

O segundo fator que possibilitou o triunfo da revolução, segundo Ibáñez, foi que nos primeiros dias aconteceu entre os trabalhadores o esquecimento de seus direitos e uma memória contínua de seus deveres, que fez com que muitos trabalhadores “entrassem de cabeça” no processo revolucionário. Mas Ibáñez, continuando sua apresentação, falou que existiam também aqueles que tinham a intenção de implantar dogmas e critérios particulares, às vezes estimando que ele era o único saudável ao movimento, e que todos que não estivessem de acordo com seus dogmas eram considerados contrarrevolucionários, o que os conduzia ao sectarismo. Mas uma parte da população e dos revolucionários, para Ibáñez, não via as coisas desse jeito, e a coletividade falou mais alto. Sobre os libertários na política, Ibáñez salientou que a CNT e a FAI não foram incorporadas ao governo por capricho, e nem por uma infidelidade a seus ideais, e sim por uma questão de adaptação à realidade histórica.

Ir a la política era movilizar hombres que a ella llevasen el espíritu de las organizaciones obreras y que, además, fuesen capaces de trazar un plano topográfico, una carta de navegación revolucionaria. Y aquí viene una miseria de la Revolución. En el marco grandioso de ésta, todos los hombres, aun los de alta talla moral, parecían pequeños, y con una lealtad que desconocían los viejos políticos, ellos así lo reconocieron. **Se imponían dos soluciones: Una era enviar a los puestos de responsabilidad a los hombres de mayor prestigio e historial revolucionario. Otra era conservar a éstos al margen del Leviatán insaciable de la política en los organismos sindicales, velando desde allí por que se mantuviese la pureza revolucionaria.** A mi juicio, esta segunda era la mejor solución. Pero el momento imponía situar hombres que con su historial revolucionario significasen una garantía para las masas obreras, de que iban a saber salir de la política limpios y más revolucionarios que antes. Con lo cual tuvieron que aceptar el sacrificio de poner en juego su prestigio personal, la vieja guardia de la Revolución¹²⁴⁹.

Continuando sua explanação, Ibáñez desaprovou os que faziam críticas destrutivas da revolução e dos revolucionários, pois para ele estes atacavam as pessoas, e isso não ajudaria a melhorar suas ações. Os que procediam assim, disse Ibáñez, não respeitavam o sacrifício de homens que entregaram tudo para a revolução. Ao mesmo tempo, afirmou aceitar as críticas construtivas. No tocante à economia, Ibáñez disse que sua restauração não era obra de um Conselheiro ou do Conselho de Economia isoladamente, e sim de toda a coletividade. O que deveria melhorar, para ele, não era a economia individual ou de grupo, de uma empresa ou outra, e sim o volume da riqueza nacional. Para isso, ele falou que no futuro deveria existir um

¹²⁴⁹ Ibidem, p. 13, grifo nosso.

organismo que marcasse suas linhas fundamentais, o Conselho Nacional de Economia. Uma outra afirmação de Ibáñez foi de que a revolução germinou como um plantel coletivo, sem que ninguém a dirigisse, e também falou rapidamente de outros assuntos, como o papel dos sindicatos – que para ele seriam a autoridade suprema da nova ordem revolucionária –, o misticismo, a cultura revolucionária – quando ele defendeu as Universidades, as escolas, a ciência etc. –, o antinacionalismo – inclusive falou contra o nacionalismo catalão –, a guerra – defendendo que se venceria o conflito com mobilização geral racional e com unidade sindical real. E, finalizando, Ibáñez tratou da heroicidade da revolução, e encerrou sua apresentação falando sobre a revolução:

[...] nosotros la amamos tal y como es, con sus grandezas y sus miserias, porque cada grandeza es un trompetazo que proclama nuestro idealismo y cada miseria es un recuerdo de que somos humanos y, por tanto, falibles, y es a la vez el germen de una grandeza futura. Por eso, yo, compañeros, recogiendo en la mezquindad de mi voz individual el eco de las voces de la Historia, os digo: ¡Grandezas y miserias de nuestra Revolución! ¡Miseria final del alma para quienes no luchan por ella; grandeza suprema de los caídos, y por encima de todo, coloquemos la promesa solemne de luchar y vencer por el triunfo de la Revolución!¹²⁵⁰.

Esta conferência de Félix Martí Ibáñez foi bastante superficial e calcada em muitas palavras de ordem do momento, mas podemos observar, por exemplo, que para ele, e isso de certa maneira exprime o pensamento de muitos dirigentes cenetistas, o processo revolucionário não passava pelos comitês de bairro ou de cidade. E isso ficou bem claro quando ele, ao falar da incorporação da CNT no governo, disse que naquele momento existiam apenas duas soluções: assumir os cargos no Estado ou ficar à margem para assim, segundo ele, garantir a pureza ideológica da organização e dos revolucionários. Ibáñez repetiu a mesma lógica apresentada na reunião do dia 21 de julho de 1936, quando se decidiu pelo ingresso definitivo da CNT no Comitê de Milícias Antifascistas. Naquela reunião, Xena chegou a pedir a retirada dos delegados cenetistas do Comitê de Milícias – o que implicaria, por exemplo, no fortalecimento dos comitês de bairro e de cidade e no aprofundamento da revolução –, que lá estavam de forma provisória, mas foi voto vencido, enquanto a proposta de García Oliver de “ir com tudo” foi interpretada como a imposição de uma “ditadura anarquista”, restando como alternativa viável apenas a colaboração com as outras forças por meio do Comitê de Milícias. Ibáñez nem tocou na questão dos comitês, criando apenas uma dualidade entre participar ou não do governo.

¹²⁵⁰ Ibidem, p. 23.

No mesmo dia 7, o Solidaridad Obrera publicou mais um artigo falando sobre a necessidade de o novo exército não ser “neutro”, pois por trás deste “apoliticismo” estava a ordem social do capital. E cravou:

Es errónea la creación del Cuerpo único de Seguridad, imponiendo a sus componentes la condición de no pertenecer a la entidad sindical revolucionaria o política de su preferencia; es equivocada la formación de este Ejército incoloro. Con ambos organismos hemos dado dos pasos gigantes hacia las filas de los enemigos del proletariado¹²⁵¹.

No dia 8 de março, houve uma Plenária de Locais, Comarcais e Intercomarcais de Grupos Anarquistas da Região da Catalunha, que ocorreu em Barcelona e debateu os Decretos de Ordem Pública publicados no último dia 4. A ata em que os acordos da plenária foram publicados começa da seguinte maneira:

Dado el hondo mal estar que ha causado en la región los siete Decretos del Consejero de Seguridad Interior, aparecidos en el Diario Oficial de la Generalidad de Catalunya, nº 63, en fecha 4 de Marzo, el Pleno, después de largas deliberaciones, acordó las siguientes rectificaciones [...] ¹²⁵².

Na ata dos acordos tomados pela plenária diz que vários dos parágrafos dos decretos do dia 4 foram modificados pela plenária, e outros deles foram aceitos na íntegra. Entretanto, o mais elucidativo foi a recusa da dissolução de alguns comitês e das Patrulhas de Controle, como ficou claro no último parágrafo da ata, que assim colocava os termos:

El Pleno acordó que en tanto no se sepa el resultado de las gestiones que deben realizar los organismos competentes, **las Consejerías de Defensa Municipales, las Patrullas de Control y demás Cuerpos deberán ser respetados como hasta ahora han venido funcionando**. Estos informes deberán ser enviados inmediatamente para el conocimiento de la Región por parte de los Comités Regionales de la F.A.I. y de la C.N.T. ¹²⁵³.

No dia 9, o Solidaridad Obrera deu conta ¹²⁵⁴ que o governo central no dia anterior havia decretado o uso do cartão de abastecimento familiar para toda a Espanha que estivesse sob seu controle, sendo que a quantidade de artigos por indivíduo, por família, os preços e a data de validade do cartão seriam ainda determinados pelo Ministério do Comércio. O mesmo Soli

¹²⁵¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **El Ejército y el Cuerpo de Seguridad tienen que reflejar las aspiraciones del Pueblo**. Barcelona, 7 mar. 1937, p. 6.

¹²⁵² FEDERACIÓN REGIONAL DE GRUPOS ANARQUISTAS DE CATALUÑA. **Acuerdos tomados por el Pleno de Locales, Comarcales e intercomarcales de G.G. A.A. de la region**. Barcelona, 8 mar. 1937, p. 1.

¹²⁵³ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

¹²⁵⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **La tarjeta de abastecimiento familiar será obligatoria en toda España**. Barcelona, 9 mar. 1937, p. 6.

ainda publicou uma resposta de Manuel Truba, Comissário de Guerra da Divisão Karl Marx, sobre a questão do roubo dos tanques, salientando que “[...] el Estado Mayor de esta División es ajeno por completo a ese asunto, ignorando incluso la existencia de tanques en Cataluña. Desautorizamos, pues, las manifestaciones del supuesto encartado en ese asunto¹²⁵⁵”.

No dia 10 de março, em meio às pressões da base cenetista por conta dos retrocessos revolucionários e ao roubo de tanques de guerra por parte do PSUC sem nem que se desconfiasse o motivo, o Solidaridad Obrera publicou em seu editorial mais um daqueles chamamentos à unidade entre a CNT e a UGT. Começou falando que o movimento operário espanhol sempre buscou a unidade da classe trabalhadora, desde os tempos da I Internacional, e que a CNT já deu várias provas de que desejava esta unidade, sem a qual não se ia a lugar nenhum. Mas afirmou também que se vivia uma revolução social e, portanto, as bases de um acordo “[...] no pueden ser otras que las de ganar la guerra y efectuar simultaneamente la Revolución que el país necessita. Todo lo demás son vaguedades inadmisibles que no pueden conducir sino a la derrota¹²⁵⁶”. E completou:

Sobre bases concretas siempre estuvimos dispuestos a llegar a una inteligencia con la U. G. T. Pero entre las dos centrales sindicales se han interpuesto repetidamente intereses políticos ajenos en absoluto a los intereses legítimos de las masas productoras. Se ha zancadilleado hasta el infinito para perturbar las buenas relaciones entre ambas centrales. No obstante, la verdad se va abriendo poco a poco el paso. A despecho de líderes y liderillos, las masas se unen, siguiendo un instinto certero que las impulsa a no hacer caso de los cantos de las sirenas “políticas” que no quieren perder una hegemonía lograda a costa de maniobrar empleando procedimientos no recomendables. El empuje formidable de la base hace reflexionar a la cúspide. Y lo que hace algún tiempo era una aspiración lejana, promete convertirse en realidad inmediata. Las asambleas conjuntas de obreros de ambas centrales sindicales son el arma más formidable para conseguir el objetivo que perseguimos. Ayer, los Sindicatos de la Construcción U.G.T. y C.N.T. de Barcelona, convocaron una asamblea de conjunto, que hubo de ser suspendida y aplazada para otro día debido a la insuficiencia del local en que había de celebrarse. Por otra parte, y como reflejo de la corriente unitaria que se manifiesta en el seno de las masas, los Comités Nacionales de las dos centrales sindicales han entablado una serie de negociaciones que prometen ser coronadas por el éxito más lisonjero¹²⁵⁷.

Assim, os comitês superiores cenetistas ainda seguiam acreditando na possibilidade de costurar um acordo com a UGT, pacto este que só poderia ser um acordo de cúpula, visto que as bases, embora existissem exceções – como os citados Sindicatos da Construção –, seguiam em rota de colisão.

¹²⁵⁵ Idem. **Sobre la sustracción de once tanques**. Barcelona, 9 mar. 1937, p. 1.

¹²⁵⁶ Idem. **Editorial. La revolución y la guerra exigen una alianza inmediata entre C.N.T. y U.G.T.** Barcelona, 10 mar. 1937, p. 1.

¹²⁵⁷ Ibidem, p. 1.

O mesmo Soli também publicou um texto do Sindicato Único do Ramo do Transporte destacado um fato que ocorrera dois dias antes, 8 de março, e que demonstra a gravidade das contradições na retaguarda. Neste dia, no período da manhã, alguns trabalhadores do Sindicato dos Transportes de Vich estavam se dirigindo para a Cooperativa de Transportes da referida cidade com o intuito de encontrar com trabalhadores barceloneses para tratar da socialização do setor, cujo controle era exercido pelo sindicato. Mas foram surpreendidos pela polícia, que havia tomado os arredores e pediam os documentos dos trabalhadores. Foi falado que estes tinham apenas os carnês sindicais, e os trabalhadores de Barcelona foram obrigados a abandonar o local, sob pressão dos policiais. O Sindicato do Transporte salientou que

[...] un hecho de tal naturaleza no sucedía sino en los tiempos de la burguesía cuando ella disponía de la Policía a su antojo para ahogar toda reivindicación o mejora del proletariado; ahora, no se puede concebir que unos obreros escudados en una organización que se precie de trabajadores, puedan abocar la Policía sobre los demás trabajadores, apelando a tan arbitrarios como repugnantes procedimientos en el desenvolvimiento de nuestros medios y lugares de trabajo¹²⁵⁸.

Como medida, o Sindicato Único do Ramo do Transporte de Vich mudou a localização de sua sede.

No dia 11 de março, o Solidaridad Obrera publicou em seu editorial uma denúncia – sem citar a quem estava sendo dirigida – do que qualificou como “manobras contra a unidade dos trabalhadores”. Falou em campanhas insidiosas e subterrâneas contra a CNT e a FAI para eliminá-las do cenário político da região, como demonstrariam vários “casos isolados”. No entanto, “[...] la presencia permanente de nuestros compañeros en los organismos oficiales, evita la realización de ciertos “negocios” perfectamente compatibles con la moral de los políticos viejo estilo, que, por desgracia, tanto abundan¹²⁵⁹”, e evitava que estes conseguissem monopolizar o poder para usá-lo com fins alheios ao proletariado. Acrescentou ainda que se buscava travar todas as atividades importantes para o triunfo da causa revolucionária, e que tal campanha coincidia com a tendência das massas da CNT e da UGT se unirem, desprezando os que se empenhavam em manter os operários separados. E, finalizou, esta campanha derrotista deveria

[...] ser respondida contundentemente por los trabajadores, acentuando cada día más la tendencia a la unidad de las dos grandes centrales sindicales, C.N.T.-U.G.T. Esto haría fracasar esa maniobra turbia y ruin que se ha incitado contra la C.N.T. y la F.A.I.,

¹²⁵⁸ LA COMISIÓN. Sindicato Único del Ramo del Transporte. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 10 mar. 1937, p. 10.

¹²⁵⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. Maniobras contra la unidad de los trabajadores**. Barcelona, 11 mar. 1937, p. 1.

porque ellas son los puntales más firmes de la Revolución proletaria. Maniobra que se ha manifestado en las colas, en las tribunas, en los organismos oficiales y que no falta quien crea que ha culminado en la substracción de unos camiones blindados, con el objetivo evidente de impedir por medios violentos lo que no se ha podido evitar con propagandas calumniosas y maniobras ruines y deshonestas¹²⁶⁰.

O mesmo Soli também publicou outro artigo¹²⁶¹ sobre a tentativa de roubo dos tanques, denunciado pelo periódico no último dia 7. Frisou que o periódico não falou mais nada sobre o assunto porque esperava uma resposta dos setores envolvidos, mas diante do silêncio vinha a público pedir explicações, citando explicitamente o PSUC e informando que estava aguardando que este se pronunciasse.

Um terceiro artigo do mesmo Soli ressaltava que, no sábado seguinte, dia 13, iria começar efetivamente o controle marítimo da costa e das fronteiras que, na prática, “[...] va a bloquear inicualmente a la Revolución proletaria ibérica¹²⁶²”. Na verdade, essa foi uma tentativa frustrada de Inglaterra, França e EUA tentarem emplacar uma neutralidade – a “não-intervenção” – das potências internacionais em relação ao conflito espanhol, acreditando que poderiam deter a intervenção fascista na Espanha, o que não aconteceu na prática, privando o bando republicano – e revolucionário – de serem oficialmente abastecidos de armamentos enquanto os fascistas continuavam a receber armas e tropas.

Ainda em 11 de março, o Boletín de Información publicou trechos de uma entrevista dada por Camillo Berneri para o Spain and the World, publicação anarquista que saía na Inglaterra durante o período da Guerra Civil Espanhola e que era ligada à CNT-FAI¹²⁶³. Na dita entrevista, ele respondeu se havia algo de bom no processo de militarização das milícias e sobre as coletivizações da seguinte maneira:

Ciertamente, pero hay que hacer una distinción: hay por una parte el formalismo militar que es no solamente ridículo, sino inútil y peligroso, y por otra parte, la autodisciplina. Esta puede ser extremadamente rigurosa, como se da el caso en la columna Durruti. Por parte mia, **soy partidario de un justo medio: no se debe cair ni en el formulismo militar, ni en un antimilitarismo supersticioso**. Aceptando y realizando las reformas impuestas por la naturaleza de las cosas, nos encontraremos, por lo mismo, en estado de resistir toda suerte de maniobras extrañas, que tiendan a instituir, bajo pretexto de militarización su hegemonía militar sobre la Revolución española, a fin de transformarla en instrumento de su hegemonía política. En cuanto a mí, considero como una falta de expresión, como lo hacen ciertos representantes de la C.N.T.-F.A.I., el “Mando Único” o “supremo”, en lugar de la “Unidad de mando”. (Es decir, coordinación general en materia de la dirección de la lucha armada). La

¹²⁶⁰ Ibidem, p. 1.

¹²⁶¹ TRUEBA, Manuel. Sobre la Sustracción de Doce Tanques. Telegrama del comisario de Guerra de la división Carlos Marx. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 11 mar. 1937, p. 3.

¹²⁶² SOLIDARIDAD OBRERA. **El proximo sabado, comenzara el control**. Barcelona, 11 mar. 1937, p. 7.

¹²⁶³ A CNT e a FAI eram organizações distintas, embora interligadas, mas durante a guerra civil elas fizeram um acordo para que fosse usado largamente a inscrição CNT-FAI.

intensión es buena, pero el término empleado conduce a dañosas confusiones! En total, pues, las reformas necesarias en la milicia serían, a mi juicio las siguientes: Distinción neta entre el mando militar y el control político, en el dominio de la preparación y de la ejecución de las operaciones de guerra; cumplimiento riguroso de las órdenes recibidas, pero conservación de ciertos derechos fundamentales: **el de nombrar y revocar los oficiales**. Acerca de la pregunta referente a la colectivización, dice que ésta progresa en una cierta medida. Es preciso ser ignorante o ir de mala fe para hablar, como lo hacen ciertos comunistas disidentes, de un “punto muerto” en la revolución social en España – o para representar a los anarquistas españoles como “conservadores”. **Si existe a la izquierda una fracción “conservadora” se compone sin duda alguna de los derechistas de la social-democracia española y de las organizaciones ortodoxas del bolchevismo ruso. Para nosotros, la lucha está entablada entre el fascismo y el comunismo libertario. Para los “moderados”, se trata únicamente de defender la democracia.** Pero aunque los horizontes políticos sean distintos y opuestos, el plan de batalla reúne a todas las fracciones de izquierda. El resultado está en saber si los camaradas que se oponen a la revolución social, irán por combatirla hasta traicionar la palabra dada¹²⁶⁴.

No mesmo dia 11, o Diário Oficial da Generalitat da Catalunya publicou um decreto vindo do Departamento de Economía, que era regido pelo cenetista Diego Abad de Santillán, e que dizia respeito às empresas coletivizadas. Conforme o preâmbulo do decreto, por conta da importância que as empresas coletivizadas haviam alcançado, existia a necessidade de adaptar

[...] llur ordenació econòmica i llur funcionament a normes de caràcter oficial que siguin representatives de la tutela constant de la Generalitat sobre la indústria collectivitzada, i al mateix temps delimitin d'una manera precisa les funcions i atribucions dels Consells d'Empresa i altres organismes de govern, i de cada un dels seus components^{1265 1266}.

Para isso, continuou o preâmbulo do decreto, o Conselho de Economia da Catalunya fez um estatuto-tipo – que foi anexado ao decreto – a qual fazia adaptar o funcionamento das empresas coletivizadas às normas da Generalitat, e aproveitava também para fixar as atribuições de cada um dos elementos – os componentes e atribuições do conselho de empresa, do diretor, subdiretor e interventor da Generalitat. Assim sendo, o único artigo do decreto dizia:

Les empreses industrials o comercials de Catalunya que hagin estat collectivitzades d'acord amb el Decret del 24 d'octubre del 1936 adaptaran llur funcionament als

¹²⁶⁴ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Radio Prensa Internacional. Una entrevista de Camilo Berneri.** Barcelona, 11 mar. 1937, p. 8-9, grifos nossos.

¹²⁶⁵ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 70, Ano V, Volume I, Barcelona, 11 mar. 1937, p. 1057.

¹²⁶⁶ Tradução: “[...] sua ordenação econômica e seu funcionamento a normas de caráter oficial representativas da tutela constante da Generalitat sobre a indústria coletivizada, e ao mesmo tempo delimitando de uma maneira precisa as funções e atribuições dos conselhos de empresa e organismos de governo, e de cada um de seus componentes”.

Estatuts tipus d'empreses collectivitzades que són publicats com a anex al present Decret^{1267, 1268}.

Dessa maneira, a Generalitat dava mais um passo para a estatização total das empresas coletivizadas. Em outubro de 1936, estas foram legalizadas, mas tiveram que aceitar um interventor do governo catalão e uma série de outras ingerências dentro da empresa. Agora as atribuições de cada agente que participava do processo produtivo foram delimitadas pela Generalitat, via estatuto-tipo, que era uma regra geral para todas as coletividades. E vale lembrar que não existia nenhuma forma de controle dos órgãos diretivos da economia por parte das empresas que estavam coletivizadas. Além disso, todas estas ingerências dentro das empresas por parte de elementos que estavam fora do processo produtivo e que não tinham nenhuma ligação direta com ele dificultavam, ou mesmo impediam, o desenvolvimento das socializações, que eram o próximo passo a ser seguido por tais empresas e a qual algumas delas tencionavam ir neste sentido rapidamente. Mas também é preciso ter em mente que em muitas empresas em autogestão esses decretos simplesmente não eram implementados na prática.

O Soli do dia 12 de março publicou duas notícias que mostraram um pouco o pensamento de outras correntes políticas. A primeira era sobre uma entrevista dada por Caballero ao jornal direitista francês Le Temps. Conforme a matéria, Caballero disse ao entrevistador que eram falsas as notícias de que ele estava decepcionado e pretendia pedir demissão do cargo que ocupava. E continuou:

Interrogado sobre el porvenir de España una vez vencida la rebelión, **Largo Caballero, ha declarado que pasado un periodo transitorio, nadie pensará en la implantación de ningún régimen comunista ni anarquista. Ciertas confiscaciones o controles de las actuales industrias privadas no son sino un estado de cosas temporal, establecido en muchos casos para sustituir el personal dirigente que había desaparecido, abandonando las empresas y asegurar así la continuidad del trabajo.** El Gobierno cuidará de dirigir, económica y técnicamente, la evolución normal que luego se produzca. Podrá nacionalizar los servicios públicos y entregar las grandes propiedades a organismos colectivos de trabajo. Esto ocurre también en el extranjero. Pero en modo algún será desposeída la pequeña propiedad agrícola, comercial e industrial. Por pequeña propiedad entendemos la que trabaja para poner en valor una familia ayudada algunas veces por unos cuantos obreros. **La República española conservará seguramente la forma política que tenía antes de la Revolución.** Se concederán a los Gobiernos vasco y catalán amplias facilidades de administración interior, pero no creo que España llegue a constituirse en República federal del tipo norteamericano. Por en cima de todo no habrá más que un ejército. Tampoco creo que Euskadi ni Cataluña deseen una independencia completa. Largo Caballero añade que de momento su única preocupación es ganar la guerra y afirma

¹²⁶⁷ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 70, Ano V, Volume I, Barcelona, 11 mar. 1937, p. 1057-1058.

¹²⁶⁸ Tradução: “As empresas industriais ou comerciais da Catalunha que tenham sido coletivizadas de acordo com o Decreto de 24 de outubro de 1936, adaptarão seu funcionamento aos Estatutos-tipo das empresas coletivizadas que são publicadas em anexo ao presente decreto”.

que dentro de tres meses las fuerzas gubernamentales tomarán, a su vez, la iniciativa del combate, ya que éstas disponen de hombre en abundancia, que faltan a los rebeldes¹²⁶⁹.

A segunda reportagem do Soli foi um comentário sobre um depoimento de Dolores Ibárruri, dirigente do PCE. De acordo com reportagem, em uma declaração ela

[...] se ha mostrado contraria al ensayo de un Gobierno de tipo sindical, y dijo que con un Gobierno de Frente Popular que reúna proporcionalmente en su seno a todas las fuerzas antifascistas del país, se ganará la guerra. Un Gobierno de tipo sindical no pueden defenderlos los marxistas, porque sería la negación de todos los postulados socialistas¹²⁷⁰.

Depois de apresentar a problemática, então, foi feito o seguinte comentário pelo periódico:

He aquí el proceder de los comunistas. Dolores Ibárruri y su compañera de partido han estado contentísimas en tanto que no han sido atacados sus principios. Pero cuando le preguntan sobre el ensayo de un Gobierno de tipo sindical, ya no quiere saber nada, porque, según dice muy seriamente Dolores Ibárruri, “éste sería la negación de todos los postulados socialistas”. Dolores Ibárruri no se acuerda ya de que los sindicalistas y anarquistas, ante la necesidad de ganar la guerra y la Revolución, hemos admitido la colaboración ministerial con los demás sectores que luchan contra el fascismo. Nosotros hemos saltado circunstancialmente por encima de nuestros principios fundamentales y hemos participado en el Gobierno revolucionario. No se nos venga, pues, con cuestión de principios para negar un Gobierno de tipo sindical. No estamos unidos en el Gobierno para implantar sistemas marxistas, sino para ganar la guerra y hacer la Revolución sobre bases aceptables para anarquistas, marxistas y republicanos. Todos estamos luchando contra el fascismo y todos tenemos el deber de ceder algo de nuestra idea y de influir en la vida económica y social de España. Sin esto, la unión es imposible y el triunfo de la guerra una utopía. ¿Estamos, camarada Ibárruri?¹²⁷¹.

As duas reportagens publicadas pelo Soli tinham um fundo em comum. Caballero, líder do PSOE, e que chegou a receber a alcunha de “Lênin espanhol”, falou claramente em um periódico conservador que sua meta não ultrapassava a de um Estado de tipo burguês, e que desejava uma volta à “normalidade”. Sua afirmação buscava acalmar o capital internacional e passar um ar de que as coisas dentro do país estavam sob controle. Já a fala de Ibárruri colocava-se contra a participação dos sindicatos no aparelho de Estado, o que podia ser entendido também como o mesmo desejo de Caballero de volta à “normalidade”, já que a participação dos sindicatos no aparelho de Estado era uma solução de meio-termo entre os desígnios anarquistas

¹²⁶⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Declaraciones de Largo Caballero al periódico derechista “Le Temps”**. Barcelona, 12 mar. 1937, p. 1, grifos nossos.

¹²⁷⁰ Idem. **Dolores Ibarruri ataca la formación de un gobierno de tipo sindical, porque seria la negación de los postulados socialistas**. Barcelona, 12 mar. 1937, p. 4.

¹²⁷¹ Ibidem, p. 4.

e republicanos, que no final das contas era a meta dos comunistas espanhóis. Expurgar os sindicatos do aparelho de Estado e reassumir seu controle total era também uma espécie de “volta à normalidade”, desejada tanto por comunistas stalinistas quanto por republicanos. O mesmo Soli ainda publicou uma pequena nota¹²⁷² novamente falando sobre os preços dos alimentos e demandando o controle de preços e das permissões concedidas para que se pudesse adquirir alimentos.

Ainda no dia 12 de março, o Boletín de Información publicou um documento que demonstrou como os comitês libertários estavam dispostos a endurecer sua posição em relação aos dissidentes – seria uma resposta à constituição da Agrupación Os Amigos de Durruti? Na verdade, eram cinco decisões que foram tomadas pelos comitês, segundo o documento, em cumprimento dos acordos da organização. Eram estes: 1- ninguém poderia dar ordens, fazer mobilizações, declarar movimentações, a não ser os comitês regionais, com pleno conhecimento da marcha dos acontecimentos; 2- somente o Comitê poderia indicar o que se deveria fazer no tocante ao problema político; 3- os que estivessem na frente só poderiam ser mobilizados com autorização expressa dos chefes militares e comissários políticos; 4- as federações de indústria e os comitês que representavam um ramo da produção não poderiam lançar consignas, sendo que o único autorizado a fazer isso era o Comitê Regional; 5- os que não atuassem conforme tais orientações, que – segundo eles – eram normas baseadas nos acordos da organização, seriam expulsos desta publicamente. O documento foi encerrado com os seguintes dizeres.

Aunque parezca dura la presente nota, las circunstancias hacen que obliguen a hablar con claridad y disponer a hablar con responsabilidad y energía. En los frentes de batalla se ha desencadenado una ofensiva violenta por parte del enemigo, y en estas circunstancias, bajo ningún pretexto puede la C.N.T. permitir que nadie, en la retaguardia y en los frentes, produzca hechos y ocurran cosas que mermen en lo más mínimo la unidad, la concordia y la disciplina que se impone. La tragedia de la vanguardia y la retaguardia determina que cada cual sepa a qué atenerse, teniendo todos la seguridad de que no serán palabras, sino que serán realizaciones en el momento en que alguien quiera determinar por su cuenta algo que perjudique al movimiento en los frentes. Unidad de acción, responsabilidad para todos. No es mucho pedir.- Comité Nacional de la C.N.T. – F.A.I. – J.L.¹²⁷³.

No dia 13 de março, o Tierra y Libertad publicou um artigo¹²⁷⁴ no qual salientou que um dos perigos do momento era a centralização do poder. “Todo poder ao governo”, “plenos

¹²⁷² CARDONA, S. Font. El encarecimiento de las subsistencias. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 12 mar. 1937, p. 9.

¹²⁷³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Documento importante**. Barcelona, 12 mar. 1937, p. 6.

¹²⁷⁴ TIERRA Y LIBERTAD. **Plenos Poderes Estatales**. Barcelona, 13 mar. 1937. p. 2.

poderes ao governo”, “um só governo” eram as consignas, sempre argumentando que no governo estavam representados todos os setores antifascistas. O artigo afirmou que não se aferraria aos conceitos anarquistas sobre a função governamental na revolução, salientando ainda que eles haviam entrado no governo por conta das circunstâncias. Também lembrou não apenas que as Revoluções não poderiam ser impulsionadas a partir “de cima”, como também que suas conquistas eram fruto da ação direta dos trabalhadores. Além disso, o poder tinha uma tendência a limitar as funções do povo e absorver toda a vida econômica e social. Todavia, continuou, o governo atual podia levar a cabo a coordenação e direção da guerra, mas que não se aceitaria que ele absorvesse funções sociais e econômicas que correspondessem ao proletariado. O artigo finalizou afirmando que os que propugnavam por “todo poder ao governo” eram divisionistas, e a gestão social e econômica deveriam estar a cargo do proletariado por meio dos sindicatos.

O mesmo *Tierra y Libertad* ainda repercutiu¹²⁷⁵ o roubo dos tanques de guerra que ocorreu no último dia 5, salientando que se queria criar um exército particular e qualificando tal atitude como uma traição da unidade entre o proletariado.

Ainda no dia 13 de março, o *Boletín de Información* publicou um artigo do Comitê Nacional e do Comitê da Confederação Regional do Trabalho do Levante em que pedia serenidade. Por isso, chocava-se com o artigo escrito no editorial do *Soli* no último dia 10, quando se afirmava que a CNT e a UGT iam firmar uma aliança revolucionária. O que ocorreu, bem como o artigo do *Boletín de Información* reconheceu, foi que houve resistência para que aquele acordo fosse colocado em prática. Para os Comitês, desde que

[...] se ha ido conociendo en algunos sectores que POR FIN, la C.N.T. y la U.G.T., garantía indiscutible de la victoria, iban a entenderse, se repiten manifestaciones por escrito y en actos públicos, que significan una cerrada oposición a tal hecho trascendental. Y a renglón seguido, por casualidad o a consciencia surgen incidentes dolorosos, ocurren cosas que NO TIENEN RAZON DE OCURRIR. Computando palabras, escritos, incidentes, hechos y actitudes, llegamos a sospechar que lo único que se está ventilando, lo único que ocurre, es la franca oposición a la alianza entre la C.N.T. y la U.G.T. Que lo que tratan de alcanzar algunos, desde lugares que no son de responsabilidad, desde puestos que no son de dirección ni de mando, es torpedear, es crear situaciones de dificultades al entendimiento entre las dos sindicales. No queremos romper el frente de lucha antifascista, que para nosotros es sagrado. Pero llamamos la atención a quienes tratan de forma poco noble de impedir que nos entendamos con la U.G.T., para que no sigan por ese camino. Nosotros consideramos no es lícito atizar el fuego de las pasiones, aprovechando sucesos que todos censuramos y tratamos de evitar, para sembrar el recelo y al desconfianza en la retaguardia. Pero lo que es más importante es hacer un llamamiento a la sensatez. Llamamiento que extendemos a todos los sectores que forman el bloque de lucha antifascista, y muy especialmente, a nuestros camaradas, a nuestros militantes, a nuestros sindicatos, los de la C.N.T., y a los camaradas, a nuestros hermanos los

¹²⁷⁵ Idem. **Los traidores**. Barcelona, 13 mar. 1937. p. 3.

proletarios de la U.G.T. Los proletarios tienen que velar, tienen que mantener a toda costa, y pase lo que pase, LA CONCORDIA. ¡Proletarios de Levante, trabajadores de la España antifascista! NO DEIS PIE CON HECHOS, NI INCIDENTES, NI ACTUACIONES, A QUE PUEDA FRUSTRARSE LA REALIZACIÓN DEL HECHO HISTÓRICO QUE SE ACERCA A PASOS AGIGANTADOS: LA ALIANZA ENTRE LA U.G.T. Y LA C.N.T. Esta será la fecha en que se liquiden las diferencias, en que desaparezcan las competencias sindicales; la fecha, en fin, en que, como hermanos, como seres conscientes de una misma clase, nos abracemos estrechados en el lazo indisoluble de la Alianza, para en lugar de mirarnos con recelo, unirnos todos y lanzarnos con la frente alta hacia la conquista de las posiciones del enemigo común, y hacia la reconstrucción económica responsable en la retaguardia, abriendo la puerta a la nueva vida floreciente del bienestar y plétórica de humanismo. Ante, por eso y por todo, camaradas de la U.G.T. y camaradas de la C.N.T., está nuestra alianza. ¡No la imposibilitemos! No pongamos obstáculos a la realización. El enemigo de ella acecha. El enemigo puede poner obstáculos, puede incitarnos a realizar lo que no debe realizarse. ¡ALERTA, CAMARADAS!¹²⁷⁶.

No mesmo día, o Soli – e também o Boletín de Información – lançou uma nota falando de um documento que o Comitê Nacional havia feito sobre a posse de armas na retaguarda. Disse que, por conta da ofensiva fascista lançada contra Madri,

[...] no puede justificarse bajo ningún pretexto tener armas largas en la retaguardia, pues estas armas han de ser destinadas al frente. Por ello, ponemos en conocimiento de todos los camaradas, Sindicatos y Comités de la C. N. T., que **en el plazo de 48 horas han de entregar todas las armas** para que sean puestas al servicio de las brigadas, siendo utilizadas inmediatamente en los frentes. Y el que no quiera desprenderse de ellas se pondrá inmediatamente, con el fusil, a disposición de las secciones de Defensa, para ser movilizado, una vez encuadrado, en las brigadas del Ejército Popular. Quien desoiga esta consigna, tendrá que atenerse a las consecuencias del desarme¹²⁷⁷.

O mesmo número do Soli também publicou uma matéria sobre um Congresso Internacional Socialista, quando foram aprovadas três resoluções sobre os assuntos da Espanha. Nelas, não se falou em revolução e sim em defesa da república.

La primera dice: Es evidente que asistimos a una agresión deliberada de Italia y Alemania – del fascismo – contra España, y que **el pueblo español se halla comprometido no en una guerra civil, sino en una guerra de liberación nacional**. La resolución agrega: Las dos internacionales obreras no están convencidas de la eficacia de las medidas aprobadas por el Comité de no Intervención para remediar los peligros que presenta la situación. El problema español no puede resolverse y, por tanto, salvaguardar la paz, sino gracias a la fidelidad a la política y los principios de la seguridad colectiva ejecutada por mediación de la S. de N. La sola acción para frenar a las potencias fascistas es una acción determinada de los pueblos pacíficos, para los cuales la paz es un tesoro. La segunda resolución prevé la organización de una semana internacional, durante la cual será hecha una gran propaganda para informar a la opinión pública mundial. La tercera resolución la constituye un

¹²⁷⁶ COMITÉ NACIONAL DE LA CNT; COMITÉ DE LA CONFEDERACION REGIONAL DEL TRABAJO DE LEVANTE. Sensatez y Cordialidad. **Boletín de Información**. Barcelona, 13 mar. 1937, p. 4-5.

¹²⁷⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **Documento del Comité Nacional de la C.N.T.** Barcelona, 13 mar. 1937, p. 6, grifo nosso.

telegrama, dirigido a Largo Caballero, asegurando al jefe del Gobierno español que todas las fuerzas obreras y socialistas serán convocadas para participar enérgicamente en la campaña a favor de la República española¹²⁷⁸.

Com os comunistas e os socialistas apontando a Guerra Civil Espanhola não como uma luta de classes, mas como uma guerra de libertação nacional, os anarquistas e os pumistas estavam sozinhos no processo revolucionário. Mas estes últimos eram numericamente muito débeis, de modo que os anarquistas eram os únicos capazes de levar a revolução adiante, o que necessariamente teria de ser feito passando por cima de seus dirigentes, uma vez que eles propugnavam uma aliança com as outras forças, exatamente as mesmas forças que negavam a luta de classes e a revolução social.

O mesmo Soli também publicou uma reportagem sobre a “Nova Justiça Proletária”. Esta, falando dos feitos do Ministro da Justiça, Juan García Oliver – como o reconhecimento dos direitos civis às mulheres e a reforma do Código Penal, que estava em estudo –, afirmou que ser Ministro antes de 19 de julho “[...] representaba ostentar un alto cargo, no hacer nada y cobrar bonitamente cada fin de mes la cantidad de dos mil y pico de pesetas [...]”¹²⁷⁹, ao passo que a partir de 19 de julho ser Ministro significava “[...] plasmar en realidades los anhelos del proletariado español, defendidos heroicamente con las armas en la mano”¹²⁸⁰.

Uma última reportagem deste Soli, ao dar conta das divergências que ocorriam no campo entre a CNT, a UGT e a União de Rabassaires, com esta última utilizando o Ministério que possuía, o da Agricultura, para entorpecer o trabalho das outras duas organizações, afirmou:

[...] es peligroso, sumamente peligroso, que la legalidad responda a un sectarismo determinado, en estos momentos, en que se impone la colaboración de todos los organismos antifascistas, para realizar la obra que nos es común. Toda tendenciosidad puede provocar un estado de tirantez que degenera en lucha fratricida; en este caso, que cada cual responda, íntegramente, a la responsabilidad que por su actuación se haya hecho acreedor¹²⁸¹.

No mesmo dia, também houve uma importante reunião dos Conselheiros da Generalitat, quando se decidiu, dentre outras coisas, que as armas que estivessem na retaguarda deveriam ser entreguem em até 48 horas, caso contrário a Generalitat iria recolhê-las – e quem fosse apanhado com armas irregulares poderia responder até pelo delito de traição. Tarradellas disse

¹²⁷⁸ Idem. **Resoluciones del Congreso Internacional Socialista. El pueblo español se halla comprometido en una guerra de liberación nacional.** Barcelona, 13 mar. 1937, p. 7, grifo nosso.

¹²⁷⁹ Idem. **La nueva justicia proletaria.** Barcelona, 13 mar. 1937, p. 5.

¹²⁸⁰ Ibidem, p. 5.

¹²⁸¹ CALLOL, F. Los Sindicatos Agrícolas y la Unión de Rabassaires. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 13 mar. 1937, p. 9.

aos jornalistas que todos “[...] aquellos que no quieran desposeerse de las armas que tengan en su poder pueden presentarse en los cuarteles donde serán encuadrados en el Ejército regular¹²⁸²”.

Em 14 de março, houve uma Plenária do Comitê Regional Catalão da CNT, com participação dos delegados de zona da região. Em tal plenária, discutiu-se sobre normas dos delegados e também sobre “problemas relacionados com a colaboração”. Neste tópico, falou-se da formação de um Conselho de Assessoria Política do Comitê Regional, para auxiliar o Comitê Regional nos processos de colaboração – formular decretos etc. –, “[...] ya que la cuestión vital es la guerra y así lo ha aconsejado. Mientras tanto no se constituya el nuevo Consejo de Seguridad Interior, no deben ser disueltas las Consejerías de Defensa de los Ayuntamientos de la Región¹²⁸³” – ou seja, aceitava-se os decretos, embora sua implementação tivesse sido adiada, uma vez que eles não foram rechaçados. Falou-se também – e foi aceito – do desarmamento civil.

No mesmo dia, o Soli publicou uma nota intitulada “Importantes acordos dos comitês de defesa dos bairros”. Eis o texto na íntegra:

Los Comités de Defensa de las barriadas, considerando atentamente la situación actual del frente de Madrid, que es de suma gravedad, y que de él depende nuestro triunfo o nuestra derrota, declaramos: Primero. Que ponemos a disposición de la guerra todo lo que poseemos para intervenir rápidamente en la ayuda moral y material a todos los que luchan en el frente. Segundo. Que para ello nos asociamos a la propaganda organizada por los Comités Local de la C. N. T., de Grupos Anarquistas y Juventudes Libertarias. Tercero. **Que exigimos que todos los cuerpos armados entreguen las armas largas rifles [ilegível] e se incorporen a las columnas que marchen al combate.** La Comisión de barriadas¹²⁸⁴.

Aqui, mais uma vez, vemos que os comitês de bairro ainda existiam, estavam organizados – a ponto de fazerem acordos, mesmo estando ilegalizados há meses – e propugnavam uma política revolucionária. Eles não negavam que poderiam se desarmar e ir para a frente, mas colocavam como condição prévia o desarmamento e o envio dos corpos armados também para a frente de combate, desafiando o monopólio da força do Estado na retaguarda. E isso, é claro, não poderia ser aceito pelos que propugnavam a volta à situação

¹²⁸² SOLIDARIDAD OBRERA. **El Gobierno de la Generalidad se ha reunido nuevamente. Todas las armas largas de la retaguardia serán recogidas.** Barcelona, 14 mar. 1937, p. 2.

¹²⁸³ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 14 de março de 1937**, p. 1.

¹²⁸⁴ LA COMISIÓN DE BARRIADAS. **Importantes acuerdos de los Comités de Defensa de las barriadas. Solidaridad Obrera.** Barcelona, 14 mar. 1937, p. 6, grifo nosso.

anterior ao 19 de julho. O campo da ordem pública também era palco de uma disputa entre revolução e contrarrevolução. E o impasse permanecia.

O Soli deste dia – bem como o Boletín de Información do dia seguinte – também publicou um manifesto assinado pelo Comitê Regional da CNT, Federação Local de Sindicatos Únicos de Barcelona, Comitê Peninsular da FAI, Federação Local e Comitê Regional de Juventudes Libertárias e Comitê Regional e Federação Local de Grupos Anarquistas da FAI. O manifesto pediu que todas as armas, víveres e homens fossem enviados para a frente. Salientou que Madri sangrava porque não se atacava o invasor. O ataque não ocorria porque faltavam armas que estavam nas mãos do povo. No entanto, o manifesto foi enfático.

¿Hay armas? No todas las que son menester; de acuerdo. Pero se pueden y se deben conseguir más. Hay, sí, armas en la retaguardia. Las tienen los cuerpos armados del Estado, de la Generalidad de Cataluña y los organismos políticos y sindicales antifascistas. LA CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO y la FEDERACION ANARQUISTA IBERICA exigen que el armamento de todos los Cuerpos, Guardia Nacional Republicana, de Asalto, Seguridad, Patrullas de Control, Mozos de Escuadra, armas de organismos sindicales y políticos, sean movilizadas al unísono¹²⁸⁵.

Assim, as organizações anarquistas, como reação ao anúncio de que a Generalitat iria recolher as armas dos trabalhadores, propugnavam que os Corpos repressivos da retaguarda também enviassem as suas armas para a frente.

O mesmo Soli ainda publicou uma pequena nota dando conta dos altos preços dos alimentos, salientando que os víveres que se compravam nos povos fronteiriços a um preço razoável eram vendidos a um preço duas ou três vezes maiores, “[...] y todo ello porque los intermediarios siguen disfrutando de las mismas prerrogativas que en tiempos de la Monarquía¹²⁸⁶”. Publicou ainda um artigo abordando a questão da unidade entre a CNT e a UGT, que estaria sendo implodida por elementos que não queriam que esta união ocorresse na prática. Assim, para evitar que isso ocorresse no seio da CNT, foi publicada uma nota dando instruções concretas às suas seções e “[...] indicando que serán expulsados publicamente de sus cuadros todos aquellos elementos que no procedan, según los acuerdos que son norma de la C.N.T.¹²⁸⁷”. Nesse caso, enfatizou mais uma vez:

La C.N.T. lo dice sin ambages. Aquel que haciendo caso omiso de los acuerdos orgánicos entorpezca con una actuación equivocada la realización de la alianza entre

¹²⁸⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **¡Armas, víveres y hombres, al frente!!** Barcelona, 14 mar. 1937, p. 1.

¹²⁸⁶ Idem. **La venta de comestibles sigue constituyendo una especulación vergonzosa.** Barcelona, 14 mar. 1937, p. 4.

¹²⁸⁷ Idem. **¡Por encima de todo, cordialidad y sensatez!** Barcelona, 14 mar. 1937, p. 12.

las dos organizaciones sindicales, será expulsado del organismo confederal, de una manera pública¹²⁸⁸.

Ainda no dia 14 de março, houve uma conferência no Cine Coliseum de Barcelona, que foi transmitida pela Rádio CNT-FAI e publicada em partes no Soli dos dias 16 e 17 – era para ter sido publicada a Conferência inteira no periódico, mas não o foi. Tal conferência foi ministrada por Juan Fábregas, cenetista e ex-Conselheiro de Economia, e tinha o título de “Os Fatores Econômicos da Revolução Espanhola”. Fábregas começou com uma introdução e logo passou ao assunto principal. Ele criticou a retaguarda por não ter notado qual era sua verdadeira missão na luta contra o fascismo, pois ela não “sentiu na carne”, como Madri estava sentindo, a horrenda luta que se estava travando contra o fascismo. Também advogou pela mobilização da retaguarda, pois todos tinham que “ser milicianos”, seja com o fuzil nas mãos ou no trabalho produtivo. A mobilização da retaguarda, assim, incluiria também o “front econômico”. Em relação à produção industrial, Fábregas disse que era preciso propugnar a criação de conselhos de empresa, que seria formado por um representante de cada setor do trabalho, e do seio deste conselho de empresa se formaria o comitê de fábrica. Segundo Fábregas, mediante essa estruturação seria eliminado o excesso de “braços improdutivos”, pois suas reuniões seriam realizadas fora do horário de trabalho – seus membros teriam que cumprir normalmente sua cota de trabalho produtivo. E o passo imediato para tal empreitada, ainda segundo Fábregas, era a criação do Conselho de Economia do Sindicato de Indústria, que “[...] estaria compuesto por un representante de cada sección o ramo de industria [...]”¹²⁸⁹. E para coordenar o trabalho destes conselhos de sindicatos de indústria, deveria se criar conselhos regionais de economia, que seriam constituídos por delegados de cada Sindicato Regional de Indústria ou Federação Regional de Sindicatos de Indústria, e que teriam como missão a ordenação da produção geral da região. Para coordenar os conselhos regionais de economia, deveria ser criado um conselho nacional de economia.

La misión del Consejo Nacional de Economía consistirá en aglutinar, en orden a la organización técnica de la producción en orden al control administrativo y en orden a la ordenación de la estadística, todos los datos y toda la labor acumulada por los Consejos Regionales de Economía, puesto que el Consejo Nacional es el organismo que debe orientar la dirección general de la vida económica de los pueblos hispánicos, ya que como instrumento supremo de la nueva ordenación económica del país, contará con los instrumentos de trabajo necesarios para fijar las normas determinativas del trabajo nacional y las posibilidades de exportación e importación,

¹²⁸⁸ Ibidem, p. 3.

¹²⁸⁹ Idem. “**Los factores economicos de la revolucion española**”. Barcelona, 16 mar. 1937, p. 2.

a base de un estudio previo sobre el computo de las materias primas a importar y de los productos manufacturados a expedir para los mercados exteriores de consumo¹²⁹⁰.

Fábregas acrescentou que, no tocante à produção mineira, seria preciso seguir o modelo organizativo das indústrias, apenas adaptando-o às suas especificidades, enquanto na zona rural persistiriam as diferenças. A principal delas seria que, no campo, até que se chegasse à coletivização total, seria conveniente respeitar a pequena propriedade. Para os individualistas, conforme Fábregas, teria que se recorrer à sindicalização obrigatória. Deveriam ser precisamente os sindicatos agrícolas os encarregados para fornecer as sementes, as ferramentas de trabalho, os adubos, os créditos, além de realizar a venda dos seus produtos.

Continuando sua exposição, Fábregas falou sobre o processo de distribuição. Disse que no novo regime seria oportuno que ocorresse uma total absorção da distribuição por parte de grandes organismos distribuidores, sendo este um dos postulados para se chegar à coletivização integral, mas, enquanto não se atingisse o ponto desejado no processo, seria preciso manter a atual organização da distribuição, com base em pequenos comerciantes, no que se referisse ao comércio interior, acrescentando que também seria preciso ir pensando e ensaiando uma forma de colocar toda a distribuição, de maneira gradual e progressiva, nas mãos dos Sindicatos de Distribuição. Fábregas passou a falar sobre o comércio exterior destacando algumas pistas sobre suas intenções enquanto estava à frente do Conselho de Economia. Fábregas disse que o comércio exterior era o caminho para a realização das potencialidades econômicas, e ele era uma das bases do progresso. Por isso, para assegurar as bases da revolução, frisou que quando se tornou Conselheiro de Economia da Generalitat sua maior preocupação foi “[...] ordenar y fijar las directrices de nuestro comercio exterior, para poner término el caos que imperaba durante los meses de agosto y septiembre¹²⁹¹”. E, continuou Fábregas, foi por isso que ele se lançou à criação da Junta de Comércio Exterior, que “[...] estaba destinada a aglutinar todas las iniciativas, hasta llegar al “monopolio” absoluto del comercio exterior¹²⁹²”.

El “monopolio” del comercio exterior, cuya promulgación pedí tantas veces inútilmente, desde mi puesto de consejero de Economía de la Generalitat, representaría en manos de los Poderes públicos, una garantía contra la huida de capitales, y podrán al mismo tiempo en manos de los organismos oficiales la riqueza íntegra del país, cuya ordenación se efectivaría a través de la banca nacional, que debería financiar el volumen extraordinario de las transacciones mercantiles que serian, de esta forma, concentradas en una sólo dirección. Centralizadas, por tanto, las operaciones de importación y de exportación, se movilizaría una enorme masa de maniobra en divisas extranjeras, lo cual vos permitiría poner en práctica aquellos

¹²⁹⁰ Ibidem, p. 2.

¹²⁹¹ Idem. “**Los factores economicos de la revolucion española**”. Barcelona, 17 mar. 1937, p. 2.

¹²⁹² Ibidem, p. 2.

postulados que la tenten de la expansión comercial determinan de una manera clara y concreta, valiéndose unas veces del “dumping” y otras del régimen de admisiones temporales, cuyas diferencias pueden compararse por determinado porcentaje sobre ciertos artículos de importación¹²⁹³.

No dia 16 de março, houve uma nova reunião¹²⁹⁴ dos comitês catalães. Depois de uma manifestação do vice-secretário, a delegação de Reus deu conta da situação criada na localidade por tentar levar à prática as consignas lançadas pela organização. Disse que chamou todas as organização antifascistas com o intuito de recolher valores, armamentos e víveres que seriam enviados para a frente de batalha. De todas as organizações, somente a CNT, FAI, Juventudes Libertárias e o POUM participaram da comissão formada. As joias recolhidas foram inventariadas e entregues para a Generalitat. O delegado das Juventudes Libertárias de Reus esclareceu que o POUM não havia sido convidado para o trabalho de agitação, mas que fez uma intervenção de última hora. Acrescentou que a Guarda Nacional Republicana se ofereceu para entregar as armas longas e ir até a frente de combate, caso fosse preciso, enquanto os Guardas de Assalto contestaram com evasivas. Depois de mais algumas falas, o delegado da 6ª zona – não especificou exatamente a qual região esta pertencia – da FAI falou que a recolha de armas e víveres se desenvolvia de maneira rápida. O Conselho de Operários e Soldados disse que, em uma entrevista com Companys, este declarou que na Catalunha se necessitava de forças armadas para defender a retaguarda, pois nas forças armadas as consignas lançadas pela CNT causaram boa impressão e muitos mencionaram que iriam para a frente de combate como voluntários. A Federação Local de Sindicatos perguntou a Herrera se o Conselho de Defesa podia mandar as forças armadas para a frente de combate. Com isso, recebeu como resposta que, caso o Conselheiro pedisse, existia a possibilidade sim. A Federação Local de Sindicatos propôs a organização de uma Divisão formada por elementos civis e das forças armadas. Depois de mais algumas falas, começou-se a discutir a primeira ordem do dia, que era sobre a necessidade de encontrar uma certa quantidade de fuzis. Miró disse que era preciso 1.200. Solsona propôs que fossem enviados 500 membros das Patrulhas de Controle para a frente, coagindo as demais forças a fazerem o mesmo, ao que a representação de Puigcerdá apresentou um posicionamento contrário. Escorza disse que, além dos acordos, era preciso entregar mais 1.500 fuzis para, assim, coagir as demais forças. Trabal frisou que era contrário, a não ser que as outras forças também o fizessem. Merino disse que era preciso falar com Tarradellas para que se acertassem as condições de entrega das armas. Patrulhas de Controle afirmou que tinha

¹²⁹³ Ibidem, p. 2.

¹²⁹⁴ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 16 de março de 1937.**

as armas recolhidas, mas que não sairia até que as demais forças saíssem. O Comitê Nacional disse recolheria as armas e as entregaria para as brigadas da organização.

A referida reunião foi bastante esclarecedora no tocante à questão das armas. Já foi falado anteriormente que as armas eram vistas como o símbolo do poder dos trabalhadores e como a garantia de que, com o povo armado, a revolução estaria assegurada. Muitos periódicos nos primeiros dias de guerra e revolução diziam que não se deixaria desarmar por nada. Mas a realidade havia mudado bastante desde o 19 de julho. Agora, os anarquistas faziam parte do governo e o Estado estava empreendendo uma ofensiva contra a organização autônoma dos trabalhadores. Desarmar os trabalhadores era um imperativo para a continuidade desse processo, que se voltava principalmente contra os comitês de bairro e os chamados “incontrolados”. Daí a questão de o desarmamento ter se tornado um campo de disputa entre revolução e contrarrevolução. Os comunistas – stalinistas – e republicanos acusavam os anarquistas de estocarem armas na retaguarda – o que evidentemente era verdade –, muitas vezes até colocando isso como uma prova de que eles tinham a intenção de atacar o governo legítimo e, assim, como fascistas infiltrados na retaguarda, contribuir para a vitória de Franco. Por outro lado, os anarquistas replicavam que entregariam suas armas desde que as outras forças fizessem o mesmo – todas as forças políticas tinham armas estocadas na retaguarda, embora isso não fosse dito pelos que pretendiam desarmar os trabalhadores – e contanto que as forças repressivas da retaguarda fossem enviadas para a frente de batalha. Os anarquistas temiam – e o temor era bem justificado – que os corpos armados, mais cedo ou mais tarde, fossem usados contra os trabalhadores. Diante de tal impasse, muitos líderes anarquistas, na tentativa de manter a unidade antifascista, buscavam encontrar um meio-termo, mas isso era praticamente impossível, pois não tinha como conciliar objetivos tão díspares. As forças que atuavam no campo “Republicano” estavam em rota de colisão e, por mais que se fizesse chamamentos pela unidade antifascista, a convivência entre elas era cada vez mais difícil. Assim, logo chegaria em um ponto insustentável.

O Soli do dia 17 trouxe nova nota dos Amigos de Durruti. Ela convocou

[...] a todos los camaradas simpatizantes con la Agrupación “Amigos de Durruti”, a la reunión que tendrá lugar, hoy, miércoles, día 17, y hora de las nueve y media de la noche, en el local social, Rambla de las Flores, 1. 1º, para la elección de la nueva Junta directiva, y al mismo tiempo elaborar los nuevos estatutos, por los que ha de regirse esta Agrupación. Se hace el propio tiempo un llamamiento a los antiguos militantes y diversos organismos, con el fin de formar una Agrupación que, en un todo responda a los postulados que nos legó el mártir del ideal e ídolo del Pueblo¹²⁹⁵.

¹²⁹⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. “Los Amigos de Durruti”. Barcelona. 17 mar. 1937, p. 2.

O mesmo Soli também evidenciou que no dia anterior, mais uma vez, um depósito clandestino de víveres havia sido descoberto e, pelas investigações, foi comprovado que

[...] determinados elementos que no quieren aceptar las directrices del nuevo orden social, tenían un almacén de víveres destinados a alimentar, en un momento dado, a las legiones de la quinta columna que aún pueden restar en nuestra retaguardia¹²⁹⁶.

No dia 18, o Soli publicou um manifesto da Federação Local de Sindicatos Únicos de Valência. Ele falou da situação difícil pelo qual passava a frente de Madri por conta de uma nova ofensiva fascista na região. Assim sendo, bradou o manifesto, era preciso responsabilidade.

Es el momento de que las responsabilidades no se puedan diluir entre todos. Cada uno que cargue con la suya. Nosotros, conscientes de la nuestra, **exigimos a todos nuestros Sindicatos, Comités y militantes, el fiel y completo cumplimiento de las órdenes que emanen de esta Federación Local. Quien así no se produzca, será expulsado de la organización.** Conste que tenemos motivos más que sobrados para obrar de esta forma. Ha pasado el momento del capricho. Cuando reñimos exigiendo disciplina a nuestros compañeros del frente, nosotros, en la retaguardia, debemos ser inflexibles. Nadie en esta hora, preñada de dramatismo, puede obrar según su propio criterio, colocado en plano superior al de la organización. Tomen buena nota nuestros Sindicatos de cuanto les decimos. Nadie, absolutamente nadie, por muy Comité o Sindicato que sea, puede zafarse de los acuerdos que emanan de la organización¹²⁹⁷.

No mesmo Soli, foi publicado um pequeno artigo escrito pela famosa anarquista Emma Goldman. Ela afirmou que sempre se colocou contra as guerras, e que foi presa várias vezes por este motivo, mas que era preciso distinguir entre “[...] las guerras imperialistas, siempre emprendidas con ánimo de conquista, y las de defensa de la Revolución¹²⁹⁸”, como era o caso da guerra na Espanha. O mesmo Soli também publicou uma pequena nota¹²⁹⁹ dando conta da criação de uma nova coletividade de camponeses da CNT em Cazorla, província de Jaen, Comunidade da Andaluzia, o que demonstrava que, mesmo com os ataques que as coletividades estavam sofrendo e com os obstáculos criados para a constituição de novas coletividades, elas seguiam sendo formadas, mesmo em regiões de maior dificuldade, como na Andaluzia.

As polêmicas mais relevantes do momento foram expressas em outros dois artigos. No primeiro deles, discutiu-se a questão da vitória na guerra como o objetivo imediato de todos os antifascistas. Era o que unia todos os antifascistas. Isso obrigava todos a fazer concessões e a

¹²⁹⁶ Idem. **Incautación de víveres**. Barcelona. 17 mar. 1937, p. 10.

¹²⁹⁷ LA FEDERACIÓN LOCAL DE SINDICATOS Unicos. A nuestros Sindicatos y a la opinión pública. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 mar. 1937, p. 10, grifo nosso.

¹²⁹⁸ GOLDMAN, Emma. No mantenemos una guerra capitalista, sino una lucha en defensa de la Revolución. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 mar. 1937, p. 12.

¹²⁹⁹ ROMÁN, M. Nueva colectividad en Cazorla (Jaén). **Solidaridad Obrera**. Barcelona 18 mar. 1937, p. 9.

CNT, que era uma organização anticapitalista, as havia feito, abrindo mão de postulados bastante centrais. Mas outras forças não faziam a mesma coisa, como demonstrariam os fatos. Havia sido lançada a consigna de “todas as armas à frente”, mas isso não incluía certos setores que estavam na retaguarda.

No hay razón lo bastante poderosa para justificar tal actitud. Los partidos políticos, las organizaciones sindicales, las fuerzas armadas, en fin, todos aquellos elementos que estén en posesión de fusiles, tienen el deber ineludible de marchar inmediatamente a los frentes de lucha o, en su defecto, si hay motivos especiales que se lo impidan, hacer entrega del arma para que otro proletario la haga funcionar al servicio de la causa de la libertad popular¹³⁰⁰.

O segundo artigo polêmico do dia tratava da questão da coletivização no campo. Salientou que a legalidade constituída não favorecia o desenvolvimento das coletividades agrárias e, ao contrário, acabava protegendo os setores pequeno burgueses, o que tinha como consequência o gasto desnecessário com importação de víveres que poderiam ser produzidos pelas coletividades – caso a Generalitat as financiasse – e também a manutenção de uma camada de potenciais inimigos do setor coletivo, podendo inclusive se tornar fascista ou “quintacolonista”. E acrescentou que isso era fomentado por certos setores do campo antifascista, colocando em risco a própria vitória na guerra antifascista que se travava.

Es doloroso constatarlo, pero ésta es la labor que desde los organismos oficiales se está desarrollando en relación al campo, labor que, a no tardar, dará frutos nefastos, ya que al impulso de toda esta legislación, va fomentándose y organizándose esta ya famosa quinta columna que se manifiesta ya aisladamente en hechos esporádicos como los acaecidos en La Fatarella, Centelles y tantos otros sitios, en los cuales han caído compañeros antifascistas de los que salieron el 18 de julio a luchar por las calles y en el frente, bajo los balazos de los que en aquella fecha memorable esperaban al abrigo de sus domicilios, tranquilamente, el resultado de la lucha, y que hoy salen nuevamente al amparo de la legislación vigente, cuando no existe peligro inmediato a imponer unos derechos que les deben ser denegados o que, en todo caso, deben defenderlos en el frente de lucha contra el fascismo. **Estamos, pues, en vísperas de graves acontecimientos** que se habrían producido ya, a no mediar nuestra actitud excesivamente pacifista; pero no se nos puede obligar ya, en nombre de nada, a que nos dejemos atropellar por más tiempo. Es necesario reaccionar, como sea; no es posible que unos cuantos advenedizos amalgamados con toda la cusma semifascista puedan imponerse en nombre de ninguna legalidad y menos cuando no responde a las necesidades revolucionarias, a quienes han vertido su sangre para libramos a todos de un régimen de tiranía y oprobio¹³⁰¹.

¹³⁰⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **Ganar la guerra, que es el objetivo inmediato de todos los antifascistas.** Barcelona, 18 mar. 1937, p. 1.

¹³⁰¹ CALLOL, F. La Legalidad contra la revolución. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 18 mar. 1937, p. 9, grifo nosso.

No dia 19 de março, o editorial do Soli trouxe uma reflexão sobre “Os Inimigos da Unidade”. Começou fazendo um histórico da união entre os trabalhadores, citando as Astúrias em 1934 e o 19 de julho de 1936, acrescentando que a unidade revolucionária fora forjada nos combates de rua. Todavia, continuou, passados aqueles instantes, as coisas foram sendo alteradas. Já não era mais possível continuar lutando sem cimentar um pacto formal e, por isso, a CNT trabalhou para conseguir um acordo com a UGT. O editorial ainda acrescentou que a aliança CNT-UGT

[...] está próxima a convertirse en una realidad esperanzadora. Las masas obreras se han dado cuenta de que la victoria sólo es posible mediante el trabajo común, y van perdiendo, poco a poco, los recelos que durante mucho tiempo formaban la muralla china que las mantenía alejadas y en constante pugna¹³⁰².

Todavía, acrescentou o editorial,

[...] un sector proletario político y que en repetidas ocasiones se proclamó el más esforzado paladín de la unidad obrera, comienza a maniobrar para evitar que ésta se lleve a feliz término. Se torpedea constantemente la alianza, tomando como pretexto la consigna, no sabemos por quien lanzada, de la formación de un Gobierno estrictamente sindical. Se machaca con tenacidad sobre esta cuestión, desorientando a la opinión proletaria sobre el verdadero significado que tiene la alianza de las grandes centrales sindicales que controlan la casi totalidad de los trabajadores españoles¹³⁰³.

Este “porém” acrescentado pelo Soli foi uma crítica à fala de Dolores Ibárruri que o próprio periódico publicou no último dia 12, quando ela acusou de forma genérica uma tentativa de criar um “governo sindical”, acrescentando que isso ia contra os postulados do socialismo.

No dia 20 de março, houve uma reunião do Comitê Regional. Discutiui-se a distribuição dos trabalhos no Comitê Regional, o desdobrar dos acontecimentos em Reus e outras coisas mais. Mas o principal acontecimento desta reunião foi uma referência à Agrupação Os Amigos de Durruti. Canela disse que “[...] vayamos en conta con esa institución llamada “Amigos de Durruti” pues se desplazan por las ciudades importantes y actúan sin el control de la Organización¹³⁰⁴”, concordando “se interessar pelo caso”.

No mesmo dia 20 de março, o Tierra y Libertad trouxe algumas publicações pedindo mobilização da retaguarda, “armas, víveres e homens à frente”. Uma delas foi um manifesto assinado pelo Comitê Regional da CNT, Federação Local de Sindicatos Únicos de Barcelona,

¹³⁰² SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. Los enemigos de la unidad.** Barcelona, 19 mar. 1937, p. 1.

¹³⁰³ Ibidem, p. 1.

¹³⁰⁴ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 20 de março de 1937**, p. 1.

Comitê Peninsular da FAI, Federação Local e Comitê Regional das Juventudes Libertárias, Comitê Regional da FAI e Federação Local de Grupos Anarquistas. Tal manifesto, como vários outros, pediu que as armas da retaguarda fossem enviadas para a frente de combate – cabe salientar que neste momento Madri corria um enorme perigo de cair diante das forças de Franco –, incluindo as que detinham os Corpos armados da retaguarda e a Generalitat.

LA CONFEDERACIÓN NACIONAL DEL TRABAJO y la FEDERACIÓN ANARQUISTA IBÉRICA, exigen que el armamento de todos los Cuerpos, Guardia Nacional Republicana, de Asalto, Seguridad, Patrullas de Control, Mozos de Escuadra, etc., armas de Organismos sindicales y políticos, sean movilizadas al unísono¹³⁰⁵.

Ainda no dia 20 de março, o Boletín de Información publicou um manifesto da Federação Local de Grupos Anarquistas de Barcelona. Este dizia que para ganhar a guerra era preciso

[...] que todos los hombres útiles para la defensa de nuestras libertades estén a disposición del pueblo, sin admitir más fútiles pretextos no holgazanería inculcada en los Centros Oficiales y Organizaciones Político-Sindicales. Deben entregarse inmediatamente todos los fusiles y armas útiles para el frente de batalla, y ninguna persona honrada debe resistirse a contribuir por la causa del pueblo. No debe engañárenos con el mito de la movilización, si no si moviliza ni tan siquiera a los que poseen las armas y son útiles para la guerra. El ORO en poder del GOBIERNO CENTRAL, y los valores acumulados en manos de los burgueses que todavía subsisten por escarnio al movimiento revolucionario, debe servir para algo más que para pagarse lujos y placeres, y no pueden haber consideraciones para aquellos que en el momento dado sabrían adaptarse a todas las circunstancias, e incluso fusilarnos a nosotros por la espalda. IGUAL DECIMOS DEL ORDEN PUBLICO.- **¿Por qué persiste la Generalidad en que sigan (como antes) las fuerzas beneméritas, Asalto y Mozos de Escuadra los que rijan los destinos del pueblo?** Eso no cabe más que en el instinto burgués y recalcitrante. ¿Qué se pretende con aniquilar las actividades de los verdaderos hombres del pueblo, con el célebre Decreto de Orden Público, del día 4 de marzo que con tanto tesón defienden el camarada Tarradellas, mientras la casi totalidad de los “Comodones” en los puestos Oficiales, Cuarteles de Guerra y de Guardia Civil, siguen como antes del 19 de julio, comiendo a dos carrillos, con sus sueldos fabulosos, y ven con desagrado y desdén nuestra obra emancipadora? ¿Por qué no se atienden las aspiraciones del pueblo y Cataluña entera, que es la que debe preocuparse de los problemas de más palpitante actualidad, cumplimentar sus acuerdos y dilucidar la atmósfera enrarecida en lugar de atendernos con rodeos y maniobras en la sombra?¹³⁰⁶.

Diante de tal diagnóstico, o manifesto fez três exigências: 1- a anulação do Decreto de Ordem Pública – do último dia 4 –, por considerá-lo um atentado à essência da revolução; 2-

¹³⁰⁵ TIERRA Y LIBERTAD. ¡Armas, viveres y hombres al frente! Barcelona, 20 mar. 1937, p. 8.

¹³⁰⁶ FEDERACION LOCAL DE GRUPOS ANARQUISTAS DE BARCELONA. Al pueblo!! **Boletín de Información**. Barcelona, 20 mar. 1937, p. 4, grifo nosso.

depuração rápida dos Corpos Armados; 3- que o Decreto responda às aspirações do povo e seja confeccionado de acordo com o ritmo revolucionário das organizações antifascistas.

Neste mesmo dia, o Diário Oficial da Catalunha publicou um decreto¹³⁰⁷ convocando os reservistas dos anos de 1932, 1933, 1934 e 1935, bem como já deixando de sobreaviso os do ano de 1936. Somente seriam liberados os que já estavam no Exército Popular, Carabineiros e Corpo de Segurança Interior, assim como os inválidos e os filhos de viúvas pobres que trabalhavam no campo. Os que eram imprescindíveis em seu local de trabalho, para que ficassem “mobilizados industrialmente”, teriam que obter uma solicitação do comitê de fábrica, oficina, laboratório etc., e enviá-la ao Conselheiro de Defesa para a solução final.

No dia 21 de março, o Soli publicou um artigo falando sobre a especulação de alimentos na retaguarda. Começou dizendo que a vida encareceu, mas que era até normal um aumento de uns 15% nos preços, comparados a 18 de julho, já que eram produtos provenientes e consumidos na Espanha, mas que, na realidade, eles tinham dobrado de preço. Então, o periódico perguntou: o que justifica tal aumento? E ele mesmo respondeu: nada, acrescentando que isso ocorria por conta da especulação. E completou:

Es asqueroso que haya quien comercie con las necesidades del pueblo, cuando el pueblo guerra, trabaja sin descanso, se desprende generosamente de una parte de su pan para darlo a los caídos y a los sin hogar de otras regiones. Es inconcebible. Pero es. Para muchos, la guerra y la Revolución se han convertido en escudos para acaparar dinero. Son los eternos cuerpos sobre el cadáver, los sempiternos mercadores, que ni a latigazos renuncia a las ganancias, vengan como vengan y de onde vengan. No conocen el escrúpulo, ni el labor, ni la vergüenza. El espíritu de rapina de Suok les anima y ni siquiera cierran los ojos al recibir las monedas. Como tiene el alma encenagada, muelas las manos en la ciénaga y no lo notan, si dan con dinero. Para estos seres asquerosos, no importan las lágrimas, ni el dolor, ni el sacrificio: sólo cuentan los billetes.¹³⁰⁸

Como solução para o problema dos víveres, o periódico conclamou que o preço dos alimentos ficasse congelado, tal como fez o governo do País Basco, e acrescentou:

Con el hambre del Pueblo no se puede negociar ni con sus necesidades, ni con sus sacrificios. **Permitir que alguien abuse de este pueblo, que está patentizando cada día su desprendimiento y su nobleza, en hacerse cómplice de esa especie inferior y repugnante de los agiotistas. Quien calla, otorga, dice un sabio refrán. Quien no opone a ese agio escandaloso, es que se solidariza con él y hace buenos a los especuladores**¹³⁰⁹.

¹³⁰⁷ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 79. Ano V, Volume I, 20 mar. 1937, p. 1186.

¹³⁰⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Los especuladores de la retaguardia**. Barcelona, 21 mar. 1937, p. 12.

¹³⁰⁹ Ibidem, p. 12, grifo nosso.

Tal afirmação era uma crítica direta à Comorera e aos comunistas do PSUC. Como já falamos antes, a política dos comunistas “oficiais” era de colaboração de classes, com o intuito de preservar a república burguesa e o capitalismo. Isso implicava dar liberdade para os comerciantes venderem seus produtos em um mercado não controlado, mesmo que se estivesse em tempos de guerra. Era uma política que privilegiava o setor privado e, portanto, ia contra as coletivizações e se chocava com os anarquistas, mesmo os dirigentes, tendo como resultado prático a legalização da especulação no setor de alimentos. Os maiores penalizados com tal política eram os trabalhadores com menos ingressos que, muitas vezes, eram jogados na penúria alimentar.

Ainda no tema dos abastecimentos, o Soli¹³¹⁰ também deu conta de que o cartão de racionamento de pão da Prefeitura de Barcelona já havia sido distribuído. A partir do dia seguinte, 22 de março, iria começar a ter validade.

O mesmo Soli também publicou um resumo da fala do Presidente da Junta de Controle Sindical e Econômico, José Giménez, que havia falado por estes dias – não especificou a data – em um ciclo de conferências organizado pelo Conselho de Economia. Ele falou que um dos principais problemas no seio desta Junta era o da desunião entre os trabalhadores de diferentes organizações sindicais e políticas, que possuíam diferentes pontos de vista e, por isso, as ordens do Conselho de Economia não eram cumpridas na íntegra. E quem poderia sanar esses problemas seriam os conselhos de empresa e os comitês de controle. Também salientou “[...] el divorcio que existe, aunque sea paradójico, **entre los Consejos de empresa y los Comités de control con los Sindicatos**, por lo que muy a menudo tiene que intervenir la Junta de Control sindical¹³¹¹”. Giménez ainda disse que a missão dos conselhos de empresa era velar pela união dos trabalhadores de uma mesma casa, falou do divórcio que existia entre trabalhadores manuais e mercantis – salientando que isso era prejudicial –, do problema que caracterizava o não estabelecimento de relações comerciais entre empresas coletivizadas e entre empresas controladas, e do receio manifestado por diversos trabalhadores contra os técnicos, que poderia ter consequências ruins para o processo produtivo.

Uma última importante reportagem do Soli, no dia 21 de março, destacava uma dúvida. Por que a UGT e certos partidos que se intitulam operários se colocavam frontalmente contra as coletivizações sendo elas a base do socialismo e fazendo com que o trabalho se torne mais

¹³¹⁰ Idem. **La tarjeta de racionamiento del pan empezara a aplicarse desde mañana, lunes**. Barcelona, 21 mar. 1937, p. 8.

¹³¹¹ Idem. **Una conferencia del compañero Jiménez**. Barcelona, 21 mar. 1937, p. 8.

rentável e menos estafante? Como poderiam defender o trabalho coletivo na URSS e não na Espanha?

Aunque se nos tilde de ingenuos, hemos de manifestar nuestra extrañeza ante la actitud francamente antiolecionista de los dirigentes de la central sindical hermana U.G.T. Porque no es un secreto para nadie que esta guerra que sostiene el proletariado español no es una guerra para el restablecimiento de la democracia, sino para el aplastamiento del fascismo, y, por lo tanto, se trata del aplastamiento del capitalismo, puesto que aquél es consecuencia directa de éste. Y si es así, ¿por qué los dirigentes de la U.G.T. y el P.S.U., siendo socialistas se oponen al desarrollo de las colectividades agrícolas, tímido paso éstas hacia el socialismo? Esto es completamente incomprensible para nosotros, que siempre hemos procurado ajustar nuestra acción de militantes a la línea inflexible del bienestar del proletariado y a los cuales nos juramos ser siempre fieles. Porque la actitud de los camaradas de la U.G.T. se aparta precisamente de estos fines: el bienestar del proletariado y de los principios socialistas. Únicamente puede eso explicarse dicha actitud recordando el origen pequeñoburguesa de los militantes de la U.S.C. y la disciplina centradora al servicio de la política internacional de la U.R.S.S. del P.C., que componen hoy el P.S.U.C. Únicamente por dichas razones se puede explicar esta posición de espaldas a la Revolución y en contradicción absoluta con el Socialismo, de los militantes de la U.G.T.¹³¹².

Neste mesmo dia 21 de março, o Diário Oficial da Generalitat publicou uma ordem¹³¹³ para que todas as empresas industriais e comerciais da Catalunha que vendessem a preços maiores do que os que eram vendidos em 19 de julho de 1936 colocassem em suas notas fiscais a autorização do Conselho de Economia para tal elevação de preços, e deu poderes para que todo comprador pudesse reclamar ao Conselho de Economia um aumento de preços indevido.

No dia 22 de março a Coluna de Ferro fez uma assembleia no teatro da Liberdade, como noticiou o Solidaridad Obrera do dia seguinte:

En el teatro de La Libertad ha celebrado una asamblea la Columna de Hierro, en la que dicha columna acordó militarizarse, con objeto de no apartarse de la lucha que se sostiene contra el fascismo. Uno de los acuerdos tomados fue el siguiente: Destinar cien mil pesetas para la creación y ayuda de escuelas racionalistas, y otras cien mil pesetas como donativo a los hospitales de sangre de la C.N.T.; otras cien mil pesetas destinadas al proceso de Orán, otras doscientas mil pesetas para adquisición de víveres con destino a los defensores de Madrid, y un millón de pesetas para propaganda anarquista: a) Creación de una editorial; b) Creación de una biblioteca; y c) Ayuda a la Prensa anarquista¹³¹⁴.

Assim, a militarização definitivamente havia triunfado, a ponto de até mesmo a Coluna de Ferro ter sido obrigada a se militarizar.

¹³¹² Idem. **Actitudes incomprensibles**. Barcelona, 21 mar. 1937, p. 9.

¹³¹³ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 80. Ano V, Volume I, 21 mar. 1937, p. 1203.

¹³¹⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **Antes de militarizarse, la Columna de Hierro expresa, con donaciones, la espiritualidad de sus ideas anarquistas**. Barcelona, 23 mar. 1937, p. 6, grifo nosso.

6.3 Da Militarização da Coluna de Ferro ao Governo Provisório

No dia 23 de março, houve uma reunião com os comitês responsáveis, Conselheiros, delegados de comarca e Toryho. Ela começou com o Secretário do Comitê Regional anunciando que Isgleas havia apresentado sua demissão do Conselho da Generalitat – ele ostentava a pasta da Defesa – por questões pessoais, mas acrescentou que o Comitê Regional não havia tomado uma decisão final ainda e, então, passou a palavra para o próprio Isgleas. A ata da reunião frisa que, em síntese, Isgleas afirmou que estava

[...] asqueado de tenerse que relacionar con elementos tan insinceros, como son los que populan por la Generalidad. Se queja de los trabajos de zapa, que algunos elementos tienden a realizar para desacreditarle y llevar el agua a su molino, en provecho de la ideología que dicen sostener¹³¹⁵.

Após a fala de Isgleas, interviram Santillán, Herrera e Doménech, que eram os outros três Conselheiros cenetistas na Generalitat, pronunciando-se contrários à demissão de Isgleas, por dar a sensação de desunião entre os Conselheiros cenetistas. Xena tomou a palavra e falou sobre a situação de todas as comarcas catalãs, principalmente o Bajo Llobregat.

Están quejosísimos de los acuerdos referentes a la movilización y de la impropia propaganda que se hace de la misma; pues aparte de los hombres que van contentos a luchar contra el fascismo, los que no sienten ningún ideal, van a la guerra con pena y no con alegría. **Desastrosa es la opinión que tienen de los Decretos últimamente aprobados y firmados por nuestros representantes, sin que la Organización supiera nada de la tesis de los mismos.** Y por último, que es lamentable ver, como se va empequeñeciendo el círculo de las actividades confederales y de las impedimentas que se ponen para la realización de la práctica de nuestra economía social; que indudablemente reportaría muchísimos beneficios y por ende tendríamos muchísimos mas adeptos a nuestro lado¹³¹⁶.

Representantes da comarca de Manresa e outros presentes concordaram com Xena. A Federação Local forçou Isgleas para que ele expressasse claramente os motivos de seu pedido de demissão, pois achava que ele estava os ocultando. Isgleas respondeu que já havia falado tudo e Santillán, em um momento de sinceridade – a própria ata da reunião assim descreveu sua fala –, disse que “[...] realmente Comorera, ha invadido una infinidad de atribuciones de Economía¹³¹⁷”. A Federação Local da FAI interveio e disse:

¹³¹⁵ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 23 de março de 1937**, p. 1.

¹³¹⁶ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

¹³¹⁷ Ibidem, p. 1.

Los políticos trabajan en deprimento de nuestra Organización. Nosotros hemos fijado una proposición BIEN CLARA. No hay en el Cuerpo de Orden Público, ni el dos por ciento que puedan ser buenos; por lo tanto, ni haciendo una selección, no quedaría casi nada para aprovechar. Queremos que los altos cargos de Director General, Comisario General y demás, sean representados por compañeros de la C.N.T. **Cualquier día, motivado por la infinidad de hechos, incongruentes, que está cometiendo los socialistas, particularmente Comorera, habrán desastres por las calles.** Un hecho solamente bastará, para dar a comprender la maldad de esa gente, Hemos descubierto en un almacén, mas de cincuenta mil kilos de patatas, casi todas ellas podridas, las hemos puesto en la calle y todas las mujeres que han pasado, han ido cogiendo y recogiendo, las que podían aprovechar. El Orden Público, viene a sercasi imagen, del que había antes del 19 de Julio, pues en éstos hechos anteriormente citados, de las patatas, para impedir nuestra acción, vino una camioneta de perros de presa, con collar de Guardias de Asalto, un indeseable que había en el mismo, el cual se vanagloriaba de llevar el disfraz de capitán, con la pistola en la mano, nos lo quería impedir, teniendo nuestros compañeros que amenazarle con los mismos procedimientos, si aquel mocoso no escondía el chisme. **Deseamos que en la reunión del Consejo de esta tarde, se pongan las cosas bien claras y exigir a los compañeros representantes nuestros, que desacuerden y anulen los Decretos por ellos firmados.** El Orden Público, que está en nuestras manos y las Patrullas adolecen de algún defecto, que subsanen, pero dejar el Orden Público de las manos nunca¹³¹⁸.

Doménech disse que nesta mesma tarde – na reunião da Generalitat – não se provocaria uma crise, e o que ocorreria era apenas um discurso de Companys para convencer os presentes a salvar sua situação. Falou também que se Isgleas apresentasse sua demissão, todos os Conselheiros cenetistas deveriam fazer o mesmo, ou então que se esperasse mais uns quinze dias para que a organização reforçasse sua posição nas ruas. Caso contrário, Companys falaria na mesma noite por intermédio do rádio, e apresentaria a CNT como vilã. Xena e Marino o interrompeu e disseram que a base da organização não permitiria, pois, as ruas dariam a resposta imediatamente. Doménech salientou que a posição de Companys era delicada e que, inclusive Casanovas, a partir de Paris, disse que era hora de se retirar, pois, neste momento estava completamente deslocado do papel que teria de representar. Xena falou novamente afirmando que a Organização estudou todos os planos e que não permitirá que seja desbaratada pelos comunistas, recordando que sem os cenetistas eles não podiam fazer nada, pois os decretos assinados acabariam sendo anulados. A Federação Local disse concordar com o que foi falado. Isgleas disse que ele não aceitava

[...] como a buena la teoría, de que la calle, el ambiente, está contra nosotros; solamente tenemos contra nosotros, los tenderos, la clase media y los ricos, los cuales, por mucha propaganda que hagamos, nunca los convenceremos, pues se sienten resentidos ya afectados sus intereses particulares. En cambio, tenemos a nuestro lado, toda la esencia de la humanidad, los hombres buenos u sinceros, honrados y trabajadores. Si alguien nos hace la buena cara y figura colaborar con nosotros, la mayoría es por el miedo, pues son fascistas cien por cien y alimentan y sostienen a los comunistas y catalanistas. Toso ésto, lo dice, para responder a Domenech, que había censurado los mitines relámpago, que se habían hecho en los cines y demás

¹³¹⁸ Ibidem, p. 1, grifos nossos.

espectáculos (perjudicando de esta manera los intereses de la parroquia y de los mismos, entre uno de tantos él) el cual se esforzó, en querer demostrar que en según cuales hechos se realizan, en vez de hacer propaganda de captación. !Plaf!! Los rebotamos contra la pared¹³¹⁹.

Depois de uma fala das Comarcas de Manresa, Portela disse:

Hay una cuestión, en algunos lugares ha habido detenciones de compañeros nuestros y de muertos. **Que se haga una depuración de la fuerza pública lo más rápidamente posible, sino antes de quince días encontraremos los compañeros muertos por las calles.** Hoy la “Soli” ya da una noticia de esa índole... Los responsables son ellos y se lo podremos demostrar donde sea: ESTAN EN CONTUMANCIA CON TODOS LOS FASCISTAS DEL MUNDO¹³²⁰.

A Federação Local pediu que, como não havia ninguém convencido totalmente, que se nomeasse uma comissão

[...] **la cual se cuidará de repasar todas las Actas, que sehan escrito desde los primeros días de la revolución y anotar los acuerdos que en las mismas se han tomado, sin que falte ninguno, y se éstos no se han cumplido, buscar el PORQUE, no se han cumplido; pues está en la completa seguridad que si se hubiesen llevado a cabo TODOS, los acuerdos tomados, seguramente que estaríamos en otras posición, que la que hoy desgraciadamente estamos.** Luego, que se nombre una Asamblea de compañeros militantes verdad, y jjar EN FORMA ESCALONADA, la actuación que debemos seguir, para conseguir todo aquello que hemos acordado y que imprescindiblemente necesitamos. **Y subraya de una manera terminante: QUE TODOS LOS DECRETOS QUE NO SE PUEDAN ACEPTAR, NO SE HAN DE FIRMAR**=¹³²¹.

Xena insistiu, mesmo com a presença de um único Conselheiro – pois os outros tinham ido embora –, que estes revistassem todos os acordos executados pela Generalitat, e que se fizesse um plano, bem estudado e premeditado, no sentido econômico. Isgleas disse que na reunião de hoje – da Generalitat – iria colocar o problema político e, por isso, ele havia antecipado seu pedido de demissão. Acrescentou que se buscava uma forma de poder intervir mais diretamente no Conselho Superior de Guerra e nas Indústrias de Guerra, e que tinham a intenção de arrancar novas concessões dos cenetistas. A organização frisou que deveria procurar que a ordem pública se estruturasse, que o novo Corpo Único fosse criado proporcionalmente, e os cargos também. E salientou que estava cansado “[...] de governar, y ahora, la libertad de acción, para ir de propaganda a educar a las masas, que es lo que encuentra mas necesario en estos momentos¹³²²”. Concordou-se que, em vez de acusados, os cenetistas

¹³¹⁹ Ibidem, p. 2.

¹³²⁰ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

¹³²¹ Ibidem, p. 2, grifos nossos.

¹³²² Ibidem, p. 3.

deveriam ser convertidos em acusadores, e iniciar a crise a fundo, o que facilitaria a solução das resoluções cenetistas. A reunião foi encerrada.

A reunião foi bastante enfática. Ficou claro que o pedido de demissão de Isgleas, embora alegando “questões pessoais”, acontecia por conta de atritos com Comorera no interior do Conselho da Generalitat. E tais atritos ocorriam por questões relacionadas com o retrocesso revolucionário que estava ocorrendo – retrocesso que, direta ou indiretamente, ocorria também com o beneplácito dos líderes anarquistas –, notadamente em relação à questão da ordem pública. Ficou claro na reunião também que as bases viam os últimos decretos deste setor como “desastrosos”, como disse Xena, e o fato de terem sido assinados pelos Conselheiros cenetistas evidenciava também um enorme descompasso entre as bases e os dirigentes, mesmo que estes tenham assinado tais decretos contrariados. E a fala da Federação Local da FAI pedindo que os Conselheiros cenetistas “deixassem as coisas bem claras” na reunião que ocorreria nesta mesma tarde e revogassem todos os decretos de ordem pública foi bastante dura e também evidenciava isso – além de denunciar o absurdo caso das batatas podres. Uma outra crítica bastante dura que se fez aos Conselheiros cenetistas e aos dirigentes em geral foi a proposta de fazer uma revisão nas atas desde o início da revolução, com a finalidade de ver quais acordos foram tomados e verificar por que não foram colocados em prática, evidenciando que as decisões das reuniões e assembleias não estavam sendo cumpridas e que, segundo a Federação Local, que foi quem fez a proposta, era um dos fatores que contribuía com as enormes dificuldades pelas quais a organização passava.

A reunião também demonstrou outras questões importantes, como o fato de que os dirigentes acharem que as ruas ainda estavam dispostas a “dar uma resposta” – o que seria evidenciado algumas semanas mais tarde –, o aparente desejo de dar um fim às pretensões dos comunistas de avançar na centralização do Estado, a intenção de se fazer um estudo sobre a questão econômica imediata para propor soluções, a percepção de que se caminhava para um confronto aberto – Portela bradou que se não fizesse uma depuração nas forças públicas em duas semanas seriam “encontrados os companheiros mortos pelas ruas” – e um desejo velado de abandonar a política de colaboração. No entanto, tais intenções nunca passaram de uma aspiração. A unidade antifascista continuou sendo o mote pelo qual os cenetistas se guiavam, e a impressão que dá é que os dirigentes anarquistas queriam “congelar” o processo revolucionário até que a questão militar fosse resolvida – o que, evidentemente, não era possível: ou a revolução avançava, ou ela necessariamente retrairia. Neste momento, eles não pareciam dispostos a fazer mais concessões, mas também não falavam em avançar no sentido de aprofundar o processo revolucionário. Não cogitaram nem mesmo abandonar o governo. Já

as bases, não necessariamente viam as coisas dessa maneira, como ficaria demonstrado algumas semanas mais tarde.

Ainda no dia 23, o Soli publicou um artigo de Mariano Vázquez em que falou que os cenetistas foram a vanguarda da defesa dos interesses da população. Também afirmou que agora as coisas haviam mudado, e não era mais preciso lutar na retaguarda, quando apenas se tinha que trabalhar, e sim na frente de batalha. Acrescentou que os cenetistas deveriam realizar mais sacrifícios, ser os que mais trabalhavam, os primeiros a atacar e os últimos a abandonar suas posições.

El control y la disciplina que el propio movimiento impone, han de llegar a todos los rincones. La Confederación Nacional del Trabajo parte del principio federalista. Las cosas van de abajo arriba, pero en el conjunto, cuanto analiza y determina teniendo en cuenta las opiniones y las determinaciones, por todos ha de ser aceptado sin discusión. Cada cual tiene derecho a opinar, pero todos el deber de acatar la ley de mayoría. Conclusión: que nadie puede soslayar y que todos tienen que cumplir. Para lograr cuanto expuesto queda, tenemos que estar dispuestos a hacer todos los sacrificios y afrontar todas las eventualidades, aunque en alguna ocasión sean dolorosas. Por encima de todo debe estar el interés de la organización. Así se valoriza nuestro movimiento. Valoricémoslo constantemente; en el orden moral, con la actuación individual y colectiva; en el orden de la responsabilidad, con la dureza intransigente para sancionar a quienes no se hagan acreedores a lo que la C.N.T. exige¹³²³.

Foi publicado também no mesmo periódico um artigo sobre a disciplina. Começou afirmando que a burguesia sempre qualificou os anarquistas como caóticos, indisciplinados etc., por conta de suas críticas ao conceito de disciplina clássica. Por isso, surpreenderam-se em face das várias apelações à coordenação disciplinada, severa e rigorosa. Todavia, acrescentou, a disciplina é a condição da vitória, e não é antianarquista. Destacou também que nestes meses de guerra antifascista os anarquistas deram muitas provas de lealdade e consequência revolucionária, tanto na ação política quanto na militar, sendo exemplo de disciplina. Os soldados da CNT e da FAI, tal como fora destacado no artigo,

[...] ejecutan con la máxima precisión cuantas operaciones ordena el Alto Mando, cubriendo casi siempre los objetivos señalados, aun cuando la metralla enemiga diezme las filas revolucionarias y vean caer a su lado a los compañeros más queridos¹³²⁴.

E continuou:

Nosotros no fomentamos la discusión en la guerra. Es más, la condenamos. La discusión degenera casi siempre en inacción y lo que se precisa para cantar victoria es

¹³²³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Un artículo del camarada Mariano R. Vázquez** Barcelona, 23 mar. 1937, p. 6.

¹³²⁴ Idem. **Editorial. La disciplina, instrumento de la victoria.** Barcelona, 23 mar. 1937, p. 1.

accionar y actuar; es decir, luchar y combatir. Nosotros sabemos que el tan ansiado triunfo sobre la reacción armada puede lograrse si la disciplina pasa de tópico literario a convertirse en carne tangible de todos los problemas. Tenemos entablada una guerra a muerte, y en la guerra triunfa siempre la disciplina, el orden, la cohesión más perfecta, el método; nunca el caos, ni el desbarajuste¹³²⁵.

Prosseguindo sua explanação, o artigo afirmou que o panorama da guerra ficou menos trágico

[...] a partir del día en que el pueblo español ha organizado su ejército regular, al que hemos de cuidar todos con el esmero que merece, pues es carne de nuestra carne, lo integran nuestros hermanos, nuestros hijos, nuestros compañeros y lucha por el ideario liberador que nos es común. [...] Durruti, anarquista cien por cien, pacifista mil por mil, fue el primer inspirador y creador del ejército que la Revolución Ibérica precisa, si quiere vencer. Durruti sentía la disciplina y su obra fue la admiración de todos, porque se basaba en esta sustancia fundamental¹³²⁶.

O artigo terminou afirmando que a CNT e a FAI enalteciam o valor da disciplina e seguiam sua política firme e segura, que era consequência de seu ideal criador.

Assim, o artigo publicado no editorial do principal jornal cenetista mostra claramente uma manipulação dos conceitos. Ao mesmo tempo em que reconhecia as críticas anarquistas à disciplina de quartel, fazia apologia ao exército regular, ou seja, a uma força guerreira militarizada ao estilo dos exércitos convencionais. E não podemos esquecer a grande resistência à militarização que houve entre os milicianos. Reduzir a disciplina à obediência ao Estado Maior não tinha conexão com a realidade. Essa era uma falsa questão. O grande problema era a coordenação entre as diversas milícias, necessária em qualquer guerra, mas sem destruir as conquistas em termos de democracia direta. Era manter e criar formas de organização que não possibilitassem a conversão dos milicianos em meros soldados. Era também a finalidade da luta, que cada vez mais abandonava seus princípios revolucionários. E a transformação de Durruti em arauto da disciplina, da militarização e do exército regular feito aqui beirava o ridículo.

Ainda no mesmo dia 23, o Boletín de Información publicou um acordo assinado por partidos e sindicatos. Eis o texto na íntegra:

Reunidos los delegados de las distintas organizaciones y partidos políticos que firman este documento, toman los acuerdos siguientes: Primero.- Apoyar con todo entusiasmo la incorporación a fila de las quintas llamadas por el Gobierno, tomando medidas por las que bajo cualquier pretexto se trata de burlar el decreto de referencia. Quienes traten de quedar emboscados en la retaguardia, serán denunciados públicamente, impidiéndoles el que puedan ocupar ningún cargo de responsabilidad

¹³²⁵ Ibidem, p. 1.

¹³²⁶ Ibidem, p. 1.

en nuestras organizaciones. Segundo.- No se podrá aumentar los precios de ningún artículo de primera necesidad sin autorización del ministro del Comercio y el asesoramiento de las Centrales Sindicales C.N.T.-U.G.T., así como tampoco se podrá disminuir la jornada de trabajo ni aumentar los salarios sin el consentimiento conjunto de las mencionadas organizaciones. Tercero.- Para facilitar la instrucción militar de la población civil, nuestras organizaciones procurarán que todos los comprendidos en el decreto de movilización posean su tarjeta de control de instrucción, que serán facilitadas por sus sindicatos o partidos políticos en donde militen. Cada organización, particularmente, de acuerdo con las condiciones de trabajo, señalará las horas de instrucción para sus militantes. Cuarto.- Corresponderá a nuestras organizaciones velar por el cumplimiento de las leyes establecidas, evitando cualquier extralimitación de carácter particular. Quinto.- Se acuerda organizar una semana de movilización pro-ayuda a Madrid, constituyéndose a tal efecto, una Junta compuesta por todas las organizaciones que se encargará de centralizar toda la solidaridad para que ésta sea más efectiva. Firman los representantes de Izquierda republicana, Juventudes Socialistas Unificadas, U.G.T., Federación Socialista, Partido Sindicalista, Partido Comunista, C.N.T. y Unión Republicana¹³²⁷.

No dia 24 de março, houve uma nova reunião de comitês libertários. Ela foi iniciada com Isgleas falando sobre a crise implementada por ele no Conselho da Generalitat do dia anterior, quando apresentou sua demissão. Os Conselheiros cenetistas foram solidários e fizeram o mesmo iniciando, assim, uma crise de governo. Disse também que esmigalhou a atuação do conselho, assinalando os defeitos em questões de ordem pública, economia etc., e que ante às provas da contrarrevolução que se estava forjando, ele não podia continuar em seu cargo. Afirmou que o Presidente da Generalitat, Companys, foi favorável em solucionar a crise com a mesma coalisão que a anterior, mas não faria nenhuma concessão no tocante à ordem pública e defesa. Xena começou a falar sobre o que pensava da crise. Em relação à Defesa, disse que toda personalidade e autoridade deveria recair no Conselheiro de Defesa, especialmente no tocante à mobilização, mas em relação a Segurança Interior seria necessário fundir todas as forças em uma só, e procedê-las a uma depuração. Doménech propôs fundir os Conselhos de Defesa e Segurança Interior, e Xena afirmou que interessava à Esquerda ser titular deste Conselho e, por isso, Companys não aceitaria tal fusão. Também propôs que os Conselhos de Abastecimentos, Economia e Serviços Públicos fossem fundidos em dois. Santillán disse que o departamento de Comércio Exterior estava nas mãos do governo central. A reunião teve que ser interrompida por uma hora, pois o Comitê Regional precisou ir até a Generalitat.

Retomada a reunião, o Secretário do Comitê Regional falou que sua conversa com Companys foi “[...] de puro trámite¹³²⁸”. Xena completou dizendo que a preocupação de Companys era a segurança interior, guerra e economia, e que ele afirmou que na guerra eram

¹³²⁷ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Acuerdos que la guerra exige se cumplan**. Barcelona, 23 mar. 1937, p. 8-9.

¹³²⁸ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 24 de março de 1937**, p. 1.

necessários os técnicos, dando a entender que era preciso dar o controle dela a um militar. Xena terminou dizendo que em economia Companys queria revalorizar a moeda, iniciando-se uma discussão. O Comitê Peninsular de Grupos foi partidário em marcar uma linha de conduta rígida para traçar uma trajetória proveitosa do movimento. Xena respondeu que a linha já estava traçada pela organização, mas que não se tem sabido interpretá-la. Disse que o mais interessante para os libertários eram os problemas econômicos, e revelou que o Comitê Regional tem estudado a conveniência de criar um Conselho Assessor que abarcasse todas as atividades em seus diversos aspectos. Toryho afirmou que havia espionagem nas reuniões dos comitês, pois poucas horas depois delas terminarem já havia quem sabia o que tinha ocorrido, como era o caso de Antonov Ovseenko¹³²⁹. Escorza completou dizendo que o Cônsul da URSS tinha um dossiê completo das reuniões e acordos das organizações libertárias. Toryho reclamou que não havia um critério fixo a se seguir, nem em matéria de coletivização, propaganda ou guerra. E, como consequência, o diretor do Soli não tinha orientação de ninguém, expondo, portanto, seu critério pessoal. Escorza disse que era preciso saber quais os motivos da crise e o que interessava aos libertários para sua solução. Acrescentou que era necessário fazer um estudo das posições que o movimento ocupava e quais iria ocupar, e que “[...] **no temos teoria política sobre el poder**. A todosn nos espanta esta palabra. El problema a plantear es: que posiciones ocupamos y cuales nos interesa ocupar¹³³⁰”. Depois de mais algumas falas, Isgleas propôs que se concretizasse de uma vez a posição da organização na opinião pública. Iniciou-se a discussão sobre quais seriam as posições da organização e quais pastas ela deveria assumir no novo governo da Generalitat, até que a reunião foi encerrada sem nenhum acordo a vista.

A reunião foi uma continuação da que fora realizada no dia anterior, quando se falou do pedido de demissão de Isgleas. Mas agora a crise de governo havia sido plantada, e a CNT tinha que negociar sua permanência no novo governo, bem como as pastas que iria assumir. E isso dependeria da negociação com as outras forças representadas na Generalitat, que estavam em processo de fortalecimento e não queriam abrir mão de algumas pastas que eram chave. Outra questão importante colocada na reunião era a ausência de consignas claras por parte dos cenetistas, que se refletia até no principal periódico da organização, o Solidaridad Obrera, que acabava rumando não com parâmetros estabelecidos pela organização, e sim de acordo com critérios pessoais de seu diretor. Mas essa confusão era fruto principalmente do processo

¹³²⁹ Vladimir Antonov-Ovseenko (1883-1939). Foi um importante bolchevique – embora primeiro fora um menchevique – que serviu como Cônsul Geral Soviético em Barcelona entre 1936 e 1937, sendo uma das vítimas das purgas stalinistas em 1939. Foi reabilitado em 1956.

¹³³⁰ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 24 de março de 1937**, p. 2, grifo nosso.

colaboracionista assumido pela organização que, na prática, teve que abandonar uma série de postulados históricos, embora não necessariamente o fizesse no campo do discurso, o que gerava um enorme descompasso entre o que se enunciava e o que se praticava, causando uma grande desorientação tanto nos militantes de base quanto nos dirigentes da organização. E isso ficou patente com a fala de Escorza ao afirmar que não se tinha um projeto de poder, embora isso fosse bastante questionável¹³³¹.

Ainda no dia 24 de março, o Soli publicou dois artigos que mostram um pouco as questões do momento, e de certo modo havia uma interligação entre eles. O primeiro era um pequeno texto que falou sobre o problema dos abastecimentos na retaguarda. Começou apontando a austeridade que as condições impunham e salientou que o problema dos abastecimentos era um dos mais urgentes a se resolver. Acrescentou que houve um momento em que na frente se pensava que Barcelona estava passando fome e, então, foi organizada uma visita à cidade, quando se constatou que havia sobra de comida, mas não para a população.

Es imprescindible poner fin a esta desigualdad. Se es necesario suprimir los restaurantes de lujo y crear comedores populares, debe hacerse sin vacilaciones. Claro que debería procurarse que estos comedores estuviesen montados con toda perfección. Con esto se lograría la igualdad en el consumo y un [ilegível] en la economía. No debemos olvidar al heroico pueblo de Madrid, que sigue combatiendo a pesar de carecer de provisiones. La guerra exige el máximo de esfuerzo y de sacrificios¹³³².

O segundo artigo citado afirmou que “a guerra e a revolução tinham seus direitos” – e este era o título do artigo –, e que ocorriam coisas estranhas nesta guerra revolucionária que se estava sustentando. Disse que toda guerra impunha um imperativo de ferro à população, que mobilizava todas as suas energias, apossava-se de toda riqueza, dispunha de homens e coisas para seus próprios fins e para o triunfo. E acrescentou:

Los más respetuosos del orden burgués, de la sagrada propiedad privada, no vacilan, llegado el caso, de incautarse de lo que haga falta para ganar la guerra de imponer los más pesados tributos a los individuos. Y, por supuesto, **los que menos vacilan en imponer tributos y en hacer tabla rasa de la sagrada propiedad privada, son los fascistas**. Dígalo, si no, la burguesía y pequeña burguesía española del territorio ocupado por los facciosos. Todo cuanto tenía en dinero o propiedades, le fue arrebatado por los sicarios de Franco, para emplearlo en su criminal empresa contra el pueblo español. Dígalo igualmente la clase media de Italia y Alemania, reducida a

¹³³¹ O projeto de poder cenetista era baseado no princípio organizacional do federalismo e da autogestão, motivo pelo qual ele estava materializado nos comitês de bairro e cidade, nos comitês de empresa, nas milícias e nos sindicatos, embora a relação exata que se deveria estabelecer entre eles, particularmente os comitês de empresa, não fosse um consenso, como vimos no capítulo 1 ao abordarmos os diferentes pensadores do anarquismo e do sindicalismo revolucionário.

¹³³² SOLIDARIDAD OBRERA. **El problema del abastecimiento en la retaguardia**. Barcelona, 24 mar. 1937, p. 3.

una miseria total y vergonzante, en beneficio del bélico y monstruoso Estado totalitario¹³³³.

Tal artigo acrescentou que na Espanha não se fazia apenas a guerra, mas também a revolução. A primeira, imposta pelos generais, era um ato de defesa. A segunda também o seria, pois somente com uma mudança na base da sociedade se estaria livre dos ataques reacionários que o capitalismo financeiro pretendia fazer. E assim como a guerra teria seu próprio “direito”, a revolução também o teria, como por exemplo o direito de dispor de todas as forças e riquezas existentes para seu triunfo.

¿Y qué ocurre en realidad? Que hay clases y castas que en plena penuria popular viven cómoda y tranquilamente; que haces, incluso, ostentación de riqueza, especulan, negocian, aprovechando el momento difícil; se aprovechan de un estado de cosas angustioso. Y aún más: hacen oídos sordos a los llamamientos a la solidaridad, a las demandas de ayuda que se lanzan en favor de los heroicos luchadores que dan sus vidas para asegurar la paz y la tranquilidad a todos. Esto es realmente una enormidad. Que frente a necesidades tan apremiantes como las de Madrid, sean sólo los proletarios los que contribuyan con sus céntimos. Que hayamos tenido que registrar el retraimiento egoísta de la pequeña burguesía, de los millares de comerciantes que ahora mismo hacen buenos negocios. Que tanta riqueza inútil quede retenida en manos de particulares, mientras sean una multitud de elementos necesarios para la lucha, todo eso es algo que no se comprende ni se justifica de ningún modo en un período de guerra y Revolución como el que vivimos. Debemos reaccionar contra esa pasividad sórdida. Y, antes que nada, queremos llamar la atención a quienes de tan mal modo corresponden al sacrificio popular. ¿Qué esperáis? ¿Qué queréis que suceda para cumplir con vuestro deber? ¿Creéis, acaso, que la generosidad del pueblo es iluminada? ¿Que la guerra y la Revolución sólo deben pesar sobre los oprimidos de siempre? Si es así, hacéis mal cálculo. Por encima de toda generosidad – mal entendida –, están los imperativos de la guerra y la Revolución. El exceso de contemplación puede terminar bruscamente, y las consecuencias no pueden preverse. Una vez más, hacemos un llamamiento a la comprensión, al buen sentido de los que se sustraen al deber de la hora. Quizás luego los hechos impongan otra actitud a quienes tienen sobre si la responsabilidad de la guerra y la Revolución. Cualquier cosa, antes de poner en peligro la vitoria final. Ténganlo en cuenta todos, y que el imperativo de la realidad se imponga sobre los torpes cálculos del egoísmo¹³³⁴.

Assim, os dois artigos do Soli possuem o mesmo pano de fundo: a desigualdade. O primeiro deles falou sobre a questão dos alimentos, explicitando que existiam restaurantes de luxo e abundância de gêneros alimentícios para quem podia pagar e para os especuladores, enquanto a população passava sérias dificuldades, demandando medidas como o fechamento de restaurantes de luxo e a criação de comedores populares, tal como se fez no início do processo revolucionário. Já o segundo artigo também denunciou este processo escandaloso que ocorria na retaguarda, e acrescentou ainda um grande agravante: que em toda guerra se interfere no direito de propriedade, mas que de forma inexplicável os fascistas – defensores da

¹³³³ Idem. **La guerra y la Revolución tienen sus derechos**. Barcelona, 24 mar. 1937, p. 4, grifo nosso.

¹³³⁴ Ibidem, p. 4.

propriedade privada por excelência – estavam impondo mais tributos do que o campo republicano. E é exatamente este o elo que interliga os dois artigos. Neles, havia uma crítica à predominância do livre mercado, principalmente no setor de alimentos, em detrimento da coletivização – que no setor de alimentos se expressava, por exemplo, nos comedores populares. Acontece que, como já abordamos anteriormente, republicanos e comunistas – estalinistas – tinham como programa político exatamente a defesa da propriedade privada e do livre mercado. Era, mais uma vez, a oposição revolução e contrarrevolução que estes dois artigos exprimiam, mesmo que de formas diferentes, embora não se tenha falado do papel dos líderes anarquistas neste processo – que era dúbio e buscava manter a unidade antifascista a todo custo.

Ainda sobre o mesmo assunto, no dia seguinte, 25 de março, o mesmo *Solidaridad Obrera* publicou um esclarecimento sobre o problema do pão. Segundo a nota, logo no terceiro dia depois de se implantar o cartão de racionamento da Generalitat, não se fabricou pão em nenhum dos distritos da cidade de Barcelona e, por isso, não teve pão neste dia. Desta vez, havia trigo nas docas do porto, mas não foi enviado para as fábricas de farinha porque faltava um documento com a assinatura de Vachier – o mesmo que em 29 de dezembro apareceu no *Soli* como um representante de Comorera –, o que não podia ser feito porque ele estava ausente por uns dias. No entanto, segundo o *Soli*,

[...] suponiendo que el hecho de encontrarse ausente una determinada persona, es suficiente para que no se pueda retirado trigo destinado a la elaboración, podría haberse evitado Barcelona se quedara sin pan, utilizando los dos mil sacos de harina rusa que hay depositados en el muelle de España número 7¹³³⁵.

Terminando o escrito, o texto salientou que tal situação surpreendeu muito o Comitê Econômico da Indústria do Pão – que foi quem escreveu a matéria – e que Pedro Puig, Secretário dos Abastecimentos da Prefeitura, assegurou que teria farinha para abastecer ao menos alguns distritos da cidade.

O mesmo *Soli* ainda publicou mais três artigos com o tema dos abastecimentos – demonstrando mais uma vez sua gravidade. Em um deles¹³³⁶, criticou-se as políticas econômicas implementadas, que não teriam resolvido o problema dos aluguéis, dos alimentos e nenhum outro, salientando que os problemas só seriam resolvidos caso os sindicatos se ocupassem da distribuição. Já o segundo artigo foi mais enfático. Começou afirmando que há meses o *Solidaridad Obrera* vinha falando sobre o problema dos abastecimentos, e que desde

¹³³⁵ EL COMITÉ ECONOMICO DEL PAN. Una nota sobre el problema del pan. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 mar. 1937, p. 8.

¹³³⁶ ENDÉRIZ, Ezequiel. La maniobra del hambre. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 mar. 1937, p. 3.

então ele havia piorado, mas somente para a classe trabalhadora. A especulação fez com que os preços estivessem maiores ainda do que na época da Primeira Guerra Mundial. Salientou que o periódico pedia medidas preventivas para evitar que os preços chegassem aos atuais patamares. Denunciou ainda que os ricos continuavam comendo bem, enquanto os trabalhadores sofriam para ter o mínimo e que se fez uma revolução para melhorar a situação econômica dos produtores, não para os especuladores. E foi enfático em sua proposta:

Para acabar con todo ello, pues, no bastan las lamentaciones. No hay más que dos procedimientos, a saber: ordenar, por el Gobierno, la tasa de precios que regia el 19 de julio, más un aumento del 15 por 100, y tener preparado el piquete de ejecución para hacerlo cumplir a rajatabla. O bien, ante la vaselina estatal, **socializar, por los mismos trabajadores, totalmente el ramo de alimentación**. Lo primero debe y puede hacerlo el Gobierno. Lo segundo, caso de no hacerlo, está en las manos de los propios trabajadores. O nosotros acabamos con la especulación, o la especulación acabará con nosotros. No hay términos medios¹³³⁷.

Assim, ante os problemas de abastecimento, o Soli estava propondo a socialização do setor.

No último artigo sobre os abastecimentos, falou-se dos abusos nos preços dos alimentos e salientou que os grandes mercadores tinham certeza da impunidade. E, então, bradou.

Moralidad aparte, más culpa tienen quienes protegen la vida cara, respaldando la actitud de los agiotistas y tenderos, por su porqué. Por eso, la cuestión está en saber qué partido es el que cobra comisiones por favorecer a los tenderos. ¿Cuál es el que autoriza la subida de los precios y da patentes de corso, a cambio de cobrar el barato? ¿Quiénes son los padrinos de los logrereros? Sean quienes fueran, los que así proceden son enemigos del pueblo. Tan enemigos, por lo menos, como los que han vendido su patria al extranjero y nos combaten con todas las artes de la guerra. Y es hora de que se les desenmascare y se proceda con ellos como tal enemigo¹³³⁸.

Ainda no dia 25 de março, o Boletín de Información publicou os acordos da recém-terminada Plenária Nacional da Federação da Indústria Ferroviária. Eles demonstravam que havia um esforço empreendido pela base, em vários ramos que estavam coletivizados, em rumar para a socialização – embora neste caso específico se negasse a socialização, não por princípio, mas por uma avaliação de conjuntura –, mesmo com a revolução estando na defensiva. No preâmbulo do texto, podemos ler:

Considerando que antes de llegar a la socialización, el estado actual de cosas requiere un tránsito evolutivo que lleve a las industrias hacia ella, esta Ponencia ha trazado una línea con el articulado que más abajo ponemos a vuestra consideración que, dentro de

¹³³⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **O el pueblo acaba con la especulación, o la especulación acaba con el pueblo**. Barcelona, 25 mar. 1937, p. 5, grifo nosso.

¹³³⁸ Idem. **¿Qué partido respalda la actitud de los agiotistas?** Barcelona, 25 mar. 1937, p. 1.

la colectivización, puede guiarnos en un futuro próximo a la realización de nuestro ideal máximo. El problema planteado al Comité Nacional, como indica muy bien la circular número 19 del mismo, era y sigue siendo el de la colectivización. La socialización, dadas las circunstancias en que actualmente se desenvuelven las industrias, no es de factible realización, a juicio de los ponentes; y a tal criterio se debe al estudio que representamos a vuestra consideración, en el que hemos procurado tener en cuenta las fases múltiples de la colectivización, con miras exclusivas a que, una vez vivan en tal estado los diferentes sectores industriales que componen la economía del país, pueden pasar, sin esfuerzo alguno, a la socialización¹³³⁹.

Depois deste preâmbulo, apresentou-se as bases da coletivização que foram aprovadas, que estavam dispostas em vinte e três artigos, dos quais de forma reduzida podemos destacar: 1º- todas as redes ferroviárias da Espanha deveriam formar uma só coletividade, e sua organização e administração “[...] será verificada por los propios trabajadores¹³⁴⁰”; 3º- o produto da exploração ferroviária seria comum a todas as regiões, e os possíveis déficits seriam cobertos por superávits de regiões mais prósperas; 4º- em caso de déficit geral, o organismo que regulasse a vida da nação o cobriria; 5º- a coletividade renunciaria a todo lucro, sendo que este seria reinvestido para a melhoria do serviço ou ajuda a outras coletividades que necessitasse; 7º- uma vez estabelecida a coletividade ferroviária, ela se esforçaria para conseguir a coletivização de todos os ramos do transporte; 9º- criaria comitês profissionais regionais em conexão com as organizações ferroviárias da região; 12º- o organismo regulador da vida nacional teria três delegados no Comitê Nacional, pertencendo aos departamentos de Indústria e Comércio, Fazenda e Obras Públicas, com direito a voz, mas sem voto; 15º- o Comitê Nacional apresentaria contas mediante uma plenária nacional, o mesmo ocorrendo com os comitês regionais dentro de seu raio de atuação; 17º- os cargos seriam eleitos em assembleia; 18º- caso os representantes não atuassem como esperado, os sindicatos poderiam chamar assembleias e destituí-los, bem como nomear seus substitutos; 21º- a coletividade procuraria humanizar o trabalho, aproveitando os progressos da técnica, garantindo a saúde física e moral, assim como as necessidades na idade avançada dos trabalhadores, além de criar escolas profissionais e de cultura geral. Além de todos estes artigos, havia mais um, que não tinha número – era apresentado como um “artigo adicional” – e que assim era constituído:

Si circunstancialmente se colectivizasen unas redes regionales y otras no, se dejaría a las primeras en independencia económica con los productos de la explotación de sus propias líneas colectivizadas, coordinando sus relaciones profesionales con el resto de las no colectivizadas. Las redes regionales colectivizadas formarán una caja común, como se señala en el art. 3º, pero prestarán su ayuda moral y material a las restantes para realizar la colectivización común. La Regional que se independice

¹³³⁹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Pleno Nacional de la Federación de la Industria Ferroviaria**. Barcelona, 25 mar. 1937, p. 4.

¹³⁴⁰ Ibidem, p. 4.

económicamente se relacionará con el órgano rector de la región en todos los aspectos¹³⁴¹.

No dia 25 de março, também ocorreu uma Plenária de Locais e Comarcais. Iniciou-se com um informe do Comitê Regional falando sobre a “anulação de nossa organização”, na ordem política, nos decretos de ordem pública e em outros aspectos. Isgleas expôs os motivos de sua demissão, que não foram apenas os já expostos, mas também por conta da linha geral da política imprimida pela Generalitat. Ele falou sobre suas várias discordâncias, inclusive, no tocante à recolha de armas, pois sua quantidade era muito pequena perto do universo de armas que havia chegado em Valência. Xena colocou algumas impressões e, então, começou uma discussão. A Local de Tarragona pediu que se concretizasse as aspirações, e a Local de Barcelona falou em tomar acordos firmes. O Comitê Regional disse que os sindicatos já tinham acordos tomados, pois era preciso acabar com a crise o quanto antes, já que os sindicatos demorariam de 8 a 10 dias. Doménech também falou em encerrar a crise rapidamente. A Federação Local de Gerona afirmou que a organização não poderia dar um passo atrás, que aceitava a colaboração, mas que isso não significava que se deveria aceitar tudo. Comarcal de Igualada disse que era hora de assumir toda a responsabilidade no governo. Comarcal de Lérida salientou que não acreditava mais em paliativos de continuar no governo, e a Local de Maresma pediu a dissolução da Guarda Nacional Republicana. Depois de algumas falas pela colaboração e nova distribuição de pastas, Comarcal de Valls afirmou que “[...] no hemos de ir a la crisis sino al contrario tendríamos que ir a la total conquista del poder¹³⁴²”. Comarcal de Garrotxa propôs, caso fosse preciso seguir o mesmo caminho que fora seguido até então, que se abandonasse a colaboração. Assim, ganhou adesão da Local de Mataró. O Comitê Regional interveio e afirmou que eram necessárias soluções precisas e claras. Local de Villanueva afirmou não querer o rompimento da colaboração de nenhum modo. Local de Barcelona insistiu para que se delimitasse até onde os Conselheiros poderiam chegar, e acabou por se formar uma comissão para tal fim. Depois de mais algumas falas, a primeira sessão da plenária foi encerrada.

Na segunda sessão da plenária, houve uma rusga entre o Comitê Nacional e a Federação Local de Barcelona, iniciada após esta questionar as relações que existiam entre a organização e a UGT e os comunistas. O Comitê Nacional respondeu que seu membro presente não estava na condição de delegado, e sim de observador, mas iniciou uma bateria de respostas. Afirmou que a atuação da UGT na Catalunha era a mesma do PCE e do PSUC, mas o que importava era

¹³⁴¹ Ibidem, p. 6.

¹³⁴² PLENO DE LOCALES Y COMARCALES. *Ata da reunião realizada no dia 25 de março de 1937*, p. 2.

não esperar nada deles. Acrescentou que ou se tinha confiança no Comitê Nacional ou não se tinha, e que a regional catalã não poderia ser independente do resto da Espanha, que também tinha de dar conta de sua atuação, bem como respeitar os acordos nacionais, como outra regional qualquer. Quanto à demissão de Isgleas, disse que não a aceitou. Afirmou também que a tragédia da Catalunha era a falta de armas, como em outras partes. Por isso, caso fosse abandonado o trabalho que estava sendo feito até aquele instante se estaria fazendo o jogo do inimigo. A Local de Barcelona retrucou afirmando que era preciso encontrar um meio-termo, e que a organização estava realizando muitas reuniões inúteis, motivo pelo qual “habrá que ver **si debemos continuar com nuestro federalismo o recurrir al Comité Ejecutivo**”¹³⁴³. Acrescentou que esta Federação Local fez muita propaganda para que se realizasse uma aliança pela base, mas que o Comitê de Enlace fracassou porque “[...] todos los pactos venidos de arriba son um fracasso seguro”¹³⁴⁴. Ao finalizar sua fala, acrescentou:

Estamos en una crisis de mucha repercusión nacional y recuerda la clásica oposición entre nosotros y los políticos con los cuales nos vemos obligados a colaborar. Si **queremos salvar la organización y la Revolución es hora de hablar claro**¹³⁴⁵.

O Comitê Nacional respondeu com uma longa fala acerca dos acordos tomados que determinavam uma busca por pontos de convergência entre a CNT e a UGT para realizar uma aliança, pois esta já aceitava vários pontos defendidos pela CNT, que antes não assentia, tendo em vista que a Federação Local de Barcelona não poderia colocar em dúvida a seriedade dos representantes cenetistas, que no plano internacional a Rússia não estava em condições de ir à contenda, que os políticos socialistas e comunistas estavam de acordo com a construção de uma aliança e que o Comitê Nacional não esqueceu que tinha uma autoridade moral. Terminou declarando que a desconfiança causava muitos danos. A Local de Barcelona retrucou salientando que “[...] **la misma desconfianza que parte desde arriba parte también desde abajo** y está de acuerdo en que se termine con ello”¹³⁴⁶. Foi iniciada uma série de falas sobre como se deveria resolver a crise, sem que ninguém respondesse à afirmação da Federação Local de Barcelona, até que a plenária foi encerrada.

O interessante desta plenária foi o reconhecimento do impasse no qual os cenetistas se encontravam. Na primeira sessão, falou-se implicitamente que a questão não era apenas resolver

¹³⁴³ REUNIÓN TERCERA DEL PLENO DE LOCALES Y COMARCALES. **Ata da reunião realizada no dia 25 de março de 1937**, p. 2, grifo nosso.

¹³⁴⁴ Ibidem, p. 2.

¹³⁴⁵ Ibidem, p. 2, grifo nosso.

¹³⁴⁶ Ibidem, p. 3, grifo nosso.

a crise de governo, e sim da política pela qual a CNT se imiscuiu, que era a política de colaboração. Já na segunda sessão, foi falado explicitamente que havia uma desconfiança mútua entre “os de cima” e “os de baixo”, ou seja, que havia um fosso separando dirigentes e suas bases. A crise interna da CNT não poderia ser maior neste momento.

No dia 26 de março, o Boletín de Información publicou um manifesto assinado pelo Comitê Regional de Juventudes Libertárias da Catalunha e pela Federação Local de Juventudes Libertárias de Barcelona. Ele começou dizendo que, enquanto era invocada a unidade, foram roubados os tanques de guerra do armazém das indústrias de guerra e levados para o Quartel Karl Marx. Perguntou-se com que finalidade isso foi feito. Lembrou também do caso das batatas podres, ressaltando que, enquanto as mulheres ficavam nas filas e passavam privações, as Patrulhas de Controle encontraram em um armazém clandestino do Conselho de Abastecimentos cerca de 21 mil quilos de batatas apodrecendo, e que no momento em que Comorera descobriu a situação, enviou um piquete de guardas ao local. O manifesto então perguntou: quantos armazéns clandestinos teria Comorera em Barcelona? Falou também do caso de Reus, quando uma comissão pró-Madri criada por CNT, FAI, JJLL e POUM recolheu armas e joias que foram entregues ao Conselho Municipal para, então, serem enviadas ao Conselho de Economia. Nesta mesma localidade, o Comissário Geral de Ordem Pública, Rodríguez Salas, enviou com “abomináveis intenções” – não especifica exatamente o que isso queria dizer – quatro caminhões de Guardas de Assalto, só evitando uma tragédia graças ao Delegado de Ordem Pública de Tarragona, da Esquerda, que se opôs à passagem das tropas por Tarragona, e ao Presidente do Conselho Municipal de Reus, que negou a entrada das tropas. O manifesto ainda completou dizendo que era esperado que Salas fosse pessoalmente até a localidade, pois isso propiciaria o esclarecimento dos fatos de 1920-1924, quando ele exigiu do caixa dos sindicatos uma quantidade de dinheiro sem comprovante. Por isso, então, bradou:

Podríamos citar muchos casos más, que demuestran palpablemente que Rodriguez Sala es UN AGENTE PROVOCADOR; tales como el de Granollers, donde hizo algo parecido a lo de Reus, a pesar de las advertencias telefónicas y personales de Tarradellas, y estamos dispuestos a probarlo donde sea. No queremos hacernos pasados relatando muchos otros casos cuyos datos poseemos. Para muestra basta un botón... Pero decimos que la vida político-social de Cataluña no puede continuar por más tiempo en manos de individuos de tan baja catadura moral. Martín, Comorera y Rodríguez Sala deben comparecer ante un Tribunal del pueblo, ante un tribunal revolucionario. No puede haber unión posible con quienes a diario la traicionan. Si se quiere la unidad y se quiere evitar una catástrofe, hay que apartar de los cargos públicos a PROVOCADORES y CHANTAGISTAS. Hay que hacer justicia para todos, los de abajo y los de arriba. **Martín, Rodríguez Sala y Comorera, deben ser apartados de los cargos que ocupan y juzgados rápidamente.** Lo piden las

Juventudes Libertarias. Lo exige el pueblo trabajador y revolucionario. ¡Justicia!
¡Justicia!¹³⁴⁷.

Dia 27 de março, o Tierra y Libertad trouxe um manifesto¹³⁴⁸ dirigido aos proletários da Espanha propugnando uma aliança com a UGT, pedindo que se realizasse assembleias de unificação. Trouxe novamente um artigo¹³⁴⁹ sobre entrega de armas que estivessem na retaguarda, mas salientando que as do governo também deveriam ser enviadas. Outro artigo¹³⁵⁰ interessante desta edição tratou do tema dos anarquistas e o governo. Afirmou que não se podia falar em realizações totalitárias neste momento, pois havia uma colaboração com as outras forças e que se intervinha na guerra por meio da participação no governo. Fez uma referência de Malatesta para enfatizar que os anarquistas precisavam buscar influenciar as revoluções ao máximo possível no sentido libertário, exigindo direito à livre experimentação para os que quisessem viver de acordo com os princípios anarquistas. Salientou que a realidade fez com que os anarquistas enfrentassem novos problemas, e que a entrada no governo não era uma retificação de seus métodos, devendo-se exclusivamente às condições circunstanciais da guerra.

O Soli do mesmo dia 27 trouxe mais uma pequena matéria sobre o problema dos abastecimentos. Novamente, falou-se do elevado preço dos alimentos e relacionou isso com a permanência do sistema capitalista.

El tendero, el almacenista, el asentador, son productos directos del régimen capitalista. Nacidos al calor de aquel sistema de vida que el más fuerte es el que más dinero tiene, se resisten a morir bajo un sistema de socialización que ya se vislumbra y que aquí se ha encayado con resultados positivos. Por eso y por su egoísmo de oficio, se convierten en agentes de la contrarrevolución, jugando con fuego, pues parecen ignorar el peligro de sus torvos trabajos, en tiempos como los que corremos. Están asistidos estos monstruos de la vieja Economía por los políticos de toda laya que si niegan a caminar por las sendas nuevas que abre la Revolución, que al serlo, les abandona a ellos, servidores de las viejas costumbres. El caso es que los artículos de primera necesidad suben, suben constantemente, sin que nadie sea capaz de poner a este desenfrenado afán, que como una ola de maldición, se ha desarrollado de un mes a esa parte sobre nosotros, menguando los jornales de los trabajadores en un sesenta o un setenta por ciento¹³⁵¹.

Ainda no dia 27, o Boletín de Información publicou um novo manifesto, desta vez assinado apenas pela Federação Local de Grupos Anarquistas de Barcelona. O manifesto começou dizendo que se dirigia “[...] a los que no han perdido la noción de la guerra y de la

¹³⁴⁷ COMITE REGIONAL DE JUVENTUDES LIBERTÁRIAS DE CATALUÑA. ¡Justicia! ¡Justicia! ¡Justicia!
¡Entérate, pueblo! **Boletín de Información**. Barcelona, 26 mar. 1937, p. 6, grifo nosso.

¹³⁴⁸ TIERRA Y LIBERTAD. **Al proletariado de España**. Barcelona, 27 mar. 1937, p. 1.

¹³⁴⁹ Idem. **El pueblo esta en alerta**. Barcelona, 27 mar. 1937, p. 3.

¹³⁵⁰ Idem. **La participación en el gobierno**. Barcelona, 27 mar. 1937, p. 2.

¹³⁵¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **El precio de las subsistencias**. Barcelona, 27 mar. 1937, p. 3.

revolución que el pueblo español está viviendo¹³⁵²”, e então passou a falar sobre os motivos que induziam a atual crise – a da Generalitat, iniciada no dia anterior. Salientou que não era segredo para ninguém que a CNT e a FAI não exigiram representações de acordo com sua força numérica, e que permitiram que frações reduzidas fossem majoritárias no Conselho da Generalitat. Disse que a eles não interessava a representação, e sim vencer o fascismo, mas o mesmo não ocorria com outras forças políticas. Acrescentou o manifesto que, para evitar a crise, os anarquistas fizeram o que podiam, desde renunciar às consignas até aturar posturas que não agradavam. No entanto, ainda segundo o manifesto, a paciência tinha limites e, como não havia outra alternativa, iniciou-se uma crise de governo. Para que esta fosse superada, era preciso traçar com clareza a solução que figurasse como a mais oportuna. Por isso, disse que iria exigir as pastas que lhes correspondiam, pedindo que não se fosse ao Conselho para fazer política.

Desde la Consejería de Abastos no deben servirse los intereses de partido, sino los del pueblo en general. Y desde la Seguridad Interior, no debe tratarse de escamotear las esencias de la revolución en marcha, y ser inflexibles con todos los enemigos emboscados bajo la capa de “colores y colorines”, evitándoles las posibilidades de abusar de nuestra excesiva benevolencia. ¡Que nadie ostente ningún cargo oficial o social, si no es con el firme propósito de vencer al fascismo criminal, prescindiendo de todo medro personal! No queremos imponer a nadie nuestro criterio, pero tampoco aceptamos que nadie nos haga pasar por las horcas caudinas de partidos y partidillos. **Para que la crisis tenga una solución sensata y satisfactoria para todos, es indispensable que el Decreto recientemente publicado sufra una modificación tan fundamental que sólo quede del mismo el título**¹³⁵³.

Assim, partindo de tais premissas, o manifesto listou quatro exigências: 1- que os Conselhos fossem repartidos segundo a força de cada organização; 2- anulação imediata do Decreto de Ordem Pública da Generalitat, sendo substituído por outro que respondesse às aspirações de ambas centrais sindicais; 3- castigar severamente todo afã de ambições pessoais e imoralidade antirrevolucionária; 4- depuração dos corpos armados e das tendências fascistóides imiscuídos tanto na frente quanto na retaguarda. E o manifesto colocou uma última exigência, sem número, que era a de ser inflexível com todos os que não se submetessem às consignas de guerra e de revolução.

O Soli do dia 28 publicou uma pequena matéria¹³⁵⁴ em que falava dos problemas internos da UGT catalã. Na verdade, a reportagem repercutiu as palavras de Hernandez Zancajo, dirigente da Federação Nacional do Transporte da UGT. O artigo disse que a UGT catalã era

¹³⁵² FEDERACIÓN LOCAL DE GRUPOS ANARQUISTAS DE BARCELONA. A la opinión pública, a los trabajadores y a los anarquistas en general. **Boletín de Información**. Barcelona, 27 mar. 1937, p. 4.

¹³⁵³ Ibidem, p. 5, grifo nosso.

¹³⁵⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **¿Que normas sigue la U.G.T. en Cataluña?** Barcelona, 28 mar. 1937, p. 3.

praticamente nula entre os trabalhadores antes de 19 de julho de 1936, e seus poucos filiados não necessariamente eram afeitos às suas ideias, e sim contrários aos métodos e ideais da CNT. Após o 19 de julho, seu crescimento ocorreu essencialmente pela incorporação de elementos não proletários. O artigo ainda deu razão para Zancajo, quando este disse que a política oportunista levou a pequena burguesia ao comando da UGT, e que tinha mais razão ainda quando frisou que o PSUC utilizava a UGT para seus fins.

O Soli também publicou uma nota de Companys em que ratificava “seu propósito de conseguir a transformação social desejada pelo povo”. Nesta, o Presidente da Generalitat fez um histórico da luta antifascista e da atuação do governo catalão desde o 19 de julho, falando da importância da resistência popular ao golpe fascista. Salientou a necessidade “[...] de un Gobierno que pueda gobernar y se imponga a los que dificulta su labor [...]”¹³⁵⁵, ou seja, aos trabalhadores revolucionários, e falou ainda das mudanças de governos na Generalitat, da colaboração dos sindicatos e dos partidos antifascistas. Companys também citou algumas declarações anteriores do governo da Generalitat em que pedia um reforço da autoridade e uma atuação enérgica.

Dia 29 de março, houve uma curta reunião dos comitês cenetistas, quando Grunfeld falou rapidamente sobre as negociações realizadas na Divisão Durruti. Disse que dois batalhões teriam se reunido e acordado não aceitar Manzano como chefe da Divisão¹³⁵⁶, acrescentando que isso ocorria por Manzano ter recusado “permissões” e porque por qualquer motivo ele baixava em Barcelona. Agapito afirmou que, no fundo, o que existia era ambição de comando, pois “[...] hay compañeros que solo quieren estrellas”¹³⁵⁷. Depois de mais algumas falas sobre o assunto, acordou-se mandar o caso para que a Federação Local resolvesse. Castellote falou da crise da Generalitat e das tramitações para sua solução, acrescentando que, caso dependesse dos partidos e da UGT, tudo o que os cenetistas apresentassem seria rechaçado. Entretanto, Tarradellas teria dito que sem a CNT não se podia formar um governo, e que os cenetistas precisariam saber que o novo governo iria ter a mesma proporção do anterior. Falou-se de mais alguns assuntos, como a estruturação do novo Comitê Regional e, então, a reunião foi encerrada.

¹³⁵⁵ Idem. **El Presidente Companys, em uma nota, ratifica su propósito de conseguir la transformación social anhelada por el pueblo**. Barcelona, 28 mar. 1937, p. 8.

¹³⁵⁶ Reunir-se em assembleia e, mais ainda, recusar – ou aceitar – um comandante era uma prática típica das milícias, pautadas na democracia de base, que não tinha lugar em um exército convencional, sendo geralmente punido drasticamente, chegando mesmo à pena capital. Isso demonstrava que, de qualquer modo, essas práticas de democracia direta ainda existiam neste momento, mesmo que fossem residuais, embora fossem ficando cada vez mais raras e sendo cada vez mais coibidas.

¹³⁵⁷ CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 29 de março de 1937**, p. 1.

Ainda no dia 29 de março, o Boletín de Información publicou um artigo acerca da crise da Generalitat. Disse que a crise seguia por conta da falta de compreensão daqueles que tinham o dever de responder às ânsias do povo, e que os interesses de partido estavam sendo antepostos aos interesses coletivos. E completou:

La lucha antifascista, el heroísmo de todo un pueblo ha hecho posible transformar una rebelión militar en un movimiento revolucionario y más tarde, una guerra civil en una revolución constructiva; y hoy la consciencia de los hombres que luchan por una humanidad libre, entiende y exige que el Gobierno sea el exponente del clamor general que anima al pueblo catalán y español. Y para que esto no defraude el pueblo, es preciso y necesario que predomine el criterio elevado de la comprensión e inteligencia de todos los antifascistas para proseguir, camino adelante, la labor iniciado por las víctimas caídas en las calles de Barcelona el 19 de julio. Si no se impone esa mutua comprensión y no se facilita desde el Gobierno el acceso y el desarrollo de las aspiraciones de la clase trabajadora, no tardaríamos en ver unas divergencias que acarrearían serias complicaciones y que pondrían en peligro el factor de la guerra y el problema de la revolución. Para evitar eso, los que hablan en revolucionario y por tales se tienen, deben situarse a la altura del momento y abandonar esa posición intransigente de partido, yendo a la constitución de un Gobierno que represente la mayoría de la clase trabajadora, como garantía para ella de que sus anhelos y aspiraciones no serán defraudados ni por el Gobierno, ni por nadie¹³⁵⁸.

No dia 30, o editorial do Soli falou mais uma vez sobre a questão da crise da Generalitat. Disse que os problemas políticos da retaguarda absorviam a atenção da organização porque ele interferia na guerra, tinha que ser resolvido rapidamente e que o novo governo deveria ser um reflexo fiel da composição política da Catalunha, o que, segundo o editorial, parecia não ser o objetivo. Salientou que essa crise tinha mostrado a desonestidade quando se falava em unidade, pois cada um pensava apenas em si, e era por isso que ela ainda não havia sido resolvida. Afirmou que a linha diretriz do novo governo deveria se basear na importância que os sindicatos tinham na vida nacional e, especialmente, na Catalunha. Legislar de costas para os sindicatos seria inadmissível neste momento, uma vez que eles seriam a encarnação vital orgânica do proletariado:

La CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO no desea, en estos momentos, negar ni regatear su colaboración gobernante; pero siempre sobre la base de un plan de realizaciones inmediatas. En el orden de los sacrificios, podemos presentar extensa relación, la que nos acredita como enemigos del exclusivismo provocador por placer de situaciones enojosas. En mandato de nuestros Sindicatos, expresión orgánica del anhelo renovador y constructivo de las multitudes, inspira la conducta general de la Organización confederal. En un Gobierno dispuesto a impulsar la obra emprendida, dispuesto a dedicar especialísima atención a la guerra y a la Revolución – empresa, aunque bifurcada, convergente –, en un Gobierno responsable, porque le avale una lealdad sincera entre todos los sectores integrantes, en un Gobierno de estas características esenciales que no tema al anhelo revolucionario de las masas obreras, la C.N.T. está dispuesta a colaborar sin reservas de ninguna especie. En absoluto.

¹³⁵⁸ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Seguimos en crisis**. Barcelona, 29 mar. 1937, p. 1.

Mediten bien todos sus actitud, y procédase rápidamente a resolver la crisis planteada, pues nada hay que pueda causar mayores y más graves perjuicios a la Revolución y a la guerra, que estas situaciones de desagradable indecisión¹³⁵⁹.

Outra matéria veiculada pelo periódico foi uma nova nota sobre a questão dos abastecimentos. Esta começou contando o caso de Madri, visto que há anos, após um incidente, os comerciantes quiseram tirar proveito e aumentar o preço dos alimentos para um nível absurdo. Conforme a nota, bastou que as mulheres saíssem às ruas para que isso se encerrasse. Falou também de outro caso que ocorreu em Madri, quando oficialmente se permitiu a subida do preço do pão, mas a destruição de 180 ou 200 padarias fez a medida desaparecer. Então, continuou a nota, agora, em pleno período de guerra, ninguém fazia nada contra os especuladores. Afirmou que a atual crise da Generalitat tinha encantado tais especuladores, pois as forças que deveriam vigiar todos eles estavam ocupadas com questões de “politicagem”. Em razão disso, frisou:

Los que no trabajan porque la fortuna les mima y la benevolencia de un pueblo en revolución les tolera, no sienten el problema de los precios de estafa de los tenderos. En los restaurantes de lujo tienen cuanto puedan desear y más. Por eso montan en cólera cuando los necesitados tienen la avilantez de perturbar sus digestiones. Pero el pueblo – ese pueblo que cuando está indignado merece de los ahítos el cualitativo de quinta columna – [ilegível] paseando su pretensión por las calles y taladrando con miradas de odio esos cristales de comedores elegantes tras de los que se exhiben en torno a mesa bien surtidas los cómplices de los [ilegível] de los mercados. Y contra todo lo que ocurres, contra el fascismo, contra la inconsciencia de la retaguardia, contra los comerciantes sin pudor..., no cabe más que un consejo: ¡Imitad Madrid!¹³⁶⁰.

O mesmo Soli também publicou uma nova reportagem¹³⁶¹ falando da UGT catalã que, na verdade, era uma continuação da reportagem do dia anterior. Disse que o Comitê da Catalunha se reuniu para discutir a crise gerada por Zancajo e acusou a seção catalã da organização de estar se aprofundando no reformismo, motivo pelo qual estaria crescendo o descontentamento dentro da organização.

No mesmo dia, o Boletín de Información publicou ainda os extratos de um duro manifesto que fora avalizado pelo Comitê Regional das Juventudes Libertárias e pela Federação Local das Juventudes Libertárias de Barcelona. Denunciou-se ali

[...] la obra abiertamente contrarrevolucionaria de determinados sectores antifascistas en su afán – por ellos mismos a diario confesado – de volver a la República

¹³⁵⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Los Sindicatos, en la dirección de la cosa pública**. Barcelona, 30 mar. 1937, p. 1.

¹³⁶⁰ Idem. **Contiúa el escándalo en los precios de las subsistencias**. Barcelona, 30 mar. 1937, p. 8.

¹³⁶¹ Idem. **La U.G.T. prosigue en Cataluña su acusado declive hacia el reformismo**. Barcelona, 30 mar. 1937, p. 1.

democrática burguesa [...], colocándonos paulatinamente, cada vez con mayor aprieto, ante la alternativa de abandonar la Revolución o perder la guerra [...]¹³⁶².

Continuando sua denúncia, o manifesto afirmou que a Aliança Operária Revolucionária não se realiza “[...] porque al socialismo gubernamental le interesa más [...] la alianza con la burguesía republicana¹³⁶³”, e também salientou que determinados partidos antifascistas preparavam um armistício que dissolveria os “honrados” generais no seio do povo, entregando pedaços da Espanha a Hitler e Mussolini. Em relação à Segurança Interior, o manifesto disse que eram realizadas provocações de ordem pública para gerar conflitos e assim desarmar e prender os revolucionários. No plano internacional, segundo o manifesto, apoiava-se totalmente as medidas dos governos da França e da Inglaterra, em sua política de estrangulamento da Revolução Espanhola. Denunciou que na Biscaia os comitês anarquistas foram presos e os anarquistas eram perseguidos. Em Madri, os jornais e emissoras do POUM foram assaltadas. Maroto, chefe da coluna que levava seu nome, foi preso por sustentar concepções revolucionárias, enquanto Asensio, que entregou Málaga aos fascistas, seguia solto. Denunciou-se ainda que foram negadas armas para a frente de Aragão – onde os anarquistas eram majoritários –, que a economia catalã era boicotada pelo governo central, que o mesmo governo central retinha o ouro e respeitava as fortunas dos capitalistas – o que nem o fascismo fazia –, que poderiam ser usados para fins de guerra, que mandavam os filhos do povo para a frente de batalha enquanto se mantinha corpos armados na retaguarda para fins contrarrevolucionários, que se permitia aos comerciantes especular enquanto o povo sofria privações. Assim, segundo o manifesto, o proletariado era traído e, mais vergonhoso ainda, isso era feito “[...] en nombre del liberalismo y de ideales de redención social¹³⁶⁴”. E, antes de fazer os tradicionais chamamentos finais, desta vez conclamando a todos para barrar o avanço da contrarrevolução, afirmou o manifesto:

Las juventudes Libertarias no queremos hacernos cómplices por más tiempo silenciando estos hechos, que hacen nacer en el pueblo revolucionario el virus de la desconfianza. Y sin estridencias, serenamente, revelamos al pueblo esos hechos que hacen con frecuencia brotar de sus labios la pregunta: “¿Traición?” Lanzamos la voz de ¡Alerta! y notificamos nuestra decisión de no hacernos responsables en absoluto del crimen y del engaño de que se trata de hacer objeto a la clase trabajadora. No se puede seguir así ni un momento más. O se cambien las conductas, haciendo honor a las palabras, o hacemos responsables con todas sus consecuencias, de todas las tragedias, a los farsantes de la política, emboscados en las filas del antifascismo. Estamos dispuestos a volver, si es preciso, a la clandestinidad a la lucha denotada

¹³⁶² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Las juventudes libertarias toman una firme decisión**. Barcelona, 30 mar. 1937, p. 3.

¹³⁶³ Ibidem, p. 3.

¹³⁶⁴ Ibidem, p. 4.

contra todos los falsarios, los tiranos del pueblo y los miserables mercaderes de la política. Y repetimos hoy: ¿Antes que renunciar a la lucha contra el fascismo, moriremos en las trincheras! ¡Antes también que renunciar a la Revolución, sabremos morir en las barricadas! ¡Como lo hacen los anarquistas! ¡Como Ascaso, Durruti y tantos millares de compañeros!¹³⁶⁵.

No dia 31 de março, o Solidaridad Obrera replicou uma matéria da imprensa soviética – do Pravda – sobre a Espanha, que havia sido publicada naquele país no último dia 22, para mostrar como os soviéticos estavam sendo informados sobre os acontecimentos. O artigo tinha como título “As Intrigas dos Agentes Trotskistas de Franco” e, na verdade, era uma resposta à defesa que o Soli havia feito em relação ao POUM, que estava sendo vilipendiado pelos comunistas oficiais. Segundo o artigo soviético, a defesa que o periódico anarquista fez dos “traidores trotskistas” era explicada “[...] por los oscuros elementos que se han filtrado en las filas de la organización anarco-sindicalista. Estos son los ex colaboradores de Primo de Rivera, de “Falange fascistas” y trotskista¹³⁶⁶”. Também salientou que estes “[...] agentes de Franco se han emboscado en la organización anarquista, con el fin de romper por dentro el frente del pueblo español [...]”¹³⁶⁷. No entanto, as massas anarcossindicalistas cada dia mais percebiam que era muito necessária uma disciplina de ferro, um Exército Popular e um governo popular forte. E seria por isso que os “inimigos do povo”, infiltrados nas fileiras do anarquismo, atacavam agora furiosamente a Frente Popular. Ainda segundo a fonte soviética, não seria coincidência que precisamente no momento em que os italianos se empenhavam em atacar Guadalajara, os trotskistas tenham organizado um atentado armado nas proximidades de Valência. O periódico “Nosotros”, acrescentou a fonte soviética, exigia a cada dia a libertação dos detidos que tomaram parte no levante armado, entre os quais, segundo a fonte soviética, existiriam fascistas declarados. E terminou sua apresentação da seguinte maneira:

La nota antisoviética de SOLIDARIDAD OBRERA nos demuestra que los trotskistas y otros agentes de la policía secreta alemana e italiana, quieren apoderarse del órgano central de los anarquistas. Este hecho ya ha alarmado a los dirigentes de los anarquistas catalanes, que quieren de veras luchar contra las fuerzas negras del fascismo internacional¹³⁶⁸.

O Soli fez alguns comentários logo abaixo da publicação soviética. Salientou que este procedimento usado era “indigno” e deixava bem claro seu protesto, acrescentando ainda que

¹³⁶⁵ Ibidem, p. 4.

¹³⁶⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **Como informa un Corresponsal de la prensa soviética a los trabajadores rusos**. Barcelona, 31 mar. 1937, p. 4.

¹³⁶⁷ Ibidem, p. 4.

¹³⁶⁸ Ibidem, p. 4.

isso era atentar contra a unidade dos trabalhadores. Mas podemos perceber pela imprensa soviética replicada pelo Solidaridad Obrera o que nós já apontamos antes: que a lógica stalinista, muito baseada nos Processos de Moscou, havia sido transpassada para dentro da realidade espanhola, de modo que tudo o que atentasse contra a unidade antifascista baseada no reformismo republicano era qualificado como “sabotagem” e “traição”, e que muitas vezes estes epítetos eram usados como sinônimo de trotskismo, mesmo que estivesse se falando dos anarquistas.

O mesmo Soli publicou uma matéria¹³⁶⁹ sobre a quantidade numérica de militantes da CNT, alegando ter apenas na Catalunha um número em torno de um milhão de filiados neste momento ou, mais precisamente, 954.547 filiados, utilizando dados do último Congresso Regional de Sindicatos. Publicou também um novo artigo sobre os abastecimentos e, após fazer denúncias sobre os preços, bradou:

Si los comerciantes avaros y sin pudor se obstinan en esquivar [ilegível] disposición del Consejo de Economía, según la cual han de regir para los artículos los mismos precios que el 19 de julio, procédase sin tardar a transformar el comercio en lo que en justicia debe ser en estos momentos: un organismo de distribución controlado por los Sindicatos, porque dejarlo como está en la actualidad, esto es, como un trabuco particular para el redondeamiento de intereses privados, ofrece unas perspectivas trágicas, que a nuestro juicio hay que evitar a todo trance¹³⁷⁰.

No Soli do dia 1 de abril, publicou-se¹³⁷¹ que ainda não havia sido resolvida a crise da Generalitat e, portanto, um novo governo não tinha sido formado. As conversas entre as diversas forças políticas e sindicais continuavam. Foi falado também que era preciso agir com presteza e decisão, de modo a resolver rapidamente os problemas políticos da retaguarda, já que essa era uma das condições para se vencer a guerra, pois seria difícil vencê-la “[...] si precisamente no desaparece la guerra interna, que en la retaguarda devora inútilmente muchas energías, especialmente energías de orden moral¹³⁷²”. No entanto, no mesmo dia, o Boletín de Información acabou por publicar¹³⁷³ que a crise estava “virtualmente resolvida”. Em tom triunfal, falou que o espírito de justiça social da CNT permeou as massas de trabalhadores catalães, e transbordou para os outros setores antifascistas. O desenvolvimento da economia regional e, portanto, as probabilidades de triunfo na guerra e na revolução não seriam possíveis dando as costas para os trabalhadores. E, segundo o artigo, isso foi compreendido por todos os

¹³⁶⁹ Idem. **¿Cuántos afiliados tiene la C.N.T. en Cataluña?** Barcelona, 31 mar. 1937, p. 12.

¹³⁷⁰ Idem. **Continúan esquilmando al pueblo los mercaderes sin conciencia.** Barcelona, 31 mar. 1937, p. 12.

¹³⁷¹ Idem. **Tampoco ayer se formó el nuevo Consejo.** Barcelona, 1 abr. 1937, p. 4.

¹³⁷² Idem. **Hay que actuar con presteza y decisión.** Barcelona, 1 abr. 1937, p. 12.

¹³⁷³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hacia adelante.** Barcelona, 1 abr. 1937, p. 1.

dirigentes dos distintos setores, salientando que a CNT tem sabido manter seus pontos de vista e que tanto ela quanto a FAI saberão cumprir estritamente com seu dever.

Ainda neste dia, o Comitê Regional da UGT lançou a seguinte nota:

El Comité Regional de la Unión General de Trabajadores, ante la crisis planteada y entendiendo que **la solución de la misma ha de ser una garantía de que los acuerdos del nuevo Gobierno serán cumplidos indefectiblemente y no quedarán en palabras vagas, como hasta el presente ocurría**, acuerda protestar, en primer lugar, de que se le quiera colocar ante hechos consumados anunciando soluciones que no existen, al mismo tiempo que hace presente que de ninguna manera puede aceptar la responsabilidad de dejar toda la vida económica, de organización militar y garantía del orden público en manos de un sector cuya política hasta ahora no ha sido la más eficiente para garantizar el encauzamiento económico del país y la consecución de la victoria. La guerra es exigente, y a fin de que el Gobierno de la Generalidad pueda responder a la misma, precisan más garantías que no ofrece el hecho de que se busque la solución en la satisfacción de afanes monopolizadores de un sector sobre otro, por la unidad de los cuales precisa que todos los componentes del Gobierno destierren todo criterio de coacción y de imposición y se traten mutuamente con la máxima lealtad y confianza. La Unión General de Trabajadores prestará su colaboración si le son dadas las garantías suficientes de que no solamente se va a una revisión de los anteriores Gobiernos, sino que sea capaz de organizar todas las fuerzas morales y materiales de Cataluña para la guerra y para la victoria¹³⁷⁴.

No dia seguinte, 2 de abril, o Solidaridad Obrera deu a conhecer em seu editorial¹³⁷⁵ que a crise da Generalitat havia sido resolvida. Afirmou que o problema não era uma questão de pastas, e sim de uma mudança de rumos. O novo Conselho teria a mesma composição do anterior: 4 pastas para a CNT – Defesa, Indústria, Comércio, Saúde e Assistência Social –, 4 para a UGT – Justiça, Trabalho e Obras Públicas, Propaganda e Educação Física, um Conselheiro Sem Pasta –, 3 para a Esquerda – Segurança Interior, Cultura e Finanças – e uma para os Rabassaires – Agricultura. Ocorreu ainda uma reformulação nos Conselhos, dizendo o Soli que isso traria mais agilidade. Os nomes dos Conselheiros seriam divulgados ainda neste dia.

O Boletín de Información también repercutiu a solução da crise. Salientou que a organização confederal abriu novos caminhos, por onde deveriam passar as águas revolucionárias. E completou:

Somos trabajadores y poco políticos; eso no nos excluye, sin embargo, de llevar una colaboración desinteresada en el Gobierno de la Generalidad. Antes que todo somos sinceros. Nuestra sinceridad nos obliga a decir las cosas, tal como las ven los trabajadores y éstos en las circunstancias por que atravesamos entienden que el deber de todo gobernante, es vivir atento a los problemas planteados a la clase trabajadora, por los efectos de la guerra y de la revolución. Esperamos que en esta nueva etapa, el

¹³⁷⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **Ha quedado resuelta la crisis de la Generalidad**. Barcelona, 2 abr. 1937, p. 4, grifo nosso.

¹³⁷⁵ Idem. **Editorial. La crisis, resuelta**. Barcelona, 2 abr. 1937, p. 1.

Gobierno de la Generalidad será el fiel intérprete del sentir del pueblo catalán, en el cual está vinculado todo el proletariado español y en él se solidarizan los trabajadores todos del universo. Somos revolucionarios; lo hemos demostrado y como entendemos que la guerra no puede ser desglosada de la revolución, es por lo que esperamos que todos los sectores antifascistas seguirán el ritmo impuesto por los productores a ese maravilloso movimiento que asombra al mundo. El pueblo no puede ni debe ser defraudado. Este hace la guerra contra el fascismo y vierte su sangre en holocausto de un mejor vivir; eso le sitúa en plan de gestar toda la cosa pública. Ese proletariado tan abnegado como heroico, pide serenidad y rectitud en la administración de la hacienda pública. No permitirá jamás volver un paso atrás; hay que demoler y luego construir.¹³⁷⁶

E, encerrando sua elocubração, acrescentou:

Siguiendo las ansias del pueblo, no puede fracasar ningún Gobierno. Si este Gobierno de la Generalidad que dentro de poco entrará en funciones sabe interpretar fielmente sus palpitations, no cabe duda que la guerra recibirá un impulso formidable, pero para que éste sea decisivo, debe tener en cuenta el gobierno de la Generalidad, que es indispensable movilizar todo el oro. Cataluña tiene el derecho de recabar del Gobierno de Valencia todo cuanto le sea preciso para emprender la ofensiva en el frente de Aragón. Hay que acabar con los términos medios. Somos revolucionarios y luchadores de la libertad y para este noble fin queremos ir unidos con todos nuestros hermanos y por cuanto debemos estar en igualdad de condiciones, para eso sólo cabe poner, repetimos, en movimiento todo el tesoro de nuestra Hacienda. Es producto acumulado que pertenece al pueblo y el pueblo lo pide a voz en cuello, para convertirlo en armas para aplastar al fascismo. Queda pues el deber también a todas las organizaciones de **recabar de todos sus componentes, la máxima disciplina y el acatamiento a las disposiciones de un Gobierno que representa a todas las aspiraciones y el sentido revolucionario del momento**¹³⁷⁷.

No entanto, no mesmo Boletín de Información foi publicado¹³⁷⁸ um manifesto que veio da frente de Aragão e demonstrava que as bases não estavam vendo a criação do novo governo de forma tão otimista assim. Ele denunciou que havia um boicote de armas naquela frente de luta, falou em contrarrevolução na retaguarda, perguntou o motivo dos corpos armados ficarem na retaguarda e não serem enviados para a frente, denunciou a retenção do ouro por parte do governo central e terminou fazendo três exigências: 1- mobilização geral de armas, homens e dinheiro; 2- aquisição de armas com o uso do ouro disponível; 3- envio dos Corpos Armados da retaguarda para a frente de batalha.

Isso demonstra que, mesmo com a formação do novo governo e, embora os periódicos cenetistas tenham feito um esforço para passar a imagem de união do campo antifascista, a realidade era bem diferente. Os problemas eram bastante profundos para fossem resolvidos apenas com um rearranjo no governo da Generalitat. A questão que se colocava não era

¹³⁷⁶ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La crisis de la Generalidad esta virtualmente solucionada.** Barcelona, 2 abr. 1937, p. 1.

¹³⁷⁷ Ibidem, p. 1, grifos nossos.

¹³⁷⁸ Idem. **Juventudes Libertarias del frente de Aragón.** Barcelona, 2 abr. 1937, p. 4-5.

exatamente a política a se seguir, e sim o duelo de morte que estava sendo travado entre revolução e contrarrevolução. E um dos dois teria que bater em retirada.

No mesmo dia, ocorreu ainda uma reunião¹³⁷⁹ do Comitê Regional. Nesta, leu-se um informe de uma Plenária Nacional de Regionais e falou-se de um assassinato no Quartel Durruti. Toryho e Escorza entraram e passaram a tomar explicações sobre a provável nomeação de Fábregas para o Conselho de Economia. Em uma tentativa de provar que Fábregas era incompetente para o cargo, ambos expuseram uma série de números e informações. Xena disse que todas as razões expostas não chegaram a convencê-lo, mas que não colocaria obstáculos caso a maioria decidisse não nomear Fábregas. Toryho e Escorza continuaram e disseram que Calvet e Sala eram da mesma laia de Fábregas, acusando-o de fazer “desaparecer” fabulosas quantidades de dinheiro. Depois de mais algumas falas sobre outros assuntos, a reunião foi encerrada.

Essa ânsia de Toryho e Escorza em desprestigiar Fábregas, até acusando-o de roubo, demonstrava que entre os dirigentes anarquistas também estava ocorrendo uma disputa bastante acirrada. Mesmo que não saibamos o real motivo dessa rejeição de Fábregas, fato é que a organização estava se despedaçando: cisões entre os Conselheiros ou aspirantes a Conselheiros, oposição das bases nas ruas, formação de dissidências como os Amigos de Durruti, descontentamento nas ex-milícias, que recentemente haviam sido militarizadas. Tudo levava a crer que a organização cenetista estava correndo um sério risco de cisão, e isso preocupava bastante os dirigentes, ao mesmo tempo que tentavam em vão se aproximar ao máximo da UGT, aspirando mesmo uma fusão entre as duas centrais sindicais.

Ainda neste dia, o Soli publicou um artigo falando sobre Comorera, tentando demonstrar que ele não era a UGT e esta não era Comorera. Começou dizendo que o periódico não fugia de polêmicas quando era preciso, mas que não fazia isso de modo calunioso. Assim, disse o periódico que havia lido a nota pública do Comitê Executivo do PSUC reclamando de difamação pessoal de Comorera por parte do Soli. E completou:

No, camaradas del P.S.U.C.: Comorera no es la U.G.T. Ni el P.S.U.C. es la U.G.T., aunque en Cataluña actúe de inspirador de la misma. Es más, tradicionalmente, aquel camarada tiene poco que ver con ella, y en la actualidad no es sino un afiliado suyo, destacado, no como dirigente sindical, sino como político de la fenecida Unió Socialista de Catalunya. Aquí no puede decirse aquello de “quien pega el perro, paga el amo”, puesto que Comorera no es el amo de la U.G.T., que nosotros sepamos, aunque tampoco hemos sentido deseos de pegar a nadie, sino de poner el punto sobre la i a quien lo necesitaba¹³⁸⁰.

¹³⁷⁹ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunião realizada no dia 2 de abril de 1937**, p. 2.

¹³⁸⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **Cada cosa en su lugar. Comorera no es la U.G.T.** Barcelona, 2 abr. 1937, p. 12.

Nos dias 3 e 4 de abril, ocorreu nova Plenária de Locais e Comarcais¹³⁸¹. Na primeira sessão, foram proferidas críticas ao Comitê Nacional, tanto por não ter enviado circulares para as Federações Locais a tempo, quanto por conta do conteúdo do informe, sendo que quase todas as delegações presentes na plenária o reprovaram. A delegação de Hospitalet chegou mesmo a pedir a demissão do Comitê Nacional. Depois de várias outras reprovações do informe, a Presidência pediu que se confiasse no trabalho que se fazia. Em seguida, a comissão que havia ido até a Generalitat negociar em decorrência da crise de governo passou a expor seus resultados.

A segunda sessão tratou das relações com a UGT, quando foram feitas muitas críticas ao PSUC e seus dirigentes, que controlavam a organização na Catalunha, embora várias das intervenções tenham sido no sentido de se chegar a um acordo com a UGT. Foram feitas ainda críticas ao periódico Solidaridad Obrera pelo modo como fez a exposição da questão pedindo que fossem feitas algumas mudanças. Por fim, discutiu-se um pouco sobre a formação do novo governo. Na terceira sessão, foram discutidas questões mais gerais.

Ainda no dia 3 de abril, foi anunciado o novo governo. Curiosamente, nem o Boletín de Información nem o Solidaridad Obrera divulgaram sua composição inicialmente. Tal governo era provisório – durando até o dia 16 deste mês –, e não contava com a conformidade da CNT, motivo pelo qual os cenetistas não tomaram posse oficial de seus respectivos Conselhos, trabalhando, mas não participando das reuniões do Conselho da Generalitat. Apesar disso, a composição do governo era a seguinte:

Primeiro Conselheiro e Conselho da Fazenda e Cultura: Josep Tarradellas, Esquerra

Conselho de Ordem Pública: Artemi Agudé, Esquerra

Conselho de Agricultura e Abastecimentos: José Calvet, União de Rabassaires;

Conselho de Defesa: Francisco Isgleas, CNT;

Conselhos de Economia, Serviços Públicos, Assistência Social e Saúde: Juan Doménech, CNT;

Conselho de Obras Públicas, Trabalho e Justiça: Juan Comorera, UGT;

¹³⁸¹ REUNIÓN DEL PLENO DE LOCALES Y COMARCALES. **Ata da reunião realizada no dia 3 de abril de 1937.**

7 A DERROCADA

7.1 Do Governo Provisório ao Novo Governo

A formação do novo governo no dia 3 de abril não acabou com as desavenças que estavam ocorrendo no campo antifascista. Tanto era assim que a imprensa anarquista continuou falando em crise e pedindo unidade. Ainda no dia 3, por exemplo, o Boletín de Información falou em “intransigência”, que tornou impossível que se chegasse à solução desejada pela imensa maioria do povo catalão. Salientou que havia um setor que, “[...] y por cierto no el más numeroso, prolonga la crisis, obstruyendo el camino que debe llevarnos unidos, codo con codo, al triunfo de la causa proletaria y al aplastamiento del fascismo internacional¹³⁸²”. Falou também em unidade, destacando que havia chegado a hora da economia proletária, e que eram os sindicatos os chamados a reger os destinos da nova vida. Por isso, exigia-se seriedade e sentido comum. E, para finalizar, o artigo falou em tom de ameaça:

No tolerará el Pueblo trabajador que en nombre de un partido o de una secta, sea cual sea, puedan fracasar los anhelos y las aspiraciones de los que están formando parapetos en estas horas, con sus propios pechos, contra el fascismo internacional en todos los frentes de batalla. Los fusiles en manos de los trabajadores, lo mismo que los supieron esgrimir contra el fascismo, sabrán en su día volvernos contra quienes obstaculicen la alimentación necesaria de cuanto necesitan en los frentes y entorpezcan la cordialidad de la retaguardia, anteponiendo al bienestar colectivo, el interés egoístico de una fracción¹³⁸³.

O Soli deste mesmo dia também trouxe pedidos de união, e também advertiu sobre possíveis tentativas de, em nome da manutenção da unidade antifascista, fazer avançar a contrarrevolução. Em um artigo intitulado “O GEPCI e os Trabalhadores¹³⁸⁴”, afirmou que há meses havia feito uma reportagem em que se colocou contrário à entrada da pequena burguesia nos sindicatos – tal reportagem foi publicada no dia 19 de dezembro. No entanto, a pequena burguesia catalã formou, há algum tempo, uma agrupação denominada GEPCI, composta de diferentes seções do comércio, e aderida à UGT. As seções dos pequenos burgueses vendedores de pescado e concessionárias de postos nos mercados da cidade fizeram oposição desde o começo aos processos de coletivização da indústria, e uns 1.200 deles ingressaram na UGT. Os pequenos comerciantes tinham, segundo o Soli, 180 atendentes e 340 vendedores filiados à

¹³⁸² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La intransigencia prolonga la crisis**. Barcelona, 3 abr. 1937, p. 1.

¹³⁸³ Ibidem, p. 1.

¹³⁸⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **El G.E.P.C.I y los trabajadores**. Barcelona, 3 abr. 1937, p. 5.

CNT, com exceção de 3 atendentes e 27 vendedores que estavam na UGT. Todavia, afirmou o Soli, havia uma série de coerções dos pequenos patrões para que seus trabalhadores saíssem da CNT e fizessem o ingresso na UGT, ameaçando-os inclusive com demissão. Assim, disse o artigo, aquela advertência para que os pequenos burgueses não fossem aceitos nos sindicatos deu razão à CNT, que se perguntou como e por qua razão se aceitava tal situação. O mesmo Soli ainda fez nova denúncia¹³⁸⁵ do enriquecimento de comerciantes que especulavam em torno do preço dos víveres.

No dia 4, o editorial do Soli foi bastante duro com a crise da Generalitat. Sem falar diretamente a quem estava fazendo referência, disse que se bradava colaboração e transigência, mas que isso valeria apenas para um setor – a CNT –, e quando este não queria mais fazer concessões, “[...] cuando manifiesta vigorosamente su voluntad inquebrantable de no dar un solo paso más por el camino de la contrarrevolución, y propone, al mismo tiempo, un plan de realizaciones revolucionarias inmediatas¹³⁸⁶”, então rechaçava-se o plano sob o pretexto de que dessa forma a pequena burguesia poderia deixar de apoiar o antifascismo. Por isso, segundo o editorial,

[...] es posible que asistamos al espectáculo paradójico que nos brinda una organización obrera que, según sus figuras más representativas, sigue las inspiraciones del teórico de la lucha de clases, erigiéndose en defensora de la clase burguesa. En realidad, lo que ocurre es que se tiene un miedo loco a la Revolución. Mentalidades rutinarias, formadas en largos años de colaboración de clases, son incapaces de abarcar en su totalidad un proceso revolucionario de la magnitud del que estamos atravesando y reaccionan ante los problemas que el curso de los acontecimientos plantea igual que un liberalote burgués cualquiera¹³⁸⁷.

Continuando, o editorial salientou que dois dias antes havia falado que a crise estava resolvida. Na distribuição das pastas, existia uma paridade entre a CNT e a UGT, mesmo esta última sendo minoritária na Catalunha. Todavia, o que ocorreu para o acordado não ser efetivado? A única coisa clara, respondeu o próprio jornal, era que aquela solução foi considerada muito revolucionária pelos ugetistas, “[...] infinitamente más atentos, aqui en Cataluña, a la defensa de los intereses de la pequeña burguesia que a los de la Revolución proletaria¹³⁸⁸”. Finalizando, o editorial afirmou que a CNT, de 19 de julho para frente, sempre deu provas de sua tolerância, mas que não estava disposta a passar pelas forcas da contrarrevolução, e não queria mais continuar fazendo concessões.

¹³⁸⁵ Idem. **De día en día los mercaderes se superan en el latrocinio**. Barcelona, 3 abr. 1937, p. 12.

¹³⁸⁶ Idem. **La hora de la verdad**. Barcelona, 4 abr. 1937, p. 1.

¹³⁸⁷ Ibidem, p. 1.

¹³⁸⁸ Ibidem, p. 1.

Assim, fica claro que para os cenetistas – ou ao menos para uma parte deles –, não havia mais como ceder. A corda estava esticada ao máximo e, assim sendo, a situação caminhava para um embate mais duro entre cenetistas e stalinistas, apoiados por republicanos. E, como estes também não estavam dispostos a ceder, o conflito aberto era cada vez mais inevitável.

No mesmo número do Soli, ainda, foi apresentada uma matéria¹³⁸⁹ sobre a crise da Generalitat. Tratando da contrarrevolução em marcha e as negociações em meio à crise, falou em 7 medidas que a CNT defendia naquele momento: 1- depuração das forças de Segurança Interior e seus comandos; 2- eliminação dos comitês de última criação; 3- buscar uma compenetração entre os departamentos de Indústria e Comércio, para facilitar os abastecimentos; 4- apoio às coletividades agrícolas em todos os aspectos; 5- socialização da terra; 6- constituição de uma comissão assessora em cada Departamento; 7- revisão dos soldos oficiais.

No Boletín de Información do dia 5 de abril foi publicado um artigo assinado por H. Rudiger, vice-secretário da AIT. O artigo foi intitulado “Liberdade ou Ditadura na Espanha” e discutia questões relacionadas ao conceito de socialismo – que, afinal, ao menos em teoria, era o que se estava buscando alcançar na Espanha. Falou que o sistema capitalista chegou ao fim de suas possibilidades, mas em seu lugar “[...] **se va instalando outro sistema de capitalismo colectivo que ha de mantener la división en clases de la sociedad y salvar los privilégios de clase de los capitalistas**”¹³⁹⁰. A liberdade de concorrência do antigo capitalismo liberal era substituída por outro sistema de economia controlada e dirigida a partir de cima. Este novo regime de capitalismo dirigido, segundo Rudiger,

[...] implica la abolición de los derechos democráticos de las clases trabajadoras, y el cambio de sistema em dirección hacia el Estado totalitario se va realizando en todos los países capitalistas bajo formas diversas en la apariencia, pero que en la realidad todas tienden al mismo fin: la destrucción de toda libertad en favor de la instauración de un Estado omnipotente que ha de velar sobre el interés de las clases explotadoras de la sociedad humana¹³⁹¹.

Continuando sua explanação, o autor enfatizou que o socialismo, anarquista ou comunista, propunha criar uma nova sociedade baseada na liberdade completa dos indivíduos dentro de uma sociedade ordenada em que os meios de produção e a terra fossem propriedade coletiva dos que nela trabalhassem. Em relação à finalidade, comunistas e anarquistas estariam

¹³⁸⁹ Idem. **La crisis de la Generalidad**. Barcelona, 4 abr. 1937, p. 1 e 4.

¹³⁹⁰ RUDIGER, H. Libertad o dictadura en España. **Boletín de Información**. Barcelona, 5 abr. 1937, p. 4, grifo nosso.

¹³⁹¹ Ibidem, p. 4.

então de acordo. Contudo, perguntou o autor, como chegar a esse sistema de cooperação voluntária no período de transição, sendo que o proletariado ainda não estaria capacitado para tomar a responsabilidade da nova economia e os inimigos internos e externos da revolução a ameaçariam pela força? O autor respondeu que, para os comunistas, havia a necessidade de uma ditadura do proletariado, e que, para ele, isso era a ditadura de um partido e nunca terminaria com a supressão do Estado e a constituição de uma sociedade de livre produtores – ou seja, à sociedade sem classes sociais –, tendo como resultado a perpetuação do partido único no poder.

En realidad, el problema de la reconstrucción de la sociedad sobre las bases de la justicia social y de la libertad y dignidad humanas, es una cuestión de educación y capacitación del proletariado para encargarse de la dirección de la economía y de la defensa de la revolución. El marxismo, los partidos políticos y los sindicatos reformistas, en Alemania, por ejemplo, no hacían nada en este sentido. El resultado era el fracaso de la clase obrera ante el fascismo. El anarcosindicalismo, en cambio, siempre ponía de relieve la necesidad de preparar el proletariado para el trabajo constructivo que empezaría en el día después del hundimiento del régimen capitalista. Si el socialismo, si la justicia social ha de basarse en la libertad de todos los seres humanos, la autonomía y la autodeterminación de los productores ya tienen que desenvolverse desde el principio de la obra de la reconstrucción. El sindicalismo revolucionario, expresión de los ideales anarquistas en el terreno económico y escuela de preparación del proletariado para vivir, más tarde, en una sociedad de comunismo libertario y hasta de anarquía en el sentido más humano de la palabra, el sindicalismo revolucionario enseñaba al proletariado un camino de la libertad. La libertad, para el anarcosindicalismo, no sólo es la finalidad de una sociedad en un futuro lejano, sino el mismo principio de la acción, el fundamento de la reconstrucción económica y social¹³⁹².

Rudiger ainda acrescentou que os anarcossindicalistas de todos os países travavam uma luta desigual contra os partidos que desfiguravam o sentido do socialismo, mesclando-o com ideias ditatoriais ou concepções de democracia burguesa que nada tinham a ver com o ideal de emancipação do trabalho. Segundo ele, a famosa frase de Marx, “A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” estava na boca de todos, mas a tática política do movimento operário estava em contradição com ela. Ele ainda afirmou que o anarcossindicalismo era forte somente na Espanha, mas que a CNT era o baluarte do “verdadeiro socialismo”. Falou também da pretensão cenetista em chegar a uma aliança com a UGT, acrescentando que ela não tinha a intenção de realizar a nova ordem social, uma vez que as condições impediam, mas que ela evitaria a instauração de uma ditadura, a qual todos os povos lutam contra. Com isso, finalizou seu raciocínio:

La finalidad suprema del movimiento obrero internacional es la consecuencia de la libertad y autodeterminación de los productores. Hasta ahora en ningún país del mundo el movimiento obrero ha intentado realizar un ensayo de reconstrucción social

¹³⁹² Ibidem, p. 5.

en una base antidictatorial. Es por primera vez que en un país surge un movimiento verdaderamente social revolucionario que tiende a abolir la dictadura en todas sus formas y el poder absoluto del Estado para reemplazarlos por una alianza de obreros organizados que se encargan ellos mismos de la dirección de la cosa pública y de la economía. Ciertamente, los anarquistas y anarcosindicalistas prestan colaboración a sectores políticos y hasta en instituciones del Estado que antes habían rechazado siempre. Pero lo que caracteriza su táctica no es esto sino su lucha tenaz por la alianza obrera que en realidad sostiene y posibilita la guerra contra el fascismo y la obra reconstructora de la economía. Mientras que en todos los países el autoritarismo encuentra un ambiente cada vez más favorable porque los pueblos en su desesperación no ven ningún medio para salvarse ellos mismos del abismo al cual los lleva el capitalismo, en España, en el clásico país del anarcosindicalismo, se enseña al mundo un nuevo camino de liberación verdadera, el de la alianza de los obreros organizados sindicalmente, la cual está en condiciones de evitar la dictadura la que nunca es un factor creador sino siempre el síntoma de una civilización en plena degeneración¹³⁹³.

Este artigo de Rudiger, apesar de elucidativo em alguns aspectos, deixou a desejar exatamente no ponto central de sua tese: a do abandono dos princípios socialistas. Se, por um lado, era correto que os partidos comunistas haviam abandonado vários dos postulados centrais do socialismo – e nem vamos entrar aqui no mérito de que seja possível alcançar uma sociedade sem classes via partido político ou não –, por outro lado não era menos certo que a CNT, essencialmente em seus quadros dirigentes, também o havia feito – e o próprio Rudiger afirmou. Isso não era segredo para ninguém. Os próprios dirigentes deixaram bem claro em vários de seus discursos e em reuniões da organização cenetista. Podemos até fazer alguns esclarecimentos sobre isso, como o fato de que, para muitos dirigentes, a renúncia à implementação do que eles denominavam de comunismo libertário era mais por uma questão conjuntural que por um abandono de princípios em definitivo, mas isso não muda o fato: a CNT, neste momento, não estava caminhando para a implementação do ideal, e sim fazendo de tudo para que a unidade antifascista fosse mantida, mesmo a custa do processo revolucionário. O mesmo não podemos dizer dos anarquistas de base e dos comitês de bairro e cidade, majoritariamente formados por anarquistas também. Assim, a crítica central de Rudiger no artigo dirigia-se não ao modo de produção, ou seja, às relações capitalistas de produção, e sim a uma possível implantação de uma ditadura – cujo perigo era real, digamos de passagem. O próprio artigo de Rudiger era um sintoma do abandono da meta final por parte de muitos anarquistas.

Ainda no dia 5 de abril, houve um ato organizado pelo Sindicato de Espectáculos Públicos no Cine Coliseum, dedicado à frente de Aragão – e publicado no *Soli*¹³⁹⁴ do dia

¹³⁹³ Ibidem, p. 6.

¹³⁹⁴ SOLIDARIDAD OBRERA. **Los compañeros Cortéz, Ortiz y Joaquín Ascaso, así como los otros oradores, proclamaron una vez más la ineludible necesidad de vencer en la guerra y en la Revolución.** Barcelona, 6 abr. 1937, p. 2.

seguinte. Exibiu-se um filme chamado “O Assento Vazio” e, então, vários oradores cenetistas falaram. Entre eles estava J. Cortez que, em nome do Comitê Regional, falou sobre o que denominou sacrifício da CNT, chegando a renunciar muitos de seus postulados, embora segundo ele a organização estivesse decidida a impulsionar a socialização absoluta. Acrescentou também que os homens da CNT estavam dispostos a enfrentar os partidos políticos, caso fosse necessário, para levantar a economia destruída em consequência da velha política. Referiu-se à crise da Generalitat como a pretensão de certo setor que simplesmente desconhecia a Revolução Espanhola.

Outro importante orador a discursar foi A. Ortiz, que falou sobre a frente de Aragão e sua falta de equipamentos militares, mas que, mesmo assim, era a única frente na qual sempre se tinha avançado, sem perder um milímetro de território. Isso porque, segundo Ortiz, lá se estava disposto a ganhar a guerra, mas também a fazer a revolução, o que assustava alguns. Também discursou no ato Joaquín Ascaso, Presidente do Conselho de Aragão, quando falou que a Catalunha desconhecia que em Aragão as duas centrais sindicais trabalhavam juntas, que tanto a CNT quanto a UGT dali afirmavam a necessidade da coletivização absoluta, mas que se respeitava a pequena propriedade, desde que ela fosse suficiente apenas para o camponês e sua família. Acrescentou que considerava a Catalunha como sua mãe, mas que isso não poderia ser compreendido como um estrangulamento de sua personalidade. Caso contrário, Aragão voltaria-se contra sua mãe. Depois de mais algumas palavras, Ascaso encerrou sua fala e o ato terminou.

No dia 6 de abril, o Soli publicou uma nota destacando que na localidade de Castellar del Vallés, na província de Barcelona, representantes da CNT e da UGT da localidade se reuniram em uma “magna assembleia” e expuseram o desejo não apenas de unidade, mas de fusão “[...] de las dos centrales sindicales, ya que de esta fusión depende el triunfo de la guerra y la Revolución¹³⁹⁵”. Seria um passo para a unificação sindical na Espanha revolucionária?

O mesmo Solidaridad Obrera ainda publicou dois artigos importantes. No primeiro deles, tentou responder a motivação pela qual a UGT catalã, ao contrário de sua Executiva Nacional e de outras localidades, tem estado tão distante da CNT. Segundo o artigo, isso se dava porque na Catalunha

[...] existe un partido que, [...] “cabalga” a lomos de la U.G.T. para desarrollar y conseguir sus propósitos [...]. Ese partido, que monopoliza en nuestra región la dirección de la organización sindical hermana, es el mismo que en el resto de España

¹³⁹⁵ Idem. **En Castellar del Vallés se ha fusionado la C.N.T con la U.G.T.** Barcelona, 6 abr. 1937, p. 9.

ha torpedeado, muy sutilmente, el establecimiento de un pacto entre las dos grandes centrales sindicales, sin lograr conseguir los objetivos señalados¹³⁹⁶.

Além disso, o artigo questionou se, de um ponto de vista estritamente sindical, era tolerável a intromissão de partidos políticos em questões internas do movimento operário organizado, ainda mais com o fim de torpedear uma aliança entre os trabalhadores. E, concluindo, salientou que o PSUC se encontrava nesta posição, e era por isso que na Catalunha uma aliança com a UGT estava tão difícil de se alcançar.

O segundo artigo importante falava sobre a incorporação da pequena burguesia à revolução que, para o autor, havia finalmente começado. Depois de afirmar que o momento atual pertencia ao proletariado, disse que os pequenos varejistas do ramo da alimentação tinham compreendido isso, como mostraria uma carta da União Gremial de Sant Martín dirigida à Seção de Alimentação do Ramo da Distribuição da CNT, na qual havia um trecho que reconhecia que todas as atividades de caráter social estavam exclusivamente reservadas aos sindicatos. Tal reconhecimento deveria, segundo o texto, marcar o caminho a seguir para a pequena burguesia que estava no GEPCI e era apoiada materialmente pela UGT, PSUC e partidos governamentais. Com isso, fez um chamamento:

¡Camaradas, compañeros trabajadores, auténticos revolucionarios de nuestra hermana sindical Unión General de Trabajadores! ¿Hasta cuando vals a tolerar que en el seno de vuestra organización tenga voz y voto, tenga la gran influencia contrarrevolucionaria que tiene en vuestros directivos esa entidad patronal, apoyada con todo el descaro por uno de los más altos líderes del Partido Unificado de Cataluña? Tomad ejemplo de vuestros hermanos de Asturias, que públicamente han dicho en un memorable manifiesto que no reconocen como Sindicato adherido a la U.G.T. a entidades que hasta el 19 de julio hubieran tenido caris burgués, y todos sabemos que los componentes del G.E.P.C.I., en dicha fecha, eran y son todavía nuestros propios burgueses, integrantes, incluso algunos de ellos, del Comité patronal que había en nuestra última huelga mercantil y que tanto esfuerzos nos costó a todos vencerles¹³⁹⁷.

Ainda no dia 6 de abril, houve uma reunião do Comitê Regional¹³⁹⁸. Nesta, Torres falou sobre a situação dos anarquistas franceses e a compreensão que eles tinham da Revolução Espanhola, acrescentando que muitos deles tinham uma visão equivocada. Sobre os víveres, salientou que o Cônsul de Perpignan colocava inconvenientes. Valerio Más leu uma carta dirigida a Companys sobre a crise atual, na qual dizia que os cenetistas queriam encontrar uma solução, bem como se eles não aceitaram o “governo de força” que Companys nomeou não foi

¹³⁹⁶ Idem. **¿Por qué en Cataluña no mantienen las dos sindicales relaciones fraternas?** Barcelona, 6 abr. 1937, p. 12.

¹³⁹⁷ GINÉS, Manoel. La pequeña burguesía empieza a incorporarse a la revolución. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 6 abr. 1937, p. 10.

¹³⁹⁸ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunião realizada no dia 6 de abril de 1937**, p. 3-4.

por falta de respeito a ele, mas porque acreditaram que era fruto do nervosismo do momento, cujos culpados pertenciam à outra central sindical. Também foi lida a resposta de Companys à carta. Concordou-se que no dia seguinte “em nosso porta-voz” – o Solidaridad Obrera – iniciaria-se a “defesa da verdade” e a “justificativa de nossa posição”. Foi quando se começou a discutir sobre o ocorrido em Olesa de Montserrat. O representante da Saúde disse que a Guarda Civil fez uma agressão à localidade, o que gerou um morto dentre eles, e como represália prenderam oito cenetistas, além de praticarem outros casos de abuso de poder, incluindo roubos de pertences e confisco de armas. Quando a comarca soube de tal agressão, trabalhadores armados foram para a região e foi declarada uma greve geral até que os detidos fossem soltos. A ordem para a operação teria partido de Rodríguez Salas, com colaboração do PSUC. Eroles disse que havia investido nesse assunto desde o começo, e salientou que Aiguadé era o primeiro interessado a não libertar os presos. Advogou que o Comitê Regional fizesse um enérgico protesto e exigisse a libertação dos presos. Eroles acrescentou que a situação parecia ter se agravado bastante, já que Companys queria apresentar sua demissão, o que, segundo ele, faria cair a culpa da crise em cima dos cenetistas. Disse que a UGT e o PSUC faziam de tudo para conseguir alterar a ordem, aproveitando até o enterro do guarda morto. Rogou ao Comitê de Defesa e a todos da organização que no dia seguinte estivessem prevenidos contra a alteração da ordem, bem como comunicou que falou para todos os Coronéis e Capitães que eles seriam responsáveis por tudo o que viesse a acontecer. Acordou-se que os guardas deveriam ir ao enterro no dia seguinte sem armas, inclusive, sem a pistola no cinto. Falou-se um pouco sobre Valls e outros assuntos para, então, encerrar a reunião.

Em tal reunião, podemos ver o quanto os ânimos estavam exaltados. Eram cada vez mais frequentes os choques entre os cenetistas, de um lado, e as forças públicas e ugetistas-psuquistas, do outro. O que estava ocorrendo era que o Estado estava recompondo – e com o auxílio dos anarquistas, diga de passagem – rapidamente suas atribuições “normais”, em detrimento dos processos revolucionários, mas a resistência entre os anarquistas estava crescendo, mesmo entre os dirigentes. Os cenetistas estavam na defensiva, e um conflito de grandes proporções poderia estourar em um curto espaço de tempo.

No dia 7 de abril, o Solidaridad Obrera falou¹³⁹⁹ de forma superficial sobre os acontecimentos de Olesa de Montserrat, salientando que os Guardas de Assalto, com a finalidade de fazer investigações, prenderam os trabalhadores, desarmaram as Patrulhas de Controle e tomaram o povoado militarmente. No mesmo Soli, o Comitê Peninsular da FAI

¹³⁹⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Los lamentables sucesos de Olesa de Montserrat**. Barcelona, 7 abr. 1937, p. 4.

lançou uma nota¹⁴⁰⁰ dirigida a todos os grupos da organização onde falava na existência de manobras obscuras de determinados elementos antifascistas e pediu que todos os grupos ficassem em guarda, além de recomendar que nenhum grupo ou pessoa assinasse qualquer documento em conjunto com outras organizações enquanto estas não se entendessem diretamente com os órgãos responsáveis da organização específica. Definitivamente a unidade antifascista estava em uma série crise.

Um outro artigo importante publicado nesta mesma edição dizia respeito à pequena burguesia e suas relações com o proletariado. Salientou que desde o começo os anarquistas fizeram chamamentos à pequena burguesia para que ela se incorporasse ao movimento revolucionário, e que tais chamamentos foram bem vistos pela opinião pública. A Patronal de um dos ramos mais importantes da Catalunha, composto majoritariamente por patrões modestos, chegou a fazer assembleias para tratar da marcha normal da indústria, sob controle e permissão da UGT e da CNT. Isso, segundo o artigo, atraiu simpatias de muitos pequenos comerciantes e industriais, que

[...] no tuvieron inconveniente de ninguna especie en socializar sus negocios, convirtiéndose automáticamente en obreros con los mismos derechos y deberes que los demás. En aquellos momentos, todos los pequeños patronos, sinceramente antifascistas, se incorporaron, sin dilación, a la labor constructiva que el proletariado afrontaba con singular valentía. En la práctica, las dos clases sociales más próximas, convergían en una labor común que prometía – y promete – los más halagüeños resultados para la causa de la justicia y de la libertad¹⁴⁰¹.

No entanto, continuou o artigo, alguns não viram isso com bons olhos e se começou a trabalhar ativamente para acabar com esta unidade. Iniciou-se uma manobra política que culminou com a entrega de todo o comércio varejista à pequena burguesia, muitos dos quais eram fascistas, e certos setores se converteram em defensores de seus interesses. Mas, continuou, os anarquistas têm mantido sua posição de respeitar a pequena burguesia e, ao mesmo tempo, promover a socialização da indústria e comércio, pois somente assim se poderia controlar os preços dos víveres e dirigir recursos para que se pudesse ganhar a guerra.

No mesmo dia 7, o Boletín de Información publicou¹⁴⁰² algumas consignas da Seção de Alimentação do Sindicato Único da Distribuição, dirigida para os vendedores, varejistas e comitês de controle e de empresa. Eram cinco obrigações que todos teriam que cumprir neste

¹⁴⁰⁰ COMITE PENINSULAR DE LA F.A.I. A todos los grupos adheridos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 7 abr. 1937, p. 2.

¹⁴⁰¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **La pequeña burguesía y el proletariado**. Barcelona, 7 abr. 1937, p. 1

¹⁴⁰² SINDICATO ÚNICO DE LA DISTRIBUCIÓN (SECCIÓN ALIMENTACIÓN). Consignas para los dependientes, detallistas y Comités de control y de empresa afectos al ramo de la alimentación. **Boletín de Información**. Barcelona, 7 abr. 1937, p. 6.

momento: 1- os vendedores fiscalizariam os preços de venda ao público, sendo que exigiriam diariamente as faturas de compras de seus patrões, assim como as vendas seriam racionadas; 2- os delegados sindicais de bairro e centro também teriam poder para fiscalizar os preços; 3- os varejistas seriam obrigados a exigir todos os comprovantes ou faturas de compra dos atacadistas e, caso negassem, teriam que notificar imediatamente a Secretaria; 4- os comitês de controle e de empresa atacadistas teriam as mesmas taxas de lucro dos intermediários e, sob nenhum pretexto, poderiam sobrepassá-los; 5- os atacadistas forneceriam, por sua vez, sem privilégio algum aos varejistas, sem especulações.

O destaque aqui cabe ao papel reservado aos delegados sindicais de bairro no setor de abastecimentos que, mais uma vez, entravam em choque com o que propugnavam Comorera e o PSUC. E esta consigna nº 2 mostrava ainda que os bairros eram um dos grandes impulsionadores dos movimentos coletivistas e que tentavam ao menos frear o setor privado e sua consequente especulação nos preços dos alimentos.

Ainda no dia 7 de abril, durante o período noturno, houve no Teatro Olympia um comício da CNT, onde se tratou principalmente da crise da Generalitat. Tal evento começou com uma apresentação de Valerio Más, que logo passou a palavra para o primeiro orador, J. Cortes. Este fez um histórico do movimento operário desde o século XIX até a instauração da república. Falou que a Espanha tinha um regime republicano, mas que não havia republicanos, e que os dirigentes desta careciam de compreensão política e social, não atacando as bases do mal-estar espanhol. Também disse que, em 19 de julho, a CNT se encontrou nas ruas lado a lado com a Generalitat e com as forças que estavam à margem da organização. Com isso, a organização passou a ser considerada uma parte da frente antifascista, sendo que nesta não poderiam existir diferenças entre seus elementos. Cortes afirmou que depois de consultar a massa confederal se decidiu ir ao governo da Generalitat, fazendo “[...] dejación de tudo cuanto había sido circunstancial com nuestros principios¹⁴⁰³”. E completou:

Para evitar toda suerte de antagonismos fuimos con nobleza a la Generalidad. Se aceptó gobernar en la Generalidad siendo allí una minoría, pues fuimos con todo el entusiasmo y el ardor de luchadores dispuestos a laborar de común acuerdo con los demás sectores¹⁴⁰⁴.

Continuando sua explanação, Cortes salientou que a CNT estava sendo o centro de uma campanha difamatória, tanto em suas concepções políticas quanto econômicas, e um dos

¹⁴⁰³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Con un lleno desbordante se celebró anoche en el Olímpia el mitin organizado por el Comité Regional de la C.N.T.** Barcelona, 8 abr. 1937, p. 4.

¹⁴⁰⁴ Ibidem, p. 4.

principais alvos seriam as coletividades rurais que, para ele, estavam sendo sabotadas. Negou também as acusações de que os cenetistas queriam destituir Companys ou fazer desaparecer a Guarda Nacional Republicana e outros órgãos armados. Encaminhando para o final de sua fala, Cortes salientou que as coisas necessitavam de um mínimo de disciplina, e que o valor da Confederação estava exatamente na unidade, na luta coordenada. Disse que não sabia como a crise evoluiria, mas que ela não fora plantada pela CNT. Acrescentou que o Comitê Regional disse que não faria concessões, mas que não negaria formar parte de todos os organismos que os seguiram. Terminou dizendo que os trabalhadores da CNT não vão contra os trabalhadores da UGT, que os partidos de democracia burguesa já cumpriram seu papel e que os únicos organismos capazes de chegar a um acordo e de reger a vida social eram a CNT e a UGT, tanto no problema da guerra quanto no problema econômico. E finalizou dizendo:

Hemos destruido y vamos a destruir un mundo de privilegios, y cuando termine la guerra tenemos que reconstruir a España, tenemos que reconstruir un mundo nuevo, donde los destinos de la economía no estén regidos por la burguesía del 14 de abril, sino por trabajadores que luchan y trabajan¹⁴⁰⁵.

O segundo orador a discursar foi Fábregas. Este falou sobre costurar um pacto com os povos da Ibéria, dirigiu-se ao proletariado catalão para falar em união – que certos setores estavam querendo minar –, salientou que desde 19 de julho a Confederação tinha exposto sua concepção federalista ante os problemas dos povos da Ibéria, e que era necessário que a revolução se ocupasse disso também, além de acrescentar que a Confederação vinha enfrentando o problema do nacionalismo. Fábregas também se referiu à pequena burguesia, salientando que era preciso estudar os fatores que no início do movimento fizeram com que ela se insurgisse de forma contrarrevolucionária. Do mesmo modo, agora, ela tentava reviver de modo contrarrevolucionário. Fábregas também falou que a Confederação, em seu trabalho na Generalitat, trabalhou de forma leal, combatendo imposições unipessoais, e denunciou a campanha de determinados elementos, que servia para incrementar o poder da pequena burguesia. Salientou que se empregava um trabalho de descredito em relação ao Decreto de Coletivizações. O momento seria grave, e era preciso evitar manobras de “baixa política”, já que isso facilitaria a contrarrevolução internacional. Terminou dizendo que aceitava a disciplina, mas “[...] que surja del individuo, que sea voluntaria. Pero que ello hace falta que la disciplina empiece desde los de arriba, puesto que de ellos ha de venir el ejemplo¹⁴⁰⁶”.

¹⁴⁰⁵ Ibidem, p. 4.

¹⁴⁰⁶ Ibidem, p. 4.

O último a falar no evento foi Doménech. Este afirmou que a crise não se produziu por culpa da CNT, e sim pelos que queriam voltar aos tempos ominosos da intriga política. Disse que a UGT, para engrandecer, não via nenhum inconveniente em admitir em seu seio especuladores, lojistas e mercadores, sem se importar que eles abusassem dos trabalhadores. Falou também que se procurava colocar a organização à margem dos postos de responsabilidade, colocando outros elementos em seu lugar. Enfatizou que se poderia governar com a CNT ou sem a CNT, mas nunca contra a CNT, e que com ela também não se poderia jogar, mas que, no entanto, a CNT estava disposta a resolver a crise de governo. E, para finalizar, proclamou que a CNT era a mesma de antes de 19 de julho, pois lutava para abater o fascismo, fazer a revolução e implementar o comunismo libertário. Após Doménech encerrar sua fala, Mas finalizou o ato.

Ainda em 7 de abril, no mesmo dia em que os cenetistas faziam discursos com o intuito de encontrar uma saída para a crise de governo da Generalitat e buscavam chegar a um acordo com os partidos republicanos e com PSUC, foi feito um informe confidencial da Seção Nacional de Coordenação do Serviço de Informação em que se afirmou que havia um plano envolvendo socialistas e comunistas – stalinistas – para acabar com a autonomia da Catalunha, fazendo esta depender do governo central e assim obter o controle da ordem pública. Afirmava o documento que tudo levava a crer que a consigna partia do Comitê Central do Partido Socialista, sendo este o motivo da intransigência da UGT catalã que, segundo o informe, não representava forças operárias, e sim pequeno burguesas. Afirmou também que não seria de estranhar “[...] **que se pretendiera provocar un conflicto de Orden Público, para buscar la intromisión del Gobierno Central**”¹⁴⁰⁷. Proclamava o documento que a Inglaterra estava descontente com a política catalã, por conta das coletivizações propugnadas pela CNT e, por isso, para prestar apoio ao governo central, exigia a anulação da organização. Assim, os interesses ingleses se confluíam com os interesses de republicanos e comunistas em esmagar as organizações anarquistas e o processo revolucionário. Os revolucionários, então, só poderiam contar consigo mesmos.

No dia seguinte, 8 de abril, o Solidaridad Obrera publicou um artigo¹⁴⁰⁸ em que tratou da questão da guerra e da revolução, afirmando que as duas eram inseparáveis. Ele denunciava os que queriam separá-las com o argumento de que se a revolução fosse aprofundada ela iria perder o apoio da pequena burguesia causando, então, a derrota na guerra que se travava contra

¹⁴⁰⁷ SECCIÓN NACIONAL DE COORDINACIÓN. SERVICIO DE INFORMACIÓN. **Informe Político Confidencial**. Valência, 7 abr. 1937, p.1, grifo nosso.

¹⁴⁰⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **La revolución y la guerra son inseparables**. Barcelona, 8 abr. 1937, p. 12.

o fascismo. Na verdade, afirmava o artigo, este discurso era anticlassista e antissocialista, pretendia assegurar uma volta ao período anterior ao 19 de julho e, ao desviar as finalidades da luta, acabaria por impactar negativamente na frente de batalha, podendo levar até à derrota.

No mesmo dia, o Boletín de Información publicou um Manifesto ao Povo Antifascista e à Guarda Nacional Republicana, e que fora assinado por representantes da FAI, Partido Socialista, CNT, Partido Comunista, Esquerda Federal, UGT, Juventudes Socialistas Unificadas, Juventudes Republicanas, Juventudes Libertárias e Guarda Nacional Republicana. Este manifesto era basicamente uma defesa da Guarda Republicana e seu trabalho antifascista, mostrando o histórico anterior à criação de tal instituição, pedindo uma depuração interna e rogando para que houvesse uma comunhão entre ela e o povo. Eis a conclusão do manifesto:

El Comité Central, reorganizado hoy y dirigido por las representaciones nacionales de las distintas Organizaciones sindicales y políticas, presenta al proletariado español el balance de su actuación en la Guardia Nacional Republicana y pide al pueblo el máximo reconocimiento, admiración y simpatía por las fuerzas de este Instituto, con la promesa de que continuará su trabajo de control y depuración hasta que en las filas del mismo no quede el más leve temor de que pueda albergarse, bajo ningún pretexto, elemento alguno que sea contrario a la causa de la libertad y de la justicia social que todos defendemos. Pueblo español antifascista: Este Comité Central desea de vosotros una fiel colaboración para llevar a cabo nuestra obra, mirando tanto en el frente como en la retaguardia, a los Guardias Nacionales Republicanos, como nuestros hermanos, ya que nuestro esfuerzo es el de hacer un Cuerpo de Ejército del pueblo y para el pueblo, creyendo ser fieles intérpretes del sentir de las Organizaciones que nos han dado su confianza para tal cometido, entendiendo bien que el Comité Central hoy está formado por las representaciones de todos los partidos y agrupaciones sindicales del Frente Popular Antifascista. Guardias nacionales: También a vosotros os pide este Comité vuestra colaboración para llevar a cabo su obra. Es preciso hacer desaparecer todo recelo hacia vosotros. ¿Cómo? Vigilando aquellos individuos que hayan tenido habilidad para burlar la labor depuradora de este Comité. Cumpliendo rectamente con vuestro deber de soldados del pueblo. Muy sencillamente. Con vuestra recta conducta en los puestos que se os confieran, con vuestra vigilancia hacia aquellos individuos que hayan tenido habilidad para no ser descubiertos y por lo tanto aun se encuentren entre vosotros, aunque éstos sean en número reducido por la gran labor de depuración llevada a cabo. Con proseguir vuestro heroísmo en las trincheras y vuestra pericia y capacidad militar y combativa. Con vuestra disciplina y desinterés, ya que cuando se lucha por el bien de todos, hay que olvidarse de sus apetitos personales, siendo vosotros mismos los que con vuestro recelo hacia los timoratos cuando estéis en las trincheras, cacéis a tiros a cualquiera de los que se hubieran podido ocultar entre vosotros e intentara pasarse al enemigo¹⁴⁰⁹.

No dia 9 de abril, o Boletín de Información publicou um pequeno texto em que novamente discutiu a questão dos abastecimentos. Começou apontando que com o advento da república, e por acordo no Congresso de Sans da Esquerda Republicana da Catalunha, voltou-se a repetir a frase que era o propósito do mencionado Congresso: “Pena de morte ao ladrão”.

¹⁴⁰⁹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Al pueblo antifascista – a la Guardia Nacional Republicana**. Barcelona, 8 abr.1937, p. 6.

Então, perguntou, no holocausto revolucionário, não poderia hoje se cumprir este acordo aos que traficam com a miséria do povo e com o sangue dos que lutam na frente? E respondeu que sim, acrescentando que estes elementos nocivos não se moldavam tão facilmente às circunstâncias como queria o Conselheiro Municipal de Abastecimentos. Isso porque ele havia emitido uma nota esclarecendo que, apesar da intensificação das multas para impedir o aumento dos gêneros alimentícios, estes continuavam a encarecer. Com isso, frisou que as multas aos que vendiam alimentos com preços maiores do que os tabelados pela prefeitura iriam ser intensificadas, chegando mesmo ao fechamento do estabelecimento por desobediência. A nota do Conselheiro – reproduzida na matéria em questão – ainda dizia que alegar que havia comprado alimento a um preço mais alto não seria desculpa, uma vez que tais compras não deveriam ser feitas. Mas o Boletín de Información fez o seguinte comentário:

Multas no; que no las pagarán. Además, ¿qué importa dar unas pesetas robadas o mal adquiridas? **Lo que hace falta es cerrar esos establecimientos y condenar a los infractores a coger las armas en las primeras líneas o el pico en las fortificaciones del frente, custodiados por lo más escogido de las milicias populares**¹⁴¹⁰.

No dia 10 de abril, foi publicado outro número do Tierra y Libertad. Nesta edição foi veiculada uma série de chamamentos sobre a unidade dos trabalhadores, mas um deles se destacou dos demais por conta da clareza. Começou afirmando que, ao assumir postos no governo, se fez com que a condição de concentrar todas as energias na luta contra o fascismo. Era preciso fazer sacrifícios, e todos deveriam fazê-los. Não poderiam existir privilégios. Isso, continuou, implicava no caminho da revolução, não a revolução específica de um partido ou tendência, não a revolução integral, libertária, mas somente a revolução para a guerra antifascista. Sem ela, não era possível vencer. Com os métodos clássicos da democracia burguesa, não era possível fazer oposição ao flagelo. Isso queria dizer que os interesses privados, como os de uma burguesia que ainda queria especular, deveriam desaparecer perante as necessidades coletivas e, principalmente, necessidades de guerra. Daí as consignas de socialização da indústria, coletivização agrária e estrito controle sobre o comércio. E, cobrando “lealdade” das outras forças nos compromissos assumidos, salientou:

Por nuestra parte renunciábamos a las reivindicaciones totales, admitíamos la colaboración temporaria dentro de las instituciones oficiales, dejamos de lado ciertos métodos de lucha, pero a condición de que los demás también hicieron abandono de sus viejos procedimientos, los del reformismo legalitario y de la rutina burguesa,

¹⁴¹⁰ Idem. **Municipalierias**. Barcelona, 9 abr. 1937, p. 6, grifo nosso.

mucho más inadecuados y peligrosos para la guerra antifascista que los que pudiera ser cualquier extremismo obrero revolucionario¹⁴¹¹.

No mesmo dia 10 de abril, o Solidaridad Obrera publicou uma nova reportagem sobre o tema dos abastecimentos, embora com um caráter mais geral. Na verdade, este era uma reposta à redação do “Las Noticias”, porta-voz da UGT. O Soli disse que a CNT ansiava que a pequena burguesia percebesse o momento histórico que se vivia, assim como fosse incorporada definitivamente à revolução. Não para conseguir uma carteirinha da CNT-UGT, e sim para colaborar com sua obra na guerra e na revolução. No entanto, segundo o periódico, o mito do respeito à pequena burguesia já existia, pois se falava, inclusive, em passar por cima da revolução, em preparar o caminho para que depois da guerra a pequena burguesia se tornasse grande burguesia, surgida da revolução. Então, o artigo perguntou: o que até hoje tem feito o GEPCI, genuíno representante da pequena burguesia e que tanto falavam a UGT e o PSUC, para ganhar a guerra? E respondeu que eles tinham feito era uma obra contrarrevolucionária, com medidas tais como: 1- sabotar a campanha pela coletivização; 2- combater os comitês de abastecimentos de bairro; 3- açambarcar toda a distribuição de gêneros alimentícios – com proteção da Federação Local da UGT; 4- coagir muitos varejistas para ingressar em suas fileiras, sob pena de não receberem gêneros; 5- evitar de todo modo possível a unificação dos trabalhadores mercantis e distribuidores do ramo da alimentação. Assim, segundo o redator do artigo – Manuel Ginés, Secretário da Seção de Alimentação do Sindicato Único da Distribuição da CNT –, ambas estavam fazendo um trabalho contrarrevolucionário. E então finalizou:

Camaradas de “Las Noticias”. En el seno de la C.N.T. no caben, han cabido ni cabrán entidades ni gremios que, valiéndose de la amplia autonomía sindical y política, e incluso representación oficiosa en vuestra Federación Local, oficial en el P.S.U.C., que se ha tomado o le han dado por ejemplo al G.E.P.C.I., puedan un día mediatizar nuestro Sindicato u organización. No amigos, en la C.N.T. sólo caben y hay individuos, compañeros que forman nuestros Sindicatos, pero no entidades ni gremios. La “Unió Gremial de Sant Martí” y sus contornos, no ha ingresado en la C.N.T., ni ingresará jamás, mientras la C.N.T. sea la C.N.T. La mayoría de estos detallistas, desde el pasado mes de agosto, están afiliados individualmente, avalado sus ingresos por un confederado de antes del 19 de julio. Tienen carnet confederal únicamente quienes no tienen explotado alguno, y si alguno de esos detallistas tiene un solo asalariado, no puede tener ni tiene carnet confederal y así solo una hoja de control sindical que le da derecho a voz como profesionales, pero no a voto en una asamblea general¹⁴¹².

¹⁴¹¹ TIERRA Y LIBERTAD. **Hay que cumplir los compromisos de la lucha antifascista**. Barcelona, 10 abr. 1937, p. 2.

¹⁴¹² GINÉS, Manoel. El G.E.P.C.I. y nosotros. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 10 abr. 1937. p. 10.

No mesmo dia, o Boletín de Información publicou uma matéria sobre a aliança entre os trabalhadores que, na verdade, era uma denúncia de que haviam elementos que “[...] intentan ahora que han logrado atraerse una masa sin opinión propia, con tretas e intrigas del más bajo fondo político, desplazar a los auténticos productores de la dirección del movimiento revolucionario y de la producción¹⁴¹³”. Segundo o artigo, estes seriam um entrave para a constituição de uma aliança entre os trabalhadores. No entanto, nas oficinas, nas fábricas,

[...] los obreros, aunque sean de diferente sector, **se entienden a la perfección** y ello prueba que si ciertos trabajadores no estuviesen influenciados y predispuestos por estos elementos turbios contra el otro sector obrero, la alianza obrera sería un hecho¹⁴¹⁴.

O artigo ainda acrescentou que fazia um chamamento a todos os trabalhadores para que eles mesmos dirigissem sua organização, intervindo nas discussões dos acordos e não deixando se levar por palavras vãs. Assim, finalizou:

La revolución no se ha hecho, no han dado la vida una infinidad de trabajadores, para que una reducida minoría, que no ha realizado ningún sacrificio para el triunfo de la revolución y el aplastamiento del fascismo, persista, como en los tiempos del apogeo capitalista, con un privilegio económico y con probabilidades de explotar al obrero. Respetar a esta minoría no quiere decir que se le otorguen las atribuciones que tenía en el régimen derruido, sino incorporarla a la masa disfrutando de los mismos derechos de que gocen los demás. De proseguir el mismo sistema que destruyeron los trabajadores el 19 de julio, resultaría ¡oh paradoja! que los que no han hecho nada para ganar la guerra y la revolución, quedarían en situación ventajosa sobre los que lo dieron todo para aplastar el fascismo¹⁴¹⁵.

No dia 11 de abril, houve no Monumental um comício em que falaram alguns importantes oradores cenetistas, por conta da campanha em prol de hospitais de sangue. Um dos oradores foi Joaquín Cortés, que falou pelo Comitê Regional. Este salientou, dentre outras coisas, a importância da unidade entre os trabalhadores, e que esta somente poderia ser efetiva mediante uma transformação social. Afirmou ainda que existiam os que não queriam tocar na transformação social, “[...] no interpretan el pensamiento nacional y están al servicio de ciertas potencias extranjeras y de las necesidades estratégicas de los grupos militares que planean la guerra de unas naciones europeas contra otras¹⁴¹⁶”. Federica Montseny também discursou, fazendo louvas à fala de Cortés e acrescentando que não se poderia dissociar a revolução da

¹⁴¹³ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sobre la Alianza Obrera**. Barcelona, 10 abr. 1937, p. 5.

¹⁴¹⁴ Ibidem, p. 6, grifo nosso.

¹⁴¹⁵ Ibidem, p. 6.

¹⁴¹⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **La Campaña Pro hospitales de Sangre quedó clausurada con un grandioso mitin celebrado en la Monumental**. Barcelona, 13 abr. 1937, p. 2.

guerra civil. Também disse que a revolução fazia inimigos, como as potências estrangeiras e os fascistas, além dos que se aferravam a seus cargos ou negócios.

No dia 12 de abril, durante a noite, houve uma nova reunião do Comitê regional cenetista¹⁴¹⁷, com a participação de delegados da FAI e outros. A reunião iniciou-se com o delegado de Luz e Força falando sobre o pagamento que fazia aos membros da organização que realizavam trabalhos em nome dela, decidindo-se que isso ficaria a cargo de cada sindicato, passando para outras instâncias apenas se não fosse possível resolver ali. O secretário passou a apresentar um informe sobre a tramitação da crise. Este deu conta que foi formada uma comissão ampliada composta pelas organizações operárias e partidos que intervinham no governo anterior, e que Companys explicou para ela os motivos que lhe induziram para formar o atual gabinete, como o fato de fazer dar a sensação de que a Generalitat tinha governo, acrescentando que com isso não queria ferir nenhuma organização, mas como a CNT não aceitava a solução, convocava os representantes para tentar encontrar pontos de coincidência que acabassem com a situação de violência. E se chegou a um acordo, aprovando-se medidas como depuração das forças armadas – e a permissão de seus membros se sindicalizarem –, revisão de grandes soldos, mudanças nas pastas etc. Uma vez encontrados os pontos de coincidência, passou-se à distribuição das pastas, quando ocorreram dois encontros que não obtiveram sucesso devido ao fato de socialistas e republicanos não aceitarem a retirada dos socialistas da direção econômica. Todos concordaram em manter a posição da organização. Na continuação da reunião, ocorreu um incidente entre o Sindicato da Saúde e o Conselheiro Herrera, pois este achou que o primeiro imiscuiu em suas atribuições. Falou-se também sobre vários outros assuntos, até que a reunião foi encerrada já durante a madrugada.

No dia 13 de abril, mais uma vez, a crise da Generalitat foi assunto nos periódicos anarquistas. O Boletín de Información enfatizou que a crise precisaria ser resolvida olhando para os sindicatos. Salientou que se poderia ganhar a guerra e a revolução, mas, caso se ganhasse a primeira e não a segunda, não existiria triunfo, “[...] porque seguiría impregnado el mismo sistema de opresión que nos ha llevado al derrame de ríos de sangre¹⁴¹⁸”. E completou:

El mejor plan de la victoria, radica en la común inteligencia de los trabajadores en sus respectivos organismos sindicales. **No es una lucha de clases; es una lucha de economía la que debe resolver el futuro Consejo de la Generalidad. Y esa lucha económica no la puede ganar como no se puede ganar la guerra ni la revolución, sin la máxima intervención de los trabajadores en todos los estamentos, en todos los engranajes del Gobierno como Gobierno de y por el pueblo.** No hay que jugar

¹⁴¹⁷ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. *Ata da reunião realizada no dia 12 de abril de 1937.*

¹⁴¹⁸ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. *Crises de la Generalidad – Perfilando matices.* Barcelona, 13 abr. 1937, p. 1.

el equivoco respecto a la pequeña burguesía, ni a tal o cual sector. **Hay que decir que la revolución garantiza desde el Gobierno a todos los ciudadanos por igual, como productores libres, dentro de la libre Cataluña, y, diremos más: de la libre Iberia.** O puede subsistir una casta superior a la productora. **Con supresión o sin supresión del sistema capitalista, hay que partir de la base que solo existe una clase y, hoy por hoy, en España, y mayormente en Cataluña, es la de los productores libres y por eso toda la economía debe estar en manos de éstos y no de aquéllos que no hacen ni la guerra ni la revolución;** pues la única guerra que hacen, es la de fomentar el alza de las subsistencias y en cuanto a la revolución social, la de denigrar las colectivizaciones o socializaciones, que realizan los obreros sin miras egoístas, ni intereses particulares. Los obreros sólo miran los intereses generales de todo un pueblo, porque hermanados en el diario batallar y en el constante sufrir, se consideran tan unidos, que cual hermanos siameses, llegan a la conclusión de que el uno sin el otro, no pueden vivir¹⁴¹⁹.

O Solidaridad Obrera, neste mesmo dia 13 de abril, publicou uma nota¹⁴²⁰ de Companys sobre as comemorações do 14 de abril, aniversário da Proclamação da República, quando agradeceu os iniciadores do movimento e a Esquerda Republicana pelas intenções, mas salientou que as condições não permitiam que as ações fossem colocadas em prática.

Ainda no dia 13, no período da noite, ocorreu um ato das Juventudes Libertárias no teatro Olympia, cujo resumo foi publicado no Soli do dia 15. Santiago Calero destacou a transigência ideológica – seria o abandono da meta final o que se estava chamando de transigência? – do anarquismo desde o 19 de julho e que os operários não se batiam por uma democracia burguesa, além de acrescentar que hoje a burguesia estava levantando a cabeça e que Comorera era o novo Cambó¹⁴²¹. O segundo a discursar foi José Xena, que falou do alcance internacional da revolução e do fato de a guerra e a revolução estarem indissolúvelmente interligadas. Já Fidel Miró afirmou que, em nome da unidade, se apunhalavam os anarquistas pelas costas – como no caso da prisão do Comitê no País Basco –, e que estes, antes de renunciarem à revolução, voltariam novamente para as barricadas, como em 19 de julho. Hoje, continuou Miró, fala-se em planos de vitória, mas por trás dele está o jesuitismo e a contrarrevolução. E, por último, discursou Severino Campos, que analisou os progressos da contrarrevolução na retaguarda. Salientou que em todos os terrenos, especialmente na ordem pública e no exército, se queria liquidar as conquistas revolucionárias. Aiguade teria dedicação a tal tarefa e, com isso, queria sua demissão. Sendo assim, finalizou:

Para ganar la guerra queremos un ejército, pero no el que se intenta crear, con sueldos distintos y jerarquías impuestas. La Revolución no puede dejarse en manos de ningún

¹⁴¹⁹ Ibidem, p. 1, grifos nossos.

¹⁴²⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **La nota del presidente Companys renunciando al homenaje con motivo de la conmemoración de 14 de abril.** Barcelona, 13 abr. 1937, p. 10.

¹⁴²¹ Francisco Cambó y Batlle (1876-1947). Foi um político conservador e catalanista, tendo sido Ministro em vários governos espanhóis. Apoiou Franco no conflito militar – embora o tenha feito tardiamente –, pois temia uma revolução na Catalunha, apesar de o fazer a partir do exterior, onde estava quando estalou o conflito.

caudillo. Han de ser las masas trabajadoras y combatientes las que han de decir sobre sus destinos¹⁴²².

Após a fala de Campos, houve a finalização do ato que terminou já na madrugada do dia seguinte.

No dia 14 de abril, o *Solidaridad Obrera* publicou um artigo¹⁴²³ falando sobre os seis anos da república. Dissertou sobre o processo que levou a sua constituição, afirmando que alguns revolucionários aderiram ou achavam inevitável sua proclamação. Também falou das lutas travadas durante o período, que o regime atraiu alguns para dentro de sua lógica, mas que o método revolucionário acabou por prevalecer. Denunciou as mortes de trabalhadores perpetradas por este regime e salientou que a firmeza revolucionária sobreviveu, a tal ponto que, em 1937, se lutava pela revolução proletária, e não pela manutenção do regime republicano, e que de todo modo se iria até a emancipação integral. No mesmo *Soli*, também foi publicada uma pequena nota¹⁴²⁴ do Comitê de Defesa do Bairro do Centro. Esta apenas comunicava que a reunião do último dia 12, que fora cancelada, ocorreria neste dia à noite, mas demonstra que os comitês de bairro ainda estavam ativos em meados de abril de 1937. A revolução ainda pulsava nos bairros, e logo teria uma prova de fogo.

Também no dia 14 de abril, o anarquista italiano Camillo Berneri publicou uma carta aberta para a igualmente anarquista e atual Ministra da Saúde e Assistência Social no governo central em Valência, Federica Montseny. A carta foi publicada no jornal em que ele editava em Barcelona, o *Guerra di Classe*. Berneri começou dizendo que tinha a intenção de se dirigir a todos os ministros, mas que resolveu se voltar apenas a Montseny. Afirmou que divergia dela em vários aspectos, que não conseguia aceitar, por exemplo, a identificação que fazia entre o anarquismo bakuninista e o republicanismo federalista de Pi y Margall. Fez uma referência ao discurso feito por Montseny em 3 de janeiro deste ano, quando ela afirmou que os anarquistas entraram no governo para que a revolução não se desviasse, para continuá-la depois da guerra e para se opor a qualquer tentativa ditatorial. No entanto, escreveu Berneri, três meses depois “[...] estamos en una situación en la cual suceden graves hechos y se anuncian otros peores¹⁴²⁵”. Onde o anarquismo era impotente por falta de forças de base, ou seja, em lugares nos quais não tinham sindicatos vastos e uma grande adesão de massas, a contrarrevolução ameaçava acabar

¹⁴²² SOLIDARIDAD OBRERA. *Mitín de las Juventudes Libertarias en Olympia*. Barcelona, 15 abr. 1937, p. 2.

¹⁴²³ Idem. *Seis años de Republica democrática y parlamentaria*. Barcelona, 14 abr. 1937, p. 1.

¹⁴²⁴ EL COMITÉ. Comité de defensa de la barriada del centro. *Solidaridad Obrera*. Barcelona, 14 abr. 1937, p. 2.

¹⁴²⁵ BERNERI, Camillo. Carta abierta a la compañera Federica Montseny. *Guerra di Classe*. Barcelona, 14 abr. 1937. In: BERNERI, Camillo. *Guerra de Clases en España, 1936-1937*. Barcelona: Tusquets, 1977, p. 223.

com tudo. O governo estava em Valência, afirmou Berneri, e era dali que saíam os guardas de assalto para desarmar os núcleos revolucionários de defesa. E completou:

Son de la guardia civil y de la guardia de asalto los que conservan las armas, y es aquí en la retaguardia que deben controlar los “incontrolables”, que osan desarmar de algunos fusiles y revólveres a los núcleos revolucionarios. Esto se produce en una guerra civil en la cual todas las sorpresas son posibles, y en una región en la cual el frente está bien próximo, es muy irregular en su trazado, y no es *matemáticamente seguro*. Esto, en tanto que aparece clara la distribución *política* de las armas, que tiende a armar sino en la medida de lo “estrictamente necesario”. Estrictamente necesario, esperamos que se arme el frente de Aragón, escolta armada de las colectivizaciones agrarias y contrafuerte de Consejo de Aragón y de Cataluña, la Ucrania ibérica¹⁴²⁶.

Continuando seu escrito, Berneri enfatizou que Montseny estava em um governo que havia oferecido vantagens à França e à Inglaterra no Marrocos, enquanto desde julho de 1936 ele enfatizava que seria necessário proclamar a autonomia política do Marrocos – que era a base de operações do exército fascista. Não se podia garantir os interesses ingleses e franceses no Marrocos e, ao mesmo tempo, fazer obra insurrecional ali. Berneri também falou que, em Valência, existiam forças que buscavam uma negociação com Franco para se chegar a uma paz, o que significaria a liquidação da revolução, e que certamente contava com apoio na Inglaterra e na França. Isso explicaria a inatividade da marinha de guerra leal.

Vosotros ministros anarquistas, dais discursos elocuentes y escribís brillantes artículos, pero no es con discursos y artículos cómo se vence en la guerra y se defiende la revolución. En aquélla se vence y ésta se defiende permitiendo el pasaje de la defensiva a la ofensiva. La estrategia de posiciones no puede eternizarse. El problema no se resuelve lanzando consignas como: movilización general, armas al frente, comando único, ejército popular, etc. El problema se resuelve realizando inmediatamente lo que puede realizarse. Según “La Dêpeche” de Toulouse del 17 de enero: “La gran preocupación del Ministerio del Interior es restablecer la autoridad del Estado sobre la de los grupos y sobre los incontrolables de todas las tendencias”. Es evidente que, aunque se comprometieran durante meses a buscar el aniquilamiento de los “incontrolables”, no se puede resolver el problema de eliminar la quinta columna. La eliminación del frente interno tiene por previa condición una actividad de investigación y de represión que no puede ser cumplida si no por revolucionarios experimentados. Una política interna de colaboracionismo entre las clases y de adulación hacia las clases medias, conduce inevitablemente a la tolerancia hacia los elementos políticamente equívocos. **La Quinta Columna está constituida, no sólo por elementos pertenecientes a formaciones fascistas, sino además por todos los descontentos que aspiran a una república moderada. Son estos últimos elementos los que se aprovechan de la tolerancia de los cazadores de “incontrolables”**¹⁴²⁷.

¹⁴²⁶ Ibidem, p. 223-224.

¹⁴²⁷ Ibidem, p. 226, grifo nosso.

Continuando, Berneri salientou que a eliminação da frente interna tinha por condição prévia uma atividade ampla e radical dos comitês de defesa constituídos pela CNT e pela UGT. E afirmou:

Nosotros asistimos a la penetración en los cuadros dirigentes del ejército popular de elementos equívocos, no garantizados por ninguna organización política o sindical. Los comités y los delegados políticos de las milicias ejercían un control saludable. Hoy está debilitado por el predominio de sistemas centralizados de nombramientos y promociones, que se convierten en estrictamente militares. Es necesario reforzar la autoridad de estos comités y de estos delegados. Asistimos al hecho nuevo, y que puede tener consecuencias desastrosas, que batallones enteros están comandados por oficiales que no disfrutan de la estima y del efecto de los milicianos. Este hecho es grave porque la mayoría de los combatientes españoles vale en la batalla en proporción a la confianza que tienen en su propio comandante. **Es necesario por lo tanto restablecer la elegibilidad directa y el derecho de destitución desde la base**¹⁴²⁸.

Beneri ainda acrescentou que era um gravíssimo erro aceitar fórmulas autoritárias, pois elas levam a erros enormes e são usadas para fins políticos que nada tem a ver com as necessidades de guerra. Acrescentou que era hora de constituir o exército confederal, como os comunistas haviam feito no Quinto Regimento, e que também se teria que resolver o problema do comando único realizando uma efetiva unidade do comando, que permitisse passar à ofensiva na frente aragonesa. Salientou ainda que era hora de acabar com os milhares de guardas de assalto e guardas civis que não iam à frente, pois se dedicavam a controlar os “incontrolados”. Sobre os anarquistas, Berneri afirmou que eles poderiam assumir outra linha política. Que Montseny – e por tabela os outros anarquistas no governo – deveria pensar se ela defende melhor a revolução e a luta antifascista no governo, ou se seria mais útil levar sua chama e oratória para os combatentes e para a retaguarda. E encerrou com as seguintes palavras:

Es hora de darse cuenta de si los anarquistas estamos en el gobierno para hacer de vestales a un fuego, casi extinguido, o bien si están para servir de gorro frigio a politicastros que flirtean con el enemigo, o con las fuerzas de la restauración de la “república de todas las clases”. El problema se plantea con la evidencia de una crisis que sobrepasa a los actores representativos que hoy ocupan el escenario. **El dilema: guerra o revolución, no tiene ya sentido. El único dilema es este: o la victoria sobre Franco gracias a la guerra revolucionaria, o la derrota.** El problema para ti, y para los otros compañeros, es el de escoger entre el Versailles de Thiers o el París de la Comuna, antes de que Thiers y Bismark hagan la *unión sagrada*¹⁴²⁹.

Assim, a carta de Berneri foi bastante dura com Montseny e, indiretamente, com os outros ministros anarquistas. Para ele, os anarquistas estavam praticando uma política

¹⁴²⁸ Ibidem, p. 226-227, grifo nosso.

¹⁴²⁹ Ibidem, p. 229-230, grifo nosso.

equivocada, e a realidade impunha apenas duas opções para os libertários: o triunfo da revolução ou a vitória de Franco. A derrota do processo revolucionário significaria também a derrota militar. As críticas de Berneri em relação à Montseny já começavam na própria lógica do anarquismo que ela professava, que para Berneri era muito mais próximo do republicanismo de Pi y Margall que do anarquismo professado por Bakunin ou Kropotkin. Outra questão bastante importante colocada por Berneri tinha a ver com o restabelecimento das eleições e da revogabilidade dos cargos militares. Isso queria dizer, em suma, um restabelecimento da forma organizacional das milícias, ou seja, para que isso ocorresse, o Exército deveria deixar de ser um Exército tradicional. Isso porque, como já colocamos anteriormente, em um Exército convencional não há espaço para a democracia de base. Esta era uma das práticas das milícias revolucionárias e morreu – embora tenha continuado existido de forma residual – com a militarização das milícias.

No dia 15 de abril, o *Solidaridad Obrera* publicou um texto¹⁴³⁰ de José Tarradellas, atual Primeiro Conselheiro e Conselheiro da Fazenda e Cultura, em que ele polemizou com o periódico *Treball*. Este jornal havia feito críticas sobre a indústria de guerra, que ele considerou completamente estapafúrdias, acrescentando que existiam várias mentiras em tal artigo. Afirmou ainda que este tipo de posição era completamente inadmissível, pois estava criando intrigas e fazendo um trabalho de dividir as forças que lutavam contra o fascismo. Mas o interessante desse artigo de Tarradellas é que ele esclarece um pouco as rugas que prevaleciam entre republicanos e comunistas do PSUC que, muitas vezes, não apareciam publicamente, na medida em que eram aliados de ocasião e também porque evitavam se chocar de modo tão claro e em público.

No mesmo *Soli*, ainda, foram publicados três artigos que tinham como centro o problema dos abastecimentos. O primeiro deles começou afirmando que várias manobras eram utilizadas para entorpecer a revolução, e uma dessas formas tinha a ver com a questão dos abastecimentos. Algumas vezes com medidas do governo, outras mediante proteção sindical à pequena burguesia, teria surgido a especulação, contribuindo com a Quinta Coluna e para sabotar a revolução. Contra estes desmandos, afirmou o artigo, não estavam sendo tomadas as medidas que a situação requeria, e as denúncias libertárias eram apresentadas como queixas pessoais contra o responsável por tais descabimentos. Diante dessa situação insuportável, há dois dias – dia 13 de abril – havia ocorrido distúrbios pela manhã. Grupos de mulheres jogaram no

¹⁴³⁰ TARRADELLAS, José. Industrias de guerra, pretexto político. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 15 abr. 1937, p. 12.

chão gêneros expostos nos mercados, e a força pública interveio. Assim, continuou o artigo, era preciso resolver o problema dos abastecimentos.

Las verduras, el pescado y buena parte de los huevos que se consumen, no son géneros importados, y, por lo tanto, no existe razón alguna para el elevado precio que alcanzan. **Sólo a la insensata protección al comercio libre y a la concurrencia ilimitada se debe el encarecimiento de estos artículos.** Por eso, se hace preciso que el pueblo reaccione e imponga sus derechos. Nadie debe medrar a su costa. Nadie debe especular con las necesidades del proletariado. Y si alguien prosigue por el camino emprendido, no ignore que el pueblo sabe hacer justicia¹⁴³¹.

O mesmo Soli ressaltou que no dia anterior – dia 14 de abril – também aconteceram ações relacionadas aos abastecimentos, que foram iniciadas logo pela manhã no mercado de Sans, devido aos altos preços dos ovos. Um grupo de mulheres fechou o referido mercado e, então, saiu em passeata obrigando todos os estabelecimentos que vendiam alimentos e estivessem no seu caminho a fechar as portas. Ao mesmo tempo, no mercado de Hostafrancs, ocorriam fatos semelhantes. Depois de um tumulto ali, um grupo de mulheres começou a deter nas ruas as pessoas que estavam indo em direção a Praça da Espanha, sendo que muitas outras mulheres passaram a integrar o grupo das manifestantes. Estas foram ao Comitê de Defesa da Praça da Espanha, e eles falaram para a comissão de mulheres que não tinham faculdades para interferir no conflito. Com isso, a manifestação foi dissolvida, sobrando apenas um pequeno grupo de mulheres que ainda fechou algumas lojas. Casos parecidos ocorreram em vários lugares neste dia. Sobre os acontecimentos, segundo o Soli, o Comissariado de Ordem Pública lançou a seguinte nota:

A las ocho y diez se ha presentado en el mercado de Hostafrancs, un grupo de mujeres, intentando cerrar el mismo, y el director ha pedido auxilio a la Comisaria de Orden Público, de donde han salido algunos agentes de la autoridad, con la orden de cerrar dicho Mercado. A las nueve y treinta y ocho grupos de mujeres, una de las cuales llevaba una pistola, ha pretendido hacer lo propio en el Mercado de la Barceloneta, habiendo acudido fuerzas de las Patrullas de Control, que han disparado algunos tiros para restablecer el orden, sin que hubiera que lamentar desgracias. A las diez y cuarto, en el Mercado de San Antonio, se ha promovido un gran escándalo, intentando algunas mujeres romper las mesas de los puestos de venta. En el Mercado de Clot ha sido detenido un individuo que aconsejaba a las mujeres que fueran a quejarse a Comorera, y que se apoderaran de los víveres, sin pagar. A las diez y treinta y cinco, en la calle de Sans, se ha formado una manifestación de mujeres y niños, que se ha dirigido a la Plaza de España. Y a las once, el director del Mercado de la Boqueria ha solicitado fuerzas de la Comisaría de Orden Público, habiendo salido varios agentes de la autoridad para restablecer el orden¹⁴³².

¹⁴³¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **A que precio deben pagarse las verduras, los huevos y el pescado.** Barcelona, 15 abr. 1937, p. 2., grifo nosso.

¹⁴³² Idem. **Grupos de mujeres recorren las calles en son de protesta contra el precio escandaloso de las subsistencias.** Barcelona, 15 abr. 1937, p. 10.

A última referência aos abastecimentos no Soli deste dia foi uma pequena nota em que ligou tais manifestações com “a política de sempre”. Falando sobre as manifestações do dia anterior, destacou:

[...] no hacen más que corroborar aquello que venimos diciendo en nuestras columnas desde hace tiempo: **que hay tramada una sorda cruzada contra los trabajadores, que hasta ahora son los que pagan las consecuencias de lo que ocurre**. Creemos, así, que esas manifestaciones de ayer han sido iniciadas espontáneamente; pero no así sus derivaciones, con oradores “improvisados” y pancartas por las Ramblas, que volvían a insinuar su eterna cantinela “contra Comités y controles”¹⁴³³.

Os distúrbios causados por conta do desabastecimento de víveres estavam sendo rotineiros e violentos, o que demonstra a gravidade do problema. A política implementada por Comorera e pelo PSUC neste setor, que era a de favorecer o mercado privado e não controlado em uma época de guerra civil, fez com que a especulação fosse se tornando regra e o preço aumentasse cada vez mais. O GEPCI, fomentador de tais políticas, estava dentro da UGT e era protegido pelos comunistas do PSUC na Catalunha. Era daí que vinha também as consignas contra os comitês – muitas vezes apresentados como os reais causadores da alta dos preços – e contra as coletivizações. O GEPCI foi formado pelo próprio PSUC em uma tentativa de contrabalançar as políticas coletivistas da CNT e, como já dissemos, encontrou na UGT e no PSUC os defensores de seus interesses imediatos.

No mesmo dia 15, ainda, foi feito um informe secreto e enviado de Paris para uma pessoa cujas iniciais eram D. J. N. – e o remetente consta apenas como “C.”. Tal informe falava que no começo do mês o redator recebeu a visita de dois membros do PSUC, sendo que um deles tinha certa influência dentro do partido e se chamava Roldán Cortada, que era secretário de Vidiela, Conselheiro de Justiça da Generalitat. Sua missão era comprar armas curtas, mas não para o Exército, e sim para o PSUC, sendo que o redator do informe os colocou em contato com pessoas que poderiam consegui-las. O informante acrescentou que não fez nada mais e que as razões de Cortada para justificar a compra de armas não chegaram a convencê-lo. Afirmou que seu único tema nas conversas era que os homens da FAI estavam armados e, supondo que isso era verdade – e realmente era –, replicou a Cortada que caberia ao governo tomar providências, e não ao PSUC. Acrescentou o informante que não sabia se eles conseguiram ou não comprar as armas, mas quando voltou para Barcelona havia passado por Paris um grande número de militantes do PSUC, e todos eles estariam sustentando a mesma tese de Cortada: que era preciso combater a FAI. Por último, informou também que sabia de figuras importantes do

¹⁴³³ Idem. **Las manifestaciones de ayer y la política de siempre**. Barcelona, 15 abr. 1937, p. 12, grifo nosso.

PSUC, dentre eles Comorera, que teriam tido encontros com comunistas estrangeiros e se colocado de acordo para a realização de um ataque à FAI. Finalizou o informe da seguinte maneira:

La cosa me parece extremadamente peligrosa. Si el camarada Roldán Cortada logró comprar las armas que tenía el encargo de adquirir, y los militantes de la F.A.I. están armados como nuestros compañeros aseguran, **cualquier día Barcelona va a ser teatro de un espectáculo nada edificante**, que será aprovechado por los facciosos, con sobrado motivo. Ya inventan cosas parecidas, ahora que no las hay; se les va a hacer, pues, un regalo magnífico. Si realmente la F.A.I. es un peligro en la guerra que sostenemos, al Gobierno toca eliminar este peligro. Sobrados medios tienen para ello. Dejar que otro partido, aunque sea el nuestro, asuma esta tarea gubernamental, exclusivamente gubernamental, puede acarrear gravísimas consecuencias. Disculpe Vd. que me exprese del modo que antecede, cuando mi tarea no es otra que la de informarle. Pero veo cuanto perjudicial sería para la guerra lo que se está preparando, y no puedo prescindir de expresar lo que siento. Lo que se ha que querer es que se gane la guerra, y no me parece ese el camino para ganarla, sino, por el contrario, propio para poner el riesgo la victoria. Por eso escribo así al darle cuenta de la visita del camarada Roldán Cortada y de lo que he observado después¹⁴³⁴.

Ainda no dia 15 de abril, à noite, houve uma nova reunião do Comitê Regional. Esta começou com o Secretário falando que o Conselheiro Herrera havia ligado e dito que o Presidente desejava que os anarquistas cedessem para que se constituísse um governo novo, mas como estava o anterior. Construção notificou que Aguadé havia telefonado e pedido que a ordem não fosse alterada durante o enterro de um cenetista que fora morto na última manifestação, ao que lhe foi garantido que não se alteraria. Estabeleceu-se uma discussão sobre os assuntos e, com somente três votos contra, decidiu-se aceitar a proposta do Presidente da Generalitat, com as mesmas pastas que já se tinha, mas a discussão continuou. Luz e Força rogou que depois de tomar esta resolução o Comitê Regional se responsabilizasse e falasse claramente ao povo o que ocorreu, pois a atuação do PSUC era desastrosa. O Secretário acrescentou que, por acordo da plenária, cada Conselheiro, mesmo que ocupassem as mesmas pastas, teria uma comissão assessora, que controlaria sua atuação estudando os decretos que se colocassem. O Secretário do Conselho Regional da FAI fez uma fala sobre as anomalias que ocorriam e, assim, decidiu chamar outras delegações, motivo pelo qual a reunião foi interrompida e mudou de local.

Com a continuação da reunião, decidiu-se que Escorza e Herrera seriam designados para negociar com a Generalitat. Informou-se de todas as propostas feitas ao Presidente e que foram rejeitadas, sobrando apenas como alternativa a aceitação de um governo tal como ele era antes da crise. A palavra foi passada para os presentes. Juanel disse que, desde o primeiro dia,

¹⁴³⁴ C. **Informe Secreto**. Paris, 15 abr. 1937, p. 1-2, grifo nosso.

imaginou que a crise foi um erro, ainda que reconhecesse o motivo, e propôs que não se cedesse nem um pouco nas áreas da defesa e ordem pública, e sobretudo que se deveria “[...] SEÑALAR BIEN LAS ATRIBUCIONES DE CADA CONSEJERO Y EVITAR TODAS LAS INFLUENCIAS EXTRAÑAS A CADA CONSEJERÍA¹⁴³⁵”. Portela foi no mesmo sentido. O Secretário falou que havia um decreto de depuração dos órgãos de segurança e, caso a ordem pública ficasse com os socialistas, seria proposto o nome do socialista Rauret, do contrário seria Fábregas. Aurelio também se pronunciou sobre a ordem pública, pois para ele esta “[...] TENDE A VENCER A LA REVOLUCIÓN¹⁴³⁶”, acrescentando que Companys não era de confiança e que enquanto sabotava a organização dizia que ela ficaria mais robusta. Local de Grupos disse que os inimigos tinham razão quando afirmavam que somos “Un gran coloso con los pies de barro¹⁴³⁷”. O Secretário da FAI insistiu que existiam graves perigos por conta da má intenção de alguns elementos que faziam o possível para atrapalhar os anarquistas. Montserrat falou sobre algumas anomalias, inclusive, afirmando que na frente começavam a ser sentidos os efeitos da fome. Acrescentou que não existia dinheiro para viabilizar a mobilização dos últimos recrutas. Fábregas interveio e disse que os únicos problemas que existiam eram os da Fazenda e da Economia, e que deveriam ficar nas mãos dos anarquistas. Toryho revelou que os periódicos CNT e Nosotros tinham sido suspensos, o que acontecia porque se era muito tolerante com os adversários, e eles acabavam fazendo este tipo de coisas. A reunião foi encerrada para que se fosse ao Comitê Regional deliberar separadamente sobre as resoluções definitivas que seriam tomadas.

No dia 16 de abril, o Soli voltou a tocar no tema dos abastecimentos. Na verdade, o periódico informou que iria fazer uma série de reportagens a respeito. Neste número, havia uma entrevista com Juan Ismael e Lorenzo Ramón, respectivamente Presidente e Secretário da Federação de Indústrias do Matadouro, que falariam sobre a indústria da carne, produto que estava na mesa dos privilegiados, que consumiam não apenas os artigos “de sempre” como também os que podiam ser qualificados como “de luxo”, enquanto este alimento essencial faltava na mesa dos trabalhadores. Sobre o responsável pela alta dos preços, os entrevistados foram unânimes: Comorera.

Al hacerse cargo de la Consejería de Abastos el susodicho Comorera, su primera obra de carácter contrarrevolucionario fue dar por radio y Prensa, libertad absoluta de entrada a toda clase de géneros comestibles, **desautorizando a Comités de control y demás Comités responsables**. Esto que a simple vista parece beneficioso para el

¹⁴³⁵ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. *Ata da reunião realizada no dia 15 de abril de 1937*, p. 2.

¹⁴³⁶ Ibidem, p. 2.

¹⁴³⁷ Ibidem, p. 2.

pueblo, ha resultado totalmente opuesto, pues solamente lo es para los capitalistas, que son los únicos que se pueden permitir el lujo de desplazarse a los pueblos, sean en autocar o en tren, para comprar lo que en Barcelona no se puede adquirir; así es, que de hecho, lo que hizo Comorera fue dar facilidades a los ricos para que nada les faltara. No se nos negará que el obrero no tiene horas ni tiene dinero para poder hacer lo mismo. Fruto de esta célebre orden, son los precios que actualmente rigen en los comestibles y entre ellos la carne, que es el artículo que nos ocupa¹⁴³⁸.

Continuando a entrevista, disseram também que, durante a gestão do cenetista Doménech no Conselho de Abastecimentos, houve uma racionalização da produção de carne. Em 3 de novembro de 1936, ele decretou que a matança de porcos deveria ser 50% do praticado no ano de 1935 e, segundo o entrevistado, isso fez com que não houvesse uma grama faltando dessa carne. No dia 27 de novembro, ele fez aproximadamente o mesmo em relação à carne bovina, com medidas como a proibição do abate do gado menor de quatro meses – com algumas exceções previstas –, o que para os entrevistados tendia a aumentar o gado catalão. Também publicou uma ordem sobre o pagamento do imposto municipal e obrigou todas as prefeituras de Barcelona a levar ao Conselho de Abastecimentos uma cópia dos abates realizados em 1935 para que, assim, os abates em todas as prefeituras fossem controlados. Os entrevistados ainda deram os números sobre a alta dos preços das carnes – a comparação era entre o momento da saída de Doménech do Conselho de Abastecimentos e o momento da saída de Comorera, que ficou apenas três meses em tal Conselho –: os cordeiros aumentaram seus preços em 100%; cabras e ovelhas, 85%; boi, 26%; bezerro, 60%; porco, 50%. Desse modo, afirmaram:

Con tres meses de actuación, ha logrado el consejero Comorera que sea del todo punto imposible la obtención de este alimento por la clase trabajadora; tanto es así que con las irrisorias matanzas que se efectúan en el Matadero de Barcelona, buena parte de la carne que se pone a la venta en los mercados y tiendas, es retirada al mediodía para llevarla a las cámaras frigoríficas para su conservación y en espera de poder ser vendida el día siguiente¹⁴³⁹.

Os entrevistados ainda revelaram que a prefeitura tinha poder para fiscalizar apenas os preços dos varejistas, mas que estes eram interligados com os preços cotados no resto da Catalunha, deixando uma pequena margem para estes. Disseram também que eles controlavam a quase totalidade dos açougueiros, que a Seção de Operários Açougueiros e a Associação de Açougueiros pertenciam à CNT, que eles tinham grupos de “investigação”, cuja missão era fazer cumprir os preços aprovados pela prefeitura, mas que nada podiam fazer em relação aos poucos estabelecimentos que não pertenciam à CNT.

¹⁴³⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **El abastecimiento de carne en Barcelona**. Barcelona, 16 abr. 1937, p. 2, grifo nosso.

¹⁴³⁹ Ibidem, p. 2.

Tal entrevista foi bastante esclarecedora em relação a este setor. Comparando a gestão de Doménech no Conselho de Abastecimentos com a de Comorera, podemos ver o resultado da política de livre demanda nos preços em um contexto de guerra e grave crise social. Cabe salientar, no entanto, que Doménech não estava a praticar nenhuma “política revolucionária”. Ao contrário, estava contribuindo com o processo de reconstrução do poder de Estado na Catalunha. Entretanto, ele estava próximo aos comitês de bairro e usou do poder efetivo destes para praticar uma política de controle de preços dos alimentos que era essencial para os trabalhadores, especialmente os de menor ganho, e também para privilegiar o setor coletivizado, em detrimento do setor privado. A política de Comorera e do PSUC era o exato contrário e, em apenas três meses, eles praticamente regularizaram o mercado negro – especulador – no setor de alimentos. A política contrarrevolucionária de Comorera e do PSUC revelava sua face mais concreta na privação de alimentos na mesa dos mais pobres.

O mesmo Soli publicou ainda uma pequena nota¹⁴⁴⁰ de esclarecimento do Sindicato das Indústrias Agrícolas, Pesca e Alimentação sobre a carestia de vida, em virtude dos distúrbios dos dias anteriores. Esta afirmou que sua seção de Semanais e Vendedores de Pescado não controlava nenhuma parada de pescado nos mercados de Barcelona, sendo que era o GEPCI quem os controlava. Em outra página do mesmo periódico, a Seção de Distribuição fez uma nota¹⁴⁴¹ para o Conselho de Abastecimentos e Agricultura em que pedia uma distribuição equitativa – o que não acontecia sob Comorera, que privilegiava sempre o setor privado em detrimento do setor coletivizado – para os varejistas, e que estes vendessem com um lucro máximo de 20% sobre o preço de compra – não contabilizado o transporte –, acrescentando que esperaria uma reposta. Afirmou que esta seção controlava entre 700 e 800 estabelecimentos de alimentação e que tinha cerca de 4.500 filiados.

O mesmo Soli publicou também um artigo em que tratou da UGT catalã. Começou afirmando que a unidade entre os sindicatos era uma aspiração unânime entre o proletariado espanhol, para realizar a guerra e fazer a revolução. Inclusive, afirmou o artigo, teria começado a realizar este anseio em algumas regiões da Espanha, de modo total ou parcial. No entanto, perguntava o artigo, por que se estava tão longe de conseguir isso? Por que na Catalunha as duas centrais sindicais estavam tão afastadas? E forneceu a seguinte resposta:

Por una razón muy sencilla. Es que aquí, la U.G.T., no es lo mismo que en resto de España. Aquí no son los obreros auténticos, comprensivos de sus intereses de clase,

¹⁴⁴⁰ EL SECRETARIO. La carestia de vida. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 abr. 1937, p. 2.

¹⁴⁴¹ GINÉS, Manuel. Nota de pedido que la Junta de Sección de la Distribución (C.N.T.) hace a la Consejería de Abastos y Agricultura. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 abr. 1937, p. 10.

los que deciden sobre la orientación sindical. Aquí, la U.G.T. resulta simplemente un instrumento de un partido político; un partido que se ha declarado campeón, no precisamente de la clase trabajadora, sino de la clase media, de la pequeña burguesía, a quien no conviene de ningún modo que el proletariado se una y se emancipe realmente de los diversos explotadores y parásitos que aun pesan sobre él. Ese partido, que protesta ruidosamente contra el término “revolucionario”, y desde luego, también contra su contenido; ese partido, que ha “olvidado” desde hace tiempo su contenido clasista, es un Partido Comunista, que en Cataluña se presenta bajo la denominación P.S.U.C., cosa que, por cierto, no es una revelación para nadie¹⁴⁴².

O artigo ainda afirmou que os comunistas, apesar da verborragia de unidade, viam com maus olhos a aliança sindical, pois isto implicava

[...] un avance firme y seguro por el camino de la transformación revolucionaria, y ellos, los comunistas, se han empeñado, cumpliendo evidentemente consignas que vienen “desde el alto”, en dejar las cosas como estaban antes del 19 de julio, a despecho de lo que desean los millares y millares de luchadores obreros de ambas centrales. Al obstruir la unidad efectiva del proletariado, los comunistas son consecuentes con su línea política general de orientación hacia los intereses de la pequeña burguesía, hacia el democratismo claudicante y descompuesto. Obrán de acuerdo con sus nuevos métodos, con las consignas que siguen en todos los países¹⁴⁴³.

O escrito ainda afirmou que este método dos comunistas até poderia dar certo em outros países, mas que na Espanha, onde os trabalhadores têm feito sacrifícios sobre-humanos, era catastrófico pedir a volta à situação de antes de 19 de julho. E seria isso o que explicava a sabotagem da unidade operária, especialmente na Catalunha.

Por lo dicho anteriormente. En Cataluña, la U.G.T. es regida por los jefes del P.S.U.C., esto es, por el Partido Comunista. Y los intereses políticos de este partido están en violenta contradicción con la unidad sindical. Por eso la obstruye constantemente¹⁴⁴⁴.

Assim, este artigo do Soli colocou em evidência as relações entre cenetistas e ugetistas na Catalunha, além de fazer uma crítica pesada e aberta ao partido que a sustentava naquela localidade, o PSUC.

O Boletín de Información deste mesmo dia 16 de abril publicou uma nota de García Oliver, Ministro da Justiça no governo central, em Valência. Dizia a nota:

Desde el primer momento en que me hice cargo del ministerio de Justicia, constituyó para mí una constante y angustiosa preocupación conseguir la reorganización de las funciones judiciales en todo el territorio leal, porque entendía y sigo entendiendo que el funcionamiento normal de los Tribunales populares no sólo es exigencia para

¹⁴⁴² SOLIDARIDAD OBRERA. **Intereses de partido contra la unidad obrera**. Barcelona, 16 abr. 1937, p. 12.

¹⁴⁴³ Ibidem, p. 12.

¹⁴⁴⁴ Ibidem, p. 12.

demonstrar la dignidad de la República ante el mundo, sino factor imprescindible para el encauzamiento jurídico de las aspiraciones revolucionarias en orden a justicia¹⁴⁴⁵.

O Boletín informou ainda que Oliver manifestou que, nas províncias leais, todas as autoridades judiciais funcionavam, e os presos contavam com todas as garantias legais. A reconstrução do aparato judicial burguês estava a todo vapor.

No dia 17 de abril, o Tierra y Libertad publicou novamente artigos que tratavam de temas muito falados anteriormente, como o governamentalismo dos libertários e a crítica as tendências “autoritárias”. Todavia, também falou sobre uma questão latente: a pequena burguesia. Tal artigo afirmou que a questão dos pequenos proprietários estava sendo fruto de confusões. Salientou que as reivindicações da pequena burguesia estavam se tornando públicas, muitas das quais eram um pedido de manutenção da república democrática e parlamentar. Alguns chegavam mesmo, segundo o artigo, a “denunciar” o “ódio à pequena burguesia” por parte da CNT e da FAI. Entretanto, continuou, as organizações anarquistas especificaram que a pequena burguesia não podia de nenhuma maneira influenciar na marcha da revolução, que tinha características proletárias. A pequena e a grande burguesia já tinham cumprido seu ciclo na direção político-econômica da Espanha. As circunstâncias da guerra impunham o respeito ao direito de uma classe que estava chamada para atuar com o proletariado, trabalhando e tendo os mesmos direitos. Mas esse reconhecimento, por um lado, tem dado sanha às ambições de lucro, de acumular riquezas e, por outro, aos cânticos de virtudes e reivindicações pequeno-burguesas, não apenas em seus próprios setores representativos, como também em outros que se intitulavam socialistas e regiam uma central sindical operária – aqui é uma referência ao PSUC e à UGT catalã.

La pequeña burguesía está llamada a incorporarse a la nueva sociedad, pero sin conservar en absoluto privilegios que el socialismo – de todos los matices – reputa como incompatibles con un orden social equitativo, justo, libre. No puede, por tanto, cobrar vuelos inadecuados, sin producir el alzamiento del proletariado. No debe abusar de circunstancias transitorias, para consolidar posiciones a costa de las conquistas obreras y de sus realizaciones en pleno desarrollo. No tiene otro sentido su colaboración y su reconocimiento de la Revolución actual, que el de aceptar la premisa lisa y llana de la esencia proletaria de la transformación económica y adaptarse lealmente, sin reservas ni intenciones contrarrevolucionarias, al cambio operado, a sabiendas de que este proletariado que está probando al mundo su espíritu justiciero y su capacidad para regirse y dirigir la economía desde sus propias organizaciones sindicales, ha de ser comprensivo con todos aquellos que límpidamente procedan a consolidar la nueva sociedad¹⁴⁴⁶.

¹⁴⁴⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Una nota de García Oliver**. Barcelona, 16 abr. 1937, p. 7.

¹⁴⁴⁶ TIERRA Y LIBERTAD. **El proletariado hace la revolución**. Barcelona, 17 abr. 1937, p. 3.

O mesmo Tierra y Libertad denunciou a existência de presos políticos revolucionários, salientando que nenhum deles deveria ficar em qualquer prisão na Espanha, afirmando que o “[...] lugar de todo revolucionario está en la calle¹⁴⁴⁷”.

No mesmo dia 17 de abril, o Solidaridad Obrera anunciou que a crise da Generalitat estava resolvida. Comentou que o próprio jornal havia anunciado a resolução há um tempo, mas que o PSUC acabou declinando e a crise foi se arrastando. Reafirmou também que a CNT não tinha interesse na distribuição das pastas, mas apenas na orientação geral do governo, que o panorama da retaguarda antifascista causava dor e pena, carecia de inteligência, sensatez e abundava sectarismo e má intenção. Por isso, concluiu:

Con la solución de la crisis se abre una nueva etapa en la vida política de Cataluña. Queremos recordar una vez más, aun a trueque de pecar de machacones, que los problemas que se ventilan, hoy, en nuestro país, no son problemas parciales, que afectan exclusivamente a este o aquel sector, sino que son generales y afectan a todos los antifascistas y que, por tanto, deben ser resueltos mediante la colaboración leal y desinteresada de todos. El problema político no se resolverá definitivamente en tanto los trabajadores afiliados a la C.N.T. y a la U.G.T. no se unan pasando por encima de los intereses “políticos” interpuestos entre ambas sindicales. Los partidos de clase, ya lo hemos dicho en otras ocasiones, tienen una función útil específica a desarrollar: orientar a los trabajadores hacia la emancipación de su clase. Si, lejos de cumplir con su misión, se dedican a entorpecer la unidad de los proletarios, conviértanse de hecho en instrumentos desorientadores al servicio de las clases privilegiadas. Planteado el problema en estos términos, no queda más que una solución que se presenta clara y nítida: arrojar por la borda a todo el que consciente o inconscientemente haga obstrucción a la unidad de los trabajadores¹⁴⁴⁸.

O novo governo formado na Catalunha, cuja composição era basicamente a mesma de antes da crise de abril de 1937, foi o seguinte:

Primeiro Conselheiro e Conselho da Fazenda: Josep Tarradellas, Esquerra;
 Conselho de Segurança Interior: Artemio Aiguadé, Esquerra;
 Conselho de Cultura: Antonio Sbert, Esquerra;
 Conselho de Defesa: Francisco Isgleas, CNT;
 Conselho de Economia: Andrés Capdevila, CNT;
 Conselho de Serviços Públicos: Juan Doménech, CNT;
 Conselho de Saúde e Assistência Social: Aurelio Fernández, CNT;
 Conselho de Abastecimentos: José Miret, UGT;
 Conselho de Trabalho e Obras Públicas: Rafael Vidiella, UGT;
 Conselho de Justiça: Juan Comorera, UGT;

¹⁴⁴⁷ Idem. **Presos revolucionarios**. Barcelona, 17 abr. 1937, p. 6.

¹⁴⁴⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **La solución del problema político y el nuevo periodo iniciado**. Barcelona, 17 abr. 1937, p. 1.

Conselho de Agricultura: José Calvet, Rabassaires.

7.2 Do Novo Governo às Jornadas de Maio

De forma estranha, a mesma edição do Soli que anunciou a formação do novo governo na Catalunha publicou um artigo¹⁴⁴⁹ denunciando a intensificação das perseguições contra a CNT – incluindo-se assassinatos de militantes e suspensão de periódicos. O artigo ecoou várias palavras de ordem, afirmando que era inútil perseguir a CNT porque ela estava enraizada na classe trabalhadora espanhola, mas não denunciou nenhuma organização de forma aberta. No entanto, soa estranho que a organização faça acusações veladas contra forças que ela acabou de pactar na formação do principal governo regional da Espanha.

O mesmo Soli ainda publicou uma nota¹⁴⁵⁰ do Comitê de Defesa do Bairro do Centro convocando grupos e delegados para uma reunião no dia 19 em sua sede para discutir um assunto que os “interessava diretamente” – sem especificar o que era –, demonstrando novamente que tais comitês continuavam ativos.

O Boletín de Información do dia 17 de abril replicou um artigo do periódico CNT que tratava da coletivização no campo. Começou afirmando que um certo partido político – não explicitou qual – negava a eficácia e necessidade da coletivização das terras dos grandes proprietários e fascistas fugidos, mas que os camponeses de Cuenca, Aragão e demais províncias as coletivizaram. Acrescentou que a coletivização

[...] nos conducirá a un nuevo tipo de agricultura mecanizada y productiva, que dará al traste con las viejas fórmulas de propiedad privada medieval y semifeudal para llevarnos a una agricultura cuya base será la desaparición del antagonismo existente entre la ciudad y el campo¹⁴⁵¹.

Afirmou, então, que a CNT e a UGT não apenas reconheciam a necessidade de coletivização, como também os municípios rurais viam nela

[...] la posibilidad de adquirir maquinaria agrícola, el rendimiento del trabajo colectivo en contra de lo improductivo del trabajo individual, y a la vez, mejores condiciones para crear cooperativas de producción y consumo por medio de los cuales se centralice la producción municipal y se puedan canjear globalmente los productos agrícolas rurales, por los artículos de carácter industrial que vienen de la ciudad. Los sindicatos de campesinos y los municipios saben que esta colectivización de la tierra de los

¹⁴⁴⁹ Idem. **Se asesina a nuestros militantes y se suspende gubernativamente nuestra prensa.** Barcelona, 17 abr. 1937, p. 12.

¹⁴⁵⁰ Idem. **Comité de defensa barriada centro.** Barcelona, 17 abr. 1937, p. 11.

¹⁴⁵¹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **El problema de la tierra. La colectivización del campo.** Barcelona, 17 abr. 1937, p. 3.

grandes terratenientes, les creará condiciones más beneficiosas para comprar abono barato en grandes proporciones y sobre todo, que el seguro de helada, pedrisco, incendio, invalidez y vejez será un hecho, porque será una garantía colectiva y no una garantía de las sociedades de seguros, que a costa de los campesinos siempre trataron de enriquecerse. Los municipios y los Sindicatos quieren ser y deben ser en el campo una síntesis en la cual se coordinen las relaciones de producción, cambio, circulación y consumo de los campos con la ciudad. Los pueblos quieren emanciparse de la tiranía y del despotismo de los rentistas y latifundistas, que antes vivían en la ciudad disfrutando el trabajo ajeno. Los colectivistas no hacen caso de las palabras que pueda pronunciar cualquier reaccionario, aunque éste tenga una careta proletaria para convencerles de que deben prescindir de la colectivización de la tierra¹⁴⁵².

Em suma, o artigo afirmou que o camponês queria a exploração coletiva da terra porque esta possibilitava uma maior mecanização, produtividade e menos estafa dos trabalhadores durante o processo produtivo, o que se traduziria em um maior nível de vida material dos produtores, além de outras melhorias desta derivada.

O Soli do dia 18 de abril publicou dois artigos com o tema dos abastecimentos. O primeiro¹⁴⁵³ tratou da questão dos pescados. Afirmou que os principais portos pesqueiros da Espanha estavam nas mãos dos facciosos, que antes de 19 de julho entrava no Mercado Central de Pescados uma média de 60.000kg diários para o consumo de Barcelona, mas que agora chegavam 16.000kg diários – e haveria que se levar em conta que a cidade de Barcelona recebeu uns 300.000 refugiados por conta do conflito. No entanto, esses 16.000kg nem eram constantes, pois nos mares os facciosos colocavam minas, o que fazia com que neste momento se restringisse ainda mais este número, chegando a apenas 6.000kg. Todavia, por conta das campanhas cenetistas pelo controle de preços, estabeleceu-se o preço máximo de venda e o preço de varejo, mas somente no Mercado Central, enquanto os outros mercados estavam livres para fazerem o que queriam. Isso gerou distorções nos preços e, com a campanha contra a especulação, a prefeitura multou diversos estabelecimentos que vendiam pescados. Mas se constatou, paradoxalmente, que as diferenças de preços se davam porque vários desses contraventores haviam comprado seus produtos na Placheta, pois não havia controle de preços e as vendas eram feitas por atacado e a olho, não se usando balanças. O artigo ainda afirmou que havia um excessivo número de intermediários, o que ajudava a encarecer o produto. Os que vendiam o produto afirmavam que a causa da carestia era o excesso de burocracia no Mercado Central, pois ali existia a coletivização, mas o artigo afirmou que isso era falso, e o problema decorria do grande consumo de pescado e por conta de sua falta. E o escrito encerrou afirmando que a solução ideal seria a coletivização de toda a indústria, do pescador ao vendedor, para

¹⁴⁵² Ibidem, p. 3-4.

¹⁴⁵³ SOLIDARIDAD OBRERA. **La carestia del pescado. Sus causas y la única solución posible para su abaratamiento.** Barcelona, 18 abr. 1937, p. 4.

unificar os preços de venda, ainda que, de momento, como a população não poderia pagar mais pelo pescado, pessoas que se dedicavam a esta atividade teriam que ser deslocadas para outros ramos.

O segundo artigo¹⁴⁵⁴ sobre o tema dos abastecimentos discutiu os preços em geral, e foi escrito por Manuel Ginés, Secretário da Seção de Distribuição do Sindicato das Indústrias Agrícolas, Pesca e Alimentação. Ele salientou que, no último dia 15, o Conselho de Abastecimentos divulgou uma lista de preços do que era vendido aos atacadistas, para que estes vendessem aos varejistas, e que tivessem um lucro máximo de 20%. Por sua vez, a prefeitura lançou uma nota para que o público soubesse como proceder em suas compras, mas esta divergia com a lista feita pela própria prefeitura e pela do Comitê do Mercado de Borne – que também fez a sua lista, mas somente no que se referia a frutas e verduras. O artigo ainda afirmou que, nos últimos dias, a imprensa estava fazendo uma campanha contra a alta abusiva dos preços, porém fazia de modo errado, pois atacava apenas o varejista. Disse que o problema vinha de cima, e que 65% das dificuldades tinha origem nos intermediários, como seriam os armazenistas disfarçados de comitês, conselhos de abastecimentos etc. Também houve uma pequena nota¹⁴⁵⁵ especificando que a Prefeitura de Barcelona iria impor multas para os que aumentassem indevidamente os preços dos alimentos e, em caso de reincidência, o estabelecimento seria fechado.

Na mesma edição do Soli, ainda, foi publicada uma nota convocando uma assembleia de bairro – na verdade envolvia três deles: Penitents, Taxonera e San Genís – que ocorreria no dia seguinte e trataria de “[...] cuestiones de interés para la buena organización de todos los servicios internos y estudiar la inmediata solución del problema escolar de la misma¹⁴⁵⁶”. Era a segunda convocação feita pelos jornais em dois dias seguidos – sem contar as convocações que eram feitas por outros meios –, o que pode indicar uma maior efervescência nos bairros. Foi publicada também uma pequena nota dando conta que Eroles havia detido alguns guardas por estarem se dedicando a desarmar os trabalhadores, qualificando tais fatos como “extralimitações de funções cometidas por alguns indivíduos”, salientando que os trabalhadores armados eram a garantia da revolução.

Los trabajadores se armaron el 19 de julio para defender su propia causa, la causa de la Revolución, y nadie con más legitimidad que ellos pueden ostentar hoy, las armas,

¹⁴⁵⁴ GINÉS, Manuel. El desbarajuste actual en los precios de la alimentación. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 abr. 1937, p. 4.

¹⁴⁵⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **El Ayuntamiento impondrá multas a los que eleven indebidamente el precio de las subsistencias**. Barcelona, 18 abr. 1937, p. 4.

¹⁴⁵⁶ Idem. **Asamblea de vecinos de la barriada (Penitents-Taxonera-S. Genís)**. Barcelona, 18 abr. 1937, p. 4.

que son la garantía de la confianza ciudadana. Contra esto se alega algunas veces legalismos estúpidos. Se alega de si llevan o no permiso para el uso de las armas. Y esta es otra equivocación. El hecho de ser un trabajador controlado por cualquiera organización antifascista – entiéndase bien, por cualquiera – implica una autorización para llevar armas. Porque se presupone de antemano que es un hombre al servicio de la Revolución y este servicio, mientras dure el período revolucionario, es el más sagrado de todos. No intervenimos, pues, resbaladizas razones de leguleyo barato. Un trabajador es hoy un revolucionario. Un revolucionario debe ir armado. Su arma es la garantía del nuevo orden de cosas. Los que no opinen así y cometan actos en contrario son, por instinto, por conveniencia o por falta de fervor, antirrevolucionarios legítimos¹⁴⁵⁷.

Em 19 de abril, o Boletín de Información publicou extratos de uma entrevista de Arturo Mestres, que falou em nome da Escolas de Militantes CNT-FAI. Ele tratou da campanha antiproletária que se estava fazendo da seguinte forma.

Se ha censurado y lanzado los más furiosos anatemas sobre **los Comités de Defensa, Comités de Barriadas, socializaciones, colectivizaciones, Sindicatos, Patrullas de control y milicianos de la C.N.T. y la F.A.I.; en fin, sobre todo aquello que tenía un átomo de revolucionario**. Pero se da el caso paradójico y que sólo suele suceder dentro del carácter español, que los mismos que protestan y censuran todos aquellos organismos genuinamente proletarios, son los mismos que en los primeros días y semanas de la revolución, no se movían de las puertas de los Comités de Defensa y de los Sindicatos para poder sacar todos aquellos beneficios que de los mismos pudiesen dimanar. Cuando han podido comprobar que la guerra era larga y que el camino era también largo, se han creído en la necesidad de aprovecharse de la revolución y al mismo tiempo coaccionar a los Comités de empresa o bien Comités de control, para que les abonasen el doble sueldo por Diciembre. Se han encontrado que los Comités de Defensa y la Organización Confederal y específica creyeron de muy buen acuerdo suprimir por completo toda clase de emulmentos, y claro está, desde aquel momento la campaña en contra de los Comités y todo aquello que representaba a la Confederación, ha sido fuerte como lo habréis podido comprobar. **Estos elementos tienen interés marcadísimo en hacer desaparecer dichos Comités**, por ser éstos un obstáculo en sus negocios personales y sus fines egoístas¹⁴⁵⁸.

Mestres também falou da importância que tais elementos davam às coletivizações empreendidas pela CNT, mas que davam bem menos importância à perda de cidades espanholas para os facciosos, algumas das quais teriam sido abandonadas por oficiais traidores. Perguntou-se, então: a formação de um comitê de empresa ou de controle significa um avanço ou um recuo dos fascistas? Terminou sua fala pedindo equidade, austeridade e sacrifício.

Ainda no dia 19 de abril, durante a noite, aconteceu uma reunião do Comitê Regional. Iniciou-se com o Secretário falando sobre a questão do fornecimento de papel para o periódico La Vanguardia. Depois evidenciou que, em Valência, o caso de Maroto causou péssimas

¹⁴⁵⁷ Idem. **No se puede desarmar al proletariado**. Barcelona, 18 abr. 1937, p. 4.

¹⁴⁵⁸ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Extracto de la conferencia dada por nuestro compañero Arturo Mestres, de la escuela de militantes CNT-FAI, ante em micrófono de nuestra emisora E.C.N.1 Radio C.N.T.-F.A.I.** Barcelona, 19 abr. 1937, p. 2, grifos nossos.

impressões, e que no Las Noticias os ugetistas diziam que ele e a CNT estavam a serviço dos fascistas, acordando-se comunicar a Dionisio para que tivesse cuidado com as notícias que inseria no periódico sob sua direção. Más leu um comunicado da Confederação de Cooperativas da Catalunha. Ascaso informou sobre as últimas operações na frente de Huesca – Comunidade Autônoma de Aragão – e da desmoralização de alguns batalhões, chegando mesmo ao caso de uns 400 combatentes terem desertado com armas e bombas de mão, indo para Barcelona sem que os responsáveis pela frente pudessem fazer nada. Segundo informações, acrescentou Ascaso, eles estavam influenciados por dois indivíduos que nunca haviam tomado parte em nenhum combate. E isso com o agravante de que, ao fugirem da frente, batalhões do POUM os desarmaram, o que desprestigiou a organização.

Neste momento da reunião, chegou uma carta falando em mais deserções na frente e, por isso, tinha-se tomado acordos graves. O primeiro era dar confiança e facilidades para que os membros da defesa pudessem trabalhar. Uma comissão foi destacada para transmitir os acordos do Comitê Regional às pessoas responsáveis pela defesa, e que eram: após se esclarecer bem os fatos e os responsáveis da primeira deserção, que fossem fuzilados, e os outros 400 deveriam ser presos e levados ao Castelo de Montjuic, onde uma comissão do Comitê Regional iria fazer algumas considerações sobre o caso e os mais responsáveis deveriam ser enviados às frentes de maior perigo, por bem ou por mal, ao passo que aos outros seria aconselhado que voltassem para seu local de origem. Xena e Ascaso falaram sobre um provável envolvimento de elementos de aviação neste episódio e que, inclusive, já haviam sido presos, iniciando-se uma discussão em torno deste assunto. Ascaso falou da possibilidade de tudo isso não ter sido por “má intenção”, e sim por falta de comandos nas companhias, já que existia um homem dirigindo uma centena. Como existiam pessoas que só estavam na frente para receber o soldo, quando viam um momento de perigo eles fugiam, levando a desmoralização aos locais em que não chegava o controle do capitão de companhia. O Secretário ressaltou que era preciso acabar com isso. Ascaso o respondeu dizendo que as milícias estavam militarizadas, e que foi dado tempo para que elas refletissem. Acrescentou que fatos como estes poderiam se espalhar, comprometendo as linhas de defesa, e se os anarquistas não os castigassem, amanhã não teriam moral para pedir castigos aos outros. Xena disse que o governo tinha razão em não entregar armas para os de Aragão, pois estavam completamente desmoralizadas. Concordou-se em buscar todos os meios de disciplinar a frente de Aragão. O Secretário frisou que dias antes havia convidado a UGT para fazer uma série de comícios e, no Primeiro de Maio, trabalhar. Todavia, esperava-se que todo o benefício fosse revertido para a guerra. Falou-se dos atos do último domingo, que foram considerados um fracasso, reprovando-se vários conceitos que foram

usados pelos oradores. Tarrens, da Telefônica, foi criticado por dizer que se exagerava no número de baixas de Sta. Quitéria e por criticar Federica Montseny, além de ter afirmado que “para cada um de nós que caia, haverão de cair trinta ou quarenta dos outros”, o que soou como uma fala inadmissível para alguém que discursava em nome da organização. Operários e soldados se queixaram de que as JJ.LL. e os Grupos Anarquistas “[...] hayan dicho ciertas verdades por mediación de Octavillas, y periódicos que dificulta a su parecer la labor de saneamiento que tienen intención de hacer en los cuerpos¹⁴⁵⁹”. Depois de mais algumas falas sobre assuntos variados, antes da reunião ser encerrada de vez, Construção afirmou que os Amigos de Durruti estavam crescendo cada dia mais,

[...] temiendo que produzca una escisión en nuestros medios para poderlo evitar que sería fatal en estos tiempos como medida preventiva en primer lugar hay que desautorizar el sello que tienen ellos el cual lleva las iniciales C.N.T.-F.A.I.¹⁴⁶⁰.

Tal reunião demonstrou um pouco os efeitos que a militarização das milícias havia produzido: a desmoralização da frente de batalha e o conseqüente aumento no número de descontentes e desertores. Tal problema os dirigentes cenetistas buscavam resolver com repressão e fuzilamento, sob pena de tais práticas se alastrarem. Eram exatamente essas deficiências, provocadas pelo abandono da prática revolucionária por parte da organização cenetista, que faziam com que os descontentes aumentassem em número, o que ajudava a potencializar os grupos de oposição como os Amigos de Durruti, que poderiam sim caminhar para uma cisão dentro da CNT – a preocupação da Construção não era descabida. Se a unidade antifascista passava por uma crise e poderia cindir, com a CNT não era diferente.

No dia 21 de abril, Berneri publicou um artigo no *Guerra di Classe* intitulado *Guerra e Revolução*. Ele começou falando sobre a Segunda República Espanhola e como ela nasceu, afirmando que ela não floresceu porque não atendeu às reivindicações minimamente progressistas, como a reforma agrária, por exemplo, que fora feita em doses homeopáticas, segundo o autor. No fim, acabou sendo cúmplice do fascismo. E os que resistiram ao golpe também não eram homogêneos. Entre estes estavam os “leais”, meramente republicanos, e os socialdemocratas, que reduziam a luta entre fascismo e revolução social para uma luta entre fascismo e antifascismo. Do lado oposto, frisou Berneri, estavam os anarquistas e as elites proletárias, convencidos de que a palavra de ordem “ganhar a guerra” tinha um sentido positivo. Era, segundo o autor, uma condição do progresso político e social das nações, mas isso não

¹⁴⁵⁹ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. *Ata da reunião realizada no dia 19 de abril de 1937*, p. 3.

¹⁴⁶⁰ *Ibidem*, p. 3.

significava que fosse necessário limitar a guerra a um conflito entre Madri e Burgos, entre a república de Azaña e o governo de Franco.

La “guerra” es en España “guerra civil”, y por tanto la lucha armada político-social. Y lo es tanto más cuando no se trata en esta guerra civil de simples facciones en lucha entre sí, con escasa relación con la vida de las masas y actuando digamos en privado. Una guerra entre partidarios de Franco y partidarios de Azaña podría presentar bastante analogía con la “guerra”, pero no una lucha armada en la cual están comprometidas las conquistas sociales de Cataluña, Aragón y Levante; una lucha en la cual los vencedores transformarían en una determinada dirección política y económica la vida de las naciones. Es una lucha que no puede terminarse con una mera retirada de las tropas, sino con el éxodo de los vencidos¹⁴⁶¹.

Beneri fazia lembrar a finalidade da guerra civil, que era uma guerra social, e não uma guerra de libertação nacional. O proletariado, acrescentou ele, “[...] está en lucha con la burguesía, mientras el alto clero y la casta militar le hacen la guerra¹⁴⁶²”. Ele ainda acrescentou que a guerra civil teria que se assentar sobre uma nova economia de guerra, e essa só poderia ter como fim e razão de ser a utilidade geral. Os problemas financeiros, monetários e todos os outros problemas econômicos em geral só seriam resolvidos afetando os interesses de certas camadas sociais. Entretanto, acrescentou Beneri, não se poderia cair no erro oposto aos conservadores, ou seja, em um extremismo socialista que se inspirasse não na necessidade de vencer a guerra e sim em fórmulas programáticas com finalidade de futuro.

Las posiciones fecundas son las “centristas”. Yo pienso que **la socialización de la grande y pequeña industria es una “necesidad de guerra”**. Hay antifascistas que están persuadidos de lo mismo, pero a diferencia de mi caso, no es por razones colectivistas. Sosteniendo la “necesidad actual” de la socialización de la grande y mediana industria tendré conmigo la opinión de estos antifascistas, que consentirán eventualmente en aportar su ayuda. Tengo en cambio muchas reservas que hacer al proyecto de socializar la pequeña industria, en relación con las “necesidades de guerra”, y estoy obligado a discutir con los compañeros que quisieran extender al máximo la socialización industrial. Llamo “centristas” a mi posición, pues a la derecha tengo a los adversarios de toda socialización y a la izquierda a los que son de tendencia maximalista, partidarios de una inmediata y total socialización. En el centro me encuentro en compañía de todos los colectivistas, que piensan como yo, y con los antifascistas que entienden indispensable la creación de una sólida economía de guerra y que aprecian como principal factor de aquella economía la socialización de la grande y mediana industria. La posición centrista tiene en cuenta, no solamente las razones estrictamente económicas y actuales, que militan a favor de la tolerancia en favor de la pequeña burguesía, sino incluso razones psicológicas¹⁴⁶³.

¹⁴⁶¹ BERNERI, Camillo. Guerra y revolución. Guerra di Classe. Barcelona, 21 abr. 1937. In: BERNERI, Camillo. **Guerra de Clases en España, 1936-1937**. Barcelona: Tusquets, 1977, p. 233.

¹⁴⁶² Ibidem, p. 233.

¹⁴⁶³ Ibidem, p. 234-235, grifo nosso.

Bernerri terminou seu artigo salientando que, entre certas declarações conservadoras de Caballero e certas críticas doutrinárias maximalistas da CNT e da FAI, ele achava justo e oportuno estabelecer uma ordenação da economia de guerra que fosse simplesmente “racional”, o que poderia facilitar o estabelecimento de pontes entre os anarquistas, o PSUC, o POUM e todos os que realmente fossem antifascistas.

No mesmo dia 21 de abril, o Soli publicou um artigo que também tratava da socialização da produção. Fez críticas aos liberais, que defendiam o livre-comércio, dando como exemplo os preços das subsistências. Afirmou que o livre-comércio, então, seria uma negação da liberdade. Salientou que há muitos meses se deveria ter começado a socializar a distribuição, e não a escamotear sob pretexto de coletivizações exploradoras. Ainda que não se pudesse fazê-la de uma vez, poderia se ter embrenhado neste caminho de forma gradual. Falou que em muitas cidades pequenas e em partes onde se tinha operado a socialização, tem funcionado comitês de abastecimentos, armazéns cooperativos e municipais, e outras formas de distribuição nas quais a população adquiria os víveres, roupas, ferramentas etc. Afirmou também que sabia da dificuldade para socializar repentinamente toda a distribuição em grandes centros urbanos como Barcelona, mas que isso não justificava que não se fizesse nada. O artigo propôs que as seções sindicais ou as fábricas e oficinas que tivessem um número elevado de trabalhadores instalassem armazéns de distribuição e entregassem por sua conta os víveres aos operários. Isso porque as coletividades muitas vezes vendiam seus produtos a intermediários que especulavam. Dessa forma, evitaria-se a usura e a alta dos preços. E concluiu:

Empiécese de una vez. Este será el mejor modo de poner un freno a la especulación, que es el hecho general del comercio, y no de una categoría especial de comerciantes. Apélese a las colectividades agrarias, cómprese sus productos directamente. De productores a productores. Veremos pronto los resultados, y nuestra Revolución habrá cavado mucho más hondo la fosa del privilegio, asegurando mejor los cimientos de lo socialismo libertario¹⁴⁶⁴.

No mesmo Soli, foi possível constatar que a CNT e a UGT celebrariam juntas o Primeiro de Maio em uma série de atos. E a necessidade de tais atos conjuntos foi justificada da seguinte maneira:

Se hacía necesario que el sentido común se impusiese. Las organizaciones proletarias quieren establecer una cordialidad duradera entre los trabajadores; desean hacer efectiva la obra de gobierno; manifiestan su voluntad unánime de contribuir al triunfo militar del antifascismo; laboran por afirmar la obra revolucionaria, y finalmente,

¹⁴⁶⁴ LEVAL, Gastón. Para socializar la distribución. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 3.

hacen un llamamiento a la solidaridad del proletariado internacional para que acuda en ayuda de sus hermanos de España¹⁴⁶⁵.

Em uma outra nota¹⁴⁶⁶ também foi destacado que o dia 1º de maio seria considerado dia de trabalho.

O Soli do mesmo dia ainda tratou três vezes da questão dos abastecimentos. Na primeira delas, começou afirmando que os problemas dos abastecimentos em Barcelona tinham como causa o livre comércio, embora paradoxalmente essa falta de controle fosse produzida pelo Comitê de Controle e organismos oficiais, e em nome da revolução. Evidenciou um varejista que foi adquirir um saco de farinha de arroz em uma casa comercial da cidade – controlada pela UGT – e o antigo dono vendia por conta e risco 100 quilos do produto por 200 pesetas. O varejista exigiu a fatura de compra do produto com as orientações legais, o que foi negado. Contudo, sob ameaça de denúncia, o dono a apresentou, mas salientou que nunca iria vender mais nada para o referido varejista. Este, então, contou o caso para o sindicato. Foi comprovado que existiam vários produtos escassos com o referido vendedor, e que eram guardados para fins especulativos, cujos valores de compra foram 97, 132 e 160 pesetas por cem quilos, que eram vendidos a 200 pesetas, como já foi colocado. Questionou o artigo, ante tudo isso, o que faziam o Comitê de Controle e o Conselho de Abastecimentos? E concluiu:

Resumiendo. Como podréis ver, compañeras y compañeros, no solo la culpa de la carestía de vida es de los tenderos, viene de más alto, de origen y de la infinidad de intermediarios por que pasa el género hasta llegar a nuestras manos cuando vamos a comprarlo a la tienda. Es necesario acabar con el comercio libre sin control, si no queremos que éste acabe con la Revolución. Han de centralizarse todos los géneros alimenticios que se fabriquen o lleguen a Barcelona, para después distribuirlos, racionados e equitativamente, en y por los organismos oficiales y responsables de Abastos, pero en el bien entendido que desde los mismos, y con las necesidades del pueblo si no queremos que éste, harto ya de sufrir privaciones, no asalte más las tiendas porque la mayoría están vacías, sino en cambio otros sitios más altos y acabe con todos nosotros por incapaces. Esta sinceridad de colaboración que pedimos a base de la **creación urgente de un Consejo de Abastos en esa Consejería**, donde estén representados los obreros técnicos y profesionales, **o la socialización general del ramo de la alimentación**, movilizandando y mandando a trabajar al campo o a la guerra, a todos los brazos improductivos y burócratas que sólo hacen gravar y comerciar con la alimentación¹⁴⁶⁷.

A segunda vez que a questão dos abastecimentos foi tocada no Soli do dia 21 de abril foi em uma publicação da Seção de Padeiros do Sindicato Único do Ramo da Alimentação,

¹⁴⁶⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **La C.N.T. y la U.G.T. celebrarán actos conjuntos el 1º de Mayo**. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 7.

¹⁴⁶⁶ Idem. **A los trabajadores de Cataluña**. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 2.

¹⁴⁶⁷ GINÉS, Manoel. ¿Quiénes gravan el precio de las subsistencias? **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 2, grifos nossos.

respondendo ao Treball, qualificando-o como “porta-voz dos especuladores” e desacreditadores do “autêntico marxismo”. Tal periódico, segundo o artigo, havia pedido remédios sérios e adequados aos agiotas, sendo que a Seção de Padeiros perguntou se por acaso seria “[...] el remedio adecuado oponerse tenazmente a la socialización de todas las industrias, grandes o pequeñas, con miras a perpetuar el régimen capitalista?¹⁴⁶⁸”, pois era isso o que o PSUC fazia. Falou também do sarcasmo do periódico Treball, que havia ironizado a dor dos padeiros, que haviam sido capazes de liquidar o capitalismo em seu ofício. Tratou ainda das acusações feitas pelo periódico do PSUC sobre a alta dos preços do pão apesar da manutenção do preço do trigo, afirmando que tal acusação ignorava que chegava à capital apenas 1/3 da farinha necessária, e que se trabalhava por distrito para que a cada dois dias existisse uma ração de 350g por pessoa, bem como ignorava também que os preços eram idênticos aos praticados pela antiga burguesia. E foi enfático: “Que nos den la harina necesaria y automáticamente venderemos el pan más barato que entes del 19 de julio. Pero estamos seguros que no harán¹⁴⁶⁹”.

Uma pequena nota¹⁴⁷⁰ ainda salientou o problema das filas para a obtenção de pão em Valência, evidenciando que as dificuldades dos abastecimentos não se resumiam à Catalunha.

Uma última questão sobre o tema dos abastecimentos, ainda, foi uma pequena nota¹⁴⁷¹ afirmando que as Patrulhas de Controle, por referência do Serviço de Investigação do Comitê de Defesa do Bairro de Sans, acabou desbaratando mais um depósito de víveres, sendo que o produto foi confiscado e doado para hospitais. Isso demonstra que os comitês de bairro estavam ativos ainda, mesmo que estivessem na ilegalidade, e também que exerciam um papel fiscalizador em seu perímetro de atuação – isso sem contar que eles eram próximos ao setor coletivizado e inimigos do setor privado –, além de terem uma proximidade com as Patrulhas de Controle.

E um último artigo importante desta edição diz respeito ao editorial¹⁴⁷², que defendeu a austeridade na retaguarda e criticou organizações que nomeavam para vários cargos as mesmas pessoas, fazendo com que elas recebessem vários soldos ao mesmo tempo.

Ainda no dia 21 de abril houve uma nova reunião do Comitê Regional. Iniciou-se com Cortés falando sobre os oradores que a princípio estavam destinados a encerrar os atos que, em conjunto com os socialistas, falaria sobre as festas do Primeiro de Maio. Castelote informou

¹⁴⁶⁸ SOLIDARIDAD OBRERA. **Unas interesantes manifestaciones de los panaderos barceloneses**. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 4.

¹⁴⁶⁹ Ibidem, p. 4.

¹⁴⁷⁰ Idem. **El problema del pan**. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 6.

¹⁴⁷¹ Idem. **Las Patrullas de Control y los acaparadores**. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 4.

¹⁴⁷² Idem. **Pro austeridad de la retaguardia**. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 1.

verbalmente sobre os acordos tomados na Plenária de Regionais e Comarcais, realizada em Valência, com caráter nacional. Sobre os acontecimentos de Valência tiraram a impressão de que o Comitê Nacional se portou bem, sendo que a maior parte da culpa recaiu sobre o Comitê Regional. Os fatos foram os seguintes, segundo a fala de Castellote: em uma comemoração para um miliciano aconteceram brigas e tiros. A força pública fez sua manifestação e o povo se levantou contra eles. Com isso, 11 guardas e três camponeses foram mortos. O Comitê Nacional e o Comitê Regional tiveram que ir até o local. No caso de Maroto, falou-se que ele foi vítima de uma manobra, sendo acusado de assistir uma reunião na qual havia sido concordado que o governador de Almería seria morto. Como tinha a patente de tenente-coronel em sua coluna, seria processado como militar. O caso de Málaga: os fascistas entraram e o Comitê Regional foi embora. Uma infinidade de bombas de mão foi perdida, colocando em perigo a vida de 12 mil homens que não foram avisados antecipadamente, ficando à própria sorte. Falou-se também um pouco sobre o processo de fuga. Depois de mais informações sobre este mesmo assunto, deu a conhecer que se acordou nomear uma relatoria para o assunto entre as diversas regionais. Leu-se uma carta de Federica Montseny na qual exigia que se desse uma satisfação sobre o ocorrido¹⁴⁷³, ou então ela não voltaria a falar mais na Catalunha. E, como descrito na própria ata da reunião,

[...] aunque veladamente se hacían cargos en la misma contra los amigos de “Durruti” el compañero Alfonso de la Federación Local de Barcelona, se opuso a que esta acusación prevaleciera diciendo: Que no podía haber ningún responsable en un lugar donde había tan público¹⁴⁷⁴.

A reunião ainda tratou de uma possível reforma no Comitê Nacional, de questões financeiras da organização e da intensificação das plenárias. Falou-se novamente da plenária e do ambiente anticatalanista que havia, inclusive dizendo que o próprio Peiró tinha uma ideia errada sobre a Catalunha. Foram proferidas muitas queixas de que o Conselheiro de Defesa da Catalunha não costumava ir ao Comitê Nacional quando passava por Valência. Castellote disse que a pior intervenção foi a de Aragão, ao que a representação catalã respondeu que na Catalunha ocorriam sabotagens e buscava-se organizar as coisas de outra maneira, pois na mínima ocasião os comunistas de Estado tentariam implantar seu regime. E, como prova, acrescentou, estava sua tentativa de levar 23 companhias de carabineiros, força armada

¹⁴⁷³ Em um comício realizado na Praça da Monumental de Barcelona, por conta de uma campanha de sangue, Montseny falou como Ministra da Saúde da República, e ela foi bastante vaiada pelos próprios militantes cenetistas, o que a deixou bastante constrangida e furiosa.

¹⁴⁷⁴ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunião realizada no dia 21 de abril de 1937**, p. 2.

antirrevolucionária por excelência. E quanto à parte construtiva, salientou que se fazia na Catalunha tudo o que se podia. Foi falado também que não se deveria tolerar certa propaganda dos Amigos de Durruti, “[...] porque Durruti está muerto y por lo tanto tiene que servir de banderian de engache de nadie. Y hay que porcurar de infiltrar en dicho Organismo dos Delegados unos de la C.N.T. y otro de la F.A.I.¹⁴⁷⁵”. Concordou-se ainda em contrabalançar a propaganda feita pelos comunistas de Estado. Falou-se em criar comitês pró-vítimas do fascismo em todos os lugares, da ordem pública de Madri, etc., terminando assim o informe sobre a plenária. Discutiu-se também a criação de um caixa de ajuda confederal e, então, a reunião foi encerrada já de madrugada, ficando acertado que ela continuaria no dia seguinte.

A ata desta reunião é bastante confusa e é difícil saber ao certo quem fez determinada fala ou informe. Os assuntos discutidos também estão muito bagunçados, indo e voltando, criando-se uma mistura difícil de ser decifrada. Mas as questões centrais aqui discutidas eram a falta de coordenação que existia entre os combatentes, como ficou claro no caso de Málaga, mas também a intenção dos comitês regionais da CNT e da FAI em colocar um infiltrado dentro da Agrupação Os Amigos de Durruti. Ou seja, estava propondo que os comitês regionais espionassem seus próprios militantes. Era uma medida completamente antilibertária e estapafúrdia. Não sabemos se isto realmente foi feito, mas a mera cogitação já demonstra um pouco os rumos que as organizações estavam tomando.

No dia seguinte, 22 de abril, a reunião do Comitê Regional do dia anterior foi retomada durante o período noturno¹⁴⁷⁶. Iniciou-se com Arnau falando sobre entradas e saídas, além de questões mais técnicas do periódico da organização, o Solidaridad Obrera. Passou-se a discutir os milicianos da frente de Aragão que pertenciam às colunas de Vivancos e Jover. Pelas declarações dos desertores e pelas reuniões que ocorreram, além da comissão que foi à frente para verificar, o ocorrido havia sido o seguinte: Jover deu descanso para alguns que tinham participado nos últimos combates – quando eles haviam sido atacados erroneamente pela sua própria aviação –, pois estavam cansados e desmoralizados, mandando-os para Nueno, na província de Huesca, Comunidade de Aragão. Uma vez no povoado, eles fizeram uma reunião e decidiram ir para Barcelona, de onde não sairiam até estarem completamente equipados e ter tanques e aviões. Em vista de tal decisão, os comandos avisaram o POUM, para que estes desarmassem os desertores, visto que era impossível convencê-los do contrário. Resumidamente, havia sido isso o que ocorreu. Iniciou-se uma discussão sobre o assunto, concordando que na manhã do dia 23 o Soli iria fazer uma chamada aos desertores. Distribuição

¹⁴⁷⁵ Ibidem, p. 2.

¹⁴⁷⁶ Idem. **Ata da reunião realizada no dia 22 de abril de 1937.**

perguntou por que as decisões tomadas na última reunião não foram colocadas em prática. Lara afirmou que tinha acordado tomar soluções extremas para fazer cumprir sua obrigação a determinados elementos da própria organização, e que a mesma disciplina que se exigia deles deveria ser exigida para todos, assim como caso fosse visto um barco ou trem carregando armas para a Catalunha seria preciso tomá-los e mandá-los rapidamente para a frente de Aragão. Jover disse que era preciso nomear cerca de novecentos comissários, e fez apologia a eles. Depois de mais algumas falas e outros assuntos menores, a reunião foi encerrada.

Ficou claro em tal reunião que a grande motivação para a deserção na frente de Aragão foi a falta de armamentos. A militarização das milícias ocorreu com a promessa de que não faltariam armas, mas não era o que estava acontecendo. Os combatentes, milicianos revolucionários agora convertidos em soldados, estavam bastante descontentes na medida em que, além de verem naufragar as formas organizacionais pautadas na democracia direta – elas continuavam existindo, mas apenas de forma residual –, ainda não tiveram a resolução dos graves problemas relacionados à falta de armamentos. Muitos se sentiam enganados e acabavam deixando a frente de batalha por conta própria. A vitória no campo de batalha dependia também do êxito do processo revolucionário. Afinal, pelo que a maioria dos trabalhadores que se alistaram voluntariamente nas milícias formadas logo no início do conflito estava morrendo? Qual era a finalidade da luta?

No dia 23 de abril, o Soli publicou um artigo no qual supôs que a base para ganhar a guerra e a revolução era a produção coletiva. O texto começou afirmando que na retaguarda antifascista havia um processo de choque de povo contra povo, e que isso ocorria porque a revolução não havia sido levada a fundo.

Si en España, al producirse el levantamiento militar fascista; si cuando la clase trabajadora, después que hubimos vencido al fascismo en sus propios reductos, hubiésemos acometido la Revolución a fondo, hoy no tendríamos que lamentar todos estos hechos ocurridos y los que pueden ocurrir, como tampoco tendríamos que contemplar el espectáculo deplorable que ofrece la retaguardia antifascista o que se tilda de tal¹⁴⁷⁷.

O artigo perguntou por que em Aragão se fez a revolução, respondendo que lá eles sabiam que para ganhar a guerra era preciso ganhar a revolução, pois sem revolução existiria fome, mendicância, ascensão de interesses particulares e, assim, não se ganha a guerra.

¹⁴⁷⁷ BLANCO, Antonio. La producción colectiva, base económica para ganar la guerra y la revolución. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 23 abr. 1937, p. 9, grifo nosso.

No; no es nuestra misión, hombres revolucionarios que lo sois de verdad; no hay que ganar antes la guerra, para hacer la Revolución; precisa hacer antes la Revolución para ganar la guerra, pues la guerra no se gana solamente con fusiles, cañones y ametralladoras. La guerra se gana con una superproducción triple que anteriormente. **Para ello hay que hacer la Revolución y acabar con la vagancia individual y pasar a la producción colectiva.** Sólo entendiéndolo así triunfaremos contra el fascismo¹⁴⁷⁸.

O mesmo Soli também publicou um artigo sobre o ramo da camisaria. Começou afirmando que muitos receavam fazer assembleias conjuntas de trabalhadores sem distinções sindicais, mas que a tática unitária era a correta, pois os interesses dos proletários não eram conflitantes quando atuavam de forma unificada e assembleária. Um exemplo disso seria a socialização de indústrias. Quando se tratava desse problema em reuniões amplas, afirmou o artigo, os trabalhadores dos dois sindicatos concordavam com a socialização, embora isso se chocasse com os interesses da pequena burguesia reacionária. Foi o que ocorreu em uma assembleia realizada no último dia 9 pelas seções de camisaria da CNT e da UGT que, apesar da oposição surda de certos elementos, aprovou a socialização total do setor, nomeando uma comissão formada por membros da CNT e da UGT para realizar os acordos da assembleia. Terminou o artigo afirmando que isso era exemplo para todos os trabalhadores, enfatizando que a

[...] verdadera democracia proletaria halla expresión concreta por medio de las asambleas, en las cuales todos los trabajadores pueden expresar su pensamiento sobre los problemas que se debaten hoy en el seno de la clase obrera. Pueden exponer su pensamiento libremente y sin injerencias de orden “político”¹⁴⁷⁹.

Dessa maneira, verificamos que, apesar de todas as dificuldades, os processos de coletivização e socialização ainda continuavam avançando em meados de 1937, e as bases das duas centrais sindicais, apesar de todas as diferenças e de muitos conflitos, ainda eram capazes de construir acordos e proceder as coletivizações, ao menos em alguns setores.

Ainda no dia 23, o Boletín de Información publicou a fala de A. Laina, da Frente da Juventude Revolucionária, que fora transmitida pela Rádio CNT-FAI. Falando sobre guerra e revolução, disse que o proletariado espanhol estava imerso em uma guerra civil cruel comparável aos dias gloriosos da França e da Rússia. Assim como estes nos primeiros tempos, a Espanha passou a constituir um exército disciplinado, aguerrido e dotado de elementos técnicos. No entanto, a experiência demonstrou que o poderio militar não era uma condição suficiente. Seria preciso também uma elevada moral e a máxima eficiência na retaguarda.

¹⁴⁷⁸ Ibidem, p. 9, grifo nosso.

¹⁴⁷⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Los obreros camiseros de la U.G.T. y de la C.N.T. acuerdan ir a la socialización inmediata de la industria.** Barcelona, 23 abr. 1937, p. 3.

Afirmou ainda, criticando os que viam a guerra civil como um conflito de defesa da democracia, que Franco não lutava contra a república, e sim contra os trabalhadores. O fascismo seria um fenômeno eminentemente antiproletário. Se a segunda ação de Franco foi emanar medidas antidemocráticas, a primeira foi destroçar as organizações sindicais, castigar de morte as associações operárias, proibir toda tentativa de resistência da exploração capitalista.

Resumiendo: la actual no es una guerra por la independencia nacional o en defensa de la democracia. Es una guerra social. Idéntica a la librada en Rusia contra las mesnadas imperialistas. Análoga a la sostenida por los republicanos del 89 contra el ejército monárquico de Brunswick¹⁴⁸⁰.

No dia 24 de abril, o Tierra y Libertad publicou um artigo advertindo que se estava “brincando com fogo”. Salientou que nas revoluções, depois de um período de euforia, vinha o contraimpulso conservador, e era o que estava sendo produzido na Espanha. Ou a revolução era afirmada, ou retrocedia. Destacou que a revolução proletária não havia esgotado suas energias e possibilidades, mas que se organizava deliberadamente a contrarrevolução. A guerra tinha exigências próprias, que os anarquistas haviam aceito e que impunham limitações à criação revolucionária, mas o que se fazia era atacar a revolução pelas costas. E então enfatizou:

Es el momento de hablar claro. Se ha puesto en marcha, artificialmente, la contrarrevolución por parte de uno de los sectores marxistas, tendiendo como objetivo inmediato a eliminar la influencia anarquista, la influencia de la C.N.T. y la F.A.I., de la marcha de los acontecimientos. Pretensión absurda, descabellada y peligrosa para la causa antifascista, pero que se pone en evidencia en una serie de hechos imposibles de ocultar. Se emplean los resortes del poder, en un momento en que sólo deben servir para golpear al fascismo, para impedir nuestra propaganda, para destruir nuestras organizaciones, para llevarnos a una situación de violencia a que no queremos llegar. Al mismo tiempo se organiza nacional e internacionalmente una campaña de desprestigio, a base de calumnias, contra nuestro movimiento, pretendiendo lanzar contra el mismo el descontento popular, provocado en gran parte por las mismas trabas que se oponen a la realización revolucionaria. [...] Hacemos una llamada a la sensatez de quienes con imprudencia suicida llevan una ofensiva absurda contra los hombres y las organizaciones de la C.N.T. y la F.A.I. Les decimos que están jugando con fuego, que es peligroso para todos los partidos antifascistas desatar la contrarrevolución y la guerra intestina, en momentos en que hay que concentrar todas las energías para vencer el enemigo común. Y *al cual no se puede vencer sin dar al proletariado la seguridad de que sus sacrificios no serán estériles*¹⁴⁸¹.

No mesmo dia 24 de abril, o Solidaridad Obrera voltou a falar do Primeiro de Maio, que se aproximava. Publicou um manifesto assinado pelos comitês nacionais da CNT, FAI e

¹⁴⁸⁰ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La guerra y la revolución**. Barcelona, 23 abr. 1937, p. 3.

¹⁴⁸¹ TIERRA Y LIBERTAD. **Están jugando con fuego**. Barcelona, 24 abr. 1937, p. 3.

Juventudes Libertárias. Falou sobre a luta dos trabalhadores nesta data, mas deixou claro para os trabalhadores espanhóis que não se tratava de reivindicar ou de fazer greves.

Ya no tenemos por qué luchar contra el capitalismo, que está más allá de nuestras trincheras. Tenemos que trabajar, producir intensamente, puesto que para nosotros lo hacemos. Es para ganar la guerra, es para asegurar las necesidades de la vanguardia, es para engarzar la utilidad de un día con la de todos los días¹⁴⁸².

O manifesto ainda clamou a ajuda do proletariado internacional, fosse enviando fundos, víveres e armas, fosse boicotando produtos provenientes da zona facciosa.

Foi publicado ainda um manifesto¹⁴⁸³ conjunto dos comitês regionais da CNT e da UGT destacando que aconteceriam manifestações conjuntas e sustentariam consignas como: estabelecimento de uma cordialidade entre os trabalhadores; fazer efetiva as ordens do governo – cumprir as determinações da Generalitat e colaborar com o trabalho legislativo; contribuir com o triunfo militar – inclusive com a ampliação do Exército Popular; afirmar a ordem revolucionária – com depuração das organizações revolucionárias e combate à reação, especificamente os agiotas e especuladores; solidariedade internacional.

O mesmo Soli ainda deu conta¹⁴⁸⁴ da dissolução da Junta de Defesa de Madri – e a criação da prefeitura da cidade – e também de um ciclo¹⁴⁸⁵ de conferências organizado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda no Ateneo do Bairro de Agudells, em Barcelona, que seria seguido por uma assembleia para discutir os estatutos do local. Os bairros ainda pulsavam.

No dia 25 de abril, outro relatório secreto¹⁴⁸⁶ foi enviado de Paris pelo mesmo remetente e endereçado ao mesmo destinatário do relatório anterior, cujas iniciais eram D. J. N. O referido relatório dizia que, tal como Roldán Cortada no último dia 15 de abril, apareceram ali duas pessoas da mesma organização com uma carta de apresentação. Eram Mora e Nicolau, ambos Secretários do Comissário Geral de Ordem Pública da Catalunha, Rodriguez Salas. Disseram que estavam na mesma missão de Cortada: comprar armas. No entanto, disse o informante, não tinham feito nenhuma negociação neste sentido, e sim para vender joias. Disseram que o arrecadado seria para comprar armas. Então, o informante contou suas impressões: imaginava que Mora e Nicolau foram para a França somente para vender determinado número de joias, talvez de acordo com Salas. A compra de armas era só um pretexto. Para deduzir isto, bastaria

¹⁴⁸² SOLIDARIDAD OBRERA. **El Primero de Mayo de 1937, ha de ser el día de los trabajadores, puntal de la nova era.** Barcelona, 24 abr. 1937, p. 12.

¹⁴⁸³ Idem. **A todos los trabajadores de Cataluña.** Barcelona, 24 abr. 1937, p. 4.

¹⁴⁸⁴ Idem. **Disolución de la Junta de Defensa de Madrid.** Barcelona, 24 abr. 1937, p. 6.

¹⁴⁸⁵ TRISTÁN, J. Barriada Agudells (PENITENTS) Barcelona. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 24 abr. 1937, p. 2.

¹⁴⁸⁶ C. **Informe Secreto.** Paris, 25 abr. 1937.

ver que não estavam se mexendo para adquirir os armamentos, afirmou, mas corroborou para esta conclusão o fato deles terem dito que dariam contas ao partido sobre o dinheiro que obtivessem das joias, e não do que obtivessem com as joias e gastassem em armas. O informante acrescentou que imaginava ser isto um pretexto, pois o partido não tinha conhecimento de nada das joias nem do dinheiro, bem como quem sabia era o chefe, Salas. Comprovava essa tese, segundo o informante, o fato deles terem gastado muito dinheiro em cabarés e viagens sem sentido. Afirmou ainda que o caso era diferente do de Cortada, pois se tais joias foram encontradas em propriedades fascistas, elas deveriam ter sido levadas para o Estado. Nem sequer ao partido, e sim ao Estado. Ao dizer que precisavam prestar contas ao partido, afirmou o informante, estavam dando uma desculpa. Seja como for, ambos estavam em Paris vendendo joias e gastando o dinheiro, o que seria imoral dadas as circunstâncias. Neste mesmo dia 25 de abril, o ugetista e psuquista Roldán Cortada – citado no relatório secreto enviado de Paris no último dia 15 – foi assassinado a tiros em uma emboscada.

Também em 25 de abril, o Soli voltou a falar da questão dos abastecimentos. Publicou¹⁴⁸⁷ uma lista com os valores de vários produtos tabelados pelo Conselho de Abastecimentos para que, assim, pudesse verificar a diferença entre os preços impostos e os preços que realmente eram cobrados. Tratou ainda da questão dos patrões e das organizações dos trabalhadores por duas vezes. Na primeira, uma nota da Seção de Alfaiate do Sindicato do Vestir da CNT contestou a presença de patrões dentro do GEPCI, afeito à UGT e ao PSUC nos seguintes termos:

La Sección de Sastrería (C.N.T.) se dirige públicamente a los compañeros de la U.G.T. para que de una forma clara se nos diga a todos los trabajadores del ramo de sastrería, qué se pretende al haber admitido dentro del G.E.P.C.I. – según consta, afecto a la U.G.T. – a los patronos que antes formaban la Asociación de Confeccionistas, pues es algo absurdo que en una misma central sindical puedan convivir patronos y obreros, sin perder los primeros su carácter de tales. De ser esto cierto, se dará el caso peregrino de que la misma organización se va a ver obligada a defender los intereses de unos contra otros, siendo dichos intereses antagónicos, pues entre estos llamados “confeccionistas” encontramos nombres tan significativos como Gurri, Fargas, Rigau, etc., etc., que desde ahora en adelante podrán lucir un flamante carnet de una sindical obrera que hasta ahora defendía exclusivamente los intereses de los trabajadores en contra de todos los burgueses, incluso de los de la Asociación de Confeccionistas¹⁴⁸⁸.

No mesmo sentido, outra reportagem falou sobre os patrões de Fregoli. Começou afirmando que muitos patrões intransigentes e antioperários que “comiam os trabalhadores

¹⁴⁸⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **El encarecimiento de las subsistencias en las comarcas**. Barcelona, 25 abr. 1937, p. 8.

¹⁴⁸⁸ LA JUNTA DE LA SECCIÓN SASTRERÍA C.N.T. A la Sección Sastrería del Sindicato del Vestir y Tocado de la U.G.T. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 abr. 1937, p. 3.

crus” estavam agora no GEPCI. Não porque tinham mudado, mas sim porque entre uma patronal e o GEPCI não existia muita diferença. E essa “metamorfose”, afirmou, também não era uma novidade, visto que cedistas¹⁴⁸⁹ de ontem eram os revolucionários de hoje; jornais que falavam das hordas operárias para organizações direitistas hoje chamam os trabalhadores de camaradas e qualificam os fascistas de hordas. Mas o pitoresco dessa situação foi que Gurri, antigo Presidente da patronal confeccionista, a quem tantas vezes os trabalhadores precisaram combater, era agora uma personalidade importante do GEPCI. E salientou:

Y de esto precisamente es de lo que queremos felicitarnos y dar el más sincero parabién a la causa antifascista. Gurri, con Rígau, Fargas y otros, constituían las casas más importantes de confecciones militares. No se trata de pequeños burgueses, sino de grandes patronos que, a raíz del 19 de julio, se acercaran humildes a la C.N.T. para solicitar un carnet que les fue negado. Donde caían aquellos patronos caía la ruina de la industria de confecciones – militares en su mayoría – debido a sus discrepancias con los trabajadores. Y bien ¿No es ésta una lucha contra el militarismo? ¿No peleamos contra cintajos, plumeros, condecoraciones, insignias y, en general, contra toda la quincallería repudiada por el pueblo? Pues, entonces, ¿qué cosa más lógica que acoger, en el nuevo estado de cosas, a los que hundían aquella industria antipática!¹⁴⁹⁰.

No dia 26 de abril, ocorreu uma nova reunião do Comitê Regional¹⁴⁹¹. Esta começou com o fato da apreensão de pessoas do Comitê Nacional que faziam contrabando de joias e ouro na fronteira, dizendo-se que isso ocorreu por falta de experiência deles. Foi decidido que se iria sacrificar a honra dos detidos para salvar a organização. Distribuição fez uma pequena contestação e foi concordado que, neste caso, os delegados tesoureiros do Comitê Nacional buscariam resolver o assunto da melhor forma possível. Falou-se sobre a atuação da Telefônica e os custos dos serviços que ela absorvia em nome da guerra. Falou-se também da situação de Sant Sadurní d’Anoia, na província de Barcelona, onde havia uma enorme rivalidade entre cenetistas e ugetistas, pois os cenetistas sentiam que eram violentados por precisar cumprir os acordos confederais. Com isso, por quaisquer motivos tomavam medidas extremas. Concordou-se apaziguar a situação. O próximo assunto foi o assassinato de Roldán Cortada, perguntando-se, na medida em que sua morte estava sendo imputada à organização – mais especificamente aos “incontrolados” –, seria conveniente ou não enviar representantes a seu enterro, sendo decidido que sim. Falou-se também do ocorrido em Castelldefels, na província de Barcelona, quando houve um começo de sublevação de alguns elementos, que eram católicos e da Ação

¹⁴⁸⁹ Referência aos membros da CEDA – Confederação Espanhola de Direitas Autônomas –, uma coalisão de partidos de direita que existiu durante a Segunda República. Muitos de seus membros acabaram apoiando o golpe militar e se aproximando da Falange.

¹⁴⁹⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **Los patronos “Fregoli”**. Barcelona, 25 abr. 1937, p. 10.

¹⁴⁹¹ REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL DE LA C.N.T. **Ata da reunião realizada no dia 26 de abril de 1937.**

Cidadã¹⁴⁹², mas que agora estavam com os socialistas. Os participantes foram presos e estavam armados com duas bombas, um punhal e uma pistola. Até o momento, não falaram o porquê de sua atuação e dos artefatos. Depois de mais algumas falas, a representação de Artes Gráficas fez duras críticas ao Comitê Regional. Salientou que as reuniões sempre começavam com a leitura da ata da reunião anterior, mas que desde que estava no Comitê Regional isso nunca havia sido feito. Criticou também o comportamento de Merino, da Federação Local de Grupos Anarquistas, e do próprio Comitê Regional nas reuniões de comitês, pois seus membros não deveriam fazer julgamentos nem tomar partes no debate. Fez também outras pequenas recomendações. Profissões Liberais disse que os acordos deveriam ser executados por elementos da CNT, pois quando eram tomados por outros, o acordo podia se tergiversar. O Secretário falou que, como as críticas pareciam ser dirigidas a ele, em vista da gravidade dos últimos acontecimentos, seria preciso convocar urgentemente os outros comitês para consultá-los, evitando fatos violentos que pudessem ocorrer. Os presentes deram um voto de confiança ao Secretário. Depois de mais algumas falas sobre assuntos diversos, o representante da Saúde informou que existiam sete cenetistas da Coluna Companys Maciá que estavam para ser fuzilados pelo fútil motivo de não desejar atuar em uma coluna de caráter “político”, porém se tinha a convicção de que isso não seria levado à prática. A reunião foi encerrada.

O que esta reunião demonstrou foi, mais uma vez, como havia uma disparidade entre a base cenetista e seus dirigentes. Enquanto as bases estavam em pé de guerra, como demonstraram os distúrbios que ocorriam em algumas localidades ou mesmo o assassinato de Cortada, os dirigentes buscavam costurar um acordo de cúpula para poderem salvar o antifascismo. A situação de Sant Sadurní d’Anoia era elucidativa. As bases ficavam cada vez mais resignadas mediante a obrigação de precisar cumprir consignas vindas dos comitês, sendo que muitas eram completamente avessas aos interesses revolucionários naquela localidade. O caso de Castelldefels também mostrava o perigo dessas práticas: elementos claramente reacionários, ostentando bandeira socialista, que ameaçavam se levantar contra os cenetistas locais. Era com tais elementos que os dirigentes queriam forçar uma aliança a partir da base? Não havia a menor chance de isto ocorrer. Outra questão importante levantada foi com relação às práticas do Comitê Regional nas reuniões, que era de não ler a ata da reunião anterior e também de tomar partido nas discussões. Tais procedimentos não eram costumeiros nas reuniões das organizações libertárias, sendo uma novidade do período posterior à revolução e

¹⁴⁹² A União Cidadã, conhecida também como Ação Cidadã, foi uma milícia paramilitar criada em Madri em 1919 com o intuito de combater o movimento operário, principalmente as greves e demais atos de ação direta. A organização inspirava-se no fascismo e chegou a ter Mussolini nomeado como membro de honra.

à guerra civil. É importante ressaltar também que as circunstâncias haviam mudado e exigiam muito mais rapidez na tomada das decisões, mas claramente os novos hábitos demonstravam que havia um perigo de burocratização dentro da organização e de concentração de poder excessivo nos comitês. Outra questão a ser evidenciada, e que fora tratada no começo da reunião, foi com relação à apreensão de pessoas do Comitê Regional com joias tentando atravessar a fronteira. Qual a motivação disso? Embora não tenha sido tratado na reunião, é bem provável que tenha relação com a obtenção de armas, pois, como era uma operação secreta e, portanto, ilegal, caso essa suposição realmente fosse verdadeira, as armas não seriam entregues ao governo, e sim ficariam à disposição da organização. Estariam os anarquistas se armando para um previsível e esperado confronto?

No mesmo dia 26 de abril, ocorreu ainda o famoso e cruel bombardeio da cidade de Guernica, no País Basco, que ficou imortalizado no conhecidíssimo quadro de Pablo Picasso.

Em 27 de abril, o Solidaridad Obrera repercutiu o assassinato de Cortada, que ocorreu no dia 25. A primeira página do periódico falou sobre a posição da CNT em relação ao crime. Em uma nota, o Comitê Regional lamentou a morte de quem chamou de “camarada militante da UGT”, e deixou público seu protesto. Acrescentou que isso poderia provocar um entorpecimento da unidade do proletariado. Por sua parte, o próprio periódico Solidaridad Obrera também explicitou sua posição, em conjunto com a CNT. Afirmou que este

[...] criminal atentado, perpetrado en la persona del Camarada Cortada, no puede favorecer más que a los enemigos de la unidad proletaria. **En unos instante en que las organizaciones sindicales C.N.T. y U.G.T. superan sus diferencias y las relaciones entre ambas entran en una fase de comprensión y cordialidad, sólo los que medran al calor de las discrepancias internas del movimiento obrero, pueden patrocinar y llevar a cabo una actuación criminal de la naturaleza de la que nos ocupa.** La C.N.T., organización de la que somos mandatarios, hace constar, por medio del Comité Regional, su más enérgica protesta en contra de unos hechos que sólo pueden provocar diferencias y crear obstáculos a la unidad de los trabajadores. Al mismo tiempo, manifiesta su deseo de que se lleven a cabo rápidamente las gestiones oportunas para aclarar acto tan abominable. Es de todo punto necesario desenmascarar a los criminales, cuya actuación no hace más que sembrar el confusionismo entre la clase trabajadora¹⁴⁹³.

O mesmo Soli falou também¹⁴⁹⁴ do que denominou de “Os provocadores da retaguarda”. Afirmou que neste momento, quando o Primeiro de Maio estava chegando e os cenetistas estavam empenhados em manter a cordialidade entre todas as forças antifascistas, alguns elementos trabalhavam contra os desígnios. Contou que no dia anterior foram fixados nas ruas

¹⁴⁹³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Roldan Cortada, militante del PSUC, assinado.** Barcelona, 27 abr. 1937, p. 1, grifo nosso.

¹⁴⁹⁴ Idem. **Los provocadores de la retaguardia.** Barcelona, 27 abr. 1937, p. 3.

de Barcelona pequenos pasquins contendo injúrias à corporação municipal e aos organismos responsáveis da CNT. Nenhuma organização havia assinado os tais pasquins. As Patrulhas de Controle foram encarregadas do caso e prenderam algumas pessoas. Eles prestaram depoimentos e foram libertados, mas disseram que os pasquins foram fornecidos pelo Comitê Local do PSUC com ordens para que fossem fixados nas paredes. E terminou a nota dizendo para que o proletariado conhecesse os “anônimos” da retaguarda.

O periódico também falou sobre o tema dos abastecimentos. Um primeiro artigo¹⁴⁹⁵ discutiu seus preços, salientando falhas graves. Afirmou que existia um descompasso entre prefeitura, Mercado de Borne e varejistas. Isso porque os preços máximos divulgados muitas vezes eram impossíveis de ser realizados, já que o custo do produto era superior ao preço máximo tabelado. Era o caso do arroz da marca SOS, por exemplo, pois em Valência se pagava 150 pesetas por 100 quilos. O transporte custava 30 pesetas, totalizando 180 pesetas, mas a cotização para Barcelona teria que ficar em 130 pesetas. E isso torpedeava o trabalho de fiscalização, pois os preços ficavam defasados. O Soli ainda deu conta¹⁴⁹⁶ de apreensões feitas pelas Patrulhas de Controle, que continuavam ocorrendo, e falou¹⁴⁹⁷ do ultimado dado em Castelló para que os que possuíssem armas as entregassem.

No mesmo dia 27 de abril ocorreu o enterro de Roldán Cortada. Os ugetistas obrigaram que o comércio fosse fechado pelo período da tarde. As forças de segurança tentaram prender os presumidos assassinos em Molins del Llobregat – atual Molins del Rey –, gerando resistência e um tiroteio. O Solidaridad Obrera do dia 4 de maio deu a versão do Sindicato de Ofícios Vários da localidade sobre o que teria ocorrido. Conforme o periódico, havia na cidade um indivíduo chamado Jaime Font Guitart, um reacionário que sempre lutou contra as organizações dos trabalhadores naquelas bandas, atuando durante a ditadura de Primo de Rivera e durante o Biênio Negro – 1934-1935 –, ocupando cargos no poder municipal. Para o Soli, este indivíduo foi, após a formação do Sindicato Único de Ofícios Vários da localidade, nos anos 1930, seu maior inimigo. Quando ocorreu o 19 de julho ele sumiu, esperando prudentemente o resultado das lutas e, então, depois reapareceu e passou a integrar o movimento antifascista, possivelmente esperando o momento para poder desertar. O periódico apontou que ele poderia ser encontrado naquele momento andando pelas ruas de Barcelona, recebendo o salário de um departamento oficial. Durante os combates, afirmou o Soli, Guitart anotava os nomes dos que

¹⁴⁹⁵ GINÉS, Manuel. Los precios de la alimentación. La Consejería de Abastos, el Ayuntamiento, el Borne y los detallistas. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 27 abr. 1937, p. 10.

¹⁴⁹⁶ EL SECRETARIADO. Labor de las Patrullas de Control. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 27 abr. 1937, p. 8.

¹⁴⁹⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **En Castellón se ha dado un breve plazo para la entrega de armas**. Barcelona, 27 abr. 1937, p. 6.

se distinguiam na luta contra os insurretos, e esta lista serviu de base para que a polícia prendesse pessoas, acusando-as de estarem envolvidas na morte de Cortada. A entrada da polícia na localidade lembrou os procedimentos de épocas terríveis, acrescentou o jornal.

La entrada de estas fuerzas en la población, nos recordó, por sus maneras y procedimientos, épocas en que se pronunciaba a plena luz la caza del hombre. ¡¡Se aleja el 19 de julio!! Referente a este aspecto podemos afirmar categóricamente que existen ciudadanos, habitantes en esta población, que el domingo por la mañana al trasladarse a la estación del ferrocarril de los Cuatro Caminos, pudieron ver una patrulla en el cruce de carreteras del mismo nombre, que paraban todos los coches que pasaban, y son estos ciudadanos precisamente quienes pueden informar sobre el caso en cuestión, y no la confidencia irresponsable de elementos de un partido político determinado, que aprovecha la ocasión de regentar la cartera de Justicia en el Gobierno de la Generalidad de Cataluña, el secretario general del dicho partido¹⁴⁹⁸.

Assim sendo, continuou o Soli, no dia 22 apareceu uma nota no diário El Diluvio dando conta de que, na madrugada do dia 8, indivíduos envolvidos na morte de Cortada foram enviados para o Palácio de Justiça. Tais indivíduos eram da organização de Hospitalet. Não bastando isso, ainda telefonaram do Palácio de Justiça para a prefeitura exigindo que fossem apresentadas, sem especificar exatamente os motivos, as 14 ou 16 pessoas que estavam na lista de Guitart, entre os quais estavam 4 dos 6 Conselheiros cenetistas que faziam parte da prefeitura local. Estes seriam, tal como a nota emitida no Soli, os fatos que deram origem ao tiroteio que ocorreu naquela localidade. Cabe salientar que os confrontos entre militantes cenetistas revolucionários e as forças públicas não eram uma exclusividade de Molins del Llobregat, sendo que dias antes haviam ocorrido também em Bellver de Cerdaña, província de Lérida, na Catalunha. A retaguarda antifascista estava em ebulição pouco dias antes do Primeiro de Maio.

No dia 28 de abril, o Solidaridad Obrera voltou a tratar do GEPCI. Afirmou que suas críticas não deviam ser vistas como um pretexto para criticar a UGT, e sim como crítica à política implementada. Salientou que a burguesia não teria o direito de ser sindicalizada por duas razões: porque sua existência em um período revolucionário era imoral e porque os interesses do proletariado não podiam seguir uma mesma corrente ideológica e tática da burguesia. Antes da constituição do GEPCI, afirmou, vários editoriais do Solidaridad Obrera opinaram que a burguesia não deveria ser admitida nos sindicatos operários, pois “[...] una asociación de comerciantes, industriales y pequeñoburgueses – el prefijo de un tópico hueco – no puede concebirse en el seno de una sindical proletaria y revolucionaria por añadidura¹⁴⁹⁹”, salientando que continuavam defendendo a mesma tese.

¹⁴⁹⁸ LA JUNTA. Aclarando lo ocurrido en Molins de Llobregat. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 4 mai. 1937, p. 4.

¹⁴⁹⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **El G.E.P.C.I. y nosotros**. Barcelona, 28 abr. 1937, p. 12.

O mesmo Soli deu conta¹⁵⁰⁰ de uma Plenária das Coletividades Agrícolas de Aragón, que havia começado no dia 25, a qual afirmava que existiam na região 245 coletividades com cerca de 150.000 coletivistas.

Ainda em 28 de abril, o Boletín de Información publicou um alerta aos milicianos, denunciando que a revolução estava correndo perigo. Eis o texto na íntegra:

Como Anarquistas y Revolucionarios, al lanzar este grito de alarma, no es para advertiros de ningún enemigo fascistas emboscado, sino del peligro que se corre de perder la Revolución, si no os percatáis a tiempo de la celada de que sois objeto; la inactividad y pasividad a que se os obliga, y la postergación de que sois objeto en los sectores donde predomináis, tiende a desacreditaros y aburrirlos; el restablecimiento de una disciplina tan indefinida como sospechosa a que se os quiere someter, también propende al mismo fin, pues saben que es incompatible con vuestra dignidad y consciencia revolucionaria; a todo se apela para que abandonéis el frente y con ello el arma, pues **éste es el propósito: desarmar al pueblo revolucionario y anarquista.** Pero milicianos, recordad aquel malogrado hombre del pueblo, sencillo, íntegro, intachable, que se llamó Durruti. ¡Imitadle en su obra! Rememorad que al unísono que acorralaba al fascio, forjaba la Revolución Social, que por todas las aldeas, pueblos y ciudades donde pasaba y que rescataba al enemigo, echaba los cimientos del Comunismo Libertario. Pensad que con su valor y tesón glorificó las milicias y las consagró como la más firme garantía de la victoria en la guerra, y que para impedir que la Revolución fuera desviada y sabotada, sin eufemismos y con rudo lenguaje, pregonaba que después de la guerra exigiría que la revolución fuese totalitaria, de acuerdo con el contenido espiritual del 19 de julio. Por consiguiente, este es su ejemplo y testamento que todos los milicianos deben considerar sagrado para su ejecución, de suerte que por ningún concepto debéis desertar del frente, que por encima de todo no debéis deponer las armas y que es un deber de todos los revolucionarios y anarquistas, formar parte de las milicias, lo exigen las conveniencias de la guerra y su eficiencia para derrotar al fascismo y como corolario, constituyen el baluarte más firme y formidable para el triunfo de la Revolución Social Libertaria¹⁵⁰¹.

O Mesmo Boletín de Información revelou¹⁵⁰² que a CNT e a UGT de Barcelona decidiram realizar os atos de Primeiro de Maio juntos, ao mesmo tempo em que o dia seria considerado dia de trabalho.

Em 29 de abril, o Solidaridad Obrera anunciou em uma pequena nota¹⁵⁰³ na primeira página o assassinato do cenetista Antonio Martin – seria uma represália ao assassinato de Roldán Cortada? –, afirmando que se estava indo por um péssimo caminho e que dessa forma não se ganharia nem a guerra nem a revolução. No mesmo número, na última página agora, foi publicado um texto¹⁵⁰⁴ que anunciava duas maneiras de se perder a guerra e a revolução: por meio da debilidade militar ou da decomposição da retaguarda.

¹⁵⁰⁰ Idem. **El Pleno de las colectividades de Aragón.** Barcelona, 28 abr. 1937, p. 9.

¹⁵⁰¹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Milicianos, ¡Alerta!** Barcelona, 28 abr. 1937, p. 6, grifo nosso.

¹⁵⁰² Idem. **Um telegrama de Moscu.** Barcelona, 28 abr. 1937, p. 8.

¹⁵⁰³ SOLIDARIDAD OBRERA. **Por pésimo camino.** Barcelona, 29 abr. 1937, p. 1.

¹⁵⁰⁴ Idem. **Como se pueden perder la guerra y la revolución.** Barcelona, 29 abr. 1937, p. 12.

No dia 30 de abril, na véspera do Primeiro de Maio, o Solidaridad Obrera pediu serenidade nas comemorações logo em sua primeira página. Isso porque a situação da retaguarda era bastante tensa, o campo antifascista estava se decompondo rapidamente e qualquer faísca poderia detonar uma luta aberta nas ruas de Barcelona e de toda a Catalunha. O jornal falou em sinceridade, em “unidade dos trabalhadores”, em não se atacar o “adversário político” etc. Finalizou com um chamamento.

¡Camaradas: Por encima de todo es necesario que mantengamos la unidad antifascista. Unidad cordial y duradera, pues la guerra y la Revolución no se ganan si los trabajadores – todos, absolutamente todos – no nos unimos de verdad, enterrando muy hondo y para siempre los rencores estúpidos que pretenden hacer de Cataluña un volcán!¹⁵⁰⁵.

Um segundo artigo¹⁵⁰⁶ no mesmo Soli apresentou sentido semelhante, salientando que o momento impunha serenidade e calma, e que o fascismo queria destruir a todos, indiscriminadamente. Entretanto, perguntou se a unidade poderia ser alcançada, pois, de acordo com o próprio artigo, era lamentável precisar fazer tal questionamento.

O Soli deste dia também publicou um artigo sobre a socialização da indústria. Resaltou que um dos parapeitos da contrarrevolução era a oposição à socialização das indústrias, que atribui todos os males que florescem na retaguarda às tentativas de socialização, tal como faziam também os fascistas. Em um comício comunista, chegou-se a falar que a desorganização econômica da Catalunha aconteceu em razão dos ensaios prematuros de socialização. Um dos argumentos usados contra a socialização, no caso, era de que ela mantinha as diferenciações sociais na medida em que os trabalhadores das empresas mais prósperas teriam mais condições que os trabalhadores das empresas menos prósperas. Contudo, ocorria o contrário, uma vez que a socialização possibilitava a unificação dos salários, a diminuição das desigualdades de condições e o controle dos preços.

Una de las cosas que más contribuirían a borrar esas desigualdades, sería la aplicación del salario familiar. Los trabajadores se iniciarían en un régimen de justicia en cuanto a percepción de sueldos, ya que definitivamente desaparecería esa reminiscencia de los tiempos bárbaros del feudalismo que se refleja hoy en los últimos intermediarios entre el productor y el consumidor; todas las industrias aunarían sus esfuerzos en pro de la victoria sobre las hordas del fascio; el comercio, socializado y controlado por las organizaciones sindicales, acabaría con los abusos de que hoy se hace víctima al pueblo y los campesinos, los verdaderos héroes de la Revolución, que inclinan su frente sobre el surco para arrancarle lo que ha de ser la vitalidad de los que luchan por las causas, se verían, al fin, libres de cuervos explotadores y de elementos incontrolados que se apoderan del producto de sus afanes. La socialización es –

¹⁵⁰⁵ Idem. **Trabajadores de Cataluña: serenidad**. Barcelona, 30 abr. 1937, p. 1.

¹⁵⁰⁶ Idem. **Ante el primero de Mayo**. Barcelona, 30 abr. 1937, p. 1.

sépanlo sus detractores – la verdadera, la auténtica organización de la economía. Que hay que organizar ésta, es indudable; pero no con arreglo a moldes viejos, que son, precisamente, los que estamos destruyendo, sino de acuerdo con nuevas normas que harán de nuestro pueblo la enseña de combate del proletariado mundial¹⁵⁰⁷.

Uma última menção¹⁵⁰⁸ ao Soli deste dia, foi a notícia de que os Tribunais Populares da Catalunha teriam sido dissolvidos pelo Conselheiro de Justiça, bem como seriam substituídos por outros.

No mesmo dia, o Boletín de Información também fez chamamentos pela unidade dos trabalhadores, hoje convertidos em “homens livres e emancipados”, segundo o periódico. E afirmou: “Unidos la U.G.T. y la C.N.T., no puede existir más que una idea entre nosotros: la de vencer al fascismo y llevar a feliz término la reconstrucción de España, de acuerdo con los postulados de liberación y emancipación¹⁵⁰⁹”.

No fim de abril, os Amigos de Durruti colaram cartazes nos muros e árvores de Barcelona com algumas consignas dirigidas à classe trabalhadora. Guillamón publicou uma imagem deste cartaz, que assim dizia:

Agrupacion de Los Amigos de Durruti. A la clase trabajadora: 1) Constitucion inmediata de una Junta Revolucionaria integrada por obreros de la ciudad, del campo y por combatientes; 2) Salario familiar. Carta de racionamiento. Direccion de la economia y control de la distribucion por los sindicatos; 3) Liquidacion de la contrarrevolucion; 4) Creacion de un ejercito revolucionario; 5) Control absoluto del orden publico por la clase trabajadora; 6) Oposicion firme a todo armisticio; 7) Una justicia proletaria; 8) Abolicion de los canjes de personalidades. Atencion trabajadores: Nuestra agrupacion se opone a que la contrarrevolucion siga avanzando. Los decretos de orden publico, patrocinados por Aiguade no seran implantados. Exigimos la libertad de Maroto y otros camaradas detenidos. Todo el poder a la clase trabajadora. Todo el poder economico a los sindicatos. Frente a la Generalidad, la Junta Revolucionaria¹⁵¹⁰.

Com isso, chegou o Primeiro de Maio. As duas centrais sindicais celebraram a data, que foi considerada dia de trabalho, com alguns atos conjuntos. A explicação oficial foi de que isso ocorreria com o intuito de que a produção fosse revertida para a indústria de guerra e a luta antifascista, mas também existia outra motivação: evitar que a data desencadeasse confrontos

¹⁵⁰⁷ Idem. **Oponerse a la socialización de la industria, es forjar el fracaso de la economía revolucionaria.** Barcelona, 30 abr. 1937, p. 12.

¹⁵⁰⁸ Idem. **Por un decreto del consejero de Justicia, han sido disueltos los Tribunales Populares de Cataluña.** Barcelona, 30 abr. 1937, p. 3.

¹⁵⁰⁹ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Por la revolucion y por la guerra, unidad proletaria.** Barcelona, 30 abr. 1937, p. 1.

¹⁵¹⁰ GUILLAMÓN, Agustín. **Barricadas en Barcelona. La CNT de la victoria de Julio de 1936 a la necesaria derrota de Mayo de 1937.** Espartaco Internacional, 2007, p. 153.

abertos entre cenetistas e revolucionários em geral, de um lado, e psuquistas, republicanos e contrarrevolucionários do outro lado, já que o clima na retaguarda era de guerra aberta.

Neste dia, o Soli dedicou vários artigos sobre o tema, conclamando sempre uma almejada unidade – chegou mesmo a falar de fusão entre as duas centrais sindicais – do proletariado. Contudo, também fez duras críticas em relação às campanhas “divisionistas” que se fazia na retaguarda, além de fazer um protesto contra os presos revolucionários que estavam nas cadeias, incluindo Maroto, pedindo a liberdade de todos eles.

Já o Boletín de Información e o Tierra y Libertad deste dia Primeiro de Maio foram mais enfáticos nas denúncias que fizeram. O Tierra y Libertad denunciou as Checas¹⁵¹¹, a contrarrevolução, e até mesmo a Frente Popular, bem como clamou pela socialização. Já o Boletín de Información publicou um pequeno texto criticando o uso das forças públicas contra a população, como nos velhos tempos da repressão, mas, ao mesmo tempo, defendeu o governo da Generalitat como o fiador das disputas entre revolução e contrarrevolução. Ressaltou que existia uma comunhão entre povo e forças de segurança.

Parece ser que los hombres que la dirigen, no se han dado cuenta o no comprenden la transformación social que se ha operado. Lanzan a esta fuerza contra las masas obreras sin reflexionar que pueden promover resurja el odio que se tenían en el régimen capitalista, el que desapareció el 19 de julio ante la rebelión militar, con un abrazo fraternal entre el guardia y el obrero. La fuerza pública debe actuar sólo y exclusivamente contra el fascismo emboscado en la retaguardia y contra los enemigos de la Revolución. Nunca contra las ansias renovadoras de un pueblo que lucha y muere para la conquista de una sociedad de bienestar. Se debe evitar por todos los medios que el obrero vea en el representante de la autoridad un enemigo y el choque entre las fuerzas armadas y los trabajadores. No se puede permitir que se infiltre en los representantes de la autoridad un espíritu jerárquico de fuerza sobre y contra los productores, sino que se sientan los defensores de las conquistas del pueblo. Por imperativo de la Revolución, las masas obreras encuadradas en sus organizaciones, cooperan en las tareas de Gobierno, convirtiéndose en elementos vitales del mismo. **Ha desaparecido la tirantez de relaciones entre el Gobierno y las organizaciones obreras para dejar paso a la armonía entre ambos.** Armonía que debemos esforzarnos todos en mantener. Los conflictos que puedan originarse y que son inevitables en toda revolución, han de ser solventados entre los representantes de las organizaciones obreras y el Gobierno con amplio sentido de responsabilidad y de comprensión. Nunca enfrentar la fuerza armada con el pueblo al producirse el conflicto. Esto es hacer labor antirrevolucionaria y peligrosa para la libertad d del pueblo trabajador por la que todos estamos obligados a velar¹⁵¹².

Neste mesmo dia, no período noturno, aconteceu uma reunião extraordinária dos comitês com a comissão que foi enviada para Puigcerdá, Bellver e Seo de Urgell, locais nos

¹⁵¹¹ Checa era o nome que se dava às prisões clandestinas que existiam na Espanha e ficavam sobre controle de agentes da URSS. Nelas, eram realizados assassinatos e torturas contra os inimigos que poderiam ser desde fascistas até mesmo revolucionários anticomintern.

¹⁵¹² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La fuerza publica no se puede usar contra el pueblo.** Barcelona, 1 mai. 1937, p. 5, grifo nosso.

quais recentemente tinham ocorrido distúrbios. Um delegado da comissão disse que Villadiu, de Bellver, informou sobre os acontecimentos nos seguintes termos:

En primer lugar he de hacer constar que vuestro camarada Martin, no fué asesinado por nosotros como se ha dicho. El caso sucedió de la siguiente manera: Varios de vuestros por diferentes puntos de la carretera, se precipitaban sobre Bellver antes de vedear el rio, dispararon a troche y a moche, sin ton nin son; gastando para tal efecto un derroche de municiones cuyos casquillos aun se pueden ver por tierra, amen de varios botellas de champana, y vino, vacias. Martin, no sabemos con que fin venia con un coche y al bajar del mismo fué alcanzado por los disparos que los payeses de ésta localidad le hicieron ante el pánico que tienen de que los Anarquistas vengan y les roben sus tierras. Unos vinieron por la Seo, y otros por Puigcerdá¹⁵¹³.

Os delegados prosseguiram com o informe. Disseram que sua passagem por Bellver foi dramática em razão dos incidentes que ocorreram, chegando, inclusive, a ter suas vidas colocadas em perigo várias vezes, por conta do nervosismo dos habitantes daquela localidade. Quando entraram para falar com Villadiu, puderam ver pessoas do lado de fora preparando suas armas. Os guardas também se mostraram bastante inquietos. A solução que chegaram com a conversa foi a seguinte: devolveriam os detidos; as forças que sobravam deveriam ser retiradas; seria nomeada uma comissão formada por todos os partidos da localidade para que estudasse e resolvesse os problemas pendentes. Quando estavam saindo, acrescentou, tiveram que ser protegidos, pois muitos desejavam fazê-los como reféns. As pessoas do povoado tinham muito medo da vingança por conta dos mortos, assegurando que se a força pública deixasse a localidade, eles fariam o mesmo. O Secretário, então, passou também algumas informações. Disse que aquele povoado não queria reconhecer a personalidade do Comitê Regional e achavam inoportuna sua intervenção nos assuntos da localidade. Acrescentou que Seo de Urgel já não estava comunicável com Puigcerdá e que Bellver não compreendia “nossas ideias”, nutrindo um “[...] egoisme desmesurado que tienen por las tierras que dicen ser suyas¹⁵¹⁴”. Também citou uma pessoa chamada Bru – poderia ser um nome, sobrenome ou mesmo um codinome –, que queria desarmar qualquer um que havia sido armado após o 19 de julho, ou que fossem enviadas para a frente, além de defender que os sete presos do Estat Català em Seo de Urgel fossem libertados. Outra pessoa falou sobre o ocorrido em Guardaminos. Artes Gráficas disse que, ao querer apaziguar os ânimos, chegou-se até a ameaçar-lhes, inclusive dizendo que existia um levante fascista com participação do Comitê Regional da Catalunha. Informou também que havia a intenção dos povoados vizinhos a Bellver de eliminar os guardas

¹⁵¹³ REUNIÓN EXTRAORDINARIA DEL COMITÉ REGIONAL DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 1º de maio de 1937**, p. 1.

¹⁵¹⁴ *Ibidem*, p. 1.

na medida em que eles fossem se retirando. O Secretário informou que no Conselho da Generalitat deste dia havia se falado deste assunto, pois os cenetistas haviam proposto que as forças públicas abandonassem aquelas localidades, mas os socialistas – PSUC – fizeram oposição propondo três condições: 1- que todos os povoados deveriam acatar as ordens da Generalitat; 2- que as Patrulhas de Controle e todos os comitês deveriam ser dissolvidos; 3- que fossem entregues os 500 fuzis que se imaginava existir dentro de Puigcerdá. Também se acordou, segundo o Secretário, que os Carabineiros não deveriam opinar em nada que estivesse relacionado à vida íntima dos povos. Os cenetistas fizeram uma contraproposta, que deveria ser levada ao povoado, cujas bases eram: 1- que se retirasse as forças que sobravam; 2- que ali era um local de fronteira e, então, as pessoas da localidade não poderiam ser desarmadas; 3- que se nomeasse uma comissão, composta toda por produtores, para terminar as agressões mútuas e buscar a fórmula que melhor se encaixasse com a vontade de todos. Alguns tiveram medo de voltar à localidade para apresentar as propostas, mas depois aceitaram e a reunião foi encerrada.

A reunião demonstrava a gravidade dos conflitos que estavam ocorrendo na retaguarda antifascista. O fundo da questão era uma disputa entre forças revolucionárias e contrarrevolucionárias, que estavam em pé de guerra e poderiam partir para um confronto aberto a qualquer momento. A proposta do PSUC, como ficou claro nas exigências feitas no Conselho da Generalitat, era fortalecer o governo, desarmar os revolucionários e dissolver as Patrulhas de Controle e os comitês. Eram os grandes líderes do processo de liquidação da revolução. No entanto, isso não poderia ser feito sem um processo violento na retaguarda, pois os revolucionários resistiriam. A atmosfera era de conflito no campo antifascista.

No dia 2 de maio, o Soli continuou clamando por unidade e denunciando as tentativas de provocação, além de defender a socialização da indústria como o caminho para vencer a guerra. Fez ainda chamadas contra o desarmamento dos trabalhadores, visto que tal prática havia se intensificado.

La garantía de la revolución es el proletariado en armas. **Intentar desarmar el pueblo es colocarse al otro lado de la barricada.** Por muy consejero o comisario que se sea, no se puede dictar orden de desarme contra los trabajadores, que luchan contra el fascismo, con más generosidad y heroísmo que todos los políticos de la retaguarda, cuya incapacidad e impotencia nadie ignora. ¡¡Trabajadores: que nadie se deje desarmar por ningún concepto!! Esta es nuestra consigna: que nadie se deje desarmar!!¹⁵¹⁵.

¹⁵¹⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **La Garantía.** Barcelona, 2 mai. 1937, p. 12, grifo nosso.

No mesmo dia 2, ocorreu também um comício de apresentação da Agrupação Amigos de Durruti, no Teatro Goya, quando se falou abertamente que um ataque dos reacionários aos trabalhadores era inevitável.

No dia 3 de maio, o Boletín de Información publicou um pequeno trecho de um folheto da agrupação anarquista Los de Ayer y los de Hoy, que falou sobre as nacionalizações. Eis o texto na íntegra:

Consiste la nacionalización de un taller, fábrica, etc., en que el gobierno de la nación se apodera del mismo, organiza la explotación del producto de que se trate, por su cuenta y riesgo, quedando todo de propiedad de la nación, por lo que se dice que aquella parte o rama de la producción está o queda nacionalizada. Para los obreros no representa ninguna ventaja ni mejora la nacionalización del trabajo, pues asalariados son en el régimen patronal y asalariados continúan siendo en el régimen de nacionalización del trabajo. Si en el régimen patronal quedaban relegados a la función de trabajar y obedecer a los encargados y directores representantes del patrón, idéntica es su situación en los talleres o industrias nacionalizadas, ya que también quedan relegados a la simple misión de obedecer a los funcionarios que el Estado nombra para que dirijan y administren el negocio o empresa nacionalizada. Eso es todo, y para muestra basta un botón, y en el presente caso, el botón que vale por toda una botonadura, puede ser la empresa de las minas de mercurio de Almadén, las que si bien al gobierno le producen cuantiosos beneficios, para los obreros no producen más que miseria y esclavitud¹⁵¹⁶.

Mas o grande acontecimento deste dia 3 de maio – e um dos mais importantes da guerra civil e do processo revolucionário – certamente foi o incidente na Central Telefônica de Barcelona, que detonou um conflito nas ruas de Barcelona e de toda a Catalunha. A Central Telefônica estava coletivizada desde o início da guerra civil e era gerida por um Comitê CNT-UGT, tendo como Presidente do Conselho um representante da Generalitat. Mas para entender o que estava em jogo na Telefônica é preciso lembrar que, naquela época, as ligações eram todas feitas por fio e, obrigatoriamente, tinham que passar pela central. Isso dava um poder enorme aos trabalhadores ligados diretamente a esta atividade, pois não era muito difícil escutar as conversas entre os líderes de partidos, sindicatos, governo e qualquer outra pessoa que eles quisessem. Isso possibilitava que se adiantassem em relação aos seus adversários, já que sabiam de antemão o tom das conversas. Assim sendo, tirar o controle da Central Telefônica das mãos dos sindicatos era uma necessidade para os que queriam um retorno à situação de “normalidade”. Foi com esse objetivo que um pouco antes das 15h do dia 3 de maio, sob as ordens do Conselheiro de Ordem Pública, Rodríguez Salas, e com autorização do Conselheiro de Segurança Interior, Artemio Aiguadé, elementos das forças públicas chegaram para ocupar o edifício no qual ficava a Telefônica, com o falso argumento de que a coletivização era ilegal.

¹⁵¹⁶ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La nacionalización**. Barcelona, 3 mai. 1937, p. 6.

Os Conselheiros cenetistas não sabiam sobre tal operação, de modo que ou ela não passou pelo crivo da Generalitat ou então somente alguns Conselheiros foram consultados. Aproveitando a surpresa, os atacantes conseguiram dominar o térreo do edifício, mas os trabalhadores que estavam nos andares acima resistiram e foi iniciado um conflito. A notícia do ocorrido espalhou-se e foram montadas barricadas pelas ruas de Barcelona e em outras localidades da Catalunha. Os trabalhadores revolucionários se insurgiram junto com os antigos comitês de bairro, comitês de defesa, Patrulhas de Controle, sindicatos e membros do POUM. Do outro lado da barricada, ficaram os comunistas stalinistas – PSUC –, as forças públicas de repressão e os republicanos. Os primeiros ocupavam os bairros e a maioria dos distritos, enquanto os últimos detinham pontos estratégicos como delegacias, sedes de partidos e de governo etc. Os primeiros pediam a demissão de Aiguadé e Salas, enquanto os últimos colocavam como condição de negociação a retirada dos trabalhadores das ruas, que eram dominadas pelos cenetistas. Segundo Richards¹⁵¹⁷, os tiroteios só começaram no dia seguinte, quando o Palácio da Justiça foi também ocupado pelas forças de ordem pública.

Quando ficou sabendo do ocorrido, o Comitê Regional da CNT imediatamente convocou uma reunião urgente e extraordinária, com participação dos demais comitês. Eroles foi o primeiro a falar nesta reunião. Ele disse que Asens já estava na Telefônica e quase tudo havia se tranquilizado. *Traball* disse que na Praça da Catalunha – onde ficava a Telefônica – os guardas revistavam as pessoas e, por isso, o tráfego estava impedido. *Barrachina* pretendia ler uma relação a respeito dos guardas que pediram baixa, além de graves acusações que poderiam ser feitas contra Aiguadé, como encobrir fascistas declarados, mas como os assuntos a tratar eram graves, isso poderia ser deixado para depois. O Secretário informou que “[...] habian ido a la Teléfonica unos empleados del Gobierno Central, para controlar las comunicaciones y que se habian opuesto tenazmente los nuestros¹⁵¹⁸”. *Torrenz* fez um relatório acerca das vezes em que, anteriormente, se tentou tomar a Telefônica sem sucesso: na primeira vez, foi até lá um Capitão e mais trinta guardas com a pretensão de entrar, sendo que os trabalhadores não permitiram. Os guardas de dentro foram solidários com os de fora e só ficaram neutros mediante a ameaça de uma pistola. A segunda vez havia ocorrido há cinco dias, quando indivíduos à paisana foram entrando escondendo o fuzil, mas acabaram sendo descobertos e expulsos. A terceira tentativa foi feita por um Comandante de Assalto e Guardas com fuzis. O Secretário disse que se estava como em 1º de julho. *Campos* pediu que saíssem todos. *Escorza* disse que

¹⁵¹⁷ RICHARDS, Vernon. **Enseñanzas de la Revolución Española**. Madrid: Campo Abierto, 1977.

¹⁵¹⁸ REUNIÓN EXTRAORDINARIA DEL COMITÉ REGIONAL DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 3 de maio de 1937**, p. 1.

a atitude de Salas era “politiqueira”, sendo um erro tão grande que poderia favorecer os cenetistas. A Federação Local pediu que o Comitê Regional recordasse a todos que ninguém fizesse nada que não fosse ordenado pelos comitês responsáveis. Sousa disse que era preciso fazer com que a Generalitat se retificasse, já que os anarquistas estavam prontos a ir para as ruas. Doménech imaginava que o Conselho da Generalitat deveria ocorrer normalmente, pois já estavam sabendo do ocorrido pelo rádio. Combina salientou que era ilegal a atitude do governo de se dirigir a um Comissário para executar uma ordem, quando a obrigação era do Conselho de Governança. Doménech disse que havia um rumor de que o Comitê Regional da CNT queria assaltar a Generalitat. Escorza afirmou que este ato foi prematuro, ineficaz e contraproducente, e completou: “**Falta ahora saber si nosotros realmente controlamos a nuestra masa**¹⁵¹⁹”. Torrens falou de “companheiros” que foram muito mal-recebidos na Telefônica por um delegado do governo central vindo de Valência. O Secretário resumiu dizendo que como havia um processo normal que poderia ser resolvido, ele estava pela via diplomática, mas que se considerava inoportuno o assalto à Telefônica. Acertou-se que seria lançada pelo rádio uma nota e foi decretada a incompatibilidade do Comissário Geral. Com isso, a reunião foi encerrada.

O mais curioso dessa reunião foi a constatação do Secretário. Os cenetistas não paravam de ser atacados pelas forças reacionárias – e revidavam –, as conquistas revolucionárias estavam todas sendo anuladas há meses, militantes cenetistas e ugetistas – sob influência do PSUC – estavam se matando por toda a Catalunha, a entrada dos anarquistas no governo, longe de favorecer à revolução, impulsionou um processo de burocratização tanto da organização quanto do próprio processo revolucionário, os comitês de bairro e cidade haviam sido anulados ou estavam na ilegalidade, cada vez mais militantes revolucionários eram presos, a autogestão estava passando por sérias dificuldades a ponto de ser atacada diretamente pelas forças públicas, mas o Secretário imaginou que se estava passando por um processo “normal”, e tudo poderia ser resolvido mediante simples negociações de cúpula. A cegueira dos dirigentes cenetistas era colossal. Outra fala a ser destacada foi a de Escorza, ao explicitar que agora saberia se os dirigentes controlavam suas massas – o que, decerto maneira, já denotava uma diferenciação entre direção e base. A partir do fim desta reunião, de acordo com o decidido, a CNT intensificou as negociações por um cessar-fogo. Decidiu-se pela manutenção da unidade antifascista, mesmo que isso custasse o que havia restado do processo revolucionário.

¹⁵¹⁹ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

Cabe ressaltar que uma delegação cenetista – e ugetista também – foi deslocada de Valência para Barcelona com o intuito de frear os combates e conseguir um cessar-fogo. Entre os cenetistas estavam Federica Montseny e García Oliver.

No dia 4 de maio, os pedidos pelo cessar-fogo continuaram, mas os combates prosseguiram. Peirats¹⁵²⁰ afirmou que corria um rumor de que os cenetistas que haviam ido à Generalitat para negociar tinham sido feitos reféns, o que explicaria suas consignas muito conciliadoras. As baterias do Castelo de Motjuic, controladas pela CNT, estavam apontadas para a Generalitat, bastando uma ordem para que o Palácio fosse abaixo. No entanto, as negociações fracassaram, pois Companys exigia que os trabalhadores saíssem das ruas.

O Solidaridad Obrera deste dia frisou¹⁵²¹ os fatos sobre a tentativa de tomada da Telefônica, além de anunciar¹⁵²² a liberdade de Maroto. Em relação aos acontecimentos no prédio da Telefônica, fez críticas à atuação das forças de segurança pública e seus comandantes, mas não fez nenhuma condenação mais incisiva à Generalitat ou aos partidos que perpetraram tais ataques. O editorial salientou que uma provocação só poderia beneficiar o fascismo, pois quebrava a unidade operária, e advertiu que não se dispunha “[...] a permitir que la contrarrevolución, en nombre de una unidad que, no ya no siente, sino que sabotea, actúa¹⁵²³”. E o mesmo Soli ainda fez¹⁵²⁴ um chamamento às forças públicas, pedindo serenidade e que não se deixasse levar por “manobras insensatas”.

Já o Boletín de Información fez algumas críticas um pouco mais diretas, publicando um artigo no qual afirmava que nas ruas se defendia a revolução, embora em nenhum momento tenha falado em rompimento com a Generalitat ou com a frente antifascista.

Dos nombres quedarán esculpidos en la historia con el signo de la traición: Artemio Aguader y Rodríguez Salas. Estos dos vástagos que juegan a la revolución como juegan a la misma los pervertidos en los cabarets, han provocado días de luto para Barcelona y tal vez pueden poner en peligro el triunfo de la guerra. No progresarán sus manejos ni las ambiciones de los partidos que los defienden. Para defender la acción de la guerra y de la revolución, los productores conscientes han dejado de acudir al trabajo como protesta a los atropellos a la causa del pueblo realizado desde el Gobierno de la Generalidad de Cataluña para unos desaprensivos consejeros. A pesar de la gravedad, no se han abandonado las industrias de guerra, ni nada de lo que afecta al ramo de alimentación. Sin el concurso del Estado todos los servicios son debidamente atendidos a la par que son defendidas las posiciones revolucionarias con el arma al brazo por todos aquellos que tienen el deber de velar por el triunfo de la revolución íntimamente ligada al aplastamiento del fascismo. No habrá paz ni sosiego mientras subsistan en cargos de representación pública individuos como Comorera,

¹⁵²⁰ PEIRATS, José. **La CNT en la Revolución Española** (3 vol). Madrid: Ruedo Ibérico, 1988.

¹⁵²¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Las fuerzas armadas trataron de apoderarse, ayer tarde, del edificio de la telefónica**. Barcelona, 4 mai. 1937, p. 8.

¹⁵²² Idem. **El compañero Maroto, en libertad**. Barcelona, 4 mai. 1937, p. 1.

¹⁵²³ Idem. **Editorial. La contrarrevolución y la C.N.T.** Barcelona, 4 mai. 1937, p. 1.

¹⁵²⁴ Idem. **¡No os dejéis arrastrar por maniobras insensatas!** Barcelona, 4 mai. 1937, p. 12.

Aguader, Rodriguez Salas y tantos otros que irán a la vindicta pública, cuando el pueblo sepa el fondo que ha determinado la provocación, la cual ha convertido la retaguardia en una lucha encarnizada contra la fuerza pública¹⁵²⁵.

Neste dia 4, também houve uma reunião extraordinária do Comitê Regional da CNT¹⁵²⁶, com participação dos outros comitês regionais, e que foi realizada ainda no período da manhã. Ela iniciou-se com o Secretário informando sobre a situação de momento, ressaltando os perigos que poderiam ocorrer se as coisas continuassem da mesma maneira. Merino, pela Federação Local de Grupos, disse que a situação era boa para os libertários, e que a única coisa que pesava contra era que Eroles tinha abandonado a Chefia. Afirmou que os anarquistas tinham a iniciativa, pois os bairros lhes pertenciam e os únicos que estavam em situação complicada eram o Sindicato de Distribuição e o de Vestir. Acrescentou que na Telefônica o andar de baixo era controlado pelas forças públicas e os de cima pelos trabalhadores, que o Capitão da companhia Telefônica foi feito prisioneiro pelos trabalhadores e existiam guardas feridos que foram fuzilados. O Comitê de Defesa afirmou que a luta não iria parar até que os culpados estivessem fora de seus empregos. Xena disse que a intenção da Generalitat era jogar a opinião pública catalã contra os libertários e que Tarradellas e outros membros do governo já preconizavam anteriormente que, em um mês, se poderia falar da destituição dos indivíduos indesejáveis que se chamavam Aiguadé e Salas. Merino falou que se estava atirando em ambulâncias. Xena lembrou o equívoco que foi a campanha de “armas para a frente”, e que já estava inteirado das intenções da Esquerda nas comarcas. Souchy informou que fazia mais de uma semana que um correspondente estrangeiro disse que havia intenção de tomar a Telefônica, e que toda a ação estava sendo mediada pelo governo de Valência. Acrescentou que a demissão dos responsáveis agradaria a todos. Gerona afirmou que era inútil fazer comícios conjuntos e que era preciso “ir com tudo”. Quase todos os presentes, então, concordaram em não terminar com os combates até a demissão de Salas e Aiguade. A Federação Local notificou que vinham forças de Valência. Saúde afirmou estar convencido de que se tem tido muita tolerância, e o que interessava era liquidar essas provocações. Acrescentou que os governos retrocediam apenas por medo. Castellote leu uma nota que seria dirigida aos guardas, e foi aprovada. O Comitê Regional das Juventudes Libertárias questionou como se comportariam as potências estrangeiras. Também falou sobre tomar o governo, indagando se a CNT sabia fazer isso e tinha capacidade para tal, acrescentando que assim ela iria se isolar. Aurelio avaliou que isso tudo acabaria de uma maneira caótica, pelo cansaço, e que era conveniente orientar o movimento.

¹⁵²⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **En la calle en defensa de la revolución**. Barcelona, 4 mai. 1937, p. 1.

¹⁵²⁶ REUNIÓN EXTRAORDINARIA. **Ata da reunião realizada no dia 4 de maio de 1937**.

Alimentação falou do paradoxo que era ir negociar com quem há algumas horas os tratava como “facciosos” e “incontrolados”. Nomeou-se uma comissão para ir até a Generalitat negociar, e que seria formada por Santillán, Herrera, Alfonso e Castellote. A reunião foi então encerrada.

No mesmo dia 4 de maio, ainda, no período noturno, uma série de discursos foram radiados a partir do Palácio da Generalitat. Dentre os oradores estavam Companys, que falou pela Generalitat, Calvet, pela União de Rabassaires, Sbert, pela Esquerda e Vidiella e Hernández Zancajo, ambos representando a UGT. Entre os cenetistas que discursaram estavam Mariano Vázquez, pelo Comitê Nacional da CNT, e García Oliver. O primeiro pediu cessar-fogo e lembrou “[...] cerca de diez meses en que todos como un solo hombre, sin distinción de ideologías, [...] el proletariado se alzaba [...]”¹⁵²⁷. Já o segundo fez um discurso bastante conciliador, e que foi publicado tanto pelo Soli do dia seguinte quanto posteriormente em suas memórias. Eis as palavras de Oliver.

Trabajadores de Cataluña: Os hablo desde el Palacio de la Generalidad. Aquí estamos reunidos todos los representantes del Frente Antifascista para ver de encontrar una solución a este gran problema por que todos pasamos. La última vez que yo os hablé desde este mismo micrófono del Palacio de la Generalidad será recordada por todos vosotros, amigos míos y hermanos de ideas: fue los primeros días de lucha, cuando marchando nuestras fuerzas hacia el frente, pensando que quizá Zaragoza era muy fácil de ser tomada, de ser libertados todos los compañeros de allí, me dirigí yo a los pocos obreros que quedaban ya en Zaragoza diciéndoles que nuestras fuerzas salían de Cataluña para libertarles, y diciéndoles que estaban próximos a llegar, que ellos mismos debían contribuir a que fuera más fácil la victoria de los libertadores; y les decía que desde allí salieran a las calles los niños, los hombres, las mujeres a luchar, que los camaradas de Cataluña estaban prontos a llegar para libertar a los compañeros de Zaragoza. Aquellos compañeros de Zaragoza, los pocos que quedaban, los pocos que no habían escapado todavía de la gran matanza fascista, oyendo aquella voz, que era la voz mía, la voz de la Confederación, la voz de los anarquistas, que era nuestra voz, salieron todos a la calle y allí terminaron de matarlos a casi todos. Y hoy tengo que hablaros aquí, camaradas, y tengo que hablaros aquí, amigos, porque pesa sobre nosotros la bíblica maldición de Caín y de Abel. No sé si entre los que estamos aquí quién es el Caín y quién es el Abel. Puede ser que el Caín sea yo, seamos nosotros; puede que sean ellos, ¿quién sabe?; pero, ¿vosotros creéis, compañeros, que entre la familia antifascista, que entre los hermanos antifascistas, puede repetirse aquel pasaje bíblico de Caín y matarse los unos a los otros? ¿Creéis y pensáis que esto es posible? ¿Pero no veis lo que es España? Más de media España, hermanos, está en poder del fascismo. Más de media España está en poder de ellos y las fracciones proletarias que allí han quedado, las pocas que aún quedan, subyugadas, oprimidas, perseguidas, escondidas, aherrojadas, tienen la única esperanza; tienen la esperanza en nuestra ayuda; la esperanza de que los hermanos antifascistas de la España liberada vayan a libertarlos a ellos. ¡Pensad el dolor, pensad la amargura en los compañeros, de esos proletarios antifascistas en la España dominada por el látigo de Mussolini, por el látigo de Hitler, cuando se enteren – que ya procurarán propagarlo los propios fascistas – cuando se enteren de que en el corazón, de que en la cabeza de la España libertadora, que es Cataluña, se están matando los unos a los otros, se están destruyendo los unos a los otros, incapacitando con ello en absoluto el poder llegar al corazón de Castilla, al corazón de Asturias, al corazón de Galicia, al corazón de Andalucía, para libertad

¹⁵²⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. Mariano Vázquez, secretario del Comité Nacional de la C.N.T. Barcelona, 5 mai. 1937, p. 5.

a esos compañeros que no tienen otra esperanza que nuestra concordia y nuestro esfuerzo. Es posible que en un momento de pasión, es posible que en un momento de incompresión, trabajadores de Cataluña, lo hayáis olvidado; pero yo me permito recordároslo. Cada uno de vosotros, por encima de todo, sois obreros, sois demócratas; cada uno de vosotros sabe bien cuál es su deber; cada uno de vosotros sabe cuál es su adversario. **Y no hay más enemigo y adversario que el fascista en estos momentos.** Yo, que no he temblado nunca, que nunca tuve miedo, y que si lo tuve lo vencí porque tenía fuerza moral para vencer este miedo interior, yo os digo, compañeros, que nunca había sentido tanto pavor, que nunca había sentido tanto miedo, como en esta cruzada que tenido que pasar con los camaradas de la directiva de la UGT desde cerca de la Plaza de España cruzando las calles de Barcelona. Oía los tiros de todos. No eran los tiros lo que me hacía temblar; es que yo sabía que todos cuantos tiraban eran mis hermanos, eran mis semejantes; todos formaban parte de la federación antifascista: anarquistas, socialistas, comunistas, republicanos... Yo, que no sabía qué hacer oyendo los tiros, he tenido que reconocer que el miedo que sentía procedía de encontrarme desarmado, de que aun cuando hubiera tenido un fusil en la mano, una bomba en la mano, no hubiera sabido a quién tirarla, porque todos cuantos disparaban eran mis hermanos, todos podían matarme como todos podíais mataros los unos a los otros. Compañeros: La última vez que hablé, no en conferencia, sino en un momento sentimental del dolor vivido por todos y por todos compartido, en el momento del entierro de nuestro Durruti, pocas palabras pude decir. Yo os dije que el testamento de Durruti, no escrito, pero sí grabado en el alma de todos nosotros, era su propia vida, la vida de Durruti, muy especialmente en estos últimos tiempos, y ese testamento de Durruti, escrito con su sangre, con su vida y con su actuación, era ganar la guerra. Y esto, hermanos, es lo que tenemos que hacer: ganar la guerra. Este propósito leal, este propósito noble, nos ha reunido en el Palacio de la Generalidad, bajo la presidencia de su propio presidente, con representaciones de la CNT, de la UGT, de la Esquerra, de los rabassaires, y, aquí reunidos, para buscar este punto de coincidencia, consideramos que lo más elemental en estos momentos es que todos los reunidos, que representamos propias organizaciones, no hayamos de tener que considerarnos hablando como Caín y Abel, matándose los unos a los otros. Pensad que hay necesidad de que cese el fuego. Por encima de todo, que cese el fuego. Consérvese cada cual, si así lo cree en sus respectivas posiciones, pero que cese el fuego, aunque quien esté interesado en que no se halle solución a este conflicto os provoque, cesad el fuego. Que cada uno de vosotros, que cada núcleo que se forme de barriada, de calle, constituya un cinturón de aislamiento en torno a todas las provocaciones cesad el fuego; camaradas. Por mi parte espero que así lo haréis. Pesa sobre nosotros como ya os han dicho otros compañeros la responsabilidad de las decisiones que esta noche han de adoptarse, pero sobre los anarquistas pesa una responsabilidad mayor: la responsabilidad de poner de nuestra parte todo cuanto sea humanamente posible para conseguir la unidad del proletariado, la unidad de los antifascistas. Que no tengan los anarquistas, que no tengan los socialistas, que no tengan los republicanos, que nadie de la familia proletaria tenga que contribuir a deshonorar a sus muertos, al ideal que ahora defendemos por necesidad, por convicción. Necesidad española, necesidad catalana. Convicción catalana: convicción española. Y, sobre todo, la necesidad y la convicción en que estamos de contribuir al aplastamiento del fascismo en toda España, en toda Europa. Cese, pues, camaradas, el fuego. Que mientras estemos reunidos, no tengamos el dolor de pensar que no hemos sido comprendidos, de pensar que no hemos sido acatados; por que mientras oigamos el tiroteo, mientras oigamos el ruido en la calle, todo cuando nosotros hagamos aquí será rechabado, de hecho, por lo que en la calle se haga, y no podremos sentirnos con moral, con valor, con dignidad e interesados para proseguir, cueste lo que cueste, minuto tras minuto, hora tras hora, lo que nos hemos propuesto al venir al Palacio de la Generalidad, mandados y enviados por nuestras organizaciones. Por la unidad antifascista, por la unidad proletaria, por los que cayeron en la lucha, por los que cayeron en esta noche, no hagáis caso de las provocaciones. No cultivéis, en estos momentos en que hay que cesar el fuego, el culto a los muertos. Que no sean los muertos, la pasión de los muertos, de vuestros hermanos, de vuestros amigos caídos, lo que os impida en este momento cesar el fuego. No hagáis un culto a los muertos. En toda guerra civil como la que vivimos, hay muertos siempre. Los muertos, todos,

absolutamente todos los muertos de la familia antifascista, todos tendrán la misma gloria; todos tendrán el mismo honor. Tal como os lo digo lo pienso; tal como os lo digo lo siento. Me comprendéis, me conocéis lo suficiente para pensar que en estos momentos solamente obro por impulso de mi libérrima voluntad, porque me conocéis bastante para estar convencidos de que nunca, ni antes, ni ahora, ni en el porvenir, nadie conseguirá en manera alguna arrancar de mis labios una declaración que no sea sentida. Y ahora siento por mí, bajo el peso de la responsabilidad que vivo y **declaro que los guardias que hoy han muerto, para mí son hermanos: me inclino ante ellos y los beso. Los antifascistas que han muerto, los anarquistas que han muerto, para mí son hermanos: me inclino ante ellos y los beso. Los socialistas que han muerto, para mí son hermanos. Sí, después de decir esto, tengo que añadir: todos cuantos han muerto hoy son mis hermanos, me inclino ante ellos y los beso. Son víctimas de la lucha antifascista y los beso a todos por igual. ¡Salud, camaradas, trabajadores de Cataluña!**¹⁵²⁸.

Em 5 de maio, no período da manhã, ocorreu uma nova reunião extraordinária do Comitê Regional da CNT, acrescido de quase todos os mais destacados membros da CNT. Esta foi iniciada com Defesa informando que, em Mollerusa e outras localidades de Lérida, os guardas assaltaram alguns sindicatos. Jover falou dos acordos que foram tomados na frente que, resumidamente, serviam para que se evitasse deslocar tropas governamentais até Barcelona, e que algumas centúrias haviam proposto abandonar a frente e marchar para a retaguarda, ao que a plenária se opôs. Jover retomou sua fala dizendo que as tropas da frente haviam proposto que **“SEAN DISUELTOS TODOS LOS CUERPOS ARMADOS DE LA RETAGUARDIA**¹⁵²⁹”. No tocante aos abastecimentos, falou que dificilmente o governo agora iria garanti-lo e, por isso, o Comitê Regional teria que tomar frente. Tarrens deu conta de um avião faccioso em direção a Barcelona e de três navios de guerra italianos, temendo-se uma tentativa de desembarque. Severino Campos informou de um suposto plano fascista em Salt. Um delegado disse que na Telefônica os trabalhadores não comiam há dois dias, e que existiam feridos. Saúde falou que isso não era um problema, já que uma ambulância podia abastecê-los – inclusive com armas – e ao mesmo tempo retirar os feridos. Isgleas salientou que era necessário focar bem nas questões antes de tomar qualquer decisão, e que o governo central havia se apoderado da defesa e ordem pública da Catalunha¹⁵³⁰. Acrescentou que os militantes deveriam exigir o cessar-fogo. Defesa falou que se estava em um iminente perigo, sendo preciso atuar rapidamente. Acrescentou que **“Las barriadas no las podemos sostener más, se quieren lanzar al ataque de fondo y nada más. Hemos agotado todos los recursos para convencer a la Generalidad; pero esta no hace caso**¹⁵³¹”. Federação Local afirmou que achava conveniente

¹⁵²⁸ Idem. **Ayer se desarrollaron en Barcelona graves sucesos**. Barcelona, 5 mai. 1937, p. 2 e 5, grifos nossos.

¹⁵²⁹ REUNIÓN EXTRAORDINARIA. **Ata da reunião realizada no dia 5 de maio de 1937**, p. 1, grifo nosso.

¹⁵³⁰ No dia 6, o General Pozas foi nomeado chefe da 4ª Divisão Orgânica, da Catalunha, cuja missão era restaurar a ordem pública da Catalunha. Ao mesmo tempo, a Divisão que ele assumiu passou a depender do governo central, e não mais da Generalitat.

¹⁵³¹ REUNIÓN EXTRAORDINARIA. **Ata da reunião realizada no dia 5 de maio de 1937**, p. 1, grifo nosso.

nomear um Conselho de Defesa. Trabal disse que “[...] si no tenemos bastante personal **pidamos a las barriadas**¹⁵³²”. Luz e Força perguntou “[...] **se han de encender o no las barriadas?** pues los compañeros empleados en esta labor facilmente les ocurrieta algo grave¹⁵³³”. Concordou-se que por uma noite a cidade não seria iluminada. Depois de mais algumas falas, foi nomeado um Comitê de Defesa para ampliar o que já existia localmente. Manzano foi nomeado pelos militares e Xena pelos sindicatos. Acertou-se que Isgleas e Jover também colaborariam. Ao Comitê foi dado poderes para trabalhar como quisesse e, então, a reunião foi encerrada.

Nesta reunião, ficou claro que o ataque era contra os trabalhadores revolucionários. Por isso, os sindicatos de toda a Catalunha estavam sendo alvo. Também ficou claro que havia uma confusão generalizada e ninguém sabia ao certo o final disso tudo, que poderia resultar até mesmo em uma intervenção estrangeira – como foi falado na reunião do dia anterior – ou uma invasão fascista. Mas as duas questões mais importantes tratadas foi a tomada da defesa e da ordem pública da Catalunha pelo governo central e a questão dos comitês de bairro. Estes últimos renasceram – ou reapareceram publicamente – durante as Jornadas de Maio e foram responsáveis, junto com os comitês de defesa, por uma grande parte da direção e organização das lutas nas ruas de Barcelona. A revolução ainda sobrevivia nos bairros – e nos sindicatos também –, e somente eles poderiam mudar os rumos dos acontecimentos. Mas os dirigentes já haviam escolhido outros caminhos, e fariam de tudo para acabar com as lutas e chegar a um cessar-fogo.

Ainda no dia 5 de maio, o Boletín de Información também publicou uma série de manifestos sobre os combates nas ruas, todos pedindo deposição das armas, fim das lutas, unidade dos trabalhadores. Chegou mesmo a afirmar que as forças de segurança estavam com o povo. No mesmo dia, como já mencionado anteriormente, o Solidaridad Obrera publicou os discursos radiados no dia anterior a partir do Palácio da Generalitat. Mas apesar de todos os apelos, as lutas continuavam, intercaladas com breves tentativas fracassadas de cessar-fogo. Membros da Agrupación Amigos de Durruti subiram o tom das críticas em relação aos comitês libertários e apoiavam os trabalhadores nas ruas, o que fazia a situação ficar ainda mais caótica. Clamavam pela formação de uma Junta.

Neste mesmo dia, Camillo Berneri publicou um artigo em que falava da contrarrevolução. Ele tentou demonstrar como a república gerou um tipo de

¹⁵³² Ibidem, p. 1, grifo nosso.

¹⁵³³ Ibidem, p. 1, grifo nosso.

contrarrevolucionário – dando o exemplo de Azaña – que tinha sua continuidade nos stalinistas, pois, para ele, na prática estavam completamente alijados de conteúdo socialista.

Cuando el Partido Comunista español publica, en agosto de 1936, un manifiesto firmado por Jesús Hernández, en el cual declara luchar solamente por una República democrática, cuando confirma el 15 de diciembre del mismo año esa línea, no es tanto a la plutocracia externa y a los “gobiernos democráticos” que ellos quieren tranquilizar, como a los millares de pseudo-neófitos que se han inscrito en sus cuadros partidarios y en los de la U.G.T. Hasta la Juventud Socialista Unificada renegó del socialismo. Su secretario Santiago Carrillo ha podido declarar en el Congreso Nacional de la J.S.U. cumplido en Valencia el 15 de enero del 1937: “Nosotros no luchamos por la revolución social. Nuestra organización no es ni socialista ni comunista... La J.S.U. no es una juventud marxista”. “Ahora” (J.S.U.) apoyaba esta tesis y rechazaba las consignas clasistas. Las declaraciones contrarrevolucionarias de Joan Casanovas, presidente del Parlamento Catalán, que ha hecho a “La Dépêche” de Toulouse en marzo de este año, coinciden con las declaraciones de Comorera, exponente del P.S.U.C. en diciembre del año pasado. Los elementos de la Generalidad, que en octubre de 1934 apoyaron el putsch autonomista-fascista, capitaneado por el triunvirato Badía-Dencás-Méndez, no han desaparecido. Una prueba la constituyen las declaraciones de Nicolás d'Olwer: “Acció Catalana”, la derecha del P.S.U.C., Galarza, etc.: ésas son las fuerzas de la contrarrevolución¹⁵³⁴.

Este artigo foi o último publicado por Berneri em vida, uma vez que neste mesmo dia ele foi detido por um grupo de pessoas e assassinado, sendo seu corpo encontrado durante a madrugada do dia 5 para o dia 6. Calou-se, assim, uma das vozes revolucionárias. Ainda no mesmo dia, também foi assassinado o Secretário da Federação Regional da UGT, José Sesé, acirrando ainda mais os ânimos.

Ainda neste mesmo dia 5 de maio os Amigos de Durruti espalharam um panfleto pelas ruas com suas reivindicações:

¡Tabajadores..¡ Una Junta revolucionaria. Fusilamiento de los culpables. Desarme de todos los Cuerpos armados. Socialización de la economía. Disolución de los Partidos políticos que hayan agredido a la clase trabajadora. No cedamos la calle. La revolucion ante todo. Saludamos a nuestros Camaradas del P.O.U.M. que han confraternizado en la calle con nosotros. VIVA LA REVOLUCIÓN SOCIAL... ¡ABAJO LA CONTRAREVOLUCIÓN!¹⁵³⁵.

No dia 6 de maio, os combates ainda continuavam, bem como as negociações. O Solidaridad Obrera publicou numerosos pedidos de cessar-fogo, discursos de cenetistas – como Mariano Vázquez e Jacinto Toryho –, chamamentos para as forças de repressão e até deu conta do assassinato a tiros de um neto de Francisco Ferrer. Também publicou um manifesto assinado

¹⁵³⁴ BERNERI, Camillo. La contrarrevolución en marcha. Guerra di Classe. Barcelona, 5 mai. 1937. In: BERNERI, Camillo. **Guerra de Clases en España, 1936-1937**. Barcelona: Tusquets, 1977, p. 238-239.

¹⁵³⁵ GUILLAMÓN, Agustín. **Barricadas en Barcelona. La CNT de la victoria de Julio de 1936 a la necesaria derrota de Mayo de 1937**. Espartaco Internacional, 2007, p. 152.

pela Federação Local de Sindicatos Únicos de Barcelona da CNT e pela Federação Local de Sindicatos da UGT informando que representantes de todas as organizações antifascistas se reuniram no Palácio da Generalitat e chegaram a um acordo e, por isso, os sindicatos ordenavam que todos os seus filiados retornassem a seus respectivos trabalhos e cessassem as lutas, pois insistir “[...] en la inactividad industrial equivale, en estos momentos de guerra antifascista, a colaborar con el enemigo común, debilitándonos nosotros mismos¹⁵³⁶”. Mas o periódico trouxe também uma reprovação dos Comitês Regionais da CNT e da FAI a um panfleto distribuído pela Agrupación Amigos de Durruti, salientando que todos deveriam obedecer às consignas de seus comitês, e que já “[...] constituído el Consejo de la Generalidad, debe cada cual aceptar sus decisiones, puesto que en él estamos representados todos¹⁵³⁷”. À posição dos Comitês o próprio Soli acrescentou que tal proceder dos Amigos de Durruti ia contra as consignas emanadas pelas organizações libertárias, pois desautorizava publicamente os Comitês, e isso era contrário às normas disciplinares internas das próprias organizações.

No mesmo dia, o Boletín de Información pediu união entre os trabalhadores em prol da revolução social, e publicou uma notícia dando conta das negociações de cessar-fogo que se estava fazendo.

Las organizaciones antifascistas siguen sus gestiones para normalizar la vida en Barcelona, perturbada, en mala hora, por unos desalmados. Todo indica que tal vez dentro de unas horas, el orden público sea restablecido. En esto coinciden todos los sectores antifascistas, Delegado de Orden Público del Gobierno Central y el Consejo de la Generalidad integrado, como es ya público, por L. Companys como Presidente de la Generalidad, V. Mas por C.N.T., R. Vidiella por U.G.T., Martí Faced por E.C.R. y J. Pous por U.R. Sin embargo, permitasenos anticipar que ha llegado el momento de pasar el bisturí para cortar la cangrena que aún subsiste en estado latente. Las Patrullas de Control, secundadas por las otras fracciones de las fuerzas del Orden Público que han permanecido al margen de los luctuosos sucesos de estos días, guardando una actitud completamente neutral, nos parece las indicadas para restablecer el orden porque son hijas de la revolución y su actuación las hace acreedoras de todo respeto por parte de los antifascistas¹⁵³⁸.

No dia 7 de maio, o Solidaridad Obrera publicou duas edições. Na primeira delas, reiterou a ordem dada no dia anterior para que todos retornassem ao trabalho, falou da retomada dos serviços públicos, agradeceu às forças públicas por terem ficado neutras durante os combates – o que não era verdade – e afirmou que os trabalhadores queriam se reincorporar ao trabalho. Na segunda edição, anunciou que havia se chegado a um acordo e decretou o fim dos

¹⁵³⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **La C.N.T. y la U.G.T., ordenan la vuelta al trabajo**. Barcelona, 6 mai. 1937, p. 4.

¹⁵³⁷ Idem. **La C.N.T. y la F.A.I. desautorizan una octavilla de la entidad “Los Amigos de Durruti”**. Barcelona, 6 mai. 1937, p. 2.

¹⁵³⁸ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hacia la normalidad**. Barcelona, 6 mai. 1937, p. 7.

combates – embora tenham sido escutados tiros até o dia seguinte. Publicou ainda textos de Marianet e Federica Montseny falando sobre “a paz finalmente alcançada” e clamou novamente pela unidade proletária. Os combates foram oficialmente encerrados. Cabe salientar, no entanto, que os trabalhadores em luta não foram derrotados militarmente. Foram politicamente, na medida em que não obtiveram apoio efetivo. O POUM era débil numericamente, o PSUC – que estava do outro lado da barricada, coordenando os ataques aos trabalhadores – era completamente avesso a qualquer coisa que lembrasse uma revolução, especialmente quando a democracia direita e a autogestão dos meios de produção estavam na ordem do dia. E, por fim, os anarquistas, os grandes impulsionadores do processo revolucionário, não obtiveram apoio decisivo de seus líderes, que preferiram sacrificar a revolução em prol da manutenção da unidade antifascista. Os trabalhadores ficaram sozinhos, e tiveram de abandonar as ruas. Segundo Hugh Thomas¹⁵³⁹, as estimativas oficiais das Jornadas de Maio foram de cerca de 400 mortos e 1.000 feridos.

No dia 8 de maio, o *Tierra y Libertad* publicou um número com apenas quatro páginas, e dedicou todas elas para tratar dos últimos acontecimentos. Em vários artigos, inclusive um assinado por Federica Montseny, falou-se em unidade para ganhar a guerra e a revolução e pediu serenidade. Foram feitas críticas aos que organizavam “jogo político” na retaguarda.

No mesmo dia, o *Solidaridad Obrera* também publicou um texto de Germinal de Sousa, Secretário do Comitê Peninsular da FAI, afirmando que a paz havia renascido. Eis o texto:

Después de las horas intensas de tragedias, vividas en los últimos días, el alto sentido de responsabilidad orgánica e ideológica, se ha impuesto. El movimiento anarquista y confederal sale de esta grande prueba con una formidable experiencia, que todos los militantes, neófitos en el zancadilleo e incapaces para las bajas maniobras de la política, sabrán aprovechar debidamente en beneficio de la lucha antifascista y de la liberación humana. Y nosotros, que con todos los militantes de la C.N.T. y de la F.A.I. de Cataluña, hemos sabido encontrar recursos para vencer las dificultades que se han presentado, que hemos resistido a las insistentes provocaciones de los elementos interesados en [ilegível] con los hermosos sentimientos del anarquismo militante, aunque a trueque del sacrificio de muchas vidas y a costa de mucha sangre vertida, nos sentimos satisfechos de la demostración de superación que los militantes de nuestra organización, lanzados a la calle en un momento de indignación incontenible, han sabido dar evidentes pruebas. ¡Compañeros de la C.N.T. de la U.G.T. y de la F.A.I.! ¡Amigos de los cuerpos armados y de fino raigambre antifascista! Que nuestra intensa labor, reiniciada hoy con voluntad redoblada, si es posible, en pro de la lucha antifascista y de la revolución liberadora, nos haga olvidar las trágicas horas vividas y contribuya para estrechar los lazos de solidaridad que, en estos momentos, más que nunca, deben hermanar a todos los luchadores antifascistas¹⁵⁴⁰.

¹⁵³⁹ THOMAS, Hugh. *A Guerra Civil Espanhola* (2 vol.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

¹⁵⁴⁰ SOUSA, Germinal de. La paz renace. *Solidaridad Obrera*. Barcelona, 8 mai. 1937, p. 2.

No mesmo número, ainda, foi publicado o seguinte manifesto, assinado pelo Comitê Regional da CNT e pela Federação Local de Sindicatos Únicos:

LA C.N.T. AL PUEBLO DE CATALUÑA Terminado el trágico incidente que ha llenado de luto a Barcelona y para que todo el mundo sepa a qué atenerse, el Comité Regional de la C.N.T. y la Federación Local de Sindicatos Unicos, manifiestan su voluntad unánime de colaborar con la mayor eficacia y lealtad al restablecimiento total del orden público en Cataluña, cesando con la etapa de actuación partidista que llevó precisamente a la situación insostenible que desencadenó la tragedia. Nos complacemos, por tanto, en reiterar nuestro concurso al Gobierno de la Generalidad y al nuevo delegado de Orden Público, mandado por el Gobierno central, teniente coronel Torres, del que hemos podido comprobar la excelente disposición de ánimo con que viene a ejercer tan delicado cometido a Cataluña. Unidad y confianza, lealtad e igualdad de derechos e deberes para todos los sectores antifascistas en todos los aspectos. He aquí a consigna del momento, que todos deben atender y secundar al unísono¹⁵⁴¹.

¹⁵⁴¹ SOLIDARIDAD OBRERA. **La C.N.T. Al Pueblo de Cataluña**. Barcelona, 8 mai. 1937, p. 1.

8 A AUTOGESTÃO NOS LOCAIS DE TRABALHO: PROBLEMAS E CONTRADIÇÕES

Uma das principais características da Revolução Espanhola foi a coletivização dos meios de produção e sua gestão direta pelos trabalhadores, via comitê de empresa, como já afirmamos em outros momentos. Mas como isso se deu na prática? Quais foram as facilidades e dificuldades desse processo? E suas contradições? Buscaremos elucidar um pouco essas questões a título de exemplo, dando detalhes, na medida do possível, do funcionamento interno dessas empresas. Faremos uma divisão entre coletivizações rurais e coletivizações industriais.

8.1 A Coletivização no Campo

As coletivizações rurais tiveram sua formação a partir da junção de terras que antes estavam divididas em propriedades privadas. Estas poderiam ser arrebatadas do antigo proprietário pelo uso da força – às vezes envolvendo até mesmo sua morte, quando ele apresentava um antecedente de muita crueldade para com os trabalhadores ou quando era um fascista atuante –, por sua fuga ou mesmo por meio de seu consentimento, velado ou explícito. Quando a coletivização era composta pela última forma, o antigo proprietário poderia até mesmo passar a fazer parte da nova estrutura coletiva. Existiam também proprietários que ingressavam voluntariamente nas coletividades, doando seus bens, suas terras e passando a ser parte integrante de cada uma delas. Segundo Frank Mintz¹⁵⁴², existiram somente em Aragão, local onde estava a maior quantidade delas, cerca de 450 coletividades rurais, abarcando ali um total de 300.000 coletivistas, embora outros autores falem em números ainda mais elevados. Assim que era formada uma coletividade – que se constituía a partir de uma assembleia do povoado¹⁵⁴³ –, a primeira tarefa a se fazer era eleger o comitê que iria gerí-la em nome dos trabalhadores e ficaria submissa ao maior órgão decisório, que era a assembleia geral. Esta, além de eleger os membros do comitê, poderia o destituir a qualquer momento, o que fazia com que ele estivesse sempre sob seu controle. Fazia-se também um estatuto da coletividade, onde estavam inscritas as normas pelas quais ela costumava ser regida. O comitê poderia acumular as funções de comitê da coletividade e de gestor da localidade, tal como os comitês de bairro ou de cidade faziam em seu perímetro, fundindo a gestão econômica da coletividade com o

¹⁵⁴² MINTZ, Frank. **La Autogestión en la España Revolucionaria**. Madrid: La Piqueta, 1977.

¹⁵⁴³ Há uma representação de uma dessas assembleias no excelente filme *Terra e Liberdade*, de Ken Loach.

poder político da localidade. Mas as duas funções eram combinadas apenas onde todos os trabalhadores haviam passado a fazer parte da coletividade, o que ocorreu em muitos lugares e, em caso contrário, eram formados dois comitês separados, um que geria a coletividade e outro que geria a localidade. Isso porque a pequena propriedade era geralmente respeitada, embora com limitações – como não utilizar de mão de obra assalariada, não possuir mais terras do que a família era capaz de cultivar etc. –, o que fazia com que os “individualistas” não tivessem voz dentro da coletividade, mas a tinha no âmbito da gestão local, motivo pelo qual eram formados dois comitês. A convivência entre individualistas e coletivistas poderia ser harmônica ou não, já que muitos deles se opunham às coletivizações, conforme vimos nos capítulos anteriores. Os coletivistas também impunham às vezes algumas sanções a estes, como não poder vender seus produtos diretamente, tendo que ser feito por meio da coletividade. Em outros locais, a coletividade cobrava pelo uso de suas instalações, como fornos, moedores ou outros equipamentos. Outra questão interessante que deve ser elencada sobre as relações entre coletividades e individualistas era com relação à distribuição das terras. Como as coletividades eram provenientes da junção de uma série de propriedades privadas, como nem todos os camponeses se interessavam em fazer parte de tais coletividades e como a norma era que estes fossem respeitados¹⁵⁴⁴, então não era incomum que as terras coletivizadas ficassem espalhadas por uma grande área, intercalada com propriedades individuais, o que trazia uma série de complicações. Por isso, com a intenção de fazer com que as terras coletivas ocupassem uma massa única e contínua, várias coletividades acabavam fazendo trocas de terrenos com os individualistas, buscando realizar isso de forma que ambos os lados ficassem satisfeitos como, por exemplo, cedendo uma porção de terra maior aos individualistas do que eles teriam antes da permuta.

A forma de organização interna do trabalho poderia variar bastante de uma coletividade para outra, mas havia um certo padrão. Normalmente, dividia-se os trabalhadores em grupos de 5 a 10 pessoas, com um responsável ante o comitê e a assembleia. O trabalho era obrigatório para todos os membros, mas havia uma variação na idade em que se começava esta obrigatoriedade e na que se poderia aposentar.

Outra questão importante das coletividades tinha relação com os ganhos. Existiram coletividades que continuavam utilizando o dinheiro republicano e, em outras, só quando saía

¹⁵⁴⁴ O respeito ao pequeno proprietário tinha o objetivo de evitar que eles ficassem descontentes e se colocassem abertamente contra o processo revolucionário. Além disso, acreditava-se que o trabalho coletivo era menos estafante e mais produtivo, o que acabaria por gerar um melhor nível de vida aos trabalhadores que nele haviam ingressado, de modo que os que não entrassem imediatamente no sistema de trabalho coletivo acabariam por o fazer na medida em que percebessem suas vantagens.

da coletividade. Além do mais, existiam também as que chegaram a emitir um dinheiro próprio, com validade apenas local. Outras aboliram totalmente o sistema de salários, sendo fornecido tudo o que a pessoa necessitava. Em outras, aconteceu uma solução intermediária em que, diante da impossibilidade ou recusa de abolir o sistema de assalariamento, implementou-se o salário familiar, que funcionava da seguinte maneira: era paga uma determinada quantidade de salário para o arrimo de família e, a cada membro da família que deste dependesse, era acrescentada mais uma certa quantidade. Por exemplo: pagava-se uma quantidade x de salário, e quem tivesse uma esposa receberia um adicional de $y\%$, o primeiro filho dava direito a mais $z\%$; o segundo a mais $w\%$, e assim sucessivamente. Esta foi uma tentativa de nivelar a condição material de vida dos trabalhadores em função de suas necessidades sem abandonar o sistema de assalariamento para que, então, uma igualdade salarial não se convertesse em uma desigualdade real. Cabe salientar que esta foi uma forma provisória de retribuição, adotada por conta das circunstâncias do momento, e a meta final era a supressão do sistema salarial. As coletividades também forneciam uma série de serviços a seus membros, como acesso ao atendimento médico, escolas etc. Quando não era a própria coletividade que ofertava os serviços, podia-se, por exemplo, custear a ida até os locais onde eles eram oferecidos. Também ocupou-se de questões culturais, como organizar festivais musicais, teatro etc. Assim, em muitas localidades, a coletivização das propriedades rurais acabou expandindo o acesso dos trabalhadores a produtos e serviços, principalmente nos locais mais longínquos, incluindo bens culturais como música, teatro, cinema etc. Além disso, com a introdução do trabalho coletivo, abriu-se a possibilidade de, pela primeira vez em alguns lugares, proceder-se às obras que facilitavam o processo produtivo e aquisição de insumos e máquinas que, além de tornar o trabalho menos estafante, o tornou mais produtivo, possibilitando um princípio de desenvolvimento econômico em regiões até então extremamente pobres. Cabe salientar ao final que, no caso das coletividades rurais, houve uma maior independência destas em relação aos sindicatos, se compararmos com o que ocorreu nas cidades.

Um primeiro exemplo de coletividade foi a de Mosqueruela, na província de Teruel, Comunidade Autônoma de Aragão, a qual foi tema de uma reportagem no Boletín de Información do dia 17 de março de 1937¹⁵⁴⁵. Aqui, as diversas seções de abastecimentos foram instaladas nos altares laterais da igreja da localidade, que era milenar. A localidade tinha como principal atividade econômica a extração de riquezas florestais e a criação de gado. A reportagem afirmou que foi implementado o racionamento de carne como uma forma de

¹⁵⁴⁵ BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Del Aragón que nace. La colectividad de Mosqueruela.** Barcelona, 17 mar. 1937, p. 2-3.

sacrifício em prol do esforço de guerra, sendo que apenas os enfermos recebiam uma porção de dito alimento. Toda a população fazia parte da coletividade, existindo entre eles quatro professores.

Outro exemplo de coletividade ocorreu em Simat de Valldigna, na província de Valência, comunidade de mesmo nome. A localidade contava na época, segundo dados do Boletín de Información¹⁵⁴⁶, com 3.500 habitantes e, mesmo com essa pequena quantidade de habitantes, existiam cerca de 60 milicianos na frente de batalha. A coletividade, tal com frisou a reportagem, concluiu uma obra de canalização que estava para ser feita há mais de 30 anos, pois alagava os campos e fazia com que as colheitas se perdessem. Destacou também que foi estabelecido um acordo para que os morangos não consumidos na localidade fossem enviados para a Coluna de Ferro, evidenciando mais uma vez a forte ligação que existia entre o setor coletivizado e as milícias que se debatiam no front. Além disso, finalizou dizendo que mais de 20 caminhões de víveres haviam sido enviados para a frente de combate.

Outro exemplo de coletividade foi a de Hospitalet, na província de Barcelona, Catalunha, que foi mostrada pelo Solidaridad Obrera de 13 de maio de 1937. Uma das suas dificuldades, segundo a reportagem, foi conseguir crédito junto à Generalitat, acrescentando que não conseguiram obter a ajuda que eles esperavam. O maior auxílio à coletividade, então, foi proveniente dos “camaradas del Ramo de Alimentación y de Abastos¹⁵⁴⁷”. Segundo o Soli, antes do movimento revolucionário “[...] había en el campo de Hospitalet unos 200 patronos, quienes actualmente trabajan con los demás, haciendo con la mejor voluntad [...]”¹⁵⁴⁸. Naquele momento, a coletividade era formada por 750 homens e 200 mulheres, dos quais 60 eram filiados à UGT e o restante à CNT. Os trabalhadores do sexo masculino recebiam uma jornada de 75 pesetas semanais, enquanto as mulheres recebiam 48¹⁵⁴⁹. Com relação à organização do trabalho, um entrevistado afirmou:

¹⁵⁴⁶ Idem. **Ejemplos de Organización Revolucionaria: Simat de Valldigna**. Barcelona, 5 jan. 1937, p. 7.

¹⁵⁴⁷ SOLIDARIDAD OBRERA. **Con los campesinos de Hospitalet**. Barcelona, 13 mai. 1937, p. 4.

¹⁵⁴⁸ Ibidem, p. 4.

¹⁵⁴⁹ Era comum nas coletividades – tanto rurais quanto em industriais – fazer uma diferenciação entre os salários pagos aos homens e os que eram pagos às mulheres. Isso acontecia, em parte, porque tal prática já existia antes da revolução, e muitas empresas coletivizadas acabaram por mantê-la – embora muitas delas tivessem a intenção de proceder a unificação salarial o mais rápido possível e várias a realizaram na prática. No entanto, essa diferenciação também tinha um outro objetivo, que era questionável, porém compreensível, e que fica mais claro quando se observa as empresas que haviam adotado o salário familiar. Este, como já mencionamos, buscava atrelar os ganhos dos trabalhadores consoantes ao tamanho de sua família, de modo que o trabalhador que fosse casado receberia um adicional por tal condição, obtendo outros adicionais a cada filho que estivesse sob sua responsabilidade. Por conta disso, esses ganhos eram pensados com base no nível familiar, de modo que o acréscimo de uma esposa não necessariamente geraria como adicional o mesmo ganho do trabalhador, o segundo filho não proporcionaria o mesmo adicional que o primeiro, e o terceiro não adicionava a mesma quantidade que os dois primeiros. E, mais ainda, muitas vezes as mulheres que fossem arrimo de família recebiam a quantidade estipulada para os “trabalhadores do sexo masculino”, e até por isso muitas coletividades usavam outros termos para fazer referência

Hemos dividido las tierras en 35 zonas: en cada zona tenemos un delegado técnico, el cual se encarga de la forma en que ha de ordenarse el cultivo. Además, contamos con un delegado de trabajo, quien se encarga de repartir a los individuos en las diversas zonas¹⁵⁵⁰.

Além disso, a coletividade também fazia contribuições de forma direta ao esforço de guerra. O entrevistado afirmou que, além de fazer contribuições em espécie para hospitais e para a frente de batalha, ao se constituir a coletividade foi deixada meia jornada por semana para ser destinada aos gastos de guerra, e essa questão logo seria colocada a todos os membros da coletividade. Além do mais, também pagava um soldo aos enfermos e oferecia ajuda para os anciãos, inclusive, os que eram ex-patrões. Havia feito ainda algumas obras, como a dos armazéns, sendo que mais de 30 mil pesetas foram investidas, e tencionava adquirir maquinária agrícola moderna. Quanto ao destino dos produtos, foi revelado que eles foram sendo estabelecidos nos mercados de Barcelona, mas também que enviavam para outras localidades e mesmo para o estrangeiro: saladas e alcachofras para a Inglaterra, Bélgica e Suíça. Finalizando, foi revelado que a cada três meses a coletividade realizava uma reunião em que se prestavam contas e faziam todas as observações que assegurassem o funcionamento normal da coletividade.

Um último exemplo de coletividade rural acerca do qual trataremos será a de Rubi, na província de Vallés Occidental, comunidade da Catalunha que, na época, contava com uma população de cerca de 8 mil habitantes. Uma das particularidades dessa coletividade, que foi tema de reportagem do *Solidaridad Obrera* de 27 de dezembro de 1937¹⁵⁵¹, é que ela se formou no começo de setembro de 1936 a partir de 180 pequenos proprietários que resolveram unir suas posses, a que juntaram as terras que foram expropriadas. Outra peculiaridade desta coletividade é que não havia horário fixo de trabalho. Os salários recebidos pelos coletivistas eram os mesmos de antes da revolução, sendo pagos com a penhora das contas correntes dos proprietários, alcançando a cifra de 50 mil pesetas, além das vendas dos produtos da coletividade. Existia também a criação de gado, sendo possível contar ainda com um trator e uma máquina debulhadora. Um dos locais que a coletividade possuía havia sido uma propriedade que antes pertencia a um empreiteiro faccioso. Existia uma vinícola coletiva que foi formada a partir do que havia sido expropriado e também coletado dos membros da

ao “provedor”, deixando claro que não se tratava do sexo da pessoa, e sim de ser ela quem sustentava a família. Mas isso também não exclui o fato de que, muitas vezes, isso ocorria por conta de discriminação sexual, fato que era difundido na Espanha, mesmo entre os libertários, o que motivou a fundação do grupo feminino *Mujeres Libres*.

¹⁵⁵⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **Con los campesinos de Hospitalet**. Barcelona, 13 mai. 1937, p. 4.

¹⁵⁵¹ Idem. **“Solidaridad Obrera” por las comarcas catalas: Rubi**. Barcelona, 27 dez. 1936, p. 9.

coletividade. Por fim, a reportagem do Soli afirmou que a expectativa era obter uma excelente colheita.

Para encerrar a exposição das coletividades rurais, explicitamos aqui na íntegra as normas emanadas na província de Cuenca, Castela-a-Nova, atual Castela-Mancha, para as coletividades tanto da CNT quanto da UGT. Sua adoção não era obrigatória e poderiam acontecer mudanças de acordo com a conveniência de cada coletividade, mas ela dá uma visão geral de como eram organizadas internamente e há inúmeros exemplos de coletividades que seguiram este padrão. Eis o texto:

En vista de las constantes diferencias que se suscitan en los pueblos entre los componentes de las dos sindicales U.G.T. y C.N.T. alrededor de los problemas creados por la Revolución y especialmente por el de la producción y el consumo, elementos oficialmente responsables de ambas Organizaciones en esta provincia, reunidos para estudiar y resolver estos problemas, acuerdan suscribir conjuntamente las siguientes normas para el desarrollo del trabajo y la convivencia en los pueblos de la provincia donde ambas Organizaciones tienen representación y afiliados.

Primeiro.— Las tierras e industrias incautadas, serán explotadas en “colectividad”.

Segundo.— Esta “colectividad”, que se formará entre los productores de cada población, cualquiera que sea la Organización sindical a que pertenezcan, nombrará un Consejo de Administración cuyas funciones serán: a) Dirigir el trabajo y administrar la producción con arreglo a las normas trazadas en las Asambleas de la “colectividad” y en los Estatutos de la misma. b) Negociar el intercambio de productos con otras localidades o provincias. c) Vigilar el cumplimiento por cada uno de los colectivistas de lo acordado por mayoría en las Asambleas.

Tercero.— Este Consejo de Administración, debe componerlo un número reducido de individuos elegidos en Asamblea por la “colectividad” y nombrando igual número por cada Organización, procurando sean éstos los más capacitados.

Cuarto.— Para pertenecer a la “colectividad” basta el título de trabajador, representado por el carnet de cualquiera de las dos sindicales U.G.T. y C.N.T.

Quinto.— Si algún pequeño propietario quisiese ingresar en la “colectividad”, pondrá a disposición de ésta cuantos bienes posea, entregándosele recibo de lo cedido. Sin este requisito no podrá pertenecer a la misma.

Del trabajo Sexto.— El Consejo de Administración, en función de sus facultades directoras de la producción, determinará los trabajos y la duración de las jornadas con arreglo a las necesidades de cada estación, época u otras causas que exijan aumento o disminución de la jornada de trabajo, de acuerdo con las decisiones tomadas en las Asambleas de la “colectividad”.

Séptimo.— Nadie podrá eximirse de acudir al trabajo si no es por causa de enfermedad o accidente que se lo impida.

Octavo.— El trabajo será por grupos tan numerosos como las necesidades del mismo lo exijan, y se nombrarán delegados dentro de los lugares de trabajo de acuerdo con los trabajadores.

Noveno.— Todos los delegados se reunirán diariamente con el Consejo de Administración a fin de cambiar impresiones y ponerse de acuerdo para la mejor marcha del trabajo.

Décimo.— Los delegados procurarán por todos los medios persuasivos de que el trabajo se realice con la mayor eficacia, debiendo mostrar afinidad y moralidad y enseñando a sus compañeros aquellas labores para las que no tengan una preparación previa.

Undécimo.— Los delegados no podrán aplicar sanción alguna a ningún compañero; las anomalías que observen las podrán en conocimiento del Consejo, éste a la Asamblea y ésta será en definitiva la que resuelva.

Duodécimo.— Tanto los delegados como los miembros del Consejo Administrativo que se extralimiten en sus funciones, serán inmediatamente suspendidos en sus cargos, dando cuenta a la Asamblea, la cual resolverá.

Del Consumo Décimotercero.— En el colectivismo, el salario no existe, por ser una fórmula de compensación al trabajo humillante, injusta e insuficiente. Por consiguiente, el productor disfrutará de un anticipo igual al jornal que tiene en la actualidad, no pudiendo percibir más de

veinticinco céntimos de demasía sobre ese jornal por cada hijo menor de quince años que tenga al amparo del “colectivismo”. Esto habrá de hacerse mediante la carta de trabajo. Décimocuarto.— El intercambio de productos interlocalmente, se verificará por medio de la “Cooperativa”, siendo éstas las que distribuirán la producción al consumidor, por lo cual es de urgencia su constitución conjuntamente con la “colectividad”. Décimoquinto.— Al constituirse la “colectividad”, las incautaciones de fincas o industrias verificadas por una de las dos Organizaciones pasan a ser de la “colectividad”, no pudiendo dividirse dichas fincas nada más que en caso de desacuerdo entre ambas sindicales U.G.T. y C.N.T. y en este caso improbable, se haría la participación proporcionalmente. Décimosexto.— Los beneficios sobrantes del pago de gastos y anticipos, se dividirán en la forma siguiente: Un 25% para enseñanza; otro 25% para adquisición y mejora de material de trabajo, y el 50% restante, quedará a beneficio de todos los colectivistas, si así lo acuerdan éstos en la Asamblea. Décimoséptimo.— Serán consideradas jornadas de trabajo los casos de enfermedad de los afiliados a la “colectividad”. Deberes y Derechos de Todo Colectivista 1º.— En el momento de ingresar en la “colectividad”, aunque ésta se halle fundada desde hace mucho tiempo, el colectivista estará en igualdad de derechos y deberes que los demás. 2º.— A ningún colectivista se le podrá exigir más trabajo que el que con arreglo a sus fuerzas físicas pueda hacer, respetando a los ancianos y convalecientes de enfermedades o empleándolos, en todo caso, en los trabajos más leves. 3º.— El respeto mútuo debe presidir inflexiblemente las relaciones entre los colectivistas, teniendo en cuenta que al constituirse en colectividad lo hacen para trabajar unidos por el bienestar de todos. Por consiguiente, todo colectivista que trate de atropellar a otro, aun cuando éste otro no sea colectivista, o bien intente usurpar beneficios que no le correspondan, como primera medida será sancionado, y si reincidiera será expulsado, perdiendo todos los derechos que tuviera adquiridos y sin que pueda reclamar beneficio alguno de cuanto puso a disposición de la “colectividad”, y si la falta fuese leve, se le aplicarán las sanciones que fueran de justicia. 4º.— Ningún colectivista se opondrá a que sus familiares sean empleados en aquellas labores de que la “colectividad” tenga necesidad y que ésta considere que aquéllos tienen aptitudes para desempeñar, considerándolos su participación en el producto con arreglo a su capacidad productiva. Artículo adicional Todo lo no previsto en estas normas, podrá ser acordado en las Asambleas generales de la “colectividad”, así como modificado aquello que las mismas consideren que no está de acuerdo con las características y buen desenvolvimiento de cada colectividad, previo conocimiento, al adoptar estas modificaciones, de las respectivas representaciones provinciales o nacionales de ambos Sindicatos¹⁵⁵².

Cabe destaque nestas normas o papel concedido à assembleia geral, que não apenas controlava o comitê, mas também tinha funções de decisão.

Os exemplos de coletividades rurais e de estatutos de coletividades poderiam ser acrescidos mais e mais, porém, para nosso propósito de expor de forma resumida como funcionavam essas coletividades, não seria de grande valia, além do fato de que cada uma delas tinha uma organização peculiar e seguiam suas próprias regras, o que torna difícil a comparação entre elas. No entanto, cabe salientar novamente que a forma “coletivização” foi fruto de uma conjuntura especial e não era a meta final defendida pelos anarquistas ou quaisquer outros, e sim seu ponto de partida. E até por isso que, ao menos em Aragão, as coletividades acabaram formando uma federação, cujo objetivo era dar mais um passo no sentido da socialização global das terras. Pretendia-se planificar a produção agrícola entre as diferentes coletividades, orientar

¹⁵⁵² BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La unidad revolucionaria en acción**. Barcelona, 19 mar. 1937, p. 4-6.

o que e onde produzir, além de gerir a mão de obra no sentido de que fosse direcionada conforme o grau de necessidade.

8.2 A Coletivização na Indústria e nos Serviços

A coletivização do setor industrial sempre traz alguns desafios maiores para quem se detém sobre o tema. Isso porque ainda hoje é comum que se faça uma minimização das experiências de autoadministração nas empresas industriais, especialmente as de grande complexidade. Tal interpretação costuma enfatizar que a autogestão seria aplicável somente ao campo, sendo considerado uma utopia sua aplicação nas cidades, especialmente nas de grande porte. Por isso, nesta seção, buscaremos demonstrar um pouco mais detalhadamente o processo de autogestão de empresas no perímetro urbano, principalmente os setores mais complexos e importantes do ponto de vista produtivo.

a) A indústria de energia e água

A primeira indústria que focalizaremos é a de energia, cuja importância dispensa apresentações. O Soli do dia 13 de agosto de 1936¹⁵⁵³ tratou pela primeira vez na imprensa sobre este assunto em uma entrevista com “companheiros da CNT” – não foram especificados os nomes dos entrevistados. O ramo estava classificado em dois tipos: empresas controladas e empresas expropriadas. Nas empresas classificadas como de primeiro tipo, participavam três organizações: CNT, CADICI e FT, e nas de segundo tipo apenas a CNT. A organização libertária tinha 1.160 operários em empresas coletivizadas do ramo, e 15.000 nas empresas controladas do setor. Os entrevistados ainda afirmaram que existiam planos para baixar o preço da energia e implantar a semana de 36 horas de trabalho – na ocasião, 44 horas semanais eram trabalhadas. Nas empresas controladas, acrescentaram os entrevistados, a maioria era de capital estrangeiro. Em relação às empresas expropriadas do setor, disseram que já estava em vigor a jornada semanal de 36 horas, e também uma menor gama de leque salarial. Em conversa com os técnicos, falou-se ainda sobre a quantidade de produção de energia e os planos para a expansão deste setor, aproveitando-se a enorme oferta de rios que a Catalunha possuía.

¹⁵⁵³ SOLIDARIDAD OBRERA. **El control obrero en las industrias eléctricas y gas e industrias incautadas. Projectos y realizaciones. El estado actual de la producción eléctrica. Posibilidades en lo porvenir.** Barcelona, 13 ago. 1936, p. 6.

Dois dias depois, o mesmo Soli publicou outra reportagem¹⁵⁵⁴, que pode até mesmo ser considerada uma continuação da matéria anterior, onde em uma entrevista foi falado do caso específico da Companhia Geral de Água e Gás Lebon, uma das mais fortes e poderosas da Espanha. O capital da empresa era espanhol, sendo que o grande capitão era o banqueiro Arnús-Gari. A empresa controlava o fornecimento de gás para Barcelona, Granada, Málaga, Valência, San Fernando e Santander, e fora expropriada apenas pela CNT. As cifras fornecidas pela matéria, no entanto, referiam-se apenas à Barcelona. Como plano futuro, disse o entrevistado, tinha-se a intenção de reduzir as jornadas de trabalho para 36 horas semanais. Acrescentou que se havia suprimido um total de 240.000 pesetas em gastos com altos salários, e que haviam sido confiscadas grandes propriedades da direção e demais privilegiados. Salientou ainda que o trabalhador recebia 80% do salário em caso de enfermidade, acidentes, invalidez, aposentadoria, e uma pensão para a família em caso de morte. Além disso, quando as coisas se normalizassem, existia um estudo para rebaixar o valor cobrado pela água, cujo preço naquela altura era de 40 centavos de peseta por m³.

No dia 26 de agosto de 1936, houve uma reunião do Comitê Central do Gás e da Eletricidade¹⁵⁵⁵. Nela, foram explicitadas algumas orientações gerais que todos deveriam cumprir. Dentre elas estavam: a obrigação de trabalhar as horas normais para todos que ocupassem cargos de gestão, salvo em casos excepcionais, ou seja, eles fariam seus trabalhos administrativos e depois iriam cumprir seu horário dentro do processo produtivo em si; a não permissão para que se discutisse questões sindicais ou recebesse qualquer pessoa que não fosse do Comitê Local, cujas petições deveriam ser feitas por escrito e não se daria nenhuma resposta que não tenha sido exposta e aprovada em assembleia – as visitas de quaisquer organismos que não fossem o Comitê deveriam ser anunciadas previamente por escrito à plenária; os assuntos que fossem tratados em reunião, caso afetassem as várias seções, deveriam ter ao menos um membro de cada uma delas; haveria um técnico em contabilidade para cada companhia – Riegos y Fuerza del Ebro, Catalana de Gás e Eletricidade, Cooperativa de Fluído Elétrico. Depois da leitura de um estudo sobre a diminuição do preço do Kwh a reunião foi encerrada.

No dia 29 de agosto de 1936, o Solidaridad Obrera publicou¹⁵⁵⁶ uma pequena nota afirmando que o Sindicato Único Regional de Luz e Força havia expropriado as indústrias de

¹⁵⁵⁴ Idem. **La Compañía General de Aguas y Gas Lébon. “C.N.T”. Proyectos y realizaciones. El agua que se consume en Barcelona, y la que se podría consumir. Palabras finales.** Barcelona, 15 ago. 1936, p. 4.

¹⁵⁵⁵ REUNIÓN – COMITÉ CENTRAL. **Ata da reunião realizada no dia 26 de agosto de 1936.**

¹⁵⁵⁶ SOLIDARIDAD OBRERA. **Los obreros de Luz y Fuerza se incautan de la industria de agua, gas y electricidad de Cataluña.** Barcelona, 29 ago. 1936, p. 1.

água, gás e energia da Catalunha. No dia seguinte, dia 30, o mesmo periódico publicou uma cópia da pequena ata de expropriação da empresa.

Los miembros del Comité Central del Control Obrero de las Empresas de Gas y Electricidad de Cataluña, debidamente autorizados por las Asociaciones obreras que representan (C.N.T. y U.G.T.) y apoyados por el sentir unánime de todo el personal empleado en las mismas, más la opinión del pueblo de Cataluña, que continúan defendiendo con las armas el derecho a sus libertades políticas y económicas. Reunidos en el local social de la organización y ante el representante de la misma don proceden: A la incautación, primer paso necesario para la nacionalización de dicha explotación y sus organizaciones controlantes anexas y filiales, establecidas en territorio nacional, necesaria en los momentos gravísimos por que atravesamos, controlando así TOTALMENTE su marcha ECONOMICA e INDUSTRIAL, dejando para el momento oportuno la discusión de los intereses que puedan creerse lesionados por esta incautación. Y para que conste sellan este acta en Barcelona y en el día de la fecha arriba indicada. Firmado por: Unión Eléctrica de Cataluña, E. E. Cretchley; Catalana Gas y Electricidad, R. Margarit; Cooperativa Fluido Eléctrico, M. Lozoya. Barcelona, 28 de agosto 1936¹⁵⁵⁷.

Dois dias depois, no primeiro dia de setembro, houve uma reunião do comitê central que geria a empresa. Nesta, o referido comitê central, que havia iniciado as negociações para a coletivização da empresa, afirmou que se sentiu “atropelado” pela Junta CNT-UGT, que assumira as negociações e, por isso, seus membros pediram demissão de seus cargos. Para formalizar seu pedido, ela apresentou um pequeno parágrafo falando sobre a decisão:

Este Comité Central, en vista de las diferentes cuestiones planteadas y que dada una resolución que cree es la más acertada, es rectificada o desvirtuada por acuerdos de las Asambleas de vuestras organizaciones, haciendo estéril nuestra labor, renuncia a continuar su labor de Comité Central, poniendo a vuestra disposición todos los asuntos pendientes, rogándoos a tal fin, os presentéis en este local, Plaza de Cataluña, nº22, 3º, a las 17 horas del día de hoy¹⁵⁵⁸.

No dia 17 de setembro de 1936, houve outra reunião do Comitê Central de Controle Operário de Gás e Eletricidade¹⁵⁵⁹. Foi concordado que o trabalhador, ao receber o primeiro pagamento da empresa, quando ele mudasse de categoria, teria descontado 50% dos vencimentos. Depois de falar sobre impostos, discutiu-se sobre a contribuição pró Milícias Antifascistas. Foi dito que a CNT, em uma assembleia recente, acordou fixar essa contribuição em 5%. Mas a UGT, em um acordo de Junta, decidiu por um pagamento em escala, partindo-se de 3% e aumentando na medida em que os ganhos dos trabalhadores fossem maiores. Depois de uma pequena discussão – onde houve cenetista defendendo a proposta da UGT ou mesmo

¹⁵⁵⁷ Idem. **A los Comités locales y a todos los compañeros de Luz e Fuerza de Cataluña**. Barcelona, 30 ago. 1936, p. 12.

¹⁵⁵⁸ REUNIÓN – COMITÉ CENTRAL. **Ata da reunião realizada no dia 1 de setembro de 1936**.

¹⁵⁵⁹ Idem. **Ata da reunião realizada no dia 17 de setembro de 1936**.

propondo uma terceira solução, demonstrando que os trabalhadores buscavam não insuflar as divergências sindicais dentro da empresa – acordou-se que neste mês seriam os sindicatos quem arrecadariam as tais contribuições. Depois de debater mais alguns assuntos, entre os quais estava o informe de que a CNT havia tomado o acordo de retirar seus representantes do Conselho de Economia, a reunião fora encerrada.

A reunião do Comitê Central de Controle Operário de Gás e Eletricidade demonstrou o quanto os trabalhadores, dentro das empresas, buscavam harmonizar ou ao menos evitar conflitos diretos entre os membros das duas centrais sindicais, mas era claro que as divergências existiam e, cedo ou tarde, as diferenças ideológicas e, principalmente, os descompassos em relação às propostas concretas e em relação à marcha das empresas, acabariam por influenciar na dinâmica interna das empresas também, sejam elas privadas, controladas ou em autogestão. Mas tão importante quanto isto, esta reunião e, principalmente, a do dia 31 de agosto, demonstraram que a convivência entre os comitês de empresa – e neste caso é bom frisar, havia um interventor da Generalitat em seu seio – e os sindicatos nem sempre eram harmônicas, havendo muitos choques entre eles. Mais para frente iremos retornar a esta questão.

No dia 18 de setembro de 1936, o *Solidaridad Obrera* publicou um artigo¹⁵⁶⁰ assinado pelo próprio Comitê Central de Controle Operário do Gás e Eletricidade, quando respondeu alguns questionamentos de um periódico francês que acusou o ato de tomada de posse da empresa inglesa como uma atitude de “gangster”, fazendo eco das reclamações de seus antigos proprietários. O artigo basicamente respondeu que a tomada foi legal e que os próprios antigos donos da empresa eram os “gangsters”, na medida em que se apossaram ilegalmente de diversos fundos da mesma.

Em 29 de setembro de 1936, no período da manhã, houve nova reunião do Comitê Central de Controle Operário do Gás e Eletricidade. Discutiui-se uma série de questões relacionadas à empresa, sendo que umas das pautas tinha relação com à unificação dos salários. Uma pessoa identificada como “Francês” afirmou que “[...] si los servicios han sido unificados, también deben serlo los sueldos de los compañeros de las diferentes ex-empresas¹⁵⁶¹”. Com isso, García respondeu que havia um acordo entre as organizações para que, neste momento, não se falasse de salários nem de horas trabalhadas. Todavia, Cris indagou que haviam soldos em desacordo com os demais e, então, seria preciso igualá-los. García replicou que também existiam pessoas que trabalhavam 36 horas e outras que trabalhavam 44 horas semanais, mas

¹⁵⁶⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **El Comité Central de control obrero de Gas y Electricidad sale al paso de una información tendenciosa**. Barcelona, 18 set. 1936, p. 10.

¹⁵⁶¹ REUNIÓN DEL PLENO DEL COMITÉ CENTRAL DE CONTROL OBRERO. **Ata da reunião realizada no dia 29 de setembro de 1936 (manhã)**, p. 1.

que, naquele momento, estava proibido tratar destas questões. Cris replicou que não se tratava de aumento salarial, mas de unificação. Com isso, a discussão sobre os salários foi sendo arrastada, incluindo também a questão dos soldos muito elevados. Questionou-se a quem caberia a decisão final: à empresa ou aos sindicatos? Além da discussão dos salários, também se falou na reunião sobre apólices de seguro que a empresa pagava a seus funcionários.

No mesmo dia 29 de setembro, houve no período noturno uma nova reunião do Comitê Central de Controle Operário do Gás e Eletricidade que, na verdade, era uma continuação da reunião da manhã. Esta contou com participação de elementos da Junta Central da CNT e da UGT. Foi discutida novamente a questão dos salários, além de outros assuntos. Ocorreu um debate longo, bastante tenso e difícil – gerando o abandono da reunião por parte de duas pessoas que nela estavam –, reproduzindo-se basicamente os mesmos argumentos da reunião do período da manhã. Ao final, acabou aceita a proposta de Menassanch, na qual todos os que fizessem parte dos serviços unificados teriam o direito, a partir do momento da expropriação da empresa, de receber os aumentos dos acordos das organizações, isto é, “[...] que si se acuerda la unificación dentro de quince días o un mes, que tengan efectos retroactivos¹⁵⁶²”.

Essas duas reuniões foram elucidativas no tocante ao problema das relações entre empresa coletivizada e sindicato. O Comitê Central de Controle Operário do Gás e Eletricidade geria uma série de empresas do ramo, que foram expropriadas pelos sindicatos e reunidas sob uma única administração. No entanto, justamente por conta de sua formação fragmentada o novo conglomerado herdou as diferenças que existiam entre as diversas empresas no tocante aos salários, procedimentos, organização e diversas outras, já que cada empresa era anteriormente independente e diferente entre si. Assim, havia uma questão urgente que era a unificação dos procedimentos internos em todos os seus aspectos. E era esse o fundo da questão que se explicitou nas reuniões. Entretanto, esbarrava em outra questão ainda maior: a quem pertencia a empresa? Ela era soberana e, portanto, poderia por si só tomar as decisões que fossem convenientes, ou ela era submetida aos sindicatos e, no caso, precisaria da autorização de cada um deles? E foi exatamente neste ponto que a discussão travou. Existiam os que defendiam que os salários deveriam ser unificados – e enfatizavam que não era aumento salarial, era equiparação –, pois achavam injusto e contraproducente o fato de trabalhadores estarem dentro da mesma empresa, às vezes fazendo o mesmo serviço, mas com um salário menor ou com mais horas de trabalho, sendo necessária, então, a imediata unificação. Do outro lado, estavam os que, mesmo achando injusto esta diferenciação – herdada do próprio processo

¹⁵⁶² Idem. *Ata da reunião realizada no dia 29 de setembro de 1936 (noite)*, p. 8.

de formação da coletivização, é bom lembrar –, defendiam que não cabia à empresa tomar a decisão sobre este assunto, uma vez que ela tinha sido expropriada pelos sindicatos e a eles tinham que responder. E, como estes tinham feito um pacto para não se falar em horas de trabalho e nem em ganhos salariais naquela conjuntura, então, o correto a ser feito seria respeitar a referida decisão. O que se acordou ao final da primeira reunião foi que, visto que os sindicatos sempre ouviam todas as orientações vindas de baixo – esta foi uma das falas da reunião –, a Junta – da CNT e da UGT – deveria ser avisada para que participasse de uma reunião para tratar do assunto. Na segunda reunião, já com participação de membros dos sindicatos – sendo uma vitória parcial dos que achavam que a decisão cabia aos sindicatos –, decidiu-se pela equiparação salarial, embora não de forma imediata – o que satisfazia em parte os defensores da unificação salarial. Os trabalhadores reclamantes conseguiram que suas reivindicações fossem atendidas, mas o problema central das relações entre empresa e sindicatos não foi resolvido.

No dia 5 de outubro de 1936, ocorreu uma nova reunião do Comitê Central de Controle Operário do Gás e Eletricidade, sendo iniciada com Gil manifestando que a CNT havia acordado trabalhar 44 horas e não fazer festa no dia 6 de outubro – data comemorativa da Revolução de Outubro de 1934 –, enquanto a UGT acordou trabalhar 38 horas e não laborar no dia 6. Assim, lamentou ele, as duas organizações não chegaram a um acordo, mas a empresa precisava fazer uma definição¹⁵⁶³. A longa reunião, com várias falas e grandes discussões, pode ser resumida novamente na questão de como as relações entre os sindicatos e a empresa deveriam ser desencadeadas. Falou-se bastante em harmonizar os sindicatos e como essa divisão atrapalhava a empresa. Uma das falas – pessimista, por sinal – nesse sentido foi a de García, quando afirmou que era impossível

[...] en cosas fundamentales llegar a un acuerdo, porque la ideología y la táctica sindical de una y otra son opuestas y vuestro Sindicato dirá, con arreglo a su táctica, que acuerda esto y nosotros no podemos ligar las cosas, porque ellas mismo empiezan por no poderla ligar y ha de haber un espíritu de transacción. Nosotros, el otro día, llegamos a una transacción¹⁵⁶⁴.

O debate prosseguiu sempre em torno da discussão de fundo da “independência” ou não da empresa em relação aos sindicatos e, portanto, se os acordos destes deveriam valer para a

¹⁵⁶³ Cabe ressaltar que, na reunião do dia anterior, foi falado que 90% dos trabalhadores da empresa eram filiados à CNT, enquanto a UGT detinha os outros 10%.

¹⁵⁶⁴ REUNIÓN DEL PLENO DEL COMITÉ CENTRAL DE CONTROL OBRERO. **Ata da reunião realizada no dia 5 de outubro de 1936 (manhã)**, p. 1-2.

empresa ou não. Assim, foi aprovado por unanimidade um texto feito por um indivíduo chamado Queira:

Previo acuerdo entre las organizaciones CNT y UGT sobre cualquier orientación, ésta será sometida a estudio del Comité Central de C.O. para que proceda a estudiar su relación técnica-administrativa en nuestro ramo, y una vez recaiga acuerdo en el C.C.C.O. será tramitado a las organizaciones para ulterior resolución que será luego comunicada al C.C.C.O. para su ejecución. Sin embargo, **el C.C.C.O. podrá tomar acuerdos en problemas de carácter administrativo**, sometiéndolos luego a la consideración de las organizaciones, con informe de tallado de la necesidad del acuerdo. Si no existe acuerdo entre las organizaciones no podrá ser aplicada la orientación motivo de la deliberación, más si ésta afectase a normas de trabajo, seguirá aplicándose de acuerdo con lo legislado con carácter general o particular en nuestro ramo¹⁵⁶⁵.

No mesmo dia 5 de outubro, mas no período noturno, houve nova reunião do Comitê Central de Controle Operário do Gás e Eletricidade com participação de membros da Junta dos Sindicatos. A reunião começou apontando aos representantes sindicais o texto do acordo tirado da reunião da manhã, e foi perguntado aos sindicatos se eles estavam de acordo. Menassanch fez uma fala bastante elucidativa. Disse ele:

La necesidad de esta Proposición ha sido motivada por una serie de acuerdos que han tomado las Organizaciones que dá la casualidad que son contrarios unos de otros. Resulta casi siempre un empate. Si las dos Organizaciones no están entre sí de acuerdo, el C.C.C.O. tampoco lo está. No podemos decir a nuestros compañeros de trabajo que cada cual hace lo que quiere. El C.C.C.O. tiene que dar una norma general en todos los asuntos y no a medias tintas. En el caso concreto de la fiesta de mañana, la UGT ha acordado sea fiesta, La Generalidad de Cataluña ha ordenado lo mismo, y la CNT se ha pronunciado en contra de su celebración. Por radio ha sido dada la noticia de la fiesta de mañana. El personal continúa insistiendo en sus preguntas de si es o no fiesta mañana. Esto dá una sensación deprimente a todos nuestros compañeros de trabajo. Si no se llega a un acuerdo entre las dos asociaciones obreras que influyen en este C.C.C.O. en éste y en cuantos problemas análogos se presenten, vamos derechos a un fracaso rotundo de nuestra misión. No hay duda de que si llegamos al fracaso, existirá siempre la excusa de que ha sido por culpa de la actuación del C.C.C.O. Si hay éxito, se lo adjudicará la CNT o la UGT. Si hay una falta será inculpada al C.C.C.O. sin que éste pueda defenderse antes las dos sindicales. Hemos creído conveniente reunirnos todos a fin de meditar sobre este importante problema de principio y con un elevado y bien meditado razonamiento, encontrar la oportuna solución. La labor del C.C.C.O. es más bien administrativa, mejor dicho, ejecutiva de las orientaciones dadas por las Sindicales. Si estas orientaciones no vienen de acuerdo por parte de las dos Sindicales, comprenderéis que el C.C.C.O. no puede hacer nada. Sobre todos estos problemas pesa la responsabilidad de las Organizaciones obreras. Pensad que en estos momentos decisivos todo el mundo capitalista está siguiendo con suma atención todo lo que hacemos los obreros. No podemos decir a nuestros compañeros que hemos fracasado, sino que estamos todos a la altura de las presentes difíciles circunstancias. Si no hacemos esto, vale más que lo dejemos todo¹⁵⁶⁶.

¹⁵⁶⁵ Ibidem, p. 10, grifo nosso.

¹⁵⁶⁶ Idem. **Ata da reunião realizada no dia 5 de outubro de 1936 (noite)**, p. 1-2.

Quera concordou com Menassanch e acrescentou que o C.C.C.O. tinha que ter uma certa autoridade, mas que não poderia ser confundida com imposição. Comendador, da UGT, afirmou que concordava em partes, pois várias vezes tentou falar com a CNT e deu exemplos de como os dois sindicatos estavam descoordenados, com cada central emanando uma ordem diferente. Iniciou-se uma discussão em torno do fato da CNT colocar travas ou não para que se chegasse a um acordo entre os sindicatos. Foi proposto por Macías a criação de um comitê de enlace entre as duas Juntas Sindicais. Com isso, Quera respondeu que o melhor comitê de enlace era o C.C.C.O. Macías retificou dizendo que era para questões sindicais. Então, foi aprovado que seria acrescentado ao texto tratado pela manhã o seguinte parágrafo: “Una vez recaiga acuerdo sobre lo anterior, el C.C.C.O. solicita la suficiente autoridad para obligar a los Comités locales a cumplir y hacer cumplir todo lo que se refiera al mismo¹⁵⁶⁷”. Menassanch manifestou a necessidade de o C.C.C.O. ter certa autoridade por conta de sua última viagem ao exterior. Em suas palavras:

En algunas centrales, después de marcharse los extranjeros, nos hemos encontrado con algunas dificultades para hacernos cargo de los servicios técnicos. Los Comités Locales han mostrado cierta intransigencia al escogerse las personas adecuadas para sustituir a los técnicos extranjeros. De cuatro casos planteados, sólo han transigido en uno. En los otros tres su intransigencia fue manifiesta, a pesar de nuestras conminaciones y advertencias sobre la importancia de los servicios técnicos de que se trataba. No pudimos convencerles. Este es un grave defecto que todos tenemos estar interesados para que no se repita. No sabemos, de seguir así, hasta dónde llegaremos. Esto puede tomar tal importancia que corremos el riesgo de abocarnos a una indisciplina sindical. No tenemos que perder de vista que las dos Organizaciones tenían un cierto número de asociados que ha quedado aumentado considerablemente. Este crecido número de compañeros pesan en la balanza y es posible que se sientan más papistas que el Papa, e incluso más extremistas en sus apreciaciones que los antiguos correligionarios. Podemos muy bien quedar arrastrados por estos nuevos elementos. Esta es una cuestión que tenemos que examinarla con sumo cuidado. Tenemos que investigar con celo de dónde en realidad provienen estas sugerencias, que al convertirse en acuerdos, pueden hacernos naufragar. En una palabra, hay que exigir a los Comités locales el estricto cumplimiento de todos nuestros acuerdos que den las Juntas de las Organizaciones¹⁵⁶⁸.

O Presidente da reunião concordou com Menassanch passando a discutir a mudança do nome da empresa – assunto que já havia sido tratado na reunião da manhã – e as festividades do dia seguinte para, então, terminar a reunião.

As duas reuniões, mais uma vez, demonstraram que as relações entre os sindicatos e o comitê de empresa eram problemáticas. Não havia uma clara delimitação entre as funções de um e do outro, e isso causava uma série de problemas. Questões sindicais misturavam-se com

¹⁵⁶⁷ Ibidem, p. 4.

¹⁵⁶⁸ Ibidem, p. 4.

assuntos administrativos da empresa, podendo mesmo chegar ao absurdo de, dentro da mesma instituição, trabalhadores ugetistas terem um “feriado” de comemoração da Revolução de Outubro de 1934, ao passo que para os cenetistas a data figurasse como um dia de trabalho comum. Tudo isso por conta de diferentes resoluções tomadas por seus respectivos sindicatos. Neste caso específico, decidiu-se que a palavra final ficaria com uma Junta, mas isso não extinguiu o problema. Este era a falta de delimitação de atribuições entre sindicato e comitê de empresa, e tal deficiência tinha origem na própria ambiguidade com que os teóricos do sindicalismo revolucionário trataram a questão, conforme falamos no capítulo 1, embora não possamos esquecer que a conjuntura de guerra, revolução, caos social e ferrenha resistência de grande parte dos proprietários – que tinham nos republicanos e stalinistas os defensores de seus interesses – também tenham contribuído enormemente para este estado de coisas.

No dia seguinte, 6 de outubro de 1936, o Soli publicou uma pequena nota¹⁵⁶⁹ do Sindicato Único Regional de Luz e Força da Catalunha destacando que, em uma assembleia geral realizada no dia 2 deste mês, concordou-se, por sugestão da UGT, estabelecer a jornada única de 44 horas semanais para equiparar com o pessoal do Mercantil, além de suspender férias e outras decisões mais.

Em janeiro, o Soli ainda apresentou um panorama geral sobre o setor energético da Catalunha em uma série de três artigos que contavam como se deu a atuação do Sindicato de Luz e Força. No primeiro deles¹⁵⁷⁰, falou-se sobre o início do processo, as dificuldades em relação à continuidade do fornecimento de energia por conta dos combates e também porque muitos participantes dos quadros diretores e técnicos tinham fugido por conta da revolução, o que fez com que as dificuldades do setor fossem ainda maiores. Outro problema apresentado tinha relação com o modo de operação. A reportagem afirmou que existiam várias companhias de luz e força que concorriam entre si de forma muito ruidosa, fazendo com que o serviço fosse cada vez mais deficiente. Existiam muitas revendedoras que compravam a energia a um preço baixo e a vendiam a preços altos. Também afirmou que muitos contratos favoreciam certos meios industriais, por conta de suas relações financeiras, às vezes vendendo a energia a um valor abaixo do preço de custo, buscando compensar esta perda com a alta do preço da energia dos outros consumidores – preço que foi reduzido sob o controle dos trabalhadores. Outras questões colocadas ainda na primeira parte desta reportagem foram os enormes ganhos dos altos gestores da empresa – falou-se que, em uma delas, com 7.000 trabalhadores, 25 pessoas

¹⁵⁶⁹ SINDICATO UNICO REGIONAL DE LUZ Y FUERZA DE CATALUÑA. A la opinión pública y a os trabajadores de la industria de Gas y Electricidad. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 6 out. 1936, p. 12.

¹⁵⁷⁰ SOLIDARIDAD OBRERA. **Secreto y esencia de la guerra en la actuación del Sindicato de Luz y Fuerza**. Barcelona, 5 jan. 1937, p. 2.

recebiam cerca de 10% do total dos salários –, a fragmentação do setor – existiam umas 610 empresas de eletricidade na Catalunha, das quais 390 eram revendedoras de fluidos, o que, segundo a reportagem, sofreu um processo de racionalização, com a readequação das sedes, edifícios etc. – e a questão do capital estrangeiro, especialmente em relação a uma empresa chamada SOFINA que, na verdade, era um consórcio financeiro cujo capital era estendido em todo o mundo e em vários setores, inclusive o energético da Catalunha.

Na segunda parte desta série de reportagens, o Soli falou¹⁵⁷¹ sobre a tomada da empresa e as primeiras dificuldades. Durante os primeiros dias de combate, foi recomendado que os trabalhadores ficassem em casa e retornassem depois de 48 horas, o que, para o entrevistado – ao qual não se nomeou, mas que é um membro do sindicato –, ocorreu, embora muitos diretores tivessem desertado. Acrescentou que a SOFINA enviou de Bruxelas, sua sede, uma ordem para que todos os estrangeiros que trabalhassem em suas empresas e continuassem prestando seus serviços fossem despedidos, sendo seus nomes gravados em uma lista internacional, o que equivalia a dizer que não seriam aceitos em nenhuma de suas empresas em qualquer parte do mundo. O resultado foi que, conforme o entrevistado, mais de 80 estrangeiros abandonaram seus postos de trabalho, embora tenham existido também os que quiseram ficar, pois estavam ao lado da revolução. Outros tiveram que voltar porque os cônsules de seus respectivos países, pressionados pela SOFINA, determinaram que eles precisariam deixar o território espanhol. Isso tudo impôs muitas dificuldades ao setor de energia, principalmente no tocante à mão de obra qualificada. A empresa foi assumida com a fuga dos gerentes e com o quadro técnico bastante deficiente, o que tornou as coisas bastante difíceis, mas o serviço não foi interrompido. Outra forma que a SOFINA usou para pressionar contra a expropriação da empresa foi informar ao governo catalão que ela iria boicotar a revolução, e que se nada fosse feito ela colocaria suas empresas a serviço dos facciosos. E era isso o que explicava, segundo o entrevistado, a aparente lentidão que muitos imputavam ao Sindicato de Luz e Força, que era criticado por supostamente ser o que menos avançou dentro da revolução. Finalizando, o entrevistado falou sobre os benefícios da unificação promovida pelo setor entre as diversas empresas, que representou um aumento considerável no rendimento econômico e que se marchava para um maior aproveitamento da força hidráulica para a geração de energia.

A terceira e última reportagem¹⁵⁷² do Soli sobre o assunto da energia forneceu menos dados e informações sobre o funcionamento interno do setor. Nesta, falou-se sobre o preço

¹⁵⁷¹ Idem. *Secreto y esencia de la guerra en la actuación del Sindicato de Luz y Fuerza*. Barcelona, 6 jan. 1937, p. 2.

¹⁵⁷² Idem. *Secreto y esencia de la guerra en la actuación del Sindicato de Luz y Fuerza*. Barcelona, 7 jan. 1937, p. 2.

excessivo da energia, que tinha como consequência o baixo consumo de energia nas residências, o que se pretendia mudar com o rebaixamento do preço final ou com o maior aproveitamento do potencial energético dos rios.

b) O setor do transporte

Outro setor muito importante que fora coletivizado foi o de transportes. Já em 1 de agosto de 1936, por volta de duas semanas depois de iniciada a revolução, o Soli fez uma reportagem¹⁵⁷³ sobre este ramo. Falou-se que o ramo estava indo bem do ponto de vista financeiro, e que a jornada de trabalho de 40 horas estava sendo implementada para todos os trabalhadores do setor e os técnicos estavam colaborando com a obra coletiva.

Três dias depois, em 4 de agosto de 1936, o mesmo Soli¹⁵⁷⁴ falou da expropriação da empresa Ônibus Roca. Esta tinha um total de 200 trabalhadores, que se dividiam entre os dois sindicatos – CNT e UGT – em partes iguais. As primeiras medidas tomadas tinham caráter de higienização, pois a empresa anteriormente não se preocupava muito com esta questão. Foram extintos também os altos ganhos, embora não se soubesse quanto eram esses altos salários, uma vez que os livros-caixa da empresa sumiram. Havia a intenção de se implementar a jornada de 40 horas semanais, o salário integral em caso de enfermidade e um soldo para os aposentados, além de igualar os salários do pessoal “secundário” e dos técnicos. Do ponto de vista financeiro, em tempos normais, existiam cerca de 10 mil pesetas diárias em ingressos, um valor ativo de 2.500.000 e um passivo de 200.000 pesetas. Ao tomar posse da empresa, os trabalhadores encontraram apenas 2 mil pesetas em caixa. Também havia 33 automóveis.

Já no dia 6 de agosto, o Soli falou sobre o processo de expropriação do setor de metrô. Perguntado a uma pessoa – que não foi identificada – o porquê da expropriação. Ela respondeu:

El día 22 del pasado, una Comisión de compañeros del Metro, efectuamos un registro en cocheras y Dirección, encontrando un arsenal de armas de toda clase, que suponemos no serían para mejorar el servicio de tracción. Además, abandonaron la central eléctrica y la Gerencia del negocio, por la cuenta que les tenía, en virtud del triunfo conseguido en Cataluña contra el fascismo. En estas condiciones, no había más remedio, en virtud además de acuerdo tomado el día 24, de poner en marcha el movimiento de transportes e incautarse del servicio de Compañía¹⁵⁷⁵.

¹⁵⁷³ EL REPÓRTER. La incautación de autobuses. – Cómo marcha el trabajo. – Supresión de parásitos y sueldo único. – Otras reformas y situación financiera. – El personal técnico. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 1 ago. 1936, p. 3.

¹⁵⁷⁴ Idem. Autobuses Roca. – U.G.T. y C.N.T. – Sus proyectos y realizaciones. – Situación financiera. – Un orden perfecto. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 4 ago. 1936, p. 5.

¹⁵⁷⁵ SOLIDARIDAD OBRERA. **Cómo se efectuó la incautación del Metro Transversal – La situación financiera – Proyectos y realizaciones – La gran aventura**. Barcelona, 6 ago. 1936, p. 2.

O jornal ainda acrescentou que a situação do setor era difícil de esclarecer, pois havia um imbróglgio financeiro. Destacou que tinham sido suprimidos os altos ganhos na empresa, conservando-se apenas os soldos dos engenheiros que, segundo o jornal, tinham sofrido uma elevação. O ingresso mensal do metrô, em tempos normais, era de 240 mil pesetas, e os gastos eram de 120 mil – incluídos aí 36.038 pesetas dos altos cargos. A empresa tinha um lucro líquido de 40 mil pesetas por mês, que agora se transformaram em 75 mil. O ativo era de 65.000.000 milhões de pesetas, e o passivo ainda não se tinha descoberto. Apesar do lucro de 40 mil pesetas, a prefeitura havia emprestado um milhão de pesetas, e ninguém sabia o que teria ocorrido com os 40 mil de lucro. Como projetos para o futuro, existia a intenção de implementar a jornada de 36 horas semanais, além de pagar a jornada integral em caso de enfermidade. Aqui, como na empresa de ônibus, os técnicos colaboraram com a obra empreendida pelos trabalhadores.

No dia 11, o mesmo Soli falou sobre a companhia de trens MZA, perante a qual o Comitê – que era formado por membros da CNT e da UGT – facilitou informações. Sobre a expropriação da empresa, segundo o Comitê, o que ocorreu foi o seguinte:

El domingo, día 19 de julio, a las seis de la mañana, se declaró la huelga general revolucionaria como contestación a la rebelión fascista. El paro fué absoluto e instantáneo. Se luchó por todas partes encarnizadamente, hasta que vencimos. Después del triunfo, inmediatamente nos incautamos de toda la Compañía, constituyendo un Comité de control de ambas organizaciones, para el tráfico y la producción, así como de defensa contra la posible huída de fascistas vencidos. Un hecho has de constatar: que a la incautación, todos los llamados técnicos, que sólo de esto tenían el nombre, los unos no se han presentado, y a los otros los hemos destituido por no sernos útiles en nada. Esta es, a grandes rasgos, la operación de nuestra incautación¹⁵⁷⁶.

O Soli afirmou que os trens estavam intactos, os operários em seus postos e os costumes ou horários de sempre estavam sendo cumpridos.

La creencia anterior al 19 de julio, de que el triunfo de la clase obrera determinaría la paralización de una red tan importante como la de M.Z.A., se ha esfumado en absoluto. En todas las líneas no hay novedad. A Gerona y a Francia aumenta lentamente, pero seguramente, todo el tráfico de viajeros y mercancías en toda Cataluña, por parte de la M.Z.A. se marcha admirablemente al compás del nuevo orden revolucionario¹⁵⁷⁷.

¹⁵⁷⁶ Idem. **Con la Barcelona revolucionaria. La incautación de la Compañía de M.Z.A. = Cómo viven y trabajan los obreros de la misma. La situación de la “Red Catalana”. El estado financiero y los grandes sueldos.** Barcelona, 11 ago. 1936, p. 6.

¹⁵⁷⁷ Ibidem, p. 6.

Sobre a jornada de trabalho, ela seguia igual, ao passo que os salários seriam nivelados assim que as circunstâncias permitissem, já que havia sido uma decisão aprovada em assembleia. Quando a empresa foi expropriada, constatou-se o desastre que era sua organização, especialmente depois da Proclamação da República, em 1931, pois os altos executivos queriam sabotá-la. O déficit foi aumentando, sendo usado para atacar o novo regime. E tudo isso, segundo a reportagem, com conhecimento do Estado. As tarifas também aumentaram várias vezes. O resultado de tudo isso era um país pobre de comunicações e com tarifas caras. Os números contábeis da empresa em 1935 eram os seguintes: ingressos, 266.254,425 pesetas; gastos, 283.344,314; déficit de 17.109,425 pesetas. Os principais soldos eram: diretor geral, 80.000; subdiretor, 40.000; outros três subdiretores – cada um –, 35.000; engenheiro consultor, 40.000; chefe letrado, 13.000; dois secretários, 23.000; chefes de oficinas, 13.000. Existiam também as gratificações: diretor geral, 40.000; por diferentes conceitos a seis altos empregados, 28.000; gratificação suplementar geral, 26.433. Além disso, ainda existiam moradias grátis, o que gerava uma grande oneração no caixa da empresa.

O mesmo Soli falou sobre o setor de bondes no dia 19 de agosto de 1936. Começou afirmando que a direção burguesa dessa empresa administrava linhas de metrô, ônibus da CGA e Metropolitano Transversal. Mas com os combates e produzida a expropriação dos transportes urbanos pelas organizações operárias, estas separaram as empresas que antes estavam funcionando sob uma só direção. Elementos do Sindicato Único de Transportes – seção bonde – expropriaram a empresa em 19 de julho de 1936. E completou:

La Generalidad había nombrado el día anterior un delegado interventor; pero la dirección efectiva de las líneas de tranvías, la ejercen por completo el Sindicato de Transporte, a través del Comité de Empresa. El realidad el delegado interventor de la Generalidad no ha intervenido para nada en los asuntos de la Compañía de Tranvías. El comité de Empresa, en representación de los trabajadores, con exclusión total de toda intervención capitalista, es el que oficia de director y está integrado por siete camaradas. Cada uno de éstos tiene una función a especial a desarrollar, de la que da cuenta diariamente en reunión del Comité¹⁵⁷⁸.

Era da organização dessas atividades, segundo a reportagem, que resultava a administração operária das linhas de bonde de Barcelona. E as atividades de cada um dos membros do comitê eram: conservação e vigilância de edifícios; estatística – conhecimento da quilometragem do dia, carros em uso, arrecadação, comparação desta com anos anteriores –; serviço técnico, atenção, reparação etc., de todo o material que se utilizava na exploração das linhas: cabos, trilhos, carros etc.; movimento – controle e distribuição do serviço –;

¹⁵⁷⁸ Idem. **Reorganización de los transportes urbanos (Sección Tranvías)**. Barcelona, 19 ago. 1936, p. 12.

contabilidade – controle administrativo de todas as seções –; assessor de contabilidade – encarregava-se das liquidações diárias que passavam no caixa; também desempenha o cargo de secretário do comitê –; relação com os comitês de seção – encarregava-se de estabelecer contato com os comitês de seção. Além disso, existiam os seguintes comitês de seções: comitê de garagem – em cada garagem funcionava um, integrado por cinco pessoas –; comitê de lavadores; comitê de brigadas de conservação de vias e obras; comitê de oficinas centrais – encarregava-se da repartição e construção de todo o material da companhia –; comitê de limpeza de vias; comitê de linhas aéreas. Cada um destes comitês, conforme o jornal, organizava o trabalho em sua respectiva seção em íntima ligação com o comitê de empresa, e os trabalhadores de cada seção elegiam seus comitês. Além disso, acrescentou a reportagem, a nova administração operária

[...] no solamente se ha limitado a poner en función los servicios de tranvías. Surgida de un movimiento revolucionario que se propone la supresión de las clases y del Estado, con el fin de establecer la igualdad social tenía que fijar su atención necesariamente en el mejoramiento de las condiciones del trabajador, de un lado, y de otro en el mejoramiento de este servicio público¹⁵⁷⁹.

Em razão disso, segundo a reportagem, teriam sido traçadas as seguintes medidas: anulação dos soldos elevados e do pessoal burocrático e inútil; nivelção das jornadas por meio da elevação do nível de vida das camadas mais baixas; implantação da jornada de trabalho de 40 horas – com o estudo para que esta fosse menor ainda –; implantação de seguros por velhice – o que chamamos de aposentadoria –, enfermidades e acidentes de trabalho; a possibilidade, mediante um estudo, da redução das tarifas. A reportagem também colocou uma lista de materiais que a empresa detinha, como motores, carros, estações, edifícios, subcentrais elétricas etc. Acrescentou que eram 3 mil o pessoal em serviço e que, quando da expropriação da empresa, foram encontrados 3 milhões de pesetas em depósitos nos Bancos. Os ingressos em 1935 foram de 28.643.650, e os gastos de exportação foram 20.679.837. Do superávit que resultou, pagou-se 4.919.545 dos lucros em debêntures e 1.793.000 foram investidos em amortizações, sobrando um superávit de 1.251.268. Além disso, também falou que, ao encontrar o livro-caixa da empresa, foi descoberto que os soldos pagos aos diretores tinham sido em janeiro de 1935, 65.369,05. No mesmo mês, mas em 1936, estes mesmos gastos foram de 61.600,65. O diretor administrativo, por exemplo, recebia 5 mil pesetas da Companhia de Bondes, mais 5 mil dos Ônibus e 2.500 do Metrô. O diretor de exportação a mesma coisa. O

¹⁵⁷⁹ Ibidem, p. 12.

diretor geral recebia 4.221 das três companhias. O subdiretor da companhia de metrô recebia 2.883 pesetas. Além disso, estes ganhavam uma porcentagem dos lucros anuais. E ainda existia o Conselho de Administração, classificado pela reportagem como “um verdadeiro polvo tentacular que obtinha a riqueza obtida por meio do transporte”. Este foi “varrido pelos trabalhadores” e suplantado por uma administração operária. A entrada diária do setor, em tempos “normais”, oscilava em média entre 70 e 72 mil pesetas. Na primeira semana de agosto, após a insurreição fascista, a média caiu para 65 mil pesetas. Na última semana de julho, ao começar a circular os bondes sob a direção do comitê operário, a média foi de 40 mil pesetas. E então concluiu:

Se aprecia claramente que la empresa colectivizada avanza con rapidez hacia la total normalización financiera. Si no se ten obtenido el nivel de recaudación de los tiempos normales, ello obedece a que los servicios no pueden funcionar en su totalidad debido a la situación creada por las necesidades de la defensa de la ciudad. Los servicios nocturnos han quedado anulados y algunas de las líneas han reducido su recorrido¹⁵⁸⁰.

Ainda sobre o tema dos transportes, e depois de termos nos referido aos exemplos de seus quatro ramos – ônibus, metrô, trem e bonde –, podemos finalizar a apresentação deste setor com uma reportagem do Solidaridad Obrera de 16 de janeiro de 1937 – embora tenham existido outras reportagens no Soli sobre o mesmo tema neste ínterim. Nesta matéria, o periódico discutiu a socialização do ramo de transporte. Afirmou que a coletivização não era a meta final, e sim o primeiro passo, e definiu as duas formas de propriedade coletiva da seguinte maneira:

[...] la colectivización local – como ha sido practicada hasta hoy en España – significa hacer propiedad colectiva de todos los medios de producción en cada unidad económica separadamente. Si la socialización es un medio social que se relaciona, si no con todas las riquezas, al menos con una industria o rama “entera”, la colectivización se contenta con actuar en el seno de una fábrica, de su estación, de su hacienda rural o de una línea de ferrocarril. Mientras que la socialización crea condiciones económicas y sociales relativamente iguales en el seno de “toda una industria”, la colectivización se limita a practicar la solidaridad y la igualdad en el seno de “su empresa” o de una hacienda colectivizada. La fábrica “A” colectivizada no quiere saber nada de la fábrica “B” igualmente colectivizada. “A” no busca más que sacar el máximo de provecho para sus miembros, pero poco lo importa si mañana “B” se ve obligada a cerrar las puertas. Es como sucede entre ciertas tribus de poblaciones primitivas que viven en régimen colectivo en el interior de cada tribu, lo que no impide que dos tribus diferentes, y las dos “colectivizadas”, se hagan la guerra feroz y se coman mutuamente como buenos antropófagos. La colectivización local era la primera etapa de la transformación social. Su papel está ya terminado y las fuerzas sociales están maduras para pasar a la segunda etapa que es la socialización de cada industria o rama de la economía. Y esta segunda etapa arrastrará – muy pronto, desde luego – la tercera, que será la socialización general¹⁵⁸¹.

¹⁵⁸⁰ Ibidem, p. 12.

¹⁵⁸¹ HARDY, Jeannette. Coordinación y socialización de los transportes. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 jan. 1937, p. 3.

O artigo ainda procurou falar sobre a nacionalização, afirmando que esta se caracterizava pela passagem da propriedade para as mãos do Estado, ao que eles se opunham. Também propôs que os diversos ramos do transporte fossem reunidos sob uma única administração, pois eles não podiam ser tratados como concorrentes, e sim como complementares. Mas a socialização do transporte, que deveria ser feita pelos sindicatos, teria como condição a criação de um “caixa comum” a todos os ramos do setor, o que permitiria unificar ganhos e procedimentos. Foi proposta a criação de uma oficina nacional ou catalã de transportes socializados, dirigida pelos dois sindicatos – CNT e UGT –, e que seria subdividida em oficinas regionais, comarcais e locais. A oficina nacional ou regional teria o monopólio da gasolina, das peças de reposição etc., além de calcular a distribuição dos meios de transporte. As oficinas locais seguiriam um plano elaborado pelas organizações sindicais. Quem coordenaria a socialização dos transportes seriam os sindicatos.

Para entender a proposta do setor de transportes, é preciso recordar o contexto na qual ela foi formulada. Em janeiro de 1937, as coletivizações estavam passando por um momento difícil, derivado por problemas internos relacionados ao próprio processo de autogestão, dificuldades impostas pelo contexto de guerra e por conta de ataques vindos principalmente de proprietários descontentes com o processo de coletivização, que eram amplamente apoiados pelos partidos republicanos e pelo PSUC. Por outro lado, a CNT estava dividida. Enquanto os colaboracionistas faziam de tudo para manter a unidade antifascista a qualquer custo, os descontentes propunham, contra os progressos da contrarrevolução, dar o próximo passo, ou seja, a socialização, e tal necessidade era ainda mais sentida no ramo do transporte, pois, além dele estar quase todo coletivizado, ainda existia o urgente problema da coordenação entre os diversos meios de transporte, o que fazia com que as propostas pudessem avançar no sentido da socialização. E essa discussão, no caso do ramo do transporte, iniciou-se bem antes de janeiro de 1937. Para esclarecer isso, temos o exemplo de um informe apresentado pela Junta da Seção do Metrô enviado para a Junta Central do Sindicato do Transporte. Neste documento, após uma introdução sobre o tema dos transportes, do capitalismo e da construção da nova sociedade, foi afirmado que, para resolver os problemas, era preciso estabelecer a criação de um caixa único, mas com algumas ressalvas:

[...] no debe entenderse en un sentido absoluto, cerrado, pues si de verdad queremos respetar la autonomía de las diversas secciones, será necesario tolerar la continuidad de una Caja especial para cada sección, con recursos suficientes para pagar sus gastos previstos, fijos, y periódicos: nóminas, corriente, luz, conservación del material, etc. etc.; nutriéndose estas cajas de las propias recaudaciones y aportando el resto para su ingreso en la Caja general, para pagar imprevistos, construcción de nuevas líneas y

material, planos, proyectos, impuestos y contribuciones del Municipio, destinándose el remanente final a ayudar a empresas subsidiarias y similares o ayudando a nacer industrias no existentes en la región o península, revistiendo, retornando, de esta manera, lo que antes calificábamos de plus-valía, esto es: exceso de precio, a la colectividad del Municipio¹⁵⁸².

Neste caso, o do setor de transportes, conforme já mencionamos no capítulo 1, ocorreu que o sindicato acabou por assumir o caixa único.

c) O setor de perucaria e outros casos.

Este setor nem de longe está entre os mais complexos da economia – embora tenha sua importância –, mas ele foi incluído em nossos exemplos porque aqui ocorreu um fato curioso. No dia 9 de agosto de 1936, a Federação de Patrões de Perucaria e Barbeiros de Barcelona e Povos Limítrofes entrou em contato¹⁵⁸³ com seu correspondente operário para que ambos tratassem da coletivização do setor. No dia 13, a federação patronal aceitou¹⁵⁸⁴ a base de acordos enviada pelos trabalhadores. Dia 27, a federação patronal fez uma reunião, cuja ata assim descreveu:

En la ciudad de Barcelona a las 11 de la mañana del día 27 de Agosto de 1936, y en el local de la Ronda de San Pablo, 34 principal, se reúnen en Asamblea general extraordinaria la Federación de Patronos Peluqueros y Barberos de Barcelona y pueblos limítrofes a la Sociedad de Maestros Barberos de las afueras de Barcelona. Constituida la mesa por los Sres. Don Federico Batlle, Don Antonio Plana, Don Nicolás Ferrer, Don Ignacio Reguant y actuando de secretario el que suscribe, comienza el acto procediéndose a la lectura de un documento recibido del Sindicato Unico de Barbeiros de Barcelona y sus Contornos, que hace referencia a la colectivización general de la industria de barbería. Después de un pequeño debate y hechas ciertas aclaraciones acerca del mismo, se procedió a la votación, quedando aprobado por unanimidad sin reserva alguna y por aclamación el contenido de dicho documento en todo su articulado. Al mismo tiempo quedó aprobado, que al entrar en vigor la colectivización quedarán disueltas las mencionadas Asociaciones Patronales, de una manera automática, pasando ipso facto a formar parte sus componentes del Sindicato Unico de Barberos de Barcelona y sus Contornos con todos los derechos y deberes inherentes al mismo¹⁵⁸⁵.

Em 14 de setembro, a federação patronal reuniu-se novamente e

[...] se acuerda por unanimidad, lo siguiente: Primero.– Aportar a la colectivización, los fondos de la entidad y los muebles de la misma. Segundo.– Disolver la Federación

¹⁵⁸² JUNTA DE SECCIÓN DE METROS. Informe presentado à Junta Central del Sindicato del Transporte em 2 de novembro de 1936, p. 4.

¹⁵⁸³ FEDERACIÓ DE PATRONS PERRUQUERS I BARBERS DE BARCELONA I PÓBLES LIMÍTROFS. Convite ao Sindicato Único de Obreros Barberos, 9 ago. 1936, p. 1.

¹⁵⁸⁴ Idem. Aceite, 13 ago. 1936, p. 1.

¹⁵⁸⁵ Idem. Ata da reunião realizada no dia 27 de agosto de 1936, p. 1.

de Patronos Peluqueros y Barberos de Barcelona y pueblos limítrofes. Tercero.— Que los compañeros, presidente, tesorero, y contador, junto con el secretario de la entidad, sea la comisión liquidadora de la entidad, conjuntamente con la comisión que nombre el Sindicato¹⁵⁸⁶.

Dois dias depois, 16 de setembro de 1936, houve uma assembleia que reuniu tanto a patronal quanto os trabalhadores. Foi iniciada com a leitura do acordo recaído nas assembleias dos dois sindicatos – o patronal e o dos trabalhadores –, ambas realizadas no último dia 14, e que extinguiu e absorvia a patronal na coletivização dos trabalhadores, o mesmo ocorrendo com seus bens. E determinou:

Terminados los tramites reseñados, los representantes del Sindicato Unico de Barberos de Barcelona, notifican que desde este momento, proceden a la incautación del local de las citadas Asociaciones patronales, dejando en funciones la secretaria de la Mutua de Accidentes de Trabajo de Barcelona y Provincia en el mismo local, hasta el día que la COLECTIVIZACION DE LA INDUSTRIA, quede implantada en su totalidad¹⁵⁸⁷.

Em 22 de setembro, o sindicato patronal enviou a seguinte notificação para o Sindicato Único de Barbeiros.

En sesión de Junta general extraordinaria celebrada por esta entidad el día 21 del presente mes y con asistencia de trece asociados se dio cuenta de la necesidad de proceder a la disolución de ésta Federació. Por dicho motivo, y con la aprobación unánime de todos los reunidos, se acordó en la referida reunión disolver la Federació de Barcelona i Comarques de Catalunya de Patrons Perruquers i Barbers¹⁵⁸⁸.

Resumindo os acontecimentos do setor: foi o sindicato patronal quem propôs a coletivização, que foi aprovada. Com isso, os antigos patrões foram absorvidos pela coletivização, com todos os seus bens e nas mesmas condições – direitos e deveres – dos trabalhadores. O que teria motivado tal atitude dos patrões? Medo? Ruína econômica? Boas relações com os trabalhadores do setor? Ou eles apenas viam vantagens no processo revolucionário e coletivizador? Não sabemos, mas tal caso não foi uma exceção e vários pequenos proprietários colaboraram com o processo revolucionário.

Um caso parecido foi o do setor de ovos, conforme demonstrou o Solidaridad Obrera:

Los compañeros de la Sección huevería, comprendiendo la enorme responsabilidad que contraían y el puesto que debían ocupar en los primeros momentos de convulsión revolucionaria, acordaron la celebración de una asamblea con asistencia de los patrones mayoristas y medio mayoristas, y en la que se acordó por medio de acta

¹⁵⁸⁶ Idem. **Ata da reunião realizada no dia 14 de setembro de 1936**, p. 1.

¹⁵⁸⁷ Idem. **Ata da reunião realizada no dia 16 de setembro de 1936**, p. 1-2.

¹⁵⁸⁸ Idem. **Notificação enviada ao Sindicato Único de Barbeiros**, 22 set., 1936, p. 1.

firmada por ambas partes, el ir a la incautación de la industria de huevos, comprometiéndose la parte patronal a financiar cuantas operaciones fueran necesarias para la compra de genero y tener en un todo a cubierto las necesidades de la población. Al propio tiempo venían obligados a satisfacer los jornales devengados por los obreros de la industria, en tanto este control de huevos dispusiera de los medios económicos suficientes para asegurar su normal funcionamiento. Llegado este momento, los patronos dejarían de satisfacer las semanas correspondientes y automáticamente entrarían a formar parte de la colectividad con los mismos derechos y deberes que el resto de los camaradas que prestan sus servicios en este control¹⁵⁸⁹.

Outro importante setor coletivizado foi o de armamentos. Antes da guerra civil, existiam poucas fábricas de armas na Catalunha, pois o governo espanhol temia deixar sua produção em uma região tão propícia a uma explosão revolucionária. Entretanto, ao iniciar o conflito, surgiu ali uma indústria de guerra espontânea, formada a partir da conversão de indústrias civis para fins militares. Assim, por exemplo, indústrias metalúrgicas foram convertidas para que passassem a fabricar, por exemplo, chapas de aço que seriam usadas para blindar carros de combate. Fábricas de batom foram convertidas quando se percebeu que a máquina que fazia o furo da cápsula do batom poderia ser usada para se fabricar balas. E por aí vai. Surgiu assim todo um ramo ligado à produção bélica que estava nas mãos dos trabalhadores. Tal setor foi bastante importante e produziu uma grande quantidade de armamentos, que fez grande diferença na frente de batalha, principalmente no início do conflito. Já em 15 de agosto de 1936, foi criada a Comissão de Indústria de Guerra, cuja missão era administrar as diversas fábricas de armamentos surgidas na Catalunha, e que continuavam a ser criadas. Neste setor, a relação entre a Generalitat e os comitês de empresa foi menos turbulenta, mesmo com o governo catalão tendo grandes atribuições desde o começo, pois ambos evitavam conflitos abertos para que isso não impactasse a produção. A Generalitat respeitava em certa medida as decisões dos comitês e estes aceitavam de maior grado as diretrizes que viessem da Generalitat. Por seu turno, os trabalhadores do setor também eram muito mais predispostos a se sacrificar, tanto no tocante às jornadas de trabalho quanto em sua intensidade. Mas isso mudou bastante após as Jornadas de Maio de 1937 e, principalmente, a partir de 11 de agosto de 1938, quando um decreto do governo central militarizou as indústrias de guerra. As consequências foram muitas: perda do controle dos representantes no seio do comitê de empresa por parte dos trabalhadores, diminuição no ímpeto dos trabalhadores, que se refletiu na redução das horas extras, no aumento do número de jornadas perdidas – faltas, acidades, doenças etc. –, na intensificação dos conflitos entre os trabalhadores e os representantes do Estado etc. Isso tudo pode ser visto em uma

¹⁵⁸⁹ SOLIDARIDAD OBRERA. **Obra constructiva del proletariado. Los trabajadores confederados de huevería.** Barcelona, 3 dez. 1936, p. 4.

publicação póstuma – 1939 – sobre as indústrias de guerra, que afirma as seguintes consequências da intervenção do poder central:

Nombramientos de tipo político para los cargos técnicos de mayor responsabilidad; creación de una burocracia de Interventores, Inspectores, Directores, etc., cuyo mérito más relevante ha sido la afiliación a un partido determinado o su absoluta sujeción al mismo; desmoralización de los obreros, ante la supresión de su propio control y el desplazamiento de los verdaderos técnicos de la industria; merma notable de los rendimientos de la producción; influencia perniciosa del llamado “proselitismo”, que ha sido el “arte” de colocar elementos fieles al partido, forzar a los más débiles e inescrupulosos, a los individuos de antifascismo epidérmico, a entrar al partido; “arte” que se ha caracterizado por la anulación, no importa por cuales procedimientos, de los obreros y técnicos no adictos al partido ni maleables a su antojo¹⁵⁹⁰.

Poderíamos acrescentar uma série de outros setores que foram coletivizados, desde ramos importantes do ponto de vista industrial, como a indústria têxtil, até outros com menor impacto, como o de pastelarias, mas não é este o nosso propósito. Assim, para finalizarmos nossa exposição, elucidaremos rapidamente as relações conflituosas entre as empresas autogeridas e o que estava colocado fora de seu âmbito por meio de alguns exemplos. A primeira delas é a empresa denominada Talleres Alter. Esta era uma reparadora de automóveis especializada em produtos General Motors, e realizou uma assembleia em 15 de novembro de 1937, como deixa claro sua ata, pois suas relações com o sindicato não iam muito bem:

Se convocó a todos los compañeros de los Talleres ALTER Colectivizados, para que se presentaran en el Sindicato, para hablar del asunto referente a la Socialización de la Industrias del automóvil, ya que los Talleres ALTER Colectivizados, se separaron voluntariamente, por no serles satisfactoria la conducta seguida por el Consejo Administrativo de la Socialización, pero no de la Organización. Después de varias observaciones efectuadas por los militantes del Sindicato y en vista del silencio de los compañeros de los Talleres ALTER Colectivizados, se efectuó una votación para determinar, si estos Talleres, querían trabajar en la Socialización o no y el resultado de la votación, fué negativo y acto seguido, nos obligaron a dejar el carnet en el Sindicato o no se salía del mismo hasta dejarlo y en vista del cariz tan violento que se presentaba, todos los compañeros lo entregaron y por la mañana siguiente a primera hora, se presentó un militante del Sindicato al Taller y por mediación del Delegado Sindical, retiró los carnets a los compañeros que todavía lo tenían en su poder y que no asistieron a la Asamblea¹⁵⁹¹.

Em 27 de novembro do mesmo ano, eles emitiram o seguinte parecer:

Los abajos firmados, compañeros todos de los Talleres ALTER Colectivizados, inscritos en la Sindical de la Industria del Automovil CNT, y no estando conformes con la forma de proceder con el Consejo de Industria del Automovil Socializada, se

¹⁵⁹⁰ La Obra Constructiva de los Trabajadores de la C.N.T. en Cataluña. In: **De Companys a Indalecio Prieto: documentación sobre las industrias de guerra en Cataluña**. Buenos Aires: Ediciones del Servicio de Propaganda España, 1939, p. 40-41.

¹⁵⁹¹ TALLERES ALTER. **Resumo da assembleia realizada no dia 15 de novembro de 1937**, p. 1.

comprometen a ingresar en la Sindical de la UGT, ya que la Sindical CNT, no quiere devolvemos los carnets que nos retiró, si nó nos ponemos a las ordenes del Consejo de la Industria del Automovil Socializada CNT¹⁵⁹².

Outro conflito que existia dentro das empresas autogeridas tinha relação com o representante da Generalitat que fora introduzido no seio das empresas. Já salientamos sobre isso anteriormente, mas é preciso acrescentar que a consequência disso foi um aumento no número de conflitos, tanto no seio dos comitês de empresa quanto entre esses e os trabalhadores, como salientou Bernecker ao fazer referência à tomada das indústrias de guerra pelo Estado acerca de sua militarização, em 11 de agosto de 1938.

La incautación de la industria de guerra por el gobierno central tuvo como consecuencia no sólo la multiplicación del aparato burocrático, sino también una clara disminución en la disposición a entregarse por parte de los trabajadores, que ya no se identificaban con “su” producción. De golpe dejaron de hacerse muchas horas extras, las jornadas perdidas (por enfermedad, accidente, etc.) aumentaron el doble, menudearon las discusiones entre los trabajadores y los representantes del estado y se impuso un nuevo y más duro sistema de disciplina para prevenir el creciente descontento entre los trabajadores¹⁵⁹³.

Tal perspectiva também foi corroborada por um informe do Sindicato das Indústrias Siderometalúrgicas da CNT de Barcelona sobre as indústrias de guerra que foram assumidas pelo Estado.

Al hacerse cargo el Estado de las Fábricas, empezó por deshacer toda la organización que estas tenían, alegando que la misma era deficiente, y que ellos por mediación de sus interventores la podrían en condiciones de un mayor rendimiento, cosa que según ellos hasta el momento de la requisita no lo habían estado, pues siempre se defienden con la palabra ” En Cataluña no se ha hecho nada”. Requisada la Industria, inmediatamente se procede al nombramiento del Delegado Interventor por parte de Subsecretaria, y este a su vez procede al nombramiento de Directores, Subdirectores, Contramaestres, encargados, Jefes de equipo y otras cosas más, que en definitiva, no son más que cargos burocráticos, pero que salvo hornadas excepciones son pocos los que están a la altura profesional del nombramiento que llevan en el bolsillo. Así mismo se dictan normas de carácter administrativo que siempre quedan incumplidas, porque las últimas deshacen las primeras y todas juntas se contradicen unas a otras, dando lugar a un desconcierto general en el orden de fabricación. Otra de las mayores anomalías y quizá la más fundamental es la falta de materias primas y transporte, pues de todos es sabido que la primera actuación de estos elementos ha sido la requisita de los elementos de transporte que cada fábrica tenía a su disposición, los cuales han sido centralizados en los parques creados por ellos al efecto. Al solicitar los camiones para cumplimentar las necesidades de las diferentes Industrias, es preciso solicitarlos con 24 horas de antelación, por lo que se puede comprobar a simple vista que esta disposición acarrea siempre perjuicios continuos a las Industrias debido a que las necesidades de una fábrica son múltiples é instantaneas en ciertos casos, y nunca un transporte ha podido estar supeditado a horas de reglamentación, de no ser que queden

¹⁵⁹² Idem. **Parecer**, 25 nov. 1937, p. 1.

¹⁵⁹³ BERNECKER, Walther L. **Colectividades y Revolución Social: el Anarquismo en la Guerra Civil Española, 1936-1939**. Barcelona: Crítica, 1982, p. 371-372.

incumplidas las minuciosidades que en toda Industria se presentan. Referente a materias primas, han dado órdenes terminantes prohibiendo la compra, alegando que para cubrir las necesidades de las industrias se habrá de hacer los correspondientes pedidos; los cuales irán firmados por el Delegado respectivo y este a su vez los transmite al almacén general, el cual se encarga de suministrarlos. Estos pedidos un 70% son incumplidos, y los que no sufren esta determinación son servidos con dos ó tres días de retraso, lo que determina que durante ese tiempo las fábricas estén paradas, si no en su totalidad en una ó varias secciones a la vez. Hemos de agregar que con frecuencia sucede; que mientras una fábrica escasea de un artículo otras disponen de gran cantidad y lo que esta tiene en exceso a otra le falta, y viceversa, lo que da como consecuencia que debido al desconocimiento total de lo que son las Industrias metalúrgicas por no haber sido nunca metalúrgicos los que desempeñan cargos de responsabilidad, el desbarajuste reinante en la mayoría de las casas es tal que invita a reflexionar a los verdaderos antifascistas? Qué es lo que se proponen los elementos de orden que hoy nos gobiernan?¹⁵⁹⁴.

Outra evidência de como isso afetou a moral dos trabalhadores está explicitada em um informe sobre a situação da Catalunha, sem data e sem destinatário, feito pelo próprio Juan Negrín, já como Presidente do Conselho de Ministros da Espanha Republicana. Neste, ao comentar sobre a intervenção na indústria, afirmou que

[...] en el momento de intentar la suplantación de los Consejos de empresa han consistido unas veces en la reposición del antiguo empresario burgués, con todos los inconvenientes que esto reporta en el momento actual y que V.E. puede suponer y otras en un intento de sustitución del gobierno obrero por una gerencia de tipo estatal, que pudiendo constituir una solución excelente cuando se cuentan con elementos técnicos bien preparados para una colaboración cordial con los trabajadores, en cambio conduce a un fracaso evidente y peligroso para el mismo prestigio del Estado cuando no se dispone de tales elementos, como ha podido apreciarse ya en muchos casos concretos y especialmente en la mayor parte de las industrias de guerra organizadas en régimen de gestión estatal directa por la Subsecretaría de Armamento. Eliminado el estímulo que podría representar, para una orientación que reputamos equivocada, la posibilidad de aprovechar la intervención estatal para destruir el régimen de colectivizaciones, no podemos hallar ningún argumento que abone la pugna para la intervención de las empresas que se ha establecido en la calle entre diversos organismos del Estado y el Departamento de Economía de la Generalidad. En primer lugar ha de sernos permitido advertir, con el mayor respeto, que consideramos poco serio y reñido con el prestigio que en todo momento debe conservar el poder público el hecho de haber llevado esta pugna a la calle en vez de canalizarla según las normas contenidas en los preceptos constitucionales. Los Consejos de empresa asisten con escándalo, **y su espíritu antifascista queda hondamente consternado,** a las sesiones en que un interventor del Estado, enviado por la Dirección General de Industria, por la Subsecretaría del Aire, por la Dirección General de Carabineros, y no sabemos si por algún otro organismo, intenta suplantar con la ley en la mano las funciones del Interventor de la Generalidad, el cual también con su ley en la mano defiende con gran espíritu de ciudadanía lo que considera ser su mejor derecho. Estas pugnas acabarían a la larga con el prestigio de unos y otros organismos y es indudable que si no se pone coto a tales contiendas quedará definitivamente desprestigiado el mismo principio de la intervención del poder público en las empresas¹⁵⁹⁵.

¹⁵⁹⁴ INDUSTRIA DE LA FUNDICION COLECTIVIZADA. **Informe.**

¹⁵⁹⁵ NEGRÍN, Juan. **Carta**, grifos nossos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou detalhar os caminhos pelos quais o anarquismo espanhol percorreu de suas origens até a derrocada do processo revolucionário. Buscou demonstrar, de forma breve, como ocorreu o surgimento da ideologia, seus percalços no plano internacional, sua estreita relação com o movimento operário – tanto dentro quanto fora da Espanha –, as discussões que estavam colocadas antes do processo revolucionário espanhol etc. A Revolução Espanhola esteve intimamente ligada ao anarquismo – embora não se resuma a ele –, e seu relativo esquecimento entre as esquerdas “tradicionais” é, em parte, fruto disso.

O anarquismo espanhol colocou-se de forma bastante dúbia diante do processo revolucionário, em parte fruto dos debates inacabados quando de sua eclosão. No momento em que se iniciou a revolução, o papel que na nova sociedade deveria desempenhar, por exemplo, os comitês de empresa, não estava definido, o mesmo ocorrendo com os comitês de bairro e cidade. Chegou-se a tratar sobre esses temas, como vimos no capítulo 1, mas com pouca profundidade e, principalmente, de forma inconclusiva. Mas outras questões também não haviam sido previstas ou discutidas. Uma delas foi o caráter “defensivo” do processo revolucionário. Os grandes pensadores do anarquismo – e também do socialismo de forma mais ampla –, em geral, pensaram no processo revolucionário “avançando” sobre a sociedade capitalista. A iniciativa partiria dos revolucionários. No entanto, na Espanha, o que ocorreu foi o contrário. Foram as forças da reação que “avançaram” sobre os trabalhadores. A Revolução Espanhola foi a resposta a um golpe militar apoiado por todas as forças reacionárias do país, e isso trouxe diversas dificuldades, algumas delas nunca ultrapassadas.

Uma vez iniciada a revolução, rapidamente as bases extrapolaram os dirigentes. Enquanto os primeiros procederam às coletivizações, formaram comitês de bairro e de cidade, fizeram alistamento nas milícias etc., os segundos – embora com exceções –, desde o início, se ocuparam basicamente das questões relacionadas ao conflito militar, evitando dar claras consignas revolucionárias. Na verdade, o que eles queriam era um “congelamento” do processo revolucionário. Buscavam a rápida retomada da cidade de Zaragoza, na medida em que esta era um dos baluartes do anarquismo e, de forma trágica, havia caído nas mãos dos insurretos. E a este objetivo os líderes anarquistas submeteram todas as suas ações iniciais. No entanto, a retomada da cidade nunca ocorreu, e isso teve consequências trágicas.

Logo nos primeiros dias, ainda com o objetivo de capturar Zaragoza em mente, os anarquistas decidiram não implementar o “comunismo libertário”, e partiram para a

colaboração com as outras forças. A primeira expressão do colaboracionismo foi o Comitê de Milícias Antifascistas da Catalunha, para onde todas as correntes políticas do antifascismo convergiram. Os anarquistas ainda não estavam representados na Generalitat, mas já colaboravam com ela a partir de fora – o que não quer dizer que não havia choques entre eles, como de fato ocorreram vários. Na primeira quinzena de agosto, foi criado o Conselho de Economia, via decreto da Generalitat, ampliando essa colaboração entre os cenetistas e o governo. A partir de então, essa cooperação foi sendo estreitada cada vez mais e desembocou na entrada dos anarquistas tanto no governo da Generalitat quanto no governo central, bem como a dissolução do Comitê de Milícias.

A partir deste momento, a revolução entrou em uma fase de legalização – reconheceu, por exemplo, as coletivizações feitas pelos trabalhadores –, mas isso, por si só, já implicava em um fortalecimento do Estado. Pressupunha que ele voltasse a legislar, retomasse suas atribuições “normais”. No entanto, isso somente poderia ocorrer mediante o estancamento do processo revolucionário. O Estado em reconstrução necessariamente teria que acabar com o poder dos comitês de bairro e de cidade, comandar ou extinguir as milícias e controlar as empresas que estavam em autogestão acabando, assim, com a sustentação do processo revolucionário. Era preciso extinguir qualquer poder que se fundasse na democracia direta. E isso deveria ser feito mediante a integração dos anarquistas no aparelho de Estado, pois, devido à sua força numérica, seria impossível simplesmente anulá-los.

Na medida em que esse processo se acentuava, o descontentamento entre os revolucionários aumentava. Os representantes anarquistas no governo cada vez mais tinham que se comportar não como revolucionários, mas sim como políticos responsáveis, visto que eram cobrados pelos outros estadistas no sentido de que enquadrassem suas bases e as fizessem acatar as ordens da Generalitat, pois eles mesmos estavam nela “representados”. No entanto, muitos se recusavam a isso, e eram qualificados como “incontrolados”, em uma clara tentativa de criminalizá-los. Abria-se uma fenda entre os revolucionários e seus líderes. E tal processo era aprofundado conforme medidas abertamente contrarrevolucionárias eram implementadas, como a dissolução dos comitês de bairro e a militarização das milícias.

Paralelamente a esta situação, os proprietários que estavam descontentes com as coletivizações encontraram nos republicanos e comunistas stalinistas os defensores de seus interesses imediatos. Ambos propugnavam que o conflito espanhol não era uma luta de classes, e sim uma luta de libertação nacional, motivo pelo qual era preciso proteger o regime republicano dos ataques tanto dos fascistas quanto dos revolucionários. E isso significava, dentre outras coisas, a defesa da propriedade privada e, inclusive, de mecanismos de livre

mercado, como no ramo de alimentação. Assim, passou-se a travar uma luta de morte entre o setor coletivizado – e com tendências para a socialização – e o setor privado, aumentando ainda mais as fricções na retaguarda.

Com todas estas questões, a situação foi ficando cada vez mais perigosa na retaguarda, e os conflitos foram sendo intensificados, o que acabou culminando nas Jornadas de Maio de 1937. Esta, tal como o levante de julho de 1936, foi uma reação defensiva frente ao avanço da contrarrevolução, embora com diferenças fundamentais. Em 19 de julho, o proletariado respondeu ao golpe militar com o desencadeamento de uma revolução social profunda, que buscava superar as relações de produção capitalista e instaurar uma sociedade sem exploração do trabalho e baseada na democracia direta. Já as Jornadas de Maio, iniciaram-se exatamente mediante um ataque à possibilidade de expansão da democracia direta, investida esta perpetrada a partir de dentro do espectro político definido como de “esquerda” e que tinha como seu principal fiador um partido que se autoproclamava a vanguarda dos trabalhadores. Mas, diferentemente de julho de 1936, em maio de 1937 os dirigentes anarquistas já estavam completamente inseridos dentro da lógica estatal e da sagrada unidade antifascista, deixando sua base ter que se virar por conta própria. Se em Julho de 1936 combater o fascismo equivalia a demolir o capitalismo, em Maio de 1937 a manutenção da unidade antifascista era o que importava, mesmo ao custo do processo revolucionário. Algumas colunas anarquistas que estavam no front chegaram a falar em mandar tropas para Barcelona, o que foi proibido pelos comitês cenetistas, ameaçando-os de fuzilamento, acabando assim com qualquer esperança de vitória dos trabalhadores. Estes não foram derrotados nas ruas, e sim politicamente, na medida em que os líderes das forças antifascistas se uniram em prol de sua desmobilização. O antifascismo triunfou sobre a revolução.

Uma vez retomada a “normalidade” após as Jornadas de Maio – período que escapa ao escopo deste trabalho –, a revolução definitivamente foi jogada na ilegalidade. Revolucionários foram presos e assassinados, sendo o caso mais famoso o de Andrés Nin, que fora raptado, torturado e morto por agentes soviéticos¹⁵⁹⁶. O POUM foi declarado ilegal e muitos de seus membros foram para a prisão ou tiveram que fugir, inclusive, o famoso escritor inglês George Orwell¹⁵⁹⁷. As coletivizações foram atacadas e muitas delas desfeitas mediante ataques

¹⁵⁹⁶ Andrés Nin foi raptado em Barcelona, levado para uma cheka – prisão secreta controlada polos soviéticos – e torturado, com a intenção de obter uma confissão de que ele era um agente do fascismo. Diante de sua negativa, e como não se poderia simplesmente libertá-lo, já que ele poderia denunciar o ocorrido, decidiu-se por seu assassinato. No entanto, os líderes comunistas, diante das indagações sobre o sumiço de Nin – seu corpo nunca foi encontrado –, respondiam que ele tinha sido libertado da prisão por seus amigos franquistas ou alemães.

¹⁵⁹⁷ Dois casos bastante elucidativos e que mostram a ferocidade da contrarrevolução no campo “republicano” – às vezes mais brutal do que o próprio fascismo – foram os de Andrés Nin e Joaquín Maurín, este último um

armados, como os comandados pelo General Líster na região de Aragão, o que impactou negativamente na produção que se dirigia à guerra, prejudicando a própria luta antifascista. Muitas delas acabaram por refazer, mas em condições muitíssimas vezes mais desfavoráveis. As cadeias encheram-se de presos políticos, a maioria dissidentes revolucionários que eram acusados de serem fascistas infiltrados. As Patrulhas de Controle foram dissolvidas, ficando a ordem pública apenas à mercê de agentes militares do Estado. Os anarquistas e os sindicatos perderam seus postos no governo, tanto na Catalunha quanto em Valência, por conta de reestruturações dos governos que, nitidamente, deram uma grande virada para a direita. No PSOE, houve um processo parecido, quando sua ala “esquerda”, liderada por Cabellero, perdeu espaço para a ala de Prieto. A CNT, no caso, adaptou-se às circunstâncias e praticamente rasgou seu programa fazendo diversos acordos que aceitavam a nacionalização – sob o epíteto de municipalização ou não –, a criação de inspetores de trabalho, a rápida perda de soberania das bases etc. A partir de então, a única coisa que importava era vencer a guerra, e sabemos hoje que não foi possível. Os Amigos de Durruti e outros dissidentes continuaram a fazer suas críticas, subindo bastante seu tom, mas tudo foi em vão.

Não foi Franco quem derrotou a Revolução Espanhola. Quando suas tropas chegaram na Catalunha e em Aragão a tarefa de liquidar o processo revolucionário já estava praticamente feita, poupando-lhe muito trabalho. E, mais tarde, pouco tempo após a guerra civil terminar de forma trágica para os revolucionários, Diego Abad de Santillán, um dos grandes impulsionadores da política de colaboração, reconheceu que a derrota da revolução implicou na perda da própria guerra civil. De forma bastante acertada e consisa, concluiu:

Sabíamos que no era posible triunfar en la revolución si no se triunfaba antes en la guerra, y por la guerra lo sacrificábamos todo. Sacrificábamos la revolución misma, sin advertir que ese sacrificio implicaba también el sacrificio de los objetivos de la guerra¹⁵⁹⁸.

importante dirigente do POUM, tal como Nin, tendo sido Secretário Geral do partido em 1935 e 1936. Maurín, durante o golpe militar em julho de 1936, acabou ficando em uma região dominada pelos facciosos, tentou passar ao campo Republicano, mas foi detido, ficando preso durante todo o período de guerra civil. Foi julgado em 1944 e condenado a 30 anos de prisão, mas recebeu um indulto e foi exilado nos EUA. Já Nin, que ficou no campo dito “republicano”, acabou preso, torturado e assassinado, justamente pelos que se diziam a vanguarda dos trabalhadores.

¹⁵⁹⁸ SANTILLÁN, Diego Abad de. **Por Qué Perdimos la Guerra**. Barcelona: Virgen de Guadalupe, 1977, p. 180-181.

REFERÊNCIAS

Fontes diversas

II CONGRESO DE LA C.N.T. Madrid, 10-18 diciembre, 1919.

Disponível em:

<https://www.cntvalladolid.es/media/pdf/congresosCNT/IIcongreso.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2020.

A.I.T. CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO DE ESPAÑA COMITE NACIONAL. **Acta de la reunion del comite nacional celebrada el 29 de julio de 1936.**

A.I.T. CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO DE ESPAÑA COMITE NACIONAL. **Ata da Plenária Nacional de Regionais de 4 de agosto de 1936.**

A.I.T. CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO. COMITÉ NACIONAL. **Resolución tomada por el Pleno de Regionales celebrado em Madrid el dia 23 de octubre, ante la actitude del gobierno.**

ASTURIAK. Hablan nuestros milicianos. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 15 out. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361015.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

BALIUS, Jaime. Es de inmediata necesidad el racionamiento del consumo. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 16 set. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360916.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BALIUS, Jaime. Ha de imponerse un tributo de guerra. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 8 set. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360908.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2020.

BALIUS, Jaime. La descentralización es la garantía que ha de recabar la clase trabajadora en defensa de las prerrogativas que se debaten en las líneas de fuego. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 24 out. 1926, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361024.pdf>. Acesso em: 14 jul, 2020.

BLANCO, Antonio. La producción colectiva, base económica para ganar la guerra y la revolución. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 23 abr. 1937, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370423.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2019.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Los camaradas de las milicias han de tener las máximas atenciones de los sindicatos. Barcelona, 7 ago. 1936, p. 5-6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. !! Jovens proletários!! – !!Trabajadores de Cataluña!!
Barcelona, 31 ago. 1936, p. 5-6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. !!Trabajadores!! Barcelona, 24 jul. 1936, p. 2-3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. !A todos los trabajadores! !Al pueblo en general!
Barcelona, 16 out. 1936, p. 10-11.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Acuerdos que la guerra exige se cumplan. Barcelona, 23 mar. 1937, p. 8-9.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Agrupación Anarquista “Los de Ayer y los de Hoy”.
Barcelona, 25 fev. 1937, p. 6-7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Al pueblo antifascista – a la Guardia Nacional Republicana. Barcelona, 8 abr. 1937, p. 4-7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Autodisciplina. Barcelona, 19 jan. 1937, p. 2.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. C.N.T. Segundo Manifiesto a la Opinión sobre “El Consejo Nacional de Defensa”. Barcelona, 1 out. 1936, p. 4-6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Cataluña será inexpugnable. Barcelona, 17 dez. 1936, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Claridad en la expresión y sinceridad en la actuación, es lo que exige la revolución. Barcelona, 2 fev. 1937, p. 2-3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Comité Central de Milicias Antifascistas. Barcelona, 9 set. 1936, p. 2.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Comité Regional de Juventudes Libertarias. Barcelona, 4 set. 1936, p. 6-7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Cómo Errico Malatesta juzgaba el advenimiento de la Anarquía cuya visión va cumpliéndose con ritmo acelerado en España. Barcelona, 20 out. 1936, p. 9-11.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Confederación Nacional del Trabajo, Union General de Trabajadores. A todos los organismos sindicales. Barcelona, 27 nov. 1936, p. 7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Confederación Nacional del Trabajo. Comité Nacional. Barcelona, 25 nov. 1936, p. 8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Confederación Nacional del Trabajo. Importante manifiesto de la C.N.T. Barcelona, 18 fev. 1937, p. 2.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Confederación Regional del Trabajo de Cataluña.** Barcelona, 3 out. 1936, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Confederación Regional del Trabajo del Centro.** Barcelona, 23 dez. 1936, p. 5-6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Consejería de Economía.** Barcelona, 22 jan. 1937, p. 7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Consejeria de Economia.** Barcelona, 5 mar. 1937, p. 7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Consignas de la Federación Local de Sindicatos Únicos de Barcelona.** Barcelona, 13 out. 1936, p. 7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Crisis de la Generalidad – Perfilando matices.** Barcelona, 13 abr. 1937, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Cual ha de ser la actitud de la FAI en e momento presente.** Barcelona, 3 ago. 1936, p. 2-3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **De un manifiesto hecho publico por el comité regional de la F.A.I.** Barcelona, 24 ago. 1936, p. 4-5.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Declaración política del Consejo de Aragón.** Barcelona, 22 jan. 1937, p. 2-4.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Del Aragón que nace. La colectividad de Mosqueruela.** Barcelona, 17 mar. 1937, p. 2-3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Del mitin de clausura de la conferencia regional levantina.** Fragmentos de los discursos de nuestros compañeros. Barcelona, 19 nov. 1936, p. 5-8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Dictame que presenta la ponencia nombrada por el congreso Regional de Sindicatos con el fin de estudiar las normas a seguir para llevar a cabo la colectivizaciob en las diversas actividades económicas en Cataluna.** Barcelona, 25 set. 1936, p. 5.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Disciplina para ganar la guerra.** Barcelona, 24 nov. 1936, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Discurso pronunciado en el Mitin de ayer en el Olympia por el Secretario del Comité Regional.** Barcelona, 10 ago. 1936, p. 5-6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Discurso pronunciado por el camarada "Camilo Berneri" ante el micrófono de la C.N.T.-F.A.I. E.C.N. 1.** Barcelona, 14 set. 1936, p. 7-8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Documento importante.** Barcelona, 12 mar. 1937, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Ejemplos de Organización Revolucionaria: Simat de Valldigna.** Barcelona, 5 jan. 1937, p. 7-8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. El Comité Nacional de la C.N.T. se dirige al país y a los sindicatos de toda España en un manifiesto donde se refleja nuestra consciente responsabilidad. Barcelona, 6 nov. 1936, p. 2.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. El movimiento revolucionario español juzgado por el camarada "Rudolfo Rocker". Barcelona, 14 set. 1936, p. 8-11.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. El Pleno Regional de Sindicatos. Barcelona. 1 dez. 1936, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. El problema de la tierra. La colectivización del campo. Barcelona, 17 abr. 1937, p. 3-4.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. El Sindicato Unico de campesinos de Barcelona presto a cumplir su deber revolucionario. Barcelona, 15 out. 1936, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. En guardia contra la burocracia de la revolución. Barcelona, 24 set. 1936, p. 8-9.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. En la calle en defensa de la revolución. Barcelona, 4 mai. 1937, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Extracto de la conferencia dada por nuestro compañero Vicente Perez Combina, ante el micrófono de la emisora E.C.N. 1- Radio C.N.T.-F.A.I. Barcelona, 1 fev. 1937, p. 2-5.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Extracto de la conferencia dada por nuestro compañero Arturo Mestres, de la escuela de militantes CNT-FAI, ante em micrófono de nuestra emisora E.C.N.1 Radio C.N.T.-F.A.I. Barcelona, 19 abr. 1937, p. 2-3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Extracto de la conferencia pronunciada por radio por el compañero Juan P. Fabregas, consejero de economia. Barcelona, 6 out. 1936, p. 8-10.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Extracto de la conferencia pronunciada por nuestro compañero Juan Peiro, en el Teatro Apolo de Valencia. Barcelona, 30 nov.1936, p. 2-3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Extracto de la conferencia pronunciada por el compañero Ayala, del sindicato de la piel ante la emisora E.C.N.1 radio C.N.T. – F.A.I. Barcelona, 8 dez. 1936, p. 2-3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Federación Anarquista Iberica. ¡Hay que movilizar a todo el mundo! Barcelona, 18 fev. 1937, p. 3-4.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Federación Anarquista Iberica. Barcelona, 21 dez. 1936, p. 3-6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. Federación Local de Grupos Anarquistas de Barcelona. Barcelona, 20 fev. 1937, p. 5-6.

BOLETIN DE INFORMACIÓN. Ferroviarios. Barcelona, 8 set. 1936, p. 4.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Grandioso acto de unificación y afirmación revolucionaria del proletariado.** Barcelona, 26 out. 1936, p. 10-16.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Guerra a los emboscados.** Barcelona, 14 out. 1936, p. 9.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hacia adelante.** Barcelona, 1 abr. 1937, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hacia la normalidad.** Barcelona, 6 mai. 1937, p. 7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hacia la reconstrucción económica y defensa de la revolución.** Barcelona, 19 set. 1936. p. 8-9.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hacia la unidad de acción sindical.** Barcelona, 25 jan. 1937, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hacia nuestra justicia.** Barcelona, 20 jan. 1937, p. 6-7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Hechos y cosas.** Barcelona, 2 fev. 1937, p. 6-7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Horas de serenidad y de realidades.** Barcelona, 1937, p. 4-5.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Importante decreto de justicia.** Barcelona, 17 fev. 1937, p. 2-3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Industria Fabril y Textil. La colectivización.** Barcelona, 22 dez. 1936, p. 7-8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Juventudes Libertarias del frente de Aragón.** Barcelona, 2 abr. 1937, p. 4-5.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **L.C.N.T de la comida en Barcelona.** Barcelona, 24 jul. 1936, p. 3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La C.N.T. en la Dirección Pública.** Barcelona, 4 nov. 1936, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La C.N.T. y los pequeños propietarios.** Barcelona, 25 fev. 1937, p. 4-6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La Columna de Hierro.** Barcelona, 13 out. 1936, p. 1-2.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La Confederación Nacional del Trabajo afirma su posición revolucionaria en el Gran Price.** Barcelona, 6 jan. 1937, p. 5-8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La Confederación Regional del Trabajo de Cataluña, al pueblo.** Barcelona, 14 dez. 1936, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La crisis de la Generalidad esta virtualmente solucionada.** Barcelona, 2 abr. 1937, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La distribución corresponde a los sindicatos.** Barcelona, 26 nov. 1936, p. 8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La economía debe ser el reflejo de la revolución.** Barcelona, 16 dez. 1936, p. 9.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La economía sindical, llave del triunfo.** Barcelona, 8 dez. 1936, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La economía sindical.** Barcelona, 13 nov. 1936, p. 3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La economía y la revolución.** Barcelona, 4 dez. 1936, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La fuerza publica no se puede usar contra el pueblo.** Barcelona, 1 mai. 1937, p. 5.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La guerra y la revolucion son inseparables.** Barcelona, 19 jan. 1937, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La guerra y la revolucion son una misma cosa.** Barcelona, 29 jan. 1937, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La guerra y la revolución.** Barcelona, 23 abr. 1937, p. 2-3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La intransigencia prolonga la crisis.** Barcelona, 3 abr. 1937, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La Inutilidad del Gobierno.** Barcelona, 3 set. 1936, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La labor del ministerio de sanidad y asistencia social.** Barcelona, 21 jan. 1937, p. 2-3.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La masa confederal pide la intervención en la dirección de la guerra.** Barcelona, 29 out. 1936, p. 5-6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La nacionalización.** Barcelona, 3 mai. 1937, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La palabra la tienen las armas.** Barcelona, 15 fev. 1937, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La reconstrucción económica y social en acción directa por el pueblo.** Barcelona, 16 dez. 1936, p. 6-7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La técnica al servicio de la Revolución.** Barcelona, 11 nov. 1936, p. 2.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La unidad revolucionaria en acción.** Barcelona, 3 mar. 1937, p. 7-8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **La unidad revolucionaria en acción.** Barcelona, 19 mar. 1937, p. 4-6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Las jornadas revolucionarias en los ferrocarriles de M.Z.A.** Barcelona, 25 jul. 1936, p. 3-4.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Las Juventudes Libertarias de Cataluña.** Barcelona, 12 nov. 1936, p. 10.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Las Juventudes Libertarias en el Teatro Olympia.** Barcelona, 19 out. 1936, p. 8-15.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Las juventudes libertarias toman una firme decisión.** Barcelona, 30 mar. 1937, p. 3-4.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Las mejores armas y las mejores ropas para el frete.** Barcelona, 21 nov. 1936, p. 3-4.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Libertad y Estado.** Barcelona, 4 dez. 1936, p. 5-6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Los “individualistas de acción de la Revue Anarchiste” a sus camaradas de la F.A.I. y de la C.N.T.** Barcelona, 18 nov. 1936, p. 7-8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Los desaprensivos comerciantes son unos fascistas.** Barcelona, 2 fev. 1937, p. 8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Los sindicatos son la concordia de la revolución.** Barcelona, 26 dez. 1936, p. 1.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **M.R. Vazquez, Secretário del Comité Regional, ante el micrófono E.C.N. 1 Radio C.N.T – F.A.I.** Barcelona, 21 out. 1936, p. 4-8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Manifiesto de la Federación de Grupos Anarquistas del Centro. Todos los anarquistas deben estar en la F.A.I.** Barcelona, 18 fev. 1937, p. 4-5.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Milicianos, ¡Alerta!** Barcelona, 28 abr. 1937, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Milicias Barcelona.** Barcelona, 14 out. 1936, p. 10.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Municipaleras.** Barcelona, 9 abr. 1937, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Orientaciones económicas. Habla el compañero Juan P. Fábregas.** Barcelona, 3 nov. 1936, p. 7-8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Pacto de Unificación Revolucionaria.** Barcelona, 23 out. 1936, p. 7-8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Pleno Nacional de la Federación de la Industria Ferroviaria.** Barcelona, 25 mar. 1937, p. 4-6.

- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Pleno Regional de Grupos Anarquistas de Cataluña. Acuerdos.** Barcelona, 19 fev. 1937, p. 5.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Por la revolucion y por la guerra, unidad proletaria.** Barcelona, 30 abr. 1937, p. 1.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Problemas. A dónde va la Revolución?** Barcelona, 31 dez. 1936, p. 4-5.
- BOLETIN DE INFORMACIÓN. **Que es el anarquismo?** Barcelona, 10 set. 1936, p. 9-10.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Radio Prensa Internacional. La obstrucción, arma también de la solidaridad antifascista.** Barcelona, 20 jan. 1937, p. 8.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Radio Prensa Internacional. Solidaridad Antifascista.** Barcelona, 30 nov. 1936, p. 9-10.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Radio Prensa Internacional. Una interviú de Camilo Berneri.** Barcelona, 11 mar. 1937, p. 8-9.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Resolución del Congreso de la A.I.T.** Barcelona, 4 dez. 1936, p. 10-11.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Responsabilidad para todos.** Barcelona, 18 fev. 1937, p. 1.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Revaloricemos el sindicato.** Barcelona, 26 jan. 1937, p. 3-4.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Saliendo al paso de algo que es preciso terminar.** Barcelona, 29 jul. 1936, p. 4-5.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Seguimos en crisis.** Barcelona, 29 mar. 1937, p. 1.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Servicios públicos.** Barcelona, 5 mar. 1937, p. 6-7.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sigue Pierre Besnard Contándonos sus impresiones en Espana.** Barcelona, 5 out. 1936, p. 12-13.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sindicato Único de la Distribucion. Sección de alimentación.** Barcelona, 15 jan. 1937, p. 2-3.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sobre la Alianza Obrera.** Barcelona, 10 abr. 1937, p. 5-6.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sobre la organización de las milicias.** Barcelona, 3 ago. 1936, p. 3-4.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Socialización.** Barcelona, 14 jan. 1937, p. 2-3.
- BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Socialización.** Barcelona, 21 jan. 1937, p. 6.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Solidaridad en Suecia con la España antifascista.** Barcelona, 3 nov. 1936, p. 3-4.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sugerencias de orden económico desde el gobierno.** Barcelona, 29 dez. 1936, p. 5-11.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Sugerencias.** Barcelona, 26 dez. 1936, p. 7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Um telegrama de Moscu.** Barcelona, 28 abr. 1937, p. 8.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Una nota de Garcia Oliver.** Barcelona, 16 abr. 1937, p. 7.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Unidad revolucionaria. Nuevos Horizontes para el proletariado.** Barcelona, 24 out. 1936, p. 1-2.

BOLETÍN DE INFORMACIÓN. **Unidad y disciplina.** Barcelona, 14 dez. 1936, p. 1.

BONET, P. El problema del pan. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 29 dez. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361229.pdf>.

Acesso em: 17 nov. 2020.

BRIONES, M. Aspectos del momento actual revolucionario. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 17 out. 1936, p. 11.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361017.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

BUTLLETÍ OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Dimarts, v. 3, n. 203, 21 jul. 1936, p. 633-634.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1936/19360203.pdf>. Acesso

em: 20 out. 2020.

BUTLLETÍ OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Divendres, v. 3, n. 277, Barcelona, 14 ago. 1936, p. 1050.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1936/19360227.pdf>. Acesso

em: 8 mar. 2020.

C. **Informe Secreto.** Paris, 15 abr. 1937.

C. **Informe Secreto.** Paris, 25 abr. 1937.

C.N.T. FEDERACIÓN LOCAL DE SINDICATOS. **Acta del Pleno de Sindicatos y Barriadas celebrado el día 29 de noviembre.** Barcelona, 29 nov. 1936.

C.N.T.-F.A.I. SERVICIO DE INFORMACIÓN. El desarme puede matar el movimiento. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 2 ago. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360802.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

CABALLERO, Francisco Largo. “Confíemos en nosotros mismos y en nadie más”.

Solidaridad Obrera. Barcelona, 27 fev. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370227.pdf>.

Acesso em: 9 jun. 2020.

CALLOL, F. La Legalidad contra la revolución. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 mar. 1937, p. 9. La Legalidad contra la revolución.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370318.pdf>.

Acesso em: 7 jul. 2020.

CALLOL, F. Los Sindicatos Agrícolas y la Unión de Rabassaires. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 13 mar. 1937, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370313.pdf>.

Acesso em: 2 ago. 2020.

CARDONA, S. Font. El encarecimiento de las subsistencias. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 12 mar. 1937, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370312.pdf>.

Acesso em: 2 ago. 2020.

COMITÉ CENTRAL DE ABASTOS. Es necesario acabar con las colas. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 30 set. 1936, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360930.pdf>.

Acesso em: 27 mar. 2020.

COMITÉ NACIONAL DE LA CNT; COMITÉ DE LA CONFEDERACION REGIONAL DEL TRABAJO DE LEVANTE. Sensatez y Cordialidad. **Boletín de Información**.

Barcelona, 13 mar. 1937, p. 4-5.

COMITÉ NACIONAL DE RELACIONES DE LA INDUSTRIA FABRIL Y TEXTIL DE ESPAÑA. **Resenha do comício de necerramento do Primeiro Congresso Nacional da Indústria Fabril e Têxtil, realizado em 24, 25 e 26 de janeiro.**

COMITÉ NACIONAL. **Dictamen de la Ponencia al Pleno de Regionales**, Madrid, 19 set. 1936.

COMITE PENINSULAR DE LA F.A.I. A todos los grupos adheridos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 7 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370407.pdf>.

Acesso em: 17 ago. 2020.

COMITÉ REGIONAL DE ARAGÓN, RIOJA Y NAVARRA. Los desplazados sin control deben regresar a sus puestos de origen. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 2 mar. 1937, p. 1. Disponible em: <http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370302.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

COMITE REGIONAL DE JUVENTUDES LIBERTÁRIAS DE CATALUÑA. ¡Justicia! ¡Justicia! ¡Justicia! ¡Entérate, pueblo! **Boletín de Información**. Barcelona, 26 mar. 1937, p. 6.

COMITÊS LIBERTÁRIOS COMITÊS LOCAL, REGIONAL E ESPECÍFICA. **Ata da reunião realizada nos dias 4, 5 de setembro de 1936.**

COMITÊS LOCAL E REGIONAL DA CNT, MILÍCIAS E ESPECÍFICA – FAI. **Ata da reunião realizada no dia 22 de agosto de 1936.**

CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO DE ESPAÑA. Madrid, 11 set. 1936.

CONFEDERACION NACIONAL DEL TRABAJO. **Comite Nacional**. Valência, 7 nov. 1936.

CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 9 de dezembro de 1936.**

CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 20 de março de 1937.**

CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 23 de março de 1937.**

CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 14 de março de 1937.**

CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 16 de março de 1937.**

CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 27 de janeiro de 1937 (manhã).**

CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 27 de janeiro de 1937 (noite).**

CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 24 de março de 1937.**

CONFEDERACIÓN REGIONAL DEL TRABAJO DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no dia 29 de março de 1937.**

CORREA, A. La Confederación Nacional y la F.A.I., ¿pueden intervenir en las Comisiones municipales? **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 1 set. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360901.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 285, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 140-141.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1936/19360285.pdf>. Acesso

em: 21 mar. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 285, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 137-138.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1936/19360285.pdf>. Acesso

em: 21 mar. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 289, Ano IV, Volume IV, 11 out. 1936. p. 194-196.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1936/19360289.pdf>. Acesso

em: 21 mar. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 295, Ano IV, Volume IV, 21 out. 1936. p. 282.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1936/19360295.pdf>. Acesso

em: 21 mar. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 302, Ano IV, Volume IV, 28 out. 1936. p. 373-376.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1936/19360302.pdf>. Acesso

em: 21 mar. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 302, Ano IV, Volume IV, 28 out. 1936. p. 370.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1936/19360302.pdf>. Acesso

em: 21 mar. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 61, Ano V, Volume I, Barcelona, 2 mar. 1937, p. 953.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1937/19370061.pdf>. Acesso

em: 18 jun. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret.** Número 63, Ano V, Volume I, Barcelona, 4 mar. 1937, p. 979-982.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1937/19370063.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 70, Ano V, Volume I, Barcelona, 11 mar. 1937, p. 1057-1058.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1937/19370070.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 79. Ano V, Volume I, 20 mar. 1937, p. 1186.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1937/19370079.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Decret**. Número 80. Ano V, Volume I, 21 mar. 1937, p. 1203.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1937/19370080.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Número Extraordinari**. 18 jan. 1937.

Disponível em:

<https://dogc.gencat.cat/web/.content/continguts/serveis/republica/1937/19370018b.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

EL COMITÉ DE CONTROL (C.N.T.). El precio exorbitante de las subsistencias.

Solidaridad Obrera. Barcelona, 2 dez. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361202.pdf>. Acesso em: 19 mar. 1936.

EL COMITÉ DE CONTROL DEL MERCADO CENTRAL DE FRUTAS Y VERDURAS (BORNE). Federación Local de Sindicatos Únicos. Al Publico en General. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 22 set. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360922.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.

EL COMITÉ DE CONTROL DEL MERCADO CENTRAL DE FRUTAS Y VERDURAS (BORNE). El precio autentico de la fruta y verdura. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 20 jan. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370120.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

EL COMITÉ DE CONTROL. Comité de Control de la Industria Gastronómica. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 set. 1936, p. 13.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360918.pdf>.
Acesso em: 25 abr. 2020.

EL COMITÉ DE DEFENSA. Comité de Defensa (Barriada del Poblet). **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 8 nov. 1936, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361108.pdf>.
Acesso em: 28 mar. 2020.

EL COMITÉ ECONOMICO DEL PAN. Una nota sobre el problema del pan. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 mar. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370325.pdf>
Acesso em: 18 nov. 2020.

EL COMITÉ REGIONAL DE CATALUÑA. Importante para todos los Comités revolucionarios. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 14 ago. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360814.pdf>.
Acesso em: 8 mar. 2020.

EL COMITÉ REGIONAL. “Nosotros propugnamos la colectivización inmediata de los grandes latifundios, pero respetamos la pequeña propiedad y la iniciativa privada” – dice el Comité Regional de la C.N.T. a los pequeños propietarios campesinos de Cataluña.

Solidaridad Obrera. Barcelona, 18 set. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360918.pdf>.
Acesso em: 25 abr. 2020.

EL COMITÉ REGIONAL. El Comité Regional Confederal de Cataluña, a los campesinos. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 24 set. 1936, p. 6.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360924%20\(36\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360924%20(36).pdf). Acesso em: 24 abr. 2020.

EL COMITÉ REVOLUCIONARIO DE LAS CORTES Y SARRIÁ. Al Pueblo. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 jul. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360725.pdf>.
Acesso em: 17 jul. 2020.

EL COMITÉ. A todas las barriadas y Grupos de Control de Barcelona. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 6 ago. 1936, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360806.pdf>.
Acesso em: 28 jan. 2020.

EL COMITÉ. Al pueblo de Barcelona. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 4 mar. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370304.pdf>.

Acesso em: 15 jun. 2020.

EL COMITE. Al pueblo de Cataluña y a los camaradas de los Grupos. **Tierra y Libertad**.

Barcelona, 21 nov. 1936, p. 8.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361121%20\(44\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361121%20(44).pdf). Acesso em: 8 maio 2020.

EL COMITÉ. Comité Central de Abastos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 23 set. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360923.pdf>.

Acesso em: 24 abr. 2020.

EL COMITÉ. Comité de Defensa de la barriada de San Martín. **Solidaridad Obrera**.

Barcelona, 10 out. 1936, p. 11.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361010.pdf>.

Acesso em: 24 mar. 2020.

EL COMITÉ. Comité de defensa de la barriada del centro. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 14 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370414.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

EL COMITÉ. Comité Revolucionario de la barriada de San Martín. **Solidaridad Obrera**.

Barcelona, 14 out. 1936, p. 13.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361014.pdf>.

Acesso em: 28 mar. 2020.

EL COMITÉ. El Comité Revolucionario del Prat Vermell, a todos los camaradas y la opinión pública. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 2 set. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360902.pdf>.

Acesso em: 5 abr. 2020.

EL COMITÉ. Hay que acabar con los abusos. Circular del Comité Central de Abastos.

Solidaridad Obrera. Barcelona, 16 ago. 1936, p. 13.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360816.pdf>.

Acesso em: 14 abr. 2019.

EL COMITE. La Confederacion Regional de Cataluña celebrou ayer su anunciado pleno.

Solidaridad Obrera. Barcelona, 27 jul. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360727.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

EL COMITÉ. Mas sobre el problema del pan. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 13 jan. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370113.pdf>.

Acesso em: 26 abr. 2020.

EL COMITE. Un aviso muy importante para los pesqueros. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 30 jul. 1936, p. 4.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360730%20\(3\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360730%20(3).pdf). Acesso em: 28 jun. 2020.

EL CONSEJERO PRIMERO. Para evitar la ocultación del trigo y de la harina. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 9 jan. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370109.pdf>.

Acesso em: 8 mar. 2020.

EL CONSEJO DE LA GASTRONOMÍA. A todos los Sindicatos y Comisiones de barriada. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 21 out. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361021.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

EL CONSEJO DE LA GASTRONOMÍA. Departamento de Abastos de la Generalidad de Cataluña. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 out. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361016.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

EL REPÓRTER. Autobuses Roca. – U.G.T. y C.N.T. – Sus proyectos y realizaciones. – Situación financiera. – Un orden perfecto. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 4 ago. 1936, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360804.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

EL REPÓRTER. La incautación de autobuses. – Cómo marcha el trabajo. – Supresión de parásitos y sueldo único. – Otras reformas y situación financiera. – El personal técnico. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 1 ago. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360801.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

EL SECRETARIADO. Labor de las Patrullas de Control. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 27 abr. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370427.pdf>.
Acesso em: 20 dez. 2019.

EL SECRETARIO. La carestia de vida. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370416.pdf>.
Acesso em: 14 ago. 2020.

EL SINDICATO ÚNICO DEL RAMO DE LA ALIMENTACIÓN. El Sindicato Único de la Alimentación, replica al consejero de Abastos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 17 jan. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370117.pdf>.
Acesso em: 17 jul. 2020.

ENDÉRIZ, Ezequiel. La maniobra del hambre. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 mar. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370325.pdf>.
Acesso em: 30 out. 2020.

EROLES, D. Importantísima nota de nuestro compañero Dionisio Eroles jefe de los Servicios de Ordem Público de la Generalidad de Cataluña. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 2 jan. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370102.pdf>.
Acesso em: 11 mar. 2020.

EVENING SESSION OF AUGUST 4.

Disponível em: <https://www.marxists.org/history/international/comintern/2nd-congress/ch10a.htm>. Acesso em: 29 out. 2020.

FABREGAS, JUAN P. El deber de la retaguardia. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 nov. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361118.pdf>.
Acesso em: 4 abr. 2020.

FABREGAS, Juan P. El segundo frente de batalla. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 11 nov. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361111.pdf>.
Acesso em: 28 mar. 2020.

FÁBREGAS, Juan. El Consejo de Economía. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 13 set. 1936, p. 11.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360913.pdf>.
Acesso em: 14 jul. 2020.

FÁBREGAS, Juan. Hacia reconstrucción económica de la vida social. El Consejo de Economía y el nuevo orden económico. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 ago. 1936, p. 6. Disponible em: <http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360825.pdf>. Acceso em: 14 jun. 2020.

FEDERAÇÃO LOCAL DE SINDICATOS ÚNICOS DE BARCELONA - COMITÉ. **Acta del Pleno de militantes de Barcelona celebrado el día 5 de diciembre del 1936.**

FEDERACIÓ DE PATRÓNS PERRUQUERS I BARBERS DE BARCELONA I PÓBLES LIMÍTROFS. **Ata da reunião realizada no dia 16 de setembro de 1936.**

FEDERACIÓ DE PATRÓNS PERRUQUERS I BARBERS DE BARCELONA I PÓBLES LIMÍTROFS. **Convite ao Sindicato Único de Obreros Barberos**, 9 ago. 1936.

FEDERACIÓ DE PATRÓNS PERRUQUERS I BARBERS DE BARCELONA I PÓBLES LIMÍTROFS. **Aceite**, 13 ago. 1936.

FEDERACIÓ DE PATRÓNS PERRUQUERS I BARBERS DE BARCELONA I PÓBLES LIMÍTROFS. **Ata da reunião realizada no dia 27 de agosto de 1936.**

FEDERACIÓ DE PATRÓNS PERRUQUERS I BARBERS DE BARCELONA I PÓBLES LIMÍTROFS. **Ata da reunião realizada no dia 14 de setembro de 1936.**

FEDERACIÓ DE PATRÓNS PERRUQUERS I BARBERS DE BARCELONA I PÓBLES LIMÍTROFS. **Notificação enviada ao Sindicato Único de Barbeiros**, 22 set., 1936.

FEDERACIÓN LOCAL DE GRUPOS ANARQUISTAS DE BARCELONA. A la opinión pública, a los trabajadores y a los anarquistas en general. **Boletín de Información**. Barcelona, 27 mar. 1937, p. 4-5.

FEDERACION LOCAL DE GRUPOS ANARQUISTAS DE BARCELONA. Al pueblo!! **Boletín de Información**. Barcelona, 20 mar. 1937, p. 4.

FEDERACIÓN LOCAL DE SINDICATOS ÚNICOS DE MADRID. A todas las fuerzas armadas del Estado y al pueblo madrileño en general. **Boletín de Información**. Barcelona, 2 jan. 1937, p. 6-7.

FEDERACIÓN REGIONAL DE GRUPOS ANARQUISTAS DE CATALUÑA. **Acuerdos tomados por el Pleno de Locales, Comarcales e intercomarcales de G.G. A.A. de la region**. Barcelona, 8 mar. 1937.

FONDATION BESNARD (2006). **CNT-FAI Acta del Pleno de Columnas Confederales y Anarquistas celebrado en Valencia el día 5 de febrero de 1937.** Disponible em: <http://www.fondation-besnard.org/spip.php?article428>. Acceso em: 4 abr. 2020.

FREIXAS, Juan. ¡¡¡Armas!!! **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 20 set. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360920.pdf>.
Acesso em: 24 abr. 2020.

GACETA DE MADRID. Número 290. Madrid, 16 de outubro de 1936, p. 355.

Disponível em:

<https://www.boe.es/datos/pdfs/BOE//1936/290/B00354-00355.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2020.

GAMON, Carlos. ¿Disciplina? **Tierra y Libertad**. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370123%20\(2\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370123%20(2).pdf). Acesso em: 16 jun. 2020.

GILABERT, A. G. Federalismo. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 7.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370123%20\(2\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370123%20(2).pdf). Acesso em: 16 jun. 2020.

GILABERT, A. G. La guerra y el anarquismo. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 12 dez. 1936, p. 7.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361212%20\(47\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361212%20(47).pdf). Acesso em: 14 jun. 2020.

GILABERT, A. G. La hora del anarquismo. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 5 nov. 1936, p. 8.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361105%20\(42\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361105%20(42).pdf). Acesso em: 13 dez. 2020.

GILABERT, A. G. Los anarquistas y la revolución española. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 5 dez. 1936, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361205%20\(46\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361205%20(46).pdf). Acesso em: 14 jul. 2020.

GINÉS, Manoel. ¿Quiénes gravan el precio de las subsistencias? **Solidaridad Obrera**.

Barcelona, 21 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370421.pdf>.
Acesso em: 15 jul. 2020.

GINÉS, Manoel. El G.E.P.C.I. y nosotros. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 10 abr. 1937. p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370410.pdf>.
Acesso em: 14 jul. 2020.

GINÉS, Manoel. La pequeña burguesía empieza a incorporarse a la revolución. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 6 abr. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370406.pdf>.

Acesso em: 17 ago. 2020.

GINÉS, Manuel. El desbarajuste actual en los precios de la alimentación. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370418.pdf>.

Acesso em: 3 jul. 2020.

GINES, Manuel. La Junta de Sección Alimentación del Sindicato Unico de la Distribución (C.N.T), al bueblo de Barcelona. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 21 fev. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370221.pdf>.

Acesso em: 25 mar. 2020.

GINÉS, Manuel. Los precios de la alimentación. La Consejería de Abastos, el Ayuntamiento, el Borne y los detallistas. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 27 abr. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370427.pdf>.

Acesso em: 20 dez. 2019.

GINÉS, Manuel. Nota de pedido que la Junta de Sección de la Distribución (C.N.T.) hace a la Consejería de Abastos y Agricultura. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 abr. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370416.pdf>.

Acesso em: 14 ago. 2020.

GOLDMAN, Emma. No mantenemos una guerra capitalista, sino una lucha en defensa de la Revolución. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 mar. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370318.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

GUZMÁN, Morales. ¡Milicianos: o vais al frente o entregáis los fusiles! **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 8 set. 1936, p. 11.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360908.pdf>.

Acesso em: 8 abr. 2020.

HARDY, Jeannette. Coordinación y socialización de los transportes. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 jan. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370116.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

HERMES. ¿Es necesaria la carta familiar de alimentación? **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 1 out. 1936, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361001.pdf>.

Acesso em: 4 fev. 2020.

IBAÑEZ, F. Martí. **Grandezas y Miserias de la Revolución Social Española**. Oficinas de Propaganda CNT FAI.

INDUSTRIA DE LA FUNDICION COLECTIVIZADA. **Informe**.

JEREMÍAS. ¡Paso a la marcha triunfal del pueblo libertario! **Tierra y Libertad**. Barcelona, 14 nov. 1936, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361114%20\(43\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361114%20(43).pdf). Acesso em: 3 maio 2020.

JORDI. F. Reorganización necesaria. Exportación. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 4 fev. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370204.pdf>.

Acesso em: 23 mar. 2020.

JUNTA DE SECCIÓN DE METROS. **Informe presentado à Junta Central del Sindicato del Transporte em 2 de novembro de 1936**.

LA COMISIÓN DE ABASTOS DE SANS. Memoria que la Comisión de Abastos de la barriada de Sans presenta a los Sindicatos de la misma. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 ago. 1936, p. 6-7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360825.pdf>.

Acesso em: 23 mar. 2020.

LA COMISIÓN DE ABASTOS DE VILADECANS. Consideraciones sobre abastos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 13 set. 1936, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360913.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

LA COMISIÓN DE BARRIADAS. Importantes acuerdos de los Comités de Defensa de las barriadas. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 14 mar. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370314.pdf>.

Acesso em: 2 ago. 2020.

LA COMISIÓN ORGANIZADORA. “Los Amigos de Durruti”. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 5 de mar. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370305.pdf>.

Acesso em: 1 jun. 2020.

LA COMISIÓN. Sindicato Único del Ramo del Transporte. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 10 mar. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370310.pdf>.

Acesso em: 28 nov. 2020.

LA FEDERACIÓN LOCAL DE SINDICATOS Unicos. A nuestros Sindicatos y a la opinión pública. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 18 mar. 1937, p.10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370318.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

LA JUNTA DE LA SECCIÓN SASTRERÍA C.N.T. A la Sección Sastrería del Sindicato del Vestir y Tocado de la U.G.T. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 abr. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370425.pdf>.

Acesso em: 20 dez. 2019.

LA JUNTA DE SECCIÓN DE ALIMENTACIÓN. A toda la pequeña burguesía mercantil. **Boletín de Información**. Barcelona, 8 set. 1936, p. 2-3.

LA JUNTA. Aclarando lo ocurrido en Molins de Llobregat. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 4 mai. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370504.pdf>.

Acesso em: 20 dez. 2019.

LA JUNTA. Ramo de Construcción. ¡Camaradas! ¡Los fusiles al frente! **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 ago. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360825.pdf>.

Acesso em: 23 mar. 2020.

LA OBRA Constructiva de los Trabajadores de la C.N.T. en Cataluña. In: **De Companys a Indalecio Prieto: documentación sobre las industrias de guerra en Cataluña**. Buenos Aires: Ediciones del Servicio de Propaganda España, 1939, p. 37-74.

LA TIERRA. **Manifiesto del Grupo Sindicalista Moderado. El Momento Revolucionario Español**. Madrid, 1 set. 1931, p. 4.

Disponível em: <http://hemerotecadigital.bne.es/issue.vm?id=0028277296&search=&lang=en>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

LEVAL, Gastón. ¡Socializar la distribución! **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 27 dez.1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361227.pdf>.

Acesso em: 25 abr. 2020.

LEVAL, Gastón. Para socializar la distribución. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370421.pdf>.

Acesso em: 15 jul. 2020.

LOPEZ, Juan. **Concepto del Federalismo en la Guerra y en la Revolución**. Oficinas de Propaganda CNT FAI.

LÓPEZ, Mariano Martínez. Los camaradas de Casa Antúnez, explican su actuación durante el movimiento fascioso en dicha barriada. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 19 ago. 1936, p. 13.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360819.pdf>.

Acesso em: 14 abr. 2019.

MAGUID. Reafirmación anarquista. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 26 dez. 1936, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361226%20\(49\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361226%20(49).pdf). Acesso em: 25 mar. 2020.

MARCÓ, Narciso. Hay que controlar los mercados. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 4 mar. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370304.pdf>.

Acesso em: 15 jun. 2020.

MATAS, J. Cid. Federación nacional de la Industria Ferroviaria (carril y carretera). **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 25 out. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361025.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

MINGO. La socialización, base de la nueva Economía. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370123.pdf>.

Acesso em: 3 maio 2020.

MONTSENY, Federica. El problema social y económico de Cataluña. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 13 set. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360913.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

MONTSENY, Federica. Función directora de los Sindicatos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 29 dez. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361229.pdf>.

Acesso em: 3 jul. 2020.

MONTSENY, Federica. Unidad de criterio y coordinación de esfuerzos. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 24 out. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361024.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

NEGRÍN, Juan. **Carta**.

OFICINAS DE PROPAGANDA C.N.T. F.A.I. La pequeña burguesía y la colectivización. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 20 nov. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361120.pdf>.

Acesso em: 4 abr. 2020.

OFICINAS DE PROPAGANDA C.N.T.-F.A.I. ¿Por qué no se establece la tarjeta de racionamiento? **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 22 jan. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370122.pdf>.

Acesso em: 10 jun. 2020.

OFICINAS DE PROPAGANDA C.N.T.-F.A.I. La guerra y la Revolución son inseparables. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 10 jan. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370110.pdf>.

Acesso em: 8 mar. 2020.

OLIVA, Antonio. Emulación y resistencia económica. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 5 set. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360905.pdf>.

Acesso em: 5 abr. 2020.

P.B. Implantación del Comunismo libertario en Gelsa. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 16 ago. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360816.pdf>.

Acesso em: 8 mar. 2020.

PANICELLO, Jose. El capitalista y la revolución. **Tierra y Libertad**. Barcelona, 8 out. 1936, p. 4.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361008%20\(38\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361008%20(38).pdf). Acesso em: 21 fev. 2020.

PEIRÓ, J. El Problema Interno de la C.N.T. **Cultura Libertaria**, Barcelona, 6 nov. 1931, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Prensa%20Trentista/Cultura%20libertaria/00001.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

PEIRÓ, J. Hayamos de las centralizaciones. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 15 out. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361015.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

PEIRÓ, Juan. La generosidad tiene que ser absoluta. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 1 set. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360901.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

PLENO DE LOCALES Y COMARCALES. **Ata da reunião realizada no dia 25 de março de 1937.**

PLENO DE SINDICATOS DE BARCELONA. **Ata da reunião realizada no dia 23 de janeiro de 1937.**

PLENO NACIONAL DE REGIONALES DE LA C.N.T. **Ata da plenária ocorrida nos dias 28 e 29 de setembro de 1936.**

PRUNÉS, Luis. Prohibición absoluta de pedigueñar, hacer suscripciones y festivales en provecho de las Milicias y sin autorización del Comité Central. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 5 set. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360905.pdf>.

Acesso em: 5 abr. 2020.

PUEYO, F.C. Sobre el abuso intolerable en los precios de artículos de primera necesidad. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 10 dez. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361210.pdf>.

Acesso em: 29 mar. 2020.

REUNIÓN – COMITÉ CENTRAL. **Ata da reunião realizada no dia 1 de setembro de 1936.**

REUNIÓN – COMITÉ CENTRAL. **Ata da reunião realizada no dia 17 de setembro de 1936.**

REUNIÓN – COMITÉ CENTRAL. **Ata da reunião realizada no dia 26 de agosto de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no 5 de outubro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 1 de outubro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 10 de novembro de 1936.**

REUNION DE COMITÊS. **Ata da reunião realizada no dia 10 de outubro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 11 de fevereiro de 1937.**

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 11 de janeiro de 1937.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 11 de novembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 12 de febreiro de 1937.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 13 de outubro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 14 de novembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 14 de setembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 16 de janeiro de 1937.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 16 de novembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 16 de outubro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 17 de novembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 18 de decembro de 1936
(manhã).

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 18 de decembro de 1936
(noite).

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 18 de novembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 19 de novembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 2 de decembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 21 de novembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 23 de novembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 23 de outubro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 24 de novembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 25 de novembro de 1936
(manhã).

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 25 de novembro de 1936
(noite).

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 26 de decembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. Ata da reunión realizada no día 26 de novembro de 1936.

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 26 de setembro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 27 de dezembro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 3 de fevereiro de 1937.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 31 de outubro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 4 de dezembro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 6 de novembro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 6 de outubro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 7 de outubro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 9 de janeiro de 1937.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 22 de setembro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 9 de setembro de 1936 (manhã).**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 9 de setembro de 1936 (noite).**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 19 de outubro.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 20 de outubro.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 21 de outubro.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada no dia 30 de outubro de 1936.**

REUNIÓN DE COMITÉS. **Ata da reunião realizada nos dias 4 e 5 de setembro de 1936.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL DE LA C.N.T. **Ata da reunião realizada no dia 26 de abril de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunião realizada no dia 12 de abril de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunião realizada no dia 15 de fevereiro de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunião realizada no dia 16 de fevereiro de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunião realizada no dia 19 de fevereiro de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunião realizada no día 21 de abril de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunión realizada no día 22 de abril de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunión realizada no día 4 de outubro de 1936.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunión realizada no día 15 de abril de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunión realizada no día 19 de abril de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata da reunión realizada no día 2 de abril de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉ REGIONAL. **Ata reunión da realizada no día 6 de abril de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉS. **Ata da reunión realizada no día 12 de janeiro de 1937.**

REUNIÓN DEL COMITÉS. **Ata da reunión realizada no día 13 de janeiro de 1937.**

REUNIÓN DEL PLENO DE LOCALES Y COMARCALES. **Ata da reunión realizada no día 3 de abril de 1937.**

REUNIÓN DEL PLENO DE LOCALES Y COMARCALES. **Ata da reunión realizada no día 4 de febreiro de 1937.**

REUNIÓN DEL PLENO DEL COMITÉ CENTRAL DE CONTROL OBRERO. **Ata da reunión realizada no día 29 de setembro de 1936 (manhã).**

REUNIÓN DEL PLENO DEL COMITÉ CENTRAL DE CONTROL OBRERO. **Ata da reunión realizada no día 29 de setembro de 1936 (noite).**

REUNIÓN DEL PLENO DEL COMITÉ CENTRAL DE CONTROL OBRERO. **Ata da reunión realizada no día 5 de outubro de 1936 (manhã).**

REUNIÓN DEL PLENO DEL COMITÉ CENTRAL DE CONTROL OBRERO. **Ata da reunión realizada no día 5 de outubro de 1936 (noite).**

REUNIÓN DEL PLENO NACIONAL DE REGIONALES. **Ata da reunión realizada no día 15 de setembro de 1936.**

REUNIÓN DEL PLENO NACIONAL DE REGIONALES. **Ata da reunión realizada no día 16 de setembro de 1936.**

REUNIÓN EXTRAORDINARIA DEL COMITÉ REGIONAL DE CATALUÑA. **Ata da reunião realizada no día 1º de maio de 1937.**

REUNIÓN EXTRAORDINARIA DEL COMITÉ REGIONAL DE CATALUÑA. **Ata da reunión realizada no día 3 de maio de 1937.**

REUNIÓN EXTRAORDINARIA. **Ata da reunión realizada no día 4 de maio de 1937.**

REUNIÓN EXTRAORDINARIA. **Ata da reunión realizada no día 5 de maio de 1937.**

REUNIÓN TERCERA DEL PLENO DE LOCALES Y COMARCALES. **Ata da reunión realizada no día 25 de março de 1937.**

RIZO, Alfonso. De Barcelona a Zaragoza. Una asamblea de milicianos. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 8 ago. 1936, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360808.pdf>.

Acesso em: 3 fev. 2020.

ROMÁN, M. Nueva colectividad en Cazorla (Jaén). **Solidaridad Obrera.** Barcelona 18 mar. 1937, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370318.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

ROS, Miguel. Por qué ha sido creado el C.L.U.E.A. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 11 dez. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361211.pdf>.

Acesso em: 17 abr. 2020.

ROSELL. El Consejo Nacional de Economía. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 18 dez. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361218.pdf>.

Acesso em: 28 abr. 2020.

ROSSEL, Cardona M. **Aspectos Económicos de Nuestra Revolución.** Oficinas de Propaganda CNT FAI.

RUDIGER, H. Libertad o dictadura en España. **Boletín de Información.** Barcelona, 5 abr. 1937, p. 4-6.

SAMPÉRIZ, José y Cosme. Con un entusiasmo indescriptible, tiene lugar en Barbastro una asamblea de campesinos y obreros de la fábrica y del taller, acordando la colectivización de lá tierra. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 1 set. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360901.pdf>.

Acesso em: 5 abr. 2020.

SECCIÓN NACIONAL DE COORDINACIÓN. SERVICIO DE INFORMACIÓN. **Informe Político Confidencial**. València, 7 abr. 1937.

SINDICATO ÚNICO DE LA DISTRIBUCIÓN (SECCIÓN ALIMENTACIÓN). Consignas para los dependientes, detallistas y Comités de control y de empresa afectos al ramo de la alimentación. **Boletín de Información**. Barcelona, 7 abr. 1937, p. 6.

SINDICATO UNICO REGIONAL DE LUZ Y FUERZA DE CATALUÑA. A la opinión pública y a los trabajadores de la industria de Gas y Electricidad. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 6 out. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361006.pdf>.

Acesso em: 16 dez. 2019.

SIRVAL, Carlos de. La constitución del Comité Nacional de Defensa es la garantía de la libertad. **Solidaridad Obrera**. Barcelona, 8 out. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361008.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARID OBRERA. **Distribución de la tarjeta de racionamiento familiar**. Barcelona, 31 jan. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370131.pdf>.

Acesso em: 10 abr. 2020.

SOLIDARID OBRERA. **Manifestaciones de mujeres**. Barcelona, 31 jan. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370131.pdf>.

Acesso em: 10 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La Compañía General de Aguas y Gas Lébon. "C.N.T". Proyectos y realizaciones. El agua que se consume en Barcelona, y la que se podría consumir. Palabras finales**. Barcelona, 15 ago. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360815.pdf>.

Acesso em: 15 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¡¡Armas, víveres y hombres, al frente!!** Barcelona, 14 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370314.pdf>.

Acesso em: 2 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¡¡Mas trigo y mejor intención, es lo que hace falta!!**

Barcelona, 27 dez. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361227.pdf>.

Acesso em: 19 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¡Al Pueblo trabajador!** Barcelona, 22 jul. 1936, p. 3.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¡Exigimos movilización general, obligatoria e inmediata!**
Barcelona, 11 fev. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370211.pdf>.

Acesso em: 10 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¡Mando único! ¡Mando único!** Barcelona, 20 nov. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361120.pdf>.

Acesso em: 4 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¡No os dejes arrastrar por maniobras insensatas!** Barcelona, 4 mai. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370504.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¡Por encima de todo, cordialidad y sensatez!** Barcelona, 14 mar. 1937, p. 12 e 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370314.pdf>.

Acesso em: 2 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¿Cuántos afiliados tiene la C.N.T. en Cataluña?** Barcelona, 31 mar. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370331.pdf>.

Acesso em: 5 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¿Hacia la formación del Consejo Nacional de Defensa?**

Barcelona, 30 out. 1936, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361030.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¿Mando único? ¡Si!, pero a base de la formación del Comité Nacional de Milicias Antifascistas.** Barcelona, 28 ago. 1936, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360828.pdf>.

Acesso em: 26 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **¿Por qué en Cataluña no mantienen las dos sindicales relaciones fraternas?** Barcelona, 6 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370406.pdf>.

Acesso em: 29 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. ¿Por qué la Consejería de Agricultura concede mayores atenciones a los arrendadores y pequeños propietarios, que a los obreros conscientes que consliluyen las colectividades? Barcelona, 23 fev. 1937, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370223.pdf>.

Acesso em: 6 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. ¿Por qué no se ha constituído aún el Consejo Nacional de Defensa? Barcelona, 3 out. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361003.pdf>.

Acesso em: 4 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. ¿Que normas sigue la U.G.T. en Cataluña? Barcelona, 28 mar. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370328.pdf>.

Acesso em: 26 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. ¿Qué partido respalda la actitud de los agiotistas? Barcelona, 25 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370325.pdf>.

Acesso em: 30 out. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. ¿Que se pretendia? Sustracción de doce tanques de un almacén de material de guerra. Barcelona, 7 mar. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370307.pdf>.

Acesso em: 1 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. ¿Republica democrática o socialismo? Barcelona, 14 fev. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370214.pdf>.

Acesso em: 7 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. ¿Se constituye o no, el Consejo Nacional de Defensa? Barcelona, 30 set. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360930.pdf>.

Acesso em: 27 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. ¿Se pretende desarmar al pueblo? Barcelona, 26 jul. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360726.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **“C.N.T.”, sigue ocupándose de que dicha organización debe formar par del Gobierno.** Barcelona, 31 out. 1936, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361031.pdf>.

Acesso em: 29 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **“Casualidades” y discursos significativos.** Barcelona, 3 fev. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370203.pdf>.

Acesso em: 26 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **“El anarquismo militante y la realidad española”.** Barcelona, 5 jan. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370105.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **“El anarquismo militante y la realidad española”.** Barcelona, 6 jan. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370106.pdf>

Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **“El anarquismo militante y la realidad española”.** Barcelona, 7 jan. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370107.pdf>

Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **“Esta guerra, es una guerra de clases”, dice nuestra compañera Federica Montseny.** Barcelona, 22 dez. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361222.pdf>.

Acesso em: 14 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **“Los Amigos de Durruti”.** Barcelona. 17 mar. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370317.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **“Los factores economicos de la revolucion española”.**

Barcelona, 16 mar. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370316.pdf>.

Acesso em: 2 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **“Los factores economicos de la revolucion española”.**

Barcelona, 17 mar. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370317.pdf>.

Acesso em: 2 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. “Solidaridad Obrera” por las comarcas catalas: Rubi.

Barcelona, 27 dez. 1936, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361227.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. A la pequeña burguesía. Barcelona, 28 ago. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360828.pdf>.

Acesso em: 26 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. A los Comités locales y a todos los compañeros de Luz e Fuerza de Cataluña. Barcelona, 30 ago. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360830.pdf>.

Acesso em: 16 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. A los trabajadores de Cataluña. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370421.pdf>.

Acesso em: 15 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. A que precio deben pagarse las verduras, los huevos y el pescado. Barcelona, 15 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370415.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. A todas las organizaciones sindicales y políticas, y al pueblo de Cataluña en general. Barcelona, 9 fev. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370209.pdf>.

Acesso em: 10 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. A todos los Sindicatos, Comités de Barriada, Sección y cuantos organimos nos sean afines. Barcelona, 30 jul. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360730.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. A todos los sindicatos, compañeros y grupos. Barcelona, 22 jul. 1936, p. 3.

SOLIDARIDAD OBRERA. A todos los trabajadores de Cataluña. Barcelona, 24 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370424.pdf>.

Acesso em: 14 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Abstencionismo. Contra toda política. Barcelona, 7 fev. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360207.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Actitudes incomprensibles. Barcelona, 21 mar. 1937, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370321.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Acuerdo de las dos centrales sindicales C.N.T y U.G.T. para la colectivización general de la industria de la construcción general de la construcción em Barcelona. Barcelona, 14 jan. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370114.pdf>.

Acesso em: 8 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Al margen de un Comicio. Barcelona, 26 jan. 1937, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370126.pdf>.

Acesso em: 24 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Al proletariado y a los técnicos de Barcelona y Cataluña. Una sola consigna en estos momentos decisivos: acción y acción hasta aplastar los últimos focos de la rebelión fascista. Barcelona, 23 jul. 1936, p. 4.

SOLIDARIDAD OBRERA. Al Pueblo Español. Barcelona, 15 abr. 1931, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19310000/19310415.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Ante el primero de Mayo. Barcelona, 30 abr. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370430.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Antes de militarizarse, la Columna de Hierro expresa, con donaciones, la espiritualidad de sus ideas anarquistas. Barcelona, 23 mar. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370323.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Asamblea de vecinos de la barriada (Penitents-Taxonera-S. Genís). Barcelona, 18 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370418.pdf>.

Acesso em: 3 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Aviso importante. Comité Revolucionario del Barrio de la Salud. Barcelona, 27 jul. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360727.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Ayer se desarrollaron en Barcelona graves sucesos.

Barcelona, 5 mai. 1937, p. 1, 2 e 5.

SOLIDARIDAD OBRERA. Ayer se ganó la guerra y triunfó la Revolución. Barcelona, 4 nov. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361104.pdf>.

Acesso em: 25 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Bando del Comité de las Milicias Antifascistas de Cataluña. Barcelona, 22 jul. 1936, p. 3.

SOLIDARIDAD OBRERA. Barcelona carecía de pan, mientras la harina se hallaba almacenada. Barcelona, 23 fev. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370223.pdf>.

Acesso em: 6 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Cada cosa en su lugar. Comorera no es la U.G.T. Barcelona, 2 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370402.pdf>.

Acesso em: 5 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Casos que en manera alguna deben repetirse. Barcelona, 26 jul. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360726.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Cincuenta y ocho obreros de la fabrica Krupp han sido encarcelados por haber en la colectas a favor de sus hermanos de España. Barcelona, 18 mar. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370318.pdf>.

Acesso em: 12 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Comité Central de Abastos. Barcelona, 1 out. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361001.pdf>.

Acesso em: 4 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Comité de defensa barriada centro**. Barcelona, 17 abr. 1937, p. 11.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370417.pdf>.

Acesso em: 29 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Comité Revolucionario de La Garrida**. Barcelona, 29 ago. 1936, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360829.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Comité Revolucionario de Sans**. Barcelona, 6 ago. 1936, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360806.pdf>.

Acesso em: 28 jan. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Cómo está organizado el abastecimiento de la barriada de la Torrassa**. Barcelona, 31 jul. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360731.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Como funciona la Telefonica**. Barcelona, 7 ago. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360807.pdf>.

Acesso em: 3 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Como informa un Corresponsal de la prensa soviética a los trabajadores rusos**. Barcelona, 31 mar. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370331.pdf>.

Acesso em: 5 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Cómo se efectuó la incautación del Metro Transversal – La situación financiera – Proyectos y realizaciones – La gran aventura**. Barcelona, 6 ago. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360806.pdf>.

Acesso em: 16 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Como se pueden perder la guerra y la revolución**. Barcelona, 29 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370429.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Con el fascismo muere también el capitalismo.** Barcelona, 13 set. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360913.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Con la Barcelona revolucionaria. La incautación de la Compañía de M.Z.A. = Cómo viven y trabajan los obreros de la misma. La situación de la "Red Catalana". El estado financiero y los grandes sueldos.** Barcelona, 11 ago. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360811.pdf>.

Acesso em: 16 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Con los campesinos de Hospitalet.** Barcelona, 13 mai. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370513.pdf>.

Acesso em: 15 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Con un lleno desbordante se celebró anoche en el Olímpia el mitin organizado por el Comité Regional de la C.N.T.** Barcelona, 8 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370408.pdf>.

Acesso em: 28 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Conferencia de Juan P. Fábregas, miembro del Consejo de Economía de Cataluña, radiada el día 15 de septiembre de 1936.** Barcelona, 18 set. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360918.pdf>.

Acesso em: 25 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Conferencia de Juan Peiro en Valencia. Es imprescindible el mando único para ganar pronto la guerra.** Barcelona, 29 nov. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361129.pdf>.

Acesso em: 1 out. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Conferencia del camarada Juan López.** Barcelona, 27 nov. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361127.pdf>.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Conferencia pronunciada desde el micrófono C.N.T.-F.A.I. por el compañero J. P. Fábregas el día 5 de septiembre sobre el tema: "El nuevo orden económico".** Barcelona, 12 set. 1936, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360912.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Conferencia pronunciada desde el micrófono de Radio C.N.T. y retransmitida a toda España, por el compañero Juan P. Fábregas representante de la Confederación Nacional del Trabajo en el Consejo de Economía de Cataluña. Barcelona, 29 set. 1936, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360929.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Conferencia pronunciada por el camarada Juan Peiró, el viernes 23 del presente ante el micrófono de E.C.N. 1 Radio C.N.T – F.A.I. Barcelona, 28 out. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361028.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Conferencia pronunciada por radio el día 2 de octubre de 1936, por el compañero Juan P. Fabregas consejero de Economía. Barcelona, 6 out. 1936, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361006.pdf>.

Acesso em: 4 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Congreso de Trabajadores de la Tierra (U.G.T.). Barcelona, 26 jan. 1937, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370126.pdf>.

Acesso em: 24 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Congreso Regional de Sindicatos de la C.N.T. Barcelona, 27 fev. 1937, p. 4 e p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370227.pdf>.

Acesso em: 5 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Congreso Regional de Sindicatos de la C.N.T. Barcelona, 28 fev. 1937, p. 4 e p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370228.pdf>.

Acesso em: 5 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Congreso Regional de Sindicatos de la C.N.T. Barcelona, 2 mar. 1937, p. 2 e p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370302.pdf>.

Acesso em: 5 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Congreso Regional de Sindicatos de la C.N.T. Barcelona, 3 mar. 1937, p. 2 e p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370303.pdf>.

Acesso em: 5 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Consejería de Abastos de la Generalidad de Cataluña.

Barcelona, 8 out. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361008.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Consejos de Obreros y Soldados. Pidiendo claridad.

Barcelona, 11 dez. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361211.pdf>.

Acesso em: 7 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Consigna del Comité Central de Abastos. Barcelona, 6 out. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361006.pdf>.

Acesso em: 25 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Consignas del Comité Central de Abastos. Barcelona, 4 ago. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360804.pdf>.

Acesso em: 28 jan. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Consignas del Comité Central de Abastos. Barcelona, 6 ago. 1936, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360806.pdf>.

Acesso em: 28 jan. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Consignas del comité de abastos. Barcelona, 11 ago. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360811.pdf>.

Acesso em: 3 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Consignas del Comité de Abastos. Barcelona, 25 jul. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360725.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Consignas del Comité de Abastos. Barcelona, 4 out. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361004.pdf>

Acesso em 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Consignas del Comité de Abastos.** Barcelona, 7 ago. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360807.pdf>.

Acesso em: 28 jan. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Continúan esquilmando al pueblo los mercaderes sin conciencia.** Barcelona, 31 mar. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370331.pdf>.

Acesso em: 5 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Contiúa el escándalo en los precios de las subsistencias.** Barcelona, 30 mar. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370330.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Contra el precio abusivo de las subsistencias. El problema del pescado y su solución.** Barcelona, 5 dez. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361205.pdf>.

Acesso em: 14 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Contra toda dictadura.** Barcelona, 28 ago. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360828.pdf>.

Acesso em: 26 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Criminal agresión al hospital clínico.** Barcelona, 22 jul. 1936, p. 1.

SOLIDARIDAD OBRERA. **De día en día los mercaderes se superan en el latrocinio.** Barcelona, 3 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370403.pdf>.

Acesso em: 5 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **De importancia para toda la organización, muy particularmente para los pueblos de Cataluña.** Barcelona, 28 ago. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360828.pdf>.

Acesso em: 14 ju. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Declaraciones de Largo Caballero al periódico derechista "Le Temps".** Barcelona, 12 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370312.pdf>.

Acesso em: 2 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Del Consejo de la Generalidad.** Barcelona, 14 out. 1936, p. 2.
Disponível em:
<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361014.pdf>.
Acesso em: 28 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Disciplina severa, hija de la Revolución.** Barcelona, 2 dez. 1936, p. 12.
Disponível em:
<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361202.pdf>.
Acesso em: 11 jun. 1936.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Disolución de la Junta de Defensa de Madrid.** Barcelona, 24 abr. 1937, p. 6.
Disponível em:
<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370424.pdf>.
Acesso em: 14 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Documento del Comité Nacional de la C.N.T.** Barcelona, 13 mar. 1937, p. 6.
Disponível em:
<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370313.pdf>.
Acesso em: 24 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Dolores Ibarruri ataca la formación de un gobierno de tipo sindical, porque seria la negación de los postulados socialistas.** Barcelona, 12 mar. 1937, p. 4.
Disponível em:
<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370312.pdf>.
Acesso em: 2 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Durruti habla ante el micrófono.** Barcelona, 6 nov. 1936, p. 12.
Disponível em:
<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361106.pdf>.
Acesso em: 15 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Durruti, en Madrid.** Barcelona, 8 out. 1936, p. 1.
Disponível em:
<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361008.pdf>.
Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Economía de guerra.** Barcelona, 22 jan. 1937, p. 5.
Disponível em:
<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370122.pdf>.
Acesso em: 10 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial.** Barcelona, 15 nov. 1936, p. 1.
Disponível em:
<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361115.pdf>.
Acesso em: 3 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial.** Barcelona, 29 nov. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361129.pdf>.

Acesso em: 9 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. Congreso de Sindicatos de la Madera en Cataluña.** Barcelona, 30 dez. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361230.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. Contra los incontrolados e irresponsables, enemigos de la Revolución.** Barcelona, 27 dez. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361227.pdf>.

Acesso em: 19 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. El Congreso de Sindicatos, manifestación revolucionaria transcendental.** Barcelona, 26 fev. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370226.pdf>.

Acesso em: 5 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. El escandaloso aumento de las subsistencias.** Barcelona, 3 dez. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361203.pdf>.

Acesso em: 2 mar. 1936.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. Hoy comienzan las tareas del Congreso Regional de Sindicatos.** Barcelona, 25 fev. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370225.pdf>.

Acesso em: 13 dez. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. La contrarrevolución y la C.N.T.** Barcelona, 4 mai. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370504.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. La crisis, resuelta.** Barcelona, 2 abr. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370402.pdf>.

Acesso em: 5 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Editorial. La disciplina, instrumento de la victoria.** Barcelona, 23 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370323.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Editorial. La revolución y la guerra exigen una alianza inmediata entre C.N.T. y U.G.T. Barcelona, 10 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370310.pdf>.

Acesso em: 28 nov. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Editorial. La unidad del proletariado es indispensable para el triunfo da Revolución. Barcelona, 11 dez. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361211.pdf>.

Acesso em: 7 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Editorial. Los enemigos de la unidad. Barcelona, 19 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370319.pdf>.

Acesso em: 7 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Editorial. Maniobras contra la unidad de los trabajadores. Barcelona, 11 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370311.pdf>.

Acesso em: 28 nov. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Editorial. Nuestra revolución ha de ser española. Barcelona, 24 jan. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370124.pdf>.

Acesso em: 19 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Editorial. Vicios de la sociedad burguesa en la Revolución. Barcelona, 4 dez. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361204.pdf>.

Acesso em: 9 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Ejército popular, si; Pero de carácter revolucionario. Barcelona, 2 mar. 1937, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370302.pdf>.

Acesso em: 5 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El abastecimiento de carne en Barcelona. Barcelona, 16 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370416.pdf>.

Acesso em: 14 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El Ayuntamiento impondrá multas a los que eleven indebidamente el precio de las subsistencias. Barcelona, 18 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370418.pdf>.

Acesso em: 3 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El Comité Central de control obrero de Gas y Electricidad sale al paso de una información tendenciosa. Barcelona, 18 set. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360918.pdf>.

Acesso em: 16 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. El Comité Peninsular de la Federación Anarquista Ibérica se dirige al pueblo. Barcelona, 26 jul. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360726.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El compañero Doménech, ex Consejero de Abastos, contesta a la nota de Juan Comorera. Barcelona, 23 dez. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361223.pdf>.

Acesso em: 27 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El compañero Fábregas hace interesantes declaraciones sobre el Decreto de colectivización de las industrias. Barcelona, 28 de out. 1936, p. 13.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361028.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El compañero Maroto, en libertad. Barcelona, 4 mai. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370504.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. El consejero de Economía, compañero Fábregas, expresa la impresión de su viaje a las comarcas de Tarragona y Tortosa. Barcelona, 14 out. 1936, p. 11.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361014.pdf>.

Acesso em: 28 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El control obrero en las industrias eléctricas y gas e industrias incautadas. Proyectos y realizaciones. El estado actual de la producción eléctrica. Posibilidades en lo porvenir. Barcelona, 13 ago. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360813.pdf>.

Acesso em: 15 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. El cuerpo único de seguridad no puede carecer de idealidad revolucionaria. Barcelona, 4 mar. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370304.pdf>.

Acesso em: 18 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El Ejército y el Cuerpo de Seguridad tienen que reflejar las aspiraciones del Pueblo. Barcelona, 7 mar. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370307.pdf>.

Acesso em: 1 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El encarecimiento de las subsistencias en las comarcas.

Barcelona, 25 abr. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370425.pdf>.

Acesso em: 20 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. El espíritu de solidaridad de la Barcelona revolucionaria.

Barcelona, 25 jul. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360725.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El espíritu revolucionario, en el cuerpo único de seguridad.

Barcelona, 5 de mar. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370305.pdf>.

Acesso em: 1 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El exagerado precio de las subsistencias. El precio elevado del pescado – Sus causas La falsa distribución – Sus remedios. Barcelona, 4 dez. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361204.pdf>.

Acesso em: 19 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El festival de ayer por la mañana en la plaza de Cataluña.

Barcelona, 1 set. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360901.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El G.E.P.C.I y los trabajadores. Barcelona, 3 abr. 1937, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370403.pdf>.

Acesso em: 30 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El G.E.P.C.I. y nosotros**. Barcelona, 28 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370428.pdf>.

Acesso em: 20 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El Gobierno de la Generalidad se ha reunido nuevamente. Todas las armas largas de la retaguardia serán recogidas**. Barcelona, 14 mar. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370314.pdf>.

Acesso em: 2 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El grandioso mitin del sábado en Olympia**. Barcelona, 22 set. 1936, p. 1-3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360922.pdf>.

Acesso em: 24 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El magno pleno regional de campesinos**. Barcelona, 8 set. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360908.pdf>.

Acesso em: 5 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El magno pleno regional de campesinos**. Barcelona, 9 set. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360909.pdf>.

Acesso em: 5 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El Ministro de Justicia, Camarada García Oliver hace importantes declaraciones a un periodista francés**. Barcelona, 11 fev. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370211.pdf>.

Acesso em: 10 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El Mitin en Olympia**. Barcelona, 11 ago. 1936, p. 4-5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360811.pdf>.

Acesso em: 3 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El municipio libre y libertario**. Barcelona, 25 out. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361025.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El Nuevo Consejo de la Generalidad**. Barcelona, 29 set. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360929.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El nuevo gobierno**. Barcelona, 5 nov. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361105.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El Pleno de las colectividades de Aragón**. Barcelona, 28 abr. 1937, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370428.pdf>.

Acesso em: 20 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El precio de las subsistencias**. Barcelona, 27 mar. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370327.pdf>.

Acesso em: 26 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El Presidente Companys, em uma nota, ratifica su propósito de conseguir la transformación social anhelada por el pueblo**. Barcelona, 28 mar. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370328.pdf>.

Acesso em: 26 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El presidente del Consejo de Defensa de Aragón, compañero Ascaso, visita a Largo Caballero**. Barcelona, 2 nov. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361102.pdf>.

Acesso em: 13 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El primer Consejero de la Generalidad plantea la crisis del Gobierno**. Barcelona, 13 dez. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361213.pdf>.

Acesso em: 9 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El Primero de Mayo de 1937, ha de ser el día de los trabajadores, puntal de la nova era**. Barcelona, 24 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370424.pdf>.

Acesso em: 14 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **El problema de las subsistencias. Impresiones de la calle sobre la carestía de vida**. Barcelona, 11 dez. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361211.pdf>.
Acesso em: 7 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El problema del abastecimiento en la retaguardia. Barcelona, 24 mar. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370324.pdf>.
Acesso em: 30 out. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El problema del pan. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370421.pdf>.
Acesso em: 14 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. El proletariado catalán queda unido en la acción y en la responsabilidad 200.000 trabajadores ratificaro con su presencia este pacto histórico. Barcelona, 27 out. 1936, p. 1-4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361027.pdf>.
Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El proletariado español no se bate por la republica democrática. Barcelona, 9 fev. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370209.pdf>.
Acesso em: 27 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El proximo sabado, comenzara el control. Barcelona, 11 mar. 1937, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370311.pdf>.
Acesso em: 28 nov. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El pueblo exige cordialidad entre las fuerzas antifascistas. Barcelona, 4 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370304.pdf>.
Acesso em: 1 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El sentido popular de la justicia. Barcelona, 16 out. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361016.pdf>.
Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El Sindicato de la Alimentación organismo básico de la guerra. Barcelona, 16 jan. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370116.pdf>.
Acesso em: 12 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El Sindicato de la Alimentación organismo básico de la guerra. Barcelona, 17 jan. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370117.pdf>.

Acesso em: 12 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. El Sindicato Único del Ramo de Transporte acuerda en magna asamblea la socialización de la industria. Barcelona, 19 jan. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370119.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. En Castellar del Vallés se ha fusionado la C.N.T con la U.G.T. Barcelona, 6 abr. 1937, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370406.pdf>.

Acesso em: 29 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. En Castellón se ha dado un breve plazo para la entrega de armas. Barcelona, 27 abr. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370427.pdf>.

Acesso em: 20 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. En defensa de la disciplina en la lucha. Barcelona, 24 set. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360924.pdf>.

Acesso em: 24 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. En la hora grave que se atraviesa, se impone que cada cual se atenga exclusivamente a las consignas generales de este comité. Barcelona, 21 jul. 1936, p. 1.

SOLIDARIDAD OBRERA. En las barriadas van organizándose los servicios. Barcelona, 27 jul. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360727.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. En una reunión de la C.N.T. y de la U.G.T., de Aragón, se ha tomado el revolucionario acuerdo de la fusión de ambas sindicales. Barcelona, 27 fev. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370227.pdf>.

Acesso em: 17 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. En Valencia no se vive la guerra. Barcelona, 2 mar. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370302.pdf>.

Acesso em: 5 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Federica Montseny habla en Madrid ante el micrófono de Unión Radio. Barcelona, 2 set. 1936, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360902.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Frente único de guerra con mando único militar. Barcelona, 22 nov. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361122.pdf>.

Acesso em: 8 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Ganar la guerra, que es el objetivo inmediato de todos los antifascistas. Barcelona, 18 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370318.pdf>.

Acesso em: 7 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Gran mitin de concentración regional, en el Olympia.

Barcelona, 23 fev. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370223.pdf>.

Acesso em: 23 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Grupos de mujeres recorren las calles en son de protesta contra el precio escandaloso de las subsistencias. Barcelona, 15 abr. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370415.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Ha quedado constituido el Consejo Regional de Defensa de Aragón. Barcelona, 17 out. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361017.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Ha quedado resuelta la crisis de la Generalidad. Barcelona, 2 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370402.pdf>.

Acesso em: 5 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Hacia la formación del nuevo Gobierno de Cataluña.

Barcelona, 26 set. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360926.pdf>.
Acesso em: 26 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Hacia un control eficaz de la vida social de los pueblos.

Barcelona, 14 out. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361014.pdf>.
Acesso em: 28 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Han dado principio las tareas del Congreso Regional de Sindicatos de la C.N.T. Barcelona, 26 fev. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370226.pdf>.
Acesso em: 5 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Hay que actuar con presteza y decisión. Barcelona, 1 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370401.pdf>.
Acesso em: 5 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Hay que cumplir los acuerdos de la Organización. Barcelona, 13 fev. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370213.pdf>.
Acesso em: 3 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Hay que terminar con el abuso en el precio de las subsistencias. Barcelona, 18 set. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360918.pdf>.
Acesso em: 25 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Hermoso gesto de los obreros de Burdeos. Se niegan a descargar en ese puerto las patatas destinadas a Bilbao. Barcelona, 24 abr. 1937, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370424.pdf>.
Acesso em: 12 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Hoy más que nunca es necesaria la cohesión de todo el proletariado. Barcelona, 10 out. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361010.pdf>.
Acesso em: 2 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Importantes declaraciones del presidente de Cataluña y un comentario de Solidaridad Obrera. Barcelona, 9 dez. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361209.pdf>.

Acesso em: 29 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Incautación de víveres por las Patrullas de Control.

Barcelona, 7 fev. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370207.pdf>.

Acesso em: 26 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Incautación de víveres. Barcelona. 17 mar. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370317.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Instituciones Revolucionarias. Barcelona, 11 ago.1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360811.pdf>.

Acesso em: 3 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Interés colectivo e interés individual. Barcelona, 17 nov. 1936, p.10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361117.pdf>.

SOLIDARIDAD OBRERA. Interesante conferencia del compañero García Oliver, sobre el tema: “Nuevas orientaciones de la justicia”. Barcelona, 1 jan. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370101.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Interesantes declaraciones de nuestro camarada Diego A. de Santillán, relacionadas con el momento actual y expuesta en interviú celebrada con un redactor de u semanario barcelonés. Barcelona, 27 ago. 1936, p. 11.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360827.pdf>.

Acesso em: 16 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Interesantes manifestaciones del Presidente Companys. “La palabra lealtad no puede ser una palabra solamente, sino que ha de ser demostrada con actos”. Barcelona, 6 nov. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361106.pdf>.

Acesso em: 15 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Intereses de partido contra la unidad obrera. Barcelona, 16 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370416.pdf>.

Acesso em: 14 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Intervención de la C.N.T. en la dirección del país y en la defensa de Madrid.** Barcelona, 17 nov. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361117.pdf>.

Acesso em: 7 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Interviú con el camarada Ausejo, Director General de Abastos.** Barcelona, 13 dez. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361213.pdf>.

Acesso em: 3 nov. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La actitud de la organización obrera ante la llamada a fila de los reemplazos – Milicias populares, si; soldados acuartelados y uniformados, no.**

Barcelona, 5 ago. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360805.pdf>.

Acesso em: 28 jan. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La batalla del huevo.** Barcelona, 4 mar. 1937, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370304.pdf>.

Acesso em: 15 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La burguesia no puede sindicarse.** Barcelona, 19 dez. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361219.pdf>.

Acesso em: 28 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La burocracia y la revolución.** Barcelona, 2 mar. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370302.pdf>.

Acesso em: 5 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La burocracia y los trabajadores.** Barcelona, 23. jan. 1937, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370123.pdf>.

Acesso em: 18 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La C.N.T. al pueblo de Cataluña.** Barcelona, 8 mai. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370508.pdf>.

Acesso em: 18 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La C.N.T. en el gobierno revolucionario de defensa.**

Barcelona, 3 dez. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361203.pdf>.

Acesso em: 2 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La C.N.T. en la guerra, en la política y en la economía.

Barcelona, 23 set. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360923.pdf>.

Acesso em: 24 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La C.N.T. y el problema de abastecimientos. Barcelona, 27 dez. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361227.pdf>.

Acesso em: 13 nov. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La C.N.T. y la F.A.I. desautorizan una octavilla de la entidad “Los Amigos de Durruti”. Barcelona, 6 mai. 1937, p. 2.

SOLIDARIDAD OBRERA. La C.N.T. y la U.G.T. celebrarán actos conjuntos el 1º de Mayo. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370421.pdf>.

Acesso em: 15 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La C.N.T. y la U.G.T., ordenan la vuelta al trabajo.

Barcelona, 6 mai. 1937, p. 4.

SOLIDARIDAD OBRERA. La C.N.T., el Gobierno y el Estado. Barcelona, 4 nov. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361104.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La Campaña Pro hospitales de Sangre quedó clausurada con un grandioso mitin celebrado en la Monumental. Barcelona, 13 abr. 1937, p. 2 e 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370413.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La carestía del pescado. Sus causas y la única solución posible para su abaratamiento. Barcelona, 18 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370418.pdf>.

Acesso em: 30 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La crisis de la Generalidad. Barcelona, 4 abr. 1937, p. 1 e 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370404.pdf>.

Acesso em: 17 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La emocionante partida de las milicias antifascistas.

Barcelona, 25 jul. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360725.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La entrada de la C.N.T. en el Gobierno del Pueblo.

Barcelona, 29 out. 1936, p. 11.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361029.pdf>.

Acesso em: 29 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La Federación de Sindicatos Únicos de Barcelona se dirige a todos los Sindicatos, Comités de Barriada, Sección, defensa y Comités Revolucionários.

Barcelona, 13 ago. 1936, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360813.pdf>.

Acesso em: 8 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La Garantía. Barcelona, 2 mai. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370502.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. La guerra y la Revolución tienen sus derechos. Barcelona, 24 mar. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370324.pdf>.

Acesso em: 30 out. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La hora de la socialización. Barcelona, 24 dez. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361224.pdf>.

Acesso em: 27 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La hora de la verdad. Barcelona, 4 abr. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370404.pdf>.

Acesso em: 5 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La importancia del decreto de creación del Consejo de Economía. Barcelona, 16 ago. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360816.pdf>.

Acesso em: 8 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La indisciplina y el exceso de discusión, nos llevarían al fracaso. Barcelona, 20 nov. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361120.pdf>.
Acesso em: 4 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La intervención de la C.N.T. en la dirección de la guerra.

Barcelona, 29 out. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361029.pdf>.
Acesso em: 29 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La labor constructiva y moralista en los tranvías de

Barcelona, incautados por lostrabajadores. Barcelona, 1 set. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360901.pdf>.
Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La labor del Consejo de Economía. Barcelona, 20 ago. 1936,
p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360820.pdf>.
Acesso em: 8 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La lucha contra el fascismo ha de ser redoblada, apoyándose en un organo nacional: El Consejo Nacional de Defensa. Barcelona, 1 out. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361001.pdf>.
Acesso em: 4 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La manía de discutir y la Revolución. Barcelona, 12 fev. 1937,
p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370212.pdf>.
Acesso em: 17 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La militarización de las milicias proletarias. Barcelona, 13
fev. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370213.pdf>.
Acesso em: 3 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La militarizacion de las milicias. Resurrección del Viejo
Exercito, no. Barcelona, 31 out. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361031.pdf>.
Acesso em: 29 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La misión del gobierno de Madrid. Barcelona, 4 nov. 1936, p.
1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361104.pdf>.

Acesso em: 26 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La nota del presidente Companys reunuyendo al homenaje con motivo de la conmemoración de 14 de abril. Barcelona, 13 abr. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370413.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La nueva justicia proletaria. Barcelona, 13 mar. 1937, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370313.pdf>.

Acesso em: 24 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La pequeña burguesía no ha de asustarse. Su misión social e histórica se halla junto al proletariado. Barcelona, 8 ago. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360808.pdf>.

Acesso em: 3 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La pequeña burguesía y el proletariado. Barcelona, 7 abr. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370407.pdf>.

Acesso em: 17 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La pequeña burguesía y la colectivización. Barcelona, 8 out. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361008.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La pequeña burguesía y la Revolución. Barcelona, 3 set. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360903.pdf>.

Acesso em: 5 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La pequeña burguesía y la socialización de la industria. Barcelona, 4 fev. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370204.pdf>.

Acesso em: 25 nov. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. La pequeña burguesía. Barcelona, 7 fev. 1937, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370207.pdf>.

Acesso em: 27 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La política de la C.N.T.** Barcelona, 30 set. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360930.pdf>.

Acesso em: 26 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La primera sesión del Consejo de la Generalidad.** Barcelona, 30 set. 1936, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360930.pdf>.

Acesso em: 27 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La regularización del comercio exterior de Cataluña.**

Barcelona, 8 nov. 1936, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361108.pdf>.

Acesso em: 28 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La revolución no esta emboscada en el poder; esta en la calle.**

Barcelona, 18 dez. 1935, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19350000/19351218.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La revolución y la guerra son inseparables.** Barcelona, 8 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370408.pdf>.

Acesso em: 28 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La Sección quinta de Patrullas de Control es incauto de 3000 kilos de víveres que repartió entre los vecinos de la barriada de Sans.** Barcelona, 19 jan. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370119.pdf>.

Acesso em: 10 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La solución del problema político y el nuevo periodo iniciado.** Barcelona, 17 abr. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370417.pdf>.

Acesso em: 29 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La tarjeta de abastecimiento familiar será obligatoria en toda España.** Barcelona, 9 mar. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370309.pdf>.

Acesso em: 29 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La tarjeta de racionamiento del pan empezara a aplicarse desde mañana, lunes.** Barcelona, 21 mar. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370321.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La tarjeta de racionamiento**. Barcelona, 31 dez. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361231.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La U.G.T. prosigue en Cataluña su acusado declive hacia el reformismo**. Barcelona, 30 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370330.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La unión de los trabajadores es la base del triunfo**. Barcelona, 22 set. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360922.pdf>.

Acesso em: 24 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **La venta de comestibles sigue constituyendo una especulación vergonzosa**. Barcelona, 14 mar. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370314.pdf>.

Acesso em: 2 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Las fuerzas armadas trataron de apoderarse, ayer tarde, del edificio de la telefónica**. Barcelona, 4 mai. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370504.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Las Juntas Regionales y Nacional de Defensa Revolucionaria**. Barcelona, 13 set. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360913.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Las manifestaciones de ayer y la política de siempre**.

Barcelona, 15 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370415.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Las organizaciones proletarias y la pequeña burguesía, base del Consejo de la Generalidad**. Barcelona, 17 dez. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361217.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Las Patrullas de Control y los acaparadores.** Barcelona, 21 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370421.pdf>.

Acesso em: 14 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Lista del nuevo Consejo de la Generalidad de Cataluña.**

Barcelona, 27 set. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360927.pdf>.

Acesso em: 26 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Los abusos de distinta índole, que se cometen con cierta frecuencia, han de ser atajados sin pérdida de tiempo.** Barcelona, 10 out. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361010.pdf>.

Acesso em: 24 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Los compañeros Cortéz, Ortiz y Joaquín Ascaso, así como los otros oradores, proclamaron una vez más la ineludible necesidad de vencer en la guerra y en la Revolución.** Barcelona, 6 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370406.pdf>.

Acesso em: 29 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Los enterradores de comestibles.** Barcelona, 15 jan. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370115.pdf>.

Acesso em: 11 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Los especuladores de la retaguardia.** Barcelona, 21 mar. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370321.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Los grandes comicios del proletariado confederal.** Barcelona, 25 set. 1936, p. 1-3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360925.pdf>.

Acesso em: 26 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Los lamentables sucesos de Olesa de Montserrat.** Barcelona, 7 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370407.pdf>.

Acesso em: 17 ago. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Los obreros camiseros de la U.G.T. y de la C.N.T. acuerdan ir a la socialización inmediata de la industria. Barcelona, 23 abr. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370423.pdf>.

Acesso em: 14 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Los obreros de Luz y Fuerza se incautan de la industria de agua, gas y electricidad de Cataluña. Barcelona, 29 ago. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360829.pdf>.

Acesso em: 15 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Los órganos representativos han de responder a la fisonomía callejera. Barcelona, 16 set. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360916.pdf>.

Acesso em: 18 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Los patronos “Fregoli”. Barcelona, 25 abr. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370425.pdf>.

Acesso em: 20 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Los pequeño-burgueses no deben alarmarse. Barcelona, 29 ago. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360829.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Los provocadores de la retaguardia. Barcelona, 27 abr. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370427.pdf>.

Acesso em: 20 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Los Sindicatos, en la dirección de la cosa pública. Barcelona, 30 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370330.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Mando único y movilización general. Barcelona, 3 out. 1936, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361003.pdf>.

Acesso em: 4 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Manifiesto del nuevo Consejo de la Generalidad. Es necesario que los trabajadores cooperen a la obra de los camaradas que ocupan los puestos de responsabilidad. Barcelona, 30 set. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360930.pdf>.
Acesso em: 26 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Mariano Vázquez, secretario del Comité Nacional de la C.N.T. Barcelona, 5 mai. 1937, p. 5.

SOLIDARIDAD OBRERA. Mas sobre el asunto del pan. Barcelona, 14 jan. 1937, p. 10.
Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370114.pdf>.
Acesso em: 30 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Milicianos. Barcelona, 24 jul. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360724.pdf>.
Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Militarización y mando único, bajo el control de las organizaciones proletárias. Barcelona, 16 fev. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370216.pdf>.
Acesso em: 7 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Mitin de las Juventudes Libertarias en Olympia. Barcelona, 15 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370415.pdf>.
Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Modalidades de la guerra civil revolucionaria. Barcelona, 3 fev. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370203.pdf>.
Acesso em: 26 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Nadie nos arrebatará las armas; antes moriremos com ellas em las manos. Barcelona, 22 jul. 1936, p. 2.

SOLIDARIDAD OBRERA. No se puede desarmar al proletariado. Barcelona, 18 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370418.pdf>.
Acesso em: 3 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Nuestra compañera Federica Montseny ha pronunciado em Valencia una conferencia, desarrollando el tema: “Los problemas de la Revolución española”. Barcelona, 1 dez. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361201.pdf>.
Acesso em: 7 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Nuestro esfuerzo mayúsculo ha de polarizarse en el frente. Las armas han de estar en las líneas de fuego. Barcelona, 25 ago. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360825.pdf>.

Acesso em: 23 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Nueva incautación de comestibles. Barcelona, 20 jan. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370120.pdf>.

Acesso em: 10 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. O el pueblo acaba con la especulación, o la especulación acaba con el pueblo. Barcelona, 25 mar. 1937, p. 5.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370325.pdf>.

Acesso em: 30 out. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Obra constructiva de la Consejería de Abastecimientos. Barcelona, 28 nov. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361128.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Obra constructiva del proletariado. Los trabajadores confederados de huevería. Barcelona, 3 dez. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361203.pdf>.

Acesso em: 28 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Oponerse a la socialización de la industria, es forjar el fracaso de la economía revolucionaria. Barcelona, 30 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370430.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Orden del Comite de las Milicias Antifascistas. Todo aquel que cometa un acto vandálico sufrirá el peso máximo de la ley marcial. Barcelona, 2 ago. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360802.pdf> 2.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Otro brillante servicio prestado por las Patrullas de Control. Barcelona, 12 jan. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370112.pdf>.

Acesso em: 7 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Otros buenos servicios de los grupos de Investigación y de Patrullas de Control. Barcelona, 21 jan. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370121.pdf>.

Acesso em: 10 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Pacto acordado por las organizaciones firmantes, sobre el que ha de basarse una acción de conjunto inmediata. Barcelona, 23 out. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361023.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Palabras de Dionisio Eroles, jefe de los servicios de orden público, sobre a última pirueta fascista en Cataluña. Barcelona, 1 nov. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361101.pdf>.

Acesso em: 2 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Para el consejero de abastos Juan Comorera. Barcelona, 26 fev. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370226.pdf>.

Acesso em: 9 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Pleno Regional de Sindicatos de Cataluña. Barcelona, 27 out. 1936, p. 13.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361027.pdf>.

Acesso em: 21 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Por encima de todo, la revolución. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370123.pdf>.

Acesso em: 19 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Por pésimo camino. Barcelona, 29 abr. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370429.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Por un cuerpo unico de seguridad. Barcelona, 11 fev. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370211.pdf>.

Acesso em: 10 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Por un decreto del consejero de Justicia, han sido disueltos los Tribunales Populares de Cataluña. Barcelona, 30 abr. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370430.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Por una orden del ministro do Comercio se prohíben las incautaciones de artículos alimentícios. Barcelona, 17 fev. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370217.pdf>.

Acesso em: 27 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Primera Jornada de la Nueva Economía. Barcelona, 8 dez. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361208.pdf>.

Acesso em: 6 ju. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Pro austeridad de la retaguardia. Barcelona, 21 abr. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370421.pdf>.

Acesso em: 14 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Provocador encarecimiento de las subsistencias. Barcelona, 17 set. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360917.pdf>.

Acesso em: 25 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Reorganización de los transportes urbanos (Sección Tranvías). Barcelona, 19 ago. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360819.pdf>.

Acesso em: 27 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Réplica a la Consejería de Abastos. Barcelona, 26 fev. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370226.pdf>.

Acesso em: 9 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Resoluciones del Congreso Internacional Socialista. El pueblo español se halla comprometido en una guerra de liberación nacional. Barcelona, 13 mar. 1937, p. 7.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370313.pdf>.

Acesso em: 24 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Roldan Cortada, militante del PSUC, assinado. Barcelona, 27 abr. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370427.pdf>.

Acesso em: 20 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Se asesina a nuestros militantes y se suspende gubernativamente nuestra prensa. Barcelona, 17 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370417.pdf>.

Acesso em: 29 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Se ha constituido el nuevo Gobierno de la Generalidad.

Barcelona, 2 ago. 1936, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360802.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Se ha de establecer un control riguroso de la población.

Barcelona, 3 nov. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361103.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Se ha disuelto el Comité de Milicias. Barcelona, 2 out. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361002.pdf>.

Acesso em: 4 fev. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Secreto y esencia de la guerra en la actuación del Sindicato de Luz y Fuerza. Barcelona, 5 jan. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370105.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Secreto y esencia de la guerra en la actuación del Sindicato de Luz y Fuerza. Barcelona, 6 jan. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370106.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Secreto y esencia de la guerra en la actuación del Sindicato de Luz y Fuerza. Barcelona, 7 jan. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370107.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Seis años de Republica democrática y parlamentaria.

Barcelona, 14 abr. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370414.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Seran incautados los viveres no adquiridos por la Consejeria de Abastos. Barcelona, 2 fev. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370202.pdf>.

Acesso em: 8 abr. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Serán requisados los huevos que se introduzcan clandestinamente en la ciudad. Barcelona, 14 out. 1936, p. 9.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361014.pdf>.

Acesso em: 28 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Sobre la cuestión del pan. Barcelona, 27 dez. 1936, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361227.pdf>.

Acesso em: 13 nov. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Sobre la sustracción de once tanques. Barcelona, 9 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370311.pdf>.

Acesso em: 28 nov. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Tampoco ayer se formó el nuevo Consejo. Barcelona, 1 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370401.pdf>.

Acesso em: 5 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Todos luchamos; todos hemos de intervenir en la dirección de la guerra; el clamor popular debe de ser atendido. Barcelona, 30 out. 1936, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361030.pdf>.

Acesso em: 29 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Trabajadores de Cataluña: serenidad. Barcelona, 30 abr. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370430.pdf>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. Trabajadores. Barcelona, 25 jul. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360725.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Un artículo del camarada Mariano R. Vázquez.** Barcelona, 23 mar. 1937, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370323.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Un caso bochornoso de pillage.** Barcelona, 29 jul. 1936, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360729.pdf>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Una conferencia del compañero Jiménez.** Barcelona, 21 mar. 1937, p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370321.pdf>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Una importante asamblea del Ramo da Madera.** Barcelona, 19 jan. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370119.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Una lengua sin control. El Consejero de Abastos pone en peligro la unidad proletaria.** Barcelona, 7 fev. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370207.pdf>.

Acesso em: 27 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Una medida acertadísima contra la especulación de las subsistencias.** Barcelona, 12 dez. 1936, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361212.pdf>.

Acesso em: 9 maio 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Unas interesantes manifestaciones de los panaderos barceloneses.** Barcelona, 21 abr. 1937, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370421.pdf>.

Acesso em: 14 dez. 2019.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Unidad de acción sindical con plenitud de mando y de responsabilidad.** Barcelona, 24 out. 1936, p. 16.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361024.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. **Unidad de mando, con unidad de responsabilidad.** Barcelona, 22 out. 1936, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361022.pdf>.
Acesso em: 11 mar. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Víveres de los obreros de la U.R.S.S. para Barcelona.

Barcelona, 17 fev. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370217.pdf>.
Acesso em: 27 jun. 2020.

SOLIDARIDAD OBRERA. Tras el hecho revolucionario, la hora constructiva. Barcelona, 23 jul. 1936, p. 4.

SOUSA, Germinal de. La paz renace. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 8 mai. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370508.pdf>.
Acesso em: 2 dez. 2019.

SYLVIO. Dos peligros graves. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 3 dez. 1936, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361203.pdf>.
Acesso em: 8 abr. 1936.

SYLVIO. El momento ferroviario. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 12 ago. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360812.pdf>.
Acesso em: 3 fev. 2020.

TALLERES ALTER. **Parecer**, 25 nov. 1937.

TALLERES ALTER. **Resumo da assembleia realizada no dia 15 de novembro de 1937.**

TARRADELLAS, José. Industrias de guerra, pretexto político. **Solidaridad Obrera.**

Barcelona, 15 abr. 1937, p. 12.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370415.pdf>.
Acesso em: 14 jul. 2020.

TH. Burocracia. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 12 fev. 1937, p. 1.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370212.pdf>.
Acesso em: 17 abr. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **¡Adelante con la revolución!** Barcelona, 13 ago. 1936, p. 5.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360813%20\(30\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360813%20(30).pdf). Acesso em: 8 mar. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **¡Armas, viveres y hombres al frente!** Barcelona, 20 mar. 1937, p. 8.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370320%20\(10\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370320%20(10).pdf). Acesso em: 28 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **¡Atención!** Barcelona, 29 jul. 1936, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360729%20\(2\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360729%20(2).pdf). Acesso em: 17 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **¡Viva la libertad! ¡Muera el libertinaje!** Barcelona, 28 jul. 1936, p. 4.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360728%20\(1\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360728%20(1).pdf). Acesso em: 17 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **A la pequeña burguesía.** Barcelona, 20 ago. 1936, p. 8.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360820%20\(31\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360820%20(31).pdf). Acesso em: 14 abr. 2019.

TIERRA Y LIBERTAD. **A las Milicias de los grupos que integran el C.M.A. y que se encuadran en los sindicatos.** Barcelona, 29 jul. 1936, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360729%20\(2\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360729%20(2).pdf). Acesso em: 28 nov. 2019.

TIERRA Y LIBERTAD. **Abastos.** Barcelona, 28 jul. 1936, p. 4.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360728%20\(1\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360728%20(1).pdf). Acesso em: 17 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Actuamos como anarquistas.** Barcelona, 30 jan. 1937, p. 6.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370130%20\(3\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370130%20(3).pdf). Acesso em: 26 fev. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Acuerdos.** Barcelona, 27 fev. 1937, p. 11.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370227%20\(7\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370227%20(7).pdf). Acesso em: 17 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Al proletariado de España.** Barcelona, 27 mar. 1937, p. 1.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370327%20\(11\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370327%20(11).pdf). Acesso em: 26 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Alocución dirigida por radio al pueblo de Barcelona y a los trabajadores hijos de Cataluña, por un compañero en nombre de la C.N.T. y de la F.A.I.** Barcelona, 29 jul. 1936, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360729%20\(2\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360729%20(2).pdf). Acesso em: 17 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Amigos en la guerra circunstancial, hemos de ser también.

Barcelona, 28 jul. 1936, p. 4.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360728%20\(1\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360728%20(1).pdf). Acesso em: 17 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Asociación Internacional de los Trabajadores. Barcelona, 19 dez. 1936, p. 8.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361219%20\(48\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361219%20(48).pdf). Acesso em: 23 abr. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Atención a la autoridad. Barcelona, 1 ago. 1936, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360801%20\(5\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360801%20(5).pdf). Acesso em: 28 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Avisos del Comité Central de Milicias Antifascistas. Barcelona, 13 ago. 1936, p. 4.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360813%20\(30\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360813%20(30).pdf). Acesso em: 8 mar. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Compañero campesino, escucha. Barcelona, 9 jan. 1937, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20\(51\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20(51).pdf). Acesso em: 4 mar. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Consignas del Comité de Abastos. Barcelona, 30 jul. 1936, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360730%20\(3\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360730%20(3).pdf). Acesso em: 28 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Contra el libertinaje. Barcelona, 29 jul. 1936, p. 4.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360729%20\(2\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360729%20(2).pdf). Acesso em: 17 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Criminales en la retaguardia. Barcelona, 12 dez. 1936, p. 5.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361212%20\(47\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361212%20(47).pdf). Acesso em: 24 abr. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Defensa de la revolución. Barcelona, 19 dez. 1936, p. 4-5.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361219%20\(48\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361219%20(48).pdf). Acesso em: 28 abr. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Distribución equitativa**. Barcelona, 16 jan. 1937, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370116%20\(1\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370116%20(1).pdf). Acesso em: 12 abr. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Dos ejemplos**. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 7.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370123%20\(2\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370123%20(2).pdf). Acesso em: 18 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Economía y Libertad**. Barcelona, 7 ago. 1936, p. 8.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360807%20\(29\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360807%20(29).pdf). Acesso em: 28 jan. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **El frente de la victoria**. Barcelona, 29 out. 1936, p. 1.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361029%20\(41\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361029%20(41).pdf). Acesso em: 21 mar. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **El proletariado hace la revolución**. Barcelona, 17 abr. 1937, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370417%20\(14\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370417%20(14).pdf). Acesso em: 20 nov. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **El pueblo esta en alerta**. Barcelona, 27 mar. 1937, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370327%20\(11\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370327%20(11).pdf). Acesso em: 26 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **El señorito**. Barcelona, 17 set. 1936, p. 5.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360917%20\(35\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360917%20(35).pdf). Acesso em: 25 abr. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **El Sindicato Reconstructor**. Barcelona, 16 jan. 1937, p. 7.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370116%20\(1\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370116%20(1).pdf). Acesso em: 12 abr. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Están jugando con fuego**. Barcelona, 24 abr. 1937, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370424%20\(15\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370424%20(15).pdf). Acesso em: 14 dez. 2019.

TIERRA Y LIBERTAD. **Hacia nuevas realizaciones**. Barcelona, 30 jan. 1937, p. 7.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370130%20\(3\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370130%20(3).pdf). Acesso em: 26 fev. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Hay que cumplir los compromisos de la lucha antifascista.

Barcelona, 10 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370410%20\(13\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370410%20(13).pdf). Acesso em: 28 ago. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Importantes Acuerdos de la F.A.I. Barcelona, 12 dez. 1936, p. 1.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361212%20\(47\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361212%20(47).pdf). Acesso em: 14 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. La Casa de los Sindicatos. Barcelona, 7 ago. 1936, p. 4.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360807%20\(29\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360807%20(29).pdf). Acesso em: 28 jan. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. La participación en el gobierno. Barcelona, 27 mar. 1937, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370327%20\(11\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370327%20(11).pdf). Acesso em: 26 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. La pequeña burguesía no tiene por que asustarse. Barcelona, 27 ago. 1936, p. 6.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360827%20\(32\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360827%20(32).pdf). Acesso em: 14 ju. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. La respuesta: socialización. Barcelona, 23 jan. 1937, p. 6.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370123%20\(2\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370123%20(2).pdf). Acesso em: 16 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. La verdadera solución no está en la democracia ni está en la dictadura. Barcelona, 31 jan. 1936, p. 1.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360131%20\(4\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19360131%20(4).pdf). Acesso em: 17 jul. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Las Juventudes Libertarias de Cataluña. Barcelona, 21 nov. 1936, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361121%20\(44\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19360000/19361121%20(44).pdf). Acesso em: 27 abr. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Las subsistencias y los aprovechadores. Barcelona, 12 dez. 1936, p. 6.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361212%20\(47\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361212%20(47).pdf). Acesso em: 20 abr. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Los “individualistas de acción de la Revue Anarchiste” a sus camaradas de la F.A.I. y de la C.N.T. Barcelona, 28 nov. 1936, p. 7.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361128%20\(45\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361128%20(45).pdf) Acesso em: 5 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Los sindicatos y la distribución de alimentos. Barcelona, 27 fev. 1937, p. 8.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370227%20\(7\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370227%20(7).pdf). Acesso em: 17 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Los traidores. Barcelona, 13 mar. 1937. p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370313%20\(9\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370313%20(9).pdf). Acesso em: 2 ago. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. No hay que caer en el equívoco. Barcelona, 1 ago. 1936, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360801%20\(5\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360801%20(5).pdf). Acesso em: 28 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Nuestras proposiciones. Barcelona, 13 fev. 1937, p. 6.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370213%20\(5\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370213%20(5).pdf). Acesso em: 3 mar. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Nuestro puesto esta abajo. Barcelona, 9 jan. 1937, p. 7.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20\(51\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20(51).pdf). Acesso em: 8 mar. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Nuevos horizontes para el proletariado. Barcelona, 29 out. 1936, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361029%20\(41\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361029%20(41).pdf). Acesso em: 29 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Plenos Poderes Estatales. Barcelona, 13 mar. 1937. p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370313%20\(9\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370313%20(9).pdf). Acesso em: 2 ago. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. Por acuerdo del Pleno Nacional de Regionales, reclama um puesto de responsabilidad em la dirección de la guerra. Barcelona, 8 out. 1936, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361008%20\(38\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19361008%20(38).pdf). Acesso em: 28 jan. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Por encima de la política, los productores.** Barcelona, 16 jan. 1937, p. 6.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370116%20\(1\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370116%20(1).pdf). Acesso em: 12 abr. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Por una nueva vida de libertad y armonía sociales.** Barcelona, 30 jul. 1936, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360730%20\(3\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360730%20(3).pdf). Acesso em: 28 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Presos revolucionarios.** Barcelona, 17 abr. 1937, p. 6.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370417%20\(14\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370417%20(14).pdf). Acesso em: 14 ago. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Raíces de la guerra civil antifascista.** Barcelona, 17 set. 1936, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360917%20\(35\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1936000/19360917%20(35).pdf). Acesso em: 18 jun. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Reafirmación.** Barcelona, 9 jan. 1937, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20\(51\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20(51).pdf). Acesso em: 4 mar. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Reconstrucción.** Barcelona, 9 jan. 1937, p. 1.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20\(51\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20(51).pdf). Acesso em: 4 mar. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Se impone la socialización.** Barcelona, 30 jan. 1937, p. 3.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370130%20\(3\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370130%20(3).pdf). Acesso em: 26 fev. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Seamos fuertes.** Barcelona, 9 jan. 1937, p. 6.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20\(51\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20(51).pdf). Acesso em: 4 mar. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Unidad revolucionaria.** Barcelona, 9 jan. 1937, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20\(51\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/1937000/19370109%20(51).pdf). Acesso em: 4 mar. 2020.

TIERRA Y LIBERTAD. **Unidos, venceremos.** Barcelona, 16 jan. 1937, p. 2.

Disponível em:

[http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370116%20\(1\).pdf](http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/tierra%20y%20libertad/19370000/19370116%20(1).pdf). Acesso em: 9 abr. 2020.

TOBÍAS, Tomás. ¿Qué pasa en Barcelona? **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 21 jan. 1937, p. 10.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370121.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

TOBIS. Las heroicas Patrullas de Control; su organización y su actuación. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 5 nov. 1936. p. 8.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361105.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

TRISTÁN, J. Barriada Agudells (PENITENTS) Barcelona. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 24 abr. 1937, p. 2.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370424.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2019.

TRUEBA, Manuel. Sobre la Sustracción de Doce Tanques. Telegrama del comisario de Guerra de la división Carlos Marx. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 11 mar. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370309.pdf>. Acesso em: 2 out. 2020.

UN OBRERO EMANCIPADO. Observaciones de un obrero emancipado. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 9 set. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19360909.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2020.

VIA LIBRE. **La columna contesta al Decreto de Militarizacion.** Barcelona, 7 nov. 1936, p. 6.

Disponível em:

<http://cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Museu%20Badalona/Via%20Libre/00006.pdf?fbclid=IwAR1AUIE7t421sYgAhm0IAZpcgTtScvZvi7sxvUlp77ZtGKuWfFhop5fKohQ>. Acesso em: 13 dez. 2020.

VIADIU, Jose. En defensa de las colectivizaciones. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 2 mar. 1937, p. 3.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19370000/19370302.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

WERNÁNDES, Juan. El problema de las subsistencias. **Solidaridad Obrera.** Barcelona, 17 dez. 1936, p. 4.

Disponível em:

<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Libertaria/Soli/19360000/19361217.pdf>.
Acesso em: 29 abr. 2020.

Bibliografia

ALACANT, El Último de Filipinas. **O antifascismo como forma de adesão ao sistema**. 1996.

Disponível em:

<https://libcom.org/library/o-antifascismo-como-forma-de-ades%C3%A3o-ao-sistema-el-%C3%BAltimo-de-filipinas-alacant?fbclid=IwAR3bkMNMGWexNlibNoobp75v4sRanJcYCnoVpYH70Vugtj-w7iYOEtko5A>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ALBA, Victor. **La Revolución Española en la Práctica. Documentos del POUM**. Gijón: Júcar, 1978.

ALBA, Victor. **Los Colectivizadores**. Barcelona: Laertes, 2001.

AMORÓS, Miquel. **LA REVOLUCIÓN TRAICIONADA: La verdadera historia de Badius y Los Amigos de Durruti**. Barcelona: Virus Editorial, 2003.

ARÓSTEGUI, Julio. Objeto Teórico da Historiografia. In: ARÓSTEGUI, Julio. **A Pesquisa Histórica: teoria e método**. Bauru: EDUSC, 2006, p. 303-354.

ASKÖ. **Para acabar com o fascismo e com o antifascismo: luta de classes**. 1999.

Disponível em:

<https://libcom.org/library/para-acabar-com-o-fascismo-e-com-o-antifascismo-luta-de-classes-ask%C3%B6>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BAKUNIN, Mikhail. **A Ciência e a Questão Vital da Revolução**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 2. São Paulo: Intermezzo, p. 31-71.

BAKUNIN, Mikhail. **A Dupla Greve de Genebra**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 1. São Paulo: Intermezzo, p. 73-78.

BAKUNIN, Mikhail. **A Instrução Integral**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 2. São Paulo: Intermezzo, p. 131-149.

BAKUNIN, Mikhail. **A Política da Internacional**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 1. São Paulo: Intermezzo, p. 45-61.

BAKUNIN, Mikhail. **Carta a Anselmo Lorenzo**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 1. São Paulo: Intermezzo, p. 153-173.

BAKUNIN, Mikhail. **Estatismo e Anarquia**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 1. São Paulo: Intermezzo, p. 323-540.

BAKUNIN, Mikhail. **Federalismo, Socialismo e Antiteologismo**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 2. São Paulo: Intermezzo, p. 239-339.

BAKUNIN, Mikhail. **Irmãos da Aliança na Espanha**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 1. São Paulo: Intermezzo, p. 187-197.

BAKUNIN, Mikhail. **O Império Cnute germânico e a Revolução Social. A Revolução Social ou a Ditadura Militar**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 3. São Paulo: Intermezzo, p. 233-325.

BARCIELA, Carlos. La economía y la guerra. **Pasado y Memoria: Revista de Historia Contemporánea**, Alicante, n. 8, p.13-34, 2009.

Disponível em:

https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/27181/1/PYM_8.pdf. Acesso em: 16 dez. 2017.

BARÓ, Albert Pérez. **30 Meses de Colectivismo en Cataluña (1936-1939)**. Barcelona: Ariel, 1974.

BARROT, Jean. **Fascismo & Antifascismo**.

Disponível em:

<https://libcom.org/library/fascismo-antifascismo-jean-barrotgilles-dauv%C3%A9>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BERNARDO, João. **Labirintos do Fascismo**. 2018.

Disponível em:

<https://ia803109.us.archive.org/3/items/jb-ldf-nedoedr/BERNARDO%20Jo%C3%A3o.%20Labirintos%20do%20fascismo.%203%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BERNARDO, João. **O Inimigo Oculto**: ensaio sobre a luta de classes manifesto anti-ecológico. Porto: Afrontamento, 1979.

BERNECKER, Walther L. **Colectividades y Revolución Social: el Anarquismo en la Guerra Civil Española, 1936-1939**. Barcelona: Crítica, 1982.

BERNERI, Camillo. **Guerra de Clases en España, 1936-1937**. Barcelona: Tusquets, 1977.

BESNARD, Pierre. **Los Sindicatos Obreros y la Revolución Social**. Barcelona: Ediciones de la C.N.T., 1931.

BIAJOLI, Maria Clara. **Narras Utopias Vividas: Memória e Construção de si nas Mulheres Libres de Espanha**. Campinas: Unicamp, Dissertação de Mestrado, 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOOKCHIN, Murray. **Anarquismo: crítica e autocrítica**. São Paulo: Hedra, 2011.

BRAGA, Lisandro; VIANA, Nildo (org.). **A Questão da Organização em Anton Pannekoek**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

BRECHT, Bertolt. **O Fascismo é a Verdadeira Face do Capitalismo**. 1935.

Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/brecht/1935/mes/fascismo.htm>. Acesso em: 14 dez. 2020.

BRINTON, Maurice. **Os Bolcheviques e o Controle Operário**. Porto: Afrontamento, 1975.

BROUÉ, Pierre. **A Revolução Espanhola (1931-1939)**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CARR, E. H. **La Comintern y la Guerra Civil Española**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

CARR, E. H. **The Russian Revolution From Lenin to Stalin (1917-1929)**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

CASAS, Juan Gómez. **Historia de la FAI**. Madrid: Fundación Anselmo Lorenzo, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Experiência do Movimento Operário**. São Paulo: Brasiliense, 1974.

CATTINI, Giovanni C.; SANTACANA, Carles. El Anarquismo Durante la Guerra Civil. Algunas Reflexiones Historiográficas. **Ayer**, Barcelona, n. 45, p. 197-219.

CESEÑA, Ana Esther (org.). De Saberes y Emancipaciones. In: CESEÑA, Ana Esther (Org.). **De Los Saberes de la Emancipación y de la Dominación**. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

CLAUNDÍN, Fernando. **A Crise do Movimento Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

DAUVÉ, Gilles. **Quando as insurreições morrem**.

Disponível em:

<https://libcom.org/library/quando-insurrei-es-morrem-gilles-dauv>. Acesso em: 20 dez. 2020.

DURAN, Antoni Castells i. **El Proceso Estatizador en la Experiencia Colectivista Catalana (1936-1939)**. Salamanca: Madrid, 1996.

DURAN, Antoni Castells i. **La Transformación Colectivista en la Industria y los Servicios de Catalunya 1936-1939**.

Disponível em:

<http://www.rojoynegro.info/articulo/memoria/antoni-castells-duran-la-transformacioncolectivista-la-industria-los-servicios-cat>. Acesso em: 6 mai. 2013.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. In: Obras Escolhidas. São Paulo: Alfa-Ômega.

ENGELS, Friedrich. **Contribuição ao Problema da Habitação**. In: Obras Escolhidas. São Paulo: Alfa-Ômega.

ENGELS, Friedrich. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. In: Obras Escolhidas. São Paulo: Alfa-Ômega.

ENGELS, Friedrich. **Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã**. In: Obras Escolhidas. São Paulo: Alfa-Ômega.

FABBRI, Luce. **Camisas Negras**. Buenos Aires: Nervio, 1934.

FERNÁNDEZ, Julio Tascón. La caída de la inversión extranjera al final de la Segunda República Española. **Pasado y Memoria: Revista de Historia Contemporánea**, Alicante, v. 1, n. 8, p. 35-74, 2009. Anual.

Disponível em:

https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/27181/1/PYM_8.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

GARCÍA, Roberto Villa. «Obreros, no votéis». La CNT y el Frente Popular en las elecciones de 1936. **Pasado y Memoria: Revista de Historia Contemporánea**, [s.l.], n. 13, p.173-196, 2014. Universidad de Alicante Servicio de Publicaciones.

GRAUR, Mina. **An "Anarchist Rabbi": The life and teachings of Rudolf Rocker**. 1988. 348 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Rice University, Houston, 1988.

Disponível em:

<https://scholarship.rice.edu/bitstream/handle/1911/16234/9012803.PDF?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jul. 2017

GUÉRIN, Daniel et al. **Las Colectividades Campesinas**. Barcelona: Tusquets, 1977.

GUÉRIN, Daniel. **O Anarquismo: da Doutrina a Ação**. Rio de Janeiro: Germinal, 1968.

GUILLAMÓN, Agustín. **Los Comités de Defensa de la CNT en Barcelona (1933-1938)**. Barcelona: Aldarull, 2011.

GUILLAMÓN, Agustín. **The Friends of Durruti Group: 1937-1939**. Edinburgh: Ak Press, 1996.

GUILLAMÓN, Agustín. **La Revolución de los Comités: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De junio a diciembre de 1936**. Barcelona: Aldarull, 2013.

GUILLAMÓN, Agustín. **La Guerra del Pan: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De diciembre de 1936 a mayo de 1937**. Barcelona: Aldarull, 2014.

GUILLAMÓN, Agustín. **La Represión contra la CNT y los Revolucionarios: hambre y violencia en la Barcelona revolucionaria. De mayo a septiembre de 1937**. Barcelona: Aldarull, 2015.

GUILLAMÓN, Agustín. **Barricadas en Barcelona. La CNT de la victoria de Julio de 1936 a la necesaria derrota de Mayo de 1937.** Espartaco Internacional, 2007.

GUILLÉN, Abraham. **Economía Autogestionaria.** Madrid: Madre Tierra, 1990.

GUILLÉN, Abraham. **Economía Libertaria.** Bilbao: Fundación Anselmo Lorenzo, 1988.

GUILLERM, Alain; BOURDET, Yvon. **Autogestão: uma mudança radical.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, Nem Patrão!** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 2014.

HOBBSAWN, Eric. A Invenção das Tradições. In: HOBBSAWN, Eric; Terence Ranger (org.) **A Invenção das Tradições,** São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOBBSAWN, Eric. **Mundos do Trabalho.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

IBÁÑEZ, Tomás. **Anarquismo é Movimento.** São Paulo: Imaginário, 2015.

JACKSON, Gabriel. **A República Espanhola e a Guerra Civil** (2 vol.). 1965.

JOLL, James. **Anarquistas e Anarquismo.** Lisboa: Dom Quixote, 1977.

KROPOTKIN, Piotr. **A Conquista do Pão.** Lisboa: Biblioteca Sociológica, 1975.

KROPOTKIN, Piotr. **Campos, Fábricas y Talleres.** Valencia: F. Sempere y Compañía.

KROPOTKIN, Piotr. **Mutual Aid: A Factor of Evolution.** New York: Dover, 2006.

KROPOTKIN, Piotr. **O Estado e Seu Papel Histórico.** São Paulo: Imaginário, 2000.

KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um Revoltado.** São Paulo: Imaginário, 2005.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória.** Campinas: UNICAMP, 2012.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória.** Campinas: UNICAMP, 2012.

LENINE, V. I. **A Doença Infantil do Esquerdismo no Comunismo**. In: LENINE, V.I. Obras Escolhidas. Vol. 3. São Paulo: Alfa-Omega, p. 275-349.

LENINE, V. I. **As Tarefas Imediatas do Poder Soviético** In: LENINE, V. I. Obras Escolhidas. Vol. 2. São Paulo: Alfa-Omega, 557-587.

LENINE, V. I. **Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo** In: LENINE, V. I. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Alfa-Omega, p. 575-671.

LENINE, V. I. **O Estado e a Revolução** In: LENINE, V. I. Obras Escolhidas. Vol. 2. São Paulo: Editora Alfa-Omega, p. 219-305.

LENINE, V. I. **Que Fazer?** In: LENINE, V. I. Obras Escolhidas. Vol. 1 .São Paulo: Alfa-Omega, p. 79-214.

LEVAL, Gaston; BERTHIER, René; MINTZ, Frank. **Autogestão e Anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2002.

LEVAL, Gaston. **Bakunin, Fundador do Sindicalismo Revolucionário**. In: Bakunin. Obras Seletas. Vol. 1. São Paulo: Intermezzo, p. 621-657.

LEVAL, Gaston. **Colectividades Libertarias en España**. Madrid: Aguilera, 1977.

LÓPEZ, Carlos Barciela. La economía y la Guerra. **Pasado y Memoria**: Revista de Historia Contemporánea, Alicante, v. 1, n. 8, p. 13-34, 2009. Anual.

Disponível em:

https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/27181/1/PYM_8.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

LORENZO, César M. **Los anarquistas españoles y el poder 1868-1969**. Paris: Ruedo Iberico, 1972.

LUXEMBURGO, Rosa. **Greve de Massas, Partido e Sindicato**. Coimbra: Centelha, 1974.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MALATESTA, Errico. **A Anarquia**. São Paulo: Imaginário, 2001.

MALATESTA, Errico. **Autoritarismo e Anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2004.

MANFRÉDONIA, Gaétano et al. **Espanha Libertária: A Revolução Social Contra o Fascismo**. São Paulo: Imaginário, 2002.

MÁRQUEZ, Carlos José. **Cómo se ha Escrito la Guerra Civil Española**. Madrid: Lengua de Trapo, 2006.

MARX, Karl. **A Guerra Civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **Crítica ao Programa de Gotha**. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas. Vol. 2. São Paulo: Alfa-Omega, p. 203-234.

MARX, Karl. **Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social. De um prussiano”**. Revista Práxis, n. 05, Belo Horizonte, 1995.

Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/08/07.htm>. Acesso em: 11 dez. 2020

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. In: Karl; ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Alfa-Omega, p. 13-47.

MARX, Karl. **O capital - Livro 1 - Vol. 1 e 2: O processo de produção do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, E-book.

MARX, Karl. **Salário, Preço e Lucro**. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Alfa-Omega, p. 333-378.

MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital**. In: Karl; ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Alfa-Omega, p. 52-82.

MATTICK, Paul. **“As barricadas devem ser removidas”: fascismo stalinista na Espanha**. 1937.

Disponível em:

<https://libcom.org/library/barricadas-devem-ser-removidas-fascismo-stalinista-na-espanha-1937-paul-mattick>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MASIP, Josep María Bricall. Aproximación a los decretos de S’Agaró. **Studia historica: Historia contemporánea**, Salamanca, v. 1, n. 3, p. 111-118, 1985. Anual. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/revista/1377/A/1985>. Acesso em: 18 nov. 2020.

MATTHEWS, Herbert L. **Metade da Espanha Morreu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MINTZ, Frank. **El Problema del Dinero Durante la Autogestión Española 1936-1939**. Disponível em: <http://www.anarkismo.net/article/19306>. Acesso em: 14 dez. 2020.

MINTZ, Frank. **La Autogestión en la España Revolucionaria**. Madrid: La Piqueta, 1977.

MOTTA, Fernando Carlos Prestes. **Burocracia e Autogestão** (a proposta de Proudhon). São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MUÑIS, G. **Os Sindicatos Contra a Revolução Social**.

Disponível em:

<http://comunism0.wordpress.com/os-sindicatos-contr-a-revolucao-social/>. Acesso em 14 dez. 2020.

NIN, Andrés. **A Guerra Civil na Espanha**. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1969.

OLIVER, Juan García. **El Eco de los Pasos**. Barcelona: Ruedo Ibérico, 1978.

ORWELL, George. **Homenagem à Catalunha**. Lisboa: Libros do Brasil.

PAZ, Abel. **O Povo em Armas: Buenaventura Durruti e o anarquismo espanhol**. Lisboa: Assírio & Alvim.

PEDRAZA, Antonio Fontecha. Anarcosindicalismo y Violencia: La “Gimnasia Revolucionaria” Para el Pueblo. **Historia Contemporánea**, nº 11, p. 153-179, 1994.

PEIRATS, José. **La CNT en la Revolución Española** (3 vol). Madrid: Ruedo Ibérico, 1988.

PEIRATS, José. **Los Anarquistas en la Crisis Política Española (1869-1939)**. Buenos Aires: Anarres, 2006.

PELLOUTIER, Fernand. **O anarquismo e os Sindicatos Operários**. São Paulo: Imaginário, 2013.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

POMINI, Igor. **A Revolução Derrotada**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

PRESTON, Paul. **Revolución y Guerra en España 1931-1939**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Do Princípio Federativo**. São Paulo: Imaginário, 2001.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a Propriedade?** Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

PUENTE, Isaac. **El Comunismo Libertario y Otras Proclamas Insurreccionales y Naturistas**. Bilbao: Likiniano Elkartea, 2003.

Disponível em:

<https://kehuelga.net/IMG/pdf/comunismo-libertario-y-otras-proclamas-insurreccionales-y-naturistas.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RAGO, Margareth; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. **Mujeres Libres: documentos da Revolução Espanhola**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

RÉMOND, René (Org.). **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RICHARDS, Vernon. **Enseñanzas de la Revolución Española**. Madrid: Campo Abierto, 1977.

ROCKER, Rudolf. **Anarcosindicalismo (Teoría y práctica)**. Madrid: FAL, 2009.

ROCKER, Rudolf. **As Ideias Absolutistas no Socialismo**. São Paulo: Perspectiva.

ROCKER, Rudolf. **Nacionalismo y Cultura**. Madrid: La Piqueta, 1977.

ROCKER, Rudolf. **Os Sovietes Traídos pelos Bolcheviques**. São Paulo: Hedra, 2007.

RÜHLE, Otto. **A Luta Contra o Fascismo Começa Pela Luta Contra o Bolchevismo**. 1939.

Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/ruhle/1939/09/fascismo.htm?fbclid=IwAR2SomwWDG9jIqrNwBobTAmzSWQHmXy54ruIX2BDML5pZirHkX3VCsUoYAw>. Acesso em: 14 dez. 2020.

RUPTURA. **Fascismo, antifascismo y lucha de clases**.

Disponível em:

<https://gruporuptura.wordpress.com/2010/03/10/fascismo-antifascismo-y-lucha-de-clases/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SAORNIL, Lucía Sánchez. **A Questão Feminina em Nossos Meios**. São Paulo: Terra Livre, 2015.

SANTILLÁN, Diego Abad. **El Anarquismo y la Revolución en España. Escritos 1930/38**. Madrid: Ayuso, 1977.

SANTILLÁN, Diego Abad. **Organismo Econômico da Revolução: a autogestão na revolução espanhola**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SANTILLÁN, Diego Abad. **Por Qué Perdimos la Guerra**. Barcelona: Virgen de Guadalupe, 1977.

SILVA, Cândida Carolina de Andrade e. **Memórias: Vestígios da guerra civil espanhola em fragmentos literários no Brasil (1936-1975)**. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

Disponível em:

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7838/1/2010_CandidaCarolinadeAndradeeSilva.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

SOUCHY, Agustín. **Entre los Campesinos de Aragón: el comunismo libertario en las comarcas liberadas**. Barcelona: Tusquets, 1977.

TAPIA, Alberto Reig. In: Meihy, José Carlos Sebe Bom. **Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Edusp, 2011.

THOMAS, Hugh. **A Guerra Civil Espanhola** (2 vol.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa** vol.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. Intervalo: A Lógica Histórica. In: **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: Uma Crítica ao Pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. As Peculiaridades dos Ingleses. In: THOMPSON, E. P. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**. Campinas: UNICAMP, 2001.

THOMPSON, E. P. Patrícios e Plebeus. In: **Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

THOMPSON, E. P. La Política de la Teoría. In: SAMUEL, Raphael. **Historia Popular y Teoría Socialista**. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

TORRE, Alejandro R. Díez. **Trabajan para la Eternidad: colectividades de trabajo y ayuda mutua durante la guerra civil en Aragón**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2009.

TRAGTENBERG, Maurício. **Administração, Poder e Ideologia**. São Paulo: Moraes, 1980.

TRAGTENBERG, Maurício. **A Revolução Russa**. São Paulo: Faísca, 2007.

TRAGTENBERG, Maurício. Uma Prática de Participação: as Coletivizações na Espanha (1936/1939). In: MOTTA, Fernando C. Prestes. et al. **Participação e Participações (ensaio sobre autogestão)**. São Paulo: Babel Cultural, 1987.

TRAGTENBERG, Maurício. **Reflexões Sobre o Socialismo**. São Paulo: Editora Moderna, 1986.

TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre Educação, Política e Sindicalismo**. São Paulo: Cortez, 1982.

TROTSKY, L. Maurín y Nin. Rehenes del frente popular. Carta AL R.S.A.P, 16 julio 1936. In: ____. **La revolucion española (1930-1940)**, vol. 1, 1930-1936. Edición, prólogo y notas de Pierre Broué. Barcelona, Libros de confrontación, 1977.

VIANA, Nildo. **Manifesto Autogestionário**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.

VILAR, Pierre. **A Guerra da Espanha**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

VOSLENSKY, Michael S. **A Nomenclatura: Como Vivem as Classes Privilegiadas na União Soviética**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

WALT, Lucien van Der; SCHMIDT, Michael. **Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism**. Oakland: Ak Press, 2009.

Disponível em:

<https://libcom.org/files/Lucien%20Van%20Der%20Walt%20and%20Michael%20Schmidt%20Black%20Flame%20vol%201.compressed.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

WESTGARD-THORPE, Wayne. **Revolutionary Syndicalist Internationalism, 1913-1923**. Vancouver: University of British Columbia, 1979.